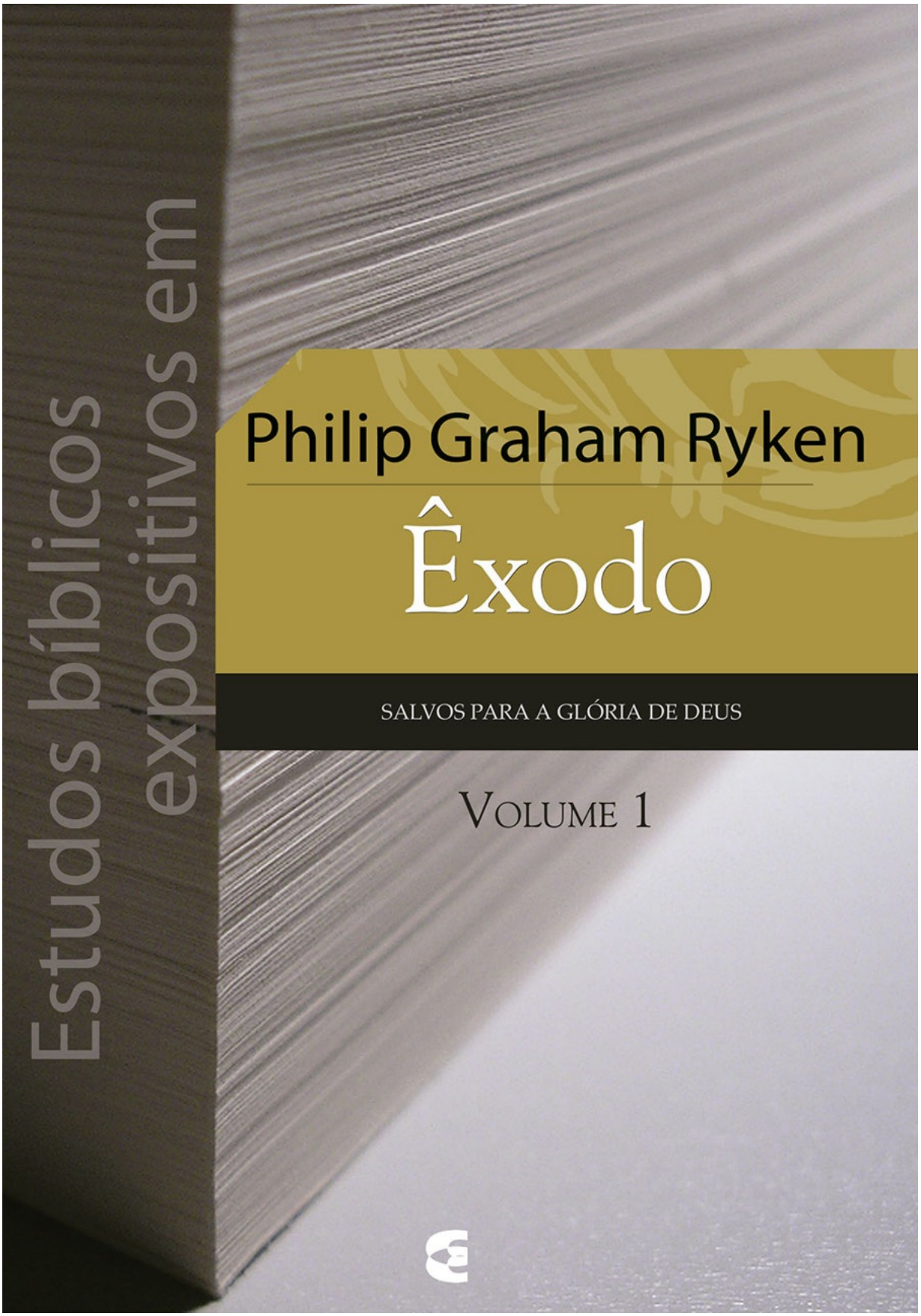
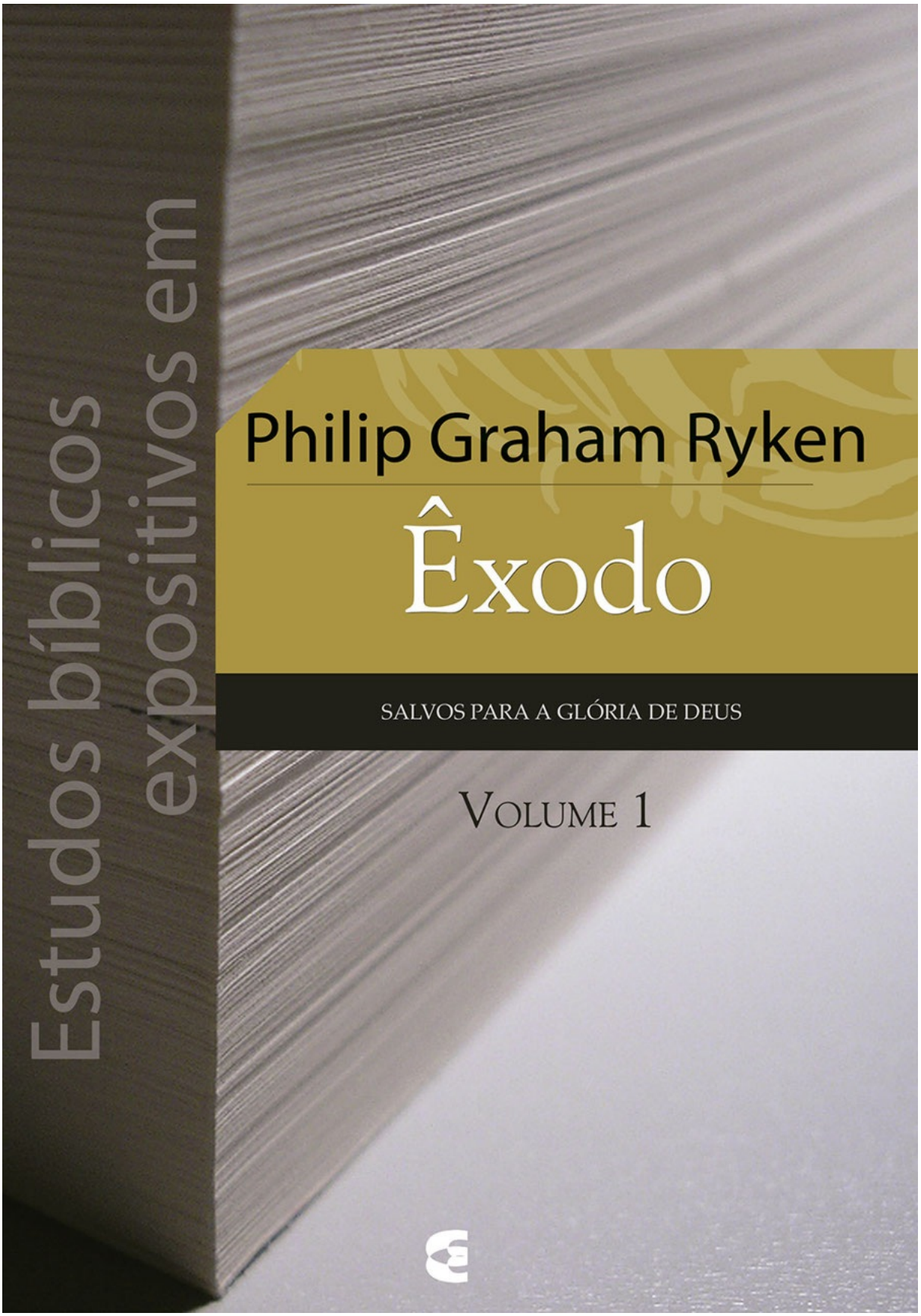
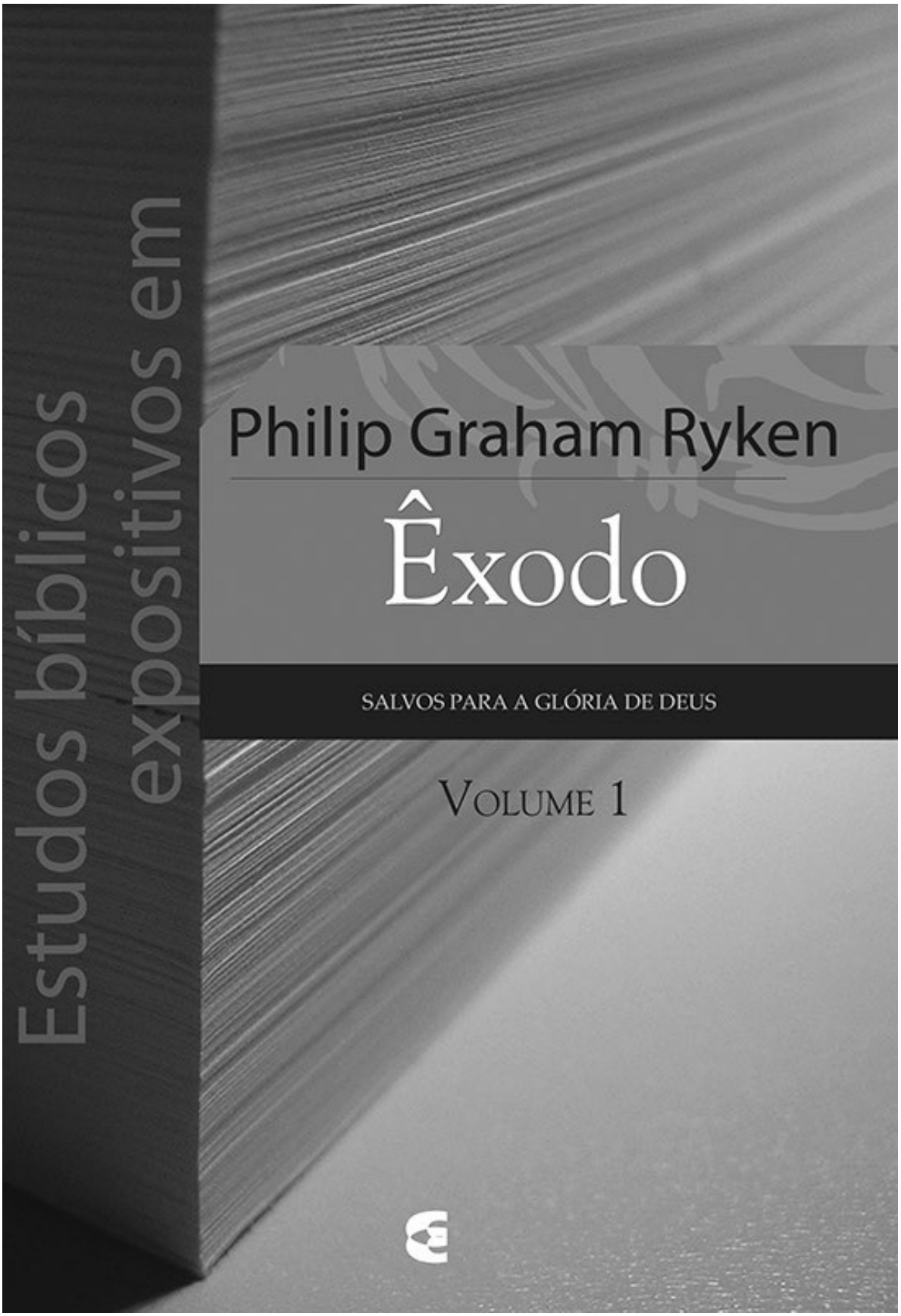

Estudos bíblicos expositivos em
Philip Graham Ryken
Êxodo
SALVOS PARA A GLÓRIA DE DEUS
VOLUME 1


Estudos bíblicos expositivos em
Philip Graham Ryken
Êxodo
SALVOS PARA A GLÓRIA DE DEUS
VOLUME 1


Estudos bíblicos expositivos em
Philip Graham Ryken
Êxodo
SALVOS PARA A GLÓRIA DE DEUS
VOLUME 1

Estudos bíblicos expositivos em Êxodo (volume 1), Salvos para a Glória de Deus de Philip Graham Ryken © 2022 Editora Cultura Cristã. Título em inglês Exodus: Saved for God's Glory – Preaching the Word Series de Philip Graham Ryken. Copyright © 2015 by Philip Graham Ryken. Publicado por Crossway, ministério de publicações da Good News Publishers – Wheaton, Illinois 60187, USA. Esta edição foi publicada mediante acordo com a Crossway. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2022

Conselho Editorial Cláudio Marra (Presidente) Christian Brially Tavares de Mede

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sueli Costa CRB-8/5213

R911e

Ryken, Philip Graham

Estudos bíblicos expositivos em Êxodo (vol. 1) / Philip Graham Ryken; tradução Markus Hediger. – São Paulo : Cultura Cristã, 2022.

Recurso eletrônico (ePub)

Título original: Exodus

ISBN 978-65-5989-141-2

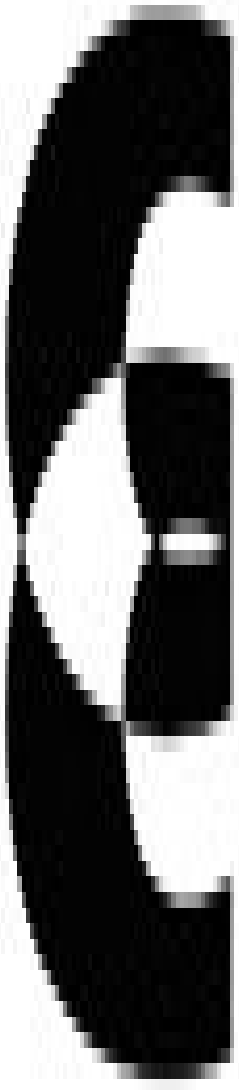
1. Exposição bíblica 2. Vida cristã I. Hediger, Markus II. Título

CDU-222.12

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus "símbolos de fé", que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação

confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.


Respeite o direito autoral



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Clodoaldo Waldemar Furlan

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Para

James Maxwell Ryken

que trouxe alegria para o meu coração

enquanto este livro estava sendo escrito –

durante todos os três primeiros anos da sua vida

e para o

grande Deus do êxodo,

o único que pode nos resgatar do Egito do nosso pecado,

remir-nos por meio do sangue do Cordeiro

e receber-nos na sua eterna glória.

“Serei glorificado em Faraó

e em todo o seu exército;

e saberão os egípcios

que eu sou o Senhor.”

Êxodo 14.4

Sumário

Volume 1

Prefácio

Para o Egito (1.1-7)

O novo Faraó (1.8-21)

O nascimento de um salvador (1.22–2.10)

Moisés parte para a ação (2.11-15)

Moisés no deserto (2.15-25)

A sarça ardente (3.1-9)

O grande Eu Sou (3.10-15)

Prodígios e sinais (3.16–4.9)

Eis-me aqui... Envia outro (4.10-17)

De volta para o Egito (4.18-31)

Quem é o Senhor? (5.1-9)

Tijolos sem palha (5.10-21)

Quando aparecem as dificuldades (5.22–6.5)

Os sete “Eu farei” da salvação (6.6-12)

Eles eram os levitas (6.13-27)

O profeta do profeta (6.28–7.7)

O bordão que engoliu as serpentes (7.8-13)

Rio de sangue (7.14-24)

Por que as rãs coaxaram (7.25–8.15)

O dedo de Deus (8.16-19)

Senhor das moscas (8.20-32)

Uma praga contra teus rebanhos (9.1-7)

Não suporto mais esta coceira! (9.8-12)

A pior tempestade de granizo de todos os tempos (9.13-35)

Algo para contar aos netos (10.1-20)

Coração de trevas (10.21-29)

A praga mais mortal (11.1-10)

A primeira Páscoa (12.1-13)

Um banquete memorável (12.14-28)

Saindo do Egito (12.29-42)

Fazei isto em memória de mim (12.43-51; 13.3-10)

A redenção dos filhos (13.1-2,11-16)

Entre o deserto e o mar (13.17–14.14)

A grande fuga (14.15-31)

O cântico da salvação (15.1-21)

Uma queixa amarga (15.22-27)

Pão do céu (16.1-20)

Um sábado para o homem (16.21-36)

A rocha era Cristo (17.1-7)

Levante a sua mão (17.8-16)

Reunião de família (18.1-12)

Israel se organiza (18.13-27)

Reino de sacerdotes (19.1-6)

Não toque! (19.7-15)

Fumaça na montanha (19.16-25)

Escrito na pedra (20.1-2a)

Um item multiuso (20.2b)

Interpretando a lei de Deus (20.3-17)

O primeiro mandamento: nenhum outro deus (20.3)

O segundo mandamento: o Deus verdadeiro, o modo correto (20.4-6)

O terceiro mandamento: nome que está acima de todos os nomes (20.7)

O quarto mandamento: trabalho e descanso (20.8-11)

O quinto mandamento: respeite a autoridade (20.12)

O sexto mandamento: viva e deixe viver (20.13)

O sétimo mandamento: a alegria do sexo (20.14)

O oitavo mandamento: o que pertence a mim, pertence a Deus (20.15)

O nono mandamento: dizer a verdade (20.16)

O décimo mandamento: contentar-se (20.17)

Sumário

Volume 2

O fim da lei (20.18-21)

O altar de Deus (20.22-26)

Destinado à liberdade (21.1-11)

Olho por olho (21.12-36)

Lei acerca da propriedade (22.1-15)

Leis boas de um Deus grande (22.16-31)

O tribunal do povo (23.1-13)

Três festas de peregrinação (23.14-19)

O anjo guardião (23.20-33)

O sangue da aliança (24.1-8)

Eles viram a Deus (24.9-18)

Ofertas voluntárias (25.1-8)

A arca da aliança (25.9-22)

O pão da proposição (25.23-30)

O candelabro de ouro (25.31-40)

O tabernáculo de Deus (26.1-37)

O altar no átrio (27.1-19)

Um sacerdote perante Deus (27.20– 28.14)

Conhecendo a vontade de Deus (28.15-30)

Apto para o sacerdócio (28.31-43)

A ordenação dos sacerdotes (29.1-21)

O quadro geral (29.22-46)

Doce altar de oração (30.1-10,34-38)

Comprado por um preço (30.11-33)

Arte por causa de Deus (31.1-11)

O dia do Senhor (31.12-18)

Bezerro de ouro (32.1-6)

Desce, Moisés (32.7-14)

Ó, irmão! (32.15-24)

Quem está do lado do Senhor (32.25-35)

Com ou sem você? (33.1-11)

Sob a sombra da sua mão (33.12-23)

O encontro com o Deus da aliança (34.1-7)

Deus, somente Deus (34.8-17)

Permanecendo no amor da aliança (34.18-28; 35.1-3)

Até que tenhamos faces (34.29-35)

Um coração disposto (35.4-29)

Já chega! (35.30– 36.7)

Construção em andamento (36.8-38)

Na casa de Deus (37.1-29)

O átrio para Deus (38.1-31)

O guarda-roupa de Arão (39.1-31)

Exatamente como Deus disse (39.32-43)

Quando a glória desceu (40.1-38)

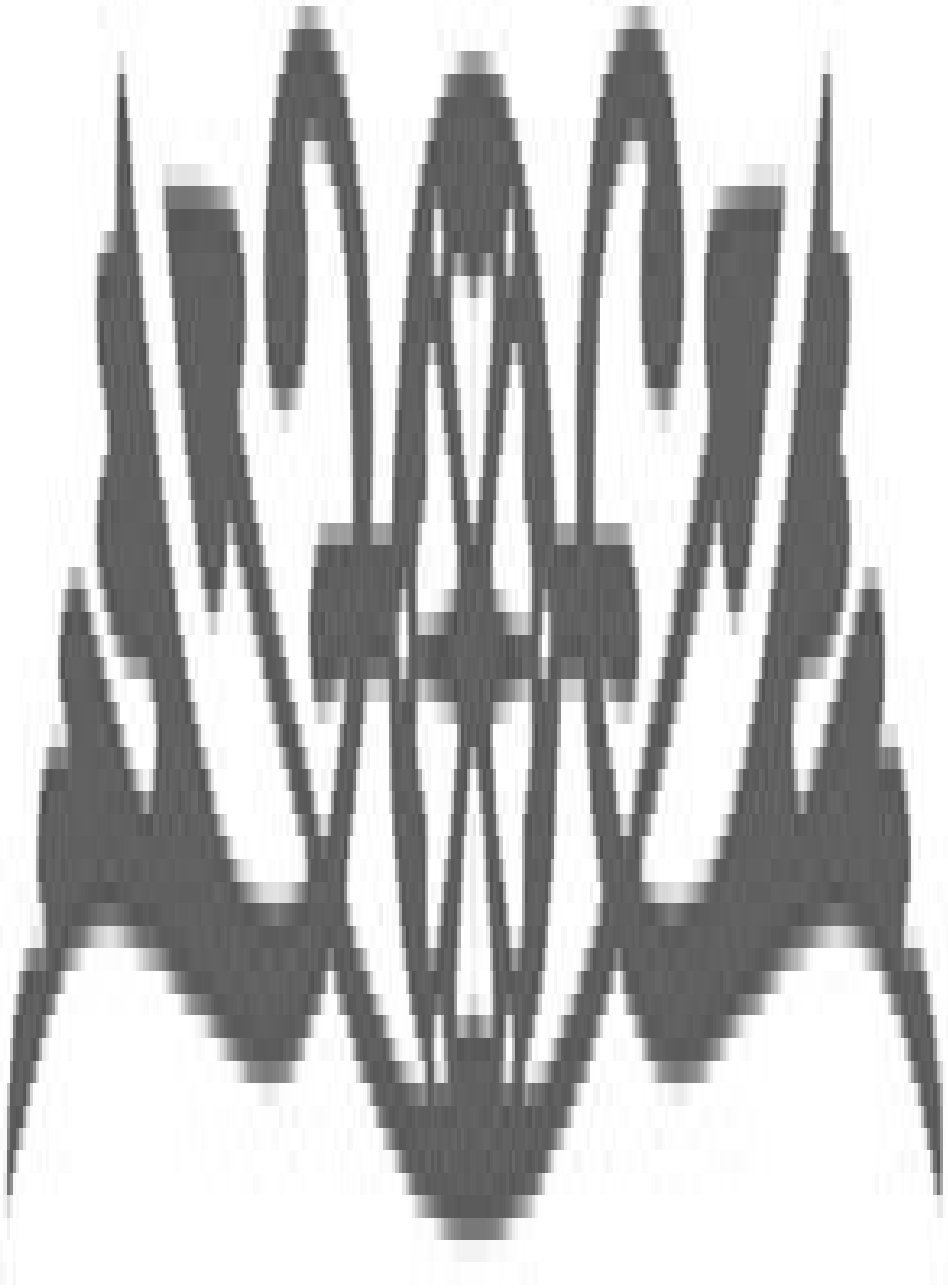
Prefácio

Um livro tão longo merece, no mínimo, a misericórdia de um prefácio curto. O livro em si baseia-se em uma série de exposições bíblicas pregadas antes, durante e após a doença e morte repentina de James Montgomery Boice, meu antecessor no púlpito da Tenth Presbyterian Church na Filadélfia. Louvo a Deus pela sua fidelidade para conosco como igreja durante aqueles dias difíceis, e por todo o amor e todas as orações da nossa sessão e congregação. Trabalhar através do livro de Êxodo semana após semana foi uma aventura triunfante que nos levou para mais perto do Deus do êxodo e do seu Filho Jesus Cristo. Minha oração para este livro é que ele ajude outros a fazer a mesma jornada espiritual.
Quero agradecer especialmente a Jonathan Rockey pela gentileza de rever e aprimorar todo o manuscrito; a Ted Griffin pelo seu trabalho minucioso como editor; a Lydia Brownback, Ted Griffin e Pat Russell pela difícil labuta de preparar os índices; à equipe da Crossway por fazer com que o livro fosse impresso; e a Kent Hughes pelo privilégio de contribuir com mais um volume para a sua excelente série de comentários.

1

Para o Egito

Êxodo 1.1-7



Êxodo é um conto épico de fogo, areia, vento e água. A aventura transcorre sob o ardente sol do deserto, quase às sombras das grandes pirâmides. Há duas nações poderosas – Israel e Egito – lideradas por dois grandes homens – Moisés, o herói libertador, e Faraó, o vilão escravizador. Quase todas as cenas são obras-primas: o bebê no cesto, a sarça ardente, o rio de sangue e as outras pragas, o anjo da morte, a travessia do mar Vermelho, o maná no deserto, a água da rocha, os trovões e relâmpagos na montanha, os Dez Mandamentos, a coluna de nuvem durante o dia e a coluna de fogo durante a noite, o bezerro de ouro e a glória no tabernáculo.

Uma vez que ouvimos a história nunca mais a esquecemos. Para os judeus, é a história que define a própria existência deles, o resgate que fez deles o povo de Deus. Para os cristãos, é o evangelho do Antigo Testamento, o primeiro grande ato de redenção de Deus. Não nos cansamos de voltar para o êxodo, porque percebemos que, de algum modo, ele é significativo para toda a raça humana. É a história que dá a todo cativo a esperança da liberdade. Assim, é apenas natural que os escravos afro-americanos – muitos dos quais eram cristãos – interpretassem seu cativeiro como uma escravidão no Egito e ansiassem pelo dia em que estariam "finalmente livres". O êxodo mostra que existe um Deus que salva, que liberta seu povo da escravidão.

Êxodo e a Bíblia

A palavra êxodo significa "saída" ou "partida". Ela ocorre pela primeira vez no início do capítulo 19: "No terceiro mês da saída dos filhos de Israel da terra do Egito" (v. 1). Quando as Escrituras hebraicas foram traduzidas para o grego, o verbo usado para a saída do Egito foi exodus. Com o passar do tempo, a palavra veio a ser usada como título do livro inteiro. Então, o êxodo é uma história de partida, uma jornada épica da escravidão para a salvação. Ao estudarmos esse livro, a partida do Egito se tornará parte da nossa própria peregrinação espiritual. Como, então, devemos fazer essa jornada? Qual é a melhor maneira de estudar Êxodo?

Em primeiro lugar, a nossa abordagem deve ser bíblica, o que significa que precisamos estudar o próprio livro de Êxodo. Precisamos estudá-lo capítulo por

capítulo e versículo por versículo, procurando entender o significado puro do texto. E precisamos estudar o livro como um todo literário completo. Alguns estudiosos veem Êxodo como um complicado emaranhado de tradições humanas, que precisam ser desembaraçadas para que possam ser compreendidas. Outros argumentam que, na verdade, trata-se de dois livros em um. Eles afirmam que os capítulos 1–14 contêm a história original da salvação de Israel, enquanto o restante do livro consiste em material que foi acrescentado posteriormente, de modo um tanto aleatório.

É provavelmente verdade que Êxodo não foi escrito de uma só vez. Algumas partes do livro – especialmente as histórias e os cânticos – podem ter sido transmitidas pela tradição oral. No entanto, grande parte da narrativa épica parece ter sido escrita pelo próprio Moisés. Em várias ocasiões, Deus instruiu Moisés a documentar as suas experiências por escrito: “Escreve isto para memória num livro” (17.14); “Escreve estas palavras” (34.27). Evidentemente, Moisés sabia escrever, pois ele havia sido educado na corte do Faraó. Assim, ele era capaz de fazer o que lhe foi dito, ou seja, escrever “todas as palavras do Senhor” (24.4). Algumas partes de Êxodo podem ter sido escritas por outra pessoa, especialmente as partes que descrevem Moisés na terceira pessoa. Contudo, quando Jesus citava o livro de Êxodo (p. ex., Mc 7.10; 12.26), ele atribuía o que citava diretamente a Moisés, e nós deveríamos fazer o mesmo.

O importante é receber o livro de Êxodo na forma como ele foi entregue, o que significa estudá-lo como uma história completa. Como todos os outros livros na Bíblia, Êxodo é a Palavra viva de Deus. Ele foi expirado pelo Espírito Santo e registrado por escrito por Moisés para o nosso benefício espiritual. O que Deus nos deu não é uma coleção aleatória de documentos, mas um livro completo com uma mensagem unificada.

Optar por uma abordagem bíblica também significa ler Êxodo no contexto de toda a Bíblia, a começar pelo Pentateuco, “Os cinco livros de Moisés”. Com frequência, Êxodo remete às promessas que Deus fez em Gênesis. Enquanto Gênesis nos fala da criação do mundo, Êxodo narra a criação de uma nação. O livro mantém uma relação estreita também com os livros de Levítico, Números e Deuteronômio. Um estudioso explica a conexão da seguinte maneira:

No Pentateuco, considerado como um todo, há apenas cinco grandes temas: a

promessa de Deus aos patriarcas; o êxodo; a autorrevelação de Deus na aliança e na lei no Sinai; a jornada pelo deserto; a entrada em Canaã. Três desses cinco grandes temas recebem um tratamento extenso no livro de Êxodo e, além disso, faz uma retrospectiva do primeiro e olha para o quinto no futuro. A visão e o chamado de Moisés no monte Sinai são apresentados deliberadamente como o cumprimento da promessa de Deus aos antepassados de Israel, enquanto o livro termina com uma promessa da liderança de Deus até a entrada em Canaã. Por isso, ao mesmo tempo em que Êxodo é apenas parte de um todo mais amplo e muito maior, é uma parte real e, em certo sentido, contém a essência de toda a revelação do Pentateuco.1

O livro de Êxodo apresenta conexões não só com o Pentateuco, mas também com o restante do Antigo Testamento. O êxodo foi o grande milagre da antiga aliança. Assim, muitas passagens nos livros dos Salmos e dos Profetas se referem a ele como paradigma da salvação. O povo de Israel sempre louvou a Deus como aquele que o tirou do Egito. Os escritores do Novo Testamento adoravam o mesmo Deus, e, por isso, usavam o êxodo com frequência para explicar a salvação em Cristo. Na verdade, uma compreensão completa do evangelho exige um conhecimento do êxodo. Por isso, ao estudar o livro de Êxodo, precisamos seguir o princípio da Reforma e permitir que as Escrituras interpretem as Escrituras. Em certo sentido, toda a Bíblia é uma interpretação extensa do êxodo. Assim, a maneira de entender Êxodo é estudar o livro em si no contexto de toda a Bíblia.

O êxodo na História

Nossa abordagem em Êxodo também precisa ser histórica. Esse livro é mais do que uma simples narrativa; ele se apresenta como História, de modo que a única maneira correta de interpretá-lo é aceitá-lo como relato verdadeiro da história do povo de Deus.

Muitas objeções têm sido feitas à historicidade de Êxodo. Algumas dessas objeções giram em torno da data do evento do êxodo. A Bíblia diz que Salomão começou a construir o templo em Jerusalém “No ano quatrocentos e oitenta, depois de saírem os filhos de Israel do Egito” (1Rs 6.1). Sabemos que Salomão

construiu o templo em ou por volta de 962 a.C., o que significa que o êxodo teria ocorrido por volta de 1440 a.C. O problema com essa data é que ela pode não se encaixar em tudo o que sabemos sobre a história antiga, seja do Egito ou de Israel. Outras perguntas giram em torno dos milagres de Êxodo. O Nilo realmente se transformou em sangue? Os egípcios perderam todos os seus filhos primogênitos? Outras perguntas giram em torno das jornadas dos israelitas. Eles atravessaram o mar Vermelho ou o mar dos Caniços? Eles ficaram vagando pela Arábia ou foram diretamente para Canaã?

O que aumenta as dificuldades históricas é o fato de que os registros egípcios não mencionam o êxodo. Um escritor explica que "até hoje, os arqueólogos não encontraram nenhuma evidência direta que corrobore a história bíblica. Inscrições do antigo Egito não contêm qualquer menção a escravos hebraicos, às pragas devastadoras que, segundo a Bíblia, antecederam sua libertação ou à destruição do exército de Faraó durante a travessia milagrosa do mar Vermelho (ou, talvez, do mar dos Caniços) pelos israelitas. Nenhum rastro físico foi encontrado da estada nômade de 40 anos dos israelitas no deserto do Sinai. Não há nem mesmo qualquer indício fora da Bíblia de que Moisés existiu".2 Alguns estudiosos duvidam que Israel esteve no Egito. Nas palavras de um professor, "as evidências reais referentes ao êxodo se parecem com as evidências para a existência do unicórnio".3

Algumas pessoas acreditam não importar muito se o êxodo realmente ocorreu ou não. A história do êxodo, dizem elas, é "muito menos importante [...] do que a busca por valores morais e espirituais que podemos extrair dessa história bíblica".4 Essa postura nos traz à mente uma cena de Cidade de Deus, de E. L. Doctorow, na qual dois homens estão discutindo a relação entre Deus e a História. "Deus é a-histórico", argumentou um deles. Então ele pergunta: "Você acredita que Deus deu o Decálogo, os Dez Mandamentos, a Moisés no monte Sinai?" Depois de refletir por um momento, seu amigo responde: "Bem, é uma história maravilhosa. Acho que sou um juiz de histórias, e essa é uma história maravilhosa".5

É uma história maravilhosa, uma das melhores que já foram escritas. Mas é também histórica? Caso contrário – se o êxodo jamais ocorreu –, o livro de Êxodo pouco tem a dizer para a nossa vida de hoje. Se não houve êxodo, não há razão para crer num Deus que tem o poder de salvar nem necessidade de obedecer os seus mandamentos. Esse problema levou o estudioso judaico Abraham Joshua Heschel a fazer uma pergunta provocante: "Se Moisés [...] não

conseguiu descobrir a vontade de Deus, quem conseguiria?". Heschel concluiu: "Se Deus nada teve a ver com os profetas, então ele nada teve a ver com a humanidade".6

A verdade é que Deus teve tudo a ver com os profetas, e porque ele teve tudo a ver com eles, ele tem tudo a ver conosco. Uma boa razão para acreditar no profeta Moisés é que o livro de Êxodo se encaixa em tudo que sabemos sobre a história antiga. Comecemos pela data do êxodo. É importante entender que os israelitas não tinham um calendário absoluto na época dos patriarcas e que o método bíblico de cálculo cronológico se baseava, às vezes, em estimativas. Quando a Bíblia diz que Salomão construiu o templo 480 anos depois da saída de Israel do Egito, ele pode estar nos dando não um dado estatístico, mas simbólico. 480 é o produto de 12 x 40, e 40 é o número que a Bíblia usa para representar uma geração (p. ex. Jz 5.31; Sl 95.10). Assim, 480 pode ser um número arredondado para indicar 12 gerações. No entanto, a maioria das gerações durante o período bíblico era separada apenas por 25 e não 40 anos. Se foram 12 as gerações entre Moisés e Salomão, isso resultaria em mais ou menos 300 e não em 480 anos. O êxodo teria então ocorrido por volta de 1260 a.C.

Um êxodo no século 13 a.C. combinaria com a situação histórica, incluindo a cronologia dos Faraós. Mesmo que o Faraó bíblico não seja identificado, não é difícil adivinhar quem ele pode ter sido. O Faraó rigoroso que escravizou os hebreus pode ter sido Seti I (1303-1290 a.C.). Foi durante o reinado de Seti que os egípcios começaram a transferir sua capital para a parte mais baixa do rio, no delta do Nilo. Essa mudança foi significativa, pois exigiu grandes projetos de construção – incluindo, talvez, as cidades de depósito mencionadas em Êxodo 1.11 – na região em que sabemos que os israelitas viviam (a terra de Gósen). Seti foi sucedido por Ramsés II (1290-1224 a.C.), que completou a mudança para o delta, usando um número ainda maior de escravos na sua tentativa de construir edifícios ainda mais elaborados do que os do seu pai. E foi Ramsés que completou as cidades de Pitom e Ramsés (ou Ramessés, a cidade que presumivelmente foi batizada com esse nome em homenagem a ele).

Por outro lado, os argumentos em favor de um êxodo no século 15 a.C. são muito mais fortes do que muitos acreditam.7 Se entendermos os 480 anos como cronologicamente corretos, o êxodo ocorreu em 1445 a.C. durante o reinado de Amenófis II (1453-1425 a.C.), sendo que Tutmés III (1483-1450 a.C.) teria reinado como Faraó durante a maior parte da vida de Moisés. Existem evidências substanciais de que Tutmés, como Seti antes dele, realizou grandes

projetos de construção no delta do Nilo. A cidade de Ramessés não precisa ter sido batizada em homenagem a Ramsés II, como alguns têm argumentado, pois o nome Ramsés era antigo. Alternativamente, Ramessés pode ter sido um anacronismo – um nome dado posteriormente à cidade construída sob Tutmés III. Mas o argumento mais forte em favor de um êxodo no século 15 a.C. é que tanto as afirmações cronológicas em Juízes 11.26 (em que Jefté afirma que 300 anos haviam se passado desde a conquista de Canaã) quanto Atos 13.19-20 (em que Paulo propõe 450 anos entre a fuga do Egito e a conquista de Jerusalém) apoiam um êxodo nos meados do século 15 a.C.

Como uma datação do século 13, a data do século 15 para o êxodo se encaixaria no que sabemos sobre a escravidão no Egito. Nos tempos de Moisés, já havia existido uma escravidão semítica por vários séculos.8 A referência mais interessante a esses escravos aparece num texto chamado o Papiro de Leiden 348, que data do tempo de Ramsés II e contém instruções para a distribuição de grãos "aos ʿapiru que estão arrastando pedras para a grande torre".9 Obviamente, os ʻapiru (hapiru) eram escravos. Alguns estudiosos acreditam que possa haver uma conexão entre as palavras ʻApiru e ʻIbri (mencionada também nas famosas tábuas de Tell el-Amarna), da qual derivamos a palavra hebreus. No mínimo, é historicamente certo que pessoas de origem semítica foram escravizadas pelos Faraós durante as décadas anteriores ao êxodo.

É certo também que havia israelitas vivendo em Canaã pouco tempo depois. Depois de um longo reinado, Ramsés II foi sucedido por Merneptá (1224-1214 a.C.). A Estela de Merneptá – um monumento de granito preto de mais ou menos 2 metros de altura que celebra as conquistas de Merneptá – vangloria-se de que "Canaã é saqueada com cada aflição [...] Israel está devastado, sua semente não existe mais". Ou seja, Merneptá destruiu completamente os israelitas.10 Obviamente, Merneptá estava exagerando, pois os israelitas sobreviveram a ele por mais de três milênios. No entanto, o que importa é que havia um número suficiente de israelitas em Canaã para lutar contra ele, demonstrando assim que eles já haviam feito o êxodo do Egito para a Terra Prometida. Resumindo: um êxodo tanto no século 15 quanto no século 13 pode ser conciliado com as evidências arqueológicas para a conquista de Canaã, embora o peso das evidências favoreça a primeira datação.11

À parte da Bíblia, não podemos provar a historicidade do êxodo; no entanto, podemos demonstrar que ele é historicamente plausível. Várias outras descobertas arqueológicas apoiam detalhes específicos do livro de Êxodo. Um

texto chamado “As admoestações de um sábio egípcio”, conhecido também como Papiro Ipuwer, descreve uma série de desastres que se parecem muito com as pragas bíblicas.12 Além disso, uma série de postos militares avançados do Egito foram identificados ao longo da costa entre o Egito e Canaã. Isso explicaria a lógica de 13.17: “Tendo Faraó deixado ir o povo, Deus não o levou pelo caminho da terra dos filisteus, posto que mais perto, pois disse: Para que, porventura, o povo não se arrependa, vendo a guerra, e torne ao Egito”. Levando tudo em consideração e independentemente de supormos um êxodo no século 15 ou 13, as evidências arqueológicas mostram que o livro de Êxodo se encaixa em tudo que sabemos sobre a história de Israel no Egito.13

É verdade que não existe nenhum registro extrabíblico do êxodo em si, mas isso dificilmente nos surpreende. O delta do Nilo – que é onde os israelitas viviam na época – é úmido demais para a preservação de muitos documentos. Além do mais, os egípcios eram um povo orgulhoso, que raramente menciona suas derrotas desastrosas nos seus próprios registros, que normalmente se parecem mais com propaganda. Dificilmente poderíamos esperar que eles erguessem um monumento para explicar como eles perderam uma brigada inteira dos seus melhores soldados numa tentativa fracassada de capturar escravos fugitivos. Na verdade, a Bíblia ocupa um lugar singular entre os documentos antigos ao fornecer as informações mais vergonhosas sobre o povo que a escreveu, um fato que levou o professor Nahum Sarna a concluir que o êxodo “não pode ser fictício. É improvável que qualquer nação inventasse e transmitisse fielmente século após século e milênio após milênio uma tradição inglória e inconveniente dessa natureza”.14 O livro de Êxodo apresenta os israelitas como um povo resmungão, murmurador e idólatra. Isso não nos incentiva a louvar os israelitas, mas apenas o Deus deles.

Êxodo, Deus e Cristo

Isso nos leva ao terceiro ponto: nossa interpretação de Êxodo precisa ser teológica. Quando estudamos a história bíblica no livro de Êxodo, descobrimos que o verdadeiro herói da história é Deus. Deus é aquele que se revela a Moisés como o grande Eu Sou. Deus é aquele que ouve os gritos do seu povo escravizado e se compadece do sofrimento dele, levantando um libertador para salvá-lo. Deus é aquele que lança as pragas sobre o Egito, que divide o mar e que afoga o exército de Faraó. Deus é aquele que fornece pão do céu e água da

rocha. Deus é aquele que dá a aliança-lei na montanha e enche o tabernáculo com a sua glória. Do início ao fim, Êxodo é um livro centrado em Deus, uma história teológica.

Portanto, ler Êxodo significa encontrar Deus. O livro trata da misericórdia, justiça, santidade e da glória do Deus Todo-Poderoso, que controla a História com seu poder soberano e que salva o povo da sua aliança. Quando os escritores bíblicos se lembram do êxodo, raramente mencionam Moisés; falam, em vez disso, das maravilhas de Deus. Isso nos dá uma indicação de que estudar Êxodo corretamente significa prestar atenção constante ao que o livro mostra e diz sobre o caráter de Deus. Êxodo é um exercício em teologia, que é simplesmente o estudo de Deus.

Se nossa abordagem ao êxodo for teológica, ela precisará ser também cristológica. Em outras palavras, precisamos entender Êxodo em relação a Jesus Cristo. O êxodo encontra seu sentido último e interpretação final na pessoa e obra de Deus, o Filho. De uma maneira ou de outra, toda a Bíblia trata de Jesus Cristo. O tema do Antigo Testamento é o Salvador que virá; o tema do Novo Testamento é o Salvador que veio e que virá de novo. No entanto, já que Êxodo é o evangelho do Antigo Testamento, sua conexão com Cristo é especialmente forte. Judas chegou até a dizer aos seus leitores que Jesus libertou “um povo, tirando-o da terra do Egito” (Jd 5). A Bíblia diz também que, depois da ressurreição, quando Jesus conversou com seus discípulos na estrada para Emaús, “começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras” (Lc 24.27). Se Jesus começou por Moisés, certamente deve ter dito algo sobre o êxodo.

De muitas maneiras, o êxodo estabeleceu o padrão para a vida de Cristo. Como Moisés, Jesus nasceu para ser um salvador e foi resgatado dos seus inimigos no momento do seu nascimento. Ele também teve uma estada no Egito, pois está escrito: “Do Egito chamei o meu filho” (Os 11.1; Mt 2.15). Como os filhos de Israel, Jesus passou pelas águas do batismo. E também, como os israelitas que caminharam pelo deserto durante 40 anos, Jesus foi para o deserto onde passou 40 dias. Quando voltou, subiu na montanha para dar a lei (Mt 5–7), semelhante a Moisés, que desceu do monte Sinai com a lei.

Há também muitos modos em que a morte de Cristo seguiu o padrão do êxodo. Encontramos uma indicação referente a isso no relato da transfiguração em Lucas. Jesus subiu para orar na montanha, onde ele apareceu aos seus discípulos

mais próximos em majestade deslumbrante: “Eis que dois varões falavam com ele: Moisés e Elias, os quais apareceram em glória e falavam da sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém” (Lc 9.30-31). É significativo que Moisés estivesse presente, pois a palavra que Lucas usa para a partida de Jesus é a palavra grega exodus. Moisés e Elias estavam conversando com Jesus sobre seu êxodo. Ou seja, eles estavam falando sobre sua crucificação e ressurreição, quando ele passaria pelas profundas águas da morte para libertar seu povo da escravidão do pecado e levá-lo para a terra da glória. Isso explica por que Jesus foi crucificado na Páscoa. Ele era o Cordeiro da Páscoa (1Co 5.7) que tira os pecados do mundo (Jo 1.29). Muitas das palavras que o Antigo Testamento usa para descrever o êxodo do Egito – palavras como resgate, redenção e libertação – são as mesmas palavras que o Novo Testamento usa para descrever a obra de Cristo na cruz.

O que todas essas conexões com Cristo mostram é que Êxodo não é apenas uma história de salvação, mas a história da salvação. A libertação de Israel do Egito antecipava a salvação realizada uma vez por todas em Jesus Cristo.

A última coisa que resta dizer sobre nossa abordagem à interpretação de Êxodo é que ela precisa ser prática. Para que a saída de Israel do Egito se torne parte da nossa peregrinação, precisamos aplicar suas lições espirituais à nossa própria caminhada diária com Deus. Deus nos deu o livro de Êxodo, ele nos deu cada um dos livros da Bíblia para o nosso benefício prático. Quando o apóstolo Paulo queria exortar os coríntios para que perseverassem na fé, ele os lembrava do êxodo: “Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos sob a nuvem, e todos passaram pelo mar, tendo sido todos batizados, assim na nuvem como no mar, com respeito a Moisés” (1Co 10.1-2). Então, Paulo estabeleceu uma conexão entre a sua salvação e a salvação que temos em Jesus Cristo: “Todos eles comeram de um só manjar espiritual e beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo” (1Co 10.3-4). O apóstolo explicou então como, a despeito do fato de Deus ter salvado seu povo no deserto, os israelitas se afastaram de Deus e pereceram. Ele concluiu dizendo: “Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado” (1Co 10.11). Em outras palavras, Paulo estava dizendo que aquilo que acontecera com eles havia sido registrado para nós. Êxodo foi escrito para o nosso benefício espiritual.

Já que o êxodo é uma história de libertação da escravidão por meio da obra de

um salvador, ele é a história da vida cristã. Como os israelitas, apesar de termos sido “escravos do pecado”, agora fomos “libertados do pecado” (Rm 6.17-18). Ao retraçar sua jornada espiritual, descobriremos que precisamos exatamente daquilo que os israelitas necessitavam. Precisamos de um provedor, de um Deus que nos alimente com o pão do céu e com a água da rocha. Precisamos de um legislador, de um Deus que nos ordene como amá-lo e servi-lo. E precisamos de um amigo, de um Deus que permaneça ao nosso lado dia e noite, para sempre.

O Deus de Israel

Chegou o momento de iniciar a jornada. Já que nosso método é bíblico, isso significa começar pelo texto bíblico. Os primeiros versículos de Êxodo nos apresentam às 12 tribos de Israel: “São estes os nomes dos filhos de Israel que entraram com Jacó no Egito; cada um entrou com sua família: Rúben, Simeão, Levi e Judá, Issacar, Zebulom e Benjamim, Dã, Naftali, Gade e Aser. Todas as pessoas, pois, que descenderam de Jacó foram setenta; José, porém, estava no Egito” (Êx 1.1-5; cf. Gn 46.8-27).

As doze tribos de Israel são enumeradas de modo formal para indicar que se trata do prefácio a algum acontecimento importante. Deixa claro, desde o início, que essas pessoas têm uma história e um destino. Êxodo começa como narrativas épicas costumam começar, no meio dos acontecimentos, com a aventura já bem avançada. Em hebraico, o livro começa com a palavra “e”, estabelecendo assim uma conexão entre o êxodo e tudo que o antecedeu. É uma maneira de dizer que Êxodo é uma sequência de Gênesis, mais um episódio na aventura contínua do povo de Deus.

Antes de saírem do Egito, os filhos de Israel tiveram de chegar lá, e vale a pena lembrar por que eles foram. Como Israel foi parar no Egito? A menção de José e seus irmãos lembra-nos de toda a história. José foi o primeiro membro da família a entrar no Egito. Ele era o filho favorito, a menina dos olhos do pai, e, por isso, objeto da inveja de todos os seus irmãos. Num ataque de fúria ciumenta, eles o jogaram numa cova, venderam-no como escravo e levaram seu manto manchado de sangue de volta para o pai (Gn 37). Porém, graças à providência de Deus, José acabou se tornando príncipe do Egito. Mais tarde, quando sua família foi para o Egito durante um período de fome, José pôde dar pão aos seus irmãos, e toda a família se estabeleceu no Egito. A ironia é que, com o passar do tempo, as

famílias dos homens que haviam vendido seu filho também acabaram na escravidão, labutando sob o sol escaldante para seus senhores egípcios.

Era improvável que os 12 filhos de Israel iriam algum dia se tornar heróis épicos. Na verdade, quanto mais descobrimos sobre essa família, mais maravilhados ficamos diante do fato de que Deus decidiu se envolver com eles. Não era uma família grande; no início, consistia em apenas 70 pessoas. Estas não eram muito poderosas. José havia conquistado uma posição de autoridade, mas seu ofício não era hereditário, e o restante da sua família vivia como forasteiros numa terra estranha. Não eram muito espertos. Certamente não eram mais talentosos do que os egípcios, que haviam construído uma civilização que se gabava de alguns dos maiores intelectos do mundo. Tampouco esses "Doze condenados" podiam alegar serem mais justos do que qualquer outra pessoa. A história da família deles era um conto sórdido de traição, sexo e violência. O pai deles, Jacó, havia traído seu irmão Esaú por meio de um truque para garantir seu direito de nascença. Tal pai, tal filhos: ao se livrarem de José, os filhos de Jacó tentaram negar a bênção do seu pai. O mais indigno de todos foi Judá, que teve relações sexuais com sua nora Tamar. Os filhos de Israel eram todos pecadores – mortais comuns, como demonstra seu obituário: "Faleceu José, e todos os seus irmãos, e toda aquela geração" (1.6).

Na verdade, José e seus irmãos tinham uma única coisa a seu favor – o seu Deus. A razão pela qual aquelas pessoas eram importantes era que elas eram o povo de Deus. E que Deus era este! Ele era o Deus não só de Jacó, mas era também o Deus de Abraão e Isaque. Era o Deus da aliança eterna, que transformou um ato mal-intencionado – a venda do próprio irmão deles para a escravidão – em bem (Gn 50.20). É o mesmo Deus que encontraremos ao longo de todo o livro de Êxodo: "Senhor, Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado" (34.6-7). Quando esse grande Deus está do nosso lado, tudo pode acontecer. Você pode atravessar ileso as águas profundas, enquanto mil exércitos estão perdidos no mar e a glória brilha na montanha.

O que tornava os filhos de Israel especiais, por menos promissores que possam ter parecido, era o relacionamento que tinham com Deus. Deus estava do lado deles com todas as suas promessas. Ele havia feito aos israelitas as mais maravilhosas promessas. Na verdade, uma delas já estava se tornando realidade: "Faleceu José, e todos os seus irmãos, e toda aquela geração. Mas os filhos de

Israel foram fecundos, e aumentaram muito, e se multiplicaram, e grandemente se fortaleceram, de maneira que a terra se encheu deles" (1.6-7). No início, havia apenas 70 israelitas, mas logo a terra estava cheia deles. Isso era algo que Deus havia prometido quando fez sua aliança com Abraão: "De ti farei uma grande nação, e te abençoarei" (Gn 12.2a). "Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda na minha presença e sê perfeito. Farei uma aliança entre mim e ti e te multiplicarei extraordinariamente" (Gn 17.1-2). Deus fez a Abraão duas grandes promessas – terra e semente. A promessa da semente se cumpriu nos primeiros versículos de Êxodo, e tudo que restava a Deus a dar aos descendentes de Abraão era uma terra que pudessem chamar de sua. Daí a necessidade de tirá-los do Egito.

A promessa da semente era até mais antiga do que Abraão, remetia a Adão e Eva, aos quais ele ordenou: "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra" (Gn 1.28). Então Deus estava cumprindo sua promessa de transformar uma família numa nação poderosa. Êxodo deixa isso explícito ao descrever as multidões hebreias com as mesmas palavras ("fecundos", "multiplicai", etc.) usadas no mandado da criação em Gênesis (cf. Gn 1.21-22; 9.1-7). Deus estava realizando seu plano para a humanidade em seu povo Israel. Como escreveu o salmista mais tarde: "Então, Israel entrou no Egito, e Jacó peregrinou na terra de Cam. Deus fez sobremodo fecundo o seu povo e o tornou mais forte do que os seus opressores" (Sl 105.23-24).

Quando o assunto é a multiplicação dos israelitas, alguns estudiosos acreditam que a Bíblia está exagerando. Niels Peter Lemche alega: "É um fato universalmente reconhecido pelos estudiosos de que as tradições sobre a estada de Israel no Egito e o exodus dos israelitas são de natureza lendária e épica. A noção de que uma única família, ao longo de poucos séculos, seria capaz de se transformar num povo inteiro, numa nação que consistia em centenas de milhares de indivíduos, é tão fantástica que ela não merece nenhuma credibilidade de um ponto de vista histórico".15 Mas é nesse ponto que a teologia ajuda a explicar a História. Historicamente, haviam se passado centenas de anos desde a chegada dos israelitas ao Egito (veja 12.40-41) – tempo suficiente para transformar uma família em nação. Mas a explicação teológica para o seu crescimento notável é que Deus estava cumprindo suas promessas da aliança. No original hebraico, sete palavras diferentes são usadas para descrever a explosão populacional, demonstrando talvez que a multiplicação dos israelitas fosse a perfeição do plano de Deus.16 Depois disso, os filhos de Israel confessariam para sempre a sua fé no poder de seu Deus cumpridor de suas promessas, dizendo: "Arameu prestes a perecer foi meu pai, e desceu para o

Egito, e ali viveu como estrangeiro com pouca gente; e ali veio a ser nação grande, forte e numerosa" (Dt 26.5b).

Isso nos leva a uma pergunta muito prática: quem é o nosso Deus? A verdade é que não somos melhores do que os filhos de Israel. Somos pessoas invejosas, irritáveis, que teimosamente se recusam a seguir a Deus. Em dia algum conseguimos fazer jus ao seu perfeito padrão. O que precisamos é do Deus de Êxodo. Se ele é o nosso Deus, ele realizou para nós o milagre da graça, e podemos confiar que ele nos salvará até o fim.

Salvos para a glória de Deus

Dissemos que os israelitas tinham uma única coisa a favor deles – o próprio Deus. O que o restante de Êxodo mostra é que seu Deus tinha um propósito supremo: glorificar a si mesmo. O livro de Êxodo é tão rico que é difícil reduzi-lo a um único tema ou ênfase. Diferentes comentaristas têm feito várias sugestões sobre o fio condutor que unifica o livro, e alguns têm duvidado se há de fato algo que unifique o livro. No entanto, o tema de Êxodo é bem simples – tão simples que ele pode ser expresso em quatro curtas palavras: salvos para a glória de Deus.

Num sentido, é claro, Deus faz tudo para a sua glória. Na sua famosa "Dissertation concerning the end for which God created the world", Jonathan Edwards (1703-1758) escreveu: "O grande propósito das obras de Deus, que se expressa de modo tão variado nas Escrituras, é, na verdade, um ÚNICO; e este único propósito é chamado de modo mais adequado e abrangente A GLÓRIA DE DEUS".17 O propósito principal de Deus é glorificar a si mesmo em tudo que é e em tudo que faz. Mas isso vale especialmente para o êxodo. Uma das coisas mais gloriosas que Deus fez foi tirar seu povo do Egito. O êxodo foi para a sua glória. Como escreveu o salmista: "Nossos pais, no Egito [...] ele os salvou por amor do seu nome, para lhes fazer notório o seu poder" (Sl 106.7-8).

Deus torna seu propósito glorioso conhecido ao longo de todo o livro de Êxodo. Sempre que Moisés ordenou a Faraó que ele deixasse o povo de Deus partir, a razão que deu foi para que o povo pudesse glorificar a Deus. Faraó ouviu isso repetidas vezes: "Deixa ir o meu povo, para que me sirva" (p. ex., 9.1). Mas Faraó não quis deixar o povo de Deus ir. Do ponto de vista humano, Deus

endureceu o coração de Faraó para que ele pudesse glorificar-se. Deus prometeu três vezes que ele obteria glória por meio de Faraó: “E os egípcios saberão que eu sou o Senhor, quando for glorificado em Faraó, nos seus carros e nos seus cavalarianos” (14.18; cf. 9.16; 14.4, 17; Rm 9.17).

Deus, de fato, obteve glória para si mesmo – à custa de Faraó. E assim que seu povo escapou das garras de Faraó, glorificou a Deus. À travessia do mar Vermelho seguiu-se imediatamente o Cântico de Moisés, no qual o povo louvou a Deus por ser “glorificado em santidade, terrível em feitos gloriosos, que operas maravilhas” (15.11). Quando os israelitas adentraram o deserto, eles viram “a glória do Senhor [aparecer] na nuvem” (16.10). Por fim, chegaram à montanha sagrada de Deus, onde testemunharam de novo a glória de Deus em trovões e relâmpagos (24.15-17). Ouviram-na também nas palavras da aliança, que foram dadas para ajudá-los a glorificar a Deus.

Tragicamente, enquanto os israelitas aguardavam o retorno de Moisés da montanha, eles começaram a dançar em volta de um bezerro de ouro. Deus ficou tão irado com eles que estava disposto a destruí-los. Por quê? Porque, apesar de terem sido salvos para a glória de Deus, eles não estavam lhe dando a glória. Mas Moisés intercedeu, pedindo que Deus tivesse misericórdia deles, e ele fundamentou seu apelo na glória de Deus (32.11-14). Se Deus destruísse os israelitas, argumentou Moisés, os egípcios não o glorificariam como o Deus que salvou seu povo. Depois, Moisés subiu novamente na montanha, e lá ele desejou ver a glória de Deus (33.18-23). E ele a viu, vislumbrando as costas da glória de Deus. Quando Moisés desceu da montanha, ele mesmo estava glorioso, irradiando o brilho da glória de Deus (34.29-35).

Os últimos capítulos de Êxodo contêm instruções detalhadas para a construção do tabernáculo. Em vez de serem irrelevantes ao êxodo, como alguns pensam, esses capítulos explicam toda a razão da aventura. Somos salvos para glorificar a Deus, o que significa adorá-lo da maneira como ele deseja ser adorado. No que diz respeito ao tabernáculo, Deus disse: “para que [ali], por minha glória, sejam santificados” (29.43). Assim, o clímax do livro é alcançado apenas no fim: “Então, a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo. Moisés não podia entrar na tenda da congregação, porque a nuvem permanecia sobre ela, e a glória do Senhor enchia o tabernáculo” (40.34-35).

Do início ao fim, o êxodo foi para a glória de Deus. Toda a aventura gloriosa mostra que o Deus de Israel é o Deus que salva. Toda pessoa que queira ser salva

pode invocar seu nome e o nome de seu Filho divino, o Salvador Jesus Cristo. E foi isso que o salmista fez no final do salmo 106, o “salmo do êxodo”. Depois de narrar toda a história épica – explicando como Deus tirou seu povo do Egito a despeito do pecado dele – o salmista nos conclama a clamar a Deus para a nossa própria salvação: “Salva-nos, Senhor, nosso Deus, e congrega-nos de entre as nações” (Sl 106.47a). Não merecemos ser salvos do nosso pecado tanto quanto os israelitas não mereciam ser tirados do Egito. Mas Deus nos salva para a sua glória, para que “demos graças ao teu santo nome e nos gloriemos no teu louvor”, dizendo: “Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, de eternidade a eternidade” (Sl 106.47b,48a).

Notas

1 R. Alan Cole. Exodus: An introduction and commentary, Tyndale Old Testament Commentaries (Leicester, UK: Inter-Varsity, 1973), p. 12-13.

2 Jeffery L. Sheler. Is the Bible true? How modern debates and discoveries affirm the essence of the Scriptures (Nova York: HarperCollins, 1999), p. 77.

3 Baruch Halpern. “The Exodus from Egypt: Myth or reality?” em The rise of ancient Israel (Washington, DC: Biblical Archaeology Society, 1992), p. 91.

4 Jonathan Kirsch. Citado em National Review (25/jan./1999), p. 53.

5 E. L. Doctorow. City of God (Nova York: Random House, 2000), citado na revista Time (14 de feve-reiro de 2000), p. 82.

6 Abraham Joshua Heschel. Citado em National Review (25/jan./1999), p. 53.

7 Veja Gleason L. Archer Jr. A Survey of Old Testament Introduction, edição revisada (Chicago: Moody, 1974), p. 215–219, 223-234; também Howard F. Vos, Nelson’s New Illustrated Bible Manners and Customs: How the People of the Bible Really Lived (Nashville: Thomas Nelson, 1999), p. 52-4,121-24.

8 James K. Hoffmeier,. Israel in Egypt (Oxford: Oxford University Press, 1999), p. 53.

9 Ibid., p. 114.

10 Citação da Estela de Merneptá, em: J. B. Pritchard (org.), Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1955), p. 376-78.

11 Um resumo das evidências pode ser encontrado em Vos, Nelson's New Illustrated Bible Manners and Customs, p. 121-124.

12 Papyrus Ipuwer, citado em Biblical Archaeology Review (maio/junho de 1998), p. 13.

13 Para uma defesa abrangente da historicidade de Êxodo, sobretudo seus milagres, veja Colin J. Humphreys, The Miracles of Exodus: A Scientist's Discovery of the Extraordinary Natural Causes of the Biblical Stories (Nova York: HarperCollins, 2003).

14 Nahum Sarna, citado em Sheler, Is the Bible True? p. 78.

15 Niels Peter Lemche. Ancient Israel: A New History of Israelite Society (Sheffield, UK: JSOT, 1988), p. 109.

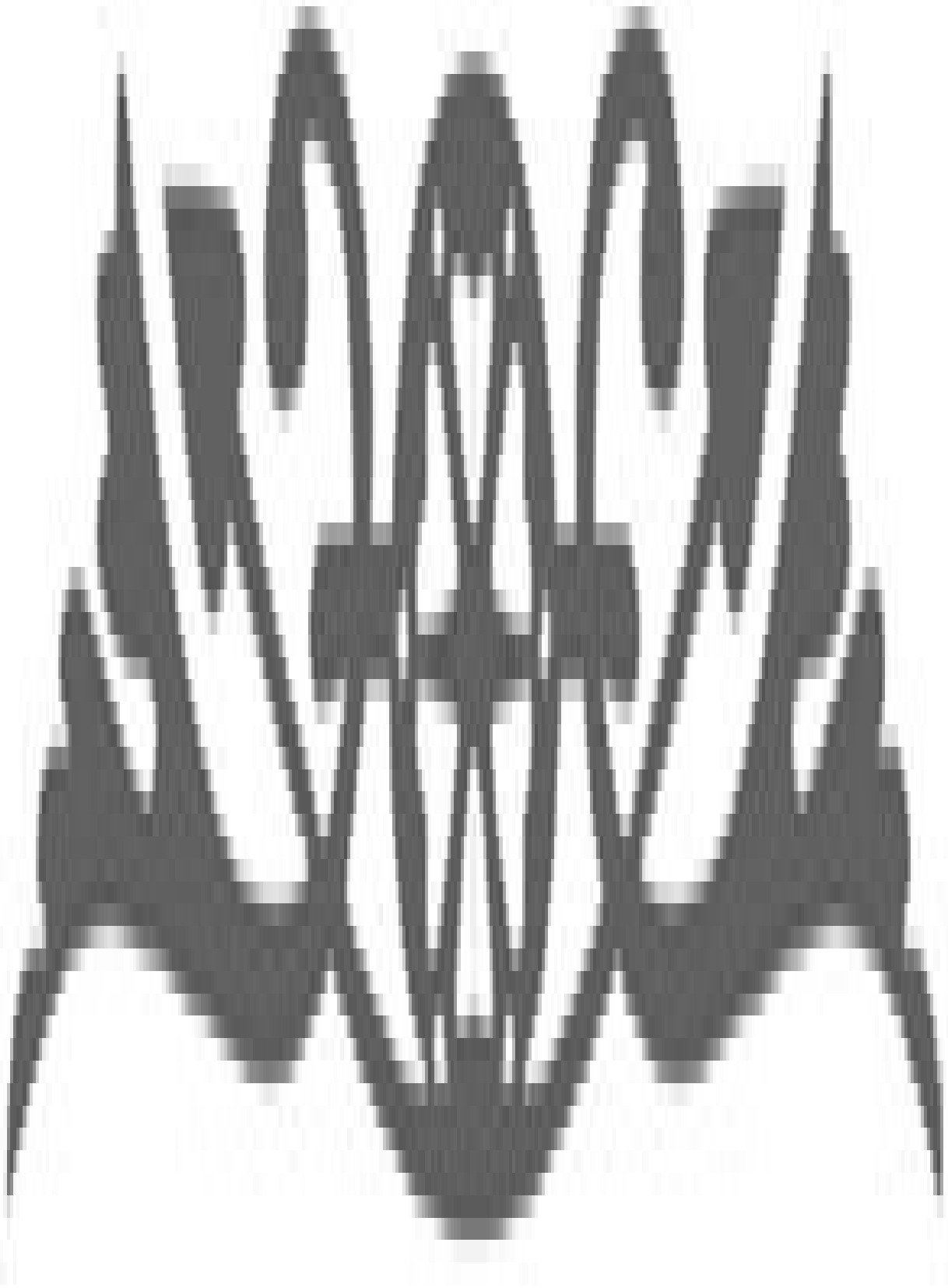
16 Umberto Cassuto. A Commentary on the Book of Exodus, Israel Abrahams (trad.) (Jerusalém: Magnes, 1967), p. 9.

17 Jonathan Edwards. The Works of Jonathan Edwards, vol. 1 (Edimburgo: Banner of Truth, 1974), p. 119.

2

O novo Faraó

Êxodo 1.8-21



“Entrementes, se levantou novo rei sobre o Egito, que não conhecera a José” (1.8). Com essas palavras fatídicas, a estada de Israel entre os egípcios passou de prosperidade para perseguição. O que no passado havia parecido um lugar promissor para crescer e se transformar numa nação santa transformou-se numa casa de escravidão, num deserto de tormento excruciante.

Deus nunca pretendera fazer do Egito a Terra Prometida. No seu leito de morte, José havia profetizado: “Deus certamente vos visitará e vos fará subir desta terra para a terra que jurou dar a Abraão, a Isaque e a Jacó” (Gn 50.24). José até mesmo fez com que os filhos de Israel prometessem levar seus ossos de volta para Canaã. No entanto, durante algum tempo a vida havia sido boa na terra dos Faraós. Enquanto José governava como príncipe do Egito, os israelitas ocupavam uma posição privilegiada. Só para dar um exemplo: quando José foi para Canaã para sepultar o seu pai Jacó, ele foi acompanhado pelos oficiais de Faraó da mais alta patente – “todos os oficiais de Faraó, os principais da sua casa e todos os principais da terra do Egito” (Gn 50.7). Obviamente, José era muito respeitado. Ao voltar para o Egito, ele se estabeleceu e teve uma vida feliz e longa no delta do Nilo. E mesmo depois da morte de José, os israelitas continuaram a viver em paz e prosperidade. De acordo com a promessa de Deus, eles “se multiplicaram, e grandemente se fortaleceram, de maneira que a terra se encheu deles” (1.7).

Então a situação mudou. Uma nova dinastia chegou ao poder. Entrou o novo regime, e o velho saiu de cena. Quando se trata de política de poder, tudo depende de conhecer as pessoas certas. Infelizmente, o novo Faraó não conhecia José e, portanto, não se sentia em obrigação alguma em relação aos seus descendentes. Aos poucos, os egípcios começaram primeiro a temer, depois a odiar os israelitas, até que, por fim, quiseram subjugá-los. Essa parte de Êxodo trata da oposição de Satanás aos planos e às promessas de Deus ao seu povo. Dela aprendemos como permanecer fiel a Deus, até mesmo em tempos de tribulação.

A casa da escravidão

O novo Faraó acreditava ter um problema. “Ele disse ao seu povo: Eis que o

povo dos filhos de Israel é mais numeroso e mais forte do que nós. Eia, usemos de astúcia para com ele, para que não se multiplique, e seja o caso que, vindo guerra, ele se ajunte com os nossos inimigos, peleje contra nós e saia da terra" (1.9-10). Como a maioria dos ditadores, o novo Faraó era inseguro (para não dizer paranoico). A despeito da sua superioridade militar, ele temia ser derrubado. E quanto mais estrangeiros se encontravam em seu país, mais alarmado ele ficava. Logo, a população de imigrantes tornou-se tão numerosa que ela ameaçava desestabilizar todo o seu governo. Faraó temia que, caso fosse atacado, os israelitas se juntariam aos seus inimigos, superando assim o seu próprio exército, e desse modo poriam um fim à sua dinastia.

Alguém descreveu uma desculpa como "fina camada de razão usada para embalar uma mentira", e foi exatamente esse o tipo de desculpa que ele usou. Faraó usou a ameaça da guerra como pretexto para perseguir os estrangeiros. Jogar a culpa em minorias étnicas é sempre conveniente, pois o racismo faz parte da nossa natureza humana pecaminosa. Foi por isso que Hitler teve tanta facilidade para promover o antissemitismo na Alemanha nazista. Foi por isso que os africânderes puderam usar o argumento da "ameaça negra" para a sua vantagem mortal na África do Sul. E é por isso que cada nova onda de imigrantes – desde os irlandeses até os indonésios – teve de enfrentar preconceitos ao chegar na América do Norte.

Jogar a carta da raça funcionou também para Faraó. Seus conselheiros estavam perfeitamente dispostos a concordar que algo precisava ser feito em relação a esses israelitas. "E os egípcios puseram sobre eles feitores de obras, para os afligirem com suas cargas. E os israelitas edificaram a Faraó as cidades-celeiros, Pitom e Ramessés" (1.11). Era a solução política perfeita: a nova política resolvia simultaneamente tanto o problema imigratório quanto o problema de mão de obra do Egito. Tendo o espírito esmagado e a coluna curvada, os israelitas seriam incapazes de se rebelar. Como benefício adicional, a tirania de Faraó levaria à construção de duas grandes cidades. Pitom significa "casa de Atum", que era um dos deuses egípcios. A cidade é normalmente identificada com Tell er-Ratabah ou Tell el-Maskutah. Um texto antigo diz sobre ela: "Sua Majestade – vida, prosperidade, saúde! – construiu para si mesma um castelo, cujo nome é 'Grande em Vitórias' [...] O sol nasce dentro do seu horizonte e se põe dentro dele".1 Ramessés – que pode ser a famosa cidade de Tânis ou, mais provavelmente, Qantir – era a residência real dos Faraós. Os filhos de Israel construíram essas duas grandes cidades com suas próprias mãos e sobre suas robustas costas.

Porém, o desejo de poder nunca se satisfaz, e com o passar do tempo os israelitas foram escravizados com maior dureza. Foram tratados com uma severidade cada vez maior, até que, por fim, os egípcios “se inquietavam por causa dos filhos de Israel; então, os egípcios, com tirania, faziam servir os filhos de Israel e lhes fizeram amargar a vida com dura servidão, em barro, e em tijolos, e com todo o trabalho no campo; com todo o serviço em que na tirania os serviam” (1.12b-14).

Um dos aspectos literários mais interessantes de Êxodo é que, muitas vezes, palavras significativas ocorrem em grupos de sete. Um exemplo disso ocorreu lá atrás, no versículo 7, que usou sete palavras diferentes para descrever a multiplicação milagrosa dos israelitas. Outro exemplo ocorre aqui, nos versículos 13 e 14, que usam sete palavras diferentes (algumas das quais são repetidas) para a escravidão de Israel. Umberto Cassuto afirma que cada palavra é como um golpe adicional do açoite de um capataz. A tradução de Cassuto evidencia isso: “Assim os egípcios obrigaram os filhos de Israel a trabalhar com rigor e tornaram sua vida amarga com serviço duro, em argamassa e tijolos, e em todo tipo de trabalhos no campo, além de todo seu trabalho (adicional), fazendo-os servir com rigor”.2

Com cada chicotada, Faraó desferia outro golpe contra o Deus de Israel, pois, na sua base, esse era um conflito espiritual. Na verdade, Faraó estava lutando contra Deus. Ele se ressentia do povo de Deus. Os israelitas estavam destinados para a glória de Deus. Deveriam estar livres para servir a ele. Mas ao transformar os israelitas em escravos, Faraó tentou impedi-los de cumprir seu chamado de trabalhar e fazer tudo o mais para a glória de Deus.

Faraó rejeitava também as promessas de Deus. Deus havia prometido que faria do seu povo uma grande nação. Quanto mais seu número aumentava, mais se cumpria a sua promessa. Se Faraó fosse um servo de Deus, ele se regozijaria com o nascimento de cada bebê hebraico. Mas não foi o que ele fez. Em vez disso, o cumprimento da promessa de Deus o enchia de medo e ódio.

Faraó resistia também ao plano de Deus, que consistia em dar ao seu povo uma terra que pudessem chamar de sua – a pátria que ele prometera a Abraão, Isaque

e Jacó. Era a mesma terra que José havia profetizado para seus irmãos: “Pela fé, José, próximo do seu fim, fez menção do êxodo dos filhos de Israel, bem como deu ordens quanto aos seus próprios ossos” (Hb 11.22). A terra “que mana leite e mel” era a próxima fase no plano eterno de Deus para seu povo. No entanto, Faraó foi hostil em relação a esse plano desde o início. Observe a razão que ele dá para oprimir os israelitas: “Usemos de astúcia para com ele, para que não [...] saia da terra” (1.10). Com essas palavras, Faraó posicionou-se como obstáculo para o êxodo. Ele estava totalmente contra o que Deus estava absolutamente disposto a fazer (veja 3.8).

Em suma: Faraó é a imagem perfeita do homem em rebelião contra Deus. Ele se ressentia do povo de Deus, rejeitava as promessas de Deus e resistia ao plano de Deus. Em vista da sua oposição orgulhosa, não é de admirar que seu nome nunca seja mencionado. Ele é chamado “o rei do Egito” ou, simplesmente, “Faraó”. A omissão do nome de Faraó é teologicamente significativa. James Hoffmeier escreve: “A ausência do nome de Faraó pode ocorrer por razões teológicas, pois a Bíblia não está tentando responder à pergunta ‘Quem é o Faraó do êxodo’ para satisfazer a curiosidade dos historiadores modernos; antes, procura esclarecer para Israel quem era o Deus do êxodo”.3 O Faraó não era uma pessoa privada; ele representava toda a nação do Egito, incluindo seus deuses. Faraó alegava, mais especificamente, ser o Filho encarnado de Rá – o deus-sol – que era a divindade primária no panteão egípcio. Isso significa que o conflito entre Israel e o Egito não girava em torno de política, mas em torno de religião.

A estratégia de Faraó de reivindicar soberania sobre Israel foi a escravidão. No templo egípcio de Edfu há uma inscrição do tempo de Ramsés que representa um deus registrando escravos para Faraó.4 A imagem é um lembrete de que, ao escravizar os israelitas, Faraó estava tentando passar uma mensagem teológica: os hebreus não serviriam ao próprio Deus deles – mas trabalhariam para ele. Eles não teriam a liberdade de ir para a terra da promessa de Deus – eles permaneceriam exatamente onde estavam. No fundo, Faraó estava reivindicando o título de senhor de Israel. Ao fazê-lo – talvez sem dar-se conta disso – ele se tornou instrumento de Satanás. No seu livro sobre a guerra espiritual, Donald Grey Barnhouse chamou o Egito de “o maior símbolo da inimizade de Satanás contra os filhos de Israel” e continuou dizendo: “O diabo estava no Egito. O diabo governava o Egito. Por trás de Faraó estava Satanás”.5 Portanto, o êxodo não foi simplesmente uma luta épica entre Moisés e Faraó, ou entre Israel e Egito. Foi mais uma batalha na grande e contínua guerra entre Deus e Satanás.

Prosperidade sob perseguição

O que Satanás mais gosta de fazer é atormentar o povo de Deus, e ele usou Faraó para perseguir os israelitas por causa da fé que eles professavam. É importante lembrar quanto eles sofreram e também quanto aprenderam com o seu sofrimento.

Existem muitas evidências de que os egípcios tratavam seus escravos com brutalidade. Era um terrorismo financiado pelo Estado, pois os escravos eram considerados propriedade do Faraó. Uma vez que haviam sido marcados com seu selo real, os escravos do Faraó eram organizados em enormes grupos de trabalho, concentrados em campos de trabalho e então obrigados a realizar grandes projetos de construção – tudo sob o controle rígido dos seus capatazes. Inscrições no túmulo de Recmire em Tebas retratam prisioneiros de Canaã em todas as fases da produção de tijolos: puxando água, derramando argila, cortando tijolos, carregando pilhas de tijolos até o local de construção e erguendo paredes com argamassa. São supervisionados por capatazes armados com varas, prontos para subjugar seus escravos por meio de açoites.6 Ou contemple este texto antigo, que descreve um mestre egípcio viajando pelo Nilo para inspecionar seus escravos: “Agora o escriba desembarca na margem. Ele inspeciona a ceifa. Assistentes estão atrás dele com varas, núbios com clavas. Um diz [a ele]: ‘Dá grãos’. ‘Não há nenhum.’ Ele é golpeado severamente. Ele é amarrado, jogado no poço, submerso com a cabeça para baixo. Sua esposa é amarrada na sua presença. Seus filhos estão em grilhões”.7

Esse é o tipo de crueldade que os israelitas sofreram às mãos dos egípcios. Foram tratados “com dura servidão” (1.14) ou, mais literalmente, “alquebrados”. As palavras do antigo hino afro-americano “Go down, Moses” [Desça, Moisés] são verdadeiras:

Quando Israel estava na terra do Egito

Deixe meu povo ir

Tão oprimido que não conseguia suportar

Deixe meu povo ir.

A opressão aos israelitas dá origem a uma pergunta importante. É a pergunta que os seres humanos sempre fazem a respeito do sofrimento. Jesus a fez quando estava morrendo na cruz. A pergunta é: “Por que, Deus?”, ou nas palavras de Jesus: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27.46). É o sofrimento que insere pontos de interrogação na história da nossa vida.

A primeira coisa a dizer sobre o sofrimento de Israel é que os culpados eram os egípcios. É impossível dar uma resposta apropriada ao problema da dor sem mencionar a doutrina bíblica do pecado. Em vez de culpar Deus por todas as nossas dificuldades, precisamos reconhecer que o sofrimento é o resultado inevitável da iniquidade humana. De um modo ou de outro, todas as nossas provações podem ser remetidas ao pecado – ou ao nosso próprio pecado ou ao pecado dos outros. Nesse caso, os israelitas eram vítimas da escravidão porque os egípcios os haviam escravizado.

No entanto, isso não significa que o sofrimento deles fugia ao controle de Deus. Deus poderia ter impedido que seu povo caísse em escravidão? É claro que sim, mas esse não era o seu plano. Foi por meio da providência de Deus que os israelitas desceram para o Egito, e foi por meio da sua providência que eles se tornaram escravos ali. Êxodo estabelece esse vínculo quando começa com uma citação de Gênesis 46.8 (“São estes os nomes dos filhos de Israel”). Essa era uma maneira de indicar que o Deus que os deixara partir do Egito (em Êxodo) é o mesmo Deus que os levou para o Egito (em Gênesis). O salmista é ainda mais explícito quando diz sobre os egípcios: “[Deus] mudou-lhes o coração para que odiassem o seu povo e usassem de astúcia para com os seus servos” (Sl 105.25).

Deus tinha muitas razões para permitir que seu povo sofresse dificuldades. A mais óbvia era para ajudá-los a crescer: “Mas, quanto mais os afligiam, tanto mais se multiplicavam e tanto mais se espalhavam” (1.12). A ironia é que isso era exatamente o oposto do que o Faraó pretendia causar. No versículo 10, o Faraó diz P#n-y!rB#, o que significa “para que não se multipliquem”, mas no versículo 12 Deus diz K#n-y!rB# – “mais eles se multiplicavam”. A Bíblia usa esse jogo de palavras hebraico para mostrar que o feitiço havia virado contra o feiticeiro em relação a Faraó, que sempre se orgulhara de ser politicamente astuto. Precisamos “usar de astúcia” para com os israelitas, ele disse aos seus

conselheiros. O que o Faraó queria dizer com “usar de astúcia” era a política de sempre: buscar poder militar, explorar os pobres, atacar minorias. Mas a sabedoria convencional se revelou loucura, pois Faraó estava lidando com Deus, que diz: “Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos” (1Co 1.19). Ao manter os israelitas escravizados, o novo Faraó ajudou a preservar sua identidade como comunidade estreitamente unida. Charles Spurgeon comenta:

Muito provavelmente, se eles tivessem sido deixados por si mesmos, teriam se fundido aos egípcios e sido absorvidos pela raça egípcia e teriam perdido sua identidade como o povo especial de Deus. Eles estavam contentes em estar no Egito, e estavam totalmente dispostos a assumir a cultura egípcia. Em grande medida, começaram a adotar as superstições, idolatrias e iniquidades do Egito; e essas coisas aderiram a eles em anos posteriores em extensão tão terrível que podemos facilmente imaginar que seus corações se voltaram muito para os pecados do Egito. No entanto, durante todo esse tempo, Deus estava determinado a tirá-los dessa conexão ímpia. Eles deveriam ser um povo separado; não podiam ser egípcios nem viver permanentemente como egípcios, pois Jeová os escolhera para si mesmo, e ele pretendia estabelecer uma diferença permanente entre Israel e Egito.8

Por mais estranho que isso pareça, uma das maneiras como Deus preservou essa diferença foi escravizando seu povo ao Faraó. Assim, o novo Faraó foi o rebelde original sem saber disso. Quanto mais ele fazia o povo de Deus sofrer, mais Deus triunfava.

A despeito de todos os seus esquemas espertos, Faraó acabou sendo totalmente vencido. No final do primeiro capítulo de Êxodo, ainda encontramos os israelitas crescendo e se tornando mais numerosos (v. 20). Era exatamente isso que Deus havia prometido quando disse a Jacó: “Não temas descer para o Egito, porque lá eu farei de ti uma grande nação” (Gn 46.3). Em gerações futuras, o povo de Deus diria: “O Deus deste povo de Israel escolheu nossos pais e exaltou o povo durante sua peregrinação na terra do Egito, donde os tirou com braço poderoso” (At 13.17). E a maneira como Deus realizou esse plano salvador foi por meio do sofrimento. Ao manter os israelitas em escravidão, Faraó ajudou a transformá-

los numa grande nação.

Esse padrão de crescimento por meio do sofrimento tem se repetido muitas vezes na história da igreja. Segundo Spurgeon:

Sempre que uma grande perseguição se levantou contra a igreja cristã, Deus prevaleceu, como aconteceu no caso da opressão dos israelitas pelo Faraó, tornando uma comunidade aflita ainda mais numerosa. As primeiras perseguições na Judeia promoveram a propagação do evangelho; assim, quando, depois da morte de Estêvão, os discípulos todos se espalharam pelas regiões da Judeia e Samaria, com a exceção dos apóstolos, o resultado nos é apresentado assim: “Os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra”. Assim também Herodes estendeu sua mão para atormentar a igreja e matou Tiago, irmão de João, com a espada; o que resultou disso? Lucas nos conta em quase as mesmas palavras que Moisés usou: “A palavra de Deus crescia e se multiplicava”. Aquelas perseguições terríveis e sangrentas sob o imperador romano de modo algum impediram o avanço do evangelho, mas, por mais estranho que pareça, muitos pareceram insistir para conquistar a coroa do martírio. Muito provavelmente, a igreja nunca aumentou numa taxa maior do que quando seus inimigos se mostravam mais ferozes para atacá-la e mais determinados para destruí-la [...] A Reforma [...] nunca foi tão próspera do que quando sofria a mais vigorosa oposição. Vocês verão em cada igreja individual que, sempre que homens ímpios conspiraram e uma tempestade de oposição se lançou contra os santos, o coração do Senhor se comoveu com compaixão [...] Sejam, então, pacientes, meus irmãos, em meio às perseguições ou provações que vocês foram chamados a suportar; e sejam gratos por elas serem tantas vezes aproveitadas para o crescimento da igreja, a propagação do evangelho e a honra de Cristo.9

Outra razão pela qual Deus permitiu que seu povo sofresse era para demonstrar a necessidade que eles tinham de salvação. Num livro útil chamado Why does it have to hurt?, o professor Dan McCartney observa: “Deus viu o sofrimento do seu povo e então o libertou. Mas por quê, em primeiro lugar, ele permitiu que o sofrimento acontecesse? Ele não poderia simplesmente tê-lo impedido?”. McCartney responde fazendo outra pergunta: “Se ele o tivesse feito, os israelitas

teriam desejado sair do Egito? E já não foi fácil fazê-los partir mesmo quando tiveram de sofrer".10 O Egito era o único lar que eles conheciam, e não era sem seus luxos. Por isso, foram necessários sofrimento e escravidão para fazer com que o povo de Deus clamasse pela sua salvação. Mais uma vez, foi um caso de o feitiço virar contra o feiticeiro. Quando Faraó escravizou os israelitas, ele os fez desejar exatamente aquilo que ele estava tentando impedir: liberdade numa terra nova. Spurgeon escreve: "A fim de romper as amarras que os prendiam ao Egito, foi necessário usar a faca afiada da aflição; e Faraó, sem se dar conta disso, foi o instrumento de Deus para desmamá-los do mundo egípcio e para ajudá-los como sua igreja a assumir seu lugar separado no deserto e receber a porção que Deus havia destinado a eles".11

Isso nos ensina uma lição importante sobre nossa própria peregrinação espiritual: o sofrimento nos ajuda a buscar o nosso Salvador. Se nunca tivermos problemas ao longo da jornada, jamais teremos qualquer razão para ansiar pelo céu. Como os israelitas, nós também precisamos da casa da escravidão para ajudar a nos orientar para a Terra Prometida. McCartney escreve: "Já é difícil o bastante deixarmos de lado os tesouros deste mundo mau, apesar de sofrermos nele. Muito mais difícil é desejarmos o novo céu e a nova terra quando a nossa vida aqui é confortável".12 Nossos sofrimentos nos ajudam a buscar a nossa salvação. Ou, para citar Spurgeon mais uma vez: "O chicote da perseguição é útil, pois ele nos faz aprender que esta é a casa da escravidão e nos leva a ansiar pela terra da liberdade e buscá-la – a terra da alegria".13

Uma vez que fomos salvos, nossos sofrimentos nos lembram também de demonstrar gratidão pela graça de Deus. Essa era outra lição que os israelitas só podiam aprender sofrendo no Egito. Após sua libertação do cativeiro, eles sempre deveriam se lembrar de que haviam sido escravizados. Por exemplo, quando se sentavam para compartilhar o banquete da Páscoa, eles comiam ervas amargas para lembrar-se de sua escravidão amarga (12.8). Deveriam dizer:

Arameu prestes a perecer foi meu pai, e desceu para o Egito, e ali viveu como estrangeiro com pouca gente; e ali veio a ser nação grande, forte e numerosa. Mas os egípcios nos maltrataram, e afligiram, e nos impuseram dura servidão. Clamamos ao

Senhor

, Deus de nossos pais; e o

Senhor

ouviu a nossa voz e atentou para a nossa angústia, para o nosso trabalho e para a nossa opressão; e o

Senhor

nos tirou do Egito com poderosa mão, e com braço estendido, e com grande espanto, e com sinais, e com milagres; e nos trouxe a este lugar e nos deu esta terra, terra que mana leite e mel [...] Alegrar-te-ás por todo o bem que o

Senhor

, teu Deus, te tem dado a ti e a tua casa. (Dt 26.5-9,11)

O êxodo foi intencionado para ser lembrado. E nós também devemos lembrá-lo, pois somos o povo de Deus, e o êxodo é parte da nossa história. Louvado seja Deus por nos tirar da terra do Egito, da casa da escravidão!

Havia muitas razões pelas quais Deus permitiu que seu povo fosse perseguido pelos egípcios. O fato é que Deus sempre tem um propósito para o sofrimento, e seu propósito para o seu povo é sempre redentor. Esse é o padrão da cruz. Foi por meio dos seus sofrimentos e da sua morte que Jesus realizou a nossa salvação. É também o padrão da vida cristã: “Também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos” (1Pe 2.21). Podemos sofrer ódio e perseguição; os cristãos sofrem isso muitas vezes. No entanto, sofrimento produz crescimento espiritual: “Também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança” (Rm 5.3-4). É o sofrimento que nos faz ansiar pela nossa salvação e que nos lembra de nos alegrarmos na graça de Deus.

Antivida, anticristo

No tempo devido, o povo de Deus foi libertado da casa da escravidão, mas antes de as coisas melhorarem, elas pioraram. Muito. Quando o Faraó se deu conta de que o cativeiro não estava ajudando em nada para trazer os israelitas sob seu controle – que, de fato, a população deles estava aumentando aos saltos – ele tramou outra estratégia. Da escravidão, passou para o assassinato, usurpando assim a autoridade de Deus sobre vida e morte: "O rei do Egito ordenou às parteiras hebreias, das quais uma se chamava Sifrá, e outra, Puá, dizendo: Quando servirdes de parteira às hebreias, examinai: se for filho, matai-o; mas, se for filha, que viva" (1.15-16).

Os comentaristas têm feito vários questionamentos quanto a esses versículos. Um deles diz respeito à identidade étnica das parteiras. Literalmente, a Bíblia as identifica como "parteiras dos hebreus", mas não especifica se elas também eram hebreias. Podem ter sido egípcias; afinal de contas, como Faraó poderia esperar que mulheres hebreias assassinassem seu próprio povo? Por outro lado, Faraó governava com punho de ferro, de modo que ninguém teria ousado desobedecê-lo. Além do mais, os nomes Sifrá e Puá são hebraicos, o que torna provável que essas mulheres eram, de fato, israelitas.

Outro questionamento é quanto ao número de parteiras. Se havia tantos israelitas quanto a Bíblia afirma terem existido – centenas de milhares ao todo – como duas parteiras poderiam dar conta de tantos partos? A resposta mais provável era que Sifrá e Puá eram responsáveis por outras parteiras. Hoje nós as chamaríamos de enfermeiras-chefes. Aqui, ajuda saber que o governo egípcio, que havia estabelecido um controle organizacional rígido sobre a sociedade egípcia, empregava supervisores que controlavam quase todas as profissões e habilidades – um sistema semelhante às guildas da Europa medieval.14

Outros estudiosos se perguntam por que Faraó ordenou às parteiras que elas matassem os meninos, e não as meninas. Se ele quisesse que os hebreus deixassem de ter bebês, não teria feito mais sentido matar as meninas? Mas lembre-se de que Faraó temia principalmente que os israelitas se transformassem numa ameaça militar. O objetivo do seu genocídio seletivo era impedir que seus inimigos criassem jovens guerreiros. Por isso, ordenou que Sifrá e Puá cometessem infanticídio. Enquanto a mãe ainda se recuperava do parto, as parteiras deveriam examinar rapidamente o bebê e, caso fosse um menino, matá-lo.

Quando o Faraó emitiu essa ordem de execução, ele se tornou inimigo da vida.

Ele estava emitindo uma contraordem à ordem da criação em que Deus disse ao seu povo: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra” (Gn 1.28). Faraó também se tornou um anticristo ao opor-se ao plano especial de Deus de enviar um salvador. A partir do dia exato em que Adão e Eva cometeram seu primeiro pecado, Deus sempre prometera enviar ao seu povo alguém que o salvasse dos seus pecados – o fruto de uma mulher, um filho para esmagar a cabeça de Satanás (Gn 3.15). O povo de Deus confiava nessa promessa, esperando a vinda de Cristo. Sabendo disso ou não, Faraó era a “semente da serpente” que, segundo a promessa de Deus, seria esmagada pelo calcanhar da semente da mulher. Ao tentar impedir que o Salvador se fizesse homem, Faraó tornou-se um anticristo.

A tentativa de Faraó de exterminar os filhos de Israel antecipou todos os anticristos da História. Sempre que houver algum reino de terror ou uma cultura da morte, Satanás está tentando destruir a obra de Deus. Os chavões mudam, mas o pecado permanece o mesmo. Seja Adolf Hitler com sua “solução final” para eliminar os judeus, ou a China comunista com sua política de “uma família, um filho” ou o movimento “pró-escolha” no Ocidente, a oposição à vida é sempre ódio de Deus.

Há aqui também uma analogia à vida da alma. Faraó tinha duas estratégias para impedir que o povo de Deus crescesse: escravidão e morte. Essas são as mesmas armas que Satanás usa quando tenta destruir um ser humano. Primeiro o pecado leva à escravidão, pois Jesus disse: “Todo o que comete pecado é escravo do pecado” (Jo 8.34). Depois, uma vez que estamos escravizados, o pecado leva à morte: “Porque o salário do pecado é a morte” (Rm 6.23). Aquilo de que nós precisamos é exatamente aquilo de que os israelitas precisavam: um Salvador para nos libertar da escravidão e para resgatar-nos da morte por meio da destruição do nosso inimigo. Assim como Deus forneceu um salvador para Israel (Moisés), ele forneceu um Salvador também para nós (Jesus). Onde antes havia apenas escravidão e morte, Jesus traz agora liberdade e vida. Nas palavras do apóstolo Paulo: “Vejo, nos meus membros, outra lei [...] me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros. Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 7.23-25a).

A resistência pró-vida

Não é fácil colocar-se contra Satanás, ou mesmo contra um dos seus lacaios como Faraó. É por isso que Sifrá e Puá são duas das grandes mulheres da Bíblia. Sifrá significa algo como “a bela”, enquanto Puá significa “esplêndida”. Ambas fizeram jus aos seus nomes.

Sifrá e Puá eram esplêndidas e lindas em vários sentidos. Elas tinham um chamado nobre. Como parteiras, elas haviam dedicado suas vidas à assistência médica. As muitas mulheres santas que, ao longo da história, dedicaram-se à medicina são filhas de Sifrá e Puá. Essas parteiras devem ter ajudado a muitas mães com seus bebês a sobreviverem a partos angustiantes. Sem dúvida alguma, elas também haviam consolado muitas mulheres após a morte de seus filhos recém-nascidos.

A última coisa que uma mulher como Sifrá ou Puá faria seria matar uma vida inocente. Essas parteiras compreendiam a mente e o coração de Deus. Apesar de ainda não terem recebido os Dez Mandamentos, elas sabiam que não deveriam cometer homicídio. Talvez conhecessem as palavras de Deus a Noé: “Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu; porque Deus fez o homem segundo a sua imagem” (Gn 9.6).

Em todo caso, Sifrá e Puá sabiam que Deus é o Senhor da vida. Assim, elas “não fizeram como lhes ordenara o rei do Egito; antes, deixaram viver os meninos” (1.17).

Esse foi um ato de desobediência civil. O Faraó deu às parteiras uma ordem direta, e elas não a cumpriram. Mas isso é o que as pessoas de Deus sempre fazem quando as leis do homem contradizem as leis de Deus. Nossa primeira lealdade pertence a Deus, e como disseram Pedro e os outros apóstolos: “Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens” (At 5.29). Há momentos em que os cristãos têm não só o direito, mas a responsabilidade de resistir. De certo modo, esse ato de desobediência civil foi o início de uma revolução, o começo de uma revolta de escravos que, no fim, tirou Israel do Egito.

Ao se recusarem a seguir as ordens de Faraó, Sifrá e Puá se tornaram as primeiras heroínas em defesa da vida. A razão pela qual essas mulheres tiveram a coragem de fazer uma coisa tão esplêndida e linda é que elas temiam mais a Deus do que a Faraó. Faraó era o homem mais poderoso do mundo. Com um simples gesto de sua mão, ele poderia ter ordenado a execução delas. Mas Sifrá e Puá ousaram arriscar suas vidas porque elas “temeram a Deus” (1.17).

Compreenderam que obedecer a Deus é sempre a coisa mais segura. Estavam agindo de acordo com a ordem de Cristo, que disse: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma” (Mt 10.28).

Faraó, que não estava acostumado com pessoas desafiando suas ordens, convocou as parteiras para acusá-las de insubordinação. Ele lhes perguntou: “Por que fizestes isso e deixastes viver os meninos?” (1.18). O que é estranho na formulação da acusação de Faraó é que as parteiras não haviam feito nada. Cassuto escreve que, “na verdade, elas não fizeram nada, pelo contrário, elas se recusaram a agir; mas o déspota ímpio coloca isso assim: aquele que se recusa a obedecer-lhe age, por assim dizer, contra ele”.15

A acusação de Faraó deixou Sifrá e Puá numa situação difícil. Se elas lhe dissessem a verdade, sem dúvida alguma seriam mortas. Mas elas também sabiam que dar testemunho falso não era correto. Esse é o tipo de dilema que o povo de Deus enfrenta às vezes num mundo ímpio, quando nenhuma opção parece estar livre de pecado. Observe o que essas mulheres decidiram responder: “É que as mulheres hebreias não são como as egípcias; são vigorosas e, antes que lhes chegue a parteira, já deram à luz os seus filhos” (1.19). Elas deram a entender que, quando as parteiras chegavam, a família já havia recebido o bebê e não havia mais como matá-lo secretamente.

Muita tinta já foi gasta com esses versículos, e muitos bons comentaristas têm acusado as parteiras por contarem uma mentira. No seu tratado sobre a mentira (De mendacio), Agostinho concluiu que as parteiras eram culpadas de mentira. “Gregório também argumenta que a mentira das parteiras era repreensível e transformou sua verdadeira recompensa de vida eterna numa mera recompensa terrena [...] Calvino argumentou no seu comentário que a mentira das parteiras era repreensível e desagradável a Deus. No entanto, já que nenhuma ação é livre de pecado, Deus recompensou as boas obras delas, apesar de misturadas com impureza.”16

Uma resposta menos crítica é apresentada por J. B. Lightfoot, o perspicaz comentarista bíblico inglês do século 19, que descreveu as palavras das parteiras hebreias “não como mentira, mas como gloriosa confissão de sua fé”.17 A mentira delas – se é que podemos considerá-la uma mentira – era uma mentira tão descarada que elas dificilmente poderiam ser acusadas da tentativa de enganar alguém. Imagine: se aquilo que Sifrá e Puá estavam dizendo era literalmente verdadeiro, por que, então, os hebreus precisariam de parteiras?

Essa é uma das passagens em que a interpretação da Bíblia exige certo senso de humor. Escondendo sua risada, as parteiras estavam debochando de Faraó ao sugerir que os hebreus eram mais resistentes do que os egípcios. O que disseram era mais uma piada do que uma mentira. Assim, zombaram de Faró e o enganaram ao mesmo tempo.

Um paralelo interessante à resposta das parteiras hebreias vem da aldeia de Le Chambon, onde cinco mil protestantes reformados franceses resgataram cerca de cinco mil judeus do terror dos nazistas. É dito que, durante a Segunda Guerra Mundial, Le Chambon era o lugar mais seguro para um judeu em toda a Europa. Os corajosos cristãos de Le Chambon, que arriscaram suas vidas, enfrentaram muitos dilemas éticos. Certa vez, o chefe da polícia de Vichy interrogou o líder do grupo de resistência, o pastor André Trocmé. “Pastor”, ele disse, “conhecemos todos os detalhes das atividades suspeitas às quais o senhor se dedica. O senhor está escondendo nesta comuna determinado número de judeus, cujos nomes me são conhecidos [...] Portanto, o senhor me dará a lista dos nomes dessas pessoas e seus endereços”. Trocmé respondeu que não conhecia o nome de nenhuma dessas pessoas. No sentido restrito, ele estava dizendo a verdade, pois todos os judeus haviam recebido cédulas de identidade falsas. Apesar de isso parecer o único caminho de salvar vidas, Trocmé e outros lamentaram o que aparentava ser uma perda da honestidade normal deles. Em outra ocasião, um tenente nazista exigiu saber onde os refugiados judeus estavam se escondendo. “Judeus?”, perguntaram os habitantes de Le Chambon, como que surpresos. “O que um judeu estaria fazendo aqui? Ei, você aí, você viu algum judeu por aqui? Dizem que eles têm narizes tortos.”18 Com certeza esse tipo de resposta exigia algum elemento de enganação, mas se parecia mais com um chiste.

Mas e se Sifrá e Puá realmente contaram uma mentira? Nesse caso, teria sido melhor terem ficado caladas, afinal “os lábios mentirosos são abomináveis ao Senhor” (Pv 12.22). No entanto, essa mentira foi contada para proteger vidas inocentes de um homem que não tinha direito à verdade. Sim, elas deram falso testemunho, mas dificilmente o fizeram contra seu próximo. Göran Larsson conclui que “Sifrá e Puá estavam mentindo a Faraó no versículo 19. Mas elas fizeram isso em prol da vida e do amor. Ao fazê-lo, salvaram muitas vidas humanas, e talvez tenham salvado até mesmo aquele que estava destinado a se tornar o salvador de Israel”.19

Qualquer que seja a conclusão ética a qual chegarmos em relação a esse ato de

“desobediência criativa”, a resposta das parteiras satisfez Faraó (a quem, pelo menos nessa ocasião, parece que estava com uns tijolos a menos em sua pirâmide). Mas o que era mais importante ainda era que o que fizeram agradou a Deus. A melhor maneira de descobrir numa história se alguém fez a coisa certa é ver o que acontece com ele. Nesse caso, Sifrá e Puá receberam a justa recompensa pela obediência à sua fé: “E Deus fez bem às parteiras; e o povo aumentou e se tornou muito forte. E, porque as parteiras temeram a Deus, ele lhes constituiu família” (1.20-21).

Com a bênção de Deus, a tentativa de Faraó de controlar a população acabou deixando os israelitas ainda mais numerosos. Mais uma vez, ele foi derrotado, dessa vez por duas mulheres engenhosas. E Deus abençoou Sifrá e Puá dando-lhes suas próprias famílias. A Bíblia não diz se isso ocorreu por meio de casamento, parto ou adoção, mas prova como é melhor obedecer a Deus do que temer seres humanos.

Um exemplo poderoso do significado do temor a Deus por um cristão vem da vida de uma mulher chamada Mayen Anyang da tribo dos dinkas no Sudão. E é assim que ela conta a sua história:

Eu estava no mercado em Abin Dau com minha família, incluindo nossos cinco filhos, quando os invasores chegaram. Fomos todos levados cativos. Eu estava amarrada a uma corrente pelos pulsos juntamente com outros prisioneiros. A jornada para o norte foi muito dura. Tivemos de caminhar direto durante dois dias. Recebemos pouquíssima comida, e eu e meus filhos sofremos violência física. Uma cicatriz em meu pulso mostra onde eu estava amarrada. No fim da minha jornada, fui separada da minha família e levada para um acampamento em Shetep. Os administradores do acampamento me pressionaram constantemente para que eu me convertesse ao Islã. Umas duas vezes ao dia eles me diziam que todos nós deveríamos nos tornar muçulmanos para que pudéssemos viver juntos como irmãos, mas se não nos convertêssemos, todos nós morreríamos. Em várias ocasiões, isso foi acompanhado de chicotadas. Recebi golpes severos com varas. O osso superior do meu braço agora está para fora por causa dessas surras. Em outra ocasião, durante a noite, eles vieram de novo e me disseram que eu precisava me converter ao Islã e que bateriam em mim se eu não o fizesse. Não posso mudar minha religião. Sou cristã e estou comprometida com Cristo.20

Essas são as palavras de uma mulher esplêndida e linda. Elas mostram que temer a Deus significa obedecer a ele mesmo quando isso significa perigo e sofrimento. A história de Mayen é um desafio para cada cristão que vive em paz e segurança. Mais cedo ou mais tarde seremos obrigados a assumir uma posição, decidir se tememos a Deus ou às pessoas. Talvez isso aconteça em casa, onde os membros da família são céticos em relação ao nosso cristianismo. Talvez aconteça no trabalho, onde sofremos pressão para mentir, enganar ou furtar. Pode acontecer também na nossa comunidade, onde nossos valores contradizem ao espírito do tempo.

Quando esse tempo vier, o que você dirá? A coisa linda e esplêndida a dizer é: “Eu sou cristão e estou comprometido com Cristo”.

Notas

1 J. B. Pritchard (org.). Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament, terceira edição (Prin-ceton, NJ: Princeton University Press, 1969), p. 470.

2 Umberto Cassuto, A Commentary on the Book of Exodus, Israel Abrahams (trad.) (Jerusalém: Magnes, 1967), p. 12.

3 James K. Hoffmeier, Israel in Egypt (Oxford: Oxford University Press, 1999), p. 87.

4 Göran Larsson, Bound for Freedom: The Book of Exodus in Jewish and Christian Traditions (Peabody, MA: Hendrickson, 1999), p. 9.

5 Donald Grey Barnhouse, The Invisible War (Grand Rapids: Zondervan, 1965), p. 197.

6 Veja Hoffmeier, Israel in Egypt, figura 8.

7 M. Lichtheim, Ancient Egyptian Literature, vol. 2 (Berkeley: University of California Press, 1971–1980), p. 170-71.

8 Charles H. Spurgeon, “Israel’s Cry and God’s Answer”, The Metropolitan Tabernacle Pulpit 45, nº 2631 (Pasadena: Pilgrim, 1977), p. 337.

9 Charles H. Spurgeon, “Prosperity Under Persecution”, The Metropolitan Tabernacle Pulpit 17, no. 997 (Pasadena: Pilgrim, 1971), p. 352-53.

10 Dan G. McCartney, Why Does It Have to Hurt? (Phillipsburg, NJ: P & R, 1998), p. 95.

11 Spurgeon, “Prosperity Under Persecution”, p. 351.

12 McCartney, Why Does It Have to Hurt? p. 95.

13 Spurgeon, “Prosperity Under Persecution”, p. 358.

14 Norman Geisler e Thomas Howe, When Critics Ask: A Popular Handbook on Bible Difficulties (Grand Rapids: Baker, 1992), p. 63.

15 Cassuto, A Commentary on the Book of Exodus, p. 14.

16 Brevard S. Childs, The Book of Exodus: A Critical, Theological Commentary (Louisville: Westmins-ter, 1974), p. 23.

17 John Lightfoot, “A Handful of Gleanings out of the Book of Exodus”, in Works, vol. 2 (Londres, 1822), p. 357.

18 Philip Hallie, Lest Innocent Blood Be Shed (Nova York: Harper & Row, 1979), p. 161.

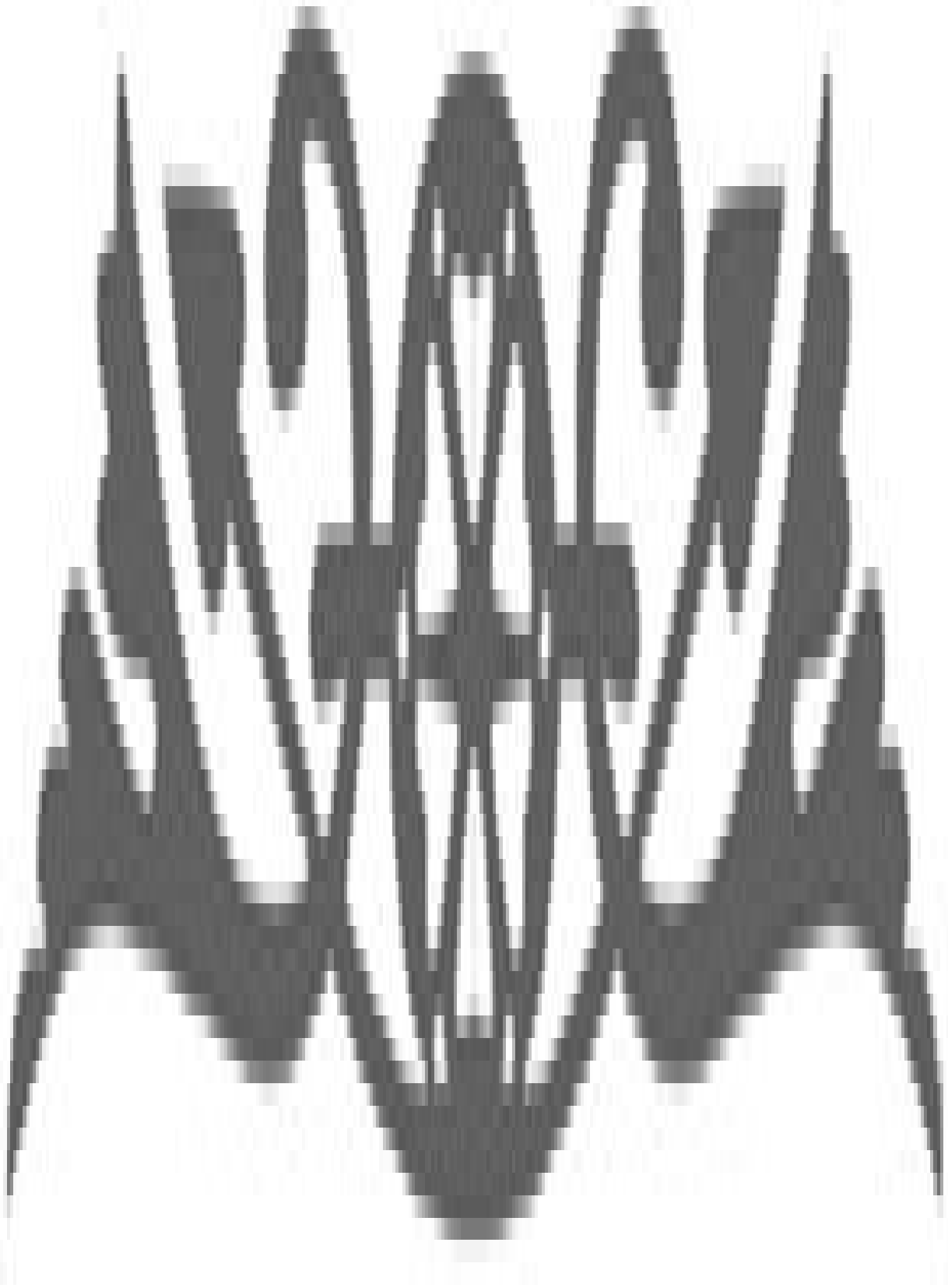
19 Larsson, Bound for Freedom, p. 12.

20 Mayen Anyang, citada em “The Price of a Slave”, Christianity Today (8 de fevereiro de 1999), p. 68.

3

O nascimento de um salvador

Êxodo 1.22–2.10



Situações excepcionais exigem medidas excepcionais. Preocupado com a onda crescente de imigração, Faraó tentou de tudo para impedir que os israelitas inundassem o Egito. Primeiro ele forçou o povo de Deus a tornar-se escravo. “Mas, quanto mais os afligiam, tanto mais se multiplicavam e tanto mais se espalhavam” (1.12). Depois ordenou às parteiras Sifrá e Puá que matassem cada menino hebreu ao nascer. Mas essas duas mulheres esplêndidas desafiaram Faraó, e “o povo aumentou e se tornou muito forte” (1.20).

Pobre Faraó! Parecia que, quanto mais ele tentava enfraquecer os israelitas, mais fortes eles se tornavam. Depois de fracassar com a escravidão e o infaticídio, ele finalmente recorreu ao genocídio: “Então, ordenou Faraó a todo o seu povo, dizendo: A todos os filhos que nascerem aos hebreus lançareis no Nilo, mas a todas as filhas deixareis viver” (1.22).

Uma criança nada comum

Foi durante esses tempos desesperadores que um jovem casal hebreu teve a coragem de se casar e, ao celebrarem o ato unificador do amor entre si, eles produziram um filho: “Foi-se um homem da casa de Levi e casou com uma descendente de Levi. E a mulher concebeu e deu à luz um filho; e, vendo que era formoso, escondeu-o por três meses” (2.1-2).

O que uma mãe faria numa situação assim? Seu bebê era um menino forte e saudável. Mesmo não se conscientizando de que ela havia dado à luz um salvador ou libertador, esse garoto parecia ser especial. Pelo menos para ela, ele parecia ser perfeito, o bebê mais bonito que ela jamais havia visto. Isso tornava ainda mais aterrorizante o fato de ele ter nascido sob uma sentença de morte. A qualquer momento, um egípcio poderia ouvir seu choro, apoderar-se dele e lançá-lo no grande rio. Durante três meses, a mulher viveu em medo constante, apertando seu bebê contra seu seio e sussurrando: “Psst, meu menininho...”.

A essa altura, a Bíblia não menciona o nome da mãe, certamente porque essa história trata em primeiro lugar do seu bebê. Mais tarde, ficaremos sabendo que seu nome era Joquebede e que era casada com Anrão (6.20). Mas aqui ela permanece sem nome, anônima. Era apenas uma mulher comum. A única coisa

extraordinária em relação a ela era que ela vivia pela fé. Em Hebreus 11 – o hall da fama da fé – lemos que “pela fé, Moisés, apenas nascido, foi ocultado por seus pais, durante três meses, porque viram que a criança era formosa; também não ficaram amedrontados pelo decreto do rei” (Hb 11.23). Esse casal corajoso temia a Deus mais do que temia qualquer homem. Estavam determinados a viver pela fé. Mas criar um filho é sempre um ato de fé. É pela fé que marido e esposa oram por um filho, têm relações sexuais e dão à luz. É pela fé que eles educam seus filhos e depois os enviam para o mundo. Crianças não florescem a não ser que sejam criadas pela fé e não pelo medo.

Essa criança em específico foi enviada para o mundo muito antes de sua mãe estar pronta para isso. Mas situações excepcionais exigem medidas excepcionais, e, “não podendo, porém, escondê-lo por mais tempo, tomou um cesto de junco, calafetou-o com betume e piche e, pondo nele o menino, largou-o no carriçal à beira do rio” (2.3). O bebê havia sobrevivido durante três meses sem ser detectado. Mas a pobre mulher não sabia mais o que fazer, seus nervos estavam à flor da pele por causa da tensão constante. O bebê, como todos os bebês, era barulhento, e ela temia que quanto mais ativo ficasse, mais provável seria que ele fosse descoberto.

Antes de soltar seu filho amado num rio cheio de crocodilos, a mãe fez de tudo para protegê-lo. Ela impermeabilizou seu pequeno barco cobrindo-o com piche. Durante todo esse tempo ela deve ter se sentido como uma mãe africana se sentiu ao perder um filho: “Ó filho do meu ventre e fruto do meu desejo, foi um prazer segurar as pequenas bochechas em minhas mãos, foi um prazer sentir o apego dos seus pequenos dedos, foi um prazer sentir a pequena boca sugando meu seio. Esta é a natureza de uma mulher. Esta é a sorte das mulheres, carregar, parir, contemplar e perder”.1

Depois ela fechou a tampa e o soltou no rio. Esse foi outro ato de desobediência criativa. Se Faraó havia decretado que todos os bebês meninos precisavam ser lançados no rio, para o rio ele iria. Mesmo assim, ela teve de agir contra todos os instintos maternos do seu corpo. As ações de Joquebede são descritas de modo a ressaltar sua ternura. Para traduzir o original hebraico de modo mais literal, “ela deitou a criança no [cesto] e a deitou entre os caniços” (2.3). Quando deitou seu bebê com toda a ternura, ela estava colocando também o seu coração naquele cesto. Era o tipo de coisa que uma mãe só podia fazer pela fé, mas ela era uma mulher de fé. Tendo recebido seu filho como dádiva do Senhor, ela o devolveu ao Senhor em fé. Dificilmente ela teria enviado sua filha para observar o cesto se

tivesse esperado que seu filho fosse assassinado. Se isso parecia que ela o estava abandonando, ela o estava apenas abandonando para entregá-lo ao cuidado amoroso de Deus, como todo pai ou mãe fiel deve fazer.

A busca pelo Moisés histórico

Joquebede soltou seu filho porque isso fazia parte do plano de Deus para ajudá-lo a cumprir o seu destino. Essa pequena criança estava destinada a se tornar o salvador de Israel. Seu nascimento nos ensina pelo menos três coisas sobre a salvação, e a primeira é que Deus realiza salvação na história humana.

Aqui precisamos responder à objeção de que Moisés (pois esse seria o nome da criança) nunca existiu. Os estudiosos apresentam essa objeção em parte porque ele não é mencionado em nenhum dos relatos históricos deixados pelos egípcios. Como já vimos, isso não nos surpreende. Há muitas lacunas nos registros egípcios, especialmente quando se trata de derrotas vergonhosas. É importante lembrar também que a própria Bíblia fornece evidências históricas confiáveis. Há muitos tipos diferentes de literatura na Bíblia: lei, poesia, genealogia, evangelho, carta, etc. Mas grande parte do material bíblico, incluindo o livro de Êxodo, é apresentada como História. Quando se trata de Moisés, a Bíblia registra cuidadosamente que ele foi o bisneto de Levi, que foi um dos 12 filhos de Jacó e pai dos sacerdotes de Israel (6.16-20). No tempo devido, Moisés tornou-se o libertador de Israel, o grande profeta que tirou seu povo do Egito. Essas são declarações históricas que a Bíblia apresenta como fatos.

Outra objeção à historicidade de Moisés provém da literatura extrabíblica, em que o filho abandonado que alcança grandeza é um tema popular.2 O exemplo mais famoso é a história de Sargão, rei de Acade, que viveu séculos antes de Israel ir para o Egito:

Sargão, o poderoso rei, rei de Acade, eu sou.

Minha mãe era uma criança trocada, meu pai eu não conheci.

O(s) irmão(s) do meu pai amava(m) as colinas.

Minha cidade é Azupriano, que se encontra às margens do rio Eufrates.

Minha mãe trocada me concebeu, pariu-me às escondidas.

Ela deitou-me num cesto de juncos, com betume selou a minha tampa.

Ela lançou-me no rio que não me cobriu.3

Segundo a lenda, mais tarde Sargão foi resgatado da água por um jardineiro chamado Akki. A existência desse tipo de histórias tem levado alguns estudiosos a concluir que “a busca pelo Moisés histórico é um exercício fútil. Agora ele pertence apenas à lenda”.4 O grande libertador “foi uma criação dos antigos hebreus quando tentaram criar sua própria narrativa épica nacional com base nos contos dos seus vizinhos”.5 Ele era “meramente um personagem num grande romance histórico, a invenção de contadores de histórias”.6

Há várias maneiras de lidar com a alegação de dependência literária. Uma delas é apontar para o fato de que, na verdade, “A lenda de Sargão” foi escrita depois do livro de Êxodo. Embora Sargão tenha vivido de 2371-2316 a.C., os fragmentos do manuscrito que contém a narrativa do seu nascimento provêm do período neoassírio ou neobabilônico (7º ou 6º século a.C.). Talvez a história tenha se originado durante o reinado de Sargão II (721-705 a.C.), que tratava com carinho a memória do seu famoso antecessor. Em todo caso, porém, a história de Sargão só foi escrita muito tempo depois do êxodo.

Vale a pena observar as muitas diferenças entre a história de Moisés e as outras histórias antigas que contêm alguns dos mesmos motivos. A história de Sargão é o paralelo mais próximo, mas até mesmo nesse caso há muitas diferenças significativas. Sargão foi escondido porque era ilegítimo, não porque sua vida estava em perigo. Diferentemente de Sargão, Moisés foi resgatado e criado por seres humanos reais. Além disso, sua história contém uma abundância de detalhes específicos sobre as circunstâncias do seu resgate (quem eram os membros da sua família, como ele foi descoberto, quem o amamentou, etc.). Esses detalhes estão totalmente ausentes na história de Sargão.

Também ajuda saber que abandonar um filho era muito mais comum na Antiguidade do que hoje (especialmente por causa da prevalência atual do aborto). James Hoffmeier conclui que “a razão para o grande número de histórias

de todo o Oriente Próximo e do Mediterrâneo sobre crianças lançadas nas águas é que isso pode refletir a prática antiga de entregar uma criança indesejada, ou uma criança que precisasse de proteção, nas mãos da providência. Um paralelo atual seria deixar um bebê nos degraus de um orfanato ou na porta de uma igreja".7 Em suma: parece-me improvável que os israelitas tenham conhecido a história de Sargão, mas não é impossível que tenham ouvido a história da ascensão à grandeza de alguma criança abandonada. Se esse foi o caso, o que aconteceu a Moisés teria lhes soado familiar, mas isso não gera quaisquer dúvidas relacionadas à história pessoal dele.

Uma boa razão para acreditar no Moisés histórico é seu nome, que soa como o verbo hebraico "tirar, puxar" (m^sh^h). A filha de Faraó parece ter tido algum conhecimento da língua hebraica, pois foi ela quem "lhe chamou Moisés e disse: Porque das águas o tirei" (2.10). No entanto, seu hebraico precisava ser melhorado um pouco, pois Moisés significa literalmente "aquele que tira de". Sem saber, a filha de Faraó deu à criança um nome que apontava para o seu destino. Assim como o próprio Moisés foi tirado da água, ele mais tarde tiraria o povo de Deus do Egito, atravessando o mar. O que é interessante em relação a Moisés em termos históricos é que ele também se encaixa no padrão egípcio de nomes na corte real. O nome hebraico Moisés soa como a palavra egípcia mose, que é derivada do verbo "parir, dar luz à".8 Muitas vezes, os Faraós o combinavam com o nome de um deus, como, por exemplo, no nome Tutmés (ou Tutmósis, que significa "nascido do deus Tot") ou Ramsés ("o deus-sol Rá o deu à luz"). O nome Moisés tem, portanto, uma etimologia dupla que se encaixa no contexto histórico e assim fornece confirmação adicional da presença de Israel no Egito.

Alguns estudiosos dizem que não importa se Moisés existiu ou não; o livro de Êxodo continua sendo uma grande história. Mas faz mais sentido dizer que, se Moisés nunca existiu, o êxodo não importa. Se o livro nada mais é do que um romance histórico, ele pode até oferecer uma leitura interessante, mas não teria o poder sobrenatural de mudar a vida de uma pessoa. O único Deus que merece ser conhecido é um Deus que tem o poder de agir na história humana para realizar a salvação. Se Deus não levantou um homem chamado Moisés para tirar Israel do Egito, como podemos ter certeza de que ele tem o poder de nos libertar da escravidão do pecado ou de nos ressuscitar para a vida eterna? Se nossos problemas fossem de natureza literária, então uma boa história bastaria para resolvê-los. Mas vivemos no tempo e no espaço, e as dificuldades que enfrentamos são as dificuldades do dia a dia: solidão, vício, conflito, tristeza.

Precisamos de um Deus que realmente possa fazer algo para nos ajudar. Precisamos de um Deus que aja nos nossos lares e que nos acompanhe no nosso trabalho. Se Deus não salvou Moisés como afirma a Bíblia, sua capacidade de salvar uma pessoa precisa ser questionada.

A solução final de Faraó

A referência aos problemas que enfrentamos no dia a dia nos leva à segunda lição: na salvação, Deus triunfa sobre o mal. Faraó era um homem mau, que odiava os planos e as promessas de Deus, e por odiar a Deus, ele desprezava o povo de Deus. Assim, os israelitas viviam em terror desse anticristo antivida, do terrorista que tentava matar seus filhos.

A tentativa de Faraó de aniquilar os israelitas nos permite vislumbrar o poder do mal, que nunca se satisfaz, mas sempre deseja mais. Toda vez que os planos de Faraó eram frustrados, ele maquinava um esquema ainda mais amplo e mais mortal na sua execução. O plano A era açoitar os israelitas em submissão com a vara da escravidão. O plano B foi matar os filhos deles em segredo (é possível que Faraó tenha acreditado que as meninas hebreias seriam assimiladas pela miscigenação com os egípcios). Quando ambos seus planos falharam, o plano C foi a morte por afogamento no Nilo. Com essa solução genocida final, a depravação assassina de Faraó se evidenciou publicamente. Ele não pararia antes de envolver todo o Egito nos seus crimes contra a humanidade. É assim que o mal se espalha, a não ser que seja barrado. Aquilo que, inicialmente, um homem ousa fazer apenas entre suas quatro paredes, aos poucos ele passa a praticar em público sem vergonha, com o resultado de que muitas outras pessoas são arrastadas para o abismo do mal.

Esse padrão repetiu-se muitas vezes na triste história da humanidade. No seu comentário sobre o livro de Êxodo, Göran Larsson faz uma comparação entre o genocídio de Faraó e o holocausto de Hitler: “A intensificação gradual na Alemanha nazista da propaganda de ódio para o boicote comercial, do banimento dos judeus de certas profissões, os passos em direção à segregação racial, a violência aberta da Kristallnach, os guetos, os campos de trabalho forçado e, finalmente, Auschwitz e a chamada solução final são certamente únicos em suas dimensões abomináveis. No entanto, o padrão básico pode ser reconhecido no drama trágico encenado três mil anos antes”.9

A mesma tragédia está sendo reencenada na luta entre vida e morte no nosso próprio tempo. A princípio, o ultraje moral do aborto estava limitado aos médicos que operavam em segredo. Depois, ele recebeu a sanção da Corte Suprema dos Estados Unidos, e clínicas da morte surgiram em cada cidade dos Estados Unidos. No início, a eutanásia era praticada apenas secretamente por profissionais da área de saúde, que aplicavam uma droga mortal. Agora, o chamado direito de morrer aparece em cédulas de votação em eleições estaduais, e pelo menos em um caso, uma vítima foi morta ao vivo num canal de televisão. Em breve, a eutanásia voluntária se transformará em eutanásia involuntária, e outra pessoa determinará se nossa vida vale ou não ser vivida. Não estou sendo alarmista quando digo que, a não ser que essa cultura da morte seja barrada, ela continuará a crescer e se propagar indefinidamente, pois esse é o caminho de toda impiedade.

É por isso que precisamos que Deus seja nosso Salvador, pois na salvação Deus nos liberta do mal. No momento mais terrível do cativeiro de Israel – quando o mal corria solto e o tirano parecia triunfar –, naquele momento Deus estava agindo na História para salvar o seu povo. Seu plano exigia que uma pequena criança nascesse em secreto e flutuasse rio abaixo até os degraus do palácio do Faraó. Em seu triunfo sobre o mal, Deus manifesta seu senso de humor divino. Peter Enns comenta: “Ironicamente, essa criança, fadada à morte pelo decreto de Faraó, irá tornar-se o instrumento de destruição do próprio Faraó e por meio da qual todo o Israel escapará não só do decreto de Faraó, mas do próprio Egito”.10 Mais uma vez, o Faraó foi enganado. Mais tarde, quando ele refletiu sobre o triunfo de Deus sobre o mal do Faraó, Moisés poderia ter citado seu tio-bisavô José: “Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida” (Gn 50.20).

Há um símbolo poderoso do fracasso de Faraó em Luxor, onde uma estátua enorme de Ramsés, o Grande, caiu e agora está com seu rosto esmagado no chão.11 Ramsés pode ter sido ou não o Faraó do êxodo; independentemente disso, sua estátua quebrada é um monumento à futilidade dos Faraós. Sem limites e inférteis, as areias solitárias se estendem para além do horizonte vazio.

A salvação pertence ao nosso Deus

A razão pela qual o Faraó foi esmagado é que Deus o derrubou. Apesar do fato de esse rei não ser mencionado com seu nome, Deus estava operando em cada detalhe que cercava o nascimento de um salvador. Veja os fatos: Moisés “é poupado ao ser lançado no mesmo Nilo que deveria afogá-lo, é tratado com carinho maternal pela filha do mesmo rei que o havia condenado e para os descendentes do qual ele iria tornar-se uma nêmesis e é entregue como responsabilidade paga justamente àquela mulher que mais desejava o melhor para ele, sua mãe”.12 Quem além de Deus seria capaz de realizar tamanha salvação? As impressões digitais divinas estão por toda parte nessa narrativa. Assim, a terceira coisa que aprendemos sobre a salvação é que ela é a obra de Deus do início ao fim.

Deus estava agindo no nascimento desse salvador. Foi Deus quem formou a criança no ventre da mãe e o trouxe com segurança ao mundo. O nascimento de Moisés era um lembrete do poder criativo de Deus. A Bíblia chama nossa atenção para isso quando diz que sua mãe viu “que era formoso” (2.2). Isso é um eco da história da criação, quando Deus viu que tudo que havia feito era “muito bom” (Gn 1.31). Essa realmente não era uma criança comum (veja At 7.20; Hb 11.23).

Deus estava operando no cesto do bebê. Em algum momento da História, todo o plano de Deus para triunfar sobre o mal estava descendo pelo rio Nilo num pequeno cesto de papiro. Enquanto era comum colocar um bebê nesse tipo de berço, era incomum – e nada seguro – transformar o cesto num barco. Sua mãe o tornou o mais seguro possível, é claro, mas no fim das contas foi Deus quem protegeu a preciosa carga de redenção. Por mais assustadora que a experiência tenha sido para o pequeno Moisés, que estava chorando quando o encontraram, ele nunca esteve mais seguro do que naquele cesto. Deus estava bem ali realizando a sua salvação.

A Bíblia chama atenção para a obra salvadora de Deus ao chamar o cesto literalmente de “arca” (T#Bh^). O único outro texto em que a Bíblia usa esse termo hebraico é na história de Noé (Gn 6.14–9.18). Isso é uma indicação de que Deus salvou Moisés praticamente da mesma maneira como salvara Noé. Cassuto escreve: “Isso certamente não é uma mera coincidência. Por meio desse paralelismo verbal, as Escrituras parecem querer chamar a atenção para a analogia temática. Em ambos os casos, uma pessoa digna de ser salva e destinada a trazer salvação para outros é resgatada da morte por afogamento. Na primeira seção, trata-se da salvação da humanidade. Aqui, trata-se da salvação

do povo eleito”.13 Tanto Noé quanto Moisés atravessaram as águas mortais a bordo de uma arca, o barco da salvação. Eles foram batizados, por assim dizer, na mesma água em que outros pereceram.

Deus também estava operando na vida da filha de Faraó. Na providência de Deus, ela desceu para o rio no momento certo e no lugar certo para descobrir Moisés: “Desceu a filha de Faraó para se banhar no rio, e as suas donzelas passeavam pela beira do rio; vendo ela o cesto no carriçal, enviou a sua criada e o tomou” (2.5). Esse foi um momento perigoso. A despeito das melhores intenções de Joquebede, seu bebê parecia correr perigo. Afinal de contas, os egípcios haviam recebido a ordem de afogar os bebês hebreus, e essa mulher era a filha do próprio Faraó. Com suspense crescente, lemos: “Abrindo-o, viu a criança; e eis que o menino chorava. Teve compaixão dele e disse: Este é menino dos hebreus” (v. 6). No momento em que olhou para dentro do cesto, a curiosidade da jovem mulher se transformou em compaixão. Ou por causa das circunstâncias em torno da descoberta do bebê ou porque ele era circuncidado, a filha do Faraó entendeu que ele era um escravo hebreu. E em violação direta das ordens de seu pai, ela decidiu adotá-lo como seu próprio filho.

A compaixão dessa mulher egípcia é um lembrete de que o êxodo não foi apenas para os judeus; em última análise, ele aconteceu para a salvação do mundo inteiro, incluindo os egípcios. Quando os israelitas finalmente fizeram seu êxodo do Egito, “subiu também com eles um misto de gente” (12.38). É muito provável que pelo menos algumas dessas pessoas eram egípcias. Isso não surpreende, pois Deus sempre planejara salvar pessoas de cada tribo, cada língua e cada nação. Mais tarde, o profeta Isaías prometeu que o Senhor “se dará a conhecer ao Egito” (Is 19.21) e que, um dia, Deus dirá: “Bendito seja o Egito, meu povo” (Is 19.25). Essa promessa se cumpriu no dia de Pentecostes, quando os egípcios ouviram pela primeira vez a boa notícia da salvação em Jesus Cristo na sua própria língua (At 2.10). Desde então, eles vêm encontrando salvação em Cristo. Cristãos no mundo inteiro podem unir-se aos seus irmãos e irmãs egípcios dando graças a Deus pela filha do Faraó, uma boa mulher gentia que fez parte do plano salvador de Deus.

Deus também estava agindo por meio da irmã de Moisés, cujo nome era, evidentemente, Miriã (veja 15.20). A mãe da menina havia dado instruções estritas de não perder seu pequeno irmão de vista, por isso “ficou de longe, para observar o que lhe haveria de suceder” (2.4). Isso acabou sendo a aventura de uma babá, pois o que aconteceu a ela era o pior pesadelo de qualquer babá: a

criança sob seus cuidados foi sequestrada. Mas Miriã era uma menina corajosa e esperta, e ela estava determinada a salvar seu pequeno irmão. Lá estava ela, na areia do rio, com o coração na garganta e respiração presa, esperando para ver o que os egípcios fariam. Quando percebeu que não havia um momento a perder, ela correu e "disse sua irmã à filha de Faraó: Queres que eu vá chamar uma das hebreias que sirva de ama e te crie a criança? Respondeu-lhe a filha de Faraó: Vai" (v. 7-8a). Miriã tinha uma pessoa especial em mente, alguém que ela desejava muito sugerir. "Saiu, pois, a moça e chamou a mãe do menino" (v. 8b).

Deus estava operando também por meio da mãe de Moisés. (Com todas essas mulheres contra ele, talvez Faraó devesse ter se preocupado tanto com as meninas hebreias quanto se preocupou com os meninos hebreus.) "Então, lhe disse a filha de Faraó: Leva este menino e cria-mo; pagar-te-ei o teu salário" (v. 9). Podemos apenas imaginar a alegria que Joquebede sentiu ao receber seu próprio filho de volta em seus braços. Imagine receber um salário para criar seu próprio filho amado, e tudo isso à custa de Faraó. Joquebede aprendeu que, na salvação, Deus satisfaz os anseios mais profundos das pessoas que ele pretende salvar. Você crê nisso? Você crê que Deus está fazendo o que é melhor – não só para o seu povo em geral, mas para você pessoalmente?

Deus fez o que era melhor para Moisés e também para a sua mãe. Miriã fez com que tudo parecesse como se estivesse fazendo um favor à filha do Faraó encontrando uma ama para ela, mas na verdade era para o benefício de Moisés. Tudo fazia parte do plano de Deus para preparar essa criança para salvar seu povo. Seus primeiros anos – os anos que formaram sua identidade pessoal – foram passados com sua própria família entre o povo de Deus. Moisés teve a oportunidade de criar vínculos com sua mãe e receber instrução espiritual básica dela. Tinha ela apenas dois ou três anos para ensinar-lhe as lições mais importantes da vida. Parece não ter sido tempo o suficiente, mas sem dúvida alguma ela orou para que, quando seu filho se tornasse homem, ele amaria o povo de Deus, ouviria a voz de Deus e responderia ao chamado de Deus. Suas orações foram atendidas, pois Moisés nunca se esqueceu das lições que aprendeu sentado nos joelhos da mãe. Ele foi a prova viva daquilo que diz o provérbio: "Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele" (Pv 22.6).

Moisés sempre seria o filho de Joquebede, mas quando foi desmamado, ele foi adotado no lar de Faraó. Deus estava operando também aqui: "Sendo o menino já grande, ela o trouxe à filha de Faraó, da qual passou ele a ser filho" (2.10a).

Moisés cresceu não como escravo, mas como filho, na segurança da corte do Faraó. Lá ele “foi educado em toda a ciência dos egípcios” (At 7.22). Esse era o melhor treinamento que o mundo tinha a oferecer na época – uma educação secular de primeira categoria. Sabemos que, a partir do tempo de Tutmés III (meados do século 15 a.C.) era comum que príncipes estrangeiros fossem criados e educados na corte egípcia. Eram chamados “filhos do berçário”, e como filho do berçário, Moisés foi treinado em linguística, matemática, astronomia, arquitetura, música, medicina, direito e na arte da diplomacia.14 Em outras palavras, ele estava sendo treinado para a derrubada de Faraó na presença do próprio Faraó. Com esse tipo de pano de fundo, não surpreende que ele veio a ser “mui famoso na terra do Egito, aos olhos dos oficiais de Faraó e aos olhos do povo” (11.3). Havia um propósito divino na educação de Moisés, pois Deus o estava preparando para tirar seu povo do Egito.

“Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8.28). E o nascimento de Moisés é um exemplo perfeito de Deus realizar a salvação até o mínimo detalhe. Mais de mil anos depois, quando Estêvão relatou a história da salvação perante o Sinédrio, ele incluiu esses detalhes:

Como, porém, se aproximasse o tempo da promessa que Deus jurou a Abraão, o povo cresceu e se multiplicou no Egito, até que se levantou ali outro rei, que não conhecia a José. Este outro rei tratou com astúcia a nossa raça e torturou os nossos pais, a ponto de forçá-los a enjeitar seus filhos, para que não sobrevivessem. Por esse tempo, nasceu Moisés, que era formoso aos olhos de Deus. Por três meses, foi ele mantido na casa de seu pai; quando foi exposto, a filha de Faraó o recolheu e criou como seu próprio filho. E Moisés foi educado em toda a ciência dos egípcios e era poderoso em palavras e obras. (At 7.17-22)

Nenhuma dessas coisas poderia ter acontecido se Deus não tivesse invalidado o decreto mortal do Faraó. Mas todas essas coisas aconteceram segundo a providência de Deus a fim de realizar seu plano de salvação. Deus salvou o menino Moisés para que ele pudesse salvar seus filhos, os israelitas. Do início ao fim, a salvação pertence a Deus.

O nascimento do Salvador

A história do bebê Moisés no cesto é uma história maravilhosa sobre como Deus opera na História para triunfar sobre o mal, mas essa não é toda a história. Moisés foi um salvador, mas ele não era o Salvador. Muito tempo depois do êxodo, os israelitas ainda esperavam pelo nascimento de outro Salvador, um Salvador do qual Moisés havia sido apenas um protótipo. Percebemos seu anseio no final de Deuteronômio, em que lemos que

Nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, com quem o

Senhor

houvesse tratado face a face, no tocante a todos os sinais e maravilhas que, por mando do

Senhor

, fez na terra do Egito, a Faraó, a todos os seus oficiais e a toda a sua terra; e no tocante a todas as obras de sua poderosa mão e aos grandes e terríveis feitos que operou Moisés à vista de todo o Israel. (Dt 34.10-12)

Então nasceu um bebê em Belém, que era "digno de tanto maior glória do que Moisés" (Hb 3.3). Não era uma criança comum; era o Filho de Deus encarnado. Esse bebê extraordinário nasceu na história humana durante os dias em que César Augusto emitiu um decreto "convocando toda a população do império para recensear-se" (Lc 2.1). Como Moisés, o menino recebeu um nome em conformidade com seu destino. Eles o chamaram Jesus porque ele iria salvar "o seu povo dos pecados deles" (Mt 1.21).

Como Moisés, esse Salvador também nasceu sob uma sentença de morte. Herodes, o Grande, um tirano tão malvado quanto qualquer um dos Faraós, estava determinado a matar o rei recém-nascido. Primeiro, tentou fazê-lo às

escondidas, pedindo aos magos que lhe contassem onde Jesus se encontrava. Quando esse plano mortal falhou, Herodes ordenou abertamente que seus soldados matassem todos os bebês meninos em Belém. Porém, na salvação Deus triunfa sobre o mal; e assim, como Moisés, Jesus foi libertado da morte. Enquanto os outros bebês foram esmagados pelo aparato do Estado, a criança que nascera para nos salvar fugiu para o Egito (Mt 2.1-19). Em todos esses acontecimentos, Deus estava realizando seu plano em todos os seus mínimos detalhes, pois a salvação é sua obra do início ao fim.

O nascimento do Salvador foi apenas o começo. Todo o restante também transcorreu segundo o plano. No tempo devido, a criança foi tirada do Egito e foi para a terra de Israel (Mt 2.21; cf. Êx 4.19). Lá, “Crescia o menino e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele” (Lc 2.40). Ele viveu uma vida perfeita até finalmente sofrer uma morte expiatória. Nessa morte está a nossa salvação, pois a cruz de Cristo é o triunfo último de Deus sobre o mal. Você crê nisso? A salvação que Deus realizou na História se torna nossa salvação quando aceitamos Jesus pela fé. Somos chamados para confiar em Deus da mesma maneira que a mãe desesperada confiou ao colocar seu coração naquele cesto e o confiou ao Deus que salva.

Notas

1 Alan Paton, Cry, the Beloved Country (Nova York: Macmillan, 1987), p. 59.

2 Donald Redford dá mais de trinta exemplos em “The Literary Motif of the Exposed Child”, Numen 14 (1967), p. 209-28.

3 “The Legend of Sargon”, em Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament, James B. Pritchard (org.), segunda edição (Princeton: Princeton University Press, 1955), p. 119.

4 John Van Seters, “Moses”, Encyclopedia of Religion, M. Eliade (org.), vol. 10 (Nova York: Macmillan, 1987), p. 116.

5 David Denby, The New Yorker, citado em National Review (25 de janeiro de 1999), p. 53.

6 Jonathan Kirsch, citado em ibid.

7 James K. Hoffmeier, Israel in Egypt (Oxford: Oxford University Press, 1999), p. 138.

8 Ibid., p. 138-40 defende de modo convincente que o vocabulário da seção

inicial de Êxodo é distintamente egípcio.

9 Göran Larsson, Bound for Freedom: The Book of Exodus in Jewish and Christian Traditions (Peabody, MA: Hendrickson, 1999), p. 11.

10 Peter Enns, Exodus, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2000), p. 62.

11 Larsson, Bound for Freedom, p. 9.

12 John I. Durham, Exodus, Word Biblical Commentary (Waco, TX: Word, 1987), p. 17.

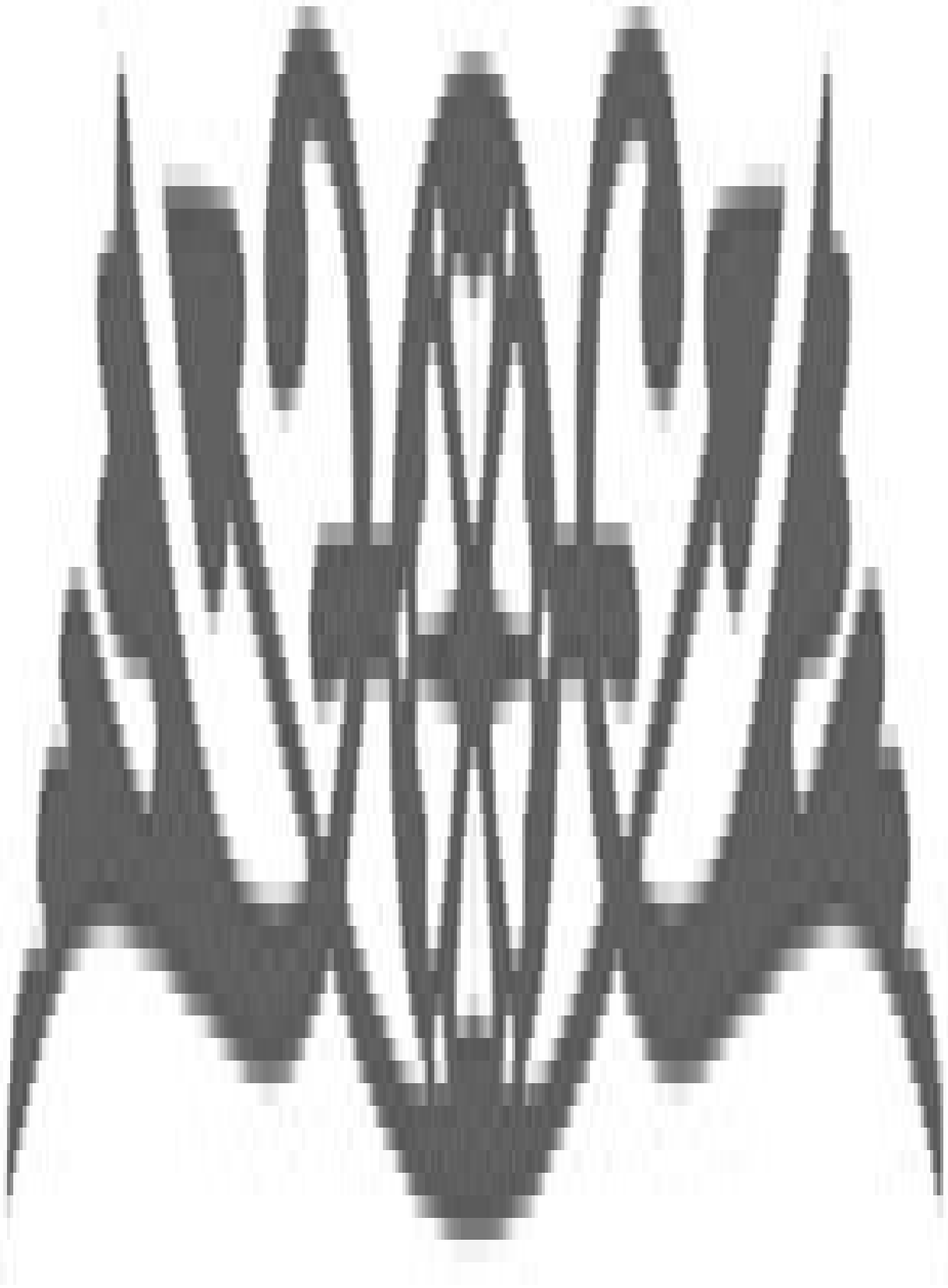
13 Umberto Cassuto, A Commentary on the Book of Exodus, trad. Israel Abrahams (Jerusalém: Magnes, 1967), p. 18-19.

14 Hoffmeier, Israel in Egypt, p. 142-43.

4

Moisés parte para a ação

Êxodo 2.11-15



Alguma vez você já quis matar alguém? Sério, alguma vez você já esteve com tanta raiva que a única coisa capaz de esfriar seu sangue parecia ser colocar suas mãos em outro ser humano e tirar a vida dele? Ou alguma vez você já testemunhou um ato de tamanha injustiça de modo que a violência parecia ser a única resposta possível?

Se sua resposta for sim, você poderá entender o que levou Moisés a cometer um homicídio. “Naqueles dias, sendo Moisés já homem, saiu a seus irmãos e viu os seus labores penosos; e viu que certo egípcio espancava um hebreu, um do seu povo. Olhou de um e de outro lado, e, vendo que não havia ali ninguém, matou o egípcio, e o escondeu na areia” (2.11-12). Moisés ficou tão enfurecido que elevou a sua raiva ao enésimo grau, golpeando o capataz até a morte, derramando seu sangue na areia e então enterrando seu corpo numa sepultura rasa.

Em defesa de Moisés

Moisés nunca foi julgado, mas se tivesse sido levado perante um tribunal, a defesa poderia não ter sido muito difícil. Para começar, o que ele fez não foi premeditado; foi meramente um crime passional, se realmente foi um crime. Além do mais, do ponto de vista da lei egípcia, é provável que Moisés tivesse agido dentro dos seus direitos. Como um príncipe do Egito, ele detinha o poder da espada, e é improvável que um membro da corte de Faraó teria sido condenado simplesmente por matar um capataz. O veredito hebraico teria sido ainda mais favorável a Moisés, pois, no que dizia respeito aos israelitas, Moisés era um patriota.

Moisés também poderia ter sido defendido com base no antigo princípio jurídico da lex talionis, da “lei da retaliação”. A lex talionis está registrada, entre outros textos, em 21.23-25: “Mas, se houver dano grave, então, darás vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferimento por ferimento, golpe por golpe”. Nesse caso, poderíamos argumentar que o egípcio recebeu exatamente o que merecia. A língua hebraica não diferencia com grande precisão entre golpear e matar; o verbo n^K^h refere-se a ambos. Assim, a palavra usada para descrever o que o egípcio fez com o

hebreu e o que Moisés fez com o egípcio é exatamente a mesma. Isso sugere que o capataz pretendia surrar seu escravo até a morte. Se esse foi o caso, poderíamos argumentar que Moisés fez o necessário para salvar uma vida. Talvez nem tivesse pretendido matar o homem. Seja como for, foi simplesmente um caso de retaliação – olho por olho, ferimento por ferimento.

Ou considere esta outra possível linha de defesa. Talvez o ato de Moisés tenha representado um homicídio justificável, um ato de justiça divinamente sancionado contra os inimigos de Deus. Alguns comentaristas o veem não "como ato de vingança ou zelo irrefletido, mas como execução proléptica da justiça divina contra o Egito".1 João Calvino, por exemplo, argumentou que Moisés "estava armado pela ordem de Deus, e, consciente da sua vocação legítima, de maneira correta e sensata assumiu esse caráter que Deus lhe atribuíra".2 Estêvão, o mártir, pareceu sugerir essa interpretação no seu sermão perante o sinédrio: "Quando completou quarenta anos, veio-lhe a ideia de visitar seus irmãos, os filhos de Israel. Vendo um homem tratado injustamente, tomou-lhe a defesa e vingou o oprimido, matando o egípcio" (At 7.23-24).

De um modo ou de outro, uma equipe de especialistas em direito poderia ter encontrado uma estratégia vitoriosa para a defesa de Moisés. De fato, muitos comentaristas cristãos, desde Tertuliano até Tomás de Aquino, procuraram isentar Moisés da acusação de assassinato.3 Mas isso não muda o fato de que o que ele fez foi errado. Foi errado porque era desnecessário. Moisés poderia ter protegido o escravo sem matar o capataz. Foi errado porque não cabia a Moisés fazê-lo – representou um abuso de poder. Ele ainda era uma pessoa privada e não um oficial do Estado na função de administrar justiça solene. Em vez de nomear-se a si mesmo juiz, jurado e carrasco, ele deveria ter agido dentro do sistema. Foi errado também porque não era a vontade de Deus. Deus ainda não havia chamado Moisés para tirar seu povo do Egito. E foi errado porque não era como Deus operaria. Deus não havia ordenado a Moisés que declarasse guerra contra o opressor, como se ele fosse capaz de liberar Israel enfrentando um egípcio por vez. Mais tarde, Deus esmagaria os egípcios pessoalmente, mas isso era problema dele, e o tempo não havia chegado ainda.

O que Moisés fez foi errado por muitas razões. Foi errado porque assassinato é sempre errado, e Moisés sabia disso. Foi por isso que ele tentou assegurar que não fosse pego, olhando "de um e de outro lado" antes de cometer o crime e livrando-se cautelosamente das evidências após o ato. A lei com a qual mais tarde ele desceria da montanha já estava inscrita na sua consciência: "Não

matarás” (20.13).

Há algumas situações em que matar alguém não é assassinato. Uma delas é a autodefesa contra um inimigo armado com a intenção de matar. Outra é a pena de morte, quando aplicada com justiça pelas autoridades legítimas de um Estado soberano. Outro exemplo é matar combatentes militares numa guerra justa. O Catecismo Maior de Westminster resume isso dizendo: “Os pecados proibidos no Sexto Mandamento (“Não matarás”) são: tirar a nossa vida ou a de outrem, exceto no caso de justiça pública, guerra legítima ou defesa necessária” (resposta à pergunta 136).

Portanto, as situações em que é permitido matar são definidas de modo restrito, e nunca temos a liberdade para fazer justiça por nossas próprias mãos. Há uma cena sangrenta na versão cinematográfica de O refúgio secreto que ilustra o perigo de responder à violência com violência. O filme mostra como duas cristãs holandesas – Corrie ten Boom e sua irmã Betsie – são levadas para um campo de concentração nazista em Ravensbrück, onde ficaram presas por terem abrigado judeus na casa delas. Certo dia, quando Betsie foi brutalmente atacada por um dos guardas por não ter cumprido sua cota de trabalho, Corrie se imaginou pegando uma picareta e golpeando o nazista até a morte. A essa altura do filme, praticamente a plateia inteira do filme estaria disposta a pegar um machado e ajudar. Mas não é assim que Deus quer que seu povo combata o mal. Como Betsie disse à sua irmã: “Sem ódio. Corrie, sem ódio”. O ódio não é o caminho da cruz; a violência não é o caminho de Cristo, que disse: “Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente. Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra” (Mt 5.38-39).

Esse ensinamento já é difícil o bastante para os cristãos, que têm como exemplo a disposição, o sofrimento e a morte de Cristo. Isso deve ter sido muito mais difícil para Moisés. Toda pessoa que já tenha sentido raiva ao testemunhar uma injustiça sabe como ele se sentiu e identifica-se com o que ele fez. Mesmo assim, seu crime serve como alerta permanente contra a raiva. Quando Moisés permitiu que seu ódio o dominasse, ele estava apenas a um passo de pegar uma arma e golpear um homem até a morte. Assassinato é simplesmente raiva levada à sua conclusão lógica. Lembre-se do ensinamento de Jesus: “Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento” (Mt 5.21-22a). Se somos seguidores de Cristo, precisamos viver em

paz e mansidão. O Catecismo Maior de Westminster expressa isso bem ao proibir “a ira pecaminosa, o ódio, a inveja, o desejo de vingança [...] as palavras provocadoras; a opressão, a contenda, os espancamentos, os ferimentos e tudo o que tende à destruição da vida de uma pessoa” (resposta à pergunta 136).

Sofrer para Cristo

A ação impetuosa de Moisés foi tão trágica porque, até ter tirado a vida de um homem, ele parecia estar destinado para a grandeza. Seu crime foi cometido quando “Moisés já [era] homem” (2.11). O pequeno menino no cesto havia se tornado homem. Depois de ter sido “educado em toda a ciência dos egípcios”, ele “era poderoso em palavras e obras” (At 7.22). Porém, o mais importante era que ele não desconhecia sua herança hebraica. Com seu conhecimento íntimo da cultura egípcia e sua conexão pessoal com os hebreus, Moisés estava preparado para tirar Israel do Egito.

A essa altura, ao completar “quarenta anos, veio-lhe a ideia de visitar seus irmãos, os filhos de Israel” (At 7.23). Para entender o que Deus estava fazendo no coração de Moisés, ajuda consultar Hebreus 11. Isso está de acordo com o nosso método bíblico, que exige que interpretemos Êxodo no contexto do restante das Escrituras. Quando lemos Hebreus, nós nos surpreendemos quando nos deparamos com esta sanção injustificada: “Pela fé, Moisés, quando já homem-feito, recusou ser chamado filho da filha de Faraó, preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado; porquanto considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão” (Hb 11.24-26). Sem mencionar quaisquer detalhes desagradáveis – como a vítima enterrada na areia, para citar apenas um – o escritor de Hebreus apresenta Moisés como um herói da fé. Pela causa de Cristo e na esperança segura do céu, ele abandonou o pecado para sofrer com o povo de Deus.

É grande a tentação de perguntar se Hebreus não errou. Essas palavras se parecem muito com uma visão um tanto romântica de um homem que cometeu um crime e depois correu para se esconder. Mas sempre que o Novo Testamento oferece o que à primeira vista parece ser uma interpretação estranha, a coisa certa a fazer é voltar e estudar o Antigo Testamento com mais atenção.

Quando analisamos 2.11 de modo mais detido, descobrimos várias indicações de que Moisés amava o povo de Deus. Segundo a interpretação rabínica padrão, o versículo evidencia a participação voluntária do profeta nos sofrimentos deles. A indicação mais óbvia é a expressão “seu povo”, repetida para ênfase. Quando Moisés visitou os campos de trabalho em que os hebreus viviam e trabalhavam, ele solidarizou-se com eles. Ele percebeu que eram seus parentes de sangue, pessoas da sua própria família. A palavra usada para descrever essa visita é significativa: “saiu”. O mesmo verbo hebraico (y^Tz^) é usado posteriormente para descrever o êxodo. Parece haver uma conexão aqui: antes de Israel sair do Egito, Moisés precisava sair do Egito emocionalmente, mesmo que ainda não fisicamente.

Sair para os hebreus foi uma excursão que mudou a vida, pois quando Moisés deixou o palácio de Faraó para visitar seu próprio povo, ele levou consigo o seu coração. Outro indício de que no seu coração ele era hebreu é que ele “viu os seus labores penosos” (2.11). Esse verbo para “ver” (y^r^) significa mais do que simplesmente “olhar ou ver”. Significa “ver com emoção”.4 É o tipo de olhar que exige um envolvimento pessoal intenso com o que a pessoa está vendo. Em suma: exige compaixão. O melhor exemplo bíblico talvez seja a história de Hagar, que, quando temia que seu filho estivesse prestes a morrer de fome, soluçou: “Assim, não verei morrer o menino” (Gn 21.16). Quando Moisés olhou para os hebreus, isso foi uma experiência que não só lhe abriu os olhos. Foi até mais do que uma experiência que aumentou sua consciência. Foi uma experiência que transformou seu coração. Quando viu o sofrimento do seu próprio povo ao labutar para Faraó, seus fardos pesaram no seu próprio coração.

O que é surpreendente em relação à profunda empatia de Moisés por aqueles que sofriam opressão é que ele havia sido criado para demonstrar um profundo desdém pelos escravos. Um dos objetivos primários do sistema educacional de Faraó era reforçar o orgulho daqueles que detinham o poder. Depois de analisar o antigo currículo egípcio, Göran Larsson observa: “Uma das categorias do material educacional encontrado entre esses documentos é especialmente conspícua, ou seja, textos que expressam um desdém profundo pelo trabalho manual e que, ao mesmo tempo, ressaltam o valor dos estudos. Estudos levam a uma vida longe da poeira, sujeira e labuta sob capatazes rigorosos. Esses textos ressaltam a condição extremamente baixa da classe de trabalhadores na antiga sociedade egípcia”.5 Aqui está um dos exemplos que Larsson cita para provar seu argumento:

Aquele que faz potes está coberto de terra, como uma pessoa cujos parentes morreram. Suas mãos, seus pés estão cheios de argila; é como alguém que vive no lodo [...] O carpinteiro que trabalha no estaleiro carrega a madeira e a empilha. Se ele produzir o tanto quanto trabalhou ontem, ai dos seus membros! O carpinteiro naval fica atrás dele para dizer-lhe coisas más. Seu colega que trabalha nos campos tem o trabalho mais duro de todos. Ele passa seus dias carregando suas ferramentas, amarrado à caixa de ferramentas.6

Em outros textos, os escravos são descritos como “mortos vivos” ou comparados com jumentos. Toda essa labuta penosa deles é contrastada, é claro, com os prazeres da elite, que desfruta de uma vida fácil: “Você chama alguém; mil respondem. Você passeia livremente pelas ruas. Você jamais será como um boi alugado. Você está à frente dos outros”.7

Esse é o pano de fundo histórico para a escolha que Moisés fez de preferir “ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado” (Hb 11.25). Moisés possuía tudo o que o mundo tinha a oferecer. Ele havia sido criado como um dos netos do Faraó, desfrutando de todas as riquezas do Egito. Basta lembrar aqui, por exemplo, os fabulosos tesouros de ouro que o arqueólogo inglês Howard Carter encontrou no túmulo do rei Tutancâmon. Esses artefatos deslumbrantes nos dão uma ideia do que Moisés deixou para trás no dia em que deixou o palácio de Faraó para visitar os hebreus. Ele tinha tudo a perder e nada a ganhar, mas no momento em que foi movido à compaixão pelos sofrimentos do povo de Deus, ele fez a sua escolha. A partir de então, deixaria de ser um egípcio privilegiado e passaria a ser um hebreu desprezado. Era uma inversão espantosa. “Na maioria das histórias sobre crianças enjeitadas, o herói é retirado da corte real e criado por pessoas comuns, para finalmente, como jovem adulto, retornar para reivindicar e estabelecer sua herança legítima de riqueza e poder. Nessa história, porém, Moisés não se tornou o herói, o legítimo agente de Deus, antes de destruir todas as pontes entre ele e a riqueza e o poder da corte egípcia.”8 Ele abriu mão de posição, prazer e prosperidade, e, ao fazer isso, rejeitou três das maiores tentações do mundo: narcisismo, hedonismo e materialismo.

Moisés ainda precisava aprender algumas lições, mas estava se tornando óbvio

que Deus havia escolhido o homem certo para liderar seu povo – um homem, na verdade, que se parecia um pouco com Jesus Cristo. Lembre-se de que nossa abordagem a Êxodo é cristológica. Queremos observar as muitas maneiras em que Moisés nos aponta para Cristo. Hebreus confirma a validade dessa abordagem ao afirmar que Moisés sofreu "por amor de Cristo" (Hb 11.26, NVI). Em Êxodo 2, vemos como Moisés se identifica com o povo de Deus no sofrimento dele a fim de trazer-lhe salvação. Jesus Cristo fez o mesmo por nós, colocando-se na nossa situação a fim de nos salvar. Numa passagem anterior, Hebreus afirma que Deus realizou nossa salvação por meio dos sofrimentos de Cristo. Depois, faz a afirmação notável de que, pelo fato de estarmos unidos com Cristo em seus sofrimentos, Jesus "não se envergonha de [nos] chamar irmãos" (Hb 2.11b). Somos irmãos do Salvador, irmãos e irmãs do Filho de Deus. Moisés aceitou se juntar aos seus irmãos hebreus, mas a aceitação suprema é Deus unindo-se a nós em Cristo, para que nós possamos nos tornar membros da sua própria família.

Nossa abordagem a Êxodo não é apenas cristológica, mas também é prática. Por isso, precisamos aplicar a lição: Deus nos chama para nos identificarmos com seu povo, mesmo quando isso nos cause dor e perseguição. Algumas pessoas, se colocadas na posição de Moisés, teriam encontrado uma maneira de permanecer na corte do Faraó. "Com minha influência", elas teriam racionalizado, "eu posso fazer um bem maior pelos hebreus aqui do que eu jamais conseguiria fazer nos campos dos escravos." Porém, Moisés optou por uma abordagem radicalmente centrada em Deus para o avanço da sua carreira. No que dizia respeito a ele, não havia como chegar a um compromisso com o regime ímpio de Faraó. Ele foi chamado para abandonar o pecado com todos os seus prazeres, mesmo que isso significasse sofrer desgraça para Cristo.

Nós também somos chamados para sofrer por amor de Cristo (Hb 11.26). Segundo Brevard Childs, essa "expressão indica uma participação de Moisés na vergonha de Cristo, da mesma maneira como participam dela também os santos que seguirão a Cristo mais tarde".9 Em outras palavras: quando sofremos por Cristo, sofremos também com Cristo, participando do que o apóstolo Paulo chamou de "comunhão dos seus sofrimentos" (Fp 3.10). Esse tipo de sofrimento é o resultado inevitável de se identificar com Cristo e com o seu povo. A quem pertence a nossa lealdade última? Qual é nossa identificação primária? Se nós nos chamamos cristãos, precisamos abandonar o mundo para seguir a Cristo, unindo-nos espiritualmente com seu povo, como o fez também Moisés.

Não o que minhas mãos fizeram

Quanto mais aprendemos sobre Moisés, mais percebemos quão trágico foi o seu erro. Por mais admiráveis que fossem as suas qualidades – seu ódio da injustiça, sua oposição à escravidão, sua simpatia por aqueles que sofriam e seu afeto profundo pelo povo de Deus –, com um único ato precipitado Moisés jogou fora 40 anos de preparo espiritual. Apesar de nutrir um zelo santo pelo resgate do povo de Deus, seu zelo não estava baseado em conhecimento (cf. Rm 10.2). Seu fracasso nada tinha a ver com sua motivação, pois seu coração estava no lugar certo. O problema era seu método: Moisés estava tentando salvar o povo de Deus por meio das suas próprias obras em vez de deixar que Deus os salvasse por meio da sua graça.

Alguns comentaristas têm tentado absolver Moisés comparando Êxodo 2.12 com Isaías 59.16. Em Êxodo, Moisés decide partir para a ação quando viu "que não havia ali ninguém". A implicação óbvia é que ele estava se certificando de que ninguém o impediria. Mas talvez o que o versículo esteja dizendo é que não havia mais ninguém ali para ajudar o escravo hebreu, caso em que cabia a Moisés salvá-lo. Pelo menos é assim que a ideia de "não ver ninguém" é usada no livro de Isaías: "[O Senhor] viu que não havia ajudador algum e maravilhou-se de que não houvesse um intercessor; pelo que o seu próprio braço lhe trouxe a salvação, e a sua própria justiça o susteve".

Já que não havia ninguém ali para salvá-lo, assim argumentam, Moisés agiu corretamente ao matar o egípcio com suas próprias mãos.

No entanto, em vez de justificar Moisés, na verdade essa comparação serve para condená-lo. Uma coisa é Deus efetuar salvação quando vê que não há mais ninguém capaz de salvar, mas é uma coisa bem diferente quando um ser humano pecaminoso supõe ser o salvador. Em termos teológicos, quando Moisés decidiu assumir o controle, ele estava tentando efetuar salvação por meio de obras e não por meio da graça. A prova de que seu caminho não era o caminho de Deus foi que Deus o enviou para o deserto por 40 anos antes de lhe dar outra oportunidade para libertar Israel. Deus queria garantir que seu povo fosse salvo para a sua glória. Quando a salvação finalmente veio, ela veio não por meio da força de algum homem, mas exclusivamente por meio do poder de Deus.

Esse princípio vale também para a salvação em Jesus Cristo. Um homem que aprendeu bem essa lição foi o apóstolo Paulo, que abandonou qualquer tentativa de alcançar a salvação por meio dos seus próprios méritos. “Se qualquer outro pensa que pode confiar na carne”, Paulo escreveu, “eu ainda mais: circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu, quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível” (Fp 3.4b-6). Paulo apresentou uma lista das suas credenciais religiosas para provar que, se alguém pudesse ser salvo por meio de obras, essa pessoa seria ele. Mas Paulo só foi salvo quando descobriu que a salvação vem por meio da graça e não por meio das obras. Assim que fez essa descoberta, ele pegou todos os seus recursos religiosos e os descartou como desvantagens espirituais:

Mas o que, para mim, era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé. (Fp 3.7-9)

O currículo espiritual de Moisés não era tão espetacular quanto o de Paulo (pelo menos ainda não), mas ele poderia ter feito muitas alegações semelhantes. “Se alguém acha que conseguiria salvar-se com suas próprias mãos”, ele poderia ter dito, “eu tenho mais: fui circuncidado no oitavo dia, sou do povo de Israel, da tribo de Levi, hebreu dos hebreus; quanto ao zelo, abater egípcios”. Mas Deus mostrou a Moisés que isso tudo não valia nada, como qualquer outra coisa que nos impede de receber a dádiva gratuita da graça de Deus. A salvação não acontece por meio de obras, mas apenas pela fé em Cristo. Não podemos ser salvos pela nossa herança étnica, nossas conexões familiais, pelos sacramentos ou qualquer outra coisa que sejamos ou façamos. É por isso que não basta simplesmente vincular-se a uma igreja ou trabalhar em prol da causa da justiça. Moisés também havia feito essas coisas, mas elas não o salvaram. Tampouco podem salvar outra pessoa.

Para que a salvação seja exclusivamente de Deus, ela precisa vir completamente

da graça, para que apenas Deus receba toda a glória. Horatius Bonar explicou esse princípio em um de seus famosos hinos:

Não o que minhas mãos fizeram pode salvar a minha alma culpada;

Não o que a labuta da minha carne produziu pode curar o meu espírito.

Não o que sinto ou faço pode dar paz com Deus;

Nem todas as minhas orações, suspiros e lágrimas podem sustentar meu terrível fardo.

Apenas a tua obra, ó Cristo, pode aliviar esse peso do pecado;

Apenas o teu sangue, ó Cordeiro de Deus, pode me dar paz interior.

Teu amor por mim, ó Deus, e não o meu, ó Senhor, por ti

Pode livrar-me dessa escura inquietação e libertar o meu espírito.

Apenas a tua graça, ó Deus, para mim pode declarar o meu perdão;

Apenas o teu poder, ó Filho de Deus, pode romper essa dura escravidão.

Nenhuma obra senão a tua, o sangue de nenhum outro bastará;

Nenhuma força senão a divina pode carregar-me com segurança.

A fuga de Moisés

No devido tempo, Deus tirou Moisés e, com ele, todo o Israel do Egito, mas apenas após o profeta passar 40 anos no deserto. A prova mais convincente de

que matar o egípcio havia sido um erro foi seu exílio em Midiã. Esse exílio começou no dia seguinte ao homicídio, quando Moisés voltou, por assim dizer, para a cena do crime:

Saiu no dia seguinte, e eis que dois hebreus estavam brigando; e disse ao culpado: Por que espancas o teu próximo? O qual respondeu: Quem te pôs por príncipe e juiz sobre nós? Pensas matar-me, como mataste o egípcio? Temeu, pois, Moisés e disse: Com certeza o descobriram. Informado desse caso, procurou Faraó matar a Moisés; porém Moisés fugiu da presença de Faraó e se deteve na terra de Midiã. (2.13-15)

Esse diálogo mostra por que os israelitas precisavam desesperadamente de um salvador. Eles precisavam ser libertados não só do Egito, mas também uns dos outros. O texto original em hebraico indica que Moisés se surpreendeu ao encontrar seus irmãos brigando (“Ele viu e eis!”). No entanto, ele não deveria ter se surpreendido com o fato de que estavam brigando ou que haviam chegado a se envolver numa luta física. Trate um homem com violência durante tempo o suficiente, e ele se tornará um homem violento. Depois de viver numa cultura violenta por tanto tempo, a comunidade hebraica estava sendo dilacerada pela violência. Sua escravidão era tanto espiritual quanto era física.

O diálogo entre Moisés e os escravos hebreus revela também algo das qualidades que fizeram de Moisés um libertador tão grande. Mais uma vez ele saiu ao seu povo, identificando-se com ele em seu sofrimento. Mais uma vez, ele tomou o partido da vítima, intervindo para impedir um ataque. Mais uma vez, buscou justiça, acusando o homem culpado de instigar a violência. E segundo Estêvão, Moisés estava tentando ser um reconciliador: “No dia seguinte, aproximou-se de uns que brigavam e procurou reconduzi-los à paz, dizendo: Homens, vós sois irmãos; por que vos ofendeis uns aos outros?” (At 7.26).

Infelizmente, e para sua consternação, Moisés descobriu que ele era incapaz de fazer as pazes. Seu crime havia sido descoberto. Talvez alguém houvesse testemunhado o crime, ou talvez o homem resgatado por Moisés houvesse contado tudo aos seus amigos. Em todo caso, o segredo havia sido revelado, e todos os escravos estavam falando sobre isso: Moisés, o príncipe do Egito, havia

cometido um homicídio.

Moisés enfrentava dois problemas. O primeiro era que sua vida estava em perigo mortal. Mesmo tendo a autoridade para bater no capataz, ele cometera traição ao tomar o partido dos escravos. Juntando-se ao movimento de direitos civis de Israel, ele estava rompendo todos os vínculos com a aristocracia egípcia. Quando Faraó ouviu o que Moisés havia feito, ele assinou a sentença de morte que fez de Moisés o homem mais procurado no Egito. James Ackerman explica: “Ao agir em defesa dos hebreus, Moisés estava desafiando os fundamentos básicos – sociais, políticos e religiosos – sobre os quais a sociedade egípcia havia sido construída. Ninguém deveria se surpreender com o fato de que Faraó iria procurar esmagá-lo”.10

Tornar-se fugitivo já era ruim, mas Moisés enfrentava outro problema ainda pior: os israelitas haviam rejeitado a sua liderança. Em vez de tratá-lo com respeito, eles o viam com profundo desdém. Aparentemente, Moisés esperava iniciar algum tipo de revolta, mas nenhum dos escravos estava disposto a se juntar à revolta. No seu sermão perante o sinédrio, Estêvão comentou: “[Moisés] cuidava que seus irmãos entenderiam que Deus os queria salvar por intermédio dele; eles, porém, não compreenderam” (At 7.25). Se isso foi o que Moisés pensou que aconteceria, ele obviamente se enganou, pois os escravos o trataram com pura insolência. Estêvão relata isso desta maneira: “Mas o que agredia o próximo o repeliu, dizendo: Quem te constituiu autoridade e juiz sobre nós? Acaso, queres matar-me, como fizeste ontem ao egípcio?” (At 7.27-28). No que dizia respeito ao escravo, Moisés não tinha direito algum de se meter nos assuntos de outras pessoas. “Quem você pensa que é?”, o homem estava dizendo. “Quem morreu e o fez príncipe do Egito?”

Boa pergunta. Quem havia dado a Moisés autoridade sobre Israel? A resposta era: ninguém, pelo menos segundo o que a Bíblia nos conta. Passariam-se outros 40 anos antes de Deus chamar Moisés de dentro da sarça ardente. Por ora, Moisés estava operando como salvador autonomeado, atribuindo a si mesmo a função de tirar Israel do Egito, e os israelitas não queriam saber disso. Embora essa tivesse sido a primeira vez que eles questionaram a autoridade de Moisés, de modo algum haveria de ser a última. Como veremos, os israelitas se queixavam frequentemente dos seus líderes. Mas nessa ocasião eles provavelmente estavam certos. Como um assassino podia ser um reconciliador?

Em vez de repetir a palavra hebraica para bater, o escravo que ameaçou Moisés

usou a palavra para matar. Em outras palavras, ele o acusou de assassinato, pura e simplesmente. Assim, Moisés não pôde resolver nem mesmo uma simples disputa entre dois israelitas sem ser acusado de homicídio. Como, então, ele poderia tirar uma nação inteira do Egito? Sua credibilidade como líder estava destruída. Ao matar o egípcio, Moisés perdeu toda a autoridade moral para libertar o povo de Deus.

Moisés precisaria de muito, muito tempo para reconquistar o respeito deles – de fato, quase uma vida inteira. Sua primeira tentativa de resgatar os israelitas terminou em fracasso. Mas Deus estava planejando salvar seu povo, e Moisés continuava fazendo parte do plano. Ele já estava aprendendo que a salvação não ocorre por meio de obras. Agora precisava partir para o deserto para aprender a viver pela fé.

Notas

1 Peter Enns, Exodus, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2000), p. 79.

2 João Calvino, citado em Brevard S. Childs, The Book of Exodus: A Critical, Theological Commentary (Louisville: Westminster, 1974), p. 40.

3 Veja Childs, The Book of Exodus, p. 40-1.

4 R. Alan Cole, Exodus: An Introduction and Commentary, Tyndale Old Testament Commentaries (Leicester, UK: Inter-Varsity, 1973), p. 59.

5 Göran Larsson, Bound for Freedom: The Book of Exodus in Jewish and Christian Traditions (Peabody, MA: Hendrickson, 1999), p. 21.

6 Veja M. Lichtheim, Ancient Egyptian Literature, vol. 2 (Berkeley: University of California Press, 1971–1980), p. 169-80.

7 A. Erman, Life in Ancient Egypt (Londres: Macmillan, 1894), p. 68-9.

8 James S. Ackerman, “The Literary Context of the Moses Birth Story (Exodus 1–2)”, em Literary Interpretations of Biblical Narratives, Kenneth R. R. Gros

Louis (org.) (Nashville: Abingdon, 1974), p. 98.

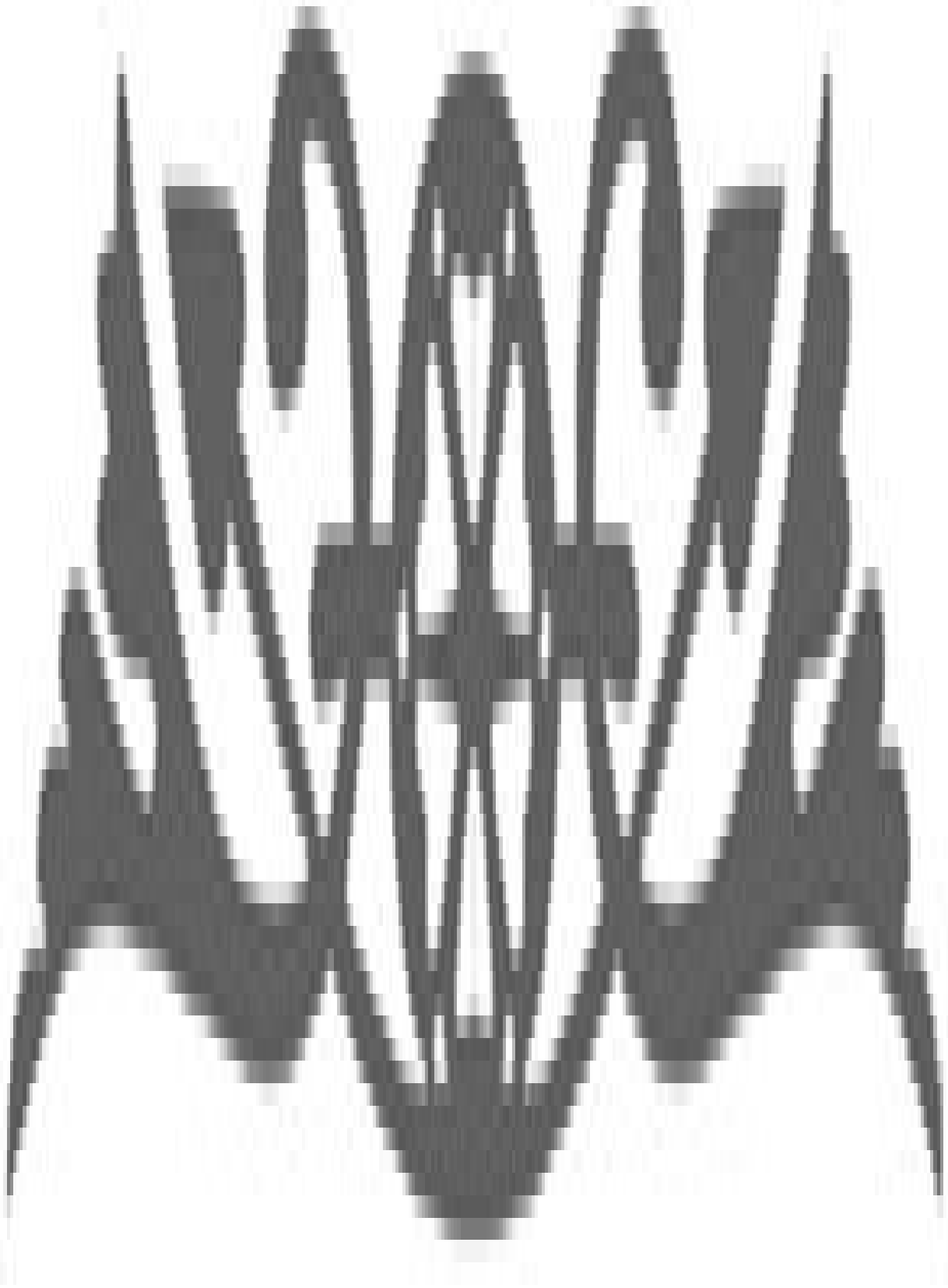
9 Childs, The Book of Exodus, p. 37.

10 Ackerman, “The Literary Context of the Moses Birth Story (Exodus 1–2)”, p. 102.

5

Moisés no deserto

Êxodo 2.15-25



Moisés era um fora-da-lei, um fugitivo da justiça. Num ataque de raiva, ele matou um egípcio com suas próprias mãos e o enterrou numa sepultura rasa. Não surpreende que, “informado desse caso, procurou Faraó matar a Moisés” (2.15a). O Faraó não queria Moisés morto ou vivo – ele o queria simplesmente morto. E assim que soube que era um homem procurado, “Moisés fugiu da presença de Faraó e se deteve na terra de Midiã; e assentou-se junto a um poço” (2.15b).

Moisés aprende com seu erro

A estrada que levou Moisés do palácio dos Faraós até o deserto de Midiã estava pavimentada com boas intenções. O egípcio que agora estava enterrado na areia havia tentado açoitar um hebreu até a morte. Ao defender o pobre escravo, Moisés havia rejeitado os privilégios do Egito para identificar-se com os filhos de Israel. Como dizem as Escrituras: Ele preferiu “ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado” (Hb 11.25). Um velho comentarista descreveu com eloquência a escolha feita por Moisés:

Criado num palácio, ele adotou a causa do povo; amamentado no colo do luxo, ele abraçou a adversidade; treinado na escola dos déspotas, ele se tornou defensor da liberdade; associado durante muito tempo aos opressores, ele passou para o lado dos oprimidos; educado como filho dela, ele rejeitou os favores de uma princesa para sustentar os direitos dos pobres; com uma coroa em vista, ele teve a magnanimidade de escolher uma cruz; e em nome do seu Deus e Israel, ele abandonou a facilidade, o requinte, os luxos e as mais altas honras terrenas para ser um peregrino sem lar.1

No entanto, a despeito de todas as suas boas intenções, Moisés havia pecado contra Deus. A única palavra para descrever o que ele fez é assasinato. Não cabia a Moisés matar um egípcio, mesmo que ele fosse um capataz de escravos, pois Deus ainda não o havia chamado para tirar seu povo do Egito. Quando Deus libertasse Israel da casa da escravidão, ele o faria por meio do seu próprio grande

poder, para que toda a glória fosse dele. Portanto, por mais nobres que seus motivos possam ter sido, quando Moisés decidiu assumir a iniciativa, ele se afastou da vontade de Deus. Depois de pagar pelo seu erro, ele já teria 80 anos de idade. Todavia, Deus ainda tinha um plano para Moisés, o que mostra que até fracassados podem ser seguidores de Deus; até mesmo pecadores podem se tornar seus servos eleitos.

A coisa certa a fazer com erros é aprender com eles. Quando ele fugiu do Egito para Midiã, a pergunta era se Moisés tinha aprendido qualquer coisa com sua tentativa fútil de salvar Israel por meio da sua própria força. Seu primeiro teste veio pouco tempo depois de ele chegar a Midiã, onde ele se sentou junto a um poço: “O sacerdote de Midiã tinha sete filhas, as quais vieram a tirar água e encheram os bebedouros para dar de beber ao rebanho de seu pai. Então, vieram os pastores e as enxotaram dali; Moisés, porém, se levantou, e as defendeu, e deu de beber ao rebanho” (2.16-17).

Mais uma vez, Moisés se viu confrontado com uma injustiça óbvia. Dessa vez não eram escravos que estavam sendo oprimidos por seus mestres, mas mulheres abusadas por homens. Aparentemente, havia um conflito de longa data entre as filhas de Midiã e alguns pastores locais: “Tendo elas voltado a Reuel, seu pai, este lhes perguntou: Por que viestes, hoje, mais cedo?” (2.18). Ele ficou surpreso ao vê-las voltar tão cedo, porque, normalmente, os pastores lhes causavam problemas. “Responderam elas: Um egípcio nos livrou das mãos dos pastores” (2.19a). Sem dúvida alguma, disseram “os pastores”, pois seu pai sabia exatamente quem eram. Era um problema recorrente. Talvez esses brutamontes impedissem que suas filhas tirassem água do poço. É mais provável, porém, que tenham esperado até as mulheres encherem seus bebedouros para assim não terem o trabalho de tirar água do poço por esforço próprio.

Moisés podia ser estrangeiro em Midiã, mas ele não permitiria que um bando de pastores rudes tirasse vantagem dessas jovens mulheres impotentes. Corajosamente ele se levantou para defendê-las, usando o treinamento militar que havia recebido no Egito para salvá-las dos seus opressores. Já temos aqui alguns indícios de que Moisés havia aprendido com seu erro assassino. Ele não matou os pastores. Dessa vez, ele se conteve, usando apenas a força necessária para afugentá-los. Pela primeira vez em sua vida, Moisés agiu como um libertador. Além do mais, depois de resgatar as moças, ele as ajudou dando água aos seus rebanhos. Isso as surpreendeu muito, porque nos tempos antigos era impensável que um homem executasse uma tarefa tão servil para uma mulher.

Mais tarde, as moças exclamaram: “[Ele] ainda nos tirou água, e deu de beber ao rebanho” (2.19b). Moisés curvou-se para servir, e ao aprender a servir, ele estava aprendendo a liderar, pois todos os líderes de Deus são servos.

O serviço é sempre um dos primeiros temas tratados no curso de treinamento de liderança de Deus. Toda pessoa que tenha a ambição de se tornar um líder espiritual deveria começar encontrando um lugar de serviço humilde. O exemplo perfeito é Cristo, que “não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20.28). Jesus nos salvou morrendo na cruz pelos nossos pecados. Agora, o serviço que ele prestou na cruz é o padrão para o nosso próprio serviço, pois Jesus ordenou que “aquele que dirige” precisa ser “como o que serve” (Lc 22.26).

Tempo de preparação

Aprender a controlar seu temperamento violento e aprender a servir foram apenas as primeiras das muitas lições que Moisés aprendeu em Midiã. Deus nunca tem muita pressa para preparar seus servos para cumprirem sua vontade, especialmente quando tem alguma obra grande para eles. Não há exemplo melhor do que o profeta Moisés, que passou quatro décadas no deserto antes de iniciar seu ministério público. O livro de Atos explica que 40 anos se passaram entre a fuga de Moisés para Midiã e seu encontro com Deus na sarça ardente (At 7.29-30). Quarenta anos. Alguém observou que “Moisés passou quarenta anos no Egito aprendendo algo; passou quarenta anos no deserto aprendendo a ser nada; e passou quarenta anos no deserto provando que Deus era tudo”.2 Sempre que somos tentados a ficar impacientes com a cronologia de Deus para a nossa vida, devemos nos lembrar de Moisés, que teve dois anos de preparação para cada ano de ministério.

Durante os longos 40 anos que Moisés passou em Midiã, Deus usou três experiências para prepará-lo para seu chamado primário, que era tirar o povo de Deus do Egito. A primeira foi sua situação de vida. A localização exata de Midiã é um tanto incerta. Os midianitas podem ter vivido na Arábia, mas é mais provável que tenham vivido na península do Sinai, perto do golfo de Ácaba. O termo não se refere primariamente a um lugar, mas a um grupo étnico – a uma tribo de nômades do deserto. Viver com os midianitas significava viver no deserto.

O deserto é um lugar onde o homem encontra seu Deus. Isolado do restante da civilização e reduzido às necessidades diárias de comida e água, ele é obrigado a se entregar à misericórdia da providência de Deus. Foi no deserto que Jacó viu a escada que subia ao céu (Gn 28) e Elias ouviu a voz pequena e silenciosa (1Rs 19). O deserto foi onde João Batista pregou arrependimento (Mt 3) e onde Jesus conquistou seu primeiro triunfo sobre o diabo (Mt 4). Foi também no deserto que Paulo sondou as Escrituras à procura do Cristo do Antigo Testamento (Gl 1.17). Mas muito antes disso, Moisés foi para o deserto para encontrar o Deus de Abraão, Isaque e Jacó.

A experiência de Moisés no deserto foi de grande importância prática. Uma das coisas que ele conheceu foi o próprio deserto – sua geografia e topografia. Mais tarde, quando tirou o povo de Deus do Egito, ele sabia coisas como onde encontrar água e como voltar para a montanha sagrada de Deus. Mas a experiência de Moisés no deserto foi ainda mais importante espiritualmente, pois antes de tirar Israel do Egito Moisés viveu seu próprio êxodo. Foi no deserto que ele aprendeu o que significava ser um pária. O povo de Deus era estrangeiro no Egito, mas o Egito era o lar de Moisés – de modo que as filhas de Reuel o identificaram imediatamente como “egípcio” (2.19). Foi apenas quando saiu para viver no deserto que Moisés vivenciou alienação na própria pele. Quando seu primeiro filho nasceu, ele disse: “Sou peregrino em terra estranha” (2.22b). A terra estranha que Moisés parece ter tido em mente não era Midiã, mas o Egito, pois estava falando no tempo verbal do pretérito. Portanto, o versículo deveria ser traduzido da seguinte forma: “Um estranho eu fui ali”, com Moisés se referindo à sua criação no palácio de Faraó.3 Foi por meio da sua experiência no deserto que ele aprendeu a se identificar com o povo de Deus no sofrimento dele.

A segunda experiência de vida que Deus usou para preparar Moisés para a liderança foi sua situação familiar. Moisés era solteiro quando deixou o Egito, mas o sacerdote de Midiã não permitiu que isso permanecesse assim por muito tempo. Afinal de contas, era um homem com sete filhas, e ele não permitiria que um homem como Moisés escapasse. Ele disse a elas: “E onde está ele?, disse às filhas; por que deixastes lá o homem? Chamai-o para que coma pão” (2.20). O que suas filhas estavam pensando, deixando um homem solteiro sozinho? Elas estavam tão entusiasmadas com o cavalheirismo desse homem estranho do Egito que haviam se esquecido dos bons modos, deixando até de convidá-lo para o jantar. No fim, porém, Moisés se deleitou tanto com sua hospitalidade que ele “consentiu em morar com aquele homem; e ele deu a Moisés sua filha Zípora”

(2.21).

Em Midiã, Moisés tornou-se não só marido, mas também pai: “Ela deu à luz um filho, a quem ele chamou Gérson, porque disse: Sou peregrino em terra estranha” (2.22). O nome Gérson vem do verbo hebraico G^r^sh, que significa “expulsar ou expelir”; assim, pode referir-se à experiência do próprio Moisés de ter sido expulso do Egito. Parece-se também com as palavras hebreias G#r e sh^m, um jogo de palavras que significa “um estranho ali”. A Bíblia não inclui esses detalhes domésticos simplesmente por interesse biográfico. A situação familiar de Moisés fazia parte da sua preparação para o ministério. Como marido, ele aprendeu a amar e servir sua esposa. Como pai, aprendeu a cuidar e disciplinar seus filhos. Ao se estabelecer na vida de um lar, Moisés aprendeu a ser um servo-líder.

Foi nesse mesmo lar que Moisés cresceu em seu relacionamento com Deus, pois quando aceitou a mão de Zípora em casamento, ele se tornou membro do seu clã. Os midianitas parecem ter adorado o Deus verdadeiro, o Deus de seu pai Abraão. Parece significativo o fato de que Reuel era um sacerdote e que seu nome significa “amigo de Deus”. Muito provavelmente, Moisés recebeu instrução espiritual do seu sogro, de modo que, quando ele viu a sarça ardente, já havia sido apresentado ao Deus de Abraão.

Em terceiro lugar, Moisés aprendeu a servir a Deus por meio da sua situação de trabalho. O mercado de trabalho é um tanto limitado no deserto, e já que seu sogro era pastor, Moisés tornou-se pastor. Sabemos disso porque o início do próximo capítulo o mostra pastoreando seu rebanho (3.1).

Essa dificilmente era uma profissão que Moisés teria escolhido, pois havia sido criado no Egito, e a Bíblia diz que “todo pastor de rebanho é abominação para os egípcios” (Gn 46.34b). Mas a Bíblia mostra também que muitos líderes grandes iniciaram a carreira como pastor, porque há muito que se pode aprender pastoreando ovelhas. Para começar, ovelhas não são muito inteligentes, o que significa que precisam de alguém que as leve até a comida e água. São presa fácil para predadores, por isso precisam de alguém para protegê-las. Elas tendem a vaguear e precisam de alguém que as leve de volta para o curral. Em suma, ovelhas dependem completamente do cuidado dos pastores, razão pela qual a Bíblia compara o povo de Deus com tanta frequência a ovelhas. Nas palavras do salmista: “Somos o seu povo e rebanho do seu pastoreio” (Sl 100.3b). Como tantas ovelhas, precisamos da orientação, nutrição e proteção divinas. Foi,

portanto, pastoreando seu rebanho que Moisés aprendeu a alimentar, defender e resgatar as ovelhas perdidas de Israel. Já que o povo de Deus são as ovelhas do seu pasto, não havia maneira melhor para Moisés aprender a guiá-los do que trabalhando 40 anos como pastor. Mais tarde, quando Asafe meditou sobre a obra salvadora de Deus ao tirar seu povo do Egito, ele disse: “O teu povo, tu o conduziste, como rebanho, pelas mãos de Moisés e de Arão” (Sl 77.20; cf. Sl 78.52; Is 63.11).

Deus usou as experiências que Moisés teve ao longo de sua jornada espiritual para prepará-lo de maneira especial para uma obra especial. Por ser fiel nas coisas pequenas, ele estava preparado para algo grande. É improvável que nós tiraremos o povo de Deus da escravidão. Mas mesmo que nosso nome não seja Moisés, Deus tem um plano para nós. A Bíblia diz que “somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef 2.10). Quando as Escrituras dizem que somos “sua feitura”, isso significa que Deus está operando na nossa vida para preparar-nos para seu serviço.

Ele não só preparou boas obras para serem realizadas por nós, Deus também está nos preparando para fazê-las, e ele faz isso por meio das experiências comuns do dia a dia. Deus usa nossos erros, até mesmo o tipo de erros que nos enviam para o deserto por décadas. Como James Boice escreveu: “Deus pode nos ensinar por meio do malogro dos nossos próprios planos que ele é capaz de trabalhar por nós e a despeito de nós. Apenas quando falhamos, nós nos conscientizamos de que é Deus, e não nós, que está operando”.4 Deus usa a nossa situação de vida. Mesmo quando estamos vivendo longe de casa, num lugar distante do nosso local de serviço, Deus está nos preparando para fazer a sua vontade. Deus usa a nossa situação familiar. As pessoas casadas costumam aprender mais lições espirituais do seu cônjuge do que de outra pessoa. Deus usa o casamento para santificar maridos e esposas. O mesmo vale para quem é solteiro. É por meio da sua situação como solteiros que homens e mulheres não casados, divorciados ou viúvos desenvolvem intimidade com Deus e aprendem a depender dele em cada necessidade. Deus também usa a nossa situação de trabalho. Tornar-se pastor não fazia parte do plano de carreira que Moisés traçou quando ainda era príncipe do Egito, mas Deus usou a experiência para prepará-lo para a obra da sua vida. A fim de tornar-se o homem que Deus queria que ele fosse, Moisés teve de sair para o deserto e cuidar de ovelhas. Mesmo se estivermos trabalhando num emprego que parece não condizer com nossos dons e interesses, Deus o usará para o nosso bem e a sua glória.

Qualquer que seja a nossa situação atual, devemos tentar aprender o que Deus está tentando nos ensinar. Podemos não estar fazendo o que gostaríamos de fazer. Podemos não estar vivendo onde gostaríamos de viver – ou com quem gostaríamos de viver. Mas deveríamos sempre acatar a postura de John Wesley (1703-1791), que orou: “Não pertenço mais a mim mesmo, mas a ti. Coloca-me onde quiseres, coloca-me ao lado de quem quiseres; põe-me a fazer, põe-me a sofrer; deixa-me ser empregado para ti ou ser separado para ti, exaltado para ti ou humilhado para ti; deixa-me ser cheio, deixa-me ser vazio; deixa-me ter todas as coisas, deixa-me ter nada; de todo o coração e voluntariamente cedo a ti todas as coisas para o teu prazer e tua disposição”.5

Enquanto isso, lá no Egito...

No final de Êxodo 2, o cenário muda de Midiã de volta para o Egito, onde os hebreus ainda se encontravam em escravidão. Quarenta anos de sofrimento indizível se espremem no espaço entre os versículos 22 e 23: “Decorridos muitos dias, morreu o rei do Egito” (v. 23a). Como sugerimos no capítulo 1 deste comentário, o rei em questão era, provavelmente, Tutmés III ou, talvez, Seti I. Mas quem quer que possa ter sido o Faraó, sua morte significava que agora Moisés podia retornar para o Egito.

Os israelitas precisavam que Moisés voltasse porque eles continuavam escravizados. Por mais que Moisés possa ter se perguntado o que Deus estava fazendo em sua vida durante aqueles anos, imagine como o restante do povo de Deus se sentia. Ano após ano, eles labutavam sob o ardente sol do deserto, construindo monumentos para a glória do Faraó. Durante sua longa escravidão, eles devem ter acreditado estar sob alguma maldição divina ou até mesmo que haviam sido abandonados por Deus. Eles não tinham nada – nenhum poder, nenhuma propriedade e nenhum prestígio. Algumas pessoas diriam: “Eles não tinham oração”, mas na verdade a oração era a única coisa que eles tinham: “Os filhos de Israel gemiam sob a servidão e por causa dela clamaram, e o seu clamor subiu a Deus” (v. 23b). Aqui, a Bíblia usa três palavras diferentes para descrever as orações desesperadas do povo de Deus. Juntas, elas expressam uma tristeza profunda, uma aflição amarga e uma agonia dolorosa. Seus sofrimentos eram tão grandes que tudo que conseguiam fazer era clamar a Deus.

Mais cedo ou mais tarde cada cristão se encontrará numa situação em que a

única coisa que lhe restará fazer é clamar a Deus. Quando Davi se viu cercado de inimigos, ele disse: “Escuta, Rei meu e Deus meu, a minha voz que clama, pois a ti é que imploro” (Sl 5.2). Outro salmista escreveu: “Das profundezas clamo a ti, Senhor. Escuta, Senhor, a minha voz; estejam alertas os teus ouvidos às minhas súplicas” (Sl 130.1-2.)

A mesma oração foi feita no tempo de Jeremias, quando o povo de Deus estava morrendo de fome nas ruas de Jerusalém. O profeta disse: “O coração de Jerusalém clama ao Senhor” (Lm 2.18a). Por vezes, o povo de Deus se encontra em apertos tão desesperadores que a única coisa que lhe resta fazer é gemer pela ajuda de Deus.

Até mesmo um gemido pode ser uma oração, contanto que ele seja dirigido a Deus em fé, e não em rebeldia. Deus prometeu que até mesmo o nosso gemido se articula perante o trono da sua graça na forma de uma petição: “Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis” (Rm 8.26). Mesmo quando as nossas necessidades são profundas ou intensas demais para serem expressas em palavras, Deus entende o que estamos tentando orar. Ele ouve nossos gritos por ajuda e nossos gemidos por libertação, da mesma maneira que os ouviu nos dias de Moisés.

Deus não apenas ouve as nossas orações, ele também as atende. Em alguns momentos, os filhos de Israel devem ter acreditado que Deus era um tanto surdo. Durante décadas – não, séculos – eles imploraram a Deus para que ele os libertasse de seu cativeiro. Quando ele iria atentar ao grito deles por ajuda? Mas seus clamores não caíram em ouvidos surdos. Deus ouviu as suas orações – ele as ouvira desde sempre. Quando o tempo finalmente chegou para ele realizar o seu plano perfeito, ele se glorificou na salvação do seu povo: “Ouvindo Deus o seu gemido, lembrou-se da sua aliança com Abraão, com Isaque e com Jacó. E viu Deus os filhos de Israel e atentou para a sua condição” (2.24-25).

Nesse ponto, no final de Êxodo 2, Moisés sai de cena, e Deus sobe ao palco. Deus está pronto para libertar seu povo de sua escravidão. Ele agirá na História para a salvação deles. Para ressaltar o poder do Deus vivo, a Bíblia usa quatro verbos ativos: Deus ouve, lembra, vê e sabe. Deus realmente fará algo. Ele não só tinha um plano para Moisés, até mesmo no deserto, mas seu plano para Moisés fazia parte de um plano maior que resultaria na salvação do povo de Deus.

Quando as pessoas oram, Deus responde. Primeiro ele vê. Nas palavras de um velho pregador: “Cada golpe da mão que acerta você, cada corte do açoite, cada hora escaldante sob o sol do meio-dia, cada hora solitária em que amantes e amigos permanecem distantes, cada passo no vale da sombra, cada momento de sono sob a sombra da árvore de zimbro é observado pelos olhos daquele que jamais cochila nem dorme”.6 Deus não vê apenas, ele ouve também: “Os olhos do Senhor repousam sobre os justos, e os seus ouvidos estão abertos ao seu clamor” (Sl 34.15).

Quando Deus vê e ouve, ele se lembra. Felizmente, o que ele lembra não é o pecado do seu povo, mas a aliança da graça, sua promessa inquebrável da salvação. A aliança é o relacionamento amoroso de Deus com seu povo – sua promessa eterna de que ele será seu Deus e que eles serão seu povo. É a promessa que Deus fez a Eva de que sua descendência esmagará o diabo e todas as suas obras más (Gn 3.15). É a promessa que Deus fez a Abraão de que todas as nações seriam abençoadas por meio dele (Gn 15; 17.1-8). Maravilhosamente, uma das coisas que Deus prometeu ao fazer sua aliança é que libertaria os descendentes de Abraão da casa da escravidão: “Então, lhe foi dito: Sabe, com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos. Mas também eu julgarei a gente a que têm de sujeitar-se; e depois sairão com grandes riquezas” (Gn 15.13-14).

Mesmo que seu povo se esquecesse dessa promessa da aliança, Deus se lembraria dela. A história de Moisés em Midiã mostra que Deus se lembrou da sua promessa a Abraão estabelecendo várias conexões entre os patriarcas e o êxodo. Há uma conexão direta com Abraão porque Midiã era um dos filhos de Abraão com sua segunda esposa Quetura (Gn 25.1-4). Em outras palavras, os midianitas eram os primos há muito perdidos de Moisés. Há também uma conexão com Isaque, cuja esposa Rebeca foi encontrada junto ao poço, dando água aos camelos (Gn 24). O mesmo vale para Jacó, que encontrou Raquel junto ao poço. Como Moisés, Jacó estava fugindo para salvar sua vida quando ele encontrou uma jovem mulher, deu água aos rebanhos dela e foi convidado a conhecer seu pai (Gn 29). E havia ainda José, que foi levado para o Egito por uma caravana de comerciantes de Midiã (Gn 37.25-36). Todas essas conexões nos lembram de que o Deus de Abraão, Isaque e Jacó é também o Deus de Moisés. O Deus que fez sua aliança com os patriarcas é o mesmo Deus que tirou seu povo do Egito.

O mesmo Deus enviou Jesus como nosso Salvador, e ele fez isso porque se lembrou da sua aliança. Deus se lembrou de que havia prometido um Redentor para nos libertar da nossa escravidão do pecado, um Filho para cumprir toda a lei para o seu povo e um Cordeiro para tomar sobre si o castigo pelos nossos pecados. Do início ao fim, nossa salvação depende de Deus se lembrar de sua aliança.

Se pertencemos a Deus por meio da fé em Jesus Cristo, fazemos parte da sua aliança eterna. Temos um direito a cada bênção que Deus prometeu em Cristo, e somos livres para reivindicar os benefícios dessa aliança quando oramos: "Querido Pai celestial, lembra que teu Filho e meu Salvador Jesus Cristo cumpriu todos os termos da tua aliança em meu lugar. Lembra que ele morreu na cruz pelos meus pecados, estabelecendo uma nova aliança em seu sangue. Lembra que tu prometeste dar-me cada bênção da aliança em Cristo – perdoar meus pecados, cuidar das minhas necessidades, consolar minhas aflições e, no fim de tudo, levar-me para casa para a glória". Podemos orar dessa maneira porque temos a promessa da aliança de Deus. Quando Deus se lembra da sua aliança, ele se lembra de que nós estamos em Cristo e de que, em Cristo, ele prometeu salvar-nos até o fim.

Êxodo 2 termina dizendo que Deus "conhecia" os israelitas. Ele sabia tudo sobre eles. A palavra sugere um conhecimento íntimo e pessoal de todos os detalhes do sofrimento deles. O Deus da aliança, o Deus que vê, ouve e lembra é o Deus que conhece nossa situação em toda sua necessidade desesperadora. Ele é um Deus para o qual vale a pena orar. Ele já sabe tudo sobre nossa situação porque ele vê tudo o que acontece. Ele ouve todas as nossas orações – mesmo quando são pouco mais do que gemidos. Ele se lembra de que pertencemos a ele por causa da aliança da graça em Jesus Cristo. E então ele atende as nossas orações – nem sempre como esperamos, mas sempre da maneira que traga glória a ele.

Notas

1 Citado anonimamente em Arno C. Gaebelein, Moses—His First and Second Coming (Nova York: Hope, s.d.), s.l.

2 Citado anonimamente em James Montgomery Boice, Ordinary Men Called by God: A Study of Abraham, Moses, and David (Grand Rapids: Kregel, 1998), p. 59.

3 John I. Durham, Exodus, Word Biblical Commentary (Waco, TX: Word, 1987), p. 24.

4 Boice, Ordinary Men Called by God, p. 59.

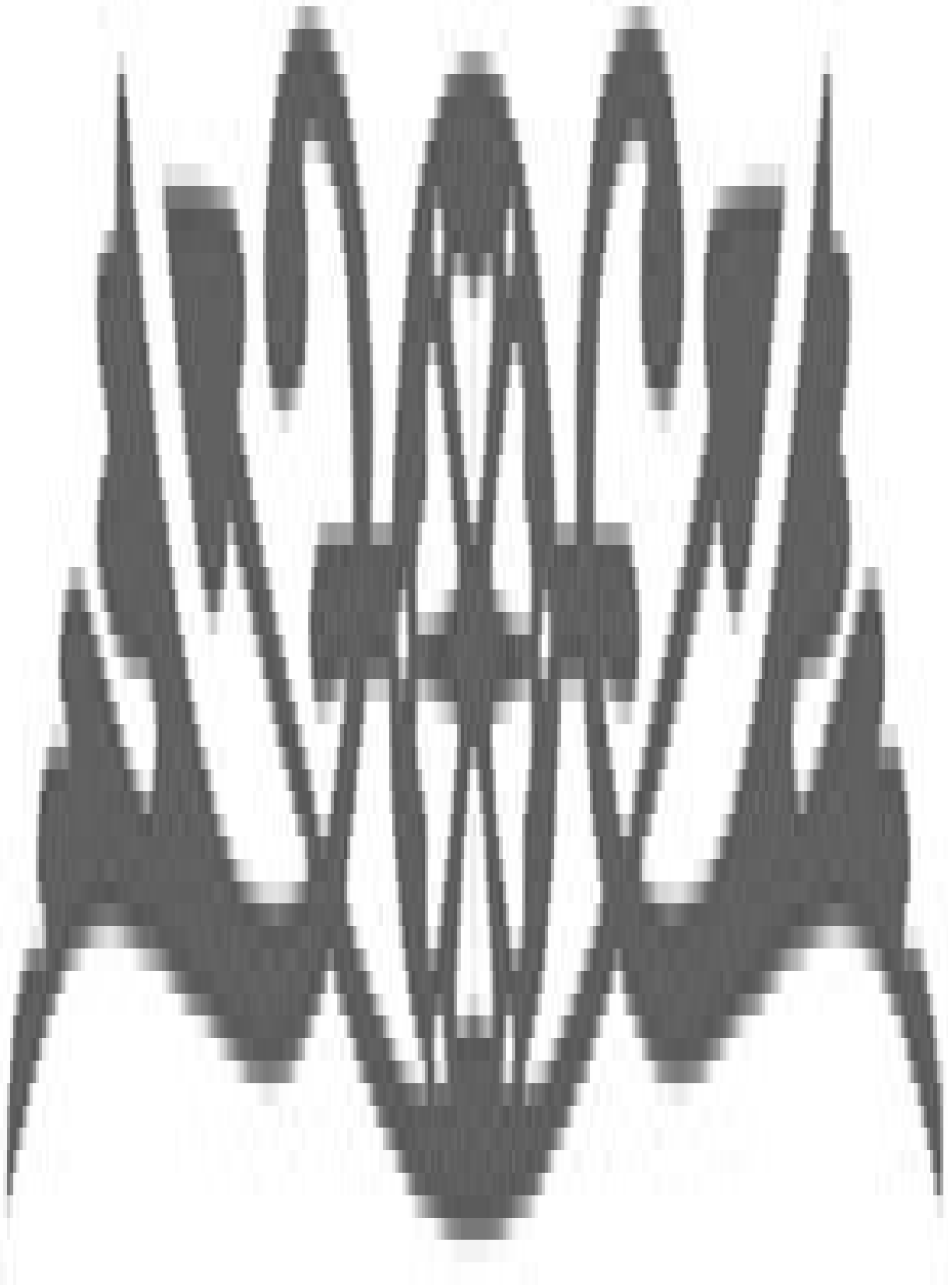
5 The Methodist Service Book (Londres: Methodist, 1975), D10.

6 Maxie D. Dunnam, Exodus, The Communicator's Commentary (Waco, TX: Word, 1987), p. 54.

6

A sarça ardente

Êxodo 3.1-9



Às vezes, as pessoas se encontram em perigo tão mortal que a única esperança delas é orar. C. S. Lewis (1898-1963) descreve um desses tempos no seu romance That Hideous Strength. Na história, os poderes do mal desceram sobre a Inglaterra com a intenção de destruir a criação e reduzir o homem a uma máquina. Às forças do mal se opõe um pequeno grupo de homens e mulheres virtuosos; no entanto, eles são impotentes perante o ataque violento. Próximo ao fim do romance, um deles diz, quase em desespero: "Nenhum poder que seja meramente terreno servirá contra a Força Medonha". E um de seus companheiros responde: "Então dediquemo-nos todos a orações".1

Foi à oração que os filhos de Israel se voltaram quando eram escravos no Egito. Durante 400 anos, eles haviam sido açoitados, produzindo tijolos para construir as cidades de Faraó. Depois de um tempo, a situação tornou-se tão desesperadora que "os filhos de Israel gemiam sob a servidão e por causa dela clamaram, e o seu clamor subiu a Deus" (2.23). Seus clamores não foram ignorados. A Escritura diz: "Havendo entrado Jacó no Egito, clamaram vossos pais ao Senhor, e o Senhor enviou a Moisés e a Arão, que os tiraram do Egito e os fizeram habitar neste lugar" (1Sm 12.8). Deus se importava com as necessidades do seu povo, e a hora da libertação deles havia chegado. É essa grande salvação que ocupará o restante do livro de Êxodo. Enquanto os dois primeiros capítulos abarcavam 400 anos de tribulação, os próximos 38 capítulos descreverão o ano de libertação, quando Israel saiu do Egito.

O fogo na sarça

A resposta de Deus ao clamor de Israel começou bem longe dali, no deserto, onde "apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Midiã; e, levando o rebanho para o lado ocidental do deserto, chegou ao monte de Deus, a Horebe" (3.1). Fomos apresentados a Jetro lá atrás no capítulo 2, em que ele era chamado Reuel. É possível que o homem tivesse dois nomes, o que era comum nos tempos antigos. É, também, possível que Reuel fosse o nome do pai de Jetro, o que faria dele o sogro de Moisés (veja Nm 10.29). Mas a explicação mais provável talvez seja que Jetro, que significa "sua excelência", era um título formal que indicava o status do homem.2 Em todo caso, ele é chamado Jetro em todo o restante de Êxodo.

Horebe, conhecido também como Sinai, é a montanha onde, mais tarde, Deus deu a Moisés a Lei na forma dos Dez Mandamentos. Os estudiosos vêm debatendo há muito tempo sua localização exata. Vários locais têm sido sugeridos, incluindo não só várias montanhas na própria península do Sinai, mas também várias outras no noroeste da Arábia (especialmente Jebel al-Lawz).3 Desde o 4º século, o local mencionado com maior frequência é Jebel Musa, que tem um cume excepcional – um pico de 2.290 metros de altura que se ergue diretamente das planícies próximas à ponta sul do Sinai.4 Até hoje, os beduínos que viajam por aquela região o chamam a "montanha de Moisés".

O que é importante em relação a Horebe não é tanto a montanha em si, mas o fato de que ela se tornou "o monte de Deus" (3.1). Deus estava ali naquela grande montanha em toda a sua presença viva e ardente. "Apareceu-lhe o Anjo do Senhor numa chama de fogo, no meio de uma sarça; Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo e a sarça não se consumia. Então, disse consigo mesmo: Irei para lá e verei essa grande maravilha; por que a sarça não se queima?" (3.2-3).

Muito provavelmente, o dia havia começado como qualquer outro, com Moisés pastoreando as ovelhas no deserto. Ele estava simplesmente cuidando da sua vida, mas uma pessoa nunca sabe quando sua vida pode ser mudada para sempre por um encontro com o Deus vivo. Não foi um encontro por acaso, pois foi a providência de Deus que guiou Moisés até a região remota do deserto. Aqui, vale observar que Deus não encontrou Moisés onde Moisés estava, mas o levou para o lugar onde Deus estava. Lá, Moisés percebeu uma sarça ardente. Pode ter sido uma acácia selvagem, um espinheiro comum no Sinai, ou talvez um Rubus sanctus, um arbusto resistente que floresce nas proximidades de Jebel Musa. Qualquer que tenha sido o tipo de arbusto, o que surpreendeu Moisés foi que ele não parava de queimar. Durante suas décadas no deserto, Moisés pode ter visto um arbusto em chamas, ardendo sob o sol do deserto, mas aos poucos ele foi se dando conta de que havia algo especial com esse arbusto específico. Apesar de arder, ele não queimava. Permaneceu em chamas sem ser reduzido a cinzas fumegantes. Ele nem mesmo ficou chamuscado; simplesmente continuava ardendo.

A essa altura, a curiosidade de Moisés havia sido despertada, de modo que ele se aproximou para investigar. O que ele descobriu foi que a sarça não era algum tipo de maravilha natural, mas um sinal sobrenatural. Era um milagre físico que comunicava uma verdade espiritual. Antes mesmo de dizer a Moisés quem ele

era, Deus lhe mostrou quem ele era. A sarça ardente revelava a própria natureza de Deus. Mais tarde, Moisés diria: “Porque o Senhor, teu Deus, é fogo que consome” (Dt 4.24). Esse sinal milagroso apontava para o poder de Deus ao revelar seu controle sobre a criação. Quem, além de Deus, tem o poder de fazer uma sarça arder sem que o fogo a consuma? Apontava também para a glória de Deus ao permitir um vislumbre do brilho do seu esplendor. Talvez tenha sido essa experiência que, mais tarde, levou Moisés a pedir a Deus que ele lhe mostrasse toda a sua glória (33.18).

O sinal milagroso apontava também para a eternidade e autossuficiência de Deus. Como a sarça ardente, Deus jamais esgota seu combustível. Sua glória jamais diminui; sua beleza jamais desvanece. Seu fogo sempre brilha. Isso se deve ao fato de que Deus não obtém sua energia de alguém ou de algo fora dele mesmo. Ele é completamente autoexistente e autossuficiente em seu ser eterno. Segundo Gregório de Nissa (330 – c. 395), o que Moisés viu na sarça ardente foi nada menos do que “a essência e causa transcendente do universo, da qual tudo depende e na qual tudo subsiste”.5 A sarça ardente revelou o poder e a glória, a eternidade e a autossuficiência de Deus.

Não surpreende o fato de que havia algo divino a respeito da sarça, pois a Bíblia diz que o que apareceu a Moisés foi nada menos do que “o anjo do Senhor” (3.2). Temos aqui um grande mistério. O anjo pode ter sido um membro do exército celestial, um dos seres angelicais que servem a Deus em glória. Mas a palavra hebraica para “anjo” é simplesmente a palavra “mensageiro” (m^l^Kh). Visto que esse anjo é identificado especificamente como “o anjo do Senhor”, podemos ter aqui mais do que aparenta à primeira vista. Observe a formulação no versículo 4: “Vendo o Senhor que ele se voltava para ver, Deus, do meio da sarça, o chamou”. O mensageiro não viu e falou simplesmente como representante de Deus, mas como Deus. Aqui o anjo do Senhor é identificado de modo tão íntimo com Deus que a sarça ardente costuma ser considerada uma teofania. Em outras palavras, era uma aparição de Deus, uma manifestação visível do Deus invisível. Por alguns momentos no tempo e espaço, a sarça foi o templo do Deus vivo, o lugar da sua presença na terra. Desde o tempo da igreja primitiva, os cristãos têm se perguntado se isso não foi, talvez, uma revelação do Filho pré-encarnado de Deus, que traz a mensagem salvadora de Deus à humanidade. Se Cristo esteve ou não na sarça, uma coisa é certa: Moisés estava na presença de Deus.

Para trás!

O fato de que Moisés estava na presença de Deus explica por que ele teve de tirar suas sandálias. Ele estava pisando em terra santa:

Vendo o

Senhor

que ele se voltava para ver, Deus, do meio da sarça, o chamou e disse: Moisés! Moisés!

Ele respondeu: Eis-me aqui!

Deus continuou: Não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa. Disse mais: Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó. Moisés escondeu o rosto, porque temeu olhar para Deus. (3.4-6)

Aparentemente, Moisés já sabia algo sobre santidade. Afinal de contas, seu sogro era sacerdote, um homem separado para o serviço santo de Deus. Assim, quando Deus disse a Moisés que ele estava pisando era terra santa, é provável que Moisés já tivesse uma noção do que Deus estava dizendo. Por outro lado, essa é a primeira vez que a Bíblia usa a palavra "santo" (q^D"sh) com referência a Deus. Na sarça ardente, Deus revelou sua santidade de uma maneira como ela não havia sido revelada até então. Moisés se impressionou tanto com isso que, mais tarde, quando escreveu seu famoso hino de vitória, fez questão de mencionar o atributo divino da santidade: "Quem é como tu, glorificado em santidade, terrível em feitos gloriosos, que operas maravilhas?" (15.11).

Santidade significa separação. Algo santo é algo que foi separado. No caso de Deus, santidade significa que ele está separado de tudo o que criou. Santidade não é simplesmente sua justiça (apesar de ser parte dela), mas também sua alteridade. É a distinção entre Criador e criatura, a distância infinita entre a divindade de Deus e a nossa humanidade. Deus diz: "Eu sou Deus e não homem, o Santo no meio de ti" (Os 11.9). Seu povo responde dizendo: "Não há

santo como o Senhor" (1Sm 2.2).

Caso houvesse qualquer dúvida sobre o que Deus queria dizer ao falar sobre santidade, ele advertiu Moisés especificamente a manter distância: "Não te chegues para cá" (3.5a). Deus estava se separando de Moisés para ressaltar o abismo entre o divino e o humano. Deus é transcendente em sua santidade, por isso Moisés não tinha permissão para submetê-lo a um olhar inquisidor. Na verdade, se tivesse dado um passo a mais em direção a Deus, sua vida teria estado em perigo. Moisés precisava ficar exatamente onde estava. Precisava também tirar as suas sandálias, pois Deus era santo demais para os seus calçados. Ainda hoje, no Oriente Médio, tirar as sandálias é um sinal de respeito. A maneira correta de Moisés demonstrar sua reverência perante a santidade de Deus era tirar as suas sandálias.

A Bíblia não indica especificamente se Moisés obedeceu a ordem, mas, sem dúvida alguma, ele congelou onde estava e tirou as sandálias. Certamente, ele entendeu que terra santa é um território perigoso, pois a Bíblia diz que "Moisés escondeu o rosto, porque temeu olhar para Deus" (3.6b). Foi bom ele ter feito isso, pois como Deus lhe explicaria mais tarde: "Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá" (33.20). Por mais que Moisés tenha desejado ver a glória de Deus – um tema que encontraremos ao longo de todo o livro de Êxodo –, no momento em que ele percebeu que estava na presença de um Deus santo, percebeu também que ele era um homem profano. A Bíblia diz que Deus é "tão puro de olhos, que não podes ver o mal" (Hc 1.13a). O inverso também é verdadeiro: Deus é puro demais para que nossos olhos possam olhá-lo.

Este é o problema com os seres humanos. Fomos feitos para contemplar a glória de Deus – como Adão, que caminhava e conversava com Deus no jardim –, mas caímos em pecado. Na nossa condição ímpia, já não é mais seguro entrar na presença de um Deus santo. Mas isso dá origem a uma pergunta perturbadora: como podemos sobreviver a um encontro direto com Deus? A Bíblia ensina que, no fim da História, cada ser humano que já viveu se apresentará diante do trono de Deus para ser julgado por ele. Quando esse dia chegar, seremos destruídos a não ser que sejamos santos.

Algumas pessoas lidam com esse dilema exagerando sua própria santidade. É assim que a maioria das religiões falsas opera. Elas supõem que os seres humanos são basicamente bons e que, se obedecermos as regras corretas e

observarmos os rituais certos, seremos bons o bastante para Deus. O problema é que nós não somos santos. Certamente não somos santos o bastante para entrar na presença do Santo, pois a Bíblia diz: “Não há justo, nem um sequer” (Rm 3.10).

Outros tentam lidar com esse problema minimizando a santidade de Deus, reduzindo seus padrões. No entanto, Deus não pode ser menos santo do que é; ele teria de deixar de ser Deus para fazer isso. Tampouco queremos que Deus seja pecaminoso. A. W. Tozer, que escreveu com tanta eloquência sobre a santidade de Deus, diz: “Eu lhe digo o seguinte: quero que Deus seja o que Deus é: a coisa impecavelmente santa e irrepreensível, o Todo-Santo. Quero que ele seja e permaneça O SANTO. Quero que seu céu seja santo e que seu trono seja santo. Não quero que ele mude ou modifique suas exigências. Mesmo que isso me exclua, quero que reste algo santo no universo”.6

A única maneira de entrar na presença de um Deus santo é tornando-nos santos. Foi por isso que Deus enviou seu Filho como nosso Salvador. Ele é a nossa santidade (1Co 1.30). Jamais conseguiríamos cumprir a lei de Deus, mas Jesus a cumpriu por nós com santidade perfeita. Então ele morreu na cruz para tirar de nós a nossa iniquidade. Agora, quando confiamos nele, Deus nos aceita como santos aos seus olhos – como se fôssemos tão santos quanto o próprio Jesus: “E a vós outros também que, outrora, éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas, agora, porém, vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte, para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis” (Cl 1.21-22). A graça que Deus demonstrou por meio da cruz nos capacita a nos aproximarmos do Santo – não como Moisés fez, escondendo seu rosto em medo, mas pela fé, confiando na pessoa e na obra de Jesus Cristo.

Inclinando-se para salvar

É uma coisa maravilhosa entrar na presença do Deus vivo. Quando Moisés encontrou Deus na sarça ardente, ele não estava simplesmente obtendo novas informações sobre Deus – ele estava encontrando o próprio Deus, Deus em toda a sua grandeza. Moisés estava encontrando o Deus glorioso, que brilha em esplendor. Estava encontrando o Deus eterno, que é suficiente em si mesmo. Estava encontrando o Deus santo, que é perfeito na sua pureza. Não esperaríamos que um Deus tão grande e glorioso se interessasse o mínimo que

fosse por meros mortais, especialmente por fracassados mortais como Moisés. No entanto, o Deus santo da sarça ardente tem um amor inabalável pelo seu povo ímpio, e ele se revelou a Moisés para manter esse relacionamento pessoal e salvador com os filhos de Israel.

Começamos a ver a preocupação de Deus com seu povo no final do capítulo 2, em que quatro verbos foram usados para descrever sua atividade divina. Deus ouviu os gemidos do seu povo; ele lembrou-se da sua aliança com Abraão; ele viu os israelitas em sua escravidão; e ele conhecia todas as suas necessidades. Essas palavras são repetidas em Êxodo 3. Obviamente Deus lembrou-se da sua aliança, pois ele se identificou como "o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó" (3.6a). Depois, disse: "Certamente, vi a aflição do meu povo, que está no Egito, e ouvi o seu clamor por causa dos seus exatores. Conheço-lhe o sofrimento" (3.7). O relacionamento de Deus com seu povo é tão íntimo, seu amor por ele é tão intenso que ele identifica os filhos de Israel especificamente como "meu povo". Caso reste alguma dúvida quanto a se Deus sabe o que está acontecendo com seu povo, ele se repete no versículo 9: "Pois o clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo".

Quando o povo de Deus sofre, às vezes eles se perguntam se de fato Deus se importa. Mas a história de Israel é um exemplo dramático daquilo que sempre é o caso: Deus sabe exatamente o que seu povo está vivenciando. Ele está ciente do que está acontecendo conosco. Ele vê o nosso sofrimento. E ele se importa com isso, e é por isso que ele responde aos nossos gritos de socorro. Deus está cheio de misericórdia e compaixão pelo povo que ele ama. O que ele disse aos filhos de Israel ele diz a cada um de seus filhos: "Eu me preocupo com o sofrimento deles".

O relacionamento de Deus com seu povo é pessoal porque o Deus vivo e verdadeiro é um Deus pessoal que conhece seu povo de maneira pessoal. Observe que, quando Deus chamou Moisés pela primeira vez, ele o chamou pelo seu nome: "Moisés! Moisés!" (3.4). Um dos primeiros passos quando se estabelece um relacionamento é apresentar-se com seu nome, mas Moisés não precisava dizer a Deus quem ele era. Deus já sabia quem Moisés era – sem falar de onde ele estava e o que ele estava fazendo. O Deus santo e glorioso possui conhecimento pessoal e íntimo de cada um dos seus filhos. Quando ele decide vir e nos salvar, ele nos chama pelo nome. O profeta Isaías escreveu: "Mas agora, assim diz o Senhor [...] chamei-te pelo teu nome, tu és meu [...] Porque eu

sou o Senhor, teu Deus, o Santo de Israel, o teu Salvador" (Is 43.1,3a).

Cada cristão é cristão pelo chamado de Deus. Normalmente, Deus não nos encontra numa sarça ardente ou se dirige a nós numa voz audível, mas usa a pregação da sua Palavra para expor a nossa necessidade de salvação e para nos compelir – pessoal e individualmente – a colocar nossa fé em Jesus Cristo. Os teólogos chamam isso de "chamado efetivo", que o Breve Catecismo de Westminster define como "obra do Espírito Santo, pela qual, convencendo-nos do nosso pecado e da nossa miséria, iluminando nosso entendimento pelo conhecimento de Cristo, e renovando a nossa vontade, nos persuade e habilita a aceitar Jesus Cristo, que nos é oferecido de graça no evangelho" (resposta à pergunta 31). Se você ainda não é cristão, é para isto que Deus está chamando você neste momento: receber Jesus Cristo. Deus já conhece você, mas ele quer que você o conheça, e, por isso, ele o convida a entrar num relacionamento pessoal com ele por meio de Jesus Cristo.

Muito antes de Deus entrar num relacionamento com Moisés, ele entrou num relacionamento com os patriarcas. Como ele disse a Moisés: "Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó" (3.6a). Essa foi a maneira de Deus apresentar a Moisés a sua história. O Deus da sarça ardente não era alguma divindade desconhecida; era o Deus que sempre tivera um relacionamento pessoal com seu povo eleito.

Quando Deus se identificou como "o Deus de teu pai", é possível que tenha se referido a Anrão, o pai biológico de Moisés. Nesse caso, o que Deus quis dizer era que ele era o mesmo Deus que havia resgatado Moisés do Nilo – o Deus que os pais de Moisés lhe ensinaram a servir antes de se mudar para a corte do Faraó. Outros manuscritos colocam a palavra "pai" no plural – "o Deus de teus pais" –, que então se referiria a Abraão, Isaque e Jacó. É um tanto impressionante ouvir Deus sendo descrito como "o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó", até descobrirmos que Abraão, Isaque e Jacó eram pessoas profundamente falhas. Eles eram mentirosos e enganadores, conspiradores e sonhadores. Mesmo assim, pela sua graça Deus entrou num relacionamento pessoal com eles – um relacionamento de aliança de amor. Deus lhes fez promessas inquebráveis de bênção eterna. Para que ninguém pense que era desonroso para Deus associar-se a esse tipo de homens, a Bíblia afirma que "Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus" (Hb 11.16a). Ele não se envergonha porque ele é o Deus da aliança do amor. Quando as pessoas o procuram em fé, ele se agrada em ser conhecido como o Deus delas para sempre.

Aliás, Deus ainda hoje associa-se a Abraão, Isaque e Jacó. Observe o uso do tempo verbal do presente: Deus não diz: “Eu era o Deus de Abraão”, mas: “Eu sou o Deus de Abraão”. A implicação é que, com base na aliança eterna, Abraão continua a desfrutar de um relacionamento amoroso com Deus, até mesmo depois da morte. Esse foi o versículo que Jesus usou para provar a ressurreição aos saduceus: “E, quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é Deus de mortos, e sim de vivos” (Mt 22.31-32). Até hoje, Abraão, Isaque e Jacó gozam de comunhão com Deus no céu.

O relacionamento de Deus com seu povo – a aliança amorosa que ele estabeleceu com Abraão – é um relacionamento pessoal. É, também, um relacionamento salvador, e é por isso que Deus se revelou a Moisés. O Deus que vê, ouve e conhece seu povo é também o Deus que salva: “Por isso, desci a fim de livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e ampla” (3.8a). Deus se inclinou para tirar seu povo do Egito. Aqui vemos que Deus, que é maravilhoso em glória e assustador em santidade, inclina-se para salvar.

Havia algo do qual Deus estava salvando seu povo. Ele o estava salvando da escravidão no Egito, libertando-o da casa da escravidão. Havia também algo para o que ele o estava salvando. Ele o estava salvando para a Terra Prometida. Seu plano era tirá-lo da terra da escravidão e do cativeiro e levá-lo para a terra em que mana leite e mel. Essa era a terra que Deus havia prometido a Abraão – a terra de Canaã. Ele a descreveu como “terra boa e ampla, terra que mana leite e mel; o lugar do cananeu, do heteu, do amorreu, do ferezeu, do heveu e do jebuseu” (3.8b). Era uma terra “boa”. Deus menciona “leite e mel”, porque esses alimentos exigem pastos verdes e colheitas consistentes. A terra que ele prometeu era pacífica, frutífera e abundante. Era também uma terra “ampla”. A Bíblia menciona seis nações que já viviam na terra. Essas nações precisariam ser expulsas, é claro, mas se a terra era grande o bastante para todas elas, certamente haveria espaço o bastante para os israelitas.

O que isso quer dizer é que Deus não só conhecia e se importava com a luta do seu povo, mas que ele também estava planejando fazer algo a esse respeito. A história do êxodo é a história de como Deus resgatou seu povo, realizando toda a sua salvação do início ao fim. Nesse relacionamento pessoal e salvador, Deus tirou seu povo de todos os seus problemas e o levou para um lugar bom e feliz.

O Deus que salva

A maneira como Deus resgatou Israel do Egito é a maneira como Deus sempre resgata seu povo. O êxodo não é simplesmente uma história do passado, mas uma realidade no presente. O Deus que se revelou a Moisés na sarça ardente é o mesmo Deus ao qual servimos hoje. Onde e quando quer que o adoremos, estamos pisando em solo santo, louvando o Deus de Abraão e clamando a ele por salvação.

O êxodo do Egito revela o padrão da salvação em Cristo. Portanto, tudo que Deus fez por Moisés é diretamente relevante para o cristão. João Calvino escreveu:

Em vez de supormos que a questão não se refere a nós, devemos contemplar que a escravidão de Israel no Egito era um tipo daquela escravidão espiritual a cujos grilhões todos nós estamos presos, até o vingador celestial nos libertar pelo poder de seu próprio braço e nos levar para o seu reino livre. Por isso como nos tempos antigos, quando ele reuniu os israelitas dispersos para a adoração do seu nome, ele os resgatou da tirania intolerável de Faraó para que todos que o professam agora fossem libertos da tirania fatal do diabo, do qual o do Egito foi apenas um tipo.7

A escravidão de Israel é uma imagem da nossa escravidão ao pecado. Até irmos a Deus em fé, estaremos vivendo no Egito do nosso pecado, escravizados pelos seus desejos e paixões. Assim como os filhos de Israel sofriam sob o chicote de Faraó, nós estamos sob a maldição do diabo. Portanto, nossa necessidade de salvação é tão grande quanto a dos filhos de Israel. Se devemos ser resgatados, Deus terá de se inclinar do alto para salvar-nos.

Outra palavra associada à descida para salvar é advento, e foi exatamente isso que Deus fez em Jesus Cristo. Jesus desceu do céu para elevar-nos para a glória. É por meio de Jesus que entramos num relacionamento pessoal e salvador com Deus, no qual somos salvos do poder do pecado, do terror de Satanás e da

finalidade da morte. Somos também salvos para algo: o céu é a nossa terra prometida, o lugar da bênção abundante e eterna de Deus.

O que Moisés vivenciou na sarça ardente nos instrui sobre Deus e o modo da sua salvação. É também um grande incentivo para a oração. O Deus que prometeu descer e salvar os israelitas tem poder para nos salvar. Tudo que precisamos fazer é clamar a ele pela libertação. No seu sermão sobre essa passagem, Charles Spurgeon apelou à sua congregação: “Pecador, fale a Deus sobre seu sofrimento neste momento, e ele ouvirá a sua história. Ele está disposto a ouvir, até mesmo esse conto triste e miserável sobre suas transgressões multiplicadas, sua dureza de coração, sua rejeição de Cristo. Conte-lhe tudo, pois ele o ouvirá. Diga-lhe o que você deseja – que tamanha misericórdia – que tamanho perdão; apresente a ele todo o seu caso. Não hesite um único instante; ele o ouvirá, ele estará atento à voz do seu clamor”.8 Se abrirmos nosso coração para oferecer essa oração, o mesmo Deus que se encontrou com Moisés na sarça ardente – o santo Deus da glória, o Deus que entrou num relacionamento pessoal e amoroso com o seu povo por meio de Jesus Cristo – descerá e nos salvará.

Notas

1 C. S. Lewis, That Hideous Strength (Nova York: Macmillan, 1946), p. 288-89.

2 Nahum Sarna, The JPS Torah Commentary: Exodus (Filadélfia: Jewish Publication Society, 1991), p. 12.

3 Os argumentos a favor de uma localização árabe são citados por Allen Kerkeslager em “Mt. Sinai—in Arabia?” Bible Review (abril de 2000), p. 32-9,52.

4 Veja Joseph J. Hobbs, Mount Sinai (Austin, TX: University of Texas Press, 1995), p. 46–57.

5 Gregório de Nissa, The Life of Moses (Nova York: Paulist, 1987), p. 60.

6 A. W. Tozer, The Attributes of God: A Journey into the Father’s Heart (Camp Hill, PA: Christian, 1997), p. 172.

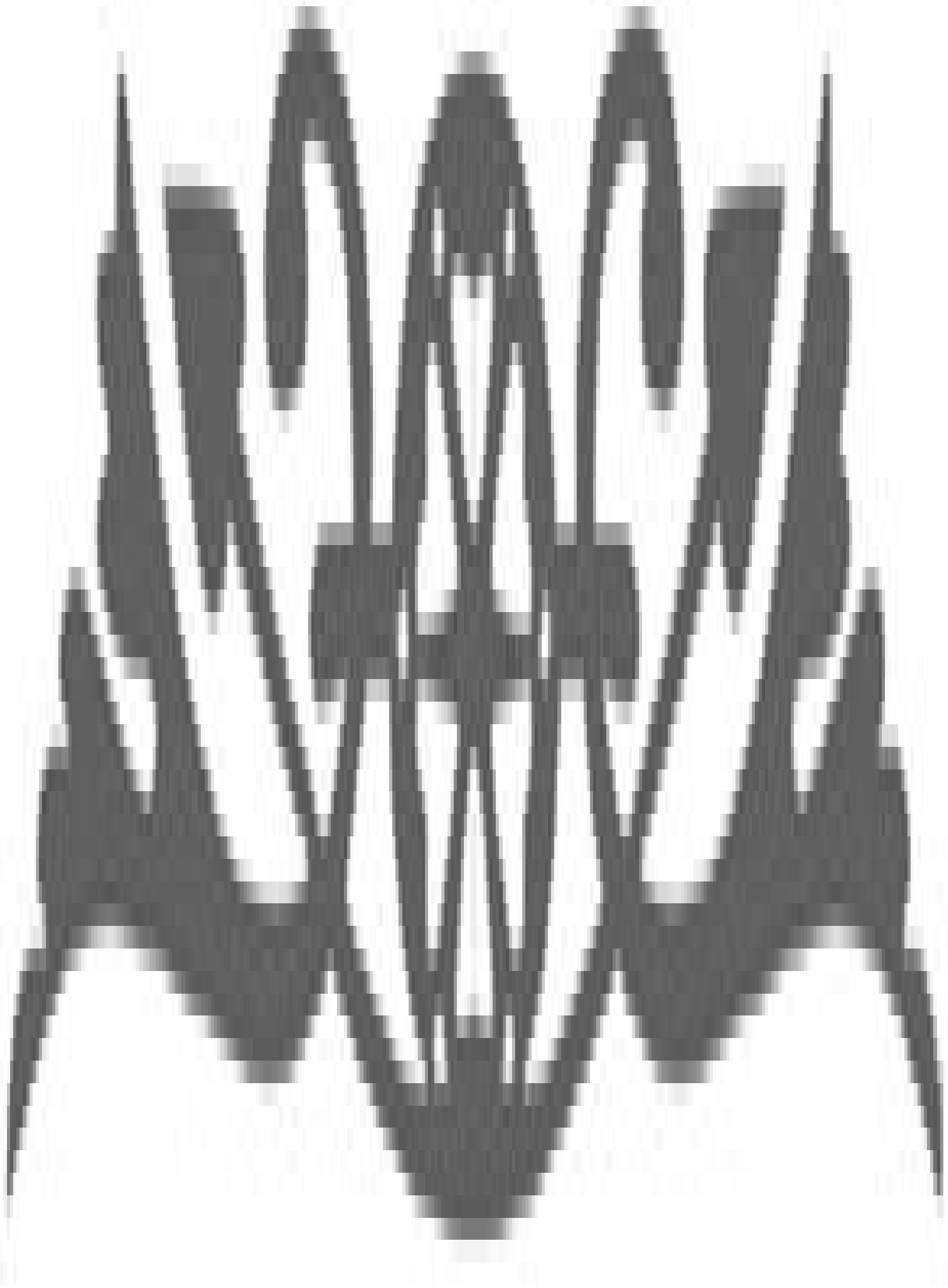
7 João Calvino, Institutes of the Christian Religion, John T. McNeill (org.), Ford Lewis Battles (trad.), Library of Christian Classics, 20-1 (Filadélfia: Westminster, 1960), II.viii.15.

8 Charles H. Spurgeon, “Israel’s Cry and God’s Answer”, The Metropolitan Tabernacle Pulpit 45, nº 2631 (Pasadena, TX: Pilgrim, 1977), p. 343.

7

O grande Eu Sou

Êxodo 3.10-15



Moisés estava no deserto – descalço diante de uma sarça ardente – curvando-se temeroso na presença de um Deus santo. Ele havia levado seus rebanhos até Horebe, a montanha de Deus. Lá ele se deparou com uma visão estranha: um arbusto que queimava sem que o fogo o chamuscasse. Quando se aproximou para ver o que era aquilo, Moisés teve um encontro pessoal com a glória do Deus eterno. Ele ouviu a voz de Deus que saía do arbusto e se dirigia a ele, explicando que ele havia visto o sofrimento do seu povo Israel e que havia ouvido seu clamor por libertação do Egito. O Deus da sarça ardente disse a Moisés que ele se lembrou de sua aliança com Abraão e que agora ele estava descendo para salvar seu povo.

Uma grande comissão

A essa altura, a conversa tomou uma direção surpreendente. Deus havia falado sobre sua compaixão para com os sofrimentos de seu povo amado. Ele havia prometido vir e resgatá-lo, entrando pessoalmente num relacionamento pessoal com ele. Mas esta era a surpresa: Deus realizaria sua salvação por meio da pessoa e da obra de Moisés. Deus disse: “Vem, agora, e eu te enviarei a Faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito” (3.10). Teríamos esperado que Deus explicasse como ele pretendia libertar seu povo da escravidão, mas em vez disso ele enviou Moisés para ser o libertador.

Encontramos aqui um dos paradoxos da graça soberana de Deus: Deus usa seres humanos – seres humanos pecaminosos – para realizar seus propósitos salvadores. Moisés já havia tentado salvar os israelitas uma vez, por conta própria. A tentativa foi um desastre tão completo que Moisés teve de deixar o país. Mas Deus usou os acontecimentos da vida de Moisés para prepará-lo para o ministério. Agora, o tempo de preparação havia terminado e Deus estava comissionando Moisés para tirar seu povo da escravidão. No fim, é claro, foi Deus quem libertou seu povo. Mas Deus levantou seu servo Moisés para que ele fosse o agente humano dessa libertação.

Já vimos como Deus pode realizar sua obra salvadora por meio de pessoas comuns. Foi a mãe de Moisés quem teve fé para colocar seu bebê num cesto, foi a filha do Faraó quem tirou a criança do rio e foi a irmã de Moisés quem

organizou tudo para que ele fosse amamentado pela sua própria mãe; mas foi a mão de Deus que levou Moisés para o palácio de Faraó. Deus resgatou Moisés – como, mais tarde, ele resgataria também todo o seu povo – por meio da fidelidade incomum de pessoas comuns. É assim que Deus opera (quase) sempre. Sua soberania divina envolve atividade humana. Deus faz sua obra por meio da obra do seu povo, realizando sua vontade por meio da obediência voluntária dos seus servos fiéis.

O comissionamento do profeta Moisés é um lembrete de que cada cristão tem um trabalho a fazer. No capítulo anterior vimos que, sempre que Deus salva alguém, ele chama essa pessoa – pessoal e individualmente – para crer nele. Aqui, descobrimos que o chamado de Moisés por Deus incluía não só a sua salvação, mas também sua vocação – a tarefa específica para a qual Deus o chamou para a sua glória. O mesmo é verdadeiro para cada cristão. O Deus que salva é o Deus que envia. Assim, cada seguidor de Cristo recebe dois chamados: primeiro para a salvação, depois para o serviço. Cada um de nós foi chamado para servir ao Deus da sarça ardente. Seja como pregador ou carteiro, construtor de pontes ou de casas, Deus tem um trabalho para nós. O puritano Cotton Mather (1663-1728) escreveu: “Comumente, cada cristão deveria ter um chamado. Ou seja, deveria haver alguma atividade especial [...] na qual o cristão deveria passar a maior parte do seu tempo para nisso glorificar a Deus”.1

Qualquer que possa ser nosso chamado específico, é um chamado nobre porque ele nos foi dado pelo Deus Altíssimo. O próprio Deus nos chamou para fazer sua obra no mundo. Portanto, devemos fazer nosso trabalho com alegria e diligência, reconhecendo que estamos fazendo a obra de Deus e não a nossa. O que as Escrituras dizem sobre a nossa santificação se aplica também à nossa vocação: “Desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2.12-13). É muito notável que Deus realize sua obra por meio de nós, usando pecadores como seus servos.

Encontramos esse mesmo paradoxo no nosso evangelismo, pois, como Moisés, nós também recebemos uma Grande Comissão. Jesus disse aos seus discípulos: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra” (Mt 28.18). A essa altura, os discípulos devem ter esperado que seu Salvador lhes explicasse como ele pretendia propagar a salvação pelo mundo afora. Em vez disso, Jesus comissionou seus discípulos a pregar o evangelho em seu lugar: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e

do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado" (Mt 28.19-20a). A soberania da graça de Deus não torna nosso ministério desnecessário – torna-o obrigatório. A obra da salvação é obra de Deus do início ao fim. Mesmo assim, Deus nos usa – assim como usou Moisés – para realizar seu propósito salvador.

Quem sou eu?

A princípio, Moisés parecia disposto a aceitar sua grande comissão, pois quando Deus o chamou da sarça ardente, ele disse: "Eis-me aqui!" (3.4b). Com essas palavras, Moisés não estava apenas informando a Deus onde ele estava, mas estava colocando-se à disposição de Deus. Quando disse "Eis-me aqui", o que ele quis dizer era: "Aqui estou, à sua disposição!".2 Foi assim que o jovem Samuel respondeu quando foi chamado no meio da noite: "Eis-me aqui!" (1Sm 3.4,6,8). Foi também como Isaías respondeu quando Deus perguntou quem ele deveria enviar como seu profeta: "Eis-me aqui, envia-me a mim" (Is 6.8b). Com essas mesmas palavras, Moisés expressou sua disposição de fazer a vontade de Deus. Então, ao tirar suas sandálias, seus atos falaram tão alto quanto suas palavras. Em tempos antigos, os escravos costumavam andar descalços; assim, Moisés estava indicando sua disposição para servir. Em palavra e ato, ele adotou a postura de um servo.

No entanto, é evidente que tudo isso aconteceu antes de Moisés descobrir o que Deus queria que ele fizesse, e assim que descobriu ele começou a ter suas dúvidas. Aparentemente, Moisés era o tipo de homem que dizia sim primeiro e depois fazia as perguntas. Ele tinha cinco perguntas no total – mesmo que, quando a conversa terminou, elas eram mais objeções do que perguntas.

Nas primeiras duas perguntas – que exigirão nossa atenção durante o restante deste capítulo – Moisés perguntou a Deus: "Quem sou eu?" e "Quem és tu?". Essas perguntas ocorrem no versículo 11 ("Quem sou eu para ir a Faraó e tirar do Egito os filhos de Israel?") e no versículo 13 ("Eis que, quando eu vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós outros; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome? Que lhes direi?"). Eram perguntas boas. Na verdade, eram as perguntas mais fundamentais que uma pessoa poderia fazer. Uma vez que saibamos como responder a elas – uma vez que saibamos quem nós somos e quem Deus é – podemos começar a viver para a glória de

Deus. João Calvino começou sua famosa obra Institutas dizendo: “Quase toda a sabedoria que possuímos, ou seja, sabedoria sã e verdadeira, consiste em duas partes: o conhecimento de Deus e de nós mesmos”. Calvino então afirmou: “É certo que o homem jamais alcança um conhecimento claro a respeito de si mesmo se ele não olhou primeiro para a face de Deus e então, depois de contemplá-la, passa a analisar a si mesmo”.3 Esse é o tipo de conhecimento que Moisés estava buscando: conhecimento de si mesmo à luz do conhecimento de Deus.

Primeiro Moisés pediu conhecimento de si mesmo: “Então, disse Moisés a Deus: Quem sou eu para ir a Faraó e tirar do Egito os filhos de Israel?” (3.11). Isso não era tanto uma pergunta existencial (sobre sua identidade), era mais uma pergunta prática (referente à sua habilidade). Moisés sabia muito bem quem ele era – ele só não sabia exatamente o que era necessário para fazer esse trabalho. Os egípcios eram o povo mais poderoso do mundo. Como um mero pastor conseguiria libertar da escravidão todo seu exército de trabalhadores? Da última vez que Moisés havia tentado fazer algo assim, ele precisou de 40 anos para se recuperar. Além disso, quem entre os israelitas ainda se lembraria de quem ele era, sem falar daqueles que estariam dispostos a segui-lo? E se alguém se lembrasse de Moisés, certamente se lembrariam de que ele era um assassino condenado: “Quem sou eu para ir a Faraó e tirar do Egito os filhos de Israel?” (3.11).

Alguns veem essa pergunta como sinal de humildade. O êxodo era um trabalho que só Deus podia fazer, diziam eles, mas Deus estava pedindo que Moisés o fizesse. Por isso, foi correto que ele reconhecesse que a tarefa estava muito além das suas habilidades, que a salvação pertencia apenas a Deus. Umberto Cassuto argumenta: “A essa altura, quando Moisés é confrontado com o plano como um todo e imediatamente se dá conta das terríveis dificuldades da sua comissão, sua reação inicial é expressar seu senso de humildade e ressaltar seu desmerecimento diante da magnitude do empreendimento”.4

Outros detectam em Moisés não simplesmente uma falta de autoconfiança, mas também um elemento de teimosia – uma falta de disposição para confiar no plano de Deus. Não era o momento de Moisés pedir a Deus que ele reavaliasse o seu currículo. Ele havia recebido uma ordem direta, e quaisquer que fossem os sentimentos de inadequação, quaisquer ressalvas em relação às suas qualificações que pudesse ter, ele precisava vencer sua relutância e obedecer ao chamado de Deus para a sua vida. Se é certo que Deus está nos chamando para

fazermos algo, não devemos hesitar. Precisamos seguir as ordens, confiando que Deus "[nos] aperfeiçoe em todo o bem, para cumprir[mos] a sua vontade" (Hb 13.21).

"Eu serei contigo"

Independentemente de como julguemos a primeira pergunta de Moisés – e ele parece ter perguntado mais por medo do que por base na fé – devemos admitir que nós teríamos feito a mesma pergunta. Imagine-se nos pés descalços dele por um momento. Você iria querer dizer a Faraó que ele precisava deixar ir o povo de Deus? Ou convencer os israelitas que Deus havia chamado você para levá-los para a Terra Prometida? Moisés era um homem como nós; às vezes, ele tinha suas dúvidas.

Como, então, é encorajador ver a graça com que Deus respondeu a Moisés. Deus poderia ter tentado provar a Moisés que ele era o homem certo para a missão. Ele poderia tê-lo lembrado de como ele havia sido treinado na corte do Faraó. Poderia ter apontado para as lições que ele aprendera como pastor no deserto. Ninguém no mundo inteiro estava mais preparado do que Moisés para tirar Israel do Egito, que era egípcio o bastante para enfrentar os egípcios, e hebreu o bastante para amar os hebreus.

Tudo isso era verdadeiro, mas não foi a resposta que Deus deu. Se ele tivesse mostrado a Moisés que ele era perfeitamente qualificado para o seu chamado, isso teria incentivado Moisés a confiar nos seus dons e não no seu Deus. A pergunta verdadeira não era quem Moisés era, mas quem Deus era, pois "Deus lhe respondeu: Eu serei contigo" (3.12a). O êxodo não dependia da competência de Moisés, mas da presença de Deus. No seu comentário sobre esses versículos, Peter Enns escreve: "A afirmação de Moisés de que ele não pode realizar essa tarefa é correta, mas totalmente irrelevante. Não é ele quem realizará a salvação. Moisés diz: 'Não posso fazer isso'. Yahweh responde: 'Você não fará, eu farei'".5 Portanto, quaisquer que tenham sido as dúvidas de Moisés sobre suas próprias habilidades, elas eram totalmente irrelevantes. Deus havia prometido estar com ele, e "para Deus tudo é possível" (Mt 19.26).

O chamado para o serviço de Deus sempre vem com a promessa da presença de Deus. Existem muitos exemplos disso na Bíblia. Quando Josué herdou o manto

da liderança espiritual, Deus lhe prometeu: “Como fui com Moisés, assim serei contigo; não te deixarei, nem te desampararei” (Js 1.5). Deus fez a mesma promessa a Gideão, que era tímido demais para liderar as tropas na batalha. Deus disse: “Eu estou contigo” (Jz 6.16). Deus também prometeu estar com Jeremias, que era apenas um rapaz quando se tornou profeta: “Não temas [...] porque eu sou contigo” (Jr 1.8). Mas essa promessa não vale apenas para profetas como Moisés e Josué – ela é para todo o povo de Deus. Assim como Deus esteve com Moisés e os filhos de Israel, ele está também conosco, pois ele nos deu a promessa da sua presença em Jesus Cristo, que disse: “E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28.20b). Ao fazer essa promessa, Deus se deu a nós para todo o sempre. E agora que temos a promessa da sua presença eterna, do que mais precisaríamos ou até mesmo o que mais desejaríamos?

No entanto, caso Moisés ainda tivesse alguma dúvida, ele recebeu também um sinal: “Eu serei contigo; e este será o sinal de que eu te enviei: depois de haveres tirado o povo do Egito, servireis a Deus neste monte” (3.12b). O estranho nesse sinal é que ele aponta para o futuro. Nesse sentido, não é muito diferente do sinal que Isaías deu quando profetizou o nascimento de Cristo: “Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel” (Is 7.14). No caso de Moisés, o sinal só seria confirmado quando ele tirasse o povo de Deus do Egito e o levasse de volta para a montanha santa de Deus. Apenas então a promessa de Deus seria cumprida. A pergunta então é: como o sinal ajudou? Se ele se realizasse apenas em algum momento no futuro, como ele encorajaria Moisés no presente?

Alguns estudiosos têm tentado resolver esse problema dizendo que as palavras “este [...] sinal” referem-se, na verdade, à sarça ardente. É verdade que a sarça era um sinal. Como vimos, ela apontava para verdades eternas sobre o caráter de Deus. O problema é que essa solução não funciona muito bem em termos gramaticais. É muito mais natural entender o sinal da maneira como a English standard version o interpreta, como referência ao retorno de Moisés para a mesma montanha. Moisés só veria o sinal depois de cumprir a sua missão, pois o sucesso da sua missão era o sinal.

O que isso significa é que o sinal só podia ser recebido por meio da fé. Sua validade dependia da capacidade de Deus de cumprir sua promessa. Se Moisés precisava de uma confirmação de que ele era o homem certo para a missão e que Deus estaria com ele, ele simplesmente precisava confiar na palavra de Deus,

seguir em frente com fé. E foi exatamente isso o que Moisés fez, pois as Escrituras dizem: “Pela fé, ele abandonou o Egito, não ficando amedrontado com a cólera do rei; antes, permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível” (Hb 11.27).

A confiança de Moisés estava bem colocada, pois Deus estava muito à frente no seu planejamento. Moisés ainda se preocupava com sua volta para o Egito; entrementes, Deus já havia resgatado seu povo de Egito e levado de volta para o monte Sinai, cantando seus louvores. Era o plano de Deus desde o início que o êxodo seria para a sua glória. O plano de Deus não era simplesmente tirar seu povo do Egito, mas reuni-lo em sua presença para que eles o servissem com adoração. A mensagem central do livro de Êxodo é que somos salvos para glorificar a Deus.

Quem és tu?

Quem é esse Deus que somos chamados para glorificar? Essa foi a segunda pergunta que Moisés fez. Antes de concordar com sua missão de tirar Israel do Egito, ele queria primeiro saber quem ele mesmo era. Depois quis saber quem era Deus. Tudo bem que Deus prometeu estar com ele, mas quem, afinal de contas, era esse Deus? “Disse Moisés a Deus: Eis que, quando eu vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós outros; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome? Que lhes direi?” (3.13).

É fácil criticar Moisés por fazer essa pergunta. O começo da sua pergunta já era ruim: “Quando eu vier aos filhos...” Quando, ou melhor, se eu for? O que Moisés estava pensando? Ele acabara de receber uma ordem direta do Deus da aliança eterna. Esse tipo de ordens divinas não deixa espaço para negociações. Não havia nenhum se: Moisés deveria ir. Ou ele fazia o que havia sido ordenado a fazer, ou estaria resistindo a Deus. A razão que ele deu para sua pergunta era igualmente indigna. Moisés a fez parecer como se estivesse perguntando em nome dos israelitas quando, na verdade, ele estava expressando suas próprias dúvidas. Deus havia lhe feito a promessa da sua presença – que era tudo de que ele precisava –, e mesmo assim Moisés se preocupava com o que o povo pensaria. Observe como seu pensamento era egocêntrico: “Quando eu vier [...] Que lhes direi?”. O foco de Moisés continuava voltado para sua própria inadequação, não na suficiência de Deus. Para recuperar seu foco, ele precisou

que Deus lhe dissesse: “Eu sou o que sou” (3.14). E havia a pergunta em si, que era totalmente desnecessária. Moisés já sabia quem Deus era, porque Deus havia se identificado como o Deus dos seus pais – Abraão, Isaque e Jacó (3.6). Toda essa conversa teria sido muito mais curta se Moisés simplesmente tivesse aceitado a palavra de Deus. Ele ainda precisava aprender quanto mais fácil é a vida para aqueles que simplesmente confiam e obedecem.

No entanto, antes de acusarmos Moisés de mais, deveríamos colocar-nos no seu lugar por um momento. Deus havia feito promessas tão grandes e exigências tão grandes a ele que Moisés queria mais informações. Mais especificamente, ele se perguntou o que o povo de Deus diria se ele voltasse e lhes dissesse que ele os levaria para a Terra Prometida. Moisés havia sido criado como egípcio, o que significava que ele nunca havia participado plenamente dos sofrimentos deles. E ele estava fora do Egito havia 40 anos. Pior ainda, da última vez que esteve ali, os israelitas haviam rejeitado sua liderança. Dificilmente acreditariam em Moisés se ele dissesse que havia sido enviado para ser o salvador deles. Nem mesmo ele tinha certeza de que era o homem certo para o trabalho. Por que, então, outra pessoa acreditaria que ele era capaz de fazê-lo? A única coisa à qual ele podia apelar era a autoridade de Deus, mas como convenceria o povo de que estivera na presença do Senhor? Ele quase não acreditava nos seus próprios olhos e ouvidos; como, então, convenceria outros? Então, imaginou-se voltando para o Egito e dizendo: “Vejam, eu estive no deserto vigiando ovelhas, e havia um arbusto, e ele ardia sem queimar. Bem, em todo caso, foi quando ouvi essa voz me dizendo que eu deveria tirar vocês do Egito”.

Moisés sabia que o povo seria cético, e não era difícil imaginar como eles reagiriam. As pessoas lhe diriam que ele estava vendo e ouvindo coisas sob o sol escaldante do deserto. E então o que ele diria – “Bem, acho que vocês deveriam estar ali para acreditar”? É fácil entender por que Moisés acreditava precisar de algo mais. Ele queria todo o peso da autoridade divina na retaguarda. Por isso, pediu que Deus revelasse seu nome.

Não é certo se os israelitas já conheciam ou não o nome de Deus. Não era incomum Deus revelar um novo nome quando realizava uma nova salvação ou libertação. Contudo, se os israelitas ainda não conheciam o nome divino especial de Deus, surge a pergunta a respeito de quanto essa revelação teria aumentado a credibilidade de Moisés. Além disso, essa não é a primeira vez em que o nome especial de Deus é usado na Bíblia, ou até mesmo nesse capítulo (veja 3.2,4,7). Por isso, é provável que os hebreus já conhecessem o nome divino e que, ao

aparecer na sarça ardente, Deus estava simplesmente reapresentando a si mesmo como o Deus que seu povo havia conhecido desde sempre.

Porém, não parece que Moisés conhecia o nome do Senhor. Ao pedir que Deus o revelasse, ele estava tentando compreender a essência de Deus. O nome de Deus era mais do que um nome: ele representava todo o seu caráter e a sua reputação. Assim, a resposta que Moisés recebeu foi uma revelação da essência e dos atributos de Deus:

Disse Deus a Moisés:

Eu sou o que sou

. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel:

Eu sou

me enviou a vós outros. Disse Deus ainda mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O

Senhor

, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, me enviou a vós outros; este é o meu nome eternamente, e assim serei lembrado de geração em geração. (3.14-15)

Essa foi a resposta de Deus, e é provável que Moisés tenha passado o restante da sua vida tentando descobrir o que, exatamente, ela significava. Estudiosos da Bíblia têm passado os últimos três milênios tentando compreendê-la, e ainda não chegaram a um acordo, porque “Eu sou o que sou” é o tipo de declaração que levanta mais perguntas do que respostas. Na verdade, Peter Enns acredita que “ele pode ser compreendido como uma recusa de dignificar a pergunta de Moisés com uma resposta: ‘Eu sou o que sou’; eles sabem muito bem quem eu sou. Que pergunta!”.6

Uma dificuldade consiste em determinar o que, exatamente, é a resposta. Qual é

o nome de Deus? A resposta vem no versículo 14 ou no versículo 15? Se vier no versículo 14, o nome de Deus é “Eu sou o que sou”, ou simplesmente “Eu sou”. Nesse caso, porém, o nome de Deus é um verbo, o que seria extremamente incomum. Parece mais provável que o nome divino é dado no versículo 15, em que Deus se identifica como “o Senhor”. “Senhor” é o nome especial de Deus que ocorre mais de cinco mil vezes no Antigo Testamento. Um texto em que ocorre é no Cântico de Moisés, em que vemos como o próprio Moisés entendeu a resposta de Deus à sua pergunta: “Senhor é o seu nome” (15.3b).

Às vezes, o nome “Senhor” é chamado tetragrama, porque, em hebraico, consiste de quatro letras: YHWH. Para os judeus, essas letras eram tão sagradas que, mais tarde, alguns se recusaram a pronunciar o nome do Senhor, temendo usá-lo em vão. Talvez seja por isso que a maneira correta de pronunciar o nome divino se perdeu (parte do problema é, também, que os manuscritos hebraicos mais antigos não contêm vogais, apenas consoantes). Às vezes, a versão King James da Bíblia o escreve como “Jeová”, apesar de isso se basear num entendimento incorreto das vogais hebraicas que remonta à igreja medieval. A English Standard Version simplesmente o reproduz como “Senhor”. A maneira correta de pronunciar o nome especial de Deus é, provavelmente, algo semelhante a “Yahweh”. Mas mesmo que sua pronúncia seja incerta, o nome de Deus em si jamais foi esquecido. Os huguenotes franceses o preservaram em sua insígnia: uma sarça ardente com as quatro letras hebraicas do nome divino.

O que está no nome?

Quando você quer que alguém saiba quem você é, o primeiro passo consiste em informar o seu nome. O Senhor revelou o seu nome – Yahweh – para que nós o conheçamos de modo pessoal. Mas o que significa o seu nome? O que ele pretende transmitir?

Êxodo 3 é um bom texto para responder a essas perguntas porque é o único texto em que o Antigo Testamento explica o nome de Deus. Em primeiro lugar, Yahweh significa que Deus é misterioso. Ao informar-nos seu nome, Deus nos diz quem ele é. Mas é tão difícil entender o nome de Deus – ele é tão insondável – que ele nos obriga a admitir que há algumas coisas relacionadas a Deus que nós jamais compreenderemos. Parte daquilo que torna o nome divino misterioso é o fato de ele ser derivado do verbo hebraico “ser” (h~y^h). Apesar de a maioria

das traduções obscurecer isso, o nome “Senhor” no versículo 15 está relacionado às palavras “eu serei” e “eu sou”. Portanto, Deus usa variações do seu nome cinco vezes nesses versículos – uma vez no versículo 12 (“Eu serei contigo”, ou melhor: “Eu sou é quem está contigo”), três vezes no versículo 14 (“Eu sou”), e uma vez no versículo 15 (“Senhor”). Seu nome especial significa algo como “Ele que é” ou “Eu sou aquele que é”. Mas até isso é um mistério. O grande teólogo holandês Herman Bavinck (1854-1921) escreveu: “Deus é o que ele se chama, e ele se chama o que é”.7 Quem é Deus? Deus é quem ele é, e é só o que temos a dizer sobre isso.

Em segundo lugar, o nome de Deus significa que ele é eterno e imutável em seu ser divino. Seu nome ocorre no tempo verbal do presente do verbo hebraico “ser”. Deus não diz: “Eu era o que era” ou “Serei o que serei”. Ele diz: “Eu sou o que sou”. Isso porque ele não tem passado ou futuro, apenas um presente eterno. Deus é Aquele que ele sempre é. Assim, ele pôde dizer a Moisés que ele era o Deus dos patriarcas – o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Pôde também prometer: “Este é o meu nome eternamente, e assim serei lembrado de geração em geração” (3.15b).

O nome de Deus tem ainda um terceiro significado. Significa que Deus é autoexistente. O verbo hebraico “ser” é flexível o bastante para permitir que o nome divino seja traduzido como “Ele que causa ser”. Tudo o mais deve sua vida e seu ser a Deus, mas Deus é independente. Ele não deve seu ser ou seus atributos a ninguém. Ele simplesmente existe por si só. Como observou o puritano Matthew Henry (1662-1714): “O maior e melhor homem do mundo precisa dizer: pela graça de Deus sou o que sou, mas Deus diz absolutamente – e isso é mais do que qualquer criatura, homem ou anjo pode dizer – Sou que sou”.8 Deus é o que é em si mesmo. Ele não depende de ninguém e de nada porque ele tem sua existência de si mesmo.

Outra maneira de dizer isso é que Deus é autossuficiente. Ele não tem quaisquer desejos ou necessidades insatisfeitos. Ele não precisa da ajuda de ninguém. Ele não é codependente. Ele não vive ou se move ou existe em qualquer pessoa senão em si mesmo. A Confissão de Fé de Westminster diz: “Deus tem em si mesmo, e de si mesmo, toda a vida, glória, bondade e bem-aventurança; ele é todo-suficiente em si e para si, pois não precisa das criaturas que trouxe à existência” (2.2).

Como vimos, isso era parte do significado da sarça ardente, que continuava

ardendo – por si mesma – sem jamais se consumir. Como a sarça ardente, Deus é perpetuamente autoexistente. Alexander Maclaren escreveu:

O fogo que arde, mas não se extingue, que não tem tendência à destruição em sua própria energia e que não é consumido pela sua própria atividade, é certamente um símbolo do Ser Uno, cujo ser deriva sua lei e sua fonte de si mesmo, o único que pode dizer “Eu sou o que sou”, a lei da sua natureza, o fundamento do seu ser, por assim dizer, encerrados dentro dos limites da sua própria natureza. Você e eu precisamos dizer “Eu sou aquilo que me tornei”, ou “Eu sou aquilo que nasci”, ou “Eu sou aquilo em que as circunstâncias me transformaram”. Ele disse: “Eu sou o que sou”. Todas as outras criaturas são laços; esse é o gancho em que todos eles estão suspensos; esse ser é inderivado, absoluto, autodependente e, portanto, inalterável para todo o sempre. Porque vivemos, morremos. Quando vivemos, transcorre o processo do qual a morte é o fim. Mas Deus vive para sempre, uma chama que não se apaga; por isso, seus recursos são inesgotáveis, seu poder não se desgasta. Ele não precisa de descanso para recuperar as energias gastas. Suas dádivas não esvaziam o depósito que ele tem para conceder. Ele dá e não perde nada. Ele trabalha e nunca se cansa. Ele opera sem desgaste; ele ama e ama para sempre. E a chama continua a arder por todas as eras, sem se consumir e sem se decompor.9

Jesus Cristo, o grande Eu Sou

Conhecer o nome do Deus que ele encontrou na sarça ardente foi uma grande ajuda para Moisés. Uma vez que descobriu a identidade verdadeira de Deus, ele foi capaz de voltar para o Egito e dizer aos israelitas: “Eu sou me enviou a vós outros”. O restante do êxodo é a história de Deus fazendo jus ao seu nome, demonstrando que ele é o Deus eterno da aliança da graça.

Conhecer o nome de Deus é uma grande ajuda também para nós. Se Deus é o grande Eu Sou, que sempre é quem ele é, então servimos ao mesmo Deus ao qual Moisés serviu. Sempre que adoramos, sapatos são opcionais, pois estamos na presença do Deus misterioso, eterno, imutável e autoexistente.

A única diferença é que o Deus de Moisés nos deu um novo nome pelo qual

podemos chamá-lo. É o nome – o único nome – pelo qual precisamos ser salvos: Jesus Cristo. Em certa ocasião Jesus estava tentando convencer alguns líderes religiosos de que ele era o Cristo. Por fim, ele disse: “Em verdade, em verdade eu vos digo: antes que Abraão existisse, Eu sou” (Jo 8.58). Jesus estava afirmando ser o Senhor Deus de Moisés, o grande Eu Sou, o eterno Deus autoexistente encarnado. Os líderes religiosos sabiam exatamente o que Jesus estava dizendo, mas não creram nele. Na verdade, julgaram que o que ele disse era blasfêmia, por isso tentaram apedrejá-lo. Mas o que Jesus disse é verdade: Ele é “aquele que é, que era e que há de vir” (Ap 1.8).

Você crê que Jesus Cristo é o Deus de Moisés, o Senhor da sarça ardente? A pergunta é importante porque sua resposta é uma questão de vida ou morte. Jesus disse: “Por isso, eu vos disse que morrereis nos vossos pecados; porque, se não crerdes que Eu sou, morrereis nos vossos pecados” (Jo 8.24). Jesus Cristo é o Deus que salva, e todo aquele que não crê nele não tem esperança de salvação. Mas Jesus continuou e disse: “Quando levantardes o Filho do Homem, então, sabereis que Eu sou” (Jo 8.28a). Jesus estava falando sobre sua crucificação, afirmando que sua morte na cruz pelos pecadores provaria que ele é o Deus verdadeiro da nossa salvação. O cristão é aquele que crê que Jesus é o grande Eu Sou.

Uma vez que cremos em Jesus, podemos ir a ele com nossas perguntas, assim como Moisés o fez. Ele não nos mandará embora. Mas o que ele quer de nós é que coloquemos a nossa fé nele, que nos deixemos conduzir para onde ele nos mandar e confiemos na promessa da sua presença eterna.

Notas

1 Cotton Mather, A Christian at His Calling, quoted in Leland Ryken, Worldly Saints: The Puritans as They Really Were (Grand Rapids: Zondervan, 1986), p. 27.

2 James Plastaras, The God of Exodus (Milwaukee: Bruce, 1966), p. 64.

3 João Calvino, Institutes of the Christian Religion, John T. McNeill (org.), Ford Lewis Battles (trad.), Library of Christian Classics, 20-1 (Filadélfia: Westminster, 1960), I.i.1,2.

4 Umberto Cassuto, A Commentary on the Book of Exodus, Israel Abrahams (trad.) (Jerusalém: Magnes, 1967), p. 36.

5 Peter Enns, Exodus, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2000), p. 101.

6 Ibid., p. 103.

7 Herman Bavinck, The Doctrine of God, William Hendricksen (trad.) (Edimburgo: Banner of Truth, 1977), p. 85.

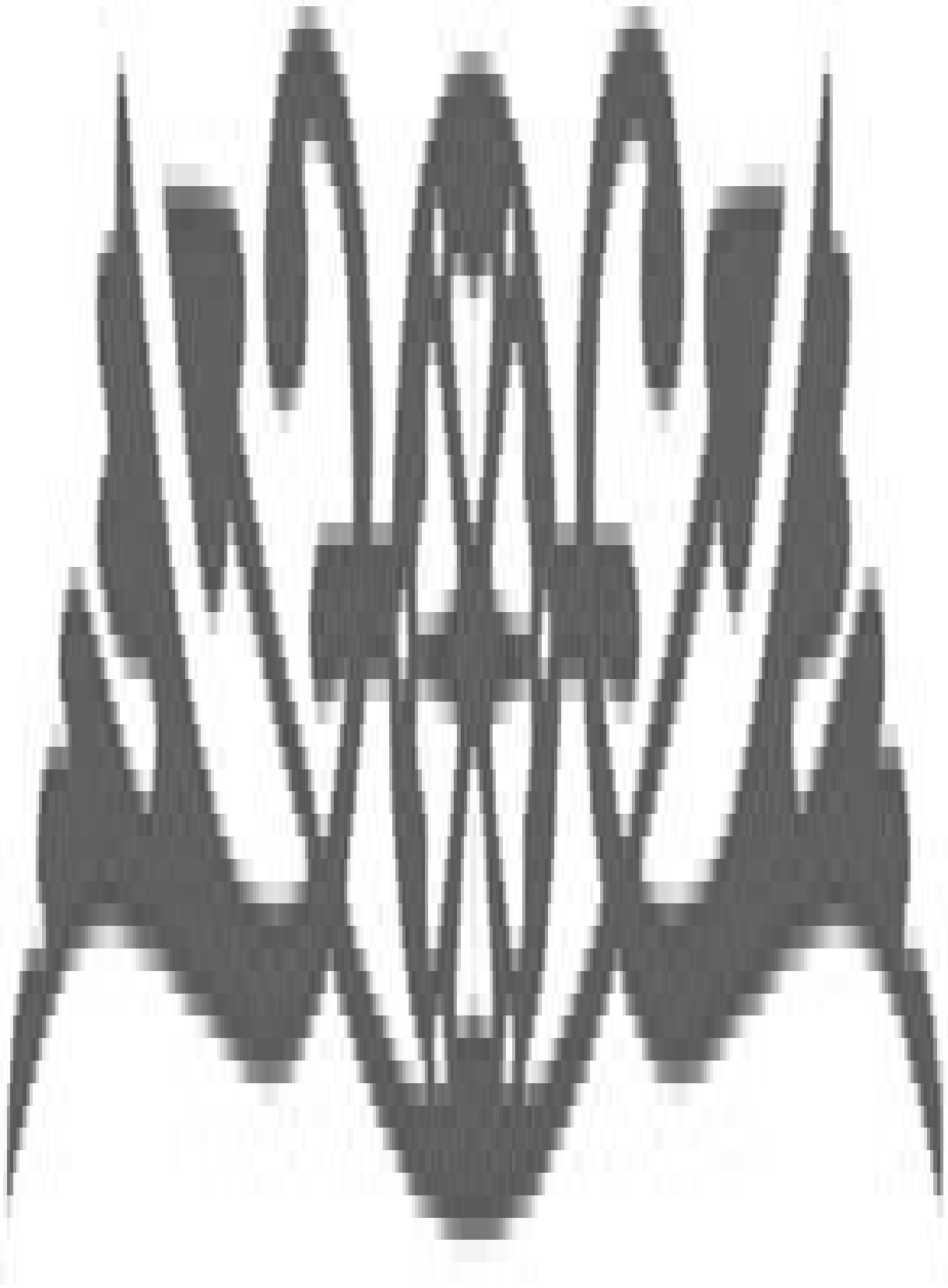
8 Matthew Henry, Commentary on the Whole Bible, vol. 1 (Nova York: Revell, s.d.), p. 284.

9 Alexander Maclaren, Expositions of Holy Scripture, vol. 1 (Grand Rapids: Eerdmans, 1952–1959), p. 23-4.

8

Prodígios e sinais

Êxodo 3.16–4.9



Moisés ainda estava junto à sarça ardente, mas ele estava começando a perder suas inibições. Mais especificamente, ele havia perdido o seu senso da grandiosidade de Deus. Primeiro ele “escondeu o rosto, porque temeu olhar para Deus” (3.6b). No entanto, mesmo temendo olhar para Deus, aparentemente ele não tinha medo de falar e nem mesmo de discutir com ele.

Êxodo 3–4 relata uma conversa – para não dizer disputa – extensa entre Deus e Moisés. Moisés ainda estava tentando decidir se realmente queria tirar Israel do Egito ou não, de modo que fez cinco perguntas a Deus. Primeiro quis saber quem ele era para empreender uma missão tão difícil e perigosa: “Quem sou eu para ir a Faraó e tirar do Egito os filhos de Israel?” (3.11). Deus respondeu dizendo que, no fundo, não importava tanto quem Moisés era, contanto que Deus estivesse com ele. Depois Moisés perguntou quem Deus era (3.13). Se o sucesso da sua missão dependia mais de Deus do que dele, Moisés queria saber qual era o nome de Deus. Deus respondeu revelando-se como o grande Eu Sou.

Depois de responder a essas duas perguntas, Deus passou a dar informações detalhadas sobre o que ele queria que Moisés fizesse. Raramente um homem recebeu instruções tão explícitas para executar a vontade de Deus. Os versículos seguintes contêm uma mensagem para os israelitas (3.16-17), uma mensagem para os egípcios (3.18-22) e três sinais para Moisés (4.1-9), que – como descobriremos – foram dados como resposta à sua terceira pergunta.

Uma mensagem para os israelitas

O primeiro passo no plano de Deus era que Moisés voltasse para o Egito e falasse com os israelitas. Deus lhe disse exatamente o que fazer e dizer:

Vai, ajunta os anciãos de Israel e dize-lhes: O

Senhor

, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó,

me apareceu, dizendo: Em verdade vos tenho visitado e visto o que vos tem sido feito no Egito. Portanto, disse eu: Far-vos-ei subir da aflição do Egito para a terra do cananeu, do heteu, do amorreu, do ferezeu, do heveu e do jebuseu, para uma terra que mana leite e mel. (3.16-17)

Se essa mensagem lhe parece familiar é porque Deus havia dito todas essas coisas a Moisés no início do capítulo 3. Ele estava simplesmente repetindo as promessas que já havia feito. Quando Moisés voltasse para o Egito, ele deveria repetir perante os anciãos exatamente o que ele havia visto e ouvido. Temos aqui um princípio importante para a transmissão de profecias bíblicas: os homens que escreveram a Bíblia falavam em nome de Deus. Não estavam anotando suas próprias opiniões ou inventando coisas enquanto escreviam. Pelo contrário, escreviam e falavam apenas aquelas coisas que Deus os instruiu a escrever e dizer. A Bíblia não é a palavra do homem sobre Deus, mas a Palavra de Deus ao homem. O apóstolo Pedro disse: “[Sabei] primeiramente, isto: que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1.20-21). Isso se aplicava ao caso de Moisés. O que ele apresentou aos israelitas não foi sua interpretação pessoal do significado da sarça ardente. As palavras que ele repetiu e que estão registradas para nós no livro de Êxodo são as palavras exatas de Deus.

A mensagem de Deus aos israelitas contém muitas verdades maravilhosas sobre seus atributos e atividades. Apesar de já termos estudado estes antes, vale a pena repeti-los. Deus se identificou como “O Senhor” (3.15). Esse nome divino especial (“Yahweh”) significava que ele é aquele que é, o Deus eterno e autoexistente. Deus também se identificou como “o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó” (3.15). Ele era o Deus da aliança eterna, que estabeleceu um relacionamento pessoal e salvador com seu povo. Ele conhecia cada um pelo nome e tinha uma história de amor e carinho por eles.

Tudo isso estava no passado. No presente, Deus estava operando para salvar seu povo. Foi por isso que ele apareceu a Moisés na sarça ardente, revelando-se a si mesmo como o Deus santo. Quando Moisés voltasse para o Egito, ele deveria dizer aos israelitas que ele havia tido uma teofania, uma manifestação visível do Deus invisível. Deveria também dizer-lhes que Deus sabia o que estava

acontecendo com eles, estava preocupado com isso e disposto a fazer algo a esse respeito. Os israelitas haviam sido escravizados por tanto tempo que eles temiam que tivessem sido esquecidos. Porém, Deus prestava muita atenção no sofrimento deles. Ele sabia como era terrível o pecado cometido contra eles, pois disse: “Em verdade vos tenho visitado e visto o que vos tem sido feito no Egito” (3.16b).

Yahweh era o Deus do passado que havia prometido salvação aos patriarcas. Ele era o Deus do presente que enviou Moisés para salvar o seu povo. E ele era o Deus do futuro que os levaria para a Terra Prometida: “Far-vos-ei subir da aflição do Egito para a terra do cananeu, do heteu, do amorreu, do ferezeu, do heveu e do jebuseu, para uma terra que mana leite e mel” (3.17). Como vimos, a salvação não é apenas de algo, mas também para algo. Quando Deus resgatou seu povo da escravidão e do cativeiro, ele não o largou no deserto, mas o levou para a terra de leite e mel. Depois da saída do Egito, houve a entrada em Canaã. O Deus que falou a Moisés é o Deus que é ativo na História – passada, presente e futura.

Viemos a conhecer o mesmo Deus por meio de Jesus Cristo, que “ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre” (Hb 13.8). Jesus Cristo é o Deus do passado, que entrou na história humana para salvar os pecadores morrendo na cruz e ressurgindo da sepultura no tempo e no espaço reais. Jesus é também o Deus do presente, que nos guarda e conhece nosso sofrimento, incluindo as maneiras em que sofremos os pecados de outros. O Cristo do passado e do presente é também o Cristo do futuro, que prometeu não só salvar-nos do pecado, mas também levar-nos para a glória. Algum dia, ele voltará para nos levar para casa para sempre.

Uma mensagem para o Faraó

Quando Moisés levasse a mensagem salvadora de Deus aos israelitas, ele deveria primeiro procurar os anciãos de Israel e reuni-los numa assembleia sagrada (3.16). Em parte, isso era uma questão de conveniência. A maneira mais fácil de se comunicar com uma nação grande é começar pelos seus líderes. Era também uma questão de princípio. Deus confiou o cuidado do seu povo a um grupo de homens que, juntos, exerciam autoridade espiritual sobre Israel. Como descobriremos, mesmo quando Moisés tornou-se seu líder, esses anciãos

continuaram a exercer um papel importante na vida do povo de Deus (veja 18, 24). De modo muito semelhante, a igreja de Jesus Cristo deve ser governada por um grupo de anciãos que, juntos, pastoreiam o rebanho de Deus (veja At 20.17-35; 1Tm 3.1-7; 5.17). O princípio bíblico de governança por anciãos (ou presbíteros, para usar o termo do Novo Testamento) remete ao êxodo.

Havia outra razão para Moisés reunir os anciãos: ele precisava de ajuda para cumprir seu chamado. Deus não queria que Moisés se aproximasse sozinho de Faraó, mas com o apoio e encorajamento dos seus anciãos: “E [os anciãos] ouvirão a tua voz; e irás, com os anciãos de Israel, ao rei do Egito” (3.18a). Uma vez que Moisés convencesse os líderes espirituais de Israel de que ele havia visto o Senhor, ele seria capaz de receber coragem e conselhos deles. Então, Moisés e os anciãos deveriam transmitir esta mensagem ao Faraó: “O Senhor, o Deus dos hebreus, nos encontrou. Agora, pois, deixa-nos ir caminho de três dias para o deserto, a fim de que sacrifiquemos ao Senhor, nosso Deus” (3.18b).

O que é surpreendente nessa mensagem é que eles pediram apenas três dias de folga. Deus já havia prometido levar seu povo do Egito até Canaã, mas quando foram falar com Faraó pela primeira vez, eles apresentaram o êxodo como se fosse um retiro de fim de semana. Não é de admirar que alguns estudiosos objetaram que Deus não estava sendo completamente sincero com Faraó – e até mesmo que ele havia dito uma mentira. Sua intenção verdadeira era reunir seu povo no monte Sinai, que se encontrava a uma distância bem maior do Egito do que apenas três dias.

Há diversos modos de responder a essa objeção, que precisa ser respondida se quisermos preservar a honestidade de Deus. Um é ressaltar que, em termos estritos, os anciãos não disseram nada de falso. Simplesmente pediram a autorização para fazer uma excursão de três dias, sem dizer nada sobre quando eles voltariam. Se o que disseram era enganoso, isso se devia apenas ao fato de Faraó não ter qualquer direito de saber a verdade. Manter o povo de Deus escravizado era um ato de agressão, e pedir uma folga de três dias era um ruse de guerre – uma estratégia justificável em tempos de guerra.

Outras possíveis soluções para o problema da jornada de três dias estão baseadas em costumes antigos. Há evidências que indicam que a expressão “caminho de três dias” era usada para se referir a qualquer viagem longa de duração indefinida. Ajuda lembrar também que essa foi a jogada de abertura num demorado processo diplomático entre Moisés e Faraó, um processo dominado

pelos costumes orientais de negociação.1 Suas negociações subsequentes deixam claro que Faraó não foi enganado e que Moisés não pretendia enganá-lo. Ambos os homens estavam acostumados com esse estilo de discurso, e enquanto negociavam a retirada de Israel, ambos entendiam que, uma vez que partissem, os hebreus nunca voltariam.

Essas soluções têm seus méritos, mas há outra resposta que evidencia a verdadeira intenção espiritual do pedido dos anciãos. O que era mais importante do que a duração da viagem era seu propósito. O que os israelitas estavam pedindo era a permissão para partir para encontrar-se com seu Deus. Mais especificamente, eles precisavam adorá-lo para restaurar seu relacionamento de aliança com ele por meio de sacrifícios por causa dos seus pecados. Lembre-se de que, desde o início, o êxodo serviria à glória de Deus. Assim, a pergunta real não era a duração de tempo que os israelitas estariam fora, mas se Faraó estaria disposto a permitir que eles glorificassem a Deus. No fim das contas, Deus pretendia tirar seu povo do Egito para sempre, mas ao começar com um pedido mais modesto, ele conseguiu expor a profunda hostilidade de Faraó à sua glória. Mesmo sendo insensato esperar que o rei do Egito permitisse que toda a sua força de mão de obra saísse do país, não era nada insensato pedir alguns dias de liberdade religiosa. Porém, Faraó não estava disposto nem mesmo a dar três dias de glória a Deus. Ele queria toda a glória para si mesmo, e ele sabia que, se concedesse esse pedido pequeno, isso demonstraria que, na verdade, a glória não pertencia a ele.

Essa é uma escolha que cada ser humano precisa fazer: viveremos para a glória de Deus ou para a nossa própria? Os israelitas haviam feito a sua escolha. Como Moisés, os anciãos haviam decidido servir àquele que eles chamavam de “o Senhor, nosso Deus”, e quando chegasse a hora, eles lhe ofereceriam sacrifícios de louvor (veja Êx 24). Faraó também havia feito a sua escolha. Ele não chamaria o Senhor de seu Deus porque ele não estava disposto a dar-lhe glória. Apenas aqueles que oferecem a Deus tudo o que são e têm podem conhecê-lo como o Senhor, seu Deus.

Deus de prodígios

Já que conhecia a dureza do coração de Faraó, Deus sabia também que o pedido dos anciãos seria negado. Mesmo se fosse apenas por três dias, o Faraó se

recusaria a cooperar e deixar o povo de Deus partir. Deus sabia também o que seria necessário para tirar Israel do Egito: “Eu sei, porém, que o rei do Egito não vos deixará ir se não for obrigado por mão forte. Portanto, estenderei a mão e ferirei o Egito com todos os meus prodígios que farei no meio dele; depois, vos deixará ir” (3.19-20). Essa parte de Êxodo serve como uma “prévia de atrações futuras”, fornecendo um esboço dos próximos 11 capítulos. Passo a passo, é assim que os israelitas seriam salvos: “O povo crerá, o rei será endurecido, os egípcios serão assolados por pragas, a libertação ocorrerá e, por fim, os egípcios serão pilhados.”2

Isso prova que o Deus que salva é também o Deus que conhece o futuro. Vale a pena ressaltar isso porque está se tornando cada vez mais comum ouvir cristãos evangélicos dizerem que Deus não conhece o futuro. Às vezes, essa ideia é chamada de “a abertura de Deus”.3 Isso significa que Deus é aberto a possibilidades, que seus planos mudam de acordo com as circunstâncias. Mas o Deus da Bíblia, o Deus que apareceu a Moisés na sarça ardente, não é um Deus que improvisa as coisas à medida que elas vão acontecendo. Pelo contrário, ele é o Deus que ordena tudo o que acontece segundo o conselho eterno da sua vontade perfeita. Ele é o Deus que diz:

Lembrai-vos disto e tende ânimo;

tomai-o a sério, ó prevaricadores.

Lembrai-vos das coisas passadas da antiguidade:

que eu sou Deus, e não há outro,

eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim;

que desde o princípio anuncio o que há de acontecer

e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam;

que digo: o meu conselho permanecerá de pé,

farei toda a minha vontade. (Is 46.8-10)

O êxodo é o exemplo perfeito da capacidade singular de Deus de não só conhecer o futuro, mas também de predeterminá-lo. Quando Deus enviou Moisés a Faraó, ele sabia exatamente o que aconteceria. Tudo aconteceria de acordo com o seu plano, como sempre acontece.

O que Deus faria para conquistar o coração de Faraó também demonstra o seu poder. Por mais teimoso que fosse, o rei do Egito não estava à altura do Deus de Moisés. A Bíblia chama atenção para isso quando fala da “mão forte” de Deus (3.19). Antigos textos egípcios costumam descrever Faraó como “aquele que destrói os inimigos com seu braço”.4 Porém, o braço de Faraó era fraco demais para lutar com o braço de Deus, e Deus demonstrou sua força curvando a vontade de Faraó à sua própria.

Deus fez isso operando “prodígios” (3.20) – atos extraordinários de poder sobrenatural. Os prodígios eram todos os milagres que Deus realizaria com seu braço estendido, incluindo as dez pragas que ele usou para afligir os egípcios. Mais tarde, quando o salmista louvou a Deus pelas grandes obras do seu poder, ele usou a mesma palavra que Moisés usou para descrever o êxodo:*

Grandes são as obras do

Senhor

,

consideradas por todos os que nelas se comprazem.

Em suas obras há glória e majestade,

e a sua justiça permanece para sempre.

Ele fez memoráveis as suas maravilhas;

benigno e misericordioso é o

Senhor.

(Sl 111.2-4)

Faraó só deixaria o povo de Deus partir depois de Deus demonstrar seu poder realizando todos os seus prodígios. Na verdade, faria mais do que apenas deixá-lo partir. A expressão hebraica sugere uma expulsão. Faraó estaria tão ansioso para se livrar dos seus ex-escravos que ele praticamente os empurraria para fora do Egito. E quando finalmente partissem, os egípcios até dariam algum dinheiro para gastarem na viagem: “Eu darei mercê a este povo aos olhos dos egípcios; e, quando sairdes, não será de mãos vazias. Cada mulher pedirá à sua vizinha e à sua hóspeda jóias de prata, e jóias de ouro, e vestimentas; as quais poreis sobre vossos filhos e sobre vossas filhas; e despojareis os egípcios” (3.21-22).

O fato de terem pilhado os egípcios demonstraria muitas das perfeições de Deus. Demonstraria que ele cumpre todas as suas promessas. Séculos antes, quando fez sua aliança com Abraão, Deus prometeu especificamente que seu povo sairia do seu cativeiro “com grandes riquezas” (Gn 15.14). Demonstraria também o poder de Deus. Normalmente, uma nação derrotada era pilhada por guerreiros poderosos. Mas, nesse caso, o Egito seria pilhado por mulheres – um triunfo total. Além do mais, a reivindicação desses troféus de guerra demonstraria a providência de Deus, pois a prata e o ouro seriam usados para construir o tabernáculo. Assim, os egípcios foram pilhados para a glória de Deus.

No entanto, o mais importante era, talvez, que a pilhagem dos egípcios servia para demonstrar a justiça divina. Às vezes, os estudiosos acusam os israelitas de roubo. A versão King James contribui para esse equívoco afirmando que os israelitas “emprestaram” tesouros dos egípcios, embora não tivessem qualquer intenção de devolvê-los. Na verdade, porém, o hebraico afirma que os israelitas simplesmente pediram os tesouros aos egípcios.** Essa foi a maneira de Deus garantir que seu povo fosse pago por todo o trabalho que havia feito para o Faraó, o que era apenas justo. Umberto Cassuto escreve:

Os escravos hebreus, que saíram do Egito, já haviam servido aos seus senhores o número de anos predeterminados pela providência; consequentemente, tinham o direito à libertação, e quando fossem libertados, eles teriam direito a uma recompensa. Isso era exigido pela lei – ou seja, a justiça absoluta exigia isso – e

apesar de nenhuma corte terrena poder obrigar o rei do Egito e seus servos a cumprir sua obrigação, a Corte celestial garantiu que as exigências da lei e da justiça fossem cumpridas e direcionou o curso dos acontecimentos para esse fim.5

Mais tarde, quando Deus deu a lei ao seu povo, ele decretou que os escravos hebreus nunca deveriam ser libertos de mãos vazias, mas que sempre fossem recompensados pelo seu trabalho:

Quando um de teus irmãos, hebreu ou hebreia, te for vendido, seis anos servir-te-á, mas, no sétimo, o despedirás forro. E, quando de ti o despedires forro, não o deixarás ir vazio. Liberalmente, lhe fornecerás do teu rebanho, da tua eira e do teu lagar; daquilo com que o

Senhor

, teu Deus, te houver abençoado, lhe darás. Lembrar-te-ás de que foste servo na terra do Egito e de que o

Senhor

, teu Deus, te remiu. (Dt 15.12-15a)

Um dos princípios profundos da justiça divina é que a redenção de escravos exige o pagamento de uma dádiva. O mesmo aconteceu quando os israelitas foram libertados da Babilônia: receberam ouro e prata para sua viagem de retorno para Jerusalém (veja Ed 1).

Encontramos um eco desse princípio no Novo Testamento. Quando Jesus Cristo nos libertou da nossa escravidão ao pecado, ele esbanjou dádivas – dons espirituais para enriquecer a nossa nova vida da liberdade em Cristo. Como dizem as Escrituras: “Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativeiro e concedeu dons aos homens” (Ef 4.8). Jesus pilhou o diabo por meio da cruz, e agora os dons do Espírito Santo servem como espólio da nossa libertação.

Sinais especiais

Obviamente, as mensagens que Moisés deveria levar aos anciãos de Israel e a Faraó eram repletas de informações valiosas sobre o Deus que salva. O Senhor Deus de Abraão é um Deus grande de milagres, poder e justiça. No entanto, perguntamo-nos se Moisés estava ouvindo com atenção, pois ele continuava preocupado a respeito de como ele seria tratado se voltasse para os israelitas. Ignorando a maior parte do que Deus disse, e voltando para as instruções finais de 3.15 ("Assim dirás aos filhos de Israel"), "respondeu Moisés: Mas eis que não crerão, nem acudirão à minha voz, pois dirão: O Senhor não te apareceu" (4.1).

Como nas duas primeiras perguntas que ele fez ("Quem sou eu?" e "Quem és tu?"), a terceira pergunta de Moisés também quase parece ser sensata. É fácil entender por que ele a fez. Ele era a única testemunha ocular de algo que nenhuma outra pessoa havia visto: o Senhor eterno numa sarça ardente. Agora, ele teria de voltar e convencer uma nação inteira de que Deus o enviara como seu salvador. Mas da última vez que ele havia falado com eles, eles disseram: "Quem te pôs por príncipe e juiz sobre nós?" (2.14a). A única maneira de fazê-los ouvi-lo seria se eles acreditassem que Deus realmente havia aparecido a ele. Mas como poderiam ser convencidos disso?

A objeção de Moisés seria convincente não fosse o fato de que era uma contradição explícita à Palavra de Deus, uma negação da revelação divina. Lá atrás em 3.18, Deus havia feito esta promessa: "E [os anciãos] ouvirão a tua voz". Quando Moisés voltou com seu protesto ("Tudo bem, e se eles não a ouvirem?") isso foi o cúmulo da impertinência. Deus não apenas havia prometido que os anciãos acreditariam em Moisés, mas também havia prometido que eles fariam do seu testemunho o deles próprios. Quando fossem a Faraó, diriam: "O Senhor, o Deus dos hebreus, nos encontrou" (3.18b). Portanto, ao perguntar o que aconteceria se os anciãos se recusassem a ouvi-lo, Moisés estava rejeitando abertamente a promessa de Deus.

Isso nos ensina, por meio do exemplo negativo, a crer na Palavra de Deus. Quando Deus faz uma promessa, não devemos contradizê-lo como Moisés fez, mas simplesmente aceitá-la. Para dar apenas mais um exemplo, somos chamados para confiar na promessa de Deus de que ele salvará pecadores por meio da sua graça. Quando se trata de evangelismo – compartilhar o evangelho com família e

amigos –, os cristãos são muitas vezes tentados a fazer a mesma pergunta que Moisés fez: “E se eles não acreditarem em mim ou não ouvirem o que digo?” Mas Deus prometeu usar a sua Palavra para salvar pessoas dos seus pecados: “E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10.17). Então, somos chamados para continuar compartilhando a boa-nova sobre Jesus Cristo e deixar que Deus cuide da salvação, pois ele prometeu redimir os seus.

Prova milagrosa

Por mais impertinente que ela tenha sido, Deus respondeu graciosamente à pergunta dando a Moisés três sinais ou manifestações visíveis do poder divino. Deus começou com o que estava imediatamente à mão:

Perguntou-lhe o

Senhor

: Que é isso que tens na mão? Respondeu-lhe: Um bordão. Então, lhe disse: Lança-o na terra. Ele o lançou na terra, e o bordão virou uma serpente. E Moisés fugia dela. Disse o

Senhor

a Moisés: Estende a mão e pega-lhe pela cauda (estendeu ele a mão, pegou-lhe pela cauda, e ela se tornou em bordão); para que creiam que te apareceu o

Senhor

, Deus de seus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó. (4.2-5)

Esse era um sinal notável, especialmente porque o bordão era absolutamente comum. É provável que, como pastor, Moisés o havia carregado consigo durante anos. Mas quando Deus o transformou numa cobra – aparentemente venenosa –

Moisés ficou com tanto medo que fugiu do seu próprio bordão. Ele precisou de fé para pegá-la, especialmente porque pegar uma cobra pela cauda o deixava vulnerável à sua mordida. O original hebraico nos dá uma indicação da hesitação com que Moisés estendeu sua mão para apanhá-la. Quando Deus o instruiu a pegar a cobra pela cauda, ele usou uma palavra que significa “agarrar” algo com firmeza. Mas quando a Bíblia descreve o que Moisés realmente fez, ela usa uma palavra que significa “tentar agarrar” ou “pegar com cautela”.6

Havia muito a aprender desse velho bordão de pastor. Havia ali uma lição para Moisés, que ainda estava tendo dificuldades de acreditar que ele conseguiria fazer o que Deus o estava chamando para fazer. Deus usou o bordão para mostrar a Moisés como ele pode usar algo comum para realizar seu propósito extraordinário. Ao dar-lhe esse sinal, Deus estava dizendo: “Veja, Moisés, se você tiver dúvidas, deixe-me mostrar-lhe o que eu sou capaz de fazer. Aquele bordão ali – deixe-me mostrar-lhe o que eu posso fazer com aquilo!”. Mais tarde, Deus usou o bordão de Moisés para fazer cair pragas sobre os egípcios, para dividir o mar e para tirar água de uma pedra.

Se Deus era capaz de fazer tudo isso com um bordão, podemos imaginar o que ele podia fazer com Moisés. E imagine o que ele seria capaz de fazer com você. Num sermão maravilhoso intitulado “Não existem pessoas pequenas, não existem lugares pequenos”, Francis Schaeffer observou que, para que se transformasse em instrumento de poder divino, o bordão de Moisés teve de se tornar o bordão de Deus (veja 4.20, em que é chamado “bordão de Deus”). Schaeffer continuou dizendo:

Pense nas maneiras poderosas em que Deus usou um bordão de madeira morta. “Assim usou Deus um bordão de madeira” poderia ser um grito de guerra para cada um de nós. Apesar de sermos limitados e fracos em termos de talento, energia física e força psicológica, não somos menos do que um bordão de madeira. Mas assim como o bordão de Moisés teve de se tornar o bordão de Deus, aquilo que é eu precisa se tornar o eu de Deus. Então posso ser útil nas mãos de Deus. As Escrituras ressaltam que muito pode vir de pouco se o pouco realmente estiver consagrado a Deus.7

O que Moisés aprendeu do bordão foi que, para que pudesse ser usado para a glória de Deus, ele teria de colocar a sua vida nas mãos de Deus. Para usar a expressão de Schaeffer: quando nos tornamos o nós de Deus em cada aspecto do nosso ser, em cada área da nossa vida, Deus nos usará para a sua grande glória.

Como descobriremos, o sinal do bordão foi instrutivo também para Israel. Ele ajudaria a convencer os israelitas de que Deus era capaz de tirá-los do Egito. A serpente era um sinal do poder egípcio, pois os egípcios adoravam a serpente como fonte de sabedoria e cura. Ao fazer isso, na verdade estavam adorando aquela velha serpente, o diabo. Mas ao transformar um bordão em serpente e de volta num bordão, Deus demonstrou sua autoridade sobre os deuses do Egito e sobre o próprio Satanás. Moisés ou os israelitas não teriam deixado de compreender esse simbolismo.

A cobra representava especificamente o deus nacional do Baixo Egito e era o símbolo supremo de Faraó, refletindo sua reivindicação à realeza, soberania e poder divinos. Portanto, aparece constantemente na sua coroa ou capacete, como representado em relevos, pinturas e estátuas. Seu cetro é muitas vezes uma cobra estilizada. Até mesmo os deuses egípcios são frequentemente representados com um cetro na forma de uma serpente. Sem nos arriscar, podemos concluir que a transformação de um bordão numa serpente é um sinal que visava precisamente ao próprio símbolo do suposto poder de Faraó.8

O primeiro sinal foi suficientemente convincente, até mesmo para um cético como Moisés. No entanto, Deus lhe deu um segundo sinal. Se ele podia usar um bordão, podia usar também a mão que a segurava. “Disse-lhe mais o Senhor: Mete, agora, a mão no peito. Ele o fez; e, tirando-a, eis que a mão estava leprosa, branca como a neve. Disse ainda o Senhor: Torna a meter a mão no peito. Ele a meteu no peito, novamente; e, quando a tirou, eis que se havia tornado como o restante de sua carne” (4.6-7). O segundo sinal foi tão impressionante quanto o primeiro. A lepra era amplamente difundida no Egito, e todos sabiam que a doença era altamente infecciosa e incurável, exigindo assim isolamento total (veja Lv 13.45-46). A aparição repentina dessa doença terrível teria chocado qualquer pessoa que a visse, enquanto seu desaparecimento total teria sido um milagre inconfundível.

O último sinal iria tornar-se a primeira das pragas:

Se eles te não crerem, nem atenderem à evidência do primeiro sinal, talvez crerão na evidência do segundo. Se nem ainda crerem mediante estes dois sinais, nem te ouvirem a voz, tomarás das águas do rio e as derramarás na terra seca; e as águas que do rio tomares tornar-se-ão em sangue sobre a terra. (4.8-9)

Com esse terceiro sinal, Deus lidou diretamente com o temor de Moisés de que ninguém acreditaria nele. Mesmo se as pessoas não acreditassem nos outros milagres, pelo menos acreditariam em Moisés quando este demonstrasse o poder de Deus sobre o Nilo, que, para os egípcios, era a fonte de vida.

Cada um desses sinais confirmava as credenciais de Moisés e autenticava seu ministério como um profeta verdadeiro. Como a maioria dos milagres bíblicos, o bordão, a mão e o sangue serviram para confirmar a verdade da Palavra de Deus. Sempre que Moisés realizasse esses sinais, ficaria demonstrado que ele era um profeta divinamente capacitado. Por mais incrível que o relato do seu encontro com Deus possa ter parecido, sua capacidade de realizar sinais milagrosos fortaleceria a fé do povo, convencendo-o a confiar no seu testemunho. De modo semelhante, os milagres de Jesus serviram para autenticar seu ensino e para provar que ele era o Cristo.

Igualmente importante era o fato de que os sinais de Moisés demonstravam o verdadeiro poder de Deus, como os milagres sempre fazem. Não foi o próprio Moisés quem realizou os milagres. Ele não lançou maldições ou recitou algum encanto. Na verdade, ele se surpreendeu como todos os outros quando os sinais milagrosos apareceram. Mas Deus estava operando por meio de Moisés, que é parte do que o Senhor quis dizer quando prometeu: “Eu serei contigo” (3.12). “Pois aquilo que Moisés é capaz de fazer”, escreve John Durham, “ele é capacitado a fazer por Deus. O bordão é o bordão de Moisés, mas o que acontece com o bordão vem claramente de Yahweh. A mão é a mão de Moisés, mas o que acontece com a mão vem também claramente de Yahweh. A água no rio Nilo, que Yahweh usará para o seu propósito, também pertence a Yahweh, e o que acontece com ela é a obra do seu poder”.9 Juntos, esses três sinais provavam que o Deus de Israel era superior aos deuses do Egito.

Deus se provou para você? Muitas pessoas estão procurando um sinal de Deus. Querem ter certeza de que Deus está ali, que ele realmente é quem a Bíblia diz que ele é. Estão dispostas a crer nele, mas primeiro exigem algum tipo de sinal. Dizem: “Deus, se tu realmente estiveres aí, mostra-te a mim! Então eu crerei em ti!”

A verdade é que Deus já deu um sinal. É um sinal milagroso – o sinal do túmulo vazio (veja Mt 12.39-40). Jesus de Nazaré, também chamado Cristo, afirmou ser o Filho de Deus. Sua vida terrena terminou numa cruz de madeira fora de Jerusalém. A Bíblia diz que sua morte pagou a penalidade pelo nosso pecado. Então, Jesus foi sepultado. Se ele tivesse permanecido no túmulo, não haveria sinal de que Jesus realmente é o Cristo. Mas para provar que o pecado foi perdoado por meio da cruz e que podemos ter comunhão com Deus para sempre, Jesus foi ressuscitado de entre os mortos. Sua ressurreição é o sinal de que o cristianismo é verdadeiro – um sinal registrado nas Escrituras e confirmado por relatos históricos de muitas testemunhas oculares confiáveis. Toda pessoa que não tem certeza sobre se deve ou não crer em Jesus Cristo e no sinal da sua ressurreição deve pedir a Deus o dom da fé, e ele mostrará a sua salvação.

Notas

* Nessa passagem, a versão ARA, usada nesta tradução para o português, usou a palavra “maravilhas”. (N. do R.)

** É assim que aparece na versão ARA, usada nesta tradução para o português. (N. do R.)

1 R. Alan Cole, Exodus: An Introduction and Commentary, Tyndale Old Testament Commentaries (Leicester, UK: Inter-Varsity, 1973), p. 72.

2 Brevard S. Childs, The Book of Exodus: A Critical, Theological Commentary (Louisville: Westminster, 1974), p. 77.

3 Veja Gregory Boyd, God of the Possible (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2000).

4 John D. Currid, Ancient Egypt and the Old Testament (Grand Rapids: Baker, 1997), p. 83. Veja também James K. Hoffmeier, “The Arm of God versus the Arm of Pharaoh in the Exodus Narratives”, Biblica 67 (1986): p. 378-87.

5 Umberto Cassuto, A Commentary on the Book of Exodus, trad. Israel Abrahams (Jerusalém: Magnes, 1967), p. 44.

6 John I. Durham, Exodus, Word Biblical Commentary (Waco, TX: Word, 1987), p. 45.

7 Francis A. Schaeffer, No Little People (1974), reimpressão em The Complete Works of Francis A. Schaeffer: A Christian Worldview, 2 ed., vol. 3 (Wheaton, IL: Crossway, 1982), p. 8.

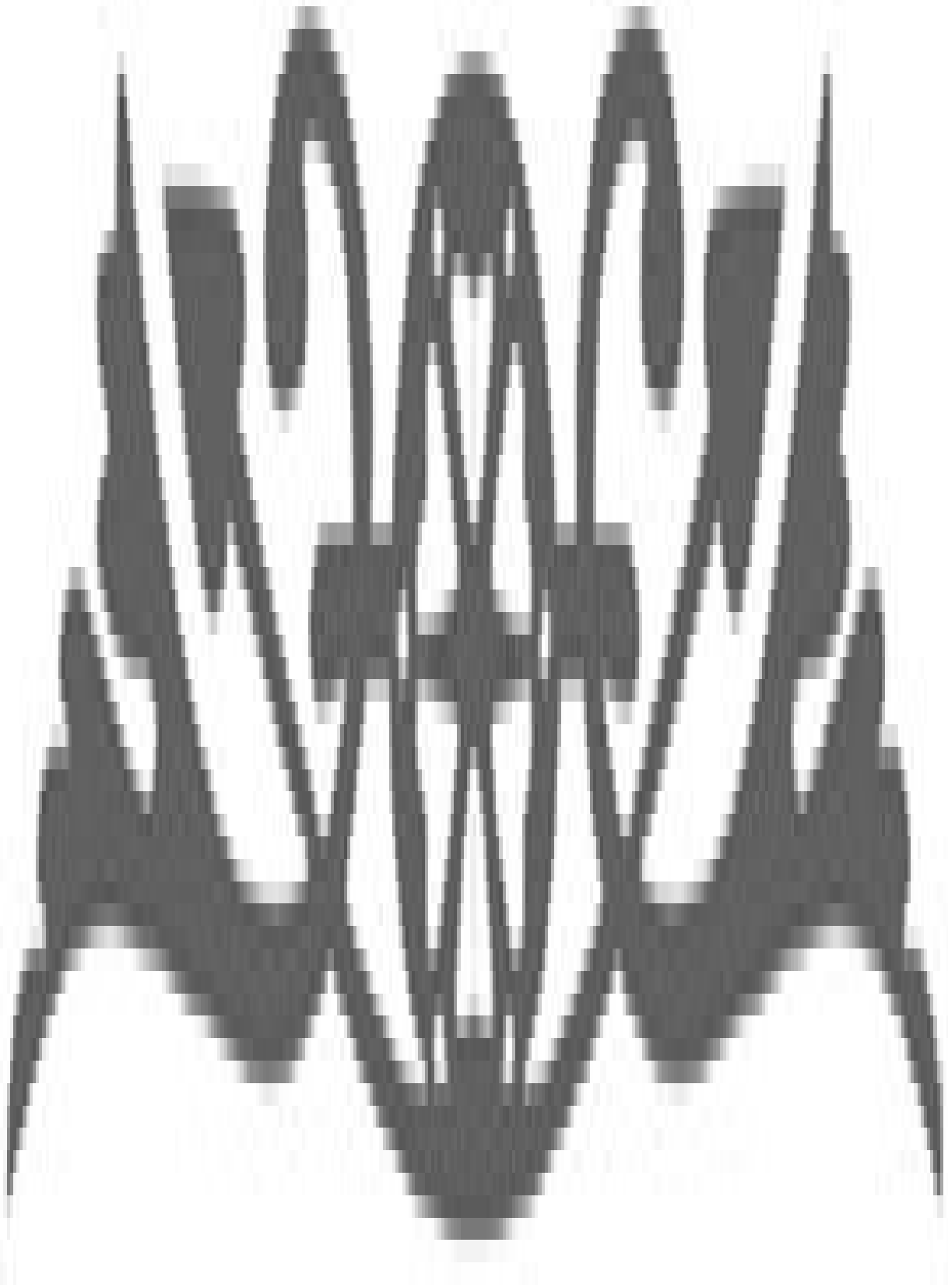
8 Göran Larsson, Bound for Freedom: The Book of Exodus in Jewish and Christian Traditions (Peabody, MA: Hendrickson, 1999), p. 36.

9 Durham, Exodus, p. 46.

9

Eis-me aqui... Envia outro

Êxodo 4.10-17



Em 1718, a esposa de um pastor norueguês, chamada Giertrud Rask, recebeu o chamado de Deus para tornar-se missionária. Seu marido, Hans Egede, estava se preparando para deixar sua pátria e levar o evangelho para a Groenlândia. Mas Giertrud não estava disposta a ir – por boas razões. Tinha 45 anos de idade na época, quatro filhos para cuidar, sendo que o mais novo mal completara 1 ano. Seria uma viagem perigosa para todos eles, e a própria Giertrud não era de constituição muito forte.

O biógrafo da família relata que, quando Hans anunciou seus planos, “seus amigos e os amigos da sua esposa escreveram para expressar sua reprovação mais severa [...] Sua sogra inflamou ainda mais os sentimentos contra ele, e até mesmo sua esposa deu a entender que ela se arrependia de ter se ligado a um homem que, com esses planos, estava prestes a arruinar a si mesmo e a todos os seus”.1 Giertrud deve ter se sentido igual a Moisés quando Deus o chamou para tirar Israel do Egito. “Envia outro, Senhor! Que outro homem faça isso [...] Qualquer um, menos eu!”

Neste capítulo, alcançamos o fim do encontro de Moisés com o Deus da sarça ardente. O profeta havia recebido suas instruções básicas. Deus o havia chamado para voltar para o Egito e dizer a Faraó que ele deixasse partir o povo de Deus. Moisés também havia feito algumas perguntas: “Quem sou eu? Quem és tu? Como acreditarão em mim?”

Essas eram apenas as três primeiras objeções que acabariam sendo cinco no total. Como as objeções costumam ser, elas não eram de modo algum insensatas, e Deus, na sua paciência, mostrou-se disposto a responder a elas. Mas quanto mais a conversa se estendia, mais evidente ficava que Moisés simplesmente não queria ir. Suas duas últimas objeções mostram que, no fundo, ele queria que Deus enviasse outra pessoa.

O problema de fala de Moisés

A quarta objeção de Moisés dizia respeito às suas habilidades de falar em público: “Ah! Senhor! Eu nunca fui eloquente, nem outrora, nem depois que falaste a teu servo; pois sou pesado de boca e pesado de língua” (4.10). O profeta

reconheceu que o êxodo era, em parte, uma missão diplomática. Tirar Israel do Egito exigia um porta-voz público com as capacidades oratórias de persuadir o líder mais poderoso do mundo a fazer algo que ele se recusaria a fazer. E Moisés duvidava que ele estivesse à altura da tarefa.

Muito tem sido especulado sobre o que Moisés quis dizer ao se queixar sobre sua inabilidade de falar. O que ele disse literalmente foi algo como: “Ah! Senhor! Não sou homem de palavras [...] Tenho uma língua pesada”. Talvez seu problema fosse de natureza psicológica: era tímido demais para falar em público. Possivelmente, faltava-lhe confiança porque havia sido reprovado em retórica na universidade de Faraó. Outros têm sugerido que o profeta não falava bem por causa de um distúrbio da fala. Segundo a tradução grega do Antigo Testamento conhecida como Septuaginta, Moisés gaguejava. Outra possibilidade é que ele não tinha o domínio linguístico. Durante seus anos como pastor, ele havia perdido seu domínio do egípcio, e estava preocupado porque poderia ficar mudo quando fosse à corte real.

Qualquer que fosse seu problema de fala, Moisés disse a Deus que ele era o homem errado para a tarefa. Ao fazer isso, ele não estava sozinho, pois outros profetas bíblicos também duvidaram de sua habilidade de falar. Quando Isaías foi chamado para a sala do trono de Deus, ele exclamou: “ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios. E os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos” (Is 6.5). Quando a Palavra de Deus veio a Jeremias, nomeando-o profeta para as nações, ele disse: “Ah! Senhor Deus! Eis que não sei falar, porque não passo de uma criança” (Jr 1.6). Moisés pode ter sido o primeiro profeta a alegar uma falta de eloquência, mas de modo algum foi o último. Na verdade, ainda hoje muitos cristãos deixam de compartilhar sua fé porque temem não saber o que dizer ou como dizê-lo.

Pelo que sabemos, Moisés poderia muito bem ter algum defeito de fala ou enfrentado algum outro tipo de obstáculo linguístico. Mas seu problema real não era tanto um problema de fala, mas um problema de obediência. Deus havia lhe feito um chamado claro e inequívoco, mas em vez de confiar que Deus o capacitaria para cumpri-lo, Moisés começou a inventar desculpas.

A quarta objeção do profeta era irrelevante. Não importava quanto Moisés fosse eloquente, pois Deus já havia lhe dito exatamente o que ele deveria dizer – não apenas aos anciãos de Israel, mas também a Faraó. Deus praticamente ditou suas

falas para ele. Moisés não precisava ser um orador; precisava ser apenas um repórter, repetindo fielmente o que quer que Deus lhe dissesse. Isso não estava além das suas capacidades. Moisés pode ter tido suas limitações quando se tratava de falar em público, mas pelo menos sabia falar, fato que ele demonstrou amplamente na sua conversa junto à sarça ardente. Ele parecia saber falar muito bem quando queria discutir com Deus. E se ele era capaz de dialogar com o grande Eu Sou, certamente seria capaz de trocar algumas palavras com o Faraó.

Deus também havia prometido a Moisés que as pessoas o ouviriam. Esse é um lembrete de que a eficácia da proclamação da Palavra de Deus não depende apenas da eloquência. Uma boa habilidade retórica é útil, é claro, mas não é essencial para a comunicação do evangelho. Basta lembrar o apóstolo Paulo, cujas habilidades retóricas eram criticadas com frequência: "[Sua] palavra [é] desprezível", diziam algumas pessoas (2Co 10.10). Mas pelo menos Paulo tinha algo a dizer. Ele proclamava a salvação em Cristo por meio da cruz e do túmulo vazio. Portanto, era capaz de responder aos seus críticos: "Embora seja falto no falar, não o sou no conhecimento" (2Co 11.6a).

Quando se trata de proclamar a Palavra de Deus, a mensagem é mais importante do que o homem. Na verdade, de algum modo misterioso, as limitações de um pregador ou de um evangelista pessoal são, muitas vezes, essenciais à comunicação eficaz do evangelho. Em parte, isso é o que as Escrituras pretendem dizer com as palavras: "Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós" (2Co 4.7). De vez em quando, quando um pregador tropeça à procura de palavras, a congregação é lembrada de que toda eficácia da sua pregação vem de Deus e não do homem em si. Evidentemente, isso não é uma desculpa para que um evangelista seja menos do que o melhor comunicador que ele possa ser. Mas ajuda saber que até mesmo as nossas fraquezas podem ser usadas para a glória de Deus.

A objeção de Moisés não era apenas irrelevante (porque Deus lhe diria o que dizer), mas era também irreverente. Observe a formulação da sua queixa: "Eu nunca fui eloquente, nem outrora, nem depois que falaste a teu servo" (4.10). Esse comentário era, na verdade, uma crítica. Moisés estava acusando Deus por não ter lhe dado o dom da fala. Quando disse: "Eu nunca fui eloquente, nem outrora", ele estava se queixando de como Deus o havia criado. E quando disse: "nem depois que falaste", ele estava dando a entender que, se Deus realmente quisesse que ele fosse até Faraó, ele teria curado seu defeito de fala naquele

instante e lugar. Era como se ele tivesse dito: “Olha, Senhor, eu estive aqui conversando contigo por 15 longos minutos, e tu ainda não fizeste nada em relação ao meu problema de fala!”.

Segundo esse raciocínio, Deus era o culpado por Moisés não poder fazer o que Deus queria dele. Quantas vezes perdemos a paciência com Deus, esperando que ele faça algo que ele não pretende fazer. E quantas vezes nos queixamos de que Deus não nos dá o que desejamos, quando o problema real é que nós não estamos fazendo o que ele quer que façamos.

Afinal de contas, quem foi que lhe deu essa boca?

Deus respondeu a Moisés lembrando-o de que ele havia sido criado maravilhosamente. Moisés havia recebido exatamente os dons que Deus quis que ele tivesse e que esses dons deviam ser usados para a glória de Deus: “Quem fez a boca do homem? Ou quem faz o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o Senhor?” (4.11).

Essas perguntas retóricas são um lembrete de que Deus nos fez exatamente como quis nos fazer. Quem nos deu olhos, ouvidos e boca? Obviamente, Deus. Se esse é o caso, então nossas habilidades, incapacidades e até mesmo deficiências são ordenadas por ele. Deus nos equipou com cada talento de que precisamos para cumprir a sua vontade. Ele nos fez assim para a sua glória.

Muitas vezes, as pessoas desejam ter as habilidades de outro no lugar das suas próprias. Encontramos um exemplo desse tipo de pensamento cobiçoso no filme Amadeus, que, a despeito das suas imprecisões históricas, transmite uma mensagem espiritual convincente. O filme trata dos talentos musicais extraordinários de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), retratados sob o ponto de vista de seu colega compositor Antonio Salieri (1750-1825). Salieri era um bom músico, mas não era nenhum Mozart, e ele estava ciente disso. Em vez de usar seus próprios talentos para glorificar a Deus, ele invejava Mozart pelo dom que Deus dera a ele. Seu ressentimento em relação a Mozart o levou a rejeitar Deus, e no fim ele se tornou um homem velho amargurado, o autoproclamado “santo padroeiro da mediocridade”.

Se é verdade que Deus nos fez exatamente da maneira como ele quis, então não

podemos nos queixar da nossa falta de habilidades sem resmungar contra Deus. Quando Moisés disse: “Eu não sei falar”, Deus respondeu: “Quem fez a boca do homem?”. Era a maneira de Deus mostrar a Moisés que ele estava sendo desbocado. Toda vez que nos queixamos das nossas limitações pessoais, o que na verdade estamos fazendo é insultando o Deus que nos criou.

O que devemos fazer em vez disso é servir a Deus da melhor maneira possível. Mesmo que nossos dons sejam limitados – e os dons de todos o são de um modo ou de outro –, eles devem ser usados para a glória de Deus. Foi isso o que Jesus ensinou na parábola dos dez talentos (Mt 25.14-30). Um senhor partiu numa longa viagem, entregando a responsabilidade pela sua propriedade a três servos. Cada servo recebeu certas responsabilidades de acordo com suas habilidades e, quando o senhor voltou, cada servo foi chamado para prestar contas. O servo com cinco talentos de prata havia conseguido ganhar outros cinco. Do mesmo modo, o servo com dois talentos havia dobrado o investimento do seu senhor. Naturalmente, ambos os homens foram elogiados. Mas o servo que recebera um único talento o havia enterrado no chão. O servo mau foi lançado na escuridão profunda não porque ele não conseguira produzir cinco talentos, mas porque havia deixado de usar seu único talento da melhor maneira que lhe era possível.

Que talento Deus lhe deu? Talvez você tenha um intelecto penetrante, uma voz linda ou um físico forte. Talvez você tenha um dom especial como a habilidade de cuidar dos enfermos, de cuidar de crianças pequenas ou de fazer dinheiro. Qualquer que seja a habilidade que você recebeu, use-a para a glória de Deus.

Faça o mesmo com suas deficiências, que também podem ser usadas para glorificar a Deus. Deus menciona tanto a cegueira quanto a visão para mostrar que cada ser humano é chamado para servir a ele. Se Deus é aquele que faz a pessoa surda ou cega, então até mesmo essas limitações podem ser usadas para a sua glória. Temos um bom exemplo disso na história de Jesus e de um homem que era cego de nascença. Os discípulos tinham certeza de que alguém era culpado pela deficiência do homem, por isso se perguntavam quem havia pecado – o próprio homem ou seus pais (Jo 9.1). Jesus os contradisse dizendo: “Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus” (Jo 9.3). O mesmo se aplica a cada filho de Deus. Fomos feitos para a glória de Deus, e não devemos pensar que as nossas limitações pessoais, de algum modo, limitem a capacidade de Deus de glorificar a si mesmo na nossa vida. Por mais espertos ou lentos que possamos ser, usando nossa mente podemos aprender a pensar biblicamente. Por mais fortes ou fracos que sejamos, usando nosso corpo

podemos aprender a agir biblicamente. E se podemos pensar e agir biblicamente, podemos também viver para a glória de Deus.

Encontramos um bom exemplo de como Deus pode ser glorificado na deficiência de alguém no ministério de Donald Grey Barnhouse, o famoso pastor da Tenth Presbyterian Church em Filadélfia. Barnhouse estava conduzindo uma semana de cultos em outra igreja, e o pastor convidado era tema de muita conversa na igreja. Sua esposa estava esperando o nascimento do seu primeiro filho a qualquer momento. Na última noite de culto, quando o pastor não apareceu, Barnhouse sabia o que havia acontecido.

No entanto, o que Barnhouse não sabia era que a criança havia nascido com a síndrome de Down. O pastor estava devastado. “Doutor Barnhouse”, ele disse, “nossa criança é mongoloide. Eu ainda não contei para a minha esposa, e não sei o que devo dizer a ela”.

Barnhouse respondeu: “Meu amigo, isso vem do Senhor”, e abrindo a Bíblia no quarto capítulo de Êxodo, ele leu: “Respondeu-lhe o Senhor: Quem fez a boca do homem? Ou quem faz o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o Senhor?”. O pastor pediu para ver a passagem com seus próprios olhos, e, enquanto ele estudava o texto, Barnhouse disse: “Meu amigo, você conhece a promessa de Romanos 8 segundo a qual todas as coisas, incluindo essa criança mongoloide, operam juntas para o bem daqueles que amam o Senhor”.

O pastor voltou para o hospital, onde sua esposa já estava começando a suspeitar de que havia algo de errado com o bebê. Ele pôde dizer a ela: “Minha amada, o Senhor nos abençoou com uma criança mongoloide”. Depois de enxugar suas lágrimas, ela disse: “De onde você tirou isso?”, e ele lhe mostrou o que diziam as Escrituras. Mais tarde, quando ligou para a sua mãe para contar-lhe as novidades, ela disse: “Mãe, o Senhor nos abençoou com uma criança mongoloide. Não sabemos a natureza da bênção, mas sabemos que é uma bênção”. No domingo seguinte, quando mais de 70 enfermeiras do hospital foram à igreja do homem, 30 delas se converteram à fé em Cristo.2

Outro exemplo de glorificar a Deus com uma deficiência nos é oferecido na vida de John Milton (1608-1674), o poeta inglês que criou algumas das suas maiores obras nos anos depois de ter ficado cego. Como Moisés, Milton era, às vezes, tentado a se queixar da sua inabilidade. Certa vez, escreveu um soneto intitulado “Sobre sua cegueira”, no qual ele lamentou a perda de sua visão. Sem luz, seu

“único talento” parecia inútil, e ele temia que seria incapaz de prestar boas contas ao seu Criador. Mas enquanto Milton relutava com suas limitações, ele encontrou esta resposta:

Deus não precisa

Nem da obra do homem nem dos seus próprios dons; quem melhor

carrega seu jugo leve é aquele que melhor o serve; seu estado

é real; milhares estão a seu serviço

E atravessam terra e oceano sem descanso;

Servem também aqueles que apenas ficam parados e esperam.

Se a única coisa que podemos fazer é ficar parados e esperar, então devemos ficar parados e esperar para a glória de Deus.

Enquanto ficamos parados e esperamos, somos chamados para lembrar que Deus está conosco. Não servimos a Deus por conta própria e não trabalhamos com nossa própria força, antes exercemos nossos dons na presença e com a assistência de Deus. Observe que Deus nunca avaliou a habilidade retórica de Moisés. Ele não tentou convencê-lo de que ele era mais eloquente do que pensava. Tampouco reconheceu que Moisés realmente era pesado de boca e pesado de língua. Em vez disso, disse-lhe a única coisa que importava, que era que Deus estaria com ele. A objeção de Moisés tinha a ver com ele mesmo: “Eu nunca fui eloquente [...] Eu sou pesado de boca” (4.10). Mas Deus respondeu a Moisés apontando-o de volta para si mesmo: “Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar” (4.12). Como Moisés, tendemos a confiar de mais na nossa habilidade natural e muito pouco na assistência sobrenatural. Se Deus está conosco, somos capazes de fazer a vontade dele a despeito de nós mesmos.

Lembre-se de que o “eu” que prometeu ir com Moisés – e que prometeu estar conosco para sempre – é o grande Eu Sou, o Senhor eterno e Todo-Poderoso.

Deus lembrou Moisés disso no final do versículo 11, em que ele repetiu seu nome divino especial. O que ele disse literalmente foi: “Não foi Eu sou, o Senhor, quem lhe deu a tua boca?”. O Deus da sarça ardente, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, é o mesmo Deus que fez a boca de Moisés. Deus já havia prometido estar com Moisés (3.12). Essa promessa geral incluía também a promessa muito específica de estar com Moisés sempre que este falasse. Jesus fez uma promessa semelhante quando enviou seus discípulos: “E, quando vos entregarem, não cuideis em como ou o que haveis de falar, porque, naquela hora, vos será concedido o que haveis de dizer, isto que não sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai é quem fala em vós” (Mt 10.19-20). Jesus não prometeu colocar suas palavras na nossa boca, é claro. Essa foi uma promessa especial para os mensageiros especiais de Deus, os apóstolos. Mas ele nos ajudará sempre que falarmos por ele, pois ele prometeu estar sempre conosco.

Se Deus está conosco, qualquer habilidade ou deficiência que possamos ter pode ser usada para a sua glória. Mesmo quando queremos nos queixar da nossa falta de eloquência, como Moisés o fez, podemos, no mínimo, testificar que Jesus salva. E quando damos testemunho do evangelho, podemos nos encorajar com a terceira e a quarta estrofe do hino “There is a fountain filled with blood”, de William Cowper, que quase soa como o testemunho de Moisés:

Desde que, pela fé, eu vi o córrego

Que tuas feridas fornecem,

O amor redentor tem sido o meu tema

E o será até eu morrer.

Então, num hino mais nobre e mais doce,

Cantarei teu poder de salvar,

Quando esta pobre língua presa e gaga

Calar-se no sepulcro.

Envia outro!

Enquanto Deus ouvia com paciência todas as objeções de Moisés, ele nunca permitiu que fosse distraído do seu propósito primário. Ao longo de toda essa conversa, Deus continuou voltando para a questão básica: Moisés iria tirar Israel do Egito. Quatro vezes ele ordenou Moisés a ir: “Vem, agora, e eu te enviarei a Faraó” (3.10). “Vai, ajunta os anciãos de Israel” (3.16). “Irás, com os anciãos de Israel, ao rei do Egito” (3.18). E Deus o repetiu pela última vez em 4.12: “Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar”.

Quando Deus disse a Moisés “Vem [...] Vai [...] Irás [...] Vai...”, Moisés não encontrou mais desculpas. Ele já havia feito todas as perguntas que conseguira imaginar e havia apresentado todas as objeções que pôde fazer com alguma sensatez. No fim, sua motivação verdadeira se expôs em toda a sua depravação assustadora: “Ah! Senhor! Envia aquele que hás de enviar” (4.13). Essa quinta e última objeção expôs o que se escondia por trás de todas as desculpas de Moisés: uma indisposição fundamental de obedecer. A questão real não era sua falta de estatura para convencer Faraó, nem o fato de ele desconhecer o nome de Deus, ou que os israelitas não acreditariam nele, ou que ele não sabia falar em público. Deus havia respondido a todas essas objeções. A questão verdadeira era que Moisés se recusava a confiar e a obedecer.

Bem no início desse encontro, quando Moisés ouviu pela primeira vez a voz de Deus, ele parecia estar disposto a fazer o que Deus lhe ordenava. “Eis-me aqui!”, ele disse, expressando sua disposição de servir (3.4). Ele até mesmo tirou suas sandálias, indicando sua condição de escravo de Deus. Mas quanto mais entendia o que Deus queria que ele fizesse, mais relutante ficava, até, por fim, expressar abertamente a sua recusa: “Continuo aqui, Senhor, mas terás de encontrar outra pessoa”. O que Moisés disse literalmente foi: “Senhor, envia qualquer pessoa que queira enviar”, com a implicação implícita: “Contanto que não seja eu”. Moisés havia avaliado seu chamado, e então o rejeitou.

A Bíblia não diz por que Moisés não estava disposto a ir. Provavelmente tinha algo a ver com as perguntas que ele já havia feito. Se a reação de ira de Deus nos versículos 14-16 servir como indicação, Moisés continuava preocupado com seu problema de fala. Muito provavelmente, ele se sentia inadequado e estava com medo. Mas quaisquer que tenham sido as razões, nada disso realmente importa.

Ele estava simplesmente negando o direito que Deus tinha sobre a sua vida.

Há momentos em que é apropriado fazer o tipo de perguntas que Moisés vinha fazendo: “Quem sou eu, Senhor?”; “És realmente o Deus que dizes ser?”; “Posso confiar que tu irás comigo e me ajudarás?”. Mas uma vez que sabemos o que Deus quer que façamos, devemos parar de perguntar e começar a obedecer. Somos os únicos capazes de fazer o que Deus nos chamou a fazer. Portanto, se você tem lutado com a reivindicação de Deus à sua vida – tentando decidir se Jesus é o único caminho que leva a Deus, por exemplo, ou avaliando alguma nova oportunidade de ministério – uma vez que encontrou a resposta no âmago do seu coração, você precisa seguir Deus. Caso contrário, você se encontra em rebelião contra ele.

A rebelião de Moisés é evidente na maneira como ele se dirigiu a Deus: “Ah! Senhor!”. Isso pode até parecer respeitoso, mas faltava-lhe reverência verdadeira. Observe que as letras enhor na palavra “Senhor” não são maiúsculas. Isso porque Moisés não usou o nome que Deus havia revelado a ele, o nome divino especial Yahweh (“Senhor”), deixando de reconhecer assim a plena soberania e majestade de Deus. Isso mostra como é importante adorarmos a Deus corretamente. O Deus que louvamos é o Deus ao qual servimos. Se não formos consistentes e reverentes na nossa adoração, seremos inconstantes e imprudentes na nossa obediência.

Arão, o porta-voz de Moisés

A essa altura, Deus já não queria ouvir mais nada de Moisés:

Então, se acendeu a ira do

Senhor

contra Moisés, e disse: Não é Arão, o levita, teu irmão? Eu sei que ele fala fluentemente; e eis que ele sai ao teu encontro e, vendo-te, se alegrará em seu coração. Tu, pois, lhe falarás e lhe porás na boca as palavras; eu serei com a tua boca e com a dele e vos ensinarei o que deveis fazer. Ele falará por ti ao povo;

ele te será por boca, e tu lhe serás por Deus. (4.14-16)

A Bíblia ensina que Deus é longânimo. Na verdade, quando, mais tarde, Moisés voltou para o monte Sinai para receber a lei de Deus, “passando o Senhor por diante dele, clamou: Senhor, Senhor, Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade” (34.6). O fato de Deus ser “longânimo” significa que ele não se irrita facilmente, mas significa também que ele de fato pode se irritar. Ele se irritou com Moisés junto à sarça ardente – não no sentido de perder o controle, pois Deus não pode pecar, mas no sentido de que ele se encheu de indignação justa. Deus tinha o direito de se irritar. Pacientemente, ele havia respondido a todas as perguntas de Moisés e tratado de todas as suas objeções. Mas quando Moisés se recusou a obedecer-lhe e, portanto, a glorificá-lo, a ira de Deus era correta e boa.

Reconhecer a ira de Deus nos ajuda a entender o que ele disse sobre Arão. Aqui, somos apresentados ao irmão de Moisés. Já que ele é identificado como levita, alguns têm pensado que os dois fossem apenas meio-irmãos. Em todo caso, Arão estava a caminho para se encontrar com Moisés. É possível que estivesse vindo do Egito para dizer a Moisés que o Faraó que procurara matá-lo estava morto. Deus ordenou que Arão servisse como porta-voz de Moisés. Diferentemente do seu irmão, Arão tinha o talento de tratar das relações públicas em torno do êxodo. Moisés falaria a Arão, e então Arão falaria ao povo, repetindo as palavras de Deus.

Pode quase parecer que Deus estava cedendo às exigências de Moisés, oferecendo-lhe um tipo de compromisso. Mas é evidente que ter Arão falando por Moisés não era o primeiro e melhor plano de Deus para o êxodo. Sim, Deus estava com Arão, e Arão ajudaria Moisés de muitas maneiras. A parceria deles os ajudou a comunicar-se de modo eficaz com Faraó, que sabia lidar com porta-vozes, pois havia um alto oficial egípcio designado como “boca do rei”, que falava em nome de Faraó, assim como Arão falava em nome de Moisés.3 O relacionamento entre os dois irmãos era também um retrato do relacionamento entre Deus e seus profetas. Da mesma maneira que Moisés falava por Deus, Arão falava por Moisés.

No entanto, o envolvimento de Arão se revelaria uma bênção mista. Sua assistência não aliviou Moisés da sua responsabilidade de falar em nome de

Deus (4.15), mas então Moisés teria de compartilhar parte da honra com seu irmão. Além do mais, posteriormente, Arão desviaria o povo ao fazer para eles um bezerro de ouro (32.1-4). Ao inicialmente recusar-se a fazer o que Deus o havia chamado para fazer, Moisés abriu mão de parte da bênção de Deus. Ninguém é indispensável – nem mesmo Moisés. Deus sempre encontra alguém que faça a sua vontade. Porém, quando nos recusamos a fazer o que Deus nos chamou para fazer, abrimos mão da plenitude da bênção de Deus.

Uma mulher que se recusou a abrir mão da bênção foi a rainha Ester. Pela providência de Deus, quando os judeus se encontravam em perigo mortal, Ester estava numa posição que lhe permitiu intervir juntou ao rei. Seu primo Mordecai a incentivou a ajudar, mesmo que isso pusesse sua própria vida em risco. Mordecai sabia que Deus salvaria seu povo de uma maneira ou de outra, mas ele não queria que Ester perdesse a bênção de Deus ao rejeitar o seu chamado. Ele disse a ela: “Porque, se de todo te calares agora, de outra parte se levantará para os judeus socorro e livramento, mas tu e a casa de teu pai perecereis” (Et 4.14a). Com sua obediência corajosa, Ester não só salvou seu povo, os judeus, mas também recebeu a bênção abundante de Deus.

Um profeta (não) como Moisés

A última coisa que Deus disse a Moisés foi: “Toma, pois, este bordão na mão, com o qual hás de fazer os sinais” (4.17). Deus não aceitou um não como resposta. No fim, depois de todas as suas perguntas e objeções, Moisés teve de fazer o que Deus o havia chamado para fazer. Pela autoridade de Deus e com a assistência de Deus – simbolizadas pelo seu bordão poderoso – ele voltou para o Egito para resgatar os filhos de Israel.

Moisés provou que era um grande líder, é claro, mas sua relutância ao responder ao chamado de Deus é um lembrete de que existe um único Salvador perfeito. Deus prometeu que, um dia, ele enviaria ao seu povo um profeta “semelhante [a Moisés]”. Mais tarde, disse a Moisés: “Suscitar-lhes-ei um profeta do meio de seus irmãos, semelhante a ti, em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar” (Dt 18.18). Esse profeta foi Jesus Cristo, como Pedro demonstrou no dia de Pentecostes (veja At 3.20-23). A Bíblia ensina que Jesus foi feito “semelhante aos irmãos” “em todas as coisas” (Hb 2.17), “mas sem pecado” (Hb 4.15). Como Deus prometeu, Jesus foi como Moisés. Ele veio

para nos libertar da nossa escravidão ao pecado e para nos remir do cativeiro da morte. Deus nos instruiu: “a ele ouvi” (Mt 17.5), pois sempre que o ouvimos, ouvimos a voz de Deus.

Porém, por mais semelhantes que esses dois homens tenham sido, há também alguns sentidos cruciais em que Jesus não foi como Moisés. Um dos aspectos mais óbvios é que ele estava pronto e disposto a obedecer a vontade de Deus. Ele disse ao seu Pai: “Eis aqui estou [...] para fazer, ó Deus, a tua vontade” (Hb 10.7). Sim, ele agonizou diante das dores da cruz, mas não se recusou a suportá-las. Ele disse ao seu Pai: “Faça-se a tua vontade” (Mt 26.42). E então ele saiu e ofereceu voluntariamente a sua vida para a nossa salvação. Ele não disse: “Envia outra pessoa”, pois ele sabia que não havia outra pessoa. Ele, e apenas ele, podia fazer a expiação perfeita pelos nossos pecados.

Se Cristo é nosso Salvador, precisamos estar prontos e dispostos para servi-lo – dizer: “Eis-me aqui. Envia-me a mim”. No fim, foi isso que Giertrud Rask fez. Quando seu marido Hans recebeu o chamado missionário de Deus para ir à Groenlândia, Giertrud não estava disposta a ir. Mas seu marido era um homem sensível, sensível à ansiedade da sua esposa. Apesar de continuar convencido de que Deus os estava chamando para ir para a Groenlândia, ele sabia que Giertrud precisava atentar e responder ao chamado pessoalmente. Assim, Hans fez o que pôde para fazer com que “sua esposa visse a vontade de Deus [...] e a vê-la como sua obrigação sagrada de demonstrar uma autonegação mais resoluta deixando seu lar e partindo para pregar o evangelho entre os pagãos”.

Em acordo mútuo, Hans e Giertrud “apresentaram a questão a Deus em oração”. O Espírito de Deus operou no coração de Giertrud e, finalmente, ela aceitou o chamado de levar o evangelho para a Groenlândia. Pouco antes de embarcarem, porém, o próprio Hans “foi acometido de dúvidas se ele realmente tinha o direito de pôr em perigo o bem-estar da sua família”. Dessa vez, foi Giertrud que demonstrou sua “grande fé e constância” ao encorajar seu marido a responder ao chamado de Deus. Juntos, viajaram para a Groenlândia, onde trabalharam pelo evangelho.4 Evidentemente, é muito melhor atender ao chamado de Deus assim que o recebemos, mas a coisa mais importante é assegurar que de fato atendamos a ele.

Notas

1 Louis Bobe, Hans Egede: Colonizer and Missionary of Greenland (Copenhague: Rosenkilde and Bagger, 1952), p. 16,23.

2 Essa história é contada em Terry L. Johnson, When Grace Comes Home: The Practical Difference That Calvinism Makes (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2000), p. 53-4.

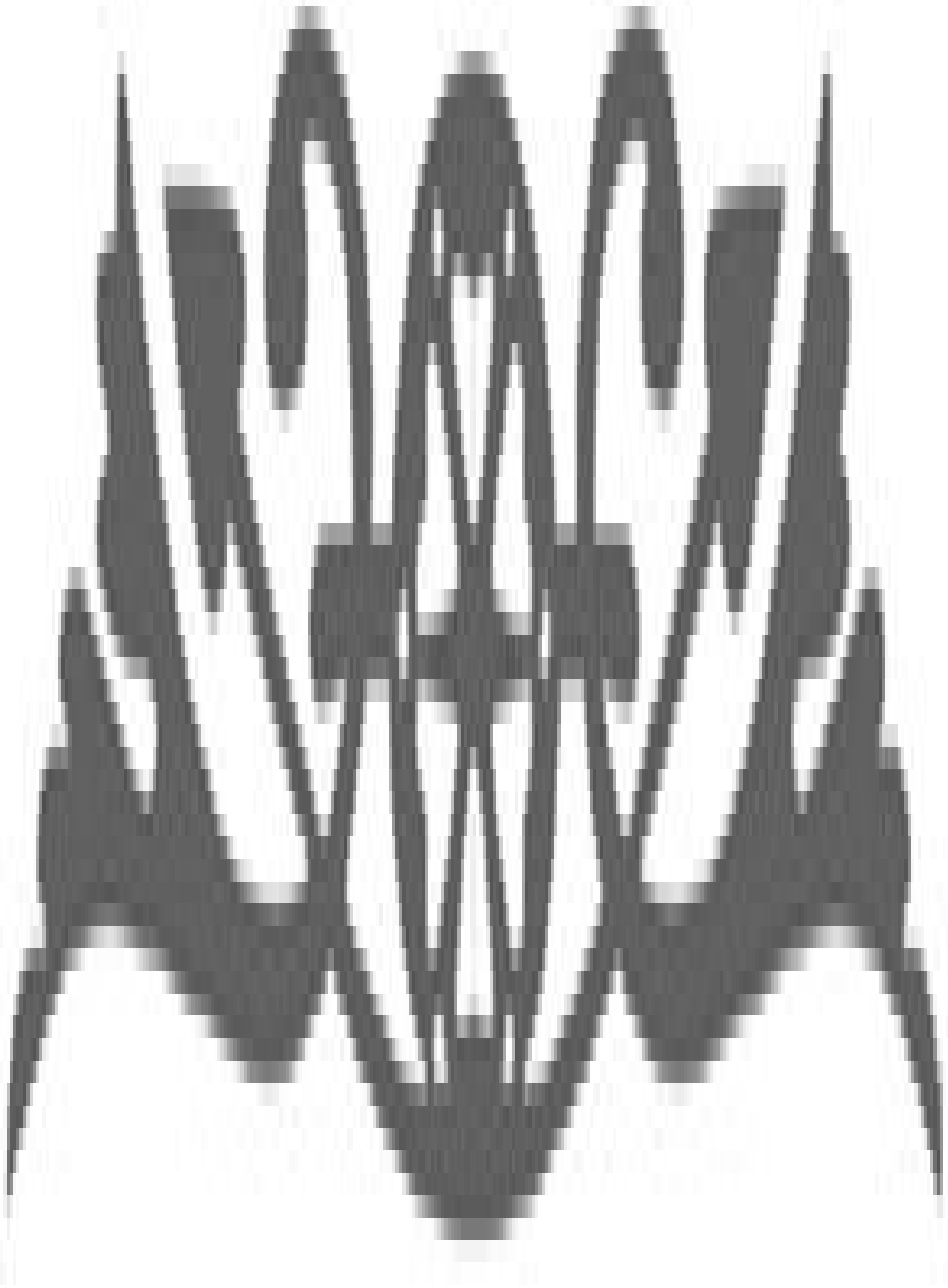
3 Umberto Cassuto, A Commentary on the Book of Exodus, Israel Abrahams (trad.) (Jerusalém: Magnes, 1967), p. 51.

4 Bobe, Hans Egede, p. 23,29.

10

De volta para o Egito

Êxodo 4.18-31



Assim, Moisés voltou para o Egito. Depois de todas as suas perguntas e objeções, depois de todas as suas dúvidas e hesitações, e até mesmo depois da sua recusa aberta a ir, o profeta atendeu ao chamado de Deus. Seu exílio autoimposto havia terminado.

Depois do encontro junto à sarça ardente, o final de Êxodo 4 chega a ser algo como um anticlímax. Esses versículos narram a partida de Moisés de Midiã (4.18-23) e sua chegada ao Egito (4.27-31), juntamente com sua experiência de quase-morte ao longo do caminho (4.24-26). A palavra-chave nesses versículos um tanto diversos – uma palavra que é repetida incansavelmente – é "retorno" (sh%v)*, traduzida também como "voltar". Moisés estava voltando para a terra das pirâmides, para os campos de trabalho forçado de Faraó, para o povo de Deus.

Moisés estava voltando porque Deus lhe dera a ordem de voltar. No passado, ele havia fugido do Egito com medo e em segredo, mas "disse [...] o Senhor a Moisés, em Midiã: Vai, torna para o Egito, porque são mortos todos os que procuravam tirar-te a vida" (4.19). Essa declaração – um resumo da sua longa conversa junto à sarça ardente – vem como surpresa. Não há dúvida quanto à sua veracidade; já fomos informados que o Faraó que acusara Moisés de ter cometido um crime capital estava morto (2.23). O que é menos claro é por que importava se seus inimigos estavam mortos ou vivos. Talvez Deus estivesse simplesmente informando a Moisés que ele não precisaria mais se preocupar com sua pena de morte. Mas temos a impressão de que Deus estava preocupado com a segurança de Moisés, como se ele pudesse voltar apenas quando seu retorno fosse seguro. Se esse é o caso, a declaração de Deus nos lembra da mensagem que José recebeu quando esteve no Egito: "Dispõe-te, toma o menino [Jesus] e sua mãe [Maria] e vai para a terra de Israel; porque já morreram os que atentavam contra a vida do menino" (Mt 2.20). Mas por que Deus se preocuparia com a segurança de Moisés? Ele havia prometido acompanhá-lo, ajudá-lo e libertá-lo nessa jornada. Com o bordão de Deus na sua mão, Moisés nada tinha a temer. Parece, portanto, melhor entender a morte dos seus inimigos como sinal de que o êxodo havia começado. Em vez de tranquilizar Moisés no que dizia respeito à sua segurança, a declaração de Deus sobre a morte de Faraó serve como anúncio de que a promessa de libertação estava começando a se realizar.

Moisés se despede

Antes de voltar para o Egito, Moisés teve de tratar de algumas questões familiares: “Saindo Moisés, voltou para Jetro, seu sogro, e lhe disse: Deixa-me ir, voltar a meus irmãos que estão no Egito para ver se ainda vivem” (4.18a).

Uma vez que Moisés havia recebido o chamado de Deus, ele voltou para se despedir de Jetro, o homem que havia lhe dado um lar em Midiã. Não é difícil entender por que Moisés teve de fazer isso. Obviamente, não podia mais ficar com Jetro. Ele tinha um chamado mais elevado – um chamado para o ministério que vinha de Deus pessoalmente. Mesmo assim, precisava tratar o homem com respeito. Afinal de contas, Jetro era seu sogro, e naqueles tempos patriarcais, os membros de uma família precisavam da permissão do cabeça da casa antes de partir. E Jetro era também seu empregador, de modo que Moisés precisava devolver as ovelhas que havia levado ao monte Horebe.

Em alguns sentidos, Moisés serve como exemplo para cristãos que tentam seguir Cristo e amar sua família ao mesmo tempo. Nosso compromisso com Cristo vem em primeiro lugar. Jesus disse: “Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo” (Lc 14.26). O que Jesus quis dizer era que segui-lo é um compromisso total da vida. Exige uma lealdade absoluta que, às vezes, vai contra as expectativas da família. Nem mesmo as pessoas que mais amamos deveriam nos impedir de fazer o que Deus nos chamou a fazer. Mas Jesus não quis dizer que devemos ser hostis em relação à nossa família, tampouco quis dizer que devemos tirar nossa própria vida. Pelo contrário, cristãos devem tratar sua família com respeito. Isso é importante principalmente para cristãos cujos pais não são cristãos. Visto que eles não compartilham do nosso compromisso com Cristo, eles não entenderão algumas escolhas que fazemos. Mas mesmo não podendo comprometer nosso chamado, continuamos tendo a responsabilidade de amar nossos pais, e isso significa discutir com eles os nossos planos com paciência e respeito.

O que surpreende é a desculpa que Moisés deu para querer voltar para o Egito. Ele disse a Jetro: “Deixa-me ir, voltar a meus irmãos que estão no Egito para ver se ainda vivem” (4.18a). Essa afirmação demonstra quão profundamente Moisés havia se identificado com o povo de Deus. Ele não se via mais como egípcio, mas como hebreu. Também nos dá uma indicação referente ao tempo que Moisés estivera ausente (40 anos) e ao sofrimento que os egípcios haviam causado aos

israelitas. A frase “para ver se ainda vivem” pode ter sido uma expressão antiga para verificar o bem-estar de alguém, mas deixa em aberto a pergunta sobre se eles estavam vivos ou mortos.1

O problema com o que Moisés disse era que não correspondia totalmente à verdade. Ele deixou de mencionar qualquer coisa sobre seu encontro com Deus na sarça ardente, e o que ele disse sobre sua missão era enganoso. Ele não estava voltando para ver se seus parentes ainda estavam vivos – Deus havia lhe dito que eles estavam vivos –, mas para resgatá-los da escravidão.

Por que Moisés não contou toda a verdade? Talvez estivesse com medo de que, se entrasse em detalhes, seu sogro começaria a fazer perguntas sobre a sua viagem. No entanto, é mais provável que o próprio Moisés ainda não tivesse certeza de que tudo que Deus havia dito era verdade. Como muitas pessoas, ele estava vacilando em algum ponto entre fé e descrença. Porém, pelo menos estava ainda seguindo o caminho da obediência. Mesmo sem coragem de declarar suas intenções, ele estava fazendo o que Deus lhe ordenara.

Moisés partiu de Midiã com a bênção do seu sogro: “Disse-lhe Jetro: Vai-te em paz” (4.18b). Quando Moisés partiu, levou consigo sua família e seu Deus. A Bíblia diz: “Tomou, pois, Moisés a sua mulher e os seus filhos; fê-los montar num jumento e voltou para a terra do Egito. Moisés levava na mão o bordão de Deus” (4.20). Mais tarde, Moisés mandou sua família de volta para Midiã, pois Êxodo 18 descreve o reencontro deles. Mas quando voltou para o Egito pela primeira vez, ele levou consigo sua esposa Zípora e seus filhos Gérson e Eliezer. Isso mostra que ele estava pensando em partir para sempre. Serve também como lembrete de que suas experiências como marido e pai faziam parte do seu preparo para o ministério.

Moisés tinha não só sua família ao seu lado, mas também seu bordão na sua mão. Só que já não era mais o seu bordão – era “o bordão de Deus”, o símbolo de autoridade divina. Moisés iria libertar Israel pelo poder de Deus. Com o bordão de Deus, ele realizaria sinais milagrosos para convencer os israelitas de que ele era o verdadeiro profeta de Deus. Mais tarde, o bordão de Deus realizaria milagres ainda maiores. Traria doenças e morte para os egípcios, partiria as ondas do mar Vermelho e tiraria água doadora de vida de uma pedra.

É tentador imaginar o bordão de Deus como varinha mágica e querê-la para nós mesmos. Mas o que o bordão representa está disponível para nós. O bordão era

um sinal visível do poder salvador de Deus, e agora o poder salvador de Deus vem por meio da cruz. O lugar em que encontramos o poder de Deus não é em algum milagre sobrenatural, mas na mensagem da cruz em que Cristo foi crucificado pelos pecadores. A cruz é o sinal de Deus. É o sinal do amor de Deus – o sinal de que ele nos ama o bastante para morrer por nós. É o sinal da misericórdia de Deus – o sinal de que nossos pecados são perdoados. O apóstolo Paulo observou que, enquanto algumas pessoas "pedem sinais [...] nós pregamos a Cristo crucificado [...] a Cristo, poder de Deus" (1Co 1.22-24). É por meio da cruz de Cristo que Deus tem realizado o maior êxodo de todos, tirando pecadores da escravidão ao pecado e levando-os para um relacionamento com ele. O poder divino representado pelo bordão de Deus está disponível a todos aqueles que se apegam a Jesus Cristo.

O coração endurecido de Faraó

Moisés não tinha a mensagem da cruz (pelo menos não em tantas palavras), mas ele tinha o bordão de Deus, e ele deveria levar o bordão consigo quando fosse a Faraó. "Disse o Senhor a Moisés: Quando voltares ao Egito, vê que faças diante de Faraó todos os milagres que te hei posto na mão; mas eu lhe endurecerei o coração, para que não deixe ir o povo" (4.21).

Esse versículo nos fornece duas informações novas. Uma é que os sinais e prodígios eram tanto para os egípcios quanto para os israelitas. Anteriormente, Deus havia dado a Moisés três sinais a serem realizados para os anciãos de Israel, para ajudar a convencê-los de que ele era o verdadeiro profeta de Deus (4.1-9). Aqui, Deus instrui Moisés a realizar os mesmos sinais para Faraó – não para que ele deixe o povo de Deus partir, mas exatamente pela razão oposta. Em vez de transformar Faraó num crente, os sinais endureceriam sua incredulidade. Em sua teimosia, ele se recusaria a deixar o povo de Deus partir. Os milagres de Jesus Cristo tiveram um efeito muito semelhante: segundo a vontade soberana de Deus, alguns creram e foram salvos, enquanto outros duvidaram e foram condenados.

Moisés já sabia que o coração de Faraó estaria duro como pedra. Caso não soubesse disso por experiência própria – o que é improvável –, Deus lhe disse: "O rei do Egito não vos deixará ir se não for obrigado por mão forte" (3.19). A novidade no capítulo 4 – e essa é a segunda informação nova – é que o próprio

Deus endureceria o coração do Faraó. De alguma maneira misteriosa, a dureza de coração de Faraó fazia parte do plano salvador de Deus.

O endurecimento do coração de Faraó é um tema importante no livro de Êxodo, e ele tem muito a nos ensinar sobre a soberania da vontade de Deus. Encontraremos esse tema de novo, pois Êxodo menciona o endurecimento do coração de Faraó cerca de 20 vezes, descrevendo-o de três maneiras diferentes. Às vezes, a Bíblia diz que o Faraó endureceu seu próprio coração: "Vendo, porém, Faraó que havia alívio, continuou de coração endurecido e não os ouviu" (8.15). Outras vezes, a Bíblia diz que o coração de Faraó foi endurecido, sem especificar quem provocou o endurecimento: "Todavia, o coração de Faraó se endureceu, e não os ouviu" (7.13). Há ainda casos – como este aqui em Êxodo 4 – em que Deus se identifica como aquele que endurece o coração de Faraó.

Juntas, essas declarações mostram que o coração de Faraó era duplamente endurecido. Ele endureceu seu próprio coração; mesmo assim, Deus endureceu seu coração por ele. Ambas as afirmações são verdadeiras, e não há contradição entre elas. A vontade de Faraó era também a vontade de Deus. Deus não apenas sabia que Faraó se recusaria a deixar seu povo ir, mas de fato ordenou isso. Esse é o paradoxo da soberania divina e da responsabilidade humana, que não é um quebra-cabeças que precisa ser resolvido, mas um mistério que deve ser adorado. Como seres humanos feitos à imagem de Deus, fazemos uma escolha real de aceitar ou rejeitar a Deus, mas até mesmo a escolha que fazemos é governada pela vontade soberana e eterna de Deus. O estudioso do Antigo Testamento S. R. Driver observou corretamente: "O meio pelo qual Deus endurece um homem não é necessariamente uma intervenção extraordinária por parte de Deus; pode ser por meio de experiências comuns da vida, operando por meio dos princípios e do caráter da natureza humana, que foram ordenados por ele".2 O escritor de Êxodo compreendia isso, e foi por isso que ele descreveu o endurecimento do coração de Faraó como vontade de Faraó e vontade de Deus.

Do início ao fim, todo o êxodo foi o resultado do decreto soberano de Deus. Toda a experiência angustiante e, depois, revigorante da escravidão e da liberdade fazia parte da sua vontade perfeita. Foi a vontade de Deus tirar Israel do Egito. Também agradou a ele mantê-los lá por tanto tempo, o que é demonstrado pelo seu endurecimento do coração de Faraó. Peter Enns escreve: "A libertação de Israel do Egito é totalmente obra de Deus e ocorreu sob seu controle absoluto. O êxodo iminente é um drama do qual Deus é o autor, produtor, diretor e protagonista".3 Até mesmo quando Faraó subiu ao palco,

Deus recebeu todo o aplauso. Como todo o restante que Deus já havia feito, o êxodo aconteceu inteiramente para a sua glória.

O primogênito de Deus

A soberania da vontade de Deus é um mistério tão grande que ele leva algumas pessoas a temer a Deus – não só simplesmente a reverenciá-lo, mas a realmente ter medo dele. No entanto, o povo de Deus jamais deve ter medo, pois a soberania de Deus inclui a nossa condição de filho. A razão pela qual Deus endureceu o coração de Faraó era para demonstrar seu amor pelos seus próprios filhos. Deus disse a Moisés: "Dirás a Faraó: Assim diz o Senhor: Israel é meu filho, meu primogênito. Digo-te, pois: deixa ir meu filho, para que me sirva; mas, se recusares deixá-lo ir, eis que eu matarei teu filho, teu primogênito" (4.22-23).

Esses dois versículos revelam o cerne do êxodo. Explicam por que Deus se importava com o que acontecia aos israelitas, por que, entre todas as nações do mundo, ele se deu ao trabalho de resgatá-los da escravidão. Do ponto de vista mundano, eles tinham muito pouco do que se orgulhar, e, por isso, Deus parecia ter poucas razões para salvá-los. Mas Israel era o filho escolhido por Deus. No nível espiritual mais profundo, o êxodo é uma história sobre filiação, sobre o amor de um Pai pelo seu filho único. A libertação de Israel é a história verdadeira de um Pai amoroso que resgatou seus filhos para que eles pudessem estar juntos como família. Não é, portanto, simplesmente uma história de emancipação – a libertação de um escravo –, mas também de repatriação, do retorno de um filho único aos cuidados amorosos do seu pai.4 Mais tarde, quando Deus se lembrou do êxodo, ele disse: "Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei o meu filho" (Os 11.1).

A posição de Israel como primogênito de Deus explica por que Deus estava em pé de guerra com Faraó. Para Faraó, os hebreus eram escravos inferiores; para Deus, porém, eram filhos amados. O problema com Faraó não era simplesmente que ele era um senhor de escravos (mesmo isso sendo já grave o bastante), mas que ele estava impedindo que os filhos de Deus servissem ao seu Pai. Em vez de serem livres para chamar Deus de "Pai", os israelitas eram obrigados a chamar Faraó de "Senhor". Assim, para reforçar sua reivindicação sobre Israel, Deus disse a Faraó: "Deixa ir meu filho, para que me sirva" (4.23a). Deus exigiu que

Israel fosse libertado da escravidão de Faraó para que seu filho tivesse a liberdade para voltar a servir a ele. Mais especificamente, ele queria a adoração do seu filho primogênito. Este é o grande tema do êxodo: Deus salva seus filhos da escravidão para que eles possam servir a ele.

O relacionamento de pai e filho entre Deus e Israel ajuda também a explicar por que os juízos que ele executou contra o Egito foram tão severos. Êxodo 4 (e mais especificamente o v. 23) prenuncia a décima e última praga, que custaria a vida do herdeiro de Faraó e a de todos os outros primogênitos do Egito. Essa calamidade foi necessária para convencer Faraó a abrir mão de Israel, filho de Deus. Seu coração estava tão endurecido que fazer com que ele deixasse Israel partir exigiu nada menos do que a morte do seu filho primogênito. Mas esse castigo era também uma questão de justiça estrita. Era olho por olho, filho por filho. O estudioso bíblico holandês Cornelis Houtman escreve: “Na disputa sobre a pergunta sobre a quem Israel pertence e quem é seu senhor legítimo, Faraó ou Yahweh, Yahweh finalmente revelará que ele tem vínculos emocionais íntimos com Israel. É melhor que Faraó entenda que, para Yahweh, Israel não é apenas o seu povo, mas que ele também é amado por ele [...] Faraó será atingido no seu ponto mais sensível, o ponto em que ele mesmo atingiu Yahweh, no seu amor pelo primogênito”.5

A filiação tem suas origens no Antigo Testamento, em que Deus se revela como pai que deseja um filho que lhe sirva. No entanto, esse filho sempre se mostrou uma decepção. Isso foi assim durante o êxodo, quando Israel murmurou contra Moisés e se queixou do cuidado paternal de Deus. O povo de Deus do Antigo Testamento jamais fez jus às exigências da sua filiação.

É por isso que Deus enviou seu único Filho como nosso Salvador. O Novo Testamento apresenta Jesus Cristo como Filho perfeito de Deus, como aquele que serviu ao seu Pai com dedicação absoluta. Jesus era tudo que Deus sempre quis como Filho, num sentido realizando o que Israel deveria ter realizado. Os Evangelhos explicitam esse vínculo descrevendo a vida de Cristo como um novo êxodo. Logo depois do seu nascimento, Jesus foi enviado para o Egito, onde permaneceu até a morte do rei Herodes. Seu retorno subsequente para Israel lembrou Mateus da promessa do Antigo Testamento: “Do Egito chamei o meu Filho” (Mt 2.15, citando Os 11.1). Foi a maneira de Mateus dizer que Jesus é o verdadeiro Israel, o Filho primogênito de Deus. Isso se confirmou quando Jesus foi batizado e o Pai disse: “Este é o meu Filho amado” (Mt 3.17). A promessa de filiação se cumpriu em Jesus Cristo.

O que é maravilhoso é que cada um que vai a Cristo em fé torna-se filho verdadeiro de Deus. A obra de Cristo consiste em levar os escravos do pecado para a liberdade da filiação. Charles Spurgeon escreve: “O Senhor Jesus vem, identifica-se com a família escravizada, suporta a maldição, cumpre a lei e então, com base na justiça simples, exige para eles liberdade plena e perfeita, tendo cumprido para eles o preceito e suportado a penalidade”.6 A Bíblia chama Jesus de “o primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8.29) – “muitos irmãos”, porque cada cristão é um filho de Deus. Como diz a Bíblia também: “Todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus” (Gl 3.26). Conhecer Jesus como Salvador significa conhecer Deus como Pai, e o êxodo nos ensina que tipo de Pai ele é. Ele não é igual aos pais humanos com todas as suas falhas. É antes um Pai bom, sempre fiel aos seus filhos. Em sua terna compaixão, ele cuida deles e os livra de todo perigo.

Uma questão de vida e morte

O que aconteceu em seguida é um lembrete de quanto o Antigo Testamento pode ser chocante. “Estando Moisés no caminho, numa estalagem, encontrou-o o Senhor e o quis matar” (4.24). Há alguma dúvida sobre se foi Moisés ou seu filho (provavelmente Gérson, seu primogênito) que teve um encontro com Deus. Em vista do contexto geral, parece, porém, muito mais natural supor que “o” refira-se a Moisés, sobretudo porque seu filho só é introduzido especificamente no versículo 25.

O que aconteceu foi isto: enquanto Moisés estava viajando de volta para o Egito, ele parou para acampar e passar a noite, e lá no deserto Deus quis matá-lo. Justamente quando parecia seguro voltar para o Egito, de repente Deus tornou-se adversário do profeta. A Bíblia não diz como Deus pretendia matá-lo. Talvez Moisés teve de lutar com o anjo da morte; talvez tenha sido afligido por alguma doença mortal. No entanto, a pergunta real não é como Deus atacou Moisés, mas por quê. Que razão Deus poderia ter tido para atacar Moisés, do qual dependia todo o seu plano para a salvação de Israel? Moisés era aquele que havia sido chamado para tirar o povo de Deus do Egito. Moisés era o homem que reuniria os anciãos, realizaria os milagres, exigiria a libertação do filho primogênito de Deus. Portanto, submeter sua vida a um perigo mortal significava pôr em jogo todo o êxodo.

Dependendo da situação, Deus pode ter muitas boas razões para tirar a vida de alguém, mas nesse caso ele parece ter se irritado com Moisés. O profeta estava sob a ira de Deus porque, aparentemente, ele não havia circuncidado seu filho. A Bíblia não diz isso com tantas palavras assim, mas é uma inferência sensata baseada no que se segue: “Então, Zípora tomou uma pedra aguda, cortou o prepúcio de seu filho, lançou-o aos pés de Moisés e lhe disse: Sem dúvida, tu és para mim esposo sanguinário. Assim, o Senhor o deixou. Ela disse: Esposo sanguinário, por causa da circuncisão” (4.25-26).

Esses são dois dos versículos mais enigmáticos do Antigo Testamento, mas devemos tentar entendê-los do melhor modo possível. Mais uma vez, foi uma mulher que veio ao resgate. Agindo com coragem e determinação – talvez porque o próprio Moisés já estivesse próximo demais da morte para poder reagir –, Zípora cortou o prepúcio do seu filho, o jogou em direção a Moisés e disse: “Tu és um esposo sanguinário”. O significado exato desse termo técnico é incerto, mas não parece indicar que Zípora estivesse com raiva. Como sugere o comentário editorial no versículo 26, isso tinha a ver com o rito da circuncisão (e, possivelmente, também com a inclusão de Zípora na comunidade da aliança). O que salvou a vida de Moisés foi a circuncisão de seu filho. Mas por que foi o seu filho que foi circuncidado? Se Moisés era a parte culpada, não teria feito mais sentido se o próprio profeta tivesse sido circuncidado? A explicação mais simples é que Deus atacou Moisés justamente porque ele deixara de circuncidar seu filho; por isso, a circuncisão de Gérson era a única coisa que podia salvar a sua vida.

Isso dá origem a uma pergunta mais fundamental: o que era tão importante em relação à circuncisão? Contemple este contraste: quando Moisés recusou-se a ir para o Egito, Deus, com muito paciência, o colocou no caminho certo; porém, quando ele deixou de circuncidar seu filho, Deus ameaçou tomar sua vida. Peter Enns escreve: “Moisés pode discutir, bater o pé, choramingar e prender sua respiração porque não quer ir ao Egito, e Deus o trata com muita paciência – mas a circuncisão é outra questão”.7 Literalmente, tratava-se de uma questão de vida e morte. Mas por quê?

Em primeiro lugar, a circuncisão era a marca distintiva do povo de Deus, um sinal que indicava que a pessoa era membro da comunidade da aliança, e assim servia como prova da filiação em Israel, como Zípora parece ter entendido. Além do mais, a circuncisão era um sinal da aliança que tinha suas origens nos patriarcas (veja Gn 17). Portanto, se Moisés pretendia servir ao Deus de Abraão,

ele tinha a obrigação pactual de circuncidar seus filhos. Isso também era parte importante da sua preparação para o êxodo. Mais tarde, quando os israelitas celebraram sua primeira Páscoa, cada homem precisou ser circuncidado (12.43-49). Moisés precisava ser exemplo disso. Se ele queria tirar o povo do Egito, ele mesmo precisava cumprir a aliança. Como ele poderia ser o profeta de Israel se negligenciasse sua responsabilidade espiritual para com a sua própria família deixando de incluí-la na salvação de Deus?

O não cumprimento da aliança da circuncisão por Moisés quase lhe custou a vida. Sua experiência de quase-morte nos ensina no mínimo duas lições importantes sobre a salvação em Cristo. Uma delas é a importância de receber o sinal da aliança, que, para o cristão, é o batismo. Há uma conexão entre o sinal da circuncisão do Antigo Testamento e o sacramento do batismo do Novo Testamento. Como Paulo escreveu aos colossenses: “Nele [em Cristo], também fostes circuncidados, não por intermédio de mãos [...] que é a circuncisão de Cristo, tendo sido sepultados, juntamente com ele, no batismo” (Cl 2.11-12). O exemplo de Moisés nos ensina a considerar o batismo com extrema seriedade. Mesmo que o sacramento em si não salve ninguém, mesmo assim os cristãos (e seus filhos) devem ser batizados.

A circuncisão do filho de Moisés mostra também que “sem derramamento de sangue, não há remissão” (Hb 9.22). Deus usou esse encontro na estrada de volta ao Egito para ensinar a Moisés as exigências básicas da salvação. Apesar de Moisés ter passado pela sombra da morte, Deus jamais pretendeu matá-lo. Toda essa experiência foi um teste, como o teste ao qual Abraão foi submetido quando recebeu a ordem de matar seu único filho (Gn 22), ou como o teste ao qual Jacó foi submetido quando lutou com o anjo (Gn 32.22-32). Deus não tratou Moisés com intenções assassinas, antes estava dando ao seu profeta uma experiência de salvação de primeira mão.

Primeiro Deus mostrou a Moisés o salário do pecado, colocando-o sob sua ira divina. Mas então a ira mortal de Deus foi desviada – ou “propiciada”, para usar o termo correto – pelo sangue da circuncisão. O sangue é mencionado especificamente porque, para que pudesse ser libertado da morte, Moisés teve de ser tocado pelo sangue de um sacrifício e assim se identificar com ele. Não era um sacrifício pleno, é claro; mesmo assim, aquela pequena parte de pele circuncidada representava toda a pessoa de Gérson, oferecida em lugar de Moisés. Moisés foi salvo da ira de Deus pelo sangue derramado por um substituto.

Por mais estranha que essa experiência possa parecer, ela revela o único caminho verdadeiro da salvação. Cada ser humano é um pecador que se encontra sob a ira de Deus. Como Moisés, todos nós descumprimos a lei de Deus e portanto estamos sujeitos à maldição de Deus contra o pecado. A única maneira em que podemos ser salvos da morte eterna é se a ira de Deus for desviada de nós, o que só pode acontecer por meio de um ato de sangue. E foi exatamente isso que Jesus providenciou na cruz: um sacrifício perfeito pelo pecado, oferecido por meio do derramamento do seu próprio sangue. Ao morrer em nosso lugar, Jesus desviou a ira de Deus contra o nosso pecado. Ele é nosso substituto, aquele "a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé" (Rm 3.25a). Todo aquele que crê em Jesus Cristo será salvo da ira de Deus por meio do sacrifício vicário que ele ofereceu na cruz. Não há outra maneira de sermos salvos.

De volta ao Egito

Uma vez que a ira de Deus contra o seu pecado havia sido desviada, Moisés continuou sua jornada. A Bíblia oferece um resumo de como ele foi recebido por Arão, pelos anciãos e por todos os filhos de Israel:

Disse também o

Senhor

a Arão: Vai ao deserto para te encontrares com Moisés. Ele foi e, encontrando-o no monte de Deus, o beijou. Relatou Moisés a Arão todas as palavras do

Senhor

, com as quais o enviara, e todos os sinais que lhe mandara. Então, se foram Moisés e Arão e ajuntaram todos os anciãos dos filhos de Israel. Arão falou todas as palavras que o

Senhor

tinha dito a Moisés, e este fez os sinais à vista do povo. E o povo creu; e, tendo ouvido que o

Senhor

havia visitado os filhos de Israel e lhes vira a aflição, inclinaram-se e o adoraram. (4.27-31)

Tudo correu como prometido. Arão saiu para saudar Moisés na montanha de Deus, assim como Deus havia prometido (4.14). Depois de os dois irmãos se abraçarem, Moisés relatou o que lhe havia acontecido junto à sarça ardente. Arão concordou em ajudá-lo, assim como Deus havia prometido (4.15-16). Juntos, eles retornaram ao Egito e reuniram os anciãos de Israel. Arão contou-lhe tudo que Moisés havia visto e ouvido. Então ele realizou o sinal da cobra, o sinal da mão leprosa e o sinal do sangue. Quando as pessoas testemunharam esses milagres, elas creram na promessa da salvação. Tudo isso aconteceu exatamente como Deus havia prometido.

Vale observar que a Bíblia dedica pouquíssimo espaço à reunião com os anciãos, especialmente se compararmos isso com o tempo que Moisés gastou se preocupando de antemão com a reunião. Os temores do profeta se revelaram como infundados, como são todos os temores nascidos da ausência de confiança na Palavra de Deus. A despeito de todos esses receios, Moisés não teve qualquer problema em convencer os israelitas para que acreditassem na boa-nova da libertação deles. Temos aqui uma lição valiosa. Muitas vezes, a luta verdadeira ocorre no momento em que precisamos decidir se seguimos ou não a Deus. Uma vez que a decisão de segui-lo foi tomada, tudo se encaixa, e nós somos capazes de glorificar a Deus quase como consequência natural dos acontecimentos.

Êxodo 4 termina como uma doxologia: “Tendo ouvido que o Senhor havia visitado os filhos de Israel e lhes vira a aflição, inclinaram-se e o adoraram” (v. 31). Essa foi a reação correta. Apesar de ainda esperarem pela libertação, os israelitas começaram a dar glória a Deus. Comovidos pela compaixão divina, eles se ajoelharam nas areias do Egito para adorar o Senhor. Eles entenderam que o Deus de Moisés é um Deus digno de adoração. Ele é um Deus que rege cada coração segundo sua vontade divina. Ele é um Deus que nos ama como um pai ama apenas um filho único. Ele é um Deus que dá o que sua justiça exige:

um sacrifício perfeito pelo pecado. Ele é um Deus que opera milagres, um Deus que cumpre cada promessa de salvação. Ele é também o nosso Deus que viu o nosso sofrimento e se importa com ele. Você se curvará e o adorará?

Notas

* A pronúncia hebraica é com som de “v” no final, shuv. (N. do R.)

1 Brevard S. Childs, The Book of Exodus: A Critical, Theological Commentary (Louisville: Westminster, 1974), p. 101.

2 S. R. Driver, Exodus (1911), citado em R. Alan Cole, Exodus: An Introduction and Commentary, Tyndale Old Testament Commentaries (Leicester: Inter-Varsity, 1973), p. 77-8.

3 Peter Enns, Exodus, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2000), p. 131.

4 Jon D. Levenson, “Liberation Theology and the Exodus”, Midstream 35, nº 7 (1989), p. 34.

5 Cornelis Houtman, Exodus, Historical Commentary on the Old Testament, Johan Rebel e Sierd Wouds-tra (trads.), vol. 1 (Kampen, Alemanha: Kok, 1993), p. 430.

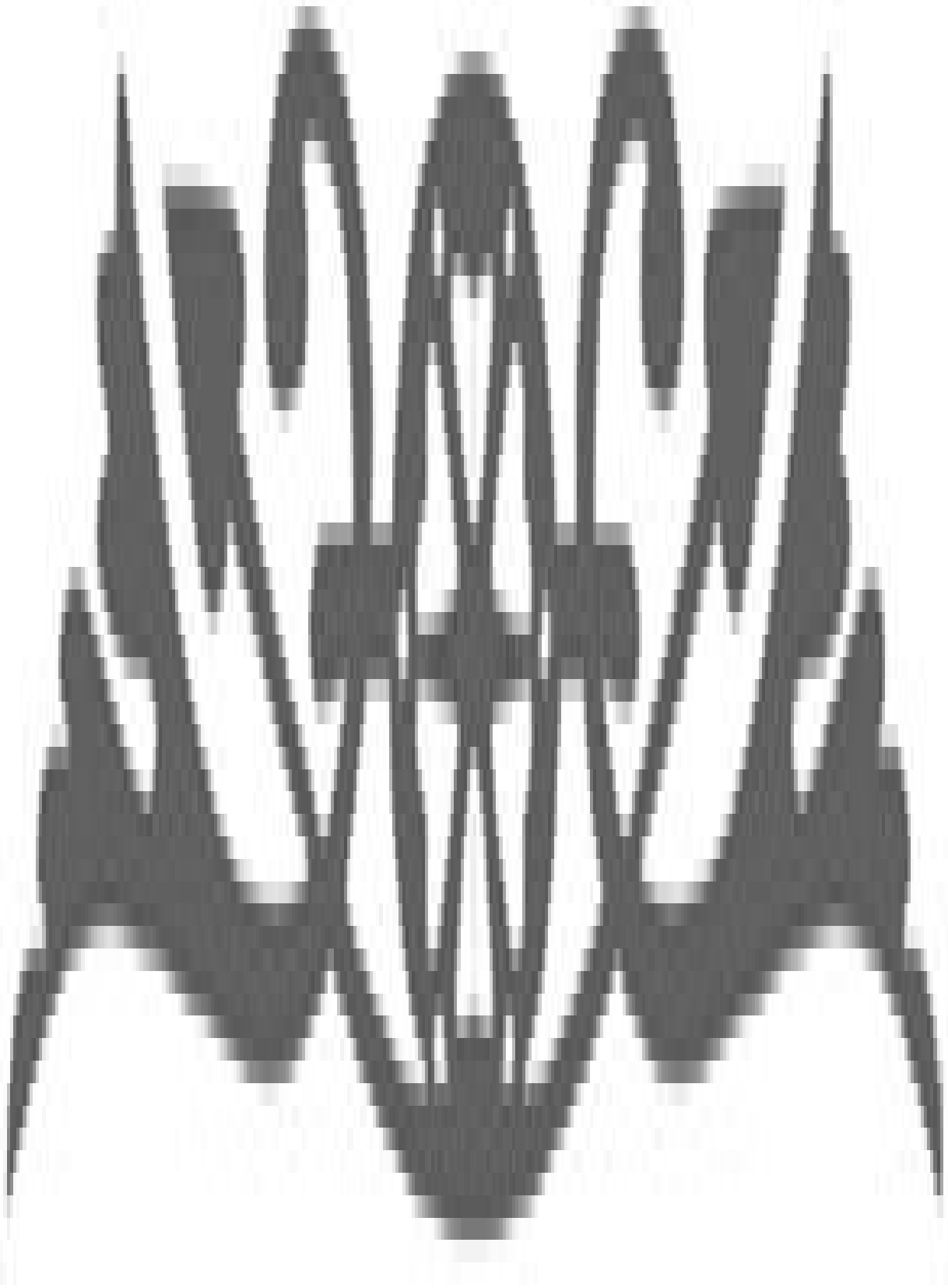
6 Charles H. Spurgeon, The Metropolitan Tabernacle Pulpit 24 (Pasadena, TX: Pilgrim, 1972), p. 593.

7 Enns, Exodus, p. 134.

11

Quem é o Senhor?

Êxodo 5.1-9



Até esse ponto, tudo bem. Moisés havia retornado para o Egito e, para o seu grande alívio – e provável surpresa –, tudo havia corrido como planejado. Durante sua viagem de volta para o delta do Nilo, o profeta encontrara seu irmão Arão, que concordou em ajudá-lo no seu ministério. Juntos, os dois irmãos foram até os anciãos de Israel e apresentaram seus sinais de poder milagroso. Com base no que ambos haviam visto e ouvido, o povo acreditou na boa-nova da salvação. Assim, Êxodo 4 terminou com esta cena notável: "Tendo ouvido que o Senhor havia visitado os filhos de Israel e lhes vira a aflição, inclinaram-se e o adoraram" (4.31). A promessa do êxodo estava começando a tornar-se realidade. Os filhos de Israel estavam começando a adorar o Deus da sua salvação.

Então era hora de levarem seu espetáculo para o palácio. Nas palavras do antigo spiritual, o hino dos escravos africanos:

Desça, Moisés,

Desça para a terra do Egito

E diga ao velho Faraó:

"Deixa o meu povo ir".

Êxodo 5 relata o que aconteceu quando Moisés foi até o velho Faraó. É uma história de fé corajosa e incredulidade rebelde.

Deixa ir o meu povo

Moisés e Arão eram embaixadores de Deus, enviados para falar em nome de Deus. Foram até Faraó com uma exigência simples: "Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Deixa ir o meu povo, para que me celebre uma festa no deserto" (5.1). Os israelitas eram os filhos amados de Deus. Em vez de trabalharem como escravos para Faraó, eles precisavam servir ao seu Pai, por isso Deus ordenou

que Faraó libertasse seu povo da escravidão.

A Bíblia não diz se algum ancião de Israel acompanhou Moisés e Arão quando estes confrontaram Faraó. Segundo as instruções anteriores de Deus (3.18), os líderes espirituais da nação deveriam acompanhar Moisés e Arão quando comparecessem à audiência real. Mas Êxodo 5 não menciona qualquer ancião, e é possível que eles tenham ficado temerosos. Tampouco a Bíblia informa como os irmãos conseguiram obter um acesso tão imediato ao rei. Talvez isso seja um indício de que Moisés ainda tinha amigos em posições elevadas, mesmo depois da sua longa ausência da corte real. A Bíblia diz simplesmente que Moisés e Arão foram até o Faraó "depois", ou seja, depois da reunião deles com os israelitas. O que sabemos é que eles se aproximaram de Faraó com a forte confiança de uma fé corajosa. Nas palavras de Hebreus, eles foram "não ficando amedrontado com a cólera do rei" (Hb 11.27).

Coragem é dificilmente algo que esperaríamos de Moisés. Nós o vimos encobrir um assassinato na areia do deserto (2.12), fugir da polícia egípcia (2.15) e recusar-se a transmitir a mensagem de Deus por medo de que ninguém o ouviria (4.1,10,13). No entanto, dessa vez ele procurou o homem mais poderoso do mundo e exigiu a libertação dos seus escravos. Falou com a autoridade divina de um profeta: "Assim diz o Senhor!" Sentimo-nos obrigados a perguntar: O que aconteceu com esse homem? O que fez a diferença para Moisés? O que mudou sua vida? O que transformou o fugitivo amedrontado num líder espiritual ousado?

A resposta é que Moisés havia encontrado o Deus vivo. Aqui está seu testemunho: "O Deus dos hebreus nos encontrou" (5.3a; mais literalmente "O Deus dos hebreus está do nosso lado"). Moisés havia visto a glória de Deus na sarça ardente. Ele havia ouvido o grande Eu Sou anunciar a mensagem da salvação. Ele havia recebido o chamado de Deus acompanhado de sinais maravilhosos. E, inicialmente, Moisés tinha dificuldades de acreditar que tudo aquilo era verdadeiro. Mas ele fez a coisa certa: começou a confiar nas promessas de Deus e a obedecer as ordens de Deus. Ao dar um passo na fé, ele descobriu que a Palavra de Deus é de fato fiel e verdadeira e que, a despeito das suas muitas inadequações, ele havia sido equipado sobrenaturalmente para cumprir o chamado de Deus. Dos primeiros passos hesitantes da sua peregrinação, a experiência da presença de Deus o tornou confiante para cumprir a vontade de Deus.

O mesmo aconteceu com os discípulos de Jesus Cristo. Dificilmente eram o tipo de homens dos quais esperaríamos a capacidade de mudar o mundo. Eram de origem humilde e, em alguns casos, de má reputação. À parte de alguns poucos momentos de entendimento temporário, os Evangelhos retratam os discípulos como pouco inteligentes, sem força de vontade e buscadores de glória. Quando o Senhor deles viveu seu momento de maior necessidade, todos eles o traíram, primeiro caindo no sono e depois se dispersando na escuridão. Depois da crucificação, nós os encontramos escondidos num cômodo secreto, temendo que fossem descobertos e executados. No entanto, poucos meses depois eles saíram pelas ruas de Jerusalém, comunicando aberta e destemidamente a boa-nova da salvação em Jesus Cristo. Até mesmo depois de terem sido presos, arriscaram a vida para cumprir o chamado de Deus. Novamente, somos obrigados a perguntar: o que aconteceu com esses homens? O que os tranformou de covardes seguidores de Jesus em apóstolos dispostos a desafiar a morte?

Essa é uma pergunta que seus inimigos tentaram responder. Quando os líderes judeus que haviam crucificado Jesus tentaram silenciar seus discípulos, eles se admiraram com a ousadia de sua fé. “Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados e incultos, admiraram-se; e reconheceram que haviam eles estado com Jesus” (At 4.13). Esta era a diferença: eles haviam estado com Jesus. Foi o encontro transformador com Jesus Cristo que lhes dera a ousadia para pregar o evangelho. Eles haviam ouvido seu ensinamento sábio, observado sua vida perfeita, visto seus milagres divinos e testemunhado sua morte expiatória e ressurreição física. Depois de terem se encontrado com o Cristo ressurreto, eles foram enchidos por uma fé tão corajosa que nada no mundo inteiro podia impedi-los de viver para a glória dele.

O mesmo acontece com todos os que têm um encontro com o Deus vivo. Quando abrimos o nosso coração para Jesus Cristo, que nos é oferecido no evangelho, o Espírito de Deus nos transforma de dentro para fora. Cremos nas promessas de Deus e começamos a agir de acordo com elas. Começamos a amar nossa família com o amor que recebemos de Deus. Começamos a falar com nossos vizinhos de maneira sincera e natural sobre coisas espirituais. Nós nos recusamos a fazer concessões às nossas convicções cristãs no local de trabalho. Quando as pessoas se perguntam o que teria acontecido conosco, há uma única resposta possível: nós estivemos com o Deus de Moisés e com seu Filho Jesus Cristo.

Se continuarmos a viver pela coragem da fé, Deus abençoará nosso trabalho e

nosso testemunho dele. Quando Charles Spurgeon pregou sobre a vida de Moisés, ele afirmou:

Estou convencido de que Moisés, após superar suas primeiras pequenas dificuldades [...] era forte na fé. Lá estava ele com seu bordão milagroso, transformando águas em sangue e matando todos os seus peixes, cobrindo os céus com escuridão, transformando poeira em criaturas vivas, trazendo granizo e [...] fazendo tudo isso de maneira tranquila e silenciosa, como deve fazer todo aquele que sente que é a voz de Deus. Ele continuou a fazer sua obra com constância. Perseverou nela com diligência até, por fim, a décima praga encontrar Moisés inabalado, pronto para conduzir seu povo até o mar Vermelho e para o deserto. Ó, servos de Deus, sejam calmos e confiantes. Continuem pregando o evangelho. Continuem ensinando na escola dominical. Continuem distribuindo folhetos. Continuem com perseverança firme. Tenham certeza disto: vocês não trabalharão em vão nem desperdiçarão suas energias. Vocês continuam gagos? Continuam de língua pesada? Mesmo assim, continuem. Vocês foram repreendidos e recusados? Vocês têm pouco mais a mostrar do que derrotas? Esse é o caminho do sucesso [...] Continuem labutando e continuem crendo. Sejam firmes na confiança, pois é com a mão erguida e o braço estendido que o Senhor pegará seus próprios eleitos, e ele pegará alguns deles por meio de vocês. Apenas confiem no Senhor e permaneçam firmes no constante significado do seu caminho.1

Deixa-os ir, digo eu!

Moisés e Arão foram até Faraó na coragem da fé, mas a despeito da ousadia deles – ou talvez por causa dela – Faraó recusou-se a deixar o povo de Deus partir. Quando ele negou seu pedido, os dois irmãos responderam repetindo a exigência de Deus: “Eles prosseguiram: O Deus dos hebreus nos encontrou; deixa-nos ir, pois, caminho de três dias ao deserto, para que ofereçamos sacrifícios ao Senhor, nosso Deus, e não venha ele sobre nós com pestilência ou com espada” (5.3).

Alguns estudiosos têm apresentado alguns questionamentos a respeito da formulação exata desse pedido. A princípio, Moisés e Arão falaram apenas de

organizar uma festa no deserto (5.1). Em termos estritos – e esta é uma das objeções –, Deus não usou a palavra “festa” ao dar suas instruções originais a Moisés. No entanto, o que Moisés disse foi correto, pois o que Deus tinha em mente era exatamente uma festa. Ele queria que seu povo o adorasse com sacrifícios e celebrações – em outras palavras, que celebrasse sua bondade com um festival de louvor. Assim, o êxodo tinha o mesmo objetivo da vida cristã: glorificar a Deus e deleitar-se nele.

Então há a questão da jornada de três dias, que é algo que já discutimos no contexto de 3.18. Se o plano de Deus era tirar seu povo do Egito para sempre, por que, então, Moisés passou a impressão de que o êxodo seria apenas um feriado curto? A pergunta é se ele estava sendo totalmente sincero, pois os israelitas não partiriam apenas para três dias, mas para sempre. Por isso, alguns argumentam que Moisés e Arão negociaram em má-fé.

Há muitas maneiras de lidar com essa objeção. Uma consiste em sugerir que ditadores como Faraó não têm direito à verdade. Outra é ressaltar que Moisés e Arão nunca disseram nada sobre voltar para o Egito. Mas a melhor resposta talvez seja que Deus estava submetendo Faraó a um teste. Seu plano era tirar Israel do Egito para sempre, mas ele começou dando ao seu rival uma oportunidade simples de se submeter à sua autoridade divina. Faraó estaria disposto a permitir ou não que Israel servisse a Deus, mesmo que apenas por três dias?

Esse tipo de pedido tinha seus precedentes. Um manuscrito antigo no Louvre, que data do tempo de Ramsés II, indica que, às vezes, os escravos egípcios recebiam uma folga para adorar aos seus deuses.2 Existe também uma tábua de calcário do mesmo período com uma lista dos nomes de escravos e os motivos da ausência deles do trabalho, incluindo a frase: “Tem sacrificado ao deus”.3 Isso prova que, às vezes, Faraó concedia o tipo de pedido que Moisés e Arão estavam fazendo. Pedir três dias de liberdade religiosa era um pedido sensato, que Deus usou para expor a incredulidade no coração do Faraó.

Outros questionamentos têm sido feitos sobre a maneira como Moisés e Arão tentaram discutir com Faraó. Alguns estudiosos afirmam que o versículo 3 se parece mais com um pedido bem-educado por permissão do que com uma exigência ousada de liberdade. Sugerem que, uma vez que Faraó começou a questionar a autoridade de Deus, Moisés e Arão recuaram. Tornaram-se mais apologéticos, mais tímidos. Em vez de emitir ordens divinas, como haviam feito

no versículo 1, eles recorreram à apresentação de desculpas humanas. Ao implorar por uma folga de três dias, argumentam eles, estavam negociando com Faraó, tentando convencê-lo a mudar de opinião. E ao mencionar as pragas que Deus poderia enviar, estavam apelando às simpatias de Faraó (como se ele fosse capaz de tê-las) em vez de desafiar sua autoridade.

Embora esse modo de interpretar o versículo 3 não seja totalmente desprovido de plausibilidade, a verdade é que Moisés e Arão nunca recuaram. Em vez disso, estavam tentando se comunicar com Faraó de uma maneira que ele pudesse entender. No versículo 2, Faraó pergunta: “Quem é o Senhor?”. Contando com a possibilidade de que essa era uma pergunta sincera, Moisés e Arão responderam que ele era “o Deus dos hebreus”. Então explicaram que tipo de festa eles tinham em mente: uma viagem para o deserto para oferecer sacrifícios ao Deus deles. Os dois irmãos também advertiram Faraó das duras consequências caso ele recusasse seu pedido: morte e doença. Quando disseram “para que [...] não venha ele sobre nós com pestilência ou com espada” (5.3), eles não estavam se referindo apenas a si mesmos, mas também a Faraó. Se o povo de Deus não recebesse a permissão para servir ao Senhor, Deus deles, as consequências seriam devastadoras tanto para o Egito quanto para Israel. No fim, é claro, essas palavras se revelaram proféticas, pois os egípcios sofreram dez pragas terríveis. Porém, dificilmente Faraó poderia dizer que não havia sido avisado. Moisés e Arão usaram todos os meios para convencê-lo de que o Deus de Israel não era um Deus com o qual se podia brincar.

Esse diálogo é um modelo para o testemunho cristão ousado. Moisés e Arão começaram dizendo a Faraó exatamente o que ele precisava fazer. Mas também se deram ao trabalho de explicar quem estava fazendo essa exigência e por que e o que aconteceria se ela não fosse cumprida. O Deus de Israel estava exigindo liberdade para o seu povo. Ele estava fazendo essa exigência para que ele pudesse ser glorificado pela adoração deles, e se sua exigência não fosse cumprida, ele reagiria com justiça rápida e terrível.

Os cristãos deveriam adotar uma estratégia semelhante ao apresentar a boa-nova sobre Jesus Cristo. O evangelho é, acima de tudo, uma exigência em que Deus ordena aos pecadores que eles se arrependam e creiam no seu Filho. Mas essa exigência precisa ser explicada. Arrepender-se significa lamentar seus pecados e abandoná-los. Crer no Filho de Deus significa confiar na crucificação de Jesus Cristo como o pagamento total pelos seus pecados. Os cristãos precisam também estar preparados para explicar por que Deus faz essa exigência. É muito simples:

ele a faz porque aqueles que se recusam a ir a Cristo ficarão perdidos nos seus pecados e sofrerão o castigo eterno da ira de Deus. Se você não é cristão, considere-se avisado. Como Faraó, você ouviu o que Deus exige e foi informado sobre as consequências se você o recusar.

A ignorância de Faraó

Moisés e Arão aproximaram-se de Faraó com fé corajosa. Mas não importava o que eles lhe dissessem ou como, ele não tinha a menor intenção de deixar o povo de Deus partir. Não importava se a Palavra de Deus chegasse a ele na forma de uma exigência ou de uma promessa, ele se recusaria a permitir que os israelitas fossem e adorassem ao Deus deles. Ele era um homem de incredulidade rebelde.

Não é difícil entender por que Faraó fez-se de surdo à exigência de Deus. Coloque-se no trono dele por um momento. Você é o homem mais poderoso do mundo. Dois escravos estranhos se aproximam – um deles é um renegado e assassino – e exigem a libertação de toda a sua mão de obra. A ideia em si era tão audaciosa, tão absurda que Faraó deve ter rido em voz alta ao ouvi-la. Desafiando a ameaça de juízo divino, ele disse: “Quem é o Senhor para que lhe ouça eu a voz e deixe ir a Israel? Não conheço o Senhor, nem tampouco deixarei ir a Israel” (5.2).

Com essas palavras, o Faraó fez a pergunta central do êxodo: quem é o Senhor? Quem é o Deus verdadeiro? Quem é a divindade suprema, a única que tem o direito de exigir louvor de cada criatura?

Deus havia revelado a resposta correta à pergunta de Faraó já na sarça ardente. Quem é o Senhor? Ele é o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Ele é Yahweh, o grande Eu Sou, o Senhor eterno e autoexistente. Ele é o Pai de Israel, que conhece e se importa com o sofrimento dos seus filhos amados. Na medida em que os acontecimentos se desdobrarem, ele se revelará como o Senhor Deus da salvação. Ele trará juízo sobre a casa de Faraó, ao mesmo tempo em que fará seu povo atravessar o mar em terra seca, até que, por fim, os próprios egípcios reconhecerão o seu senhorio. Nos momentos desesperados antes de se perderem no mar, eles dirão: “Fujamos da presença de Israel, porque o Senhor peleja por eles contra os egípcios” (14.25). Quando seu exército é levado pelo poder infinito de Deus, até mesmo Faraó saberá quem é o Senhor.

O êxodo era a maneira de Deus de dar a Faraó uma lição em teologia, sobretudo na doutrina de Deus. Isso era algo que esse rei necessitava muito, pois quando ele ouviu do plano salvador de Deus pela primeira vez, alegou que nem sabia quem era o Senhor. O próprio Faraó admitiu ser um incrédulo. Ele desconhecia a identidade de Deus, resistia à autoridade de Deus e era malévolo para com a comunidade de Deus. Faraó era um caso extremo em muitos sentidos, mas esses são os traços característicos de todos que não creem no Deus de Moisés.

Em primeiro lugar, o incrédulo desconhece a identidade de Deus. Faraó confessou sua ignorância ao fazer uma pergunta. Não era uma pergunta honesta, mas sim retórica, feita com sarcasmo desdenhoso: “Quem é o Senhor?”. Longe de querer descobrir quem Deus realmente era, Faraó negou que Deus tivesse qualquer direito de reivindicar sua vida: “Não conheço o Senhor”. Ele falou como um verdadeiro incrédulo, pois, por definição, um incrédulo é uma pessoa que não conhece o Senhor. Nesses tempos pós-cristãos, a maioria das pessoas é incrédula. Elas não desfrutam de um relacionamento pessoal com Jesus Cristo. Portanto, são como o personagem principal de um programa televisivo (que misericordiosamente teve vida curta) chamado God, the Devil and Bob, que disse: “Dizem que o senhor é um Deus benevolente. Mas veja seu histórico. O senhor é nebuloso. É incognoscível. É não confiável”. O incrédulo desconhece a verdadeira identidade de Deus.

Foi por causa da sua ignorância que Faraó se colocou no lugar de Deus. Um dos princípios básicos da religião egípcia era que o rei era um deus. Como demonstrou Henri Frankfort, os egípcios acreditavam que “na pessoa de Faraó, um ser sobre-humano havia assumido os assuntos do homem. E essa grande bênção, que assegurava o bem-estar da nação, não se devia a um acaso feliz, mas havia sido previsto no plano divino. A monarquia, então, era tão antiga quanto o mundo, pois o próprio criador havia assumido o ofício real no dia da criação. Faraó era seu descendente e seu sucessor”.4

Nesse caso, a alegação de ser divino, feita pelo Faraó, evidenciava-se na maneira como ele tratava os israelitas, reivindicando um direito absoluto ao trabalho e adoração deles. É significativo que a palavra que Faraó usa para “serviço” (5.9) e a palavra que Deus usa para “servir” têm a mesma raiz hebraica: ^B^D. Faraó via os hebreus como seus servos. Quando Moisés e Arão falaram em nome de Deus, eles disseram: “Assim diz o Senhor, Deus de Israel” (5.1). Do mesmo modo, quando Faraó começou a dar suas ordens, ele fez com que seus porta-vozes dissessem: “Assim diz Faraó” (5.10). Em outras palavras, Faraó colocou-

se no lugar de Deus. Tanto os israelitas quanto os egípcios usavam o mesmo vocabulário para reivindicar a autoridade última de suas palavras. As palavras "Assim diz Faraó" eram uma tentativa explícita de usurpar o lugar legítimo de Deus. Portanto, o êxodo era basicamente uma discussão teológica, um desacordo sobre a identidade de Deus. Göran Larsson escreve: "A questão crucial a ser resolvida é nada menos do que quem está no comando, quem tem autoridade sobre o povo de Israel e sobre todas as nações e toda a criação: o Deus de Israel ou os deuses do Egito, manifestos no Faraó".5

A única solução para a ignorância de Faraó era um encontro direto e pessoal com o Deus de Israel. É disso que cada incrédulo precisa. Até que conheçamos e amemos o único Deus verdadeiro, permaneceremos no trono da nossa própria vida. Isso pode nos dar a ilusão de poder, mas com certeza terminará em desastre. Apenas o Deus verdadeiro tem o poder e a sabedoria para governar o nosso universo. Precisamos conhecê-lo, e o ponto em que podemos encontrá-lo e descobrir sua identidade são as páginas do Antigo e do Novo Testamentos. A melhor solução para a ignorância teológica é sempre a sólida instrução bíblica.

Toda pessoa que ainda não tenha certeza sobre quem Deus é deve começar a ler a Bíblia. Leia os salmos, que louvam Deus por todos os seus atributos maravilhosos, ou leia um dos Evangelhos, que apresentam Jesus Cristo como o Filho de Deus e Salvador do mundo. Aprenda com outros cristãos. Frequente uma igreja que ensine a Bíblia como Palavra de Deus. Junte-se a um pequeno grupo de estudos bíblicos. Leia um livro básico sobre os atributos de Deus, como, por exemplo, os livros escritos por A. W. Pink e A. W. Tozer.6 Toda pessoa que receba uma instrução bíblica boa e sólida não permanece ignorante da identidade de Deus por muito tempo.

A resistência de Faraó

Em segundo lugar, Faraó resistiu à autoridade de Deus. A incredulidade é um problema não só intelectual, mas também espiritual. Ela afeta o coração tanto quanto a mente. Após Faraó ter admitido a sua ignorância (perguntando: "Quem é o Senhor?"), ele afirmou sua rebeldia: "para que lhe ouça eu a voz?" (5.2).

O curioso na declaração de Faraó é que ele a fez desafiando um Deus no qual ele dizia não crer. Ao mesmo tempo em que lançou dúvidas sobre a existência de

Deus – perguntando: “Quem é esse seu Deus?” – ele estava ocupado rebelando-se contra ele. Ele estava dizendo algo como: “Não faço ideia de quem é esse seu Deus, mas quem quer que seja, eu não vou servi-lo”. Sua ignorância professa da identidade de Deus não o impediu de resistir à autoridade de Deus.

Essa é a contradição que se encontra em cada coração incrédulo. Pessoas que se recusam a reconhecer o Deus vivo mesmo assim o desafiam a cada passo. O apóstolo Paulo escreveu que a “ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça; porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou [...] porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças” (Rm 1.18-19, 21a). O que esses versículos mostram é que a incredulidade sempre envolve algum tipo de rebeldia. Ninguém desconhece completamente a identidade de Deus, pois a realidade do seu ser divino foi inscrita em cada coração humano. Até mesmo o incrédulo mais endurecido sabe, em algum lugar lá no fundo, que existe um Deus. Mas esse conhecimento é secretamente reprimido, porque o incrédulo quer continuar a pecar. Ele é desobediente porque é ignorante, e ele decide permanecer ignorante para que possa continuar a ser desobediente.

Se alguém estiver tendo dificuldades na sua decisão sobre se deve ou não seguir Jesus Cristo, vale a pena perguntar por quê. Talvez as ressalvas sejam de natureza puramente intelectual: a Bíblia é verdadeira? Jesus de Nazaré é o Filho de Deus? A ressurreição é um fato histórico? Porém, a dificuldade verdadeira pode ser de natureza moral. Na verdade, para citar o apóstolo Paulo, os céticos estão detendo “a verdade pela injustiça” (Rm 1.18). Muitas vezes, o que mantém as pessoas afastadas de Deus é sua ligação emocional com o pecado. Não surpreende que alguém que busca a ambição egoísta, que se entrega ao pecado sexual ou que vive pelo lucro material continue tendo dúvidas em relação a Jesus Cristo. A desobediência tem um jeito de perpetuar a ignorância.

A malevolência de Faraó

Se algum homem já usou a maldade para suprimir a verdade, esse homem foi Faraó, que disse: “Quem é o Senhor para que lhe ouça eu a voz?” (5.2). Faraó não só rejeitou a vontade de Deus para a sua própria vida, mas também recusou-se a permitir que qualquer outra pessoa seguisse a Deus. “Quem é o Senhor”,

perguntou ele, “para que eu [...] deixe ir a Israel?” Ele não estava disposto a permitir que os israelitas glorificassem a Deus não mais do que ele mesmo estava disposto a glorificar a Deus – ainda mais que os israelitas eram seus escravos.

Isso nos leva à terceira característica da incredulidade do Faraó: ele era malevolente para com a comunidade de Deus. O dicionário Webster’s define a malevolência como “má vontade, desdém ou ódio intenso, muitas vezes cruel”. Isso é precisamente o que Faraó demonstrou perante o povo de Deus: ódio intenso, cruel e desdenhoso.

Faraó demonstrou seu ódio também perante Moisés e Arão. Assim que se deu conta do que estavam exigindo, ele lhes ordenou que voltassem ao trabalho: “Então, lhes disse o rei do Egito: Por que, Moisés e Arão, por que interrompeis o povo no seu trabalho? Ide às vossas tarefas. Disse também Faraó: O povo da terra já é muito, e vós o distraís das suas tarefas” (5.4-5). Faraó não se importava com o bem-estar dos outros; tudo o que lhe interessava era o que os outros podiam fazer por ele. Assim que ele mandou Moisés e Arão de volta para os campos de trabalho forçado, começou a oprimir os israelitas com uma brutalidade jamais vista:

Naquele mesmo dia, pois, deu ordem Faraó aos superintendentes do povo e aos seus capatazes, dizendo: Daqui em diante não torneis a dar palha ao povo, para fazer tijolos, como antes; eles mesmos que vão e ajuntem para si a palha. E exigireis deles a mesma conta de tijolos que antes faziam; nada diminuireis dela; estão ociosos e, por isso, clamam: Vamos e sacrifiquemos ao nosso Deus. Agrave-se o serviço sobre esses homens, para que nele se apliquem e não deem ouvidos a palavras mentirosas. (5.6-9)

A ordem de Faraó percorreu a cadeia de comando: “Continuem fazendo esses tijolos, seus preguiçosos! E aproveitem e catem a sua própria palha!”. Como política de trabalho, essa ordem era totalmente irracional. Como os hebreus continuariam a cumprir suas cotas sem os recursos necessários para o trabalho? E por que trabalhar ainda mais os impediria de querer adorar ao seu Deus? Mas Faraó era um tirano e, na sua fúria, os tiranos tendem a tomar decisões

apressadas e autodestrutivas. Inevitavelmente, quem mais sofre são os inocentes.

Embora Faraó tenha sido um caso extremo, seu exemplo mostra que um homem que se opõe a Deus acaba oprimindo o povo de Deus. A incredulidade é, em parte, um problema intelectual: o incrédulo não conhece o nome do Senhor. É, em parte, um problema espiritual: o incrédulo se recusa a obedecer a vontade do Senhor. Mas muitas vezes é também um problema social: o incrédulo não cuida do povo do Senhor.

Isso explica por que os cristãos são tão perseguidos. Jesus disse aos seus discípulos que eles seriam maltratados: “Sereis odiados de todos por causa do meu nome; aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo” (Mt 10.22). Às vezes, a perseguição ocorre na forma de violência brutal, como a que Israel sofreu no Egito. Mas normalmente os ataques são mais sutis: ideias cristãs são excluídas da educação pública. A igreja é representada de modo incorreto nas mídias. Os cristãos são zombados pelos colegas no trabalho. A razão subjacente a toda essa malevolência é a incredulidade. O que deixa os não cristãos desconfortáveis não é o cristão em si, nem mesmo o cristianismo, mas Cristo.

Quando se trata de Cristo, há apenas duas escolhas: fé corajosa ou incredulidade rebelde. Ou servimos a Deus como Moisés fazia ou servimos a nós mesmos como Faraó fazia. O que faz a diferença é nosso relacionamento com Jesus Cristo. Até que o aceitemos como Senhor, permaneceremos ignorantes da identidade de Deus, resistentes à autoridade de Deus e, em alguma medida, malevolentes para com a comunidade de Deus. Assim, a pergunta é: Quem é o Senhor? Ou, em termos mais pessoais: Quem é o seu Senhor?

A diferença entre a incredulidade rebelde e a fé corajosa é o conhecimento de Jesus Cristo como Senhor. Isso se aplicava a Tomé, o discípulo que disse que não creria na ressurreição se ele não visse o Cristo ressurreto com seus próprios olhos. Durante pouco tempo, Tomé permaneceu ignorante da verdadeira identidade de Cristo. Mas quando ele finalmente encontrou Jesus e viu seu corpo ressurreto, disse: “Senhor meu e Deus meu!” (Jo 20.28). O mesmo foi verdadeiro para Paulo, o apóstolo, que se parecia muito com Faraó – ignorante da verdadeira identidade em Cristo e malevolente em sua perseguição da igreja primitiva. Mas então Paulo encontrou Jesus e começou a chamá-lo Senhor (At 9.5).

Você conhece Jesus como Senhor? Certa vez, uma mulher me contou que havia sido incapaz de chamar Jesus de Senhor até que se tornou filha verdadeira de Deus. Ela havia sido criada na igreja e sempre havia se considerado cristã, mas não tinha um relacionamento pessoal com Jesus Cristo. Enquanto Deus permanecia uma abstração vaga, ela era capaz de referir-se a ele como Deus, mas nunca conseguia orar a ele como seu Senhor. A própria palavra a enojava. Foi apenas quando ela recebeu o dom da fé e entregou sua vida a Cristo que finalmente conseguiu chamá-lo de Senhor, que é como todos os que têm essa fé corajosa o chamam.

Notas

1 Charles H. Spurgeon, The Metropolitan Tabernacle Pulpit 24 (Pasadena, TX: Pilgrim, 1972), p. 592-93.

2 James K. Hoffmeier, Israel in Egypt (Oxford: Oxford University Press, 1999), p. 115.

3 J. Cerny e A. H. Gardiner, Hieratic Ostraca I (Oxford: Impresso para o Griffith Institute da University Press por Charles Batey, 1957), p. 22-3, painéis 83, 84.

4 Henri Frankfort, Ancient Egyptian Religion (Nova York: Harper, 1948), p. 30.

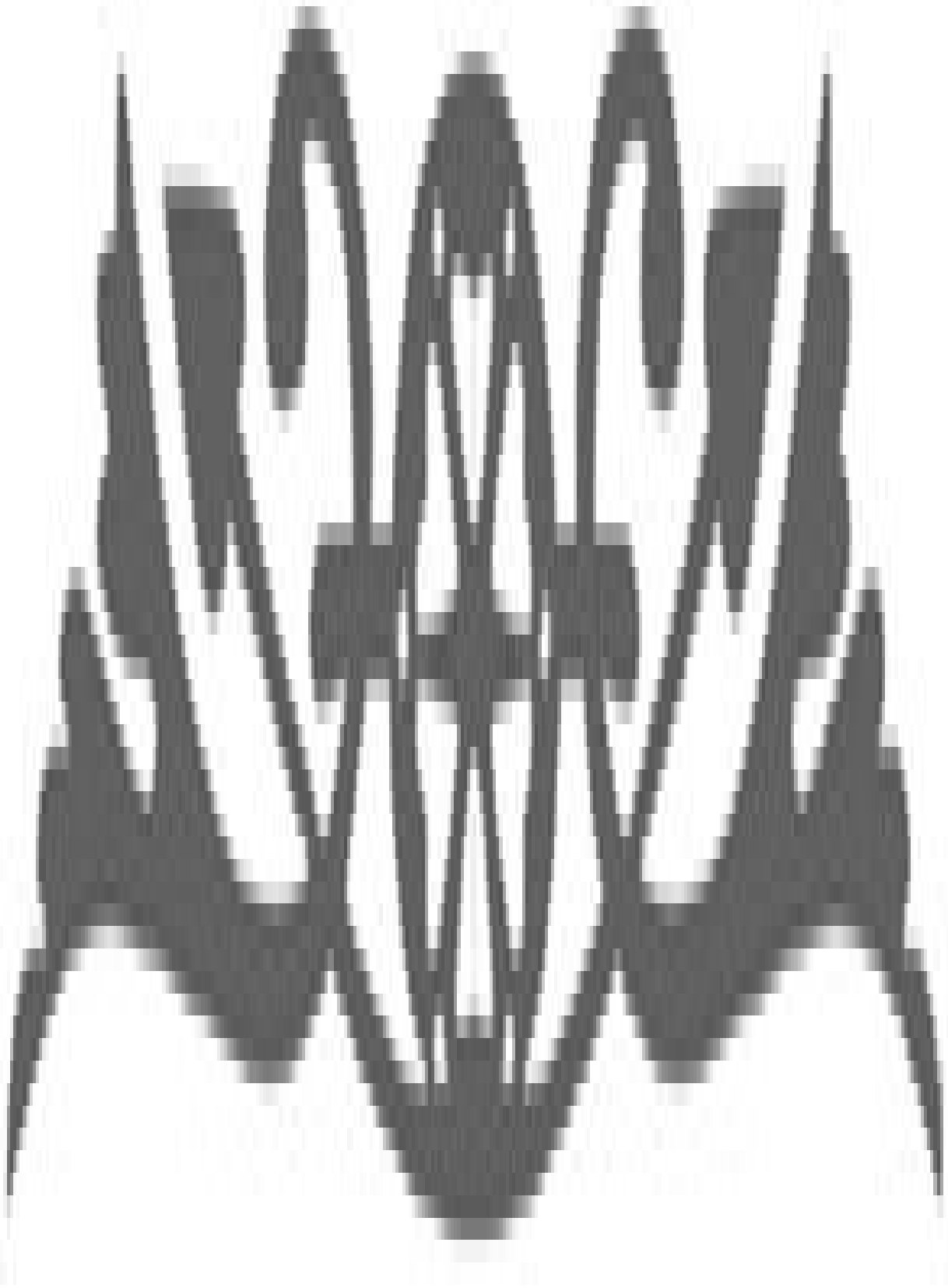
5 Göran Larsson, Bound for Freedom: The Book of Exodus in Jewish and Christian Traditions (Peabody, MA: Hendrickson, 1999), p. 46.

6 Arthur W. Pink, The Attributes of God (Grand Rapids: Baker, 1961); A. W. Tozer, The Attributes of God: A Journey into the Father's Heart (Camp Hill, PA: Christian, 1997). Veja também Philip Graham Ryken, Discovering God in Stories from the Bible (Wheaton, Il.: Crossway, 1999).

12

Tijolos sem palha

Êxodo 5.10-21



“Da frigideira para o fogo.” Esse é o título de um dos capítulos da maravilhosa história de aventura O Hobbit, de J. R. R. Tolkien. O capítulo descreve como Bilbo Baggins e seus amigos (treze anões e o velho mago Gandalf) escaparam de perigo extremo, apenas para se depararem com uma ameaça ainda maior. Os aventureiros intrépidos estavam viajando pelos túneis sob as montanhas nebulosas, quando foram atacados por orcs. Após uma batalha curta e sangrenta, eles escapam por pouco. O próprio Bilbo é o último a sair da montanha. Preso na passagem de pedra que leva à liberdade, ele consegue se soltar no último momento, perdendo todos os seus botões no processo.

Porém, nem mesmo fora da montanha, Bilbo e seus amigos estão fora de perigo, pois enquanto correm a pé pela floresta, eles são perseguidos e cercados por lobos famintos. Bilbo e seus companheiros conseguem trepar em algumas árvores, mas estão cercados. Logo os orcs saem de sua fortaleza na montanha para tirar vantagem do apuro em que eles se encontram. Os orcs juntam material combustível ao pé de cada árvore, e rapidamente os anões são envoltos por um anel de fogo. As chamas começam a lamber os pés deles. “Os olhos de Bilbo encheram-se de fumaça, ele sentia o calor das chamas, e através da fumaça podia ver os orcs dançando num círculo.” E então começam a cantar sua terrível canção: “Queimar, queimar, samambaia e abeto alvar! Mirrar, sapecar! A tocha que chia, a noite ilumina para nossa alegria”.1 Foi assim que Bilbo e seus amigos escaparam de um perigo mortal apenas para se meterem em apuros ainda maiores. Da frigideira direto para o fogo!

Tijolo por tijolo

Poderíamos usar a mesma expressão para o que aconteceu com os filhos de Israel enquanto labutavam sob o sol escaldante do deserto. Pois justo quando tudo indicava que eles estavam prestes a ser salvos – quando o servo eleito de Deus havia ido a Faraó exigir a liberdade deles –, eles foram afligidos por uma opressão ainda mais severa do que qualquer coisa que haviam sofrido até então.

Os hebreus haviam vivido na casa da escravidão por séculos, mas então veio o dia esperançoso em que parecia que eles seriam libertos. Armados com as promessas de Deus, Moisés e Arão foram até o palácio real e disseram: “Assim

diz o Senhor, Deus de Israel: Deixa ir o meu povo" apenas para receberem como resposta do Faraó: "Quem é o Senhor para que lhe ouça eu a voz?" (5.1-2). Visto que ele desconhecia a identidade de Deus e resistia à autoridade de Deus, Faraó se recusou a deixar o povo de Deus partir. Pior ainda, naquele mesmo dia ele emitiu um decreto que fez pesar ainda mais as correntes do cativeiro em que se encontravam. Os israelitas já estavam labutando, construindo – tijolo por tijolo – grandes cidades para a glória de Faraó. Mas então, além de terem de produzir esses tijolos, eram obrigados também a ajuntar a sua própria palha.

A palavra de Faraó era lei no Egito, de modo que o decreto real desceu rapidamente pela cadeia de comando:

Então, saíram os superintendentes do povo e seus capatazes e falaram ao povo: Assim diz Faraó: Não vos darei palha. Ide vós mesmos e ajuntai palha onde a puderdes achar; porque nada se diminuirá do vosso trabalho. Então, o povo se espalhou por toda a terra do Egito a ajuntar restolho em lugar de palha. Os superintendentes os apertavam, dizendo: Acabai vossa obra, a tarefa do dia, como quando havia palha. (5.10-13)

O versículo 11, em que os capatazes ordenam aos hebreus a catarem sua própria palha, é pesadamente irônico. Deus ordenou que Faraó deixasse seu povo ir. Tudo bem, Faraó o deixaria ir, sim – catar a sua própria palha. A carga de trabalho deles seria mais pesada do que nunca. Da frigideira para o fogo.

Para entender o que esses versículos ensinam, precisamos nos lembrar do nosso método de estudo do livro de Êxodo. Desde o início, a nossa abordagem tem sido bíblica. O único modo de entender Êxodo é estudar o livro no seu contexto bíblico. Nosso método é também histórico. O livro de Êxodo contém a história verdadeira de Israel no Egito. Quanto mais soubermos sobre os antigos epípcios, melhor compreenderemos o êxodo. Mas Êxodo é também História com um programa. Quando estudamos esse livro, Deus nos ensina algo sobre si mesmo, sobre seu plano de salvação e sobre o nosso lugar nesse plano. Portanto, nosso método é teológico: procuramos entender as ações e os atributos de Deus. Ao mesmo tempo, ele é cristológico; ou seja, ele diz respeito à pessoa e obra de Jesus Cristo, o Salvador que estava por vir. Por fim, nosso método é prático.

Como tudo na Bíblia, o livro de Êxodo nos ensina a viver para a glória de Deus.

Quando aplicamos esse método a Êxodo 5, percebemos imediatamente que o relato oferece muitos detalhes históricos, especialmente sobre a produção de tijolos. A produção de tijolos era uma indústria importante no antigo Egito. Um relevo do túmulo de Rekhmire, em Tebas, mostra trabalhadores em diversas fases do processo. Alguns estão puxando água para misturá-la com terra para produzir lama. Outros estão dando forma aos tijolos em moldes de madeira e colocando-os ao sol para secar. Outros estão empilhando os tijolos e carregando-os para o local de construção.2 A palha era essencial ao processo, pois reforçava a argila e ajudava a cada tijolo permanecer intacto. Num papiro, um oficial registrou a seguinte queixa contra seus superiores: “Estou em Kenkenento, sem equipamentos, e não há homens para produzir tijolos nem palha na vizinhança”.3 Sem palha não havia tijolos. Um bom lugar para contemplar tijolos com palha é o Field Museum, em Chicago. Entre os milhares de artefatos na coleção de antiguidades egípcias do museu, encontramos também tijolos da cidade de Dasur feitos durante o reinado de Senuseret III em que pedaços de palha são claramente visíveis.

Os egípcios usavam tijolos para todo tipo de edifício. Normalmente, seus templos eram feitos de pedra, mas seus palácios, depósitos, instalações militares, prédios administrativos e residências oficiais eram todos feitos de tijolos de barro. Por isso, eram precisos milhões de tijolos para satisfazer as ambições arquitetônicas dos Faraós.4 Os oficiais egípcios descobriram que a melhor maneira de fazer com que os escravos produzissem um número suficiente de tijolos era estabelecer cotas diárias, uma prática descrita em documentos do período. Fragmentos de manuscritos egípcios indicam qual era a demanda de tijolos bem como quantos realmente eram produzidos.

Num texto antigo, um oficial afirma: “Eles estão produzindo sua cota de tijolos diariamente”.5 No entanto, o mesmo não podia ser dito dos israelitas. Quando foram obrigados a juntar sua própria palha, a produção deles não conseguiu acompanhar as exigências de Faraó: “E foram açoitados os capatazes dos filhos de Israel, que os superintendentes de Faraó tinham posto sobre eles; e os superintendentes lhes diziam: Por que não acabastes nem ontem, nem hoje a vossa tarefa, fazendo tijolos como antes?” (5.14).

Essa conversa indica como a força de trabalho de Faraó era organizada.6 Como sabemos por outras fontes antigas, os escravos semitas eram aqueles que

produziam os tijolos de Faraó sob a supervisão de superintendentes egípcios. Mas alguns dos escravos exerciam a função de capatazes. Portanto, havia um sistema de trabalho de cima para baixo: chefes egípcios no topo, administradores hebreus no meio, e o restante dos escravos na base. Obviamente, Êxodo 5 foi escrito por alguém que realmente viu os campos de tijolos ao longo do Nilo. Brevard Childs escreve: “Essa seção reflete um conhecimento notavelmente preciso da organização do trabalho escravo e das técnicas de construção egípcias”.7 Depois de analisar as evidências disponíveis, James Hoffmeier conclui que elas confirmam “o cenário retratado nas narrativas de Êxodo: uma estrutura administrativa de dois níveis, o estabelecimento de cotas por vezes inalcançáveis, os problemas de produzir tijolos sem palha e a questão de folgas do trabalho para a adoração de sua divindade”.8

Outro dado da pesquisa histórica ajuda a confirmar a precisão do texto bíblico. Escavações do final do século 19 em Tell el-Maskhutah (que alguns acreditam ser a cidade de Pitom mencionada em 1.11) revelaram edifícios feitos de tijolos sem palha. Um arqueólogo comentou: “Examinei com cuidado as paredes do aposento e percebi que alguns cantos da estrutura de tijolos foram feitos de tijolos sem palha. Não me lembro de ter encontrado tijolos egípcios em outro lugar feitos desse modo”.9 Esses tijolos podem ou não ter sido feitos por israelitas. Mas independentemente disso, o que a pesquisa mostra é que o livro de Êxodo chega até nós diretamente do mundo do antigo Egito. O relato do êxodo não é ficção, mas História. É um relato verdadeiro da obra salvadora de Deus no tempo e no espaço. Como todo o restante da Bíblia, ela é exata até o último fio de palha.

Todos os que leem a Bíblia precisam decidir se ela é, como afirma ser, a própria Palavra do único Deus vivo. No fim das contas, aceitar a autoridade da Bíblia é uma questão de fé, de crer que o que Deus disse é verdadeiro. Como escreveu o apóstolo João já quase na conclusão do seu Evangelho: “Estes [sinais], porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20.31). Tomar Deus ao pé da letra exige fé; essa fé, porém, é sensata. Não é um salto na escuridão ou um preconceito ignorante ao qual o cristão se apega a despeito de todas as evidências. É, antes, uma convicção apoiada e defendida pelo registro histórico. Como todo o restante no livro de Êxodo, o capítulo 5 concorda com o que sabemos sobre o Egito antigo e assim fortalece a nossa fé na Palavra infalível de Deus.

A Bíblia é tão completamente verdadeira que podemos apostar a nossa salvação nela, neste momento e por toda a eternidade. Quando o presidente Andrew Jackson (1767-1845) estava no seu leito de morte, ele disse a um grupo de visitantes: “Senhores, estou nas mãos de um Deus misericordioso. Tenho plena confiança na bondade e na misericórdia dele [...] A Bíblia é verdadeira [...] É neste volume sagrado que se apoia minha esperança de salvação eterna, por meio dos méritos e do sangue do nosso bendito Senhor e Salvador Jesus Cristo”.10

A prisão do pecado

Nossa abordagem ao êxodo é bíblica e histórica, mas a Bíblia é muito mais do que um livro de História. Nós a estudamos também para o nosso benefício espiritual. E quando estudamos Êxodo 5, descobrimos que a história verdadeira dos tijolos sem palha não é apenas historicamente correta, mas também relevante para a nossa prática.

O ponto principal que esse capítulo nos ensina é que o pecado é um superintendente rigoroso. Lembre-se de que o êxodo do Egito – toda a aventura épica desde o bebê no cesto até a glória no tabernáculo – revela o padrão da salvação. Deus nos deu o livro de Êxodo para ajudar-nos a entender a sua graça salvadora. Quando o estudamos, descobrimos que salvação significa libertação do cativeiro, libertação da escravidão e libertação da opressão. Êxodo ensina que ser salvo significa ser resgatado da escravidão para servir ao Deus vivo.

E essa era uma escravidão duríssima. Lá atrás, no capítulo 1, vimos como Faraó usou os israelitas brutalmente para todos os tipos de trabalho amargo. Howard Vos resumiu as condições duras que os fabricantes de tijolos tinham de suportar:

Eles trabalhavam o dia inteiro ao calor do sol egípcio (muitas vezes a temperatura passava de 380), impelidos à produção máxima pelos seus capatazes. Não tinham chapéu para proteger a cabeça e vestiam nada além de curtas saias ou aventais [...] Um rico pai egípcio conversava com seu filho sobre as condições de trabalho dos seus pedreiros. Ele observou que seus “rins sofrem porque ficam ao sol [...] sem estarem cobertos por roupa”. Suas mãos são “rasgadas em fiapos pelo trabalho cruel”. E eles precisam “amassar todo tipo de

esterco". Certamente não havia ninguém que lhes oferecesse uma bebida a certos intervalos de tempo. Não é preciso muita imaginação para concluir que o "rigor" severo imposto aos hebreus resultou na morte de muitos por desidratação, intermação, insolação ou coisa parecida.11

Quando as coisas pareciam não poder piorar, Faraó as piorou ainda mais, e eles tiveram de trabalhar mais do que nunca. No fim de Êxodo 5, o povo de Deus estava desesperado, precisando lidar com exigências impossíveis e sendo açoitados quando não as cumpriam. Podemos quase ouvir as vozes rudes dos seus capatazes. Sem nenhuma explicação, começaram a gritar: "Ide vós mesmos e ajuntai palha!" (5.11) e eles "os apertavam" (5.13a): "Acabai a vossa obra, a tarefa do dia" (5.13b). Sem dúvida, os senhores extraíam prazer quando abusavam dos seus escravos; valentões sempre gostam de fazer as pessoas sofrer. Os egípcios devem ter zombado muito dos israelitas enquanto eles vasculhavam o deserto. Como a palha não era mais fornecida em abundância, os hebreus tiveram de sair e apanhá-la pessoalmente. Mas logo a palha acabou, e eles se viram obrigados a usar "restolho" (5.12). Quando não conseguiam alcançar as metas de produção – o que era inevitável – eles apanhavam.

O povo de Deus sofreu essas coisas para a glória de Deus. Se a presença deles no Egito tivesse tido como único objetivo contemplar as pirâmides, o êxodo não seria lá uma grande história (e também a salvação, quanto a isso). Mas é uma grande história (e uma grande salvação) porque os israelitas se encontravam em amarga escravidão até o fim de sua estada no Egito. A Bíblia registra cuidadosamente os detalhes do sofrimento deles para demonstrar sua necessidade desesperadora de salvação e assim demonstrar a glória da graça de Deus. A boa-nova da salvação significa liberdade para cativos que acreditavam que nunca seriam libertos. Depois de salvá-los, Deus disse: "Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão" (20.2).

Isso é relevante para nós porque todos nascem escravizados ao pecado. A Bíblia diz que, até Cristo vir para nos libertar, somos escravos do "pecado para a morte" (Rm 6.16; cf. 7.14). Até mesmo os membros do nosso corpo estão na "escravidão da impureza e da maldade" (Rm 6.19). Somos "desobedientes, desgarrados, escravos de toda sorte de paixões e prazeres" (Tt 3.3). Como Simão, o homem que quis comprar o poder de Deus por dinheiro, estamos "em laço de iniquidade" (At 8.23), pois o próprio diabo nos fez cativos "para cumprir

a sua vontade” (2Tm 2.26). O Novo Testamento não se cansa de declarar que somos escravos do pecado. Sem a obra salvadora de Jesus Cristo, somos “escravos da corrupção, pois aquele que é vencido fica escravo do vencedor” (2Pe 2.19) e somos escravizados pelo pecado.

Veja alguns exemplos: o homem irado é dominado pela sua ira. Quando algo o irrita, ele não consegue controlar seu temperamento. Ele sempre precisa partir para o ataque. O homem luxurioso é dominado pela sua luxúria. Quando a tentação aparece, ele cede ao desejo por prazer. A mulher egoísta é dominada pelo seu egoísmo. Ela gasta todo o seu tempo pensando nos seus próprios desejos e depois tem pena de si mesma quando eles não são satisfeitos. Não lhe resta amor para dar a outra pessoa. A fofoqueira é dominada pela sua língua. Ela não consegue resistir ao desejo de contar a alguém as últimas novidades.

Porém, o problema não é simplesmente que nós continuamos cometendo esse ou aquele pecado; o problema é que somos pecadores no nosso próprio âmago. Até que nos entreguemos a Jesus Cristo, toda a nossa orientação é pecaminosa. Uma cena num dos livros infantis de George MacDonald – chamado The princess and Curdie – ilustra esse ponto. No início do romance, o garoto Curdie sem pensar atira uma flecha e acerta um pombo branco. De repente, acometido de remorso, ele leva o pássaro ferido para uma velha princesa para ver se algo pode ser feito para salvá-lo. Mas a mulher está mais preocupada com o garoto do que com a ave. Delicadamente, ela tenta ajudar Curdie a reconhecer que seu ato mau resultou da iniquidade que impregna todo seu coração. Quando finalmente confessa sua condição pecaminosa, ele diz: “Reconheço agora que tenho agido errado durante o dia todo, e isso em tantos dias! Na verdade, nem sei quando já fiz o que é certo [...] Quando matei seu pássaro, eu não sabia que estava fazendo algo errado, porque eu sempre agi de maneira errada, e o erro estava impregnado em mim”.12

Como pecadores, nós nos acostumamos tanto com o pecado que dificilmente reconhecemos a nossa escravidão. Êxodo nos oferece uma imagem poderosa do significado real da escravidão. Assim como os filhos de Israel eram mantidos prisioneiros na casa da servidão, nós também estamos encarcerados na prisão do pecado. Do mesmo modo que os israelitas tinham de aceitar ordens de Faraó, nós temos um capataz diabólico que tenta nos obrigar a produzir tijolos sem palha. O pecado é o mais severo dos capatazes. Ele sempre exige cada vez mais de nós – dando-nos, ao mesmo tempo, cada vez menos em troca. Quanto mais o homem luxurioso se entrega às suas fantasias, mais infeliz ele fica e mais sexo

ele deseja. Quanto mais a mulher egoísta recebe, menos satisfeita ela fica e mais ela deseja. Satanás jamais afrouxa seu controle; ele está sempre ocupado apertando as correntes do nosso cativeiro. É sempre mais tijolos e menos palha, pois é da natureza do pecado tentar controlar toda a vida do pecador: “Todo o que comete pecado é escravo do pecado” (Jo 8.34).

Precisamos de alguém como Moisés para nos libertar da escravidão. Precisamos de um Salvador – Jesus Cristo, o Moisés da nossa salvação. É nesse ponto que o nosso método de compreender o livro de Êxodo se torna cristológico – em outras palavras, onde ele passa a se concentrar na pessoa e obra de Cristo. A Bíblia ensina que Jesus veio para livrar “todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida” (Hb 2.15). Jesus é o libertador poderoso que nos resgata da nossa escravidão de Satanás, o Salvador forte que nos liberta da nossa escravidão da morte e o grande emancipador que nos liberta da nossa escravidão do pecado. Ele faz tudo isso por meio da cruz, que era a morte do nosso pecado, e também por meio do túmulo vazio, que é a garantia da nossa libertação. É por meio da crucificação e da ressurreição de Jesus Cristo que passamos da escravidão para a liberdade. Todo aquele que crê em Cristo é libertado da escravidão do pecado para viver para a glória de Deus: “Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados [...] a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos” (Ap 1.5b-6b).

Faraó, salve-nos!

Satanás não nos deixará ir sem lutar. Assim que nos entregamos a Cristo, o poder do pecado sobre nós é quebrado, com o resultado de que nos tornamos cada vez mais libertos o tempo todo. Mas há algo no ex-escravo que ama sua escravidão. Mesmo quando o Espírito de Deus abre uma porta no nosso coração que leva para a liberdade, é tentador permanecer no cativeiro do pecado. Isso foi verdadeiro também durante o êxodo. Mesmo após serem libertos da escravidão, os israelitas desejaram voltar e servir como arrendatários nas plantações de Faraó (veja 16.3; 17.3).

Para ver como era forte o domínio de Faraó sobre seus escravos, observe o que os capatazes israelitas fizeram quando foram açoitados: “Então, foram os capatazes dos filhos de Israel e clamaram a Faraó, dizendo: Por que tratas assim a teus servos? Palha não se dá a teus servos, e nos dizem: Fazei tijolos. Eis que

teus servos são açoitados; porém o teu próprio povo é que tem a culpa" (5.15-16). Em vez de orar a Deus para que ele os libertasse, eles imploraram a Faraó para que lhes aliviasse a escravidão.

É fácil entender por que os capatazes fizeram isso. Embora também fossem escravos, eles estavam acostumados a serem tratados com algum respeito, e com ou sem cota, eles ficaram chocados ao serem açoitados pelos seus mestres egípcios. Segundo a explicação de Peter Enns, eles foram a Faraó "pensando, talvez, que houvesse ocorrido algum erro, alguma falha de comunicação na cadeia de comando. O que eles dizem é: 'Por que o senhor está açoitando a nós? Foi o seu povo que parou de fornecer palha. O erro é deles. Se o senhor quiser açoitar alguém, quem merece a surra são eles'".13 Não era justo. Os capatazes estavam "entre as ordens impossíveis dadas a eles pelos seus superiores egípcios e seu próprio povo que era incapaz de cumprir suas cotas de tijolos e conseguir a palha necessária para a sua tarefa. Quando foram açoitados por uma deficiência que eles não tinham como impedir e questionaram uma ordem que sabiam ser impossível de ser cumprida, eles se sentiram tratados injustamente, e levaram seu protesto diretamente ao próprio Faraó".14

Se isso fosse uma simples disputa trabalhista, os capatazes poderiam até ser elogiados por levarem seus problemas a Faraó. Não há nada de errado em pedir melhores condições de trabalho. Além disso, era possível que os superintendentes estivessem abusando da sua autoridade, mudando as regras sem a permissão de Faraó. Mas lembre-se de que, nesse caso, o conflito real era de natureza espiritual. A pergunta central do livro de Êxodo era: os israelitas haviam sido criados para servir a quem – a Deus ou a Faraó? No final do capítulo 4, os israelitas se curvaram para adorar o seu Deus. Mas quando surgiu o primeiro problema, eles voltaram correndo para Faraó. Observe como eles se identificaram. Durante toda a sua audiência real, eles se chamaram de "teus servos" (5.15-16). A expressão ocorre três vezes num único breve discurso. Isso mostra o poder que Faraó ainda tinha sobre eles. Estavam tão acostumados à escravidão que só conseguiam se enxergar como escravos. Em vez de buscar a liberdade, eles voltaram para renegociar os termos do seu cativeiro.

Eles não conseguiram nada, é claro. Em voz zombadora, Faraó acusou os capatazes hebreus de serem preguiçosos: "Estais ociosos, estais ociosos; por isso, dizeis: Vamos, sacrifiquemos ao Senhor. Ide, pois, agora, e trabalhai; palha, porém, não se vos dará; contudo, dareis a mesma quantidade de tijolos" (v. 17-18). Isso mostra quanto Faraó era perverso. Quando seus servos foram queixar-

se do excesso de trabalho, ele supôs que eles não estavam trabalhando duro o bastante.

Os capatazes deveriam ter sabido que não conseguiriam resolver seus problemas por conta própria. Deus havia escolhido Moisés e Arão como seus representantes. Ao procurar o Faraó por conta própria, eles estavam ultrapassando os limites da sua autoridade. Os capatazes também deveriam ter sabido que não podiam esperar qualquer simpatia por parte de Faraó. Ele era o problema, não a solução. Qual, então, era a esperança de apelar a ele por salvação?

Esse fracasso demonstra a futilidade de pedir que seu mestre seja também seu libertador. Se somos dominados pelo pecado, não adianta pedir a Satanás que ele nos liberte. O pecado não é nosso amigo, mas nosso inimigo. Tampouco há qualquer possibilidade de encontrarmos nossa própria maneira de escapar do pecado. É preciso poder divino para libertar alguém do serviço de Satanás. Obviamente, essa verdade era válida para os israelitas. A história dos tijolos sem palha retrata Faraó como um homem impossível, cujo coração estava tão endurecido que nenhum ser humano tinha o poder de transformá-lo. A única força capaz de obrigá-lo a deixar o povo de Deus partir era a mão poderosa de Deus.

Do mesmo modo, apenas Deus pode libertar um pecador do pecado. Apenas ele tem o poder de transformar o coração de um pecador e assim trazer liberdade do pecado e da morte. A maneira como Deus faz isso é lindamente explicada num dos Four psalms do compositor Edvard Grieg (1843-1907):

O Filho de Deus me libertou da tirania de Satanás, do desejo ultrajante, da terrível escravidão, do medo da morte e do fogo do inferno. O Senhor Cristo intercedeu, perante Deus por mim implorou; tomou sobre si o meu castigo, foi enviado para a tortura e a morte. Não consigo conceber tamanho amor por mais que eu contemple: que ele pôde ser tão misericordioso para comigo, um frágil pecador, ao qual nada pôde agradar senão comer da fruta proibida; de dia, de noite, o poder do velho Satanás havia capturado totalmente a minha alma.

O salmo conclui com estas palavras triunfantes: “O blessed sign! Christ´s cross

doth shine, makes bliss eternal mine. God´s Son hath set me free!" ["Ó bendito sinal! A cruz de Cristo brilha, dá-me eterna bem-aventurança. O Filho de Deus me libertou!"].

Se Cristo nos libertou, não devemos voltar para as amarras da nossa antiga escravidão. Muitas vezes os cristãos são tentados a fazer o que os capatazes hebreus fizeram, principalmente quando acabam de se entregar a Cristo. No início, tudo parece correr bem. Fazemos progressos espirituais rápidos e vivenciamos a vitória real sobre o pecado. Mas então nos deparamos com alguma dificuldade. Nosso primeiro impulso é voltar para as nossas velhas maneiras pecaminosas de lidar com a vida. Voltamos a sentir pena de nós mesmos, ou voltamos para as drogas e a bebida ou para o pecado sexual secreto. Em outras palavras, há uma forte tentação de voltar para a escravidão. A única maneira de resistir à tentação – e, portanto, de permanecer livre em Cristo – é apegar-se à cruz e confiar no poder dela de salvar.

Sobre asas de águia

Não tendo conseguido obter nenhuma satisfação de Faraó, os capatazes israelitas saíram do palácio mal-humorados. Pela providência de Deus, enquanto eles ainda lambiam suas feridas, eles encontraram Moisés e Arão. Falando em estar no lugar errado na hora errada! A Bíblia diz: "Então, os capatazes dos filhos de Israel se viram em aperto, porquanto se lhes dizia: Nada diminuireis dos vossos tijolos, da vossa tarefa diária. Quando saíram da presença de Faraó, encontraram Moisés e Arão, que estavam à espera deles" (5.19-20). Há mais de uma maneira de traduzir esses versículos. Uma é interpretar os capatazes como sujeito do verbo "estar à espera", de modo que não seriam Moisés e Arão que esperavam pelos capatazes, mas vice-versa: os capatazes estavam esperando para agarrar seus líderes espirituais.15 "Agarrar" pode até ser a palavra perfeita aqui, pois a palavra "encontrar" pode ser traduzida também como "atacar".

Não importa onde os capatazes encontraram Moisés e Arão nem o que fizeram, mas eles atacaram seus representantes com as seguintes palavras: "Olhe o Senhor para vós outros e vos julgue, porquanto nos fizestes odiosos aos olhos de Faraó e diante dos seus servos, dando-lhes a espada na mão para nos matar" (5.21). A estratégia de Faraó de criar um conflito entre Moisés e seu povo parecia ter funcionado. Os capatazes estavam culpando seus líderes espirituais

pelos seus problemas. Mais do que isso, estavam pronunciando uma maldição, invocando o juízo divino sobre os servos eleitos de Deus. Obviamente, eles estavam exagerando. Os israelitas já se encontravam sob o poder da espada do Egito, e Faraó nunca havia se importado muito com eles. No entanto, em seu medo, eles voltaram sua ira contra Moisés e Arão.

Era uma reação natural. Quando as pessoas ficam iradas, elas costumam encontrar alguma vítima para seu desabafo, e não importa se essa pessoa é ou não o alvo da sua ira. É comum também que as pessoas responsabilizem seus líderes espirituais pelos seus problemas. Nesse caso, os capatazes estavam certos: era tudo culpa de Moisés. Em termos humanos, seu plano havia dado errado; sua missão era um fracasso espetacular. Em vez de libertar os israelitas, a diplomacia piramidal servira apenas para aumentar a opressão que eles sofriam.

Todavia, havia outra coisa que os capatazes poderiam ter feito nessa situação, algo que eles deveriam ter feito. Eles deveriam ter feito o que os israelitas fizeram no fim do capítulo 2: “Os filhos de Israel gemiam sob a servidão e por causa dela clamaram, e o seu clamor subiu a Deus” (2.23). Ou eles deveriam ter feito o que Moisés fez no versículo seguinte: “Então, Moisés, tornando-se ao Senhor, disse: Ó Senhor” (5.22). Em vez de voltar para Faraó ou se voltar contra Moisés e Arão, eles deveriam ter se voltado para Deus em oração, pois apenas ele podia salvá-los.

E ele de fato os salvaria. No início desse capítulo, observamos que os israelitas passaram da frigideira para o fogo. Também vimos o coitado do Bilbo e seus amigos no alto das árvores, prestes a serem assados pelos orcs. Felizmente, eles conseguiram escapar. No último momento, águias gigantes apareceram e os levaram para longe do perigo. Isso é exatamente o que Deus fez pelo seu povo quando os israelitas eram escravos no Egito. Quando a situação deles foi de mal a pior, quando seus sofrimentos os levaram aos limites da resistência humana, eles clamaram a Deus e foram salvos. Depois, Deus disse a eles: “Tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia e vos cheguei a mim” (19.4). Não espere que o pecado o liberte da sua própria escravidão. Mas se você quiser ser livre, ore a Deus em nome de seu Filho Jesus Cristo, e ele o salvará sobre asas de águias.

Notas

1 J. R. R. Tolkien, O Hobbit; ou Lá e de volta outra vez, Lenita Maria Rímoli Esteves (trad.) (São Paulo: Martins Fontes, 1998), p. 109-10.

2 Veja James K. Hoffmeier, Israel in Egypt (Oxford, UK: Oxford University Press, 1999), figura 8. Rekhmire era vizir sob Tutmés III, o Faraó cujo reinado corresponde à datação antiga do êxodo. Talvez as figuras no relevo do túmulo de Rekhmire fossem os filhos de Israel.

3 R. A. Caminos, Late-Egyptian Miscellanies, Brown Egyptological Studies, 1 (Londres: Oxford University Press, 1954), p. 188.

4 Frank J. Yurco, "Merneptah's Canaanite Campaign and Israel's Origins", em Exodus: The Egyptian Evidence, Ernest S. Fredrichs e Leonard H. Lesko (orgs.) (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1997), p. 27-55 (p. 46).

5 Veja Alan H. Gardiner, Late Egyptian Miscellanies, Bibliotheca Aegyptiaca (Bruxelas: Édition de la Fondation Égyptologique Reine Élizabeth, 1937), p. 30-1; citado em Hoffmeier, Israel in Egypt, p. 115.

6 Veja Kenneth Kitchen, "From the Brickfields of Egypt", Tyndale Bulletin 27 (1976): p. 143-44.

7 Brevard S. Childs, The Book of Exodus: A Critical, Theological Commentary

(Louisville: Westminster, 1974), p. 95.

8 Hoffmeier, Israel in Egypt, p. 115.

9 Villiers Stuart, citado em A. A. McRae, “The Relation of Archaeology to the Bible”, Modern Science and Christian Faith (Wheaton, Il.: Van Kampen, 1950), p. 215-16.

10 Andrew Jackson, citado em Marvin Oaky, The American Leadership Tradition: The Inevitable Impact of a Leader’s Faith on a Nation’s Destiny (Wheaton, Il.: Crossway, 2000), p. 64.

11 Howard F. Vos, Nelson’s New Illustrated Bible Manners and Customs: How the People of the Bible Really Lived (Nashville: Thomas Nelson, 1999), p. 61.

12 George MacDonald, The Princess and Curdie (Londres: J. M. Dent, 1949), p. 25.

13 Peter Enns, Exodus, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2000), p. 157.

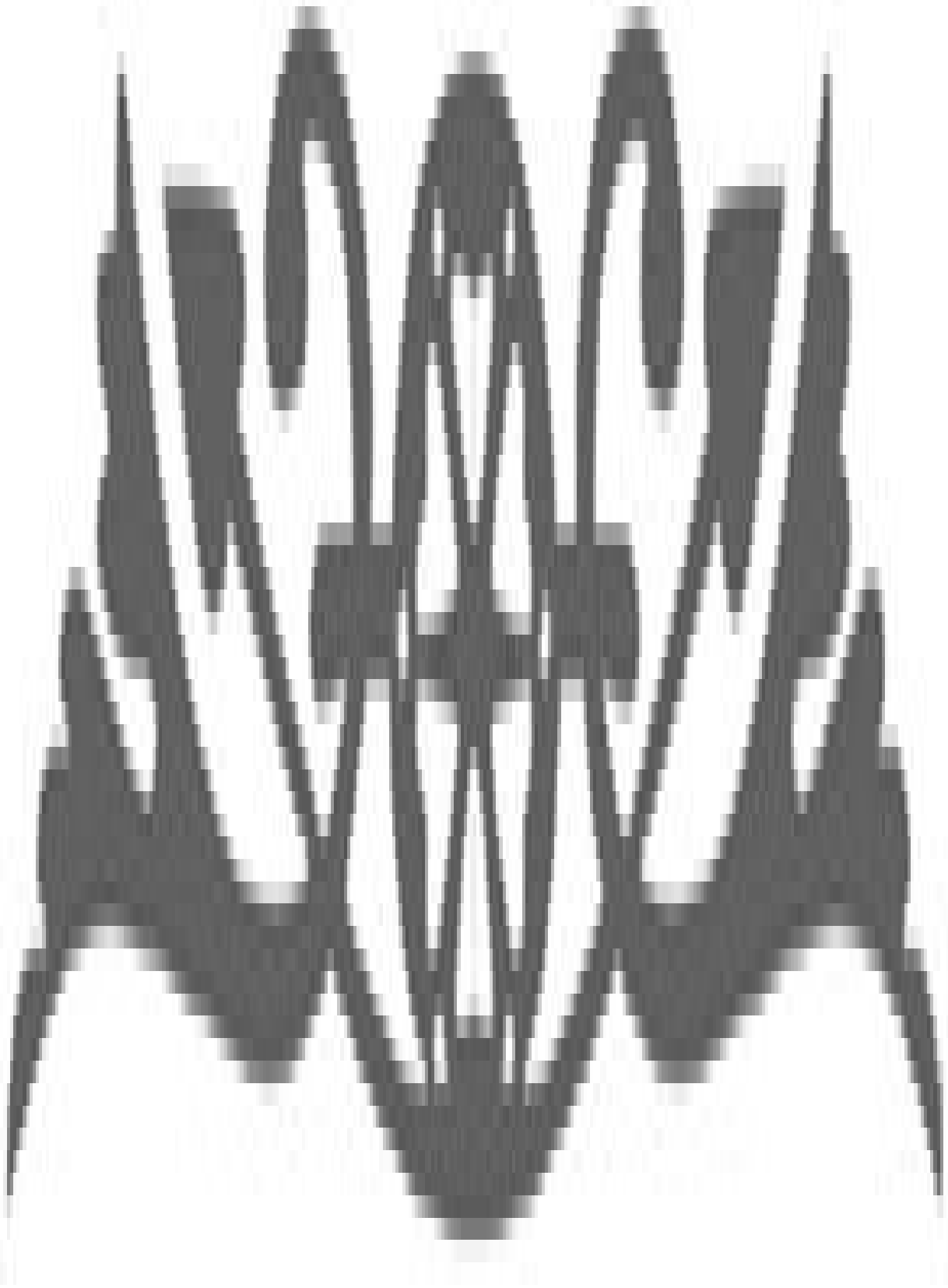
14 John I. Durham, Exodus, Word Biblical Commentary (Waco, TX: Word, 1987), p. 68.

15 Cornelis Houtman, Exodus, Johan Rebel e Sierd Woudstra (trads.), Historical Commentary on the Old Testament, vol. 1 (Kampen, Alemanha: Kok, 1993), p. 481.

13

Quando aparecem as dificuldades

Êxodo 5.22–6.5



Às vezes, as coisas não funcionam do jeito que esperamos. Na verdade, às vezes, fazemos exatamente o que acreditamos que Deus quer de nós, e o resultado é um desastre total. Por exemplo, um jovem casal parte para o campo missionário levando consigo seus dois filhos ainda pequenos. A despeito da oposição constante dos seus pais – que não são cristãos –, eles atravessam o mar para viver numa aldeia remota. Pouco tempo depois da chegada deles, um dos filhos contrai uma doença rara que ameaça a sua vida, e os missionários são obrigados a voltar para casa. Quando voltam, seus pais dizem: “Viram só? Nós dissemos que vocês não deveriam ir!”.

Ou pense no funcionário que descobriu um esquema de corrupção na sua empresa. Depois de refletir muito sobre o que fazer, ele decidiu que sua obrigação como cristão era denunciar seus colegas por fraudarem seus clientes. Mas a diretoria não quis saber. Os executivos não só permitiram que a corrupção continuasse, mas o homem que a denunciara foi estigmatizado como encrenqueiro e não foi promovido.

E há também a mulher que compartilhou o evangelho com sua vizinha. Aos poucos, as duas mulheres foram se conhecendo melhor, e depois de algum tempo a mulher cristã teve a oportunidade de compartilhar seu testemunho. Sua amiga a ouviu educadamente, mas não se mostrou realmente interessada pelo cristianismo e logo mudou de assunto. Depois disso, mesmo continuando a se encontrarem de vez em quando, elas nunca se tornaram amigas chegadas.

Esse tipo de coisas acontece o tempo todo. Uma mulher rejeita um homem que não é cristão; agora, ela continua esperando pelo homem certo, mas ninguém aparece. Um empregado se recusa a trabalhar aos domingos e é demitido depois de três meses. Uma mãe faz de tudo para criar seus filhos corretamente e então é obrigada a ver como eles desperdiçam seu amor afastando-se de Deus. Um pastor começa a ensinar a Bíblia, mas em vez de crescer, a igreja começa a perder membros. Isso acontece com frequência. Um cristão faz o que Deus o chama para fazer, e as coisas pioram. Esse tipo de desenvolvimento nos leva a perguntar se fizemos a coisa certa e talvez até se Deus se importa com o que acontece conosco.

De mal a pior

Foi exatamente isso o que aconteceu com Moisés. Moisés havia feito tudo o que Deus lhe havia ordenado. Ele precisou de um tempinho para aceitar o chamado de Deus, é claro, mas quando o aceitou, teve todo o cuidado de fazer tudo o que Deus queria que ele fizesse. Desde o momento em que partiu da sarça ardente até o dia em que foi ao palácio de Faraó, ele fez e disse exatamente o que havia sido instruído a fazer e dizer.

Moisés estava totalmente dentro da vontade de Deus. Isso significa que ele estava tendo uma vida espiritual vitoriosa, certo? Errado. As coisas dificilmente poderiam piorar ainda mais. Agindo de acordo com as instruções de Deus, Moisés havia pedido que Faraó deixasse o povo de Deus partir, mas o resultado foi um fiasco completo. Faraó não só se recusou a deixar os israelitas partirem, mas o pedido o deixou tão furioso que ele dobrou a carga de trabalho do povo. Agora, os israelitas eram obrigados a encontrar sua própria palha para produzir os tijolos para Faraó. Obviamente, esse revés transformou Moisés em inimigo público número 1. Então, o único fruto de sua obediência a Deus era o desdém do seu povo, que disse: “Olhe o Senhor para vós outros e vos julgue, porquanto nos fizestes odiosos aos olhos de Faraó” (5.21a). Quanto mais Moisés obedecia, piores as coisas ficavam, e seus maiores temores estavam começando a se tornar realidade (veja 4.1-17). Ele havia sido rejeitado tanto pelos hebreus quanto pelos egípcios. Essa, então, é uma história sobre o que acontece quando tentamos agir de acordo com o caminho de Deus e isso só piora tudo. É também uma história sobre o que fazer quando isso acontece. Como devemos reagir quando aparecem dificuldades por fazermos o que é certo?

Para saber o que não fazer, basta atentar para os capatazes israelitas. Quando eles estavam em dificuldades – açoitados e sangrando por não terem cumprido suas cotas – eles apelaram primeiro a Faraó. Quando fizeram isso, eles estavam se voltando para a fonte da sua escravidão, tolamente esperando que seus feitores os libertariam. Depois, soltaram sua raiva contra Moisés, tentando minar a autoridade que ele havia recebido de Deus. Estamos começando a ver que a oposição de Israel a Moisés é um dos grandes temas no livro de Êxodo. É parte de um padrão mais amplo do Antigo Testamento no qual os israelitas rejeitam repetidas vezes os profetas de Deus até finalmente crucificarem o próprio Cristo (veja At 7.51-52). E tudo começou com a rejeição de Moisés. É assim que a maioria das pessoas reage quando as dificuldades aparecem: elas retornam para os seus pecados e se afastam da instrução sã, com o resultado de que acabam

numa escravidão espiritual ainda mais profunda.

A queixa de Moisés

Moisés fez algo diferente quando se viu diante de problemas. Quando, a despeito da sua obediência voluntária, as coisas foram de mal a pior, Moisés levou suas dificuldades ao Senhor: “Então, Moisés, tornando-se ao Senhor, disse: Ó Senhor, por que afligiste este povo? Por que me enviaste? Pois, desde que me apresentei a Faraó, para falar-lhe em teu nome, ele tem maltratado este povo; e tu, de nenhuma sorte, livraste o teu povo” (5.22-23).

Não é difícil entender por que Moisés estava tão decepcionado. Até o fim do capítulo 4, tudo estava correndo perfeitamente. Com a ajuda de Arão, o profeta havia realizado sinais milagrosos, e os israelitas haviam reagido acreditando na sua mensagem e adorando a Deus. Agora, poucos dias depois, o êxodo estava em cacos, e as pessoas estavam descontando em Moisés. Aos seus olhos, o plano de Deus havia se voltado contra eles mesmos. Moisés não apenas não havia conseguido resgatar seu povo, mas a libertação deles parecia mais distante do que nunca.

Moisés não deveria ter se surpreendido com a recusa de Faraó de deixar o povo de Deus partir. Ele sabia que Faraó não abriria mão dos seus escravos sem luta, pois Deus havia dito: “Eu sei, porém, que o rei do Egito não vos deixará ir se não for obrigado por mão forte” (3.19). Deus também havia dito: “Eu lhe endurecerei o coração, para que não deixe ir o povo” (4.21b). Porém, Deus não havia dito nada sobre os israelitas serem obrigados a apanhar sua própria palha ou atacarem seus líderes espirituais. Por isso, Moisés não conseguia entender o que estava acontecendo. Ele havia feito exatamente o que Deus o instruíra a fazer, mas as coisas não estavam acontecendo como ele esperava.

Em sua frustração e confusão, Moisés começou a questionar seu chamado: “Por que me enviaste?”, ele perguntou. A pergunta do profeta se parecia mais com uma acusação. Quando Moisés ouviu pela primeira vez o chamado de Deus para tirar o povo do Egito, ele disse: “Ah! Senhor! Envia aquele que hás de enviar” (4.13). Agora, ele estava dizendo: “Estás vendo? Eu não te disse que seria melhor enviar outra pessoa?”. E em vista dos acontecimentos mais recentes, a razão parecia estar do seu lado. Todos os que já enfrentaram algum problema no

ministério sabem como Moisés estava se sentindo. Às vezes, fazemos o que acreditávamos ser o chamado de Deus para nós e dizemos o que acreditamos ter de dizer, mas as coisas não acontecem como esperamos. Isso nos leva a questionar se realmente fizemos a coisa certa.

Quando as dificuldades aparecem, elas nos levam a perguntar também se Deus sabe o que ele está fazendo. E aqui é fácil identificar o erro de Moisés, pois seu protesto não era sem pecado. Moisés era culpado de insatisfação – de se queixar dos caminhos e meios de Deus. Era culpado de incredulidade – de não confiar que Deus cumpriria suas promessas. Era culpado de impaciência – de não esperar até Deus trazer a salvação no seu próprio tempo. Moisés também chegou muito perto do pecado da rebelião, pois ele acusou Deus de ser um encrenqueiro: "Ó Senhor, por que afligiste este povo?" (5.22a). Observe quantas vezes o profeta usa verbos na segunda pessoa: "Por que afligiste?"; "Por que me enviaste?"; "Tu não libertaste teu povo"; "Tu, tu, tu". Moisés estava acusando Deus: "É tudo culpa tua!".

Do mesmo modo que os capatazes culparam Moisés pelos seus problemas, Moisés culpou Deus, e ele exagerou no argumento ao fazer isso. Moisés culpou Deus por duas coisas específicas. Uma era a de causar dificuldades – a dificuldade de ter de produzir tijolos sem palha. A outra era a quebra de uma promessa – a promessa de salvar seu povo. Moisés havia ido a Faraó, mas até então Deus não havia feito nada para realizar a salvação. Então, Moisés fez o que sempre somos tentados a fazer quando as dificuldades aparecem: ele culpou Deus pelo que estava fazendo e pelo que não estava fazendo. Em essência, ele disse: "Por que tu nos meteste nessa encrenca, Senhor e por que não estás fazendo nada em relação a isso?".

Tudo isso é um lembrete de que Moisés era um homem como nós, um pecador que precisava ser salvo. Quando estudamos Êxodo, estamos constantemente avaliando esse grande profeta, tentando aprender o que ele pode nos ensinar sobre viver para Cristo. Em alguns aspectos, ele é o exemplo perfeito, pois seu ministério revela o padrão da salvação em Cristo. Mas há também momentos em que seus atos e palavras são corrompidos pelo pecado. Nós o vemos se esforçando para seguir a Deus, mas sempre necessitando da graça divina, exatamente como nós.

Alguma pergunta?

Embora seja fácil encontrar erros na queixa feita por Moisés, há pelo menos duas coisas que precisam ser ditas em sua defesa. Uma é que ele não fez esse protesto primariamente para o seu próprio benefício, mas em nome do povo de Deus. Sua preocupação era que eles continuavam escravizados e precisando de liberdade.

Essa é uma das muitas maneiras em que o ministério de Moisés nos aponta para a obra de Cristo. Quando Deus chamou Moisés para liderar seu povo, ele estava nomeando Moisés como seu representante espiritual, um chamado que incluía a intercessão pela salvação deles. Isso preparou o caminho para a vinda do nosso representante espiritual Jesus Cristo, que intercede por nós junto ao trono da graça de Deus. Interceder por outra pessoa é um ato de amor altruísta. Moisés foi capaz de oferecer esse tipo de intercessão porque Deus havia começado a realizar uma obra de graça na sua vida, enchendo seu coração de amor pelo povo de Deus. Esse tipo de amor é essencial para todos os líderes espirituais. Se alguém se encontra sob nossos cuidados espirituais – uma criança, um empregado, o membro de um ministério ou de um estudo bíblico – somos conclamados a orar pedindo que Deus nos ajude a amar mais e mais profundamente essa pessoa.

A outra coisa que precisa ser dita em defesa de Moisés – e essa é a coisa mais importante de todas – é que ele levou seus problemas diretamente para Deus: “Moisés, tornando-se ao Senhor, disse: Ó Senhor” (5.22a). Houve um tempo em que Moisés mal ousava aproximar-se do Deus da sarça ardente, mas então Deus entrou num relacionamento pessoal com ele e prometeu estar com ele sempre (3.12). À medida que o relacionamento entre eles foi se aprofundando, e à medida que Moisés desenvolvia intimidade com Deus por meio da oração, ele aprendeu a levar seus problemas de volta para Deus. Em momentos de dúvida e desencorajamento, seu impulso imediato era ir e encontrar-se com Deus.

O cristão deveria ter o mesmo impulso. Quando surgem as dificuldades, podemos entregar nossa aflição a Deus. Ele entrou num relacionamento pessoal conosco por meio de Jesus Cristo. Jesus prometeu estar conosco, por meio do Espírito Santo, “todos os dias até à consumação do século” (Mt 28.20b). Isso significa que, sempre que aparecer uma dificuldade, a ajuda de Deus está sempre à distância de uma oração.

A oração feita por Moisés quando estava em dificuldades consistiu

primariamente em perguntas (ou, talvez, em duas perguntas e uma queixa): “O que estás fazendo, Senhor? O que estou fazendo aqui? Não vês o que está acontecendo?”. O profeta sentiu corretamente que podia fazer perguntas a Deus, que o relacionamento entre eles oferecia o espaço para pedir alguma explicação. Em Cartas a um jovem poeta, Rainer Maria Rilke escreveu: “Tenha paciência com tudo o que não está resolvido no seu coração e tente amar as perguntas em si como quartos trancados e como livros escritos numa língua muito estranha”.1 Quando Moisés tinha questões não resolvidas no seu coração, ele as levava para o seu Deus. Um comentarista escreve: “Temos aqui uma imagem muito clara de um relacionamento honesto com Deus e do triunfo da fé. Nem todos os seus problemas foram resolvidos; nem todas as suas perguntas, respondidas, mas a ação crucial foi que Moisés voltou para o seu lugar. Ele recorreu à única fonte de luz e vida [...] ele voltou-se para o Senhor”.2

É isso o que os grandes heróis da fé sempre fizeram com suas perguntas. Quando não conseguiam entender o que estava acontecendo ou quando estavam querendo desistir, eles levaram suas perguntas para o Senhor. Foi isso que Abraão fez quando Deus lhe fez a promessa da aliança. Ele perguntou: “Senhor Deus, que me haverás de dar, se continuo sem filhos?” (Gn 15.2). Foi o que Jó fez quando perdeu tudo o que tinha. Ele disse: “Por isso, não reprimirei a boca, falarei na angústia do meu espírito, queixar-me-ei na amargura da minha alma” (Jó 7.11); “Por que escondes o rosto e me tens por teu inimigo?” (Jó 13.24). Foi o que Davi fez quando estava cercado de inimigos: “Por que, Senhor, te conservas longe? E te escondes nas horas de tribulação?” (Sl 10.1). Foi o que Jeremias fez quando foi preso por pregar a Palavra de Deus (Jr 20.7-18) e o que João Batista fez quando foi tentado a duvidar sobre se Jesus era o Cristo (Mt 11.2-3). Foi o que o próprio Jesus fez no dia da sua aflição, quando estava morrendo na cruz pelos nossos pecados. “Deus meu, Deus meu”, ele perguntou, “por que me desamparaste?” (Mt 27.46).

Esse tipo de pergunta não é pecaminoso, contanto que seja feita com honestidade e fé. No seu comentário sobre Êxodo, Godfrey Ashby afirma:

Isso não é ateísmo nem mesmo rejeição de Deus, mas uma manifestação de emoções ao Todo-Poderoso. É levar a queixa para o “escritório do presidente”, simplesmente porque o poder de resolver se encontra ali, com o próprio Deus. O salmo 22, usado por Jesus na cruz, nos serve como exemplo supremo. Onde quer

que isso aconteça, o resultado não é uma retaliação rápida de Yahweh contra aqueles que ousaram se queixar, mas a certeza de que a sua queixa foi ouvida e foi feita uma promessa de ação. Fornece também um meio de processar emoções reais. Essa é a maneira bíblica de lidar com ira e frustração, em vez de reprimi-las.3

Se tivermos qualquer pergunta sobre o que Deus está fazendo, devemos ir em frente e perguntar. Não devemos perguntar com impaciência ou rebeldia, como Moisés se viu tentado a fazer, mas devemos perguntar. É muito melhor discutir todos os assuntos com Deus do que levá-los para outra pessoa. Deus pode decidir responder ou negar a resposta às nossas perguntas, mas certamente ele não tem medo delas.

Deus continua no controle

No caso de Moisés, Deus deu uma resposta. A primeira parte dessa resposta (6.1-5) contém duas grandes verdades sobre Deus, verdades às quais podemos nos apegar sempre que surgir uma dificuldade: Deus sempre permanece no controle, e ele se lembra da sua aliança.

Em primeiro lugar, Deus sempre permanece no controle. A queixa de Moisés era que Deus não estava fazendo o que havia prometido: “Tu, de nenhuma sorte, livraste o teu povo”, ele disse (5.23). Em outras palavras: “Tu nem mesmo começaste a nos libertar”. Mas a verdade era que Deus, como sempre, tinha tudo sob controle: “Disse o Senhor a Moisés: Agora, verás o que hei de fazer a Faraó; pois, por mão poderosa, os deixará ir e, por mão poderosa, os lançará fora da sua terra” (6.1).

Essa pode não ter sido a resposta que Moisés esperava ouvir. Deus nunca explicou exatamente por que ele permitiu que seu povo passasse por tanta dificuldade ou por que Moisés continuava sendo o homem certo para essa tarefa. De modo algum Deus tentou se justificar perante Moisés; ele simplesmente repetiu sua promessa de glorificar a si mesmo derrotando Faraó. Moisés acreditava que as coisas haviam ido de mal a pior, mas no que dizia respeito a Deus, tudo estava correndo perfeitamente de acordo com o plano. John Durham

escreve: “O que parecia a Moisés e aos israelitas como uma deterioração séria de uma situação já ruim era uma preparação cuidadosa para o que estava por vir”.4 Até mesmo a recusa do coração endurecido de Faraó fazia parte do plano da salvação. Deus estava preparando o palco para que Faraó não só deixasse o povo de Deus partir, mas ajudasse a expulsá-lo pessoalmente. O Deus sábio e Todo-Poderoso tinha tudo sob controle.

Os teólogos têm uma palavra para descrever a capacidade de Deus de manter tudo sob controle. A palavra é soberania. Dizer que Deus é soberano significa que ele reina supremo sobre o universo que ele criou. Ele está sentado no seu trono, governando com o que ele chama de sua “mão poderosa” (cf. 6.1). Como declara a Confissão de Fé de Westminster: “Desde toda a eternidade, Deus, pelo mui sábio e santo conselho da sua própria vontade, ordenou livre e inalteravelmente tudo o que acontece” (3.1). Deus é soberano sobre todas as questões da humanidade para realizar o seu plano.

Se Deus é soberano, então podemos ter a certeza de que, quando as dificuldades aparecerem, ele continuará no controle. Podemos entendê-lo ou não, mas ele está trabalhando para realizar algum propósito glorioso. Às vezes, Deus permite que nossas dificuldades continuem para demonstrar que apenas ele é capaz de nos salvar. A história do êxodo é um exemplo perfeito. Quando Moisés não conseguiu fazer com que Faraó mudasse de opinião, tornou-se plenamente evidente que apenas Deus poderia libertar seu povo. Foi justamente quando Moisés perdeu a esperança de conseguir a libertação por conta própria que Deus disse: “Agora, verás o que hei de fazer” (6.1). A lição a ser aplicada é que, quando as dificuldades aparecem, precisamos confiar exclusivamente em Deus para a nossa salvação.

Às vezes, Deus permite que as nossas dificuldades continuem para nos ensinar a paciência. Moisés parece ter acreditado que o êxodo começaria assim que ele começasse a obedecer a Deus. Mas a santidade não garante resultados imediatos, e muitas vezes os planos de Deus precisam de muito tempo para se desenvolver, enquanto ele revela a sua glória por meio do desdobramento gradual do seu propósito. Nesse caso, os israelitas já haviam esperado 400 anos pela sua salvação. Deus poderia tê-los salvo a qualquer momento, mas não era esse o seu plano. No seu comentário sobre esses versículos, João Calvino admite:

Na verdade, Deus poderia ter derrotado [Faraó] na mesma hora com um simples gesto, fazendo-o cair morto ao ver Moisés; mas [...] ele [...] preferiu revelar mais claramente o seu poder; pois se Faraó tivesse recuado voluntariamente ou sido derrubado sem esforço, a glória da vitória não teria sido tão ilustre [...] [Deus] quis acostumar seus servos em todas as eras à paciência para que não enfraqueçam em sua mente caso ele não responda imediatamente às suas orações e os alivie a cada momento das suas aflições.5

Como Moisés, precisamos demonstrar um pouco de paciência contemplando tudo e resistindo ao impulso de reclamar da cronologia de Deus. Precisamos também ser cuidadosos quando tentamos decidir se algo é conforme a vontade de Deus analisando como as coisas estão indo no momento. Diante do primeiro sinal de problemas, Moisés estava disposto a desistir, mas ele precisou continuar fazendo o que havia sido chamado para fazer porque Deus estava trabalhando.

Raramente as coisas acontecem como esperamos, principalmente no início, e Deus adora glorificar a si mesmo de maneiras que transcendem em muito qualquer uma das nossas expectativas. Nenhum ministério bem-sucedido avança sem dificuldades. Se os cristãos fossem desistir toda vez que se deparam com uma dificuldade, a obra de Deus jamais seria feita. Portanto, quando surgirem dificuldades, lembre-se de que Deus continua no controle. Confie na soberania dele, como o fez Margaret Clarkson nesta estrofe maravilhosa de um dos seus hinos:

Ó Pai, tu és soberano em todos os assuntos do homem;

Nenhum poder da morte ou da escuridão pode frustrar seu plano perfeito.

Transcendendo toda mudança e todo acaso, supremo em tempo e espaço, Tu seguras os teus filhos confiantes em teu abraço.

Deus se lembra da sua aliança

A resposta de Deus a Moisés continha uma segunda grande verdade – que Deus sempre se lembra de sua aliança.

Falou mais Deus a Moisés e lhe disse: Eu sou o

Senhor

. Apareci a Abraão, a Isaque e a Jacó como Deus Todo-Poderoso; mas pelo meu nome, O

Senhor

, não lhes fui conhecido. Também estabeleci a minha aliança com eles, para dar-lhes a terra de Canaã, a terra em que habitaram como peregrinos. Ainda ouvi os gemidos dos filhos de Israel, os quais os egípcios escravizam, e me lembrei da minha aliança. (6.2-5)

Quase todas essas coisas Deus já havia dito a Moisés lá no capítulo 3: “Meu nome é Yahweh”; “Eu sou o Deus dos teus pais”; “Eu cumprirei a minha aliança”; “Eu te levarei para a terra prometida”; “Conheço o teu sofrimento”. Quando Deus repete esse tipo de coisas, ele o faz porque precisamos ouvi-las mais de uma vez. Parte tão grande da vida cristã consiste em sermos lembrados do que já sabemos para que possamos aplicá-lo a cada situação nova na vida. Quando as dificuldades aparecem, precisamos ser lembrados que Deus continua sendo Deus. Ele é o Deus da História, o mesmo Deus que prometeu salvação a Abraão e que tirou Moisés do Egito. Como Moisés, precisamos ser lembrados que Deus sabe o que estamos sofrendo e que ele pretende cumprir cada uma das promessas que já fez.

O versículo 3 dá origem a uma pergunta óbvia. Ele parece sugerir que Deus nunca revelou seu nome especial aos patriarcas, que ele nunca chamou a si mesmo de “Yahweh” até falar com Moisés na sarça ardente (3.14-15). No entanto, esse nome divino especial – que expressa a existência ativa do Deus que é – ocorre mais de 100 vezes no livro de Gênesis. Um exemplo significativo é Gênesis 4.26, em que é dito que, quando Enos nasceu, “se começou a invocar o nome do Senhor”. Outra ocorrência importante é Gênesis 15.2, em que Abraão

se dirige a Deus com o título “Senhor Deus”. Isso mostra que, apesar de os patriarcas terem normalmente usado os outros nomes de Deus – como, por exemplo, El Shaddai, que significa “Deus Todo-Poderoso” (Gn 17.1) –, eles de fato conheciam o nome divino especial “Yahweh”.

Alguns estudiosos afirmam que esse é o tipo de contradição que devemos esperar num livro escrito por mais de um autor humano falível. Mas essa visão é inaceitável para toda pessoa que aceite a Bíblia como a Palavra inerrante de Deus. Outra possibilidade sugerida é que se trata de um anacronismo quando o nome “Senhor” aparece em Gênesis. Já que foi Moisés quem escreveu o livro de Gênesis, ele simplesmente usou o nome posterior de Deus para contar uma história anterior. Afinal de contas, ele estava escrevendo sobre o mesmo Deus. Porém, a melhor explicação é provavelmente que os patriarcas não entendiam completamente o significado do nome correto de Deus. Há uma diferença enorme entre simplesmente conhecer o nome de alguém e conhecer a pessoa em si. O que Deus disse a Moisés foi isto: “pelo meu nome, O Senhor [Yahweh], não me fiz conhecido a eles”. Isso não significa que Abraão, Isaque e Jacó nunca tinham ouvido o nome de Deus. O que isso significa é que eles não o compreenderam plenamente porque não conheciam Deus em toda sua plenitude.

Lembre-se de que, apesar de Abraão, Isaque e Jacó terem conhecido o Deus vivo, eles nunca testemunharam sua obra poderosa da salvação; eles a receberam apenas como promessa. Essa é a diferença entre Gênesis e Êxodo. Abraão conhecia Deus como um Deus que fazia promessas; Moisés veio a conhecê-lo como um Deus que cumpre promessas. Enquanto os patriarcas tiveram de viver pela fé, os filhos de Israel também viveram pela visão. Deus não estava simplesmente lhes fazendo promessas, mas estava começando a cumpri-las. No êxodo, ele demonstrou o poder salvador por trás do seu nome especial, revelando-se a si mesmo como o Senhor da sua salvação. Por isso, Peter Enns sugere esta paráfrase: “Eu apareci a Abraão, Isaque e Jacó, mas apenas parcialmente – na capacidade de El Shaddai. Mas aquilo que sou plenamente, aquilo que meu nome Yahweh abarca, não lhes foi conhecido. Isso foi conhecido apenas agora, a você, à geração do êxodo, que testemunhará meu grande poder salvador”.6

A razão pela qual a geração do êxodo veio a ver seu grande poder salvador era que Deus se lembrou da sua aliança – sua promessa inquebrável da salvação. Deus nunca se esqueceu de que ele prometera fazer de Abraão uma nação poderosa e dar-lhe uma terra que ele pudesse chamar de sua (Gn 15.18-21).

Assim, quando os descendentes de Abraão eram escravos no Egito, Deus lembrou-se de que ele havia prometido levá-los para Canaã. E ele fez tudo isso por amor. Deus disse a Moisés: “Ainda ouvi os gemidos dos filhos de Israel, os quais os egípcios escravizam, e me lembrei da minha aliança” (6.5). Essa aliança era uma aliança de amor. Quando Deus viu o sofrimento de seu povo, fazendo tijolos sem palha e gemendo sob o chicote de Faraó, ele se compadeceu para resgatá-lo – com a compaixão da sua aliança eterna.

Mil e quinhentos anos depois, a mesma compaixão fez com que Deus enviasse seu Filho como nosso Salvador. Ele viu que o povo que amava estava sendo escravizado pelos poderes do pecado, e se lembrou da sua promessa inquebrável de salvação. Quando Zacarias, o sacerdote, ouviu o que Deus estava prestes a fazer, disse:

Bendito seja o Senhor, Deus de Israel,

porque visitou e redimiu o seu povo,

e nos suscitou plena e poderosa salvação [...]

[para] lembrar-se da sua santa aliança

e do juramento que fez a Abraão, o nosso pai.

(Lc 1.68-69a, 72b-73a)

Deus lembrou-se da sua aliança em Jesus Cristo. Ele se lembrou dela na manhã de Natal quando Jesus nasceu para cumprir a aliança que nós não cumprimos. Ele se lembrou dela na sexta-feira santa, quando Jesus morreu na cruz, sofrendo todas as maldições da aliança contra o nosso pecado para que nós pudéssemos ser perdoados. E ele se lembrou dela no domingo da Páscoa, quando “tornou a trazer dentre os mortos a Jesus [...] pelo sangue da eterna aliança” (Hb 13.20).

Agora, Jesus está à direita do seu Pai no céu, pronto para nos ajudar quando surgirem as dificuldades. Quando cometemos um pecado, Jesus intercede por nós, lembrando seu Pai de que todos os nossos pecados foram lavados pelo

sangue da sua aliança. Quando as coisas passam de mal a pior – quando nossos sofrimentos nos tentam a ficarmos desencorajados – Jesus nos envia o consolo e a paz do seu Espírito, as bênçãos prometidas da sua aliança. Deus nunca volta atrás numa promessa. Ele sempre cumpre a sua palavra. Como escreveu o salmista: Ele “lembra-se perpetuamente da sua aliança” (Sl 105.8a). Portanto, ele se lembrará de sua aliança até o fim do mundo quando Jesus virá para levar o seu povo para a glória. Deus se lembrará da sua aliança no dia do juízo quando nos perdoará todos os nossos pecados por meio da aliança de sua misericórdia. E ele se lembrará dela para sempre abençoando-nos com seu amor eterno.

Notas

1 Rainer Maria Rilke, Letters to a Young Poet, ed. rev. (Nova York: W. W. Norton, 1962), p. 35.

2 Maxie D. Dunnam, Exodus, The Communicator's Commentary (Waco, TX: Word, 1987), p. 94.

3 Godfrey Ashby, Go Out and Meet God: A Commentary on the Book of Exodus, International Theological Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1998), p. 31.

4 John I. Durham, Exodus, Word Biblical Commentary (Waco, TX: Word, 1987), p. 70.

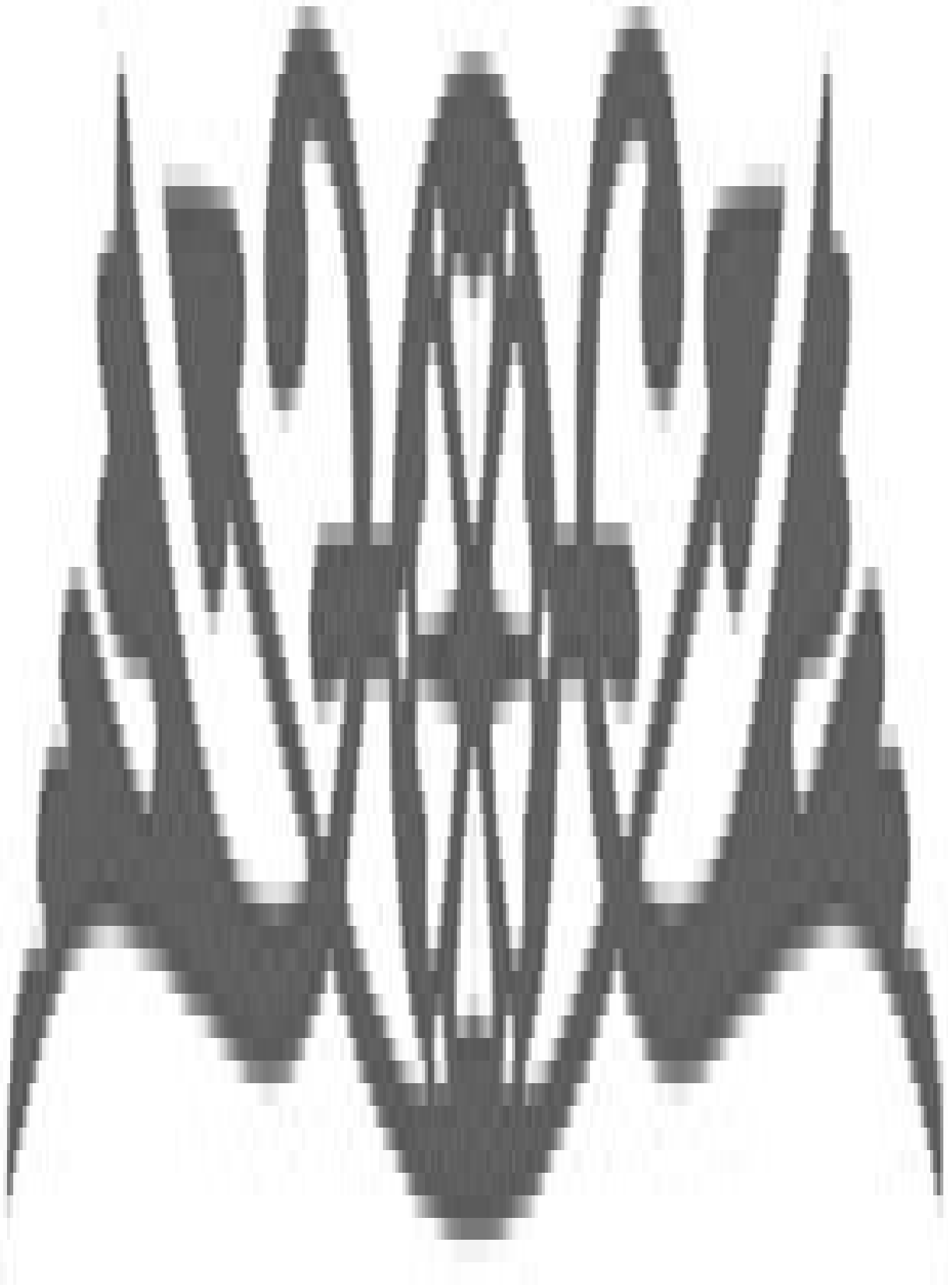
5 João Calvino, Commentaries on the Four Last Books of Moses Arranged in the Form of a Harmony, . C. W. Bingham (Grand Rapids: Baker, 1979), p. 112, 113.

6 Peter Enns, Exodus, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2000), p. 174.

14

Os sete “Eu farei” da salvação

Êxodo 6.6-12



Bob (representado por Bill Murray) é o paciente mental amável, mas perturbado do doutor Marvin no filme Nosso querido Bob. Ele é tão carente que se apega ao doutor Marvin a cada oportunidade – passando pelo seu consultório sem hora marcada, telefonando para sua casa à noite, aparecendo de surpresa na sua casa e normalmente aborrecendo a todos. Quando o doutor Marvin se prepara para viajar de férias com sua família, ele começa a se perguntar se algum dia conseguiria se livrar do Bob. Desesperado, ele finalmente instrui seu paciente a fazer o que ele mesmo está fazendo: tirar umas férias. “Férias dos meus problemas”, diz Bob. “Que ideia fantástica!”

E realmente parece ser uma ideia maravilhosa. Nós nos imaginamos entrando no carro e fugindo dos nossos problemas financeiros ou embarcando num ônibus para fugir dos problemas na nossa família. Nós nos imaginamos pegando um trem e deixando nossos problemas na estação ferroviária ou comprando uma passagem de avião para o outro lado do mundo, onde nem mesmo nosso chefe consegue nos alcançar. Uma ideia convidativa, não é?

O problema é que, normalmente, problemas não tiram férias. Mesmo se conseguirmos fugir deles por alguns dias, eles continuam lá quando voltamos. Inevitavelmente, ficaram ainda piores, e é isso que acontece também no filme. Bob decide que, já que pretende tirar férias dos seus problemas, ele pode muito bem fazê-lo com seu psiquiatra. Para o desespero do doutor Marvin, Bob aparece no local onde a família está hospedada, trazendo consigo todos os seus problemas.

Talvez seja essa a razão por que a Bíblia nunca nos incentiva a tirar férias dos nossos problemas. Afinal de contas, isso não resolveria nada, e a Bíblia é realista demais em relação às dificuldades da vida neste mundo caído para desperdiçar nosso tempo com soluções sem esperança. Assim, em vez de fugirmos dos nossos problemas, a Bíblia nos ensina a levá-los até o Senhor.

“Eu sou o Senhor”

E foi isso que Moisés fez com seus problemas: ele os levou diretamente para Deus. Quando os israelitas estavam produzindo tijolos para Faraó e depois o

acusaram por terem de produzi-los sem palha, Moisés levou seus problemas de volta para Deus. E Deus lhe respondeu repetindo sua promessa de salvação. Ele garantiu a Moisés que, por mais desesperadora que a situação ficasse, ele continuaria tendo tudo sob controle (6.1) e que ele não havia se esquecido da sua aliança (6.2-5).

De todas as coisas que Deus disse a Moisés, a mais importante foi esta: “Eu sou o Senhor”. Sabemos que isso era importante porque Deus o repetiu muitas vezes. “Eu sou o Senhor”, ele não se cansava de dizer. Deus faz essa declaração mais de 12 vezes no livro de Êxodo.1 Ele o disse pela primeira vez lá atrás, na sarça ardente: “Eu sou o que sou” (3.14-15). Aqui, em Êxodo 6, quando Moisés se vê em meio a tantos problemas que começa a duvidar do plano de salvação de Deus, Deus o diz repetidas vezes: “Eu sou o Senhor”. Ele o diz no começo, no meio e no fim, nos versículos 2,6,7 e 8. Brevard Childs escreve: “Todo o foco está na autorrevelação de Deus num ato majestoso de autoidentificação: Eu sou Yahweh [...] Conhecer o nome de Deus significa conhecer seu propósito para toda a humanidade do início ao fim”.2 Certamente, Deus forneceu a Moisés muitos outros detalhes sobre seu plano de salvação. Mas o início, o meio e o fim de sua mensagem foi: “Eu sou o Senhor”.

Deus queria que seu povo entendesse que a solução para todos os seus problemas seria encontrada nele. Cada aspecto da salvação deles dependia do seu ser e caráter. A salvação começava com Deus porque toda ela provinha da sua graça, e ela terminava com Deus porque tudo retornaria para a sua glória. Quaisquer que fossem as dificuldades que podiam aparecer no meio-tempo, Deus seria capaz de lidar com elas porque ele é o Senhor. Portanto, em vez de tirarmos férias dos nossos problemas, a melhor coisa que podemos fazer é encontrar descanso e repouso no senhorio de Deus. Ele é a solução para cada dificuldade.

Talvez seja essa a razão pela qual Deus permitiu que Moisés não fosse bem-sucedido na sua primeira ida a Faraó. Se Faraó tivesse libertado os israelitas depois do primeiro pedido, eles teriam dado a maior parte do mérito a Moisés. Porém, a empreitada reverteu-se para prejuízo deles, e ele teve de assumir toda a culpa. Então todos souberam que Moisés era incapaz de levar o povo de Deus para a Terra Prometida. Apenas Deus poderia tirá-los do Egito, e quanto mais Moisés e Faraó discutiam sobre o destino de Israel, mais evidente isso ficava. Deus estava ensinando seu povo a depositar toda a sua confiança nele. Dessa maneira, eles descobriram que, quando todo o resto é mal-sucedido, a única

coisa em que podiam confiar era que aquele que disse: “Eu sou o Senhor” era também capaz de salvá-los.

Êxodo é um livro teocêntrico com uma mensagem teocêntrica que nos ensina a ter uma vida centrada em Deus. Quaisquer que sejam os problemas que temos, quaisquer que sejam as dificuldades que enfrentamos, a coisa mais importante que precisamos saber é quem Deus é. Somos conclamados a depositar a nossa confiança naquele que diz: “Eu sou o Senhor”. Quando temos problemas na família e não sabemos como reestabelecer a paz, ele diz: “Eu sou o Senhor”. Quando um relacionamento está danificado e não pode ser consertado, ele diz: “Eu sou o Senhor”. Quando nada parece dar certo e não sabemos como tudo terminará, ele diz: “Eu sou o Senhor”.

O Deus de toda salvação

O Senhor que nos chama para confiarmos nele é o Deus de toda salvação. Nestes versículos, ele anuncia os sete “Eu farei” da salvação:

Portanto, dize aos filhos de Israel: eu sou o

Senhor

, e vos tirarei de debaixo das cargas do Egito, e vos livrarei da sua servidão, e vos resgatarei com braço estendido e com grandes manifestações de julgamento. Tomar-vos-ei por meu povo e serei vosso Deus; e sabereis que eu sou o

Senhor

, vosso Deus, que vos tiro de debaixo das cargas do Egito. E vos levarei à terra a qual jurei dar a Abraão, a Isaque e a Jacó; e vo-la darei como possessão. Eu sou o

Senhor.

(6.6-8)

Uma das razões pelas quais a entrega dos problemas ao Senhor é uma ajuda tão grande é que ele realmente pode fazer algo em relação a eles. Ele não fica apenas sentado ali. No início dessa conversa, Moisés observou que Deus parecia não estar fazendo nada: “Tu, de nenhuma sorte, livraste o teu povo”, ele se queixou (5.23). Mas no fim do êxodo, Moisés viu que Deus fez absolutamente tudo o que foi necessário para resgatar seu povo. Quando Deus disse: “Eu sou o Senhor”, o que ele estava dizendo era que ele é o Deus de toda salvação, o Deus que fará isso, aquilo e tudo para salvar seu povo.

Embora encontremos sete “Eu farei” nesses versículos, na verdade há apenas quatro promessas básicas. Os dois primeiros “Eu farei” falam da libertação: “[Eu] vos tirarei de debaixo das cargas do Egito, e vos livrarei da sua servidão” (6.6). No seu nível mais básico, é isso que salvação significa: ser liberto da escravidão ou do cativeiro. Aquilo de que os israelitas mais precisavam era serem resgatados da escravidão, e quando Deus disse: “Eu sou o Senhor”, ele estava prometendo ser o libertador deles.

A segunda promessa (o terceiro “Eu farei”) é a redenção (ou resgate): “[Eu] vos resgatarei com braço estendido e com grandes manifestações de julgamento” (6.6b). Redenção é um termo financeiro. No mercado da Antiguidade, ele era usado para descrever a libertação de um escravo por meio do pagamento de um resgate. Mais tarde, isso se tornou parte da lei bíblica. Caso um israelita tivesse de se vender como escravo para quitar uma dívida, os membros da sua própria família o redimiriam pagando o preço da sua liberdade (veja Lv 25.47-53). No entanto, no caso do êxodo, os egípcios foram aqueles que acabaram pagando o preço. Israel foi remido “com grandes manifestações de julgamento”, e o próprio Deus foi o Redentor que libertou seu povo “com braço estendido”.

Nos tempos bíblicos, a redenção sempre foi o direito de um parente próximo. Deus era elegível para remir os israelitas por causa de seu parentesco com eles: “Tomar-vos-ei por meu povo e serei vosso Deus” (6.7a). Nesse caso, a palavra “tomar” significa, na verdade, “adotar”, por isso o quarto e quinto “Eu farei” contêm a promessa da adoção.3 Essa promessa de família é o cerne da aliança com o qual Deus nos leva para si mesmo para sermos seu povo e ele ser o nosso Deus. Como Deus disse quando fez sua aliança com Abraão: “[Serei] o teu Deus e da tua descendência” (Gn 17.7). No êxodo, Deus demonstrou seu afeto paternal, como alertara a Faraó: “Israel é meu filho, meu primogênito” (4.22).

Assim, quando tirou seu filho da escravidão, isso não foi simplesmente um golpe de justiça, mas também um ato de amor. Deus tirou Israel do Egito e o levou para um relacionamento íntimo de afeto mútuo.

Os dois últimos “Eu farei” dizem respeito ao que poderíamos chamar de a promessa de possessão. “E vos levarei à terra a qual jurei dar a Abraão, a Isaque e a Jacó; e vo-la darei como possessão” (6.8). A terra era outra promessa da aliança, e a essa altura já conseguimos entender por que Deus introduziu os sete “Eu farei” da salvação com a palavra “portanto”. A palavra “portanto” estabelece uma conexão lógica entre a declaração no final do versículo 5 – “me lembrei da minha aliança” – e todas as promessas que se seguem. Deus salva porque ele prometeu que salvaria. Os “Eu farei” da salvação estão baseados na sua aliança eterna.

A promessa de possessão foi feita pela primeira vez em Gênesis 12, quando “apareceu o Senhor a Abrão e lhe disse: Darei à tua descendência esta terra” (Gn 12.7). Como Deus explicou então a Moisés, na época em que ele deu essa promessa, ele jurou honrá-la. A terra estava garantida por uma promessa, apoiada pela fé e por todo o crédito do Deus Todo-Poderoso. Aqui, em Êxodo 6, Deus jurou novamente, pois quando o profeta Ezequiel se lembrou desse grande dia, ele escreveu: “Assim diz o Senhor Deus: No dia em que escolhi a Israel, levantando a mão, jurei à descendência da casa de Jacó e me dei a conhecer a eles na terra do Egito; levantei-lhes a mão e jurei: Eu sou o Senhor, vosso Deus” (Ez 20.5-6). A promessa de possessão – a promessa de entrar na terra de Canaã, conquistá-la e habitar nela – era um juramento solene da aliança eterna.

Esses são os sete “Eu farei” da salvação, nos quais Deus prova que ele é o Senhor ao salvar o seu povo – libertando-o, remindo-o, adotando-o e dando-lhe uma terra para que seja deles mesmos. Sem nos perdermos em todos os detalhes, é importante não ignorarmos o ponto principal, ou seja, o fato de que a salvação pertence ao Senhor. Do início ao fim, cada aspecto do êxodo foi realizado por Deus e por Deus apenas. Deus prometeu tirar seu povo do Egito e libertá-lo da escravidão. Ele prometeu tomá-los para si mesmo e fazer dele o seu povo. Ele prometeu dar-lhe uma terra para a sua possessão. A única coisa que restava aos israelitas fazer era conhecê-lo como seu Salvador e Senhor, como Deus também prometera fazer: “Sabereis que eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tiro de debaixo das cargas do Egito” (6.7). Deus salvou os israelitas por meio da sua graça soberana. Ele fez toda a obra de salvação para que toda a glória fosse dele.

O mesmo é verdadeiro quanto à salvação em Jesus Cristo, que é o maior êxodo de todos. Como vimos, o livro de Êxodo não é simplesmente a história do antigo Israel; é também a história da nossa salvação. Quando ouvimos a história de Êxodo, ouvimos também os primeiros acordes de uma melodia que se transforma em sinfonia nos Evangelhos. Quando Jesus disse ao seu Pai: "Eis aqui estou [...] para fazer, ó Deus, a tua vontade" (Hb 10.7), ele estava reunindo os "Eu farei" da salvação e apropriando-se deles. Jesus estava dizendo: "Eu os salvarei. Eu os libertarei. Eu os remirei. Eu os farei meus. Eu lhes darei uma herança gloriosa".

Jesus é o libertador que, "pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados" (Ap 1.5b). Jesus é o Redentor que pagou o preço alto do nosso pecado sofrendo e morrendo na cruz: "[Nele] temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça" (Ef 1.7). É também por meio de Jesus que somos acolhidos no abraço do amor divino, pois é à igreja de Jesus Cristo que Deus diz: "Serei o seu Deus, e eles serão o meu povo" (2Co 6.16). E no fim de todos os nossos dias, Jesus será aquele que nos levará para a terra da glória. É por meio da sua ressurreição que temos "uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus" para nós (1Pe 1.4). A Bíblia resume dizendo que "quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele o sim" (2Co 1.20a). Deus fez sua promessa muito, muito tempo atrás quando disse: "Eu vos resgatarei". Ele cumpriu sua promessa enviando seu Filho para ser e fazer tudo que necessitamos para ser salvos, de modo que, do início ao fim, somos salvos pela sua graça.

Tudo que nos resta fazer é conhecer Jesus como nosso Salvador e nosso Senhor. Não se trata de fazermos algo por Deus; trata-se do que Deus fez por nós em Jesus Cristo. Tudo que precisamos fazer é confiar em Jesus, crendo que ele transformou todos os "Eu farei" da salvação no "Eu fiz" do evangelho.

Os "Eu não farei" de Israel

O que Deus disse a Moisés eram notícias tão maravilhosas que a maioria das pessoas teria ficado muito feliz em recebê-las, mas a triste verdade é que, quando os israelitas ouviram a mensagem da salvação pela graça gratuita de Deus, eles não quiseram ter nada a ver com aquilo. No versículo 9, passamos dos "Eu farei" da salvação para os "Eu não farei" de Israel: "Desse modo falou

Moisés aos filhos de Israel, mas eles não atenderam a Moisés, por causa da ânsia de espírito e da dura escravidão".

"Bem, tudo isso é muito empolgante, Moisés", os israelitas disseram, "mas, francamente, não estamos interessados." Eles não estavam impressionados com o grande poder de Deus ou com sua capacidade de lembrar sua aliança. Suas promessas de libertação e conquista não os comoveram. Eles se recusaram a crer que ele era seu Salvador e seu Senhor. Tampouco se importavam com o nome dele; simplesmente não queriam ouvir.

Muitas vezes, a mesma coisa acontece quando as pessoas ouvem a mensagem da salvação em Cristo pela primeira vez. Alguém lhes explica como elas podem receber perdão dos seus pecados por meio da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Elas parecem estar ouvindo, mas então mudam educadamente o rumo da conversa ou dizem que já acreditam em Deus. Insistem que Jesus pode ser maravilhoso para outras pessoas, mas que, para elas, ele não serve, ou dizem abertamente que não estão interessadas. Muitas vezes, os cristãos ficam surpresos quando isso acontece. Como alguém pode rejeitar a boa-nova da salvação? Todas as dores do inferno podem ser evitadas, todas as bênçãos do céu estão disponíveis, e a única coisa que um pecador precisa fazer é crer em Jesus Cristo. No entanto, mesmo quando explicam isso, algumas pessoas continuam desinteressadas. Por quê?

A Bíblia dá a resposta: "Eles não atenderam [...] por causa da ânsia de espírito e da dura escravidão" (6.9). Em outras palavras, os israelitas estavam escravizados pela sua escravidão. Suas próprias correntes impediam que ouvissem o grito da liberdade. Enquanto labutavam para Faraó fazendo tijolos sem palha, eles perderam qualquer esperança de emancipação. A Bíblia diz que estavam desencorajados. Mais literalmente, tinham o espírito em tamanha ânsia que não conseguiam ouvir a promessa da libertação. O que os mantinha na escravidão era a própria escravidão.

O pecado é o mesmo tipo de escravidão. A história de Israel no Egito ensina o caminho da salvação, que começa com o reconhecimento de que, sem a obra salvadora do Espírito de Deus, nós somos escravos do pecado. Não importa quanto tentamos parar, sempre parecemos continuar pecando, e muitas vezes continuamos cometendo os mesmos pecados sempre de novo. Tentamos escapar nos esforçando um pouco mais para melhorar, mas antes de nos darmos conta, voltamos a fazer a mesma coisa. Depois de algum tempo, ficamos desanimados.

O pecador é tão oprimido pelo pecado que parece não haver saída. As amarras do pecado estão tão apertadas que elas impedem o pecador de realmente ouvir a boa-nova do evangelho. Os teólogos chamam isso a doutrina da "incapacidade total", que significa simplesmente que os pecadores não podem ir a Deus por conta própria. Nas palavras do Catecismo Maior de Westminster, o pecador está "inteiramente indisposto, incapaz e oposto a todo bem espiritual" (resposta à pergunta 25). Os pecadores não podem salvar a si mesmos porque não podem e não querem ir a Deus. Os israelitas ilustram isso perfeitamente, pois não queriam ouvir a promessa da liberdade justamente porque estavam escravizados.

Uma das implicações da doutrina da incapacidade total é que a única maneira em que um pecador pode ir a Cristo é por intervenção divina. O próprio Deus precisa quebrar as correntes do pecado, e ele faz isso por meio do seu Espírito Santo, que abre o coração e a mente para ouvirem o seu evangelho. Jesus disse:

Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida. Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem viverão. (Jo 5.24-25)

Repetição total

Demorou muito tempo para que os israelitas conseguissem ouvir o que Deus estava lhes dizendo; entrementes, porém, havia trabalho a fazer: "Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo: Vai ter com Faraó, rei do Egito, e fala-lhe que deixe sair de sua terra os filhos de Israel" (6.10-11). Moisés era parte do plano de Deus de realizar seus "Eu farei" da salvação. Deus o instruiu a voltar para Faraó e exigir liberdade para o seu povo. Se isso lhe parece familiar, é porque Deus já havia enviado Moisés a Faraó antes. Esse era o chamado, uma repetição do chamado.

A essa altura, a resposta do profeta já é previsível: "Moisés, porém, respondeu ao Senhor, dizendo: Eis que os filhos de Israel não me têm ouvido; como, pois, me ouvirá Faraó? E não sei falar bem" (6.12). Moisés respondeu a repetição do seu chamado da mesma maneira como havia respondido ao chamado original –

dizendo que ele não tinha os dons necessários para fazer o que Deus o estava mandando fazer.

Alguns estudiosos têm argumentado que, na verdade, houve apenas um único chamado, que Êxodo 6 contém uma versão mais sucinta da mesma conversa que Deus teve com Moisés em Êxodo 3 e 4. É verdade que há muitas semelhanças entre as duas narrativas. As mesmas pessoas estão conversando – Deus e Moisés. Deus faz a mesma promessa de libertação. Em ambos os casos, Moisés é enviado para ordenar que Faraó deixe o povo de Deus partir, e em ambos os casos ele se recusa porque não era um orador bom. A expressão "lábios incircuncisos" no original pode significar que ele tinha algum tipo de defeito de fala.

No entanto, a despeito de todas as aparentes repetições, há também algumas diferenças cruciais entre esses dois relatos. Uma é a localidade: Deus chamou Moisés pela primeira vez no monte Horebe, mas dessa vez ele falou com ele no Egito. Além do mais, nessa ocasião, Deus não apareceu a Moisés numa sarça ardente. Tampouco lhe deu quaisquer sinais milagrosos nem disse qualquer coisa sobre Arão. A reação também foi diferente. Na primeira vez em que Moisés falou aos israelitas, eles acreditaram nele, mas dessa vez nem quiseram ouvir o que ele tinha a dizer. Dadas essas diferenças significativas, é evidente que Êxodo 6 não é simplesmente uma repetição, mas um episódio completamente novo.

O fato de que Moisés precisou de uma repetição e que ele deu a Deus a mesma desculpa fraca não deveria nos surpreender. Muitas vezes, os servos de Deus precisam aprender a mesma lição duas vezes (ou mais). Essa é uma das razões pelas quais há tantas repetições em Êxodo. Se aprendêssemos tudo o que Deus quer nos ensinar já na primeira vez, ele não precisaria se repetir. Mas a triste verdade é que somos lentos no nosso entendimento, lentos na nossa fé, lentos na nossa obediência.

Não é difícil entender por que Moisés hesitou. Ele tinha algumas razões legítimas para acreditar que não estava à altura da tarefa. As coisas não haviam corrido bem na primeira vez. Na verdade, havia sido um fracasso total. O profeta havia sido repreendido por Faraó e rejeitado pelo seu próprio povo. Por que as coisas seriam diferentes dessa vez? Além do mais, se Moisés não conseguia fazer que seu próprio povo o ouvisse, como ele conseguiria convencer Faraó a libertar seus escravos? Era normal o profeta se sentir inadequado e incompetente e duvidar da sua capacidade de cumprir o chamado de Deus.

Alguma vez você já se sentiu tentado a desistir? Às vezes, servir ao Senhor é tão desanimador que é tentador parar de fazer algo para o qual sabemos ter sido chamados por Deus. Surgem alguns problemas, e todos os antigos temores e dúvidas voltam à tona. Começamos a recorrer a algumas das velhas desculpas: “Não consigo fazer isso”; “Não sou bom nisso”; “Não tenho tempo para isso”.

Deus não se interessa pelas nossas desculpas, como veremos na sua resposta a Moisés no início do capítulo 7. Mas a verdade é que já conhecemos a resposta: “Eu sou o Senhor”. Essa é sempre a resposta. Foi a resposta quando os israelitas estavam em escravidão e tiveram de fazer tijolos sem palha. Foi a resposta quando Moisés parecia estar sendo mal-sucedido e não tinha certeza se poderia continuar servindo a Deus. E é a resposta para nós sempre que estivermos enfrentando problemas e formos tentados a deixar de fazer o que Deus nos chamou para fazer. Deus nos diz: “Eu sou o Senhor”. Se ele é o nosso Senhor, nós precisamos confiar nele e obedecer a ele.

Um cristão que fez isso foi João Calvino, o famoso teólogo da Reforma. Calvino foi chamado para pregar em Genebra pela primeira vez em 1536. Durante os primeiros anos do seu ministério, ocorreram conflitos políticos e teológicos que depois de certo tempo o obrigaram a sair da cidade. Durante vários anos, Calvino viveu em Estrasburgo, onde desfrutou alguns dos anos mais felizes e produtivos da sua vida. Mas então Deus repetiu seu chamado. Em 1540, os líderes de Genebra foram e imploraram para que ele retornasse para o seu ministério de púlpito.

Da sua parte, Calvino não estava interessado em voltar para Genebra. Ele disse: “Sempre que me lembro da desgraça da minha vida naquela cidade, como minha alma poderia não estremecer diante de qualquer proposta para retornar?”. Ele também comentou: “Antes preferiria submeter-me cem vezes à morte do que a essa cruz na qual tive de perecer diariamente mais de mil vezes”. Mas Calvino estava disposto a tomar sobre si a sua cruz e, finalmente, declarou: “Estou preparado para seguir inteiramente o chamado do Senhor assim que ele o deixar claro para mim”. Finalmente, Deus deixou seu chamado claro para João Calvino, e Calvino respondeu ao chamado. O Register de Genebra de 13 de setembro de 1541 documenta sua chegada nessa cidade para servir a Cristo como ministro do evangelho.4

O que Deus está chamando você para fazer ou a continuar fazendo? Você pode estar tendo alguns problemas. Você pode estar desanimado. Você pode estar

tendo dúvidas se conseguirá fazê-lo. Mas lembre-se de que você serve ao Senhor, que prometeu fazer de tudo para salvá-lo, do início ao fim.

Notas

1 Veja Êxodo 6.2,6-8; 7.5,17; 8.22; 10.2; 12.12; 14.4,18; 15.26; 16.12; 20.2; 29.46; 31.13.

2 Brevard S. Childs, The Book of Exodus: A Critical, Theological Commentary (Louisville: Westminster, 1974), p. 119.

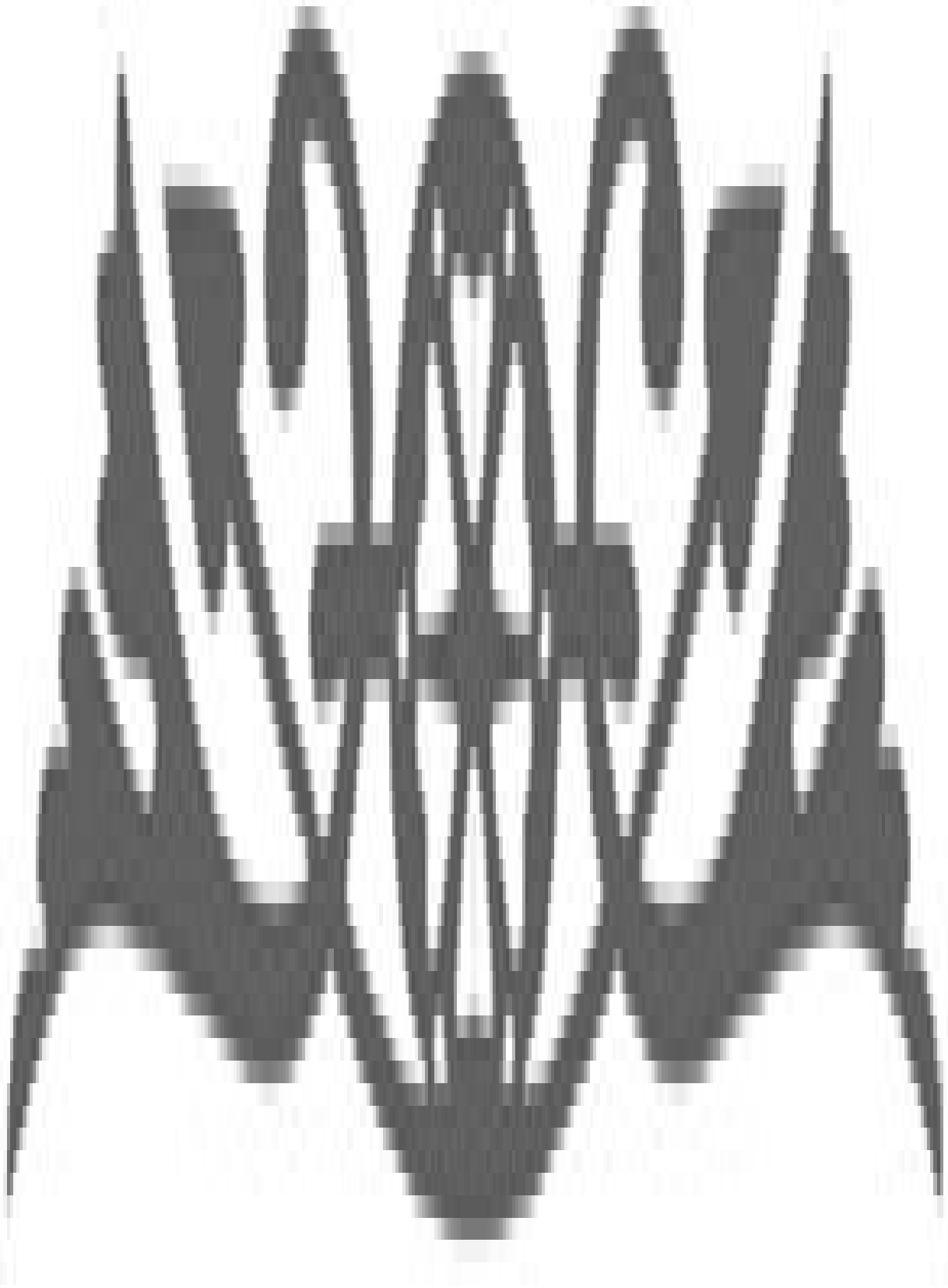
3 Cornelis Houtman, Exodus, Johan Rebel e Sierd Woudstra (trads.), Historical Commentary on the Old Testament, vol. 1 (Kampen, Alemanha: Kok, 1993), p. 503.

4 A história do retorno de Calvino para Genebra é narrada em T. H. L. Parker, John Calvin: A Biography (Londres: Dent, 1975), p. 79-81.

15

Eles eram os levitas

Êxodo 6.13-27



Genealogias devem ser importantes porque Deus incluiu muitas delas na Bíblia. Gênesis está cheio delas: o relato da linhagem de Adão no capítulo 5; a lista das nações no capítulo 10; os descendentes de Jacó e Esaú nos capítulos 35 e 36, etc. O livro de Números registra cuidadosamente os clãs de Israel, e 1Crônicas contém capítulo após capítulo com listas dos nomes dos seus descendentes. Essas são apenas algumas das genealogias no Antigo Testamento, que parece nutrir um fascínio especial pelos registros da história familiar. Há também, é claro, as genealogias nos Evangelhos que culminam na vinda de Jesus Cristo.

Mais do que uma lista de nomes

À primeira vista, as genealogias bíblicas podem não parecer tão importantes assim. Veja o registro da família de Moisés e Arão:

São estes os chefes das famílias: os filhos de Rúben, o primogênito de Israel: Enoque, Palu, Hezrom e Carmi; são estas as famílias de Rúben. Os filhos de Simeão: Jemuel, Jamim, Oade, Jaquim, Zoar e Saul, filho de uma cananeia; são estas as famílias de Simeão. São estes os nomes dos filhos de Levi, segundo as suas gerações: Gérson, Coate e Merari; e os anos da vida de Levi foram cento e trinta e sete. Os filhos de Gérson: Libni e Simei, segundo as suas famílias. Os filhos de Coate: Anrão, Isar, Hebrom e Uziel; e os anos da vida de Coate foram cento e trinta e três. Os filhos de Merari: Mali e Musi; são estas as famílias de Levi, segundo as suas gerações. Anrão tomou por mulher a Joquebede, sua tia; e ela lhe deu a Arão e Moisés; e os anos da vida de Anrão foram cento e trinta e sete. Os filhos de Isar: Corá, Nefegue e Zicri. Os filhos de Uziel: Misael, Elzafã e Sitri. Arão tomou por mulher a Eliseba, filha de Aminadabe, irmã de Naassom; e ela lhe deu à luz Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar. Os filhos de Corá: Assir, Elcana e Abiasafe; são estas as famílias dos coraítas. Eleazar, filho de Arão, tomou por mulher, para si, uma das filhas de Putiel; e ela lhe deu à luz Fineias; são estes os chefes de suas casas, segundo as suas famílias. (6.14-25)

Uma passagem desse tipo não oferece uma leitura muito interessante. Para nós, é pouco mais do que uma lista de nomes desconhecidos e estranhos. Por isso, é grande a tentação de apenas olhar de relance ou até mesmo pular esses versículos. No entanto, como todo o restante da Bíblia, toda genealogia é "inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2Tm 3.16-17). Já que as genealogias bíblicas pretendem ser úteis, qual é a melhor maneira de tirarmos proveito delas?

Desde o início, nosso método de estudar Êxodo tem sido bíblico (concentrado no que a Bíblia realmente diz), histórico (inserindo a Bíblia no contexto da História antiga), teológico (aprendendo sobre o caráter de Deus), cristológico (relacionando o êxodo à pessoa e à obra de Cristo) e prático (aplicando a verdade das Escrituras à vida cristã). Essa é a abordagem correta também para as genealogias bíblicas. Em termos históricos, são importantes porque nos ajudam a confirmar a precisão do registro bíblico. Certa vez, ouvi a história de uma tribo indígena que foi convertida por uma genealogia. Um missionário ocidental havia trabalhado com essa tribo durante muitos anos e compartilhado muitas vezes a boa-nova sobre Jesus Cristo, mas sem muito sucesso. Finalmente, ele traduziu uma das genealogias bíblicas que remontava até Adão. "Agora sabemos que o que você diz é verdade", disseram os indígenas. "Nós recitamos os nomes dos nossos ancestrais, mas havíamos nos esquecido do início. Agora sabemos que sua Bíblia é verdadeira." Os indígenas se arrependeram dos seus pecados e aceitaram Jesus Cristo como o filho de Davi, o filho de Adão e o Filho de Deus. A genealogia em Êxodo 6 pode não converter ninguém, mas é historicamente significativa porque as idades informadas para Levi e seus filhos nos ajudam a confirmar que Israel esteve no Egito durante mais de 400 anos.1

As genealogias bíblicas não são apenas historicamente importantes, mas são também teologicamente instrutivas. Quando estudadas com cuidado, elas revelam informações significativas sobre o caráter de Deus e o caminho da salvação. Muitas delas são cristocêntricas. Elas contêm a promessa de um Salvador que está por vir e assim ajudam a provar que Jesus de Nazaré é o Cristo de Deus. São também práticas. Quanto mais aprendemos sobre as pessoas mencionadas, mais aprendemos sobre o que significa pertencer ao povo de Deus.

Nenhuma “pessoa insignificante”

Um modo de reconhecer a importância de uma genealogia como a que encontramos em Êxodo 6 é responder a esta pergunta: E se meu nome fosse Hezrom? Ou Uziel? Ou Eliseba? Para nós, pode não fazer muita diferença que “os filhos de Merari [eram] Mali e Musi” (6.19), mas para eles fazia toda a diferença no mundo. Significava que estavam incluídos no povo de Deus, que Deus sabia quem eles eram. As genealogias bíblicas mostram a importância da individualidade identificada. Deus não só tem um plano para a salvação de um povo, mas ele tem também um relacionamento pessoal e íntimo com cada indivíduo da sua família. Para Deus, não existem “pessoas insignificantes” (Francis Schaeffer).

Com algumas exceções notáveis, os israelitas eram homens e mulheres comuns. Isso se evidencia em seus nomes, muitos dos quais nos contam algo sobre suas características pessoais. Os pais de Palu devem ter sido exigentes, pois seu nome significa “extraordinário”. Corá significa “careca”, e podemos supor que ele não tinha cabelos quando saiu do ventre da sua mãe. Nefegue significa “desajeitado”, um nome pouco lisonjeiro, mas é simplesmente um fato que algumas pessoas não têm uma coordenação motora tão boa quanto outras. Os israelitas eram pessoas comuns. Mesmo se não soubéssemos nada mais sobre eles, saberíamos que eles eram muito parecidos conosco. Eram homens e mulheres criados à imagem de Deus. Eram pecadores caídos que precisavam desesperadamente da graça de Deus. E, como nós, estavam incluídos no plano salvador de Deus. Sabermos quem eles são é muito menos importante do que Deus saber quem eles são. Carmi, Jaquim, Zicri, Putiel e todos os outros provam a promessa bíblica de que “o Senhor conhece os que lhe pertencem” (2Tm 2.19).

Se algo distinguia esses homens e mulheres, era o modo como eles procuravam Deus em busca da graça. Isso também se evidencia nos significados dos seus nomes. Saul deve ter sido a resposta às orações de seus pais, pois o chamaram “Resposta à oração”. Do mesmo modo, Eleazar significa “Deus tem ajudado”, Elzafã significa “Deus prezou”, e Elcana significa “Deus criou”. Aparentemente, os pais de Joquebede conheciam o propósito principal do ser humano, pois chamaram sua filha “glória de Deus”. Esses israelitas receberam seus filhos como presentes de Deus e lhes deram nomes que serviriam como lembretes permanentes de sua graça e bondade.

É significativo o fato de que essa genealogia é organizada por famílias. Começa

dizendo: “São estes os chefes das famílias” (6.14a). Na Bíblia, “família” refere-se a todos os parentes reunidos num grupo social, unidos pelos laços do sangue compartilhado. Na Bíblia, uma família é um grupo extenso de parentes que vivem sob a autoridade espiritual de um pai. O princípio bíblico importante aqui é que, normalmente, Deus estende sua graça por meio da família. Isso não significa que uma pessoa precisa ser criada numa família cristã para que seja salva. Uma das maneiras em que Deus muitas vezes glorifica a si mesmo é resgatando um pecador da ignorância espiritual e iniciando uma nova obra de graça que pode transformar o destino de uma família. Tampouco significa que os filhos são salvos pela fé dos seus pais. Deus chama cada pessoa para servi-lo, e cada filho precisa tomar uma decisão pessoal de seguir a Jesus Cristo.

O que isso significa é que Deus responsabiliza os pais pelo bem-estar espiritual da sua família. Rúben, Simeão, Levi e os outros eram os chefes dos seus lares. Era sua responsabilidade dada por Deus amar sua família incentivando suas esposas em santidade e ensinando seus filhos a glorificar a Deus. O melhor plano de Deus para a família é demonstrar seu amor por meio do coração transbordante de um pai. Como diria Josué aos israelitas muitos anos mais tarde: “Escolhei, hoje, a quem sirvais [...] Eu e a minha casa serviremos ao Senhor” (Js 24.15). Josué entendia o que significava ser chefe de uma família. Todo bom pai assume o compromisso pessoal de ajudar sua casa a servir ao Senhor.

A árvore genealógica de Arão

A genealogia em Êxodo 6 concentra-se principalmente numa família: a família de Moisés e Arão. Esse fato ajuda a responder a pergunta que tem intrigado muitos estudiosos – mais especificamente a pergunta: o que essa genealogia está fazendo aqui?

Provavelmente, um historiador moderno teria incluído esses registros familiares lá atrás em Êxodo 2, no contexto do nascimento de Moisés. Nesse ponto, a genealogia parece interromper o fluxo da narrativa, e muitos estudiosos bíblicos a veem como interrupção. No entanto, os leitores antigos compreendiam a importância da história da família, e é pouco provável que tenham considerado a genealogia uma interrupção. Se colocarmos de lado os nossos preconceitos literários atuais e estudarmos a passagem no seu contexto, aquilo que, à primeira vista, parece ser uma digressão, revela-se como sendo uma passagem

cuidadosamente inserida com um propósito significativo.

A primeira coisa a observar é a seletividade dessa genealogia. Êxodo começou com uma lista completa dos filhos de Jacó, as tribos de Israel (1.1-5; cf. Nm 26). Aqui, no capítulo 6, apenas três dos pais fundadores são mencionados – Rúben, Simeão e Levi – e desses três é Levi quem recebe quase toda a atenção. Rúben e Simeão recebem um versículo cada (6.14-15), mas o texto dedica 10 versículos aos filhos e netos de Levi (6.16-25). Portanto, parece que Rúben e Simeão são mencionados apenas para indicar o lugar de Levi na família como o terceiro filho mais velho de Jacó.

Levi teve três filhos: Gérson, Coate e Merari. A genealogia menciona cada um desses homens juntamente com os nomes dos seus filhos (6.16-19). A linhagem de Coate, porém, recebe uma atenção especial. A genealogia não só menciona seus filhos – Anrão, Isar, Hebrom e Uziel – mas apresenta também uma lista dos filhos destes (6.20-22). Em outras palavras, entre todos os bisnetos de Levi, a genealogia se interessa apenas pelos netos de Coate. A razão é bastante óbvia: essa genealogia trata principalmente de Arão, que ocupa seu centro (6.20). A primeira metade da genealogia reconstrói os ancestrais de Arão, de Levi e Coate até Anrão. A segunda metade identifica os filhos de Arão – Nadabe e Abiú, Eleazar e Itamar – e termina com o nascimento do seu neto Fineias (6.23, 25).

Observe que ambas as mulheres identificadas pelos seus nomes – Joquebede e Eliseba – eram parentes próximas de Arão. Joquebede era a mãe de Arão; e Eliseba, a esposa de Arão. Observe também quão pouco é dito sobre Moisés. Sua esposa e seus filhos nem são mencionados – porque Moisés já foi apresentado. Já temos conhecimento do seu nascimento, sua criação, seu treinamento e seu chamado para o ministério. A única informação nova aqui é a identidade dos seus pais: “Anrão tomou por mulher a Joquebede, sua tia; e ela lhe deu a Arão e Moisés” (6.20).2 Mas até isso serve principalmente para identificar Arão como irmão de Moisés. Em suma, o que, a princípio, parece uma lista aleatória de nomes se revela como sendo uma apresentação cuidadosamente organizada da linhagem de Arão.

A importância de Arão é confirmada pela introdução e conclusão da genealogia. A introdução diz: “Não obstante, falou o Senhor a Moisés e a Arão e lhes deu mandamento para os filhos de Israel e para Faraó, rei do Egito, a fim de que tirassem os filhos de Israel da terra do Egito” (6.13). A conclusão é semelhante: “São estes Arão e Moisés, aos quais o Senhor disse: Tirai os filhos de Israel da

terra do Egito, segundo as suas hostes. São estes que falaram a Faraó, rei do Egito, a fim de tirarem do Egito os filhos de Israel; são estes Moisés e Arão" (6.26-27).

Essas transições feitas com tanta mestria tornam a genealogia parte da história de Israel, lembrando-nos de que o plano abrangente de Deus era resgatar os israelitas da sua escravidão a Faraó. Também deixam claro que a lista de nomes que aparece no meio é a árvore genealógica de Moisés e Arão. Assim, a genealogia estabelece sua linhagem como hebreus de sangue puro. Os mesmos Moisés e Arão que tiraram Israel do Egito eram filhos verdadeiros de Israel. Mas a genealogia se interessa em especial pela posição de Arão. Seu propósito é mostrar que também ele é um líder legítimo e, portanto, um parceiro digno para Moisés. Até esse ponto, o foco estivera voltado para Moisés, que, como todos sabiam, havia sido chamado para ser o profeta de Israel. Mas quando a história é retomada em Êxodo 7, estamos preparados para que seu irmão mais velho Arão assuma um papel cada vez mais importante.

A fidelidade dos levitas

Antes de vermos como Deus usou Arão para derrotar os deuses do Egito – faremos isso no próximo capítulo – vale a pena parar um momento para perguntar o que aconteceu com os outros membros da sua família. Acima já observamos que as genealogias bíblicas são sempre práticas. Uma das maneiras mais práticas de estudá-las é ver que tipo de exemplos essas pessoas estabeleceram. Quando folheamos as páginas do álbum de família de Arão, encontramos tanto santos quanto pecadores. E, como todo o restante da Bíblia, seus exemplos nos instruem, nos repreendem, nos corrigem e nos treinam na justiça.

Gérson, Coate e Merari (veja 6.16) nos ensinam o sentido do serviço fiel a Deus. Quando os israelitas saíram do Egito, Deus deu instruções detalhadas para a construção de uma grande tenda portátil de adoração. Ele deu à tribo de Levi a responsabilidade pelo tabernáculo, como essa tenda era chamada. Entre todas as tribos de Israel, os levitas foram separados para o serviço sagrado de Deus. Já que Gérson, Coate e Merari eram filhos de Levi, cada um deles tinha tarefas específicas no tabernáculo, tarefas estas que mais tarde foram compartilhadas por todos os seus descendentes.

As tarefas levíticas eram todas de natureza prática (veja 1Cr 9.14-32; 23.28-32). Os gersonitas eram responsáveis pelas cortinas. Como explica o livro de Números: “Os filhos de Gérson terão a seu cargo, na tenda da congregação, o tabernáculo, a tenda e sua coberta, o reposteiro para a porta da tenda da congregação, as cortinas do pátio, o reposteiro da porta do pátio, que rodeia o tabernáculo e o altar, as suas cordas e todo o serviço a eles devido” (Nm 3.25-26). Os coatitas eram os projetistas do interior. Deus lhes deu a responsabilidade pelos móveis e utensílios dentro do tabernáculo: “Terão eles a seu cargo a arca, a mesa, o candelabro, os altares, os utensílios do santuário com que ministram, o reposteiro e todo o serviço a eles devido” (Nm 3.31). Os filhos de Merari eram os engenheiros estruturais; eles faziam o trabalho pesado: “Os filhos de Merari, por designação, terão a seu cargo as tábuas do tabernáculo, as suas travessas, as suas colunas, as suas bases, todos os seus utensílios e todo o serviço a eles devido; também as colunas do pátio em redor, as suas bases, as suas estacas e as suas cordas” (Nm 3.36-37). Cada família tinha suas tarefas bem definidas.

Essas tarefas podem parecer mundanas, mas eram essenciais à adoração de Deus, e assim os levitas ocupavam uma posição de grande honra em Israel. Foi um dos coatitas quem escreveu: “Pois um dia nos teus átrios vale mais que mil; prefiro estar à porta da casa do meu Deus, a permanecer nas tendas da perversidade” (Sl 84.10).

A família de Arão prezava seu rico legado de glorificar a Deus por meio do serviço prático.

Hoje, os gersonitas, coatitas e meraritas serviriam como introdutores e sacristãos. Trabalhariam na equipe de apoio ou serviriam como membros do comitê de construção. No sábado, eles se apresentariam para o dia do trabalho na igreja, e no domingo distribuiriam os boletins e prepariam os elementos para a Ceia do Senhor. O chamado mais alto da igreja é adorar a Deus, e os servos fiéis que executam as tarefas práticas que capacitam a igreja a cumprir seu alto chamado dão grande glória a Deus.

Muitos anos depois, quando os israelitas desmontaram seu tabernáculo e começaram a adorar no templo, os gersonitas, coatitas e meraritas continuavam servindo ao Senhor. Nunca deixaram de servi-lo de maneiras práticas. Havia levitas no templo adorando a Deus e ajudando outros a adorar de dia e de noite (veja 1Cr 9.33). Os peregrinos que viajavam para Jerusalém para os grandes festivais, cantariam: “Bendizei ao Senhor, vós todos, servos do Senhor, que

assistis na Casa do Senhor, nas horas da noite; erguei as mãos para o santuário e bendizei ao Senhor” (Sl 134.1-2).

O exemplo dos levitas nos ensina a sermos fiéis no nosso serviço e constantes na nossa adoração de dia e de noite. Charles Spurgeon escreveu: “Quando a noite desce sobre uma igreja, o Senhor tem seus observadores e santos continuando a guardar a sua verdade, e estes não devem desanimar, mas devem bendizer ao Senhor mesmo quando a hora mais escura se aproxima”.3

O zelo de Fineias

Foi durante uma das horas mais escuras de Israel que Fineias assumiu sua posição. Fineias é a última pessoa mencionada na genealogia de Arão (6.25). Aparentemente, sua mãe Putiel era africana, pois o nome de Fineias significa “etíope” ou “homem negro”.

A história de Fineias e do seu zelo justo é narrada em Números 25, que conta a história de quando as mulheres moabitas estavam seduzindo os homens israelitas a cometerem imoralidade sexual e adultério espiritual. Os israelitas daqueles dias não só praticaram relações sexuais extraconjugais, mas também adoraram os deuses moabitas. Pela lei, o castigo pela idolatria era a morte, mas os juízes de Israel não conseguiram executar a justiça capital. Enquanto ainda decidiam o que fazer, um homem ímpio chamado Zimri descaradamente levou sua concubina midianita (Cosbi) para o tabernáculo com a intenção de fazer sexo com ela na casa de Deus. Foi nesse momento que Fineias demonstrou seu valor: “Vendo isso Fineias, filho de Eleazar, o filho de Arão, o sacerdote, levantou-se do meio da congregação, e, pegando uma lança, foi após o homem israelita até ao interior da tenda, e os atravessou, ao homem israelita e à mulher, a ambos pelo ventre” (Nm 25.7-8a).

Deus se agradou tanto com o que Fineias fez que retirou seu juízo contra Israel. Ele disse:

Fineias, filho de Eleazar, filho de Arão, o sacerdote, desviou a minha ira de sobre os filhos de Israel, pois estava animado com o meu zelo entre eles; de sorte que,

no meu zelo, não consumi os filhos de Israel. Portanto, dize: Eis que lhe dou a minha aliança de paz. E ele e a sua descendência depois dele terão a aliança do sacerdócio perpétuo; porquanto teve zelo pelo seu Deus e fez expiação pelos filhos de Israel. (Nm 25.11-13)

Ao levantar-se contra o mal, Fineias propiciou a ira de Deus. A Bíblia usa seu zelo como exemplo de fé justificadora, pois nos salmos lemos que “Então, se levantou Fineias e executou o juízo; e cessou a peste. Isso lhe foi imputado por justiça, de geração em geração, para sempre” (Sl 106.30-31).

Depois disso, Fineias tornou-se um grande líder em Israel. Ele serviu como comandante militar durante a batalha de Israel contra os midianitas (Nm 31.6). Ele permaneceu fiel durante toda a jornada de Israel pelo deserto, de modo que Deus lhe permitiu entrar na Terra Prometida (veja Jz 20.28). Mais tarde, quando uma guerra civil ameaçava irromper entre as tribos de Israel, Fineias ajudou a manter a paz (veja Js 22.32-33). Foram os seus descendentes que se tornaram os sumo sacerdotes de Israel, o que, provavelmente, explica por que a genealogia de Arão termina com ele.

Fineias foi um grande homem, e o que o tornou grande foi seu zelo em servir a Deus mesmo quando outros estavam se desviando. Algo de seu espírito se reflete em um painel numa antiga igreja em Yorkshire, que contém a seguinte inscrição: “No ano de 1652, quando em toda a Inglaterra todas as coisas sagradas estavam sendo ou profanadas ou negligenciadas, esta igreja foi construída por Sir Robert Shirley, cujo louvor especial é ter feito a melhor das coisas no pior dos tempos e tê-la esperado nos momentos mais calamitosos”.4 Essas palavras se aplicam igualmente a Fineias, que fez “a melhor das coisas no pior dos tempos”.

Essas palavras soam também como grito de guerra para todos que vivem para Cristo. Elas nos desafiam a ter a coragem de defender a honra de Deus quando o cristianismo bíblico é atacado, tanto dentro quanto fora da igreja. Nestes tempos calamitosos, em que a imoralidade sexual tem se tornado lugar comum e os cristãos estão divididos contra si mesmos, Cristo nos conclama a sermos iguais a Fineias: zelosos pela glória de Deus e, ao mesmo tempo, fazendo as pazes dentro da igreja.

A rebelião de Corá

Arão tinha alguns parentes dos quais podia se orgulhar. No entanto, as genealogias bíblicas não são censuradas, e apesar de a maioria dos membros de sua família ter sido fiel a Deus, nem todos o foram. Havia alguns esqueletos escondidos no armário da família, como há na maioria das famílias.

Veja o conto trágico de Corá, primo de Arão. Em Números, lemos que "Corá, filho de Isar, filho de Coate, filho de Levi [...] levantou-se perante Moisés" (Nm 16.1a,2a). Corá instigou outros a se juntarem a ele para desafiar a autoridade espiritual do seu primo: "[Eles] se ajuntaram contra Moisés e contra Arão e lhes disseram: Basta! Pois que toda a congregação é santa, cada um deles é santo, e o Senhor está no meio deles; por que, pois, vos exaltais sobre a congregação do Senhor?" (Nm 16.3).

Corá não estava satisfeito com o lugar que Deus lhe dera no ministério. Ele era ambicioso. Queria mais reconhecimento, e acreditava que Moisés estava no seu caminho. Mas ao se rebelar contra Moisés, na verdade Corá estava se rebelando contra Deus, que havia dado a Moisés a sua autoridade. Foi por isso que Corá e seus seguidores foram destruídos. Moisés pronunciou o juízo de Deus contra eles, e assim que ele terminou de falar, "a terra debaixo deles se fendeu, abriu a sua boca e os tragou com as suas casas, como também todos os homens que pertenciam a Corá e todos os seus bens. Eles e todos os que lhes pertenciam desceram vivos ao abismo; a terra os cobriu, e pereceram do meio da congregação" (Nm 16.31-33). Assim Deus demonstrou seu desdém pela rebelião de Corá.

Essa tragédia está registrada nas Escrituras para repreender-nos e corrigir-nos. Na sua primeira Carta aos Coríntios, Paulo narra as calamidades que os israelitas trouxeram sobre si mesmos por causa do seu pecado. Ele faz isso para advertir os cristãos a não virem sob o juízo por cometer os mesmos pecados, Paulo escreve: "Ora, estas coisas se tornaram exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram [...] Nem murmureis, como alguns deles murmuraram e foram destruídos pelo exterminador" (1Co 10.6,10).

É muito perigoso ambicionar uma posição mais alta na igreja do que Deus nos deu. Francis Schaeffer escreve:

Jesus ordena que os cristãos busquem conscientemente o espaço mais baixo. Todos nós – incluindo pastores, professores, obreiros religiosos profissionais e não profissionais – somos tentados a dizer: “Vou ocupar o lugar maior porque isso me dará mais influência para Jesus Cristo”. Tanto cristãos individuais quanto organizações cristãs caem vítima da tentação de racionalizar dessa maneira na medida em que construímos impérios cada vez maiores. Porém, segundo as Escrituras, o correto é o inverso: Devemos ocupar conscientemente o lugar mais baixo, a não ser que o próprio Senhor nos leve, por extrusão, para um espaço maior.

A palavra extrusão é importante aqui. Ser extrudado significa ser obrigado sob pressão a se adaptar a um molde desejado. Imagine uma prensa enorme empurrando metal macio sob pressão alta por molde, de modo que o metal saia com uma forma determinada. Essa é a maneira do cristão: ele deve escolher o lugar mais baixo até que Deus o leve, por extrusão, para uma posição de mais responsabilidade e a uma autoridade maior.5

Por mais perigoso que seja buscar uma posição mais elevada, é ainda mais perigoso ter inveja dos líderes espirituais aos quais Deus deu autoridade sobre nós. Muitas vezes, os cristãos são tentados a pensar que eles merecem mais reconhecimento. Quando não recebem o que acreditam merecer, ficam ressentidos daqueles que possuem autoridade espiritual e começam a pensar que eles sabem tudo melhor do que seus pastores e presbíteros. Às vezes, eles realmente sabem, pois cada líder espiritual é um pecador caído e falível. Mesmo assim, Deus deu aos pastores, presbíteros e diáconos sua autoridade espiritual na igreja. Por isso, tenha cuidado. Contente-se com o lugar de serviço que Deus lhe deu até o momento em que Deus o chamar – por meio da igreja – para uma posição mais alta.

A tolice de Nadabe e Abiú

Encontramos mais de uma história de admoestação na genealogia de Arão. Dois outros rebeldes na família foram os filhos mais velhos de Arão, Nadabe e Abiú (6.23). Como seu pai, esses homens infames serviam no tabernáculo. Certo dia, decidiram realizar um experimento em adoração criativa. O princípio bíblico

para a adoração – às vezes, chamado de “princípio regulador” – é que apenas Deus tem o direito de decidir como deseja ser adorado. Não temos a liberdade de inventar as nossas próprias formas de adoração. Devemos adorar apenas da maneira como ele ordenou. A fim de testar esse princípio, “Nadabe e Abiú, filhos de Arão, tomaram cada um o seu incensário, e puseram neles fogo, e sobre este, incenso, e trouxeram fogo estranho perante a face do Senhor, o que lhes não ordenara” (Lv 10.1). Seu experimento não foi um sucesso. “Então, saiu fogo de diante do Senhor e os consumiu; e morreram perante o Senhor” (Lv 10.2). Seus primos Misael e Elsafã tiveram de arrastá-los para fora do tabernáculo e carregá-los para fora do acampamento.

As mortes de Nadabe e Abiú corrigem qualquer tentação de oferecer adoração não bíblica. Os cristãos precisam ter o cuidado de oferecer apenas orações e louvores que Deus ordenou na sua sagrada Palavra. Certamente, foi essa a conclusão à qual chegou Moisés quando viu o que aconteceu com seus sobrinhos. Ele disse a Arão: “Isto é o que o Senhor disse: Mostrarei a minha santidade naqueles que se cheguem a mim e serei glorificado diante de todo o povo” (Lv 10.3).

Adorar a Deus é um assunto sério. O Deus santo exige ser adorado de modo santo, e nós precisamos nos aproximar dele com reverência e temor.

As mortes de Nadabe e Abiú também repreendem aqueles que apostam que seu ministério os salvará. Nadabe e Abiú exerciam um ofício sagrado. Além de servirem no tabernáculo com os outros levitas, eles tinham o privilégio especial de acompanhar os 70 anciãos quando eles subiram no monte Sinai e viram o Deus vivo (24.1-9). No entanto, a despeito do seu chamado santo, eles não eram homens santos, e assim tiveram um fim nada santo. A triste verdade é que alguns dos homens e mulheres que são ordenados para o ministério do evangelho nunca chegam a usar a coroa da glória. Jesus disse: “Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade” (Mt 7.22-23). A única credencial para obter entrada no céu é a fé em Jesus Cristo.

Por fim, essa tragédia é uma advertência a não apostarmos em laços familiares para a nossa salvação. Nadabe e Abiú vinham da tribo mais santa de Israel, mesmo assim pereceram nas chamas do juízo de Deus. Não podemos viajar para

o céu com o passaporte dos nossos pais. Se quisermos escapar das chamas do inferno, precisamos nos arrepender dos nossos pecados e pedir que Jesus Cristo seja nosso Salvador.

Nosso grande Sumo Sacerdote

A genealogia em Êxodo 6 está repleta de instruções práticas para a obra e adoração cristã. As vidas dos homens e mulheres na família de Arão nos ensinam a permanecer fiéis em nossa adoração de dia e de noite e a defender o que é certo mesmo quando tudo parece estar dando errado. Ao mesmo tempo, as mortes trágicas na família nos advertem a não buscar nosso caminho próprio na obra ou adoração da igreja.

Imagine se seu próprio nome aparecesse nas genealogias bíblicas. O que elas diriam sobre você? Elas seriam capazes de dizer que você foi fiel em seu ministério, por maior ou menor que ele tenha sido? Elas seriam capazes de dizer que, mesmo quando todos os outros estavam envolvidos em imoralidade sexual e adultério espiritual, você foi zeloso para a glória de Deus? Ou será que elas diriam que você ofereceu adoração estranha e se rebelou contra a autoridade espiritual da igreja?

É interessante refletir sobre essas perguntas, mas a pergunta que realmente importa é esta: o que Deus diz sobre você? Seu nome está escrito no seu registro familiar, no Livro da Vida? Você pertence a ele pela fé em Jesus Cristo? Isso porque não importa quanto sejamos fiéis, nós só podemos ser salvos pela graça que Deus demonstrou por meio da morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Encontramos um traço dessa graça salvadora na genealogia de Arão. Arão casou-se com Eliseba, que era filha de Aminadabe e irmã de Naassom (6.23). Esses nomes são importantes porque tanto Aminadabe quanto Naassom foram ancestrais do rei Davi, e assim ambas são incluídas na genealogia de Jesus Cristo, o grande Sumo Sacerdote (Mt 1.4). Até mesmo nos dias de Moisés e Arão Deus estava realizando seu plano de enviar um Salvador para libertar seu povo dos seus pecados.

Notas

1 Veja John D. Currid, A Study Commentary on Exodus, vol. 1 (Auburn: Evangelical USA, 2000), p. 147.

2 Em outras palavras, Anrão se casou com sua tia, uma prática que, mais tarde, foi proibida na lei mosaica (veja Lv 18.12).

3 Charles H. Spurgeon, The Treasury of David, vol. 2 (Grand Rapids: Zondervan, 1968), p. 177.

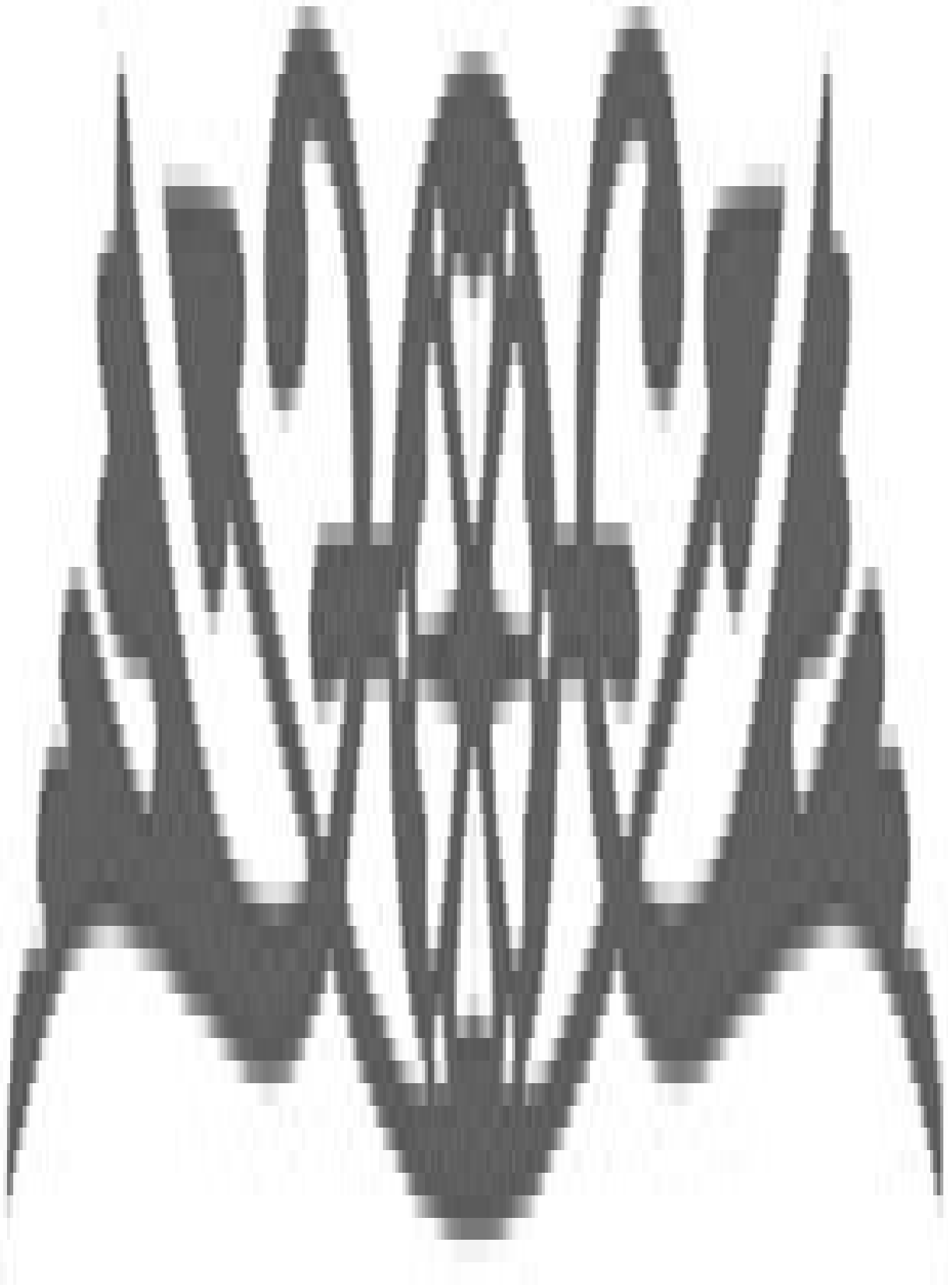
4 Citado por Edward Callan em sua introdução a Alan Paton, Cry, the Beloved Country (Nova York: Macmillan, 1987), p. xxvii.

5 Francis A. Schaeffer, No Little People, in The Complete Works of Francis A. Schaeffer: A Christian Worldview, 2 ed., vol. 3 (Wheaton, Il.: Crossway, 1982), p. 12.

16

O profeta do profeta

Êxodo 6.28–7.7



Para lembrar: Deus havia instruído Moisés a ir e dizer a Faraó: “Deixa ir o meu povo!”. Porém, Moisés não quis ir porque não acreditava que Faraó o ouviria. O Senhor Deus havia ordenado a Moisés e ao seu irmão Arão que tirassem os israelitas do Egito, mas para estabelecer as credenciais de Arão, a Bíblia precisou de um tempo para apresentar a história completa da sua família, de Levi a Fineias (6.14-25). Uma vez que essa genealogia representou uma digressão, a história é retomada agora com uma breve recapitulação: “No dia em que o Senhor falou a Moisés na terra do Egito” (6.28), etc.

Os lábios vacilantes de Moisés

Essa porção de Êxodo pode ser explicada com a ajuda de três partes do corpo, a começar por Moisés e seus lábios vacilantes: “No dia em que o Senhor falou a Moisés na terra do Egito, disse o Senhor a Moisés: Eu sou o Senhor; dize a Faraó, rei do Egito, tudo o que eu te digo. Respondeu Moisés na presença do Senhor: Eu não sei falar bem; como, pois, me ouvirá Faraó?” (6.28-30).

Para um homem que se queixava de não saber falar, Moisés certamente tinha muito a dizer. Nós já o ouvimos apresentar essa objeção antes. Ele a apresentou lá atrás junto à sarça ardente, quando Deus o chamou pela primeira vez para ser um profeta: “Então, disse Moisés ao Senhor: Ah! Senhor! Eu nunca fui eloquente [...] pois sou pesado de boca e pesado de língua” (4.10). Ele disse praticamente a mesma coisa no início do capítulo 6: “Eis que os filhos de Israel não me têm ouvido; como, pois, me ouvirá Faraó? E não sei falar bem” (6.12). E então ele diz isso novamente, tentando convencer a Deus de que ele é o homem errado para a tarefa. Faraó jamais o ouviria porque ele não era um orador talentoso.

Talvez isso seja um resumo do que Moisés havia dito, não uma conversa separada. No entanto, parece mais provável que Moisés estava recorrendo mais uma vez às mesmas velhas desculpas. É fácil perder a paciência com Moisés por causa disso, mas o que ele fez não é incomum. Muitas vezes, as pessoas inventam desculpas para não fazer o que Deus quer que elas façam. Como Moisés, tendemos a usar incansavelmente as mesmas objeções. Alguns cristãos precisam de anos para superar suas velhas desculpas para não dar, não ir, não

testemunhar ou não servir. Precisamos descobrir o que Moisés descobriu: o chamado de Deus sempre vem acompanhado do dom de Deus.

Deus não deveria ter de ouvir mais um discurso de Moisés sobre seus lábios vacilantes. Afinal de contas, foi Deus quem fez aqueles lábios, e ele já havia prometido ao seu profeta que o ensinaria tudo o que iria dizer e como o faria (4.11-12). Além disso, Deus havia garantido a Moisés que ele receberia ajuda do seu irmão Arão, que era um orador nota 10 e possuía os dons retóricos para compensar a deficiência de fala de seu irmão (veja 4.14-16).

Além do mais, Deus não estava perguntando a Moisés se ele queria se voluntariar – ele estava ordenando que ele fosse. Deus disse: "Eu sou o Senhor; dize a Faraó, rei do Egito, tudo o que eu te digo" (6.29). Como todas as ordens de Deus, esse imperativo se apoiava no senhorio absoluto da sua soberania. Deus tinha o direito de ordenar a Moisés o que este deveria fazer porque ele é o Senhor do céu e da terra. Suas ordens não são convites para um diálogo, mas comandos a serem obedecidos. Uma vez que Deus lhe disse o que ele deveria fazer, Moisés precisava simplesmente fazer o que lhe foi dito, sem discutir sobre a sua viabilidade.

"Deus" sobre Faraó

A essa altura, Deus tinha todo o direito de dizer: "Ouça, Moisés, eu não lhe devo nenhuma explicação. Eu já lhe disse o que deve fazer – agora vá e faça!". Contudo, não foi isso o que Deus disse. Ele é um Deus amoroso e gracioso, que, com paciência, ensina seus servos a como servir. Nesse caso, ele não só ouviu Moisés, mas também respondeu à sua pergunta. Por que Faraó daria ouvidos a um homem com lábios vacilantes? "Então, disse o Senhor a Moisés: Vê que te constituí como Deus sobre Faraó, e Arão, teu irmão, será teu profeta. Tu falarás tudo o que eu te ordenar; e Arão, teu irmão, falará a Faraó, para que deixe ir da sua terra os filhos de Israel" (7.1-2).

Deus começou dando autoridade divina ao seu profeta. Moisés seria como Deus sobre Faraó. Na verdade, a Bíblia é ainda mais enfática. O que o hebraico diz literalmente não é: "Eu te constituí como Deus sobre Faraó", mas: "Eu te constituí Deus sobre Faraó". Moisés era o representante de Deus, seu profeta escolhido. Assim, quando estava perante o trono de Faraó, ele falava com

autoridade divina real. O próprio Deus estava falando e agindo por meio de Moisés.

Neste ponto é importante lembrar que Faraó considerava-se um ser divino. Um dos princípios religiosos básicos no Egito antigo era que os Faraós eram encarnações dos deuses. Assim, ao tornar Moisés Deus sobre Faraó, Deus estava colocando Faraó no seu devido lugar (ainda mais porque Moisés havia sido criado no lar de Faraó). No seu comentário sobre esses versículos, Peter Enns explica:

Na ideologia egípcia real, Faraó era considerado um ser divino. Assim, ao chamar Moisés de Deus, Yahweh estava usando as regras do jogo do próprio Faraó contra ele. Não é o rei do Egito que é deus; é esse pastor e líder de escravos que é Deus. E esse Moisés-Deus derrota Faraó de tal maneira a não deixar qualquer dúvida em relação à natureza e fonte verdadeira de seu poder: ele controla os elementos, os insetos, o gado, o fogo do céu e a água do mar; ele tem até mesmo autoridade sobre a vida e a morte. Moisés não é simplesmente como Deus sobre Faraó. Ele é Deus sobre Faraó no sentido de que Deus está agindo por meio de Moisés.1

Evidentemente, isso não significa que Moisés era divino. Existe apenas um Deus, e Moisés era simplesmente seu profeta, um homem de carne e sangue. No entanto, Moisés representava Deus. Aqui nós nos deparamos com um grande mistério: Deus escolheu instrumentos humanos para executar sua obra divina. Esse era o plano de Deus para a raça humana desde o início, quando Adão e Eva foram comissionados a governar o mundo que Deus havia feito. Desde a criação dos nossos primeiros pais à imagem de Deus, sua divindade se expressou na humanidade deles, e assim eles foram capazes de representar Deus no mundo. Moisés teve a mesma responsabilidade: ele não era Deus, mas era “Deus” sobre Faraó.

Essa foi uma das muitas maneiras em que Moisés preparou o caminho para a vinda de Jesus Cristo, que é verdadeiramente divino. O plano de Deus de usar um instrumento humano para realizar sua obra divina é aperfeiçoado em Jesus Cristo, que é tanto Deus quanto homem. Jesus é “a imagem do Deus invisível”

(Cl 1.15), “a expressão exata do seu Ser” (Hb 1.3). Deus realizou sua grande obra da redenção por meio do homem Jesus Cristo, que morreu na cruz e ressuscitou de entre os mortos num corpo real. Porém, por causa da sua natureza divina, Jesus fez essas coisas não simplesmente como homem, mas também como o nosso Deus. Ao ser Deus sobre Faraó, Moisés nos aponta para Jesus Cristo, que é Deus sobre nós porque ele é, de fato, Deus.

Uma das maneiras como o Faraó reconheceria a autoridade divina de Moisés era que ele tinha seu próprio profeta: “Então, disse o Senhor a Moisés: Vê que te constituí como Deus sobre Faraó, e Arão, teu irmão, será teu profeta” (7.1). Quando Moisés dissesse a Faraó que ele precisava deixar seu povo ir, Arão falaria. Ele era o profeta do profeta. Um profeta é uma pessoa que fala em nome de outro, e Arão falava por Moisés, assim como Moisés falava em nome de Deus. Antes, Deus já havia feito Arão profeta aos israelitas. Ele disse a Moisés: “Tu, pois, lhe falarás e lhe porás na boca as palavras; eu serei com a tua boca e com a dele e vos ensinarei o que deveis fazer. Ele falará por ti ao povo; ele te será por boca, e tu lhe serás por Deus” (4.15-16). Agora, além de falar aos israelitas, Arão falaria também a Faraó, que imediatamente entenderia o que isso significava. O costume do próprio Faraó era ter um porta-voz que emitia suas ordens. Isso preservava um senso de distância entre ele e seu povo e assim lembrava seus súditos da sua posição supostamente divina. Assim, quando Moisés falou a ele por meio de Arão, ele deve ter reconhecido que Moisés estava reivindicando uma autoridade divina.

Já mencionamos como é misterioso o fato de que Deus é capaz de realizar sua obra divina por meio de meros seres humanos. E aqui está mais um aspecto desse mistério: Deus comunica sua mensagem divina por meio de mensageiros humanos. Arão era o porta-voz de Moisés, que era o porta-voz de Deus. Quando Deus queria dizer algo a Faraó, ele não gritava das alturas do céu, mas falava por meio de um dos seus servos na terra. É assim que Deus normalmente se comunica. No Antigo Testamento, ele falava por meio dos seus servos, os profetas. Então, quando havia chegado a hora, ele enviou o maior profeta de todos, Jesus Cristo, que, como Moisés, “era varão profeta, poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo” (Lc 24.19). Quando Jesus subiu ao céu, ele passou esse ministério profético para os seus apóstolos, que foram comissionados a proclamar seu evangelho às nações (Mt 28.18-20). Os apóstolos disseram: “De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio” (2Co 5.20a).

Hoje, a mensagem de Deus é comunicada por meio da igreja. As palavras dos profetas, dos apóstolos e do próprio Cristo estão registradas nas páginas das Escrituras, mas a responsabilidade de anunciá-las ao mundo é nossa. É isso que um pregador faz. Quando ele ensina a Bíblia com fidelidade, sua voz é a voz de Deus. Porém, Moisés ansiava pelo dia em que todo o povo de Deus seria profeta (Nm 11.29), e seu anseio foi satisfeito na igreja de Jesus Cristo. Quando Deus derramou seu Espírito sobre a igreja primitiva, isso cumpriu a sua promessa de que "até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão" (At 2.18; cf. Jl 2.28-29). Os teólogos chamam isso "a condição de profeta de todos os fiéis". Isso não quer dizer que todo cristão é chamado para ser pregador. Significa menos ainda que mulheres devem ser ordenadas como pastoras. O que isso significa é que cada cristão é um dos mensageiros de Deus. Cada homem, mulher e criança cristão é chamado para compartilhar o evangelho e falar a verdade das Escrituras. Marcus Brownson, que serviu como pastor da Tenth Presbyterian Church em Filadélfia de 1897 a 1924, escreveu:

Nosso Senhor não tem olhos, pés, mãos para usar senão aqueles do seu povo na sua igreja, que é o seu corpo. Cada membro tem uma função e uma obrigação [...] Como foi na igreja dos primeiros dias do cristianismo, quando homens, mulheres e até mesmo crianças foram para todos os lugares falando do Salvador e do amor redentor, assim deve ser também hoje. O evangelismo é o ofício de todos os cristãos. Cada pessoa que crê em Cristo ocupa um ofício na igreja, o ofício de testemunhar para Cristo, e é o ofício mais alto, mais honrável e mais útil do mundo, o "ofício de todos os cristãos".2

Essa é uma responsabilidade importante. Como cristãos, levamos Cristo para o mundo. Podemos ser os únicos cristãos verdadeiros que nossos amigos e familiares conhecem. Todo o entendimento do cristianismo que eles têm depende do nosso testemunho. Portanto, somos Cristo para eles do mesmo modo que Moisés foi Deus sobre Faraó.

Nesse ministério profético, somos conclamados a ser fiéis, assim como Moisés e Arão o foram. Essa seção de Êxodo termina com a declaração de que "assim fez Moisés e Arão; como o Senhor lhes ordenara, assim [o hebraico é enfático]

fizeram. “Era Moisés de oitenta anos, e Arão, de oitenta e três, quando falaram a Faraó” (7.6-7). Até então, Moisés tivera dúvidas sobre o plano salvador de Deus e sobre sua parte nesse plano. Mas a partir desse momento até o momento em que o último israelita pisou na praia oposta do mar Vermelho, Moisés foi fiel ao seu chamado. Ele foi e disse a Faraó tudo o que Deus quis que ele dissesse, sem se importar com as consequências, e é exatamente isso que Deus chama cada cristão a fazer ao testemunhar para Jesus Cristo.

Esse exemplo é um encorajamento especial para cristãos mais velhos, pois Moisés já era um cidadão idoso. Às vezes, a Bíblia registra a idade de um homem quando ele está prestes a realizar algo grande para Deus. Aqui, somos informados de que Moisés tinha 80 anos de idade – bem além da idade em que a maioria dos norte-americanos se aposenta. Na verdade, o próprio Moisés acreditava que 80 anos eram o máximo que um homem poderia esperar viver (veja Sl 90.10). Quanto mais nos aproximamos dos 80 anos, mais somos tentados a pensar que já vivemos os nossos melhores anos, que já realizamos a obra da nossa vida. No entanto, quando Moisés completou 80 anos de idade, sua obra estava apenas começando. Ele tinha outros 40 anos de serviço esperando por ele, anos em que ele provou ser fiel até o fim. Dwight L. Moody observou que “Moisés passou quarenta anos na corte de Faraó acreditando que ele era alguém, quarenta anos no deserto aprendendo que não era ninguém, e quarenta anos mostrando o que Deus pode fazer com alguém que descobriu que era um ninguém”.3

Não importa quanto sejamos jovens ou idosos, devemos perguntar a Deus como ele quer que o sirvamos. À medida que envelhecemos, Deus abre novas oportunidades para glorificá-lo por meio da oração, compartilhando Cristo com membros da família ou oferecendo sabedoria espiritual a cristãos mais jovens. Se temermos que nada mais nos resta a oferecer, precisamos apenas pedir que Deus nos mostre o que ele pode fazer com alguém que é um ninguém.

O coração endurecido de Faraó

Até este ponto, temos repetido que não havia necessidade de Moisés se preocupar com seus lábios vacilantes. Ele era Deus sobre Faraó, portanto não importava quanto ele gaguejasse e balbuciasse, ele falava com a autoridade do próprio Deus por meio do seu profeta Arão. Entretanto, Faraó não o ouviria nem

mesmo assim. Isso nos leva à segunda parte do corpo nesses versículos: o coração endurecido de Faraó. O Senhor disse a Moisés: “Eu, porém, endurecerei o coração de Faraó e multiplicarei na terra do Egito os meus sinais e as minhas maravilhas. Faraó não vos ouvirá” (7.3-4a).

Não importava o que Moisés dissesse e não importava quantos milagres ele realizasse, Faraó não o ouviria. O rei era a imagem perfeita de um incrédulo – de um homem determinado a não ceder a Deus. Isso era exatamente o que Moisés temia – que Faraó não ouvisse. E Moisés tinha boas razões para isso. Da última vez que ele foi ao palácio a mando de Deus, Faraó havia dito que ele nem mesmo sabia quem Deus era (5.2), e então dobrou a carga de trabalho dos israelitas. Não é nenhuma surpresa que Moisés não quisesse voltar a falar com Faraó.

O que o profeta não conseguia entender era que a resistência teimosa de Faraó fazia parte do plano soberano de Deus. Moisés disse: “Isso jamais funcionará, Senhor. Faraó jamais ouvirá”. Deus respondeu: “Correto! É exatamente isso que eu tenho em mente. Eu endurecerei seu coração de modo que ele não o ouvirá”. Deus usou a rebelião de Faraó para demonstrar que apenas ele tem o poder de resgatar seu povo.

A razão pela qual Moisés teve expectativas erradas era porque ele estava equivocado em relação ao seu chamado como profeta. Moisés era pragmático. Sua abordagem ao ministério profético era baseada em desempenho. Ele supôs que cabia ao profeta obter resultados. Se as pessoas o ouvissem, ele estaria fazendo seu trabalho; caso contrário, ele deveria procurar outro ramo para trabalhar. Isso explica por que Moisés estava sempre se preocupando com a pergunta sobre se as pessoas o ouviriam. “Mas eis que não crerão, nem acudirão à minha voz”, ele dizia (4.1). Ou: “Como, pois, me ouvirá Faraó?” (6.12,30).

O problema com esse tipo de abordagem ao ministério é que os resultados espirituais estão sempre além do controle humano. Não importa quão eloquente ele é ou quão convincente, não há nada que um profeta possa fazer para levar as pessoas a crerem na Palavra de Deus. É necessário fé para que alguém creia, e fé é um dom da graça de Deus. Portanto, a única coisa que importa a Deus é se o profeta é fiel ou não. O profeta não é responsável pela maneira como as pessoas reagem à sua mensagem, mas apenas por comunicar a mensagem corretamente. É por isso que ele não tem a liberdade de acrescentar qualquer coisa à mensagem de Deus ou de subtrair qualquer coisa dela. Como Deus disse a Moisés: “Tu

falarás tudo o que eu te ordenar” (7.2). E enquanto o profeta comunicar a mensagem de Deus corretamente, ele está sendo fiel ao seu chamado, qualquer que seja o resultado.

Isso tem implicações óbvias para a pregação. O único pregador bom é um pregador fiel. Quando Martinho Lutero estudou Êxodo, ele se perguntou por que Deus ordenou que Moisés fizesse algo que estava fadado a não dar certo. Ele escreveu:

A pergunta é por que Deus exige que Moisés pregue apesar de ele mesmo dizer: Faraó não o ouvirá. Não é tolo alguém dizer ao outro: amigo, pregue a Faraó, mas preciso lhe avisar que ele não o ouvirá, pois eu pretendo endurecê-lo? Eu recusaria esse tipo de missão de qualquer um e diria: vá pregar você. Mas a resposta é: somos ordenados a pregar, mas não somos ordenados a justificar as pessoas e a torná-las piedosas. Esse pensamento deveria consolar todos os pregadores e cristãos, e todos deveriam seguir seu chamado e executar fielmente as suas obrigações. Apenas a Palavra de Deus foi confiada a Moisés, não a responsabilidade de amolecer ou endurecer Faraó por meio da pregação. A Palavra lhe é confiada; esta é a vontade de Deus, e ele deve proclamar essa Palavra mesmo que ninguém queira ouvi-lo. Isso é feito para o seu consolo, para que ele não se assuste caso ninguém queira segui-lo e obedecer a ele. Se eu pudesse ser comovido pelo fato de que minha palavra e o meu sermão são desdenhados, suponho que deixaria de pregar. Mas (diz Deus) continue, Moisés, pregue!4

Esse princípio nos liberta de um padrão mundano de sucesso que sempre mede o ministério em termos que as pessoas consigam quantificar: Quanto? Quantos? Quão grande? A coisa mais importante que Deus exige de um ministro é a fidelidade ao evangelho. Deus não classifica os pregadores pelo número de convertidos ou pelo tamanho de suas igrejas. Ele os julga de acordo com a acurácia de sua exposição bíblica.

No livro Liberating ministry from the success syndrome, Kent Hughes lembra uma escura noite da alma em que ele quase abandonou o ministério pastoral. Com toda a expectativa de sucesso, tendo seguido o conselho de todos os

especialistas e acompanhado por um núcleo forte de cristãos dedicados, ele havia fundado uma nova igreja. Porém, a igreja não prosperava. Quando seus números começaram a cair, Hughes ficou deprimido. Ele escreve: “O foco do meu ressentimento era Deus, aquele que me havia chamado para fazer isso. Eu havia dado tudo – todo meu tempo, toda minha educação, anos de ministério e verdadeira dedicação cristã (ele sabia!) – mas não conseguia obter sucesso”.

A esposa desse pastor tentou incentivá-lo um pouco, observando que Noé pregara durante 120 anos sem um único convertido. “Sim”, respondeu Hughes, “mas não havia outro Noé do outro lado da cidade com pessoas lotando sua arca!”. Ele então expressou seus verdadeiros sentimentos de desânimo e desespero, dizendo:

A maioria das pessoas que conheço no ministério é infeliz. São mal-sucedidas aos próprios olhos. E também aos meus. Por que eu deveria esperar que Deus me abençoe se aparentemente ele não as abençoou? [...] Analisando friamente as estatísticas, as probabilidades de eu ser mal-sucedido são enormes. A maioria dos pastores faz pouco mais do que sobreviver no ministério em pequenas igrejas irrelevantes [...] O ministério está exigindo de mais de mim. Como posso continuar dando tudo que tenho sem ver resultados, especialmente quando outros estão tendo sucesso? [...] Aqueles que realmente têm sucesso no ministério são pessoas com dons excepcionais. Se eu tivesse uma personalidade maravilhosa ou um carisma natural, se eu tivesse uma posição de celebridade, uma profunda voz retumbante, habilidade executiva impiedosa, uma personalidade dominante que não se importa em sacrificar outros pelo sucesso, eu conseguiria chegar ao topo. Onde está Deus em tudo isso? Basta olhar para os grandes pregadores de hoje. O sucesso deles parece ter pouco a ver com o Espírito de Deus; são simplesmente pessoas superiores! Deus me chamou para fazer algo para o qual ele não me deu os dons necessários. Portanto, Deus não é bom.5

Foi exatamente isso o que Moisés pensou, que Deus o havia chamado para fazer algo que ele não estava qualificado para fazer. Finalmente, Hughes veio a entender que seu problema verdadeiro era a sua definição de sucesso. Quando ele e sua esposa estudaram as Escrituras, descobriram que os servos de Deus não são chamados para serem bem-sucedidos, mas sim para serem fiéis. Nas palavras

do apóstolo Paulo: “Assim, pois, importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus. Ora, além disso, o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel” (1Co 4.1-2).

O que Deus disse a Moisés nos dá também uma perspectiva totalmente nova quanto ao evangelismo. Normalmente, os cristãos supõem que a mensagem da salvação é pregada para fazer com que o coração das pessoas se volte para Deus. E isso é correto. Um dos propósitos primários do evangelismo é a conversão de não cristãos para a fé em Jesus Cristo. Mas esse não é o único propósito do evangelismo. Um dos mistérios da soberania de Deus é que o evangelho é pregado também para confirmar os pecadores em sua incredulidade. Por exemplo: quando o profeta Isaías foi comissionado a anunciar o Messias vindouro, Deus lhe disse: “Torna insensível o coração deste povo, endurece-lhe os ouvidos e fecha-lhe os olhos, para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos e a entender com o coração, e se converta, e seja salvo” (Is 6.10).

Jesus Cristo repetiu essas palavras quando seus discípulos lhe perguntaram por que algumas pessoas tinham tanta dificuldade de entender a sua pregação (Mt 13.10-17). Eles acreditavam que Jesus estava tentando converter a todos. Se esse tivesse sido o seu propósito, então teríamos de concluir que seu ministério de pregação foi um fracasso, pois quando Jesus morreu ele tinha apenas um punhado de seguidores. A maioria das pessoas que o ouviu pregar o rejeitou.

No entanto, a verdade é que a Palavra de Deus tem um efeito duplo. Alguns corações são amolecidos por ela, enquanto outros são endurecidos. Algumas pessoas acreditam na boa-nova e são salvas; outras a rejeitam e são perdidas para sempre. Em termos humanos, a diferença é uma questão de escolha pessoal, razão pela qual o livro de Êxodo afirma várias vezes que Faraó endureceu seu próprio coração. Mas por trás dessa escolha está a vontade soberana de Deus, que amolece ou endurece os corações humanos como bem lhe agrada. Antes de Faraó endurecer seu coração, Deus prometeu que ele o endureceria (4.21). Faraó é apenas um exemplo do princípio universal segundo o qual “[Deus] tem misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz” (Rm 9.18). Deus faz isso para a sua glória maior, pois como ele disse mais tarde a Faraó: “Para isto mesmo te levantei, para mostrar em ti o meu poder e para que o meu nome seja anunciado por toda a terra” (Rm 9.17). Um dos grandes mistérios da soberania de Deus é que o destino de cada ser humano depende do conselho

eterno da sua vontade.

Nem todos creem na soberania de Deus. Faraó certamente não cria nela. Ele havia investido demais na sua própria soberania. No seu comentário sobre essa passagem, John Currid explica: “Antigos textos egípcios ensinam que o coração é a essência da pessoa, o centro espiritual interior do eu. O coração de Faraó era especialmente importante porque os egípcios acreditavam que ele era o fator que controlava tudo na História e na sociedade. Acreditavam também que o coração dos deuses Rá e Horus era soberano sobre tudo. Já que Faraó era a encarnação desses dois deuses, seu coração era visto como soberano sobre a criação”.6 Portanto, ao endurecer o coração de Faraó, Deus estava esclarecendo um ponto teológico. Ele estava provando que apenas ele é soberano sobre todas as coisas. Nada está fora do propósito da sua vontade, nem mesmo o coração de um rei.

A poderosa mão de Deus

No tempo devido, Deus transformou Faraó numa pessoa de fé – não no sentido de que o rei teria se arrependido de sua opressão e aceitado Deus com confiança amorosa, mas no sentido de se ver obrigado a se submeter à força superior de Deus. Isso nos leva à poderosa mão de Deus (nossa terceira parte do corpo), que evidentemente é apenas um modo de falar, já que Deus não possui um corpo. O Senhor disse: “Eu porei a mão sobre o Egito e farei sair as minhas hostes, o meu povo, os filhos de Israel, da terra do Egito, com grandes manifestações de julgamento. Saberão os egípcios que eu sou o Senhor, quando estender eu a mão sobre o Egito e tirar do meio deles os filhos de Israel” (7.4b-5).

Deus pretendia lidar com o Egito de modo completamente diferente do que havia lidado com Israel. Os israelitas eram o povo de Deus. Ele havia feito uma aliança para amá-los; por isso, ele os resgataria do Egito. Eles sairiam em “hostes”. Esse termo militar significa que, em vez de fugirem apressadamente, os israelitas sairiam marchando do Egito como um exército preparado para a batalha. Porém, a poderosa mão de salvação de Deus era também uma poderosa mão de juízo, e ao mesmo tempo em que ele salvaria os israelitas, puniria também os egípcios. A palavra traduzida aqui como “julgamento” é, na verdade, a palavra hebraica para “vingança” (sh^Ph^T), que sugere que a razão pela qual Deus teve de punir o Egito era para proteger a sua honra. Faraó estava mantendo o povo de Deus em escravidão. Ele estava até mesmo assassinando seus meninos recém-nascidos.

Assim, Deus vingou seu nome afligindo o Egito com as pragas de sua justiça, especialmente a morte dos primogênitos.7 No êxodo, Deus usou ambos os lados da sua mão. Com sua palma, ele carinhosamente tirou os israelitas da escravidão, ao mesmo tempo em que usou as costas da mão para bater nos egípcios.

A salvação de Israel por Deus e sua vingança contra o Egito tinham o mesmo propósito: revelar seu senhorio. Isso foi obviamente o propósito de Deus ao salvar Israel. No início do capítulo 6, ele explicou a Moisés que libertaria seu povo para provar que ele é o Senhor. Mas isso era também o que ele queria provar aos egípcios: “Eu porei a mão sobre o Egito [...] com grandes manifestações de julgamento. Saberão os egípcios que eu sou o Senhor” (7.4-5). As pragas tinham um propósito evangelístico. Como resultado dessas “grandes manifestações de julgamento”, alguns egípcios viriam a crer na Palavra de Deus (9.20). Mas até mesmo aqueles que não creram – incluindo Faraó – seriam incapazes de negar o poder de Deus. Houve um tempo em que Faraó alegara não fazer ideia de quem era o Senhor (5.2). Mas viria um tempo em que, em algum lugar no âmago do seu coração, ele saberia que o Deus de Israel é o Senhor de tudo. Em suma, o propósito do êxodo era o mesmo que Deus tem para tudo que o faz: revelar sua glória tanto na salvação quanto no juízo.

Deus está fazendo o mesmo por meio de Jesus Cristo: ele está glorificando a si mesmo demonstrando que Jesus é Senhor. Deus faz isso de duas maneiras. Algumas pessoas aceitam Jesus como seu Salvador e Senhor. Elas creem que ele morreu na cruz pelos seus pecados, resgatando-as assim dos tormentos do inferno. Elas confessam que Deus ressuscitou Jesus de entre os mortos para fazê-lo Senhor sobre o céu e a terra, e elas viverão na sua presença gloriosa para sempre.

Outras pessoas rejeitam Jesus. Elas não estão interessadas na salvação que ele oferece, e não estão dispostas a chamá-lo seu Senhor. Mas um dia elas o farão. Como os egípcios, elas serão punidas pelos seus pecados e então saberão que Jesus é Senhor – não para a sua alegria, mas para o seu terror. A Bíblia promete que no dia do juízo “se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (Fp 2.10-11). De uma maneira ou de outra, você sendo cristão ou não, mais cedo ou mais tarde será obrigado a reconhecer que Jesus Cristo é Senhor e Deus. Por que não agora?

Notas

1 Peter Enns, Exodus, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2000), p. 181.

2 Marcus A. Brownson, “The Ideal for Our Church”, em The Presbyterian (1º de abril de 1937), p. 18.

3 Dwight L. Moody, citado em Maxie D. Dunnam, Exodus, The Communicator’s Commentary (Waco, TX: Word, 1987), p. 105.

4 Martin Luther, What Luther Says: A Practical In-Home Anthology for the Active Christian, Ewald M. Pass (org.) (Saint Louis: Concordia, 1959), p. 1.117.

5 R. Kent e Barbara Hughes, Liberating Ministry from the Success Syndrome (Wheaton, Il.: Tyndale, 1987), p. 14, 21-23.

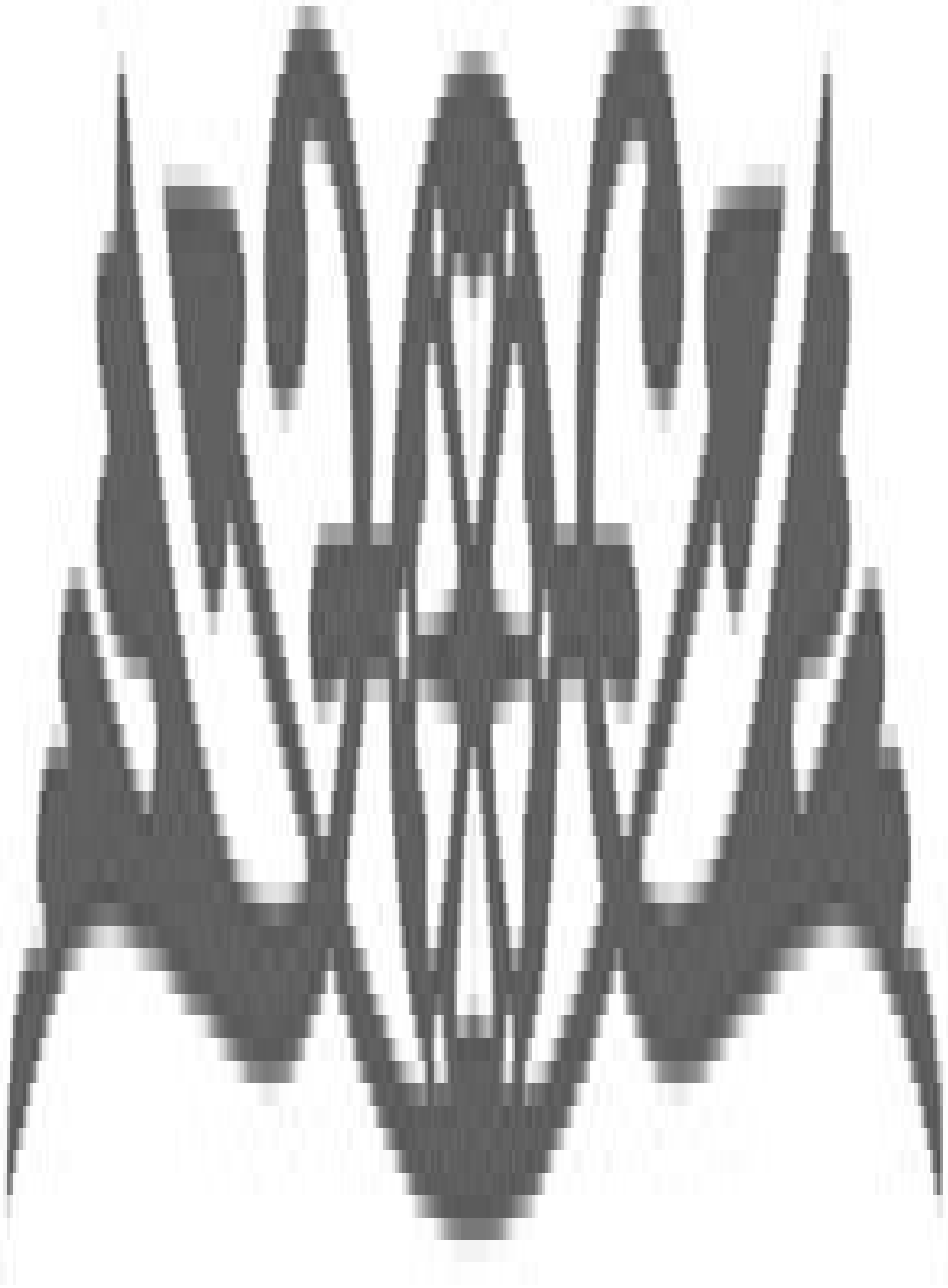
6 John D. Currid, A Study Commentary on Exodus, vol. 1 (Auburn, MA: Evangelical USA, 2000), p. 113-14. Veja também G. K. Beale, “An Exegetical and Theological Consideration of the Hardening of Pharaoh’s Heart in Exodus 4–14 and Romans 9”, Trinity Journal 5 (1984): p. 129-54.

7 Veja Êxodo 12.12 e Números 33.4, em que a palavra “vingança” é usada novamente no contexto da última praga.

17

O bordão que engoliu as serpentes

Êxodo 7.8-13



O grande confronto em Êxodo não se deu simplesmente entre Moisés e Faraó, tampouco se tratava de um conflito entre Israel e o Egito. Era uma batalha entre Deus e Satanás. No seu tratado sobre a vida de Moisés, James Boice explicou que essa "batalha colocou Jeová, o Deus verdadeiro, que movia Moisés e Israel, contra todos os deuses falsos do panteão egípcio, apoiados por um exército de anjos caídos, que haviam se voltado contra Deus quando participaram da rebelião original de Lúcifer".1 Assim, o êxodo foi outro confronto na guerra invisível que é travada continuamente entre o céu e o inferno.

Nos seis primeiros capítulos de Êxodo, Deus se posicionou para desferir seu golpe decisivo contra o Faraó de Satanás. Primeiro ele permitiu que seu povo fosse oprimido e escravizado. Depois ele levantou seu libertador, cautelosamente mandando o cesto com Moisés pelo Nilo, treinando-o na casa de Faraó, guiando-o pelo deserto e, finalmente, encontrando-se com ele na sarça ardente. Lá, Deus deu ao seu profeta os sinais e fez as promessas da salvação. Então enviou Moisés a Faraó com este ultimato: "Deixa ir o meu povo!". Quando Faraó recusou-se, havia chegado a hora de Deus glorificar a si mesmo "executando juízo" não só contra o Faraó, mas "sobre todos os deuses do Egito" (12.12; cf. Nm 33.4).

O juízo de Deus sobre o Egito e seus deuses veio na forma de dez pragas: sangue, rãs, piolhos, moscas, doença, pústulas, granizo, gafanhotos, escuridão e morte. Essas calamidades podem ter parecido desastres naturais, mas faziam parte de uma luta sobrenatural entre Deus e Satanás. Deus enviou pragas contra o Egito para libertar seu povo do poder do diabo. O profeta Moisés teria concordado com o apóstolo Paulo quando este disse que "a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes" (Ef 6.12).

Prólogo às pragas

A dimensão sobrenatural da luta entre Moisés e Faraó torna-se explícita na história do bordão que engoliu as serpentes. Esse breve episódio serve como amostra do que viria com as pragas. Ele introduz quase todos os temas principais dos cinco próximos capítulos de Êxodo: a obediência de Moisés e de Arão, os

milagres falsos de Satanás e seus servos, o poder superior de Deus e do seu bordão e o endurecimento perpétuo do coração de Faraó. Já nesse prólogo, Deus anuncia seu triunfo último. Assim como as serpentes de Faraó são "devoradas" pelo bordão de Arão (7.12), o exército de Faraó também será "devorado" pelo mar (15.12). A mesma palavra é usada em ambos os versículos para estabelecer o vínculo temático.

Os guerreiros de Deus nesse conflito espiritual eram Moisés e Arão, os netos de Levi: "Falou o Senhor a Moisés e a Arão: Quando Faraó vos disser: Fazei milagres que vos acreditem, dirás a Arão: Toma o teu bordão e lança-o diante de Faraó; e o bordão se tornará em serpente" (7.8-9). Isso correspondia ao plano de Deus, no qual Moisés era "Deus" sobre o Faraó e Arão era seu profeta. Quando Faraó exigisse um sinal, Moisés falaria a Arão, que então realizaria o sinal que Deus dera a Moisés junto à sarça ardente (4.2-3). E foi exatamente isso o que os irmãos fizeram: "Então, Moisés e Arão se chegaram a Faraó e fizeram como o Senhor lhes ordenara" (7.10a). Essa declaração pode parecer um tanto seca, mas na verdade representa uma grande vitória espiritual. Antes disso, Moisés tentara discutir sempre que Deus lhe dizia o que fazer, mas dessa vez ele simplesmente obedeceu. Finalmente, o profeta havia alcançado o ponto de autêntica submissão à vontade de Deus. Este deveria ser o objetivo de todo cristão: ser tão obediente que fazer a vontade de Deus é nossa reação imediata e instintiva.

Quando Moisés e Arão fizeram o que Deus lhes ordenara, eles descobriram que Deus os havia equipado para fazê-lo: "Lançou Arão o seu bordão diante de Faraó e diante dos seus oficiais, e ele se tornou em serpente" (7.10b). Moisés havia relutado durante muito tempo com suas inadequações pessoais para o ministério. Porém, assim que começou a obedecer ao seu chamado, descobriu que Deus lhe dera tudo o que ele precisava para cumpri-lo. Deus faz o mesmo para cada um dos seus servos. Quando atendemos ao chamado de Deus para o ministério, ele providencia todos os dons e recursos necessários para que possamos servi-lo.

O sinal da serpente

Há algum debate sobre se o bordão de Arão era o mesmo que Deus havia dado de volta a Moisés no episódio da sarça ardente (4.17). É possível que Arão tivesse um bordão próprio. Certamente, Deus tinha o poder de realizar os

mesmos milagres com o bordão de Arão como com o bordão de Moisés. No entanto, é também possível que Arão tenha usado o bordão do seu irmão – o mesmo bordão que já havia se transformado em serpente e que, mais tarde, atormentaria os egípcios.

Há também algum debate sobre o tipo de serpente. Quando Moisés lançou seu bordão no chão pela primeira vez, ele se transformou numa n^K^sh, que significa “serpente” (4.2-3). Contudo, quando Arão jogou seu bordão no chão, ele se transformou num T^N!n, que é um termo mais universal para qualquer réptil grande. Por isso, alguns estudiosos argumentam que o bordão de Arão se transformou num crocodilo. Umberto Cassuto escreve: “Em vez da serpente (n^K^sh), que é mais adaptada ao deserto, onde o sinal foi dado a Moisés, temos aqui um T^N!n, isto é, um crocodilo, que corresponde mais ao ambiente egípcio”.2 E, de fato, os egípcios adoravam o deus crocodilo Sobek como “o Senhor do Nilo”.

É verdade que a palavra T^N!n pode ser usada para se referir a crocodilos. Parece ser usada nesse sentido em Ezequiel, em que Deus diz: “Eis-me contra ti, ó Faraó, rei do Egito, crocodilo [T^N!n] enorme, que te deitas no meio dos seus rios e que dizes: O meu rio é meu, e eu o fiz para mim mesmo” (Ez 29.3). Todavia, a Bíblia usa o termo T^N!n também para se referir a grandes cobras venenosas. Um bom exemplo é Deuteronômio 32.33, em que “a peçonha terrível de víboras [T^N!n]” é usada como sinônimo de “veneno de répteis” (cf. Sl 91.13). Além do mais, a palavra n^K^sh ocorre em 7.15, em que ela se refere ao mesmo bordão e ao mesmo réptil que Arão lançou no chão diante de Faraó. Isso nos leva a concluir que aquilo em que a vara de Arão se transformou foi uma cobra venenosa, provavelmente uma naja. O termo T^N!n é usado ou em favor da variação linguística ou para ressaltar o ponto teológico de que até mesmo a grande serpente Satanás está sob o controle de Deus.

O fato importante aqui não é de natureza zoológica, mas teológica: a serpente (não o crocodilo) era o símbolo da autoridade de Faraó, e assim o bordão que se transformou numa cobra era um ataque direto à sua soberania. Aparentemente, Faraó percebeu que algum tipo de desafio o esperava, pois pediu que Moisés e Arão realizassem um milagre. Eles estavam reivindicando autoridade sobre ele, de modo que, para verificar suas credenciais, Faraó exigiu um sinal.

Com frequência, as pessoas incrédulas pedem que Deus realize um milagre. Dizem que estão dispostas a crer se ele lhes mostrar algum tipo de sinal. São

como os fariseus, que disseram a Jesus: “Mestre, queremos ver de tua parte algum sinal” (Mt 12.38). Faraó não fez nada de errado ao fazer esse pedido. Estranhamente, ele parecia compreender o propósito real dos milagres divinos. Deus não realiza atos aleatórios de onipotência, mas manifesta seu poder milagroso para confirmar a verdade da sua Palavra. Isso era verdadeiro quanto aos profetas do Antigo Testamento, que realizaram sinais e milagres para provar que eles eram homens que falavam da parte de Deus. Nesse caso específico, Moisés e Arão alegavam ser embaixadores de Deus, comissionados divinamente para ordenar a Faraó que ele deixasse partir o seu povo. A maneira óbvia para autenticar a revindicação deles era realizar um sinal milagroso.

Esse princípio – segundo o qual os milagres confirmam a verdade da Palavra de Deus – explica por que Jesus realizou sinais e milagres. Seus milagres ajudaram a provar sua reivindicação de que ele era o Filho de Deus e o Salvador do mundo. Esse princípio explica também por que os milagres têm se tornado tão raros desde então. Mesmo que, às vezes, Deus possa realizar sinais milagrosos quando o evangelho começa a penetrar uma cultura, ele já nos deu o maior sinal de todos com a ressurreição de Jesus Cristo. A Bíblia não nos diz que devemos esperar milagres – não porque Deus seja incapaz de fazê-los, mas porque ele não precisa fazê-los. A ressurreição é o último milagre de que precisamos para confirmar a verdade do evangelho de que Jesus morreu para salvar os pecadores.

De todos os sinais que Deus poderia ter dado a Faraó, ele decidiu transformar o bordão de Arão numa serpente. Quanto mais aprendemos sobre os egípcios e suas cobras, mais evidente se torna que, ao fazer isso, Deus estava travando uma guerra contra Satanás. Os egípcios eram fascinados por cobras, em parte porque tinham muito medo delas.3 Muitos deles tinham amuletos para protegê-los de Apep, a serpente-deusa que personificava o mal. A literatura egípcia contém vários encantos e invocações como proteção contra picadas de serpentes. Foi esse medo de cobras que levou Faraó a usar a serpente como símbolo da sua autoridade real. O ornamento cerimonial da sua cabeça – semelhante à famosa máscara mortuária de Tutancâmon – ostentava uma naja fêmea feroz. A ideia era que Faraó aterrorizava os inimigos da mesma maneira que a naja paralisa sua presa de medo. E é assim que um relevo em Karnak descreve uma das vitórias de Shoshenk em batalha: “Tua clava de guerra, ela derrubou teus inimigos [...] tua crista de serpente foi poderosa entre eles.” 4

A despeito do seu medo de cobras, os antigos egípcios eram atraídos a adorá-las. É assim que Satanás costuma operar, usando medo para obter poder. A adoração

de serpentes era especialmente forte no delta do Nilo, onde os hebreus viviam. Lá, os egípcios construíram um templo em honra da serpente-deusa Uadjet, que era representada pelo sinal hieroglífico da naja. Alguns dos Faraós acreditavam que ela havia lhes trazido o trono e os investido com seus poderes divinos. Outros a viam como sua protetora. Numa inscrição encontrada em Tanis, Faraó Taharka alegava: “Tomei os diademas de Rá, e assumi a crista dupla da serpente [...] como a proteção dos meus membros”.5 Segundo outro texto antigo, “Seus deuses estão sobre ele; suas serpentes uraeus estão sobre sua cabeça”.6 Depois de analisar essas e outras evidências, John Currid conclui: “O diadema com crista de serpente de Faraó simbolizava todo o poder, soberania e magia com que os deuses haviam dotado o rei”.7

Ao encontrar sua segurança na serpente-deusa, Faraó estava, de fato, fazendo uma aliança com Satanás. Os antigos manuscritos são explícitos em relação a isso. Quando um Faraó ascendia ao trono no Egito, ele tomava a coroa real e dizia:

Ó Grande, ó Mago, ó Serpente Ígnea!

Que haja pavor de mim como há pavor de ti.

Que haja medo de mim como há medo de ti.

Que haja espanto de mim como há espanto de ti.

Deixa-me reinar, um líder dos vivos.

Deixa-me ser poderoso, um líder dos espíritos.8

Com essas palavras, Faraó oferecia sua alma ao diabo.

Esse pano de fundo ajuda a explicar o que Arão estava fazendo quando “lançou o seu bordão diante de Faraó” (7.10). Ele estava tomando o símbolo da majestade do rei e fazendo com que rastejasse na poeira. Isso era um ataque direto à soberania de Faraó; na verdade, era um ataque a todo o sistema de crenças do Egito. Para fazer uma comparação atual, isso seria como levar uma

águia-de-cabeça-branca para o Salão Oval e torcer seu pescoço. Quando Deus confronta outros deuses ele não fica sondando, tentando encontrar algum ponto fraco. Em vez disso, visa à maior força do inimigo e o derrota com força superior. Nesse caso, ele enviou Moisés e Arão diretamente para o centro de comando de Faraó, onde reivindicou autoridade última sobre todo o Egito.

O Espírito de Deus segue a mesma estratégia quando quer estabelecer seu trono no coração do pecador. Ele lança seu ataque diretamente contra a fonte da força do pecador. Se o que ambicionamos é poder, o Espírito de Deus nos mostra quanto somos fracos. Se vivemos pelo prazer, ele nos deixará tão miserável que, quanto mais obtemos daquilo que queremos, mais infelizes nos sentimos. Se acreditamos que o único propósito da vida é ganhar dinheiro, ele tira de nós a nossa segurança financeira. Quaisquer que sejam os deuses que adoramos, o Espírito Santo os enfrentará. É útil lembrar essa estratégia no evangelismo. Uma das melhores maneiras de convencer uma pessoa da necessidade que ela tem de Cristo é descobrir aquilo em que ela aposta para então mostrar-lhe por que não se pode confiar nisso.

O espetáculo de magia de Faraó

Assim que Faraó viu o emblema da sua autoridade rastejando pelo chão, ele chamou ajuda. Sua suposição – e isso era uma maneira comum de pensar na época – era que o deus com a magia mais forte venceria. Assim, quando sua autoridade divina foi desafiada, “Faraó, porém, mandou vir os sábios e encantadores; e eles, os sábios do Egito, fizeram também o mesmo com as suas ciências ocultas. Pois lançaram eles cada um o seu bordão, e eles se tornaram em serpentes” (7.11-12a). Incidentalmente, a palavra usada aqui para “encantadores” (K^rT"m) deriva do egípcio, fornecendo assim mais uma confirmação de que a história do êxodo vem diretamente da terra das pirâmides.

Os sacerdotes de Faraó eram uma força que não deveria ser subestimada. Göran Larsson descreve o papel que eles exerciam na sociedade egípcia:

A “magia” era um dos elementos principais na religião egípcia da época, e aqueles que dominavam esses poderes gozavam de muito respeito. Os

sacerdotes, que faziam parte dos oficiais de patente mais alta de Faraó, possuíam conhecimentos secretos e eram treinados em todo tipo de ritos misteriosos. Por meio de encantos, eles supostamente conseguiam dominar humanos e controlar deuses e assim obter domínio sobre o mundo da natureza e o mundo dos deuses, esferas estas que não podiam ser separadas, visto que alguns animais eram considerados divinos. Por meio de fórmulas mágicas, os magos alegavam exercer o poder dos deuses. O mestre de magia era um agente no mundo dos deuses.9

A Bíblia deixa claro que os sacerdotes de Faraó foram capazes de encenar um grande espetáculo de magia. A demonstração de Arão havia sido bastante impressionante, mas eles conseguiram repetir o mesmo sinal. A pergunta é: como eles fizeram isso? O que a Bíblia quer dizer quando fala de “suas ciências ocultas”?

Alguns estudiosos acreditam que os sacerdotes de Faraó eram mágicos no sentido atual da palavra – ilusionistas espertos que apresentavam truques de prestidigitador. Na verdade, transformar um bordão em serpente poderia fazer parte padrão do seu repertório. Os egípcios tinham um fascínio por manipulações, e alguns textos antigos descrevem seus esforços de transformar objetos comuns em animais. Um relato famoso do tempo de Quéops descreve como um sacerdote fez um crocodilo de cera e o jogou num lago, onde ele ganhou vida.10

Outros dizem que os sacerdotes de Faraó eram encantadores de serpentes. Os egípcios tinham orgulho da sua habilidade de manusear criaturas venenosas, e há uma longa história de trabalhos com serpentes ao longo do Nilo. O estudioso bíblico do século 19, Ernst Hengstenberg, testemunhou como os encantadores de serpentes induziam catalepsia beliscando a nuca de suas serpentes. Escreveu: “Quando pretendem realizar essa operação, eles cospem na garganta do animal, obrigando-o assim a fechar a boca, e depois o deitam no chão. Depois, como que para dar uma última ordem, eles deitam sua mão na cabeça dela, e imediatamente a serpente, endurecida e imóvel, cai num tipo de torpor. Eles a acordam quando querem, pegando-a pelo rabo e esfregando-a rudemente entre as mãos”.11 Ainda na década de 1960, um turista relatou: “Ainda hoje isso é feito no Cairo como um truque de mágica. A naja egípcia pode ser paralisada por meio da aplicação de pressão na sua nuca. De certa distância, a cobra é

facilmente identificada como uma vara. Quando o mágico a joga no chão, o choque a leva a se recuperar, e ela sai rastejando".12

Esses argumentos têm certa plausibilidade, mas em vez de buscar algum tipo de explicação natural, é melhor reconhecermos que os sacerdotes de Faraó realizavam seus milagres pelo poder de Satanás. Quando a Bíblia fala de "ciências ocultas", ela se refere especificamente a encantos e invocações demoníacas. Esse é um lembrete de quanto Satanás é poderoso. Jesus o chamou de "príncipe deste mundo" (veja Jo 12.31). Ele tem o poder de manter as pessoas em escravidão a deuses falsos, como os deuses do Egito.

Com frequência, a Bíblia trata os outros deuses como se eles não tivessem poder algum. Em termos comparativos, isso é verdadeiro. Deuses falsos são incapazes de resistir ao poder do Deus verdadeiro por um único momento. Mesmo assim, Deus permite que os demônios tenham poder espiritual sobre seus adoradores. Mesmo se decidirmos não adorar a Deus, continuamos precisando adorar algo. Lembro-me de um homem num avião que me descreveu sua maravilhosa coleção de relíquias de beisebol: "Todos precisam de alguma paixão", ele disse, "e a minha paixão é o beisebol". O homem estava certo: todos precisam de alguma "paixão", e essa "paixão" é o deus deles. Fomos feitos para adorar. Se não adorarmos o Deus verdadeiro, adoraremos algum deus falso, e Satanás reivindicará essa adoração para ele mesmo. É por isso que nunca é seguro envolver-se com alguma religião que não a adoração do Deus verdadeiro. Em última análise, cada forma de adoração falsa é adoração de Satanás e sempre resulta em escravidão espiritual. "Outrora, porém, não conhecendo a Deus", escreveu o apóstolo Paulo, "servíeis a deuses que, por natureza, não o são" (Gl 4.8).

Como escravos dos deuses do Egito, os sacerdotes de Faraó descobriram que essas supostas deidades possuem poder sobrenatural real. Cientes ou não de que estavam servindo a Satanás, eles eram controlados pelas "forças espirituais do mal, nas regiões celestes" (Ef 6.12), por forças más que tinham poder o bastante para realizar alguns milagres.

Observe, porém, que o melhor que conseguiam fazer era imitar o que Deus fazia. Os mágicos de Faraó simplesmente repetiram o sinal de Arão. Isso é porque Satanás só pode corromper, nunca criar. A Bíblia diz que "o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira" (2Ts 2.9). Satanás é sempre um falsário, nunca um inovador. Ele é

como o pequeno irmão irritante que nunca tem ideias próprias, mas sempre imita seus irmãos mais velhos. Isso explica por que cada religião falsa tem princípios éticos ou rituais sagrados que parecem remotamente semelhantes ao cristianismo. Satanás é um plagiário. Incapaz de criar uma religião realmente singular, ele sempre empresta algo de Deus. Para dar apenas um exemplo: um grupo de ateus em Irving, no Estado do Texas, criou a Igreja do Pensamento Livre do Norte do Texas. A igreja se reúne uma vez por mês porque, como explica um membro, "os incrédulos, como os fiéis, precisam de comunhão".13 Esse é o tipo de poder que Satanás tem hoje. Ele usa a imitação falsa do cristianismo para impedir que as pessoas sirvam ao Deus da verdade.

Sumiram!

Sem dúvida alguma, os feiticeiros de Faraó ficaram bastante satisfeitos com seu pequeno show de mágica: "Pois lançaram eles cada um o seu bordão, e eles se tornaram em serpentes" (7.12a). Graças às suas "ciências ocultas", foram capazes de imitar Deus serpente por serpente. Mas então, para sua completa surpresa e profunda consternação, "o bordão de Arão devorou os bordões deles" (7.12b). Alguns goles rápidos, e sobrou uma única serpente naquele palácio.

Esse sinal deve ter deixado os egípcios especialmente impressionados, pois acreditavam que engolir algo era a maneira de adquirir todos os seus poderes. Ao engolir seus bordões mágicos, o bordão de Arão não estava simplesmente destruindo o poder e autoridade deles, mas reivindicando que todo seu poder e autoridade pertenciam a Deus. A implicação óbvia era que o Deus de Israel era também o Senhor do Egito. Este é o grande tema de Êxodo: o Senhor Deus é glorioso acima de todos os outros deuses.

Talvez não seja surpreendente que os mágicos foram os primeiros egípcios a confessar o poder de Deus (veja 8.19), pois eles o enfrentaram pessoalmente. Eles puderam ver que o sinal de Arão não era um truque mágico, mas um milagre. Arão não lançou qualquer encanto ou recitou invocações. Tudo o que ele fez foi pegar um bordão comum e lançá-lo ao chão. Assim, foi o Deus de Arão que transformou o bordão em serpente. Deus tem autoridade sobre tudo o que ele criou, e ele demonstrou seu poder sobrenatural fazendo com que o bordão de Arão engolisse todos os outros. No seu resumo do êxodo, o historiador Josefo colocou as seguintes palavras na boca de Moisés: "Ó rei, eu

não desprezo a sabedoria dos egípcios, mas digo que o que eu faço é tão superior ao que estes fazem com seus truques e artes mágicas, assim como o poder divino excede o poder do homem: mas vou demonstrar que o que eu faço não é feito por habilidade ou pela imitação daquilo que não é realmente verdadeiro, mas que isso aparece pela providência e pelo poder de Deus".14

A vitória de Arão sobre os magos de Faraó nos ensina algo importante sobre a guerra espiritual: apesar de ser real, o poder de Satanás não é absoluto. Já vimos que Satanás tem o poder de realizar imitações de milagres para prevalecer sobre o Deus soberano. Satanás só pode fazer o que Deus lhe permite fazer; e sempre que Deus decide fazer algo, não há nada que Satanás possa fazer para impedi-lo. Charles Spurgeon observou: "Sempre que algo divino é lançado no coração ou jogado sobre a terra, aquilo engole todo o resto, e mesmo que o diabo consiga produzir uma imitação e produzir enxames de adversários como sempre Deus está operando, e aquilo devorará todos os seus inimigos".15 Os limites dos poderes satânicos de Faraó irão tornar-se ainda mais evidentes à medida que as pragas continuarem. Seus mágicos conseguiram imitar alguns dos milagres de Arão, mas no final suas ciências ocultas foram devoradas pelo grande poder de Deus.

O êxodo foi o triunfo de Deus sobre Satanás, mas não foi seu maior triunfo. Deus fez sua demonstração suprema de poder sobre Satanás por meio da crucificação e ressurreição de Jesus Cristo. Satanás se opôs a Jesus desde o início, quase que a partir do dia em que ele nasceu. Ele usou o poder do governo e enviou soldados para matá-lo. Ele usou o poder de demônios e chegou até a tentar Jesus pessoalmente no deserto. Ele usou o poder da religião e enviou sacerdotes para acusá-lo. Por fim, Deus permitiu que Satanás matasse Jesus, mas esse acabou sendo o maior erro de todos os cometidos por Satanás, pois foi morrendo pelos nossos pecados que Jesus nos libertou do poder do diabo. Jesus desarmou a autoridade de Satanás e fez dele um espetáculo público, triunfando sobre ele por meio da cruz (Cl 2.15). Então, a fim de provar que ele não estava sob o poder de Satanás, Jesus foi ressuscitado dentre os mortos. Agora podemos dizer: "Tragada foi a morte pela vitória [...] Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo" (1Co 15.54, 57).

Essa é uma promessa que os cristãos devem reivindicar sempre que são tentados ou sempre que sofrem algum tipo de ataque espiritual. O poder de Satanás pode ser real, mas não é absoluto. Seu poder sobre o pecado foi derrotado por meio da crucificação. Seu poder sobre a morte foi tragado pela ressurreição. Quando nos

sentimos tão presos pelos nossos pecados que tememos ainda estar em escravidão espiritual, tudo que precisamos fazer é nos apegar a Jesus, que derrotou Satanás por meio da cruz e seu túmulo vazio.

O mais duro dos corações

Quando o bordão de Arão engoliu os outros bordões, ficou óbvio que o Deus de Israel possuía poder supremo sobre todos os deuses do Egito. Óbvio para todos, com a exceção do Faraó: "Todavia, o coração de Faraó se endureceu, e não os ouviu, como o Senhor tinha dito" (7.13).

O que o Faraó deveria ter feito era descer do seu trono e começar a adorar o único Deus verdadeiro. Ele havia ouvido a Palavra de Deus e visto o sinal de Deus, e a única reação correta era prostrar-se aos pés de Deus. A razão pela qual Faraó não fez isso era que, em termos espirituais, ele sofria de uma insuficiência cardíaca: seu coração estava endurecido. O verbo usado para descrever esse endurecimento (h^z^q) ocorre no tempo verbal perfeito, que indica uma ação completada. Em outras palavras, o coração de Faraó não estava simplesmente endurecendo; ele já estava endurecido. Literalmente, estava "pesado". Demorava para compreender a verdade. Era totalmente insensível às influências espirituais verdadeiras, não aquecido com o amor por Deus. Não estava arrependido do pecado nem disposto a mudar. O coração de Faraó estava totalmente duro.

Deus havia predito que isso aconteceria. Na verdade, Deus havia prometido que faria isso acontecer. Ele dissera: "Eu, porém, endurecerei o coração de Faraó e multiplicarei na terra do Egito os meus sinais e as minhas maravilhas. Faraó não vos ouvirá" (7.3-4a). Um dos mistérios da soberania de Deus é que ele endurece as pessoas em seus pecados, condenando-as assim à sua própria depravação, o que é exatamente o que aconteceu com Faraó.

Se Faraó tivesse percebido quão endurecido seu coração estava, ele teria ficado horrorizado. Os egípcios acreditavam que o coração era a essência da pessoa e, portanto, a chave para a vida eterna. Muitos dos seus templos e túmulos retratam um coração sendo pesado na balança da justiça. O significado dessa imagem é explicado no "Livro dos Mortos", encontrado no palácio de Anúbis, no qual um homem chamado Ani entra na sala do trono dos deuses para ser julgado. Na frente está a balança da verdade, na qual o deus da morte Anúbis pesará o

coração do homem morto. Anúbis é acompanhado por Tot, que registrará a sentença, e pela deusa Amemit, que espera para devorar os corações dos condenados.

Anúbis pede que o coração de Ani seja pesado contra a pena da justiça. Seu destino eterno está em jogo. Se seu coração for pesado demais, ele será condenado pelos seus pecados e entregue ao monstro voraz. Mas se seu coração for tão leve quanto a pena, ele receberá a vida eterna. Como explica John Currid: "Toda pessoa cujo coração pesava em razão de atos maus era aniquilada, enquanto todos cujo coração era cheio de integridade, verdade e bons atos seriam levados para a felicidade celestial".16 Toda essa cena era tão assustadora que Ani exclamou: "Ó meu coração de minha mãe! Ó meu coração de minha mãe! [...] Não se levante contra mim como testemunha! [...] Não seja beligerante contra mim diante daquele que guarda a balança!". Felizmente para Ani, seus gritos não caíram em ouvidos surdos. Anúbis anunciou: "Seus atos são verdadeiros na Grande Balança. Nenhum crime foi encontrado nele [...] Nenhum pecado se encontra nele; ele não possui mal algum pelo qual possamos acusá-lo".17

Como toda forma falsa de adoração, a antiga religião egípcia se baseava no princípio da justiça por obras, mas continha também ecos da verdade bíblica. De fato haverá um juízo final em que cada coração humano será pesado contra a justiça de Deus. Se isso é verdade, o que será de um homem de coração endurecido como Faraó? Segundo os egípcios, esse homem jamais seria salvo. Um homem com um coração duro e pesado seria pesado na balança e considerado falho. O peso de seus pecados o arrastaria para a destruição.

A dureza do coração de Faraó é um alerta para todos que testemunharam o poder de Deus, mas se recusam a receber a graça de Deus. Poucos homens viram o poder de Deus da maneira como Faraó o viu. Ele teve até mesmo a oportunidade de testar esse poder exigindo um milagre. Porém, mesmo quando Deus passou no teste, Faraó recusou-se a crer. Ele era o tipo de homem que sempre age como se Deus fosse aquele que precisa ser pesado na balança, que tem algo a provar. Ele era como ateu ao qual perguntaram o que ele diria se ele descobrisse que estava errado e realmente tivesse de se encontrar face a face com Deus para ser julgado. O homem pensou por um instante e então respondeu: "Eu diria: 'As evidências não bastam, Senhor. As evidências não bastam'". Em outras palavras, o ateu acusaria Deus por não fornecer evidências suficientes para convertê-lo.

A questão real não são as evidências, mas o que a pessoa faz com elas. Os israelitas receberam os mesmos sinais que foram dados a Faraó (veja Êx 4), e eles creram e foram salvos. Porém, mais tarde Faraó pereceu, que é o que acontece com todos que seguem Satanás. Depois de explicar que a obra de Satanás se manifesta “com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira”, as Escrituras continuam para dizer que aqueles que são seduzidos por Satanás perecerão “porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos. É por este motivo, pois, que Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira, a fim de serem julgados todos quantos não deram crédito à verdade; antes, pelo contrário, deleitaram-se com a injustiça” (2Ts 2.9-12). Isso serve como descrição adequada de Faraó: ele foi condenado à sua própria depravação porque não creu na verdade de Deus.

Deus já providenciou evidências mais que suficientes para convencer toda pessoa a confiar nele. A beleza da sua glória é declarada nos céus. A dádiva da sua graça está publicada na sua Palavra. O poder do seu amor se manifesta por meio do seu povo. Toda pessoa que ainda não creu em Jesus Cristo não pode afirmar com honestidade que Deus forneceu evidências insuficientes. O problema verdadeiro do incrédulo não é de natureza intelectual, mas espiritual. O que ele precisa é de uma transformação do seu coração. A dureza do coração é uma condição cardíaca que só pode ser tratada por meio de um transplante completo, quando o velho coração endurecido é substituído por um novo coração macio, que é justificado pela graça.

Notas

1 James Montgomery Boice, Ordinary Men Called by God: A Study of Abraham, Moses, and David (Grand Rapids: Kregel, 1998), p. 62.

2 Umberto Cassuto, A Commentary on the Book of Exodus, trad. Israel Abrahams (Jerusalém: Magnes, 1967), p. 94.

3 Para uma descrição completa da postura dos antigos egípcios perante cobras, veja John D. Currid, Ancient Egypt and the Old Testament (Grand Rapids: Baker, 1997), p. 86ss.

4 James Henry Breasted, (org.), Ancient Records of Egypt, vol. 4 (Chicago: University of Chicago Press, 1906–1907), p. 357, citado em Currid, Ancient Egypt and the Old Testament, p. 90.

5 Breasted, Ancient Records of Egypt, vol. 4, p. 456, citado em Currid, Ancient Egypt and the Old Testament, p. 90.

6 Texto piramidal 396, citado em K. Seethe (org.), Die altägyptischen Pyramidentexten (Leipzig: J. C. Hinrichs, 1908–1922), citado em Currid, Ancient Egypt and the Old Testament, p. 90.

7 Currid, Ancient Egypt and the Old Testament, p. 91.

8 H. Frankfort, Kingship and the Gods (Chicago: University of Chicago Press, 1948), p. 108.

9 Göran Larsson, Bound for Freedom: The Book of Exodus in Jewish and Christian Traditions (Peabody, MA: Hendrickson, 1999), p. 35.

10 Currid, Ancient Egypt and the Old Testament, p. 92-3.

11 E. W. Hengstenberg, Egypt and the Books of Moses (Edimburgo: Thomas Clark, 1845), p. 100.

12 J. Finegan, Let My People Go (Nova York: Harper, 1963), p. 48.

13 Selwyn Crawford, “Atheist Congregation Discovers Unexpected Success in N. Texas”. Dallas Mor-ning News, reimpressão em The Philadelphia Inquirer (16 de julho de 2000), p. 91.

14 Flávio Josefo, The Antiquities of the Jews, in The Works of Josephus, William Whiston (trad.) (Peabody, MA: Hendrickson, 1987), 2.13.3 (p. 72).

15 Charles H. Spurgeon, The Metropolitan Tabernacle 9, no. 521 (Pasadena, TX: Pilgrim, 1969), p. 409.

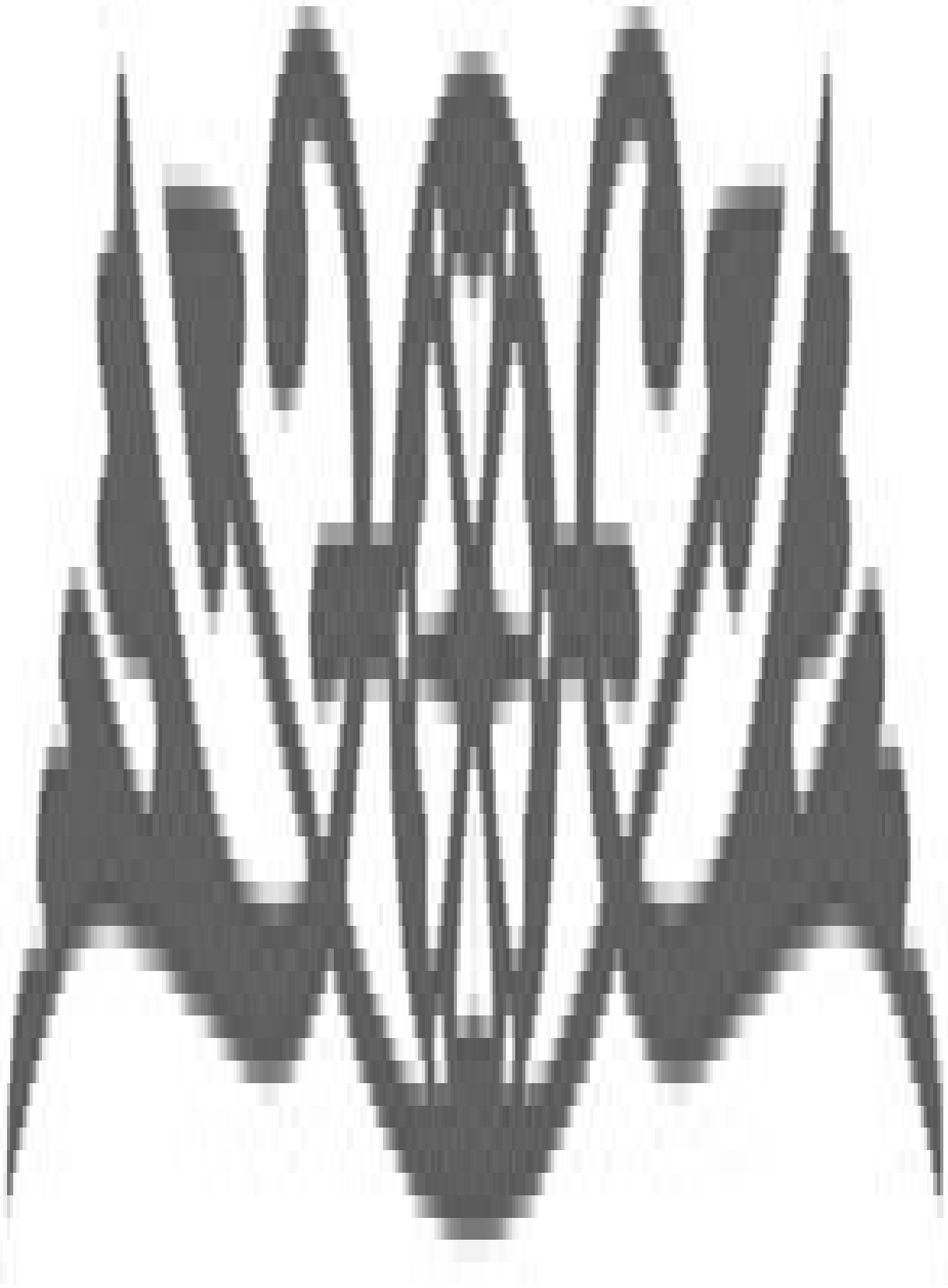
16 Currid, Ancient Egypt and the Old Testament, p. 98.

17 “Livro dos Mortos”, encanto 30B, em R. O. Faulkner, The Egyptian Book of the Dead (Nova York: Macmillan, 1972), citado em Currid, Ancient Egypt and the Old Testament, p. 97.

18

Rio de sangue

Êxodo 7.14-24



Em setembro de 2000, a Grã-Bretanha enfrentou uma séria falta de combustível. Irritados com o alto preço da gasolina, os caminhoneiros conspiraram para paralisar as refinarias de petróleo da nação. Dentro de poucos dias, o país ficou praticamente paralisado. Havia longas filas nos postos de gasolina, nos quais alguns donos chegaram a cobrar cinco vezes o preço normal do combustível. As reservas estavam perigosamente baixas, e a Inglaterra estava a um ou dois dias de uma paralisação completa do sistema de transportes: nada de aviões, trens ou automóveis. Parecia que, se a crise continuasse, toda a economia britânica sofreria um colapso, arrastando o governo consigo para o abismo. E tudo isso por causa do petróleo, o sangue vital do Estado moderno.

A falta de combustível britânica mostra quanto uma civilização depende da fonte básica da sua economia, e assim nos transmite alguma noção do que os egípcios enfrentaram quando seu rio se transformou em sangue. O Nilo significava tudo para eles. Era seu meio de transporte, sua fonte de alimentos, seu padrão de medidas e até mesmo um objeto de adoração. Portanto, não havia modo melhor para o Deus de Israel demonstrar que ele era também o Senhor do Egito do que transformando o Nilo em sangue.

A exigência de Deus

O rio de sangue foi a primeira de dez pragas que afligiram os egípcios. Em vez de chamá-las de “pragas”, a Bíblia prefere chamá-las de “sinais e maravilhas” (7.3). No entanto, a palavra praga expressa uma verdade importante. O termo provém da palavra latina plaga, que significa “um golpe ou uma ferida”, e as pragas foram exatamente isso. Deus disse: “Estenderei a mão e ferirei o Egito com todos os meus prodígios que farei no meio dele” (3.20).

Quando realizou os milagres ao longo do Nilo, Deus desferiu dez golpes poderosos não só contra os egípcios, mas também contra os seus deuses. E é assim que James Boice explica a importância religiosa desses sinais milagrosos:

Para entender essas pragas, precisamos compreender que elas se dirigiam contra

os deuses e as deusas do Egito e cujo propósito era demonstrar a superioridade do Deus de Israel em relação aos deuses egípcios. Havia cerca de 80 deidades importantes no Egito, todas elas reunidas em torno das três grandes forças naturais: o rio Nilo, a terra e o céu. Não nos surpreende, portanto, que as pragas que Deus enviou contra o Egito nessa batalha histórica sigam esse padrão de três forças. As duas primeiras pragas se dirigiram contra os deuses do Nilo. As quatro seguintes, contra os deuses da terra. As quatro últimas pragas foram contra os deuses do céu, culminando na morte dos primogênitos.1

A história do primeiro golpe poderoso começa com a exigência de Deus:

Disse o

Senhor

a Moisés: O coração de Faraó está obstinado; recusa deixar ir o povo. Vai ter com Faraó pela manhã; ele sairá às águas; estarás à espera dele na beira do rio, tomarás na mão o bordão que se tornou em serpente e lhe dirás: O

Senhor

, o Deus dos hebreus, me enviou a ti para te dizer: Deixa ir o meu povo, para que me sirva no deserto; e, até agora, não tens ouvido. (7.14-16)

Moisés estava falando em nome do único Deus verdadeiro, o Senhor de Israel. A exigência básica de Deus não havia mudado: ele queria que Faraó deixasse seu povo ir. Essa era a comissão que ele havia dado a Moisés junto à sarça ardente quando disse: “Vem, agora, e eu te enviarei a Faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito” (3.10). Foi o que Deus instruiu os anciãos a exigirem quando acompanharam Moisés até o palácio de Faraó (3.18). Foi o que Moisés e Arão disseram quando Faraó lhes concedeu sua primeira audiência: “Deixa ir o meu povo” (5.1). Supostamente, foi também o que disseram na segunda vez, quando o bordão engoliu as serpentes. Deus insistiu que Faraó deixasse ir o seu povo, e ele continuaria exigindo a libertação deles até que

finalmente ela fosse concedida.

A maneira como Deus lidou com Faraó mostra que suas exigências não são negociáveis. Sempre que Faraó se deparou com Deus, ele foi confrontado com o mesmo Deus que fazia a mesma exigência. Deus nunca mudou seus termos ou apresentou uma contraproposta, porque Deus nunca altera seus termos: “O conselho do Senhor dura para sempre; os desígnios do seu coração, por todas as gerações” (Sl 33.11). O que valia para Faraó durante o êxodo vale para os pecadores na salvação. Os termos de Deus permanecem inalterados. O que Deus exige hoje é a mesma coisa que ele exigiu no tempo dos apóstolos. Quando as pessoas perguntavam o que precisavam fazer para que fossem salvas, os apóstolos respondiam: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa” (At 16.31). Deus ainda exige que os pecadores se arrependam dos seus pecados e creiam em Jesus Cristo. Não devemos esperar que ele nos faça outra proposta. Jesus Cristo é a melhor e única proposta de Deus para a eternidade.

A razão pela qual Deus exigiu que Faraó deixasse ir o seu povo é muito simples. Era, no fim das contas, a mesma razão de tudo o que Deus exige. Era para a sua própria glória. Como Deus, falando por meio de seu servo Moisés, disse a Faraó: “Deixa ir o meu povo, para que me sirva” (7.16). A palavra traduzida como “servir” (^B^D) é a mesma palavra usada no capítulo 1 para descrever a escravidão de Israel sob os egípcios (veja 1.14), mas os israelitas não haviam sido feitos para servir a Faraó – haviam sido feitos para servir ao Deus vivo. Assim, o objetivo do êxodo era a adoração de Deus. Deus exigia que Faraó deixasse ir o seu povo para que eles pudessem dar a glória a ele. E já que Deus merece toda a glória, ele não podia exigir nada menos do que isso. O propósito principal do povo de Deus e, em essência, de toda a existência é dar louvor ao Deus glorioso.

Como vimos, Faraó não estava interessado em dar a glória a Deus porque ele a queria toda para si mesmo. Assim, Faraó recusou-se a ceder à exigência de Deus. Duas vezes ele a rejeitou, endurecendo seu coração contra a vontade de Deus. Como Deus disse a Moisés: “O coração de Faraó está obstinado; recusa deixar ir o povo” (7.14). Literalmente, seu coração estava pesado (K^B#D), vergado sob a injustiça e a iniquidade. E foi a obstinação de Faraó que trouxe as pragas sobre o Egito. Seu exemplo mostra o que acontece com um homem que se coloca contra Deus. Mais cedo ou mais tarde, ele será punido pelos seus pecados.

Uma das razões pelas quais o coração de Faraó estava tão endurecido era que seu

coração pertencia a outros deuses. Observe que Deus instruiu Moisés a esperar por Faraó à beira do rio Nilo, onde ele costumava ir toda manhã. A Bíblia não diz por que Faraó costumava descer para o rio. Talvez Faraó tomasse seu banho no Nilo, como suas filhas (2.5), ou gostasse de nadar cedo de manhã. Mas é provável que ele também procurasse o rio para prestar homenagem aos deuses do Nilo. É fácil imaginar Faraó abençoando as águas em nome de Hapi, o deus da enchente, ou dando graças toda manhã a Khnum, o guardião do Nilo. Talvez tenha usado as palavras de um antigo hino egípcio: “Salve, ó Nilo, que nasce da terra e vem para manter vivo o Egito!”.2

Em todo caso, foi às margens do rio Nilo que Moisés confrontou Faraó, dizendo: “Assim diz o Senhor: Nisto saberás que eu sou o Senhor: com este bordão que tenho na mão ferirei as águas do rio, e se tornarão em sangue. Os peixes que estão no rio morrerão, o rio cheirará mal, e os egípcios terão nojo de beber água do rio” (7.17-18). Moisés deixou claro que estava falando em nome do Senhor. Em sua mão ele tinha o bordão de Deus, o símbolo de autoridade divina. E para demonstrar que se tratava de um pronunciamento de juízo divino, ele começou com as palavras solenes: “Assim diz o Senhor”.

Faraó precisava entender que essa praga era obra de Deus porque o propósito de Deus era mostrar aos egípcios quem era o Senhor. Ele disse: “Nisto saberás que eu sou o Senhor” (v. 17). O grande propósito do êxodo era demonstrar o senhorio de Deus. Deus provou que ele era Senhor de Israel ao libertar seu povo da escravidão e, ao mesmo tempo, que ele era Senhor do Egito ao punir Faraó pelos seus pecados.

Muitas vezes, Deus usa sinais e maravilhas para provar que ele é Senhor. Isso foi assim também no ministério de Jesus Cristo. Uma das razões pelas quais Jesus realizou tantos milagres foi para provar seu senhorio. Quando João Batista pediu provas de que Jesus era o Cristo, Jesus disse: “Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados” (Mt 11.4-5). Os sinais e milagres que Jesus realizou – especialmente o milagre de sua ressurreição de entre os mortos – provam que ele é Senhor. Mas Deus prova seu senhorio não só por meio de milagres da graça, mas também por meio de poderosos atos de juízo. Muitas vezes, ele convence as pessoas de que ele é Senhor fazendo-as sofrer as consequências dos seus pecados. Foi assim com Faraó e os egípcios. Foi necessário um derramamento de ira divina para convencê-los de que o Deus de Israel é Senhor sobre todos os deuses do Egito.

A aflição do Egito

O resultado da recusa por parte de Faraó de cumprir a exigência de Deus foi um grande sofrimento no Egito:

Fizeram Moisés e Arão como o

Senhor

lhes havia ordenado: Arão, levantando o bordão, feriu as águas que estavam no rio, à vista de Faraó e seus oficiais; e toda a água do rio se tornou em sangue. De sorte que os peixes que estavam no rio morreram, o rio cheirou mal, e os egípcios não podiam beber a água do rio; e houve sangue por toda a terra do Egito. (7.20-21)

O juízo divino não é uma ameaça vazia. Deus sempre garante que seus inimigos recebem o que merecem.

No caso da primeira praga, Deus executou seu juízo por meio da obediência de Moisés e Arão, que finalmente estavam colocando sua fé em prática. Nesses versículos, Deus os instrui a “ir” (7.15), “dizer” (7.16), “tomar” e “estender” (7.19). Eles fizeram tudo isso exatamente como Deus havia ordenado. Isso mostra quanto Deus pode realizar por meio de seu povo se eles fizerem o que são ordenados a fazer.

No fim das contas, porém, foi o poder de Deus que transformou o Nilo doador de vida num rio sangrento de morte. Havia sangue por toda parte:

Disse mais o

Senhor

a Moisés: Dize a Arão: toma o teu bordão e estende a mão sobre as águas do Egito, sobre os seus rios, sobre os seus canais, sobre as suas lagoas e sobre todos os seus reservatórios, para que se tornem em sangue; haja sangue em toda a terra do Egito, tanto nos vasos de madeira como nos de pedra. (7.19)

A menção ao bordão de Arão faz surgir mais uma vez a pergunta sobre quantos bordões existiam – um ou dois. Mas o importante é que todo o sistema aquático de Faraó transformou-se em sangue pelo poder de Deus. O rio de sangue deu início a uma reação em cadeia. O sangue matou os peixes, e quando estes começaram a se decompor, todo o rio ficou putrefato. Isso não era só nojento, mas se tivesse demorado mais de uma semana (veja 7.25), teria sido fatal.

Há muito, os estudiosos debatem a historicidade das pragas em Êxodo. Alguns alegam que elas nunca aconteceram, que são meramente invenções literárias simbólicas. Outros têm tentado encontrar alguma explicação natural para as pragas.3 No caso da primeira praga, alguns sugerem que o rio não se transformou em sangue de verdade, mas apenas ficou com a aparência de sangue. Talvez chuvas fortes no sul do Egito tenham levado terra vermelha para o delta do Nilo. Talvez o rio tenha ficado vermelho em decorrência dos sedimentos das enchentes sazonais, e talvez os sedimentos tenham provocado um desequilíbrio de oxigênio, o que explicaria o mau cheiro do rio. Ou talvez o Nilo tenha sido coberto com uma camada de algas avermelhadas ou inundado por micro-organismos. Qualquer que seja a explicação correta, alguns desses estudiosos reconhecem que, mesmo assim, a praga havia sido um ato de Deus. Deus puniu o Egito impondo-se à sua criação, usando um desastre natural para demonstrar seu poder sobrenatural.

Há várias dificuldades com essas explicações naturalísticas. Uma é que elas têm dificuldades para explicar a morte de todos os peixes. Outra é que não explicam por que havia sangue em todo o Egito, e não apenas no Nilo. Tampouco conseguem explicar como o sedimento ou fungo ou qualquer que tenha sido aquela coisa, apareceu instantaneamente quando Moisés tocou o Nilo com seu bordão. E há, por fim, a linguagem direta das Escrituras que afirma claramente que “toda a água do rio se tornou em sangue” (7.20). A palavra “tornou” (h^Ph^K) mostra que uma transformação real ocorreu, enquanto a palavra “sangue” (D^m) costuma ser usada não para se referir a qualquer líquido vermelho espesso, mas ao sangue, pura e simplesmente.

O problema real dessas tentativas de racionalizar esse milagre é, porém, que um fenômeno meramente natural não teria realizado o propósito de Deus, que era provar que ele era o Senhor. Se o Nilo se transformasse em sangue sempre que ocorresse uma chuva forte em algum lugar rio acima, esse sinal teria sido inútil. Faraó não teria nem se dado ao trabalho de chamar seus mágicos. Ele teria dito: "Grande coisa, Moisés; isso acontece o tempo todo". Por todas essas razões, é correto crer e ensinar que o rio de sangue foi um milagre divino, uma demonstração sobrenatural de que o Senhor é Deus.

A historicidade das pragas é confirmada também por outras passagens bíblicas, que tratam esses sinais e milagres como acontecimentos históricos reais.4 O salmista escreveu: "[Ele] converteu em sangue os rios deles, para que das suas correntes não bebessem" (Sl 78.44). Ou: "Transformou-lhes as águas em sangue e assim lhes fez morrer os peixes" (Sl 105.29). É até possível que haja uma referência a essa praga na antiga literatura egípcia. Segundo um manuscrito escrito por volta do tempo do êxodo (dentro de um século de 1300 a.C.): "O Rio é sangue. Se alguém beber dele, ele o rejeita como humano e fica sedento de água".5

Para entender o tamanho da aflição que isso causou aos egípcios, precisamos compreender quanto eles dependiam do Nilo. O rio era sua força vital, a base de toda a sua civilização. Os egípcios usavam o Nilo para praticamente tudo, e sem ele a terra teria se transformado em deserto. O rio fornecia o sistema de transporte, que os ajudava a deslocar bens e mercadorias. Formava o sistema de irrigação, que lhes permitia cultivar seus grãos. Era seu fornecimento de água e também de comida, pois o peixe era um dos elementos básicos da dieta egípcia. As enchentes anuais do rio definiam seu calendário e lhes forneciam humo fértil. Em suma, a terra do Egito era o presente do Nilo. O historiador grego Heródoto (484-425 a.C.) afirmava que "mesmo que um homem não tenha sido informado de antemão, ele, tendo algum senso, reconhece imediatamente que esse Egito para o qual os gregos velejam é terra adquirida pelos egípcios, dada a eles pelo rio".6

As deidades do Nilo

Visto que os egípcios praticamente deviam sua existência ao Nilo, não surpreende que eles adorassem o grande rio como seu criador e sustentador.

Donald Grey Barnhouse escreve: “Em determinadas estações do ano, o rio transbordava e, quando ele retornava para o seu leito normal, deixava para trás um depósito aluvial de humo rico, que permitia à terra produzir em abundância. Era, portanto, normal que os egípcios associassem outros dos seus deuses ao solo fértil, que fornecia tanta abundância em troca de relativamente pouco trabalho”.7

Pelo menos três deuses egípcios eram associados ao Nilo. Um deles era o grande Osíris, o deus do Nilo, que era representado com o rio fluindo pela sua corrente sanguínea. Outro deus era Nu, o deus da vida no rio. Mas o mais importante era Hapi, o deus da enchente. Hapi era um deus da fertilidade que era retratado como homem de barba e seios femininos e uma barriga de grávida. A ideia era que a enchente anual do Nilo dava à luz o Egito e alimentava a sua força.

Esses eram os deuses fluviais dos egípcios – os deuses que eles adoravam e aos quais serviam: Osíris, Nu e principalmente Hapi. Durante séculos, os egípcios louvaram Hapi como “doador da vida”, “o senhor do sustento”, aquele “que faz com que toda a terra viva por meio de suas provisões”.8 Eles cantavam:

Salve vosso semblante, Hapi,

Que se levanta da terra, que vem para libertar o Egito [...]

Que traz alimento, que é abundante em provisões,

Que cria toda sorte de coisa boa [...]

Que abastece o Alto e o Baixo Egito [...]

Tudo o que veio a ser fez isso pelo seu poder.9

Então, certo dia, o rio transformou-se em sangue. Moisés bateu no Nilo com seu bordão, e o sangue inundou todo o Egito. Dessa maneira, Deus demonstrou seu poder sobre os deuses do Egito e também puniu os egípcios pela sua idolatria. Com um único golpe, ele provocou uma escassez de água e comida, a suspensão do sistema de transporte, um desastre financeiro e uma crise espiritual. Ele fez tudo isso transformando o rio em sangue, tornando o objeto da adoração deles

em motivo de horror. O ataque de Deus ao Nilo foi um ataque direto aos egípcios e seus deuses. Demonstrou que Osíris e Hapi não tinham o poder de satisfazer suas necessidades. Mais tarde, quando os israelitas finalmente marcharam para fora do Egito e Moisés tentou resumir o que Deus havia feito contra o Egito, ele proclamou: “Também contra os deuses executou o Senhor juízos” (Nm 33.4; cf. Êx 12.12).

Os deuses do Egito são mencionados especificamente em Êxodo 7.19: “Haja sangue em toda a terra do Egito, tanto nos vasos de madeira como nos de pedra”. É possível que esse versículo se refira aos vasos de madeira e de pedra usados para guardar água. No entanto, o original hebraico nada diz sobre “vasos”; afirma simplesmente que houve sangue “na madeira e na pedra”. Normalmente, quando o Antigo Testamento se refere a madeira e pedra, ele está falando de ídolos. Um bom exemplo é Deuteronômio 29.17, em que Moisés advertiu os israelitas para que não servissem às “suas abominações [...] ídolos, feitos de madeira e de pedra” como faziam os egípcios. Umberto Cassuto afirma que os sacerdotes egípcios lavavam seus ídolos cedo de manhã todos os dias.10 Se isso é verdade, então quando eles sofreram sua primeira praga, tiveram de lavar seus ídolos com sangue. Deus transformou o rio em sangue para mostrar-lhes como era totalmente inútil e desdenhoso adorar deuses de madeira e de pedra.

Algum dia, Deus fará o mesmo com os deuses desta era. O norte-americano mediano não é muito diferente do egípcio da Antiguidade. Ainda adoramos os mesmos deuses – apenas os nomes mudaram. Aquilo em que confiamos, aquilo pelo qual trabalhamos, com que brincamos, com o que sonhamos – estes são os deuses que adoramos. E o que mais importa para nós é a prosperidade pessoal. Dependemos da nossa economia tanto quanto os egípcios dependiam da sua. Eles adoravam o Nilo; nós acompanhamos a NASDAQ – nomes diferentes para o mesmo deus. Em vez de confiarmos apenas em Deus, dependemos do crescimento econômico, do transporte rápido e de alimentos pré-embalados. Temos até o nosso próprio mito da criação. Acreditar no darwinismo é, no fundo, apenas outra maneira de adorar Hapi. Da mesma maneira que os egípcios louvavam o rio como seu criador, muitos norte-americanos acreditam que nós descendemos de alguma corrente aleatória de material genético.11

O que aconteceria se todas essas coisas fossem tiradas de nós? Imagine como seria a vida nos Estados Unidos se a bolsa de ações sofresse um colapso, o preço da gasolina subisse para 10 dólares o litro, o fornecimento de água potável fosse contaminado e os supermercados ficassem sem comida. Haveria tumultos nas

ruas, morte e destruição em cada cidade. Isso pode acontecer e, provavelmente, acontecerá em algum momento. Algum dia, Deus glorificará a si mesmo nos Estados Unidos assim como glorificou a si mesmo no Egito. Ele triunfará sobre cada deus falso a fim de provar que apenas ele é o Criador e Provedor, o doador e sustentador da vida. Se isso acontecer – quando isso acontecer – ficará evidente a quem pertence nossa lealdade última.

A aplicação prática é muito simples: devemos adorar a Deus confiando apenas nele para tudo de que precisamos. Se confiarmos em outros deuses para a nossa paz e prosperidade, nós nos decepcionaremos no final. Mas se colocarmos a nossa confiança apenas em Deus como nosso Criador e Provedor, então, mesmo quando tudo nos for tirado, permaneceremos seguros.

Uma missionária nos fornece um bom exemplo de o que significa confiar no Deus verdadeiro. Enquanto ela viajava pelo Oriente Médio, encontrou um homem que havia lutado com a tentação de seguir outros deuses. Ela escreve:

Alguém orou por mim pouco antes de eu embarcar no avião, que eu encontrasse alguém e falasse do Senhor com a pessoa ao meu lado antes do término do voo. O homem sentado ao meu lado estava a caminho da Nigéria para ministrar a Palavra à milícia muçulmana. Seu objetivo era estabelecer uma igreja ali. Esse pastor é um exemplo vivo de Jonas. Ele me disse que Deus havia insistido há algum tempo que ele voltasse para o seu país e pregasse aos rebeldes que, no passado, haviam atacado sua família. Mas ele não quis. “Eu só irei”, ele disse ao Senhor, “se tu tirares de mim todo o meu conforto”.

Ele perdeu seu emprego e foi despejado do seu apartamento um mês depois. E aí estava ele no avião, sentado ao meu lado, sorrindo e louvando a Deus por todas as muitas bênçãos. E regozijando-se (literalmente cantando bem ali) da obra que Deus havia planejado para ele na Nigéria.

A vida daquele homem era um testemunho do triunfo de Deus sobre os outros deuses em sua vida. Quando todos os confortos lhe foram tirados, ele ainda tinha o Deus verdadeiro para adorar e servir.

A desobediência de Faraó

Não foi o que aconteceu com Faraó e os egípcios. Quando seus deuses lhes foram tirados, eles endureceram seu coração e se recusaram a adorar o Deus de Israel. O capítulo termina com os egípcios voltando para o poder de Satanás e lutando para fazer a vida funcionar sob seus próprios termos:

[...] os magos do Egito fizeram também o mesmo com as suas ciências ocultas; de maneira que o coração de Faraó se endureceu, e não os ouviu, como o

Senhor

tinha dito. Virou-se Faraó e foi para casa; nem ainda isso considerou o seu coração. Todos os egípcios cavaram junto ao rio para encontrar água que beber, pois das águas do rio não podiam beber. (7.22-24)

Mais uma vez, os magos de Faraó conseguiram imitar o sinal de Deus. Recorrendo a um truque ou ao poder de demônios, eles realizaram uma imitação de milagre. Os estudiosos têm se perguntado onde eles teriam conseguido sua água. A Bíblia não diz, mas se conseguirmos nos livrar dos “vasos” no versículo 19, torna-se possível que havia depósitos de água em algum lugar no palácio. A ironia é que, em vez de melhorarem a praga, eles a pioraram. Teria feito muito mais sentido se eles tivessem revertido a praga transformando o sangue de volta em água, mas eles não tinham o poder de mexer com o milagre de Deus. Não conseguiam inverter o desastre; conseguiram apenas repeti-lo, acrescentando praga à praga. Assim, Deus subjugou o poder de Satanás à sua própria vontade.

O que isso mostra é que o poder de Satanás é autodestrutivo. Até mesmo seus sinais e milagres falsos acabam servindo à glória maior de Deus. O exemplo supremo é a crucificação de Jesus Cristo. Na época, deve ter parecido o maior triunfo de Satanás: o Filho de Deus sofrendo, sangrando e morrendo numa cruz de madeira. Porém, o que Satanás não sabia era que, enquanto Jesus estava pendurado na cruz, ele estava desviando (ou propiciando) a ira de Deus por meio da expiação dos pecados do seu povo. Três dias depois Jesus ressuscitou de entre os mortos, e Satanás descobriu que seu maior triunfo era, na verdade, sua derrota

mais amarga. A morte de Cristo foi exatamente o que Deus usou para conceder aos pecadores a vida eterna.

Por mais autodestrutivo que tivesse sido produzir mais sangue, Faraó não ficou impressionado. Quando viu que seus magos conseguiam reproduzir o sinal de Deus com suas próprias ciências ocultas, ele endureceu seu coração, virou de costas e voltou para o seu palácio. Como dizem as Escrituras: “Nem ainda isso considerou o seu coração” (7.23). É claro que não. Ele não podia. Ele tinha um coração duro, e um coração duro continua a se endurecer até ser quebrado pelo amor de Deus. A condição cardíaca de Faraó o impediu de prestar atenção em Deus, mesmo quando Deus o punia pelos seus pecados.

Êxodo 7 termina com uma imagem patética dos servos de Faraó cavando desesperadamente por água na terra: “Todos os egípcios cavaram junto ao rio para encontrar água para beber, pois das águas do rio não podiam beber” (7.24). Quando os grandes deuses do Nilo falharam, os egípcios tiveram de recorrer aos próprios recursos. Isso sempre acontece com as pessoas que adoram deuses falsos. Mais cedo ou mais tarde seus deuses falham, e as pessoas lutam para fazer a vida funcionar. Se nós confiarmos na nossa economia como os egípcios confiaram na economia deles, sugiro que fiquemos com uma pá à mão, porque em algum momento precisaremos dela.

Deus prometeu que sua guerra invisível contra Satanás terminará com a derrota de cada deus falso. Ele também prometeu que, no dia do juízo, a água se transformará em sangue. O livro de Apocalipse descreve os sete anjos que derramarão as sete taças da ira de Deus:

Derramou o segundo a sua taça no mar, e este se tornou em sangue como de morto, e morreu todo ser vivente que havia no mar.

Derramou o terceiro a sua taça nos rios e nas fontes das águas, e se tornaram em sangue. Então, ouvi o anjo das águas dizendo:

Tu és justo, tu que és e que eras, o Santo,

pois julgaste estas coisas;

porquanto derramaram sangue de santos e de profetas,

também sangue lhes tens dado a beber;

são dignos disso.

Ouvi do altar que se dizia:

Certamente, ó Senhor Deus, Todo-Poderoso,

verdadeiros e justos são os teus juízos. (Ap 16.3-7)

Essa é uma imagem incrível e assustadora do juízo divino. Assim como Deus puniu os egípcios pela sua adoração de outros deuses, ele pretende punir também os incrédulos no fim da História. Em sua misericórdia, ele lhes dará uma última oportunidade de se arrependerem dos seus pecados e crerem em Jesus Cristo. Eles se voltarão para Deus? Não, pois segundo a profecia bíblica, eles não “se arrependeram para lhe darem glória” (Ap 16.9). Eles haviam endurecido seu coração a ponto de nem mesmo um rio de sangue conseguir afastá-los dos seus pecados. Se há algo que o livro de Êxodo nos ensina, é que não devemos confiar em outros deuses porque eles não nos salvarão.

Notas

1 James Montgomery Boice, Psalms: An Expositional Commentary; vol. 2: Psalms 42–106 (Grand Rapids: Baker, 1996), p. 849-50.

2 J. B. Pritchard (org.), Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament, 3 ed. (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1955), p. 272.

3 Veja Greta Hort, "The Plagues of Egypt", Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft 69 (1957): p. 84-103; 70 (1958): p. 48-59. Um resumo útil dos argumentos de Hort pode ser encontrado em James K. Hoffmeier, Israel in Egypt (Oxford, UK: Oxford University Press, 1999), p. 146-49. Veja também Colin J. Humphreys, The Miracles of Exodus: A Scientist's Discovery of the Extraordinary Natural Causes of the Biblical Stories (Nova York: HarperCollins, 2003), p. 111-49.

4 Veja Deuteronômio 4.34; Salmos 78.11-12,42-51; 105.26-36; e Jeremias 32.20.

5 Pritchard, Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament, p. 441.

6 Heródoto, citado em John D. Currid, A Study Commentary on Exodus, vol. 1 (Auburn, MA: Evangelical USA, 2000), p. 164.

7 Donald Grey Barnhouse, The Invisible War (Grand Rapids: Zondervan, 1965), p. 202.

8 Currid, A Study Commentary on Exodus, vol. 1, p. 164.

9 J. L. Foster, “Thought Couplets in Khety’s ‘Hymn to the Inundation’”, Journal of Near Eastern Studies 34, nº 1 (1975), p. 1-29

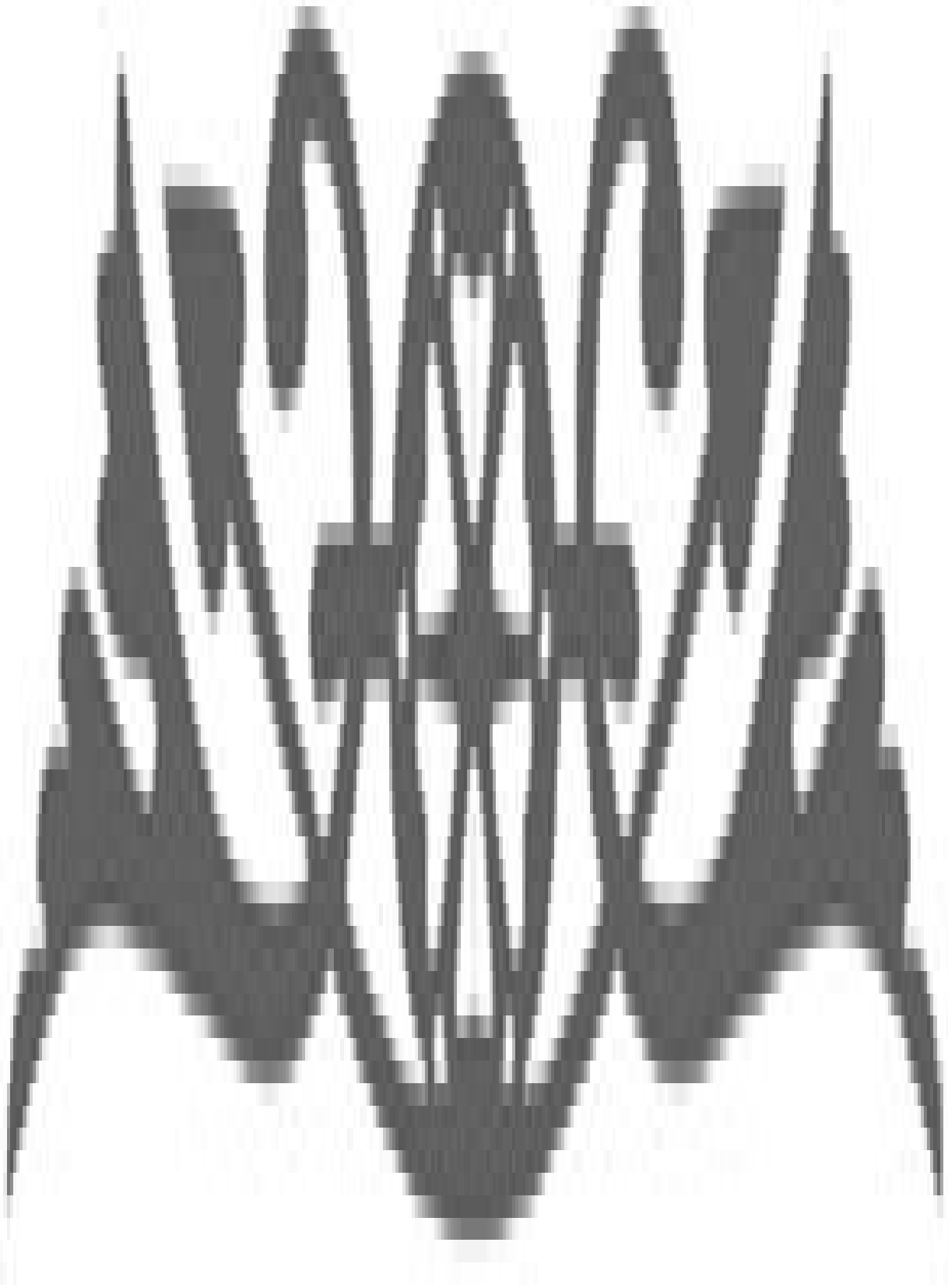
10 Umberto Cassuto, A Commentary on the Book of Exodus, Israel Abrahams (trad.) (Jerusalém: Magnes, 1967), p. 99.

11 Veja Richard Dawkins, River out of Eden (Nova York: Basic, 1995).

19

Por que as rãs coaxaram

Êxodo 7.25–8.15



“Assim se passaram sete dias, depois que o Senhor feriu o rio” (7.25). Sete longos dias – dias durante os quais sangue fluía pelo rio, descendo com as correntezas até os lagos; dias durante os quais os peixes morriam e o rio começou a cheirar mal; dias durante os quais os egípcios tiveram de escavar a terra à procura de água às margens do Nilo. Durante esses sete longos dias, o Senhor Deus de Israel triunfou sobre os deuses fluviais do Egito.

Então, Moisés voltou a Faraó. Já que os propósitos do coração de Deus não mudam, ele continuou fazendo a mesma exigência de liberdade para o seu povo: “Depois, disse o Senhor a Moisés: Chega-te a Faraó e dize-lhe: Assim diz o Senhor: Deixa ir o meu povo, para que me sirva” (8.1). O que Deus exigia era nada menos do que a libertação incondicional do seu povo. Os israelitas haviam sido feitos para a sua glória, por isso, em vez de labutar para o Faraó, eles precisavam estar livres para servi-lo. O ímpeto para o êxodo era a glória maior de Deus.

Croac! Croac!

Dessa vez, a exigência de Deus veio acompanhada de uma advertência solene: se mais uma vez Faraó se recusasse a deixar ir o povo de Deus, o Egito seria atormentado por rãs. O Senhor disse:

Se recusares deixá-lo ir, eis que castigarei com rãs todos os teus territórios. O rio produzirá rãs em abundância, que subirão e entrarão em tua casa, e no teu quarto de dormir, e sobre o teu leito, e nas casas dos teus oficiais, e sobre o teu povo, e nos teus fornos, e nas tuas amassadeiras. As rãs virão sobre ti, sobre o teu povo e sobre todos os teus oficiais. (8.2-4)

Nessa ocasião, Deus referiu-se ao desastre vindouro especificamente como “praga” (n^G^P), um termo que o Antigo Testamento usa para desferir um golpe. Deus advertiu Faraó de que estava prestes a golpear o Egito em juízo.

A despeito dessa advertência, a exigência de Deus provocou a reação costumeira, que foi nenhuma reação. Apesar de a Bíblia não documentar a resposta exata de Faraó, ele, evidentemente, recusou-se a deixar ir o povo de Deus. E quando ele se recusou, Deus o julgou pelo pecado da rebelião: “Disse mais o Senhor a Moisés: Dize a Arão: Estende a mão com o teu bordão sobre os rios, sobre os canais e sobre as lagoas e faze subir rãs sobre a terra do Egito. Arão estendeu a mão sobre as águas do Egito, e subiram rãs e cobriram a terra do Egito” (8.5-6).

Quando Moisés prometeu que o Egito seria povoado por enxames de rãs, ele usou a mesma palavra que Deus usou no quinto dia da criação: “Povoem-se as águas de enxames de seres viventes” (Gn 1.20). Foi exatamente isso o que aconteceu no Egito. As rãs vieram de todos os lugares, talvez de modo semelhante à praga de rãs representada no filme Magnólia, de 2000. Elas vieram do Nilo e dos seus ribeiros, canais e pântanos. As rãs também foram para toda parte, inundando toda a região do delta do Nilo. Como Weldon Kees escreveu em seu poema “The coming of the plague” [A vinda da praga]: “E certo dia num campo eu vi / Um enxame de rãs, inchadas e hediondas / Centenas após centenas, empilhadas umas sobre as outras”.1 Elas invadiram os aposentos das pessoas – cada cantinho e fenda de suas cozinhas e de seus quartos. Entraram até em seus fornos secos e quentes, que é absolutamente o último lugar em que esperaríamos encontrar uma rã. De noite, o coaxar barulhento delas importunou a todos, do rei até o escravo egípcio mais baixo. Como dizem as Escrituras: As rãs “cobriram a terra do Egito” (8.6).

O que causou essa invasão de anfíbios? Como no caso da maioria das pragas, vários estudiosos têm tentado encontrar uma explicação natural. Umberto Cassuto, por exemplo, argumenta: “O episódio das rãs também corresponde a fenômenos egípcios normais. Todos os anos, após a inundação do Nilo, o número de rãs nas águas que recuavam é enorme”.2 Outros têm tentado estabelecer um vínculo entre a proliferação de rãs e o rio de sangue que a antecedeu. Greta Hort especulou que os peixes em decomposição estavam infectados com carbúnculo, que, por sua vez, matou as rãs que haviam sido expulsas do rio pelo sangue.3

Às vezes, essa hipótese é desdobrada numa teoria elaborada que vincula todas as pragas a uma sequência natural de mudanças sazonais. Flinders Petrie é um dos que tentaram esse tipo de síntese. Ele escreve:

O rio transformado em sangue, com os peixes morrendo, era o Nilo insalubre estagnado, no ponto mais baixo antes da inundação, quando ele é vermelho e repleto de organismos. Os egípcios precisam recorrer a poços e cisternas nesse período na primeira parte de junho. As rãs abundam após a inundação em julho. As pragas de insetos, peste e pústulas pertencem ao verão quente e ao úmido outono nocivo. O granizo e a chuva vêm em janeiro. Isso está estreitamente vinculado ao efeito sobre os grãos. A cevada estava adiantada para o trigo ainda estar “escondido” ou mal brotando. Isso mostraria que foi plantada no início de novembro, que estava em espiga nos meados de janeiro e maduro no início de março. O linho tem estações semelhantes, e o trigo é um mês depois. Os gafanhotos aparecem na primavera, quando os grãos ainda estão verdes, por volta de fevereiro. As tempestades de areia provocam uma escuridão espessa que pode ser sentida em março, com o surgimento dos ventos quentes.4

Essa sequência tem certa plausibilidade. Uma das suas vantagens é que ela vincula a história de Êxodo à geografia do Egito. No entanto, ela apresenta uma série de problemas. Um deles é que a Bíblia não estabelece qualquer vínculo entre as pragas. Cada uma é apresentada como ato separado de juízo divino. Assim, o máximo que os estudiosos podem fazer é inferir que, de algum modo, uma praga está relacionada à próxima. Em alguns casos – como a praga do granizo ou o anjo da morte – isso é impossível. Tampouco os estudiosos conseguem chegar a um acordo no que diz respeito às suas explicações. Alguns dizem que o Nilo tinha a cor de sangue pouco antes da inundação anual; outros dizem que isso aconteceu logo depois dela. No caso das rãs, quase todos têm dificuldades de explicar tamanha abundância de anfíbios. Além do mais, as dez pragas ocorreram numa escala muito além de qualquer coisa que os egípcios haviam vivenciado antes ou vivenciaram desde então. Por causa dessas dificuldades, somos levados a concluir que as pragas foram realmente milagres divinos. O que fez as rãs invadirem a terra foi o poder sobrenatural de Deus, que fluiu através do bordão de Arão. Nas palavras do salmista: “[Deus] enviou contra eles [...] rãs que os destruíssem” (Sl 78.45).

Esse foi um dos milagres mais engraçados que Deus já fez. Rãs não são particularmente perigosas, mas podem ser um incômodo, e o relato bíblico inclui alguns aspectos cômicos. Algumas rãs foram parar em “fornos e [...]

amassadeiras” (8.3). Imagino uma mãe egípcia alcançando sua amassadeira e soltando um grito quando descobre uma rã na massa de pão. As crianças provavelmente adoraram – pelo menos no início. As rãs chegaram até aos aposentos reais de Faraó. O salmista soltou uma gargalhada quando escreveu: “Sua terra produziu rãs em abundância, até nos aposentos dos reis” (Sl 105.30). Imaginamos Faraó deitado na cama para tirar uma soneca e então saltando dela porque havia algo coaxando sob seu travesseiro. Algumas das rãs tiveram a audácia de pular em sua pessoa real, pois Moisés disse a Faraó: “As rãs virão sobre ti” (8.4). Na Grã-Bretanha, é considerado uma grave quebra de protocolo uma pessoa comum tocar um membro da família real. E isso muito mais então no Egito, onde os Faraós eram considerados deuses. Mas rãs não respeitam pessoas, e nesse caso específico não hesitaram em subir pela perna de Faraó.

Essa praga atingiu Faraó exatamente onde ele vivia. Deus não permitiu que o rei de coração endurecido se refugiasse na privacidade do seu próprio palácio, mas levou as rãs até o seu quarto. O juízo de Deus afetou Faraó de modo tão pessoal que, provavelmente, ele teve de colocar toda a sua equipe em patrulha anfíbia!

A deusa-rã

Deus tinha um sério propósito teológico ao enviar o que parece ser uma praga tão tola. Mais uma vez, estava demonstrando seu poder sobre os deuses do Egito. James Boice escreveu:

Se quisermos entender toda a importância dessa praga, precisamos reconhecer que havia uma deusa do Egito envolvida nesse juízo – a deusa Heqet, sempre representada com a cabeça e, muitas vezes, a cabeça e o corpo de uma rã. Já que Heqet era encarnada por uma rã, a rã era sagrada no Egito. Ela não podia ser morta, de modo que não havia nada que os egípcios pudessem fazer contra essa proliferação terrível e irônica da deusa. Foram obrigados a odiar os símbolos de sua adoração depravada. Mas não podiam matá-los. E quando as rãs morreram, seus corpos em decomposição devem ter transformado as cidades e as regiões rurais num horror fedorento.5

Do mesmo modo, Charles Spurgeon observou como foi apropriado Deus ter afligido os egípcios dessa maneira:

Havia uma adequação na escolha das rãs por Deus para humilhar os reis do Egito, pois as rãs eram adoradas por aquela nação como emblemas da divindade. Imagens de certa deusa dotada de cabeça de rã eram colocadas nas catacumbas, e as próprias rãs eram preservadas com honras sagradas. Sejam estes os teus deuses, ó Egito! Terás uma abundância deles! O próprio Faraó prestará uma nova reverência a esses répteis. Assim como o Deus verdadeiro está presente por toda parte à nossa volta, nos nossos quartos e nas nossas ruas, assim Faraó encontrará todos os lugares cheios daquilo que ele decidiu chamar de divino. Não é esse um modo justo de tratá-lo?6

No panteão egípcio, a deusa-rã Heqet era a esposa do deus-criador Khnum. Os egípcios acreditavam que Khnum produzia corpos humanos em sua roda de oleiro e então Heqet lhes inspirava o sopro da vida.7 Ela era agente do poder doador de vida e também símbolo da fertilidade.

Os egípcios confiavam em Heqet para duas coisas em especial. Uma era controlar a população de rãs por meio da proteção dos crocodilos, os predadores naturais da rã.8 Obviamente, quando o Egito era invadido por rãs, Heqet era humilhada. Essa praga provou que ela não tinha poder para resistir à poderosa força do Senhor.

A outra responsabilidade de Heqet era ajudar as mulheres no parto. Já que ela era o espírito que soprava vida para dentro do corpo, as mulheres pediam sua ajuda quando se encontravam em dores durante o parto. Isso sugere que pode haver uma conexão entre a segunda praga e o pecado de Faraó contra as parteiras hebreias. Lembre-se de que o livro de Êxodo começou com uma tentativa de infanticídio. Em seus esforços de exterminar os israelitas, Faraó havia ordenado às parteiras hebreias que matassem os meninos recém-nascidos de Israel (1.15-16). Quando seu plano abominável não deu certo, ele ordenou que os recém-nascidos fossem lançados no Nilo (1.22). Dado esse pano de fundo, parece ser significativo que as duas primeiras pragas de Deus tivessem desferido golpes contra o deus do rio do Egito e a deusa das parteiras do Egito. Era uma questão

de justiça estrita: Deus estava punindo os egípcios pelos seus pecados. O mesmo rio que Faraó havia usado como instrumento de genocídio foi transformado em sangue, e a primeira deusa a ser humilhada foi aquela que governava o parto. Havia uma conexão entre o crime de Faraó e o castigo de Deus.

Igualmente importante é a conexão entre os deuses do Egito e nossas próprias deidades pós-modernas. Nosso método de estudar Êxodo é prático, e uma das maneiras mais práticas de estudar as pragas é reconhecer que somos tentados a servir aos mesmos ídolos. A pergunta que precisamos fazer sobre a segunda praga é esta: de que maneiras somos tentados a adorar Heqet?

Para responder essa pergunta, precisamos entender por que os egípcios adoravam Heqet. Eles o faziam porque desejavam desesperadamente obter controle sobre o parto. Nos dias de cuidados médicos modernos é fácil esquecer como é perigoso dar à luz – perigoso não só para o bebê, mas também para a mãe. Durante a maior parte da História humana e na maior parte do mundo, o parto tem sido uma experiência potencialmente fatal. Quando uma mulher egípcia entrava em trabalho de parto, temendo pela sua própria vida e pela vida do seu bebê recém-nascido, seu único consolo era clamar a Heqet pelo sopro da vida.

O parto é uma questão espiritual, e as questões em torno dele fazem parte das questões espirituais mais difíceis que a maioria das mulheres jamais enfrenta. Muitas mulheres solteiras desejam compartilhar seu amor com uma criança. Algumas mulheres casadas são incapazes de ter filhos. Outras perdem seu filho em decorrência de um aborto natural. Há também todas as ansiedades que acompanham a concepção, a gravidez e o parto do filho. A coisa mais difícil é, certamente, dar à luz apenas para perder o filho em seguida. Esses sofrimentos todos encontram sua causa última na queda da humanidade no pecado. Deus disse a Eva: “Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos” (Gn 3.16a). Essa maldição se refere não só ao ato físico do parto, mas também a todas as outras perdas e frustrações associadas a ele.

Em tempos de desânimo, é grande a tentação de se voltar para Heqet. Alguns casais fazem um sacrifício à deusa da fertilidade optando pelo aborto. Quando surgem perguntas sobre como o feto está se desenvolvendo, e elas surgem com frequência, eles se submetem à pressão de interromper a gravidez. Outros casais abusam de várias formas anticoncepcionais. Às vezes é apropriado controlar quando uma mulher dá à luz, mas métodos anticoncepcionais nunca devem ser

usados como maneira de fugir da ordem de Deus de ser fértil e se multiplicar. Finalmente, alguns casais usarão o conhecimento do genoma humano para produzir filhos cujo material genético é alterado para evitar certas doenças e até mesmo para garantir determinados atributos ou habilidades. Outros transformam a busca por um filho numa obsessão idólatra. Não estou dizendo que certos tipos de tratamento de fertilidade, incluindo vários tipos de medicação, sejam antibíblicos. Tampouco estou dizendo que pais cristãos não devem recorrer à adoção, que é uma imagem linda do amor de Deus pelos seus filhos perdidos. O que estou dizendo é que casais não devem depositar sua confiança suprema em algum tratamento ou em alguma agência de adoção, mas em Deus, pois apenas ele é o doador de vida. O nascimento de uma criança não é um projeto humano, mas uma dádiva divina de um Senhor soberano.

Uma razão pela qual não devemos confiar em Heqet é que ela não tem o poder de consolar seus adoradores. Apenas o Deus vivo e verdadeiro é capaz de trazer cura para a dor mais profunda no coração de uma mulher. Algumas das mulheres mais corajosas que conheço perderam um filho antes, durante ou logo depois do parto. Na amarga dor de seu sofrimento, houve momentos em que elas se viram tentadas a se afastar de Deus. Mas, no fim, elas se aproximaram ainda mais de Deus quando vivenciaram sua misericórdia em sua tristeza.

Penso aqui na minha própria sogra, Elaine Maxwell, que perdeu seu único filho no dia seguinte ao nascimento dele. Durante a gravidez, ela ficou exposta à rubéola, e, assim, Jack nasceu com um orifício no coração. Foi o tipo de perda que uma mãe jamais esquece, o que, provavelmente, explica por que, quando ela entrou numa exposição de arte 25 anos depois e viu a escultura de um perfeito bebê menino, caiu em prantos. A lembrança trouxe de volta tamanha dor que ela teve de sair da exposição. Mas quando voltou, ela percebeu que o bebê estava descansando em duas mãos fortes e que o título da escultura era: “Nas mãos de Deus”. Já que foi exatamente ali que ela havia deixado seu filho – nas mãos de Deus – a escultura está exposta agora na sua casa.

Pode levar muito tempo para aceitar a vontade de Deus, e normalmente leva mais tempo ainda para compreendê-la. Às vezes, uma mulher nunca entende plenamente por que tudo relacionado ao parto traz tanto sofrimento. Mas a única maneira de experimentar cura verdadeira para as dores mais profundas da vida é colocá-las nas mãos de Deus. Aqueles que adoram Heqet jamais vivenciarão o consolo que Deus dá a todos os que confiam nele.

Precisando de oração

Quando as rãs começaram a aparecer sob seus lençóis, até Faraó começou a ter dúvidas em relação ao poder de Heqet. Mais uma vez, mandou chamar seus magos. Mais uma vez, foram capazes de repetir o milagre de Deus, dessa vez conjurando algumas rãs a mais: “Então, os magos fizeram o mesmo com suas ciências ocultas e fizeram aparecer rãs sobre a terra do Egito” (8.7). Só que dessa vez Faraó não se impressionou. Ele não queria mais rãs do que já tinha. O que ele queria era alguém que conseguisse livrá-lo de todas elas; mas em vez de diminuir a invasão, seus magos só conseguiram aumentá-la, de modo que, novamente, até mesmo o poder de Satanás serviu para a glória de Deus.

Quanto mais a situação piorava, mais Faraó se desesperava, até, finalmente, ele fazer o impensável: ordenou que Moisés e Arão voltassem para o palácio para compartilhar com eles um pedido de oração. Isso não era um sinal da espiritualidade, mas da superstição de Faraó. Muitas pessoas desesperadas têm chamado um pastor sem a intenção de realmente clamar a Deus. E foi assim que “chamou Faraó a Moisés e a Arão e lhes disse: Rogai ao Senhor que tire as rãs de mim e do meu povo; então, deixarei ir o povo, para que ofereça sacrifícios ao Senhor” (8.8).

Esse é um pedido notável – notável porque mostra quanto Faraó havia aprendido sobre os caminhos de Deus. Para começar, ele havia aprendido o nome de Deus. Na primeira vez que encontrou Moisés, ele disse: “Que é o Senhor? [...] Não conheço o Senhor” (5.2). Agora estava começando a conhecê-lo apesar de tudo – a conhecê-lo muito melhor do que jamais esperara – exatamente como Deus havia prometido. A fala de Faraó a Moisés e Arão começa e termina com o nome especial do Senhor.

Faraó havia aprendido também algo sobre o poder de Deus. A razão pela qual ele havia convocado Moisés e Arão era porque ele sabia que essa praga era um milagre divino. Ele sabia que Deus havia enviado as rãs e que apenas Deus era capaz de removê-las. Ao pedir sua remoção, ele estava admitindo que o Senhor Deus de Israel tinha poder sobre toda a criação. Faraó parece até mesmo ter entendido que a maneira de obter acesso a esse poder era por meio da oração. A palavra traduzida como “rogar” (^T^r) é a palavra para súplica, para fazer um pedido humilde. De algum modo, ele sabia que a intervenção divina viria por

intermédio da intercessão humana.

Faraó havia aprendido o que Deus exige. Ele encerrou seu discurso fazendo a primeira de muitas concessões falsas: “deixarei ir o povo, para que ofereça sacrifícios ao Senhor”. Acabou ficando provado que isso era uma mentira. As pessoas prometem qualquer coisa a Deus quando se encontram em dificuldades, mas rapidamente se esquecem da promessa. Mesmo assim, a promessa de Faraó demonstra claramente que ele entendia o que Deus exigia dele. Em algum nível, ele sabia que o povo de Deus havia sido criado para a glória de Deus e que ele precisava deixar os israelitas partirem e fazerem sacrifícios ao seu Deus.

O que tudo isso mostra é quanto uma pessoa pode aprender sobre Deus sem jamais ir a ele em busca de salvação. Faraó sabia que Deus era Criador e Juiz. Ele reconheceu o poder do nome de Deus e acreditava que ele podia atender as orações. Mas ele não conhecia Deus como seu Salvador e Senhor. A prova é que ele não conseguia orar a Deus pessoalmente; teve de pedir que Moisés e Arão fizessem a oração por ele. E ele também fez o pedido errado. Em vez de pedir que Deus retirasse dele os seus pecados, ele pediu que Deus retirasse as rãs. Faraó queria alívio do castigo pelos seus pecados sem estar disposto a se arrepender do pecado em si. Num sentido totalmente literal, o homem não tinha uma oração – pelo menos não uma oração que pudesse chamar de sua. Charles Spurgeon escreveu: “Há uma medida de fé que serve para aumentar a condenação de um homem já que ele deveria saber que, se aquilo que ele crê é verdade, então a coisa certa a fazer é orar pessoalmente. Teria sido um sinal maravilhoso se Faraó tivesse dito: ‘Juntem-se a mim, Moisés e Arão, enquanto eu oro a Jeová para que ele retire de mim as rãs’. Mas, não, ele tinha apenas uma fé condenadora que se contentava com as orações de outros homens”.9

A oração é um dos melhores testes da verdadeira condição espiritual de uma pessoa. Uma vida de oração depende de um relacionamento pessoal e salvador com Deus. Evidentemente há um sentido em que Deus ouve cada oração, mesmo uma oração feita em nome de Alá ou Buda. Por ser onisciente e onipresente, Deus conhece e ouve cada oração já feita. Mas as únicas orações que conseguem envolver seu coração paterno são aquelas que são dirigidas a ele por meio da fé. Nesta era do evangelho, isso significa orar a Deus, o Pai, por meio de Deus, o Espírito Santo, em nome de Deus, o Filho, que é Jesus Cristo. Se as pessoas não conseguem orar pessoalmente, então pedir a um cristão que ele ore por elas é melhor do que nada. Mas entenda o que isso revela sobre sua condição espiritual: elas não são filhas de Deus, pois a não ser que aprendamos a orar por

conta própria, jamais receberemos a vida eterna. A vida eterna começa com uma oração. A única maneira de entrar na salvação é falando diretamente com Deus, dizendo-lhe que nós nos arrependemos dos nossos pecados e que queremos que seu Filho seja nosso Salvador.

O poder da oração

Infelizmente, Faraó nunca se tornou filho de Deus; assim, sempre que precisou de uma oração, ele teve de emprestar alguma de outra pessoa. O curioso nesse caso foi sua decisão de adiar a oração até o dia seguinte. O que aconteceu foi isto:

Falou Moisés a Faraó: Digna-te dizer-me quando é que hei de rogar por ti, pelos teus oficiais e pelo teu povo, para que as rãs sejam retiradas de ti e das tuas casas e fiquem somente no rio. Ele respondeu: Amanhã. Moisés disse: Seja conforme a tua palavra, para que saibas que ninguém há como o

Senhor

, nosso Deus. Retirar-se-ão as rãs de ti, e das tuas casas, e dos teus oficiais, e do teu povo; ficarão somente no rio. (8.9-11)

O que o Faraó estava pensando? A maioria dos egípcios teria pedido que a praga cessasse imediatamente. Mas Faraó disse: “Quero apenas mais uma noite com essas rãs, Moisés”. Talvez fosse fã de anfíbios. Talvez ainda esperasse que elas desapareceriam por conta própria para que ele não precisasse recorrer à ajuda de Deus. Ou talvez – e isso parece ser o mais provável – ele achasse que até mesmo Deus precisaria de pelo menos 24 horas para se livrar de tantas rãs.

Não importa o que Faraó tenha pensado, não é difícil adivinhar o que Moisés tinha em mente. Ao permitir que Faraó decidisse quando as rãs coaxassem (por assim dizer), ele estava demonstrando sua confiança absoluta no poder de Deus. Ele não estava sendo apenas educado – ele estava fazendo uma declaração de fé

pública. Sempre que alguém realiza um milagre, sempre há também alguns céticos, de modo que Moisés deu a Faraó a vantagem de determinar a hora, o que provaria que seu poder vinha de Deus. No dia seguinte, a pedido de Faraó, Moisés intercedeu pelo Egito:

[...] saíram Moisés e Arão da presença de Faraó; e Moisés clamou ao

Senhor

por causa das rãs, conforme combinara com Faraó. E o

Senhor

fez conforme a palavra de Moisés; morreram as rãs nas casas, nos pátios e nos campos. Ajuntaram-nas em montões e montões, e a terra cheirou mal. (8.12-14)

O fim da praga foi tanto um milagre divino quanto a praga em si. Algumas das rãs pularam de volta para o seu devido lugar no Nilo. O restante morreu por todo o Egito. Havia montes e montes delas. Seus corpos se empilhavam em montes gigantes, onde apodreciam sob o escaldante sol africano. Esse é um tipo de detalhes que vem de alguém que realmente testemunhou os acontecimentos. Sem dúvida alguma, isso fez com que Faraó se arrependesse por não ter sido mais específico a respeito de como ele havia imaginado a remoção das rãs. Mesmo depois de um imenso esforço de limpeza, ele continuava com uma crise de saúde pública em suas mãos. Isso também foi um ato de juízo divino. A remoção da praga também se evidenciou como maldição, pois Deus obrigou os egípcios a encarar as consequências dos seus pecados. Anteriormente, os hebreus haviam se queixado de que Moisés havia feito “nosso cheiro repelente diante de Faraó” (5.21; ARC). Aqui, a Bíblia usa a mesma palavra para mostrar que o Egito havia se transformado em fedor perante Deus.

Observe por que as rãs coaxaram. Coaxaram porque Deus responde as orações. Depois de prometer que Deus encerraria a praga, Moisés se dedicou à oração. A Bíblia diz que ele “clamou ao Senhor” (8.12; cf. 17.4). Sua intercessão foi fervorosa, quase desesperada. O verbo “clamar” (Ts^a^q) é usado em outros pontos no livro de Êxodo para descrever a maneira como os hebreus clamaram

contra seus capatazes (5.15) e a maneira como eles clamaram por salvação quando chegaram ao mar Vermelho (14.15). Mais tarde, Moisés clamaria por sua própria salvação quando os israelitas estavam dispostos a apedrejá-lo (17.4). Pode parecer estranho que, nessa ocasião, ele clamou em nome de Faraó, mas Moisés não estava orando para o bem de Faraó, mas pela glória de Deus. Ele havia colocado a reputação de Deus na linha de fogo quando prometeu um milagre, por isso, implorou que Deus demonstrasse seu poder encerrando a praga.

Um dos grandes privilégios do cristão é o acesso a Deus por meio da oração, especialmente em tempos de desastre e aflição. Às vezes, intercedemos em nome de outros, pedindo que Deus tenha misericórdia daqueles que sofrem tempestades, fomes e terremotos. Em outras ocasiões, somos obrigados a implorar pela nossa própria libertação. Séculos depois, quando Salomão dedicou o templo em Jerusalém, ele pediu que, se em algum momento os israelitas tivessem de ser punidos pelos seus pecados como os egípcios, Deus ouvisse seus gritos por misericórdia. Ele orou:

Quando houver fome na terra ou peste [...] ou houver alguma praga ou doença, toda oração e súplica que qualquer homem ou todo o teu povo de Israel fizer, conhecendo cada um a chaga do seu coração e estendendo as mãos para o rumo desta casa, ouve tu nos céus, lugar da tua habitação. (1Rs 8.37-39)

Essa promessa ainda é válida. Qualquer que seja o desastre, podemos estender nossas mãos a Deus em oração, e ele nos ouvirá no céu.

Um pouco de espaço para tomar fôlego

Faraó prometeu que, assim que as rãs desaparecessem, ele deixaria o povo de Deus partir. “Vendo, porém, Faraó que havia alívio, continuou de coração endurecido e não os ouviu, como o Senhor tinha dito” (8.15). Moisés orou, Deus respondeu, e Faraó quebrou sua promessa. Foi a primeira vez em que ele voltou atrás na sua palavra, mas não seria a última. Faraó era o tipo de homem que diz

qualquer coisa para sair de uma encrenca, mas assim que os problemas desaparecem, ele volta a agir da mesma maneira egoísta.

A única coisa que realmente importava a Faraó era seu próprio conforto. Quando viu "que havia alívio", ele voltou a endurecer seu coração contra Deus. O texto hebraico diz literalmente: "quando o Faraó viu que havia espaço". Ele queria apenas um pouco de espaço, e assim que conseguiu espaço o suficiente para voltar a impor seus próprios termos, Deus se tornou inútil para ele. Fora de vista, fora da mente, pois uma vez que as rãs haviam desaparecido da vista de Faraó, Deus desapareceu da sua mente.

Isso mostra o que havia de errado com a oração de Faraó. Como muitas pessoas, ele queria apenas que Deus removesse as consequências do seu pecado; nunca tinha qualquer intenção de se livrar do pecado em si. Um exemplo melhor de como devemos orar vem do hino "Come, my soul, thy suit prepare" (1779), de John Newton:

Com meu fardo eu começo:

"Senhor, remove esse peso de pecado;

Que teu sangue, derramado pelos pecadores,

Liberte da culpa a minha consciência;

Liberte da culpa a minha consciência".

É desse modo que Faraó deveria ter começado a sua oração – pedindo que Deus removesse seus pecados, não suas rãs. Mas Faraó não estava interessado em ter um relacionamento com Deus. Sua única motivação era o interesse próprio, e uma vez que obteve um pouco de espaço para respirar, ele renegou sua promessa de viver para a glória de Deus.

O mau exemplo de Faraó mostra o perigo de assumir um compromisso temporário com Deus que fique aquém da fé salvadora. Isso nos lembra da parábola de Jesus sobre os dois filhos cujo pai pediu que fossem trabalhar no

campo (Mt 21.28-31). Um dos filhos disse ao pai que ele não iria, mas acabou fazendo o trabalho mesmo assim. O outro filho prometeu cumprir as tarefas, mas nunca apareceu no campo. Foi o primeiro filho que acabou cumprindo a vontade do pai. Faraó era como o segundo filho, aquele que quebrou sua promessa. Jesus terminou sua parábola com uma advertência, dizendo que a salvação é apenas para aqueles que se arrependem e creem. Uma promessa falsa de obediência não levará à vida eterna. Não basta dizer que somos cristãos ou que, algum dia, talvez seremos salvos. Se quisermos que Deus nos salve, precisamos verdadeira e realmente ir a Jesus Cristo.

Toda pessoa que ainda esteja tentando decidir se quer ou não ir a Cristo precisa saber que as pragas voltarão. Em sua revelação do juízo vindouro, o apóstolo João escreveu: “Então, vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs; porque eles são espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande Dia do Deus Todo-Poderoso” (Ap 16.13-14). As únicas pessoas que estarão a salvo naquele dia terrível são aquelas que pertencem a Jesus Cristo – não aquelas que precisam emprestar uma oração de outra pessoa, mas aquelas que oraram pela sua própria salvação.

Notas

1 Weldon Kees, “The coming of the plague”, em Robert Atwan e Laurance Wieder (orgs.), Chapters into Verse: Poetry in English Inspired by the Bible (Nova York: Oxford University Press, 1993), p. 124.

2 Umberto Cassuto, A Commentary on the Book of Exodus, Israel Abrahams (trad.) (Jerusalém: Magnes, 1967), p. 100.

3 Greta Hort, “The Plagues of Egypt”, Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft 69 (1957): p. 84-103; 70 (1958): p. 48-59; veja especialmente o vol. 69, p. 96-8. Para uma explicação diferente, veja Colin J. Humphreys, The Miracles of Exodus: A Scientist’s Discovery of the Extraordinary Natural Causes of the Biblical Stories (Nova York: HarperCollins, 2003), p. 119-21.

4 W. M. Flinders Petrie, Egypt and Israel (Londres: SPCK, 1911), p. 35-36.

5 James Montgomery Boice, Ordinary Men Called by God: A Study of Abraham, Moses, and David (Grand Rapids: Kregel, 1998), p. 65. E foi assim que Harry Rimmer o imaginou em Dead Men Tell Tales (Berne, IN: Berne Witness, 1939):

Como um cobertor de imundície, as monstruosidades pegajosas e molhadas cobriram a terra, até os homens se enojarem com o contínuo ruído de corpos esmagados na pavimentação repugnante sobre a qual eram obrigados a caminhar. Se o pé de um homem escorregasse na massa gordurenta de seus corpos esmagados, ele caía numa massa ofensiva indescritível de impureza pútrida e,

quando buscava água para se lavar, a água era sólida de rãs e ele não conseguia se lavar (p. 105).

6 Charles H. Spurgeon, “Take Away the Frogs” (Nº. 3.340), The Metropolitan Tabernacle Pulpit (Pasadena, TX: Pilgrim, 1972).

7 John D. Currid, A Study Commentary on Exodus, vol. 1 (Auburn, MA: Evangelical USA, 2000), p. 173.

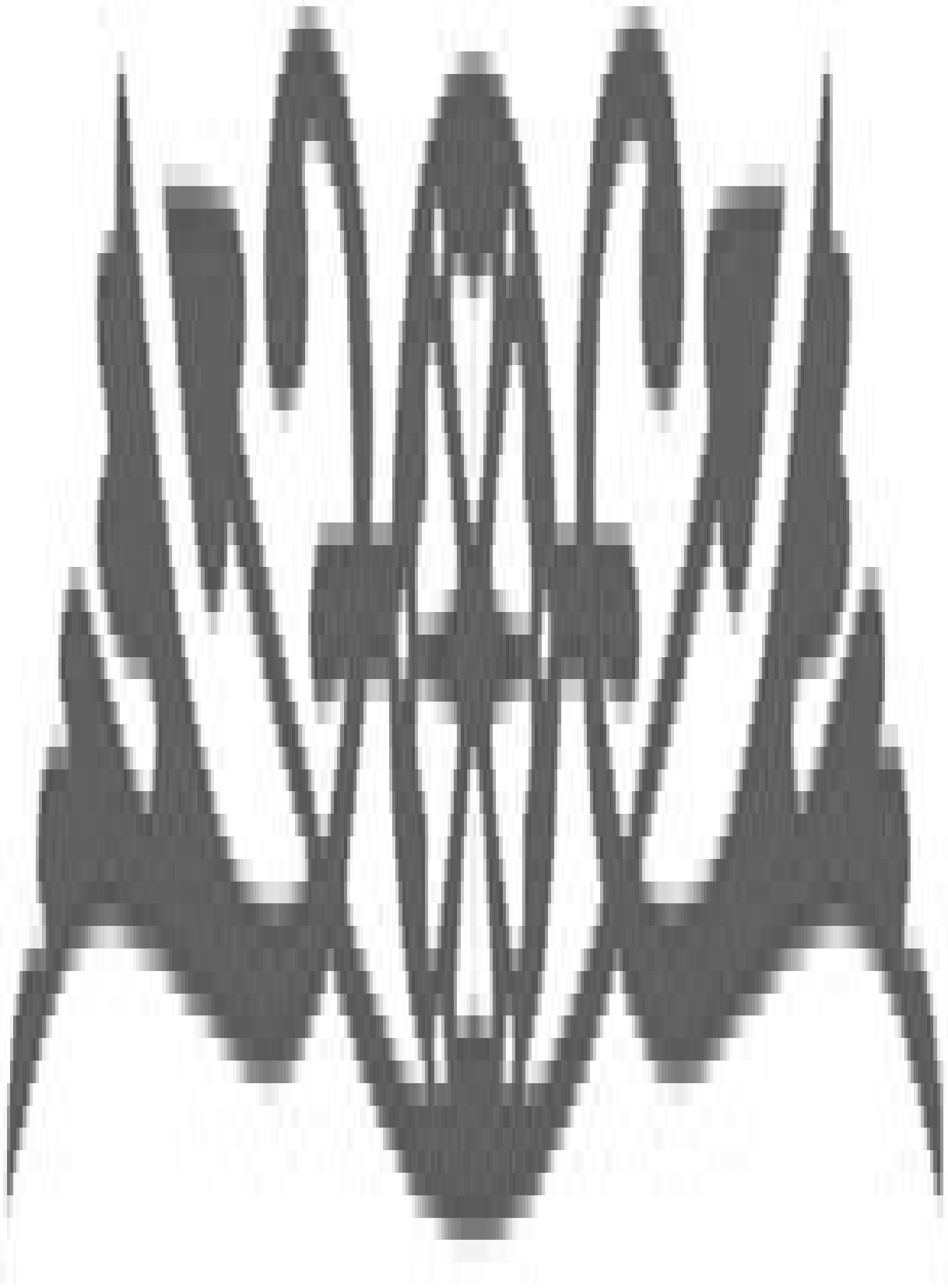
8 Ibid.

9 Spurgeon, “Take Away the Frogs”.

20

O dedo de Deus

Êxodo 8.16-19



O que seria necessário para persuadir Faraó a deixar o povo de Deus partir? Mais do que um rio de sangue; mais do que uma infestação de rãs. Assim, Deus afligiu o Egito com outra praga, uma praga que veio sem aviso prévio:

Disse o

Senhor

a Moisés: Dize a Arão: Estende o teu bordão e fere o pó da terra, para que se torne em piolhos por toda a terra do Egito. Fizeram assim; Arão estendeu a mão com seu bordão e feriu o pó da terra, e houve muitos piolhos nos homens e no gado; todo o pó da terra se tornou em piolhos por toda a terra do Egito. (8.16-17)

O que estava incomodando o velho Faraó?

Há alguma incerteza quanto ao tipo exato de insetos que afligiu os egípcios. Antes de se tornar um desenhista de fama mundial (Peanuts), o já falecido Charles M. Schultz escreveu um livro cômico intitulado de What was bugging Ol' Pharaoh? No caso da terceira praga, é exatamente esta a pergunta: que tipo de insetos foi usado por Deus para incomodar os egípcios? As possibilidades incluem o mosquito, o piolho, a pulga, larvas, o maruim e o mosquito-palha. Faça sua escolha.

No hebraico moderno, a palavra K!N!m significa "piolhos", e é assim que a versão King James a traduz. A English Standard Version os chama de mosquitos porque é a interpretação favorecida pelas primeiras versões gregas do Antigo Testamento. No entanto, a Bíblia diz que esses insetos estiveram "nos homens e no gado" (8.17). Em outras palavras, parecem realmente ter tocado os egípcios. Portanto, parece mais provável que tenham sido piolhos ou mosquitos, não pulgas. Escrevendo no 1º século d.C., Filo de Alexandria descreveu como esses insetos entravam pelo nariz e pelos ouvidos das pessoas.1 Qualquer que seja a definição entomológica exata desses insetos, tratava-se de pestes importunas e irritantes, que cobriram todo o Egito e incomodaram cada criatura que respirava.

A praga de insetos foi a terceira de dez pragas que afligiram os egípcios. Estudiosos bíblicos têm feito várias tentativas de organizar essas pragas em algum tipo de padrão. Umberto Cassuto as divide em pares baseados na natureza das próprias pragas. As duas primeiras pragas (sangue e rãs) afetaram o Nilo; as duas seguintes (piolhos e moscas) envolviam insetos; a quinta e a sexta pragas (gado e pústulas) eram doenças; a sétima e a oitava pragas (granizo e gafanhotos) afetaram as lavouras do Egito; e as duas últimas pragas (trevas e morte dos primogênitos) envolviam diferentes tipos de escuridão.2

Muitos outros estudiosos – incluindo alguns dos primeiros rabinos – perceberam que as nove primeiras pragas formam grupos de três. Antes da primeira praga em cada ciclo, Moisés procura Faraó de manhã cedo (pragas 1, 4 e 7; veja 7.15; 8.20 e 9.13). Antes da segunda praga em cada ciclo, ele confronta Faraó no seu palácio (pragas 2, 5 e 8; veja 8.1-3; 9.1 e 10.1). A terceira e última praga em cada grupo vem sem qualquer aviso ou confronto (pragas 3, 6 e 9; veja 8.16; 9.8 e 10.21). Uma vantagem de agrupar as pragas dessa forma é que a atenção é voltada para a décima e última praga, que se destaca como clímax mortal do juízo de Deus contra os egípcios e seus deuses.

Como vimos acima, outra maneira de organizar as pragas é vê-las como série de desastres naturais, cada uma causada pela que a antecede. No caso dos insetos, alguns estudiosos têm sugerido que eles nasceram das larvas criadas nas pilhas de rãs apodrecidas. Alternativamente, podem ter sido mosquitos causados pela enchente sazonal. Alan Cole escreve: “Se isso aconteceu no final do outono, os campos ainda estariam inundados. Mosquitos se procriariam em números inacreditáveis; quando importunados, levantavam-se numa nuvem negra, e o ar se enchia com seu zumbido”.3 Os números teriam sido particularmente altos nesse caso, argumentam, porque não havia rãs para mantê-los sob controle.

O problema com essas explicações é que elas ignoram o sentido claro das Escrituras. Deus disse: “Fere o pó da terra, para que se torne em piolhos” (8.16). Esses insetos não vieram das rãs ou do rio Nilo; vieram da poeira do chão, que Arão feriu com o bordão de Deus. A Bíblia diz também que “todo o pó da terra se tornou em piolhos por toda a terra do Egito” (8.17). A questão não é se realmente cada grão de poeira se transformou em inseto, mas que todo o país foi coberto por eles. A palavra “pó” é usada de modo semelhante no livro de Gênesis. Quando Deus prometeu fazer de Abraão uma grande nação, ele disse que seus descendentes seriam “como o pó da terra” (Gn 13.16; cf. Gn 28.14), isto é, que ele teria mais descendentes do que seria capaz de contar. O mesmo se

aplica aos insetos que atormentaram o Egito – seu número era esmagador.

Como os outros nove desastres que afligiram os egípcios, a praga dos insetos foi um verdadeiro milagre. Um milagre é um ato direto de intervenção divina em que Deus se impõe à natureza para manifestar sua glória. A essência do milagre é que ele é sobrenatural; ou seja, ele transcende as leis comuns da natureza. Louis Berkhof escreve:

O aspecto distintivo do ato milagroso é que ele resulta do exercício do poder sobrenatural de Deus. E isso significa, é claro, que ele não pode ser produzido [...] pelas leis da natureza. Se pudesse, não seria sobrenatural (acima da natureza), ou seja, não seria um milagre. Se, na realização de um milagre, Deus utilizou forças presentes na natureza, ele as usou de modo fora do comum para produzir resultados inesperados, e era exatamente isso que constituía o milagre.4

As pragas no Egito foram milagres no verdadeiro sentido bíblico da palavra. Foram atos diretos da intervenção divina, que transcendiam as causas da natureza. Uma das melhores defesas das pragas bíblicas como milagres vem do livro Archeology and Bible history, de Joseph Free:

Às vezes, têm sido feito esforços para racionalizar as pragas como fenômenos naturais no Egito. É totalmente verdadeiro que quantidades incomuns de rãs e piolhos, trevas inesperadas e outras intensificações sérias de fenômenos naturais têm sido conhecidas no Egito. Uma análise das pragas mostra, porém, que elas foram milagrosas em, pelo menos, cinco aspectos: (1) Intensificação – rãs, insetos, doença do gado, granizo e escuridão são conhecidos no Egito, mas então foram intensificados muito além da ocorrência comum. (2) Predição – o tempo havia sido estabelecido para a vinda das moscas (“amanhã”, 8.23), a morte do gado (9.5), o granizo (9.18) e os gafanhotos (10.4). O momento da remoção também foi estabelecido: p. ex., as rãs (8.10) e o trovão (9.29). A ciência moderna não consegue predizer com exatidão a cessação de fenômenos naturais como, por exemplo, o granizo. (3) Discriminação – em Gósen, não houve moscas (8.22), o gado não morreu (9.4), não houve granizo (9.26), etc. (4) Organização – a severidade das pragas aumentou até culminar na morte do

primogênito de Faraó. (5) Propósito moral – as pragas não eram simplesmente desvios da natureza, mas tinham estes propósitos morais: a) Os deuses do Egito foram desacreditados, um propósito indicado em Êxodo 12.12; o deus do Nilo, o deus-rã e o deus-sol se revelaram como impotentes perante Deus. b) Faraó soube que o Senhor é Deus e teve de reconhecer isso (9.27; 10.16). c) Deus se revelou Salvador ao resgatar Israel das mãos dos egípcios (14.30).5

Embora Deus tenha usado fenômenos naturais como animais, doenças e tempestades, essas pragas foram muito além do curso normal da natureza. Tudo o que incomodou Faraó foi colocado ali pelo dedo de Deus; era produto do seu poder sobrenatural.

Des-criação e desordem

Deus poderia ter escolhido alguma outra maneira de convencer Faraó da necessidade de deixar seu povo partir. Ele poderia ter escrito hieróglifos gigantes no céu, dizendo: “Deixa ir o meu povo. Atenciosamente, Deus”. Ele poderia ter dado a Moisés o poder de fazer levitar uma das pirâmides ou enviado uma aeronave gigante para transportar seu povo para a Palestina. Em vez disso, Deus aproveitou as forças comuns da natureza e as submeteu ao seu poder sobrenatural. A pergunta é: por quê? Não teria sido mais fácil se Deus tivesse dado a Faraó um sinal que fugisse completamente à natureza em vez de um sinal que voltou a natureza contra ele?

Uma maneira de responder a essa pergunta é ressaltar que a maioria das pragas foi planejada para derrotar deuses e deusas específicos do panteão egípcio. Já vimos como Deus usou o rio de sangue para conquistar Hapi, Khnum e Osíris, os deuses do Nilo. Vimos também como a praga das rãs derrotou Heqet, a deusa da fertilidade. A intenção da terceira praga pode ter sido humilhar o deus-terra Geb. Ao transformar poeira em insetos, Deus reivindicou autoridade sobre o solo do Egito e, portanto, sobre o deus do solo. A estratégia de Deus para obter glória sobre os deuses do Egito era derrotá-los um por um demonstrando seu controle sobre as criaturas que os egípcios adoravam.

Deus tinha outra razão para usar forças naturais de maneira milagrosa, ou seja,

sua intenção era demonstrar seu poder sobre toda a criação. Uma das coisas surpreendentes relacionadas às dez pragas é a maneira como elas suspenderam a ordem natural. Era como se Deus estivesse des-criando o mundo que ele havia feito, pelo menos no Egito. Observe os seguintes paralelos que John Currid observou entre as pragas do Êxodo e os seis dias da criação:

Quando Deus criou o mundo, ele separou a luz da escuridão (1º dia; Gn 1.1-5), mas na nona praga a luz foi apagada (Êx 10.21-29).

Quando Deus criou o mundo, ele reuniu a água num lugar (2º dia; Gn 1.6-8; mas na primeira praga a água foi transformada em sangue (Êx 7.15-25).

Quando Deus criou o mundo, ele fez com que a vegetação crescesse na terra (3º dia; Gn 1.9-13), mas na sétima e oitava pragas ele destruiu as lavouras do Egito (Êx 9.18–10.20).

Quando Deus criou o mundo, ele colocou dois grandes luzeiros no firmamento (4º dia; Gn 1.14-19), mas com a nona praga o sol deixou de brilhar (Êx 10.21-29).

Quando Deus criou o mundo, ele encheu as águas com criaturas marinhas (5º dia; Gn 1.20-23), mas a primeira e segunda pragas terminaram com a morte dos peixes e das rãs (Êx 7.15–8.15).

Quando Deus criou o mundo, ele criou os animais terrestres e as pessoas (6º dia; Gn 1.4-31), mas as pragas 3 a 6 afligiram homem e animal com pestilência e doença (Êx 8.16–9.17) até Deus, finalmente, matar cada filho primogênito no Egito (Êx 11–12).

As pragas causaram tamanho caos que Currid conclui que Deus estava “des-criando” o Egito.6

A praga dos insetos fazia parte dessa des-criação. A Bíblia diz que os insetos vieram “do pó da terra”. Isso nos faz pensar em Gênesis 2.7, em que as Escrituras dizem que “formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra”. Em ambos os casos, Deus criou algo a partir do solo, e em ambos os casos ele o fez

por meio do poder da sua Palavra. Em seu resumo das pragas, o salmista escreveu: “Ele [Deus] falou, e vieram nuvens de moscas e piolhos em todo o seu país” (Sl 105.31). A diferença era que, dessa vez, os animais tiveram domínio sobre as pessoas, e assim a ordem da criação foi invertida.

Ao gerar caos a partir da ordem, Deus estava lançando outro ataque direto contra os egípcios e seus deuses. Os egípcios acreditavam que Faraó tinha o poder de manter a ordem cósmica, que eles chamavam de m^a^T. M^a^T era o equilíbrio universal, a “força cósmica de harmonia, ordem, estabilidade e segurança”.7 Cabia a Faraó a responsabilidade de manter o m^a^T controlando o clima, regulamentando as estações e de modo geral preservando a ordem no mundo. Um bom exemplo da fé dos egípcios em Faraó de fazer isso vem de um antigo texto chamado “A profecia de Neferti”. O texto, que descreve a ascensão de Amenemés, promete que, quando o rei começar a reinar, “a ordem encontrará seu lugar, e o caos será expulso”.8

As pragas atacaram essa fé nos seus próprios fundamentos. Ao afligir os egípcios com praga após praga e assim lançando seu país em confusão, Deus estava confrontando suas crenças básicas referentes à ordem e ao equilíbrio no universo. Faraó não podia ser o Deus verdadeiro porque ele era incapaz de manter o m^a^T no mundo. Apenas o Deus de Israel tinha o poder de controlar o caos no cosmo.

Uma maneira de aplicar essa lição é perguntar a nós mesmos qual é a nossa base. Qual é a fonte do nosso equilíbrio? Algumas pessoas têm sua sensação de segurança nos seus empregos ou investimentos. Outros confiam em sua inteligência, charme, beleza ou vigor físico. Mas no dia do desastre, quando reinar o caos, nenhuma dessas coisas será capaz de impedir que o nosso mundo se dissolva. O que acontece quando há uma correção no mercado? Ou quando nosso departamento é reorganizado e nós somos obrigados a atualizar nosso currículo? O que acontece quando vamos à faculdade e começamos a tirar nota 6 em vez de nota 10, ou quando nossos pais se divorciam, ou quando, de repente, precisamos ser hospitalizados? Quando nosso mundo vira de cabeça para baixo, descobrimos que nossas habilidades e nossos bens não são capazes de nos salvar.

A Bíblia ensina que aquilo que traz ordem e coesão verdadeiras ao universo é a pessoa e a obra de Jesus Cristo: “Pois, nele, foram criadas todas as coisas [...] Nele, tudo subsiste” (Cl 1.16-17). Jesus Cristo é aquele que mantém tudo unido. Nas palavras daquele antigo hino gospel: “Ele tem o mundo inteiro em suas

mãos". Isso é verdadeiro não apenas em termos cósmicos, mas também em termos pessoais. Quando seu mundo parece estar fora de controle, o único fundamento estável é a fé em Jesus Cristo.

Satanás tem limitações

Quando Faraó começou a perder o controle, seus magos realizaram uma última tentativa desesperada de impor ordem ao caos por meio dos seus próprios poderes. Até então, o desempenho desses feiticeiros havia sido bastante impressionante. Eles haviam demonstrado seu poder de transformar água em sangue e de tirar rãs da água, de modo que todos esperavam que eles conseguiriam também transformar pó em insetos. "E fizeram os magos o mesmo com suas ciências ocultas para produzirem piolhos, porém não o puderam; e havia piolhos nos homens e no gado" (8.18).

A última frase – "havia piolhos nos homens e no gado" – mostra a extensão do fracasso dos magos. Eles não apenas não eram capazes de produzir mais insetos, mas estavam também completamente cobertos deles, e não havia nada que pudessem fazer a esse respeito. Era profundamente humilhante, especialmente porque os líderes religiosos do Egito se orgulhavam de sua pureza física. Antes de realizarem seus rituais diários, eles tomavam um banho extenso e rapavam todo o cabelo. Portanto, assim escreve John J. Davis, é "um tanto duvidoso que o sacerdócio no Egito pudesse funcionar efetivamente depois de ter sido poluído pela presença desses insetos. Eles, como seus adoradores, estavam infectados pela pestilência dessa ocasião. Suas orações haviam se tornado ineficazes em virtude de sua própria impureza com a presença de piolhos em seu corpo".9

Como os magos de Faraó eram servos de Satanás, a praga de insetos mostra claramente que o poder de Satanás tem limites. Reconhecemos que Satanás tem algum poder. A Bíblia afirma que sua obra se manifesta "com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira" (2Ts 2.9). Como vimos, seja por meio de algum truque engenhoso ou alguma magia demoníaca, os magos de Faraó foram capazes de imitar as duas primeiras pragas. Em todo caso, eles realizaram sua magia em oposição a Deus e, por isso, a serviço de Satanás.

Satanás tem também outros poderes. Ele tem o poder de rebelar-se (Is 14.12-14), de tentar (Mt 4.1), de enganar (Ap 20.10) e de acusar (Zc 3.1). Ele tem o poder

de manter os pecadores presos na iniquidade deles (2Tm 2.26). Em certas ocasiões, ele tem o poder de atormentar os eleitos com diversas aflições (2Co 12.7), incluindo doença (Jó 2.1-7) e prisão (Ap 2.10). A Bíblia descreve Satanás como aquele que "tem o poder da morte" (Hb 2.14). Deus deu a Satanás até mesmo o poder de trair seu único Filho (Lc 22.3-5), uma traição que resultou nos sofrimentos e na morte na cruz de nosso Senhor.

Satanás é muito poderoso, mas seus poderes são limitados. Contemple todas as coisas que ele é incapaz de fazer: ele não consegue criar; ele só pode destruir. Ele não consegue redimir; ele só pode ser condenado. Ele não consegue amar; ele só pode odiar. Ele não consegue ser humilde; ele só pode ser orgulhoso. Mas o fato mais avassalador é que ele foi incapaz de manter o Filho de Deus no túmulo. Deus destruiu o poder do diabo ressuscitando Jesus dentre os mortos. A Bíblia diz: "Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo" (1Jo 3.8b), e a maneira como Jesus as destruiu foi por meio de sua crucificação e ressurreição. No fim, Satanás será totalmente derrotado. Todos os seus planos ímpios darão em nada, e ele mesmo será "lançado para dentro do lago de fogo e enxofre", onde ele "será atormentado de dia e de noite, pelos séculos dos séculos" (Ap 20.10).

Satanás deveria ter previsto isso. Lá atrás, no Egito, quando seus servos não conseguiram transformar poeira em insetos, ele devia ter compreendido que jamais seria capaz de competir com o Deus de todo poder e glória.

Devemos nos lembrar das limitações de Satanás sempre que formos tentados ou enfrentarmos algum tipo de oposição espiritual. Ele é potente, mas não onipotente. Se formos seguidores de Jesus Cristo, então o Deus ao qual servimos é infinitamente mais poderoso do que nosso maior inimigo. Deus pode e está disposto a nos salvar do poder de Satanás. Quando oramos "Livra-nos do mal" (Mt 6.13), ele atende a nossa oração. Quando vestimos "toda a armadura de Deus", ele nos capacita a "ficar firmes contra as ciladas do diabo" (Ef 6.11), pois como dizem as Escrituras: "resisti ao diabo, e ele fugirá de vós" (Tg 4.7). Uma das suas muitas limitações é que o Satanás é incapaz de resistir a um único cristão que confia no grande poder de Deus de salvar.

O dedo de Deus

Devemos reconhecer que os magos perceberam que estavam lidando com um poder maior. O que realmente os deixou impressionados não foi a praga em si, mas o fato de que Deus tinha o poder de impedi-los de imitá-la. Quando não conseguiram transformar pó em insetos, “disseram os magos a Faraó: Isto é o dedo de Deus” (8.19a).

À primeira vista, parece que finalmente Deus havia transformado esses egípcios em crentes. Os sacerdotes de Faraó pareciam estar confessando sua fé no único Deus verdadeiro. Eles reconheceram que a terceira praga era um milagre divino. Eles disseram a Faraó que a terra das pirâmides havia sido tocada pelo próprio dedo de Deus. No entanto, o termo que eles usaram para Deus (#l"h!m) é um termo geral, e há várias maneiras diferentes de interpretar o que eles disseram.

Já que #l"h!m ocorre no plural, os magos de Faraó podem ter dito: “Este é o dedo dos deuses”, ou seja, dos deuses do seu próprio panteão. Segundo a mitologia egípcia, os dois irmãos Set e Osíris estavam lutando constantemente pelo domínio do mundo com Horus, o deus do céu. Na sua guerra, o dedo de Set ameaçava constantemente furar o olho de Horus e, assim, destruí-lo. Os egípcios também usavam a expressão “dedo de Deus” para descrever um ataque que o deus-lua Thoth lançou contra Apófis, a serpente.10 Assim, quando falaram do “dedo de Deus”, é possível que tenham atribuído a praga de insetos a um dos seus próprios deuses.

A outra possibilidade é que, quando os sacerdotes de Faraó falaram do “dedo de Deus”, eles realmente estavam admitindo que estavam na presença do Ser Supremo. Primeiro pensaram que Moisés e Arão eram magos como eles mesmos, mas quando o palácio se encheu de insetos, eles foram obrigados a se submeter ao poder divino de um Deus superior.

Ao dar alguma glória a Deus, os magos estavam seguindo na direção espiritual certa. No entanto, não alcançaram a verdadeira fé salvadora, pois, mesmo reconhecendo Deus em termos gerais, eles não o conheceram pessoalmente. Sabemos isso porque eles se dirigiram a Deus com seu nome geral #l"h!m, não com seu nome da aliança Yahweh, que significa “Senhor”. Todavia, era esse todo o propósito do êxodo. No início do capítulo 7, Deus disse a Moisés: “Saberão os egípcios que eu sou o Senhor, quando estender eu a mão sobre o Egito e tirar do meio deles os filhos de Israel” (7.5). Mas os magos ainda não sabiam que o Deus de Israel era o Senhor de tudo. No nosso estudo anterior, vimos que Faraó sabia muito sobre Deus, mas sem conhecer Deus pessoalmente.

O mesmo era verdadeiro quanto aos magos. Eles sentiram que estavam na presença de uma força cósmica, de uma divindade mais poderosa do que qualquer deus ao qual eles jamais adoraram, mas eles não o chamaram “Senhor”. Isso foi porque lhes faltava a única coisa necessária para a salvação: um relacionamento pessoal com o Deus Todo-Poderoso.

Muitas pessoas acreditam em Deus sem nunca ir a ele para receber salvação. Na verdade, se as pesquisas forem corretas, a maioria das pessoas acredita em Deus. Elas reconhecem a existência de um Criador. Confessam sua necessidade de “um Poder Superior”. Falam do “Homem lá no céu”. Quando ocorre uma catástrofe natural, elas se referem a ela como “um ato de Deus”. Muitas vezes usam um dos nomes de Deus quando xingam alguém. Mas o que elas parecem não conseguir é confessar Jesus como Senhor. Contudo, é exatamente isso que Deus exige para a salvação – não apenas uma crença geral em Deus, mas uma fé pessoal em Jesus Cristo como o Deus verdadeiro e único Salvador: “Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação” (Rm 10.9-10). Deus não espera apenas que as pessoas se tornem mais religiosas; ele as chama para que se tornem cristãs.

Todos que forem a Deus por meio de Cristo, reconhecendo seu senhorio, são capazes de contemplar o que ele fez e dizer: “Este é o dedo de Deus”. O rei Davi viu o dedo de Deus operando na criação. Escreveu: “Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste...” (Sl 8.3).

Davi reconheceu que Deus deixou suas impressões digitais em tudo o que ele fez. Moisés viu o dedo de Deus operando na revelação. Quando encontrou Deus na montanha, Moisés recebeu “as duas tábuas do Testemunho, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus” (31.18). Muitas outras pessoas viram como o dedo de Deus tocou sua vida de maneira mais comum: uma oração atendida, uma necessidade satisfeita, uma amizade restaurada, um pecador convertido. Quando vemos Deus trabalhando na nossa vida, ajudando-nos por causa de sua bondade e transformando-nos pela sua graça, somos impelidos a dizer: “Este é o dedo de Deus”.

O melhor lugar para ver o dedo de Deus é na vida e no ministério de Jesus Cristo. Na verdade, o próprio Jesus emprestou essa expressão dos magos de Faraó depois de realizar um dos seus milagres. Lucas 11 narra essa história.

Jesus havia expulsado um demônio de um homem mudo. A Bíblia diz: “E aconteceu que, ao sair o demônio, o mudo passou a falar; e as multidões se admiravam. Mas alguns dentre eles diziam: Ora, ele expele os demônios pelo poder de Belzebu, o maioral dos demônios. E outros, tentando-o, pediam dele um sinal do céu” (Lc 11.14b-16).

Jesus respondeu com seu famoso ensinamento de que uma casa dividida não se sustenta. O que ele quis dizer era que, se ele estivesse expulsando demônios pelo poder de demônios, a casa de Satanás estaria dividida e certamente cairia. Mas é claro que Jesus não estava expulsando demônios por Belzebu; ele os estava expulsando por meio do seu próprio poder divino. Para explicar o que ele estava fazendo, ele disse: “Se, porém, eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente, é chegado o reino de Deus sobre vós” (Lc 11.20). É fácil imaginar Jesus erguendo seu dedo quando disse isso, pois seu dedo era o dedo de Deus. Qualquer gesto que possa ter feito, Jesus estava dizendo o mesmo que Deus disse quando afligiu os egípcios com os insetos. Estava mostrando que Satanás tem seus limites. Também estava mostrando que, a fim de derrotar Satanás, tudo que ele precisava fazer era levantar seu dedo mindinho.

Jesus Cristo é o Moisés da nossa salvação. Ele derrotou o poder de Satanás e abriu o caminho para a vida eterna. Quando ouvimos a boa-nova de sua morte e ressurreição, devemos dizer: “Este é o dedo de Deus”. Isso porque foi necessário o poder de Deus para expiar o pecado e ressuscitar Jesus de entre os mortos.

Uma vez que você vê como o dedo de Deus tocou o mundo por meio de Jesus Cristo, a coisa certa a fazer é receber Jesus como Salvador. Não faça o que Faraó fez. A Bíblia diz: “Porém o coração de Faraó se endureceu, e não os ouviu, como o Senhor tinha dito” (8.19b). Mais uma vez, Faraó endureceu seu coração. Mesmo quando foi tocado pelo dedo de Deus, ele se recusou a dar a glória a Deus. Isso mostra que o que realmente estava o incomodando era o poder superior de Deus. Se você foi tocado pelo dedo de Deus, não endureça seu coração perante sua salvação, mas abra seu coração para Jesus.

Notas

1 Filo de Alexandria, citado em Godfrey Ashby, Go Out and Meet God: A Commentary on the Book of Exodus, International Theological Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1998), p. 44.

2 Umberto Cassuto, A Commentary on the Book of Exodus, Israel Abrahams (trad.) (Jerusalém: Magnes, 1967), p. 93.

3 R. Alan Cole, Exodus: An Introduction and Commentary, Tyndale Old Testament Commentaries (Leicester, UK: Inter-Varsity, 1973), p. 92-3.

4 Louis Berkhof, Systematic Theology, 4 ed. (Grand Rapids: Eerdmans, 1941), p. 176.

5 Joseph P. Free, Archaeology and Bible History (Wheaton, Il.: Van Kampen, 1950), p. 84.

6 John D. Currid, Ancient Egypt and the Old Testament (Grand Rapids: Baker, 1997), p. 113-17.

7 J. A. Wilson, The Burden of Egypt (Chicago: University of Chicago, 1951), p. 48.

8 “The Prophecy of Neferti”, citado em James K. Hoffmeier, Israel in Egypt (Oxford, UK: Oxford University Press, 1999), p. 152.

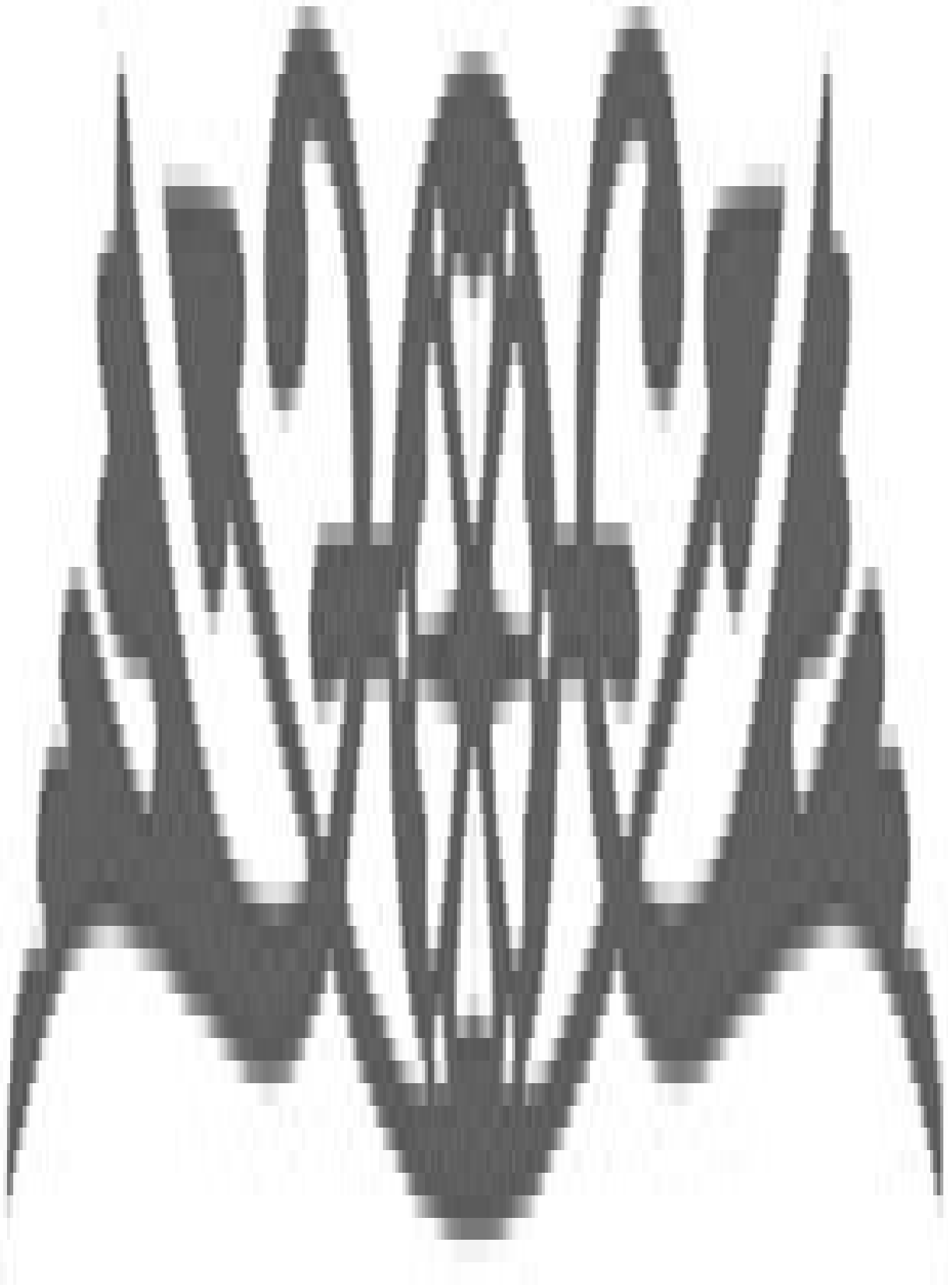
9 John J. Davis, Moses and the Gods of Egypt: Studies in the Book of Exodus (Grand Rapids: Baker, 1971), p. 103.

10 Göran Larsson, Bound for Freedom: The Book of Exodus in Jewish and Christian Traditions (Peabody, MA: Hendrickson, 1999), p. 62.

21

Senhor das moscas

Êxodo 8.20-32



No fim, Faraó foi derrotado pelas forças poderosas como escuridão e morte. Mas muito antes de o céu escurecer sobre o Egito e o anjo da morte levar seu filho primogênito, foram as coisas pequenas que atacaram Faraó – coisas pequenas como piolhos e moscas. Uma das maravilhas do êxodo é que Deus usou insetos miúdos para demonstrar seu poder sobre Faraó e seus deuses. Esse milagre levou Charles Spurgeon a observar: "Quando agrada a Deus humilhar o homem por meio dos seus juízos, nunca lhe faltam recursos: ele pode usar leões ou piolhos, fomes ou moscas. No arsenal de Deus há armas de todo tipo, desde estrelas em suas órbitas a lagartas em seus hospedeiros".1

Xô, mosca, xô!

As duas primeiras pragas – o rio de sangue e a infestação de rãs – vieram pela água. A terceira praga veio da terra: Deus transformou a poeira do chão em mosquitos ou, talvez, piolhos. A Bíblia não diz quando a praga terminou, portanto, é possível que ela tenha importunado os egípcios durante bastante tempo. Porém, finalmente os insetos desapareceram, e Deus enviou Moisés novamente a Faraó para anunciar a quarta praga, que veio pelo ar:

Disse o

Senhor

a Moisés: Levanta-te pela manhã cedo e apresenta-te a Faraó; eis que ele sairá às águas; e dize-lhe: Assim diz o

Senhor

: Deixa ir o meu povo, para que me sirva. Do contrário, se tu não deixares ir o meu povo, eis que eu enviarei enxames de moscas sobre ti, e sobre os teus oficiais, e sobre o teu povo, e nas tuas casas; e as casas dos egípcios se encherão destes enxames, e também a terra em que eles estiverem. (8.20-21)

Esses versículos marcam o início do segundo ciclo de três pragas. A essa altura, já nos familiarizamos com o padrão: Moisés procurou Faraó cedo de manhã (cf. 7.15). Ele foi até às margens do rio, onde encontrou Faraó adorando os mesmos velhos deuses. Ele foi como servo eleito de Deus para entregar uma mensagem do céu. Ele foi instruído a "apresentar-se a Faraó" – literalmente, a "não recuar" – e em nome do Deus de Israel ele disse: "Deixa ir o meu povo, para que me sirva" (8.20).

Essa declaração inclui a exigência de Deus e o destino do seu povo. A exigência de Deus era: "Deixa ir o meu povo". Não era certo que Faraó mantivesse os israelitas em escravidão cruel, forçando-os a produzir tijolos pesados sob o sol escaldante do deserto. Não eram povo de Faraó – eram o povo de Deus, e o que Deus exigia era nada menos do que sua libertação incondicional. E a razão pela qual ele exigia a liberdade de seu povo era para a sua própria glória. Deus disse: "Deixa ir o meu povo, para que me sirva". O povo de Deus precisava da liberdade para sair para o deserto, onde os israelitas adorariam seu Deus e fariam a expiação dos seus pecados. Esse era o grande propósito do êxodo, por meio do qual Deus salvou seu povo para a sua glória.

Esse é também o grande propósito da salvação em Jesus Cristo. O êxodo do Egito revela o padrão da sua redenção. Até que o Espírito de Deus venha para nos libertar, continuamos cativos por Satanás, que nos mantém escravizados em nossos pecados. Mas então – enquanto ainda nos encontramos na escravidão – ouvimos o evangelho, por meio do qual Deus diz ao pecado e a Satanás: "Deixa ir o meu povo!". A boa notícia sobre Jesus Cristo é a proclamação da nossa emancipação. Ela declara que a morte e a ressurreição do único Filho de Deus nos libertaram do pecado e da morte, e, com base nisso, exige nossa libertação da raiva, do prazer, do orgulho e de qualquer outro desejo pecaminoso. A liberdade espiritual verdadeira vem por meio da fé em Jesus Cristo. E o propósito último de Deus ao trazer essa libertação é receber a glória do nosso louvor. Uma vez que fomos libertados da nossa escravidão do pecado, estamos livres para adorar a Deus da maneira como fomos criados para adorá-lo. O plano de Deus é salvar-nos para a sua glória; é com esse propósito em mente que ele diz: "Deixa ir o meu povo, para que me sirva".

Faraó fez-se de surdo diante da exigência de Deus. Essa era a sexta vez em que Moisés lhe ordenara que deixasse ir o povo de Deus, e pela sexta vez Faraó

recusou-se a dar a glória a Deus dando liberdade aos israelitas. Em sua reação, Deus fez exatamente o que havia anunciado que faria. O versículo 21 usa um jogo de palavras para dizer que, se Faraó não enviasse os israelitas para fora do Egito, Deus "enviaria" as moscas para dentro do Egito. As Escrituras continuam: "Assim fez o Senhor; e vieram grandes enxames de moscas à casa de Faraó, e às casas dos seus oficiais, e sobre toda a terra do Egito; e a terra ficou arruinada com estes enxames" (8.24).

Não foram as coisas grandes que derrubaram Faraó, mas coisas pequenas em quantidades enormes. Há alguma dúvida em relação à espécie exata de insetos que afligiu os egípcios. O termo bíblico não se limita à mosca comum e pode referir-se a vários tipos de inseto voador. Talvez fossem mosquitos ou algum outro tipo de inseto voador ou mordedores. Várias fontes antigas (como, p. ex., a Septuaginta, que foi escrita no Egito) indicam que se tratava da "mosca-do-gado" – um inseto que chupa sangue e atormenta tanto o homem quanto o animal.2

Qualquer que tenha sido esse insento, seus enxames invadiram todo o Egito. A Bíblia diz literalmente que eles eram "pesados" (K^B#D, 8.24), o que significa que eram tão numerosos que se tornaram um fardo para os egípcios. Moscas são criaturas feias e repugnantes com hábitos desagradáveis e nojentos. Uma única mosca voando por uma sala pode ser uma distração. Dez moscas são um aborrecimento. Cinquenta moscas são uma verdadeira irritação, como descobri quando tentei estudar numa casa infestada de moscas. Mas imagine uma praga delas, uma invasão tão severa que as moscas cobriam cada centímetro do chão e invadiam cada canto de cada edifício. Havia moscas por toda parte, zumbindo nos ouvidos de cada egípcio. A Bíblia diz que elas causaram tamanho estrago que a terra ficou "arruinada" (8.24). O salmo 78 explica adicionalmente que Deus "Enviou contra eles enxames de moscas que os devorassem" (Sl 78.45a). As moscas praticamente comiam os egípcios vivos (o que sugere que eram, de fato, da variedade que picava). Tudo isso era um testemunho do poder de Deus, que é capaz de usar até mesmo as menores criaturas com uma força destrutiva tremenda.

Como temos descoberto, as pragas tinham o propósito de derrotar os deuses e as deusas do Egito. O Senhor Deus de Israel usou esses sinais e milagres para demonstrar seu poder sobre os ídolos de Faraó, às vezes de maneiras muito específicas. Ao transformar o Nilo em sangue, Deus triunfou sobre o deus fluvial Hapi; a praga das rãs significou a derrota de Heqet, a deusa da fertilidade, etc.

Mas quanto às moscas? Como elas se relacionavam aos deuses egípcios? John J. Davis vincula a quarta praga à mosca ichneumon, que deposita seus ovos em outros seres vivos e que, para os egípcios, era uma manifestação do deus Uadjet.3 Outros argumentam que as moscas eram, na verdade, besouros voadores, também conhecidos como escaravelhos. Os escaravelhos apareciam com frequência em monumentos, múmias, talismãs e amuletos egípcios. O escaravelho era sagrado para os egípcios. Eles haviam observado besouros industriosos que transformavam estrume animal em bolas e depois as rolavam até seus buracos na terra. Como escreve Donald Grey Barnhouse: "Logo estabeleceram uma conexão entre as esferas de estrume e o sol no céu e conceberam a ideia de que um besouro gigante empurrava o sol entre a noite e a manhã pelo submundo até o nascer do sol o trazer de volta para o céu".4 Assim, o escaravelho transformou-se em emblema do sol, que, para os egípcios, representava a eternidade, a vida contínua da alma. Portanto, não é de admirar que o deus da ressurreição – chamado Kheper – era representado como um besouro.

Outra possibilidade é que a praga das moscas era dirigida contra Belzebu (que significa "senhor das moscas"). Alguns egípcios adoravam Belzebu como seu protetor e guardião. Já que seu papel consistia em proteger sua terra dos enxames de moscas e de outros desastres naturais, ele funcionava como um tipo de apólice de seguro. Mas como o resto dos deuses e das deusas do Egito, Belzebu era, na verdade, um instrumento do diabo. Isso é confirmado no Evangelho de Lucas, em que ele é identificado como o "príncipe dos demônios" (Lc 11.15; ESV: "Belzebu"). Belzebu era uma representação do poder de Satanás sobre o Egito.

É difícil determinar o vínculo exato entre a praga das moscas e a religião do Egito, mas de um modo ou de outro, Deus estava demonstrando seu poder sobre os deuses de Faraó. Os egípcios confiavam nos seus deuses para a vida eterna e a proteção física, mas o único Deus verdadeiro se impôs à criação para mostrar que os deuses do Egito não estavam no controle. Belzebu não conseguiu afastar as moscas; Kheper não conseguia ressuscitar os mortos. Enquanto os egípcios estavam ocupados tentando afugentar todas as moscas, eles deveriam ter percebido que os deuses que eles adoravam não tinham o poder de salvar. O único Deus que tem o poder de conceder vida eterna é o Deus de Israel. Toda pessoa que queira ser salva por toda a eternidade precisa confiar nele e no seu Filho Jesus Cristo, que é o único que tem "as palavras da vida eterna" (Jo 6.68).

Meu povo, teu povo

Deve ter sido incrível observar os enxames de insetos descendo sobre o Egito e devorando a terra, mas o que era igualmente maravilhoso era a ausência completa de moscas em Gósen. Deus disse a Faraó: “Naquele dia, separarei a terra de Gósen, em que habita o meu povo, para que nela não haja enxames de moscas, e saibas que eu sou o Senhor no meio desta terra. Farei distinção entre o meu povo e o teu povo; amanhã se dará este sinal” (8.22-23).

Esses versículos nos lembram de que a praga das moscas foi um verdadeiro milagre, um ato direto da intervenção divina por meio da qual Deus se impôs à sua criação para manifestar sua glória. Insetos são um fenômeno natural, é claro, mas esses enxames específicos de insetos foram uma demonstração do poder sobrenatural de Deus. Não só houve um número incrível deles, mas Moisés foi capaz de anunciar de antemão o dia exato em que eles apareceriam. Além do mais, não havia moscas em Gósen, e esse tratamento preferencial fazia parte do milagre.

A terra de Gósen parece que estava localizada em algum lugar na parte oriental do delta do Nilo. Os israelitas haviam se estabelecido ali desde os dias de José. Quando José foi reunido com seus irmãos no Egito, ele enviou uma mensagem ao seu pai: “Desce a mim, não te demores. Habitarás na terra de Gósen” (Gn 45.9,10; cf. Gn 46.28-29). Visto que a região de Gósen se encontrava no centro do Egito, o fato de as moscas não terem aparecido ali era verdadeiramente milagroso. A ausência de enxames em Gósen era tão milagrosa quanto sua presença no restante do Egito. Nenhuma explicação puramente natural consegue explicar isso. O milagre de Gósen impediu que os egípcios ou qualquer outra pessoa tentassem racionalizar o que Deus havia feito. A quarta praga foi milagrosa na sua severidade, milagrosa na sua cronologia e milagrosa na distinção absoluta que fez entre os israelitas e os egípcios.

O livro de Êxodo deixa claro que, nas pragas, Deus tratou seu próprio povo de maneira completamente diferente dos egípcios. Os israelitas não perderam seu gado, não foram afligidos por pústulas, sua lavoura não foi destruída por granizo e gafanhotos, seus filhos não foram levados pelo anjo da morte e eles não se afogaram nas profundezas do mar. Porém, os egípcios sofreram todos esses desastres: seu gado foi morto pela praga, seus corpos foram cobertos de feridas

que coçavam, sua colheita se perdeu, seus filhos morreram e seu exército se afogou. Para demonstrar sua soberania sobre ambas as nações, Deus discriminou entre seu povo e o povo de Faraó. Êxodo é a história tanto da salvação de Israel quanto da condenação do Egito.

Por que Deus fez essa distinção? Obviamente, Faraó recebeu exatamente o que merecia. A pergunta é: o que os israelitas tinham que lhes garantiu a salvação? É uma pergunta difícil porque os israelitas não eram melhores do que os egípcios. Como vimos, demoraram para aceitar o plano de Deus para a sua libertação. Ao primeiro sinal de dificuldade, eles acusaram o Deus de Moisés por todos os seus problemas. À medida que a história continuar, descobriremos que os israelitas eram um povo rebelde e idólatra que merecia ser punido tão severamente quanto os egípcios. Por que, então, Deus os salvou? Por que ele não afligiu a terra de Gósen do mesmo modo que afligiu a terra do Egito?

A resposta é, simplesmente, que, apesar de os israelitas terem sido um povo pecaminoso, eles eram, mesmo assim, o povo de Deus. Deus não se cansou de dizer a Faraó: “Deixa ir o meu povo!”. Essa declaração mostra, em parte, o que Deus exigiu de Faraó (ou seja, a libertação dos seus escravos), mas mostra também por que Deus estava fazendo essa exigência. Os israelitas não eram a propriedade de alguém, mas o próprio povo de Deus. Assim, quando ele enviou a praga das moscas, Deus disse a Faraó: “Farei distinção entre o meu povo e o teu povo” (8.23).

Essa distinção foi introduzida no início de Êxodo. No capítulo 2, lemos que, quando os israelitas oraram pela sua libertação do cativeiro, “ouvindo Deus o seu gemido, lembrou-se da sua aliança com Abraão, com Isaque e com Jacó. E viu Deus os filhos de Israel e atentou para a sua condição” (2.24-25). A aliança era a garantia da salvação de Israel. Na aliança, Deus prometeu que eles seriam seu povo e que ele seria o Deus deles. Isso significava, entre outras coisas, que, quando o povo de Deus se deparasse com dificuldades e orasse por libertação, Deus teria a obrigação solene de salvá-lo.

Era isso o que Deus estava fazendo com suas dez pragas terríveis – salvando seu povo. A história das moscas é muito específica em relação a isso. O que Deus disse literalmente a Faraó não foi: “Eu colocarei uma divisão entre o meu povo e o teu povo” (8.23), mas: “Eu colocarei uma redenção entre o meu povo e o teu povo”. Essa é a linguagem da salvação. A redenção é o preço de compra da liberdade, o pagamento pelo resgate de um escravo. Quando os israelitas foram

escravizados pelo Egito, eles não tinham como pagar pelo seu próprio resgate, mas Deus colocou uma redenção entre Israel e o Egito, entre o seu povo e o povo de Faraó. Ele interveio com poder salvador para libertar Israel da mão do opressor. Assim, quando afligiu o Egito com dez golpes poderosos, ele ao mesmo tempo preservou seu próprio povo amado da mão do juízo. A diferença entre viver em Gósen e viver em qualquer outra parte do Egito era mais do que apenas uma questão de controle de pestes. Era uma questão de vida e morte, a diferença entre salvação e condenação.

Se perguntarmos por que Deus fez essa distinção, a resposta é que esse é um dos mistérios eternos do seu plano soberano. Mais tarde, quando Moisés tentou explicar aos israelitas por que Deus os libertara do Egito, ele disse:

Não vos teve o

Senhor

afeição, nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que qualquer povo, pois éreis o menor de todos os povos, mas porque o

Senhor

vos amava e, para guardar o juramento que fizera a vossos pais, o

Senhor

vos tirou com mão poderosa e vos resgatou da casa da servidão, do poder de Faraó, rei do Egito. Saberás, pois, que o

Senhor

, teu Deus, é Deus, o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia. (Dt 7.7-9a; cf. Dt 10.14,15)

Com a finalidade de demonstrar sua misericórdia e seu amor da aliança, Deus escolheu um povo para si mesmo. Ele o separou dentre todas as nações – um

povo que nada tinha a oferecer e, portanto, não tinha nenhum direito à sua graça. Ele os escolheu porque ele os escolheu, e ele os amou simplesmente para amá-los. Os teólogos chamam isso “a doutrina da eleição”. Significa que a graça de Deus é a escolha de Deus. O povo de Deus não é salvo por meio de algum mérito próprio, mas por meio do propósito soberano da vontade eletiva de Deus. Com base na sua própria escolha, Deus faz uma distinção absoluta entre seu povo e todo o resto.

O que era verdadeiro para Israel nos dias de Moisés é verdadeiro para a igreja de Jesus Cristo. Deus “estabeleceu uma redenção” para o seu povo eleito. Essa redenção é encontrada em Jesus Cristo e em nenhum outro. A morte de Jesus na cruz foi o maior êxodo de todos. Deus escolheu pessoas que se encontravam em tamanha escravidão do pecado que elas eram completamente incapazes de libertar a si mesmas. Eram tão impotentes e desprovidas de esperança quanto os israelitas, mas Deus fez por elas o que fez por Israel: ele estabeleceu uma redenção para elas. Ele enviou um Redentor para resgatá-las da escravidão ao pecado por meio do pagamento de seu resgate com seu próprio sangue. Agora, sua cruz discrimina corretamente entre aqueles que pertencem ao povo de Deus e aqueles que não fazem parte dele. O povo de Deus são aqueles que colocam sua confiança em Cristo e em sua cruz, mas todos aqueles que não creem em Jesus Cristo permanecem excluídos do povo de Deus.

A diferença remonta ao passado eterno, quando Deus diferenciou entre aqueles que eram seu povo e aqueles que não eram seu povo: “[Deus] nos escolheu, nele [em Cristo], antes da fundação do mundo” (Ef 1.4). A diferença entre estar em Cristo e estar fora de Cristo está na escolha eletiva de Deus. É uma diferença que faz toda a diferença no mundo, pois aqueles que estão em Cristo recebem cada bênção da salvação, ao contrário daqueles que permanecem fora de Cristo. Aqueles que são escolhidos nascem de novo pelo Espírito de Deus. Quando ouvem a boa-nova sobre Jesus Cristo, eles respondem com fé e arrependimento, confiando em sua cruz e abandonando o pecado. Com base na sua fé, eles são declarados justos aos olhos de Deus. Então, por meio da obra transformadora do Espírito de Deus, eles se tornam cada vez mais santos, até, por fim, na glória, tornarem-se tão perfeitos quanto Cristo. Durante toda a sua vida, eles permanecem seguros no conhecimento de que Deus é seu Pai amoroso que os ajudará em toda dificuldade e satisfará cada uma das suas necessidades.

Aqueles que não creem em Jesus Cristo permanecem fora do povo de Deus e assim nunca vivenciam qualquer uma das bênçãos. Eles não são chamados,

regenerados, justificados, santificados ou adotados. Mas a coisa mais triste de todas é que eles jamais serão glorificados, pois na eternidade a diferença entre o cristão e o não cristão será revelada como diferença entre salvação e condenação. A Bíblia descreve o juízo final como separação permanente em que as ovelhas serão separadas dos bodes; os remidos, dos condenados; e aqueles que entrarão em sua presença, daqueles que permanecerão fora dela para sempre (veja Mt 25.31-46; Ap 21.7-8,27).

A distinção entre aqueles que pertencem ao povo de Deus e aqueles que não pertencem a ele tem, no mínimo, duas implicações práticas. Em primeiro lugar, demonstra a necessidade absoluta de ir a Cristo em fé. Qualquer pessoa que não confia em Cristo está excluída da salvação e permanecerá sob a ira de Deus até arrepender-se do seu pecado. No entanto, até mesmo neste momento Deus convida todos a entrar em sua salvação e aceitar o amor que ele demonstrou em Jesus Cristo.

Em segundo lugar, a distinção entre redenção e condenação demonstra a necessidade absoluta das missões e do evangelismo. A missão de Deus foi tirar Israel do Egito, separando seu povo do mundo para a salvação. Spurgeon disse:

Deus sempre estabelece uma distinção entre Israel e o Egito. Ele fala dos israelitas constantemente como “meu povo”; dos egípcios, fala a Faraó como sendo “teu povo”. Há uma distinção contínua e eterna que pode ser observada na Palavra de Deus entre a semente escolhida da promessa e o mundo [...] O grande objetivo da interferência com o Egito era [...] reunir seu Israel e tirá-lo do meio dos egípcios. Amados, tenho a convicção de que é exatamente isso o que Deus está fazendo no mundo agora. Talvez por muitos anos ainda, Deus reunirá seus eleitos entre as nações da terra, da mesma maneira como reuniu seu Israel do meio dos egípcios [...] O Egito ainda é o Egito, o mundo ainda é o mundo e tão mundano como sempre foi, e o propósito de Deus parece ser tirar dele os seus eleitos por meio do ministério que ele agora exerce. Na verdade, a Palavra que Jeová está falando agora ao mundo inteiro com a autoridade solene de um mandado imperial é esta: “Assim diz o

Senhor

: Deixa ir o meu povo, para que me sirva”.5

Uma vez que essa é a missão de Deus, a nossa comissão – a Grande Comissão que recebemos do próprio Cristo (Mt 28.18-20) – é ir para o mundo e pregar o evangelho. Proclamamos a boa-nova de que os pecadores do Egito podem entrar na Gósen da redenção, basta que confiem em Jesus Cristo como seu Senhor crucificado e ressurreto.

Sem compromisso

Como Faraó não vivia na terra de Gósen, ele descobriu rapidamente que não gostava muito de moscas. Na verdade, desprezava as moscas tanto quanto desprezava rãs ou piolhos. E quando percebeu que elas estavam destruindo sua terra, ele decidiu que algo precisava ser feito. Dessa vez, Faraó nem se deu ao trabalho de chamar seus magos e feiticeiros. No passado, ele havia confiado na diabrura deles para reproduzir os sinais e milagres de Deus, mas quando eles não conseguiram reproduzir a praga dos piolhos, ele entendeu que seus deuses estavam derrotados. Percebeu também que a única pessoa capaz de fazer alguma coisa contra as moscas era Moisés: "Chamou Faraó a Moisés e a Arão e disse: Ide, oferecei sacrifícios ao vosso Deus nesta terra" (8.25).

Faraó era um negociador astuto, e essa foi uma das suas tramas mais espertas. Parecia um compromisso sensato: ele permitiria que os israelitas oferecessem seus sacrifícios, contanto que permanecessem no Egito. Ele não permitiria que saíssem para o deserto (como Deus exigia), mas pelo menos seriam capazes de expiar seus pecados.

Tratava-se de uma concessão grande o bastante para convencer a maioria das pessoas a aceitar a oferta de Faraó. Se Moisés tivesse tido uma postura de compromisso, teria sido fácil racionalizar isso. "Esta é a melhor oferta que conseguiremos", ele poderia ter dito. "Por que não aceitá-la? Afinal de contas, o que realmente importa é oferecermos nossos sacrifícios a Deus, o lugar não é tão importante assim." Mas Moisés sabia que o que Deus havia dito ao Faraó não era: "Deixa meu povo fazer sacrifícios, sob uma condição", mas: "Deixa ir o meu povo, para que me celebre uma festa no deserto" (5.1). Ele sabia também que o plano de Deus era tirar Israel completamente do Egito (veja 6.11). Assim, recusou-se até mesmo a cogitar um compromisso parcial que não obedecesse

plenamente a vontade revelada de Deus. Quando Faraó tentou negociar com ele, “Respondeu Moisés: Não convém que façamos assim porque ofereceríamos ao Senhor, nosso Deus, sacrifícios abomináveis aos egípcios; eis que, se oferecermos tais sacrifícios perante os seus olhos, não nos apedrejarão eles? Temos de ir caminho de três dias ao deserto e ofereceremos sacrifícios ao Senhor, nosso Deus, como ele nos disser” (8.26-27).

A oferta de Moisés dá origem a uma série de perguntas. Uma diz respeito ao pedido de uma “jornada de três dias”, que, em vista da ordem de Deus de deixar completamente o Egito, não parece ser totalmente sincero. Respostas a essa objeção foram dadas no capítulo 8 deste comentário e não precisam ser repetidas aqui. No entanto, os estudiosos também têm perguntado por que Moisés se deu ao trabalho de mencionar que os egípcios se ofenderiam com seus sacrifícios. Certamente, seu raciocínio era correto: o que era obrigatório para os israelitas era desprezível aos egípcios. Os animais que pretendiam sacrificar – como touros e carneiros – eram sagrados no Egito. Touros eram sagrados a Ápis; vacas, a Ísis; bezerros a Hathor; carneiros, a Amon, etc.

Uma vez que os hebreus começassem a sacrificar essas representações dos deuses de Faraó, uma revolta irromperia entre os egípcios, e sangue humano também seria derramado (o que era, talvez, o que Faraó esperava secretamente). Como comparação, sacrificar um touro entre os egípcios seria como assar um porco numa sinagoga ou preparar hambúrgueres na frente de um templo hindu. Na verdade, Alan Cole relata que “a pequena colônia judaica em Yeb/Elefantima, no Nilo superior, sofreu um pogrom às mãos dos egípcios no 5º século por causa do sacrifício animal”.6 O argumento de Moisés era, portanto, pragmático. Ele estava tentando convencer Faraó de que, além de violar a ordem de Deus, seu compromisso seria também um desastre político.

É claro que o problema real era que permanecer no Egito violaria a ordem de Deus, razão pela qual Moisés continuou, dizendo: “Temos de ir caminho de três dias ao deserto e ofereceremos sacrifícios ao Senhor, nosso Deus, como ele nos disser” (8.27). Por vezes, é apropriado usar um argumento prático para convencer alguém a fazer o que é certo, mas o padrão último de certo e errado é a vontade de Deus. A razão pela qual Moisés se recusou a aceitar um compromisso foi que ele tinha um compromisso de fazer exatamente o que Deus ordenava. O profeta sabia que uma das diferenças entre o povo de Deus e o povo de Faraó era que o povo de Deus fazia o que Deus dizia. Portanto, se Deus lhes dizia que eles precisavam fazer sacrifícios no deserto, eles iriam para o deserto.

O exemplo de Moisés mostra que, quando se trata de obedecer as ordens de Deus, não pode haver concessões. Isso vale no início da vida cristã, quando um pecador vai a Cristo pela primeira vez. Assim como Deus tirou Israel da casa da escravidão, ele tira também a igreja da prisão do pecado – não só pela metade, mas completamente. Algumas pessoas estão interessadas em se tornar religiosas sem se tornar cristãs. Elas vão à igreja no domingo, mas não estão dispostas a deixar seus pecados para trás durante o restante da semana. Para colocar isso nos termos de Êxodo 8, elas estão dispostas a fazer alguns sacrifícios, contanto que não precisem sair do Egito. Mas tornar-se cristão significa deixar para trás o pecado para seguir a Cristo. Spurgeon explicou isso assim:

A exigência de Deus não é que seu povo tenha um pouco de liberdade, um pouco de descanso em seu pecado, não, mas que ele deve sair diretamente do Egito [...] Cristo não veio para o mundo apenas para tornar nosso pecado mais tolerável, mas para nos libertar completamente dele. Ele não veio para tornar o inferno menos quente, ou o pecado menos condenável, ou os nossos desejos menos poderosos; mas colocar uma distância grande entre todas essas coisas e o seu povo e realizar uma libertação plena e completa [...] Cristo não vem para tornar as pessoas menos pecaminosas, mas para fazer com que elas abandonem totalmente o pecado – não para torná-las menos miseráveis, mas para acabar totalmente com suas misérias e para dar-lhes alegria e paz na fé nele. A libertação precisa ser completa; caso contrário, não é libertação alguma.7

Mesmo depois de irem a Cristo, os cristãos continuam a lutar com a tentação de permanecer no Egito. A cada dia somos confrontados com oportunidades de comprometer a nossa fé. Muitas vezes, há maneiras de oferecer uma obediência parcial a Deus sem interferir no restante dos nossos compromissos. Estamos dispostos a chamar-nos cristãos enquanto não tivermos que assumir uma posição moral no emprego, ou abrir mão de parte da nossa prosperidade financeira, ou falar com nossos vizinhos sobre assuntos espirituais, ou permitir que as necessidades de outros nos incomodem. Secretamente, desejamos poder oferecer sacrifícios a Deus, mas permanecer dentro das fronteiras agradáveis do Egito, mas Moisés nos ensina a não nos contentarmos com um compromisso parcial que não corresponde à obediência completa. Todos os que afirmam seguir a Jesus Cristo precisam segui-lo sem fazer concessões. Citando Spurgeon mais

uma vez:

Se Moisés tivesse pensado que entrar um pouco no deserto teria salvo Israel, ele teria permitido que entrassem um pouco no deserto, e isso teria sido tudo. Mas Moisés sabia que nada bastaria para Israel senão afastar-se o máximo possível e colocar o mar Vermelho entre eles e o Egito. Ele sabia que nunca poderiam voltar, independentemente do que acontecesse, e assim Moisés insistiu num afastamento completo; assim como eu insistiria numa dedicação completa a Cristo no caso de toda pessoa que fosse tentada a aceitar fazer uma concessão.8

No seu livro Out of Egypt, Jeanette Howard aplica as lições de Êxodo 8 à sua luta com o pecado homossexual. Ela escreve:

Comprometer a Palavra de Deus é sempre o passo para trás na nossa jornada cristã. Moisés teve de enfrentar esse problema no Egito. Deus lhe disse claramente que precisava levar todo o povo hebreu para o deserto para que ele pudesse oferecer sacrifícios a Deus. Essa ação não agradou a Faraó, e ele ofereceu uma alternativa à ordem de Deus [...] O que ouvimos hoje em dia? O chamado ao compromisso alcança nossos ouvidos: “Certamente, você pode ser cristão. Mas você não precisa deixar de ser lésbica só porque você deseja adorar a Deus. Faça ambas as coisas. Não seja tão fanática no seu cristianismo. Afinal de contas, você está fazendo apenas o que lhe vem naturalmente, não está?”.

Howard continua:

Algumas lésbicas, num surto de convicção, estão dispostas a se afastar do seu pecado, mas detestam a ideia de se afastar demais. Continuam mantendo contato com seus amigos gays, apegam-se a lembranças ou continuam a ler livros e revistas gays. Essas mulheres permanecem próximas o bastante para voltar para sua vida lésbica uma vez que o surto de convicção passar. Elas vacilam entre

convicção e corrupção, tentando manter um equilíbrio precário entre as duas [...] Mas o desastre vem quando adoramos a Deus no domingo e alimentamos nossa vida com influências da nossa vida passada durante o restante da semana. Se quisermos nos libertar da escravidão do lesbianismo, precisamos seguir a Deus de todo o coração, mente e força. Precisamos ser mulheres totalmente dedicadas a Deus [...] Não há espaço para concessões. Deus não compartilha seu coração com o mundo e sua carne. Apenas quando rompemos completamente com nosso passado, deixando o Egito completamente para trás, conseguimos trazer cura para a nossa vida.9

O que vale para o homossexualismo vale para cada pecado: Deus não deseja uma obediência parcial, mas uma entrega incondicional à sua graça.

Faça uma pequena oração por mim

Uma vez que ele percebeu que Moisés jamais aceitaria um compromisso, Faraó decidiu deixar ir o povo de Deus, pois precisava que Moisés e Arão fizessem uma breve oração por ele. Mas mesmo quando cedeu, Faraó não pôde resistir e acrescentou uma última condição, ou seja, que os israelitas não se afastassem demais: “Então, disse Faraó: Deixar-vos-ei ir, para que ofereçais sacrifícios ao Senhor, vosso Deus, no deserto; somente que, saindo, não vades muito longe; orai também por mim” (8.28). Faraó queria que os israelitas permanecessem próximos o bastante para que seu exército pudesse mantê-los sob observação. Como sabemos, no fim ele acabou enviando suas carruagens para o deserto para capturá-los.

Já que essa restrição não contradizia diretamente a ordem de Deus de deixar seu povo partir, Moisés aceitou a oferta de Faraó:

[...] Eis que saio da tua presença e orarei ao

Senhor

; amanhã, estes enxames de moscas se retirarão de Faraó, dos seus oficiais e do seu povo; somente que Faraó não mais me engane, não deixando ir o povo para que ofereça sacrifícios ao

Senhor

. Então, saiu Moisés da presença de Faraó e orou ao

Senhor

. E fez o

Senhor

conforme a palavra de Moisés, e os enxames de moscas se retiraram de Faraó, dos seus oficiais e do seu povo; não ficou uma só mosca. (8.29-31)

O desaparecimento das moscas foi outro milagre. Apesar de enviar dez pragas contra os egípcios, Deus realizou mais do que dez milagres. Em alguns casos, o fim da praga foi tão milagroso quanto seu início. O fim da quarta praga demonstrou que Satanás não é tudo aquilo que ele afirma ser. Ele alega ser Belzebu, "o senhor das moscas", mas a verdade é que nem mesmo as moscas estão sob seu senhorio. Jesus Cristo é Senhor de cada inseto alado e voador, incluindo as moscas. Em resposta à oração do seu profeta, Deus usou seu poder sobre a criação para remover até a última mosca da terra do Egito.

Uma vez que as moscas haviam desaparecido, cabia a Faraó cumprir a sua parte do acordo. Moisés o alertara especificamente a não ser enganoso nessa questão recusando-se mais uma vez a deixar o povo de Deus partir. Mas é claro que foi exatamente isso o que Faraó fez: "Mas ainda esta vez endureceu Faraó o coração e não deixou ir o povo" (8.32). Mais uma vez, ele "endureceu seu coração"; ele quebrou sua palavra e se recusou a deixar o povo de Deus partir.

O que Faraó fez parece tolo. E realmente foi tolo, mas isso não impede muitas pessoas de cometer o mesmo erro. Muitas pessoas tentam oferecer a Deus algum tipo de compromisso. Quando precisam de ajuda, elas começam a negociar com ele. Prometem que, se ele as tirar de qualquer que seja o problema em que elas se encontram naquele momento, elas começarão a segui-lo, mas jamais cumprem

sua palavra. Assim que seus problemas desaparecem, elas se esquecem totalmente de Deus. O que torna isso uma tolice é que Deus não pode ser zombado, tampouco pode ser enganado. Ele estabelece uma distinção nítida entre seu povo e aqueles que não pertencem a ele. A linha divisória é Jesus Cristo. Sua cruz é a redenção que Deus estabeleceu entre a fé e a incredulidade, entre a pessoa de coração endurecido e a pessoa que nasceu de novo, entre os remidos e os condenados. Tendo a escolha, é muito melhor viver com o povo de Deus do que permanecer no Egito.

Notas

1 Charles H. Spurgeon, “Take Away the Frogs”, The Metropolitan Tabernacle Pulpit, nº 3.340 (Pasadena, TX: Pilgrim, 1972).

2 Göran Larsson, Bound for Freedom: The Book of Exodus in Jewish and Christian Traditions (Peabody, MA: Hendrickson, 1999), p. 63.

3 John J. Davis, Moses and the Gods of Egypt: Studies in the Book of Exodus (Grand Rapids: Baker, 1971), p. 106.

4 Donald Grey Barnhouse, The Invisible War (Grand Rapids: Zondervan, 1965), p. 206.

5 Charles H. Spurgeon, “A Divine Challenge!” The New Park Street Pulpit 5 (Pasadena, TX: Pilgrim, 1975), p. 285.

6 R. Alan Cole, Exodus: An Introduction and Commentary, Tyndale Old Testament Commentaries (Leicester, UK: Inter-Varsity, 1973), p. 95.

7 Spurgeon, “A Divine Challenge!” p. 287.

8 Charles H. Spurgeon, “All or None; or, Compromises Refused: A Sermon with

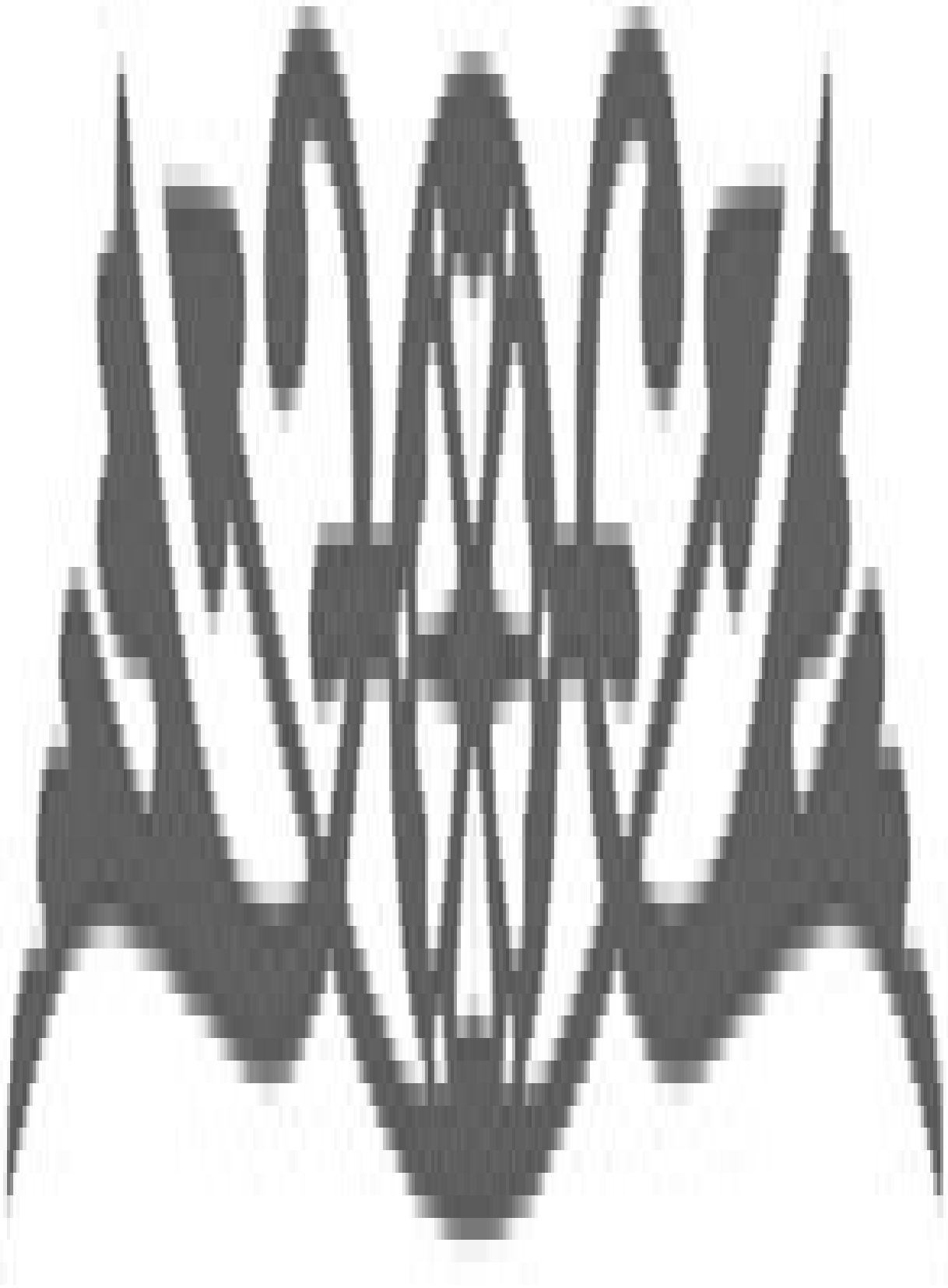
Five Texts", The Me-tropolitan Tabernacle Pulpit 31, nº 1.830 (Pasadena, TX: Pilgrim, 1972), p. 161.

9 Jeanette Howard, Out of Egypt (Tunbridge Wells, Inglaterra: Monarch, 1991), p. 217–219.

22

Uma praga contra teus rebanhos

Êxodo 9.1-7



Foi em 1985 que os fazendeiros ingleses perceberam pela primeira vez que estavam com um problema. Algumas cabeças de seu gado estavam doentes, e na medida em que enfraqueciam fisicamente, deterioravam também mentalmente. Era uma doença estranha. O gado infectado se comportava de modo errático, tornando-se ou assustado ou agressivo. As vacas pareciam estar enlouquecendo, e foi assim que a doença recebeu seu nome de doença da vaca louca, mais corretamente conhecida como encefalopatia espongiforme bovina (BSE). As últimas fases da doença da vaca louca eram assustadoras. O gado cambaleava pela fazenda até, finalmente, tropeçar, cair no chão e morrer. Mas a doença se tornou mais assustadora ainda em 1995, quando os médicos descobriram que ela havia sido passada para pessoas. Pessoas que haviam comido carne contaminada foram afetadas. O tecido do cérebro delas ia sendo gradualmente dissolvido até se parecer com uma esponja.

Como não havia tratamento nem cura, a doença da vaca louca espalhou pânico pela Europa, tornando-se uma das pragas mais assustadoras dos tempos pós-modernos. Naturalmente, ela nos lembra de uma das pragas bíblicas. Nos dias de Moisés, Deus afligiu Faraó com dez golpes poderosos. A quinta praga se voltava contra os rebanhos do Egito. Muito parecida com a doença da vaca louca, tratava-se de uma doença infecciosa, que passava de uma vaca para outra. No entanto, ela não infeccionou apenas o gado, mas também cavalos, jumentos, camelos, ovelhas e cabras. A praga era um contágio mortal – epidêmica nos seus inícios e letal nas suas consequências. A versão King James a chama “uma doença infecciosa muito cruel”; nas palavras da Revised English Bible, tratava-se de “uma pestilência devastadora”. O original hebraico usa a mesma palavra que costuma usar para descrever o coração de Faraó: K^B#D, “pesado”. Em outras palavras, a praga era tão dura quanto o duro coração de Faraó. Era uma pestilência terrível que se espalhou pelo Egito como um fogo, infectando os animais de carga em cada fazenda até caírem mortos.

O quinto milagre

A essa altura, o padrão básico das pragas de Êxodo já está se tornando familiar. Como suas antecessoras, a quinta praga começou com a ordem de Deus: “Disse o Senhor a Moisés: Apresenta-te a Faraó e dize-lhe: Assim diz o Senhor, o Deus

dos hebreus: Deixa ir o meu povo, para que me sirva" (9.1).

Com essas palavras, Deus instruiu Moisés a ir e pedir outra audiência junto ao rei do Egito. Como ele era representante de Deus, chamado para ser o embaixador de Deus ao Egito, Moisés falou a Faraó com verdadeira autoridade divina. Ele se dirigiu a ele usando o nome especial que Deus havia revelado lá atrás na sarça ardente. Moisés falava em nome de Yahweh, o grande Eu Sou, o Senhor Deus dos hebreus.

A exigência de Deus era bem simples: "Deixa ir o meu povo, para que me sirva". Durante séculos, os israelitas haviam estado em escravidão sob os egípcios. Mas eles pertenciam a Deus por aliança, e Deus não estava disposto a permitir que permanecessem escravizados por mais tempo. Eram o seu povo, não o povo de Faraó, por isso exigia sua libertação incondicional. A razão pela qual os israelitas precisavam ser libertos era para que eles pudessem adorar ao seu Deus – para que pudessem "servi-lo". O objetivo do êxodo era a glória de Deus. O objetivo principal de Israel era o mesmo propósito principal do homem em si: glorificar a Deus e alegrar-se nele.

A exigência de Deus veio com uma severa advertência. Moisés disse a Faraó: "Porque, se recusares deixá-los ir e ainda por força os detiveres, eis que a mão do Senhor será sobre o teu rebanho, que está no campo, sobre os cavalos, sobre os jumentos, sobre os camelos, sobre o gado e sobre as ovelhas, com pestilência gravíssima" (9.2-3). Essa advertência colocava toda a culpa claramente nos ombros de Faraó. Era ele quem estava segurando o povo de Deus e recusando-se a deixá-lo ir. Mais literalmente, ele estava "fazendo força contra eles", apertando a garra da sua opressão.

Deus foi explícito a respeito das consequências dos atos de Faraó: se ele persistisse na sua tirania, os egípcios sofreriam uma praga terrível. Seus rebanhos – os animais domesticados que lhes forneciam leite, comida, roupa, trabalho e transporte – adoeceriam e morreriam. John J. Davis explica: "Esse tipo de praga teria graves consequências econômicas para a terra do Egito. Os bois eram indispensáveis para o trabalho pesado na agricultura. Camelos, jumentos e cavalos eram usados no transporte. O gado fornecia não apenas leite, mas era também parte integral da adoração na terra do Egito. As perdas econômicas desse acontecimento devem ter afetado Faraó em grande medida, pois ele mantinha grandes números de gado sob seu controle".1 Isso sugere que as pragas foram aumentando gradualmente quanto à severidade. A quinta praga

não só foi a primeira a trazer morte, mas também a primeira a destruir a propriedade pessoal de Faraó. Isso era apenas justo: se Faraó não deixasse ir a propriedade de Deus, então ele sofreria a perda da sua própria propriedade. E suas perdas foram aumentando à medida que seu castigo se tornava mais intenso. Enquanto a praga dos piolhos havia sido atribuída apenas ao “dedo de Deus” (8.19), a praga contra o gado foi enviada pela “mão do Senhor” (9.3).

Como as outras pragas, a quinta praga também foi um verdadeiro milagre. Alguns estudiosos têm tentado estabelecer uma conexão entre essa pestilência e alguma das pragas anteriores. Por exemplo, foi sugerido que o gado contraiu a doença das pilhas de rãs em estado de decomposição, que estavam contaminadas com carbúnculo.2 Essa sugestão pode parecer engenhosa, mas, evidentemente, é apenas um palpite. O que a Bíblia diz é que essa praga mortal foi um ato de Deus, uma demonstração do seu poder soberano sobre a criação, enviada pela sua própria mão. A praga foi milagrosa em si mesma e destruiu todos os rebanhos do Egito. Foi milagrosa em sua cronologia: “O Senhor designou certo tempo, dizendo: Amanhã, fará o Senhor isto na terra” (9.5). Moisés conseguiu fazer essa predição não porque era um bom adivinhador, mas porque Deus havia revelado de antemão o tempo da sua intervenção. John Currid resume isso dizendo que “a natureza milagrosa das pestilências se revela não só em seu grau e sua intensidade, mas também em sua cronologia e duração”.3

Além do mais, a quinta praga foi milagrosa em sua distinção cuidadosa entre Israel e o Egito. Deus havia feito essa distinção pela primeira vez na quarta praga, quando as moscas invadiram todo o Egito – com a exceção de Gósen, onde viviam os israelitas. Na quinta praga, Deus discriminou novamente entre o seu povo e o povo do Egito. Moisés disse: “E o Senhor fará distinção entre os rebanhos de Israel e o rebanho do Egito, para que nada morra de tudo o que pertence aos filhos de Israel” (9.4). E, naturalmente, foi exatamente isso que aconteceu: “E o Senhor o fez no dia seguinte, e todo o rebanho dos egípcios morreu; porém, do rebanho dos israelitas, não morreu nem um” (9.6). Com base na sua aliança, Deus separou os israelitas, protegendo-os das pragas e resgatando-os do perigo. Mas os egípcios não eram o povo de Deus, por isso, caíram sob sua maldição divina.

A distinção entre as vacas de Deus e as vacas de Faraó foi milagrosa. No entanto, perguntas têm sido feitas com relação à formulação exata do versículo 6: “todo o rebanho dos egípcios morreu; porém, do rebanho dos israelitas, não morreu nem um”. O hebraico é enfático: “Todo” o rebanho dos egípcios morreu;

mas “nem um” animal morreu em Gósen; literalmente, “tampouco uma vaca morreu”. Alguns estudiosos argumentaram que isso deve ser um exagero ou, no mínimo, uma hipérbole. Outros têm ressaltado que parece haver uma discrepância – para não dizer contradição – entre a quinta e a sétima pragas, em que Moisés instruiu os egípcios explicitamente a tirar seus rebanhos do granizo (9.19). Obviamente, se ainda tinham animais para proteger, nem todos os seus rebanhos haviam sido destruídos.

Esse é o tipo de pergunta que o cristão que crê na inerrância da Bíblia precisa estar preparado para responder. Uma explicação possível é que a praga afetou apenas os animais no campo, não os animais nos estábulos. Uma leitura cuidadosa do versículo 3 limita a praga ao “rebanho, que está no campo”. Essa explicação é confirmada pelo nosso conhecimento da agricultura egípcia. No fim do ano, quando as águas das enchentes recuavam, os fazendeiros colocavam seus rebanhos nos pastos. No entanto, visto que esse recuo era gradual, ao longo do mês de janeiro os animais ficavam divididos entre pasto e estábulo.4 Outra explicação possível é que o termo “todo” é usado num sentido mais coletivo do que distributivo. Em outras palavras, significa “todo tipo” de animais, não “todo animal individual”. Os grandes estudiosos bíblicos alemães do século 19 Keil e Delitzsch concluíram: “Nem tudo deve ser compreendido num sentido absoluto, mas segundo o uso popular para indicar essa quantidade, que aquilo que sobrou parecia ser nada em comparação; e segundo o versículo 3, o termo precisa ser restrito completamente ao gado no campo”.5 Como ocorre tantas vezes, há respostas sensatas para o que, à primeira vista, parecem causar dificuldades na Bíblia.

As vacas sagradas de Faraó

Como todas as pragas, a pestilência dos rebanhos demonstrou o poder de Deus sobre Faraó. Muitas vezes, os antigos textos egípcios se referem “à forte mão de Faraó”, especialmente no contexto de conquistas militares. Mas a mão de Deus era mais forte, fato que ele demonstrou usando-a para trazer essa terrível praga.

Ao estender seu braço contra Faraó, Deus demonstrou também o seu poder sobre os deuses de Faraó. Como vimos, uma das chaves para desvendar o significado espiritual das pragas é Números 33.4, que afirma: “também contra os deuses executou o Senhor juízos”. O Deus de Israel realizou seus sinais e milagres a fim

de triunfar sobre os deuses do Egito. Essa interpretação de Êxodo baseada na Bíblia e ordenada divinamente nos incentiva a vincular as pragas aos objetos da idolatria egípcia.

O simbolismo da quinta praga é especialmente poderoso porque muitos dos deuses e das deusas egípcios eram retratados como animais domésticos. Alguns egípcios adoravam o touro, que eles viam como "figura de fertilidade, o grande inseminador dotado de potência e vitalidade".6 Cultos dedicados ao touro eram comuns em todo o Egito. Havia Bukhis, o touro sagrado de Armant, e Mnévis, que era adorado em Heliópolis. Às vezes, os touros eram vistos como encarnações dos deuses Ptá e Rá. Mas o touro principal era Ápis. No templo em Mênfis, os sacerdotes mantinham um curral sagrado com um touro vivo, que era considerado a encarnação de Ápis. Quando o touro venerável morria, ele era sepultado com ritos elaborados. Arqueólogos descobriram nichos fúnebres para centenas desses touros perto de Mênfis.7

Havia também as deusas. Ísis, a rainha dos deuses, era normalmente representada com chifres de vaca na cabeça. Do mesmo modo, a deusa Hator era representada com cabeça de vaca, às vezes, com o sol entre seus dois chifres. Hathor era uma deusa do amor e da beleza, da maternidade e da fertilidade. Uma das suas funções sagradas era proteger Faraó e, às vezes, era representada como vaca amamentando o rei.8 Em suma: como tantos hindus modernos, os egípcios amavam suas vacas sagradas. Na verdade, parece que eles adoravam toda a família bovina. Não surpreende, então, que, mais tarde, quando os israelitas decidiram se rebelar contra o Deus de sua salvação e voltar para os deuses do Egito, eles tivessem feito um bezerro de ouro (Êx 32).

Já que o gado e os rebanhos eram parte tão integral da sua religião, os egípcios ficaram devastados com a praga de Deus contra seus rebanhos. O gado agonizava em cada fazenda e em cada templo. Os fazendeiros, angustiados, observavam como seu gado adoecia e enfraquecia. Para a sua vergonha, os sacerdotes tiveram de assistir como suas vacas sagradas tropeçavam pelos seus currais sagrados até caírem mortas. Deus estava se revelando aos egípcios em seus próprios termos, expondo o culto à vaca como falsa religião. Assim a quinta praga seguiu o mesmo padrão: quando Faraó recusou-se a cumprir a exigência de Deus, Deus enviou uma praga milagrosa que demonstrou seu poder sobre os deuses do Egito.

Cinco lições da quinta praga

De acordo com o nosso método prático para o estudo de Êxodo, há pelo menos cinco lições que podemos aprender com a praga contra os rebanhos. A maioria dessas lições foi apresentada em pragas anteriores, mas elas são importantes o bastante para merecer uma repetição.

Em primeiro lugar, aprendemos o significado da salvação. No seu sentido mais básico, salvação significa libertação. A quinta praga – na qual Deus ordenou mais uma vez que Faraó deixasse ir o seu povo – é mais um lembrete de que Deus viera para libertar seu povo. O que valia para Israel sob Moisés vale para aquele que crê em Jesus Cristo. Jonathan Edwards ensinou que "Cristo e sua redenção são o tema de toda a Palavra de Deus".9 Isso vale especialmente para o livro de Êxodo, em que a salvação se manifesta como libertação da escravidão. O êxodo do Egito preparou o caminho para a vinda de Jesus Cristo, o êxodo verdadeiro. Por meio dos seus sofrimentos e da sua morte na cruz, Jesus quebrou o poder do pecado e libertou os pecadores do seu cativeiro. Agora, todos aqueles que confiam em Cristo e na sua cruz são libertos imediatamente da culpa do pecado e, no fim, também do pecado em si, pois os cristãos serão aperfeiçoados no céu. O evangelho é o êxodo maior, quando Deus diz a Satanás: "Deixa ir o meu povo! Liberta-o da escravidão ao pecado. Permita que ele saia completamente e encontre liberdade em Cristo".

Em segundo lugar, aprendemos qual é o propósito da vida, que é glorificar a Deus. Quando Deus disse: "Deixa ir o meu povo", ele continuou e disse: "para que me sirva". Os israelitas foram salvos para a glória de Deus. Este também é o nosso propósito – dar glória a Deus. Jesus Cristo nos libertou do pecado e da morte para que possamos servir ao Deus vivo. Ele é tanto nosso Salvador quanto nosso Senhor. Nós nos voltamos para ele não apenas para que nos liberte da nossa escravidão ao pecado, mas também para tudo o que vem depois – toda uma vida de obra frutífera e adoração a Deus. Como os israelitas, nós também somos salvos para a glória de Deus.

Em terceiro lugar, aprendemos a loucura da idolatria. Faraó era um homem tão orgulhoso que Deus teve de humilhar seus deuses um por um. Com a praga contra os rebanhos, Deus humilhou Ápis, Hator e o restante das vacas sagradas do Egito. Ápis era um deus masculino: ele representava a potência sexual. Hator era uma deusa: ela representava o glamour. Mesmo que não nos curvemos diante de vacas douradas, nós, às vezes, adoramos os mesmos deuses e deusas. Somos

tentados a satisfazer o desejo sexual fora da aliança do casamento ou de fazer brilhar nossa aparência externa em nome da nossa estima interior. Porém, isso é total loucura. Os ídolos do sexo e da beleza não são capazes de salvar. Eles não nos libertam; eles apenas nos algemam. Os atrativos que oferecem são apenas temporários, e, no fim, aqueles que os buscam nada lucrarão a não ser decepção solitária e vazia.

Em quarto lugar, aprendemos a superioridade da fé. Na praga contra os rebanhos, Deus diferenciou entre os israelitas e os egípcios. Essa é a distinção que ele sempre faz – a distinção entre as pessoas da sua escolha, que recebem todas as bênçãos da salvação, e o restante da humanidade caída, que permanece sob sua maldição. Assim como a proteção contra a pestilência visava apenas aqueles que confiavam no Senhor Deus de Israel, a dádiva gratuita da vida eterna é apenas para aqueles que confiam em seu Filho Jesus Cristo. Os cristãos têm o privilégio único de saber que Deus os manterá a salvos em seus braços por toda a eternidade. No dia do juízo, quando os pecadores rebeldes terão de encarar a fúria da ira de Deus, os pecadores arrependidos serão mantidos a salvo das chamas do inferno.

A superioridade da fé é demonstrada por uma quinta lição, que é a consequência da rebelião. É verdade que Deus endureceu o coração de Faraó. Este é um dos mistérios da predestinação soberana: Deus deseja a escolha de alguns para a salvação enquanto endurece outros em seus pecados. Mas é verdade também que Faraó endureceu seu próprio coração. Deus disse a Faraó: “Porque, se recusares deixá-los ir...” (9.2). Faraó recebeu todas as oportunidades para cumprir a exigência de Deus. Mas ele deliberadamente recusou-se a deixar ir o povo de Deus, decidindo em vez disso manter Israel em escravidão, desse modo rebelando-se contra a vontade revelada de Deus. Esse tipo de recusa sempre provoca juízo divino. Quando a paciência de Deus se esgotou (para usar termos humanos), ele golpeou Faraó com a ira da sua mão.

Por fim, todos aqueles que se rebelam contra Deus sofrerão sua santa ira. Ela pode não vir na forma de rãs ou pestilência, mas ela virá. Ela virá mesmo que seja adiada até o juízo final. Muitas pessoas duvidam da realidade do inferno. Esta é uma era de “ignosticismo”. Não estou me referindo aos agnósticos, que não têm certeza sobre se Deus existe ou não, mas aos “ignósticos”, que tentam ignorar Deus totalmente. Uma das coisas principais que tentam ignorar é o juízo divino. Mas a ira de Deus é uma realidade que não pode ser ignorada para sempre. Algum dia, cada ser humano se encontrará perante Deus para ser

julgado, e a praga contra os rebanhos é um sinal de que a rebelião no presente terá duras consequências no futuro.

Um coração compreensivo

Essas cinco lições são ensinadas repetidas vezes no decorrer das pragas bíblicas. Mas há uma sexta e última lição que é única à quinta praga, uma lição que é ensinada por meio de um mau exemplo: “Faraó mandou ver, e eis que do rebanho de Israel não morrera nem um sequer; porém o coração de Faraó se endureceu, e não deixou ir o povo” (9.7). A reação de Faraó à morte do seu gado nos ensina a necessidade de um coração compreensivo.

Faraó era um cético endurecido. O homem tinha um assento na primeira fila para assistir a todos os sinais e milagres de Deus no Egito, bem como para admirá-los. No entanto, não importava quantos milagres ele visse, Faraó sempre encontrava uma maneira de ignorar a reivindicação de Deus à sua vida. Nas raras ocasiões em que sugeria poder ceder à exigência de Deus, a dúvida superou a fé, e ele endureceu seu coração novamente. Contudo, Faraó estava começando a ficar curioso. Talvez ele soubesse que a terra de Gósen havia, de alguma maneira, conseguido escapar da praga das moscas, ou, talvez, tenha entreouvido como seus oficiais sussurravam que o gado dos hebreus continuava saudável. Qualquer que tenha sido a razão, Faraó decidiu investigar. Ele formou uma comissão de especialistas agrícolas e os enviou numa missão de reconhecimento para Gósen. Há uma ironia sutil na maneira como a Bíblia descreve a missão. O versículo 7 começa com as palavras “Faraó mandou”, o que é exatamente o que Moisés vinha exigindo desde o início – que Faraó mandasse o povo embora. Mas em vez de enviar Israel para fora do Egito, Faraó enviou uma equipe de investigadores para Gósen. O que eles descobriram foi que o gado hebreu estava saudável como sempre. Nenhum deles havia morrido – nem uma única vaca.

Não é incomum que céticos investiguem Deus, como fez Faraó. Os céticos se alimentam do seu ceticismo, por isso precisam de algo ou de alguém como alvo do seu ceticismo. Deus parece um alvo fácil porque ele faz alegações e reivindicações tão absolutas de poder e autoridade. Assim, o cético estuda teologia o suficiente para poder criticar a Deus e sua Palavra. Mas mesmo depois de estudar Deus, o cético mediano se recusa a ir a Deus em fé. Isso se aplicava a Faraó. Ele tinha mais fatos do que precisava para confiar em Deus e obedecer a

sua vontade. Ele não só havia testemunhado sinais milagrosos, mas também havia sido advertido sobre as consequências da sua recusa em reagir em fé. Ele também havia testemunhado o milagre em Gósen, que forneceu mais uma confirmação do poder de Deus. Mesmo assim recusou-se a crer.

Se a incredulidade de Faraó o surpreende, lembre-se de que Deus havia prometido endurecer o coração do homem. John Durham escreve:

O fato de que a epidemia viria com tamanha devastação é uma coisa; o fato de que o gado de Israel em Gósen seria poupado é outra; mas o fato de que Faraó continuaria de mente pesada e lento para compreender diante de uma demonstração dupla tão grande permanece um enigma até nos lembrarmos da predição recorrente de Yahweh da intransigência de Faraó e do envolvimento contínuo de Yahweh na reação de Faraó. Então entendemos por que Faraó enviou aqueles que ele não precisava enviar a Gósen e se recusou a enviar aqueles que ele deveria ter enviado a mando de Yahweh, os filhos de Israel, para o seu compromisso religioso.10

Não só Deus endureceu o coração de Faraó, mas o próprio Faraó também endureceu o seu próprio coração. A forma do verbo hebraico (um verbo estativo, para usar a terminologia gramatical) indica que isso era uma condição contínua. O coração é o centro espiritual da pessoa, e o coração de Faraó não queria ceder. Ele era um quase-crente cujo coração endurecido não estava disposto a amar o que sua mente sabia ser verdadeiro. Aquilo de que Faraó precisava era um coração compreensivo.

Há um momento e um lugar certos para investigar Deus. Antes que alguém possa tomar uma decisão sobre seguir ou não a Jesus Cristo, ele precisa responder a algumas perguntas difíceis sobre quem ele é e o que ele fez. A Bíblia é confiável? E quanto à encarnação – Jesus era divino ou apenas humano? E quanto à crucificação? Se Jesus de Nazaré foi crucificado – como comprovam os documentos históricos – ele sofreu todo o preço pelo pecado? E quanto à ressurreição? Jesus ressurgiu de entre os mortos no terceiro dia, ou foi tudo apenas uma grande encenação?

Ninguém pode fazer uma avaliação honesta do cristianismo sem responder a

essas perguntas. No entanto, vem um momento em que precisamos parar de investigar e começar a crer. Uma vez que alguém começou a cogitar a possibilidade de que o que a Bíblia diz é verdadeiro, a única coisa que pode separar aquela pessoa de Deus é a dureza do coração. Por que algumas pessoas se recusam a aceitar Jesus Cristo no nível emocional – mesmo após se convencerem no nível intelectual de que ele é o Deus verdadeiro e único Salvador? A Bíblia responde: "[Estão] obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração" (Ef 4.18). O que os separa de Deus é a mesma coisa que impediu Faraó de fazer a vontade de Deus: dureza do coração.

Até mesmo os cristãos precisam ter o cuidado de evitar o perigo do coração endurecido. O autor de Hebreus adverte: "Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo" (Hb 3.12; cf. 1Sm 6.6). Era isso o que Faraó tinha: um coração ímpio e incrédulo. Seu exemplo nos alerta de que precisamos aceitar com o coração aquilo que a nossa mente sabe ser a verdade. Sabemos que Jesus Cristo veio para nos libertar da nossa escravidão do pecado e para capacitar-nos para glorificarmos a Deus. Devemos não só saber isso, mas também aceitar isso com um coração compreensivo, "Porque com o coração se crê para justiça" (Rm 10.10a).

Quando eu era garoto, ouvi um sermão do qual jamais vou me esquecer. Eu havia perguntado ao meu pai se podia assistir ao discurso do bacharelato – o sermão pregado para a classe que se formava no Wheaton College. A cada ano, eu observava como meu pai, Leland Ryken, vestia toda a sua roupa e acessórios acadêmicos antes de partir em direção à capela, e eu me perguntava como seria aquele culto. Assim, em determinado ano, minha mãe me levou para sentar-se com ela na galeria. Lá, ouvi o doutor Hudson Armerding, então reitor da faculdade, pregar aos formandos sobre "O coração compreensivo".

O doutor Armerding explicou que, na Bíblia, o coração é mais do que uma emoção; é o centro espiritual da pessoa que sente, pensa e decide. Ele deu muitos exemplos bíblicos – incluindo o próprio Faraó – de homens e mulheres que não conseguiram entender Deus por causa da dureza de seus corações. Então, o doutor Armerding fez esta advertência aos seus alunos:

Muitos formandos de faculdades cristãs têm um sucesso extraordinário nos estudos. Eles acumulam um corpo considerável de conhecimento e demonstram que sabem pensar com lógica e percepção. Mesmo assim, é possível que eles se formem com um coração endurecido, possuindo toda a informação que os discípulos tinham e a experiência de observar coisas sobrenaturais acontecerem, e mesmo assim podem decidir não aceitar a Palavra de Deus como norma ou reconhecer Jesus Cristo como Senhor.

Ele encerrou dizendo: “Precisamos reconhecer que a educação cristã só está completa quando o resultado é um coração compreensivo”, no qual “a mente é informada pelas declarações autoritárias das Escrituras Sagradas; as emoções são movidas a amar o Senhor com todo o coração, toda a alma, toda a mente e toda a força; e a vontade reconhece Jesus Cristo como Salvador e Senhor”.11

Quando ouvi essas palavras, eu disse: “É isto que eu quero – um coração compreensivo!”. É o que ainda quero. Quero crer e amar o que minha mente sabe ser a verdade sobre Jesus Cristo. Quero um coração compreensivo porque preciso de um coração compreensivo. Preciso de um coração assim como qualquer outra pessoa, incluindo Faraó. Toda pessoa que deseje um coração compreensivo deve pedi-lo a Deus, e ele certamente o concederá.

Notas

1 John J. Davis, Moses and the Gods of Egypt: Studies in the Book of Exodus (Grand Rapids: Baker, 1971), p. 113.

2 Greta Hort, “The Plagues of Egypt”, Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft 69 (1957): p. 84-103 (p. 100). Colin J. Humphreys, The Miracles of Exodus: A Scientist’s Discovery of the Extraordinary Natural Causes of the Biblical Stories (Nova York: HarperCollins, 2003), p. 123-25 argumenta que os rebanhos foram mortos por uma combinação de peste equina africana e um vírus relacionado conhecido como língua azul, ambos os quais são transmitidos pelo mosquito Culicoides.

3 John D. Currid, A Study Commentary on Exodus, vol. 1 (Auburn, MA: Evangelical USA, 2000), p. 194.

4 Hort, “The Plagues of Egypt”, p. 100.

5 C. F. Keil e F. Delitzsch, The Pentateuch, Biblical Commentary on the Old Testament, vol. 1 (Grand Rapids: Eerdmans, 1949), p. 487.

6 Currid, A Study Commentary on Exodus, vol. 1, p. 192.

7 A descoberta é descrita em Davis, Moses and the Gods of Egypt, p. 113-14.

8 Ibid., p. 114-15.

9 Jonathan Edwards, A History of the Work of Redemption, em The Works of Jonathan Edwards, vol. 1 (1834; reimpressão Edimburgo: Banner of Truth, 1974), p. 532-619.

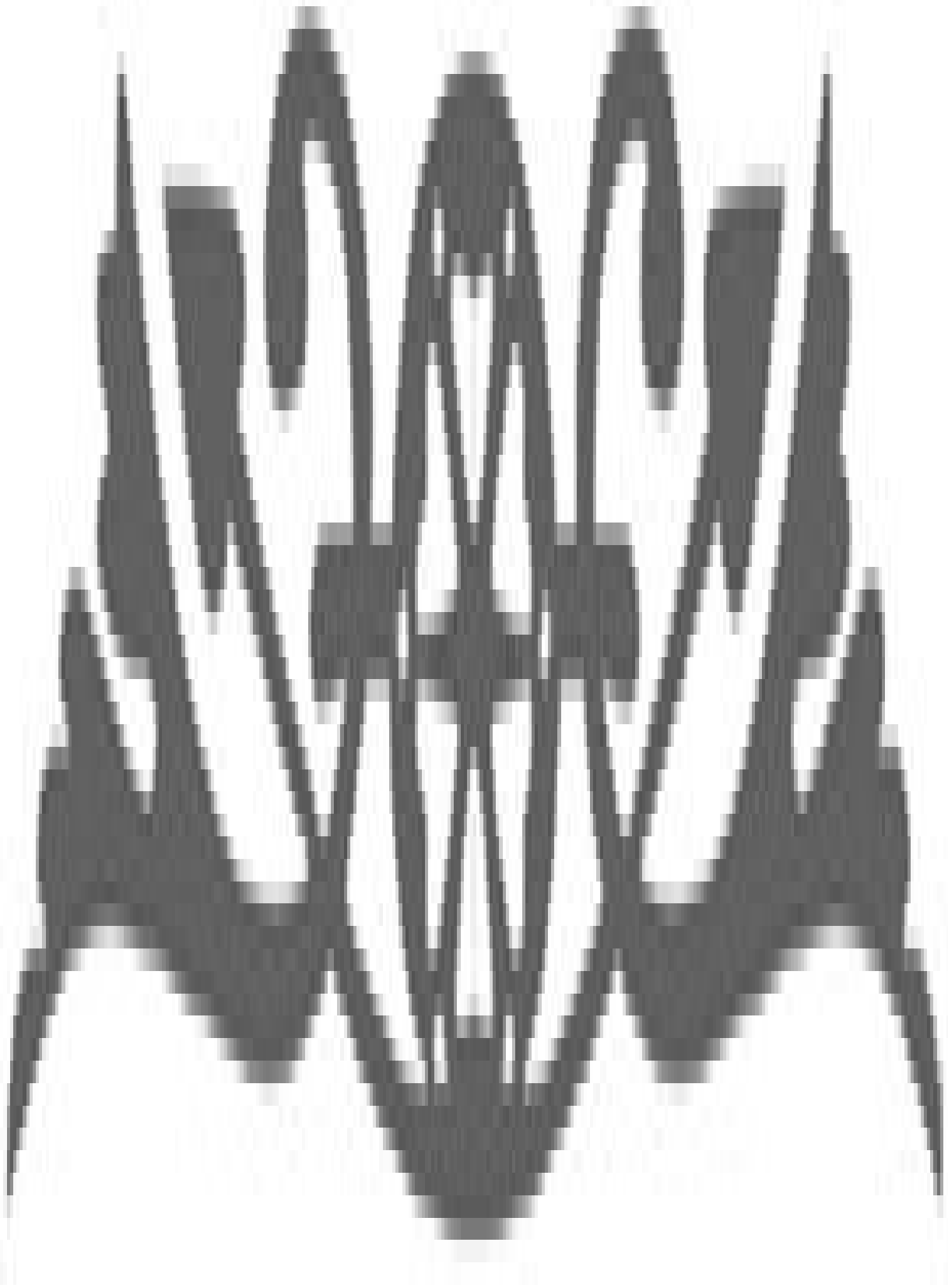
10 John I. Durham, Exodus, Word Biblical Commentary (Waco, TX: Word, 1987), p. 119.

11 Hudson T. Armerding, “The Understanding Heart”, in A Word to the Wise (Wheaton, Il.: Tyndale, 1980), p. 83-88.

23

Não suporto mais esta coceira!

Êxodo 9.8-12



Provérbios 27.22 provém em parte da cozinha do palácio, onde as mulheres costumavam produzir farinha para o pão moendo o trigo entre um almofariz e um pilão, mas foi baseado também na experiência de Salomão com os insensatos, ou tolos. O rei sábio havia observado que, independentemente do número de vezes em que um insensato é esmagado pelas consequências dos seus erros tolos, sua insensatez sempre consegue sobreviver de algum modo. Daí o provérbio: “Ainda que pises o insensato com mão de gral entre grãos pilados de cevada, não se vai dele a sua estultícia”.

Quando os antigos rabinos judeus liam o provérbio de Salomão, eles automaticamente se lembravam de Faraó, que foi o maior de todos os insensatos no Antigo Testamento – talvez o maior insensato de todos os tempos. Com cada nova praga, Deus estava moendo Faraó entre o almofariz da sua justiça e o pilão da sua ira. No entanto, não importava quanto o Egito era moído, a insensatez de Faraó permanecia. Assim, os rabinos escreveram num de seus antigos comentários:

Sobre ele [Faraó] e todos os semelhantes a ele está escrito: “Ainda que pises o insensato com mão de gral entre grãos pilados de cevada, não se vai dele a sua estultícia”, o que significa: se você esmagar e castigar o insensato com os golpes de aflições e pragas e você lhe der alívio ao levantar o pilão do almofariz, sua insensatez não o abandonará, pois ele se esquece de todas as pragas. Era assim o ímpio Faraó. Quando recebia alívio entre cada praga [...] esquecia-se das pragas.1

Primeiro Deus transformou o rio em sangue, mas Faraó endureceu seu coração e não deu ouvidos a Moisés. Depois vieram todas as rãs, e Faraó pediu uma oração; mas assim que recebeu algum alívio, ele endureceu seu coração mais uma vez. Em seguida, os insetos invadiram todo o Egito. Os magos disseram que era o dedo de Deus, mas Faraó recusou-se a ouvir. A quarta praga trouxe moscas, e Faraó, finalmente, decidiu que deixaria ir o povo de Deus; mas assim que as moscas desapareceram, ele mudou de opinião. Depois morreram todos os rebanhos, mesmo assim o coração de Faraó recusou-se a ceder. Cinco pragas, e

ele continuava tão insensato como sempre.

Epidemia!

O que seria necessário? Bem, talvez Faraó cooperasse se Deus afligisse seu corpo. O sofrimento físico costuma atrair a atenção das pessoas melhor do que qualquer outra coisa. Assim, Deus enviou uma sexta praga, a praga das úlceras:

[...] disse o

Senhor

a Moisés e a Arão: Apanhai mãos cheias de cinza de forno, e Moisés atire-a para o céu diante de Faraó. Ela se tornará em pó miúdo sobre toda a terra do Egito e se tornará em tumores que se arrebentem em úlceras nos homens e nos animais, por toda a terra do Egito. Eles tomaram cinza de forno e se apresentaram a Faraó; Moisés atirou-a para o céu, e ela se tornou em tumores que se arrebentavam em úlceras nos homens e nos animais, de maneira que os magos não podiam permanecer diante de Moisés, por causa dos tumores; porque havia tumores nos magos e em todos os egípcios. (9.8-11)

Os estudiosos bíblicos – especialmente aqueles que têm algum conhecimento de medicina – tentaram identificar, com base nesses sintomas, a doença exata que afligiu os egípcios. A palavra traduzida como “úlcera” (shechin) ocorre uma dúzia de vezes no Antigo Testamento e é usada para uma variedade de doenças dermatológicas infecciosas. Em Levítico 13, ela parece referir-se à lepra. Isso pode se aplicar também a Êxodo 9, ainda mais que nada é dito sobre o desaparecimento da doença; a lepra é incurável. Outros têm sugerido que os egípcios tiveram varíola.

A sugestão mais comum, porém, é o carbúnculo, que, como explica Greta Hort, “assume a forma primeiro de um grande inchaço da parte afetada da pele; após dois ou três dias, surge uma pústula azulada e avermelhada com uma depressão

central no meio do inchaço; essa depressão resseca, e novas bolhas aparecem; o tecido incha e forma bolhas como que de queimadura e finalmente se descasca".2 Hort argumenta que essa doença foi o resultado natural das pragas anteriores. Moscas (quarta praga) deleitando-se com as carcassas do gado (quinta praga) teriam se infectado com a pestilência e a transmitido ao picarem o homem e o animal (sexta praga). Ela se arrisca até a identificar a mosca com seu nome científico: Stomoxys calcitrans.3

O argumento de Hort é interessante, mas altamente especulativo. O que sabemos é que os egípcios contraíram uma doença dermatológica que era extremamente desagradável e, talvez, representasse uma ameaça à vida. A Bíblia descreve áreas de pele inflamada, bolhas cheias de pus que se transformaram em úlceras ardentes. A mesma doença é descrita em Deuteronômio 28, em que Moisés adverte os israelitas em relação àquilo que eles experimentariam se não obedecessem a lei de Deus: "O Senhor te ferirá com as úlceras do Egito, com tumores, com sarna e com prurido de que não possas curar-te[...]. O Senhor te ferirá com úlceras malignas nos joelhos e nas pernas, das quais não te possas curar, desde a planta do pé até ao alto da cabeça" (Dt 28.27,35).

As coisas estavam começando a assumir um caráter pessoal. As cinco primeiras pragas haviam sido um verdadeiro aborrecimento. Os egípcios haviam visto rios de sangue e perdido rebanhos de gado. O próprio Faraó havia visto rãs pulando para dentro e para fora da sua cama e havia tentado manter as moscas longe da sua pessoa real. Mas nada os deixou tão loucos como essa praga. Os egípcios ficaram cobertos da cabeça aos pés com pústulas dolorosas e abertas. Isso mostrava que o Deus de Israel tinha poder sobre seus corpos e isso deveria ter servido como advertência de que a vida deles estava em perigo.

Como as outras pragas também, as úlceras foram um verdadeiro milagre. Nenhuma explicação meramente natural consegue explicar todos os detalhes nessa passagem. A praga foi milagrosa em sua origem. Ela veio sem ser anunciada – um desastre sem alerta. A praga foi milagrosa em seu método. Moisés e Arão pegaram cinza preta de um forno e, quando a lançaram no ar, a cinza foi transformada em "pó miúdo sobre toda a terra do Egito" (9.9). O que aconteceu em seguida foi igualmente milagroso: as cinzas geraram úlceras, mas apenas nos egípcios. O versículo 11 especifica que as úlceras estavam "em todos os egípcios". Como já vimos, Deus usou as pragas para discriminar entre seu povo e o povo de Faraó. O Egito sofreu, mas Israel permaneceu protegido. Nesse aspecto, como em todos os outros também, a epidemia de úlceras foi uma

demonstração milagrosa do poder infinito de Deus sobre a criação.

Médicos e mágicos

Como os cinco primeiros golpes que Deus havia desferido contra os egípcios, a sexta praga também teve três resultados: em primeiro lugar, os deuses de Faraó foram humilhados; em segundo lugar, os magos de Faraó foram humilhados; em terceiro lugar, o coração de Faraó foi endurecido.

Ao longo do nosso estudo de Êxodo, temos visto que o propósito de Deus era glorificar a si mesmo por meio da derrota de Faraó e dos seus deuses. A praga das úlceras não foi exceção. Demonstrou que os deuses e as deusas do Egito não eram capazes de fornecer proteção contra doenças. Os egípcios – famosos pelo seu interesse em medicina – procuraram cura na sua religião. Muitos adoravam Amon Re, o deus-criador, que os textos antigos descrevem como "aquele que dissolve os males e repele doenças; um médico que cura".4 Outros adoravam Tot, que era o deus das artes terapêuticas. Outros adoravam Imhotep como o deus da medicina, embora ele tenha se tornado mais popular depois do êxodo. Mas a divindade mais comum para lidar com doenças era Sekhmet, cujos sacerdotes formavam uma das fraternidades médicas mais antigas da Antiguidade.5 Como explica John Davis: "[Os] egípcios estavam constantemente atentos à possibilidade de doenças e pústulas infecciosas. Isso se refletia no fato de que a Sekhmet, uma deusa com cabeça de leoa, era atribuído o poder de provocar epidemias e de encerrá-las. Um sacerdócio especial, chamado Sunu, era dedicado a ela. Amuletos e outros objetos eram usados pelos egípcios para afastar males de suas vidas".6

A praga das úlceras representava um ataque a todos os deuses e deusas nos quais os egípcios confiavam como fonte de cura. Quando a Bíblia diz que "também contra os deuses executou o Senhor juízos" (Nm 33.4), ela fala de modo abrangente. Deus derrotou todo o panteão do Egito – Amon, Tot, Imhotep, Sekhmet e todo o resto. Isso explica, talvez, por que Deus enviou tamanha variedade de pragas contra os egípcios: ele queria expor a impotência da idolatria deles fazendo com que cada um dos ídolos fosse malsucedido em sua área de especialização específica. Quando os egípcios se viram cobertos de úlceras dolorosas, eles descobriram que seus deuses eram incapazes de curar.

Antes de condenarmos os egípcios pela sua insensatez, é importante reconhecer que somos tentados a adorar as mesmas deidades. Vivemos numa era de progresso notável na medicina – na era do laser e da tomografia computadorizada, dos antibióticos e da anestesia. Durante o século 20, muitas doenças foram praticamente erradicadas, doenças como pólio e varíola. Ao longo dos próximos cem anos, é bem possível que os cientistas encontrem curas para doenças fatais como a AIDS, o câncer, a doença da vaca louca (BSE) e o vírus da Ebola. A pesquisa genética desenvolverá novas formas de tratamento para doenças hereditárias, incluindo medicinas que manipulam o DNA humano.

Em decorrência do nosso conhecimento avançado sobre o corpo e seus diversos males, somos tentados a transformar a medicina em objeto de fé. A maioria dos pacientes vai ao hospital acreditando que será curada. No entanto, nem sempre é o que acontece. Às vezes, médicos e enfermeiras cometem erros. Nem sempre fazem o diagnóstico correto ou prescrevem o tratamento adequado. Além disso, ainda não existe saída para a morte. Portanto, a medicina tem seus limites. Isso vale não só para a medicina clínica, mas também para a medicina alternativa, que usa as propriedades curativas das vitaminas e de outras substâncias naturais. A despeito de todas as nossas habilidades na área de cura, não somos soberanos sobre o corpo humano. Isso significa que a perícia médica nunca deve ser nossa fonte de confiança última para o nosso bem-estar físico. A medicina é um recurso maravilhoso, mas uma divindade ruim. Sempre que recebemos uma receita, passamos por uma cirurgia ou iniciamos uma quimioterapia, devemos nos lembrar de que toda cura vem de Deus e de que apenas Cristo é Senhor sobre o corpo.

Ao mesmo tempo em que o Deus de Israel humilhava os deuses do Egito, ele também humilhava os magos de Faraó. Isso vinha acontecendo havia algum tempo. Os magos haviam usado suas ciências ocultas para imitar as pragas do sangue e das rãs, mas haviam sido incapazes de reproduzir a praga dos piolhos. Assim, precisamos dizer a seu favor que eles desistiram e reconheceram que havia mais poder no dedo mindinho de Deus do que em todos os seus feitiços e encantos. A quarta e a quinta pragas nem mesmo mencionam os magos. Supostamente, porém, estavam presentes – não para competir com Deus, mas simplesmente para testemunhar seu poder. Mas essa praga era diferente. Eles não só não conseguiram impedi-la e eram incapazes de imitá-la, mas eles mesmos foram afetados por ela.

Para entender a extensão em que Deus humilhou os magos de Faraó, ajuda saber

que, ao jogar cinzas no ar, Moisés estava fazendo algo que os sacerdotes egípcios faziam com frequência. Os sacerdotes de Faraó tinham o costume de pegar as cinzas sacrificiais e lançá-las no ar como sinal de bênção. Porém, Deus tomou esse ato ritual e o transformou em maldição. Era uma questão de justiça, pois é bem possível que as cinzas tivessem vindo de um forno para queimar tijolos iguais aos tijolos que os israelitas produziam para Faraó. Se era esse o caso, Deus estava executando uma justiça estrita, fazendo os egípcios pagarem pelos seus pecados. John Currid escreve: "O tipo de forno mencionado aqui era, provavelmente, um forno para queimar tijolos. O forno era, então, um símbolo da opressão dos hebreus, do suor e das lágrimas que eles derramavam para produzir tijolos para os egípcios. Assim, as mesmas cinzas produzidas pelo povo escravizado servia agora para impor o castigo aos seus opressores".7 Deus estava transformando a maldição de Israel em bênção e a bênção do Egito em maldição.

Outro aspecto que fazia dessa praga uma humilhação era o fato de que a doença infecciosa impedia os magos de exercerem suas obrigações religiosas. Os egípcios valorizavam a pureza, de modo que um sacerdote coberto de pústulas teria sido incapaz de executar seus rituais habituais. Assim, ao negar acesso às suas deidades, Deus zombou dos magos de Faraó. A derrota deles era tão completa, a humilhação tão absoluta que o livro de Êxodo não os menciona mais.

Algo mais precisa ser mencionado em relação aos magos. A Bíblia diz que, ao contrário de Moisés, que "se apresentou a Faraó" (9.10), eles "não podiam permanecer diante de Moisés" (9.11). Simplesmente não aguentaram; precisaram procurar outro lugar e se coçar. Talvez a razão disso tenha sido médica; lembre-se: a praga se espalhava pelo corpo a partir dos pés (Dt 28.35). Mas toda essa conversa sobre ficar na presença de alguém pode ter um significado espiritual mais profundo. Os magos ímpios de Faraó eram incapazes de permanecer na presença do santo profeta de Deus. Do mesmo modo, a Bíblia ensina que "os perversos não prevalecerão no juízo" (Sl 1.5a).

Isso era verdadeiro quanto aos magos de Faraó e será igualmente verdadeiro quanto a cada pecador que se recusa a confiar em Jesus Cristo para a sua salvação. Se não estivermos cobertos com sua justiça por meio da fé, jamais seremos capazes de permanecer na presença de Deus, pois a Bíblia profetiza uma nova epidemia da mesma doença que afligiu os egípcios. Como muitas das pragas em Êxodo, a praga das úlceras retornará no juízo final. Na sua revelação

dos últimos tempos, o apóstolo João viu que “saiu, pois, o primeiro anjo e derramou a sua taça pela terra, e, aos homens portadores da marca da besta e adoradores da sua imagem, sobrevieram úlceras malignas e perniciosas” (Ap 16.2). A Bíblia não responde a todas as nossas perguntas sobre como e quando isso acontecerá. Mas o que ela revela já basta como advertência. Virá um dia em que todos os que rejeitam a Jesus Cristo como Salvador e Senhor serão afligidos com dores ardentes da ira de Deus, perante a qual ninguém conseguirá permanecer.

A condição cardíaca de Faraó

Infelizmente, a praga das úlceras terminou do mesmo modo como terminaram as outras pragas – com o endurecimento do coração de Faraó. Mesmo depois da humilhação dos seus deuses e dos seus magos, o coração de Faraó não estava disposto a ceder. E aqui, pela primeira vez, a Bíblia diz explicitamente que quem endureceu o coração de Faraó foi Deus. Depois de cada uma das cinco primeiras pragas, as Escrituras dizem: “O coração de Faraó se endureceu” (7.22), ou “continuou de coração endurecido” (8.15), ou “Faraó se endureceu” (9.7). No entanto, dessa vez, elas dizem que seu coração estava duro porque Deus o endureceu: “Porém o Senhor endureceu o coração de Faraó, e este não os ouviu, como o Senhor tinha dito a Moisés” (9.12).

O coração endurecido de Faraó nos confronta com o mistério da soberania divina e da responsabilidade humana. As duas afirmações seguintes são verdadeiras: Faraó endureceu seu coração; Deus endureceu o coração de Faraó. Mas como essas duas afirmações podem ser conciliadas? Qual é a relação entre elas?

Alguns estudiosos argumentam que Deus só endureceu o coração de Faraó depois de o próprio Faraó tê-lo endurecido. Quando Deus endureceu o coração de Faraó, ele estava simplesmente confirmando a decisão que Faraó já havia tomado. Assim, a moral da história é que “Deus endurece aqueles que endurecem a si mesmos”.8 Muitas vezes, isso é verdade. Como questão de justiça, Deus, às vezes, endurece o coração daqueles que se endureceram contra ele. Nesse caso, porém, a explicação é menos do que plenamente adequada porque, ainda antes de Faraó endurecer seu coração, Deus havia prometido endurecê-lo quanto a ele. O Senhor disse a Moisés: “Eu lhe endurecerei o coração, para que não deixe ir o povo” (4.21b).

Conquanto seja verdadeiro que Faraó endureceu seu próprio coração, a verdade mais profunda é que até mesmo isso fazia parte do plano soberano de Deus. O endurecimento do coração de Faraó não era a reação de Deus a Faraó, mas seu propósito para Faraó. Deus fez isso para demonstrar a sua justiça. Ele também fez isso para demonstrar o seu poder, como descobriremos quando chegarmos à sétima praga (9.16). E ele o fez para manifestar a sua misericórdia. Como disse Deus a Moisés: “Eu, porém, endurecerei o coração de Faraó e multiplicarei na terra do Egito os meus sinais e as minhas maravilhas. Faraó não vos ouvirá; e eu porei a mão sobre o Egito e farei sair as minhas hostes, o meu povo, os filhos de Israel, da terra do Egito, com grandes manifestações de julgamento” (7.3-4). Deus endureceu o coração de Faraó para multiplicar as pragas, que magnificaram o poder de sua justiça e de sua misericórdia.

Apesar de ter sido perfeitamente justo e apesar de Deus ter se glorificado nisso, permanece algo triste no endurecimento do coração de Faraó. Certa vez, um membro da igreja me enviou o seguinte bilhete: “Faraó me entristece. Ele me entristece porque seu coração endurecido e sua indisposição de aceitar a soberania de Deus me lembram muito minha irmã. O coração dela estava muito endurecido contra Jesus e sua vontade não queria ceder perante a soberania de Deus [...] Ela e Faraó investiram demais na soberania sobre suas próprias vidas [...] Por que ela não consegue ver que a paz duradoura só vem de conhecer Jesus?”.

O uso correto de uma doença séria

Essa é uma boa pergunta, e ela dá origem a uma pergunta adicional: o que Faraó deveria ter feito? Quando ele se viu coberto de úlceras dolorosas dos pés até a cabeça, em vez de endurecer seu coração, qual teria sido a maneira correta de reagir? Uma maneira de responder a essa pergunta é contemplar o que pessoas santas têm feito em circunstâncias semelhantes. A Bíblia contém muitos exemplos de homens e mulheres que enfrentaram doenças sérias não endurecendo seu coração, mas voltando-se para Deus.

A primeira pessoa que nos vem à mente é Jó, que apresentava sintomas quase idênticos aos de Faraó. Jó era um homem santo que sofreu muitas injustiças às mãos de Satanás. Ele perdeu seus rebanhos, seus servos e seus filhos, mas mesmo assim continuou louvando a Deus. Isso deixou Satanás tão furioso que

ele “saiu da presença do Senhor e feriu a Jó de tumores malignos, desde a planta do pé até ao alto da cabeça” (Jó 2.7). Foi excruciante. A Bíblia diz que Jó “tomou um caco para com ele raspar-se” (Jó 2.8). Ele se sentiu tão miserável que sua esposa recomendou o suicídio, dizendo: “Ainda conservas a tua integridade? Amaldiçoa a Deus e morre” (Jó 2.9). Mas Jó disse à sua esposa: “Falas como qualquer doida; temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal?” (Jó 2.10). A resposta é, evidentemente: “Não!”. Jó entendeu que Deus é soberano tanto sobre a doença quanto sobre a saúde. Quando suportamos sofrimento físico, devemos não endurecer nosso coração, mas aceitar a vontade de Deus. Faraó deveria ter feito o que Jó fez: em vez de endurecer seu coração, ele deveria ter se submetido à soberania de Deus em seu sofrimento.

Faraó poderia também ter seguido o exemplo de Davi. Como Faraó, Davi também era rei, e como Faraó, ele também sofreu pelos seus pecados. Ele disse a Deus:

Não há parte sã na minha carne, por causa da tua indignação; não há saúde nos meus ossos, por causa do meu pecado. Pois já se elevam acima de minha cabeça as minhas iniquidades; como fardos pesados, excedem as minhas forças. Tornam-se infectas e purulentas as minhas chagas, por causa da minha loucura. (Sl 38.3-5)

A condição de Davi era séria. Ele estava sofrendo uma dor intensa causada por uma doença abominável. Pior ainda, sua doença era uma consequência direta de sua própria insensatez pecaminosa. Era um ato de juízo divino. Isso não se aplica a todas as doenças, mas é verdadeiro quanto a algumas. Alguns problemas físicos – câncer no pulmão, por exemplo, ou sífilis – são o resultado natural de escolhas pecaminosas. Outros problemas são causados pelos pecados de outros, como quando alguém é ferido por um motorista embriagado. Há também os males que resultam de algo completamente diferente. Jó é o exemplo perfeito: ele não sofreu porque era um pecador, mas porque era justo. No entanto, também há vezes em que a doença é um ato da justiça de Deus. Certamente, isso se aplicava ao caso dos egípcios. Mais tarde, Moisés alertou os israelitas de que, se eles não fossem cautelosos, isso se aplicaria também a eles:

Se não deres ouvidos à voz do

Senhor

, teu Deus, não cuidando em cumprir todos os seus mandamentos e os seus estatutos [...] O

Senhor

fará que a pestilência te pegue a ti, até que te consuma [...] O

Senhor

te ferirá com úlceras malignas nos joelhos e nas pernas, das quais não te possas curar, desde a planta do pé até ao alto da cabeça. (Dt 28.15,21,35)

Normalmente, é impossível saber por que Deus impõe determinada doença a determinada pessoa. Todavia, toda doença é uma oportunidade de renovar nosso arrependimento. Quando adoecemos, devemos examinar a nós mesmos, sondar nosso coração à procura de um pecado não confessado, o que foi o que Davi fez quando esteve doente. Ele disse:

[...] estou prestes a tropeçar; a minha dor está sempre perante mim. Confesso a minha iniquidade; suporto tristeza por causa do meu pecado. (Sl 38.17-18)

Ao arrepender-se do seu pecado, Davi usou sua saúde fraca para a sua vantagem. Ele a viu como oportunidade para a renovação espiritual. Faraó deveria ter feito o que Davi fez: em vez de endurecer seu coração, ele deveria ter confessado seu pecado.

Para citar mais um exemplo: Faraó deveria ter feito o que fez Naamã. Naamã era comandante do exército sírio. Era um gentio como Faraó; e tinha uma doença

dermatológica séria como Faraó. Naamã era leproso. Mas ele ouviu que havia um profeta em Israel que poderia ajudá-lo, de modo que juntou todo o seu dinheiro para pagar suas contas médicas e partiu em busca da cura. Finalmente, encontrou Eliseu, o homem de Deus, que o instruiu a pular no rio Jordão e lavar-se sete vezes. Naamã considerou essa ideia ridícula, mas acabou fazendo o que Eliseu lhe dissera, e quando saiu do rio, "a sua carne se tornou como a carne de uma criança, e ficou limpo" (2Rs 5.14). Se Faraó tivesse feito o que Naamã fez, ele teria sido curado. Em vez de endurecer seu coração, ele deveria ter procurado cura em Deus.

Agora que Deus nos deu seu evangelho, voltar-se para ele significa voltar-se para seu Filho Jesus Cristo. Embora isso seja algo que Faraó não poderia ter feito, é algo que nós podemos fazer. Há um exemplo maravilhoso no Evangelho de Marcos, que fala de uma mulher que estava tão doente que sangrava há 12 anos. Sua situação era desesperadora: "Muito padecera à mão de vários médicos, tendo despendido tudo quanto possuía, sem, contudo, nada aproveitar, antes, pelo contrário, indo a pior" (Mc 5.26). Em seu desespero, ela pediu ajuda a Jesus e se apegou a ele: "Porque, dizia: Se eu apenas lhe tocar as vestes, ficarei curada. E logo se lhe estancou a hemorragia, e sentiu no corpo estar curada do seu flagelo" (Mc 5.28-29). Então Jesus voltou-se para ela e explicou que foi a fé que ela possuía que a havia curado. Ele disse: "Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz e fica livre do teu mal" (Mc 5.34).

Esta é uma bela promessa: "A tua fé te salvou [...] fica livre do teu mal". Algum dia, essa promessa se cumprirá para cada filho de Deus. Nem sempre ela se cumpre nesta vida, mas ela se cumprirá e terá de se cumprir na vida vindoura, quando "a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor" (Ap 21.4). A esperança do céu nos lembra de que, sempre que tivermos problemas físicos, não devemos endurecer nosso coração como o insensato Faraó, mas voltar-nos para Deus. Como Jó, devemos aceitar nossa doença como vontade de Deus. Nosso sofrimento é parte do seu plano soberano. Como Davi, devemos ver a nossa enfermidade como oportunidade de confessar nosso pecado. Nossa doença pode ser um ato de juízo divino ou não, mas se o for, certamente o merecemos e devemos renovar nosso arrependimento. Como Naamã, devemos buscar nossa cura em Deus, e isso significa apegar-nos a Jesus em fé como o fez a mulher nos Evangelhos.

Um cristão que muitas vezes enfrentou doenças foi o brilhante filósofo e teólogo francês Blaise Pascal (1623-1662), que teve uma saúde fraca até morrer aos 39

anos de idade. Pascal não era insensato, e ao longo dos seus muitos problemas ele aprendeu a sofrer como um cristão. Segue aqui parte de sua oração sobre “O uso correto de uma doença séria”, que deveria ser a nossa oração em toda doença:

Ó Senhor, cujo espírito é tão bom e gracioso em todas as coisas, e que és tão misericordioso que não só as prosperidades, mas também as aflições que acontecem aos teus eleitos são os efeitos da tua misericórdia, concede-me a graça de não agir como um pagão na condição para a qual a tua justiça me trouxe; mas que, como um verdadeiro cristão, eu possa reconhecer-te como meu Pai e meu Deus em quaisquer circunstâncias em que eu seja colocado [...]

Tu me deste saúde para que eu a usasse servindo a ti; e eu a perverti num uso totalmente profano. Agora, tu me enviaste uma doença para a minha correção: que eu não a use igualmente para provocar-te por meio da minha impaciência. Se meu coração foi preenchido com o amor pelo mundo enquanto estive em posse da minha força, destrói meu vigor para promover a minha salvação [...]

Ó Senhor, que no momento da morte eu me encontre separado do mundo, despido de todas as coisas e sozinho em tua presença, para responder à tua justiça por todos os movimentos do meu coração: concede que eu possa considerar-me nessa doença, como que num tipo de morte, separado do mundo, despido de todos os objetos do meu afeto, colocado sozinho em tua presença, para implorar da tua misericórdia a conversão do meu coração; e para que, assim, eu receba o grande consolo de saber que tu estás me enviando agora um tipo de morte para a manifestação da tua misericórdia antes de me enviares a morte na realidade para a manifestação da tua justiça.

[...] Concede-me graça, ó Senhor, para reunir teus consolos aos meus sofrimentos, para que eu possa sofrer como um cristão. Não oro para ser isentado da dor [...] mas oro para não ser entregue às dores da natureza sem os consolos do teu Espírito. Concede, ó Senhor, que [...] eu possa me conformar à tua vontade; e que, mesmo doente como estou agora, eu possa glorificar-te em meus sofrimentos [...] Une-me a ti, preenche-me contigo e com teu Santo Espírito, para que, estando cheio de ti, não seja mais eu quem vive ou sofre, mas tu, ó meu Salvador, que vive e sofre em mim; que, tendo sido assim um pequeno compartilhador dos teus sofrimentos, tu possas encher-me completamente com

[...] glória [...] Amém.9

Notas

1 Midrash Sekhel Tov, citado em Göran Larsson, Bound for Freedom: The Book of Exodus in Jewish and Christian Traditions (Peabody, MA: Hendrickson, 1999), p. 58.

2 Greta Hort, “The Plagues of Egypt”, Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft 69 (1957): p. 84-103 (p.101). Colin J. Humphreys, The Miracles of Exodus: A Scientist’s Discovery of the Extraordinary Natural Causes of the Biblical Stories (Nova York: HarperCollins, 2003) acredita que, qualquer que tenha sido a doença, ela foi transmitida pela mosca do estábulo (p. 126).

3 Hort, “The Plagues of Egypt”, p. 102.

4 Citado em J. B. Pritchard (org.), Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament (Princeton: Princeton University Press, 1955), p. 369.

5 John D. Currid, Ancient Egypt and the Old Testament (Grand Rapids: Baker, 1997), p. 111.

6 John J. Davis, Moses and the Gods of Egypt: Studies in the Book of Exodus (Grand Rapids: Baker, 1971), p. 115.

7 John D. Currid, A Study Commentary on Exodus, vol. 1 (Auburn: Evangelical USA, 2000), p. 196.

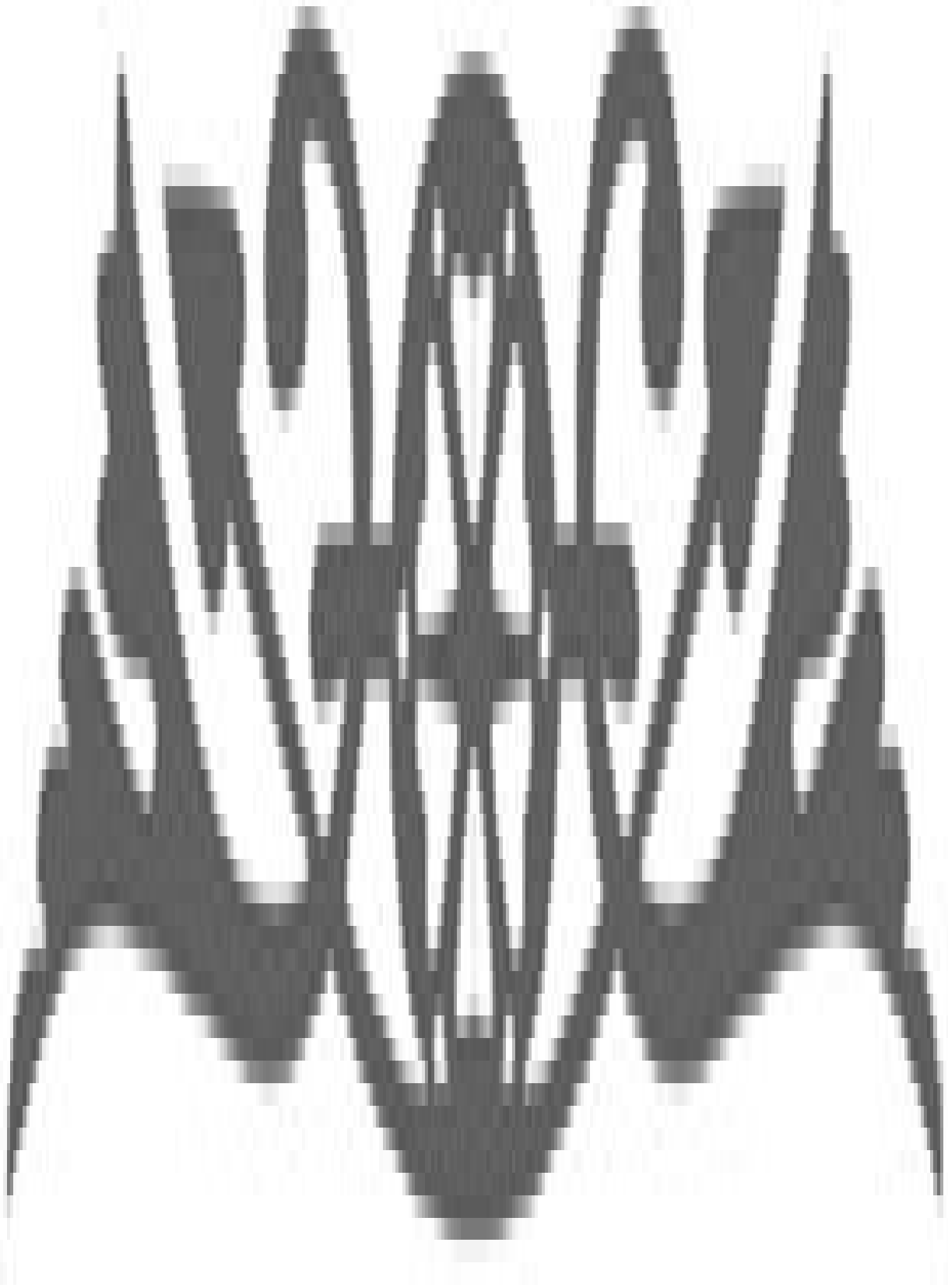
8 R. Alan Cole, Exodus: An Introduction and Commentary, Tyndale Old Testament Commentaries (Leicester: Inter-Varsity, 1973), p. 97.

9 O texto completo da oração de Pascal foi publicado por Robert Scott e George W. Gilmore em World's Devotional Classics, vol. 6 (Nova York: Funk and Wagnalls, 1916), p. 182-97.

24

A pior tempestade de granizo de todos os tempos

Êxodo 9.13-35



Deus desferiu dez golpes poderosos contra o Egito. Essas pragas, como a Bíblia as chama, parecem ter ocorrido em três grupos de três, seguidas pela décima e mais mortal de todas as pragas. Uma razão para pensar que as pragas foram organizadas dessa forma é que cada grupo de três começa com Moisés levantando-se cedo de manhã para confrontar Faraó (7.15; 8.20). Isso vale também para a sétima praga (9.13), que assim inicia a sequência final.

A Bíblia dedica à praga do granizo o relato mais longo até então. Essa abordagem mais lenta permite ao texto gerar suspense. Estamos nos aproximando do clímax do confronto entre o Deus de Israel e os deuses do Egito. Ao diminuir o ritmo da história, a Bíblia aumenta o suspense:

Disse o

Senhor

a Moisés: Levanta-te pela manhã cedo, apresenta-te a Faraó e dize-lhe: Assim diz o

Senhor

, o Deus dos hebreus: Deixa ir o meu povo, para que me sirva. Pois esta vez enviarei todas as minhas pragas sobre o teu coração, e sobre os teus oficiais, e sobre o teu povo, para que saibas que não há quem me seja semelhante em toda a terra. Pois já eu poderia ter estendido a mão para te ferir a ti e o teu povo com pestilência, e terias sido cortado da terra; mas, deveras, para isso te hei mantido, a fim de mostrar-te o meu poder, e para que seja o meu nome anunciado em toda a terra. Ainda te levantas contra o meu povo, para não deixá-lo ir? Eis que amanhã, por este tempo, farei cair mui grave chuva de pedras, como nunca houve no Egito, desde o dia em que foi fundado até hoje. (9.13-18)

Com essas palavras, Deus informou Faraó sobre algo que já deveria estar óbvio para ele: o Deus de Israel tinha o poder de apagar o Egito da face da terra. As seis primeiras pragas haviam causado dificuldades o suficiente para que Faraó

reconhecesse o poder de Deus, mas ele ainda não tinha visto nada. Falando por meio do seu profeta Moisés, Deus alertou Faraó de que ele estava prestes a sofrer o golpe mais duro até então – aquilo que Deus chamou de “todas as minhas pragas” (9.14).

Vimos que cada praga foi uma demonstração sobrenatural do poder divino. Em outras palavras, as pragas foram milagres. Uma das coisas milagrosas a respeito delas é que elas se tornavam cada vez mais severas. Foram milagrosas em sua intensificação. Comparadas às quatro últimas pragas, as seis primeiras foram pouco mais do que um incômodo. Começaram na água e depois passaram para a terra. Mas com a sétima praga começaram a chover do céu. Obviamente, as coisas estavam ficando piores. Deus estava abrindo o arsenal de juízo para derramar sua ira mortal sobre o Egito.

O propósito das pragas

Por que Deus fez isso? Qual era o seu propósito ao afligir o Egito com as pragas? Há várias maneiras de responder a essa pergunta. Uma é ressaltar que Deus estava punindo o Egito pela desobediência de Faraó. Moisés havia ordenado a Faraó que ele deixasse ir o povo de Deus. Quando Faraó se recusou, seu povo teve de sofrer as consequências da sua rebelião. Outra resposta, que temos repetido ao longo do nosso estudo de Êxodo, é que Deus estava salvando seu povo para a sua glória. As pragas faziam parte do seu plano de tirar Israel da escravidão.

Aqui no capítulo 9, Deus explica suas intenções com uma clareza ainda maior ao apresentar três declarações de propósito para as pragas. A primeira ocorre no versículo 14: “Pois esta vez enviarei todas as minhas pragas sobre o teu coração, e sobre os teus oficiais, e sobre o teu povo, para que saibas que não há quem me seja semelhante em toda a terra”. Deus enviou as pragas para demonstrar a singularidade da sua onipotência.

Mais especificamente, as pragas mostraram que Deus era maior do que Faraó. A formulação exata no versículo 14 é significativa. O que Deus disse literalmente a Faraó foi: “Enviarei toda a força das minhas pragas contra o seu coração”. Os egípcios acreditavam que o coração de Faraó era a base da sociedade deles e a fonte de todo progresso humano. Assim, consideravam Faraó o seu deus, e Faraó

concordava. Isso é confirmado no versículo 17, no qual Deus diz ao Faraó: “Ainda te levantas contra o meu povo, para não deixá-lo ir?”. Ao colocar-se contra Israel, Faraó estava se colocando contra Deus. Ele estava se exaltando no lugar de uma divindade.

A fim de confrontar essa blasfêmia, Deus enviou a força total das suas pragas contra o coração de Faraó. O propósito das pragas era demonstrar a natureza divina de Deus e assim convencer Faraó da singularidade da onipotência de Deus. Antes do início das pragas, Faraó disse a Moisés que ele nem sabia quem Deus era (5.2). Bem, agora ele sabia. Faraó estava recebendo toda uma educação teológica e aprendendo mais sobre Deus do que jamais sonhara poder aprender. Uma das lições principais era esta: não existe ninguém igual a Deus em toda a terra.

Um segundo propósito das pragas era mostrar a universalidade do louvor de Deus. Deus disse a Faraó: “para isso te hei mantido, a fim de mostrar-te o meu poder, e para que seja o meu nome anunciado em toda a terra” (9.16). Esse versículo demonstra que quem colocou Faraó no seu trono e permitiu que ele permanecesse ali foi o próprio Deus. Ele o fez com o propósito específico de mostrar o seu poder a Faraó – mas não simplesmente para o benefício de Faraó. As pragas tinham implicações globais. Deus queria ser adorado no mundo inteiro. E existia maneira melhor de fazer isso acontecer do que enviando praga após praga contra os egípcios e assim salvando o seu povo?

A História mostra que as pragas realizaram o propósito missionário de Deus. Se tivesse ocorrido apenas uma única praga, ela poderia ter sido esquecida. Mas dez pragas? A probabilidade de dez pragas serem lembradas era dez vezes maior. Os israelitas narravam as pragas aos seus filhos, dizendo: “Éramos servos de Faraó, no Egito; porém o Senhor de lá nos tirou com poderosa mão. Aos nossos olhos fez o Senhor sinais e maravilhas, grandes e terríveis, contra o Egito e contra Faraó e toda a sua casa” (Dt 6.21-22). Os israelitas também recitavam as pragas em seus salmos, cantando:

Com chuvas de pedra lhes destruiu as vinhas e os seus sicômoros, com geada. Entregou à saraiva o gado deles e aos raios, os seus rebanhos. (Sl 78.47-48)

O povo de Deus nunca se esqueceu do triunfo de Deus sobre Faraó por meio das pragas. Mas ele não foi o único. A notícia das pragas se espalhou pelas nações vizinhas (veja 15.14-15). Quando os gibeonitas se encontraram com Josué, eles falaram do "nome do Senhor", dizendo: "Ouvimos a sua fama e tudo quanto fez no Egito" (Js 9.9). Muitos anos depois, quando a arca da aliança entrou no acampamento deles, os filisteus disseram: "Ai de nós! Que tal jamais sucedeu. Ai de nós! Quem nos livrará das mãos destes grandiosos deuses? São os deuses que feriram aos egípcios com toda sorte de pragas no deserto" (1Sm 4.7b-8). As pragas espalharam a fama de Deus.

Já que o êxodo é a história da salvação, mais tarde as pessoas ligaram esses acontecimentos à vinda de Cristo. Quando o apóstolo Paulo quis explicar a soberania da graça de Deus, ele citou as palavras de Moisés. Ele explicou que a salvação em Cristo não depende "de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia. Porque a Escritura diz a Faraó: Para isto mesmo te levantei, para mostrar em ti o meu poder e para que o meu nome seja anunciado por toda a terra" (Rm 9.16-17). Com essas palavras, Paulo louvou a Deus por afligir Faraó com as pragas. Ainda hoje, sempre que Cristo é pregado, Deus é louvado pela sua vitória sobre Faraó. As pragas faziam parte do propósito missionário de Deus de glorificar seu nome em toda a terra.

A terceira declaração de propósito ocorre no versículo 29, que explica por que Deus encerrou a praga do granizo: "Os trovões cessarão, e já não haverá chuva de pedras; para que saibas que a terra é do Senhor". Como as outras declarações de propósito, esse versículo também fala do poder de Deus. Ele ressalta sua autoridade ilimitada sobre toda a criação. As pragas eram demonstrações sobrenaturais do poder de Deus sobre o mundo que ele criou. Parece haver uma referência especial a isso já no versículo 22, que diz que a tempestade atingiu "toda planta do campo na terra do Egito". A palavra hebraica usada para vegetação (#sh#B) é a mesma palavra usada em Gênesis 1.11-12, em que Deus ordenou: "Produza a terra relva". Essa conexão verbal é um sinal de que, quando Deus enviou suas pragas contra o Egito, ele destruiu as coisas que ele havia criado no passado – cada planta, cada animal e cada pessoa no campo.

Juntas, essas três declarações de propósito explicam por que Deus afligiu o Egito de Faraó com as pragas. Ele o fez para demonstrar sua onipotência singular, seu louvor universal e sua autoridade ilimitada sobre toda a terra. Deus realizou os mesmos propósitos por meio da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Ao ressuscitar Jesus no terceiro dia, Deus manifestou seu poder sobre o pecado e a

morte. Agora, a boa-nova da salvação em Cristo é proclamada no mundo inteiro para que o nome de Deus seja louvado em toda a terra.

Dá-me abrigo!

A demonstração de poder do Deus digno de ser louvado sempre exige uma resposta, e, no fundo, há apenas duas maneiras de responder. Uma é crer que o Senhor é Deus e obedecer as suas ordens. A outra é duvidar do poder de Deus, recusar-se a louvá-lo e então esperar para ver o que acontecerá.

Para mostrar como Faraó reagiria, Deus elaborou um teste. Moisés disse a Faraó: "Agora, pois, manda recolher o teu gado e tudo o que tens no campo; todo homem e animal que se acharem no campo e não se recolherem a casa, em caindo sobre eles a chuva de pedras, morrerão" (9.19). Essa não foi a primeira vez que Deus deu um aviso prévio a Faraó. Foi, porém, a primeira vez que ele deu aos egípcios a oportunidade de se protegerem. Uma tempestade de granizo mortal estava a caminho, mas ainda havia tempo de procurar abrigo. Faraó tinha todas as razões para seguir o conselho de Deus. Ele já havia visto o que Deus era capaz de fazer. Ele tinha também uma imensa operação de gado para levar em consideração, pois seus servos haviam se especializado no cultivo de gados de alta qualidade. Porém, Faraó não aceitaria qualquer ordem de Moisés, por isso recusou-se a tirar seus rebanhos dos campos.

A recusa de Faraó colocou seus funcionários numa situação constrangedora. Eles haviam ouvido a profecia de Moisés – que incluía a previsão de granizo – e agora se viram diante de uma escolha. Uma opção era apostar nos deuses do Egito. A escolha entre eles era grande, pois muitos dos deuses e das deusas do Egito eram personificações das forças da natureza. Os oficiais de Faraó podiam confiar em Shu, o deus da atmosfera, que sustentava o céu. Podiam orar a Nut, a deusa do céu, que representava a abóboda do céu. Podiam confiar em Tefnut, a deusa da umidade, ou em Set, que estava presente no vento e na tempestade. Talvez houvesse algo que um dos seus deuses pudesse fazer para salvá-los. Francamente, porém, alguns dos oficiais de Faraó estavam começando a ter suas dúvidas. Eles não precisavam de dez pragas para convencê-los do poder de Deus; seis já bastavam. Então, assim que puderam sair do palácio sem parecer grosseiros, eles seguiram as instruções de segurança e correram à procura de um abrigo: "Quem dos oficiais de Faraó temia a palavra do Senhor fez fugir os seus

servos e o seu gado para as casas” (9.20). Eles estavam ouvindo mesmo que Faraó não estivesse, e eles decidiram tomar Deus ao pé da letra.

A reação dos oficiais que temiam a Deus mostra que as pragas estavam começando a transformar os egípcios em crentes. O processo de conversão deles havia começado com a terceira praga, quando reconheceram pela primeira vez o “dedo de Deus” (8.19). Ela se completou quando os israelitas saíram do Egito, pois a Bíblia diz que “subiu também com eles um misto de gente” (12.38). Quem eram essas pessoas? Alguns podem ter sido escravos de outros grupos étnicos, mas pelo menos alguns deles devem ter sido egípcios que colocaram sua fé no Deus de Israel. Mesmo quando estava punindo Faraó pelos seus pecados, Deus tinha um plano para a salvação do Egito. Podemos identificar esse plano ao longo das Escrituras. Jeremias profetizou que o Egito voltaria a receber o favor (Jr 46.26). Ezequiel falou do retorno da nação do exílio (Ez 29.13-16). Isaías prometeu um dia em que Deus diria: “Bendito seja o Egito, meu povo”, e em que os egípcios o reconheceriam como Senhor (Is 19.19-25; cf. o Sl 87). Essas promessas se cumpriram no dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo foi derramado sobre a igreja e os egípcios ouviram os apóstolos declarando “as poderosas obras de Deus” na sua própria língua (At 2.5-11).

A salvação dos egípcios começou com o êxodo, quando Deus salvou alguns do Egito juntamente com Israel. A lição prática que podemos aprender com seu exemplo é que a salvação sempre ocorre em reação à Palavra de Deus. Alguns dos oficiais do Faraó temeram “a palavra do Senhor” (9.20). Aqui, a Bíblia usa a palavra “temer” no seu sentido original. Significa que esses homens tiveram medo daquilo que Deus disse? Você pode apostar que tiveram. Estavam assustados o bastante para garantir que fariam de tudo para salvar sua propriedade. Mas também temeram a Palavra de Deus no sentido de que a trataram com respeito e reverência. Eles acreditaram que o que Deus estava dizendo por meio do seu profeta Moisés era verdadeiro, e quando obedeceram, eles foram salvos da pior tempestade de granizo de todos os tempos.

É assim que acontece a salvação – em reação à Palavra de Deus com fé e obediência. A Palavra de Deus nos diz que somos pecadores carentes e que estaremos perdidos para sempre se não crermos em Jesus Cristo e na sua morte expiatória na cruz. Essa é uma palavra que precisa ser temida – em outras palavras, uma palavra em que devemos confiar e à qual devemos obedecer – pois ela traz salvação.

A tempestade

Alguns dos oficiais de Faraó temeram a Palavra de Deus, mas não todos. Na verdade, a maioria não deu ouvidos à advertência de Deus. Sabemos disso porque, mais tarde, Moisés disse ao Faraó: “Quanto a ti, porém, e aos teus oficiais, eu sei que ainda não temeis ao Senhor Deus” (9.30), e também porque, no fim desse episódio, os mesmos homens endureceram seu coração (9.34). Eles não apenas endureceram seu coração, mas também ensurdeceram seus ouvidos. Eles “não se importavam com a palavra do Senhor” (9.21), literalmente não “voltaram seu coração para a Palavra de Deus”. Nossa reação a Deus é sempre uma questão do coração. Um coração que não está voltado para a sua Palavra está posto contra a sua vontade.

Visto que não temiam nem a Deus nem à sua Palavra, a maioria dos oficiais do Faraó decidiu se arriscar: “Aquele, porém, que não se importava com a palavra do Senhor deixou ficar no campo os seus servos e o seu gado” (9.21). Isso foi um grande erro, pois a tempestade não se atrasou e veio com violência mortal:

[...] disse o

Senhor

a Moisés: Estende a mão para o céu, e cairá chuva de pedras em toda a terra do Egito, sobre homens, sobre animais e sobre toda planta do campo na terra do Egito. E Moisés estendeu o seu bordão para o céu; o

Senhor

deu trovões e chuva de pedras, e fogo desceu sobre a terra; e fez o

Senhor

cair chuva de pedras sobre a terra do Egito. De maneira que havia chuva de pedras e fogo misturado com a chuva de pedras tão grave, qual nunca houve em toda a terra do Egito, desde que veio a ser uma nação. Por toda a terra do Egito a

chuva de pedras feriu tudo quanto havia no campo, tanto homens como animais; feriu também a chuva de pedras toda planta do campo e quebrou todas as árvores do campo. (9.22-25)

Foi a pior tempestade de granizo de todos os tempos. O granizo trouxe chuva, trovões e relâmpagos. Literalmente, houve “grandes bolas de fogo”, bolas de relâmpago estourando por toda parte. Era uma tempestade sobrenatural. O próprio Deus estava presente em poder e glória, punindo os egípcios pelos seus pecados. Como Davi escreveria numa situação que deve ter sido semelhante:

Das trevas fez um manto em que se ocultou; escuridade de águas e espessas nuvens dos céus eram o seu pavilhão. Do resplendor que diante dele havia, as densas nuvens se desfizeram em granizo e brasas chamejantes. Trovejou, então, o

Senhor

, nos céus; o Altíssimo levantou a voz. (Sl 18.11-13; cf. Sl 29)

Quando Deus terminou, a terra estava totalmente arruinada. As únicas plantações que ainda estavam de pé eram as mudas de trigo: “O linho e a cevada foram feridos, pois a cevada já estava na espiga, e o linho, em flor. Porém o trigo e o centeio não sofreram dano, porque ainda não haviam nascido” (9.31-32). Esse comentário explica por que ainda sobrava algo para as legiões de gafanhotos devorarem quando vieram na oitava praga. Também ajuda a confirmar a historicidade de Êxodo e a datar a praga do granizo. Pinturas do antigo Egito mostram fazendeiros ceifando simultaneamente linho e cevada, como descrito em Êxodo. Normalmente, essa colheita acontecia em janeiro, enquanto o trigo era colhido quase dois meses mais tarde. Isso significa que a praga do granizo veio no início do ano, poucos meses antes do próprio êxodo, que ocorreu em abril.1 Essa cronologia se encaixa também naquilo que sabemos sobre a criação de gado no antigo Egito: todo o gado que havia sobrevivido à pestilência da quarta praga estaria nos campos a partir do mês de janeiro.

Embora o trigo possa ter sobrevivido de algum modo, a praga de granizo destruiu todo o resto. Os grãos foram derrubados e socados no chão. As árvores foram despidas de suas folhas. Foram literalmente esmagadas – dilaceradas pela força da tempestade. Houve também perda de vidas. As pragas anteriores haviam sido uma verdadeira inconveniência, mas, pelo que sabemos, não haviam matado ninguém. Mas a sétima praga trouxe não só desconforto, como também morte, matando a todos que estavam trabalhando nos campos.

Foi uma tempestade impressionante. Os egípcios jamais tinham visto algo parecido. Isso é importante, pois sempre que um Faraó como Tutmés III queria se gabar das suas conquistas, ele dizia que estava fazendo “mais do que todas as coisas que existiam no país desde sua fundação”.2 Bem, essa foi exatamente a expressão que Deus usou para descrever a sétima praga: Foi “como nunca houve no Egito, desde o dia em que foi fundado até hoje” (Êx 9.18). A nação do Egito existia havia milhares de anos, mas essa foi a pior tempestade de todos os tempos. Isso deve ter impressionado os egípcios de modo especial, pois eles acreditavam que as tempestades vinham dos deuses. Essa tempestade em particular foi enviada para demonstrar o poder de Deus sobre os deuses do Egito.3 Demonstrou também a justiça de Deus, pois, a fim de explicar a severidade da tempestade, a Bíblia usa a mesma palavra que ocorre em outros textos para descrever o coração de Faraó – a palavra “pesado” (K^B#D). Isso mostra que Faraó recebeu exatamente o que merecia – uma tempestade tão má quanto seu coração.

A tempestade de granizo de Êxodo é uma advertência para prestarmos muita atenção à Palavra de Deus. Há basicamente duas maneiras de reagir a Deus: uma é temer a sua Palavra; a outra é ignorá-la. Temer a Palavra de Deus significa crer na boa-nova sobre Jesus Cristo, aceitá-lo como Salvador e Senhor. Ignorar a Palavra de Deus significa não fazer nada. Mas o que acontecerá com aqueles que não levam a Palavra de Deus a sério? Segundo o livro de Apocalipse, eles serão esmagados sob o granizo da ira de Deus:

[...] derramou o sétimo anjo a sua taça pelo ar, e saiu grande voz do santuário, do lado do trono, dizendo: Feito está! E sobrevieram relâmpagos, vozes e trovões [...] também desabou do céu sobre os homens grande saraivada, com pedras que pesavam cerca de um talento; e, por causa do flagelo da chuva de pedras, os homens blasfemaram de Deus, porquanto o seu flagelo era sobremodo grande.

(Ap 16.17-18a,21)

O que Apocalipse descreve é, na verdade, a pior tempestade de todas – que virá não só com trovões e relâmpagos, mas também com granizo mortal.

A única maneira de permanecer seguro é crer no que Deus disse sobre o seu Filho Jesus Cristo. Deus sempre salva aqueles que confiam nele. A sétima praga é um exemplo perfeito. Mais uma vez, Deus fez uma distinção entre seu povo e o povo de Faraó: “Somente na terra de Gósen, onde estavam os filhos de Israel, não havia chuva de pedras” (9.26). Talvez possamos imaginar a previsão do tempo: “Pedras gigantes de granizo assolam o Egito – o céu sobre Gósen permanece ensolarado”. Por meio do seu poder sobrenatural e, talvez, milagroso, Deus protegeu seu povo contra os golpes poderosos de seu juízo. Alguns estudiosos tentaram explicar isso em termos da geografia do Egito, argumentando que a tempestade de granizo limitou-se ao vale do Nilo. No entanto, a verdadeira explicação não é tanto de natureza geográfica, mas teológica. Israel era o objeto do afeto de Deus, a escolha do seu amor eletivo. Assim os israelitas aprenderam o que é verdadeiro para todos os filhos de Deus: eles estão a salvo nos planos de Deus.

Confissão falsa

Quando Faraó viu que o granizo estava destruindo seu país, ele deve ter pensado: “Já basta!”, e mandou chamar Moisés e Arão. Ele não só pediu que orassem por ele, mas, aparentemente, também começou a confessar seus pecados: “Então, Faraó mandou chamar a Moisés e a Arão e lhes disse: Esta vez pequei; o Senhor é justo, porém eu e o meu povo somos ímpios. Orai ao Senhor; pois já bastam estes grandes trovões e a chuva de pedras. Eu vos deixarei ir, e não ficareis mais aqui” (9.27-28).

Há um aspecto quase cômico quando o Faraó diz: “Já bastam estes grandes trovões e a chuva de pedra”. Sério? Os egípcios já não aguentavam mais. Mas como devemos entender a confissão de Faraó? Quando estudamos a segunda praga, nós o criticamos por não dizer nada sobre os seus pecados. Dessa vez, porém – talvez pela primeira vez em toda a sua vida – ele disse: “Pequei”. Na

verdade, pode ter sido a primeira vez que qualquer Faraó tenha admitido ter errado. Naqueles dias, “indivíduos que se aproximavam de Faraó eram obrigados a se prostrar, ‘cheirando a terra, arrastando-se pelo chão’, enquanto ‘invocavam este deus perfeito e exaltavam a sua beleza’”.4 Nessa ocasião, porém, a despeito das suas ilusões quanto à sua divindade, Faraó confessou que era um pecador. Além disso, reconheceu a justiça de Deus, quando disse: “O Senhor é justo, porém eu e o meu povo somos ímpios” (9.27). Faraó usou a linguagem da justiça, declarando a justiça de Deus e seu próprio pecado injusto.

A confissão de Faraó parece boa, mas não resiste a uma análise mais minuciosa. Após um exame mais preciso, vemos que é uma confissão falsa que não cumpre as exigências do arrependimento verdadeiro. Em primeiro lugar, Faraó não confessou seus pecados a Deus. Observe que ele era incapaz de orar por conta própria; ele precisava que alguém intercedesse por ele. Como muitas pessoas, ele chamou um ministro quando estava desesperado, mas não tinha seu próprio relacionamento pessoal com o Deus vivo. Mesmo assim, acreditava no poder da oração, e isso serviu para aumentar sua culpa. Charles Spurgeon explicou isso da seguinte maneira:

Em certos casos, a esperança que o homem coloca na oração é resultado de uma fé condenadora. Há uma fé justificadora e uma fé condenadora. “O quê?”, você exclama. “Como a fé pode condenar o homem?”. Sim, quando o homem tem fé o bastante para saber que existe um Deus que envia juízos contra ele, que nada pode afastar esses juízos senão a mão que os enviou e que é a oração que move essa mão. Existem pessoas que, mesmo assim, nunca oram pessoalmente, mas clamam aos amigos: “Orai ao Senhor por mim”. Há uma medida de fé que serve para aumentar a condenação de um homem, já que ele deveria saber que, se aquilo em que ele acredita é verdadeiro, a coisa correta a fazer seria orar pessoalmente.5

Faraó era um homem desse tipo. Sua indisposição de orar explica, talvez, por que Moisés tratou sua confissão com tanto ceticismo. O profeta disse: “Em saindo eu da cidade, estenderei as mãos ao Senhor; os trovões cessarão, e já não haverá chuva de pedras; para que saibas que a terra é do Senhor. Quanto a ti, porém, e aos teus oficiais, eu sei que ainda não temeis ao Senhor Deus” (9.29-

30). Moisés não deixou se enganar por Faraó. Ele sabia que a confissão de Faraó era falsa porque sabia que, quando um homem se arrepende de verdade dos seus pecados, ele os leva diretamente a Deus. Não há arrependimento sem temor de Deus. Precisamos reconhecer, mais do que qualquer outra coisa, que o pecado é uma ofensa contra a santidade de Deus. Uma confissão que reconhece o pecado sem temer a Deus é uma confissão falsa que não cumpre os padrões do arrependimento verdadeiro.

Em segundo lugar, Faraó não confessou todos os seus pecados. Suas primeiras palavras dirigidas a Moisés foram: “Esta vez pequei” (9.27). O que Faraó disse era verdade, mas e as outras seis vezes em que ele endurecera seu coração? E quanto ao fato de ele manter os israelitas em escravidão, forçando-os a produzir tijolos sem palha? E quanto aos meninos bebês que ele tentou afogar no Nilo? Ao não confessar as suas outras transgressões, Faraó estava minimizando seu pecado. Ele estava disposto a admitir que havia cometido um ou dois erros, mas não reconheceu a profundidade da sua depravação, a rebelião inerente a toda a sua natureza. Uma confissão que menciona um pecado, mas se esquece de todos os outros é uma confissão falsa que não corresponde ao arrependimento verdadeiro.

Por fim, Faraó não abandonou seus pecados. Ele sentia muito por estar sendo castigado com o granizo, mas não estava verdadeiramente arrependido dos seus pecados. A prova disso está no final da passagem:

Saiu, pois, Moisés da presença de Faraó e da cidade e estendeu as mãos ao

Senhor

; cessaram os trovões e a chuva de pedras, e não caiu mais chuva sobre a terra. Tendo visto Faraó que cessaram as chuvas, as pedras e os trovões, tornou a pecar e endureceu o coração, ele e os seus oficiais. E assim Faraó, de coração endurecido, não deixou ir os filhos de Israel, como o

Senhor

tinha dito a Moisés. (9.33-35)

Assim que as orações de Moisés foram atendidas e a tempestade se acalmou, Faraó retornou imediatamente aos seus pecados. Ele tinha medo das pragas, mas não temia a Deus. Para usar outras palavras, ele odiava as consequências do pecado, mas jamais aprendeu a odiar o pecado em si.

Essa é uma das diferenças entre remorso e arrependimento verdadeiro. Remorso é a tristeza que resulta quando sofremos o juízo de Deus. O remorso é útil quando ele ajuda a convencer o pecador a se arrepender. No entanto, muitas pessoas estão cheias de remorso pelo que está acontecendo com elas sem jamais se arrependerem dos seus pecados. A melhor maneira de identificar isso é observar o que acontece após elas confessarem seus pecados. O arrependimento verdadeiro é uma transformação completa do coração que produz uma transformação completa da vida. Segundo esse padrão, a confissão de Faraó foi falsa. Foi apenas temporária. Uma vez que a tempestade se acalmou e a praga cessou, seu coração continuou endurecido como sempre. Evidenciou-se que ele não queria uma transformação do seu coração; queria apenas que Deus o deixasse em paz. Mas uma confissão que não leva a uma nova obediência é uma confissão falsa que não cumpre os padrões do arrependimento verdadeiro.

Uma análise minuciosa da confissão de Faraó mostra que ele era um quase crente cujo arrependimento não levou ao temor a Deus. Assim seu exemplo revela o perigo mortal do arrependimento parcial. Se, pelo Espírito de Deus, somos capazes de admitir que somos pecadores, precisamos fazer uma confissão completa. Precisamos dizer a Deus que realmente nos arrependemos de todos os nossos pecados e então começar a caminhar em obediência nova com a ajuda da sua graça.

Um homem que se arrependeu verdadeiramente foi Robinson Crusoé. O famoso romance homônimo de Daniel Defoe (a edição não abreviada) é, no fundo, uma história sobre o arrependimento. A história começa com o jovem Robinson que se rebela contra seu pai e foge de casa para buscar uma vida de pecado. As coisas não acontecem bem do jeito que ele esperava, especialmente quando ele sofre naufrágio. Mas ele só pode culpar a si mesmo, pois, como ele admite mais tarde, “eu fui [...] o agente voluntário de todos os meus próprios sofrimentos”.

Robinson Crusoé só começou a ser liberto dos seus sofrimentos quando começou a ler sua Bíblia e a se arrepender do seu pecado. No seu diário, ele descreve esse dia feliz:

Larguei o Livro e, com meu coração e minhas mãos elevados para o céu, num tipo de êxtase de alegria, exclamei em voz alta: Jesus, Filho de Davi, Jesus, Príncipe e Salvador exaltado, dá-me arrependimento!

Esta foi a primeira vez em toda a minha vida em que pude dizer, no sentido verdadeiro das palavras, que eu havia orado; pois agora orava consciente da minha condição e com uma verdadeira visão de esperança bíblica fundamentada no encorajamento da Palavra de Deus; e posso dizer que, a partir desse momento, comecei a ter esperança.6

Isso era arrependimento verdadeiro, e que Deus nos conceda o dom de oferecê-lo, pois, como dizem as Escrituras: “O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia” (Pv 28.13).

Notas

1 James K. Hoffmeier, Israel in Egypt (Oxford, UK: Oxford University Press, 1999), p. 148.

2 Umberto Cassuto, A Commentary on the Book of Exodus, Israel Abrahams (trad.) (Jerusalém: Magnes, 1967), p. 117.

3 Veja Hoffmeier, Israel in Egypt, p. 150-51.

4 John D. Currid, Ancient Egypt and the Old Testament (Grand Rapids: Baker, 1997), p. 207-08.

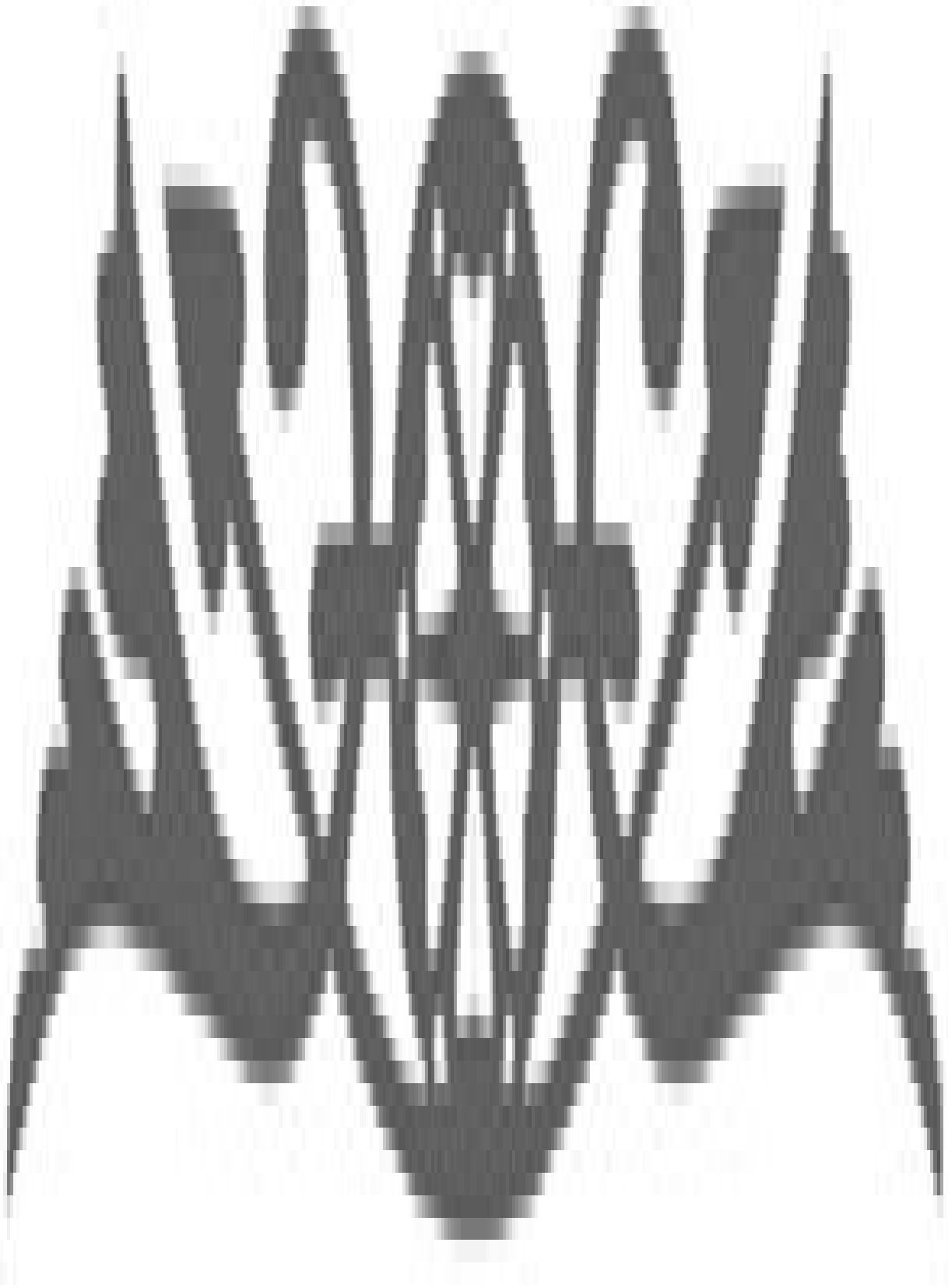
5 Charles H. Spurgeon, “Take Away the Frogs”, The Metropolitan Tabernacle Pulpit, nº 3.340 (Pasadena, TX: Pilgrim, 1972).

6 Daniel Defoe, Robinson Crusoe, citado em Philip Zaleski, “The Strange Shipwreck of Robinson Crusoe”, First Things 53 (maio de 1995), p. 38-44.

25

Algo para contar aos netos

Êxodo 10.1-20



Nas memórias da sua vida como jovem pioneira, Laura Ingalls Wilder lembra o dia em que uma estranha e escura nuvem desceu sobre a pradaria de Minnesota:

Cataplam! Algo acertou a cabeça de Laura e caiu no chão. Ela olhou para baixo e viu o maior gafanhoto que jamais vira em toda sua vida. Então, enormes gafanhotos marrons começaram a cair no chão em volta dela, acertando sua cabeça, seu rosto e seus braços. Estavam chovendo do céu como granizo.

A nuvem estava despejando gafanhotos. A nuvem era gafanhotos. Seus corpos ocultavam o sol e produziam escuridão. Suas grandes e finas asas brilhavam e cintilavam. O zumbido das suas asas enchia o ar, e eles batiam no chão e na casa com o barulho de uma tempestade de granizo.

Laura tentou espantá-los. Suas patas se agarravam à sua pele e às suas roupas. Olhavam-na com olhos esbugalhados, voltando suas cabeças para cá e para lá. Aos gritos, Mary correu para dentro de casa. Gafanhotos cobriam o chão, não havia espaço para colocar o pé. Laura teve de pisar em gafanhotos, e eles espocavam se retorcendo e gosmentos sob seus pés...

Os gafanhotos caíam do céu, formando um enxame denso sobre o solo. Suas longas asas estavam dobradas, e com suas pernas fortes, saltavam para todos os lugares. O ar zumbia, e o teto continuava a produzir um som como um telhado numa tempestade de granizo.

Então Laura ouviu outro som, um grande som produzido por pequenas mordidas e mastigadas [...] Os gafanhotos estavam comendo [...] Era possível ouvir milhões de mandíbulas mordendo e mastigando [...] Dia após dia, os gafanhotos continuaram a comer. Comeram todo o trigo e toda a aveia. Comeram cada coisa verde – toda a grama nos jardins e todo capim nas pradarias [...] Toda a pradaria ficou marrom e despida. Milhões de gafanhotos marrons zumbiam sobre ela. Não se via qualquer coisa verde em parte alguma.1

Laura nunca se esqueceu desse dia terrível, nem da fome e das dificuldades que se seguiram e que levaram sua família à beira da ruína. Quando ela escreveu

sobre sua infância, naturalmente incluiu a praga dos gafanhotos. Era algo para contar aos seus netos.

Não humilhado, mas endurecido

Todos que conhecem a história do êxodo lembram-se da oitava praga – a praga dos gafanhotos – quando ouvem a história de Laura. A sétima praga havia sido o granizo, e quando a última pedra de granizo derreteu, Deus repetiu seu ultimato a Faraó, juntamente com as consequências caso ele não se rendesse:

Apresentaram-se, pois, Moisés e Arão perante Faraó e lhe disseram: Assim diz o

Senhor

, o Deus dos hebreus: Até quando recusarás humilhar-te perante mim? Deixa ir o meu povo, para que me sirva. Do contrário, se recusares deixar ir o meu povo, eis que amanhã trarei gafanhotos ao teu território; eles cobrirão de tal maneira a face da terra, que dela nada aparecerá; eles comerão o restante que escapou, o que vos resta da chuva de pedras, e comerão toda árvore que vos cresce no campo; e encherão as tuas casas, e as casas de todos os teus oficiais, e as casas de todos os egípcios, como nunca viram teus pais, nem os teus antepassados desde o dia em que se acharam na terra até ao dia de hoje. Virou-se e saiu da presença de Faraó. (10.3-6)

A exigência de Deus era muito simples: ele ordenou que Faraó libertasse o seu povo para que este pudesse servi-lo. A ameaça de Deus também era simples. Se Faraó se recusasse a se submeter, sua terra seria destruída. Moisés profetizou uma devastação total. Gafanhotos cobririam a terra, ocupando qualquer superfície visível e devorando cada planta viva. Os egípcios já haviam sofrido a perda dos seus rebanhos e danos à sua ceifa. E agora os gafanhotos consumiriam o pouco que ainda restava.

Quando essa praga terrível veio, ela não foi um ato arbitrário da natureza, mas

um ato deliberado de justiça divina. Deus estava punindo Faraó pelo seu orgulho pecaminoso. Ele perguntou, quase que com um senso de perplexidade: “Até quando recusarás humilhar-te perante mim?” (10.3). Era uma boa pergunta: quanto tempo levaria? Faraó já havia sofrido sete pragas, mas ainda não havia feito nenhum progresso espiritual real. Lá atrás, no capítulo 1, quando Faraó fez dos israelitas os seus escravos, as Escrituras dizem – literalmente – que ele “os humilhou com trabalho forçado” (1.11). Agora o próprio Faraó estava prestes a ser humilhado, o que, evidentemente, era exatamente do que ele precisava. Ele teve a oportunidade de humilhar a si mesmo permitindo que o povo de Deus partisse, mas se ele continuasse a se rebelar, Deus assumiria a tarefa de humilhá-lo. A escolha era dele: humildade ou humilhação.

Cada ser humano enfrenta a mesma escolha. A Bíblia ensina que “Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça” (1Pe 5.5b). Então, faz a aplicação óbvia: “Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte” (1Pe 5.6). A pergunta prática para nós é a mesma que Deus fez a Faraó: “Até quando recusarás humilhar-te perante mim?”. Há outras maneiras de fazê-la: Até quando você levará um estilo de vida tão pecaminoso? Até quando destruirá a sua vida e a vida das pessoas que você ama? Até quando adiará o dia do arrependimento? Até quando? Quando Charles Spurgeon pregou sobre essa passagem, ele disse: “Esqueça Faraó; pense apenas em si mesmo; permita que o próprio Senhor Jesus Cristo, com a coroa de espinhos na cabeça e a mão traspassada, fique do lado do seu banco e, olhando diretamente para a sua alma, diga em sua voz incomparável de música – a música do coração de amor: ‘Até quando recusarás humilhar-te perante mim?’”.2

Faraó nunca se humilhou. Ele não estava disposto e era incapaz de fazê-lo porque era um pecador endurecido; no entanto, de alguma maneira misteriosa, até mesmo seu coração endurecido fazia parte do plano soberano de Deus. Êxodo 10 começa com estas palavras: “Disse o Senhor a Moisés: Vai ter com Faraó, porque lhe endureci o coração e o coração de seus oficiais, para que eu faça estes meus sinais no meio deles” (10.1). Ao longo de todo o nosso estudo de Êxodo temos visto que as pragas faziam parte do plano de Deus. Mas temos aqui outro mistério na relação entre a soberania divina e a responsabilidade humana. Às vezes, imaginamos as pragas como a estratégia de Deus para amolecer o coração de Faraó. Isso é parcialmente verdadeiro. No final, foram as pragas mortais que o convenceram a deixar ir o povo de Deus. Mas há outra maneira de interpretar a relação entre o coração endurecido de Faraó e as terríveis pragas do

Egito. Deus endureceu o coração de Faraó a fim de multiplicar as pragas. Desde o início, Deus não pretendia enviar apenas uma ou duas pragas, mas todas as dez. O endurecimento do coração de Faraó fazia parte desse plano. Quanto mais seu coração se endurecia, mais pragas Deus enviava contra o Egito, desse modo conquistando mais glória para si mesmo.

Hora de histórias

Deus recebeu essa glória nos corações e nos lares do seu povo. Por que Deus endureceu o coração de Faraó? Para realizar sinais milagrosos no Egito. E por que ele realizou esses sinais milagrosos? Deus disse a Moisés: “Para que contes a teus filhos e aos filhos de teus filhos como zombei dos egípcios e quantos prodígios fiz no meio deles, e para que saibais que eu sou o Senhor” (10.2). A razão pela qual Deus afligiu os egípcios com as pragas foi para que os israelitas tivessem algo para contar aos seus netos.

Toda criança adora uma boa história, e essa história era mais interessante do que a maioria das outras. Todo o êxodo é uma aventura épica. Ele tem de tudo: um tirano mau, um herói improvável, um conflito implacável, um resgate ousado, um triunfo nacional, uma busca espiritual e um final feliz, além de muitos milagres como efeitos especiais. Uma bela história. Ela inclui até mesmo momentos cômicos. O versículo 2 aponta para isso quando Deus descreve como ele lidou com Faraó. Literalmente, ele não disse: “Eu tratei dos egípcios com severidade”, mas: “Fiz uma piada dos egípcios”. Ao enviar suas pragas contra Faraó, Deus estava brincando com os egípcios. Tudo servia ao seu grande propósito, que era dar algo aos israelitas que estes pudessem contar aos seus netos.

Por mais interessante que a história tenha sido, ela também tinha o propósito sério de ajudar os israelitas conhecerem seu Deus. “Estou fazendo isso”, disse Deus, “para que contes a teus filhos e aos filhos de teus filhos [...] e para que saibais que eu sou o Senhor” (10.2). O êxodo não era uma velha história qualquer, era a história, a história que fez dos israelitas o povo de Deus. Era a história da salvação deles. Era uma história verdadeira, uma história baseada nos fatos da História. Era uma história que explicava tudo o que os filhos de Deus precisavam saber. Explicava quem eles eram: o povo de Deus, libertado da escravidão. Explicava quem é Deus: o Senhor Deus de Israel, o Deus de todo o

poder e glória. Explicava de onde eles vieram: do Egito. Dizia-lhes para onde estavam indo: para a terra da promessa. E explicava qual era o seu propósito: foram salvos para a glória de Deus. Ao enviar as pragas contra Faraó, Deus estava dando ao seu povo uma história que respondia a todas as grandes perguntas: Quem sou eu? De onde eu vim? Para onde estou indo? Qual é o sentido da vida? Existe um Deus? Se ele existe, como posso conhecê-lo, e o que ele quer que eu faça?

A história era tão importante que Deus queria que todos os seus filhos a conhecessem. Moisés deveria ser o principal contador de histórias. Quando Deus disse: “para que contes a teus filhos e aos filhos de teus filhos” (10.2), ele estava falando a Moisés no singular. Como profeta de Deus, cabia a ele a responsabilidade de contar ao povo de Deus a história da salvação. Foi uma responsabilidade que Moisés levou a sério. Encontramos um bom exemplo disso em Êxodo 18, quando Moisés se encontrou com Jetro: “Contou Moisés a seu sogro tudo o que o Senhor havia feito a Faraó e aos egípcios por amor de Israel, e todo o trabalho que passaram no Egito, e como o Senhor os livrara” (18.8). Moisés contou a Jetro a história da salvação, e a história cumpriu seu propósito: “Alegrou-se Jetro de todo o bem que o Senhor fizera a Israel, livrando-o da mão dos egípcios, e disse: Bendito seja o Senhor, que vos livrou da mão dos egípcios e da mão de Faraó; agora, sei que o Senhor é maior que todos os deuses, porque livrou este povo de debaixo da mão dos egípcios, quando agiram arrogantemente contra o povo” (Êx 18.9-11). Foi a história que ajudou Jetro a conhecer e a glorificar a Deus. É claro que Moisés não se contentou com Jetro, mas registrou esses acontecimentos nas páginas das Escrituras. Agora, quando estudamos o livro de Êxodo, sentamo-nos aos seus pés e ouvimos, por assim dizer, o nosso tataravô contar-nos a história da salvação.

Moisés não era o único contador de histórias no Egito. O plano de Deus era que todos os israelitas o glorificassem narrando seu êxodo do Egito. Quando seus filhos diziam: “Contem-nos uma história!” (como as crianças sempre fazem), eles lhes contavam a história da sua libertação. E quando seus filhos queriam saber por que eles tinham de observar todas as regras de Deus, eles a contavam novamente:

Quando teu filho, no futuro, te perguntar, dizendo: Que significam os testemunhos, e estatutos, e juízos que o

Senhor

, nosso Deus, vos ordenou? Então, dirás a teu filho: Éramos servos de Faraó, no Egito; porém o

Senhor

de lá nos tirou com poderosa mão. Aos nossos olhos fez o

Senhor

sinais e maravilhas, grandes e terríveis, contra o Egito e contra Faraó e toda a sua casa; e dali nos tirou, para nos levar e nos dar a terra que sob juramento prometeu a nossos pais. O

Senhor

nos ordenou cumpríssemos todos estes estatutos e temêssemos o

Senhor

, nosso Deus, para o nosso perpétuo bem, para nos guardar em vida, como tem feito até hoje. Será por nós justiça, quando tivermos cuidado de cumprir todos estes mandamentos perante o

Senhor

, nosso Deus, como nos tem ordenado. (Dt 6.20-25; cf. Dt 4.9,10)

A história da salvação transformou-se em hino da salvação. Muitos salmos hebraicos referem-se ao êxodo de alguma forma ou de outra, e vários – como, por exemplo, o salmo 78 (v. 42-51) e o salmo 105 (v. 26-36) – mencionam especificamente as pragas.

O propósito de toda essa contação de histórias era permitir que os filhos de Israel conhecessem Deus como seu Senhor e Salvador. Os israelitas transmitiram a história do êxodo, não simplesmente porque ela formava sua identidade nacional ou porque fazia parte de uma boa educação, mas porque promovia o

conhecimento de Deus. A história da fuga deles do Egito moldou sua teologia e sua espiritualidade. As crianças aprendiam a história para que pudessem conhecer seu Deus.

Nós também temos uma história. Temos algo a contar aos nossos filhos e netos. É a história de Jesus Cristo, o Moisés da nossa salvação, que nos tirou do Egito do nosso pecado. É uma história verdadeira baseada em fatos da História: seu nascimento virginal, sua vida virtuosa, sua expiação vicária e sua ressurreição vitoriosa. É uma grande história. Ela explica tudo o que uma criança realmente precisa saber. Explica quem somos: o povo de Deus. Explica de onde viemos: de uma vida de pecado e miséria. Explica para onde estamos indo: para viver com Cristo nas mansões da glória. Explica quem Deus é: o Pai da misericórdia e do amor. E explica por que estamos aqui: para glorificar a Deus por meio de uma vida para Cristo.

Para aqueles que conhecem a história, não há tarefa mais importante do que contá-la a outros. Isso começa em casa, onde pais e mães têm a obrigação de instruir seus filhos na verdade bíblica. As crianças deveriam conhecer as histórias bíblicas não só na igreja e talvez também na escola, mas especialmente em casa. Todo pai que não esteja empenhado na instrução espiritual de seus filhos não está cumprindo sua obrigação. Pais e mães que ensinam aos seus filhos a teologia bíblica estão transmitindo um tesouro precioso. Quando lhes contam a história que moldará sua vida, eles estão transmitindo o legado da salvação. O grande teólogo holandês e estadista Abraham Kuyper (1837-1920) escreveu: “Uma igreja que não instrui seus jovens nunca pode esperar reter uma confissão, antes abdica dela, corta todos os contatos com o passado, separa-se dos pais e forma um grupo novo [...] Se você deseja confessar, você precisa aprender”.3

Na Tenth Presbyterian Church em Filadélfia, nós damos apoio aos pais nessa tarefa, fornecendo um currículo de trabalho de memória. Nas manhãs de domingo, as crianças formam uma linha para recitar seus versículos bíblicos e as perguntas do catecismo. O pastor também as ajuda a preparar-se para a adoração, dando-lhes um resumo do sermão que ouvirão mais tarde. E, é claro, ensinamos a Bíblia e sua teologia na escola dominical. Mas tudo isso deve apenas servir como suplemento ao que as crianças aprendem em casa, onde seus pais têm a obrigação primária de treinar a mente e coração dos filhos no evangelho.

Outra rodada de negociações

Faraó não estava a fim de histórias. Ele havia sofrido uma série de desastres sobrenaturais – tudo, desde rios de sangue até invasões de insetos e anfíbios. Ele podia sentir que, mesmo que os egípcios o tratassem como deus, a opinião pública estava começando a voltar-se contra ele. “Então, os oficiais de Faraó lhe disseram: Até quando nos será por cilada este homem? Deixa ir os homens, para que sirvam ao Senhor, seu Deus. Acaso, não sabes ainda que o Egito está arruinado?” (10.7).

Os conselheiros de Faraó eram diplomatas; por isso, esconderam sua mensagem por trás de termos cautelosos, identificando Moisés como o problema principal. Mas o que estavam fazendo na verdade era culpando Faraó pelos problemas do Egito. Fizeram as mesmas perguntas que Moisés havia feito: “Até quando...?” (10.3,7). Até quando Faraó continuaria antes de finalmente reconhecer que o Deus de Israel era o Deus verdadeiro e que qualquer tentativa de resistir à sua vontade era loucura completa? A corte real queria que Faraó repensasse sua política em relação a Israel. Praticamente implorou que ele deixasse ir o povo de Deus.

E Faraó estava começando a amolecer. Como a maioria dos políticos, ele era vulnerável à pressão pública. Assim, concordou em se encontrar com Moisés mais uma vez: “Então, Moisés e Arão foram conduzidos à presença de Faraó; e este lhes disse: Ide, servi ao Senhor, vosso Deus; porém quais são os que hão de ir?” (10.8). Obviamente, Faraó estava desconfiado. Moisés vinha pedindo permissão para ir e adorar a Deus. Ele nunca disse abertamente que, uma vez que os hebreus tivessem saído do país, eles jamais voltariam. No entanto, era essa a impressão que Faraó estava começando a ter. Por isso, antes de conceder qualquer visto de saída, ele queria saber quem estaria saindo.

A resposta, é claro, era que todos sairiam. “Respondeu-lhe Moisés: Havemos de ir com os nossos jovens, e com os nossos velhos, e com os filhos, e com as filhas, e com os nossos rebanhos, e com os nossos gados; havemos de ir, porque temos de celebrar festa ao Senhor” (10.9). O profeta foi enfático: “Nós havemos de ir”. E quando fossem, os israelitas levariam todos e tudo – todo o seu povo e toda a sua propriedade.

No que dizia respeito a Faraó, isso era totalmente inaceitável. Daí o seu sarcasmo: “Replicou-lhes Faraó: Seja o Senhor convosco, caso eu vos deixe ir e

as crianças. Vede, pois tendes conosco más intenções” (10.10). Essa foi sua maneira de dizer: “Veja bem, Moisés, eu sei o que você está tramando, e não há como eu cair nessa!”. Se ele deixasse todos os israelitas ir, ele estava dizendo, o Senhor realmente estaria com eles (aqui, as palavras de Faraó foram mais verdadeiras do que ele imaginava), pois ele jamais faria isso. Para demonstrar quanto ele se opunha à libertação de qualquer escravo, ele fez uma ameaça: as palavras “ter conosco más intenções” poderiam ser traduzidas também como: “Coisas ruins o aguardam”.

Foi a essa altura que Faraó sugeriu um compromisso: “Não há de ser assim; ide somente vós, os homens, e servi ao Senhor; pois isso é o que pedistes. E os expulsaram da presença de Faraó” (10.11). Essa não foi a primeira vez em que Faraó concordou em deixar ir o povo de Deus, apenas para mudar de opinião e tentar renegociar. Após a quarta praga, ele havia dito: “Deixar-vos-ei ir, para que ofereçais sacrifícios ao Senhor, vosso Deus, no deserto; somente que, saindo, não vades muito longe; orai também por mim” (8.28). Dessa vez, estava disposto a deixá-los ir até onde quisessem, contanto que deixassem as mulheres e crianças para trás. Na verdade, ele ficaria com as mulheres e crianças como reféns para garantir que seus maridos e pais voltassem para o Egito.

Essa parecia ser uma oferta sensata, mas Faraó estava fazendo duas suposições falsas. Uma era que as mulheres e crianças não contavam. Faraó supunha que, quando se tratava de executar obrigações religiosas, os homens eram os únicos que importavam. Se os israelitas queriam adorar, por que precisavam levar todo mundo? Por que não simplesmente deixar os homens ir e resolver o caso? Parte da resposta era, é claro, que Deus queria liberdade para todo o seu povo. Desde o início, ele vinha dizendo a Faraó: “Deixa ir o meu povo”, e isso incluía todos. Deus queria dar algo aos israelitas que eles pudessem contar aos seus netos, coisa que só poderiam fazer se levassem seus filhos consigo. Mas havia também um princípio espiritual importante em jogo: a adoração é para toda a família, desde o mais velho até o mais novo. Deus quer que seu povo inteiro o louve. O Breve Catecismo de Westminster diz que “o fim principal do homem é glorificar a Deus” (resposta à pergunta 1). Acontece que este é também o fim principal da mulher e o fim principal das crianças, razão pela qual é necessário que os cristãos adorem juntos – cada homem, mulher e criança.

A outra suposição falsa de Faraó era que ele podia negociar com Deus. Ele acreditava que ele e Deus ocupavam mais ou menos a mesma posição e que, por isso, ele podia negociar a partir de uma posição de poder. Mas não haveria

compromisso. Deus não discute termos; ele os dita. O que ele exigia nesse caso era nada menos do que a submissão incondicional de Faraó. Era tudo ou nada, razão pela qual Deus não se impressionou com a oferta de Faraó de deixar ir os homens de Israel.

A lição prática é que precisamos aceitar Deus nos seus termos, não nos nossos. O discipulado não está aberto à discussão. Quando recebemos Jesus Cristo como Salvador, não fazemos algumas concessões aqui e ali; submetemos toda a nossa vida ao senhorio da sua vontade. E quando Deus nos chama para servi-lo – defender Cristo no trabalho, exercer um ministério na igreja ou até mesmo tornar-nos missionários – ele não nos convida para outra rodada de negociação. Ele nos ordena ir para onde somos enviados e fazer o que fomos instruídos a fazer.

A vinda dos gafanhotos

Quando Faraó percebeu que as negociações haviam sido encerradas, ele expulsou Moisés e Arão do palácio. Se não tivesse sido tão insensato, ele teria se preparado para outra praga:

[...] disse o

Senhor

a Moisés: Estende a mão sobre a terra do Egito, para que venham os gafanhotos sobre a terra do Egito e comam toda a erva da terra, tudo o que deixou a chuva de pedras. Estendeu, pois, Moisés o seu bordão sobre a terra do Egito, e o

Senhor

trouxe sobre a terra um vento oriental todo aquele dia e toda aquela noite; quando amanheceu, o vento oriental tinha trazido os gafanhotos. E subiram os gafanhotos por toda a terra do Egito e pousaram sobre todo o seu território; eram mui numerosos; antes destes, nunca houve tais gafanhotos, nem depois deles virão outros assim. Porque cobriram a superfície de toda a terra, de modo que a

terra se escureceu; devoraram toda a erva da terra e todo fruto das árvores que deixara a chuva de pedras; e não restou nada verde nas árvores, nem na erva do campo, em toda a terra do Egito. (10.12-15)

Essa praga realmente era algo para se contar aos netos. Os cientistas relatam que o consumo diário de um gafanhoto equivale ao seu próprio peso. Isso pode não parecer muito. No entanto, um enxame inteiro cobre várias centenas de quilômetros quadrados, com entre 300 e 600 milhões de gafanhotos por quilômetro quadrado. John Davis escreve: “O gafanhoto é, talvez, o exemplo mais impressionante do poder destrutivo coletivo de uma espécie. Um gafanhoto adulto pesa, no máximo, 2 gramas, e sua força destrutiva combinada pode deixar milhares de pessoas com fome durante anos”.4 Os egípcios jamais haviam visto algo parecido com essa praga, e jamais verão algo parecido com isso novamente. Houve outras pragas, é claro. Algumas são mencionadas na Bíblia, como a invasão de gafanhotos no livro de Joel.5

Houve também muitas pragas de gafanhotos ao longo da História. Nas décadas de 1920 e 1930, gafanhotos atravessaram a África e destruíram 13 milhões de quilômetros quadrados, uma área quase duas vezes o tamanho dos Estados Unidos.6 Em 1988, a Chicago Tribune relatou: “Bilhões de gafanhotos estão avançando pelo norte da África como a pior praga desde 1954, escurecendo o sol e deitando-se sobre a terra como um tapete negro e insaciável que a despe de qualquer vegetação”.7 Então, em 2001, um artigo da Times em Londres declarou: “Pragas de gafanhotos estão devastando as lavouras da Ásia Central até o centro-oeste da América do Norte, fazendo com que os fazendeiros busquem salvação no livro de Êxodo. Desde os dias em que os egípcios vivenciaram a ira de Deus, jamais tantos gafanhotos fizeram a festa. Um exército de bilhões se pôs em marcha, estendendo-se muito além de seu habitat normal na África e no Oriente Médio”.8 A Times continuou relatando que, em alguns lugares, a densidade da infestação chegava a dez mil gafanhotos por um décimo de metro quadrado.

Essas descrições ajudam a explicar o que aconteceu no Egito. O vento soprou do leste, uma ocorrência rara que indica a intervenção direta de Deus, seu reinado soberano sobre a natureza. Levados pelo vento, os gafanhotos cobriram a terra como uma nuvem escura, invadindo até mesmo as casas das pessoas. O apetite deles era voraz. Seus grãos já haviam sido dizimados pelo granizo; portanto,

quando os gafanhotos terminaram seu serviço, não sobrou nada. Isso teria causado uma falta de alimentos imediata, trazendo fome e, talvez, inanição. Já que os egípcios dependiam da sua agricultura, a invasão em massa de gafanhotos pôs em risco todo o seu futuro. O próprio Faraó a chamou de “esta morte” (10.17).

Para os deuses do Egito, foi mais uma humilhação. Os egípcios adoravam Min, o padroeiro da safra. Os adoradores de Min celebravam um festival de ceifa anual, que pode muito bem ter coincidido com a oitava praga. Os egípcios adoravam também Isis (a deusa da vida, que preparava o linho para as roupas), Nepri (o deus da safra), Anúbis (o guardião dos campos) e Senehem (o protetor divino contra as pestes). Eles dependiam de todos esses deuses para preservar seu fornecimento de alimentos. Uma inscrição na Estela de Tânis, que data do reinado de Taharqa, fala de “um campo belo, que os deuses protegeram contra os gafanhotos”.9 Mas não dessa vez. Dessa vez, os deuses falharam, e os egípcios aprenderam a não confiar neles para seu pão de cada dia, que apenas o Deus de Israel pode fornecer.

O restante da história

O que aconteceu em seguida foi completamente previsível: “Então, se apressou Faraó em chamar a Moisés e a Arão e lhes disse: Pequei contra o Senhor, vosso Deus, e contra vós outros. Agora, pois, peço-vos que me perdoeis o pecado esta vez ainda e que oreis ao Senhor, vosso Deus, que tire de mim esta morte” (10.16-17).

Faraó ainda dominava seus velhos truques. Mais uma vez, quando a situação se tornou desesperadora, ele chamou um pastor. Mais uma vez admitiu seus erros. Ele confessou que havia pecado contra Deus e também contra Moisés (não, porém, contra Israel) – supostamente por não tê-lo ouvido ou talvez por tê-lo expulsado do palácio anteriormente. Mas Faraó ainda não estava disposto a se arrepender de modo bíblico. Ele não confessou seus pecados a Deus, mas pediu que Moisés intercedesse por ele. Ele continuava mais preocupado com as consequências do seu pecado do que com o pecado em si. Sua confissão foi uma questão de conveniência prática, não de uma convicção espiritual profunda. Era um meio de manipulação – outra maneira de conseguir o que ele queria. Faraó também parecia acreditar que essa seria a última vez que ele precisaria de

perdão. Literalmente, ele disse: “Perdoa-me o meu pecado apenas desta vez”. Ainda estava minimizando seu pecado, fazendo de conta que nunca havia pecado e esperando que jamais pecaria de novo.

Faraó era um pecador endurecido, e o que ele ofereceu foi uma confissão falsa que não satisfez os padrões do arrependimento verdadeiro. Não surpreende, portanto, que a praga dos gafanhotos terminou como todas as outras pragas: “O Senhor, porém, endureceu o coração de Faraó, e este não deixou ir os filhos de Israel” (10.20). Este era o problema com Faraó: ele continuava se arrependendo do seu arrependimento. Tudo o que ele realmente queria era que Deus tomasse seu partido quando se encontrava numa crise. E quem não quer isso? Mas Deus está do lado apenas daqueles que realmente abandonam o seu pecado.

Faraó dificilmente merecia que seu pedido fosse concedido. Mesmo assim, Deus afastou a praga mortal: “E Moisés, tendo saído da presença de Faraó, orou ao Senhor. Então, o Senhor fez soprar fortíssimo vento ocidental, o qual levantou os gafanhotos e os lançou no mar Vermelho; nem ainda um só gafanhoto restou em todo o território do Egito” (10.18-19). O vento mudou, e os gafanhotos foram afogados no mar. Isso era uma prévia da destruição vindoura, pois em breve o exército de Faraó seria destruído exatamente do mesmo modo, exatamente no mesmo lugar (veja 14.21-28).

Os gafanhotos foram uma advertência a Faraó. Representam também uma advertência a nós, pois, como tantas pragas de Êxodo, eles são uma prévia da tribulação final:

Também da fumaça saíram gafanhotos para a terra; e foi-lhes dado poder como o que têm os escorpiões da terra, e foi-lhes dito que não causassem dano à erva da terra, nem a qualquer coisa verde, nem a árvore alguma e tão somente aos homens que não têm o selo de Deus sobre a fronte. Foi-lhes também dado, não que os matassem, e sim que os atormentassem durante cinco meses. E o seu tormento era como tormento de escorpião quando fere alguém. Naqueles dias, os homens buscarão a morte e não a acharão; também terão ardente desejo de morrer, mas a morte fugirá deles.

O aspecto dos gafanhotos era semelhante a cavalos preparados para a peleja; na sua cabeça havia como que coroas parecendo de ouro; e o seu rosto era como

rosto de homem; tinham também cabelos, como cabelos de mulher; os seus dentes, como dentes de leão; tinham couraças, como couraças de ferro; o barulho que as suas asas faziam era como o barulho de carros de muitos cavalos, quando correm à peleja; tinham ainda cauda, como escorpiões, e ferrão; na cauda tinham poder para causar dano aos homens, por cinco meses. (Ap 9.3-10)

Essa será a praga de gafanhotos que encerrará todas as pragas de gafanhotos. Ela será ainda mais terrível do que a praga do Egito porque, em vez de devorar plantas, esses gafanhotos atormentarão todos os que não pertencem a Deus. Há alguma maneira de escapar dessa praga terrível? É claro que há. A maneira de escapar é arrepender-se, humilhar-se perante Deus e orar por salvação em nome de Jesus Cristo.

Todos os que realmente pedirem perdão estarão protegidos da praga. O rei Salomão reivindicou essa promessa quando dedicou o templo e orou:

Quando houver fome na terra ou peste, quando houver crestamento ou ferrugem, gafanhotos e larvas, quando o seu inimigo o cercar em qualquer das suas cidades ou houver alguma praga ou doença, toda oração e súplica que qualquer homem ou todo o teu povo de Israel fizer, conhecendo cada um a chaga do seu coração e estendendo as mãos para o rumo desta casa, ouve tu nos céus, lugar da tua habitação, perdoa, age e dá a cada um segundo todos os seus caminhos, já que lhe conheces o coração, porque tu, só tu, és conhecedor do coração de todos os filhos dos homens; para que te temam todos os dias que viverem na terra que deste a nossos pais. (1Rs 8.37-40)

Encontramos um exemplo notável de libertação na infância de Laura Ingalls Wilder. Quando a fazenda da família de Laura foi devastada pelos gafanhotos, o pai partiu para o leste à procura de trabalho. Ele teve de caminhar centenas de quilômetros, e ficou longe de casa durante meses. Mas durante aqueles dias difíceis, a mãe continuou a ler a Bíblia da família:

Certo domingo, ela leu para eles a praga dos gafanhotos que ocorrera muito tempo atrás nos tempos da Bíblia. A mãe leu:

“E subiram os gafanhotos por toda a terra do Egito e pousaram sobre todo o seu território; eram mui numerosos.

Porque cobriram a superfície de toda a terra, de modo que a terra se escureceu; devoraram toda a erva da terra e todo fruto das árvores que deixara a chuva de pedras; e não restou nada verde nas árvores, nem na erva do campo, em toda a terra do Egito”.

Laura sabia como isso era verdadeiro. Quando repetiu esses versículos, ela pensou: “Em toda a terra de Minnesota”.

Então, a mãe leu a promessa que Deus fez às pessoas boas, de “fazê-las subir daquela terra a uma terra boa e ampla, terra que mana leite e mel”.10

A família Ingalls reivindicou essa promessa, orando que Deus os libertasse daquela fome. Alguns dias depois, viram como uma pequena nuvem se aproximava do noroeste. A princípio, parecia pequena demais para trazer algo bom, mas à medida que se aproximava ela crescia e cresceu até cobrir a pradaria e derramar chuva sobre sua casa e seus campos. Choveu o dia inteiro. Na tarde seguinte, a grama começou a brotar. Alguns dias mais tarde, havia uma faixa verde que atravessava a pradaria marrom, e a fazenda foi salva. Todos nós passamos por dificuldades neste mundo caído, mas sob a perspectiva da eternidade, não há praga mortal para os justos, apenas a promessa de uma terra boa para eles e seus filhos.

Notas

1 Laura Ingalls Wilder, On the Banks of Plum Creek, edição revisada (Nova York: Harper-Collins, 1953), p. 194-204.

2 Charles H. Spurgeon, The Metropolitan Tabernacle Pulpit 43 (Pasadena, TX: Pilgrim, 1976), p. 68.

3 Abraham Kuyper, citado em Modern Reformation (janeiro/fevereiro de 2001), p. 22.

4 John J. Davis, Moses and the Gods of Egypt: Studies in the Book of Exodus (Grand Rapids: Baker, 1971), p. 120.

5 Veja também Deuteronômio 28.38; 1Reis 8.37; 2Crônicas 7.13; e Amós 7.1-3.

6 Daniel DaCruz, “Plague Across the Land”, Aramco World (novembro/dezembro de 1967), p. 21.

7 Chicago Tribune, 25 de março de 1988, citado em James K. Hoffmeier, Israel in Egypt (Oxford, UK: Oxford University Press, 1999), p. 148.

8 Times de Londres, 19 de junho de 2001, citado em Colin J. Humphreys, The

Miracles of Exodus: A Scientist's Discovery of the Extraordinary Natural Causes of the Biblical Stories (Nova York: HarperCollins, 2003), p. 131-32.

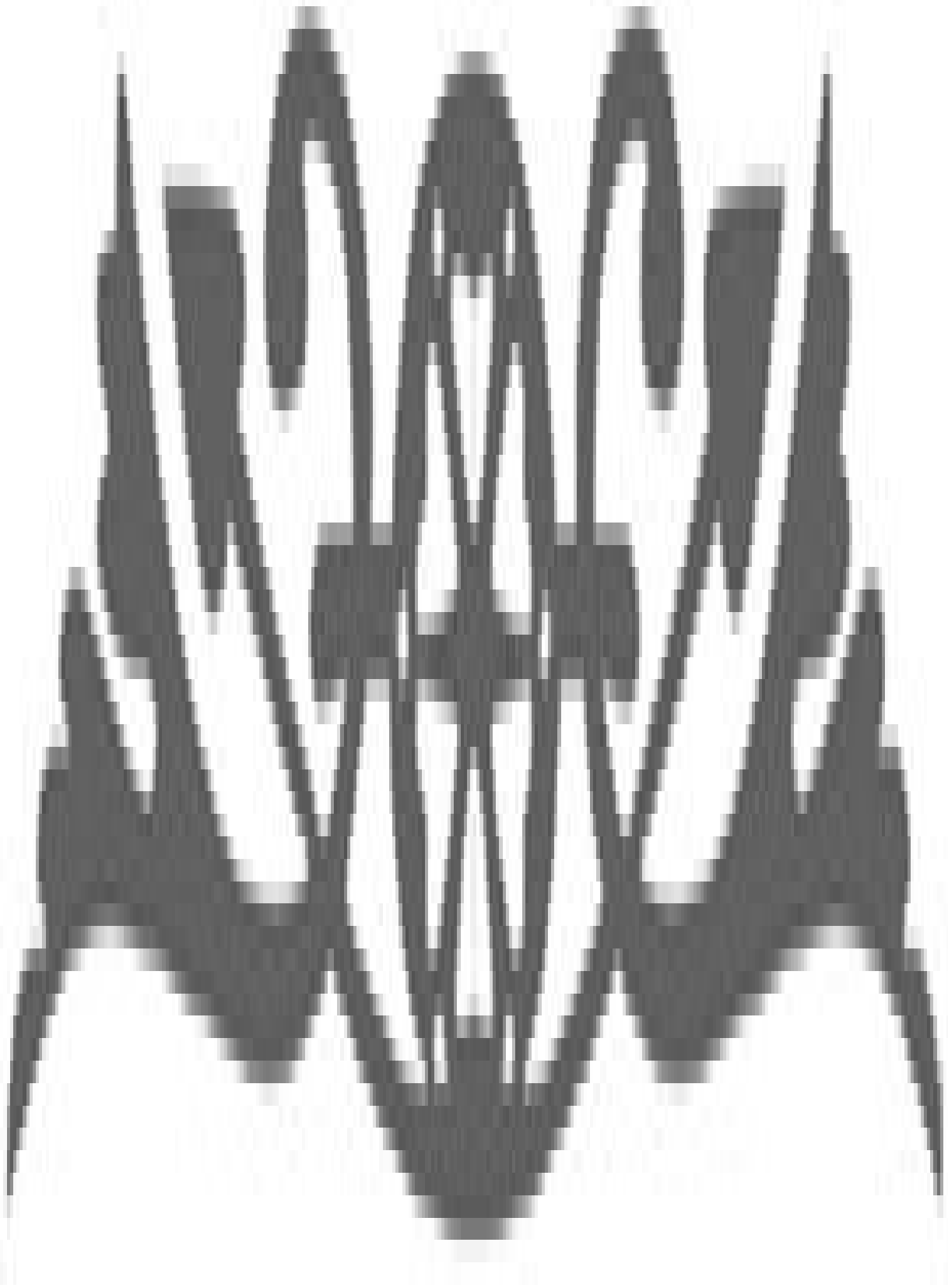
9 J. H. Breasted, (org.), Ancient Records of Egypt, 5 vols. (1906), citado em John D. Currid, A Study Commentary on Exodus, vol. 1 (Auburn, MA: Evangelical USA, 2000), p. 215.

10 Wilder, On the Banks of Plum Creek, p. 216-17.

26

Coração de trevas

Êxodo 10.21-29



Em 1º de agosto de 1914, Sir Ernest Shackleton (1874-1922) e sua tripulação zarparam do porto de Londres a bordo do navio Endurance. Estavam a caminho da Antártida, onde o famoso explorador esperava atravessar o continente a pé. Mas Shackleton nunca chegou a realizar essa jornada porque, antes de alcançar terra, a Endurance ficou presa em meio ao gelo. Era janeiro de 1915, e, a partir daquele momento, o objetivo daqueles homens passou a ser a simples sobrevivência.

Nos meses que se seguiram, a tripulação enfrentou muitas dificuldades, inclusive temperaturas baixíssimas e grande fome. Mas entre todos os terrores gélidos que aqueles homens encararam, nenhum foi mais desanimador do que a longa noite polar. Os marinheiros ficaram inquietos quando o inverno se instalou e a luz começou a desaparecer. No início de maio, o sol desapareceu completamente e só voltou a se mostrar no final de julho. O biógrafo de Shackleton escreveu: “No mundo inteiro não há desolação mais completa do que a noite polar. É um retorno à Era do Gelo – nenhum calor, nenhuma vida, nenhum movimento. Apenas aqueles que a vivenciaram sabem o que significa ficar sem o sol dia após dia e semana após semana. Poucos homens que não estão acostumados a ela conseguem se defender contra seus efeitos, e alguns homens enlouqueceram”.1

Adoradores do sol

A escuridão também levou o Faraó à loucura. Deus já o havia atormentado com sangue, rãs, piolhos, moscas, peste, úlceras, granizo e gafanhotos. Mas a nona praga lançou o Egito em escuridão total. Durante três dias inteiros, ninguém conseguia enxergar nada.

Dias de escuridão assustariam qualquer um, mas representavam um terror especial para os egípcios porque eles adoravam o sol. Como observa Stephen Quirke em seu estudo sobre a antiga religião egípcia: “Precisamos entender o lugar do sol na civilização egípcia antes de começar a aprender qualquer coisa sobre o Egito antigo”.2 Os egípcios serviam a Horus (o deus do nascer do sol), Aten (o deus do sol redondo do meio-dia) e Atom (o deus do pôr do sol). Mas a divindade suprema em seu panteão nacional era Amon-Rá, que disse: “Eu sou o grande deus que veio a ser a partir de si mesmo, aquele que criou seus nomes

[...] aquele que não tem adversário entre os deuses".3 Os egípcios acreditavam que essa divindade solar era seu criador. "Deus singular", eles cantavam em seu grande hino ao disco solar, "não há ninguém além dele. / Tu moldas a terra segundo a tua vontade, tu e apenas tu – / Todas as pessoas e rebanhos, / Tudo na terra que anda sobre pés, / Tudo nas alturas que voa com suas asas".4 A cada manhã, o nascer do sol no leste confirmava o poder doador de vida de Amon-Rá. O pôr do sol representava a morte e o submundo, mas o nascer de Amon-Rá oferecia a esperança da ressurreição. Para os egípcios, o fato de que o sol que nascia eternamente não podia ser destruído, era uma questão de fé.

Como a maioria dos egípcios, Faraó também era um adorador do sol. Mais do que isso, ele era visto como filho de Rá, a encarnação pessoal da divindade solar. O rei do Egito era o deus do Egito e, como encarnação de Amon-Rá, ele mantinha a ordem cósmica. Stephen Quirke escreve: "No núcleo da civilização temos uma relação especial entre a figura paterna divina do deus-sol, senhor da criação, e seu descendente solitário na terra, o rei entronizado do Egito [...] Isso estabelece a relação-chave na criação entre o deus-sol como parceiro ancião no céu e seu representante na terra, o sócio júnior [...] Dentro do reinado de cada rei, apenas ele aparece como representante vivo do deus-sol na terra e desfruta de uma soberania singular no exercício prático de poder".5

Muitos textos antigos identificavam o Faraó com os deuses do sol. O Faraó orava: "Ó Aten vivo, que inicias a vida [...] Ó deus único, sem qualquer outro à tua altura! Tu crias a terra segundo a tua vontade [...] Tu estás em meu coração, e não há ninguém que te conhece senão teu filho".6 Ou veja o seguinte hino de louvor ao Faraó Amósis:

Ele é contemplado como Rá quando se levanta,

Como o brilho de Aten,

Como o nascer de Khepri na visão de seus raios nas alturas,

Como Atom no céu oriental.7

Semelhantemente, quando o Faraó Merneptá subiu ao trono do Egito, seus

súditos leais cantaram:

Alegre-se toda a terra!

Vieram tempos bons.

O senhor ascendeu em todas as terras,

e a ordem se deitou sobre seu trono.

O rei do Egito Superior e Inferior, senhor de milhões de anos,

grande em realeza como [...] Rá-Amon,

que conquista o Egito com festivais,

o Filho de Rá mais excelente do que qualquer rei,

Merneptá.8

Temos ainda outro exemplo do tipo de adoração que os egípcios ofereciam a Faraó como deus do sol:

Rá colocou o rei na terra dos vivos para sempre e toda a eternidade,

para julgar a humanidade, para satisfazer os deuses,

para fazer com que o certo aconteça e aniquilar o erro,

de modo que ele oferece sacrifícios divinos aos deuses,

ofertas fúnebres aos mortos benditos.

O nome do rei está no céu como o de Rá,

ele vive em alegria como Rá-Horakhty.

Os nobres se regozijam quando o veem; a população lhe dá louvor

em seu papel de “o Filho”.9

Os egípcios adoravam Faraó como seu deus. Na escola, as crianças eram instruídas a “adorar [o Faraó], que vive para sempre, dentro de teu corpo e a associar-te com sua majestade em teu coração [...] Ele é Rá, por meio de cujos raios vemos, ele é aquele que ilumina as Duas Terras mais do que o disco solar”.10 Assim, os egípcios atribuíam toda a majestade e eternidade a Faraó. Ele era seu iluminador, o senhor de seu coração. Às vezes, até oravam a ele, dizendo: “Ouve-me, ó sol nascente que ilumina as Duas Terras com tua vinda; ó disco solar da humanidade, que afasta a escuridão do Egito. Tua natureza é igual à do teu pai Rá, que nasce no céu”.11

Esses textos demonstram que a adoração egípcia era profundamente ofensiva, uma afronta à honra do Deus triúno. Quando os egípcios identificaram Faraó como filho de Amon-Rá, passaram a adorar um homem mortal como o deus eterno. Faraó, por sua vez, revindicava atributos e prerrogativas que pertencem exclusivamente a Deus. Ele era um anticristo, um impostor blasfemo que alegava ser o Filho de Deus.

É fácil acreditar que idolatria seja coisa do passado, mas como a nona praga se aplica a nós hoje? Quais são as maneiras como somos tentados a adorar Amon-Rá? Quase ninguém mais adora o sol, mas a idolatria continua sendo uma tentação real. Em algum lugar, Orígenes, teólogo do 3º século, escreveu: “Aquilo que alguém honra acima de tudo, aquilo que admira e ama acima de tudo, isso é Deus para ele”. Segundo a definição de Orígenes, também somos adoradores de ídolos, pois existem muitas coisas que honramos, admiramos e amamos no lugar de Deus. A pergunta é: O que nós amamos mais do que tudo? Quem é nossa divindade suprema?

Como os egípcios antigos, os norte-americanos pós-modernos têm muitos deuses, mas nossa divindade suprema parece ser o ego. Honramos, admiramos e amamos a nós mesmos mais do que qualquer outra coisa ou pessoa. Como exemplo desse tipo de idolatria, leia o famoso “Cântico a mim mesmo”, de Walt Whitman:

Eu celebro a mim mesmo, e canto a mim mesmo...

o cântico de como me levanto da cama e saúdo o sol...

Divino sou por dentro e por fora, e torno sagrado tudo que toco...

Se eu adorar uma coisa mais do que qualquer outra, essa coisa será [...]

o meu corpo.

Whitman é o mais americano de todos os nossos poetas. Gostamos de nos ver como uma nação de individualistas durões. E é verdade – confiamos em nossas próprias habilidades e admiramos as nossas próprias conquistas. Dedicamos quase toda a nossa atenção a fazer nossos próprios planos, satisfazer nossas próprias necessidades, servir aos nossos próprios interesses e satisfazer os nossos próprios prazeres. Até reclamamos dos nossos próprios problemas. Tudo gira em torno de nós mesmos. Fazemos de nós o nosso ídolo.

O eclipse de Rá

Em vista da supremacia do deus-sol, era inevitável que, antes que Deus terminasse com o Faraó, ele lançaria um ataque direto contra Amon-Rá. O propósito de Deus em todas as pragas era glorificar a si mesmo julgando os deuses do Egito (veja Nm 33.4). A escuridão foi a penúltima praga, a nona em uma série de dez. Nas oito primeiras pragas, Deus demonstrou sua superioridade sobre Hapi, Osíris, Hequet, Kheprer, Apis, Ísis, Sekhmet e o restante dos deuses e deusas inferiores do Egito. E isso explica, em parte, por que foram necessárias tantas pragas: Deus queria impor uma derrota abrangente aos seus rivais.

Deus guardou a maior divindade para o final. Mas Amon-Rá não foi difícil de derrotar. Tudo o que Deus teve de fazer foi apagar a luz: “Então, disse o Senhor a Moisés: Estende a mão para o céu, e virão trevas sobre a terra do Egito, trevas que se possam apalpar. Estendeu, pois, Moisés a mão para o céu, e houve trevas

espessas sobre toda a terra do Egito por três dias; não viram uns aos outros, e ninguém se levantou do seu lugar por três dias" (10.21-23a). De repente, tudo ficou escuro. A praga veio sem aviso prévio e, durante três longos dias, a terra do perpétuo brilho do sol foi esmagada por aquilo que a Bíblia chama literalmente de "uma escuridão escura". Podemos apenas imaginar quanto isso foi terrível para os egípcios. Quando seu deus é o sol e o sol é apagado, restam-lhe apenas vazio e terror. A escuridão era tamanha que os egípcios nem conseguiram iluminar seus lares.

Estudiosos têm sugerido que a escuridão teve alguma causa natural. Alguns acreditam que tenha sido um eclipse solar. Outros dizem que foi uma das tempestades de areia da Arábia, conhecidas como khamsin.12 Durante essas tempestades violentas e cegantes, os egípcios são obrigados a ficar dentro de casa enquanto parte de sua terra é coberta por uma densa nuvem marrom de areia e poeira. Talvez isso explique o que a Bíblia quer dizer com "trevas que se possam apalpar" (10.21). No entanto, esses fenômenos naturais não explicam todos os detalhes do texto bíblico. Se a nona praga foi uma ocorrência natural, por que então Faraó ficou tão perturbado com ela? E por que a Bíblia não diz simplesmente que foi uma tempestade de areia? O que a Bíblia ressalta em vez disso é a intensidade da escuridão. A escuridão era palpável e, diferentemente de uma tempestade de areia, ela foi total. Concluímos, então, que a escuridão – como o resto das pragas – foi um milagre sobrenatural.

A praga da escuridão demonstrou o poder absoluto de Deus sobre a criação. Deus pode desfazer o que ele fez. Isso é algo que todas as pragas evidenciaram quando reverteram os seis dias da criação. O Deus que criou as águas transformou o Nilo em sangue. O Deus que fez crescer as coisas verdes destruiu a vegetação com granizo e gafanhotos. O Deus que fez as criaturas nadarem no mar e se espalharem pela terra trouxe morte aos peixes e rãs. O Deus que criou os homens e os animais enviou-lhes doença e até mesmo a morte. Por fim, o Deus que criou luz na escuridão apagou a luz.

Em suma, as pragas foram um tipo de descriação. A fim de tornar esse vínculo explícito, Êxodo usa muitas vezes palavras-chave do início de Gênesis. O ponto é que o Deus soberano tem o poder de criar e de destruir. Peter Enns escreve:

A criação está às ordens de Deus tanto para libertar seu povo quanto para

destruir seus inimigos. As pragas são inversões da criação: os animais prejudicam, em vez de servir à humanidade; a luz se apaga e a escuridão se espalha; as águas se transformam em fonte de morte, não de vida; o clímax em Gênesis 1 é a criação do ser humano no último dia, o clímax das pragas é a destruição de seres humanos na última praga. As pragas, porém, não correm soltas. Eventualmente, elas param, e cada cessação é outra manifestação do poder criativo de Deus. Mais uma vez ele devolve ordem ao caos, como fez "no princípio": as águas são restauradas, os insetos e animais incômodos se retiram. Cada praga é um lembrete do poder supremo de Deus, que contém o caos, mas que, se assim quiser, permite que o caos aflija seus inimigos.13

A escuridão pode não parecer uma praga muito impressionante, especialmente quando a comparamos com a morte de homens e animais, mas os egípcios certamente compreenderam seu significado espiritual. Deus estava acrescentando insulto a todos os outros ferimentos. Enquanto tateavam por suas casas, paralisados pela escuridão, devem ter ficado impressionados com o fracasso de Amon-Rá e seu filho, Faraó. Os deuses do sol não conseguiram salvá-los; até mesmo a luz do dia era controlada pelo Deus de Moisés.

Deus demonstrou sua supremacia no Egito apagando o sol. O que será necessário para que ele prove a nós a sua soberania? Da mesma forma como Deus derrotou Amon-Rá, ele exporá a nossa autoidolatria. Se confiarmos no eu, nós nos decepcionaremos. O que o nosso eu será capaz de fazer quando enfrentarmos ruína financeira, quando a nossa família se desestruturar ou quando formos diagnosticados com uma doença fatal? O que faremos quando morrermos e nos apresentarmos a Deus em nosso julgamento? Nosso eu não será capaz de nos salvar. Mais cedo ou mais tarde, Deus destruirá o último traço da nossa autoconfiança a fim de provar que apenas ele é Deus.

A sombra da escuridão

A escuridão que caiu sobre o Egito era física, mas também tinha um significado espiritual. Na Bíblia, a escuridão significa erro, ignorância, pecado, rebelião e morte – tudo o que se opõe a Deus. A Bíblia diz: "O caminho dos perversos é como a escuridão" (Pv 4.19a). É o resultado do pecado, pois, como disse Jesus:

“Os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más” (Jo 3.19). A escuridão reside na mente e no coração dos pecadores: “[São] obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração” (Ef 4.18). Desobedecer a Deus é “andar nas trevas” (1Jo 1.6). A pessoa que vive em escuridão está fadada a morrer em escuridão: “Da luz o lançarão nas trevas e o afugentarão do mundo” (Jó 18.18). Como todos esses outros textos bíblicos, a nona praga também simbolizava a escuridão espiritual, a escuridão que se espalhou a partir do coração endurecido e obscurecido do Faraó.

A condição verdadeira do coração de Faraó se revelou no final de Êxodo 10, quando ele mandou Moisés desaparecer de sua presença. Mas uma declaração anterior foi igualmente reveladora: “Então, Faraó chamou a Moisés e lhe disse: Ide, servi ao Senhor. Fiquem somente os vossos rebanhos e o vosso gado; as vossas crianças irão também convosco” (10.24). Essa declaração demonstra quanto Faraó sabia. Ele sabia exatamente o que Deus queria dele. Ele sabia quem havia enviado a escuridão. Ele conhecia o nome pactual de Deus – Yahweh ou “Senhor”. Ele sabia que devia deixar ir o povo de Deus. Ele conhecia até mesmo o propósito de seu êxodo: para que os israelitas pudessem ir e adorar a Deus. Faraó sabia de tudo isso, mesmo assim se recusou a entregar tudo a Deus. O coração de sua escuridão era sua indisposição de entregar a Deus o controle total.

Relutantemente, e aos poucos, Faraó vinha fazendo concessões cada vez maiores. Após a quarta praga, ele havia dito: “Ide, oferecei sacrifícios ao vosso Deus nesta terra” (8.25). Faraó estava disposto a permitir que os israelitas adorassem a Deus, contanto que continuassem sendo seus escravos pessoais. Em termos espirituais, isso significava que ele estava tentando convencê-los de que podiam servir a ele e a Deus ao mesmo tempo. Quando Moisés recusou a oferta, Faraó disse: “Deixar-vos-ei ir, para que ofereçais sacrifícios ao Senhor, vosso Deus, no deserto; somente que, saindo, não vades muito longe” (8.28). Isso foi outra tentação: seguir Deus para a liberdade, mas permanecer próximo o bastante para voltar correndo para a escravidão. A próxima posição de negociação de Faraó foi permitir que os homens fossem, mas não as mulheres e crianças (10.10,11), como se os homens de Israel tivessem deixado suas famílias na escravidão! Sua oferta final foi permitir que todos os israelitas fossem, contanto que deixassem para trás os seus rebanhos. Faraó queria manter seu gado como refém para garantir o retorno de Israel. Ele sabia que eles não sobreviveriam muito tempo sem comida.

Faraó estava sempre retendo algo. Ao insistir em seu direito de reter o gado de Deus, ele estava se recusando a abrir mão de sua soberania. Ele queria negociar com Deus sob seus próprios termos. Ele queria manter o controle, por isso, fez apenas o que era absolutamente obrigado a fazer. Mas um coração que não está disposto a seguir todo o caminho com Deus é um coração de escuridão.

Como Faraó, muitas pessoas negociam com Deus, tentando convencê-lo a reduzir os seus termos. Recitam "a oração do pecador", contanto que não sejam obrigadas a ir à igreja toda semana. Ou vão à igreja, contanto que não tenham que se batizar. Ou concordam em ser batizadas, contanto que não tenham que se envolver. Ou se mostram dispostas a sacrificar um pouco de seu tempo, contanto que não tenham que doar seu dinheiro. Ou dão parte de si mesmas a Deus, contanto que não tenham que dar-lhe tudo. Em suma, estão dispostas a se tornarem cristãs, contanto que possam continuar a viver para si mesmas. Imaginam que exista alguma maneira de continuar em seu pecado e, mesmo assim, alcançar o céu. Mas toda pessoa que pense assim continua tendo um coração de escuridão. A salvação é apenas para aqueles que andam na luz da Palavra de Deus.

Até o último casco

Os israelitas não estavam na escuridão, e isso era parte do milagre. Como havia feito em pragas anteriores, Deus discriminou entre seu povo e o povo de Faraó. A Bíblia afirma explicitamente que "todos os filhos de Israel tinham luz nas suas habitações" (10.23b), referindo-se, provavelmente, a toda a terra de Gósen. O apagão afetou apenas os egípcios.

Como a escuridão, a luz também tem um significado espiritual. Ela representa verdade, beleza e pureza. Encontramos esse simbolismo em toda a Bíblia. A Bíblia diz: "Deus é luz, e não há nele treva nenhuma" (1Jo 1.5). Diz também que a Palavra de Deus é "uma candeia que brilha em lugar tenebroso" (2Pe 1.19). Portanto, quando os pecadores são chamados para a salvação, eles são chamados "das trevas para a sua maravilhosa luz" (1Pe 2.9). "Outrora, éreis trevas", dizem as Escrituras, "porém, agora, sois luz no Senhor; andai como filhos da luz" (Ef 5.8).

A prova de que os israelitas eram filhos da luz era a sua indisposição de aceitar

até mesmo a menor concessão em sua dedicação a Deus. Deve ter sido uma grande tentação aceitar a oferta de Faraó. Ele estava disposto a dar a Moisés quase tudo o que ele estava exigindo. “Respondeu Moisés: Também tu nos tens de dar em nossas mãos sacrifícios e holocaustos, que ofereçamos ao Senhor, nosso Deus. E também os nossos rebanhos irão conosco, nem uma unha ficará; porque deles havemos de tomar, para servir ao Senhor, nosso Deus, e não sabemos com que havemos de servir ao Senhor, até que cheguemos lá” (10.25-26).

Às vezes, Moisés é criticado por ter sido enganoso. Sua afirmação de que ele não tinha certeza em relação ao número de animais que eles precisariam sacrificar parece insincera. Afinal de contas, ele não tinha qualquer intenção de voltar para o Egito. Alguns estudiosos acreditam que o profeta estava tentando fazer uma jogada. Isso, porém, ignora o significado espiritual daquilo que ele estava dizendo. Moisés entendeu que, com Deus, é tudo ou nada, por isso insistiu que Faraó cumprisse suas exigências. Moisés não estava negociando; ele estava dando ordens. O que ele disse a Faraó, literalmente, foi: “Você permitirá que ofereçamos sacrifícios”.

Não podia haver concessão. Deus havia chamado Moisés para tirar Israel do Egito. Não bastava, então, que o povo de Deus adorasse enquanto ainda estava no Egito. Não bastava que o povo partisse sem levar consigo também os seus bens. Deus ordenou que Moisés tirasse todos e tudo do Egito. E é isso o que Deus sempre exige: tudo o que somos e tudo o que temos. A razão pela qual Moisés insistiu em oferecer tudo a Deus – inclusive cada parte de cada animal – era que ele entendia as exigências do discipulado. Faraó não ficaria nem mesmo com um único casco!

O coração da escuridão tenta fazer com que Deus altere seus termos, mas aqueles que vêm para a luz oferecem seu coração a Deus. Eles se recusam a reter qualquer coisa, mesmo sem saber com antecedência o que Deus exigirá deles. Dizem: “Não sei quanto Deus exigirá que eu dê, quais sacrifícios ele pedirá que eu faça. Eu não sei com o que serei chamado a contribuir para as necessidades dos pobres ou para o trabalho da igreja. Não sei quanto me custará servir a Deus em termos do meu tempo, dos meus dons e do meu sofrimento. O que eu sei é isto: eu submeti tudo ao seu serviço, por isso, não importa o que Deus queira de mim, ele receberá. Jesus deu a sua vida por meus pecados, por isso, é minha alegria dar toda a minha vida para a sua glória”.14

Encontramos um exemplo do que significa seguir a Cristo sem concessões no livro Out of Egypt, de Jeanette Howard, que já citamos no capítulo 21. Quando Howard descreve sua luta contínua contra o pecado homossexual, ela o compara com a tentação de Israel de ceder a Faraó. Ela escreve:

Facilmente nos vemos diante de um tipo semelhante de concessão. “Ninguém a impede de ir à igreja aos domingos”, dizem nossas amigas lésbicas. Mas o desastre acontece quando adoramos a Deus aos domingos e alimentamos nossa vida com as influências de nossa vida passada durante o restante da semana. Se quisermos nos libertar da escravidão do lesbianismo, precisamos seguir a Deus com todo o nosso coração, com toda a nossa mente e com toda a nossa força. Precisamos ser mulheres dedicadas completamente a Deus [...] As mulheres que lutam contra o lesbianismo tendem a negociar com Deus. “OK, desistirei de fazer sexo, mas não me peça para romper com minha amiga (mutuamente dependente)”. Tendemos a escolher o pecado que deixaremos ou não para trás. Não há espaço para concessões. Deus não compartilhará seu coração com o mundo e com sua carne. Apenas uma ruptura completa com seu passado, que deixa para trás totalmente o Egito, trará cura para a sua vida.15

O mesmo princípio se aplica a cada aspecto da vida espiritual. Vir a Cristo significa declarar que não ficaremos com nenhum comando, que não há pecado que não abandonaremos, que não há obrigação que não cumpriremos, que não há talento que não usaremos em nossa ambição de dar toda a glória a Deus.

Venha para a luz

A nona praga mostra a diferença absoluta entre a escuridão do pecado e o brilho da glória de Deus. É terrível viver na escuridão e, infelizmente, Faraó nunca veio para a luz. Êxodo 10 termina com estas palavras: “O Senhor, porém, endureceu o coração de Faraó, e este não quis deixá-los ir. Disse, pois, Faraó a Moisés: Retira-te de mim e guarda-te que não mais vejas o meu rosto; porque, no dia em que vires o meu rosto, morrerás. Respondeu-lhe Moisés: Bem disseste; nunca mais tornarei eu a ver o teu rosto” (10.27-29).

Temos aqui uma interrupção definitiva das negociações. Faraó estava cansado de ver a cara de Moisés. O profeta lhe trouxera apenas problemas. Assim, em sua fúria, o Faraó ameaça que Moisés morreria se voltasse a pôr um pé no palácio. Moisés não tinha nenhum problema com isso. Provavelmente, ele preferia jamais ver Faraó novamente, e respondeu dizendo: “Vou cair fora!”. Como veremos, essas palavras – ditas no calor do momento – podem não ter sido proféticas, pois é possível que Moisés tenha visto Faraó novamente (12.31). No entanto, ao mandá-lo embora nessa ocasião, Faraó estava jogando fora a sua última chance de abandonar o coração de escuridão. Moisés era o profeta de Deus; ele tinha as palavras da vida. Na verdade, ele era a única pessoa que podia ajudar Faraó a escapar da escuridão, mas Faraó se recusou a ouvir. Ele mandou Moisés embora.

Muitas pessoas alimentam a noção tola de que podem dar sua vida a Deus mais tarde. Supõem que receberão outra chance de acertar as contas com Deus. Mas nem sempre as pessoas recebem outra chance. Às vezes, Deus envia sua mensagem, dando-lhes uma oportunidade de responder, mas então o momento passa e jamais retorna. Cada vendedor sabe como é importante fechar um negócio. Uma vez que o cliente sai da loja sem ter feito a compra, ele quase nunca retorna. E foi isso o que Faraó fez. Ele iniciou as negociações com Deus sem jamais fechar o negócio.

No caso de Faraó, este foi o propósito soberano de Deus. Em vez de demonstrar misericórdia a Faraó, Deus endureceu seu coração. Qual é o propósito de Deus para você? Este é um dos mistérios de sua vontade divina. Mas compreenda que a escuridão voltará quando Deus julgar o mundo por seus pecados (veja 2Pe 2.17; Jd 13). Em Apocalipse, lemos: “Derramou o quinto [anjo] a sua taça sobre o trono da besta, cujo reino se tornou em trevas, e os homens remordiam a língua por causa da dor que sentiam e blasfemaram o Deus do céu por causa das angústias e das úlceras que sofriam; e não se arrependeram de suas obras” (Ap 16.10-11). Esses versículos servem como lembrete de que as pragas em Êxodo eram uma prévia do julgamento vindouro.

A única maneira de escapar da escuridão vindoura é confiar em Jesus Cristo, a Luz do mundo. Quando Jesus nasceu, “o povo que jazia em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região e sombra da morte resplandeceu-lhes a luz” (Mt 4.16, citando Is 9.2). A fim de trazer-nos para a sua luz, Jesus teve de entrar na nossa escuridão. A Bíblia explica que, quando Jesus foi crucificado, “houve trevas sobre toda a terra” (Lc 23.44). Essa escuridão era espiritualmente significativa. Ela mostrou que Jesus havia tomado sobre si a culpa de todo o

nosso pecado e, portanto, que ele estava sob a negra maldição que Deus reservara para seus inimigos. Então Jesus foi colocado no sepulcro, onde permaneceu na mais profunda escuridão durante três dias. Mas, ao terceiro dia, ele ressuscitou com um corpo que resplandecia com a luz da glória de Deus. Agora todos aqueles que vêm para Cristo vêm para a luz da sua salvação. “Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2Co 4.6; cf. 1Jo 2.8).

Em um de seus sermões sobre o livro de Êxodo, Charles Spurgeon ressaltou a importância de vir para a luz enquanto ainda há tempo. Spurgeon descreveu uma conversa entre um pastor e uma jovem mulher que, apesar de ter ouvido o evangelho muitas vezes, jamais entregara sua vida a Cristo.

Finalmente, ele disse a ela: “Bem, Hannah, você pretende vir a Cristo algum dia?”.

“Sim, senhor”, ela respondeu. “Pretendo sim.”

“Bem, agora”, ele disse, “você pode me dar uma data em que você virá a Cristo? Você tem 20 anos agora. Você virá a Cristo quando completar 30 anos de idade? Você pode confirmar isso como uma promessa?”.

A jovem mulher respondeu: “Bem, senhor. Eu não gostaria de prometer isso, pois eu poderia estar morta antes de completar 30 anos. Dez anos são um longo tempo [...] Espero conhecer o Senhor antes disso”.

“Bem, Hannah”, o bom homem disse, “digamos nove anos então; que seja este o tempo que você define para quando você ceder à misericórdia de Deus”.

“Bem, senhor”, ela disse, “espero que aconteça antes disso”.

“Não”, ele disse, “o trato está feito; você terá de correr riscos durante nove anos. Você fará o trato de que virá a Cristo em nove anos; que assim seja, e você precisa correr o risco”.

“Ah!, senhor!” ela exclamou, “seria uma coisa terrível, uma coisa abominável dizer que eu esperaria nove anos, porque eu posso me perder nesse tempo”.

O amigo disse, então: “Bem, digamos que você servirá ao Senhor em 12 meses; aceite este ano e gaste-o no serviço a Satanás. E, então, após ter se divertido dessa forma, você entregará seu coração a Cristo?”.

De alguma forma, a jovem mulher sentiu que era um tempo longo [...] e muito perigoso [...] Ela não suportou esse pensamento; e quando seu pastor a pressionou para definir um tempo, reduzindo-o aos poucos, finalmente ela disse: “Ah!, senhor, é melhor que seja hoje à noite; é melhor que seja hoje à noite! Ore a Deus para que eu possa dar meu coração ao Senhor Jesus Cristo agora, pois é uma coisa muito terrível continuar sem um Salvador. Quero chamar Cristo de meu ainda esta noite”.16

Não demore. Deus está nos chamando para deixarmos o coração de escuridão e entregarmos nosso coração a ele. Jesus disse: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida” (Jo 8.12).

Notas

1 Alfred Lansing, Endurance: Shackleton’s Incredible Voyage (Nova York: Carroll & Graf, 1959), p. 38.

2 Stephen Quirke, The Cult of Ra: Sun-Worship in Ancient Egypt (Nova York: Thames & Hudson, 2001), p. 7.

3 Citado em ibid., p. 25.

4 Citado em ibid., p. 161.

5 Ibid., p. 7,19,117.

6 Citado em Rick Gore, “Pharaohs of the Sun”, National Geographic (abril de 2001), p. 38.

7 Kurt Sethe, Urkunden der 18. Dynastie, 19.6-8, citado em Hoffmeier, Israel in Egypt, p. 153.

8 Papyrus Sallier I, citado em Hoffmeier, Israel in Egypt, p. 153.

9 Citado em Quirke, The Cult of Ra, p. 20.

10 Estela para Amen-em-het III, citado em J. B. Pritchard (org.), Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1955), p. 431.

11 Papyrus Anastasi II, 5.7ss., citado em Göran Larsson, Bound for Freedom: The Book of Exodus in Jewish and Christian Traditions (Peabody, MA: Hendrickson, 1999), p. 71.

12 Colin J. Humphreys, The Miracles of Exodus: A Scientist's Discovery of the Extraordinary Natural Causes of the Biblical Stories (Nova York: HarperCollins, 2003), p. 134-36.

13 Peter Enns, Exodus, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2000), p. 231.

14 Charles H. Spurgeon faz uma aplicação semelhante em "All or None; or, Compromises Refused: A Sermon with Five Texts", The Metropolitan Tabernacle Pulpit 31, nº 1.830 (Pasadena, TX: Pilgrim, 1976), p. 164.

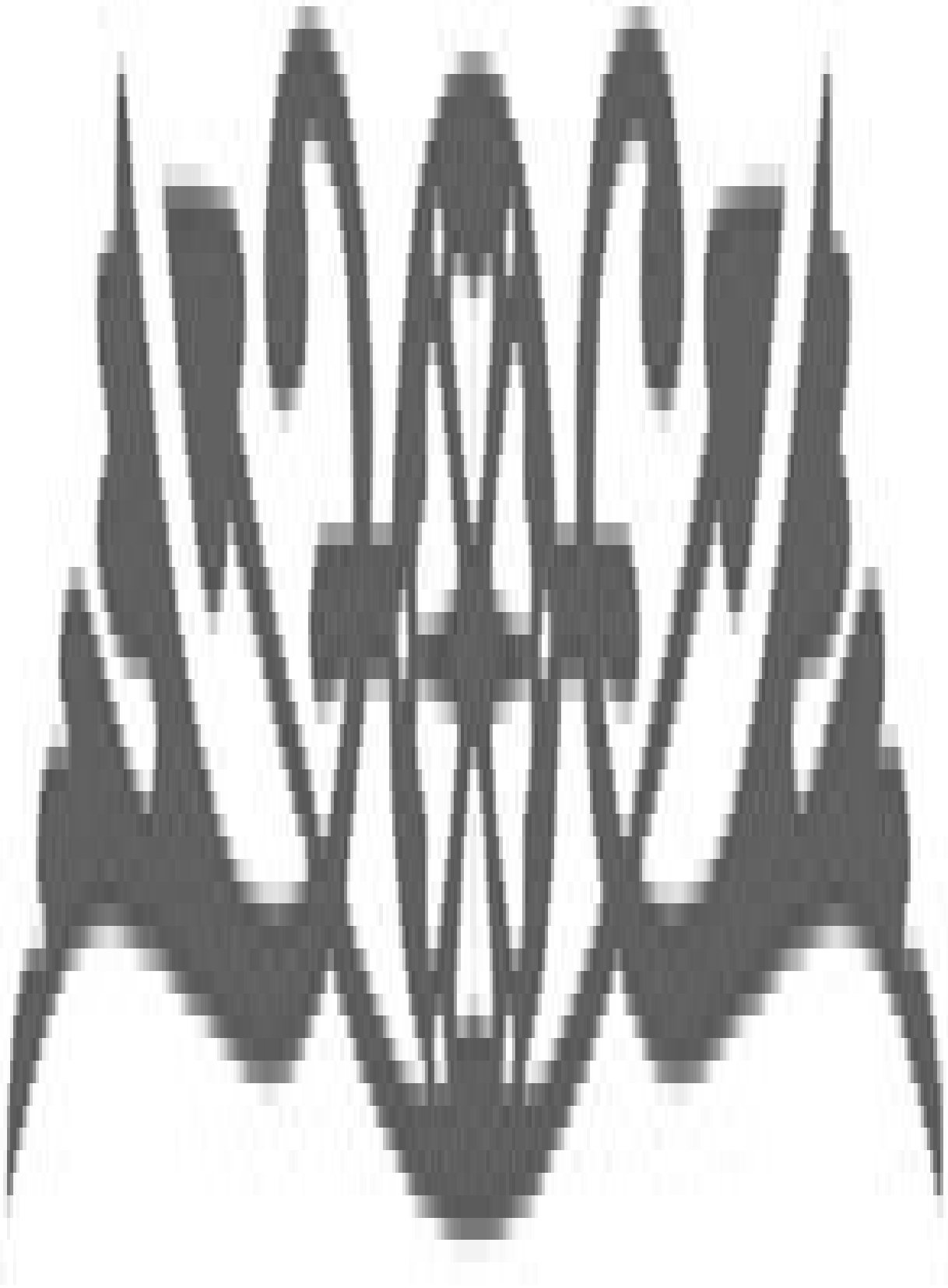
15 Jeanette Howard, Out of Egypt (Tunbridge Wells, UK: Monarch, 1991), p. 218-19.

16 Charles H. Spurgeon, "The Question Between the Plagues", The Metropolitan Tabernacle Pulpit 43, nº 2.503 (Pasadena, TX: Pilgrim, 1976), p. 66.

27

A praga mais mortal

Êxodo 11.1-10



A praga da escuridão demonstrou de uma vez por todas que Faraó não era o Filho da Luz. No entanto, mesmo após o Deus de Israel provar que apenas ele era o Senhor sobre o dia e a noite, o rei do Egito continuou a nutrir suas ilusões de divindade. Em sua última audiência com Moisés, ele fez a alegação escandalosa de que era detentor do poder sobre a vida e a morte, dizendo ao profeta de Deus: “No dia em que vires o meu rosto, morrerás” (10.28).

Se essas palavras lhe parecerem familiares é porque, mais tarde, elas foram ditas pelo único Deus verdadeiro. Quando Moisés subiu na montanha e pediu para ver a glória de Deus, ele lhe disse: “Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá” (33.20). Esse era um perigo que o profeta parecia ter pressentido instintivamente, pois, lá atrás, junto à sarça ardente, “Moisés escondeu o rosto, porque temeu olhar para Deus” (3.6b). Deus é tão impressionante em sua santidade que vê-lo significa perecer. Por isso, quando Faraó atribuiu o mesmo poder ao seu semblante, ele cometeu um ato de pura arrogância. Ele estava reivindicando uma prerrogativa que pertence exclusivamente a Deus.

Dez golpes poderosos

Após todos os milagres que Deus havia realizado, Faraó ainda fazia de conta que ele era o senhor sobre a vida e a morte. Por isso, foi necessário que Deus enviasse outra praga – a praga mais mortal de todas. No fundo, Êxodo 11 é uma continuação da conversa iniciada no capítulo 10, a última audiência de Moisés com Faraó. Os versículos 1-3 reafirmam coisas que Deus já havia revelado ao seu profeta (veja 3.21-22; 4.21-23). Então, nos versículos 4-8, Moisés se despede, anunciando a décima e última praga: a morte dos primogênitos do Egito. É apenas no final do versículo 8 que o profeta finalmente se despede dramaticamente do palco: “E, ardendo em ira, se retirou da presença de Faraó.” Segue-se, então, uma declaração que resume as pragas e seu propósito no plano da salvação (11.9-10).

É no capítulo 11 que a Bíblia finalmente usa a palavra hebraica para “praga” (n#G~), que significa “ataque” ou “golpe”: “Disse o Senhor a Moisés: Ainda mais uma praga trarei sobre Faraó e sobre o Egito” (11.1a). Essa declaração, que

anuncia que estamos nos aproximando do final das pragas, demarca um lugar adequado para resumir as lições principais que esses milagres nos ensinam. O que as pragas ensinam sobre os atributos divinos de Deus?

Em primeiro lugar, as pragas ensinam que Deus é onipotente, que ele detém o poder absoluto sobre tudo o que criou. O livro de Gênesis mostra que Deus é o Criador, o Deus que criou tudo a partir do nada e que impôs ordem ao caos. O livro de Êxodo mostra que Deus continua governando sua criação. Como vimos, as pragas eram inversões da criação. Deus transformou a ordem em caos e depois voltou a pôr ordem nele, revelando milagrosamente seu poder sobre a terra e o céu. Como Moisés explicou antes da praga do granizo, Deus realizou esses milagres para que os egípcios soubessem que "a terra é do Senhor" (9.29b). Ele é um Deus poderoso.

Em segundo lugar, as pragas ensinam que Deus é ciumento, que ele não está disposto a compartilhar a sua glória com alguém. Os egípcios se afastaram de Deus para depositar sua confiança em deuses inventados por eles mesmos. Decidiram idolatrar tudo, desde besouros a gado, e adorar todos, desde Hapi a Amon-Rá. Palavras do apóstolo Paulo descrevem bem a situação: "Porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis" (Rm 1.21-23). Essa é uma troca que Deus não tolera; por isso, ele derrotou um por um os objetos de adoração do Egito. Ele é um Deus ciumento.

Em terceiro lugar, as pragas ensinam que Deus é justo, que, em sua justiça, ele lida com as pessoas de acordo com seus pecados. Faraó era um déspota cruel e malvado. Em sua rebelião contra Deus, ele deliberadamente tentou destruir o povo de Deus. Ele não parou diante de nada: escravidão, servidão, assassinato. Os egípcios, por sua vez, executaram de bom grado as ordens de Faraó para oprimir os israelitas. Por isso, quando Deus os afligiu com rios de sangue, enxames de insetos, tempestades de granizo e dias de escuridão, ele estava lhes dando o que mereciam. Ele é um Deus de justiça.

Em quarto lugar, as pragas ensinam que Deus é misericordioso, que ele salva os necessitados quando clamam por libertação. O êxodo foi desencadeado pelas orações do povo de Deus: "Os filhos de Israel gemiam sob a servidão e por

causa dela clamaram, e o seu clamor subiu a Deus. Deus [ouviu] o seu gemido" (2.23b, 24a). As pragas foram uma resposta às orações porque, pela misericórdia de Deus, elas finalmente tiraram Israel do Egito.

Em quinto lugar, as pragas ensinam que Deus é soberano, que sua misericórdia e justiça são escolha sua. As pragas discriminaram entre o povo de Deus e o povo de Faraó. Os egípcios sofreram, enquanto os israelitas eram poupados. Por isso, as pragas ensinam a doutrina da eleição. Deus decidiu conceder seu favor especial aos israelitas, apesar de não o merecerem. Ao mesmo tempo, decidiu permitir que Faraó permanecesse em seus pecados. Assim, quando Paulo quis explicar o mistério da soberania de Deus, ele remeteu ao êxodo e disse:

[...] não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia. Porque a Escritura diz a Faraó: Para isto mesmo te levantei, para mostrar em ti o meu poder e para que o meu nome seja anunciado por toda a terra. Logo, tem ele misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz. (Rm 9.16-18)

A graça de Deus é escolha de Deus, porque ele é um Deus soberano.

Cada uma dessas lições tem implicações práticas para a vida diária. O Deus que enviou as pragas contra o Egito continua reinando sobre o céu e a terra. Já que ele é Todo-Poderoso, ele tem o poder de nos ajudar em cada situação. Já que ele é ciumento, não podemos privá-lo de sua glória, servindo a outros deuses. Já que ele é justo, podemos confiar que ele julgará seus inimigos. Já que ele é misericordioso, ele nos salvará quando clamarmos por ajuda. Já que ele é soberano, ele deve ser temido e adorado.

Senhor sobre a vida e a morte

Uma educação eficiente sempre envolve repetição. Assim, como todo bom professor, Deus repetiu essas lições na última das pragas, que representava o clímax. As nove primeiras pragas eram organizadas em grupos de três. Cada

conjunto começava com Moisés indo a Faraó e terminava com uma praga não anunciada. Mas a décima e mais mortal das pragas se destaca de todas as outras.

Obviamente, a morte dos primogênitos demonstrou o poder onipotente de Deus. Era mais uma inversão da criação. No sexto dia do mundo, Deus, com seu sopro, deu vida ao homem feito à sua imagem, mas a décima praga trouxe morte para os vivos. Isso não foi simplesmente o resultado de uma doença ou de outra ocorrência natural qualquer, mas foi causado por intervenção divina. A Bíblia é muito clara em relação a isso. Deus disse: “Ainda mais uma praga trarei sobre Faraó e sobre o Egito” (11.1a); “Cerca da meia-noite passarei pelo meio do Egito” (11.4).

O envolvimento direto de Deus mostra que a décima praga foi um milagre verdadeiro. Quando alguns estudiosos bíblicos tentam explicar Êxodo, eles dizem que as pragas devem ser vistas como “meras invenções ou eventos naturais que foram transformados em milagres pela imaginação”.1 Mas que tipo de evento natural poderia explicar a morte dos filhos primogênitos do Egito? O que realmente aconteceu foi que o próprio Deus saiu no meio da noite para levar a morte até os egípcios. Como escreveu o salmista: “Foi ele quem feriu os primogênitos no Egito, tanto dos homens como das alimárias” (Sl 135.8; cf. 136.10). Nas palavras de Nahum Sarna: “A décima e última visitação a Faraó e ao seu povo é aquela praga para a qual não existe qualquer explicação racional. Ela pertence totalmente à categoria do sobrenatural”.2 O golpe mortal veio de uma fonte sobrenatural, revelando o poder de Deus sobre a sua criação. Ele é um Deus poderoso.

A morte dos primogênitos revelou também o ciúme de Deus, que indica sua recusa absoluta em compartilhar sua glória com qualquer outro deus – nesse caso, com o deus da morte. Os egípcios eram obcecados com a morte e a vida no além. Toda pessoa que já estudou a cultura egípcia conhece os arranjos elaborados que eles faziam para se preparar para a vida vindoura. Segundo o The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt, os egípcios investiam uma parte maior de suas riquezas na vida no além do que qualquer outra cultura na história do mundo.3 As grandes pirâmides e os famosos túmulos no Vale dos Reis são testemunhas de sua preocupação com a morte. Até hoje, encontramos múmias do antigo Egito em museus espalhados pelo mundo inteiro.

O deus dos mortos era Osíris, cujo nome significava “o Poderoso; aquele que tem poder soberano”. Seu assistente era Anúbis, o deus do submundo. Anúbis

supervisionava o processo de embalsamamento e guiava os mortos durante a sua passagem para a pós-vida. Ele se apresentava em forma canina, o que pode explicar, em parte, a referência a cachorros no versículo 7a: “Contra nenhum dos filhos de Israel, desde os homens até aos animais, nem ainda um cão rosnará”. Os israelitas não seriam tocados pela morte, demonstrando, assim, que Anúbis não tinha poder sobre eles. A morte dos filhos do Egito, por sua vez, demonstraria que o Deus de Israel era o Senhor sobre a vida e a morte.

A morte de um indivíduo foi especialmente significativa: “O primogênito de Faraó, que se assenta no seu trono” (11.5). O filho de Faraó era o príncipe do Egito, o sucessor direto a se assentar no trono do Egito. Mais do que isso: os egípcios acreditavam que ele era um sucessor dos deuses. Quando seu pai morresse, ele se tornaria o filho de Rá e também o filho de Osíris. Assim, os egípcios reverenciavam a vida do príncipe. Mas Moisés disse a Faraó que seu filho morreria em breve. Seria a morte da próxima divindade, do homem que deveria reinar sobre o Egito como deus. O Deus de Israel é um Deus ciumento. O Deus que diz “a minha glória, não a dou a outrem” (Is 48.11b) reivindicou a vida do filho de Faraó para demonstrar que ele é o único Deus, o único que merece louvor e adoração.

Deus de justiça

O único Deus verdadeiro é também justo e, como o restante das pragas, a morte dos primogênitos também foi um ato de justiça divina. É a essa altura que, muitas vezes, Deus é criticado, pois algumas pessoas questionam se Deus agiu corretamente ao matar os filhos do Egito.

Certamente, a décima praga foi terrível em sua severidade. Deus disse a Moisés: “E todo primogênito na terra do Egito morrerá, desde o primogênito de Faraó, que se assenta no seu trono, até ao primogênito da serva que está junto à mó, e todo primogênito dos animais. Haverá grande clamor em toda a terra do Egito, qual nunca houve, nem haverá jamais” (11.5-6). Ninguém seria poupado. A escrava que moía os grãos entre duas pedras era a “mais pobre dos pobres”,4 mas até ela sofreria perda e luto. Todos os egípcios sofreriam, desde Faraó até o escravo mais baixo, e todo o resto entre esses dois extremos. Um gemido de angústia seria ouvido em cada casa. Os egípcios jamais haviam sofrido algo semelhante e jamais voltariam a sofrer algo igual.

Deus usaria essa praga para punir os egípcios por seus pecados e o faria com todo o direito. A morte dos primogênitos foi um ato de justiça porque Faraó havia tentado exterminar os israelitas. Êxodo começou com uma tentativa de genocídio, e era apenas justo que Deus julgasse os egípcios por sua intenção assassina. O clamor dos egípcios era um castigo justo pela maneira como eles haviam feito os israelitas gemerem durante mais de 400 anos. Em ambos os casos, a Bíblia usa a mesma palavra para descrever seu lamento (compare 3.7 com 11.6). Segundo a perfeita justiça de Deus, era a vez de o Egito clamar em angústia.

A última praga foi justa também porque as pessoas oprimidas pelo Faraó eram os filhos de Deus. Quando Deus revelou pela primeira vez seu plano de afligir os egípcios, ele instruiu Moisés a dizer a Faraó: “Dirás a Faraó: Assim diz o Senhor: Israel é meu filho, meu primogênito. Digo-te, pois: deixa ir meu filho, para que me sirva; mas, se recusares deixá-lo ir, eis que eu matarei teu filho, teu primogênito” (4.22-23). O que Deus fez a Faraó foi uma reação direta ao que o Faraó havia feito a ele.

Mas a justiça de Deus vai mais longe. Os egípcios mereciam morrer porque eram pecadores por natureza, e a morte sempre foi o salário do pecado. Cada um dos filhos do Egito havia nascido em pecado. Como qualquer outra pessoa, os egípcios pecaram em Adão e, assim, herdaram dele uma natureza pecaminosa. Então aumentaram sua culpa, cometendo muitos pecados por conta própria: adorando ídolos, oprimindo seus escravos, etc. Deus teria sido justo se tivesse matado todos eles.

A Bíblia ensina que é isso que todos merecem. Somos todos pecadores, e a punição correta para o pecado é a morte: “Assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Rm 5.12). Assim, quando Deus decide tirar uma vida como decidiu tirar a vida dos primogênitos do Egito, ele sempre tem o direito de fazê-lo. Na verdade, dada a penalidade de Deus contra o nosso pecado, a pergunta não é se morreremos, mas quando.

Tampouco podemos acusar Deus de não ter alertado suficientemente os egípcios. Eles sabiam que estavam prestes a morrer. Primeiro, Deus lhes enviou uma série de pragas terríveis – nove ao todo! – para convencê-los de seu poder divino. Por fim, ele anunciou a praga mais mortal de todas. Nas palavras de um antigo hino, ele disse: “Deixa ir o meu povo; caso contrário esmagarei teus primogênitos,

deixa ir o meu povo". Mesmo assim, eles se recusaram a se arrepender. Faraó sabia que seu destino estava se aproximando rapidamente, mesmo assim não deu ouvidos ao alerta de Deus.

A lição é óbvia: Quando a morte está a caminho – e, com a morte, o julgamento pelo pecado – é absolutamente necessário acertar as contas com Deus. Como escreveu um poeta anônimo:

Antes da viagem que espera todos nós

Nenhum homem se torna tão sábio a ponto de

Não precisar refletir, antes de partir daqui,

Sobre o tipo de julgamento que sua alma receberá

Após a sua morte, seja do mal ou do bem.

Essa é uma realidade que todos precisam encarar, pois cada ser humano se encontra sob a sentença de morte que herdou do pecado de Adão. A Bíblia afirma que "aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo" (Hb 9.27).

Os seres humanos têm várias maneiras básicas de lidar com a morte e sua inevitabilidade. O niilista desiste de tudo. Ele diz: "Não tenho nada pelo que possa viver, portanto, posso muito bem destruir a mim mesmo." O hedonista tenta se distrair para que não precise pensar sobre a morte e a eternidade. "Comamos, bebamos e sejamos alegres", diz ele, "pois amanhã morreremos." O moralista tenta viver a melhor vida possível, esperando que, talvez, Deus o aceite no fim. Diz: "Tentei ser uma pessoa boa. Que mais Deus pode querer de mim?".

O que a maioria das pessoas se recusa a fazer é a única coisa que Deus exige, e essa coisa é arrepender-se do pecado. Isso é um erro mortal. O pecado nos mantém afastados de Deus e, no fim, isso nos condenará ao inferno, a não ser que nos arrependamos. Encontramos uma profecia assustadora sobre isso no

livro de Apocalipse, que contém muitos ecos de Êxodo. As pragas virão novamente: úlceras, sangue, escuridão, rãs, granizo e morte (Ap 16.1-21). O que as pessoas devem fazer quando enfrentarem o juízo divino é se arrepender de seus pecados e encontrar segurança na misericórdia de Deus. Infelizmente, porém, a Bíblia diz como as pessoas "blasfemaram o nome de Deus, que tem autoridade sobre estes flagelos, e nem se arrependeram para lhe darem glória" (Ap 16.9).

Como exemplo, contemple o destino de Timothy McVeigh, o terrorista que foi condenado à morte após, em 1995, ter explodido o prédio Alfred P. Murrah, uma instalação federal em Oklahoma City. McVeigh permaneceu insolente até o fim. Pouco antes de sua execução, em 11 de junho de 2001, ele disse: "Se for para o inferno, estarei na companhia de muitos". Seu último pronunciamento foi uma citação do poema "Invictus", de William Ernest Henley (1849-1903), que diz:

Não importa quão estreito seja o portão,

Quão carregado de punições esteja o rolo:

Eu sou o mestre do meu destino:

Eu sou o capitão da minha alma.

McVeigh foi tão tolo quanto Faraó. Ambos foram alertados em relação ao seu destino mortal, mas mesmo assim se recusaram a se curvar sob a autoridade de Deus e, assim, foram derrubados pela justiça de Deus.

Saqueando os egípcios

Existe uma maneira melhor de encarar a morte, a saber, clamar a Deus, que concede misericórdia aos pecadores que se arrependem. Esta é outra perfeição manifestada na última das pragas: a misericórdia de Deus.

A morte dos primogênitos teve o propósito misericordioso de libertar Israel do

Egito: “Disse o Senhor a Moisés: Ainda mais uma praga trarei sobre Faraó e sobre o Egito. Então, vos deixará ir daqui; quando vos deixar, é certo que vos expulsará totalmente” (11.1). Foi, portanto, a praga mais mortal que, finalmente, permitiu que os israelitas escapassem com todos os seus pertences. O ato de justiça de Deus contra Faraó demonstrou ao mesmo tempo sua misericórdia pelo povo de Israel. O salmista estabeleceu esse vínculo quando escreveu: “Rendei graças ao Senhor, porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre [...] àquele que feriu o Egito nos seus primogênitos, porque a sua misericórdia dura para sempre” (Sl 136.1,10).

Como manifestação adicional de sua misericórdia, Deus permitiu que os israelitas saqueassem os egípcios. Ele disse a Moisés: “Fala, agora, aos ouvidos do povo que todo homem peça ao seu vizinho, e toda mulher, à sua vizinha objetos de prata e de ouro” (11.2; cf. 3.21-22). Então a Bíblia acrescenta este comentário como explicação: “E o Senhor fez que o seu povo encontrasse favor da parte dos egípcios; também o homem Moisés era mui famoso na terra do Egito, aos olhos dos oficiais de Faraó e aos olhos do povo” (11.3).

Aparentemente, alguns egípcios haviam começado a temer a Deus. Seu respeito pelo profeta Moisés crescia, o qual eles tinham em alta estima. Estavam vindo a ter uma visão favorável do povo eleito de Deus. Traduzindo literalmente, Deus deu graça aos israelitas aos olhos dos egípcios. Em breve, até mesmo viriam a apoiar o êxodo. Moisés disse a Faraó: “Então, todos estes teus oficiais descerão a mim e se inclinarão perante mim, dizendo: Sai tu e todo o povo que te segue. E, depois disto, sairei” (11.8). No fim, os egípcios praticamente implorariam que os israelitas partissem, basicamente, porque queriam escapar do julgamento de Deus. Quanto antes os israelitas sumissem, melhor. Os egípcios garantiriam até que eles não partissem de mãos vazias. Dariam a eles as suas joias e outros itens valiosos – qualquer coisa para se livrarem daquelas pragas!

Alguns comentaristas têm se perguntado se foi moralmente correto saquear os egípcios. Alguns os acusaram de furto, de emprestar sem devolver. No entanto, a Bíblia nada diz sobre emprestar e jamais promete uma devolução. Isso foi uma oferta voluntária! Os israelitas simplesmente pediram prata e ouro, e os egípcios os entregaram porque, a essa altura, estavam felizes por se livrar do povo de Deus, custasse o que custasse.

Alguns estudiosos também têm tentado explicar o que a prata e o ouro representam. Alguns dizem que era o salário de Israel. Deus queria garantir que

seu povo fosse pago por todo o trabalho que fez no Egito. Outros dizem que foi o preço de redenção, que sempre é exigido para a libertação da escravidão. Ainda outros o veem como uma forma de tributo militar, que Deus fez os egípcios pagarem aos seus conquistadores. Em todo caso, a prata e o ouro foram um sinal de favor divino. Já teria sido o bastante escapar do Egito ileso, mas, em sua misericórdia, Deus providenciou ao seu povo tudo que este necessitava para a sua jornada (mesmo que, como veremos, esse espólio tenha acabado sendo uma bênção mista). Deus faz isso com frequência. Além da salvação espiritual, ele dá ao seu povo também bênçãos materiais que ultrapassam em muito aquilo que ele precisa ou até mesmo pede.

Quando se trata do espólio de Israel, costuma-se ignorar aquilo que esses presentes revelam sobre a condição espiritual do Egito. Em sua misericórdia, Deus estava transformando alguns de seus inimigos em amigos. Muitos dos egípcios haviam começado a acreditar na existência do único Deus verdadeiro. Eles reconheceram seu poder e honraram seu profeta. Reconheceram a importância de tratar o povo de Deus com respeito e generosidade. Estavam fazendo um progresso espiritual – na verdade, um progresso tão grande que, quando os israelitas finalmente partiram, alguns dos egípcios os acompanharam (12.38).

Infelizmente, porém, a maioria dos egípcios permaneceu no Egito. Isso também fazia parte do plano soberano de Deus. Como já havia feito em pragas anteriores, ele discriminou entre seu povo e o povo de Faraó. Enquanto os egípcios choravam sua perda, nenhum filho morreu em Israel. Deus fez isso para que os egípcios soubessem “que o Senhor fez distinção entre os egípcios e os israelitas” (11.7). Ao proteger seu povo de qualquer dano, Deus estava ensinando aos egípcios a doutrina da eleição. Existe uma diferença absoluta entre aqueles que estão dentro e aqueles que estão fora da família de Deus.

Essa distinção é feita pela vontade soberana do Deus Todo-Poderoso. Mesmo assim – e este é um dos grandes mistérios da teologia –, os egípcios eram responsáveis por sua própria decisão de permanecer com seus deuses no Egito. Tragicamente, eles conheceram o Deus de Israel sem jamais entregar sua vida ao seu serviço. O mesmo vale para muitas pessoas que se interessam pelo cristianismo. Gastam seu tempo na igreja e, às vezes, deleitam-se com a leitura da Bíblia. Elas respeitam o pastor e apoiam a obra cristã. Mesmo assim, nunca entregam sua vida a Jesus. É bom familiarizar-se com o cristianismo, mas isso nunca basta para chegar ao céu. O que Deus exige é fé em Jesus Cristo. A

salvação ocorre quando confiamos em sua morte na cruz e em sua ressurreição dentre os mortos. Assim como os egípcios tiveram de sair do Egito, os pecadores precisam sair de sua escravidão ao pecado e vir a Jesus.

Milagre vezes dez

Existem muitas coisas que podemos aprender sobre Deus a partir de seus milagres no Egito. Ele enviou as pragas para demonstrar seu poder, seu ciúme, sua justiça, sua misericórdia e sua soberania. Em uma palavra: Deus fez tudo isso para demonstrar sua glória, que é a soma de todas as suas perfeições. Assim, a história das pragas termina com este resumo: "Então, disse o Senhor a Moisés: Faraó não vos ouvirá, para que as minhas maravilhas se multipliquem na terra do Egito. Moisés e Arão fizeram todas essas maravilhas perante Faraó; mas o Senhor endureceu o coração de Faraó, que não permitiu saíssem da sua terra os filhos de Israel" (11.9-10).

As pragas faziam parte do plano de Deus de revelar sua glória na salvação de seu povo. Até a oposição de Faraó era parte do plano. Toda vez que ele endureceu seu coração, Deus realizou outro milagre a fim de multiplicar as suas maravilhas. Deus fez tudo isso para a sua glória.

O mesmo vale para tudo o que Deus tem feito – tudo foi feito para a sua glória. Por que Deus criou o mundo? Para a sua própria glória: "Os céus proclamam a glória de Deus" (Sl 19.1a). Ele fez os seres humanos pela mesma razão. Deus disse: "Trazei meus filhos de longe e minhas filhas, das extremidades da terra, a todos os que são chamados pelo meu nome, e os que criei para minha glória" (Is 43.6b-7).

Sabendo que cairíamos em pecado, Deus fez um plano para a nossa salvação, e este também servia para a sua glória: "Nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade, a fim de sermos para louvor da sua glória" (Ef 1.11-12). A fim de realizar seu plano salvador, Deus enviou seu Filho ao mundo. Deus, o Filho, veio para glorificar Deus, o Pai, na salvação dos pecadores. Quando sua obra estava quase terminada, ele disse: "Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer" (Jo 17.4).

Agora, a mensagem da salvação em Cristo está se espalhando pelo mundo. Ela não parará até Deus ter declarado “entre as nações a sua glória, entre todos os povos, as suas maravilhas” (Sl 96.3). Então todas as nações lhe darão a glória, dizendo:

Bendito seja o

Senhor

Deus, o Deus de Israel, que só ele opera prodígios. Bendito para sempre o seu glorioso nome, e da sua glória se encha toda a terra. (Sl 72.18-19)

Jonathan Edwards identificou a glória de Deus como “o propósito último das obras de Deus”, “o último fim pelo qual ele criou o mundo”.5 Se isso é verdade – se é verdade que tudo o que Deus fez foi feito para o louvor da sua glória – então também fomos feitos para glorificar a Deus. Na face da morte e em vista da misericórdia de Deus, a única maneira satisfatória de viver é viver para a glória de Deus.

Notas

1 Fleming James, Personalities of the Old Testament (Nova York: Scribners, 1939), p. 14.

2 Nahum Sarna, citado em Colin J. Humphreys, The Miracles of Exodus: A Scientist's Discovery of the Extraordinary Natural Causes of the Biblical Stories (Nova York: HarperCollins, 2003), p. 137.

3 Maya Müller, "Afterlife", Robert E. Shillenn e Jane McGary (trads.), The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt, Donald B. Redford (org.), vol. 1 (Oxford, UK: Oxford University Press, 2001), p. 32.

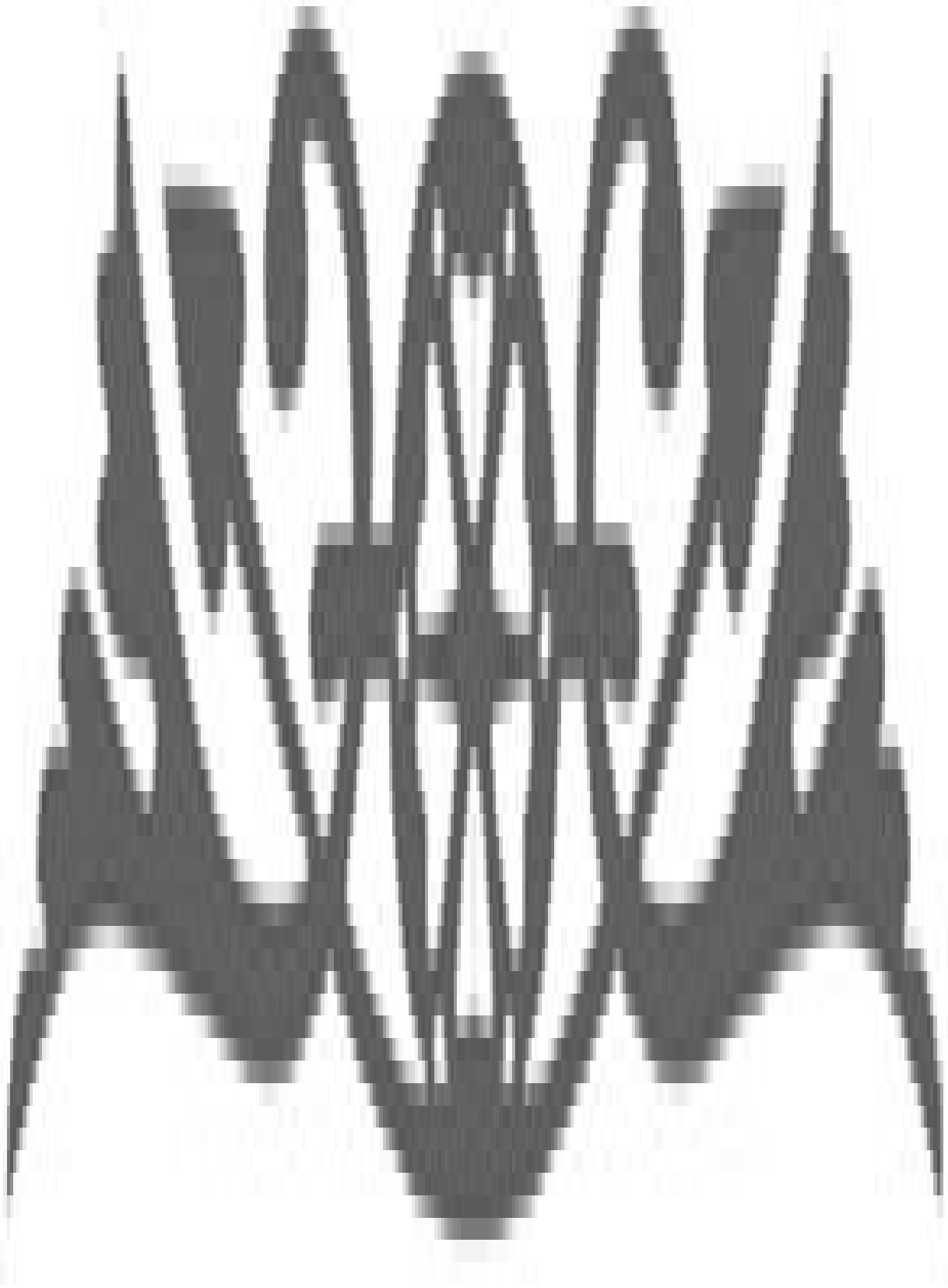
4 Umberto Cassuto, A Commentary on the Book of Exodus, Israel Abrahams (trad.) (Jerusalém: Magnes, 1967), p. 133.

5 Jonathan Edwards, The End for Which God Created the World, citado em John Piper, God's Passion for His Glory: Living the Vision of Jonathan Edwards (Wheaton, Il.: Crossway, 1998), p. 124.

28

A primeira Páscoa

Êxodo 12.1-13



Não é difícil entender por que Deus afligiu os egípcios com pragas. Seu rei era um tirano cruel que tentou destruir o povo de Deus. Faraó não o deixaria ir, preferindo mantê-lo escravizado no Egito. E, ao recusar-se deixá-lo ir, ele estava impedindo o povo de Deus de dar glória a Deus como Deus queria. Portanto, Deus estava no direito de punir os egípcios com insetos e anfíbios, doença e escuridão.

Ao enviar praga após praga – nove ao todo –, Deus estava demonstrando seu poder sobre a criação. O que os egípcios deveriam ter feito em reação a elas era arrepender-se de seus pecados e unir-se a Moisés em seu louvor ao único Deus verdadeiro. No entanto, quanto mais o Faraó sofria, mais seu coração se endurecia, porque seu coração estava dedicado ao serviço a outros deuses. Assim, um por um, Deus derrotou os deuses e as deusas do Egito. A praga do sangue derrotou os deuses fluviais do Nilo, os gafanhotos derrotaram os deuses campestres da ceifa, a escuridão derrotou os deuses do sol e do céu, e assim por diante.

Mesmo assim, Faraó se recusou a deixar ir o povo de Deus. Finalmente, Deus enviou a décima e mais mortal de todas as pragas: a morte dos primogênitos. Esta era uma batalha dos deuses, uma luta entre deidades, e Deus estava determinado a vencer. Ele disse a Moisés: “Naquela noite, passarei pela terra do Egito e ferirei na terra do Egito todos os primogênitos, desde os homens até aos animais; executarei juízo sobre todos os deuses do Egito. Eu sou o Senhor” (12.12; cf. Nm 33.4). Com essa última praga, Deus alcançou seu objetivo – i.e., demonstrar seu senhorio sobre os egípcios derrotando todos os seus deuses juntamente com os poderes demoníacos que eles representavam. Com um único golpe fatal, Deus conquistou a vitória sobre os deuses do Egito e, ao fazê-lo, deu aos egípcios o que eles mereciam. A última praga foi um ato glorioso de sua justiça soberana.

Um filósofo egípcio escreveu: “Virá um dia em que o mundo verá que os egípcios honraram a divindade em vão com piedade sincera e serviço assíduo, e toda a nossa adoração sagrada se revelará como inútil e ineficaz [...] Ó Egito, da tua religião nada sobrará senão um conto vazio, no qual teus próprios filhos futuros não acreditarão; nada restará senão palavras esculpidas, e apenas as pedras falarão de tua piedade”.1 Apesar de estas palavras terem sido escritas após o tempo de Cristo, elas servem também como um comentário adequado

sobre o êxodo, quando Deus julgou os egípcios e seus deuses.

O salário do pecado

O que Deus fez com os egípcios não foi nenhuma surpresa, mas o que talvez surpreenda é a maneira como ele tratou seu povo de Israel. Como os egípcios, os israelitas também se encontravam sob uma sentença de morte. Na mesma noite em que ele trouxe a morte para cada casa no Egito ele visitou também o lar de cada israelita (12.13,23) com o propósito de matar seus filhos primogênitos. Em sua misericórdia, porém, Deus forneceu ao seu povo uma maneira de escapar da sua ira. Primeiro, porém, precisamos avaliar o fato de que "o Destruidor", como Deus o chama (12.23), reivindicava o direito de abater os filhos de Israel.

Os israelitas devem ter ficado chocados quando souberam que sua vida estava em perigo. Todas as pragas anteriores não haviam afetado os israelitas, pois Deus havia feito uma distinção entre seu povo e o povo de Faraó. Enquanto o caos envolvia seus opressores, os israelitas haviam assistido a tudo em segurança em Gósen. Disso, eles aprenderam que eram o povo especial de Deus. Isso pode ter levado os israelitas a pensar que eram mais justos do que os egípcios, até mesmo que eles eram incapazes de errar. Mas a verdade era que eles mereciam morrer tanto quanto os seus inimigos. Sim, se Deus não tivesse fornecido um meio para a sua salvação, eles teriam sofrido a perda de cada um de seus filhos primogênitos. Os israelitas eram tão culpados quanto os egípcios e, com a praga final, Deus os instruiu sobre seu pecado e sua salvação.

O povo de Deus havia pecado de várias formas. Uma foi a rejeição da palavra do profeta de Deus. Quando Moisés voltou de sua primeira audiência com Faraó, os israelitas o receberam dizendo: "Olhe o Senhor para vós outros e vos julgue, porquanto nos fizestes odiosos aos olhos de Faraó e diante dos seus servos, dando-lhes a espada na mão para nos matar" (5.21). Nem os egípcios nem os israelitas queriam ouvir a Palavra de Deus. Assim, Alec Motyer escreve que, "quando a ira de Deus é aplicada em sua realidade essencial, ninguém está a salvo. Havia duas nações na terra do Egito, mas ambas resistiam à Palavra de Deus; e, quando Deus vem em julgamento, ninguém escapa".2

Os israelitas também eram culpados de idolatria. Esse pecado não é mencionado especificamente aqui em Êxodo, mas foi lembrado durante muitos dos anos que

se seguiram. Quando os israelitas renovaram a aliança em Siquém, Josué disse: “Deitai fora os deuses aos quais serviram vossos pais dalém do Eufrates e no Egito e servi ao Senhor” (Js 24.14). Não surpreende que, durante seus longos séculos de cativeiro, os israelitas vieram a amar os deuses do Egito. E esse pecado teria dado a Deus todo o direito de afligi-los, até mesmo com a morte de seus filhos primogênitos.

Além de qualquer pecado específico, porém, que possa ter cometido, o povo de Deus consistia de pecadores por natureza. O mero fato de sua humanidade significava que eles participavam da culpa da raça de Adão. A Bíblia ensina que “todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23). A primeira Páscoa demonstrou esse fato implicando Israel no pecado do Egito, mostrando, assim, que “todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado” (Rm 3.9).

A razão pela qual o anjo vingador visitou os israelitas era que eles eram pecadores como os egípcios e que o pecado é um crime capital. A penalidade apropriada para o pecado é a morte, que sempre tem sido “o salário do pecado” (Rm 6.23). Quando Deus colocou Adão no jardim do Éden, ele disse: “Da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2.17). Infelizmente, foi exatamente isso que aconteceu. Assim que nossos primeiros pais comeram do fruto proibido, eles se tornaram mortais e, com eles, todos os seus filhos, até a nossa geração atual. Esse fato parece exigir algum tipo de explicação. Em toda a história da nossa raça, nenhuma geração conseguiu impedir a entrada no túmulo. Por que não? A Bíblia explica assim: “A morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Rm 5.12). A décima praga foi um sinal do julgamento de Deus contra toda a humanidade.

Essa é uma realidade que todo indivíduo precisa encarar. Se todos pecaram, obviamente isso também inclui a nós. E se a morte passou para todas as pessoas, então nós também podemos esperar que morreremos. É simples assim. Jamais reconheceremos nossa necessidade de salvação se não aceitarmos que somos tão culpados quanto qualquer outro e que, por isso, a nossa vida está em falta com Deus.

Uma pessoa que veio a entender isso foi o jogador de baseball da Major League Damion Easley. Easley estava no avião quando ouviu alguns de seus colegas do time dos Angels falando sobre Deus. Estavam sentados várias fileiras atrás dele, e ele ouviu quando um deles perguntou: “Se este avião caísse neste momento,

você iria para o céu?”. Easley se sentiu incomodado porque ele não tinha certeza. Por isso, foi lá para trás e se sentou atrás de seus colegas, esperando obter alguma resposta. Mas ele não conseguiu entender sobre o que eles estavam falando, por isso, começou a fazer mais perguntas: “Que negócio é esse a respeito de Deus? Do que se trata?”. Quando o avião pousou, Easley já havia entregado sua vida a Jesus Cristo.3 Tudo começou com o reconhecimento de que, como Israel no Egito, ele se encontrava sob a sentença de morte por causa de seus pecados.

O Cordeiro de Deus

Em sua grande misericórdia, Deus ofereceu ao seu povo uma maneira de ficarem a salvo. A razão pela qual ele visitou seus lares não foi para destruí-los, mas para instruí-los sobre a salvação. Como os egípcios, os israelitas também mereciam o juízo divino; mas, diferentemente dos egípcios, eles seriam salvos pela graça por meio da fé.

O que o povo de Deus precisava era expiação, que Deus forneceu na forma de um cordeiro – um cordeiro oferecido como sacrifício pelo pecado. Primeiro ele lhes deu instruções cuidadosas sobre como escolher, cuidar e matar o cordeiro:

Disse o

Senhor

a Moisés e a Arão na terra do Egito: Este mês vos será o principal dos meses; será o primeiro mês do ano. Falai a toda a congregação de Israel, dizendo: Aos dez deste mês, cada um tomará para si um cordeiro, segundo a casa dos pais, um cordeiro para cada família. Mas, se a família for pequena para um cordeiro, então, convidará ele o seu vizinho mais próximo, conforme o número das almas; conforme o que cada um puder comer, por aí calculareis quantos bastem para o cordeiro. O cordeiro será sem defeito, macho de um ano; podereis tomar um cordeiro ou um cabrito; e o guardareis até ao décimo quarto dia deste mês, e todo o ajuntamento da congregação de Israel o imolará no crepúsculo da tarde. (12.1-6)

Cada casa deveria escolher seu próprio cordeiro, mais especificamente um cordeiro de um ano de idade. Precisava ser perfeito. O cordeiro serviria como sacrifício pelo pecado, e o único sacrifício aceitável a Deus é um sacrifício perfeito; por isso, o cordeiro precisava ser puro e sem mancha, íntegro e são. Como Moisés advertiu os israelitas mais tarde: “Porém todo o que tiver defeito, esse não oferecereis; porque não seria aceito a vosso favor. Quando alguém oferecer sacrifício pacífico [...] do gado ou do rebanho, o animal deve ser sem defeito para ser aceitável; nele, não haverá defeito nenhum. O cego, ou aleijado, ou mutilado, ou ulceroso, ou sarnoso, ou cheio de impigens, não os oferecereis ao Senhor e deles não poreis oferta queimada ao Senhor sobre o altar” (Lv 22.20-22a). Por Deus ser santo, o único sacrifício que lhe agrada é o melhor que temos a oferecer.

Depois disso, Deus explicou o que deveriam fazer com o cordeiro após seu abate:

Tomarão do sangue e o porão em ambas as ombreiras e na verga da porta, nas casas em que o comerem; naquela noite, comerão a carne assada no fogo; com pães asmos e ervas amargas a comerão. Não comereis do animal nada cru, nem cozido em água, porém assado ao fogo: a cabeça, as pernas e a fressura. Nada deixareis dele até pela manhã; o que, porém, ficar até pela manhã, queimá-lo-eis. Desta maneira o comereis: lombos cingidos, sandálias nos pés e cajado na mão; comê-lo-eis à pressa; é a Páscoa do

Senhor.

(12.7-11)

Essa refeição deveria servir como lembrete anual daquilo que os israelitas haviam sofrido no Egito. As ervas amargas os lembrariam de como os egípcios “fizeram amargar a vida com dura servidão, em barro, e em tijolos, e com todo o trabalho no campo” (1.14). O pão sem fermento os lembraria de como tiveram de fugir às pressas. Comeram a primeira Páscoa de pé, prontos para sair do Egito a qualquer momento. E não haveria restos. Uma vez assado, todo o cordeiro

deveria ser consumido. A Bíblia não explica por que, mas supostamente era sagrado demais para que fosse usado para qualquer outro propósito. Talvez o consumo do cordeiro apontasse também para a vinda de Cristo, pois Jesus disse: “Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos” (Jo 6.53).

Todos esses detalhes são importantes, mas a coisa mais importante foi o abate do cordeiro. Quando Deus visse seu sangue nas ombreiras e na verga da porta, a morte passaria por ela, e o primogênito seria salvo. O que Deus exigiu em troca da salvação foi a oferta de um cordeiro. E é isso que ele sempre tem exigido. Deus exigiu um cordeiro nos dias de Adão e Eva. As Escrituras dizem: “Aconteceu que no fim de uns tempos trouxe Caim do fruto da terra uma oferta ao Senhor. Abel, por sua vez, trouxe das primícias do seu rebanho e da gordura deste. Agradou-se o Senhor de Abel e de sua oferta; ao passo que de Caim e de sua oferta não se agradou” (Gn 4.3-5). Abel foi aquele que trouxe o cordeiro, e apenas seu sacrifício foi aceito: Deus exigia um cordeiro.

Na salvação, Deus dá o que exige. Assim, ao longo da história da redenção, Deus sempre tem providenciado um cordeiro ou outro animal sacrificial para salvar seu povo. Ele providenciou um cordeiro nos dias de Abraão. Deus ordenou que Abraão subisse e sacrificasse seu único filho, Isaque, como holocausto. Quando os dois subiram na montanha, Isaque – que, obviamente, não era tolo – percebeu que algo estava faltando. “Meu pai”, ele disse, “eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?” (Gn 22.7). Isaque sabia o que Deus exigia. Abraão também sabia, e sua resposta fiel explicou o plano da salvação. Abraão disse: “Deus proverá para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto” (Gn 22.8). E foi exatamente isso que aconteceu. Quando Abraão levantou a faca para matar seu filho, ele foi interrompido por um anjo, que disse: “Não estendas a mão sobre o rapaz e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho” (Gn 22.12). Então Deus forneceu um cordeiro para ser sacrificado no lugar do filho: “Tendo Abraão erguido os olhos, viu atrás de si um carneiro preso pelos chifres entre os arbustos; tomou Abraão o carneiro e o ofereceu em holocausto, em lugar de seu filho” (Gn 22.13). Deus providenciou o que Deus pediu: um cordeiro para morrer no lugar do filho primogênito de Abraão.

A cada ano, Deus providenciava um cordeiro ou sacrifício similar para Israel. No Dia da Expiação, o sumo sacerdote trazia um animal para a presença de Deus e o

sacrificava como sacrifício pelo pecado. Estas eram suas instruções: “Depois, imolará o bode da oferta pelo pecado, que será para o povo, e trará o seu sangue para dentro do véu [...] aspergi-lo-á no propiciatório e também diante dele. Assim, fará expiação [...] por causa das impurezas dos filhos de Israel, e das suas transgressões, e de todos os seus pecados” (Lv 16.15-16a). Deus providenciou o que exigiu: um sacrifício substituto para morrer por seu povo.

Existe uma progressão óbvia aqui, pois o cordeiro passa a servir como representante de grupos de pessoas cada vez maiores. No princípio, Deus providenciou um cordeiro para uma pessoa. Assim, Abraão ofereceu um carneiro no lugar de seu filho, Isaque. Depois, Deus forneceu um cordeiro para uma casa. Isso aconteceu na primeira Páscoa, quando cada família da comunidade da aliança ofereceu seu próprio cordeiro a Deus. Em seguida, Deus providenciou um sacrifício para toda a nação. No Dia da Expiação, um único animal expiava os pecados de todo o Israel. Finalmente veio o dia em que João Batista “viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (Jo 1.29; cf. Jo 11.50-52). Deus estivera planejando isso desde o início: que um Cordeiro morresse por um mundo. Pela sua graça, ele providenciou um cordeiro – o Cordeiro que foi abatido desde a criação do mundo (Ap 13.8).

A mensagem consistente da Bíblia é que toda pessoa que queira encontrar Deus precisa vir a ele com base no cordeiro que ele providenciou. Todos os outros cordeiros preparavam a vinda de Cristo. Um teólogo os chamaria de tipos. Em outras palavras, os cordeiros eram sinais que apontavam para a salvação em Cristo. Como escreveu o famoso Jonathan Edwards em sua obra A History of the Work of Redemption: “Cristo e sua redenção são o tema de toda a Palavra de Deus”.4 Claramente, isso se aplicava à primeira Páscoa, que, como todo o restante em Êxodo, tratava de Cristo e de sua redenção. Para garantir que não ignoremos o vínculo, o Novo Testamento diz que “Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado” (1Co 5.7b).

Para poder ser o nosso Cordeiro pascal, Jesus teve de cumprir o padrão de perfeição de Deus. Lá atrás durante o êxodo, o Cordeiro pascal tinha de ser fisicamente perfeito. No caso de Jesus, a perfeição que Deus exigiu era de natureza moral: Jesus precisava ser totalmente sem pecado. A Bíblia tem todo o cuidado para mostrar que este realmente foi o caso. Em virtude de seu nascimento virginal, sua natureza estava livre da corrupção do pecado original. Jesus também não cometeu nenhuma transgressão. Pedro disse: “[Ele] não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca” (1Pe 2.22). O livro de

Hebreus diz que “foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Hb 4.15). Até mesmo Pôncio Pilatos disse: “Não acho nele crime algum” (Jo 19.6b). Jesus era moralmente perfeito. Portanto, quando veio a hora de sua morte, ele morreu como vítima inocente – ele “se ofereceu sem mácula a Deus” (Hb 9.14). Hebreus usa as palavras “sem mácula” porque o autor estava pensando no tipo de sacrifício que Deus exigia no Antigo Testamento: um cordeiro perfeito, sem nenhuma mancha ou mácula.

É teologicamente significativo que Jesus foi crucificado justamente na época da festa da Páscoa (veja Jo 13.1; 18.28). Isso nos ajuda a reconhecer o vínculo entre a primeira e a última Páscoa – a Paixão de Cristo. O dia em que Jesus teve sua entrada triunfante em Jerusalém foi o mesmo dia em que os cordeiros pascais foram levados para a cidade, e, quando Jesus celebrou a última ceia com seus discípulos, ele estava celebrando a Páscoa (Mt 26.17). Ele disse: “Isto é o meu corpo [...] isto é o meu sangue” (Mt 26.26-28). Os discípulos não o entenderam na época, mas o que Jesus estava dizendo era: “A Páscoa trata de mim. Eu sou o cordeiro sacrificial.”

Então Cristo foi crucificado. Era o fim da tarde na véspera da Páscoa. Ao escurecer, cordeiros seriam sacrificados em toda casa, segundo a lei de Moisés. Na cidade inteira, os pais estavam se preparando para fazer sua oferta, reunindo sua família e dizendo: “Deus nos providenciou um cordeiro.” No templo, o sumo sacerdote também estava preparando um cordeiro para apresentá-lo como expiação pelo pecado de Israel. E lá estava Jesus, pendurado na cruz, e o sangue sacrificial jorrava de suas mãos e de seu lado. Ele era o Cordeiro de Deus que retira o pecado do mundo.

Nada além do sangue

É preciso mencionar o sangue de Jesus porque os regulamentos pascais exigiam explicitamente um sacrifício de sangue. Isso foi algo que Steven Spielberg aprendeu quando produziu O Príncipe do Egito, um filme baseado na vida de Moisés. No roteiro original, Deus dizia: “Quando eu vir a marca no batente”. No entanto, os líderes religiosos contratados como consultores pelo estúdio cinematográfico objetaram, dizendo que isso não era específico o bastante. Insistiram que a marca precisava ser feita de sangue. Assim, a fala foi mudada para: “Quando eu vir o sangue”.

Sangue jorra em todo o capítulo 12 de Êxodo. Os israelitas receberam a ordem de abater seus cordeiros (12.6) e, evidentemente, não havia maneira de fazer isso sem derramar sangue. Uma vez que o cordeiro havia sido sacrificado, eles deveriam tomar o sangue e pintar com ele o batente da porta. Isso também era absolutamente essencial, pois Deus disse: “O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; quando eu vir o sangue, passarei por vós” (12.13).

Por que o sangue era tão importante? Ele representava o ato de tomar uma vida. Observe que isso era um sinal tanto para os israelitas como para seu Deus. Deus disse: “O sangue vos será por sinal [...] quando eu vir o sangue...” (12.13). O que o sangue significava para os israelitas era que eles tinham um substituto, que um cordeiro havia morrido em seu lugar. Seu pecado era um crime capital. Deus estava vindo em juízo, armado com uma praga mortal. Mas quando eles olhavam para cima e viam o sangue na porta, sabiam que estavam a salvos. Para usar o termo técnico, o sangue do cordeiro era a expiação por seus pecados. Embora o livro de Êxodo não estabeleça uma conexão explícita entre o sangue do cordeiro e o pecado do povo de Deus, essa conexão está claramente implícita. Nas palavras do brilhante teólogo holandês Geerhardus Vos: “Sempre que há abate e a manipulação de sangue há expiação, e ambos estavam presentes na Páscoa”.5

A importância do cordeiro como substituto certamente foi percebida pelo filho primogênito. Uma vez que o cordeiro havia sido escolhido, ele era mantido dentro de casa durante quatro dias, um período durante o qual a família o alimentava, cuidava dele e brincava com ele. Durante esse breve período, a família se identificava com o cordeiro a ponto de quase se tornar parte da família. “Este é nosso cordeiro pascal”, eles diziam. Então ele era abatido, o que era um ato sujo e sangrento. O cabeça do lar segurava o cordeiro em seus braços, puxava sua cabeça para trás e cortava sua garganta. Sangue se espalhava por toda a lã branca e pura do cordeiro. “Por que, papai?”, perguntavam as crianças. Seu pai lhes explicava, então, que o cordeiro era um substituto. O primogênito não teve de morrer porque o cordeiro havia morrido em seu lugar.

Na primeira Páscoa, os israelitas se refugiaram em suas casas, esperando a vinda de Deus em juízo. Naquela noite ele reivindicaria uma vida de cada família no Egito. Por toda a terra, podia-se ouvir o choro de seus inimigos, que estavam lamentando a morte de seus filhos primogênitos. Mas os filhos de Deus foram salvos pelo sangue do cordeiro. A morte os ignorou. A razão pela qual a morte os ignorou foi que eles se encontravam sob o sangue. Quando Deus chegava ao lar de um israelita, ele podia ver o sangue na porta. Quando olhava para ele, era

como se ele dissesse: “Alguém morreu nesta casa. A penalidade foi executada”. Para usar o termo técnico, o sangue era uma propiciação – ele desviava a ira de Deus. O batente colocava sangue entre Deus e o pecador. Quando o povo elevava seus olhos, via que tinha uma expiação – uma cobertura para seus pecados. Quando Deus olhava para baixo, via que eles haviam feito propiciação, e assim sua ira era afastada.

Ao longo dos séculos, esse sacrifício foi repetido milhões de vezes. Para dar apenas um exemplo, quando o rei Josias celebrou a Páscoa, ele abateu mais de 37 mil cordeiros (2Cr 35). Imagine todas essas ovelhas e todo esse sangue! Segundo Josefo, um historiador da Antiguidade, várias centenas de milhares de cordeiros eram arrebanhadas pelas ruas de Jerusalém a cada Páscoa.6 No entanto, nem mesmo o sangue de todos esses animais conseguiu expiar o pecado. Em Hebreus, lemos que “é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados” (Hb 10.4). Foi necessário um sacrifício mais eficaz, a oferta de um sangue mais precioso.

Foi necessário o sangue de Jesus, nosso Cordeiro pascal. E é aqui que algumas pessoas começam a se sentir desconfortáveis, inclusive muitos teólogos contemporâneos. Gostam de falar sobre Jesus como Salvador e Mestre, mas preferem não falar sobre seu sangue. Charles Spurgeon reagiu a essa postura quando escreveu:

Não subscrevemos a teologia frouxa que ensina que o Senhor Jesus fez isso ou aquilo que, de alguma forma, é, em alguma medida, vinculado à salvação dos homens [...] Cremos firmemente [...] na doutrina da morte expiatória do nosso grande Substituto [...] Defendemos a substituição literal de Jesus Cristo no lugar de seu povo e sua perseverança real no sofrimento e na morte em seu lugar e não nos afastaremos nem mesmo um milímetro desse fundamento definitivo. Nem mesmo a expressão “o sangue”, diante da qual recuamos com a afetação de grande delicadeza, deixaremos de usar, por mais que alguém possa ofender-se com ela, pois ela expressa essa verdade fundamental, que é o poder de Deus para a salvação. Vivemos sob o sinal do sangue e nos regozijamos que Jesus tenha derramado por nós a sua alma na morte.7

Cremos na doutrina da expiação substitutiva: Jesus derramou seu próprio sangue por nossos pecados. O Novo Testamento é muito claro em relação a isso. Quando explica o significado da crucificação, ele sempre chama atenção para o sangue de Jesus: “[Fomos] justificados pelo seu sangue” (Rm 5.9). “[Nele] temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados” (Ef 1.7). “Jesus, para santificar o povo, pelo seu próprio sangue, sofreu” (Hb 13.12). “Fostes resgatados [...] pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula” (1Pe 1.18-19). “O sangue de Jesus [...] nos purifica de todo pecado” (1Jo 1.7).

A razão pela qual falamos tanto sobre sangue é muito simples: “Sem derramamento de sangue, não há remissão” (Hb 9.22; cf. Lv 17.11). Portanto, para sermos salvos da morte, precisamos do sangue de um substituto perfeito que se interponha entre o nosso pecado e a santidade de Deus. O sinal de que temos um substituto é o sangue de Cristo. Quando olhamos para a cruz, vemos que foi feito o pagamento pelo nosso pecado. E o que Deus vê quando olha para a cruz? Ele vê que ela está manchada com o sangue de seu próprio Filho primogênito. Deus não tem um substituto que possa oferecer no lugar de seu Filho; seu Filho é o substituto! E, quando Deus vê o sangue de seu Filho, ele diz: “Isso me basta. Minha justiça foi satisfeita. O preço pelo pecado foi pago. A morte passará por você, e você estará a salvo para sempre”.

O sangue na cruz tem o poder de salvar porque é o sangue de Jesus, que é o próprio Filho de Deus. Não existe sangue mais precioso do que este em todo o universo. Diferentemente do sangue até mesmo do cordeiro pascal mais perfeito, ele tem valor infinito. Assim, a Bíblia diz que Jesus entrou no Santo dos Santos “não por meio de sangue de bodes e de bezerros, mas pelo seu próprio sangue [...] tendo obtido eterna redenção [...] muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo” (Hb 9.12,14).

A única maneira de sermos salvos do pecado e libertos da morte é por meio de Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus. Deus chama todos para confiarem em seu sangue. E foi isso que os israelitas fizeram na primeira Páscoa: Eles confiaram no sangue. Colocar sangue nos batentes foi um ato de fé. Para serem libertos da morte, eles precisaram crer na Palavra de Deus, e isso significava fazer o que Moisés lhes disse. Foi pela fé que cada família escolheu um cordeiro perfeito, foi pela fé que eles tiraram sua vida e o assaram com ervas amargas e foi pela fé que eles aspergiram seu sangue na porta. O sangue era uma confissão pública de sua

fé, um sinal de que eles confiavam na eficácia expiatória do cordeiro sacrificial. Assim, foram salvos pela graça por meio da fé. Deus providenciou o cordeiro – isso é graça –, mas os israelitas tiveram de confiar no cordeiro, que é onde a fé entra em jogo. “Pela fé”, dizem as Escrituras, “[Moisés] celebrou a Páscoa e o derramamento do sangue, para que o exterminador não tocasse nos primogênitos dos israelitas” (Hb 11.28).

Se você estivesse presente na primeira Páscoa, você teria sacrificado um cordeiro? É claro que sim! Então você confiará no sangue que Jesus derramou na curz? A Bíblia diz que “Deus propôs [Jesus], no seu sangue, como propiciação, mediante a fé” (Rm 3.25a). Deus providenciou o Cordeiro que retira os pecados do mundo, e todos que confiam em seu sangue serão salvos.

Notas

1 Dos Escritos Herméticos, atribuídos a Hermes Trismegistus e citados em Barbara Mertz, Red Land, Black Land (Nova York: Dell, 1966), p. 251.

2 J. A. Motyer, “Old Testament Covenant Theology” (palestra, Theological Students Fellowship, Londres, 1973), p. 13.

3 David Smale, “Along for the Ride”, Sharing the Victory 19, nº 2 (outubro de 2000), p. 19-21.

4 Jonathan Edwards, A History of the Work of Redemption, John F. Wilson (org.), em The Works of Jonathan Edwards, vol. 9 (New Haven, CT: Yale University Press, 1989), s.l.

5 Geerhardus Vos, Biblical Theology (Grand Rapids: Eerdmans, 1948), p. 120.

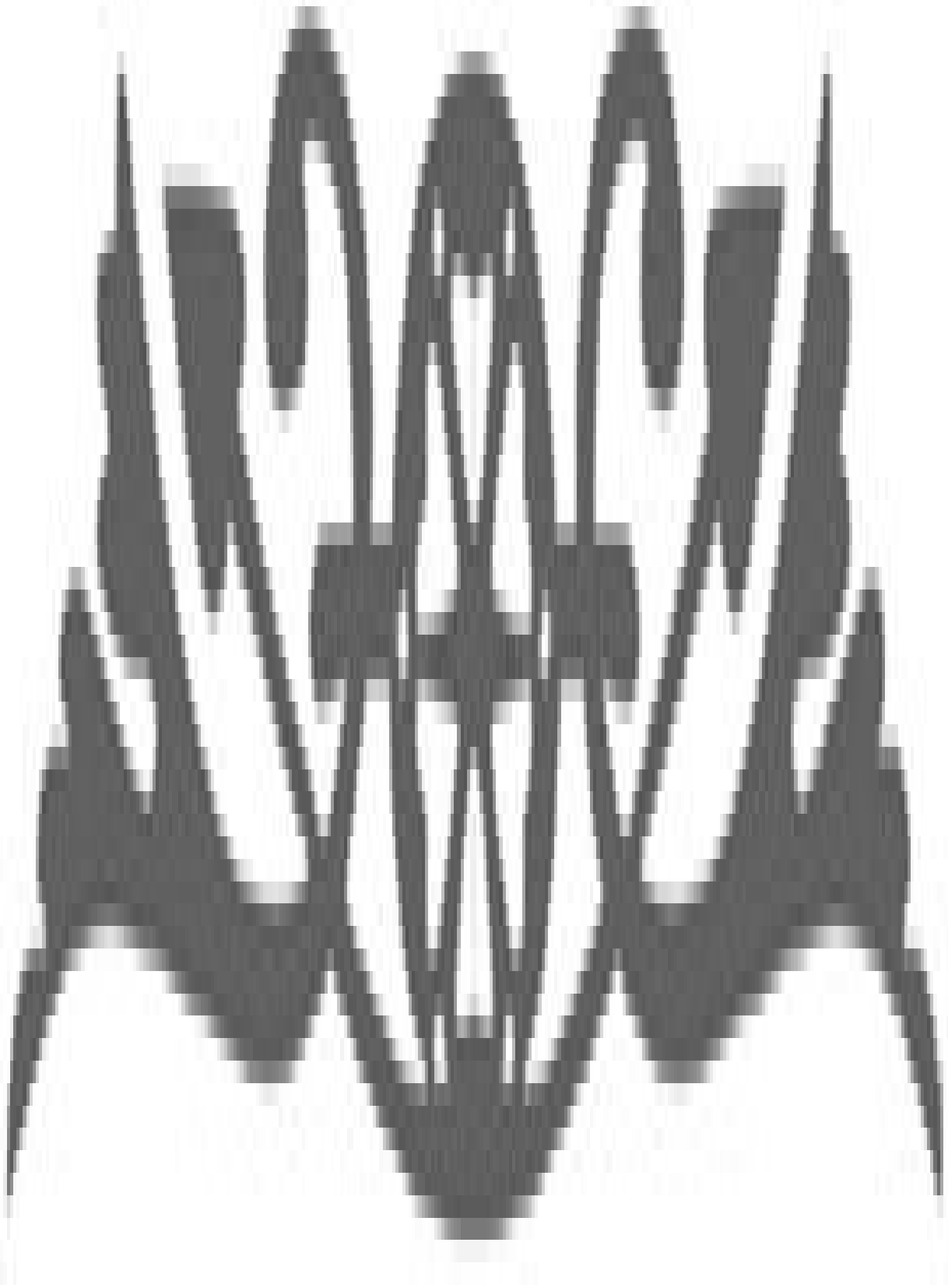
6 Flávio Josefo, The Wars of the Jews, 6.9.3, em The Works of Josephus, William Whiston (trad.) (Peabody, MA: Hendrickson, 1987), p. 749.

7 Charles H. Spurgeon, “The Sacred Love Token”, The Metropolitan Tabernacle Pulpit 21, nº 1.251 (Pasadena, TX: Pilgrim, 1971), p. 483-84.

29

Um banquete memorável

Êxodo 12.14-28



O historiador da igreja Clair Davis descreve a vida cristã como “combinação de amnésia e déjà vu”. Ele diz: “Sei que já esqueci isso antes”.1 Em outras palavras, quando seguimos a Cristo continuamos precisando aprender as mesmas lições sempre de novo porque nos esquecemos constantemente delas. E sempre que isso acontece nos lembramos repentinamente que já tivemos que reaprender essas mesmas lições em outras ocasiões.

Por exemplo: entramos na presença de Deus pela primeira vez confessando que não somos capazes de salvar a nós mesmos – apenas Jesus pode salvar-nos e apenas por meio de sua cruz. No entanto, quando seguimos a Deus, tentamos às vezes servi-lo com nossas próprias forças. Sofremos um tipo de amnésia espiritual, esquecendo-nos de que é apenas pela graça de Deus que podemos fazer qualquer coisa boa. E, quando nos esquecemos disso, fracassamos. Mas então, Deus, em sua misericórdia, nos lembra de que podemos tudo pela força de sua graça. De repente, lembramo-nos de que isso já aconteceu. Dizemos: “Ah!, sim, agora me lembro! Não consigo fazer isso por conta própria. Apenas Jesus pode me salvar”. Assim, às vezes, a vida cristã é uma combinação de amnésia e déjà vu, em que aprendemos novamente aquilo do que nos esquecemos continuamente.

É por causa do nosso esquecimento que Deus nos ordena com tanta frequência a lembrar: “Lembrai-vos do Senhor, grande e temível” (Ne 4.14). “Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade” (Ec 12.1). “Lembrai-vos [...] que eu sou Deus, e não há outro” (Is 46.9). “Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos” (2Tm 2.8).

Entre todas as coisas das quais Deus queria que Israel se lembrasse, seu êxodo do Egito era a mais importante. O Senhor Deus enviou praga após praga contra os egípcios, culminando com a morte de seus primogênitos, até, finalmente, Faraó concordar em deixar ir o povo de Deus. Foi um resgate memorável. Então, Moisés disse: “Te lembrarás que foste servo na terra do Egito e que o Senhor, teu Deus, te tirou dali com mão poderosa e braço estendido” (Dt 5.15). Mais tarde, salmos inteiros seriam escritos com o simples propósito de lembrar aos israelitas como Deus os libertara da escravidão (Sl 78; 106). O salmista escreveu: “Lembrai-vos das maravilhas que [Deus] fez, dos seus prodígios e dos juízos de seus lábios” (Sl 105.5; 1Cr 16.12).

Uma ordenação duradoura

Para garantir que seu povo jamais se esquecesse de sua salvação, Deus lhe deu uma ajuda especial: a Páscoa, ou a Festa dos Pães Asmos. Essa festa deveria ser uma celebração anual. Deus disse a Moisés três vezes que queria que a Páscoa se tornasse um acréscimo permanente ao calendário de Israel: “Este dia vos será por memorial, e o celebrareis como solenidade ao Senhor; nas vossas gerações o celebrareis por estatuto perpétuo” (12.14); “guardareis este dia nas vossas gerações por estatuto perpétuo” (12.17b); “Guardai, pois, isto por estatuto para vós outros e para vossos filhos, para sempre” (12.24).

Os israelitas celebraram sua primeira Páscoa no Egito. Continuaram a celebrá-la durante os 40 anos que passaram vagando pelo deserto (Nm 9.1-5). Quando entraram na Terra Prometida, continuaram observando a festa, pois Deus disse: “E, uma vez dentro na terra que o Senhor vos dará, como tem dito, observai este rito” (12.25). E, assim que Josué atravessou o rio Jordão com os israelitas, ele celebrou a Páscoa em sua nova pátria (Js 5.10-11).

A Páscoa era uma festa memorável. Era um lembrete anual da graça salvadora de Deus, que comemorava e celebrava a libertação de Israel da escravidão no Egito. Evidentemente, o êxodo não era repetido, mas era encenado simbolicamente com pão e sangue. O banquete que o povo de Deus compartilhava era algo que eles podiam ver, degustar, tocar e cheirar. Ao reviver sua fuga do Egito, eles preservavam a mensagem da salvação em sua memória coletiva. A Páscoa lhes foi dada para que gerações futuras conhecessem a salvação de seu Deus.

Em Êxodo 12, as instruções para a Páscoa são dadas duas vezes, separadas por instruções para a Festa dos Pães Asmos. Os versículos 1-13 dizem respeito à seleção e ao abate do cordeiro perfeito. Após o abate do cordeiro, seu sangue era borrifado no batente. O sangue era um sinal de que um sacrifício havia sido feito pelo pecado, protegendo, assim, os filhos primogênitos de Israel do anjo da morte. Finalmente, o cordeiro era assado e comido com ervas amargas e pão sem fermento. Nos versículos 21-23, essas instruções são repetidas de forma um pouco diferente:

Chamou, pois, Moisés todos os anciãos de Israel e lhes disse: Escolhei, e tomai cordeiros segundo as vossas famílias, e imolai a Páscoa. Tomai um molho de hissopo, molhai-o no sangue que estiver na bacia e marcai a verga da porta e suas ombreiras com o sangue que estiver na bacia; nenhum de vós saia da porta da sua casa até pela manhã. Porque o

Senhor

passará para ferir os egípcios; quando vir, porém, o sangue na verga da porta e em ambas as ombreiras, passará o

Senhor

aquela porta e não permitirá ao Destruidor que entre em vossas casas, para vos ferir.

Antes disso, encontramos um conjunto de regulamentações para a Festa dos Pães Asmos (12.14-20), que era celebrada durante a semana que seguia à Páscoa. A forma de como esse capítulo é organizado tem levado alguns estudiosos a concluir que a Páscoa e a Festa dos Pães Asmos eram duas celebrações separadas. Alguns chegam até a argumentar que, originalmente, nenhuma das festas tinha qualquer vínculo com o êxodo. O sacrifício de animais, dizem eles, era um antigo ritual beduíno. A Páscoa era, portanto, um resquício dos dias de caminhada de Israel. E já que a Festa dos Pães Asmos era associada ao cultivo de grãos, ela deve ter surgido mais tarde, quando os israelitas se assentaram na Terra Prometida. Um dos comentaristas escreve: “Assim como a Páscoa apresenta vínculos com um sacrifício de animais de rebanho que a antecede, o ritual de comer pão sem fermento também foi praticado inicialmente num contexto que nada tinha a ver com o êxodo”.2

A razão pela qual menciono esse argumento acadêmico é para defender a historicidade do êxodo e, assim, a veracidade da Bíblia. Não existem evidências de que os israelitas teriam emprestado a Páscoa ou a Festa dos Pães Asmos de outros povos. Evidentemente, muitas culturas antigas sacrificavam animais, e todas elas comiam pão, mas nenhuma delas celebrava esses rituais específicos. Tampouco existe qualquer motivo para duvidar que a Festa dos Pães Asmos remonta ao Egito. A Bíblia explica por que os israelitas usavam pão sem fermento. Simbolizava sua fuga do Egito; tiveram de partir com tanta pressa que

não tiveram tempo para deixar a massa crescer. O versículo 11 alude a isso, em que Deus instrui os israelitas a comerem “à pressa”, e o versículo 39 o diz explicitamente: “E cozeram bolos asmos da massa que levaram do Egito; pois não se tinha levedado, porque foram lançados fora do Egito; não puderam deter-se e não haviam preparado para si provisões”. Explicações adicionais são desnecessárias. O consumo de pães sem fermento foi um acontecimento histórico que se tornou parte permanente do ritual religioso anual de Israel.

A verdade é que Deus deu essa festa ao seu povo quando o tirou do Egito. Como dizem as Escrituras: “É a Páscoa do Senhor” (12.11). Além do mais, a Páscoa e a Festa dos Pães Asmos estão intimamente associadas uma à outra. Não são duas festas separadas, mas uma celebração de uma semana inteira. No restante do Antigo Testamento, essa festa é, às vezes, chamada de Páscoa e, às vezes, de Festa dos Pães Asmos, mas cada um dos termos pode ser usado para referir-se à celebração como um todo.

Salvos do pecado

Existe outra razão importante para discutir a forma como Êxodo 12 é organizado. Alguns estudiosos parecem acreditar que o conteúdo do capítulo não se encaixa muito bem. Eles o veem como um tipo de mistura e não conseguem entender como a Festa dos Pães Asmos se encaixa nele. No entanto, o Espírito de Deus nos deu a Bíblia exatamente como queria. Por isso, em vez de especular sobre como esses versículos acabaram aqui, devemos recebê-los como Escritura Sagrada e estudá-los para ver o que eles ensinam.

Quando contemplamos como a Festa dos Pães Asmos está vinculada à Páscoa, descobrimos uma verdade muito importante sobre a salvação – ou seja, que somos salvos para sermos santificados. A Páscoa trata da salvação. Ela nos lembra que fomos libertos da morte por um substituto perfeito, cujo sangue foi derramado como sacrifício por nossos pecados. A Festa dos Pães Asmos nos lembra daquilo que Deus quer que façamos uma vez que fomos salvos, e isso é viver uma vida santificada, libertando-nos cada vez mais do pecado.

Primeiro vinha o dia da Páscoa, que ajudava o povo de Deus a lembrar-se de como havia sido salvo. Deus os tirara da terra do Egito, da casa da escravidão. Os israelitas comeram ervas amargas (alface, endívia e outras guarnições),

provavelmente para lembrá-los do trabalho amargo nas plantações de Faraó. Também comeram pão sem fermento, que os lembrava que, quando fugiram, tiveram de correr para salvar a vida. Mas a coisa mais importante que fizeram foi abater um cordeiro, mergulhando um ramo de hissopo (manjerona, uma planta comum com talos capazes de segurar líquido e, assim, servir como um tipo de pincel) no sangue e aspergindo-o na porta.

Cada lar tinha seu próprio cordeiro. Vale observar que Moisés deu essas instruções primeiro aos anciãos de Israel. O cabeça de cada família – o pai – era responsável pela realização do banquete. Quando seus filhos demonstrassem curiosidade pelo que ele estava fazendo, ele explicaria: “É o sacrifício da Páscoa ao Senhor, que passou por cima das casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu os egípcios e livrou as nossas casas” (12.27a). Deus queria garantir que seu povo jamais se esqueceria de sua grande salvação. Até hoje, quando os judeus celebram a Páscoa, eles comemoram sua libertação nacional. Eles reafirmam sua identidade lembrando que Deus os resgatou da escravidão no Egito.

No entanto, a Páscoa tinha um significado ainda mais profundo. O cordeiro era chamado um “sacrifício” (12.27) porque era uma oferta pelo pecado. A Páscoa não tratava apenas da libertação do Egito; tratava da salvação do pecado. Os israelitas eram pecadores iguais aos egípcios. Por isso, na noite em que Deus feriu o Egito com a morte, ele reivindicou também seu direito aos filhos primogênitos de Israel. “O Destruidor” (12.23) visitou cada casa, mas o sangue no batente das casas de Israel era um sinal de que um sacrifício havia sido pago pelo seu pecado. Era um sinal tanto para Deus quanto para o seu povo. Quando Deus olhava para baixo e via o sangue, sabia que a sua justiça havia sido satisfeita; quando o povo olhava para cima e via o sangue, sabia que seus pecados estavam pagos.

Os israelitas eram lembrados disso a cada ano. Quando celebravam a Páscoa, eles explicavam aos seus filhos como Deus os havia tirado do Egito e salvo do pecado. Dessa forma, Deus estava preparando seu povo para a vinda de Cristo. Na verdade, os cristãos veem a Páscoa como uma representação visual da cruz. Sangue foi derramado em cima e nos lados da porta. Pode também ter sido derramado na entrada, já que a palavra “bacia” (12.22) pode ser traduzida também como “limiar”. Assim, talvez o cordeiro pascal tenha sido abatido na entrada, caso em que havia sangue em todos os quatro lados da porta. Semelhantemente, quando Cristo foi crucificado, houve sangue no topo da cruz, saindo de sua cabeça ferida, sangue em ambos os lados, fluindo de suas mãos

pregadas, e sangue no fundo, fluindo de seus pés traspassados.3

Deus pode ou não ter pretendido usar a Páscoa como representação visual da cruz. O que é certo é que ele queria que o banquete representasse a mensagem da cruz. No Novo Testamento, lemos que “Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado” (1Co 5.7). Isso é uma maneira de dizer que Jesus é nosso substituto, o cordeiro perfeito oferecido em nosso lugar, que sofreu a penalidade que merecemos por nossos pecados. Assim como os filhos de Israel estavam cobertos pelo sangue em seus batentes, somos cobertos pelo sangue que Jesus derramou na cruz.

Às vezes, nos esquecemos disso. Tendemos a uma amnésia espiritual, por isso, esquecemos que somos pecadores que precisam de salvação. Esquecemos que Deus enviou seu único Filho como nosso Salvador. Esquecemos que esse Filho derramou seu próprio sangue na cruz por nosso pecado. Felizmente, a fim de devolver-nos o bom senso, Deus nos deu um banquete como lembrete. Chama-se a Ceia do Senhor.

Jesus nos deu esse banquete do evangelho quando celebrou a Páscoa com seus discípulos pela última vez. As Escrituras afirmam que isso aconteceu no primeiro dia da Festa dos Pães Asmos (Mt 26.17) e descrevem os preparativos feitos pelos discípulos. Mas quando ofereceu o banquete ele fez algo mais do que apenas celebrar a Páscoa – ele inaugurou um sacramento totalmente novo. Ele deu pão aos seus discípulos e disse: “Isto é o meu corpo” (Mt 26.26). Então, deu-lhes o cálice e disse: “Isto é o meu sangue da aliança” (Mt 26.28). Ao fazê-lo, Jesus anunciou que ele era o cordeiro sacrificado para retirar os seus pecados.

Lembramos esse sacrifício toda vez que celebramos o sacramento da comunhão. A Páscoa era a aliança antiga: olhava para trás, para o êxodo. A Ceia do Senhor é para a nova aliança: ela olha para a cruz. Nós a celebramos comendo pão e bebendo do cálice. Por que fazemos isso? Jesus disse: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22.19). A Ceia do Senhor é um banquete para lembrar. Ela nos ajuda a garantir que jamais nos esqueçamos de que somos pecadores salvos pelo corpo e pelo sangue de Cristo.

Fazendo uma varredura

Após a Páscoa vinha a Festa dos Pães Asmos, que durava uma semana inteira. As regulamentações para essa festa eram muito específicas:

Sete dias comereis pães asmos. Logo ao primeiro dia, tirareis o fermento das vossas casas, pois qualquer que comer coisa levedada, desde o primeiro dia até ao sétimo dia, essa pessoa será eliminada de Israel. Ao primeiro dia, haverá para vós outros santa assembleia; também, ao sétimo dia, tereis santa assembleia; nenhuma obra se fará nele, exceto o que diz respeito ao comer; somente isso podereis fazer. Guardai, pois, a Festa dos Pães Asmos, porque, nesse mesmo dia, tirei vossas hostes da terra do Egito; portanto, guardareis este dia nas vossas gerações por estatuto perpétuo. Desde o dia catorze do primeiro mês, à tarde, comereis pães asmos até à tarde do dia vinte e um do mesmo mês. Por sete dias, não se ache nenhum fermento nas vossas casas; porque qualquer que comer pão levedado será eliminado da congregação de Israel, tanto o peregrino como o natural da terra. Nenhuma coisa levedada comereis; em todas as vossas habitações, comereis pães asmos. (12.15-20)

Essas instruções não eram apenas específicas, eram também estritas. Os israelitas foram instruídos quatro vezes a não comer nada com fermento; e duas vezes que, caso o fizessem, seriam “eliminados da congregação de Israel” – em outras palavras, seriam banidos da comunidade da aliança do povo de Deus. Não podiam nem mesmo guardar fermento em suas casas. Por que não? Era uma simples questão de higiene pública? Por que o fermento era tão importante?

Por um lado, o pão sem fermento lembrava aos israelitas, como já vimos, sua partida apressada. Mas livrar-se do fermento tinha ainda outro propósito. Apesar de não ser dito explicitamente em Êxodo 12, os mestres judeus sempre entenderam que o fermento representa o poder corruptivo do pecado. Pão sem fermento simboliza a santidade. O que torna essa comparação adequada é que o pão sem fermento é feito de trigo puro, intocado pelo fermento. Quando o povo de Deus comia pão sem fermento, era lembrado de que precisava manter-se puro do pecado, especialmente dos males do Egito. Até hoje, quando famílias judaicas devotas celebram a Páscoa, elas fazem uma varredura em seus lares à procura de fermento e então o lançam pela porta. Esse ato simbólico mostra que elas têm um compromisso de levar uma vida sem pecado.

O fermento é um símbolo apropriado para o pecado por causa do modo como ele cresce e se espalha. Quando fermenta, ele penetra toda a massa. O pecado funciona da mesma forma, razão pela qual a Bíblia faz essa comparação. O pecado sempre tenta estender sua influência corruptiva para toda a vida de uma pessoa. Mas Deus tinha algo melhor em mente para o seu povo. Ele o estava salvando para santificá-lo, assim, antes de saírem do Egito, ele queria que fizessem uma varredura.

Pense na forma como o pão era feito naquela época. Os israelitas não tinham pacotinhos de fermento; eles simplesmente usavam um pouco de massa antiga. Lembro-me de algo semelhante em minha infância. De vez em quando, alguém instruía minha mãe a fazer "pão de amizade". Ela começava misturando os ingredientes. No entanto, para que a receita funcionasse, sua amiga precisava dar-lhe algum tipo de "fermento" – um pedaço de massa com fermento nele. Quando minha mãe acrescentava esse pedaço com fermento, a massa começava a crescer. Mas era exatamente isso que Deus não queria que os israelitas fizessem. Em termos espirituais, a última coisa que ele queria que fizessem era pegar um pouco da massa do Egito, que acabaria enchendo-os com o fermento da idolatria. Em vez disso, queria que deixassem para trás todos os deuses e deusas do Egito – a antiga vida de pecado. Um comentarista explica assim:

O pão sem fermento era um símbolo de descontinuidade. Fermento era um pouco de massa não assada do dia anterior e acrescentada à massa de pão do dia seguinte para iniciar o processo de fermentação. Era usado como o fermento é usado hoje em dia. Quando o pão era assado, uma porção relativamente pequena de fermento era acrescentada e ele se espalhava pela massa e a fazia crescer. A instrução de banir o fermento de suas casas e de não levar consigo nenhum fermento do Egito era um gesto que simbolizava deixar para trás todas as influências egípcias que poderiam se espalhar por sua vida e corrompê-la.4

Deus não queria apenas tirar seu povo do Egito; ele queria tirar o Egito de seu povo. Ele estava salvando seu povo com uma visão de sua santificação, por isso, o instruiu a fazer uma varredura. Ele ordenou que se livrassem de todo e qualquer fermento, do antigo fermento da idolatria egípcia. E, para mostrar aos israelitas que eles estavam fazendo um começo novo, Deus deu um novo

calendário ao seu povo. Disse: “Este mês vos será o principal dos meses; será o primeiro mês do ano” (12.2). Era um ano novo para demarcar um novo início espiritual.

Como sabemos que essa interpretação é correta? Como podemos ter certeza de que Êxodo usa o fermento como símbolo do pecado? Sabemos disso porque é o que o Novo Testamento ensina. Quando o Novo Testamento comenta algo sobre o Antigo Testamento, normalmente ele nos fornece a chave para entendê-lo, especialmente quando estiver relacionado à salvação em Cristo. No caso da Festa dos Pães Asmos, o ensinamento do Novo Testamento é perfeitamente claro. O apóstolo Paulo escreveu aos coríntios: “Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda? Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento. Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado. Por isso, celebremos a festa não com o velho fermento, nem com o fermento da maldade e da malícia, e sim com os asmos da sinceridade e da verdade” (1Co 5.6-8).

Esses versículos do Novo Testamento confirmam a interpretação tradicional do fermento. Neles, Paulo se refere claramente à Festa dos Pães Asmos, pois ele identifica Cristo como Cordeiro pascal e fala em “celebrar a festa”. Quando fala em “lançar fora” o velho fermento, está pensando num ritual que, sem dúvida, remetia à sua infância quando, a cada Páscoa, sua família varria a casa para remover qualquer traço de fermento. Aqui, o apóstolo explica que o velho fermento representa os pecados da vida antiga, pecados como ódio, raiva e engano. Jesus disse algo semelhante quando alertou seus discípulos: “Acautelai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia” (Lc 12.1). Jesus e Paulo usaram o fermento como símbolo do pecado.

Deus quer que nos lembremos de que fomos salvos para sermos santificados. É bom nos lembrarmos da nossa salvação, mas precisamos nos lembrar também que fomos salvos para a glória de Deus, e isso significa nos livrarmos do pecado em nossa vida. A Bíblia ensina que Deus “nos salvou e nos chamou com santa vocação” (2Tm 1.9). Parte de levar uma vida santa é varrer o pecado antes de ele ter a chance de crescer.

Até mesmo um pecado pequeno é perigoso porque, como o fermento, ele quer se espalhar. É por isso que Deus tem uma política de tolerância zero quando se trata de pecado. Qualquer um que pensa que alguns pecados podem ser tolerados não entende o significado da salvação. Deus nos libertou da nossa escravidão para

que pudéssemos fazer uma varredura.

Cada cristão precisa aplicar isso pessoalmente. Existe algum pecado que você decidiu tolerar? Você está alimentando alguma mágoa particular ou alimentando um prazer secreto? Existe algo que você decidiu não ser problema tomar para si apesar de não pertencer a você? Você acredita que preocupação e impaciência não são pecados, mas apenas maus costumes? Existe alguma área na sua vida em que você decidiu não ser problema ser indisciplinado?

Talvez você acredite que seja apenas um pecado pequeno. Talvez você diga a si mesmo de vez em quando que você tratará disso quando começar a fugir de seu controle. Se for isso que você estiver fazendo, então você está correndo um grande perigo espiritual, pois o pecado é como o fermento: uma vez que ele entra em sua vida, continua crescendo e se espalhando até corromper tudo. Antes que isso aconteça, a Palavra de Deus tem algo muito simples e muito direto a dizer sobre o pecado: “Livre-se dele!”.

Adore e obedeça

A Bíblia documenta o que os israelitas fizeram quando receberam as instruções de Deus para a Páscoa e para a Festa dos Pães Asmos: “Então, o povo se inclinou e adorou. E foram os filhos de Israel e fizeram isso; como o Senhor ordenara a Moisés e a Arão, assim fizeram” (12.27b-28). O povo adorou e obedeceu. Primeiro, caíram de joelhos para louvar a Deus, depois se levantaram e fizeram exatamente como Deus lhes dissera até o último detalhe.

Sua reação é significativa porque nos lembra todo o tema de Êxodo. O propósito de Deus ao tirar Israel do Egito era salvar um povo para a sua glória, um povo que lhe daria todo o louvor. Finalmente, seu povo estava começando a fazer isso. Da última vez que ouvimos falar dele (5.21), o povo estava tão desencorajado que havia desistido de qualquer esperança de salvação; mas agora estava começando a adorar a Deus, mesmo antes de ser salvo por ele. Tudo o que os israelitas tinham era a promessa de salvação, mesmo valendo observar que Deus já havia começado a falar sobre sua salvação no tempo verbal do pretérito. Ele disse: “Guardai, pois, a Festa dos Pães Asmos, porque, nesse mesmo dia, tirei vossas hostes da terra do Egito” (12.17). Um gramático chamaria isso de um “pretérito de confiança” ou de “pretérito profético”. Deus tinha confiança

absoluta em seu poder de salvar, de modo que, no que dizia respeito a ele, Israel já estava salvo. E porque o povo de Deus também acreditava nisso, começou a dar-lhe a glória.

Sua reação é significativa também porque nos mostra o que devemos fazer sempre que nos recuperarmos de uma amnésia espiritual. Tendemos a esquecer. Esquecemos a pecaminosidade do nosso pecado e a graça de Deus em Cristo. Esquecemos que Deus quer que paremos de pecar. Então, temos outra de nossas experiências de déjà vu. Dizemos: “Ah!, sim, agora me lembro! Estou me lembrando de tudo. A coisa que preciso lembrar sobre mim mesmo é que sou um pecador que precisa de salvação. E a coisa que preciso lembrar sobre Deus é que ele me deu uma salvação gloriosa em Jesus Cristo”. Assim que nos lembramos de tudo isso, a maneira correta de reagir é a forma como os israelitas reagiram – caindo de joelhos para adorar a Deus. E, quando nos levantamos, precisamos nos lembrar daquilo que vem em seguida. Somos salvos para sermos santificados, por isso, devemos fazer tudo o que Deus nos diz.

Notas

1 O Dr. Davis fez esse comentário no plenário da Igreja Presbiteriana, na Assembleia Geral Norte-Americana em Dallas (junho de 2001).

2 John I. Durham, Exodus, Word Biblical Commentary (Waco, TX: Word, 1987), p. 159.

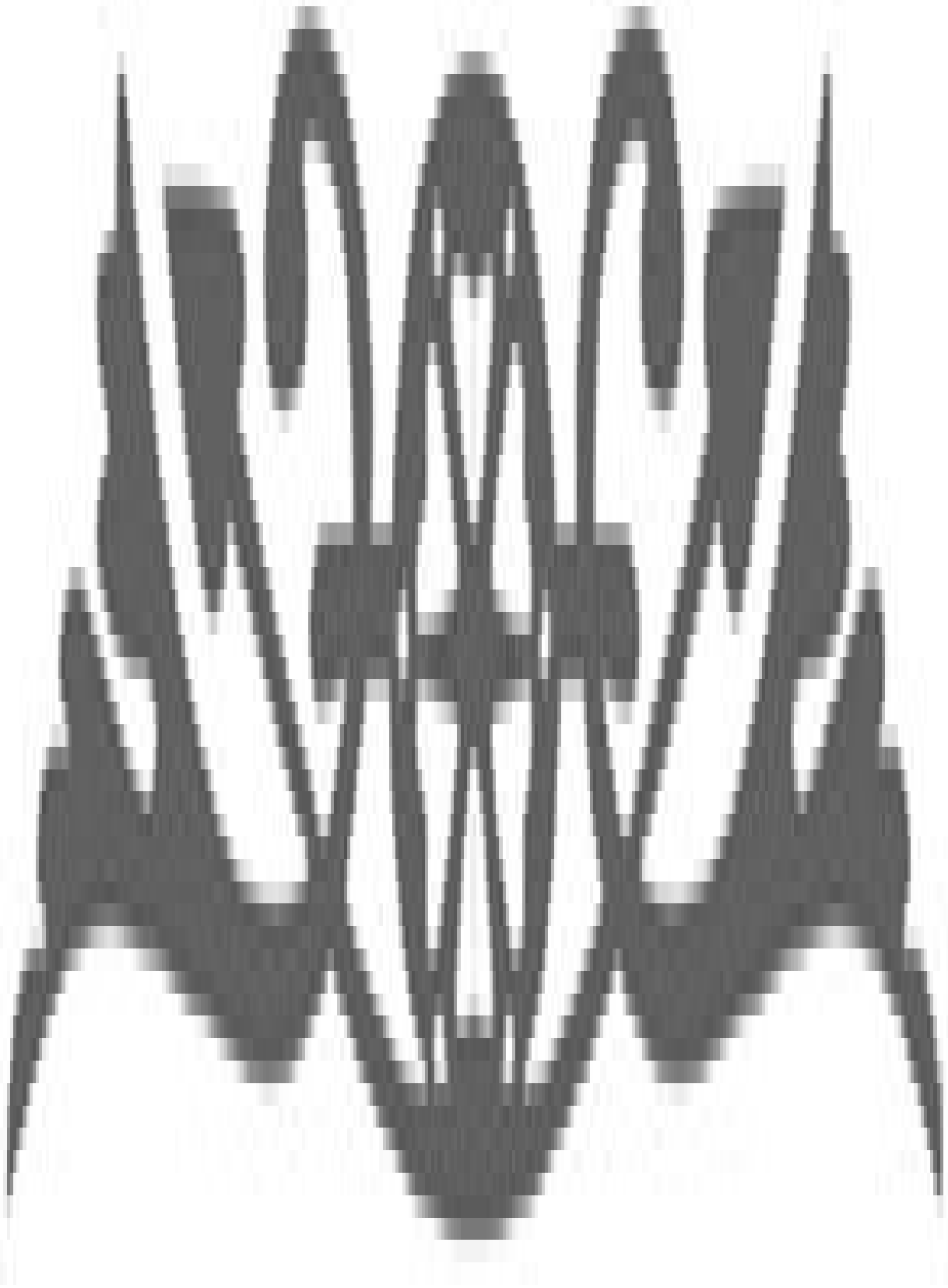
3 Arthur W. Pink argumenta assim em Gleanings in Exodus (Chicago: Moody, 1981), p. 93.

4 John L. Mackay, Exodus (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2001), p. 213-14.

30

Saindo do Egito

Êxodo 12.29-42



Era o meio da noite. A maioria das pessoas estava dormindo em suas casas. Famílias em todo o Egito estavam descansando. Mas então veio o visitante com um propósito mortal. Era um destruidor, o anjo da morte.

O visitante se encontrava numa missão divina. Ele passou pelo Egito, visitando cada casa no reino de Faraó. Era óbvio que ele estava à procura de algo, pois, ao se aproximar de cada casa, pausava para inspecionar a porta. Na terra de Gósen, onde viviam os israelitas, ele encontrou o que estava procurando. Era uma marca de sangue no topo e nas laterais de cada porta. Quando encontrava o sangue, o visitante passava pela casa, segurando seu golpe fatal, pois um sacrifício havia sido feito pelo pecado. A família dentro daquela casa havia ouvido que poderia ser salva pelo sangue de um cordeiro, e o sinal na porta era um testemunho público de sua fé na Palavra salvadora de Deus.

O resto das casas no Egito não estava marcado com o sinal da salvação. Quando o visitante subia e descia pelo Nilo, ele passava por aldeias e cidades inteiras em que nenhum lar havia ofertado um cordeiro por seus pecados. O visitante não passava por essas casas, mas entrava para reivindicar a vida do filho primogênito. Assim, a noite que começara em silêncio terminou em sofrimento: “Aconteceu que, à meia-noite, feriu o Senhor todos os primogênitos na terra do Egito, desde o primogênito de Faraó, que se assentava no seu trono, até ao primogênito do cativo que estava na enxovia, e todos os primogênitos dos animais. Levantou-se Faraó de noite, ele, todos os seus oficiais e todos os egípcios; e fez-se grande clamor no Egito, pois não havia casa em que não houvesse morto” (12.29-30).

A grande divisão

A morte dos primogênitos foi o golpe final, a décima e mais mortal das pragas. Ao enviar a morte aos egípcios e, ao mesmo tempo, proteger seu povo, Deus estava declarando o fundamento para a salvação. Em certo sentido, aquilo que aconteceu naquela noite jamais voltará a acontecer. O anjo da morte jamais voltará a matar os filhos do Egito e jamais os israelitas terão de pintar suas portas com sangue novamente. Mas a distinção que Deus fez naquela noite é uma distinção que Deus sempre faz. É a distinção entre aqueles que têm fé no

sangue do sacrifício que ele providencia e aqueles que não confiam nele, e é nessa distinção que se apoia o destino eterno de cada ser humano.

Essa distinção se evidencia na Bíblia do início ao fim. Foi a diferença entre Caim e Abel. Caim ofereceu frutas e legumes a Deus, mas Abel ofertou um cordeiro perfeito. Deus aceitou Abel porque ele teve fé no sangue do sacrifício (Gn 4.3-5). Foi assim que as pessoas foram salvas ao longo de todo o Antigo Testamento. Elas receberam a expiação confiando no sangue de um cordeiro sacrificado como substituto por seus pecados.

Jesus oferece salvação com base na mesma coisa. “Em verdade, em verdade vos digo”, ele disse, “se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6.53-54). Isso pode parecer um jeito estranho de falar. Obviamente, Jesus não estava falando sobre pessoas bebendo seu sangue literalmente. Estava falando sobre sua crucificação, quando derramou seu sangue por nossos pecados, e também sobre a Ceia do Senhor, em que os cristãos bebem do cálice que simboliza seu sangue. Jesus estava dizendo que a vida eterna depende da fé no sangue do sacrifício que ele fez na cruz. O poder de seu sangue é demonstrado no final da Bíblia, pois, quando o livro de Apocalipse abre a cortina para nos dar uma visão da glória, vemos os santos entrando no céu pelo “sangue do Cordeiro” (Ap 7.14).

Infelizmente, os egípcios não tiveram fé no sangue. Não ofereceram um sacrifício por seus muitos pecados contra Deus e seu povo. Não pintaram suas portas com sangue e, por isso, estavam fadados à destruição. Não houve uma família que tivesse escapado. A Bíblia diz: “Não havia casa em que não houvesse morto” (12.30). A praga terrível veio até mesmo à casa de Faraó, pois alguém estava morto no palácio real. Era o príncipe do Egito, o filho nascido para ser como deus para o seu povo. Mas havia também um morto nas masmorras: o filho primogênito do pior criminoso do Egito.

Isso indica como serão as coisas no juízo final. Deus prometeu que, um dia, ele julgará o mundo. Apocalipse descreve o juízo vindouro em muitos detalhes, inclusive o retorno das pragas. Os anjos do céu derramarão sete bacias de ira, e o povo será afligido com rios de sangue, úlceras dolorosas, escuridão, doença, rãs e granizo (veja Ap 16) – as mesmas pragas que os egípcios sofreram. O que Faraó sofreu foi apenas uma premonição do fim do mundo, quando todo ser humano que já viveu será julgado por Deus.

Todos nós estaremos lá: os nobres e os comuns, os ricos e os pobres, os pecadores e os santos. Desde a masmorra até o trono, ninguém escapará. Ninguém será poupado. Ninguém receberá um tratamento especial. Os ricos podem viajar na primeira classe durante toda a sua vida, mas, quando chegarem ao juízo final, Deus não examinará suas contas bancárias. Tampouco os pobres terão qualquer vantagem simplesmente por terem tido uma vida mais difícil. Deus não faz acepção de pessoas e julgará todos pelos mesmos padrões. Ele não se importa com a cor da nossa pele, com o dinheiro que temos, com a escola que frequentamos, com a empresa pela qual trabalhamos, nem mesmo com o nível de nossa bondade. O que importa a Deus é se temos fé no sacrifício de seu Filho. Aqueles que confiam no sangue de Cristo receberão a vida eterna. Aqueles que não se agarram a ele e à sua cruz estarão eterna e fatalmente perdidos. A grande divisão entre salvação e condenação é marcada com sangue.

De pé durante toda a noite

Os israelitas foram salvos pelo sangue. É provável que a maioria deles tenha permanecido acordada para ver o que aconteceria. Alguns podem ter ouvido altos gritos de angústia vindos de seus vizinhos – de egípcios chorando a perda de seus filhos. Tenham eles ouvido os choros ou não, eles estavam reunidos em suas casas porque sabiam que a morte estava no ar. Mas, caso sentissem medo, tudo o que precisavam fazer era olhar para o sangue, que era o sinal de sua salvação. Aqueles que creem em Jesus Cristo têm a mesma confiança. Sempre que sentimos medo ou angústia, basta olhar para a cruz, onde vemos a garantia da nossa salvação marcada em sangue.

A coisa mais importante, porém, é que Deus vê o sangue. Deus disse a Moisés: “Quando eu vir o sangue, passarei por vós” (12.13). E Deus viu o sangue. Deus sempre vê tudo, é claro. As Escrituras dizem que “é certo que não dormita, nem dorme o guarda de Israel” (Sl 121.4). Deus está sempre cuidando de nós, protegendo-nos e libertando-nos. Mas as Escrituras afirmam explicitamente que ele ficou de olho em seu povo na noite da décima praga: “Esta noite se observará ao Senhor, porque, nela, os tirou da terra do Egito”, e por causa disso “esta é a noite do Senhor, que devem todos os filhos de Israel comemorar nas suas gerações” (12.42). Deus esteve de pé durante a noite toda como guarda. Esteve trabalhando o turno da noite da salvação para libertar seu povo da morte.

Deus estava de olho para garantir que a salvação acontecesse exatamente como ele havia prometido. Deus havia prometido resgatar seu povo, Israel (3.8). Ele havia prometido que os egípcios não o deixariam ir antes de serem atingidos por todas as suas maravilhas (3.20). Ele havia prometido que o povo não partiria de mãos vazias, mas que os egípcios o mandariam embora com roupas e joias (3.21-22). Deus havia prometido que, quando salvasse seu povo, ele saberia que ele era seu Deus (6.6-7) e que os egípcios também saberiam (7.5). Ele havia prometido que eles partiriam às pressas (12.11). E, na noite da praga mais mortal, quando os israelitas tomaram seus primeiros passos em direção à liberdade, todas essas promessas se cumpriram.

Deus sempre faz de tudo para cumprir suas promessas. Tudo o que ele nos prometeu se cumprirá: pela fé, perseveraremos até o fim da vida, entraremos na glória, seremos ressuscitados dentre os mortos e gozaremos dos prazeres de Deus por toda a eternidade. Deus está mantendo sua vigília. Ele está de olho para garantir que tudo aconteça exatamente como ele disse.

Entrega incondicional

Existem momentos em que o dia da salvação parece não chegar nunca. Houve momentos em que os israelitas devem ter tido essa sensação. Durante séculos eles haviam sofrido em cativeiro, suportando o jugo amargo de sua escravidão no Egito. E quando Deus, finalmente, decidiu fazer algo a respeito disso, as coisas não melhoraram, mas pioraram, pois Faraó os fez trabalhar ainda mais. Agora, finalmente, Faraó parecia estar recebendo o que merecia. Mesmo assim, os israelitas devem ter se perguntado quantas pragas seriam necessárias. Mas, enquanto esperavam, tinham a promessa de Deus de que sua mão poderosa faria com que Faraó expulsasse Israel do Egito – que ele não só os deixaria ir, mas literalmente os expulsaria (6.1; cf. 3.20). E foi exatamente isso que aconteceu: “Então, naquela mesma noite, Faraó chamou a Moisés e a Arão e lhes disse: Levantai-vos, saí do meio do meu povo, tanto vós como os filhos de Israel; ide, servi ao Senhor, como tendes dito. Levai também convosco vossas ovelhas e vosso gado, como tendes dito; ide-vos embora e abençoai-me também a mim” (12.31-32).

Há tanta ironia nesses versículos que a página da Bíblia quase não suporta seu peso. Vemos aqui como o homem mais poderoso do mundo é rudemente

despertado para ver que as coisas estão totalmente fora do seu controle e encarar a morte do seu filho mais velho. Faraó havia dito a Moisés que jamais queria ver seu rosto novamente (10.28). Como era irônico, então, ele mandar chamar o profeta de Deus no meio da noite, especialmente em vista do fato de que Moisés havia dito ao Faraó que, algum dia, seus oficiais se curvariam aos seus pés e implorariam para que ele saísse do Egito (11.8)! Faraó havia tratado os israelitas como seus escravos, recusando-se a reconhecer seus direitos. Mas aqui ele os chama de "filhos de Israel", reconhecendo, assim, seu status como nação livre. Que ironia! Faraó havia se recusado a permitir que os israelitas adorassem seu Deus. Na verdade, alegou que nem mesmo sabia quem era o seu Deus (5.2). Como era irônico, então, o fato de ele mandar os israelitas servirem ao "Senhor" (12.31). A palavra "servir" é outra ironia, pois o problema desde o início havia sido a insistência de Faraó de que os israelitas servissem a ele.

Como era irônico também que o Faraó ordenasse aos israelitas a sua partida do Egito. Ele não estava apenas permitindo que saíssem; estava ordenando que partissem! Faraó emitiu três ordens sucintas: "Levantai-vos [...] saí [...] ide". Era como no livro infantil do Dr. Seuss, no qual o narrador tenta convencer Marvin K. Mooney a sair do quarto. Marvin não recua e se recusa teimosamente a sair. Finalmente, desesperado, o narrador exclama: "Marvin K. Mooney! Não me importa COMO! Marvin K. Mooney! Por favor, saia AGORA! Eu disse VÁ e é isso que eu quero: VÁ!".1 Esse é o tipo de despedida que Faraó deu a Moisés: "Levantai-vos, saí, ide!".

Esses detalhes são importantes porque mostram como Deus cumpriu sua promessa de salvação. O que os torna tão deliciosamente irônicos é que eles mostram um homem que havia jurado jamais fazer exatamente o que Deus queria que ele fizesse. Após a décima praga, Faraó estava implorando a Moisés que fizesse exatamente o que havia pedido desde o início. Era uma capitulação total. Não haveria outras negociações. Faraó cedeu a todas as exigências de Moisés, concedendo a Israel libertação incondicional. O povo de Deus podia ir. Suas esposas e filhos podiam ir. E também seus rebanhos podiam ir, sem nenhuma condição imposta para o seu retorno.

O pequeno discurso de concessão de Faraó serve como alerta para qualquer um que queira resistir à vontade de Deus. Apesar de toda a dureza de seu coração – apesar de todas as vezes em que disse não a Deus e apesar de todas as vezes em que disse sim, mas não cumpriu sua palavra –, Faraó não ganhou nada. No fim, teve de aceitar tudo sob os termos de Deus. Por que, então, não ceder a Deus

desde o início? É muito melhor não resistir quando ele reivindica sua vida, mas aceitar seu plano e seu propósito.

As últimas palavras do Faraó foram totalmente patéticas. “Abençoai-me também a mim”, ele implorou. Faraó, finalmente, reconhecera seu erro, mas era tarde demais. Antes ele já havia pedido que o profeta de Deus orasse por ele. Agora estava pedindo uma bênção. Mas que tipo de bênção Moisés poderia dar a um homem como Faraó? Seu pedido lembra uma cena em The Fiddler on the Roof, em que um jovem judeu russo pergunta ao rabino da cidade se existe alguma bênção para o czar. É uma pergunta difícil, pois o czar é seu opressor, mas certamente Deus tem algum tipo de bênção para todos. O rabino reflete sobre isso durante alguns momentos e então diz: “Que o Senhor abençoe o czar e o mantenha [...] longe de nós!”.

Mas não haveria bênção para Faraó – nem mesmo uma bênção ambígua. O homem queria o favor de Deus sem jamais ter se voltado para ele em fé e arrependimento. John Currid escreve: “O que podemos dizer com certeza é que não havia arrependimento real por parte do rei. Ele não deu qualquer evidência de que tenha assumido qualquer responsabilidade pessoal – ele queria a bênção sem a obrigação, a vergonha ou as consequências. Ele simplesmente queria que as pragas acabassem. Sabemos disso porque, assim que o choque imediato após a última praga havia se dissipado, o rei egípcio foi atrás dos hebreus para destruí-los”.2 Deus não abençoa um homem que não se arrepende de seu pecado.

Quase todos desejam a bênção de Deus. Até mesmo pessoas que não têm um relacionamento pessoal com Jesus Cristo procuram, às vezes, os serviços de um cristão. Pedem oração, querem conselhos espirituais ou desejam casar-se ou ser enterrados numa igreja. Mas a bênção de Deus é para aqueles que confiam no sangue. Em outras palavras, é para pessoas que reconhecem que são pecadoras e que acreditam que Deus pagou por seus pecados com um sacrifício perfeito. Nos tempos de Moisés, Deus abençoou apenas aquelas pessoas que estavam protegidas pelo sangue do cordeiro pascal. Hoje, Deus abençoa aqueles que confiam em Jesus Cristo, que creem no sacrifício que ele ofereceu pelo pecado na cruz. Se você não vier a Deus por meio da fé em Jesus Cristo, Deus não o abençoará.

O ouro do Egito

Quando a Bíblia fala sobre a salvação pelo sangue, ela fala sobre o sangue real de um sacrifício real. A salvação não é apenas um conceito intelectual ou um sentimento pessoal; é algo que Deus realmente fez na História humana. O êxodo do Egito realmente aconteceu no tempo e no espaço.

Ao descrever o êxodo, a Bíblia fornece o tipo de detalhes que um historiador cuidadoso também incluiria:

Os egípcios apertavam com o povo, apressando-se em lançá-los fora da terra, pois diziam: Todos morreremos. O povo tomou a sua massa, antes que levedasse, e as suas amassadeiras atadas em trouxas com seus vestidos, sobre os ombros. Fizeram, pois, os filhos de Israel conforme a palavra de Moisés e pediram aos egípcios objetos de prata, e objetos de ouro, e roupas. E o Senhor fez que seu povo encontrasse favor da parte dos egípcios, de maneira que estes lhes davam o que pediam. E despojaram os egípcios. (12.33-36)

Essas são as palavras de uma testemunha ocular que viu os israelitas comerem seu pão sem fermento. Era o fast food original. Naqueles dias, não existiam supermercados ou lanchonetes, por isso, quando partiam em viagens longas, precisavam levar sua própria comida. Nesse caso, os israelitas não tinham muito tempo. Tudo o que podiam fazer era jogar alguma massa em suas bacias e levá-la consigo.

O historiador bíblico também viu como os egípcios deram ouro, prata e roupas finas aos israelitas. Esses presentes eram importantes porque cumpriam a promessa de Deus a Abraão de que seus descendentes sairiam da escravidão com “grandes riquezas” (Gn 15.13-14). Por meio de seus sofrimentos, os egípcios haviam aprendido a temer o Deus de Israel. Talvez a doação de seus bens preciosos tenha sido um tipo de suborno, para garantir que os israelitas realmente saíssem do Egito. Ou talvez tenha servido como pagamento por todo o trabalho que os israelitas haviam realizado – sem ressentimentos, ok?

No entanto, a palavra que a Bíblia usa para descrever esses presentes de despedida é um termo militar: “despojaram”. Isso mostra que o êxodo foi uma vitória para o povo de Deus. Semelhantemente, o livro de Números diz que “saíram os filhos de Israel, corajosamente, aos olhos de todos os egípcios,

enquanto estes sepultavam todos os seus primogênitos, a quem o Senhor havia ferido entre eles; também contra os deuses executou o Senhor juízos" (Nm 33.3b-4). Os israelitas não partiram de mãos vazias. Apesar de terem vivido no Egito como escravos, partiram como conquistadores, levando consigo os espólios da vitória de Deus.

A pilhagem dos egípcios tem, muitas vezes, sido usada para ilustrar a relação entre cultura e cristianismo. Os teólogos da igreja primitiva, como Orígenes, usaram esse episódio para defender seu uso do conhecimento pagão.3 Observaram como os israelitas tomaram metais preciosos e roupas finas dos egípcios e os usaram para construir a casa de Deus, o tabernáculo. Da mesma forma, argumentaram, os cristãos podem emprestar o melhor do conhecimento humano e dedicá-lo a Deus. Agostinho argumentou que os cristãos podem usar o "ouro egípcio" do pensamento secular porque toda verdade é verdade de Deus. Contudo, ele advertiu que esse conhecimento precisava ser comparado com as Escrituras para determinar se esse ouro era genuíno ou não. Além do mais, a verdade bíblica é muito mais valiosa do que qualquer forma de conhecimento meramente humano.4

Essa interpretação pode conter alguma verdade. Pela graça comum de Deus, até mesmo os não cristãos podem conhecer e compreender muitas coisas sobre o mundo que Deus criou, e os cristãos se beneficiam dessas descobertas. Como Nigel Goodwin afirmou: "Em sua sabedoria, Deus não deu todos os seus dons a cristãos".5 E talvez a pilhagem dos egípcios possa ser usada para ilustrar como os cristãos podem e devem emprestar verdades do mundo secular. No entanto, a experiência subsequente dos israelitas mostra também como é fácil fazer um uso errado do ouro egípcio. O ouro era um presente de Deus. A Bíblia afirma explicitamente que "o Senhor fez que seu povo encontrasse favor da parte dos egípcios" (12.36). Mesmo assim, os israelitas usaram suas joias para fazer o bezerro de ouro. Este é o perigo que sempre enfrentamos: o de abusar da bênção de Deus, usando seus presentes para os nossos próprios propósitos idólatras. Ficamos fascinados com as últimas tendências acadêmicas ou com os ídolos da cultura pop. Somos consumidos por nosso trabalho, nossa arte, nossos passatempos ou nossos prazeres. Como é fácil transformar as coisas deste mundo em ídolos!

Salvação na história

A Bíblia descreve o êxodo em detalhes cuidadosos. Mesmo assim, ela tem sido questionada em termos históricos. Três das objeções-padrão dizem respeito a informações dadas em Êxodo 12, e elas merecem uma resposta.

A primeira diz respeito à rota do Êxodo. A Bíblia diz: “Assim, partiram os filhos de Israel de Ramessés para Sucote” (12.37a). Ramessés era um nome comum no Egito antigo. Muito provavelmente, essa Ramessés era a cidade de depósito mencionada em 1.11. Ficava em algum lugar do delta do Nilo e normalmente é identificada com a cidade moderna de Qantir. A localização de Sucote é menos certa. Os arqueólogos chegaram à conclusão de que o local tradicional, Tel el Maskhuta, só foi ocupado séculos mais tarde. Provavelmente, Sucote se encontrava em algum lugar ao longo do Wadi Tumilat, umas 15 milhas a leste da terra de Gósen.6

Até hoje, porém, a localização desses lugares permanece incerta. Como veremos, podemos dizer o mesmo sobre grande parte da rota de Israel pela península do Sinai. Mas isso não lança nenhuma dúvida séria sobre a precisão da Bíblia. Encontrar as localizações exatas é um problema típico relacionado a antigos sítios no deserto. Independentemente de nossa capacidade de mapear todo o êxodo, Êxodo e também Números deixam claro que a Bíblia está se referindo a locais reais no mundo real. Como conclui um dos estudiosos, o itinerário bíblico “cria na mente até mesmo do leitor mais crítico a impressão de um fato histórico [...] O historiador é absoluto e específico”. É, escreve ele, “uma peça impressionante e crível de antiga escrita histórica”.7

Um segundo questionamento histórico diz respeito ao tamanho do êxodo. A Bíblia diz: “Assim, partiram os filhos de Israel de Ramessés para Sucote, cerca de seiscentos mil a pé, somente de homens, sem contar mulheres e crianças. Subiu também com eles um misto de gente, ovelhas, gado, muitíssimos animais” (12.37-38). Esse relato fornece informações do tipo quem, o quê, quando, onde e como, que todo bom historiador faz questão de incluir. Mas e quanto ao “quantos”? Podemos realmente acreditar que Deus tirou tantos israelitas do Egito?

É uma boa pergunta. Se houve 600 mil homens, então talvez tenha havido 2 milhões de israelitas ao todo, e esse número apresenta várias dificuldades. Se houve tantos israelitas, por que eles não são mencionados nos anais do Egito? Eles teriam formado uma das maiores populações em qualquer lugar do mundo naquela época. A terra de Gósen poderia ter suportado uma população desse

tamanho? E por que não encontramos nenhum traço dela no Sinai? Seu êxodo foi uma das maiores migrações na História do mundo. Quando viajaram devem ter formado uma fila de várias milhas de extensão. Esse é o tipo de pergunta que os estudiosos têm levantado, e muitos concluíram que, quem quer que tenha escrito a Bíblia, deve ter aumentado os números. S. R. Driver escreveu que “a tradição, ao longo dos anos, exagerou grandemente os números dos israelitas no êxodo”.8 N. H. Snaith chama os números de “fantásticos e incríveis”.9

Existem duas maneiras de lidar com essa objeção. A primeira é acreditar que a Bíblia realmente pretende dizer que 600 mil israelitas (i.e., homens, além das mulheres e crianças) saíram do Egito e, portanto, que esse é exatamente o número de pessoas que estavam presentes. Apesar de existirem alguns estudiosos que têm dificuldades com essa visão, ela não é impossível. Os israelitas são pouco mencionados no Egito porque eram apenas escravos e porque o modo de sua partida representava tamanha vergonha para os egípcios. Tampouco devemos nos surpreender com a falta de evidências suas no Sinai. Afinal de contas, eram nômades, e seus restos foram cobertos por três mil anos de areia. Além disso, uma boa razão para aceitar os 600 mil como número correto é que esse número concorda com as estatísticas fornecidas em outras passagens de Êxodo (38.26) e no livro de Números (veja 1.46; 2.32; 26.51).

Existe, porém, outra possibilidade – uma que também pode ser fiel ao texto bíblico. A palavra hebraica #l#Ph pode significar “mil”. No entanto, no início do Antigo Testamento, ela pode ser usada também como termo inexato para um grupo grande de pessoas. Alguns estudiosos acreditam que ela possa significar algo como “clã” ou que possa ser um termo militar para uma unidade de combate, algo como um pelotão. Então, Êxodo 12.37 poderia ser traduzido assim: “Houve uns 600 clãs” ou “Houve umas 600 unidades militares”. Segundo essa interpretação, a população total dos israelitas teria chegado a dezenas de milhares, mas não a milhões.

Um estudioso que acatou essa interpretação é James Hoffmeier, que escreve: “A questão em Êxodo 12.37 é de natureza interpretativa. A palavra #l#Ph pode ser traduzida como ‘mil’, mas é traduzida na Bíblia também como ‘clãs’ e ‘unidades militares’. Quando contemplo a questão do ponto de vista de um egiptólogo, sei que havia uns 20 mil soldados em todo o exército egípcio no auge do império egípcio. E na batalha de Ai em Josué 7, houve um grave revés militar quando 36 soldados foram mortos. Se você tiver um exército de 600 mil, isso não é uma perda grave”.10 A pergunta não é se a Bíblia é verdadeira ou não; a pergunta é o

que a Bíblia pretende dizer. O que sabemos é que Deus tirou uma multidão do Egito. Na verdade, as Escrituras dizem: “Todas as hostes do Senhor saíram da terra do Egito” (12.41).

A última pergunta histórica diz respeito à data do êxodo. A Bíblia encerra seu relato com estas palavras: “Ora, o tempo que os filhos de Israel habitaram no Egito foi de quatrocentos e trinta anos. Aconteceu que, ao cabo dos quatrocentos e trinta anos, nesse mesmo dia, todas as hostes do Senhor saíram da terra do Egito” (12.40-41). Esse número concorda com a profecia que Deus deu a Abraão: “Sabe, com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos” (Gn 15.13; cf. At 7.6). A diferença entre 400 em Gênesis e 430 em Êxodo é relativamente insignificante. Provavelmente, Deus estava arredondando os números quando fez sua profecia a Abraão.

O que pode ser mais significativo é que existem duas versões completamente diferentes do versículo 41. Aquela que diz que os israelitas viveram no Egito durante 430 anos é o texto hebraico transmitido pelos massoretas. No entanto, a Septuaginta grega alega que Israel viveu “na terra do Egito e na terra de Canaã” durante 430 anos. Segundo essa leitura, o período de 430 anos incluiria também a era dos patriarcas, desde Abraão até Isaque (veja também Gl 3.16-17). Independentemente de como essa questão de datação seja resolvida (ambas as leituras são compatíveis ou com uma data mais antiga ou com uma data mais recente do êxodo), a coisa mais importante que precisamos saber é que os israelitas deixaram o Egito pontualmente, no dia exato que Deus planejara.

Mencionamos essas objeções históricas para defender a verdade das Escrituras. Mesmo não tendo certeza quanto à explicação correta, é evidente que existem respostas. Já que tem se tornado comum que estudiosos seculares neguem a historicidade do êxodo, é importante que os cristãos sejam capazes de defender essa parte da Bíblia. O que é historicamente certo é que Deus tirou Israel do Egito, guiando cada um dos israelitas de Ramessés até Sucote, exatamente como a Bíblia diz.

A razão pela qual a história do êxodo é importante é que ela faz parte da história da salvação. O que está em jogo não é simplesmente a precisão da Bíblia, mas o fundamento factual para a obra salvadora de Deus na História. É apenas porque a Bíblia é absolutamente verdadeira – não apenas em suas partes espirituais, mas também em todos os seus detalhes – que podemos confiar em sua mensagem de

salvação. Como podemos confiar nas promessas da Bíblia se sua memória for falha? Para formular a pergunta de outra maneira, quando os israelitas louvavam a Deus por tê-los tirado do Egito – enviando pragas, providenciando o cordeiro, partindo o mar e todo o resto – o louvavam por algo que Deus realmente tinha feito ou simplesmente estavam inventando uma história sobre as suas origens?

Alguns estudiosos parecem acreditar que o livro de Êxodo é algo como um romance de James Michener: ele capta com precisão a atmosfera de um período geral da História, mas seus personagens e eventos são fictícios. Outras pessoas, como o punhado de peregrinos descritos no livro Walking the Bible, de Michael Feiler, negam até que a história importa. Quando esses visitantes chegaram a Mara, um deles disse: “Quem se importa se os israelitas realmente estiveram aqui? Estamos aqui porque é bíblico”.11 É difícil uma atitude ser mais antibíblica do que esta, porque o que a Bíblia apresenta é um êxodo verdadeiro que fornece fatos reais sobre a salvação de Israel.

A importância da história se torna ainda mais evidente quando contemplamos a cruz e o túmulo vazio. Jesus de Nazaré morreu na cruz ou não? Ele foi ressuscitado dentre os mortos ou não? Expressamos uma verdade histórica quando dizemos nas palavras do Credo Apostólico: “Creio [...] em Jesus Cristo, seu Filho unigênito, nosso Senhor [...] [que] foi crucificado, morto e sepultado [...] ressuscitou no terceiro dia”? Essas perguntas são absolutamente cruciais. O apóstolo Paulo o explicou assim: “Se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados” (1Co 15.17).

O que Paulo disse sobre a ressurreição vale igualmente para a cruz: se Cristo não foi crucificado, sua fé é fútil; você permanece em seus pecados. Acreditar no evangelho significa acreditar que Jesus realmente morreu na cruz pelos nossos pecados.

Para ajudar as pessoas a compreender o fundamento histórico do cristianismo, Francis Schaeffer (1912-1984) costumava fazer esta pergunta: “Você acredita que, se estivesse presente quando Cristo foi crucificado, você poderia ter estendido sua mão e ferido seu dedo com uma farpa da cruz?”. Claro, o que era realmente importante não era apenas a madeira, mas o sangue que a manchava. E isso nos traz de volta para onde começamos, para o sangue que demarca a diferença entre aqueles que são salvos e aqueles que estarão perdidos para sempre. Você acredita que Jesus ofereceu sua vida em seu lugar como sacrifício pelos seus pecados? Mais especificamente, você acredita que, se tivesse assistido

a crucificação, você poderia ter colocado sua mão na cruz e sentido o sangue quente do nosso Salvador? Aquilo foi real – real o bastante para que você pudesse ter visto e tocado. E a salvação é igualmente real. É algo que Deus realmente fez no tempo e no espaço para nos tirar do Egito do nosso pecado.

Notas

1 Dr. Seuss, Marvin K. Mooney, Will You Please Go Now! (Nova York: Random, 1972).

2 John D. Currid, A Study Commentary on Exodus, vol. 1 (Auburn, MA: Evangelical USA, 2000), p. 257.

3 Arthur F. Holmes, Building the Christian Academy (Grand Rapids: Eerdmans, 2001), p. 18-19.

4 Veja um resumo das ideias de Agostinho em David J. Hesselgrave, “Third Millennium Missiology and the Use of Egyptian Gold”, Journal of the Evangelical Theological Society 42, nº 4 (dezembro de 1999), p. 581.

5 Nigel Goodwin, citado em Makato Fujimura, “Form and Content”, em It Was Good: Making Art to the Glory of God, Ned Bustard (org.) (Baltimore: Square Halo, 2000), p. 58.

6 Para uma discussão completa sobre esses lugares, veja John D. Currid, Ancient Egypt and the Old Testament (Grand Rapids: Baker, 1997), p. 125-29.

7 Charles Krahmalkov, “Exodus Itinerary Confirmed by Egyptian Evidence”, Biblical Archaeology Review 20, nº 5 (1994), p. 56.

8 Samuel R. Driver, The Book of Exodus, Cambridge Bible (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1911), p. xlv.

9 N. H. Snaith, “Numbers”, em M. Black e H. H. Rowley (orgs.), Peake’s Commentary on the Bible (Londres: Nelson, 1962), p. 254.

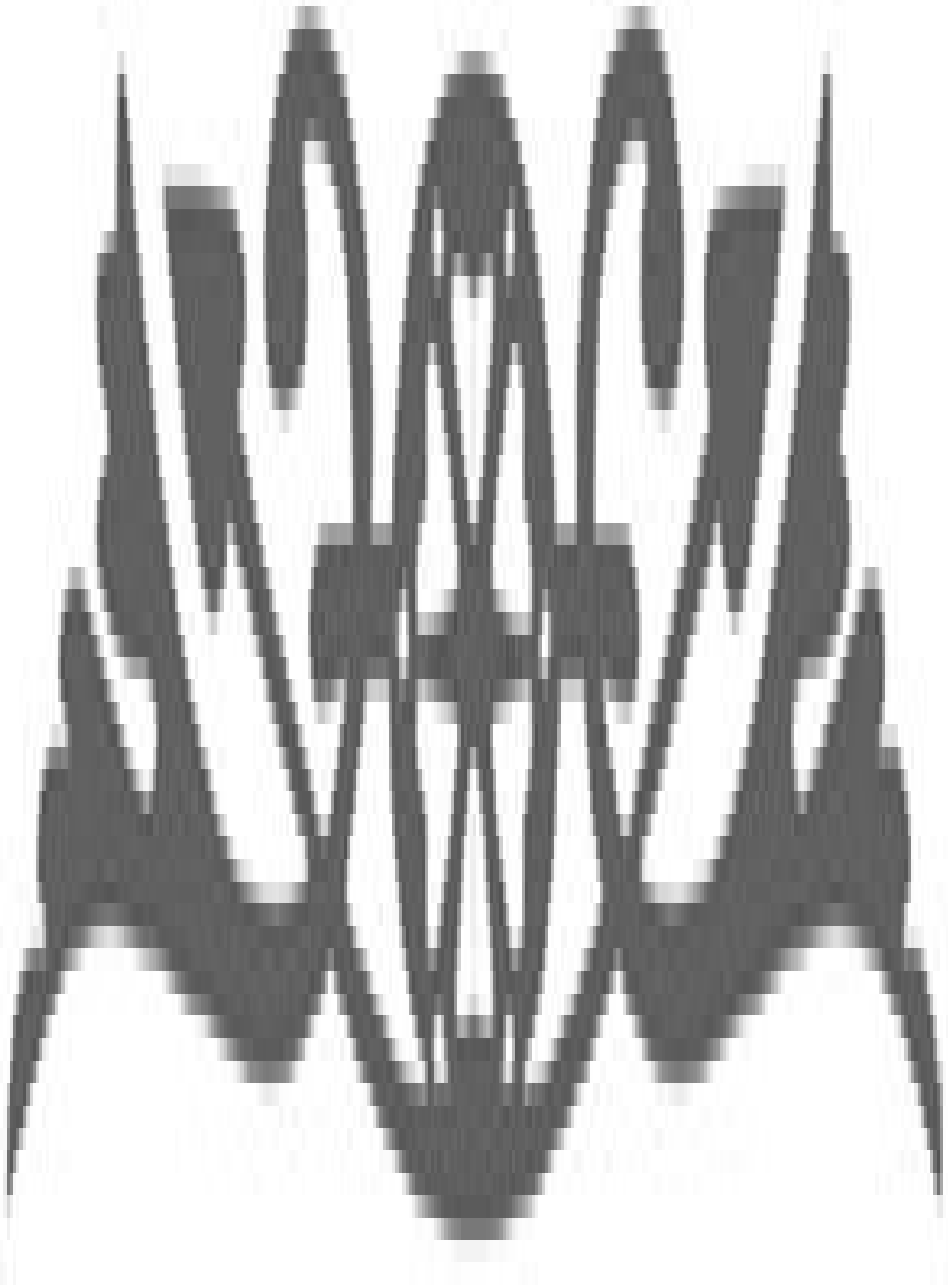
10 James Hoffmeier, citado em Kevin D. Miller, “Did the Exodus Never Happen?”, Christianity Today (7 de setembro de 1998), p. 48.

11 Michael Feiler, Walking the Bible: A Journey by Land Through the Five Books of Moses (Nova York: HarperCollins, 2001), p. 202.

31

Fazei isto em memória de mim

Êxodo 12.43-51; 13.3-10



A Páscoa era um banquete memorial. Era um festival de liberdade – um lembrete anual de como Deus tirara seu povo da terra do Egito, da casa da escravidão. Celebrar a Páscoa significava lembrar a grande obra de salvação de Deus. Os israelitas comiam ervas amargas para lembrar a amargura de seu cativeiro. Sacrificavam um cordeiro para lembrar que Deus havia providenciado um sacrifício perfeito como substituto por seus pecados. Então pintavam a porta com o sangue do cordeiro. Quando Deus via o sangue, ele restringia a mão do juízo e a morte não passava por aquela casa. Os israelitas foram salvos pelo sangue do cordeiro, o sinal de distinção que separava os remidos dos condenados. Durante os próximos sete dias, eles comeram pão sem fermento, que representava santidade, e, assim, simbolizava sua ruptura decisiva com a antiga vida em pecado. A Páscoa demonstrava o que Deus havia feito na História para resgatar seu povo da escravidão, morte e pecado.

Ao mesmo tempo, a festa apontava para a vinda de Cristo. Seus detalhes estabeleceram o padrão para a salvação que Deus realizaria por meio da vida, morte e ressurreição de Cristo. Para usar o termo técnico, a Páscoa era um tipo. Um tipo é um padrão, como a tecla em uma antiga prensa que gera a letra na página. Na Bíblia, um tipo é uma pessoa, prática ou evento do Antigo Testamento que estabelece o padrão para a salvação em Cristo. Charles Spurgeon disse:

É a nossa convicção firme e crescente que os livros históricos das Escrituras pretendiam ensinar-nos coisas bíblicas por meio de tipos e figuras [...] Vemos o livro de Êxodo como um livro de tipos das libertações que Deus dará ao seu povo eleito: não só como história daquilo que ele fez, tirando-o do Egito, matando os primogênitos, guiando-o pelo mar Vermelho e pelo deserto, mas também como uma imagem de suas interações fiéis com todo o seu povo, o qual, pelo sangue de Cristo, ele separa dos egípcios e o qual, por meio de sua mão forte e poderosa, ele tira da casa e da terra de sua escravidão.1

A Páscoa é um tipo. Ela mostra o padrão da salvação, no qual o sangue de um sacrifício perfeito serve como substituto para os nossos pecados. Assim como os

israelitas foram libertos da morte quando olharam para o sangue em seu batente, assim também somos salvos quando olhamos para o sangue que Jesus derramou na cruz. E então, como os israelitas também, somos chamados para varrer o antigo fermento do pecado e viver de uma maneira pura e agradável a Deus. O apóstolo Paulo se referia a esses "tipos" da salvação quando escreveu: "Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado. Por isso, celebremos a festa não com o velho fermento, nem com o fermento da maldade e da malícia, e sim com os asmos da sinceridade e da verdade" (1Co 5.7b-8).

Além de tudo isso, há muito mais a aprender porque a Páscoa tem uma profundidade rica de significado espiritual. No final de Êxodo 12, Deus dá instruções adicionais para a Páscoa. Então, no início do capítulo 13, Moisés repete algumas das instruções que Deus já havia dado. Essa informação mostra a importância da Páscoa, mas a repetição pode parecer um tanto entediante. Na verdade, alguns estudiosos veem o final do capítulo 12 como um tipo de "apêndice". Acreditam que esses versículos (12.43-49) foram acrescentados por um autor posterior. No entanto, toda a informação é importante. Deus queria que essa festa fosse celebrada corretamente até o último detalhe, pois queria dar ao seu povo uma imagem completa da salvação. A Páscoa era uma refeição que deveria ser compartilhada, comida e explicada.

Compartilhando a Páscoa

A Páscoa era uma refeição a ser compartilhada com todo o povo de Deus. Deus disse a Moisés: "Toda a congregação de Israel o fará" (12.47). Isso era algo que Deus havia dito desde o início de suas instruções referentes à Páscoa: "Falai a toda a congregação de Israel, dizendo [...] cada um tomará para si um cordeiro, segundo a casa dos pais, um cordeiro para cada família" (12.3); "todo o ajuntamento da congregação de Israel o imolará no crepúsculo da tarde" (12.6). Isso era, em parte, uma questão de segurança pública. O destruidor estava vindo, e os filhos primogênitos só estariam a salvo se estivessem cobertos pelo sangue do cordeiro. Por isso, Deus disse: "Nenhum de vós saia da porta da sua casa até pela manhã" (12.22b).

Para que estivessem seguros, todos os israelitas precisaram celebrar a primeira Páscoa. Mas, mesmo após a passagem da morte, todos eles precisaram observar a Festa dos Pães Asmos. Deus os instruiu a ter uma "santa assembleia" (12.16),

o que significava que toda a comundidade deveria se reunir para adorar (veja também Lv 23; Nm 28; 29). Se alguém se recusasse a participar, seria excluído de Israel (12.15,19). Deus disse também que, durante a Páscoa, todos precisavam permanecer acordados e vigiar: “Esta noite se observará ao Senhor, porque, nela, os tirou da terra do Egito; esta é a noite do Senhor, que devem todos os filhos de Israel comemorar nas suas gerações” (12.42). A Páscoa era uma refeição que precisava ser compartilhada, uma celebração para toda a família de Deus.

A razão pela qual era necessário que todo o povo de Deus celebrasse a Páscoa era porque todos eles haviam sido resgatados juntos. Êxodo 12 termina com este resumo: “Assim fizeram todos os filhos de Israel; como o Senhor ordenara a Moisés e a Arão, assim fizeram. Naquele mesmo dia, tirou o Senhor os filhos de Israel do Egito, segundo as suas turmas” (12.50-51). Já que a salvação era algo que eles tinham em comum, era apenas justo que eles se reunissem para a festa que louvava a Deus pela graça que todos eles haviam recebido.

Na América do Norte, a maioria dos cristãos vê a salvação em termos individuais. Muitas vezes, os evangélicos falam sobre ter um relacionamento pessoal com Jesus Cristo. Cristianismo trata daquilo que Deus tem feito por mim. No entanto, cremos também na comunhão dos santos, o que significa que todos nós temos algo em comum. Na salvação, Deus nos reuniu com Jesus Cristo.

É por isso que, quando o Novo Testamento explica as grandes doutrinas da salvação, ele quase sempre fala no plural. Para dar apenas um exemplo, veja as palavras de Paulo a Tito: “Quando, porém, se manifestou a benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com todos, não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador, a fim de que, justificados por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna” (Tt 3.4-7). Regeneração, justificação, santificação, glorificação – juntos compartilhamos cada aspecto da salvação. Somos todos pecadores que precisam de um Salvador, fomos todos incluídos com Cristo quando ele morreu na cruz e ressuscitou do túmulo, e algum dia todos nós seremos transformados em sua imagem gloriosa.

Já que Deus quer reunir um povo para a sua glória, a adoração em conjunto é uma parte essencial de seu plano salvador. Isso explica por que é absolutamente

vital que os cristãos sejam fiéis na participação da adoração pública. É bom adorar a Deus em particular. Cada cristão deve manter uma rotina regular de oração, louvor e estudo bíblico pessoal. Mas não podemos ser cristãos sozinhos. Faz parte da essência do nosso cristianismo adorarmos a Deus juntos e louvá-lo pela salvação que compartilhamos em Cristo. Um cristão que decide que não é necessário frequentar uma igreja se encontra em grave perigo espiritual. Como dizem as Escrituras: “Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima” (Hb 10.24-25).

Era uma refeição para ser compartilhada, por isso, a Páscoa ajudou a unir o povo de Deus em uma única comunidade. Todos os israelitas observaram a mesma festa ao mesmo tempo em todas as suas casas. Fazemos algo semelhante na igreja sempre que celebramos o sacramento da comunhão. Compartilhar a Ceia do Senhor é um símbolo poderoso da nossa união e comunidade em Cristo. O apóstolo Paulo explicou isso aos coríntios, que, às vezes, não se davam bem uns com os outros. Ele lhes perguntou: “Porventura, o cálice da bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo?” (1Co 10.16). A resposta foi: “sim!”. De alguma maneira misteriosa, pelo poder e pela presença do Espírito Santo, os cristãos que comem do pão e bebem do cálice estão espiritualmente conectados com Cristo. Ao mesmo tempo, estamos também conectados uns com os outros. Ter união com Cristo significa ter comunhão com sua igreja. Por isso, Paulo continuou dizendo: “Porque nós, embora muitos, somos unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos do único pão” (1Co 10.17). Como a Páscoa, a Ceia do Senhor é uma refeição que deve ser compartilhada – uma demonstração palpável da nossa comunhão em Cristo.

Um lugar à mesa

A Páscoa era uma refeição para ser compartilhada por todo o povo de Deus. Todos estavam incluídos – cada homem, mulher e criança em Israel. No entanto, algumas pessoas estavam excluídas. Aqui, as instruções de Deus também eram muito específicas: “Disse mais o Senhor a Moisés e a Arão: Esta é a ordenança da Páscoa: nenhum estrangeiro comerá dela [...] O estrangeiro e o assalariado não comerão dela” (12.43,45). Para ser direto: Deus discriminava. A Páscoa era

para o seu povo e apenas para o seu povo.

A pergunta sobre quem se qualificava para a Páscoa surgiu quase que imediatamente, pois os israelitas não foram os únicos que saíram do Egito. A Bíblia diz: “Subiu também com eles um misto de gente” (12.38). O termo “misto de gente” significa que essas pessoas vinham de uma variedade de contextos étnicos. Algumas podem ter sido egípcios que temiam o Deus de Israel. Outras, sem dúvida, vinham de outras tribos – colegas escravos que aproveitaram a oportunidade de escapar quando viram os israelitas partindo para o deserto. Assim, surgiu de modo natural a pergunta sobre se essas pessoas podiam participar da festa.

A resposta básica é “não”. A Páscoa era exclusiva. Destinava-se apenas ao povo de Deus, não a forasteiros. Forasteiros e trabalhadores migrantes não podiam observar a festa. A razão era que eles não eram membros da comunidade da aliança. Para usar um termo contemporâneo, elas não eram fiéis. Não era uma questão de raça, mas de graça. Esses forasteiros ainda não haviam depositado sua fé no Deus de Israel, por isso, não tinham nenhum direito de receber a expiação que ele forneceu por meio do cordeiro pascal. Não era correto receberem o sinal da salvação, pois não confiavam no sangue do cordeiro.

A igreja mantém a mesma restrição à mesa do Senhor. Como vimos, existe uma conexão entre a Páscoa e a Ceia do Senhor. Ambos os sacramentos são exclusivos. Como a Páscoa, a Ceia do Senhor também não é para todos. É apenas para aqueles que vieram à fé no Senhor Jesus Cristo. A Bíblia ensina que “aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice; pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si” (1Co 11.27-29). No mínimo, esses versículos significam que a comunhão não é para aqueles que não conhecem Cristo. É inapropriado e até mesmo perigoso participar da comunhão sem receber Jesus Cristo como Senhor.

Por isso, é necessário que os pastores alertem algumas pessoas para que não recebam o sacramento, dizendo algo assim: “É minha obrigação dizer-lhes que a Ceia do Senhor é para o povo de Deus. É para aqueles – e apenas para aqueles – que confessaram seus pecados, que professaram publicamente sua fé exclusivamente em Cristo para a sua salvação e que são membros fiéis de uma igreja que pregue o evangelho”. Os antigos presbiterianos escoceses chamavam

isso de “cercar a mesa”. O propósito desse alerta não é afastar as pessoas de Cristo, mas deixar claro que a única maneira de receber a salvação é ir a ele em fé. Não podemos ter comunhão com Cristo se não tivermos fé em seu sangue. Dizer isso às pessoas ajuda a esclarecer a sua condição espiritual. Quando um pastor traça a linha entre aqueles que estão do lado de dentro e aqueles que estão do lado de fora da igreja, isso ajuda as pessoas que ainda não assumiram um compromisso com Cristo a reconhecer que ainda não estão salvas.

Existe, porém, uma maneira de serem salvas, e esta é ir a Deus em fé. A maneira como as pessoas faziam isso na época de Moisés era recebendo o sinal da circuncisão e, assim, unindo-se à comunidade da aliança – ao povo de Deus. Quando essas pessoas eram circuncidadas, sendo israelitas ou não, elas se qualificavam para participar da Páscoa. Deus disse: “Todo escravo comprado por dinheiro, depois de o teres circuncidado, comerá dela” (12.44).

A prática de circuncidar escravos remetia à aliança de Deus com Abraão, a quem Deus dissera:

Esta é a minha aliança, que guardareis entre mim e vós e a tua descendência: todo macho entre vós será circuncidado. Circuncidareis a carne do vosso prepúcio; será isso por sinal de aliança entre mim e vós. O que tem oito dias será circuncidado entre vós, todo macho nas vossas gerações, tanto o escravo nascido em casa como o comprado a qualquer estrangeiro, que não for da tua estirpe. Com efeito, será circuncidado o nascido em tua casa e o comprado por teu dinheiro; a minha aliança estará na vossa carne e será aliança perpétua. (Gn 17.10-13)

Desde os tempos de Abraão, Deus permitia que escravos se tornassem membros da comunidade da aliança. Quando eram circuncidados, eles também se qualificavam para participar da Páscoa.

Os escravos não eram, porém, os únicos não israelitas que podiam se unir à comunidade da aliança. Esse privilégio se estendia também aos “forasteiros” ou estrangeiros que tomavam residência permanente entre o povo de Deus. O Antigo Testamento concedia aos estrangeiros vários direitos e proteções importantes. Tinham a permissão de colher grãos das margens do campo de um

fazendeiro (Lv 19.10; 23.22) e podiam pedir proteção nas cidades de refúgio (Nm 35.15). No entanto, não podiam participar da Páscoa caso não fossem circuncidados. Deus disse a Moisés: “Porém, se algum estrangeiro se hospedar contigo e quiser celebrar a Páscoa do Senhor, seja-lhe circuncidado todo macho; e, então, se chegará, e a observará, e será como o natural da terra; mas nenhum incircunciso comerá dela. A mesma lei haja para o natural e para o forasteiro que peregrinar entre vós” (12.48-49). A circuncisão era pré-requisito para quem quisesse participar da Páscoa.

Essas regulamentações mostram que Deus sempre ofereceu a salvação a todos. Ninguém jamais foi impedido de ir a Deus simplesmente com base na sua raça. Até mesmo no Antigo Testamento, Deus forneceu uma maneira para que pessoas de fora pudessem entrar em sua família e receber a graça salvadora. Bastava que elas viessem na fé no Deus de Israel, e a circuncisão era a maneira pública de confiar em sua promessa de salvação. Já no Antigo Testamento Deus estava proclamando a sua glória às nações. Seu povo – tanto os israelitas nativos quanto o “misto de gente” – foi salvo pela graça por meio da fé.

Aqui, a Páscoa ajuda novamente a explicar o que a Ceia do Senhor significa para a igreja. A comunhão é um banquete internacional, uma refeição a ser compartilhada por todas as nações. Jesus disse: “Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus” (Mt 8.11). Essa promessa se referia ao modo como o evangelho reuniria as nações. Jesus estava dizendo que aqueles que estavam do lado de fora viriam para participar do banquete de Deus. Essa promessa se cumpre sempre que cristãos de várias tribos e nações se sentam à mesa para compartilhar a Ceia do Senhor.

Existe, porém, uma exigência, e esta é a fé pessoal em Jesus Cristo. Isso é absolutamente essencial. A Comunhão envolve mais do que simplesmente aparecer na igreja e sentar-se para receber a Ceia do Senhor. Para recebê-la corretamente, a pessoa precisa ser batizada e fazer uma confissão pública de sua fé em Cristo. Havia uma exigência semelhante para residentes estrangeiros que viviam em Israel na época do Antigo Testamento. O fato de viverem com o povo de Deus lhes trazia muitos benefícios. No entanto, a salvação exigia mais do que apenas ser vizinho de um israelita. Exigia um compromisso pessoal total com Deus, evidenciado pela circuncisão. Apenas os estrangeiros que haviam feito esse compromisso de fé se qualificavam para participar da Páscoa e a receber todos os benefícios que esta simbolizava: a libertação da morte, a expiação do

pecado e a força para a santidade. O mesmo princípio se aplica à igreja. Existem muitos benefícios espirituais em frequentar a igreja, mas a salvação não faz parte deles. O que Deus exige é fé em seu Filho Jesus Cristo, e apenas aqueles que creem e são batizados se qualificam plenamente para comungar com o povo de Deus.

A refeição pascal

Já que a Páscoa era um banquete, obviamente, precisava ser consumida. Primeiro os israelitas comiam o cordeiro – todo o cordeiro. Deus havia dito a Moisés: "Não comereis do animal nada cru, nem cozido em água, porém assado ao fogo: a cabeça, as pernas e a fressura. Nada deixareis dele até pela manhã; o que, porém, ficar até pela manhã, queimá-lo-eis" (12.9-10). No final do capítulo 12, o Senhor acrescentou: "O cordeiro há de ser comido numa só casa; da sua carne não levareis fora da casa, nem lhe quebrareis osso nenhum" (12.46).

A Bíblia não explica o raciocínio por trás dessas instruções, e os estudiosos têm tentado entender o que significam. As instruções parecem ressaltar a integridade do sacrifício. A Páscoa era um banquete indiviso. Um cordeiro era comido por uma família sob um teto para uma salvação. Isso servia para fortalecer seus laços de comunhão. Além do mais, os israelitas não tinham permissão para arrancar um osso e dá-lo a um vizinho. Talvez isso servisse para garantir que nenhum forasteiro ou estrangeiro participasse sem ser circuncidado.

O que é certo é que a ordem de não quebrar qualquer osso ajuda a confirmar que Jesus é o cordeiro da nossa salvação. Jesus e os dois homens que foram crucificados com ele foram pregados à cruz no dia anterior à Páscoa. Alguns dos líderes religiosos queriam garantir que seus corpos fossem retirados das cruzes antes da festa sagrada, e, a fim de apressar a morte, pediram que os romanos quebrassem as pernas de suas vítimas. Segundo João, que testemunhou esses eventos, "os soldados foram e quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que com ele tinham sido crucificados; chegando-se, porém, a Jesus, como vissem que já estava morto, não lhe quebraram as pernas" (Jo 19.32-33). Os ossos de Jesus não foram quebrados e, quando João refletiu sobre isso, reconheceu que "isto aconteceu para se cumprir a Escritura: Nenhum dos seus ossos será quebrado" (Jo 19.36). Isso nos garante que Jesus realmente é o sacrifício perfeito por nosso pecado – imaculado e íntegro.

Após terem comido o cordeiro, os israelitas comiam pão sem fermento durante sete dias. Novamente, as instruções são detalhadas:

Disse Moisés ao povo: Lembrai-vos deste mesmo dia, em que saístes do Egito, da casa da servidão; pois com mão forte o

Senhor

vos tirou de lá; portanto, não comereis pão levedado. Hoje, mês de abibe, estais saindo. Quando o

Senhor

te houver introduzido na terra dos cananeus, e dos heteus, e dos amorreus, e dos heveus, e dos jebuseus, a qual jurou a teus pais te dar, terra que mana leite e mel, guardarás este rito neste mês. Sete dias comerás pães asmos; e, ao sétimo dia, haverá solenidade ao

Senhor

. Sete dias se comerão pães asmos, e o levedado não se encontrará contigo, nem ainda fermento será encontrado em todo o teu território. (13.3-7)

Esse festival deveria ser observado mesmo após a chegada dos israelitas na Terra Prometida. Após se assentarem, eles seriam capazes de comer pão com fermento, pois teriam tempo em abundância para deixar a massa crescer. Mas a cada ano, na Páscoa, eles comeriam pão sem fermento como testemunho de sua salvação. O pão os lembraria da pressa com que tiveram de sair do Egito, e, já que o fermento representava o pecado, ele os lembraria também da necessidade de levar uma vida santa. Deus não queria encontrar qualquer traço dos antigos pecados egípcios em Israel.

Em suma, a Páscoa era uma refeição. Tanto o cordeiro quanto o pão deveriam ser comidos. Mas por quê? Por que era tão importante ter comida na Páscoa? Por que Deus deu ao seu povo um sinal comestível de salvação?

Comida não era uma característica exclusiva da Páscoa. Comer e beber são atividades encontradas em todas as Escrituras, desde Melquisedeque, que ofereceu pão e vinho a Abraão (Gn 14.18), até “a ceia das bodas do Cordeiro” (Ap 19.9). Muitos cultos bíblicos de adoração terminam com uma refeição. Moisés e os anciãos de Israel comeram e beberam na montanha sagrada (24.11). Quando Esdras e Neemias renovaram a aliança, instruíram o povo de Deus a “comer carnes gordas, tomar bebidas doces” (Nm 8.10). A maioria dos sacrifícios no Antigo Testamento devia ser comida ou pelo povo, ou pelos sacerdotes, ou por ambos. Depois veio Cristo para inaugurar uma nova aliança, e ele ofereceu aos seus seguidores o pão e o vinho da comunhão. Deus sempre nos apresenta os benefícios da salvação na forma de uma refeição? Por quê?

Deus tem muitas razões para nos dar algo para comer e beber. Isso nos ajuda a entender o evangelho, pois apresenta a salvação como algo que podemos ver e tocar, algo tão real que podemos sentir seu gosto. Compartilhar uma refeição é, também, uma forma de comunhão. Comer une as pessoas. Assim, quando Deus nos convida para sentar à sua mesa, ele está nos dizendo que quer ter um relacionamento íntimo conosco. Jesus disse: “Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo” (Ap 3.20).

Comer e beber também nos identificam com Cristo em seu sacrifício por nosso pecado. Quando comemos o pão do seu corpo e bebemos do cálice do seu sangue, recebemos em nosso corpo os símbolos da salvação – os selos da aliança – que mostram nossa conexão com Cristo e sua cruz. Na Páscoa, os israelitas também foram identificados com o cordeiro sacrificial. O sangue no batente da porta revelava uma conexão entre a família dentro da casa e o cordeiro que ela havia sacrificado por seus pecados. Comer o cordeiro tornava essa conexão ainda mais forte. Ao ingerir todo o sacrifício, a família estava se identificando totalmente com o sacrifício que Deus havia providenciado para a sua salvação. Era mais do que um símbolo; era uma realidade espiritual. O sacramento da comunhão estabelece, da mesma forma, uma identificação total entre Cristo e o cristão, selando a aliança da graça. O que Cristo fez na cruz é realmente nosso, é tão parte de nós quanto aquilo que comemos e bebemos.

Por fim, comemos a Ceia do Senhor para a nossa nutrição. Sempre que participamos da comunhão, recebemos um alimento que é espiritualmente saudável para nós. A Confissão de Fé de Westminster explica que aqueles que compartilham do pão e do cálice por meio da fé “recebem intimamente, pela fé,

a Cristo crucificado e todos os benefícios de sua morte, e dele se alimentam, não carnal ou corporalmente, mas real, verdadeira e espiritualmente" (XXIX.VII). Em outras palavras, o que acontece na comunhão é de natureza espiritual, não apenas ou nem mesmo primariamente físico. Mesmo assim, por meio da presença do Espírito Santo, ela é real. Ao participar da Ceia do Senhor, recebemos um alimento espiritual real para crescer na graça. Estamos nos alimentando de Cristo e dos benefícios de sua salvação.

Explicando a Páscoa

Quanto mais estudamos a Páscoa, mais percebemos que essa refeição é um grande mistério. Sua apresentação do evangelho é tão profunda que precisaríamos de uma vida inteira para aprender tudo o que ela tem a nos ensinar. Por essa razão, a Páscoa não era simplesmente uma refeição a ser compartilhada, mas também uma refeição a ser explicada.

Sempre que o povo de Deus celebrava a Páscoa, devia falar sobre seu significado. Moisés disse: "Naquele mesmo dia, contarás a teu filho, dizendo: É isto pelo que o Senhor me fez, quando saí do Egito. E será como sinal na tua mão e por memorial entre teus olhos; para que a lei do Senhor esteja na tua boca; pois com mão forte o Senhor te tirou do Egito. Portanto, guardarás esta ordenança no determinado tempo, de ano em ano" (13.8-10).

Muitos judeus interpretaram essas palavras literalmente, não reconhecendo que Moisés estava usando uma linguagem figurada. Ainda hoje, a fim de manter a Palavra de Deus em suas mãos e na testa, os judeus ortodoxos escrevem passagens das Escrituras em pedaços de papel, colocam-nos em pequenas caixas e as amarram nos braços e na cabeça com tiras de couro.2 É fácil entender como essa tradição legalista começou, mas não é o que Deus pretendia, como Jesus explicou aos fariseus (veja Mt 23.5). O que deveria servir como lembrete não era um versículo bíblico numa caixa, mas a Páscoa. O próprio banquete era o sinal na mão, o lembrete na testa. Em outras palavras, a Páscoa mantinha a mensagem da salvação diante dos olhos do povo de Deus. Mas, para que isso pudesse acontecer, ela precisava ser explicada; caso contrário, ela se transformaria simplesmente num ritual sem significado.

Aqueles que explicavam a Páscoa eram os pais. Era sua a responsabilidade de

falar com seus filhos sobre assuntos espirituais. Quando um pai preparava o cordeiro para o sacrifício, ele dizia ao filho: “Você se lembra por que fazemos isso todos os anos?”. Então, ele dava testemunho de sua fé no Deus de Israel. Dizia: “É isto pelo que o Senhor me fez, quando saí do Egito” (13.8).

Era um testemunho maravilhoso. Era pessoal, apresentado na primeira pessoa. Cada israelita precisava se apropriar de modo pessoal da salvação que Deus providenciara para todo o Israel. Ao mesmo tempo, era um testemunho centrado em Deus. Girava em torno de tudo o que Deus havia feito na história para salvar o seu povo. Cada cristão deveria estar preparado para dar o mesmo tipo de testemunho, um testemunho pessoal e centrado em Cristo. Deveríamos estar preparados para dizer: “Eu quero lhe dizer o que Jesus Cristo tem feito por mim. Ele morreu na cruz por meus pecados e me deu uma vida totalmente nova”.

Ao dar testemunho do significado da Páscoa, o povo de Deus garantia que ele jamais se esquecesse de sua salvação. O que Deus fez ao resgatar o seu povo da escravidão era tão maravilhoso, tão milagroso que precisava ser lembrado não só durante alguns anos ou até mesmo alguns séculos, mas para sempre. Infelizmente, muitos israelitas se esqueceram da sua salvação. Mas sempre houve alguns que se lembravam. Um deles era Josué, cuja memória foi absolutamente essencial, pois toda a sua geração pereceu no deserto. Mas Josué se lembrou, e, por isso, quando os israelitas terminaram suas caminhadas pelo deserto e entraram na Terra Prometida, a primeira coisa que ele os fez fazer foi celebrar a Páscoa (Js 5.10-11). Reis como Ezequias e Josias também se lembraram. Ambos ordenaram que Israel observasse a festa (2Cr 30; 35). Esdras e Neemias também se lembraram e celebraram a Páscoa quando Israel voltou do exílio (Ed 6.19-22). E Jesus também se lembrou, pois era seu costume compartilhar a Páscoa com seus discípulos.

A forma como o povo de Deus lembrava era muito simples: celebravam a Páscoa da mesma forma como seus pais a celebravam, incluindo a explicação. Cada filho aprendeu o significado da salvação de seu pai, que a havia aprendido de seu pai, que, por sua vez, havia aprendido de seu pai, etc. até chegar em Moisés. Asafe teve esse processo educacional em mente quando escreveu:

Contaremos à vindoura geração

os louvores do

Senhor

, e o seu poder,

e as maravilhas que fez...

a fim de que a nova geração os conhecesse,

filhos que ainda hão de nascer

se levantassem e por sua vez os referissem aos seus descendentes;

para que pusessem em Deus a sua confiança

e não se esquecessem dos feitos de Deus. (Sl 78.4,6-7)

Muitos israelitas cumpriram a promessa de Asafe, o que ajuda a explicar por que tantas passagens do Antigo Testamento se referem ao êxodo (p. ex., Sl 105; Jr 32.20-21; Mq 6.4). Os pais sempre conversavam sobre isso com seus filhos.

Essa tarefa foi agora confiada aos pais cristãos e também a cada adulto na família de Deus, a igreja. É nossa responsabilidade ensinar às crianças a Bíblia e a sua teologia, falar com elas sobre assuntos espirituais, compartilhar com elas os nossos testemunhos pessoais da nossa fé em Cristo, explicar-lhes o significado da Ceia do Senhor e, de todas as maneiras possíveis, apresentar-lhes o evangelho de Deus e de sua salvação.

Muitas vezes, tem sido observado que, em qualquer família, igreja ou nação, o evangelho está a apenas uma geração de sua extinção. Tudo depende da próxima geração, portanto, tudo depende da instrução dos pais aos filhos. Isso levou Charles Spurgeon a lembrar sua congregação:

As crianças precisam aprender a doutrina da cruz para que possam encontrar salvação imediata. Agradeço a Deus pelo fato de que [...] cremos na salvação das

crianças como crianças [...] Vá em frente [...] e creia que Deus salvará seus filhos. Não se contente em semear princípios em suas mente, nos quais eles talvez se desenvolvam em anos futuros; mas trabalhe para a sua conversão imediata [...] Que misericórdia será se seus filhos estiverem firmemente fundamentados na doutrina da redenção por Cristo! [...] Alguns falam aos filhos sobre serem bons meninos e meninas, etc., ou seja, pregam a lei a crianças como se estivessem pregando o evangelho a pessoas adultas! Isso é honesto? É sábio? Crianças precisam do evangelho, de todo o evangelho, do evangelho inadulterado; elas devem tê-lo, e, se forem instruídas sobre o Espírito de Deus, são tão capazes de receber quanto uma pessoa em anos maduros. Ensine aos pequeninos que Jesus morreu, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus.3

Se ensinarmos isso aos nossos filhos – que Cristo morreu pelos pecadores –, será isso que eles ensinarão aos seus filhos e, assim, a mensagem da cruz será lembrada ainda muito tempo após já termos morrido, até o fim do mundo e para todo o sempre.

Notas

1 Charles H. Spurgeon, “The Exodus”, The New Park Street Pulpit 2, nº 55 (Pasadena, TX: Pilgrim, 1975), p. 9.

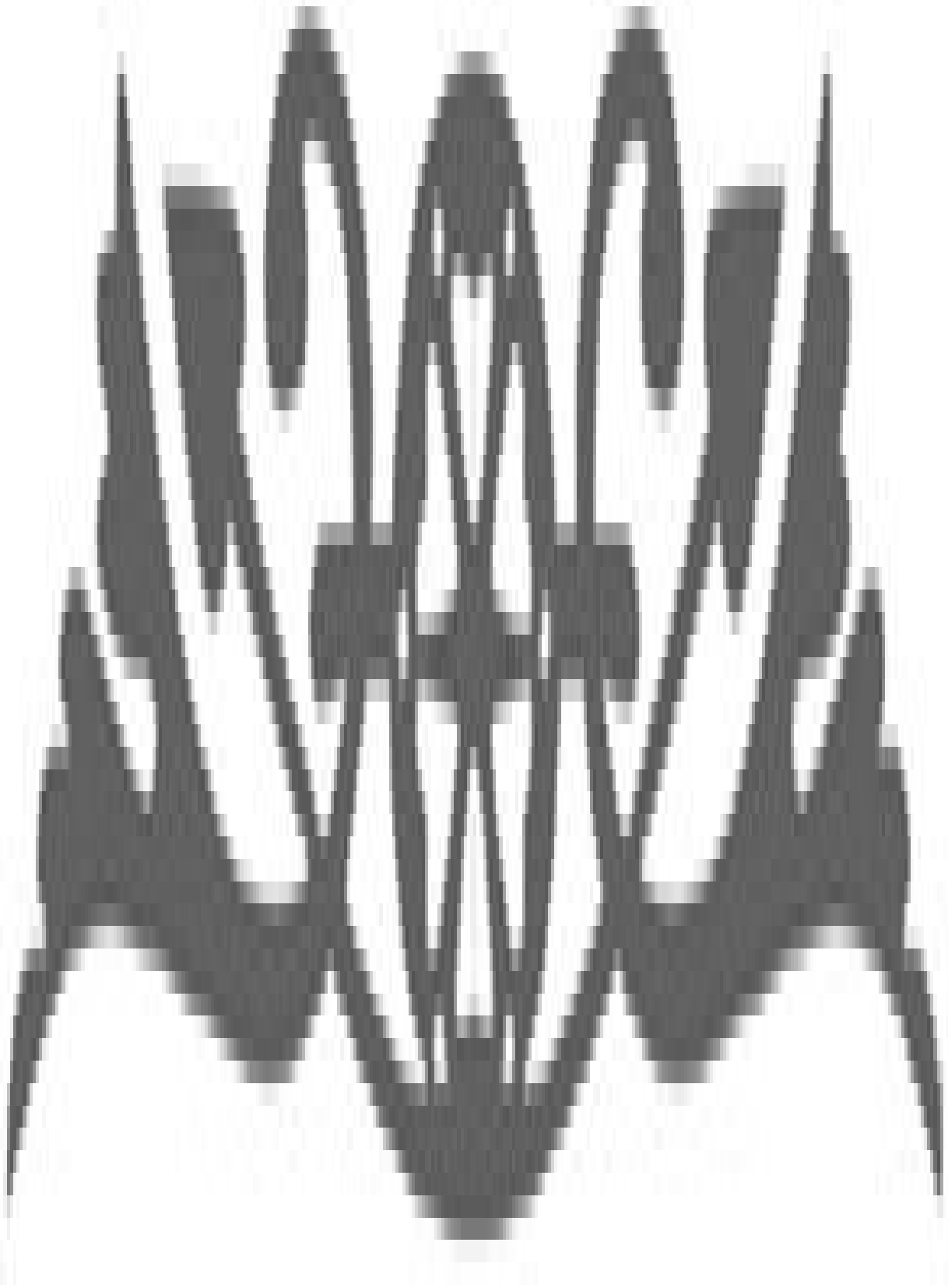
2 Göran Larsson, Bound for Freedom: The Book of Exodus in Jewish and Christian Traditions (Peabody, MA: Hendrickson, 1999), p. 90-1.

3 Charles H. Spurgeon “The Blood of Sprinkling and the Children”, The Metropolitan Tabernacle Pulpit 33, nº 1.988 (Londres: Banner of Truth, 1969), p. 587-88.

32

A redenção dos filhos

Êxodo 13.1-2,11-16



Estudar Êxodo significa aprender a teologia da salvação. A história verdadeira da fuga de Israel do Egito demonstra muitas grandes doutrinas da fé cristã. Ela nos instrui sobre o pecado e o juízo. Quando Deus enviou suas pragas contra os egípcios, ele os julgou por seus pecados. O êxodo ensina eleição: Deus resgatou os israelitas porque eles eram o povo de sua escolha. Ensina a expiação substitutiva: o povo de Deus foi salvo pelo sangue de um cordeiro sacrificado em seu lugar. Isso era também uma propiciação, pois o sangue desviou a ira mortal de Deus. O êxodo ensina a comunhão dos santos: os israelitas compartilhavam a Páscoa e, ao fazê-lo, eles se lembravam do Deus da sua salvação. O êxodo ensina até mesmo a santificação, pois Deus ordenou que expulsassem o fermento que representava sua antiga vida em pecado. O êxodo deu a Israel uma educação teológica quase completa. Quase nenhuma doutrina importante ficou de fora.

Outro pilar da soteriologia é introduzido no capítulo 13 – a doutrina da redenção. Esse capítulo fornece instruções para a redenção dos filhos. Como a Páscoa e a Festa dos Pães Asmos, esse ritual pretendia lembrar aos israelitas como Deus os salvou do Egito. Seu resgate foi uma redenção. Em outras palavras, obteve sua libertação por meio do pagamento de um preço.

A redenção nos ajuda a completar a nossa compreensão do êxodo. Também nos ajuda a apreciar a nossa própria salvação, pois essa doutrina possui muitos vínculos com a pessoa e obra de Cristo. As Escrituras dizem: “[Nele] temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados” (Ef 1.7; cf. Cl 1.13-14). Ao refletir sobre essa grande verdade, B. B. Warfield (1851-1921) concluiu:

Não existe título de Cristo que seja mais precioso para o coração cristão do que o título de “Redentor” [...] Ele expressa não só o nosso senso de que recebemos salvação dele, mas também o nosso apreço pelo que lhe custou conseguir essa salvação para nós. É o nome especificamente do Cristo na cruz. Sempre que o pronunciamos, a cruz é levantada perante nossos olhos e nosso coração se enche com a memória amorosa não só de que Cristo nos deu a salvação, mas de que ele pagou um grande preço por ela.1

Quem é seu pai?

A redenção descrita em Êxodo 13 é a redenção dos filhos. Isso remete a algo que Moisés disse a Faraó ainda antes das pragas: “Assim diz o Senhor: Israel é meu filho, meu primogênito. Digo-te, pois: deixa ir meu filho, para que me sirva; mas, se recusares deixá-lo ir, eis que eu matarei teu filho, teu primogênito” (4.22-23). O êxodo do Egito foi a redenção de Israel, o filho primogênito de Deus (cf. Os 11.1).

Para ajudar seu povo a lembrar-se de sua redenção, Deus lhe deu uma tradição especial. Começava com o reconhecimento de que cada filho pertence a Deus: “Disse o Senhor a Moisés: Consagra-me todo primogênito; todo que abre a madre de sua mãe entre os filhos de Israel, tanto de homens como de animais, é meu” (13.1-2; cf. 34.19-20). Deus estava reivindicando seu direito à descendência de Israel, como faria novamente em 22.29: “O primogênito de teus filhos me darás”. Deus ordenou que os israelitas lhe consagrassem seus filhos. A razão disso era que eles já lhe pertenciam.

A ordem de Deus dizia respeito especificamente aos filhos primogênitos de Israel. Existe aqui uma conexão óbvia com a décima praga, por meio da qual Deus matou os primogênitos do Egito. Caso exista qualquer dúvida, essa conexão é mencionada explicitamente no versículo 15. A fim de explicar a redenção, os pais deveriam dar uma lição de história aos seus filhos: “Pois sucedeu que, endurecendo-se Faraó para não nos deixar sair, o Senhor matou todos os primogênitos na terra do Egito, desde o primogênito do homem até ao primogênito dos animais”. Não eram só os primogênitos de Israel que pertenciam ao Senhor, mas também os primogênitos do Egito, que foram reivindicados pelo anjo da morte.

No mundo antigo, os primogênitos eram importantes, como o são ainda hoje em muitas culturas, pois “significavam o centro e o futuro da família”.2 O filho mais velho tinha privilégios e responsabilidades especiais, inclusive o direito à herança. Mas Deus não estava praticando favoritismo. A consagração do primogênito servia, na verdade, para mostrar que toda a família pertencia a Deus. O primogênito representava toda a descendência, inclusive as meninas e todo o resto dos meninos. O primogênito representava a família como parte que representava o todo – assim como, por exemplo, um capitão representa seu time no início de um jogo de futebol ou um executivo representa sua empresa na mesa de negociações. O mesmo princípio se aplicava quando os israelitas traziam os

primeiros frutos para a Festa das Primícias (23.16,19). Eles ofereciam os primeiros e melhores frutos para mostrar que toda a ceifa pertencia a Deus. Da mesma forma, o primogênito era a primícia da família. Consagrá-lo significava consagrar todos os outros que vinham do ventre de sua mãe.

Isso ajuda a explicar por que Deus estava tão enfurecido com os egípcios. Faraó tentara matar os filhos de Israel afogando-os no Nilo (1.15-16). Isso não era apenas uma tentativa cruel de genocídio, era também uma rejeição dos direitos paternais de Deus. Faraó estava tentando apoderar-se da prerrogativa de Deus. No fim, ele foi punido com a morte de seu próprio filho primogênito, exatamente como Deus havia alertado (4.23b). Ao afligir os egípcios com a morte, Deus não estava sendo vingativo ou tendo algum tipo de ataque de raiva. Pelo contrário, ele estava correta e justamente defendendo seu direito de ser um pai para os seus filhos.

Deus reivindica esse mesmo direito a todos os seus filhos e filhas. Ele é o nosso Pai em virtude da criação. Como nosso criador, ele merece a nossa adoração e obediência. Já perto do final de sua vida, Moisés perguntou: “Não é ele teu pai, que te adquiriu, te fez e te estabeleceu?” (Dt 32.6b). A resposta é: “sim!”. Nosso Deus Pai é nosso Criador. Somos seus filhos por criação, o que lhe dá o direito de receber os nossos louvores. Mas pertencemos a Deus também por salvação, e era essa a essência do ritual pela redenção. Deus não só nos fez, mas ele também nos salva. Isso nos dá uma razão ainda maior para dedicar toda a nossa vida ao seu serviço. Deus é nosso Pai por direito, tanto por criação quanto por redenção.

O substituto do filho

Na época do êxodo, os israelitas reconheceram o direito de propriedade de Deus, consagrando-lhe seus filhos primogênitos. Mas Deus queria que eles se lembrassem de sua salvação para sempre. Por isso, garantiu que continuassem essa prática mesmo após sua chegada na Terra Prometida: “Quando o Senhor te houver introduzido na terra dos cananeus, como te jurou a ti e a teus pais, quando ta houver dado, apartarás para o Senhor todo que abrir a madre e todo primogênito dos animais que tiveres; os machos serão do Senhor. Porém todo primogênito da jumenta resgatarás com um cordeiro; se o não resgatares, será desnucado; mas todo primogênito do homem entre teus filhos resgatarás” (13.11-13; cf. 34.20).

Os israelitas receberam a ordem de dar sua descendência a Deus. Deveriam "apartar" – literalmente, "entregar" – seus primogênitos. Mas o que isso significava? Mais especificamente, como deveriam dar seus primogênitos a Deus? No caso dos animais, isso significava ofertar os primogênitos como sacrifício. As instruções para isso são dadas no livro de Números: "Mas o primogênito do gado, ou primogênito de ovelhas, ou primogênito de cabra não resgatarás; são santos; o seu sangue aspergirás sobre o altar e a sua gordura queimarás em oferta queimada de aroma agradável ao Senhor" (Nm 18.17).

Uma exceção era o jumento. Os israelitas podiam usar o jumento como animal de carga, mas não podiam comê-lo ou oferecê-lo como sacrifício. Deus o considerava cerimonialmente impuro e, por isso, inaceitável como sacrifício sagrado. Mesmo assim, o jumento primogênito pertencia ao Senhor e, por isso, precisava ser entregue a ele de alguma forma. Como isso podia ser feito? Uma opção era simplesmente quebrar o pescoço do jumento, mas o dono podia também remir o jumento, oferecendo um cordeiro em seu lugar. Remir significa comprar por meio do pagamento de um preço. Nesse caso, o custo da redenção era o sacrifício de um cordeiro que era ofertado como substituto do jumento.

E quanto aos filhos primogênitos? Acredite ou não, eles pertenciam à mesma categoria dos jumentos!3 Assim que Moisés havia dado as instruções referentes aos jumentos, ele continuou dizendo: "Todo primogênito do homem entre teus filhos resgatarás" (13.13b). Vale a pena refletir sobre essa comparação por um momento. Jumentos eram impuros. Não era tanto uma questão de higiene, mas de princípio espiritual. Deus havia dividido os animais em puros e impuros para ensinar ao seu povo como distinguir entre o sagrado e o secular, o santo e o ímpio. Ao separar determinadas coisas como santas ao Senhor, os israelitas aprenderam que eles também haviam sido separados para o serviço de Deus. Mas, aqui em Êxodo 13, Deus coloca o seu povo na mesma categoria dos jumentos. Isso lhes mostrou que eles eram pecadores que precisavam de salvação. Em suma, precisavam ser remidos. Caso contrário, eles pereceriam, como acontecia com os jumentos quando não eram resgatados.

Independentemente de quão impuros eram, os filhos de Israel pertenciam a Deus e, por isso, precisavam ser entregues a ele. Como isso era feito? Não, é claro, por meio de sacrifícios infantis. Muitas culturas antigas praticavam o sacrifício humano – normalmente lançando seus filhos no fogo (veja, por exemplo, 2Rs 16.3) –, mas isso era rigorosamente proibido em Israel (Dt 18.10). Em vez disso, alguns israelitas entregavam seus filhos a Deus dedicando-os para o trabalho e a

adoração no templo. Isso era feito pelos levitas, que precisavam consagrar seus filhos ao sacerdócio, mas era feito também por outros. O melhor exemplo é Ana, que jurou que, se Deus lhe desse um filho, ela o daria “ao Senhor por todos os dias da sua vida” (1Sm 1.11). Quando seu filho Samuel nasceu, ela o levou ao tabernáculo e disse: “Por este menino orava eu; e o Senhor me concedeu a petição que eu lhe fizera. Pelo que também o trago como devolvido ao Senhor, por todos os dias que viver” (1Sm 1.27-28a).

Dedicar uma criança ao serviço sacerdotal era uma maneira de entregá-la ao Senhor. Deus, porém, ordenou que os israelitas remissem seus primogênitos, e isso exigia o pagamento de um preço. Êxodo não especifica qual era esse preço. Talvez Deus pressupusesse que seu povo faria a mesma oferta que fazia pelo jumento – um cordeiro sacrificial. Se este era o caso, então era mais um exemplo de salvação por substituição. O filho era remido por um substituto – por alguém que morresse em seu lugar como substituto pelo inaceitável. Mais uma vez, Êxodo nos aponta para a cruz de Cristo, “o qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade” (Tt 2.14). Dizer que Jesus é nosso Redentor significa dizer que ele morreu em nosso lugar. Mas, se ele não for nosso Redentor, então pereceremos como os jumentos cujo pescoço era quebrado.

Mais tarde, Deus deu aos sacerdotes instruções mais específicas para a redenção dos filhos. Ele disse: “Toda coisa consagrada irremissivelmente em Israel será tua. Todo o que abrir a madre, de todo ser vivente, que trouxerem ao Senhor, tanto de homens como de animais, será teu; porém os primogênitos dos homens resgatarás; também os primogênitos dos animais imundos resgatarás. O resgate, pois (desde a idade de um mês os resgatarás), será segundo a tua avaliação, por cinco siclos de dinheiro, segundo o siclo do santuário, que é de vinte geras” (Nm 18.14-16). Assim, o preço da redenção foi estabelecido como cinco siclos de prata, a serem pagos no templo.

Isso ajuda a explicar o que Maria e José estavam fazendo quando levaram seu filho primogênito para Jerusalém. Seu nome era Jesus, e eles “levaram-no a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor, conforme o que está escrito na Lei do Senhor: Todo primogênito ao Senhor será consagrado” (Lc 2.22b-23). Maria e José eram judeus devotos que, obviamente, sabiam o que a lei exigia. Conheciam Êxodo 13.1, que é o versículo citado no evangelho de Lucas. Jesus não precisava ser remido, é claro, mas era necessário que ele cumprisse toda a justiça, por isso, seus pais observaram o rito da redenção. Além do mais, toda a sua vida era dedicada a servir a Deus, o Pai. Jesus disse: “Eu desci do céu, não

para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou" (Jo 6.38). Como era apropriado, então, seus pais terrenos o entregaram ao seu Pai celestial quando ele nasceu. Do início ao fim, desde a manjedoura até à cruz, e depois no túmulo e à direita de Deus, Jesus se dedicou a servir a Deus para a salvação dos pecadores.

Ouçam, crianças

O ato de dedicar e remir um filho deve ter impressionado profundamente os pais da criança. Aqui estavam eles, apenas começando a fundar uma família, e uma das primeiras coisas que faziam era consagrar sua descendência a Deus. Se Deus tivesse simplesmente tirado deles o seu primogênito, ele teria agido dentro dos seus direitos. Mas ele providenciou uma maneira de redenção. Por meio de um substituto – por meio do pagamento de um preço – o filho que eles haviam ofertado era devolvido para o serviço de Deus.

O ritual de redenção ajudava os pais a entenderem que seus filhos realmente não pertenciam a eles; pertenciam a Deus. Uma maneira como os pais cristãos aprendem essa mesma lição é quando apresentam seus filhos para o batismo (ou, em algumas igrejas, para a dedicação). Quando entregam seus filhos às mãos da igreja, eles reconhecem sua completa dependência da graça de Deus para a salvação de seus filhos. Quando os recebem de volta, isso acontece não porque eles lhes pertencem, mas porque lhes foram confiados para a glória de Deus.

O nosso problema é que, às vezes, queremos criar nossos filhos à nossa imagem. Cientes disso ou não, tentamos fazer com que nossos filhos satisfaçam nossos próprios desejos insatisfeitos. Mas as crianças não existem para o nosso benefício. Precisamos entregá-las a Deus.

Um homem que entendeu isso foi Abraão (Gn 22). Na verdade, é difícil pensar na redenção dos filhos e não se lembrar desse exemplo. Deus instruiu Abraão a tomar seu filho – seu único filho Isaque, o qual ele amava – e sacrificá-lo como holocausto. Abraão fez o que Deus lhe ordenou, mas foi apenas quando ele levantou a faca para abater seu filho que Deus interveio, fornecendo um substituto.

É estranho dizer isso, mas essa passagem não me incomodou muito quando eu

ainda estava crescendo. Fazia todo o sentido para mim. Como filho, eu confiava em meu pai e queria que ele fizesse o que era certo perante Deus. Se Deus ordenou que Abraão amarrasse seu filho e o oferecesse como sacrifício, era evidente que era isso que Abraão deveria fazer.

Então, tornei-me pai. Minha esposa deu à luz ao nosso filho primogênito, um menino. Eu olhava para ele e dizia: “Que garoto lindo. É o meu filho!”. E sempre que refletia sobre Isaque e o sacrifício, esse episódio me perturbava profundamente. Eu sabia que jamais conseguiria fazer o que Abraão fez. Está brincando? Mesmo se Deus se colocasse bem na minha frente e me ordenasse a fazê-lo, eu não sei se eu o faria. Meu problema era que eu estava fazendo uma suposição errada sobre meu filho. “Meu filho” – o problema estava bem aí. Eu acreditava que ele pertencia a mim, não a Deus. Aparentemente, Abraão compreendia melhor o que significa ser um pai. Ele sabia que Isaque existia para o prazer de Deus, não para o seu próprio prazer, e assim ele estava disposto a sacrificá-lo no altar de Deus.

A maneira como o restante de Israel aprendeu essa lição foi consagrando seus filhos a Deus quando nasciam. Ao remirem seus filhos, os pais aprendiam que as crianças existem para Deus e para a sua glória. Por isso, tinham a responsabilidade de explicar esse princípio aos seus filhos. Moisés lhes deu este catecismo:

[...] todo primogênito da jumenta resgatarás com cordeiro; se o não resgatares, será desnucado; mas todo primogênito do homem entre teus filhos resgatarás. Quando teu filho amanhã te perguntar: Que é isso? Responder-lhe-ás: O

Senhor

com mão forte nos tirou da casa da servidão. Pois sucedeu que, endurecendo-se Faraó para não nos deixar sair, o

Senhor

matou todos os primogênitos na terra do Egito, desde o primogênito do homem até ao primogênito dos animais; por isso, eu sacrifico ao

Senhor

todos os machos que abrem a madre; porém a todo primogênito de meus filhos eu resgato. E isto será como sinal na tua mão e por frontais entre os teus olhos; porque o

Senhor

com mão forte nos tirou do Egito. (13.14-16)

Uma razão pela qual Deus deu ao seu povo tantas maneiras de comemorar o êxodo – Páscoa, Festa dos Pães Asmos, a consagração dos primogênitos – era para que os israelitas tivessem muitas oportunidades para apresentar aos seus filhos os fatos da salvação. A redenção dos filhos fazia parte de seu testemunho nacional. Remetia à grande fuga de Israel, quando os egípcios pagaram pela redenção de Israel com a morte de seus filhos primogênitos.

O rito de redenção era um sinal para o filho de que ele havia sido salvo pela graça. Mostrou-lhe que outra pessoa havia pago o preço por seus pecados. Também deixou claro que ele não pertencia aos seus pais, nem a si mesmo, mas a Deus. Isso era parte do significado do êxodo, no qual, como explica William J. Dumbrell,

Deus intervém como pai para exigir que um tirano devolva seu filho por ele escravizado. Como tal, ele é um redentor. No regime social do Antigo Testamento, o filho ou parente escravizado assim liberto passava a se encontrar sob o poder total do redentor [...] A compreensão da natureza da redenção de Israel no êxodo e, portanto, de sua aliança, é assim ressaltada pela aplicação do conceito do redentor. Israel havia sido escravo na terra do Egito. Agora, por meio da redenção, passou para o serviço daquele cujo serviço (escravidão) era a liberdade perfeita.4

Quando um filho entendia isso, isso o ajudava a moldar toda a sua vida. “Deixe-me ver se eu entendi isso direito”, ele diria. “Quando eu era pequeno, você me consagrou a Deus. E, para que pudesse fazer isso, você teve de pagar um preço, da mesma forma como você faria por um jumento?”. O filho aprendia disso que

ele tinha um propósito na vida, que alguém havia pago o preço por seus pecados e que agora ele pertencia a Deus.

Hoje em dia, muitos adolescentes gastam sua vida tentando se libertar de seus pais. Estão determinados a não permitir que seus pais e mães os controlem, para que possam viver como desejam. Muitas vezes, supõem equivocadamente que deveriam ser donos de si mesmos e viver para si mesmos. Mas nós não fomos criados para o nosso próprio prazer – ou para o prazer dos nossos pais. Fomos feitos para o prazer de Deus, e não encontraremos alegria se não dedicarmos a nossa vida a ele.

Quando se trata de decidir como queremos viver, saber para quem fomos criados faz toda a diferença. Quando decidimos para onde voltar o nosso olhar, como usar o nosso corpo, com quem gastar o nosso tempo e todo o resto, a nossa preocupação primária não deve ser agradar a nós mesmos ou aos nossos pais, mas agradar a Deus, que nos salvou para a sua glória.

Cristo, o Primogênito

O que valia para os filhos de Israel vale para aqueles que creem em Jesus Cristo. Nós fomos remidos. Maravilhosamente, fomos remidos pelo próprio Filho de Deus – o Primogênito do Pai. A Bíblia chama Jesus de “o primogênito de toda a criação” (Cl 1.15), “o Primogênito dos mortos” (Ap 1.5). Isso não significa que Deus, o Filho, não seja eterno, como se, de alguma forma, o Pai o tivesse dado à luz. O que isso significa é que Jesus é o Filho número um de Deus, o primeiro de todos os seus filhos e filhas e o primeiro a ser ressuscitado dentre os mortos.

A coisa maravilhosa é que, a fim de remir-nos, Deus ofereceu seu Filho primogênito – não para que ele fosse remido, mas para ser o Redentor. “Aquele [...] não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou” (Rm 8.32). Portanto, fomos remidos pelo mais alto preço. Redenção sempre exige o pagamento de um resgate, mas nesse caso nós fomos remidos pelo sangue do próprio Filho de Deus: “Não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo” (1Pe 1.18-19). Quando o Novo Testamento fala da redenção em Cristo, ele invariavelmente ressalta como foi alto o seu preço.

Uma implicação dessa redenção de alto custo é que não pertencemos mais a nós mesmos. Agora pertencemos a Deus. Em Êxodo, a redenção era intimamente vinculada à consagração. A essência da redenção era a separação para o serviço de Deus. O mesmo vale para a redenção em Cristo. “Não sois de vós mesmos”, diz a Bíblia. “Porque fostes comprados por preço” (1Co 6.19b-20a). Um preço alto foi pago por nossa redenção. Foi pago por Deus, pessoalmente, na pessoa de seu Filho e, agora, pertencemos a ele para sempre. Tudo o que somos e temos pertence a ele: nosso tempo, dinheiro, corpo, talentos – tudo.

A redenção é muito dispendiosa. Custou caro para Deus e, de certa forma, custa caro também para nós, pois exige tudo que temos. Contudo, é também a fonte de toda a nossa segurança e o fundamento de toda a nossa esperança. Em sua pergunta inicial, o Catecismo de Heidelberg pergunta: “Qual é o seu único conforto, na vida e na morte?”. A resposta é esta:

Que a ele pertenço, em corpo e alma, na vida e na morte, não pertenço a mim mesmo, mas ao meu fiel Salvador, Jesus Cristo. Com seu precioso sangue ele pagou por todos os meus pecados e me libertou de todo o domínio do diabo. Agora ele me protege de tal maneira que, sem a vontade do meu Pai do céu, não perderei nem um fio de cabelo. Além disso tudo coopera para o meu bem. Por isso, pelo Espírito Santo, ele também me garante a vida eterna e me torna disposto a viver para ele, daqui em diante, de todo o coração.5

A doutrina da redenção tem ainda outra implicação. A Bíblia diz que Jesus é “o primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8.29). Também descreve o povo de Deus como “a igreja dos primogênitos” (Hb 12.23). Isso significa que todos que foram remidos em Jesus Cristo pertencem à família de Deus. O propósito da redenção é transformar todos nós em filhos e filhas de Deus, em filhos do Pai celestial. Não existe privilégio maior do que ser um filho de Deus por meio da redenção de filhos.

Em um de seus audiolivros, Garrison Keillor conta a história de uma família azarada de Lake Wobegon, em Minnesota. Nessa história, uma linda e jovem mulher sueca foge com um escocês, um estrangeiro chamado Campbell. Eles têm três filhos, mas eventualmente o marido abandona a esposa e ela se vê

obrigada a voltar para casa em desgraça. Ela e seus três filhos vivem num velho trailer quebrado e dependem da caridade da família e da misericórdia de amigos.

No entanto, eles nunca deixam de sonhar com uma vida melhor. Então, certo dia, recebem uma carta que pede informações sobre sua genealogia familiar, sobre sua conexão com os Campbell. Pouco tempo depois, recebem outra carta que os informa que eles são descendentes diretos da Casa de Stuart, a antiga família real da Escócia, e que, por isso, são os herdeiros legítimos do trono. A carta fecha com estas palavras dirigidas ao filho primogênito:

Vossa Alteza real,

A maior realização da minha vida tem sido a vossa descoberta e a descoberta da vossa família. E se Deus, em sua infinita sabedoria, negar-me a oportunidade de conhecer-vos face a face nesta terra, mesmo assim me considerarei o homem mais feliz por esta chance – por menor que seja – de restaurar a Escócia à sua antiga grandeza. Por favor, sabeis que estais em meus pensamentos e orações todos os dias e que eu trabalharei com cada fibra do meu ser para restaurar-vos de vosso triste exílio para as terras, os bens e a reverência aos quais vós, pela vontade de Deus, tendes direito.

Deve ser maravilhoso pertencer à realeza. Deveríamos saber como é isso, pois também recebemos uma mensagem de um lugar distante, garantindo-nos que, em virtude da nossa redenção em Cristo, pertencemos à casa real de Deus. Jesus tem um plano para elevar-nos à grandeza. Estamos em seus pensamentos e orações todos os dias, e ele está trabalhando com cada fibra de seu ser para restaurar-nos do nosso triste exílio para a glória à qual temos direito pela graça de Deus.

Notas

1 Benjamin Breckinridge Warfield, "'Redeemer' and 'Redemption'", em The Person and Work of Christ, Samuel G. Craig (org.) (Filadélfia: P & R, 1950), p. 325-48 (p. 325).

2 James B. Jordan, The Law of the Covenant: An Exposition of Exodus 21–23 (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1984), p. 251.

3 Essa observação foi feita por Peter Enns em Exodus, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2000), p. 255.

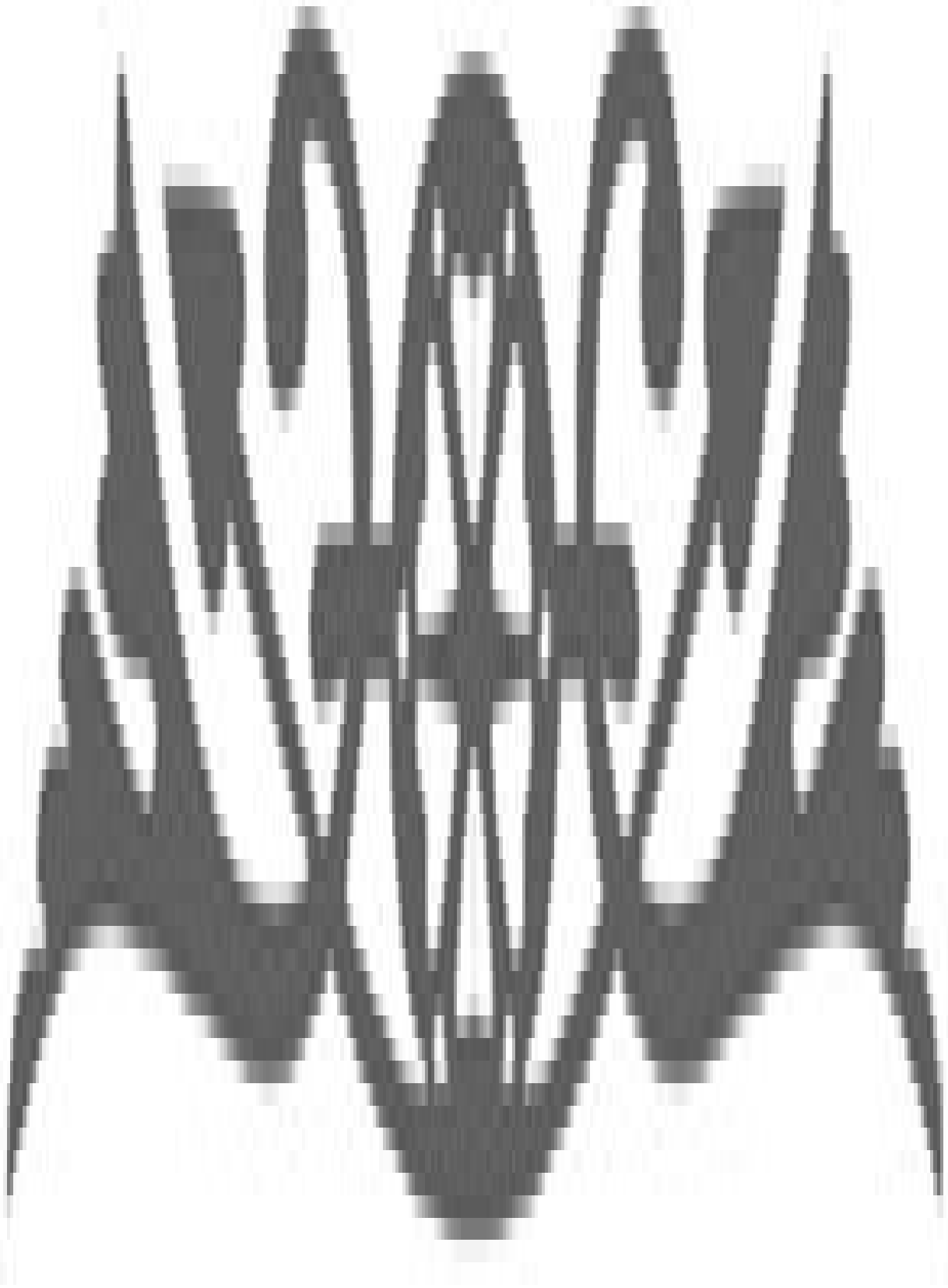
4 William J. Dumbrell, Covenant and Creation: A Theology of Old Testament Covenants (Nashville: Thomas Nelson, 1984), p. 100.

5 The Heidelberg Catechism with Commentary (Filadélfia: United, 1963), s.l.

33

Entre o deserto e o mar

Êxodo 13.17–14.14



Como toda aventura épica, Êxodo nos apresenta um elenco de personagens memoráveis: reis e príncipes, mestres e escravos. Já fomos apresentados a Faraó, o tirano raivoso, cujo humor mudava de um segundo para o outro. Conhecemos Sifrá e Puá, as parteiras astutas que salvaram os filhos de Israel do infanticídio. Conhecemos Joquebede, a mãe que colocou seu bebê num cesto, e a princesa que o encontrou ali. Conhecemos Arão, um homem eloquente, e seu irmão Moisés, aquele profeta montanhês.

Mas existe um personagem nessa história verdadeira que é mais convincente do que todos os outros juntos. Ele é infinitamente maravilhoso e eternamente fascinante – um personagem totalmente singular. Seu nome é Yahweh, e ele é o Senhor Deus de Israel. É um Deus que ouve, que escuta os gritos dos oprimidos. É o Deus que fala, que revela a sua Palavra aos seus servos. É o Deus que age, que julga seus inimigos com pragas e que resgata seus amigos da escravidão. Assim, mesmo que possamos aprender algo de todos em Êxodo, aquele que deve receber toda a nossa atenção é o Deus da nossa salvação.

Orientação divina

Deus não é apenas um personagem no grande drama da redenção; ele é o autor, produtor e diretor. Isso nunca foi tão óbvio quanto no dia em que o Faraó decidiu deixar ir o povo de Deus. O que aconteceu naquele dia revelou várias grandes verdades sobre Deus. Em primeiro lugar, mostrou que Deus sempre sabe qual é o melhor caminho: “Tendo Faraó deixado ir o povo, Deus não o levou pelo caminho da terra dos filisteus, posto que mais perto, pois disse: Para que, porventura, o povo não se arrependa, vendo a guerra, e torne ao Egito. Porém Deus fez o povo rodear pelo caminho do deserto perto do mar Vermelho; e, arregimentados, subiram os filhos de Israel do Egito” (13.17-18).

O povo de Deus estava começando a seguir a estrada para a liberdade. Estavam a caminho da Terra Prometida. Este sendo o caso, esperaríamos que seguissem para o norte, ao longo da Via Maris, “o caminho do mar”. A estrada costeira era a rota de fuga óbvia. Um antigo papiro egípcio (Anastasi V) descreve como dois escravos fugitivos foram pegos tentando escapar nessa direção. Era a rota mais direta. Na verdade, se os israelitas tivessem seguido o caminho direto para

Canaã, teriam chegado em menos de duas semanas (em vez dos 40 anos que eles acabaram levando!).

Esse teria sido o caminho mais curto, mas não era o melhor caminho, pois não era o caminho de Deus. Deus sabia que, caso os israelitas permanecessem próximos do mar, enfrentariam uma resistência feroz. O norte do Sinai era uma zona militarizada naqueles dias. O exército egípcio mantinha uma forte presença militar na região, protegida por uma série de fortalezas e um longo, largo e fundo canal.1 Era preciso levar em conta também os filisteus. E mesmo se os israelitas conseguissem, de alguma forma, abrir caminho lutando, ainda teriam de enfrentar os cananeus quando chegassem à Terra Prometida.

Deus sabia que os israelitas não estavam em condições de lutar. Não estavam preparados para enfrentar tamanha oposição, seja espiritual ou militarmente. Não estavam "equipados para a batalha" (13.18), como traduz a English Standard Version. O que o versículo realmente diz é que eles saíram do Egito "em formação". Talvez estivessem completamente equipados, mas não estavam preparados para a guerra. Na verdade, teriam dado meia-volta e corrido de volta para Faraó ao primeiro sinal de perigo. Isso se confirmou no ano seguinte, quando finalmente chegaram a Canaã. Assim que reconheceram a força dos seus inimigos, ficaram totalmente desmoralizados. Disseram: "Levantemos um capitão e voltemos para o Egito" (Nm 14.4).

Sabendo de tudo isso, Deus alterou o curso e guiou os israelitas na direção oposta. Ele os levou para o sul, para longe de Canaã, para o deserto. Não era o caminho mais óbvio. Não era o caminho mais curto. Não era o caminho mais direto. Mas era o melhor caminho, porque era o caminho de Deus. Deus sabia o que seu povo era capaz de enfrentar e sabia que ele precisava voltar para casa pelo caminho mais longo.

Enquanto os israelitas seguiram essa longa e sinuosa estrada, eles duvidaram muitas vezes se o caminho de Deus era realmente o melhor caminho. Mas Deus sabia o que estava fazendo, como sempre sabe. Seja o que for que Deus estiver fazendo neste momento, você acredita que tudo é para o bem? Pode não parecer, mas é, pois a Bíblia diz que "todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Rm 8.28). Mesmo quando somos tentados a duvidar de que Deus sabe o que está fazendo, somos chamados para acreditar que seu caminho é o melhor caminho.

Uma segunda grande verdade é que Deus é sempre fiel para ajudar o seu povo. Já vimos que os israelitas não saíram do Egito de mãos vazias, mas levaram consigo grandes quantidades de roupas finas e joias brilhantes. Levaram consigo também outra coisa: “Também levou Moisés consigo os ossos de José, pois havia este feito os filhos de Israel jurarem solenemente, dizendo: Certamente, Deus vos visitará; daqui, pois, levai convosco os meus ossos” (13.19).

Pode parecer estranho levar consigo os restos de um morto – nesse caso, uma múmia embalsamada pelos mestres egípcios. No entanto, era algo que os israelitas haviam prometido séculos antes, quando: “Disse José a seus irmãos: Eu morro; porém Deus certamente vos visitará e vos fará subir desta terra para a terra que jurou dar a Abraão, a Isaque e a Jacó. José fez jurar os filhos de Israel, dizendo: Certamente Deus vos visitará, e fareis transportar os meus ossos daqui. Morreu José da idade de cento e dez anos; embalsamaram-no e o puseram num caixão no Egito” (Gn 50.24-26).

José acreditava que Deus é fiel. A Bíblia diz: “Pela fé, José, próximo do seu fim, fez menção do êxodo dos filhos de Israel, bem como deu ordens quanto aos seus próprios ossos” (Hb 11.22). Ele havia sido informado de que seus descendentes seriam escravizados no Egito, mas ele também sabia que Deus os resgataria. José sabia disso porque Deus o havia prometido a Abraão em aliança. Quando Deus finalmente tirasse Israel do Egito, José queria participar da viagem, por isso, fez com que seus irmãos jurassem que sepultariam seus ossos na Terra Prometida. Os israelitas cumpriram sua promessa e carregaram os ossos de José por todo o deserto até finalmente os sepultarem no túmulo da família, em Siquém (Js 24.32). O que esse enterro demonstrou foi que José confiou no Deus certo, no Deus que cumpriu a sua promessa de resgatar Israel. Toda pessoa que precisar de qualquer tipo de ajuda deve confiar no Deus de Abraão, José e Moisés, pois ele sempre é fiel para ajudar o seu povo.

Uma terceira grande verdade é que Deus está sempre presente para guiar o seu povo. Ele não só sabe qual é o melhor caminho, mas também o acompanha para garantir que seu povo alcance seu destino. A forma como Deus tirou seu povo do Egito foi milagrosa: “Tendo, pois, partido de Sucote, acamparam-se em Etã, à entrada do deserto. O Senhor ia adiante deles, durante o dia, numa coluna de nuvem, para os guiar pelo caminho; durante a noite, numa coluna de fogo, para os alumiar, a fim de que caminhassem de dia e de noite. Nunca se apartou do povo a coluna de nuvem durante o dia, nem a coluna de fogo durante a noite” (13.20-22).

Alguns estudiosos fazem questão de tentar encontrar alguma outra explicação para os milagres bíblicos. Às vezes, suas teorias têm certa plausibilidade. No entanto, é difícil imaginar qual fenômeno natural seria capaz de explicar a coluna de nuvem de Deus. Era a nuvem de poeira levantada pelos israelitas? Um turbilhão? Um sinal de fumaça? Tempo ruim? Um vulcão? Estas são apenas algumas das teorias que têm sido sugeridas. Segundo um estudioso:

No Sinai, pouco antes de uma tempestade, ocorre uma formação de nuvens muito notável – i.e., uma enorme coluna de cumulus, preta no centro com duras margens brancas. Essa coluna, que começa na linha do horizonte e é muito impressionante, se estende até o zênite, constantemente emitindo relâmpagos, e, à noite, apresenta-se como brilho intermitente de fogo. Para os israelitas supersticiosos [...] essa nuvem, sem dúvida alguma, parecia ser um sinal do Todo-Poderoso para indicar-lhes o caminho. Também provou ser a sua salvação, pois anunciava a tempestade que explica o afogamento do exército.2

O problema com essas especulações é que a coluna precedia os israelitas, permanecendo com eles dia e noite durante 40 anos! A única maneira sensata de explicar isso consiste em aceitar a coluna ígnea e nebulosa como um milagre divino autêntico. Durante o dia, era uma coluna brilhante de nuvem protetora; durante a noite, seu brilho parecia ser fogo. Essa nuvem maravilhosa servia como sistema de orientação para Israel. Ela “ia adiante deles [...] para os guiar pelo caminho” (13.21). Para onde ela ia, o povo também ia.

O que a nuvem representava era a própria presença de Deus, que estava na nuvem e no fogo para iluminar o caminho. As Escrituras afirmam: “O Senhor ia adiante deles, durante o dia, numa coluna de nuvem” (13.21). Isso mostrava que ele estava com seu povo o tempo todo, dia e noite. A coluna era uma manifestação visível de sua presença. Os teólogos chamam isso de teofania – uma aparição de Deus. Quando Deus se mostra dessa maneira, ele aparece numa nuvem fogosa de glória, às vezes, também chamada de sh#K!n~h (16.10; 40.34). É uma manifestação externa da glória interna de Deus.

Às vezes, desejaríamos que Deus nos desse o mesmo tipo de orientação hoje em dia. Se pelo menos uma nuvem brilhante nos guiasse diretamente para a escola

que devemos frequentar, para o emprego que devemos assumir ou para a pessoa com quem devemos nos casar! No entanto, a verdade é que Deus nos dá toda a orientação divina de que precisamos, e de forma muito melhor. Ele nos deu o fogo do seu Espírito e agora temos sua presença gloriosa conosco durante todo o dia e toda a noite. É como se a coluna de nuvem e a coluna de fogo estivessem diretamente dentro de nós! Jesus disse que o Espírito Santo "habita convosco e estará em vós" (Jo 14.17). O Espírito Santo é a terceira pessoa da Trindade. Já que ele é divino, a Bíblia declara que "sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus" (1Pe 4.14). Agora, parte da obra gloriosa do Espírito é orientar-nos na vida. Jesus prometeu que o Espírito nos guiaria para toda a verdade (Jo 16.13a) e, agora, pelo poder de sua santa presença, Deus sempre está conosco para nos guiar.

Glória apenas a Deus

O Deus que tirou Israel do Egito é um Deus grande. Ele sempre sabe qual é o melhor caminho. Ele é sempre fiel para nos ajudar. Ele sempre nos guia. E mais do que isso, ele é um Deus tão grande que é capaz de operar tudo para a sua glória. Essa é a razão pela qual Deus criou o mundo no início. É também a razão pela qual ele nos salvará no final. Ele está fazendo tudo isso para que, na criação e na salvação, receba toda a glória.

Se isso é verdade – que o grande propósito de Deus em tudo o que faz é manifestar a sua glória –, isso vale também para o êxodo. O tema de Êxodo é "salvos para a glória de Deus". Quando Deus libertou Israel do Egito, ele o fez de tal modo a garantir que receberia todo o mérito: "Disse o Senhor a Moisés: Fala aos filhos de Israel que retrocedam e se acampem defronte de Pi-Hairote, entre Migdol e o mar, diante de Baal-Zefom; em frente dele vos acampareis junto ao mar. Então, Faraó dirá dos filhos de Israel: Estão desorientados na terra, o deserto os encerrou. Endurecerei o coração de Faraó, para que os persiga, e serei glorificado em Faraó e em todo o seu exército; e saberão os egípcios que eu sou o Senhor. Eles assim o fizeram" (14.1-4).

Do ponto de vista da estratégia militar, o desvio que Deus ordenou aos israelitas era pura insanidade. Eles já estavam bem avançados em seu caminho para a liberdade, quando Deus ordenou que dessem meia-volta, voltassem e acampassem entre o deserto e o mar. A localidade exata é desconhecida. O mar,

é claro, é o mar Vermelho, mesmo que alguns estudiosos tenham questionado isso (mais sobre isso no próximo capítulo). Migdol significa “torre”, portanto, era, certamente, uma das fortalezas do Egito. Muito provavelmente, Pi-Hairote era uma abertura no sistema de canais do Egito,3 enquanto Baal-Zefom portava o nome de um dos deuses cananeus. Além disso, pouco podemos afirmar com certeza. No entanto, mesmo que esses lugares tenham sido esquecidos há muito tempo, é óbvio que eles se referem a lugares reais localizados num mapa real se tivermos um atlas do antigo Egito.

Onde quer que estivessem, os israelitas eram completamente vulneráveis. Estavam na fronteira do Egito, cercados pelo deserto, com suas costas voltadas para o mar. Por que Deus colocaria o seu povo nesse tipo de situação? Qualquer estrategista militar teria reconhecido imediatamente que eles estavam num beco sem saída, que era exatamente o que Deus queria que Faraó pensasse. Tudo isso era um plano. Deus estava levando os egípcios a pensar que os israelitas não tinham ideia do que estavam fazendo. Isso os instigaria a aproveitar o que parecia ser uma vantagem estratégica. Mas, quando Faraó atacasse, seu exército seria destruído. Então seria evidente para todos que Deus havia planejado tudo. Ao colocar seu povo entre o deserto e o mar, Deus mostraria tanto aos israelitas quanto aos egípcios que ele era Senhor e que a glória da vitória pertencia exclusivamente a ele.

Deus queria obter essa glória à custa de Faraó. Ele disse: “Serei glorificado em Faraó e em todo o seu exército” (14.4b). Se essa estratégia lhe parecer familiar, é porque Deus a usou novamente quando enviou seu Filho para a cruz. Satanás deve ter tido a impressão de que Jesus não tinha ideia do que estava fazendo. Ele era Deus, o Filho; mesmo assim, permitiu que fosse entregue a homens pecaminosos, que o despiram, açoitaram e crucificaram. Na cruz, estava tão vulnerável que Satanás acreditava ter uma vantagem estratégica e ele a aproveitou para matá-lo. Mas, evidentemente, isso foi um erro fatal, pois a coisa toda era uma armação. A cruz não era uma derrota para Jesus, mas uma vitória. Ao fazer a expiação, ele foi capaz de obter uma vitória eterna sobre o pecado, a morte e Satanás. Assim, a Bíblia diz que “despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz” (Cl 2.15).

Para que a estratégia brilhante de Deus funcionasse, Faraó precisava partir em perseguição. Isso nos leva de volta ao palácio, onde Faraó estava tendo outro de seus infames ataques de raiva: “Sendo, pois, anunciado ao rei do Egito que o

povo fugia, mudou-se o coração de Faraó e dos seus oficiais contra o povo, e disseram: Que é isto que fizemos, permitindo que Israel nos deixasse de servir?” (14.5). Assim que os israelitas partiram, Faraó percebeu que acabara de perder a maior parte de sua força de trabalho. Quem completaria seus monumentos? Como ele conseguiria terminar seus enormes projetos de construção? Seus oficiais estavam ainda mais aborrecidos. Sem escravos para fazer todo o trabalho por eles, eles teriam de se virar sozinhos.

Quando discutiram tudo isso, os egípcios decidiram que não queriam deixar ir os israelitas. Não havia tempo a perder!

E aprontou Faraó o seu carro e tomou consigo o seu povo; e tomou também seiscentos carros escolhidos e todos os carros do Egito com capitães sobre todos eles. Porque o

Senhor

endureceu o coração de Faraó, rei do Egito, para que perseguisse os filhos de Israel; porém os filhos de Israel saíram afoitamente. Perseguiram-nos os egípcios, todos os cavalos e carros de Faraó, e os seus cavalarianos, e o seu exército e os alcançaram acampados junto ao mar, perto de Pi-Hairote, defronte de Baal-Zefom. (14.6-9)4

A mudança de opinião de Faraó mostra que ele nunca se arrependeu de verdade de seu pecado. Ele havia recebido todas as oportunidades para libertar seus cativos. Repetidas vezes, Moisés lhe havia dito que ele precisava deixar ir o povo de Deus. Primeiro ele se recusou. Depois, quando as pragas começaram, ele começou a negociar. Ele negociou e discutiu. Pediu que orassem por ele, até implorando a Moisés pela bênção de Deus. Mas ele nunca abriu mão. Quando, por fim, disse que faria o que Deus exigia, imediatamente mudou de opinião e voltou diretamente para os seus pecados.

A rebelião de Faraó é um alerta para qualquer um que nunca consegue decidir fazer o que Deus exige. Como exemplo, contemple o destino de quatro pescadores cujo barco vira repentinamente e os lança no mar. Os homens estavam no meio da baía de Delaware, a quilômetros da praia, lutando pela vida

entre altas ondas. Apenas três homens sobreviveram. Depois, um deles contou a um jornalista sobre todas as promessas que fez enquanto lutava contra as águas. “Digamos apenas que, a partir de agora, eu irei à igreja”, ele disse. Espero que o homem cumpra sua palavra. No entanto, sua promessa era do mesmo tipo da que Faraó fizera, e, na maioria das vezes, é o tipo de promessa que é quebrada. O que Deus quer é uma dedicação total a ele, bem aqui, neste momento e pelo restante da nossa vida.

Sob ataque satânico

Satanás não desistirá de nós sem uma boa luta, como os israelitas logo descobriram: “E, chegando Faraó, os filhos de Israel levantaram os olhos, e eis que os egípcios vinham atrás deles” (14.10a). O que os israelitas viram foi o exército mais poderoso do mundo, apoiado pela tecnologia militar mais avançada do mundo – a carruagem. A fim de capturar seus escravos fugitivos, Faraó rapidamente mobilizou suas forças e enviou seu melhor batalhão. Estavam em perseguição e, montados em seus cavalos, rapidamente estavam em posição de ataque.

Os israelitas estavam numa situação perigosa e desesperadora, presos entre Faraó e o mar profundo. Mas, em vez de olhar para Deus em toda a sua graça e glória, eles olharam para seus inimigos e ficaram com medo. O que torna isso tão decepcionante é que eles haviam testemunhado os milagres de Deus, as pragas – todas as dez. Sem mencionar o fato de que haviam escapado do Egito na noite anterior. As Escrituras dizem que eles saíram “afoitamente” (14.8), ou seja, com confiança. Mas, diante do primeiro sinal de perigo, entraram em pânico.

Esse é outro momento em que o êxodo de Israel é uma imagem da nossa libertação do cativeiro do pecado. A Bíblia diz que “estas coisas” – i.e., os eventos em Êxodo – “se tornaram exemplos” (1Co 10.6). Esse exemplo em particular mostra o que acontece sempre que Deus resgata seu povo da escravidão: Satanás tenta nos agarrar antes que possamos fugir. Assim que assumimos o compromisso de seguir a Cristo, enfrentamos dúvida e desencorajamento. Satanás nos persegue furiosamente, tentando-nos para que desistamos e retornemos. Jesus ensinou sobre isso na parábola do semeador. Ele disse que, quando algumas pessoas ouvem a mensagem da salvação, “vem o

maligno e arrebata o que lhes foi semeado no coração” (Mt 13.19). Outros desistem quando sofrem perseguição ou quando são assaltados pelos problemas da vida.

É uma batalha espiritual, e Satanás jamais se entrega sem uma luta. Isso não surpreende, pois éramos seus servos valiosos, e ele não deseja nada mais do que ter-nos de volta como seus funcionários. Como um dono de escravos que corre para o norte perseguindo um escravo fugitivo, Satanás quer nos arrastar de volta para a plantação do pecado. Mas não existe “lei de escravo fugitivo” no reino de Deus. Uma vez que Deus nos libertou, Satanás não tem nenhum direito de nos recuperar. O que, então, devemos fazer quando ele está nos perseguindo? Não o que os israelitas fizeram: “Temeram muito; então, os filhos de Israel clamaram ao Senhor” (14.10b). Sim, os israelitas clamaram a Deus, e, em outras passagens, as Escrituras parecem ver isso de forma positiva (veja Js 24.6-7; Ne 9.9). No entanto, este não foi um grito puro de fé; era também um clamor cheio de medo e desespero. Os israelitas não acreditavam realmente que Deus os salvaria, mas presumiam que seriam destruídos.

A prova é que, em vez de esperar uma resposta de Deus, os israelitas imediatamente se voltaram contra seu profeta. As pessoas fazem isso com frequência quando se encontram sob ataque espiritual: culpam seus líderes espirituais. Nesse caso, os israelitas disseram a Moisés: “Será, por não haver sepulcros no Egito, que nos tiraste de lá, para que morramos neste deserto?” (14.11a). Assim começou uma longa tradição de comédia judaica! O que tornava seu sarcasmo tão ácido era, é claro, que havia sepulcros espalhados por todo o Egito – como as grandes pirâmides, para dar apenas um exemplo. Também disseram a Moisés: “Por que nos trataste assim, fazendo-nos sair do Egito? Não é isso o que te dissemos no Egito: deixa-nos, para que sirvamos aos egípcios?” (14.11b-12a). Em outras palavras: “Nós o avisamos!”. Talvez os israelitas realmente tenham pedido que Moisés os deixasse em paz, mas se o fizeram, a Bíblia não o menciona. Provavelmente estavam apenas emburrados, como as pessoas costumam ficar quando as coisas não acontecem como esperam.

O mais alarmante foi sua disposição de voltar diretamente para a escravidão. Disseram a Moisés: “Pois melhor nos fora servir aos egípcios do que morrermos no deserto” (14.12b). Todo o propósito do êxodo era que eles servissem a Deus, mas aqui estavam eles, querendo voltar e servir a Faraó. Isso era mais do que uma expressão de nervos à flor da pele – era falta de fé. Ao declarar sua lealdade ao Faraó, estavam negando o poder de Deus. O salmista foi direto quando disse:

“[Eles] foram rebeldes junto ao mar, o mar Vermelho” (Sl 106.7b).

Muitas vezes, somos tentados a fazer a mesma coisa. Deus quer nos tirar completamente dos nossos pecados. Nosso problema é que só saímos parcialmente. Decidimos seguir a Cristo, mas, assim que começamos a enfrentar problemas, nós nos assustamos e voltamos diretamente para os nossos antigos modos de lidar com a vida: raiva, dependência, depressão, distração. Não importa quanto o odiássemos, havia uma segurança no modo como vivíamos; assim, voltamos para as mesmas amizades danosas, para as mesmas atitudes pecaminosas, para os mesmos hábitos nojentos.

Defendendo nossa posição

Existe uma rota de fuga. Observe que os israelitas jamais se encontraram em qualquer perigo real. Embora Faraó os estivesse perseguindo, eles estavam exatamente onde Deus queria que estivessem, e ele os resgataria. O que estava em jogo não era simplesmente a sua vida, mas a glória de Deus, que ele protegeria a qualquer custo. O que os israelitas deveriam ter feito era se lembrar do tipo de Deus ao qual serviam – um Deus que sempre conhece o melhor caminho, que é sempre fiel para ajudar o seu povo e que sempre fica com ele para guiá-lo. E, mais do que isso, deveriam ter se lembrado do seu propósito – operar tudo segundo seu plano glorioso.

Moisés se lembrou de tudo isso e, por isso, soube exatamente o que fazer quando se viu preso entre o deserto e o mar: “Moisés, porém, respondeu ao povo: Não temais; aquietai-vos e vede o livramento do Senhor que, hoje, vos fará; porque os egípcios, que hoje vedes, nunca mais os tornareis a ver. O Senhor pelejará por vós, e vós vos calareis” (14.13-14). Com essas palavras, Moisés deu três ordens: “Não temais, aquietai-vos [...] vos calareis”. “Não temais” é o que os gramáticos chamam de imperativo negativo. É a “forma mais forte possível de expressar uma negação na língua hebraica”.5 Por isso, quando Moisés instruiu os israelitas a não terem medo, ele não os estava confortando – ele os estava repreendendo.6 Ele estava lhes dizendo que eles não tinham nenhum direito de ter medo porque não tinham qualquer razão para ter medo. Tudo o que precisavam fazer era defender sua posição, esperando silenciosamente por aquilo que Deus faria.

Em muitas situações militares, isso não seria um conselho bom, mas o que o fez

funcionar nesse caso foi que os israelitas tinham alguém que lutaria em seu lugar. O Senhor Deus estava com eles para salvá-los. Ele era seu guerreiro e, assim, tudo o que precisavam fazer era permanecer firmes e assistir à sua salvação. Nessa batalha, eles não eram soldados – eram apenas espectadores.

O mesmo princípio se aplica à nossa salvação do pecado. Satanás está nos perseguindo, mas, em vez de fugir, tudo o que precisamos fazer é ficar parados e assistir à salvação do nosso Deus. O cristianismo não trata de algo que possamos fazer para nos tornar uma pessoa melhor; trata daquilo que Cristo fez por meio da cruz e do túmulo vazio. Jesus Cristo realizou tudo o que precisamos para a nossa salvação. Ele é aquele que expiou o pecado, que desviou a ira de Deus, que oferece a justiça perfeita como dádiva da fé e que obteve a entrada para a vida da ressurreição. Quando as pessoas perguntam “o que precisamos fazer para sermos salvas?”, a resposta é que não precisamos fazer nada. Jesus já fez tudo! Precisamos apenas olhar para ele para sermos salvos.

Uma vez que colocamos a nossa fé em Jesus, precisamos defender nossa posição. Nós nos encontramos numa batalha espiritual, e nessa batalha a Bíblia nos dá a mesma ordem de marcha que Moisés deu a Israel: “Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis” (Ef 6.13). Em nossa luta contra Satanás, precisamos defender nossa posição com Jesus, esperando que Deus nos liberte. Charles Spurgeon escreveu:

Ouso dizer que você achará que é muito fácil ficar parado, mas é uma das posturas que um soldado cristão não aprende sem anos de instrução. A meu ver, marcha e marcha rápida são muito mais fáceis para os guerreiros de Deus do que ficar parados. É, talvez, a primeira coisa que aprendemos no treinamento de exércitos humanos, mas é uma das mais difíceis de aprender sob o Capitão da nossa salvação. O apóstolo parece aludir a essa dificuldade quando diz: “Permaneçam firmes e, tendo feito isso, fiquem parados”. Ficar parado e à vontade em meio à tribulação revela um espírito veterano de muita experiência e muita graça.7

É difícil ficar parado e esperar por Deus. Nossa tentação é sair correndo,

exclamar em medo ou tentar consertar as coisas por conta própria. Mas Deus ordena que defendamos nossa posição. Ele é nosso defensor, nosso vencedor. Quando nos vemos presos entre o deserto e o mar, tudo que precisamos fazer é permanecer parados e esperar a sua salvação.

Notas

1 Veja James K. Hoffmeier, Israel in Egypt (Oxford, UK: Oxford University Press, 1999), p. 164-72.

2 Claude Jarvis, citado em Joseph J. Hobbs, Mount Sinai (Austin, TX: University of Texas Press, 1995), p. 55.

3 Hoffmeier, Israel in Egypt, p. 170.

4 Colin J. Humphreys, The Miracles of Exodus: A Scientist's Discovery of the Extraordinary Natural Causes of the Biblical Stories (Nova York: HarperCollins, 2003), p. 224-243 tenta identificar a localização exata desse ataque.

5 John D. Currid, A Study Commentary on Exodus, vol. 1 (Auburn, MA: Evangelical USA, 2000), p. 296.

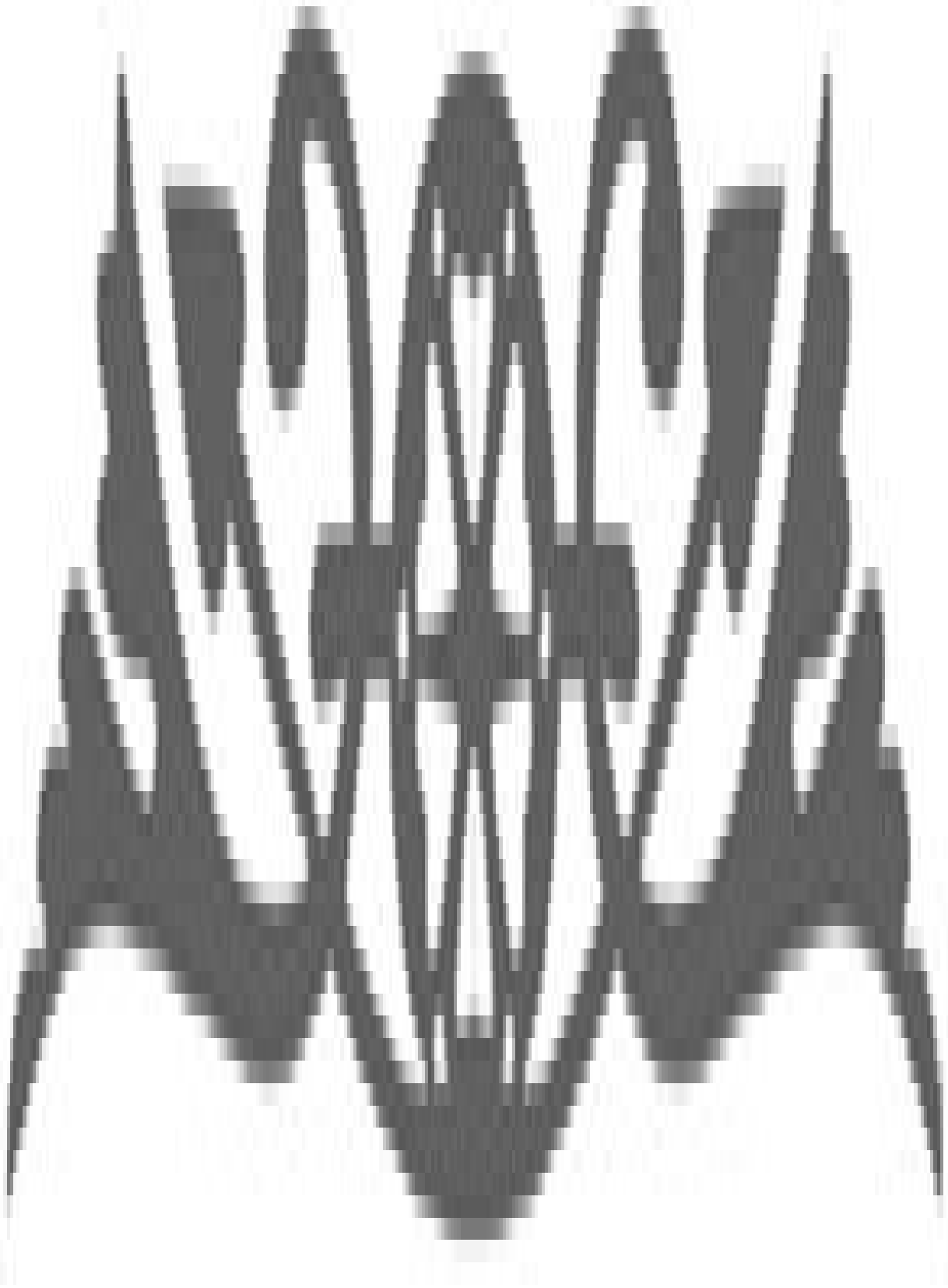
6 Peter Enns, Exodus, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2000), p. 273.

7 Charles H. Spurgeon, "Direction in Dilemma", Metropolitan Tabernacle Pulpit 9, no. 541 (Pasadena, TX: Pilgrim, 1973), p. 654.

34

A grande fuga

Êxodo 14.15-31



Toda boa história tem um clímax, mas o livro de Êxodo é uma aventura tão maravilhosa que não tem um, mas três ápices. O primeiro ocorre quando Israel atravessa o mar Vermelho, no capítulo 14; o segundo, quando Deus dá a sua lei no monte Sinai, nos capítulos 19 e seguintes; e o terceiro, quando a glória do Senhor enche o tabernáculo, no final do capítulo 40.

O primeiro desses ápices talvez seja o evento mais famoso do Antigo Testamento. Uma pessoa com algum conhecimento sobre a Bíblia sabe que os filhos de Israel atravessaram o mar. Esse milagre foi aclamado por compositores, como Georg Friedrich Händel, por atores, como Charlton Heston, por pregadores, como Martin Luther King Jr., por escritores, como Leon Uris, por cartunistas, como Charles Schulz, por animadores, como Walt Disney, e até mesmo por cantores, como Bob Marley: “Envia-nos outro irmão Moisés! Lá da outra margem do mar Vermelho [...] vem para derrubar a opressão, a desigualdade de poder, apaga a transgressão, liberta os cativos”.

Dada toda essa atenção, não surpreende que, ao longo dos séculos, certa quantidade de informações equivocadas tenha se infiltrado sobre o que, exatamente, aconteceu quando Moisés guiou o povo de Deus pelo mar. Isso torna ainda mais importante nossa obrigação de corrigir a história. Uma maneira de fazer isso é abordar Êxodo 14 como um jornalista, fazendo as seguintes perguntas: Quem? Quando? Onde? Como? E especialmente: Por quê?

Respostas às perguntas

Quem? é uma pergunta fácil. As pessoas que atravessaram o mar foram os israelitas. Eles eram o povo que Deus decidira salvar, liderado pelo profeta Moisés. As pessoas que morreram no mar foram os egípcios. Durante séculos, Faraó havia escravizado o povo de Deus, mas o milagre no mar pôs fim à sua tirania amarga. Este foi o último confronto na batalha entre o Senhor de Israel e os deuses do Egito.

O o quê? também é conhecido: o mar se partiu, e os israelitas o atravessaram a pé em terra seca. Mas quando os egípcios tentaram segui-los em suas carruagens, o mar se fechou, e o exército se afogou. Foi uma derrota tão devastadora que o

Egito só voltou a ameaçar Israel algum tempo após a morte de Salomão. No entanto, a Bíblia descreve tudo de forma muito natural:

As águas foram divididas. Os filhos de Israel entraram pelo meio do mar em seco; e as águas lhes foram qual muro à sua direita e à sua esquerda. Os egípcios que os perseguiam entraram atrás deles, todos os cavalos de Faraó, os seus carros e os seus cavalarianos, até ao meio do mar [...] Então, Moisés estendeu a mão sobre o mar, e o mar, ao romper da manhã, retomou a sua força; os egípcios, ao fugirem, foram de encontro a ele, e o

Senhor

derribou os egípcios no meio do mar. E, voltando as águas, cobriram os carros e os cavalarianos de todo o exército de Faraó, que os haviam seguido no mar; nem ainda um deles ficou. Mas os filhos de Israel caminhavam a pé enxuto pelo meio do mar; e as águas lhes eram quais muros, à sua direita e à sua esquerda. (14.21b-23,27-29)

Quando tudo isso aconteceu? Justamente quando tudo parecia estar perdido, quando os israelitas se viram presos entre Faraó e o profundo mar azul. Deus havia instruído seu povo a mudar de direção e acampar à beira do mar. Era uma posição terrível, pelo menos do ponto de vista da estratégia militar, mas tudo isso fazia parte do plano de Deus para destruir Faraó. Mesmo assim, os israelitas ficaram compreensivelmente aterrorizados quando levantaram os olhos e viram os egípcios vindo em sua direção numa perseguição veloz. Em seu desespero, clamaram a Deus e seu profeta. Estavam presos entre um exército inconquistável e um mar intransponível.

Foi exatamente nesse momento que Deus salvou seu povo, justamente quando era evidente que os israelitas nada podiam fazer para salvar a si mesmos. Primeiro Moisés disse aos israelitas que eles não deveriam ter medo e, em vez de encorajá-los a lutar, ele os instruiu a esperar para ver o que Deus iria fazer. Quando o profeta transmitiu sua mensagem, “disse o Senhor a Moisés: Por que clamas a mim? Dize aos filhos de Israel que marchem” (14.15). Esse versículo é enigmático, pois nele Deus parece repreender seu profeta (os verbos estão na segunda pessoa do singular, referindo-se, portanto, a Moisés). No entanto,

Moisés dificilmente era quem precisava ser repreendido. Eram os israelitas que haviam exclamado com medo, não Moisés, que acreditava que Deus libertaria seu povo. Por que, então, Deus o repreenderia?

A melhor maneira de compreender isso é, provavelmente, reconhecer que, como profeta de Israel, Moisés representava o povo perante Deus. Ele era seu mediador na aliança. A repreensão que ele recebeu de Deus se dirigia, na verdade, a todo o Israel. A hora de sua salvação havia chegado. Não era hora para chorar e se queixar; era hora para avançar. Quando Charles Spurgeon pregou sobre esse versículo, ele disse: "Longe de mim dizer alguma palavra em menosprezo do santo, feliz e celestial exercício da oração. Mas, amados, há momentos em que a oração não basta – quando a própria oração está fora de temporada [...] Quando oramos sobre algum assunto em determinada medida, torna-se pecaminoso demorar-se; nossa obrigação clara é partir para a ação com os nossos desejos e, tendo pedido a orientação de Deus e tendo recebido o poder divino das alturas, cumprir de imediato nossa obrigação, sem deliberação adicional ou qualquer atraso".1

Havia chegado a hora para o povo de Deus se levantar e marchar. Contudo, em termos humanos, o que Deus lhes ordenou fazer era impossível. Não havia maneira de eles avançarem. Era a hora mais escura antes do alvorecer, e eles estavam de costas para o mar. Mas é claro que, para Deus, todas as coisas são possíveis (Mt 19.26), até mesmo coisas que são impossíveis para meros seres humanos. Isso vale especialmente para a salvação. A mensagem constante da Bíblia é que não podemos salvar a nós mesmos. Apenas Deus pode nos salvar.

Quando os israelitas atravessaram o mar? Numa hora em que apenas Deus podia abrir o caminho para a salvação. Hoje, todo pecador se encontra na mesma situação. Não existe nada que possamos fazer para salvar a nós mesmos. Se o Espírito de Deus não mudar a nossa mente e o nosso coração, jamais iremos a Cristo. Mesmo assim, Deus ordena que nos arrependamos e creiamos. Se isso parece impossível, a coisa certa a fazer é clamar a Deus por misericórdia, e ele nos salvará.

O mar Vermelho ou o mar de Caniços?

Antes de explicar como os israelitas atravessaram o mar, precisamos perguntar:

Onde? Tradicionalmente, tanto judeus quanto cristãos têm acreditado que os israelitas atravessaram um braço do mar Vermelho – o grande corpo marítimo que separa a África do Oriente Médio.

Recentemente, porém, essa identificação foi questionada. A Bíblia chama o mar de y~m s%Ph. A palavra hebraica s%Ph, que significa “caniços”, é, às vezes, usada para referir-se a papiro (p. ex., 2.3). Esse fato foi reconhecido por Lutero e Calvino e também por muitos comentaristas judeus antigos. Assim, y~m s%Ph pareceria significar algo como “mar dos Caniços” ou “mar do Papiro”. O problema é que papiro não cresce nas águas profundas do mar Vermelho; cresce apenas nos pântanos no Norte do Egito. Assim, muitos estudiosos têm concluído que “mar Vermelho” é uma tradução equivocada (introduzida pela primeira vez pela Septuaginta grega no 3º século a.C.) e que, na verdade, os israelitas atravessaram o Lago Manzala, o Lago Timsah, os Lagos Amargos ou algum outro grande corpo aquático no delta oriental.

Existem vários problemas com essa visão. Um é que existem outras passagens na Bíblia em que y~m s%Ph se refere claramente ao mar Vermelho.2 Isso explicaria por que a Septuaginta e algumas versões modernas traduzem a expressão como “mar Vermelho”. Bernard Batto argumentou que y~m s%Ph não significa “mar de caniços”, mas “mar do fim”. Assim, a expressão se refere, naturalmente, ao mar Vermelho, que representa a fronteira Sul do Egito. A visão tradicional é que, a caminho do Sinai e do Sul, os israelitas atravessaram o Golfo de Suez, o braço noroeste do mar Vermelho.

Existe, porém, ainda outra possibilidade, que talvez explique melhor todas as evidências. Recentemente, James Hoffmeier mostrou que, no passado, quando o nível de água era mais alto, o mar Vermelho costumava se estender mais ao Norte.3 Na verdade, parece ter existido um tempo em que o Golfo de Suez esteve ligado aos Lagos Amargos no Norte. Se isso for verdade, isso explicaria por que a Bíblia identifica y~m s%Ph com o mar Vermelho. Na época de Moisés, o mar Vermelho era o “mar dos Caniços”, pois havia nele lugares em que crescia o papiro. Talvez, então, os israelitas realmente tenham atravessado o mar Vermelho, só que mais ao norte do que as pessoas costumavam pensar.

A mão de Deus

Podemos nunca descobrir onde, exatamente, o êxodo ocorreu, mas sabemos como ele ocorreu, porque a Bíblia nos conta. Para começar, houve um vento poderoso. Um forte vento vindo do leste soprou durante toda a noite e, quando amanheceu, o mar havia se transformado em terra seca (14.21).

Desde muito cedo, no mínimo desde Eusébio, no 4º século, os estudiosos têm tentado explicar como isso aconteceu. No final do século 17, um estudioso chamado Clericus escreveu um longo tratado sobre o vento de Êxodo.4 Explicações mais recentes têm sido mais científicas. Umberto Cassuto afirma que, a fim de entendermos o relato bíblico,

precisamos manter em mente as condições naturais predominantes na região. O seguinte fenômeno é uma ocorrência comum na região de Suez: em maré alta, as águas do mar Vermelho penetram a areia subterraneamente e, de repente, a água começa a aparecer na areia, que, até então, estava seca; dentro de pouco tempo, a areia se transforma em lama, mas a água continua a subir até formar uma camada profunda de água sobre a areia, e toda a região é inundada. Napoleão I experimentou isso certa vez, quando fez um passeio por aquela vizinhança; quando partiu, passou, sem qualquer dificuldade, por terra seca, mas, quando voltou, encontrou o lugar coberto de água, e sua posição se tornou perigosa [...] Às vezes, acontece o inverso, quando o mar Vermelho se encontra em maré baixa; a água que cobre a areia diminui gradativamente até desaparecer, e a parte que, poucas horas antes, esteve coberta de água, aparece repentinamente terra seca.5

Não é difícil entender como esse tipo de fenômeno poderia explicar o êxodo. Primeiro o vento e a maré esvaziaram parte do mar, e os israelitas foram capazes de fugir. Mas, quando os egípcios tentaram persegui-los, o mar já havia se transformado em lama. Existe outra explicação ainda mais sofisticada:

O oceanógrafo Dr. Doron Nof, da Florida State University, em Tallahassee, e o cientista atmosférico Dr. Nathan Paldor, da Universidade Hebraica em Jerusalém, sugeriram que, na parte rasa, no extremo norte do Golfo de Suez, ventos contínuos de 74 quilômetros por hora durante 10 ou 12 horas poderiam

ter obrigado a água a retroceder dois ou três quilômetros para o sul, causando, assim, uma queda de 3 metros no nível do mar e expondo uma faixa larga de solo marítimo, pela qual os israelitas poderiam ter passado e na qual as tropas de Faraó teriam se afogado. “Nossa análise física e matemática mostra que ambos os valores para a queda no nível do mar e a distância de recuo da água teriam sido mais do que suficientes para causar a calamidade que acometeu os egípcios.”6

Esse tipo de explicação natural é interessante, mas não vai longe o bastante. Por um lado, a Bíblia afirma que “os filhos de Israel caminhavam a pé enxuto pelo meio do mar; e as águas lhes eram quais muros, à sua direita e à sua esquerda” (14.29; cf. o Sl 78.13). A maioria das explicações naturais não explica os dois muros (o termo arquitetônico usado aqui normalmente é usado para os muros de uma cidade). Por outro, a Bíblia afirma claramente que o vento começou a soprar quando Moisés levantou seu cajado e estendeu seu braço sobre o mar. O profeta o estendeu uma vez, e as águas se dividiram; ele o estendeu outra vez, e as águas voltaram. Nas palavras de um antigo hino: “Moisés se pôs na praia do mar Vermelho / e bateu na água com um pedaço de madeira”.

Os atos de Moisés são mencionados quatro vezes. Duas vezes Deus lhe disse o que devia fazer, e duas vezes ele o fez. Deus disse: “E tu, levanta o teu bordão, estende a mão sobre o mar e divide-o, para que os filhos de Israel passem pelo meio do mar em seco [...] Então, Moisés estendeu a mão sobre o mar” (14.16,21a). E novamente: “Disse o Senhor a Moisés: Estende a mão sobre o mar, para que as águas se voltem sobre os egípcios, sobre os seus carros e sobre os seus cavalarianos. Então, Moisés estendeu a mão sobre o mar, e o mar, ao romper da manhã, retomou a sua força” (14.26-27). Israel atravessou o mar Vermelho pelo poder de Moisés e seu poderoso bordão.

No entanto, nem mesmo essa explicação vai longe o bastante. Houve vento, sim, e houve também o forte braço do profeta, mas o que tirou Israel do Egito foi o poder de Deus. O capítulo todo está cheio de atividade divina. Foi Deus quem instruiu Moisés a levantar seu bordão, quem tanto endureceu o coração dos egípcios que eles saíram em perseguição aos israelitas e quem protegeu os israelitas durante a noite, quando estavam entre o deserto e o mar. As Escrituras descrevem como “então, o Anjo de Deus, que ia adiante do exército de Israel, se retirou e passou para trás deles; também a coluna de nuvem se retirou de diante

deles, e se pôs atrás deles, e ia entre o campo dos egípcios e o campo de Israel; a nuvem era escuridade para aqueles e para este esclarecia a noite; de maneira que, em toda a noite, este e aqueles não puderam aproximar-se" (14.19-20).

Como vimos, a coluna de nuvem e de fogo era uma teofania – uma aparição visível do Deus invisível. Aqui a nuvem é identificada como "o Anjo de Deus" (14.19), que significa "mensageiro de Deus". Em algum texto, o grande teólogo puritano John Owen explicou que a pessoa que seguiu os israelitas para protegê-los era "o Anjo da aliança, o grande Anjo da presença de Deus, no qual estavam o nome e a natureza de Deus". No entanto, em 13.21, a nuvem foi identificada simplesmente como "o Senhor". E 14.24 diz: "O Senhor, na coluna de fogo e de nuvem, viu o acampamento". Em suma, era Deus pessoalmente quem estava na nuvem, mas a nuvem era também o seu mensageiro. Moisés havia experimentado algo semelhante na sarça ardente. O que lhe apareceu ali foi "o Anjo do Senhor" (3.2), mas aquele com quem ele falou era o próprio Deus. Para explicar tudo isso, alguns cristãos concluem que a pessoa tanto na sarça ardente quanto na nuvem era o Filho pré-encarnado de Deus. Deus, o Filho, é o próprio Deus do próprio Deus; é também o mensageiro de Deus da salvação. Talvez, então, a nuvem gloriosa tenha representado a segunda pessoa da Trindade.

Correto ou não, Deus certamente estava presente para proteger o seu povo. Quando o profeta Isaías lembrou este evento, ele escreveu: "O Anjo da sua presença os salvou" (Is 63.9). A nuvem era seu guarda e seu guia. Ela seguia os israelitas para protegê-los de seus inimigos. Os egípcios estavam impacientes, prontos para atacar, mas Deus os manteve no escuro durante toda a noite. Enquanto isso, do outro lado desse bloqueio divino, os filhos de Deus estavam na luz. Isso é o que distingue o povo de Deus do mundo: nós estamos na luz, e Deus está sempre exatamente onde precisamos dele para nos manter a salvo.

Deus estava fazendo ainda outra coisa naquela noite. Ele estava partindo as águas, virtualmente invertendo a criação, transformando o mar novamente em terra seca. Então, quando seus inimigos caíram em sua armadilha e ficaram presos nesse lamaçal, Deus fez com que o mar voltasse e levasse os egípcios para o seu túmulo úmido. Ele planejou e executou todo o êxodo. Isaías perguntou:

Não és tu aquele que secou o mar,

as águas do grande abismo?

Aquele que fez o caminho no fundo do mar,

para que passassem os remidos? (Is 51.10)

Deus estava tão ativamente envolvido que até mesmo os egípcios sabiam que ele estava lá, lutando contra eles: “Na vigília da manhã, o Senhor, na coluna de fogo e de nuvem, viu o acampamento dos egípcios e alvorotou o acampamento dos egípcios; emperrou-lhes as rodas dos carros e fê-los andar dificultosamente. Então, disseram os egípcios: Fujamos da presença de Israel, porque o Senhor peleja por eles contra os egípcios” (14.24-25). A essa altura, as rodas realmente estavam começando a se soltar. Primeiro Deus lançou os egípcios em pânico, possivelmente enviando uma tempestade violenta de sua nuvem (Sl 77.17-18). Então as carruagens de Faraó atolaram na lama, e, quanto mais relutavam, mais eles afundavam. Quando finalmente disseram “vamos sair daqui!”, já era tarde demais. E os egípcios sabiam exatamente quem havia estragado tudo. Deus havia prometido que, algum dia, eles saberiam que ele é Senhor. E essa promessa se cumpriu porque, quando finalmente caíram em perdição, eles caíram com o nome de Deus em seus lábios.

A Bíblia resume tudo isso dizendo: “Assim, o Senhor livrou Israel, naquele dia, da mão dos egípcios; e Israel viu os egípcios mortos na praia do mar” (14.30). Como os israelitas escaparam do Egito? Não foram apenas o vento e a maré. Não foi simplesmente uma estratégia fraca por parte de Faraó ou uma falha inesperada no equipamento militar. Não foi apenas uma tempestade repentina sobre a água. Foi o poder de Deus! Foi ele quem tirou Israel do Egito.

É claro, Deus usou o vento para fazer o mar recuar. Isso mostra simplesmente que ele é capaz de colocar a criação a serviço da redenção.7 Ele também empregou um instrumento humano. Pela fé, Moisés foi capaz de realizar sinais proféticos que acompanharam a salvação. As Escrituras reúnem esses três elementos – o natural, o humano e o divino – quando diz: “Moisés estendeu a mão sobre o mar, e o Senhor, por um forte vento oriental que soprou toda aquela noite, fez retirar-se o mar, que se tornou terra seca” (14.21). Este é um dos mistérios da soberania de Deus. Ele é capaz de usar o mundo que criou e até mesmo seres humanos pecaminosos para realizar seu propósito salvador.

Umberto Cassuto escreve: “O milagre consistia no fato de que, a cada momento, e sempre que necessário, exatamente da maneira favorável para a realização do objetivo desejado e numa medida que era anormal, ocorreram ali, segundo a vontade do Senhor, fenômenos que causaram a salvação de Israel”.8

Não importa sob qual ponto de vista analisamos o evento, a travessia do mar Vermelho foi um milagre. Donald Bridge conta a história de um pastor liberal que pregou numa antiga igreja afro-americana, que acreditava na Bíblia. Em certo momento de seu sermão, o pastor mencionou a travessia do mar Vermelho. “Louvado seja o Senhor”, exclamou alguém. “Ele guiou todos esses filhos pelas águas profundas. Que milagre poderoso!”. O pastor, porém, não acreditava em milagres. Disse, de forma um tanto condescendente: “Não foi um milagre. Eles se encontravam em terra pantanosa, a maré estava recuando, e os filhos de Israel trilharam seu caminho por 15 centímetros de água”. “Louvado seja o Senhor!”, o homem exclamou novamente. “Ele afogou todos esses egípcios em 15 centímetros de água. Que milagre poderoso!”.9

Para a sua própria glória

Como os israelitas conseguiram escapar? Pela mão de Deus, que os salvou das mãos de seus inimigos (14.30-31). O êxodo ocorrera pela mão de Deus para cumprir sua intenção divina. Isso nos leva à pergunta relativa ao propósito: Por que Deus dividiu as águas do mar Vermelho? A resposta é muito simples – uma resposta que explica todo o êxodo. Na verdade, é a resposta que explica por que Deus faz tudo o que ele já fez, está fazendo neste momento ou ainda fará. A resposta é a glória de Deus. Ele fez tudo para a sua própria glória.

Deus anunciou sua intenção de glorificar a si mesmo antes mesmo de os israelitas alcançarem o mar. Ele disse a Moisés: “Serei glorificado em Faraó e em todo o seu exército” (14.4). Deus realizou seu propósito glorioso de duas maneiras. Uma foi julgando os egípcios por seus pecados. Ele disse: “Eis que endurecerei o coração dos egípcios, para que vos sigam e entrem nele; serei glorificado em Faraó e em todo o seu exército, nos seus carros e nos seus cavalarianos; e os egípcios saberão que eu sou o Senhor, quando for glorificado em Faraó, nos seus carros e nos seus cavalarianos” (14.17-18).

Tudo isso fazia parte da estratégia de Deus. Ele fez com que os egípcios

perseguissem Moisés pelo deserto e, quando finalmente o alcançaram, isso aconteceu exatamente no local em que Deus planejara seu encontro com seu destino molhado. Não houve sobreviventes (cf. o Sl 106.11). Uma onda os cobriu, e não demorou para que seus corpos aparecessem na praia.10 E Deus foi glorificado! Alguns acreditam que Deus foi excessivamente duro ao afogar um exército inteiro, mas foi correto e justo. Faraó e seus soldados eram homens cruéis, dispostos a destruir o povo de Deus. Não era direito de Deus punir homens maus por matarem crianças inocentes? Sua morte por afogamento foi especialmente apropriada porque eles haviam tentado afogar os filhos de Israel no Nilo. O que aconteceu com eles no mar Vermelho foi uma retribuição divina. Esses homens mereciam ser castigados por seus pecados. E Deus é glorificado quando julga povos por seus pecados porque isso manifesta seu atributo divino de justiça.

Deus também estava julgando os deuses do Egito, e isso também aconteceu para a sua glória. É irônico que os egípcios tenham sido derrotados ao amanhecer, pois era a hora em que seu deus-sol supostamente se levantava no leste. Mas Rá não pôde salvá-los. Tampouco Faraó pôde salvá-los, apesar de ele também ter sido venerado como um deus. Segundo uma antiga inscrição egípcia, “aquele o qual o rei amou será venerado, mas não há túmulo para um rebelde contra a sua majestade, e seu corpo é lançado na água”.11 Essa inscrição era uma ameaça de afogar os inimigos de Faraó, mas no fim foram os egípcios que se perderam no mar.12 E Deus fez isso para o louvor de sua justiça.

Algo semelhante acontecerá no juízo final. Homens maus serão destruídos, e Deus será glorificado. Apocalipse 18 conta como a cidade de Satanás será lançada no mar (Ap 18.21a). Isso acontecerá para a glória de Deus, pois imediatamente em seguida os santos cantarão um coro de aleluia: “Aleluia! A salvação, e a glória, e o poder são do nosso Deus, porquanto verdadeiros e justos são os seus juízos” (Ap 19.1b-2a). Deus merece o nosso louvor porque, no fim, ele fará justiça.

No entanto, Deus estava fazendo mais do que apenas julgando os egípcios; ele também estava salvando os israelitas, e ele fez isso também para a sua glória. O que poderia ser mais glorioso do que Deus salvar seu povo com a travessia do mar? Essa é uma das coisas mais maravilhosas que Deus já fez. As pessoas ainda falam sobre isso. Como disse Neemias em uma de suas orações: “Adquiriste renome, como hoje se vê” (Ne 9.10b; cf. Is 63.12).

A travessia do mar Vermelho trouxe glória para Deus ao convencer os israelitas a crerem nele, o que pode ter sido o maior milagre de todos. Os israelitas já deviam ter tido alguma fé, pois estavam dispostos a pelo menos seguir Deus entre dois grandes muros de água. Na verdade, Hebreus diz: “Pela fé, atravessaram o mar Vermelho como por terra seca” (Hb 11.29a). Mas eles assumiram um compromisso de fé ainda mais firme quando tudo acabou. Êxodo 14 termina com esta observação triunfante: “E viu Israel o grande poder que o Senhor exercitara contra os egípcios; e o povo temeu ao Senhor e confiou no Senhor e em Moisés, seu servo” (14.31).

Deus estava realizando seu grande propósito de salvar um povo para a sua glória. Para que isso acontecesse, seu povo precisaria crer nele e adorá-lo. Observe a ordem aqui: Deus não esperou seu povo confiar nele antes de salvá-lo. Se tivesse esperado isso acontecer, seu povo jamais teria sido salvo! Em vez disso, Deus tomou a iniciativa. Primeiro o povo viu a sua salvação (exatamente como Moisés havia prometido, 14.13), depois os israelitas temeram e creram. Esses são o padrão e o propósito da salvação. Primeiro Deus nos liberta do perigo, salvando-nos quando não podemos salvar a nós mesmos. Então respondemos em fé, confiando e adorando a Deus.

A fuga maior

Como cristãos, a grande fuga de Israel faz parte da história da nossa própria salvação. Nós, porém, experimentamos uma fuga ainda maior – a maior fuga de todas. Fomos salvos da nossa escravidão do pecado por meio da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Vemos aqui novamente a ordem da salvação, na qual Deus toma a iniciativa. Foi quando ainda éramos pecadores que Cristo morreu por nós. A obra salvadora de Deus vem primeiro, depois somos chamados a responder em fé.

Vale observar que o Novo Testamento descreve a obra salvadora de Cristo em termos do êxodo. Pouco após o nascimento de Jesus, seus pais fugiram para o Egito. Segundo o Evangelho de Mateus, seu retorno cumpriu a palavra do profeta: “Do Egito chamei o meu Filho” (Mt 2.15b, citando Os 11.1). Originalmente, essa profecia se referia ao êxodo. No entanto, existe uma profunda conexão espiritual entre o que aconteceu com Israel sob Moisés e o que aconteceu mais tarde na pessoa e obra de Cristo. Jesus é o Israel perfeito e

último. Uma das maneiras como Deus demonstrou isso foi fazer com que Jesus repetisse a fuga de Israel do Egito. Mais tarde, quando a crucificação se aproximava, Jesus descreveu a sua morte como um “êxodo” (Lc 9.31, tradução literal). Ele estava estabelecendo outra conexão. Jesus é o novo Moisés – “digno de tanto maior glória” (Hb 3.3) – que tira o povo de Deus de sua escravidão ao pecado e o guia para a terra prometida da vida eterna.

A conexão mais significativa no contexto atual é aquela que o apóstolo Paulo estabeleceu quando escreveu: “Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos sob a nuvem, e todos passaram pelo mar, tendo sido todos batizados, assim na nuvem como no mar, com respeito a Moisés” (1Co 10.1-2). Paulo estava estabelecendo uma conexão entre o êxodo e o batismo. Para os israelitas, a passagem pelo mar Vermelho foi um tipo de batismo e, assim, foi “uma previsão da nossa libertação final em Cristo”.13 No passado, éramos escravos do Egito do pecado, mas agora Cristo nos libertou. Tudo isso é simbolizado no evento de batismo do mar Vermelho.

A essa altura, alguns pastores convidariam a sua congregação a identificar suas próprias experiências do “mar Vermelho” e a confiar que Deus lhes ajudará na travessia. Lembro-me do estudioso que escreveu: “Cada era tem seu Egito, sua força de opressão, assim como cada era tem também seus filhos de Israel que anseiam a liberdade”.14 No entanto, não é o ponto. A travessia de Israel pelo mar não pretende nos ensinar primariamente o que fazer quando nos encontramos em dificuldades espirituais, tampouco serve como lição sobre o que fazer quando nos vemos diante de um grande corpo de água. Antes, pretende nos ensinar como ir a Deus em busca da salvação.

O que aconteceu no mar Vermelho deve nos ajudar a esclarecer o nosso relacionamento com Cristo. A única “experiência do mar Vermelho” que realmente importa é aquela que Jesus teve quando atravessou os muros da morte e saiu vitorioso do outro lado. Isso significa que um cristão batizado já teve a sua “experiência do êxodo”. Nós a tivemos no Calvário e no túmulo do jardim, pois, quando Jesus morreu e ressuscitou, ele o fez por nós. Fomos incluídos nesses eventos salvadores quando fomos batizados nele e agora estamos seguros do outro lado. Tudo o que nos resta fazer é o que os israelitas fizeram: temer a Deus e confiar nele quando avançamos.

Infelizmente, aqueles que ainda não foram a Cristo continuam parados às margens do mar Vermelho. Como eles conseguirão escapar? Apenas se olharem

para Jesus. Quando os israelitas viram o que Deus havia feito por eles, eles depositaram toda a sua confiança nele. Deus nos chama a fazer a mesma coisa. Ele nos chama a olhar para o Jesus Cristo crucificado e ressurreto e a crer nele. Jesus diz: “Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê [...] passou da morte para a vida” (Jo 5.24).

Notas

1 Charles H. Spurgeon, “Forward! Forward! Forward!”, Metropolitan Tabernacle Pulpit 10, nº 548 (Pasadena, TX: Pilgrim, 1973), p. 13.

2 Veja Bernard Batto, “The Reed Sea: Requiescat in Pace”, Journal of Biblical Literature 102, nº 1 (1983): p. 27-35.

3 James K. Hoffmeier, Israel in Egypt (Oxford, UK: Oxford University Press, 1999), p. 207-15. Para uma explicação adicional, veja Colin J. Humphreys, The Miracles of Exodus: A Scientist’s Discovery of the Extraordinary Natural Causes of the Biblical Stories (Nova York: HarperCollins, 2003), p. 172-205, que argumenta que os israelitas atravessaram o Golfo de Ácaba, que, naqueles dias, era chamado de y~m s%Ph, significando “mar de Caniços” e, mais tarde, foi chamado mar Vermelho.

4 Brevard S. Childs, The Book of Exodus: A Critical, Theological Commentary (Louisville: Westminster, 1974), p. 236.

5 Umberto Cassuto, A Commentary on the Book of Exodus, Israel Abrahams (trad.) (Jerusalém: Magnes, 1967), p. 167-68.

6 Joseph J. Hobbs, Mount Sinai (Austin, TX: University of Texas Press, 1995), p. 55. Semelhantemente, Colin J. Humphreys, The Miracles of Exodus, atribui a salvação de Israel a condições meteorológicas conhecidas como “vento crescente” e “vento decrescente”. Humphreys localiza o evento no Golfo de Ácaba, não no Golfo de Suez.

7 Isso é um tema importante em Peter Enns, Exodus, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2000).

8 Cassuto, A Commentary on the Book of Exodus, p. 168.

9 Donald Bridge, Signs and Wonders Today (Leicester, UK: Inter-Varsity, 1985), p. 17, citado em John D. Currid, A Study Commentary on Exodus, vol. 1 (Auburn, MA: Evangelical USA, 2000), p. 307.

10 Para uma descrição de como a onda pode ter surgido, veja Humphreys, The Miracles of Exodus, p. 255-57.

11 J. B. Pritchard (org.), Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament, 3 ed. (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1969), p. 431.

12 O próprio Faraó pode ter sido uma das vítimas. Sua morte não é mencionada aqui em Êxodo, mas ela parece ser confirmada pelo salmista, que descreve como Deus “precipitou no mar Vermelho a Faraó e ao seu exército” (Sl 136.15).

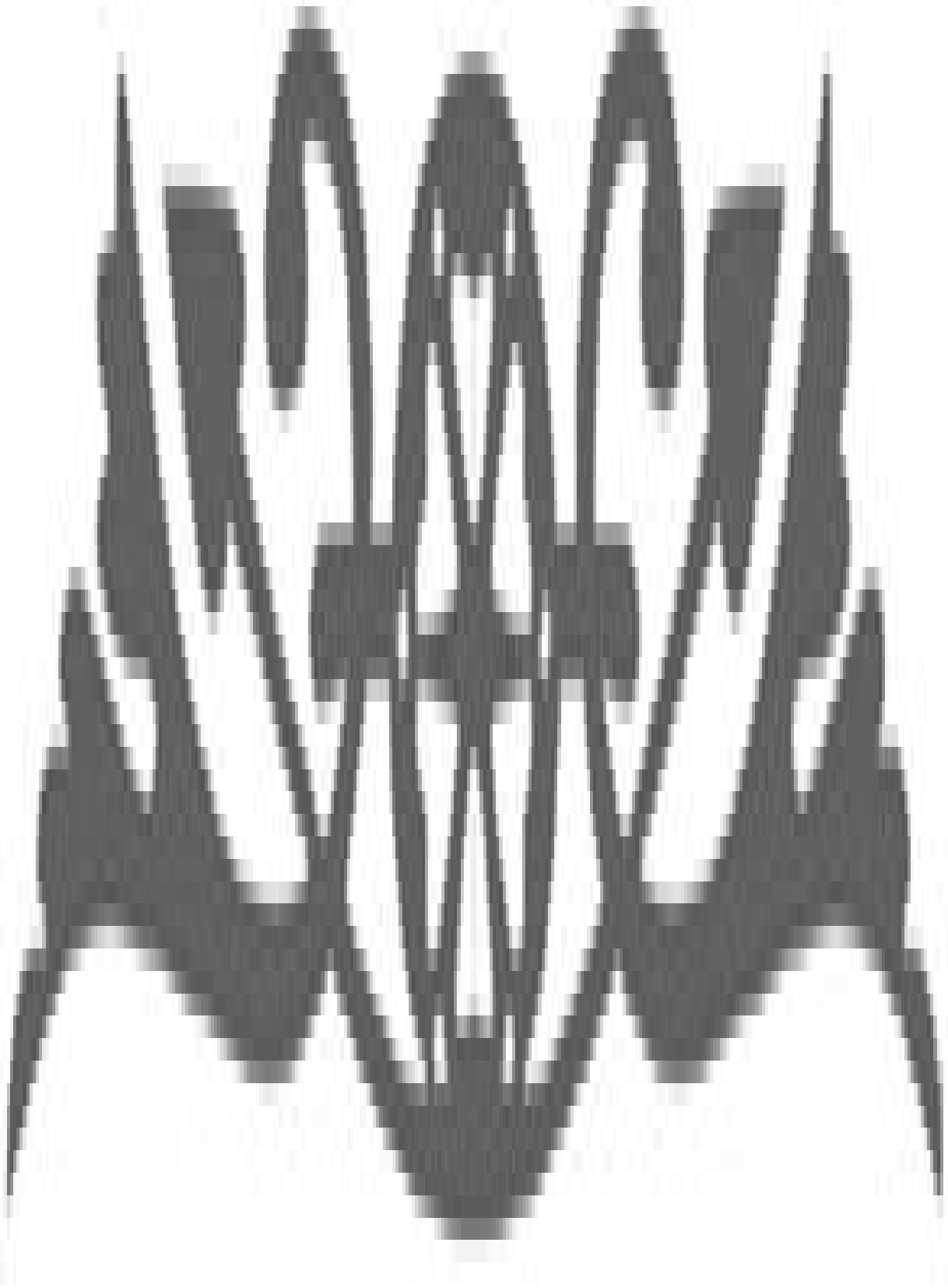
13 Enns, Exodus, p. 287.

14 Alistair McGrath, The Mystery of the Cross (Grand Rapids: Zondervan, 1988), p. 24.

35

O cântico da salvação

Êxodo 15.1-21



Em 1792, um grupo de colonos viajou para a África. Eram mais de mil, todos eles de descendência africana. Alguns haviam trabalhado como escravos em plantações norte-americanas. Outros haviam servido como soldados do exército britânico e depois migraram para o norte, para viver no Canadá. Juntos, pretendiam recolonizar o que hoje é a Serra Leoa, em terras adquiridas como uma Província de Liberdade.

Os colonos eram todos cristãos professos. Quando chegaram à África, desembarcaram cantando um hino de William Hammond (1719-1783), o hino "Despertai e cantai o cântico":1

Despertai e cantai o cântico

De Moisés e do Cordeiro!

Despertai cada coração e cada língua

E louvai o nome do Salvador...

Cantai em vossa jornada celestial,

Ó pecadores remidos, cantai!

Cantai e regozijai cada dia

Em Cristo, o eterno Rei!

Era um hino apropriado. Os colonos haviam sido libertos do cativeiro, atravessado o mar e agora estavam entrando na Terra Prometida. Assim, cantaram o cântico do profeta Moisés, que tirou Israel do Egito. Cantaram também a Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus, que os libertara para servir a Deus numa terra nova. Deus havia feito uma coisa tão maravilhosa por eles que provocou um hino de louvor.

Cantarei ao meu Redentor

A expressão “cântico de Moisés e do Cordeiro” vem do livro de Apocalipse. Quando a apóstolo João foi elevado para o céu, ele ouviu os santos glorificados cantando “o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro” (15.3a). João deve ter percebido que se tratava de um eco do êxodo. Após a grande fuga dos filhos de Israel, “entoou Moisés e os filhos de Israel este cântico ao Senhor” (15.1a).

Alguns estudiosos têm tentado argumentar que um cântico está fora do lugar em Êxodo 15. Não acrescenta nada à trama, dizem, antes, interrompe o fluxo da narrativa bíblica, portanto, deve ter sido acrescentado mais tarde. Certamente, não poderia ter sido escrito por Moisés.

Uma maneira de responder a essa crítica é demonstrar a idade do cântico com base na sua gramática.2 Brevard Childs conclui: “A evidência cumulativa produz uma defesa impressionante para uma datação antiga do poema, especialmente o sistema de tempos verbais e a ortografia”.3 Mas deixemos a gramática de lado. Existe aqui um princípio espiritual mais profundo que ajuda explicar como Êxodo 15 está vinculado ao que o precede. O capítulo 14 é a história da salvação de Israel: a fuga do Egito, a travessia do mar, etc. Mas a salvação sempre exige uma reação – uma resposta de louvor que se expressa de modo mais adequado num cântico. Por isso, o Cântico de Moisés – o cântico da salvação – não era apenas apropriado a essa altura do êxodo – era imprescindível.

Sempre que Deus faz algo maravilhoso, ele merece ser louvado. Muitas vezes, esse louvor ocorre na forma de um hino. Houve canto na criação. A Bíblia diz que, quando Deus fez o mundo, “as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus” (Jó 38.7). Existe canto em todo o Antigo Testamento. Normalmente, quando Deus salvava seu povo, este cantava seus louvores. Quando, por exemplo, Israel derrotou Jabim e Sísera, Débora e Baraque cantaram de alegria (Jz 5). O rei Davi cantou quando Deus o libertou de seus inimigos (2Sm 22). Essa foi a origem de muitos de seus salmos. O melhor exemplo talvez seja o salmo 40, em que ele descreve como Deus o tirou da cova lamacenta e colocou seus pés sobre a rocha. Então Davi cantou: “[Ele] me pôs nos lábios um novo cântico, um hino de louvor ao nosso Deus” (Sl 40.3a). Quando os israelitas voltaram do exílio, eles partiram cantando, como

Isaías havia profetizado: “Assim voltarão os resgatados do Senhor e virão a Sião com júbilo” (Is 51.11a; cf. Is 44.23).

Então Deus enviou seu Filho ao mundo, e todos os anjos cantaram de alegria, e Maria, Zacarias, Simeão e outros se juntaram ao coro (Lc 1; 2). Agora, na igreja, cantamos o tempo todo, louvando a Deus pela vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. As Escrituras dizem: “Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo [...] com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração” (Cl 3.16). Cantamos um hino que jamais terminará. Para provar isso, a Bíblia termina com “Santo, Santo, Santo”, “Digno é o Cordeiro” e com outras letras do hinário celestial (Ap 4–5).

Às vezes, a história da salvação é descrita como drama – o drama da redenção. No entanto, esse drama é, na verdade, um musical. Chega até a ser impossível imaginar um cristianismo bíblico sem cânticos de louvor. Apesar de não termos a trilha sonora para a Bíblia, temos, pelo menos, o libreto, incluindo o cântico que Moisés compôs junto ao mar Vermelho (às vezes chamado de “O cântico do mar”).

Quando entendemos o papel essencial da música como reação à redenção, torna-se evidente por que Êxodo 15 precisava ser um cântico. Os israelitas haviam acabado de ser salvos! Bem naquele momento eles tinham de louvar a Deus por sua libertação. A Bíblia diz: “Então, entoou Moisés e os filhos de Israel este cântico ao Senhor, e disseram: Cantarei ao Senhor, porque triunfou gloriosamente” (15.1a). A palavra “então” estabelece o vínculo entre os capítulos 14 e 15, entre a salvação e seu cântico.

Foi a salvação que inseriu o cântico no coração de Israel. Assim que o povo estava a salvo, os israelitas entoaram um cântico, oferecendo a Deus uma doxologia exuberante, um Te Deum de triunfo. O salmista escreveu:

[Deus] repreendeu o mar Vermelho, e ele secou;

e fê-los passar pelos abismos, como por um deserto.

Salvou-os das mãos de quem os odiava

e os remiu do poder do inimigo.

As águas cobriram os seus opressores;

nem um deles escapou.

Então, creram nas suas palavras

e lhe cantaram louvor. (Sl 106.9-12)

Observe a ordem. Primeiro os israelitas viram como Deus os salvou. Depois depositaram sua confiança nele como seu Salvador. Por fim, cantaram para a sua glória, o que, evidentemente, foi todo o propósito do êxodo. Os israelitas foram salvos para a glória de Deus. O cântico de Moisés foi sua reação espontânea e jubilante à sua graça.

Em um de seus últimos sermões, o Dr. James Montgomery Boice descreveu a música como “um presente de Deus que nos permite expressar as reações mais profundas do nosso coração a Deus e à sua verdade de maneiras significativas e memoráveis. É o nosso coração que se une à nossa mente para dizer ‘Sim! Sim! Sim!’ às verdades que abraçamos”. E foi isso que os israelitas fizeram na praia do mar Vermelho: Disseram “Sim! Sim! Sim!” ao poder e à glória de Deus revelados em sua salvação. Uma paráfrase de Êxodo 15, escrita pelo poeta Thomas Moore, capta um pouco de sua exuberância:

Que ressoe o alto tamborim sobre o escuro mar do Egito!

Jeová triunfou – seu povo está livre.

Cantem – pois o orgulho do tirano foi quebrado,

Suas carruagens, seus cavaleiros, todos esplêndidos e corajosos –

Como se gabaram em vão, pois bastou que o Senhor falasse,

e carruagens e cavaleiros afundaram na onda.

Que ressoe o alto tamborim sobre o escuro mar do Egito;

Jeová triunfou – seu povo está livre.4

O cântico de Moisés era para todos. Toda a nação participou da música, formando um coro de milhões. A Bíblia faz questão de mencionar o envolvimento de homens e mulheres:

[...] os cavalos de Faraó, com os seus carros e com os seus cavalarianos, entraram no mar, e o

Senhor

fez tornar sobre eles as águas do mar; mas os filhos de Israel passaram a pé enxuto pelo meio do mar. A profetisa Miriã, irmã de Arão, tomou um tamborim, e todas as mulheres saíram atrás dela com tamborins e com danças. E Miriã lhes respondia:

Cantai ao

Senhor

, porque gloriosamente triunfou e precipitou no mar o cavalo e o seu cavaleiro. (15.19-21)

Essa é a primeira vez que o nome de Miriã é mencionado, embora possa muito bem ter sido a jovem moça que vigiou o bebê Moisés no cesto (2.4-8). É possível que Miriã tenha cantado todo o cântico de Moisés. No mínimo, cantou o refrão, que se baseava no primeiro versículo do cântico de Moisés. Era uma antífona – um cântico com invocação e resposta. As Escrituras dizem, literalmente, que Miriã “lhes respondia”. Primeiro Moisés e os homens cantavam ao Senhor, depois Miriã e as mulheres respondiam, batendo seus tamborins e dançando na praia.

O cântico da salvação é para todo o povo de Deus. Não bastava que Moisés o cantasse, nem mesmo todos os homens de Israel. As mulheres haviam experimentado a mesma salvação, e elas confiavam no mesmo Salvador, portanto, também precisavam louvar a Deus por sua vitória no mar. As crianças também cantaram, pois também foram salvas juntamente com todos os outros. Um dos antigos escritos rabínicos acrescenta este comentário: “Até os recém-nascidos largaram os seios de suas mães para se unir ao coro, sim, até mesmo os embriões no ventre se juntaram à melodia, e a voz dos anjos aumentou o cântico”.5

Toda a igreja é chamada para oferecer o mesmo tipo de louvor a Deus em nome de Jesus Cristo. Vimos sua salvação em nossa leitura dos Evangelhos. Pela fé, estivemos com as mulheres ao pé da cruz, vendo Jesus sofrer e morrer por nossos pecados. Pela fé, olhamos com os apóstolos para o túmulo vazio, onde Jesus ressuscitou. Jesus nos salvou do pecado e da morte. Agora, todos os homens, mulheres e crianças na igreja são chamados para se unirem ao coro e entoarem o cântico – o cântico do Salvador.

O que Deus tem feito

É difícil definir como o cântico de Moisés é organizado. Alguns estudiosos hebreus acreditam que o intervalo ocorre após o versículo 12. Os doze primeiros versículos tratam do passado de Israel, enquanto o restante do cântico olha para o futuro de Israel. Outros reconhecem uma transição no versículo 6. Os cinco primeiros versículos falam sobre Deus, enquanto o restante do cântico se dirige a Deus. Ainda outros dividem o cântico de Moisés em três estrofes principais: versículos 1-6, versículos 7-11 e versículos 12-16. Existem razões gramaticais para isso. Cada uma das três seções, por exemplo, termina com as palavras “ó Senhor”. Em termos de temas e conteúdo, porém, existem muitas sobreposições entre as seções. Além do mais, o cântico não segue uma ordem cronológica estrita. A melhor maneira de estudar o cântico talvez seja contemplá-lo como um todo e identificar suas ênfases principais: o que Deus tem feito e o que isso revela sobre quem Deus é.

A ênfase mais óbvia do cântico está naquilo que Deus tem feito. Êxodo 15 se arraiga nos fatos da história. Retrata de modo ilustrativo o que Deus fez para trazer os israelitas para este lado do mar e, ao mesmo tempo, destruir os

egípcios. Oferece detalhes tão específicos que quase conseguimos ver como o êxodo se desdobra diante dos nossos olhos.

Moisés começa de modo um tanto seco. Ele vai diretamente ao que interessa: “[Deus] lançou no mar o cavalo e o seu cavaleiro” (15.1b). Então o profeta apresenta uma descrição mais poética:

Lançou no mar os carros de Faraó e o seu exército;

e os seus capitães afogaram-se no mar Vermelho.

Os vagalhões os cobriram;

desceram às profundezas como pedra [...]

Com o resfolgar das tuas narinas, amontoaram-se as águas,

as correntes pararam em montão;

os vagalhões coalharam-se no coração do mar. (v. 4-5,8)

Essa imagem vívida retrata o que aconteceu no mar Vermelho. Pelo poder do seu vento, Deus amontoou a água marinha em dois grandes muros. Os israelitas passaram por terra seca, mas quando Faraó e suas elites tentaram segui-los, eles caíram no fundo do mar.

Para entender como Deus fez isso, basta ouvir as palavras de Faraó:

O inimigo dizia: Perseguirei, alcançarei,

repartirei os despojos; a minha alma se fartará deles,

arrancarei a minha espada, e a minha mão os destruirá. (v. 9)

Essas poucas linhas curtas e duras captam a essência de Faraó. O monarca egípcio era profundamente egocêntrico. De alguma forma, conseguiu referir-se a si mesmo seis vezes num único versículo! Faraó era orgulhoso e gostava de se gabar. Era também precipitado. Cuspiu essas linhas com tamanha rapidez que dificilmente teve tempo para recuperar o fôlego. Era sanguinário e violento, disposto a destruir. E era ganancioso, tendo em vista o espólio de uma guerra injusta.

Mas ninguém zomba de Deus. Assim, ele humilhou o orgulho de Faraó enviando seu exército para um túmulo marinho:

Sopraste com o teu vento, e o mar os cobriu;

afundaram-se como chumbo em águas impetuosas [...]

Estendeste a destra;

e a terra os tragou. (15.10,12)

Tudo isso foi ação de Deus. Foi Deus quem lançou cavalo e cavaleiro no mar (15.1,4) e quem derrubou seus inimigos (15.7). Foi sua mão que esmagou o inimigo (15.6) e o seu sopro que fez o mar voltar (15.8,10). Moisés louvou a Deus por aquilo que Deus havia feito.

Fazemos a mesma coisa sempre que cantamos um hino cristão. Damos glória a Deus por aquilo que ele tem feito em e por meio de Jesus Cristo. Existem alguns bons exemplos disso no Novo Testamento – hinos de louvor a Cristo por sua obra salvadora. Filipenses 2 o louva por sua encarnação, crucificação e ressurreição:

E, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome. (Fp 2.8-9)

Ou veja o cântico que os santos e anjos cantam em glória: “Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor” (Ap 5.12). Esses são alguns dos cânticos de salvação. Eles louvam a Deus por aquilo que ele tem feito – especificamente por aquilo que ele tem feito na História humana por meio da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Essa ênfase naquilo que Deus tem feito deve caracterizar também os hinos da igreja cristã. Hinos bons nos ajudam a lembrar e contar a obra salvadora de Deus na História – a redenção que Cristo realizou por meio da cruz e do túmulo vazio. Como diz o cântico de Moisés e do Cordeiro: “Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-Poderoso!” (Ap 15.3b).

A divindade suprema

O que Deus tem feito nos mostra quem Deus é. Sua obra sempre revela algo do seu caráter. Não surpreende, então, que em seu cântico Moisés tenha louvado a Deus por muitas das suas perfeições divinas. Ele não estava escrevendo uma teologia sistemática sobre os atributos de Deus, estava simplesmente cantando os louvores de Deus. Mesmo assim, ele descobriu que era impossível fazê-lo sem enumerar algumas das coisas que tornam Deus tão grande.

Moisés louvou a Deus por sua eternidade. Repetidas vezes, chamou Deus pelo seu nome divino, Yahweh. É o mesmo nome que Deus revelou a Moisés na sarça ardente. Significa que Deus é o Senhor autoexistente, eterno e imutável. O Deus que tirou Israel do Egito é o Deus da sarça ardente, o mesmo Deus que fez a sua primeira aliança com Abraão – “Senhor é o seu nome” (15.3b).

Moisés também louvou a Deus por seu poder. Em vista daquilo que aconteceu no mar Vermelho, este era um de seus atributos mais óbvios: “A tua destra, ó Senhor, é gloriosa em poder” (15.6a). Deus é onipotente, Todo-Poderoso. Ele demonstrou isso no mar Vermelho ao derrotar seus inimigos.

Em seguida, o profeta louvou a Deus por sua ira:

A tua destra, ó

Senhor

, despedaça o inimigo.

Na grandeza da tua excelência, derribas os que se levantam contra ti;

envias o teu furor, que os consome como restolho. (15.6b-7)

Muitas pessoas – inclusive muitos cristãos – têm dificuldades de louvar a Deus por sua ira. Na verdade, um dos antigos rabinos imaginava que Deus se ofendia com o primeiro verso do cântico de Moisés: “A obra das minhas mãos é afogada no mar, e tu queres cantar hinos?”.6

A resposta é: “sim!”. Deus é tão santo que não seria correto se ele tolerasse o pecado, por isso, ele deve ser louvado pela justiça de sua ira. Moisés entendeu isso. Observe que, nesse cântico, ele não louvou a Deus pelo êxodo em geral, mas especificamente pela morte dos egípcios como demonstração da ira divina. “O Senhor é homem de guerra” (15.3a), Moisés disse, e a guerra de Deus contra o Egito era uma guerra santa. Era santa num sentido em que nenhuma guerra humana pode ser. Era santa porque Deus é santo, por isso, ele não peca em sua ira.

Aqui, ajuda entendermos como a ira divina é diferente da raiva humana. A diferença principal é que a ira de Deus é sempre justa. A ira divina é um ódio santo do pecado e de seus perpetradores. Como explica Mariano DiGangi: “Essa ira de Deus não é uma vazão veemente, irracional, vingativa, arbitrária, caprichosa de algum chilique sobrenatural. É a manifestação do repúdio de um Deus santo contra todos que mancham, perturbam e destroem o mundo que ele criou”.7 E, evidentemente, era exatamente isso que os egípcios haviam feito – mancharam, perturbaram e destruíram o que Deus tinha feito. Moisés oferece um lembrete significativo de suas práticas escravizantes assassinas, quando os descreve como sendo “consumidos como restolho” (15.7). A palavra “restolho” remete ao início de Êxodo, quando Faraó obrigou os israelitas a “ajuntar restolho em lugar de palha” (5.12). A repetição da palavra “restolho” era uma maneira de

indicar que Deus deu aos egípcios exatamente o que eles mereciam. Sua ira era justa, como sempre é, e, por isso, ele devia ser louvado. Ele será louvado dessa forma novamente no juízo final. Como escreveu Jonathan Edwards em algum texto: “A futura punição dos homens ímpios [...] é demonstrar a todo o universo a glória do poder de Deus”.

Moisés louvou a Deus por sua supremacia. O Deus eterno, justo e Todo-Poderoso é superior não só aos seus inimigos, mas também aos seus deuses. O profeta perguntou: “Ó Senhor, quem é como tu entre os deuses?” (15.11a). A resposta, é claro, é que não há ninguém igual a Deus. Ele é absolutamente incomparável. Como demonstraram as pragas, nenhum dos deuses do Egito tinha um poder comparável ao poder do Deus soberano de Israel.

A fim de demonstrar a supremacia da divindade de Deus, Moisés mencionou outros de seus traços superiores:

Quem é como tu, glorificado em santidade,

terrível em feitos gloriosos, que operas maravilhas? (15.11b)

Apenas Deus é glorificado em santidade. Ele é separado, único, perfeita e absolutamente puro. Apenas Deus é maravilhoso em glória, como o êxodo pretendia demonstrar. Apenas ele é capaz de operar maravilhas como as pragas e a separação das águas.

A essa altura, Moisés já estava se gabando de Deus. O profeta o identificou como santo, majestoso, maravilhoso e glorioso – o Deus que opera milagres.

E existe também o seu amor.

Com a tua beneficência guiaste o povo que salvaste;

com a tua força o levaste à habitação da tua santidade. (15.13)

Ao usar o termo “beneficência”, Moisés se referiu ao amor de Deus que observa sua aliança, sua lealdade absoluta ao seu povo e sua fidelidade à sua promessa. Deus havia demonstrado seu amor para com Israel repetidas vezes. Tudo o que havia acontecido até aqui no livro de Êxodo havia sido motivado pelo amor de Deus. Ele cumpriu todas as suas promessas de amor a Israel. Mais especificamente, ele havia cumprido sua promessa de remi-lo, de resgatá-lo da escravidão.

Em breve Deus cumpriria sua promessa de guiar seu povo até a Terra Prometida. Moisés olhou para o futuro, antecipando confiantemente os dias em que Deus guiaria seu povo para a conquista. Ele traçou a rota que os israelitas seguiriam até Canaã. Um por um, todos os seus inimigos seriam derrotados:

Os povos o ouviram, eles estremeceram;

agonias apoderaram-se dos habitantes da Filístia.

Ora, os príncipes de Edom se perturbam,

dos poderosos de Moabe se apodera temor,

esmorecem todos os habitantes de Canaã.

Sobre eles cai espanto e pavor;

pela grandeza do teu braço, emudecem como pedra. (v. 14-16a)

Isso era uma profecia de vitória, cujo cumprimento está documentado no livro de Josué. Moisés não estava descrevendo atos aleatórios de violência, mas atos justos de julgamento divino que Deus executaria por causa de seu grande amor por seu povo. Moisés profetizou que Deus continuaria julgando as nações

até que passe o teu povo, ó

Senhor

,

até que passe o povo que adquiriste.

Tu o introduzirás e o plantarás no monte da tua herança,

no lugar que aparelhaste, ó

Senhor

, para a tua habitação,

no santuário, ó Senhor, que as tuas mãos estabeleceram. (15.16b-17)

Deus não guarda seu amor para si mesmo, mas o compartilha com seu povo. Por isso, seu grande propósito foi trazer seu povo para casa para que vivesse com ele. O "monte" no versículo 17 pode se referir ao monte Sinai, mas é mais provável que se refira ao monte Sião, a cidade de Deus em Jerusalém. Foi lá, no sagrado santuário do seu templo, que Deus fez sua residência terrena. O Antigo Testamento é a história do Deus que leva seu povo para seu lar na casa do Senhor.

Isso continua sendo o plano de Deus para o seu povo. O templo no monte Sião era um símbolo terreno do templo celestial de Deus na Nova Jerusalém. A cada dia, Deus traz mais filhos para sua residência santa. Em breve, todo o povo de Deus estará lá para cantar o cântico que jamais terminará. Assim, Moisés encerrou seu cântico com este coro: "O Senhor reinará por todo o sempre" (15.18). Essa era a nota apropriada para encerrar o hino. Após uma longa briga com Faraó, Deus havia resolvido uma vez por todas a pergunta de quem era o Rei. Moisés louvou a Deus por seu reinado não só sobre Israel, mas sobre toda a criação, e não apenas naquela época, mas agora e para sempre.

Que Deus maravilhoso! Ele é eterno e onipotente, santo e justo, amoroso e fiel. Se alguém se perguntar se esse cântico tem alguma utilidade prática,

simplesmente faça a seguinte pergunta: De que tipo de Deus realmente precisamos? Sem dúvida, o tipo de Deus de que precisamos é o tipo de Deus que Moisés considerava digno de louvor. Precisamos de um Deus que estará sempre conosco. Precisamos de um Deus que tem o poder de nos salvar, de triunfar sobre o pecado em nossa vida. Precisamos de um Deus de ira, que garantirá que a justiça seja feita no final. Precisamos de um Deus de amor eterno, que nos levará para casa para vivermos com ele para sempre. O Deus de Moisés é tudo o que toda pessoa possa precisar ou até mesmo querer num Deus.

Esta é a minha história, este é o meu cântico

Quando descrevemos os atributos de Deus, sempre há o perigo de que suas perfeições divinas pareçam abstratas ou impessoais. Se tudo o que fizermos for analisá-las, acabamos tratando Deus como uma proposição filosófica, não como um amigo. Portanto, é absolutamente necessário louvarmos a Deus por suas perfeições, como Moisés o fez. O profeta escreveu um cântico não só sobre Deus, mas também cantou a Deus. É bom falar sobre os atributos de Deus, mas é ainda melhor descrevê-los em versos poéticos, acrescentar uma melodia e cantá-los a Deus. Se não fizermos isso, não alcançaremos o objetivo da teologia, que é a adoração a Deus. Tim Keller escreve: “Quando louvamos a Deus, não estamos discutindo nosso deleite de Deus, o louvor é, antes, a consumação da nossa adoração quando glorificamos a Deus”.8

Para adorar a Deus corretamente, precisamos ter um relacionamento pessoal com ele. Precisamos vir e reivindicá-lo como nosso Deus. Foi assim que começou o cântico de Moisés, com a apropriação pessoal de Deus e sua salvação pelo profeta. Moisés cantou:

O

Senhor

é a minha força e o meu cântico;

ele me foi por salvação;

este é o meu Deus; portanto, eu o louvarei;

ele é o Deus de meu pai; por isso, o exaltarei. (15.2)

Moisés tinha um relacionamento pessoal com Deus. Ele pôde dizer: “Este Deus – este Deus cujo louvor eu canto – é meu Deus. Ele é a minha força e o meu cântico. Ele é para mim a própria salvação. Ele é meu louvor e minha exaltação. Ele é meu Deus, assim como foi o Deus dos meus pais, que me antecederam”.

O cântico de Moisés é teocêntrico: em outras palavras, é totalmente centrado em Deus. Moisés deu toda a glória a Deus. Ele não disse uma única palavra sobre seu próprio papel na salvação de Israel. Isso distingue este hino dos cânticos dos antigos pagãos, que não falhavam em parabenizar a si mesmos. O cântico de Moisés, por sua vez, foi escrito para honrar e louvar apenas a Deus.

Mas Moisés queria mencionar que o grande e glorioso Deus que ele louvava era o seu Deus. Ele havia encontrado salvação nesse Deus. Ele viera a conhecê-lo por meio da fé e queria colocar seu testemunho pessoal em uma melodia: “O Senhor é a minha força e o meu cântico; ele me foi por salvação” (15.2). O profeta Isaías cantou a mesma melodia: “O Senhor Deus é a minha força e o meu cântico; ele se tornou a minha salvação” (Is 12.2b). O cristão dá o mesmo testemunho, apenas em palavras um pouco diferentes: “Jesus Cristo é a minha força; ele se tornou a minha salvação”. Conhecer Deus de modo salvador significa conhecê-lo de modo pessoal, e isso significa ir a ele por meio da fé em Jesus Cristo.

Todos que conhecem Jesus Cristo continuarão cantando seus louvores até o fim do mundo. E então cantaremos um novo cântico. Sempre que Deus faz algo grande ele merece ser louvado. Será um grande dia o dia em que Jesus vier novamente. Deus julgará cada pecado e levará seus filhos para casa, para que vivam com ele para sempre. Será um dia tão maravilhoso que exigirá um novo cântico. O apóstolo João o descreveu em sua revelação do céu:

Vi como que um mar de vidro, mesclado de fogo, e os vencedores da besta, da sua imagem e do número do seu nome, que se achavam em pé no mar de vidro, tendo harpas de Deus; e entoavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o

cântico do Cordeiro, dizendo:

Grandes e admiráveis são as tuas obras,

Senhor Deus, Todo-Poderoso!

Justos e verdadeiros são os teus caminhos,

ó Rei das nações! (Ap 15.2-3)

João menciona o mar de vidro para nos lembrar do êxodo e do cântico que Moisés entoou na praia do mar. Então ele nos diz o que ouviu: um cântico de louvor a Deus por aquilo que ele é e fez. Será a última apresentação no musical da redenção. Assim que chegamos a Cristo, nós nos unimos ao coro. Agora, por enquanto, ainda estamos ensaiando. Estamos nos preparando para o grande final, quando cantaremos o cântico eterno:

Despertai e cantai o cântico

De Moisés e do Cordeiro!

Despertai cada coração e cada língua

E louvai o nome do Salvador [...]

Em breve o ouvireis dizer:

“Vinde, filhos bem-aventurados”.

Em breve, ele vos chamará daqui

E levará seus nômades para casa.

Lá, nossa língua arrebatada

Proclamará seu infinito louvor,

E vozes mais doces aumentarão o cântico

Da glória do Cordeiro.9

Notas

1 A história é narrada sucintamente em Andrew F. Walls, The Missionary Movement in Christian History: Studies in the Transmission of Faith (Maryknoll: Orbis, 1996), p. 86.

2 John Currid expõe esse caso de forma convincente em A Study Commentary on Exodus, vol. 1 (Auburn, MA: Evangelical USA, 2000), p. 309-23.

3 Brevard S. Childs, The Book of Exodus: A Critical, Theological Commentary (Louisville: Westminster, 1974), p. 246.

4 Thomas Moore, “Sound the Loud Timbrel”, em Robert Atwan e Laurance Wieder (orgs.), Chapters into Verse: Poetry in English Inspired by The Bible, vol. 1 (Nova York: Oxford University Press, 1993), p. 129.

5 Citado em David Van Biema, “In Search of Moses”, revista Time (14 de dezembro de 1998), p. 87.

6 Babylonian Talmud, Megilla 10b, citado em Göran Larsson, Bound for Freedom: The Book of Exodus in Jewish and Christian Traditions (Peabody, MA: Hendrickson, 1999), p. 109.

7 Mariano DiGangi, “Faithful in Commitment to the Lost”, em Faithful Witness: The Urbana 84 Compendium, org. James McLeish (Downers Grove, Il.:

InterVarsity, 1985), p. 123-31 (p. 125).

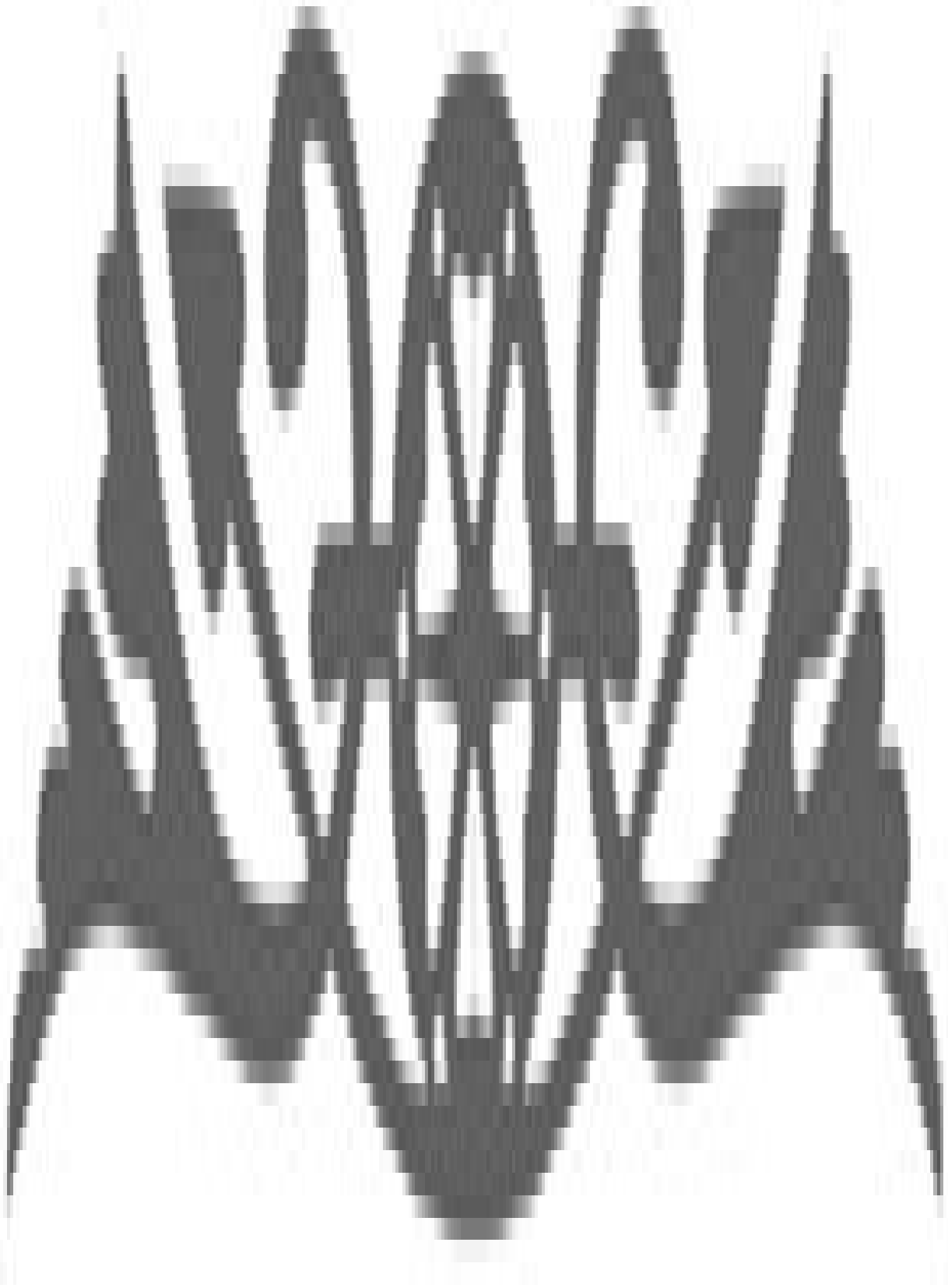
8 Tim Keller, “Why We Need Artists”, em It Was Good: Making Art to the Glory of God, Ned Bustard (org.) (Baltimore: Square Halo, 2000), p. 79-87 (p. 85).

9 William Hammond, “Awake, O Soul, and Sing”, 1745.

36

Uma queixa amarga

Êxodo 15.22-27



Êxodo é a história verdadeira da salvação de Israel. Mostra também o padrão da salvação em Jesus Cristo, que é a razão pela qual o Novo Testamento descreve a obra de Cristo em termos do êxodo. No passado, éramos escravos do pecado no Egito, mas então Jesus veio para nos libertar. Ele é o nosso Cordeiro pascal, que derramou seu sangue na cruz como sacrifício pelos nossos pecados. Ele também nos ajudou a atravessar o mar Vermelho. Em seu sepultamento, Jesus passou pelas águas profundas da morte, mas, por meio de sua ressurreição, alcançou o outro lado em segurança. Tudo isso se expressa no batismo cristão. O êxodo do Egito era uma previsão de um êxodo ainda maior: a libertação do pecado por meio da morte, do sepultamento e da ressurreição de Jesus Cristo.

Já que o livro de Êxodo estabeleceu o padrão para Cristo, não surpreende que estabeleça também o padrão para o cristão. A experiência de Israel – a vida em escravidão, a confiança no cordeiro, a travessia da morte para a vida, o cântico da salvação, a longa peregrinação, a vida segundo a lei de Deus e, finalmente, a chegada na Terra Prometida – é também a experiência do novo Israel de Deus, a igreja. Dietrich Bonhoeffer escreveu:

Nós também atravessamos o mar Vermelho, o deserto, o Jordão para a terra prometida. Como Israel, caímos em dúvida e descrença e, por meio de castigo e arrependimento, experimentamos novamente a ajuda e fidelidade de Deus. Tudo isso não é mero devaneio, mas realidade santa. Somos arrancados de nossa existência e colocados no meio da santa história de Deus na terra. Aqui Deus lidou conosco e aqui ele ainda lida conosco, com nossas necessidades e nossos pecados, em julgamento e em graça.1

O Novo Testamento explica o vínculo entre o primeiro êxodo e o êxodo maior da seguinte forma: “Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado” (1Co 10.11). Em outras palavras, a experiência de Israel era, em parte, para o nosso benefício. O que aconteceu com os israelitas nos ensina como devemos viver para Cristo.

Para o deserto

Lembrar-nos dessa conexão entre o êxodo e o evangelho nos ajuda a entender o que aconteceu no final de Êxodo 15. Lembre-se da cena: Deus acabara de ajudar seu povo a atravessar o mar, salvando-o de Faraó e de suas carruagens. Esse milagre de graça levou os israelitas para a fé salvadora. Eles viram, eles creram e eles adoraram.

O que aconteceu em seguida? Para formular a pergunta em termos da vida cristã, o que vem após a fé salvadora? Quando um pecador se volta para Cristo à procura de salvação, o que acontece em seguida? A resposta é santificação – o processo longo, duro e difícil de ser conformado à santidade de Deus.

Os israelitas haviam feito uma ruptura decisiva com o pecado quando saíram do Egito, mas muita santificação ainda precisava ocorrer. Esse processo se iniciou quase no mesmo momento em que a música parou. Enquanto as últimas notas do cântico de Miriã desvaneciam, “fez Moisés partir a Israel do mar Vermelho, e saíram para o deserto de Sur” (15.22a). O povo de Deus esperava seguir diretamente para Canaã, da graça diretamente para a glória. Em vez disso, o que se seguiu ao seu triunfo foi tribulação. O plano de Deus não conhecia atalhos. A Terra Prometida só podia ser alcançada pelo deserto.

O deserto é um lugar difícil. É um lugar para encontros com Deus, sim, mesmo assim, é sempre um lugar difícil. É infértil e desolado. Os israelitas estavam partindo para uma viagem longa e árdua. Eles haviam vivenciado uma grande salvação, mas para eles não haveria um “e viveram felizes para sempre”. Ainda precisavam enfrentar uma peregrinação tanto espiritual quanto física.

Atravessar o deserto não era necessário para a salvação de Israel, mas era necessário para a sua santificação. John Mackay comenta que

o fato de que entrar na glória não se segue imediatamente à salvação é a maneira normal de Deus operar. Existe antes um tempo para preparar seu povo para a herança que ele lhes dará. Esse foi o método aplicado no caso dos israelitas. Eles estavam livres da mão do controle egípcio, mas ainda tinham de aprender muito. Sua fé ainda era muito fraca, e eles precisariam de tempo para desenvolver sua confiança no

Senhor

e a capacidade de enfrentar qualquer circunstância sem hesitação. Por isso, foram levados para tempos de dificuldade e provação para que suas faculdades espirituais se desenvolvessem por meio da prática. Uma coisa era cantar louvores ao seu Libertador, uma coisa bem diferente era viver essa fé diante dos problemas da vida ordinária. A superação desse desafio lhes traria uma compreensão melhor de si mesmos e daquilo que significa ter fé no

Senhor

.2

É fácil aplicar a lição. A igreja agora está vivendo no deserto, entre a primeira e a segunda vindas de Cristo. Ele veio uma vez para nos salvar; ele virá novamente para nos levar para casa. Entrementes, continuamos numa longa e difícil peregrinação, que Deus está usando para nos tornar santos. Como dizem as Escrituras: “Através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus” (At 14.22b). Isso não significa que a nossa salvação não esteja segura. Ela está segura, e Deus nos levará até o fim da nossa jornada. Mesmo assim, o caminho continua difícil. Enfrentamos decepções e dificuldades, desânimo e dúvida.

Todos os nossos problemas e perseguições pretendem nos ensinar a depender exclusivamente de Deus, a ter confiança absoluta em sua fidelidade. É importante saber em que ponto nos encontramos na vida cristã. Ainda não alcançamos a terra prometida. Ainda estamos no deserto, onde Deus está nos santificando. Ter consciência disso nos impede de desenvolver expectativas equivocadas e também nos capacita a termos por “motivo de toda alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança” (Tg 1.2-3).

Israel registra uma queixa

Prontos ou não, os israelitas entraram no deserto do norte do Sinai. Naqueles

dias, o deserto de Sur se estendia desde o Egito quase até a Palestina. Os israelitas não acharam um lugar muito hospitaleiro. O clima do deserto era semiárido; a vegetação, esparsa e insuficiente para sustentar um grande grupo de refugiados.

Existiam vários poços de água no deserto – espalhados a uma distância de mais ou menos um dia de viagem –, mas logo os israelitas se viram diante de dificuldades reais. Sua crise dizia respeito à mais básica das necessidades físicas: "Caminharam três dias no deserto e não acharam água. Afinal, chegaram a Mara; todavia, não puderam beber as águas de Mara, porque eram amargas; por isso, chamou-se-lhe Mara. E o povo murmurou contra Moisés, dizendo: Que havemos de beber?" (15.22b-24).

Só podemos imaginar a amargura da decepção de Israel. No terceiro dia, o povo já deveria estar desesperado. É difícil sobreviver mais de três dias sem água, especialmente no deserto. "Se não encontrarmos água em breve", eles devem ter dito, "todos nós morreremos de sede". Então, quando estavam prestes a ficar desidratados – louvado seja Deus! – eles viram um oásis no horizonte. Correram para alcançá-lo, mas, quando se abaixaram para beber, a água estava salobra e tiveram de cuspi-la. Não era apenas de gosto repugnante, era inapropriada para o consumo humano. Tinha gosto de sal, minerais ou talvez até mesmo veneno. "Quem consegue beber isso?", eles se queixaram. Descobriram que seu oásis era algum tipo de miragem. Por isso, chamaram o lugar de Mara, que significa "amargo". Muitas vezes, é identificado com 'Ain Hawarah, onde a água é amarga ainda hoje. Mais recentemente, Colin Humphreys localizou o episódio em Malha, em Midiã.3

A água é essencial para a vida. Portanto, tratava-se de uma verdadeira emergência; era beber ou morrer. A essa altura, os israelitas deveriam ter clamado pela ajuda de Deus, pedindo que ele lhes desse a água da vida. Lembre-se, eles tinham toda a razão para crer que Deus os salvaria. Eles sabiam que Deus respondia as orações porque foi em reação aos seus gritos que ele os resgatara do Egito. Eles sabiam que ele tinha poder sobre a criação porque eles haviam testemunhado as pragas. Sabiam também que Deus controlava o fornecimento de água. Viram como ele transformou o Nilo em sangue. Testemunharam também suas maravilhas no mar Vermelho, seu domínio sobre o vento e as ondas. Os israelitas haviam testemunhado os poderosos atos salvadores de Deus na História.

Além do mais, Deus havia levado os israelitas para aquele lugar. Até mesmo o oásis amargo fazia parte do seu plano providencial. Para se lembrarem disso, tudo o que precisavam fazer era olhar para o alto e ver a coluna de nuvem que os trouxera para Mara. Deus estava na nuvem para proteger e guiá-los. Caso fosse necessário, ele poderia fazer chover para molhar seus lábios ressecados e suas gargantas sedentas. Por isso, não tinham nada do que se queixar e todas as razões para crer que Deus os salvaria. Tudo o que precisavam fazer era pedir, e Deus providenciaria.

Em vez disso, diante do primeiro sinal de dificuldade, os israelitas se queixaram ao profeta de Deus. “Certo, Moisés”, eles disseram. “Toda essa viagem foi ideia sua. Estamos sem água. O que você pretende fazer agora?” O povo não estava errado ao abordar o profeta com esse tipo de problema. Eles tinham uma necessidade física genuína. Já que Moisés servia como representante de Deus, era absolutamente correto que eles dirigissem suas preocupações a ele. O problema era sua postura. Para ser bem direto, eles estavam choramingando.

Sem choro!

Choramingar sempre parece infantil. Crianças são famosas por isso. Ser culpado desse pecado, como os israelitas, é um sinal de imaturidade espiritual. Num dia, o povo estava dançando na praia, cantando louvores a Deus, mas apenas poucos dias depois já estava à beira de uma rebelião aberta. Isso é um sinal claro de que eles ainda se encontravam em sua infância espiritual.

Existem várias maneiras de caracterizar o pecado de Israel. O povo era esquecido. Como escreveria o salmista mais tarde:

Nossos pais, no Egito,

não atentaram às tuas maravilhas;

não se lembraram da multidão das tuas misericórdias

e foram rebeldes junto ao mar, o mar Vermelho. (Sl 106.7)

Sim, Deus os havia libertado de Faraó, mas isso havia acontecido dias antes. O que ele havia feito por eles mais recentemente? Os israelitas eram também egoístas. Sua preocupação primária era o que Deus poderia fazer por eles. Eram ingratos e imaturos. Mas seu problema espiritual mais profundo era sua falta de fé. Os israelitas simplesmente não acreditavam que Deus cuidaria deles. Não confiavam na fidelidade de Deus.

Isso é um alerta forte a todos que têm um espírito murmurador. Lembre-se: aquilo que aconteceu com Israel é um exemplo do novo Israel de Deus, a igreja. Aqui, a lição é óbvia: “Não murmureis, como alguns deles murmuraram” (1Co 10.10). Não é pecado levarmos os nossos problemas a Deus. Ele nos convida a conversarmos sobre eles em oração. É, porém, um pecado ter um espírito murmurador, que envenena a nossa comunhão com Cristo e, assim, nos priva da alegria de servir a Deus.

Infelizmente, a prática de murmurar é muito comum. Vivemos numa cultura baseada em gratificação instantânea. Não apenas tentamos conseguir o que queremos – nós o exigimos. Assim, estamos sempre pensando sobre aquilo que não temos e crendo que, se tivéssemos, estaríamos satisfeitos. Mas fazer isso significa identificar o problema no lado de fora, quando, na verdade, ele está do lado de dentro. O problema real é a nossa própria insatisfação, a queixa de um coração murmurador.

Muitos cristãos se queixam de coisas pequenas. Não gostamos de como um ministério está sendo administrado, ou discordamos de algo no culto de adoração, ou temos um problema com um dos nossos líderes espirituais. Então murmuramos. Fazemos o mesmo em casa. Queixamo-nos da marca de cereais que nossa esposa (ou mãe) comprou, ou das tarefas que não foram feitas ou da qualidade dos móveis na sala de estar. Todas essas queixas perturbam nossos relacionamentos e impedem nosso testemunho.

E há então as coisas grandes das quais nos queixamos: pobreza, deficiências, decepções com os filhos, insatisfação no emprego, infelicidade no amor, dores crônicas. Estes são os pontos amargos na nossa vida. Aconteceu – ou não aconteceu – algo em sua vida que se tornou uma fonte de queixa constante? Houve algo que se colocou entre você e o Senhor, algo que prejudica as suas orações e limita sua eficácia no ministério?

Um homem da Filadélfia foi ordenado para o ministério pastoral. Era uma ocasião notável, pois apenas quatro anos antes disso ele quase havia abandonado a igreja. O homem havia dedicado sua vida ao serviço do Senhor. Na época, trabalhou para a igreja, frequentando o seminário e se preparando para o ministério. Então, sua filha recém-nascida foi diagnosticada com distrofia muscular. No que dizia respeito ao homem, esse tipo de sofrimento jamais havia sido parte do acordo. O trato era que ele serviria a Deus e Deus o abençoaria. Quando Deus não o abençoou, ele não queria mais servir. Foi apenas quando entregou sua amargura a Deus, confiando que Deus seria fiel até mesmo no sofrimento, que sua alegria foi restaurada.

O que sofremos pode ser amargo em si mesmo, mas, por mais amargo que seja, não precisa nos amargurar. O problema em Mara não foi a água, por mais amarga que tenha sido, mas a amargura no coração do povo de Deus. João Calvino ressaltou que Deus "poderia ter lhes dado água doce desde o início, mas ele queria, por meio da água amarga, evidenciar a amargura que se escondia em seu coração".4 Amargura não ocorre nas circunstâncias externas, mas na reação interna. Somos chamados não a murmurar, mas a crer na bondade de Deus, mesmo quando ele nos levar para águas amargas.

Quão doce é!

Uma razão para confiar em Deus é que ele pode transformar aquilo que é amargo em algo doce, e foi isso o que aconteceu em Mara: "Então, Moisés clamou ao Senhor, e o Senhor lhe mostrou uma árvore; lançou-a Moisés nas águas, e as águas se tornaram doces" (15.25a).

Quando Moisés se viu diante de uma necessidade física desesperadora, ele não murmurou. Ele não se voltou e discutiu com os israelitas. Em vez disso, ele levou seus problemas ao Senhor em oração. Era típico. Moisés clamou pela ajuda de Deus muitas vezes. Ele sabia como lidar com uma situação difícil de maneira espiritual. Não havia nada que ele pudesse fazer para salvar o povo de Deus, mas ele sabia que Deus podia salvá-los e, assim, confiou em Deus. Ele exerceu uma dependência real da promessa de que Deus proveria.

Quando Moisés clamou a Deus, sua pequena oração alcançou mais do que todas as queixas dos israelitas. Alcançou mais porque se dirigia a Deus em fé. Deus

respondeu mostrando a Moisés um pedaço de madeira – aparentemente, uma árvore específica (literalmente “a madeira”). A palavra traduzida como “mostrou” significa “direcionar ou instruir”. Sugere que Deus conferiu algum tipo de conhecimento sobre a árvore ao seu profeta. Quando Moisés a lançou na água, a água se tornou pura, saudável e doce. As pessoas beberam até satisfazer sua sede desesperada.

Surge, então, naturalmente, a pergunta se isso foi um milagre genuíno ou se, na verdade, a madeira teve algum efeito de cura natural. Estudiosos têm tentado descobrir se alguma das árvores no Sinai possui a capacidade inerente de purificar água.5 Talvez houvesse algum remédio local, algum arbusto do deserto com as propriedades químicas necessárias. Nenhuma árvore curadora foi encontrada. Além disso, é difícil imaginar como um pedaço de madeira seria capaz de purificar tanta água. Somos obrigados a concluir que aquilo que aconteceu em Mara foi um milagre genuinamente sobrenatural. A madeira tornou a água doce porque vinha da árvore de Deus. Isso nos lembra de algumas das outras árvores nas Escrituras: a árvore da vida, no jardim do Éden (Gn 2.9); a árvore da vida em Jerusalém, cujas folhas curam as nações (Ap 22.2); e, sobretudo, a árvore na qual Cristo foi crucificado – a árvore que cura o nosso amargo pecado. Deus parece ser especialista em árvores de cura.

O notável não é que Deus foi capaz de realizar o milagre em Mara, mas que ele esteve disposto a realizá-lo em benefício desse bando de insatisfeitos. Calvino comentou: “Nisso transpareceu a inestimável misericórdia de Deus, que se dignou a mudar a natureza da água para o propósito de prover para esses homens ímpios, rebeldes e ingratos”.6 A graça de Deus é tão maravilhosa que ele provê até mesmo para quem choraminga, contanto que realmente sejamos seus filhos.

Por que Deus faz isso? Ele o faz para demonstrar a sua graça e a sua misericórdia. Ele também o faz para que possamos aprender a confiar que ele fornece a nossa água da vida. Deus quer que dependamos profundamente de sua capacidade de prover. Muitas vezes, ele nos ensina essa lição levando-nos primeiro a provar da água amarga. Isso valeu para Israel. Foram as águas agridoces de Mara que aumentaram sua fé.

Um sinal de maturidade espiritual crescente é a nossa capacidade de confiar que Deus proverá, mesmo quando é difícil imaginar como. Deus prometeu que nos daria “todas as coisas que conduzem à vida e à piedade” (2Pe 1.3a). Essa é uma lição que a maioria dos cristãos precisa aprender repetidas vezes, até finalmente

chegarmos ao ponto em que deixamos de questionar se Deus proverá, mas nos perguntamos apenas como ele cuidará de nós dessa vez, esperando em fé até ele fazer isso.

Caso de teste

Em Mara, Deus transformou aquilo que era amargo em rios de água doce e refrescante. Essa demonstração poderosa de sua providência foi também um momento instrutivo. Depois de o povo saciar sua sede, Deus passou a ensinar-lhe uma lição espiritual vital para o resto de sua peregrinação: “Deu-lhes ali estatutos e uma ordenação, e ali os provou, e disse: Se ouvires atento a voz do Senhor, teu Deus, e fizeres o que é reto diante dos seus olhos, e deres ouvido aos seus mandamentos, e guardares todos os seus estatutos, nenhuma enfermidade virá sobre ti, das que enviei sobre os egípcios; pois eu sou o Senhor, que te sara” (15.25b-26).

O deserto foi o professor de Israel. Charles Spurgeon o descreveu como “a Oxford e Cambridge para os estudantes de Deus. Lá foram à universidade, e ele os instruiu e treinou, e eles foram diplomados antes de entrarem na terra prometida”.7 Como a maioria das instituições de ensino superior, a Universidade do Deserto tinha um sistema de exames. Deus testou seu povo Israel. Em Mara, ele os educou fazendo uma pequena aliança na qual definiu os termos de seu relacionamento. Deus deu ao seu povo uma ordem com alertas e promessas, bênçãos e maldições.

A ordem recebida por Israel era obedecer a Palavra de seu Deus. Deus lhe ordenou a “ouvir atento a voz do Senhor, teu Deus, e fazer o que é reto diante dos seus olhos, e dar ouvido aos seus mandamentos, e guardar todos os seus estatutos” (15.26a). A lei de Deus deve ser o padrão absoluto para a sua conduta. Normalmente, associamos essa lei aos Dez Mandamentos dados no monte Sinai, mas já antes de alcançarem a montanha sagrada, Deus exigiu que os israelitas vivessem para a sua glória. Deviam ouvir o que ele dizia, fazer o que ele queria, obedecer ao que ordenava e observar o que decretava.

Essas exigências não eram o fundamento da salvação de Israel. Os israelitas já estavam salvos! Deus os tirou da terra do Egito, da casa da escravidão. Ele os ajudou a atravessar o mar. Mas agora havia chegado a hora de sua santificação,

por isso, Deus lhes deu essa lei. Ele não disse: “Façam isso, e eu os salvarei”. Primeiro ele os salvou, depois ele disse: “Aqui estão algumas coisas que eu quero que vocês façam agora”. Se Deus tivesse invertido essa ordem, a sua salvação teria sido resultado de obras. Mas ocorre que a salvação sempre é pela graça por meio da fé.

Se essas ordens não eram para a salvação de Israel, para quê serviam? Eram para a santificação de Israel. Uma fé salvadora genuína sempre é seguida por boas obras alegres. Deus quer que façamos mais do que simplesmente crer naquilo que ele tem feito; ele também quer que obedeçamos ao que ele ordenou. Deus deu a Israel essas instruções para ajudá-lo a viver para a sua glória. Uma vez que fomos salvos do pecado, a maneira de experimentar a plenitude da bênção de Deus é confiar e obedecer.

Deus deu ao seu povo essas ordens para ver o que suas obras revelariam sobre o seu relacionamento com ele. A obediência era o teste de sua fé. Obedecendo ou não, haveria consequências. É assim que uma aliança sempre funciona. Ela contém promessas e alertas, bênçãos para a obediência e maldições para a desobediência. Deus disse: “Se ouvires atento” e se “fizeres o que é reto”, então “nenhuma enfermidade virá sobre ti, das que enviei sobre os egípcios; pois eu sou o Senhor, que te sara” (15.26b). A maldição é implícita: se o povo de Deus não obedecesse, ele sofreria as mesmas pragas que Israel testemunhara no Egito.

No entanto, o desejo de Deus não era amaldiçoar, mas abençoar. Ele não provou seu povo para que ele falhasse, mas na esperança de que aprendesse a obedecer. Mais tarde, Moisés disse ao povo: “Deus veio para vos provar e para que o seu temor esteja diante de vós, a fim de que não pequeis” (20.20). Infelizmente, essa foi uma prova na qual os israelitas falharam continuamente – não só em Mara, mas durante toda a sua jornada pelo deserto. Quando estavam com sede, não confiaram e obedeceram; murmuraram e se queixaram. Muitas vezes, falhamos da mesma forma. Nossa necessidade de provisão é a prova da nossa fé. Mas quando vem a hora do teste, em vez de esperar em Deus em confiança tranquila, ficamos ansiosos e irritados.

É por isso que precisamos desesperadamente de Jesus, que passou no teste. Para nos salvar, Jesus teve de cumprir toda a lei de Deus. Os teólogos chamam isso de “obediência ativa de Cristo”, e foi necessário para a nossa salvação plena. Jamais essa obediência foi testada de forma mais severa do que quando Deus levou Jesus para o deserto, onde ele seria tentado pelo diabo: “E, depois de jejuar

quarenta dias e quarenta noites, teve fome. Então, o tentador, aproximando-se, lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães" (Mt 4.2-3). A tentação era conseguir sua comida do seu jeito, não confiando na provisão do Pai. Mas Jesus passou no teste. Ele disse: "Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus" (Mt 4.4). Jesus não se queixou sobre o que Deus deixara de prover, mas confiou que seu Pai o sustentaria.

Existe uma grande bênção para aqueles que aprendem a confiar e obedecer. A ordem de Deus em Mara veio com uma promessa: se seu povo obedecesse, ele não só o pouparia das pragas, mas também curaria as suas doenças. Aqui, Deus revelou outro de seus nomes divinos. Os israelitas já o conheciam como o grande Eu Sou, o Deus eterno e autoexistente. Também veio a confiar nele como o Deus que ouve, o Deus que resgata e o Deus que provê. Agora, Deus se revelou como y~hw#h-r"Ph#, o Deus que cura. No Antigo Testamento, r"Ph# se refere a bem-estar e saúde, tanto física quanto espiritual. Significa "restaurar, curar [...] não só no sentido físico, mas também no sentido moral e espiritual".8 Em Mara, Deus demonstrou seu poder de cura curando as águas amargas. Mas ele o fez com a intenção de ensinar aos israelitas que eles deviam confiar nele para todo tipo de cura. Parte da identidade de Deus se esconde em sua capacidade de curar. Ele é o Deus que perdoa todos os nossos pecados e cura todas as nossas doenças (Sl 103.3).

O poder de curar é outra confirmação de que Jesus é o Salvador. Jesus era famoso por seus milagres de cura. Ele percorria a Galileia "pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo" (Mt 4.23). Todos que foram curados por Jesus receberam uma bênção física. Mas essa bênção física apontava para uma realidade mais profunda – i.e., para o fato de que Jesus é o remédio para tudo o que aflige a nossa alma doente de pecados. Ele é o médico da nossa salvação. Qualquer que seja a cura de que necessitamos – cura física para uma doença ou deficiência, cura espiritual para o pecado ou cura emocional para as feridas que recebemos de outros – devemos sempre olhar para Jesus. Algumas das nossas doenças só serão curadas na ressurreição, mas todas elas serão curadas, pois Jesus prometeu curá-las.

Um resort no deserto

Êxodo 15 termina com Deus levando seu povo para um lugar de cura, para um oásis ao longo do caminho. Após sua experiência agridoce em Mara, eles continuaram pelo deserto. “Então, chegaram a Elim, onde havia doze fontes de água e setenta palmeiras; e se acamparam junto das águas” (15.27; cf. Nm 33.9).

Devemos ter o cuidado de não extrair de mais desse versículo. Um dos romances de John Buchan descreve um pastor escocês que “pregou durante um ano e seis meses sobre Êxodo 15.27, as doze fontes de água e as setenta palmeiras de Elim, a cada sábado uma fonte e uma árvore”. O romance comenta então que o pastor “nunca teve uma mente muito boa”.9 Verdade.

Os israelitas aprenderam mais com a amargura em Mara do que com a doçura de Elim; no entanto, há algo que podemos aprender dessas fontes sob palmeiras. Elim era um lugar de abundância. Normalmente, é identificado com Wadi Gharandel, um oásis suntuoso no norte do Sinai. Qualquer que tenha sido a localização de Elim, a presença de árvores tão grandes revela que o local tinha um fornecimento ilimitado de água subterrânea. Os números 12 e 70 simbolizam plenitude e bênção. Havia uma dúzia de fontes, uma para cada tribo de Israel, e 70 árvores, uma para cada um dos anciãos de Israel, portanto, havia o suficiente para todos. Isso mostra que a provisão de Deus é abundante. Bastaria que Deus nos desse o bastante para sobreviver, mas normalmente ele nos dá o bastante para florescermos. Ele satisfez a sede de Israel no deserto. Agora, a fonte eterna de sua graça derrama sobre seu povo o seu cuidado, para que floresçamos em todos os sentidos.

Deus fez provisão abundante para nós ao enviar seu Filho como nosso Salvador. Se tivermos Jesus, temos tudo de que precisamos: “E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades” (Fp 4.19). Isso significa que Deus satisfará todas as nossas necessidades materiais? Sim; ele prometeu providenciar tudo o que realmente precisamos para a nossa existência diária. Mas, mais do que isso, ele prometeu satisfazer todas as nossas necessidades espirituais mais profundas, concedendo-nos perdão e dando-nos comunhão com ele para sempre.

A Bíblia aplica as lições de Mara e Elim descrevendo Jesus como a água da vida. O próprio Jesus disse: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva” (Jo 7.37b-38; cf. 4.13-14). Jesus estava falando do Espírito Santo, que é a fonte refrescante de toda a vitalidade espiritual. Ir a Jesus significa receber o Espírito Santo e, com

o Espírito, um fornecimento eterno de graça. Todos que vão a Jesus descobrem que ele é profundamente satisfatório em todos os sentidos. E todos podem ir, pois Jesus diz: “Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida” (Ap 22.17b).

Notas

1 Dietrich Bonhoeffer, Life Together, trad. John W. Doberstein (São Francisco: Harper & Row, 1954), p. 53.

2 John L. Mackay, Exodus (Fearn, Ross-Shire, UK: Mentor, 2001), p. 278.

3 Colin J. Humphreys, The Miracles of Exodus: A Scientist's Discovery of the Extraordinary Natural Causes of the Biblical Stories (Nova York: HarperCollins, 2003), p. 267-71.

4 João Calvino, Commentaries on the Four Last Books of Moses, Calvin's Commentaries, vol. 2 (Edimburgo; reimpressão. Grand Rapids: Baker, 1999), p. 265.

5 Veja Humphreys, The Miracles of Exodus, p. 271-273.

6 Calvino, Commentaries on the Four Last Books of Moses, vol. 2, p. 265.

7 Charles H. Spurgeon, "Marah Better Than Elim", Metropolitan Tabernacle Pulpit 39, nº 2.301 (Pasadena, TX: Pilgrim, 1973), p. 151.

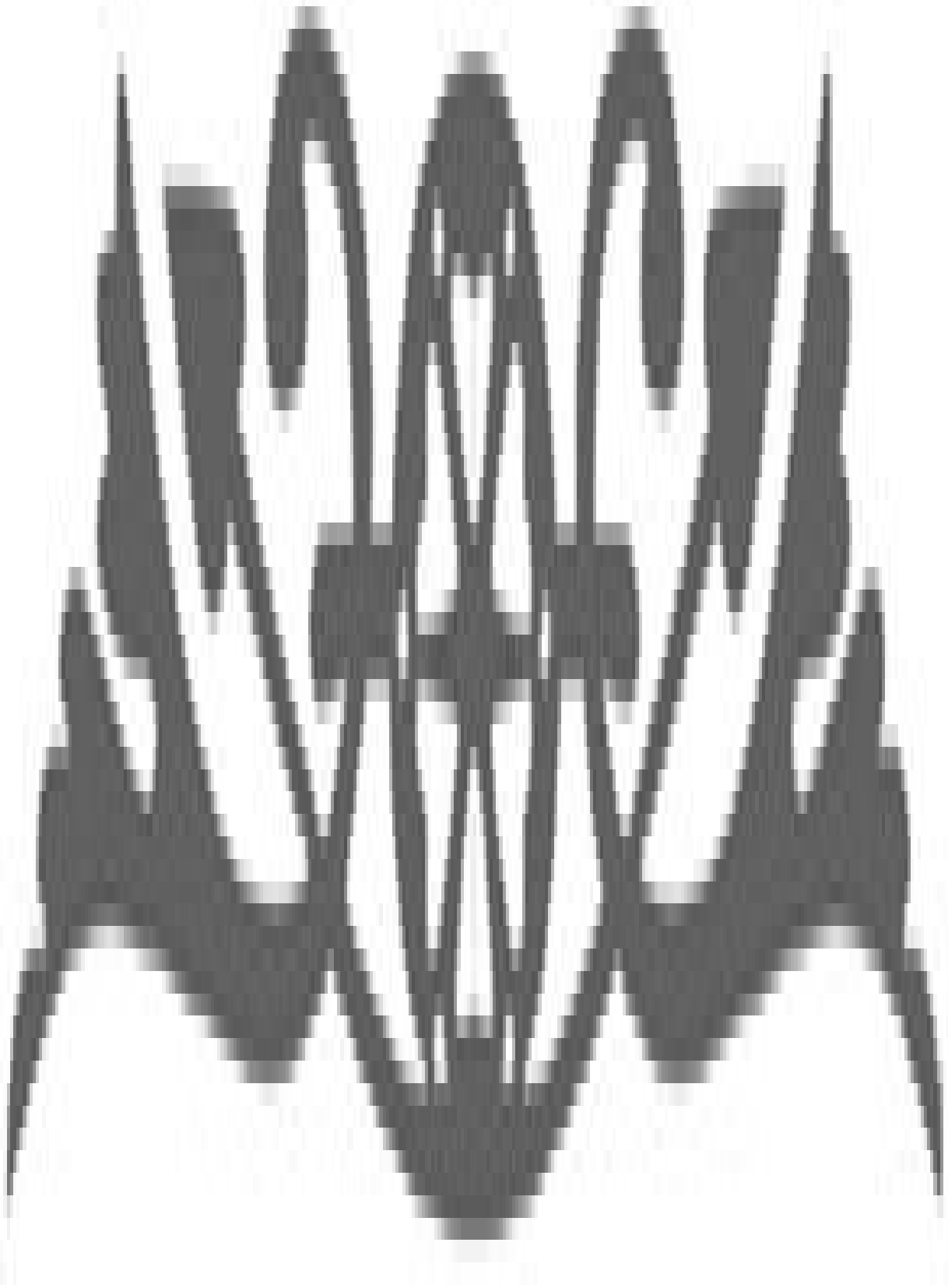
8 Nathan Stone, Names of God (Chicago: Moody, 1944), p. 72.

9 John Buchan, Witch Wood (Edimburgo: Canongate, 1995), p. 9.

37

Pão do céu

Êxodo 16.1-20



Os israelitas acamparam junto às fontes de Elim por várias semanas, demorando-se sob as palmeiras e saciando sua sede com água fresca. Então chegou a hora de seguir viagem. Eles estavam numa jornada espiritual, numa jornada que revela o padrão da vida cristã. Existem períodos de refresco, mas normalmente não duram muito. Logo chega a hora de voltar para o deserto – o lugar de provação e crescimento espiritual.

O protesto de Israel

O povo de Deus seguiu para o sul e leste, avançando ainda mais pelo deserto: "Partiram de Elim, e toda a congregação dos filhos de Israel veio para o deserto de Sim, que está entre Elim e Sinai, aos quinze dias do segundo mês, depois que saíram da terra do Egito" (16.1). Logo os israelitas se cansaram e sentiram fome, e novamente começaram a reclamar: "Toda a congregação dos filhos de Israel murmurou contra Moisés e Arão no deserto; disseram-lhes os filhos de Israel: Quem nos dera tivéssemos morrido pela mão do Senhor, na terra do Egito, quando estávamos sentados junto às panelas de carne e comíamos pão a fartar! Pois nos trouxestes a este deserto, para matardes de fome toda esta multidão" (16.2-3).

Murmurar era o pecado principal de Israel. Começou quando Moisés foi a Faraó pela primeira vez e os israelitas se queixaram de que ele estava tornando seu trabalho mais difícil em vez de facilitá-lo. Reclamaram no mar Vermelho, onde acusaram Moisés de tirá-los do Egito para que morressem no deserto. Ficaram ainda mais amargurados em Mara, mas as reclamações não pararam por aí. A jornada dos israelitas durou 40 anos, e eles passaram sua maior parte reclamando. Quando alcançaram o deserto de Sim, já haviam se transformado em uma nação de insatisfeitos. O versículo 2 diz que "toda a congregação dos filhos de Israel murmurou". No versículo 3, reclamaram de seu cardápio. Mas o que parece ter vindo antes era a murmuração em si, evidência de um espírito reclamão. Na verdade, as nossas queixas nunca são causadas pelas nossas circunstâncias externas. Elas revelam a condição interna do nosso coração. As Escrituras dizem: "Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos" (Fp 4.4). A nossa alegria no Senhor não deve ser circunstancial, mas fundamental.

Na verdade, os israelitas não tinham nada do que se queixar. Sua comida não estava acabando. Era o que alegavam, é claro – “Estamos morrendo de fome!” – mas simplesmente não era verdade. No próximo capítulo, falam sobre a falta de água para seus rebanhos (17.3). Obviamente, ainda tinham o gado e os rebanhos que haviam trazido do Egito. Podiam beber leite e fazer queijo; caso fosse necessário, podiam até comer carne. Não estavam morrendo de fome. O salmo 78 confirma isso, ao falar de “alimento que lhes fosse do gosto” (Sl 78.18,30), não de comida essencial para sua sobrevivência. Os israelitas confundiram aquilo que queriam com aquilo de que precisavam. Essa é, muitas vezes, a fonte da nossa insatisfação – acreditar que a nossa ganância é nossa necessidade.

Os israelitas reclamaram que sua situação era pior do que realmente era. Também fizeram outra coisa que os reclamadores costumam fazer: exageraram as vantagens de sua situação anterior: “Lembram dos bons e velhos tempos?” – disseram. “Lembram de como costumávamos encher a nossa barriga?” Olharam para trás com saudades de seu tempo no Egito, quando costumavam encher a barriga no banquete de Faraó. Pelo menos, era como se lembravam daquilo. Na verdade, é duvidoso que Faraó tenha lhes dado toda a carne que conseguissem comer. E, caso tenha feito isso, foi apenas para que tivessem energia para trabalhar ainda mais. Mesmo assim, os israelitas quiseram voltar, provando mais uma vez que era muito mais fácil tirá-los do Egito do que tirar o Egito deles.

Os israelitas dirigiram sua queixa contra seus líderes espirituais, acusando Moisés e Arão de tentativa de homicídio, ou até mesmo genocídio. Isso era ultrajante. Esses homens haviam dedicado sua vida para servir ao povo de Deus. Mas o povo questionou seus motivos, acusando-os da tentativa de destruir Israel.

A postura de Israel é um alerta contra o grande pecado de reclamar. Sempre é errado ver apenas o pior nas coisas ou fazer acusações sem base contra pessoas boas. Mas, quando os israelitas se queixaram a Moisés, o que eles realmente estavam fazendo era murmurar contra Deus. “Mas, ainda assim, prosseguiram em pecar contra ele”, escreveu o salmista, “e se rebelaram, no deserto, contra o Altíssimo” (Sl 78.17). Moisés e Arão reconheceram isso. Assim, em vez de se defenderem, ajudaram o povo a enxergar o que realmente estava fazendo: “Quem somos nós, para que murmureis contra nós? [...] Quem somos nós? As vossas murmurações não são contra nós, e sim contra o Senhor” (16.7b-8b).

A palavra “murmuração” dificilmente expressa o que os israelitas estavam fazendo. A palavra hebraica “não foi desenvolvida para expressar uma queixa

rancorosa. Pelo contrário, descrevia uma rebelião aberta".1 Quando o povo murmurou contra Moisés, aquilo foi um motim contra o Deus Todo-Poderoso. Estavam rejeitando seu relacionamento com ele. Na verdade, preferiam estar mortos (16.3). Segundo seu raciocínio, já que iriam morrer de qualquer jeito, teria sido melhor morrer já no Egito. Morrer de fome no deserto era um destino pior do que a morte. O que estavam dizendo era, em essência, que preferiam jamais ter sido salvos.

Lembre-se de que a grande pergunta em Êxodo dizia respeito à adoração de Israel: A quem ele serviria – a Deus ou ao Faraó? Deus queria que seu povo servisse apenas a ele, mas agora os israelitas estavam dizendo: "Preferíamos servir a Faraó". As famosas palavras de Patrick Henry foram: "Dá-me liberdade ou dá-me morte!". Os israelitas disseram exatamente o contrário: "Dá-nos escravidão ou dá-nos morte!". Sua queixa foi muito além de uma insatisfação com o cardápio. Eles estavam se revoltando contra o plano de Deus para a sua salvação.

Isso é uma descoberta importante sobre o pecado de reclamar. Todo o nosso desgosto e insatisfação se voltam, no fundo, contra Deus. Normalmente, descarregamos nossa frustração em outra pessoa, normalmente numa pessoa próxima. Um psicólogo chamaria isso de transferência. No caso dos israelitas, apesar de descontarem sua frustração em Moisés, no fundo, estavam com raiva de Deus. É por isso que Deus sempre interpreta nossas queixas como crítica pessoal. Ele sabe que, quando nos queixamos das nossas circunstâncias pessoais, dos nossos líderes espirituais ou de qualquer outra coisa, o que estamos realmente fazendo é atribuir toda a culpa a ele. Estamos reclamando de algo que ele providenciou (ou não) para nós. Um espírito resmungão sempre aponta para um problema em nosso relacionamento com Deus.

A provisão de Deus

Incrivelmente, a despeito de suas lamúrias, Deus ouviu os israelitas e lhes deu o que pediram. As Escrituras dizem quatro vezes que Deus ouviu sua murmuração (16.7-8-9,12). Deus não só os ouviu, mas também proveu para eles: "E o Senhor disse a Moisés: Tenho ouvido as murmurações dos filhos de Israel; dize-lhes: Ao crepúsculo da tarde, comereis carne, e, pela manhã, vos fartareis de pão, e sabereis que eu sou o Senhor, vosso Deus" (16.11-12).

O Deus de toda graça estava prometendo que providenciaria tudo para o seu povo. Sua provisão seria abundante. No versículo 4, ele disse a Moisés: “Eis que vos farei chover do céu pão.” E, no versículo 12, prometeu que seu povo se “fartaria de pão”. Aqui Deus usou a mesma palavra para satisfazer a fome que os israelitas usaram no versículo 3, quando falaram sobre quanta comida costumavam comer. Deus prometeu alimentar seu povo até que estivesse farto. Isso se devia exclusivamente à sua infinita paciência, pois, após toda a sua murmuração, era muito mais do que Israel merecia.

Deus cumpriu sua promessa. Ele proveu comida naquela mesma noite e também na manhã seguinte: “À tarde, subiram codornizes e cobriram o arraial; pela manhã, jazia o orvalho ao redor do arraial. E, quando se evaporou o orvalho que caíra, na superfície do deserto restava uma coisa fina e semelhante a escamas, fina como a geada sobre a terra. Vendo-a os filhos de Israel, disseram uns aos outros: Que é isto? Pois não sabiam o que era. Disse-lhes Moisés: Isto é o pão que o Senhor vos dá para vosso alimento” (16.13-15).

Isso foi um milagre autêntico – bem, na verdade, foram dois. O primeiro foi o milagre da codorna (coturnix coturnix), uma pequena ave de caça bastante comum no Oriente Médio. A codorna é uma ave migratória. A cada ano, ela passa pelo Sinai na primavera e no outono, em voo baixo, levada pelo vento. Quando para, empoleira-se no chão. Os egípcios (que, segundo Heródoto, consideravam a codorna uma iguaria), pegavam as aves com redes.2 No entanto, quando as codornas estão exaustas de suas viagens, elas podem ser capturadas também à mão.

Não surpreende, então, que os israelitas tenham encontrado codornas no deserto. Mesmo assim, a provisão de codornas por Deus foi milagrosa. As aves vieram naquela mesma noite, exatamente na hora que Deus prometera. Também vieram em números surpreendentes, grandes o bastante para alimentar uma multidão de milhões. Segundo o salmista, ele “fez chover sobre eles carne como poeira e voláteis como areia dos mares” (Sl 78.27). As codornas vieram para o lugar certo, na hora certa e na quantidade certa. Foi uma providência milagrosa, no que diz respeito tanto à hora quanto à extensão. Deus não deu codornas todos os dias ao seu povo. Esse milagre se repetiu apenas outra vez, após os israelitas deixarem o Sinai. O livro de Números descreve como “soprou um vento do Senhor, e trouxe codornizes do mar, e as espalhou pelo arraial quase caminho de um dia, ao seu redor, cerca de dois côvados sobre a terra” (Nm 11.31).

O que Deus providenciou todos os dias foi pão na forma de maná, e esse foi o segundo milagre. A Bíblia diz que o maná era “como semente de coentro, branco e de sabor como bolos de mel” (16.31). Essa descrição tem inspirado várias teorias elaboradas. Como os israelitas, os estudiosos também perguntaram: “Que é isto?”. F. S. Bodenheimer alegava que “as secreções adocicadas líquidas de uma variedade de cigarras, piolhos de plantas e cochonilhas se solidificam rapidamente graças à rápida evaporação. Desde tempos remotos, as massas pegajosas e, muitas vezes, granulares têm sido coletadas e chamadas de maná”.3 Outra “visão amplamente aceita é que o maná era idêntico ao líquen Lecanora esculenta. Esse líquen cresce em rochas e produz glóbulos do tamanho de ervilhas, que são leves o bastante para serem levados pelo vento. São famosos por sua doçura e costumam ser colhidos pelos nativos da Ásia central”.4 Atualmente, porém, a visão mais popular associa o maná ao tamarisco:

Sobretudo em anos chuvosos, a planta do tamarisco, nativo em regiões áridas, é invadida por um tipo de piolho de planta. O inseto suga a seiva e transforma seus carboidratos em uma variedade de produtos de alto teor de frutose. Estes são secretados pelo corpo e caem no chão na forma de pequenas gotas. Lá se cristalizam em pequenas bolas brancas, que podem ser consumidas como açúcar ou mel. Já que derretem ao sol, precisam ser colhidos cedo de manhã, como o maná bíblico. Ainda hoje, os beduínos os chamam man em árabe, que corresponde à palavra hebraica para “maná”.5

Essas teorias apresentam alguns problemas óbvios. Um é que o maná deixou os israelitas perplexos. Jamais haviam visto algo parecido. Se aquilo era tão comum, por que então ficaram se perguntando o que era aquilo? Outro problema é que nenhuma das alternativas corresponde às informações bíblicas. Essas diferentes excreções não apodrecem como apodrecia o maná; todas elas podem ser preservadas durante alguns dias. Precisamos considerar também as quantidades. Quantos bilhões de piolhos seriam necessários para alimentar uma nação por um dia?

No entanto, o maior problema diz respeito ao período durante o qual o maná continuou. A Bíblia diz que os israelitas “comeram [...] maná quarenta anos, até que entraram em terra habitada; comeram maná até que chegaram aos limites da

terra de Canaã” (16.35). Maná não era a única coisa que eles comiam, mas foi um dos pilares de sua dieta durante 40 anos! A dificuldade é que todos esses produtos de plantas e animais mencionados pelos estudiosos são sazonais. Ocorrem apenas durante algumas semanas no ano.

Uma análise cuidadosa das evidências mostra, então, que o maná no deserto foi um milagre divino genuíno. É dessa forma que a Bíblia o apresenta de maneira consistente. Moisés o chamou “o pão que o Senhor vos dá para vosso alimento” (16.15). O salmista o descreveu como “pão do céu” (Sl 105.40; cf. o Sl 78.24) e “pão dos anjos” (Sl 78.25). Semelhantemente, o apóstolo Paulo o descreveu como “manjar espiritual” (1Co 10.3), no sentido de “comida sobrenatural”. O maná era o pão maravilha original.

Mais de sua glória

Deus não realizou esse milagre simplesmente porque seu povo implorou por ele. Ele lhes deu pão para a sua própria glória. Deus havia anunciado sua intenção de antemão:

[...] disse Moisés e Arão a todos os filhos de Israel: à tarde, sabereis que foi o

Senhor

quem vos tirou da terra do Egito, e, pela manhã, vereis a glória do

Senhor

, porquanto ouviu as vossas murmurações [...] Será isso quando o

Senhor

, à tarde, vos der carne para comer e, pela manhã, pão que vos farte, porquanto o

Senhor

ouviu as vossas murmurações, com que vos queixais contra ele. (16.6-7a,8a)

Deus deu pão ao seu povo para mostrar que ele é Senhor. Era algo que ele já havia demonstrado aos seus inimigos. Ele mostrou aos egípcios que era o Senhor ao afogá-los no mar em suas carruagens. Agora, ele mostraria ao seu próprio povo a mesma coisa, só que dessa vez ele o faria satisfazendo suas necessidades. A carne e o pão lhes dariam uma experiência pessoal de primeira mão com seu senhorio. Os israelitas já sabiam que Deus era o Senhor de Israel, mas agora eles aprenderiam isso novamente por meio de sua própria experiência.

Outra maneira de dizer isso é que Deus mostraria a Israel a sua glória. A glória de Deus é sua reputação. É sua honra, o peso do seu caráter, a soma de todas as suas perfeições divinas. Saber que ele é Senhor significa, portanto, conhecê-lo como o Deus da glória. Para ajudar seu povo a ver quão glorioso ele é, Deus lhe permitiu vislumbrá-lo: “Disse Moisés a Arão: Dize a toda a congregação dos filhos de Israel: Chegai-vos à presença do Senhor, pois ouviu as vossas murmurações. Quando Arão falava a toda a congregação dos filhos de Israel, olharam para o deserto, e eis que a glória do Senhor apareceu na nuvem” (16.9-10).

Mais uma vez, Arão serviu como porta-voz de Deus. Ele reuniu o povo na presença de Deus e então lhe mostrou a glória de Deus. O que o povo viu foi a sh#K!n~h, a nuvem gloriosa da presença e proteção de Deus. Deus estava glorificado na nuvem, que era uma manifestação visível de sua majestade invisível. Mas Deus também foi glorificado quando enviou o maná e as codornas. Sua provisão milagrosa aumentou sua reputação como o Deus que ouve e o Deus que cuida. Sempre que Deus provê para o seu povo, isso acontece para o louvor da sua glória.

A essa altura em Êxodo, já esperamos que Deus faça coisas para a sua própria glória. Se não aprendermos nada mais desse livro, aprendemos pelo menos que somos salvos para a glória de Deus. Em cada fase da libertação de Israel, Deus fez o que fez – e do modo que fez – para receber todo o louvor e toda a glória. Por mais previsível que isso se torne, não existe lição mais importante do que esta: Deus faz tudo para o bem último da sua glória. Sempre que ele provê, ele acrescenta um pouco mais de peso à sua reputação.

Deus faz a mesma coisa por nós. Há glória na providência ordinária de Deus. Sempre que ele cuida de nossas necessidades ou nos poupa de um perigo,

sempre que ele nos capacita para o arrependimento dos nossos pecados ou para a fé em suas promessas, sempre que ele opera as coisas de modo que parecia ser impossível, reconhecemos um pouco mais da sua glória. Ou pelo menos deveríamos. Se não estivermos dando glória a Deus após tudo o que ele tem feito por nós, o que mais será necessário?

O pão da vida

Existem muitas coisas que podemos aprender do maná e das codornas, mas a lição básica é esta: Deus provê para o seu povo, dando-nos aquilo que realmente precisamos. E já que ele é nosso fornecedor todo-suficiente, ele mesmo é tudo de que precisamos.

Deus enviou o pão para santificar seu povo. O maná tinha o propósito educacional de ensinar-lhe a depender de Deus em todas as suas necessidades. Mais tarde, Moisés explicou que, apesar de o maná ter sido um milagre físico, seu propósito era ensinar a lição espiritual de que Deus é a fonte de toda a nossa vida. O profeta disse: “Ele te humilhou, e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que tu não conhecias, nem teus pais o conheciam, para te dar a entender que não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do Senhor viverá o homem” (Dt 8.3).

Essas palavras nos lembram imediatamente Jesus, que as citou para Satanás no deserto. Jesus estivera jejuando por 40 dias e 40 noites. Como os israelitas, ele estava desesperado para receber algum alimento, por isso, o diabo o tentou incentivando-o a transformar as pedras em pão. Mas Jesus respondeu: “Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4.4). Jesus sabia que as nossas necessidades mais profundas não são de natureza física, mas espiritual. O que realmente precisamos é de Deus e, quando temos Deus, temos tudo o que precisamos.

Isso foi algo que Jesus tentou ensinar muitas vezes aos seus discípulos. Certa vez, ele estava pregando a uma grande multidão às margens do mar da Galileia. Jesus sabia que o povo estava começando a ficar com fome, por isso, realizou o milagre dos pães e dos peixes, alimentando cinco mil. Depois daquilo, o povo realmente quis segui-lo! Mas Jesus sabia que as pessoas estavam querendo a coisa errada, por isso, disse: “Em verdade, em verdade vos digo: vós me

procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes. Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará" (Jo 6.26-27).

As pessoas não entenderam isso, então pediram que Jesus comprovasse as suas credenciais. Lembrando o êxodo, perguntaram: "Que sinal fazes para que o vejamos e creiamos em ti? Quais são os teus feitos? Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: Deu-lhes a comer pão do céu" (Jo 6.30-31). A verdade era que Jesus já havia lhes dado um sinal. Ao dar-lhes pão, ele havia demonstrado que ele era o novo e maior Moisés. Mas o pão físico não era importante. O que importava era o próprio Jesus, que é a fonte de toda a vida espiritual. Então, Jesus lhes disse: "Em verdade, em verdade vos digo: não foi Moisés quem vos deu o pão do céu; o verdadeiro pão do céu é meu Pai quem vos dá. Porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo" (Jo 6.32-33). Ele estava falando sobre si mesmo, obviamente. Jesus podia fazer muito mais do que multiplicar pães. Ele era o pão, o pão espiritual do céu que dá vida ao mundo.

As pessoas ainda não sabiam muito bem sobre o que Jesus estava falando, mas sabiam pelo menos que estavam dispostas a aceitar seu cardápio: "Então, lhe disseram: Senhor, dá-nos sempre desse pão. Declarou-lhes, pois, Jesus: Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede" (6.34-35). As pessoas ainda estavam à procura de algo físico, mas o que Jesus estava lhes oferecendo era algo espiritual. Quando ele disse "eu sou o pão da vida", quis dizer que ele era tudo de que elas precisariam. Ele satisfaria todas as suas necessidades físicas, é claro; mas não só, ele também satisfaria todas as suas necessidades espirituais mais profundas para sempre.

Quando as pessoas ouviram isso, fizeram exatamente o que fizeram os israelitas no deserto: murmuraram e reclamaram. Queriam Deus sob seus próprios termos, não estavam interessadas naquilo que Jesus lhes oferecia. Não entenderam que se tratava de uma questão de vida ou morte, que a diferença entre salvação eterna e condenação eterna é a fé no Filho de Deus. Por isso, Jesus o explicou para elas. Disse:

Em verdade, em verdade vos digo: quem crê em mim tem a vida eterna. Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Este é o pão

que desce do céu, para que todo o que dele comer não pereça. Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne. (6.47-51)

Jesus estava passando do físico para o espiritual, do temporal para o eterno, do êxodo para a cruz. O maná no deserto era outro tipo – algo do Antigo Testamento que apontava para a salvação em Cristo. O maná ensinou Israel a depender de Deus em todas as suas necessidades, mas ele tinha certas limitações. Era apenas pão; portanto, só podia satisfazer as suas necessidades físicas, e apenas por pouco tempo. Como Jesus ressaltou, todos que comeram o maná estavam mortos agora. Mesmo assim, o pão ensinou o povo a olhar para Deus para o seu sustento e salvação até ele enviar o pão vivo e verdadeiro do céu. Esse pão veio na pessoa e na obra de Jesus, que ofereceu seu corpo na cruz para dar vida ao mundo. O significado do maná é que tudo de que precisamos é Jesus.

Agora Deus nos convida a nos alimentarmos de Jesus, que é a fonte de toda a nossa vida. Jesus disse:

Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue permanece em mim, e eu, nele. Assim como o Pai, que vive, me enviou, e igualmente eu vivo pelo Pai, também quem de mim se alimenta por mim viverá. Este é o pão que desceu do céu, em nada semelhante àquele que os vossos pais comeram e, contudo, morreram; quem comer este pão viverá eternamente. (6.53-58)

Existem muitas maneiras de se nutrir de Jesus. Nós nos alimentamos dele quando estudamos a Palavra de Deus, que, toda ela, fala da nossa salvação nele. Nós nos alimentamos dele quando temos comunhão com ele em oração. E nós nos alimentamos dele no sacramento da Ceia do Senhor – não física, mas espiritualmente. O pão físico é um sinal espiritual da vida eterna que Jesus dá a todos que confiam nele.

Isso é apenas um teste

Deus nos enviou pão do céu. Isso levanta uma pergunta prática: confiaremos – confiaremos de verdade – que, em Jesus, Deus proverá tudo o que realmente precisamos? Sempre que precisamos de algo, Deus testa a nossa fé, assim como testou a fé de Israel. Antes de enviar o maná e as codornas, "disse o Senhor a Moisés: Eis que vos farei chover do céu pão, e o povo sairá e colherá diariamente a porção para cada dia, para que eu ponha à prova se anda na minha lei ou não. Dar-se-á que, ao sexto dia, prepararão o que colherem; e será o dobro do que colhem cada dia" (16.4-5).

Deus deu ao seu povo algumas instruções muito específicas. A cada dia, eles deveriam sair e colher o pão. Deveriam colher apenas a quantidade que precisassem para aquele dia, exceto no sexto dia, quando poderiam colher também para o sábado. Deus estava usando isso para testá-los (cf. Dt 8.16). A palavra "lei" é a palavra hebraica T"r~h, que se refere à lei de Deus. Deus queria ver se seu povo observaria a sua lei, que, obviamente, exigiria fé em sua promessa. Mais tarde, Moisés disse: "Ninguém deixe dele [do maná] para a manhã seguinte" (16.19). Em outras palavras: "Nenhuma acumulação!". Isso significava que o povo precisava confiar em Deus no que dizia respeito ao amanhã tanto quanto ao hoje. Nesse caso, em vez de acumular para o futuro (coisa que Deus permite e até mesmo ordena em muitas situações), eram chamados a crer que Deus continuaria a prover aquilo de que precisavam dia após dia. A cada dia, Deus testou sua fé em sua providência. Ele estava lhes ensinando a confiar nele para seu pão de cada dia. Dia após dia, semana após semana e ano após ano, eles dependiam dele em tudo.

Deus foi fiel em providenciar o que ele havia prometido. Quando o maná caiu do céu, "disse-lhes Moisés: Isto é o pão que o Senhor vos dá para vosso alimento. Eis o que o Senhor vos ordenou: Colhei disso cada um segundo o que pode comer, um gômer por cabeça, segundo o número de vossas pessoas; cada um tomará para os que se acharem na sua tenda. Assim o fizeram os filhos de Israel; e colheram, uns, mais, outros, menos. Porém, medindo-o com o gômer, não sobejava ao que colhera muito, nem faltava ao que colhera pouco, pois colheram cada um quanto podia comer" (16.15b-18). O povo seguiu as instruções. Um gômer corresponde mais ou menos a dois litros – bastante comida para um dia. Quando as pessoas juntaram o pão e depois o mediram com um gômer,

descobriram que Deus havia provido exatamente aquilo que precisavam. Nunca era de mais ou de menos, mas sempre o bastante.

O apóstolo Paulo viu isso como lição de equidade. Quando desafiou os coríntios a cuidarem dos cristãos pobres, ele escreveu: “Porque não é para que os outros tenham alívio, e vós, sobrecarga; mas para que haja igualdade, suprindo a vossa abundância, no presente, a falta daqueles, de modo que a abundância daqueles venha a suprir a vossa falta, e, assim, haja igualdade, como está escrito: O que muito colheu não teve demais; e o que pouco, não teve falta” (2Co 8.13-15). Paulo estava citando Êxodo 16.18 e estava se referindo à maneira como Israel colhia o maná no deserto. Aparentemente, a razão pela qual todos tinham exatamente o tanto que precisavam era porque eles compartilhavam. Da mesma forma, nós, como cristãos, somos chamados a compartilhar aquilo que temos com nossos irmãos e irmãs. O plano de Deus de prover para o seu povo no mundo inteiro depende da nossa disposição de dar aquilo que outros cristãos precisam.

A maioria dos israelitas estava disposta a confiar em Deus para o seu pão de cada dia. “Eles, porém, não deram ouvidos a Moisés, e alguns deixaram do maná para a manhã seguinte; porém deu bichos e cheirava mal. E Moisés se indignou contra eles” (16.20). Moisés tinha todo o direito de se irritar. Em vez de colherem apenas aquilo que precisavam, alguns dos israelitas tentaram fazer com que a provisão de Deus durasse um dia a mais. Isso não só era desnecessário, mas demonstrava falta de fé na promessa de Deus. Essas pessoas falharam no teste de Deus porque se preocuparam com o amanhã. Também sofreram as consequências: comida apodrecida e contaminada.

Isso era, em parte, uma lição sobre satisfação. Ao dar a todos a mesma porção, Deus ensinou seu povo a se contentar com a provisão diária. Quanto é o bastante? Vivemos numa cultura de acumulação, em que o bastante nunca é o bastante – sempre queremos um pouco mais. Mas tudo o que realmente precisamos é do nosso pão de cada dia, que Deus prometeu providenciar. Na medida em que Deus nos sustenta de um dia para o próximo, somos chamados a viver em dependência diária da sua providência. Por que Deus nos instrui a confiar nele para o nosso pão de cada dia? Maxie Dunnam escreve: “Ele o faz para o nosso bem, para que possamos conhecer a paz e a força que vêm da dependência contínua dele, a vida feliz que temos quando confiamos nele e vivenciamos a verdade da nossa confiança. As pessoas mais felizes que conheço não são as pessoas que não têm necessidades, mas as pessoas que experimentam

a satisfação de suas necessidades por Deus”.6

O pão nosso de cada dia dá-nos hoje

A maioria de nós não vive de dia em dia. Neste momento, temos bastante comida para sobreviver até amanhã – provavelmente o bastante para sobreviver até o fim de semana. Mas e se não tivéssemos?

Uma mulher conta de um período quando sua família ficou quase sem comida. Ela escreve:

Nossa família danificada e muitas vezes desanimada, sem pai, vivia nos subúrbios da Filadélfia [...] Como sempre, as contas se acumulavam e a pressão financeira aumentava [...] Tínhamos pouca comida e nenhum dinheiro para fazer compras. Certa sexta-feira, quando estive em casa durante o intervalo de almoço, fiz o mais fácil: sentei na cama e chorei. Durante meu choro e gemido, o telefone tocou [...]

“Sou do Projeto de Ação do Philadelphia Inquirer e soube que vocês estão precisando de um jantar para o Dia de Ação de Graças [...] Gostaríamos de saber onde vocês costumam fazer compras para que, na próxima terça-feira, vocês possam ir para a loja de sua escolha e recolher o cupom no valor de 50 dólares [...] Esperamos que vocês tenham um maravilhoso Dia de Ação de Graças.”

Minha reação foi de alegria, alívio e excitação – e de culpa. Eu havia negligenciado a minha confiança no Senhor, que permanece fiel. Olhando para o relógio, corri de volta para o trabalho e direto para o escritório de uma amiga. Bárbara me havia ouvido exclamar muitas vezes que Jesus me ama. Entusiasmada, eu lhe contei o que aconteceu. Ela respondeu com um brilho no olho:

“Ginny, eu posso fazer melhor do que isso. Tenho um peru no congelador que nos foi dado. Eu o trarei na segunda-feira, e você pode gastar o dinheiro com outra coisa”...

Na terça [...] enquanto guardávamos as compras em casa, eu estava refletindo sobre o tamanho da fidelidade de Deus mesmo quando a nossa confiança vacila. Então, quando estava prestes a fechar o armário, a campainha tocou [...] “Sua mãe está em casa? Somos da Igreja da Porta Aberta [...] Nós lhes trouxemos o jantar de Ação de Graças” [...] Ainda de queixo caído, observamos como eles entraram com sete sacolas de compras – e com um peru de 10 quilos e meio.

Tivemos de abrir espaço no armário do banheiro, na lavanderia e sob a cama. Quando estávamos nos preparando para dormir naquela noite, recebi outro telefonema – Carol, uma amiga da igreja. “Ginny”, ela disse toda animada, “John e eu acabamos de voltar do supermercado e compramos comida para o dia de Ação de Graças [...] Queremos que você e as crianças comam conosco [...] Não aceitamos um não como resposta”.7

A maioria das pessoas jamais esteve exatamente na mesma situação. Isso não é importante. Deus provê para cada um de seus filhos de maneiras diferentes. O que é importante é saber que, se estivéssemos nessa situação, isso aconteceria para testar a nossa fé. Tudo o que precisaríamos fazer seria confiar em Jesus, que, para o bem de sua glória, proverá tudo o que precisamos.

Notas

1 George W. Coats, Rebellion in the Wilderness (Nashville: Abingdon, 1968), p. 249.

2 Heródoto, citado em R. Alan Cole, Exodus: An Introduction and Commentary, Tyndale Old Testament Commentaries (Leicester, UK: Inter-Varsity, 1973), p. 131.

3 F. S. Bodenheimer, “The Manna of Sinai”, Biblical Archaeologist 10 (1947), p. 1-6.

4 John J. Davis, Moses and the Gods of Egypt: Studies in the Book of Exodus (Grand Rapids: Baker, 1971), p. 181.

5 Göran Larsson, Bound for Freedom: The Book of Exodus in Jewish and Christian Traditions (Peabody, MA: Hendrickson, 1999), p. 115.

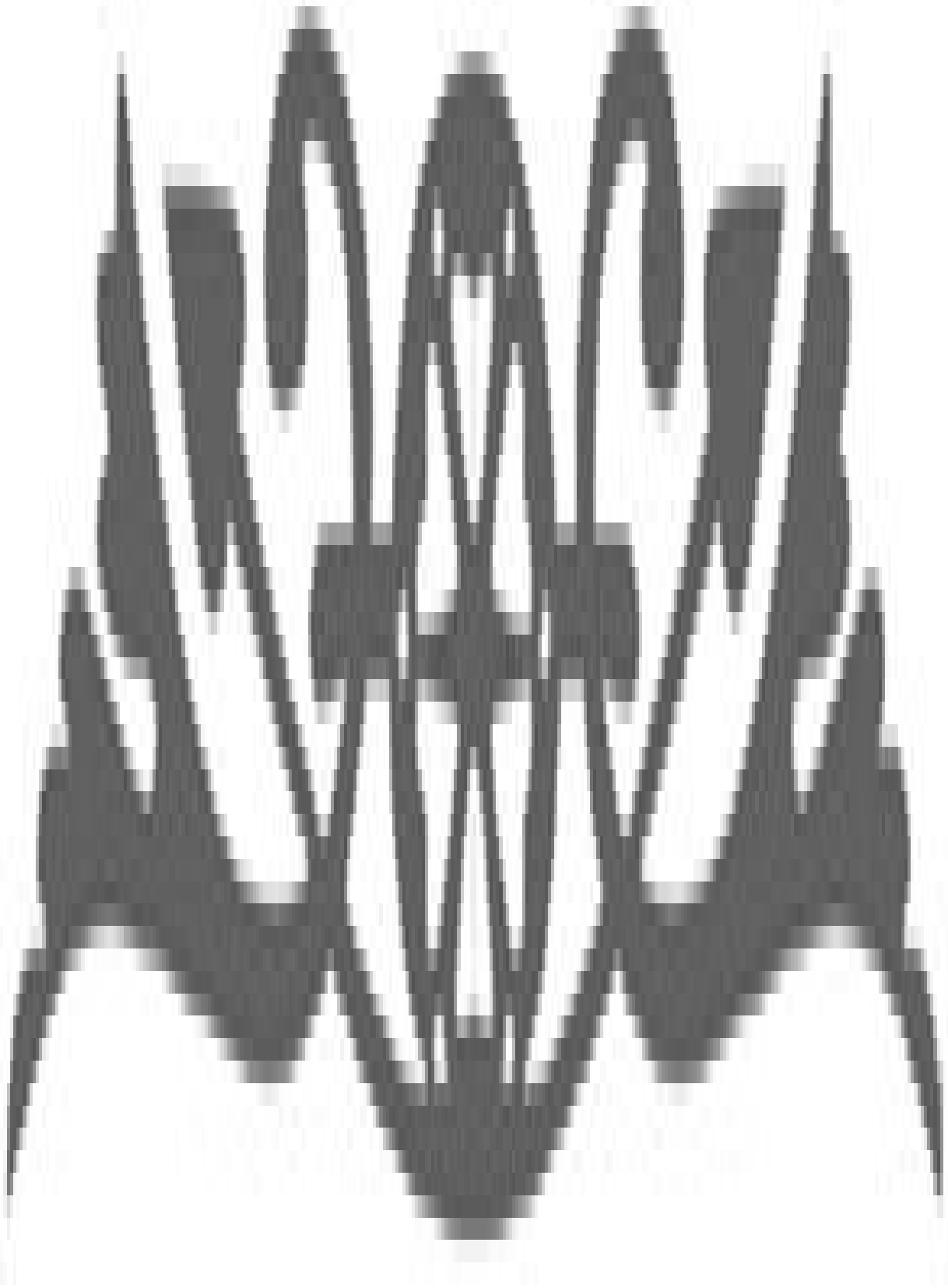
6 Maxie D. Dunnam, Exodus, The Communicator’s Commentary (Waco, TX: Word, 1987), p. 195.

7 Virginia Pritchard, “Five Loaves and Five Turkeys!” Focus on the Family (novembro de 1999), p. 14-15.

38

Um sábado para o homem

Êxodo 16.21-36



O povo de Deus estava numa jornada espiritual. Os israelitas haviam atravessado o mar e agora estavam no deserto, em algum lugar entre a escravidão do passado e a esperança da Terra Prometida.

O caminho era difícil. Os israelitas enfrentavam muitos perigos físicos e enfrentavam muitas dúvidas espirituais. Mas Deus estava usando essas dificuldades – da mesma forma como usa os problemas em nossa própria vida – para tornar seu povo santo. Essa parte de sua jornada tratava da santificação, como os cristãos têm reconhecido há tempos. Escrevendo no 1º século d.C., Clemente de Roma explicou o propósito espiritual da experiência de Israel no deserto:

Depois disso [da travessia do mar Vermelho], Moisés, por ordem de Deus, cuja providência se estende a todos, levou o povo dos hebreus para o deserto; e, abandonando o caminho mais curto que leva do Egito para a Judeia, ele guiou o povo pelos longos caminhos sinuosos do deserto, para que, por meio da disciplina de 40 anos, a novidade de um modo de vida transformado desarraigasse os males que se agarravam a eles por uma longa familiaridade com os costumes dos egípcios.1

Pão para o sábado

Clemente descreveu o deserto como “um modo de vida transformado”, e essa transformação foi dramática! Os israelitas viviam em tendas e dependiam de Deus para que ele lhes enviasse o maná do céu: “Colhiam-no, pois, manhã após manhã, cada um quanto podia comer; porque, em vindo o calor, se derretia” (16.21). Isso impedia que o povo de Deus ficasse preguiçoso. Se queriam comer, precisavam se levantar e colher seu pão de cada dia. Também impediu que ficassem com fome. Manhã após manhã, eles eram sustentados pela misericórdia de Deus. Esse novo estilo de vida era uma mudança drástica de seu tempo no Egito, quando viviam em casas e comiam o pão providenciado por Faraó.

Êxodo 16 introduz ainda outra mudança em relação aos costumes do Egito. Essa

mudança era uma parte importante de viver para a glória de Deus. Era uma mudança tão significativa que Êxodo a descreve em quatro pontos diferentes. Diferentemente de Faraó, que os obrigava a trabalhar o tempo todo, Deus lhes deu descanso ao longo do caminho. Ele graciosamente providenciou o presente do sábado – um dia inteiro por semana para a adoração.

Esse novo ritmo de trabalho e lazer foi reforçado pelo maná: “Ao sexto dia, colheram pão em dobro, dois gômeres para cada um; e os principais da congregação vieram e contaram-no a Moisés” (16.22). Aparentemente, eles se surpreenderam com a quantidade de maná disponível. Estavam acostumados a colher o que precisavam, mas no sexto dia a quantidade de maná parecia ter dobrado. No entanto, os líderes não deveriam ter ficado surpresos, pois Deus já havia lhes dito que isso aconteceria. Ele disse a Moisés: “O povo sairá e colherá diariamente a porção para cada dia, para que eu ponha à prova se anda na minha lei ou não. Dar-se-á que, ao sexto dia, prepararão o que colherem; e será o dobro do que colhem cada dia” (16.4b-5).

No sexto dia de cada semana, Deus deu ao seu povo pão para dois dias. O sétimo dia – o sábado – era um dia de descanso (este é o significado da palavra sábado – parar ou desistir). Ao enviar uma porção dupla de maná na véspera, Deus proveu para os sete dias da semana:

[...] Isto é o que disse o

Senhor

: Amanhã é repouso, o santo sábado do

Senhor

; o que quiserdes cozer no forno, cozei-o, e o que quiserdes cozer em água, cozei-o em água; e tudo o que sobrar separai, guardando para a manhã seguinte. E guardaram-no até pela manhã seguinte, como Moisés ordenara; e não cheirou mal, nem deu bichos. Então, disse Moisés: Comei-o hoje, porquanto o sábado é do

Senhor

; hoje, não o achareis no campo. Seis dias o colhereis, mas o sétimo dia é o sábado; nele, não haverá. (16.23-26)

Tudo isso fazia parte do milagre do maná. Normalmente, o maná estragava de um dia para o outro. Ele logo se contaminava, como alguns israelitas descobriram, infelizmente. No entanto, isso não acontecia no sábado. O maná era preservado. Isso parece ter sido outro milagre divino, mesmo que, talvez, os preparativos feitos pelos israelitas também tenham contribuído para isso. Moisés instruiu que o povo fervesse e assasse o maná (16.23; incidentalmente, nenhuma das substâncias que ocorrem naturalmente e que são citadas como "explicação real" para o maná podem ser assadas ou cozidas, o que confirma ainda mais que o maná era um milagre).

Ao ferver e assar no sexto dia da semana, o povo de Deus se preparava para o sétimo dia. Tudo o que fervessem e assassem estaria pronto para o consumo no sábado. Deveriam assar apenas o necessário, e tudo o que não assassem estragaria.

As origens do sábado

O que é notável nessas instruções é que elas foram emitidas antes de Deus dar os Dez Mandamentos no monte Sinai. Normalmente, associamos o sábado com o quarto mandamento:

Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do

Senhor

, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque, em seis dias, fez o

Senhor

os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o

Senhor

abençoou o dia de sábado e o santificou. (20.8-11)

A formulação desse mandamento parece pressupor que o povo de Deus já sabia que Deus havia dividido sua vida em semanas e que ele queria que eles descansassem no sétimo dia. Como poderiam “lembrar-se do dia do sábado” se já não tivessem ouvido a seu respeito anteriormente? A verdade é que eles já observavam o sábado mesmo antes de chegarem ao monte Sinai. Este era o privilégio singular de Israel. Nenhuma outra cultura no mundo antigo celebrava um dia semanal de descanso.

A maioria dos cristãos afirma acreditar nos Dez Mandamentos. Contudo, alguns ficariam surpresos ao descobrir que o sábado está incluído. Muitos outros tendem a considerar o quarto mandamento de alguma forma menos importante do que os outros. Alguns chegam até a dizer que ele é obsoleto, pois se cumpriu plenamente em Cristo. É verdade que encontramos nosso descanso supremo na obra terminada de Jesus Cristo. Além do mais, o Novo Testamento adverte: “Ninguém, pois, vos julgue por causa de comida e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados, porque tudo isso tem sido sombra das coisas que haviam de vir; porém o corpo é de Cristo” (Cl 2.16-17).2 Surge então a pergunta: o sábado é obsoleto ou é um dia de descanso e adoração semanal, que continua disponível aos cristãos de hoje?

Uma boa razão para ser cauteloso antes de rejeitar o quarto mandamento é que seu princípio antecede a doação da lei no monte Sinai. O sábado remete ao deserto, onde Deus deu maná em seis dias da semana. Mas remete a um passado ainda mais remoto, à criação do próprio mundo. Gênesis 2 começa com a afirmação de que “foram acabados os céus e a terra e todo o seu exército” (Gn 2.1). Então passa a revelar o princípio do sábado na obra e no descanso de Deus: “E, havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera” (Gn

2.2-3). Esse relato pode explicar por que, quando Deus mencionou o sábado a Moisés, ele usou o tempo verbal do pretérito (“o Senhor vos deu o sábado”, 16.29). Os israelitas já haviam ouvido falar dele, que era algo que havia sido dado com a criação.

O sábado é um dia especial, um dia santo, separado por Deus no sétimo dia do mundo. É o que os teólogos chamam uma “ordenança da criação”. Portanto, observá-lo não é algo que se limita aos judeus – faz parte daquilo que significa ser um ser humano. Deus trabalhou durante seis dias e descansou no sétimo. Isso estabeleceu o padrão para as pessoas, feitas à sua imagem. Observar o sábado é uma das coisas que nos distinguem de todas as outras criaturas. Apenas nós somos capazes de imitar nosso Criador seguindo seu padrão de trabalho e descanso.

A maneira como Deus ensinou Israel a seguir esse padrão foi enviando o maná em seis dias, bastante no sexto dia para alimentá-los também no sábado. Deus estava seguindo o padrão que estabeleceu na criação, provendo para os seis dias e descansando no sétimo. Peter Enns comenta: “A questão não se limita ao fato de os israelitas ‘observarem’ o sábado, abstendo-se de colher comida. É Deus quem se abstém de fornecer comida. É ele quem para de trabalhar, de modo que nenhum maná ou nenhuma codorna possa ser encontrada”.3 Quando Deus descansava, seu povo também descansava. Esse ritmo de colher e não colher inscreveu o sábado no coração da nação.

Violar o sábado

Hoje em dia, muitos cristãos têm dificuldades de observar o sábado. Existem muitas razões para isso. Uma é a pressão da nossa cultura, que já não reconhece mais o domingo como um dia especial para descanso e adoração. Outra razão é que, normalmente, preferimos seguir a nossa própria agenda, de modo que não queremos que Deus nos diga como devemos gastar nossas horas e nossos dias.

Existe também o medo do legalismo. Pessoas que tentam aplicar o princípio do sábado elaboram, muitas vezes, listas com regras referentes àquilo que podemos e que não devemos fazer – regulamentos referentes à conduta de comércio ou prática de esportes, por exemplo. Existe um perigo real de, em vez de sermos abençoados pela lei de Deus, sermos tiranizados pelas leis dos homens. Foi essa

questão que causou uma controvérsia entre Jesus e os líderes religiosos de seus dias. Os fariseus, como eram chamados, possuíam um conjunto complicado de regras para observar o sábado. Eles acusaram Jesus de violar essas regras quando, por exemplo, ele curou pessoas no sábado. Mas Jesus se recusou a reconhecer que suas regras feitas por homens tivessem qualquer vínculo com a essência da observação da lei de Deus.

Existe também o medo secreto de que observar o sábado seria entediante. Até mesmo cristãos que acreditam que um dia de descanso por semana é obrigatório para a igreja de hoje simpatizam com Esther, filha de Jonathan Edwards, que certa vez escreveu em seu diário: “Ah!, como desejo um estado mental de sábado! Mas, em vez disso, meus pensamentos vagueiam até os confins da terra. E qualquer que seja a obrigação em que eu esteja empenhada, estou tão fria e morta como uma pedra. Vejo que meu coração está voltado para o mundo e não para Deus”.

Se estivermos lutando com o sábado, não estamos sozinhos. Pois os israelitas também lutaram com ele. Desde o início, eles tiveram dificuldades de entender e obedecer. Moisés lhes disse que não podiam esperar maná no sábado. “Ao sétimo dia, saíram alguns do povo para o colher, porém não o acharam” (16.27). Essas pessoas ficaram surpresas quando descobriram que Deus realmente havia feito o que anunciara fazer e não enviou maná. Enviar mais maná era desnecessário, pois Deus havia lhes dado mais do que o suficiente no dia anterior. Tudo o que as pessoas precisavam fazer era confiar naquilo que ele já havia providenciado.

Os israelitas que saíram no sábado eram culpados de traição. Eles violaram o sábado, é claro, mas não foi só isso: eles não confiaram na Palavra de Deus. As instruções que Moisés lhes havia dado eram absolutamente claras. Deveriam colher o dobro no sexto dia, mas nada no sétimo. Isso era tão claro e direto quanto o mandamento referente ao sábado que Deus deu a todos nós no monte Sinai. O problema não era que as pessoas não tinham ouvido ou não conseguiam entender, mas que não quiseram ouvir. Saíram à procura de maná porque não confiavam nem em Deus nem em sua Palavra.

Fico imaginando se esses violadores do sábado eram as mesmas pessoas que, antes, haviam acumulado seu maná e acabaram cheio de vermes. Provavelmente sim, pois em ambos os casos cometeram o mesmo pecado: não confiaram naquilo que Deus disse. Quando Deus os instruiu a colher apenas o necessário,

eles tentaram guardar um extra. Mas quando Deus os instruiu a colher o dobro, eles disseram: “Ah!, não, não faremos isso de novo!”. No entanto, nesse caso, guardar um extra não era pecado, mas um ato de fé. Infelizmente, alguns dos israelitas sempre tinham suas próprias ideias sobre o que Deus queria e, assim, se recusavam a se submeter à vontade de Deus. Para o cristão, isso serve como lembrete para não só estudar a Palavra de Deus, mas também para fazer o que ela diz em cada situação.

A dádiva do sábado

Deus ficou decepcionado quando os israelitas violaram o sábado: “Então, disse o Senhor a Moisés: Até quando recusareis guardar os meus mandamentos e as minhas leis?” (16.28). Era uma repreensão dura, pois ecoava as palavras de Deus a Faraó. Após enviar as sete primeiras pragas, Deus disse: “Até quando recusarás humilhar-te perante mim?” (10.3). Lá atrás, Deus se perguntou (por assim dizer, pois “até quando?” é, na verdade, uma pergunta retórica) quando Faraó deixaria ir seu povo. Agora, estava começando a se perguntar quando o seu próprio povo aprenderia a confiar e obedecer.

Mais tarde, quando Deus lembrou ao seu povo daquilo que eles haviam aprendido no deserto, ele lembrou quanto se exasperou quando eles violaram o sábado. Falando por meio do profeta Ezequiel, ele disse:

Tirei-os da terra do Egito e os levei para o deserto. Dei-lhes os meus estatutos e lhes fiz conhecer os meus juízos, os quais, cumprindo-os o homem, viverá por eles. Também lhes dei os meus sábados, para servirem de sinal entre mim e eles, para que soubessem que eu sou o

Senhor

que os santifica. Mas a casa de Israel se rebelou contra mim no deserto, não andando nos meus estatutos e rejeitando os meus juízos, os quais, cumprindo-os o homem, viverá por eles; e profanaram grandemente os meus sábados. (Ez 20.10-13a)

Por que Deus ficou tão frustrado? Em parte, foi por causa da desonra que seu nome sofreu. Ele havia salvado seu povo para a sua glória, mas os israelitas se recusavam a servi-lo, mesmo em um único dia da semana. Mas Deus também lamentou o dano que o povo estava causando a si mesmo. Ele sabia que observar seus mandamentos traz vida. Nesse caso, observar o sábado traria vida espiritual. Assim, Deus disse: “Considerai que o Senhor vos deu o sábado; por isso, ele, no sexto dia, vos dá pão para dois dias” (16.29a). Deus estava lembrando ao seu povo que o sétimo dia era para o seu próprio benefício. Ele havia lhes dado o sábado. A visão bíblica do sábado começa com o reconhecimento de que ele é um presente de Deus.

Sempre é agradável receber um presente, especialmente de uma pessoa que sabe o que você gosta e do que você precisa. E quem conhece você melhor do que Deus? Ninguém, e é por isso que podemos ter certeza de que o presente do sábado é para a nossa bênção. Jesus ensinou essa verdade aos seus discípulos. Eles haviam provocado uma controvérsia quando colheram grãos no sábado. Eles simplesmente fizeram o que as pessoas costumavam fazer quando ficavam com fome naqueles dias: colheram algumas espigas de trigo enquanto atravessavam um campo. Jesus defendeu suas ações com base no fato de que o sábado era um presente de Deus à humanidade. Disse: “O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Mc 2.27). Esse princípio é fundamental para uma compreensão cristã do sábado. O dia não é para o benefício de Deus, mas para a nossa bênção.

O sábado contém muitas bênçãos, algumas das quais discutiremos quando chegarmos aos Dez Mandamentos (Êx 20). O sábado é um dia para adoração e misericórdia, mas seu propósito primário é mencionado aqui no capítulo 16. Deus disse a Moisés: “Cada um fique onde está, ninguém saia do seu lugar no sétimo dia” (16.29b). Então as Escrituras acrescentam este comentário: “Assim, descansou o povo no sétimo dia” (16.30). A bênção principal do sábado é o descanso para o povo de Deus. Até mesmo adoração e misericórdia são formas de descanso. Adorar significa descansar na graça de Deus, e demonstrar misericórdia significa estender o descanso de Deus aos que estão cansados.

O descanso no sábado distinguia Israel do Egito. Os israelitas reconheceram imediatamente que o descanso era uma das principais diferenças entre servir a Deus e servir a Faraó. Certamente, o Deus de Israel reconhecia a importância do

trabalho. Ele é um Deus trabalhador que chama seu povo para o trabalho, mas não todos os dias e o tempo todo. Por isso, Deus deu um sábado aos seus servos. Os egípcios, por sua vez, não acreditavam em tempo livre, muito menos para escravos. John Currid escreve: “Nenhum conceito de um sábado de descanso foi encontrado no Egito antigo. Esse fato ressalta a diferença entre Yahweh e Faraó: o Deus do Antigo Testamento é compassivo e generoso com seu povo. Faraó era apenas um capataz opressivo”.4

A diferença entre Deus e Faraó é ressaltada ainda mais em Deuteronômio 5, a outra versão dos Dez Mandamentos que a Bíblia oferece. Após instruir o povo de Deus a “guardar o dia de sábado, para o santificar” (Dt 5.12), as Escrituras continuam: “Porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito e que o Senhor, teu Deus, te tirou dali com mão poderosa e braço estendido; pelo que o Senhor, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de sábado” (Dt 5.15). A dádiva do sábado servia para lembrar a salvação. A cada semana, sempre que o povo descansava na bondade de seu Deus, era lembrado de sua redenção da escravidão.

O presente do descanso de Deus ainda está disponível hoje como uma das muitas bênçãos que Deus tem dado à sua igreja. Várias coisas, porém, mudaram. Uma é o dia. O sábado do Antigo Testamento ocorria no sétimo dia da semana. No entanto, o dia de adoração e descanso do Novo Testamento é o primeiro dia da semana (veja 1Co 16.2), o dia em que Jesus ressuscitou dentre os mortos. Em decorrência dessa mudança do sábado para o domingo, a igreja primitiva deixou de chamar seu dia de descanso de “sábado” e passou a chamá-lo de “dia do Senhor” (Ap 1.10).

Existem também algumas mudanças naquilo que o dia significa. O sábado do Antigo Testamento lembrava o êxodo e a criação, mas olhava também para frente. No futuro próximo, olhava para Canaã, a Terra Prometida do descanso. Ao mesmo tempo, o sábado antecipava a vinda de um Salvador. Jesus Cristo é o cumprimento de todas as promessas de Deus, inclusive da promessa do sábado. Quando o povo de Deus descansou no sétimo dia, tinha a esperança de um descanso eterno. Deus cumpriu essa promessa ao nos enviar Jesus, que disse: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11.28). Quando procuramos Jesus em fé, entramos no descanso de Deus. Desistimos de trabalhar para a nossa salvação. Abandonamos também a ansiedade e a exaustão que acompanham a tentativa de sermos bons o bastante para Deus. Em vez disso, descansamos naquilo que Jesus fez quando observou a

lei de Deus, morreu na cruz e ressuscitou dentre os mortos em nosso lugar.

Hoje, quando celebramos o dia do Senhor, continuamos olhando para o passado e para o futuro. Olhamos para a criação, mas também para a ressurreição, enquanto descansamos na obra terminada de Cristo. Então olhamos para o futuro, para o nosso descanso eterno. As Escrituras dizem: “Portanto, resta um repouso para o povo de Deus. Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das suas. Esforcemo-nos, pois, por entrar naquele descanso” (Hb 4.9-11a). Nosso dia de descanso semanal é tanto um dia para lembrar quanto um dia para esperar pela vinda de Cristo. Segundo o teólogo Richard Gaffin, “Deus quer que vejamos o descanso final – a consumação à espera dos filhos remidos de Deus – como um grande descanso de sábado sem fim. Isso sugere que o sábado de descanso é um sinal escatológico. Em outras palavras, nosso descanso semanal no sábado é um sinal recorrente que aponta para essa consumação. Observar o sábado semanal é um sinal que aponta para o fim da história e para o cumprimento último de todos os propósitos de Deus para a sua criação”.5

Em Cristo, o sábado passou por uma transformação maravilhosa para tornar-se o dia do Senhor. A promessa do dia se cumpriu em muitos sentidos. Portanto, se virmos o dia de modo legalista, tratando-o apenas como um sábado do Antigo Testamento, ignoramos o que Deus tem feito por nós por meio da obra de Jesus Cristo. Mas se rejeitarmos o presente de descanso semanal que recebemos de Deus, deixaremos de esperar pelo nosso descanso pleno e final, que só desfrutaremos quando Cristo voltar. Em um de seus hinos, John Newton descreveu o domingo corretamente como o “melhor dia de toda a semana, emblema do descanso eterno”.

Um presente para nós

Se alguma sociedade já precisou desesperadamente da dádiva do descanso de Deus, essa sociedade é a nossa. Sempre estamos reclamando da nossa correria e do nosso cansaço. Como cristãos, reclamamos que não temos tempo suficiente para estudo bíblico, oração e ministério. Normalmente, culpamos nossa carga horária por esses problemas, mas seria possível que parte do problema seja nossa própria desobediência em relação à observância de um dia de adoração e descanso semanal?

Observar o dia do Senhor está saindo cada vez mais de moda na América do Norte, até mesmo na igreja. No entanto, se não aceitarmos o presente do descanso de Deus, estaremos, na verdade, ainda trabalhando para Faraó. Correr de uma atividade para a próxima, sempre tentando avançar na vida, sempre trabalhando e nunca esperando (nem mesmo no domingo) – esse estilo de vida resulta da natureza pecaminosa. E, segundo a Bíblia, não há paz nem descanso para o ímpio (Is 48.22). Por isso, como cristãos, somos chamados a resistir às ambições da cultura que nos cerca. O dia do Senhor é uma oportunidade semanal para o testemunho cristão. Mantê-lo sagrado deve ser uma das coisas que distinguem a igreja do mundo. Walter Brueggemann escreve: “Sábado significa que há bastante pão, que não precisamos correr a cada dia de nossa vida. Não existe registro de que Faraó tenha descansado um dia sequer em sua vida. Pessoas que acreditam que sua vida consiste na luta de conseguir sempre mais jamais podem parar porque jamais terão o bastante”.6 Lutar dessa forma significa voltar para o Egito e para a labuta da escravidão. Isso é desnecessário porque Deus nos deu o presente do seu descanso.

Manter sagrado o dia do Senhor é benéfico em todos os sentidos. Faz bem fisicamente; ajuda nosso corpo a se recuperar do desgaste do nosso trabalho diário. Faz bem para a alma, pois nos ajuda a levar uma vida espiritualmente equilibrada. Até nos ajuda a trabalhar da melhor maneira possível. Como regra geral, uma pessoa que tira uma folga para descansar segundo o padrão de Deus é mais produtiva em seu emprego.

Vários anos atrás, um artigo sobre a observância do sábado foi publicado nas páginas da revista de bordo da United Airlines. A autora começou identificando um problema comum: “Num passado não muito distante”, ela escreveu, “eu era apenas mais uma das muitas mães trabalhadoras preocupadas, que atravessava o dia correndo sempre com uma pergunta na cabeça: Por que nunca tenho tempo?”. Eventualmente, encontrou tempo quando se deu ao luxo de um dia de descanso por semana:

Se alguém lhe dissesse que existe uma maneira de interromper o assalto constante de obrigações diárias, melhorar sua vida social, manter a casa limpa, reavivar seu casamento cansado, elevar sua percepção espiritual e aumentar sua produtividade no trabalho – tudo isso da noite pro dia e sem qualquer custo – é provável que você dissesse que essa declaração é absurda. Foi o que eu disse.

Mas eu estava disposta a ver se alguma cura cósmica milagrosa realmente funcionaria e, após um ano de pesquisa séria, descobri que a prática do [...] sábado [...] rende um precioso presente de tempo [...] Minha vida pessoal, minha vida profissional e minha vida familiar – todas elas melhoraram e pretendo continuar celebrando o sábado.7

Pelo que sei, essa mulher não era cristã. Sem dúvida alguma, ela experimentaria um descanso ainda mais profundo se deixasse de lado as obras de sua própria justiça para descansar na graça que Deus oferece em Jesus Cristo. Mesmo assim ela experimentou a bênção de Deus porque ela foi feita à imagem de Deus. Como todas as outras pessoas, ela precisa de um dia de descanso. Agora ela desfruta do presente de um sábado que Deus lhe deu – presente que continua à nossa disposição.

Guardando os restos

O sábado era um dia dedicado à lembrança. A cada semana, quando o povo de Deus desfrutava de seu descanso, os israelitas lembravam a poderosa obra de Deus na salvação. Mas o sábado não era a única ajuda mnemônica que Deus lhes havia dado. Ele lhes dera a Páscoa para lembrar que haviam sido salvos pelo sangue do Cordeiro. Ele lhes dera a Festa dos Pães Asmos para lembrar seu êxodo do Egito. E ele lhes dera a consagração dos primogênitos para lembrá-los de sua adoção como filhos.

Deus lhes deu ainda outra coisa para lembrar no fim de Êxodo 16, naquilo que, à primeira vista, parece ser uma lista variada de comentários editoriais:

Deu-lhe a casa de Israel o nome de maná; era como semente de coentro, branco e de sabor como bolos de mel. Disse Moisés: Esta é a palavra que o

Senhor

ordenou: Dele encherás um gômer e o guardarás para as vossas gerações, para

que vejam o pão com que vos sustentei no deserto, quando vos tirei do Egito. Disse também Moisés a Arão: Toma um vaso, mete nele um gômer cheio de maná e coloca-o diante do

Senhor

, para guardar-se às vossas gerações. Como o

Senhor

ordenara a Moisés, assim Arão o colocou diante do Testemunho para o guardar. E comeram os filhos de Israel maná quarenta anos, até que entraram em terra habitada; comeram maná até que chegaram aos limites da terra de Canaã. Gômer é a décima parte do efa. (16.31-36)

Esses versículos fornecem informações adicionais sobre o pão que Deus enviou do céu. O maná se parecia um pouco com as sementes de coriandrium sativum, uma planta com pequenas sementes cinzentas e redondas. E era delicioso! O maná tinha o gosto de mel, e, assim, servia como antegosto de Canaã, a terra "que mana leite e mel" (3.8). O gosto delicioso do maná era também um sinal do favor de Deus. A comida que ele providenciava como alimento diário era doce ao seu paladar.

Deus instruiu Moisés a guardar um pouco desse maná delicioso. O povo deveria guardá-lo (16.32-34), preservando um pouco menos de dois litros numa jarra. Não sabemos quando, exatamente, Moisés fez isso. Ele pode ter feito isso em algum momento posterior de sua viagem, mas eventualmente o maná foi colocado numa "urna de ouro" (veja Hb 9.4) e guardado na arca da aliança ("o Testemunho", como é chamada aqui). Graças a um milagre divino, esse pão celestial se conservou sem ser contaminado e se tornou um dos tesouros nacionais de Israel. O maná servia como memorial. Além de todo o restante que Deus queria que seu povo lembrasse – sua expiação, sua libertação, sua adoção – ele queria que ele se lembrasse também de sua provisão. Deus queria que seu povo se lembrasse de como cuidou dele no deserto, dando-lhe seu pão de cada dia durante 40 anos, até o dia em que entrou na Terra Prometida (veja Js 5.11-12).

O povo se lembrou. Passagens espalhadas pelo Antigo Testamento mostram que

o povo de Deus jamais se esqueceu de como Deus provera para ele. Os israelitas contaram aos seus filhos sobre o maná no deserto e louvaram a Deus por ele em cânticos: “Pediram, e ele [...] os saciou com pão do céu [...] Aleluia!” (Sl 105.40,45b). Sua lembrança era um encorajamento para a sua fé. Lembrar-se daquilo que Deus havia feito por eles no passado os ajudou a confiar que ele provesse também no presente.

Deus também nos deu algumas coisas para lembrar. Ele nos deu o dia do Senhor para lembrar Jesus e a sua ressurreição. Ele também nos deu o pão da Ceia do Senhor. Este é um lembrete da provisão de Deus. E mais do que isso, é um lembrete contínuo da cruz, onde Jesus ofereceu seu corpo como sacrifício por nossos pecados. Aqui está a promessa de Deus para todos que aceitam seus presentes de descanso e memória:

[...] se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do

Senhor

, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, então, te deleitarás no

Senhor

. Eu te farei cavalgar sobre os altos da terra e te sustentarei com a herança de Jacó, teu pai. (Is 58.13-14)

Notas

1 Clemente de Roma, “The Recognitions of Clement”, em The Twelve Patriarchs et al., Alexander Roberts e James Donaldson (orgs.), Ante-Nicene Fathers, vol. 8 (1886; reimpressão Peabody, MA: Hendrickson, 1994), p. 87.

2 Joseph A. Pipa, The Lord’s Day (Fearn, Ross-shire, UK: Christian Focus, 1997), p. 97-105 argumenta de forma convincente que o termo “sábado” em Colossenses 2.17 se refere ao sábado judaico e não se aplica à celebração do dia do Senhor.

3 Peter Enns, Exodus, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2000), p. 325.

4 John D. Currid, A Study Commentary on Exodus, vol. 1 (Auburn, MA: Evangelical USA, 2000), p. 336.

5 Richard B. Gaffin Jr., “A Sign of Hope”, New Horizons (março de 2003).

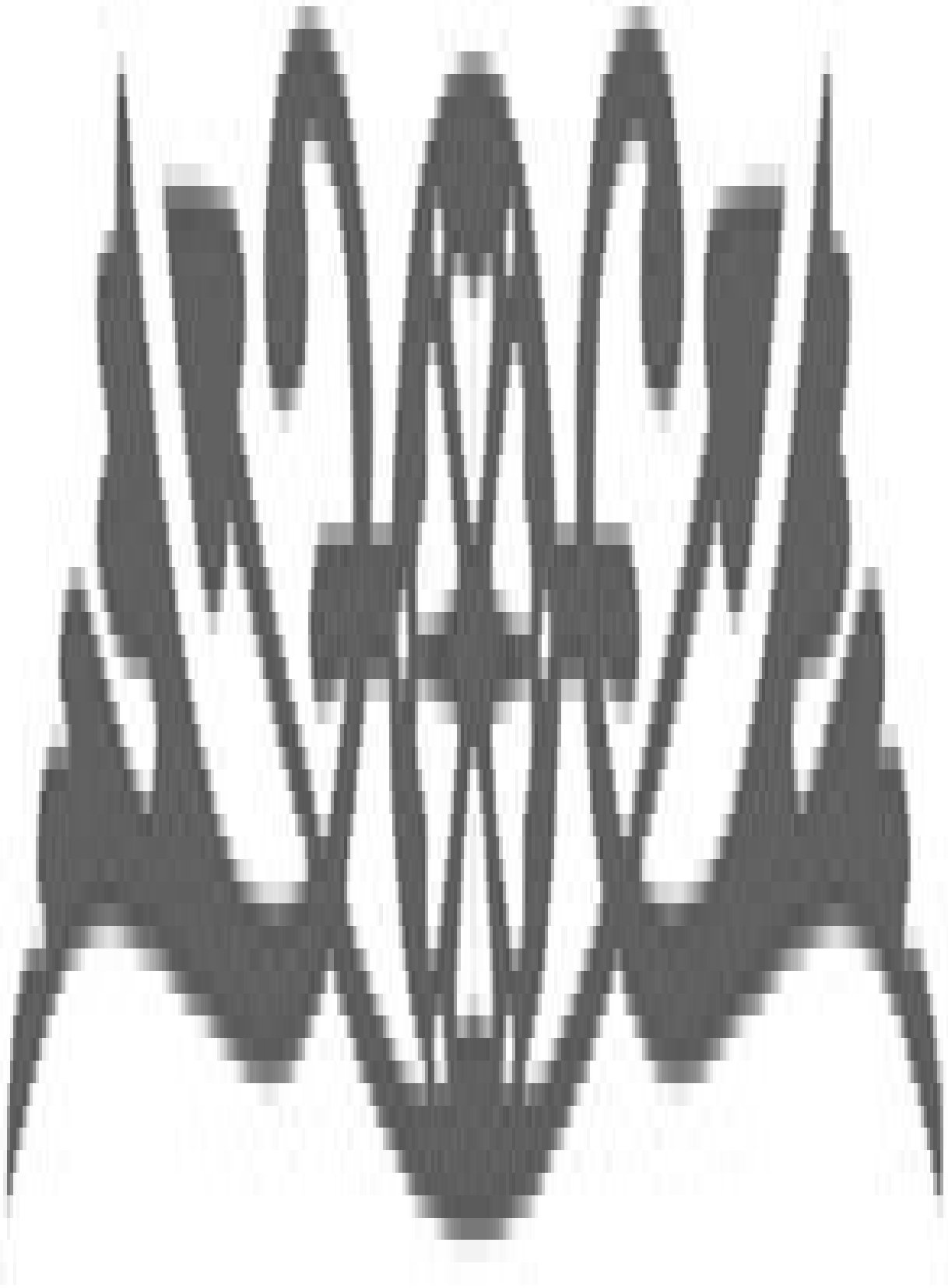
6 Walter Brueggemann, Christian Century (24-31 de maio de 1999), citado em Christianity Today (6 de setembro de 1999).

7 Nan Chase, “Ancient Wisdom,” Hemispheres (julho de 1997), p. 118.

39

A rocha era Cristo

Êxodo 17.1-7



A Bíblia toda fala de Jesus Cristo. No Antigo Testamento, sua vinda como Salvador é esperada. Nos Evangelhos, sua pessoa gloriosa e sua obra redentora são apresentadas. Nas cartas, seu caminho da salvação pela fé é explicado. Então, no livro de Apocalipse, sua majestade como Rei é exaltada. Do início ao fim, tudo trata de Jesus.

Encontramos Cristo ao longo de todo o nosso estudo de Êxodo. Nós o vimos no nascimento de Moisés – o bebê no cesto, que nasceu para ser o salvador. Nós o vimos junto à sarça ardente, onde Moisés conheceu o grande Eu Sou. Nós o vimos também em todos os sinais e milagres de Deus. O dedo de Deus na praga dos piolhos nos apontou para Jesus e seus milagres. A praga da escuridão nos lembrou das noites escuras que ele sofreu na cruz. Então vimos Jesus no mar Vermelho, onde o povo de Deus foi batizado da morte para a vida. Vimos Jesus também no deserto. As doces fontes no deserto nos refrescaram com sua água viva, e o maná tinha o gosto do verdadeiro pão do céu, que dá vida ao mundo. A história da libertação de Israel é a história da nossa própria salvação em Cristo.

A essa altura, esperamos encontrar Jesus em cada esquina. No entanto, nada nos preparou para a declaração notável que o apóstolo Paulo faz em 1Coríntios 10. Paulo esteve refletindo sobre a conexão entre Israel e a igreja. Entre outras coisas, lembrou-se dos eventos descritos em Êxodo 17, quando Moisés bateu com seu cajado na rocha para dela fazer fluir água. Quando os israelitas beberam aquele milagre, beberam a mesma água de que os cristãos desfrutam hoje. Como Paulo explica: “Todos [...] beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo” (1Co 10.3-4).

Isso é uma interpretação ousada do êxodo. Quando o apóstolo estudou a experiência de Israel em Meribá, ele disse: “Ah! Sei quem era essa pedra. Essa pedra era Cristo!”. Mas o que Paulo quis dizer? Como a pedra podia ser Cristo?

A crise

A fim de reconhecer Cristo claramente nessa passagem, precisamos estudá-la com cuidado. O que aconteceu foi isto: “Tendo partido toda a congregação dos filhos de Israel do deserto de Sim, fazendo suas paradas, segundo o mandamento

do Senhor, acamparam-se em Refidim; e não havia ali água para o povo beber" (17.1). Se isso lhe soa familiar, é porque os israelitas já tiveram uma experiência semelhante no capítulo 15, quando chegaram às águas amargas de Mara. Mais uma vez estavam no meio do deserto e sem água. Para o propósito de sua santificação, Deus os afastara do lugar de provisão para um lugar onde não havia nada para beber.

Refidim significa "lugar de repouso". No que dizia respeito a isso, o local foi uma grande decepção. A essa altura, porém, os israelitas já deveriam saber como lidar com uma situação desse tipo. Deveriam ter se reunido em oração e esperado pela provisão de Deus. Em vez disso, fizeram o que costumavam fazer, que era murmurar. Estava tão seco e quente que ficaram com medo de morrer de desidratação. "Contendeu, pois, o povo com Moisés e disse: Dá-nos água para beber" (17.2a).

Essa era a quarta vez que o povo de Deus era culpado de reclamar (veja 14.11-12; 15.24; 16.2). Mais uma vez, jogaram a culpa em Moisés. "Contenderam" com ele, uma palavra forte que sugere que haviam alcançado um novo nível de hostilidade. Estavam lutando contra Moisés, revoltando-se contra sua autoridade. Em tom imperioso, exigiram que Moisés providenciasse água. Então o acusaram – não pela primeira vez (nem pela última) – de tentativa de homicídio: "Tendo aí o povo sede de água, murmurou contra Moisés e disse: Por que nos fizeste subir do Egito, para nos matares de sede, a nós, a nossos filhos e aos nossos rebanhos?" (17.3).

Apesar de terem comprado briga com Moisés, seu conflito real era com Deus. Sabendo disso, "respondeu-lhes Moisés: Por que contendeis comigo? Por que tentais ao Senhor?" (17.2b). Moisés estava numa posição de autoridade divinamente concedida. Ele havia levado Israel para Refidim não porque soubesse onde a água estava, mas porque foi para lá que Deus o mandara ir. Por isso, o povo não podia rejeitá-lo sem se rebelar contra Deus. Na verdade, eles estavam testando Deus. Isso é confirmado pelo salmista, que escreveu: "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o coração, como em Meribá, como no dia de Massá, no deserto, quando vossos pais me tentaram, pondo-me à prova" (Sl 95.78b-9a; cf. 78.40-41).

Isso é algo que também já vimos: toda a nossa insatisfação demonstra que estamos decepcionados com Deus. Em outras palavras, todas as nossas queixas vão diretamente para o alto, onde Deus domina o universo por meio de seu poder

soberano. Qualquer que seja a razão da nossa insatisfação, o que ela revela é que não estamos satisfeitos com aquilo que Deus nos deu. Isso é um pecado grave. Não é errado levar nossos problemas a Deus, conversando com ele sobre eles em oração. Na verdade, a Bíblia nos encoraja a sermos sinceros sobre nossas dúvidas e dificuldades. Mas Deus não aceita uma revolta aberta contra sua santa vontade nem a recusa de confiar em sua palavra perfeita.

A queixa

Os israelitas fizeram três declarações a Moisés, e cada uma representa um tipo diferente de queixa. Vale a pena analisar com cuidado o que elas afirmam, pois a Bíblia nos adverte a não murmurarmos, "como alguns deles murmuraram" (1Co 10.10). Como, então, eles murmuraram?

Primeiro disseram: "Dá-nos água para beber" (17.2a). O pecado aqui é exigir a provisão de Deus – não pedi-la ou esperar por ela, mas insistir nela. Estavam dizendo a Deus que ele era obrigado a dar-lhes o que eles queriam, caso contrário não haveria garantia para o que pudessem fazer. Muitas vezes, fazemos o mesmo em nossa rebelião. Insistimos em impor a nossa vontade. Quando Deus não faz por nós aquilo que achamos que ele deveria fazer, da forma como achamos que ele deveria fazer, nós reclamamos. Em casa, no trabalho e na igreja, exigimos a provisão de Deus em nossos próprios termos.

A segunda coisa que os israelitas disseram foi: "Por que nos fizeste subir do Egito, para nos matares de sede, a nós, a nossos filhos e aos nossos rebanhos?" (17.3). Aqui, eles estavam negando a proteção de Deus. As pessoas pressupunham o pior, como normalmente faziam, e assim concluíram que Deus as havia abandonado, até ao ponto da morte. Apesar de suas palavras se voltarem contra o profeta de Deus, eles estavam, na verdade, questionando os motivos de Deus. Estavam acusando Deus de tentar prejudicá-los. Muitas vezes, também cometemos esse pecado. Reclamamos de que aquilo que Deus está fazendo em nossa vida – principalmente o sofrimento que precisamos suportar – não nos faz bem, mas nos prejudica. Isso significa negar a proteção de Deus.

A terceira coisa que os israelitas fizeram foi pôr Deus à prova, dizendo: "Está o Senhor no meio de nós ou não?" (17.7). Nesse caso, seu pecado era duvidar da presença de Deus. A falta de água os levou a perguntar se Deus estava realmente

com eles. Nossas próprias provações muitas vezes levantam a mesma pergunta: “Será que estás realmente aqui, Deus? Se estiveres, certamente não pareces estar me abençoando muito neste momento!”. Quando adotamos essa postura, tornamo-nos culpados de negar a presença de Deus.

Conseguimos entender as queixas feitas por Israel porque, muitas vezes, fazemos as mesmas queixas. Na verdade, porém, nada temos do que nos queixar. Nenhuma das nossas acusações é verdadeira. Se os israelitas tivessem parado um pouco para lembrar tudo que Deus havia feito por eles, teriam reconhecido isso sozinhos. Deus havia feito coisas grandes por seu povo. Ele havia provido para eles, transformando água amarga em doce e alimentando-os no deserto: “Pediram, e ele fez vir codornizes e os saciou com pão do céu” (Sl 105.40). O povo também se esqueceu da proteção de Deus, especialmente de sua libertação de Faraó no mar Vermelho. E se esqueceu de sua presença. Os israelitas haviam visto a glória de Deus na coluna de fogo e nuvem. Quantas vezes Deus precisaria provar seu cuidado a essas pessoas? Ele as estava guiando dia e noite, alimentando-as com maná em seis dias da semana e, mesmo assim, elas se perguntavam se ele se importava com elas. Sua incredulidade era incrível!

O povo de Deus estava sofrendo de um tipo de amnésia espiritual. Seu problema de memória o fazia esquecer da provisão, proteção e presença de Deus. Nas palavras do salmista: “Cedo, porém, se esqueceram das suas obras” (Sl 106.13a; cf. o Sl 95.9). Em decorrência de seu esquecimento, eles cometeram o grande pecado de murmurar.

Isso sugere um remédio óbvio para a nossa própria insatisfação, que é lembrar o que Deus tem feito por nós. Quando estamos passando por alguma necessidade, devemos nos lembrar de como Deus tem satisfeito nossas necessidades de alimento e abrigo, trabalho e diversão, amor e amizade. Devemos nos lembrar dos momentos em que ele nos protegeu, poupando-nos de perigo físico ou das consequências da nossa própria tolice. E devemos voltar aos lugares onde ele esteve perto de nós. Deus é nosso fornecedor e protetor, nossa ajuda sempre presente em dificuldades. Se nos lembrarmos disso, seremos capazes de confiar nele sem murmurar ou reclamar.

A corte marcial

Grande parte da queixa de Israel em Meribá nos parece familiar, mas existe uma diferença muito significativa. Dessa vez, o povo realmente acusou Deus formalmente. Iniciaram um processo legal contra ele, quase como uma corte marcial.

Refidim deveria ser um lugar de repouso – não para Deus, mas para o seu povo. Eram os israelitas que estavam no banco dos réus. Deus já os vinha testando o tempo todo. Ele os pôs à prova em Mara, onde a água era amarga: "O Senhor [...] ali os provou" (15.25b). Ele os testou novamente quando enviou maná do céu. Ele disse: "O povo sairá e colherá diariamente a porção para cada dia, para que eu ponha à prova se anda na minha lei ou não" (16.4b). Depois Deus os provou novamente em Meribá. Como parte de sua educação espiritual continuada, ele queria ver se eles confiariam nele para o fornecimento de água. Mas eles estavam cansados de serem testados. Queriam fazer perguntas, não respondê-las. Por isso, acusaram Deus de violar sua aliança.

Como podemos saber que Israel estava levando Deus à corte? Em primeiro lugar, porque duas vezes nesse episódio o texto diz que Israel o "tentou" (17.2,7), ou seja, era um julgamento por provação. Como Moisés lembraria mais tarde ao povo de Deus, "tu [o] provaste em Massá, com quem contendeste nas águas de Meribá" (Dt 33.8). A palavra hebraica usada nesses versículos (r!B) é o termo proveniente de uma ação jurídica vinculada a uma aliança. Sabemos também que se tratava de um julgamento porque o povo apresentou uma lista de suas queixas, que, na verdade, eram acusações. Como vimos, acusaram Deus de não prover para eles, de se recusar a protegê-los e de não estar presente com eles.

Além do mais, o suposto crime era uma ofensa capital – i.e., assassinato. O povo disse: "Por que nos fizeste subir do Egito, para nos matares de sede, a nós, a nossos filhos e aos nossos rebanhos?" (17.3b). Apesar de atacarem Moisés, ele, é claro, era o representante de Deus. Na verdade, estavam julgando Deus in absentia por tê-los levado para aquela região erma. Eles não só estavam com pressa de chegar a um veredito, mas estavam também preparados para executar a sentença. Pensavam que, já que iriam morrer de qualquer jeito, Moisés deveria pelo menos ser o primeiro a ser despachado. Assim, o profeta se viu obrigado a exclamar: "Só lhe resta apedrejar-me" (17.4b). O apedrejamento era o método convencional de executar uma sentença de morte. O fato de isso ser mencionado aqui fornece evidências adicionais de que os israelitas estavam realizando algum tipo de julgamento.

E há mais. Deus disse a Moisés: “Toma contigo alguns dos anciãos de Israel” (17.5). Em tempos antigos, era a assembleia de anciãos que julgava questões disputadas. Portanto, quando Moisés os reuniu, ele estava convocando uma corte, formando um júri. Então tomou seu cajado para bater na pedra. Deus havia dado esse bordão a Moisés lá atrás, junto à sarça ardente, como prova de sua presença (veja 4.1-2). Ele representava o poder de Deus e a autoridade de Juiz. Deus chamou a atenção de Moisés para isso quando disse: “Leva contigo em mão o bordão com que feriste o rio [Nilo]” (17.5). Ferir o Nilo havia sido um ato de julgamento de Deus contra o Egito. Portanto, quando Moisés feriu a pedra, isso foi outro ato de julgamento divino.

Por fim, precisamos levar em conta também os nomes dos lugares: “E chamou o nome daquele lugar Massá e Meribá, por causa da contenda dos filhos de Israel e porque tentaram ao Senhor” (17.7). Massá e Meribá são termos jurídicos. Massá significa “testar”. Meribá significa “lutar, discutir, disputar ou brigar”. É um particípio derivado da palavra hebraica r!B, o termo técnico para um julgamento referente à aliança. O famoso estudioso do Antigo Testamento Gerhard Von Rad concluiu que os nomes Massá e Meribá “sugerem que casos jurídicos foram investigados e decididos aqui por provação”.1

Contemplando todas as evidências, é fácil reconhecer a cena em Refidim como tribunal. Era mais uma corte popular do que a suprema corte; mesmo assim, era uma corte. Os israelitas estavam instituindo procedimentos legais. O importante aqui não é tanto o procedimento, mas a postura por trás dele. O povo queria culpar Deus. Não estava feliz com o curso dos eventos. Em vez de confiar que o plano de Deus era bom e gracioso, os israelitas queriam colocar Deus no banco dos réus.

As pessoas testam Deus dessa forma com frequência. Queremos que ele se prove a nós. Assim, em vez de começar por Deus e avaliar nossa experiência do seu ponto de vista, começamos por nossas próprias circunstâncias e o julgamos com base nelas. Quando as coisas dão errado, quando a vida não condiz com as nossas expectativas, rapidamente atribuímos a culpa a ele e exigimos algum tipo de explicação. C. S. Lewis observou:

O homem da Antiguidade se aproximava de Deus como a pessoa acusada se aproxima de seu juiz. O homem moderno inverteu os papéis. Ele é o juiz: Deus

está no banco dos réus. Ele é um juiz bastante bondoso: se Deus tiver uma defesa sensata para ser o deus que permite guerra, pobreza e doença, ele está disposto a ouvi-lo. O julgamento pode até terminar com a absolvição de Deus. Mas o importante é que o homem é o juiz e que Deus está no banco dos réus.2

Lewis estava certo. Muitas vezes, as pessoas se acham no direito de chegar ao seu próprio veredito sobre Deus. Exigem respostas antes mesmo de pensarem em se tornar cristãos. Algumas das perguntas são legítimas, como: “Se Deus é bom, por que ele permite o mal?”. Ou: “Se Deus é amor, por que, então, ele inventou um caminho tão estreito para a salvação?”. Não é errado perguntar, mas a motivação da nossa pergunta faz toda a diferença. Perguntamos porque temos um desejo sincero de conhecer a Deus, ou estamos levantando objeções que, no fundo, se baseiam numa recusa a acreditar nele? Deus ama responder as perguntas de alguém que busca com sinceridade, mas, para aqueles que esperam que Deus cumpra as suas exigências, seus caminhos permanecerão um mistério para sempre.

Para reconhecer como é errado colocar Deus no banco dos réus, lembre-se de que essa foi a estratégia de Satanás. Quando o diabo tentou Jesus no deserto, ele tentou fazer com que Jesus provasse a si mesmo. Levando-o para o ponto mais alto do templo, ele disse: “Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem; e: Eles te susterão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra” (Mt 4.6). Satanás estava colocando Jesus no banco dos réus. Ele estava tentando obrigá-lo a provar que ele realmente era o Filho de Deus. Mas Jesus se recusou a se submeter ao julgamento do diabo, não porque não teria passado, mas porque o julgamento em si estava errado. Lembrando-se do êxodo, Jesus disse: “Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus” (Mt 4.7; cf. Dt 6.16).

Não cabe a nós levar Deus a julgamento. A pergunta real não é: “O que nós pensamos sobre ele?”, mas: “O que ele pensa sobre nós?”. Não é uma questão de chegarmos a um veredito sobre ele, mas de ele declarar seu veredito sobre nós. Em relação ao julgamento de Israel em Meribá, a Bíblia alerta: “Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo” (Hb 3.12).

O veredito

Para a nossa surpresa, quando Israel tentou a Deus – por mais errado que tenha sido – Deus foi adiante e ouviu o que ele queria. A fim de ensinar-lhe o caminho da salvação, ele se submeteu a um julgamento – não ao julgamento deles, mas ao seu próprio!

Deus fez isso em resposta às orações do seu profeta: “Então, clamou Moisés ao Senhor: Que farei a este povo? Só lhe resta apedrejar-me” (17.4). Antes de ver como Deus respondeu essa oração, devemos parar um pouco para observar como o próprio Moisés havia começado a murmurar. Reconheço que o profeta se encontrava numa situação difícil. Ele estava cercado por uma multidão furiosa e violenta. O povo estava dizendo que queria apedrejá-lo e, pelo que ele sabia, o povo era muito bem capaz de ir em frente e fazê-lo!

Diante desse perigo claro e real, Moisés clamou pela ajuda de Deus. Essa foi a coisa certa a fazer; no entanto, como comentou Calvino, há “algo nessas palavras que soa irritado e agitado”.3 Aparentemente, a murmuração de Israel era contagiosa, pois agora quem estava murmurando era Moisés. Ele estava reclamando de suas dificuldades no ministério, como muitas vezes fazem líderes espirituais, mas ele estava resmungando contra Deus. Ele estava dizendo algo como: “O que esperas que eu faça com esse povo? Eu não pedi esse emprego, sabes disso. Lembra-te de nossa pequena reunião lá junto à sarça ardente? Fostes tu que me colocaste nessa situação, Deus”. Moisés estava com medo e, em seu medo, ele resmungou contra Deus.

A despeito de suas falhas, Moisés pelo menos orou à pessoa certa, pois Deus ouviu seu grito e libertou seu povo: “Respondeu o Senhor a Moisés: Passa adiante do povo e toma contigo alguns dos anciãos de Israel, leva contigo em mão o bordão com que feriste o rio e vai. Eis que estarei ali diante de ti sobre a rocha em Horebe; ferirás a rocha, e dela sairá água, e o povo beberá. Moisés assim o fez na presença dos anciãos de Israel” (17.5-6).

Esse episódio não deve ser confundido com uma ocorrência semelhante no livro de Números. Em ambos os casos, água fluiu de uma pedra. O evento registrado em Números 20, porém, aconteceu num momento posterior da jornada de Israel, após o povo ter recebido a lei no monte Sinai. Além do mais, Moisés lidou de modo bem diferente com a reação. Ele feriu a pedra duas vezes, não confiando no poder de provisão de Deus, e, por isso, foi impedido de chegar à Terra

Prometida (Nm 20.10-12).

Observe que Deus não resolveu o conflito entre seu profeta e seu povo – pelo menos não diretamente. Em vez disso, demonstrou que ele proveria e, assim, removeu a causa de seu conflito. Nas palavras de Umberto Cassuto, Deus "não intervém na briga entre o povo e Moisés, tampouco em relação às acusações do povo contra Moisés, tampouco no que diz respeito às suas contra-acusações contra o povo. Sua postura é a de um pai cujos filhos estão em aflição e, em sua aflição, irrompe uma briga entre eles; ele não dá atenção à contenda, mas se empenha apenas para livrar seus filhos de seu problema".4

Deus libertou seu povo submetendo-se à sua vara de julgamento, assumindo o julgamento no lugar de Moisés. Moisés levou os anciãos até a "rocha em Horebe", próxima ao monte Sinai. Horebe era o lugar onde Deus aparecera pela primeira vez a Moisés na sarça ardente, e agora Deus apareceu lá mais uma vez. Deus disse: "Eis que estarei ali diante de ti sobre a rocha" (17.6a). As Escrituras não dizem exatamente como isso se deu. Talvez Deus tenha aparecido mais uma vez na nuvem de glória. Talvez ele tenha permanecido invisível. Mas o Novo Testamento estabelece uma identificação tão íntima entre a pedra e Cristo que o mais provável parece ser que Deus se fez presente na pessoa de seu Filho – o Cristo pré-encarnado. Independentemente de como ele apareceu, Deus estava ali sobre a rocha.

Os anciãos se reuniram em torno dela para ver que julgamento Deus proferiria. Então Moisés bateu na pedra com seu bordão: "[Deus] fendeu a rocha, e dela brotaram águas, que correram, qual torrente, pelo deserto" (Sl 105.41). Várias tentativas têm sido feitas para encontrar alguma explicação natural para a água que jorrou da pedra. Talvez a vara tenha libertado uma fonte que se encontrava perto da superfície. Umberto Cassuto acredita que:

de repente se abriu um riacho de água corrente quando uma pequena camada de rocha foi quebrada. Pouco tempo atrás, um oficial inglês viu com seus próprios olhos como, num wady [sic] no sul da península do Sinai, uma companhia do batalhão de camelos sudanês, que escavava o seixo amontoado ao lado de um rochedo para descobrir a fonte da água que estava gotejando entre o seixo, de repente, após um forte golpe com um machado que quebrou a camada externa do rochedo, numerosas cavidades foram reveladas na pedra, das quais uma

abundância de água começou a jorrar.5

Muitas vezes, as pessoas tentam explicar os milagres bíblicos. Essa explicação é tão plausível quanto qualquer outra, mas, quando se trata de milagres, é melhor simplesmente acreditar neles.

O que a água demonstrou? Demonstrou tudo sobre Deus que os israelitas estavam questionando. Lembre-se, eles estavam exigindo sua provisão, negando sua proteção e duvidando de sua presença. Mas a água que jorrou da pedra demonstrou todas essas coisas. Demonstrou, obviamente, que Deus tinha o poder de prover: “No deserto, fendeu rochas e lhes deu a beber abundantemente como de abismos. Da pedra fez brotar torrentes, fez manar água como rios” (Sl 78.15-16). Em vez de julgar seu povo por seus pecados – especialmente por sua incredulidade –, ele se submeteu ao julgamento para que o povo pudesse viver. Por fim, a pedra era prova da presença de Deus. Os israelitas queriam saber se Deus estava com eles ou não. Bem, lá estava ele – seu Salvador – sobre a pedra.

Cristo, a rocha

Deus se provou a você?

Num sermão chamado “Deus sob acusação”, Ed Clowney descreve uma peça de teatro sobre um grupo de pessoas que colocaram Deus à prova. Queriam saber quem era responsável pelo holocausto – pela destruição de milhões de judeus e outros nos campos de concentração dos nazistas. Quem era o culpado?

A peça é chamada O sinal de Jonas. Foi escrita por Günter Rutenborn e teve sua estreia na Berlim Ocidental logo após a Segunda Guerra Mundial. A peça não só levantou a pergunta “Quem é o culpado?”, mas também:

inclui o elenco e a plateia na resposta. Na verdade, ninguém é culpado. Um soldado apenas seguiu ordens. Um industrial apenas garantiu a produção. Um cidadão simplesmente não se envolveu. No entanto, ao defender sua própria

inocência, cada um dos acusados se transforma em acusador. Todos são culpados. Alguns são culpados por suas palavras; outros, por seu silêncio. Alguns, por aquilo que fizeram; outros, por aquilo que não fizeram. E, de repente, os acusadores acusados adotam outro lema: “Somos culpados, sim, mas não somos os mais culpados. O verdadeiro culpado está muito mais alto. O culpado é Deus! Deus precisa ir a julgamento!”.

Então é isso o que as pessoas fazem: levam Deus a julgamento. Na peça, Deus é acusado, processado, condenado e sentenciado. Qual é a sentença? Os personagens decidem que Deus precisa “tornar-se um ser humano, um vagante na terra, privado de seus direitos, sem lar, faminto e sedento. Ele mesmo deve morrer. E perder um filho e sofrer as agonias da paternidade. E, quando ele finalmente morrer, deve ser desonrado e ridicularizado”.6

Evidentemente, foi exatamente isso que aconteceu. Deus enviou seu Filho ao mundo, e as pessoas fizeram com ele o que os israelitas quiseram fazer com Moisés. O Filho de Deus era um homem sem lar, um vagante na terra. Ele passou fome e sede. E, quando sua vida estava quase terminando, ele foi privado de todos os seus direitos. Ele foi despido, zombado, açoitado e condenado a sofrer a morte mais desonrosa e excruciante – a morte na cruz. Essa rocha era Cristo.

A Bíblia chama Deus com frequência de Rocha. Ele é “Pedra de Israel” (Gn 49.24; cf. Is 30.29), “a Rocha [...] [cujas] obras são perfeitas” (Dt 32.4), a Rocha que é uma “cidadela” e um “refúgio” (Sl 18.2). Ele é “o Rochedo da nossa salvação” (Sl 95.1; cf. Dt 32.15). Em harmonia com essa imagem, a pedra que Moisés feriu com seu bordão era um símbolo de Deus e de sua salvação. Demonstrou, mais especificamente, como Deus se submeteria ao golpe de sua própria justiça para que dele fluísse vida para seu povo.

Deus fez isso na pessoa de seu próprio Filho. A rocha era Cristo porque, como a pedra, Cristo foi ferido com o julgamento divino. Foi isso o que aconteceu com ele na cruz. Cristo suportou a maldição do nosso pecado, por isso, Deus o feriu com a vara da sua justiça. As Escrituras dizem: “Ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados” (Is 53.5). O julgamento que Cristo recebeu na cruz é a prova da nossa proteção. Mostra que não

sofreremos a morte eterna por causa do nosso pecado. Deus tomou sobre si o julgamento da nossa culpa, e agora estamos seguros por toda a eternidade.

A rocha também era Cristo porque dela fluiu a água da vida. Aqui nos lembramos de algo significativo da crucificação, algo que João percebeu quando esteve perto da cruz. Em seu evangelho, João registra como, a fim de confirmar que Jesus estava morto, “um dos soldados lhe abriu o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água” (Jo 19.34). O sangue era aquele que ele derramou por nossos pecados. Mas João mencionou também a água, não apenas para provar que Jesus morreu na cruz, mas também para mostrar que, por meio de sua morte, ele dá vida.

Jesus é a água da vida. Ele disse: “Aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede” (Jo 4.14a). Ele é nosso provedor e também nosso protetor. Mais do que isso, todos que vão a Jesus em fé ficam cheios do Espírito Santo, e de dentro deles passa a fluir vida. Jesus continuou dizendo: “A água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna” (Jo 4.14b).

Em Cristo, Deus é para nós o que ele foi para Israel – nosso provedor, protetor e Senhor sempre presente. Foi isso que Paulo quis dizer quando disse “a pedra era Cristo” (1Co 10.4). Da mesma forma como Deus esteve com Israel em Horebe, ele está com a igreja em Cristo. Nosso Senhor é nossa Rocha, e nós confiamos em sua provisão, proteção e presença.

Notas

1 Gerhard Von Rad, Old Testament Theology, D. M. G. Stalker (trad.), vol. 1 (Nova York: Harper & Row, 1962), p. 12.

2 C. S. Lewis, God in the Dock: Essays on Theology and Ethics, Walter Hooper (org.) (Grand Rapids: Eerdmans, 1970), p. 244.

3 João Calvino, Commentaries on the Four Last Books of Moses, Calvin's Commentaries, vol. 2 (Edimburgo; reimpressão. Grand Rapids: Baker, 1999), p. 288.

4 Umberto Cassuto, A Commentary on the Book of Exodus, Israel Abrahams (trad.) (Jerusalém: Magnes, 1967), p. 202.

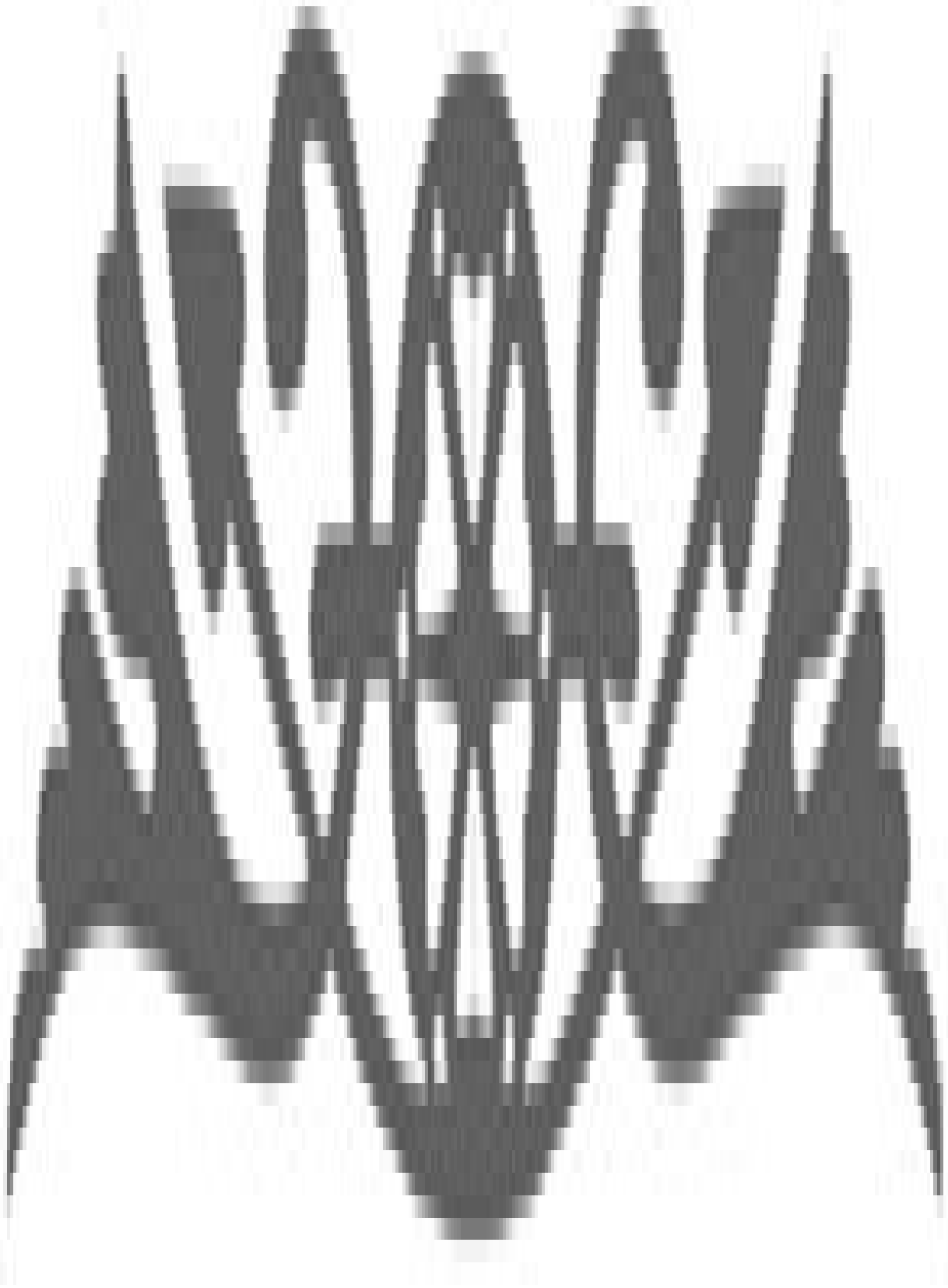
5 Ibid., p. 203.

6 Ed P. Clowney Jr., "God on Trial", Christianity Today (24 de fevereiro de 1978), p. 16-17.

40

Levante a sua mão

Êxodo 17.8-16



Lições para a jornada da vida – era isso que Israel estava aprendendo no deserto: “Deus salva”. “Sem lamúrias.” “Confiem em seus líderes.” “Deus os guiará, protegerá e proverá para vocês.” “Ele sempre estará com vocês.” Essas foram as lições espirituais básicas que o povo de Deus aprendeu durante sua longa peregrinação pelo deserto.

A próxima lição tinha a ver com oração. Existe uma guerra invisível entre os poderes da escuridão e os filhos da luz. Ao longo dessas hostilidades, os inimigos de Deus atacam o povo de Deus com frequência, e a única maneira de prevalecermos nessa batalha espiritual é perseverando em oração.

É uma batalha espiritual.

Quando os israelitas escaparam do Egito, os primeiros inimigos que enfrentaram não eram externos, mas internos. Sua luta era uma guerra interior – a batalha travada em cada coração humano. As dificuldades encontradas em Mara, no Deserto de Sim e em Massá e Meribá não haviam sido causadas primariamente por suas circunstâncias externas, mas por sua própria incredulidade e insatisfação. Os israelitas não confiaram que Deus proveria e, em decorrência disso, ficaram divididos e desanimados.

Então, de modo inesperado e repentino, foram atacados por um inimigo externo: “Então, veio Amaleque e pelejou contra Israel em Refidim” (17.8). Esse foi o primeiro confronto na longa campanha de Israel para conquistar a Terra Prometida. Os amalequitas eram nômades cuja linhagem tinha sua origem em Esaú, irmão de Jacó (Gn 36.12). Havia, portanto, tensões étnicas de longa data entre as duas tribos. Não sabemos por que os amalequitas atacaram os israelitas nessa ocasião. É possível que tenham se sentido ameaçados pela repentina chegada de Israel ao seu território, ou talvez tenham tentado proteger suas fontes de água. Refidim era um oásis, e os amalequitas devem ter ficado consternados quando observaram a chegada de tantas pessoas com tantos animais para beber de “sua” água.

Qualquer que tenha sido a razão, o ataque em si foi covarde. Mais tarde, Moisés disse ao povo de Deus: “Lembra-te do que te fez Amaleque no caminho, quando saías do Egito; como te veio ao encontro no caminho e te atacou na retaguarda todos os desfalecidos que iam após ti, quando estavas abatido e afadigado; e não

temeu a Deus" (Dt 25.17-18). O ataque não havia sido provocado – ele visava aos fracos e indefesos, aos retardatários da caravana. Em vez de travar uma guerra honrosa por uma causa justa, os amalequitas realizaram um ataque sorrateiro contra mulheres e crianças indefesas. Daí o comentário de Moisés: Ele "não temeu a Deus".

É óbvio que os amalequitas estavam seguindo ordens vindas de cima, ou melhor, de alguém inferior. Já que eram inimigos de Deus, esses soldados eram, na verdade, o exército de Satanás, e Satanás estava determinado a impedir que os israelitas alcançassem a Terra Prometida. Ele os havia mantido em escravidão a Faraó durante séculos. Agora essa tirania havia acabado, mas Satanás pensou que talvez existisse outra maneira de frustrar o plano de salvação. Assim, seduziu os amalequitas a atacarem os israelitas em Refidim.

Para entender como isso se relaciona à nossa própria experiência espiritual, lembre-se de que os israelitas já estavam salvos. Eles haviam sido libertos de sua escravidão lá atrás, no mar Vermelho. Naquela ocasião, eles não haviam usado suas armas contra seus opressores, porque tiveram alguém que lutou por eles. Por isso, Moisés havia lhes dado as seguintes ordens: "Não temais; aquietai-vos e vede o livramento do Senhor que, hoje, vos fará [...] O Senhor pelejará por vós, e vós vos calareis" (14.13-14). O Deus de Israel conquistou sua vitória sozinho, como sempre faz.

A sobrevivência de Israel estava em jogo mais uma vez em Refidim, só que dessa vez os israelitas tiveram de permanecer e lutar. Eles lutaram não só em defesa própria, mas travaram também uma luta santa em que lutaram pela glória de Deus. Essa foi a primeira de muitas batalhas que o povo de Deus travaria antes de completar a conquista de Canaã. O povo havia sido salvo do Egito pelo braço forte de Deus. Agora, estava a caminho da Terra Prometida e lutou por sua salvação derrotando os inimigos que encontrou ao longo do caminho.

O encontro de Israel com os amalequitas é uma imagem da igreja em sua guerra espiritual. Essa batalha é outro tipo do Antigo Testamento – um evento bíblico que revela o padrão da nossa vida em Cristo. O ataque era um evento histórico que apontava para uma realidade espiritual mais alta. Fomos libertos do Egito do nosso pecado e agora estamos a caminho da terra da glória. Nossa vitória última é certa, pois Jesus venceu a batalha crucial quando morreu na cruz. Falando do diabo, seu grande inimigo, e de todos os demônios do inferno, as Escrituras dizem que Deus, "despojando os principados e as potestades, publicamente os

expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz” (Cl 2.15).

Agora, todos que vêm à fé em Cristo estão livres dos poderes da morte e do inferno. No entanto, os inimigos de Cristo ainda não se entregaram, por isso Satanás continua a nos emboscar em nossa peregrinação. Estamos empenhados numa luta espiritual constante de resistir à tentação e continuar a obra de Cristo e seu evangelho. Muitas vezes, os ataques que enfrentamos são repentinos, mas, diferentemente das guerras do Antigo Testamento, nossos ataques são espirituais, não físicos. As Escrituras dizem que “a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes” (Ef 6.12). Charles Spurgeon escreveu:

Os filhos de Israel não estavam sob o poder de Amaleque – eram homens livres; da mesma forma, não estamos mais sob o poder do pecado. O jugo do pecado foi retirado do nosso pescoço pela graça de Deus, e agora temos de lutar não como escravos contra seu senhor, mas como homens livres contra um inimigo. Enquanto estavam no Egito, Moisés jamais disse aos filhos de Israel: “Vão, lutem contra Faraó”. De forma alguma; é obra de Deus tirar-nos do Egito e transformar-nos em seu povo, mas, quando somos libertos da escravidão, apesar de ser trabalho de Deus ajudar-nos, precisamos ser ativos em nossa causa. Agora que estamos vivos entre os mortos, cabe a nós lutar contra as potestades e os poderes e a iniquidade espiritual se quisermos vencer.1

Existe muita confusão na igreja de hoje sobre a guerra espiritual. Parte do problema é que os cristãos imaginam a guerra espiritual em termos demasiadamente físicos. Muitas vezes, supomos que doença e depressão, acidentes e dificuldades técnicas, desastres naturais, guerra e terrorismo são todos ataques diretos de Satanás. É verdade que Deus permite que Satanás traga muitos males para o mundo e, na realidade, todo o nosso sofrimento pode ser remetido ao primeiro pecado que ele nos seduziu a cometer. Mas a batalha real não é visível – é invisível. Os problemas que vemos no mundo são apenas escaramuças no conflito espiritual cósmico entre Deus e Satanás.

A guerra está sendo travada por toda parte à nossa volta, mas o que é mais

assustador ainda é a forma como ela é travada dentro de nós. Nosso inimigo real não são outras pessoas, estejam elas dentro ou fora da igreja. Se nós as virmos como nossos adversários espirituais, acabaremos por demonizá-las e também seremos incapazes de perceber nosso grande perigo de cair em pecado. Nosso inimigo real é o próprio Satanás, juntamente com todos os seus ajudantes ímpios. Mesmo após sermos salvos, eles continuam a nos atacar, na esperança de que façamos algo para desonrar a Deus e, assim, privá-lo de sua glória.

O profeta em oração

Como podemos reagir? Como enfrentamos o inimigo? Sabemos que Jesus precisa vencer a guerra, mas qual é a nossa parte para ajudar a travá-la? Entramos na guerra da mesma forma como Moisés entrou: por meio da oração. É perseverando e prevalecendo na oração que somos vitoriosos no campo de batalha do pecado e da tentação.

Os israelitas travaram sua luta com armas reais. No dia seguinte, lançaram um contra-ataque: “Com isso, ordenou Moisés a Josué: Escolhe-nos homens, e sai, e peleja contra Amaleque; amanhã, estarei eu no cimo do outeiro, e o bordão de Deus estará na minha mão. Fez Josué como Moisés lhe dissera e pelejou contra Amaleque; Moisés, porém, Arão e Hur subiram ao cimo do outeiro” (17.9-10). É a primeira vez que Josué é mencionado. Seu nome significa, apropriadamente, “o Senhor é salvação”. Aqui, ele é introduzido de modo tão direto que a Bíblia parece supor que já sabemos quem ele é. Josué era o ajudante de campo de Moisés, e, quando os israelitas foram à batalha, ele foi seu principal comandante.

Primeiro Josué selecionou cuidadosamente os guerreiros mais valentes de Israel e, então, desceu para o vale para lutar. E ele lutou com armas reais, pois as Escrituras dizem: “Josué desbaratou a Amaleque e a seu povo a fio de espada” (17.13). Era necessário que Israel lutasse; Deus exigiu o emprego adequado dos meios. No entanto, a vitória não dependia apenas de Josué e suas armas. Dependia da oração: “Quando Moisés levantava a mão, Israel prevalecia; quando, porém, ele abaixava a mão, prevalecia Amaleque” (17.11).

Antes do contra-ataque de Israel, Moisés se posicionou na colina que lhe oferecia uma visão do campo de batalha, onde sua única arma era a oração. Preciso admitir que alguns estudiosos contestam isso. Argumentam que, quando

Moisés levantava a vara do poder de Deus, ele estava fazendo outra coisa, não estava orando. Nahum Sarna, por exemplo, acredita que “Moisés ergueu um estandarte com algum símbolo conspícuo que representava a presença de Deus no acampamento israelita”.2 Essa interpretação explicaria por que Moisés construiu um altar da vitória chamado “O Senhor é Minha Bandeira” (17.15). Outros acreditam que Moisés estava executando algum tipo de ritual mágico.3 Até mesmo John Currid diz que não há “absolutamente nada nesse texto que apoie essa ideia” de que “as mãos de Moisés estão levantadas por uma intervenção divina”.4

É verdade que não sabemos o que Moisés disse enquanto estava ali naquela colina. Mesmo assim, suas ações eram um sinal inequívoco de dependência de Deus para vencer a batalha. Moisés estava segurando seu bordão, o instrumento de poder divino e símbolo da promessa da aliança de Deus. Ao levantá-lo para o céu, ele estava apelando para que Deus defendesse seu povo.

E também a postura de Moisés era a postura de oração. Ele estava de pé com os braços levantados para Deus. Normalmente, os israelitas ficavam de pé quando oravam, levantando suas mãos para oferecer seus louvores e pedidos a Deus. Por exemplo, quando Deus pôs um fim à praga de granizo, Moisés disse a Faraó: “Estenderei as mãos ao Senhor” (9.29). Ana e Josafá ficaram de pé no templo para orar (1Sm 1.9-11; 2Cr 20.5-6). O salmista disse: “Em teu nome, levanto as mãos” (Sl 63.4b). Isso continua sendo uma postura de oração na igreja de hoje, pois Deus diz: “Quero, portanto, que os varões orem em todo lugar, levantando mãos santas” (1Tm 2.8).

Podemos chamar isso de oração ou não, mas, quando Moisés ficou de pé com os braços erguidos, ele estava apelando a Deus para que demonstrasse seu poder salvando seu povo. Essa interpretação parece ser confirmada no final da passagem, quando Moisés diz que “mãos [literalmente ‘mão’] foram levantadas para o trono do Senhor” (17.16a). Esse é um versículo difícil, e a tradução correta depende de uma decisão sobre três palavras diferentes. A primeira é a palavra “trono”. Alguns estudiosos ampliam o texto para que ele diga “bandeira” em vez de “trono” (“a mão sobre a bandeira do Senhor”).5 O que torna essa interpretação plausível é a menção do Senhor como bandeira no versículo 15. No entanto, é melhor deixar o texto como está: “o trono do Senhor”. Em outros textos, a Bíblia descreve a oração como ir até o trono de Deus. Com base em Jesus Cristo e sua obra salvadora, somos convidados a achegar-nos, “confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e

acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” (Hb 4.16).

A segunda pergunta diz respeito à palavra “mão”, que ocorre aqui no singular. Que mão é essa? É a mão de Moisés ou, talvez, a mão de Deus? A segunda interpretação é possível e é adotada, por exemplo, pela versão King James. Segundo essa visão, Deus está levantando sua mão para jurar vingança contra seus inimigos. Isso combinaria com a segunda metade do versículo: “Haverá guerra do Senhor contra Amaleque de geração em geração” (17.16b).

Um problema com essa interpretação é a preposição que antecede a palavra “trono”. E esta é a terceira palavra a contemplar: a preposição hebraica a~l, que normalmente significa “subir” ou “sobre”. Aqui, faz mais sentido que Moisés levante sua mão ao trono do que Deus fazer isso. No entanto, existe ainda uma terceira possibilidade. A palavra a~l pode significar também “contra”. Nesse caso, a mão pertenceria aos amalequitas, que levantaram as armas contra Deus e, assim, rebelaram-se contra seu trono soberano. Essa interpretação também faz sentido. No Antigo Testamento, a palavra “mão” é muitas vezes usada como metáfora para poder militar. Se ela é usada nesse sentido aqui, então as duas partes do versículo 16 combinam perfeitamente. Primeiro os amalequitas levantaram a mão contra o trono de Deus; depois Deus travou uma guerra contra eles.

É difícil dizer qual das interpretações é correta, embora a English Standard Version pareça oferecer a melhor tradução: “A mão no trono do Senhor!”. Mas, independentemente de como esse versículo seja interpretado, cada interpretação nos ajuda a entender a passagem. Os amalequitas estavam lutando contra Deus, sendo isso o que o versículo 16 diz ou não, e Deus prometeu vingança contra eles, tendo ele levantado sua mão ou não para fazer um juramento nesse sentido. Por sua parte, Moisés levantou suas mãos ao trono de Deus em oração. Quaisquer que tenham sido as palavras que ele usou, ao levantar seu bordão ele estava pedindo uma intervenção divina. Ele estava apelando a Deus com um gesto de total dependência de seu poder, o tipo de dependência que expressamos hoje por meio da oração.

O poder da oração

Deus responde as orações. Moisés viu isso em primeira mão ao observar como a

batalha se desdobrou. Quando Josué entrou em choque com o inimigo, Moisés subiu pela colina e ergueu o seu bordão. No início, tudo correu a favor de Israel. As coisas estavam indo tão bem que uma oração praticamente parecia ser desnecessária, então Moisés baixou o seu bordão aos poucos. Então a sorte da guerra pareceu se inverter. Os amalequitas pareciam superar os israelitas. Em seu desespero, Moisés levantou seu bordão ainda mais, apelando a Deus pela vitória. Mas logo seu braço cansou. Quando ele baixou seu bordão, a mesma coisa aconteceu novamente. Enquanto o povo de Deus avançava e recuava, Moisés entendeu que o que acontecia lá em baixo no vale dependia daquilo que ele estava fazendo lá no alto da colina. Quando suas mãos estavam erguidas, Israel vencia. Quando suas mãos se abaixavam, os israelitas perdiam. Seu sucesso na batalha dependia da oração. As pessoas dizem que a caneta é mais poderosa do que a espada, mas, nesse caso, era a petição que era mais poderosa do que a espada!

O mesmo princípio se aplica à nossa própria guerra espiritual. Nossas batalhas espirituais contra o mundo, a carne e o diabo são vencidas e perdidas por meio da artilharia pesada da oração. É por isso que o apóstolo Paulo encerrou seu famoso ensinamento sobre “toda a armadura de Deus” ordenando que os cristãos orassem “com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito” (Ef 6.11,18a).

O que acontece quando não oramos? É muito simples: começamos a perder a batalha, mesmo se estivermos vestidos com toda a armadura de Deus. Podemos estar usando o cinto da verdade, o peitoral da justiça, o escudo da fé, o capacete da salvação e a espada do Espírito. Mas, se não pedirmos que Deus nos salve, não conseguiremos resistir ao diabo. Em vez disso, somos desviados da verdade para o erro. Cedemos à tentação. Somos arrastados para a dúvida e o desânimo.

Isso vale não só para o cristão individual, mas também para a igreja. Se não pedirmos que Deus nos defenda, nossos membros serão divididos, nossos líderes cairão em pecado, nossos missionários deixarão de ver os frutos de seu trabalho e os perdidos não ouvirão o evangelho. Tanto num sentido individual quanto comunitário, a negligência à oração significa a perda da guerra espiritual. Mesmo se lutarmos como Josué, não venceremos a batalha, a não ser que oremos como Moisés.

Por que tudo depende da oração? Por que a oração é uma arma espiritual tão eficaz? Por que ela faz a diferença entre vitória e derrota? A resposta é que Deus

é a diferença entre vitória e derrota, e é por meio da oração que confiamos nele para vencer a batalha. A vitória depende da oração porque, no fim das contas, a vitória depende de Deus.

Hoje em dia, fala-se muito sobre o poder da oração. Alguns cristãos acreditam que a oração em si é a coisa importante. Se orarmos por tempo suficiente, com força suficiente ou frequência suficiente, Deus fará o que queremos que ele faça. Então, o foco passa a se voltar para a busca pelo método correto de oração. É bom orar cedo e com frequência, desde que nos lembremos que o poder da oração não está na oração em si, mas no poder de Deus. Na oração, reconhecemos a nossa dependência absoluta de Deus para conquistar os inimigos da nossa fé.

Isso significa que, como todas as outras coisas na vida cristã, a oração é para a glória de Deus. A maneira como ela glorifica a Deus é pela demonstração de que a vitória pertence apenas a ele. Talvez seja esta a razão pela qual Moisés subiu a colina. Ao se posicionar onde todos podiam vê-lo, ele estava garantindo que Israel conhecesse o poder da oração. Imagine o que teria acontecido se Moisés não tivesse feito isso. Sem dúvida alguma, os israelitas teriam chegado à conclusão de que haviam derrotado os amalequitas por meio de sua própria força e teriam celebrado sua própria façanha militar.

A mesma coisa aconteceria conosco se fôssemos capazes de derrotar os nossos próprios inimigos espirituais sem oração. Imagine como seríamos se tivéssemos o poder de resistir à tentação e superar o pecado habitual por força própria. Nós nos tornaríamos orgulhosos e confiantes em nossa justiça própria, reivindicando a glória para a nossa própria santificação. Mas Deus nos leva a ajoelhar, pois, em nossas fraquezas, clamamos a ele como nosso único ajudante.

Onde estiverem dois ou três reunidos

Moisés foi um grande homem de oração. Ao longo de todo o livro de Êxodo, nós o ouvimos conversando sobre seus problemas com Deus. Era também seu privilégio como profeta interceder em nome de Israel. Ele era o mediador, aquele que apresentava seus pedidos a Deus. Assim, quando elevava suas mãos em oração, ele elevava toda a nação ao trono da graça.

Moisés recebeu tantas respostas maravilhosas às suas orações que o povo de Deus deve tê-lo visto como um guerreiro de oração. O que Êxodo 17 revela sobre sua vida de oração não é força, mas fraqueza. As Escrituras dizem: “As mãos de Moisés eram pesadas” (17.12). O profeta não conseguiu perseverar em oração. Isso aponta para a nossa necessidade de um mediador melhor, o Senhor Jesus Cristo, que vive “sempre para interceder” por nós (Hb 7.25) sem jamais precisar que alguém levante suas mãos. Mas Moisés já era um homem idoso a essa altura, e o trabalho foi duro demais para ele. Ele estava exausto. Por força própria, ele era incapaz de continuar orando. Essa é também a nossa luta. Orar pode ser um trabalho cansativo e, muitas vezes, sentimos que o trabalho é pesado demais para nós. Como Jesus disse aos seus discípulos: “O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca” (Mt 26.41b).

A fraqueza de Moisés serviu para magnificar a glória de Deus. Mostrou que Israel foi vitorioso não porque Josué era um gênio militar ou porque Moisés era um homem de oração, mas porque Deus era seu capitão na luta. João Calvino observou que, apesar de ter orado, Moisés não podia “se gabar e elogiar seu zelo em oração, mas é a testemunha pública e a proclamação de sua fraqueza, para que a glória possa ser atribuída completamente ao favor gratuito de Deus”.6 Moisés era apenas um homem, e, quando os israelitas se lembraram dos eventos do dia, eles não louvaram seu poder em oração. Em vez disso, disseram algo como isto: “Vocês viram o velho Moisés lá em cima? Francamente, eu não tinha certeza se ele conseguiria. Não sei quanto tempo ele ainda teria aguentado. Que bom que ele teve ajuda!”.

E, de fato, o profeta recebeu ajuda: “Ora, as mãos de Moisés eram pesadas; por isso, tomaram uma pedra e a puseram por baixo dele, e ele nela se assentou; Arão e Hur sustentavam-lhe as mãos, um, de um lado, e o outro, do outro; assim lhe ficaram as mãos firmes até ao pôr do sol” (17.12). Algumas pessoas têm sugerido interpretações criativas para esse versículo. Algumas o veem como símbolo do Calvário, o monte em que Jesus Cristo estendeu seus braços para ser crucificado entre dois ladrões. Mas Moisés não estava sendo sacrificado pelo pecado, e os homens ao seu lado não eram criminosos. Além disso, existe uma interpretação melhor. Se erguer o cajado realmente foi um ato de oração, então a ajuda de Arão e Hur nos ensina a nossa necessidade de orar com outros. É uma imagem de oração comunitária.

Já encontramos Arão antes. Era o irmão de Moisés que serviu como porta-voz de Deus e sacerdote de Israel. Hur provinha de uma família piedosa. Era o filho de

Calebe e avô de Bezalel (1Cr 2.19-20), que ajudou a construir o tabernáculo (31.1-11). Mais tarde, Hur se tornou juiz (24.14). Juntos, esses dois bons homens ajudaram o profeta de Deus em seu ministério de intercessão. Moisés precisou de algum apoio, por isso, eles o ajudaram a elevar suas mãos ao trono da graça.

Fazemos a mesma coisa na igreja. Desde os primórdios, a comunidade cristã sempre acreditou na oração comunitária. No livro de Atos, encontramos os primeiros cristãos em oração com frequência, normalmente em grupos. Oraram no cenáculo até receber o Espírito Santo (At 2.1-4). Eles se reuniam para orar no templo e nas casas particulares (At 2.42-47). Os apóstolos se dedicavam à oração (At 6.4), não simplesmente como indivíduos particulares, mas como equipe de líderes espirituais.

Os primeiros cristãos se reuniam para oração especial sempre que se encontravam sob ataque. Lembre-se de quando Pedro foi preso por pregar o evangelho. Ele foi resgatado no meio da noite e, quando recebeu sua liberdade, disse: “Agora, sei, verdadeiramente, que o Senhor enviou o seu anjo e me livrou” (At 12.11). Imediatamente, ele foi à procura de seus amigos. O que eles estavam fazendo? Estavam tendo uma vigília de oração, é claro. Estavam fazendo a mesma coisa que Moisés fez em Êxodo 17. Sempre que os primeiros cristãos eram atacados, eles travavam sua guerra com a arma espiritual da oração. E como Deus havia feito nos dias de Moisés, ele os livrou.

A oração – especialmente a oração comunitária – é a nossa melhor defesa contra o mal. Oramos em nossos cultos de adoração, pedindo que Deus abençoe o ministério da igreja e de seus missionários. Antes do culto, os pastores e presbíteros se reúnem para orar para que Deus os proteja da tentação e que seu Espírito esteja presente em toda a sua graça salvadora e santificadora. Durante a semana, nós nos reunimos em pequenos grupos, elevando uns aos outros em oração. Os pastores se encontram para orar por necessidades específicas dentro da congregação. E oramos em nossas famílias, pedindo que Deus nos ajude a viver para Cristo. Por que nos dedicamos tanto à oração comunitária? Em parte, porque Jesus prometeu que sempre que estiverem dois ou três reunidos em seu nome, ele estará no meio deles (Mt 18.20). Mas o fazemos também porque ele conhece a nossa fraqueza. Como Moisés, precisamos de alguém que nos ajude a elevar as mãos. Existe um lugar para a intercessão particular, mas nada fortalece nossa vida comunitária de oração como orar por e com outros cristãos. É assim que prevalecemos em oração contra os inimigos de Deus e sua igreja.

A bandeira da cruz

Moisés nunca se esqueceu de como Deus respondeu as suas orações, por mais frágeis que tenham sido. Para garantir que o resto dos israelitas também se lembrasse, “então, disse o Senhor a Moisés: Escreve isto para memória num livro e repete-o a Josué; porque eu hei de riscar totalmente a memória de Amaleque de debaixo do céu. E Moisés edificou um altar e lhe chamou: O Senhor é Minha Bandeira. E disse: Porquanto o Senhor jurou, haverá guerra do Senhor contra Amaleque de geração em geração” (17.14-16).

O altar que Moisés construiu era para a honra de Deus. Foi feito não com o propósito de expiação, mas de ação de graças. Pela graça de Deus, Israel havia vencido a batalha, e a única maneira correta de responder era devolvendo o louvor a Deus. Os israelitas haviam adorado a Deus por sua salvação no mar Vermelho. Agora, precisavam adorá-lo novamente, colocando suas ofertas de gratidão no altar de Moisés. Dessa vez, estavam louvando a Deus não pela grande vitória de sua salvação. Havia sido apenas uma pequena vitória ao longo da estrada de peregrinação, mas mesmo assim era digna de adoração. Também devemos louvar a Deus não só por nossa salvação em Cristo, mas também por toda vitória em nossa luta perpétua contra o pecado e a tentação.

A outra coisa que Moisés fez foi escrever um rolo de memória, que eventualmente tornou-se parte da primeira edição do livro de Êxodo. Ele escreveu uma inscrição memorial, um registro da vitória de Deus em batalha. Isso foi importante por duas razões. Em primeiro lugar, porque os israelitas voltariam a encontrar os amalequitas. Quando isso aconteceu, eles precisaram se lembrar de que essas pessoas eram seus inimigos mortais e que Deus havia prometido destruí-los por atacarem seu povo eleito.

Infelizmente, isso era algo que os israelitas conseguiram esquecer com frequência. Apenas dois anos mais tarde, quando alcançaram a fronteira da Terra Prometida, eles encontraram os amalequitas mais uma vez. Em vez de orar pela vitória, eles tiveram medo (Nm 13.26-33) e, em decorrência disso, tiveram de passar outros 38 anos vagando pelo deserto (Nm 13; 14). Entrementes, os amalequitas viveram para lutar outro dia. A próxima oportunidade de derrotá-los veio durante o reinado do rei Saul, que foi instruído a destruir completamente os amalequitas (1Sm 15.1-3). Mas Saul poupou a vida do seu rei, por isso, coube a

Samuel (1Sm 15.32-33) e, mais tarde, a Davi (1Sm 30) terminar o trabalho.

Existe ainda outra razão – uma razão mais importante – pela qual Deus fez com que Moisés registrasse a vitória de Israel sobre os amalequitas. Ele queria que seu povo se lembrasse o que Deus havia feito por ele, para que, sempre que fosse atacado, olhasse para ele para a sua salvação. A guerra de Israel não estava terminada. Ele teria de travar muitas batalhas – espirituais e outras – antes de chegar à Terra Prometida e também dentro dela. Mas, se ele se lembrasse daquilo que acontecera em Refidim, isso o ajudaria a buscar a ajuda de Deus.

"O Senhor é Minha Bandeira" – foi assim que Moisés resumiu o que Israel aprendera de sua luta contra os amalequitas. Em hebraico, o texto diz y^hw#h-n!ss!. Temos aqui mais um dos nomes divinos que Deus revelou durante o êxodo: y^hw#h-n!ss! – o Senhor é minha Bandeira. Uma bandeira é um estandarte militar, um pedaço de tecido que estampa as insígnias militares e é içado num poste. Os soldados sempre olham para seu estandarte. Ele estabelece sua identidade; ajuda-os a lembrar quem são. No campo de batalha, também os ajuda a manter a postura e lhes dá coragem e esperança. Enquanto seu estandarte ainda estiver esvoaçando ao vento, eles sabem que a batalha não está perdida.

Os israelitas tinham alguma experiência prática com isso. De tempos em tempos, eles olhavam para a colina durante a batalha. Lá, viam Moisés erguendo o cajado que simbolizava o poder de Deus. Era sua bandeira, seu estandarte militar. Agora, Moisés estava apontando-os para a fonte real de sua coragem e força, que não era simplesmente o cajado, mas o próprio Deus. Este seria seu grito de guerra: "O Senhor é Minha Bandeira".

Todos têm uma bandeira, algo para o qual olham em busca de identidade e segurança. Dante escreveu sobre isso em sua obra clássica Inferno. Em um dos círculos externos do inferno, as pessoas estavam correndo atrás de uma bandeira. Jamais conseguiam alcançá-la, mas também nunca paravam de persegui-la. Dante escreve: "Vi um estandarte lá sobre a névoa. Rodando e rodando, ele parecia desprezar qualquer pausa. Assim continuou a correr, e atrás dele se espremia uma turba de almas em dor".7 Dante entendeu algo importante sobre a natureza humana. As pessoas precisam de uma bandeira, algo para o qual possamos olhar em nossa busca por identidade e segurança. Algumas pessoas gastam toda a sua vida correndo atrás dela sem jamais encontrar um lugar de repouso.

Qual é a sua bandeira? Qual é o emblema de sua esperança? Para onde você olha quando busca coragem em tempos de dificuldade e desespero? Moisés tinha a melhor resposta. Ele disse: “O Senhor é minha Bandeira. Sempre que me encontro sob ataque, corro para o lado dele”.

O Senhor também é a nossa bandeira, mas de uma maneira que Moisés dificilmente conseguiria ter imaginado. O profeta Isaías prometeu a vinda de um dia em que “recorrerão as nações à raiz de Jessé que está posta por estandarte dos povos; a glória lhe será a morada” (Is 11.10). A promessa de Isaías se cumpriu em Jesus Cristo. Ele é “a raiz de Jessé” – o filho de Davi e o Filho de Deus.

A Bíblia não diz que Jesus tem uma bandeira; diz que ele é a bandeira. É olhando para Jesus que somos salvos – mais especificamente, olhando para a sua cruz. Jesus disse: “Importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna” (Jo 3.14-15). Jesus foi levantado numa cruz para morrer por nossos pecados. Agora vivemos olhando para o Cristo crucificado e ressuscitado. Nossa bandeira é a cruz, onde ele sangrou e morreu por nossos pecados. Sempre que somos atacados, Cristo e sua cruz nos dão coragem para a luta.

Cristo, o senhor real

Lidera contra o inimigo;

Para a batalha

Vê suas bandeiras avançarem.

Avante, soldados cristãos,

Marchando para a guerra,

Com a cruz de Cristo

Como nossa vanguarda.8

Notas

1 Charles H. Spurgeon, “War with Amalek”, The Metropolitan Tabernacle Pulpit vol. 12, nº 712 (Pasadena, TX: Pilgrim, 1970), p. 534.

2 Nahum Sarna, The JPS Torah Commentary: Exodus (Filadélfia: Jewish Publication Society, 1991), p. 95.

3 G. W. Coats, Exodus 1–18 (Grand Rapids: Eerdmans, 1998), p. 141.

4 John D. Currid, A Study Commentary on Exodus, vol. 1 (Auburn, MA: Evangelical USA, 2000), p. 366.

5 Veja Brevard S. Childs, The Book of Exodus: A Critical, Theological Commentary (Louisville: Westminster, 1974), p. 310-12.

6 João Calvino, Commentaries on the Four Last Books of Moses, Calvin’s Commentaries, vol. 2 (Edimburgo; reimpressão. Grand Rapids: Baker, 1999), p. 293.

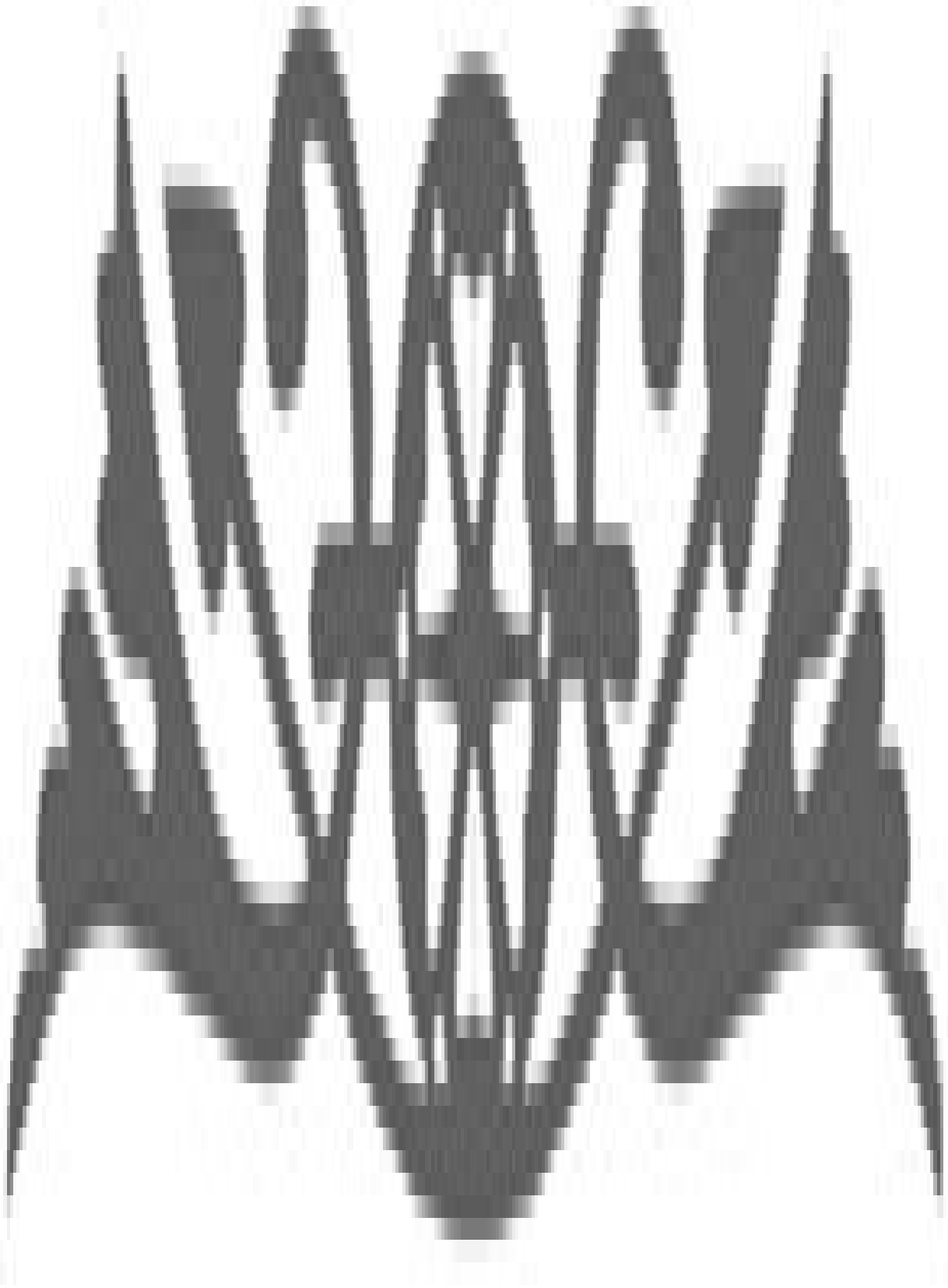
7 Dante Alighieri, Inferno, Canto 3, versos 52-54.

8 Sabine Baring-Gould, “Onward, Christian Soldiers”, 1865.

41

Reunião de família

Êxodo 18.1-12



Êxodo contém a história da fuga de Israel do Egito. Passa da escravidão sob Faraó para as caminhadas no deserto, a doação da lei de Deus e a construção de seu santo tabernáculo. O êxodo é também a história da vida cristã. Existe uma conexão espiritual entre a salvação de Israel e a salvação em Jesus Cristo. Após uma longa escravidão no pecado, Deus nos fez passar pelas águas profundas da morte. Fomos salvos pela graça por meio da fé no êxodo maior: a morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Isso, porém, foi apenas o começo da nossa peregrinação espiritual. Agora estamos viajando pelo deserto, aprendendo muitas das mesmas lições que os israelitas aprenderam. Estamos aprendendo a cantar louvores a Deus, da mesma forma como Israel cantou o cântico de Moisés às margens do mar. Como Israel, confiamos que Deus proverá o pão do céu e a água da vida. Como Moisés, elevamos as nossas mãos ao trono de Deus, travando uma guerra contra Satanás por meio da oração.

A próxima lição se apresenta na reunião de Moisés e Jetro. O final do capítulo 17 tratava da necessidade de orar. O início do capítulo 18 fala da obrigação de evangelizar. Somos chamados para dar testemunho do poder salvador de Deus.

Reunidos!

Começamos com um pouquinho de história de família. A família de Moisés não foi mencionada desde o capítulo 4, quando, após passar 40 anos na fazenda da família, o profeta “voltou para Jetro, seu sogro, e lhe disse: Deixa-me ir, voltar a meus irmãos que estão no Egito para ver se ainda vivem” (4.18a). Isso não era totalmente verdadeiro (Deus havia dito a Moisés que seu povo ainda estava vivo), mas foi respeitoso. Moisés estava pedindo permissão para voltar para o Egito. Seu sogro respondeu enviando-o com sua bênção: “Disse-lhe Jetro: Vai-te em paz” (4.18b). Aparentemente, os dois homens se separaram amigavelmente, e “tomou, pois, Moisés a sua mulher e os seus filhos; fê-los montar num jumento e voltou para a terra do Egito” (4.20a).

Mais tarde, Moisés mandou sua esposa e filhos de volta para Jetro: “Jetro, sogro de Moisés, tomou a Zípora, mulher de Moisés, depois que este lha enviara, com

os dois filhos dela” (18.2-3a). Não sabemos quando isso aconteceu, nem por quê. Muitos estudiosos supõem que Moisés mandou sua família embora antes do êxodo, talvez para mantê-la em segurança. A outra possibilidade é que ele mandou Zípora visitar seu pai após os israelitas chegarem a Horebe, que não ficava longe do lugar em que Jetro vivia.

Existe também alguma incerteza referente ao tipo de relacionamento que Moisés e Zípora mantinham. Muitos comentaristas acreditam que seu casamento era difícil. Em parte, porque acreditam que Zípora se irritou com Moisés por causa da circuncisão de seu filho (4.24-26). Além disso, alguns dos rabinos antigos interpretam 18.2 como um divórcio. As Escrituras dizem: “Este [Moisés] lha enviara”, e o verbo hebraico para enviar ou mandar embora (sh~l~ch) pode ser usado como termo técnico para obter um divórcio.

Tudo isso, porém, é especulação. Mesmo que os estranhos eventos relacionados à circuncisão de Gérson sejam difíceis de interpretar, nada na Bíblia indica que Zípora havia se zangado com Moisés. Pelo contrário, como vimos no capítulo 10 deste comentário, ao circuncidar seu filho, ela salvou a vida de seu marido. Tampouco o casal se divorciou. De vez em quando, o verbo sh~l~ch é usado nesse sentido, mas este não é seu sentido normal. Aqui, o verbo não pode indicar um divórcio porque os versículos 5 e 6 se referem a Zípora como esposa de Moisés. Continuavam casados. Calvino, por exemplo, tem certeza de que Moisés e Zípora jamais se separaram. Ele admite: “A maioria dos comentaristas acredita que Zípora, após se enfurecer por causa da circuncisão de seu filho, interrompeu sua viagem e voltou para viver com seu pai”. Mas então Calvino continua: “Isso não me parece muito provável. Pois Moisés jamais teria permitido que seus filhos fossem privados da redenção da qual ele era ministro [...] Além disso, se ele tivesse deixado sua esposa e filhos em segurança e tivesse partido sozinho para a luta, ele teria merecidamente sido suspeito de enganação ou de covardia excessiva. Por isso, não tenho dúvida de que ele, juntamente com sua família, submeteu-se àquele jugo miserável da escravidão, que, durante tanto tempo, os oprimiu e, por meio dessa prova, demonstrou sua fidelidade”.1

Para entender como Moisés se relacionava com sua família, os nomes de seus filhos, “dos quais um se chamava Gérson, pois disse Moisés: Fui peregrino em terra estrangeira; e o outro, Eliézer, pois disse: O Deus de meu pai foi a minha ajuda e me livrou da espada de Faraó” (18.3-4), parecem significativos. Ao escolher os nomes de seus filhos, Moisés contou a história de sua vida. Gérson soa como a palavra hebraica para “estrangeiro ali”. O nome expressa a alienação

que Moisés sentiu após deixar sua terra natal pela primeira vez. Ele havia assassinado um egípcio; assim, tornou-se fugitivo da justiça de Faraó e forasteiro na terra de Midiã (2.11-15). Mas deu ao seu segundo filho o nome de Eliézer, que significa “Deus é meu ajudante”. Eventualmente, Moisés percebeu que seu exílio era também a sua salvação. Deus o livrara da morte permitindo que ele escapasse do Egito. Assim, deu ao seu caçula um nome que serviria como testemunho vivo de sua fé no Deus de Israel.

Juntos, os nomes Gérson e Eliézer contavam a história da vida de Moisés: “Eu era um estranho ali, mas Deus me ajuda”. Esses dois nomes descreviam também o que estava acontecendo com a nação de Israel. Como Moisés, os israelitas eram estrangeiros no Egito. Mas Deus era seu ajudante; ele os salvou da espada de Faraó. Fazemos a mesma transição quando nos convertemos à fé em Jesus Cristo. Passamos do pecado – com toda a alienação que ele causa – para a salvação, em que reconhecemos Deus como a nossa única ajuda.

Resumindo: não existe razão para supor que Moisés tenha se afastado de sua família ou que tenha negligenciado suas obrigações como marido e pai. As poucas evidências que temos sugerem o contrário, pois demonstram que a salvação estava sendo realizada em sua própria família, da mesma forma como estava sendo realizada para Israel. Muitas vezes, líderes cristãos seguem seu chamado para o ministério à custa de sua família. Mas a vida familiar também é um chamado divino, e Deus chamou Moisés para liderar seu lar e sua nação.

A Bíblia não nos diz que tipo de marido e pai Moisés era. Aqui em Êxodo 18, a interpretação mais provável é que ele enviou sua esposa e seus filhos para que visitassem seus avós quando se encontravam próximos deles. O que é certo é que, após essa visita, a família foi reunida novamente: “Veio Jetro, sogro de Moisés, com os filhos e a mulher deste, a Moisés no deserto onde se achava acampado, junto ao monte de Deus, e mandou dizer a Moisés: Eu, teu sogro Jetro, venho a ti, com a tua mulher e seus dois filhos” (18.5-6). Aparentemente, a notícia do triunfo de Israel já havia começado a se espalhar. Quando Jetro ouviu que Moisés estava por perto, quis ouvir toda a história, e, assim, mandou avisar que viria fazer uma visita.

Oportunidade evangelística

Quando Moisés ouviu que Jetro estava vindo, ele tinha uma única coisa em mente: dar o evangelho ao seu sogro. Evangelho não é uma palavra do Antigo Testamento; ela provém do Novo Testamento grego. No entanto, é apropriado usá-la aqui porque significa “boas-novas” – as boas-novas da salvação, e era exatamente isso que Moisés desejava compartilhar.

Moisés sabia que Jetro ainda não havia encontrado a fé no Deus vivo e verdadeiro. Supostamente, Moisés tentara evangelizá-lo no passado. Durante as décadas em que viveram na mesma tenda, eles devem ter conversado sobre religião algumas vezes. Afinal de contas, eles viviam no Oriente Médio! Certamente, Moisés havia contado algo a Jetro sobre o Deus de Israel, o Deus de seus pais. Antes de voltar para o Egito, ele pode ter contado ao seu sogro também algo sobre seu encontro com Deus na sarça ardente.

Jetro, porém, jamais viera à fé no Deus de Israel. Ele ainda era “sacerdote de Midiã” (18.1), servo de um deus pagão. Sua incredulidade é confirmada no versículo 11, em que ele diz: “Agora, sei que o Senhor é maior que todos os deuses”. Até então ele não tinha certeza disso. Ele supunha que o Deus de Israel era apenas uma divindade tribal, como todo o resto dos deuses que ele adorava. Jetro ainda não viera a crer no único Deus verdadeiro, que oferece o único caminho verdadeiro de salvação. Era igual a muitas pessoas de hoje que acreditam que todas as religiões são mais ou menos iguais. São adeptos do credo do personagem principal no filme Man Friday, que disse: “Adore como você bem quiser, contanto que você seja sincero. Deus não se importará”.

O problema é que Deus se importa. Ele enviou seu único Filho ao mundo para ser o único Salvador. O nome do Filho de Deus é Jesus Cristo. Referente a ele, as Escrituras dizem: “E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (At 4.12). É por isso que os cristãos carregam um fardo tão pesado pela salvação dos membros de sua família. Acreditamos que Jesus é o único caminho que leva a Deus e que, se não confiarmos nele, seremos separados de Deus para sempre. A decisão que as pessoas tomam em relação a Jesus Cristo demarca a diferença entre vida e morte. Por isso, queremos, mais do que quase qualquer outra coisa, que nosso marido ou esposa, nossos pais e mães, nossos irmãos e irmãs e todos os nossos amigos e parentes conheçam Jesus Cristo e encontrem salvação nele.

Moisés carregava um peso semelhante pela sua família, e seu ministério a Jetro

serve como modelo para o testemunho cristão. O profeta encontrou o equilíbrio certo entre duas coisas que são essenciais ao evangelismo eficaz: amor e verdade. Em seu testemunho a Jetro, Moisés testemunhou com amor e veracidade a obra salvadora de Deus na História.

Primeiro o profeta demonstrou seu amor tratando Jetro com honra e respeito: “Então, saiu Moisés ao encontro do seu sogro, inclinou-se e o beijou; e, indagando pelo bem-estar um do outro, entraram na tenda” (18.7). Ao sair ao encontro de Jetro, Moisés demonstrou respeito. Normalmente, um homem importante ficaria em sua tenda aguardando o hóspede, e, não tenha dúvidas em relação a isso, Moisés havia se tornado um homem importante. Ele era o líder de uma nação poderosa que havia triunfado sobre o Egito. Mesmo assim, ele se humilhou ao sair ao encontro do seu sogro. E quando Moisés encontrou Jetro ele se inclinou, que era outro sinal de honra. Então abraçou seu sogro com calor e afeto. Isso era, em parte, uma questão de hospitalidade. No mundo antigo, era costume tratar visitantes como hóspedes honrosos. Mas Moisés estava estendendo sua mão à sua família em amor. Ele sabia como amar alguém que ainda se encontrava fora da família da fé.

Alguns cristãos guardam seu afeto mais caloroso para outros cristãos. Evidentemente, somos chamados para amar uns aos outros. Estamos unidos em amor pelo Espírito Santo. Assim, compartilhamos um laço espiritual que é mais íntimo do que o laço que compartilhamos com qualquer um que se encontre fora da família de Deus, inclusive nossa própria carne e sangue. Muitas vezes, porém, deixamos de demonstrar o mesmo tipo de amor às pessoas que se encontram fora da família de Deus. Para ser franco, nem sempre nos sentimos tão à vontade na presença de não cristãos. Até mesmo dentro da nossa própria família, é possível sentir uma profunda alienação daqueles que não seguem a Cristo. Em decorrência disso, é, às vezes, difícil tratá-los com o mesmo tipo de amor custoso que aprendemos a dar aos nossos irmãos e irmãs espirituais.

Às vezes, o problema é o nosso orgulho. Nosso desejo de corrigir pessoas espiritualmente impede que lhes sirvamos com amor sacrificial. Isso vale especialmente para cristãos novos. Assim que descobrem a verdade em Jesus Cristo, eles supõem que é sua obrigação corrigir a teologia de todos os outros. Isso resulta quase inevitavelmente em conflito, que, às vezes, é desnecessário. Muitas vezes, são necessários anos para consertar o dano. Muitas vezes, é melhor fazer o que um homem da Filadélfia fez quando veio a Cristo. O homem e sua esposa jamais haviam sido religiosos. Então, certo dia no trabalho, alguém

disse algo ao homem sobre Jesus, e ele disse: “É isso! É exatamente disso que preciso. Preciso de Jesus”. Dentro de poucos dias, tornou-se cristão. Mas ele sabia que, se contasse isso à sua esposa, ela pensaria que ele tinha enlouquecido. Por isso, ele disse: “Não sei o que fazer, por isso, simplesmente a amarei com esse novo amor que recebi de Deus”. Foi exatamente a coisa certa a se fazer. Ela percebeu a diferença quase imediatamente e logo Deus abriu seu coração para receber o evangelho.

Deus nos chamou para estendermos nossa mão aos perdidos, especialmente em nossa própria família, com o amor de Cristo. Cuide de seu marido ou esposa. Honre seus pais. Sirva aos seus irmãos e irmãs. Demonstre hospitalidade. Fortaleça os laços familiares. Respeite os membros de sua família, porque seu amor por eles é essencial ao evangelismo. Nem sempre os não cristãos sabem se você está dizendo a verdade. A ação do Espírito Santo é necessária para reconhecer a Palavra de Deus, e sem o Espírito eles não têm como conhecer a verdade sobre Jesus Cristo. Mas o que eles sabem é se você os ama – realmente os ama – ou não. Às vezes, o que afasta as pessoas de Cristo não é seu evangelho, mas a nossa incapacidade de viver o seu amor. A Bíblia diz: “O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressente do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba” (1Co 13.4-8a). Se você ainda está esperando que os membros de sua família sejam salvos, demonstre esse tipo de amor a eles – o amor de Cristo – e veja o que Deus fará.

Para dizer a verdade

Moisés fez mais do que amar Jetro – ele também lhe deu as boas-novas. Em seu testemunho, ele conseguiu manter o equilíbrio certo entre amor e verdade. Ele fez o que o apóstolo Paulo chamou de falar “a verdade em amor” (Ef 4.15).

Como vimos, o profeta teve o cuidado de observar todas as formalidades. Primeiro perguntou pelo bem-estar de Jetro. Depois, após demonstrarem seu respeito mútuo segundo os costumes do Oriente Médio, os dois se aprofundaram numa conversa séria: “Indagando pelo bem-estar um do outro, entraram na tenda” (Êx 18.7b).

Lá, Moisés deu testemunho de sua fé no Deus de Israel. Ele compartilhou as boas-novas da salvação de Israel. Outra maneira de dizer isso é que ele deu a Jetro o evangelho – todo o evangelho. Êxodo 18 começa com este resumo: “Ora, Jetro, sacerdote de Midiã, sogro de Moisés, ouviu todas as coisas que Deus tinha feito a Moisés e a Israel, seu povo; como o Senhor trouxera a Israel do Egito” (18.1). A razão pela qual Jetro ouviu “tudo” o que Deus havia feito foi porque Moisés lhe contou: “Contou Moisés a seu sogro tudo o que o Senhor havia feito a Faraó e aos egípcios por amor de Israel, e todo o trabalho que passaram no Egito, e como o Senhor os livrara” (18.8). Aqui, a palavra traduzida como “contou” é a palavra hebraica para proclamar. Moisés estava pregando as boas-novas da salvação.

O discurso de Moisés não foi registrado; não é difícil, porém, imaginar o que ele disse. Ele pregou a Jetro a mesma mensagem que, mais tarde, documentou nas Escrituras. Primeiro ele lembrou ao seu sogro os séculos de escravidão que Israel sofrera no Egito. Contou como havia sido voltar para Faraó e mandá-lo deixar ir o povo de Deus. Explicou como, no início, isso apenas piorou as coisas porque Faraó os obrigou a encontrar sua própria palha para produzir os tijolos. Depois Moisés narrou como Deus libertou seu povo por meio de poderosos atos de julgamento. Descreveu os sinais e milagres que Deus realizou – rios de sangue, enxames de insetos e anfíbios, pragas de doenças, tempestades de granizo e escuridão. Moisés relatou como Deus matou os primogênitos do Egito. Também lhe falou da redenção. Falou ao seu sogro sobre a Páscoa, sobre como os filhos de Israel foram salvos pelo sangue de um cordeiro. Descreveu como Deus ajudou seu povo a atravessar as profundas águas do mar. Talvez tenha até cantado o cântico da salvação para Jetro.

Em seguida, Moisés contou a Jetro sobre o deserto. A Bíblia é específica em relação a isso. O versículo 1 menciona “como o Senhor trouxera a Israel do Egito”, mas o versículo 8 acrescenta que Moisés falou também sobre “todo o trabalho que passaram”. Deus não só tirou Israel do Egito, mas também guiou seu povo pelo deserto. Isso também fazia parte da mensagem da salvação. Moisés relatou como Deus enviara pão do céu e dera água da rocha ao seu povo. Deu um relato sobre a batalha de Refidim, onde mãos foram levantadas ao trono de Deus e Deus derrotou os amalequitas.

A coisa mais importante sobre essa proclamação é que ela era totalmente centrada em Deus. Afinal de contas, nada que Moisés pudesse dizer sobre os israelitas teria sido lisonjeiro nem para o profeta nem para o seu povo. Em quê

eles haviam contribuído para a salvação? Em nada. No início, haviam duvidado se seria possível, pedindo que Moisés os deixasse em paz para que pudessem permanecer em sua escravidão. Depois, quando veio o momento decisivo e eles se encontraram encurralados entre Faraó e o profundo mar azul, tudo o que fizeram foi ficar parados e observar enquanto Deus os libertava. Depois disso, quando enfrentaram dificuldades no deserto, eles reclamaram constantemente de que teriam tido uma vida melhor na escravidão. Assim, a história que Moisés contou a Jetro não era uma história sobre como os israelitas haviam encontrado seu caminho de volta para Deus, mas uma história sobre como Deus se inclinou para eles e os regatou. Havia algo pessoal em seu testemunho, é claro. Moisés contou a Jetro o que acontecera em sua vida e na vida de seu povo. Mas nada disso tinha sido conquista sua. O êxodo girava em torno de tudo o que Deus havia feito – "como o Senhor trouxera a Israel do Egito" (18.1) e "como o Senhor os livrara" (18.8) – para que toda a glória fosse dada exclusivamente a Deus.

Os cristãos têm uma história semelhante para contar porque a nossa salvação também se baseia naquilo que Deus tem feito na História humana. A História começa com a nossa escravidão ao pecado. Toda a nossa raça pecou em Adão, e, assim, sempre fomos escravos do pecado. Mas, após longos séculos de cativeiro, Deus enviou um Salvador para nos libertar. Foi seu Filho, Jesus, quem nos salvou por meio de sua morte na cruz. A Bíblia diz que Deus, o Filho, se fez homem "para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida" (Hb 2.14b-15). Essa foi a nossa travessia do mar Vermelho. A crucificação – e, com ela, a ressurreição – nos trouxe da morte para a vida, da escravidão para a liberdade. Mas este não é o fim da História. Em certo sentido, é apenas o início. Agora vivemos para Cristo, seguindo-o pelo deserto. Enquanto caminhamos por essa estrada de peregrinação, temos uma história a contar sobre como, a despeito de nossa rebelião contínua, Deus provê para nós e nos liberta de todos os nossos inimigos.

Um testemunho cristão sempre é pessoal. Meu próprio testemunho é a história daquilo que Deus tem feito em minha vida para me levar para um conhecimento salvador de Jesus Cristo. Mas a coisa mais importante é garantir que meu testemunho seja centrado em Deus. Meu testemunho não é uma história sobre como encontrei meu caminho até Deus, mas sobre como Deus me atraiu para ele. Concentra-se, acima de tudo, naquilo que Deus tem feito em Cristo, especialmente por meio de sua cruz. Quando toca em minha própria experiência,

isso acontece apenas para mostrar o que Deus tem feito por mim. O apóstolo Paulo escreveu: “não me gloriarei, porém, de mim mesmo, salvo nas minhas fraquezas” (2Co 12.5b); “Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gl 6.14a).

A história do evangelho precisa ser contada. Não basta amar os perdidos sem oferecer-lhes também as boas-novas. É nossa obrigação cristã explicar às pessoas a verdade da salvação em Cristo. O que elas fazem com aquilo que lhes contamos precisa ser resolvido entre elas e Deus, mas cabe a nós a responsabilidade de contar-lhes.

Um homem que se sobressaía no compartilhamento da verdade do evangelho era Edward Studd, o pai de C. T. Studd, o famoso missionário na África. Studd era um inglês rico que levava uma vida de luxo e diversão até, de repente, ser convertido pela pregação de D. L. Moody. Os filhos de Edward já se encontravam na escola interna àquela altura, por isso, não souberam nada daquilo que acontecera ao seu pai. Ficaram chocados quando chegaram a Eton no meio do semestre e, em vez de levá-los ao teatro, como costumava fazer, ele os levou para ouvir uma pregação de Moody. C. T. Studd disse mais tarde:

Antes daquilo, eu costumava pensar que religião era coisa do domingo, como as roupas de domingo que são guardadas no armário na segunda de manhã. Nós, garotos, havíamos sido criados para ir à igreja regularmente, mas, apesar de termos algum tipo de religião, não chegava a significar muito [...] Então, de repente, tive a felicidade de conhecer um cristão [...] vivo e verdadeiro. Era meu próprio pai. Mas era algo que levantava os cabelos na nuca. Todos na casa tinham uma vida de cão até se converterem. Eu não estava nada feliz com ele. Ele costumava entrar no meu quarto no meio da noite e perguntar se eu havia me convertido.2

Pergunto-me se Edward Studd tinha o tipo de equilíbrio exemplificado por Moisés, mas, pelo menos, era dedicado à verdade do evangelho e, eventualmente, todos os seus filhos foram salvos.

Agora sei!

Como C. T. Studd, Jetro também entendeu a mensagem. Quando Moisés contou ao seu sogro a história da salvação, o homem depositou sua confiança no Deus de Israel. Em outras palavras, ele foi salvo.

Existem três coisas que devemos observar na reação salvadora de Jetro ao evangelho. A mais importante é a sua fé. Jetro alcançou uma convicção clara e certa de que o Deus de Israel era a única divindade verdadeira e suprema. Sua fé se evidencia, em parte, em seu uso do nome divino. Quando Jetro disse: "Bendito seja o Senhor" (18.10), ele chamou Deus pelo seu nome da aliança, Yahweh. Ele viera a conhecer o Deus verdadeiro por seu nome verdadeiro.

Então Jetro continuou, dizendo: "Agora, sei que o Senhor é maior que todos os deuses, porque livrou este povo de debaixo da mão dos egípcios, quando agiram arrogantemente contra o povo" (18.11). Esse foi o testemunho da conversão de Jetro. Como Moisés, ele também se concentrou naquilo que Deus havia feito, na obra salvadora de Deus na História. Ele compreendeu a essência do êxodo: Deus havia salvado Israel para a sua própria glória. Quando Moisés lhe contou os eventos relacionados ao êxodo, Jetro reconheceu que Deus havia derrotado todos os deuses do Egito a fim de reivindicar a sua honra.

Esse triunfo convenceu Jetro da supremacia de Deus. O homem havia passado sua vida inteira adorando a outros deuses, mas agora ele conhecia a verdade! Agora, toda a sua compreensão de Deus foi completamente transformada e ele renunciou ao seu passado pagão. Agora ele entendeu que o Deus de Israel era infinitamente superior. Obviamente, ele era mais forte do que os deuses do Egito. Por mera dedução lógica, ele precisava ser também mais forte do que os deuses de Midiã, que eram ainda mais fracos. A história verdadeira da libertação de Israel provou que o único Deus vivo e verdadeiro é infinito em poder e glória.

Você tem o tipo de fé que Jetro teve? Você pode dizer: "Agora sei que Jesus Cristo é maior do que todos os outros deuses"? Ser um cristão significa conhecer o nome de Deus, especificamente o nome de Jesus Cristo. Significa também declarar que Jesus é Senhor, que ele é o Deus supremo acima de todos os outros deuses. Jesus é superior em todos os sentidos. Ele é superior em misericórdia: ele concede perdão aos pecadores. Ele é superior em amor: ele deu a sua própria vida pelos nossos pecados. Ele é superior em graça: ele oferece vida eterna como dádiva gratuita. Ele é superior em poder, porque, por meio de sua ressurreição,

triunfou sobre a morte. E ele é superior em glória, pois reina supremo sobre o céu e a terra. Nenhum outro deus jamais tentou demonstrar o amor e a graça maravilhosos que Deus demonstrou em Jesus Cristo. Ter fé significa crer que ele é o único Salvador, o único Deus de toda a graça e glória.

Jetro respondeu em fé. Ele também respondeu com alegria: “Alegrou-se Jetro de todo o bem que o Senhor fizera a Israel, livrando-o da mão dos egípcios” (18.9). A palavra hebraica traduzida como “alegrou-se” (chadah) é incomum. Essa palavra rara transmite um senso extremo de alegria, o tipo de felicidade que invade a alma de uma pessoa. Jetro não só acreditou nas boas-novas sobre Deus. Ele as celebrou e se alegrou nelas.

Deus dá a mesma alegria a todos os que vão a Cristo. Há uma grande alegria no conhecimento de que Deus nos salvou e nos amará para sempre. Um cristão testemunhou essa alegria quando foi ensinar inglês na China. Ele vivia no dormitório de uma faculdade, onde teve muitas oportunidades de compartilhar sua fé em Jesus Cristo. Certa noite, estava estudando a Bíblia com o estudante do quarto vizinho. Mais tarde, naquela noite, o professor de inglês ouviu um barulho estranho vindo do quarto do aluno. Era um som que ele nunca ouvira, um tipo de barulho balbuciante vindo de algum lugar na garganta. Quando foi investigar, descobriu que o aluno havia vindo à fé em Jesus Cristo. Agora aquele estudante sabia que havia amor no mundo e que havia um Deus no céu. Sabia que seus pecados haviam sido perdoados e que ele havia recebido a dádiva gratuita da vida eterna. Naqueles primeiros momentos de salvação, o aluno vivenciou tamanha alegria que simplesmente teve de expressá-la. O balbucio tinha sua origem em algum lugar profundo do seu coração quando se regozijou no conhecimento da salvação. Deus dá grande alegria a todos que vão a ele em fé.

A terceira coisa a observar é o louvor de Jetro: “[...] Bendito seja o Senhor, que vos livrou da mão dos egípcios e da mão de Faraó” (18.10). Sempre que Deus leva pessoas à fé salvadora, elas se curvam e o adoram. Como Moisés e os israelitas, Jetro foi salvo para a glória de Deus.

Isso é parte do propósito do evangelismo. Existem muitas razões para compartilhar o evangelho. É a ordem de Cristo, o que basta como razão. É também parte do plano de salvação de Deus, sua maneira de resgatar pecadores da ira vindoura. Mas o objetivo de todo ministério do evangelho é a adoração a Deus. Testificamos as boas-novas sobre Jesus Cristo para que todos o louvem. A

nossa proclamação do evangelho é para a salvação de pecadores, em vista de sua celebração de Deus. O evangelismo é para a glória de Deus.

Assim que Jetro foi salvo, ele começou a dar a glória a Deus, e ele o fez com outros fiéis: “[...] Jetro, sogro de Moisés, tomou holocausto e sacrifícios para Deus; e veio Arão e todos os anciãos de Israel para comerem pão com o sogro de Moisés, diante de Deus” (18.12). Jetro se tornou membro de uma comunidade de adoração, da comunidade dos santos. Isso é o que sempre acontece quando alguém vem à fé no Deus vivo. Evangelismo leva primeiro à adoração e depois à comunhão. Nesse caso, Jetro se sentou com Moisés e Arão e todos os anciãos de Israel para ter comunhão. Isso sempre tem sido uma parte importante da adoração pública – um banquete sagrado na presença de Deus.

O que torna essa refeição tão notável é que Jetro era midianita e, assim, um dos antigos inimigos de Israel. Foram os midianitas que levaram José para a escravidão (Gn 37.28) e que, mais tarde, atacaram Israel nos dias de Gideão (Jz 6; 7). Na verdade, Deus instruiu os israelitas a “afligir os midianitas e os ferir” (Nm 25.17). Mas Jetro havia vindo à fé salvadora no Deus de Israel. Agora, ele foi acolhido na comunhão do povo de Deus. Eles estavam em paz uns com os outros na presença de Deus.

A salvação desse homem mostra como Deus estava executando seu plano para a salvação do mundo. Essa, talvez, seja a lição mais importante que podemos aprender da conversão de Jetro. Esse episódio é muito mais do que a história da salvação de um homem ou até mesmo de uma família. A Bíblia conta essa história porque ela revela o plano de Deus para o mundo inteiro. A salvação nunca foi restrita aos judeus. Desde o início, Deus pretendia salvar pessoas de todas as nações. Isso era parte até mesmo de seu plano para o êxodo. Deus disse a Faraó que ele estava tirando seu povo do Egito para “mostrar-te o meu poder, e para que seja o meu nome anunciado em toda a terra” (9.16). Um sacerdote de Midiã foi praticamente o primeiro cumprimento dessa promessa, quando Moisés proclamou a salvação a Jetro.

Deus também nos deu uma mensagem para proclamar. É a mensagem da salvação em Cristo: perdão por meio de sua cruz e vida eterna por meio de seu túmulo vazio. Cada um de nós é chamado para fazer o que puder para espalhar a Palavra, para que todas as nações venham a adorar a Deus. Continuaremos espalhando a Palavra até sermos chamados para a glória. Então cantaremos o cântico de Moisés e do Cordeiro:

Grandes e admiráveis são as tuas obras,

Senhor Deus, Todo-Poderoso! [...]

Todas as nações virão e adorarão diante de ti,

porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos. (Ap 15.3a-4b)

Essa será a reunião que porá fim a todas as reuniões – a melhor reunião de família de todos os tempos.

Notas

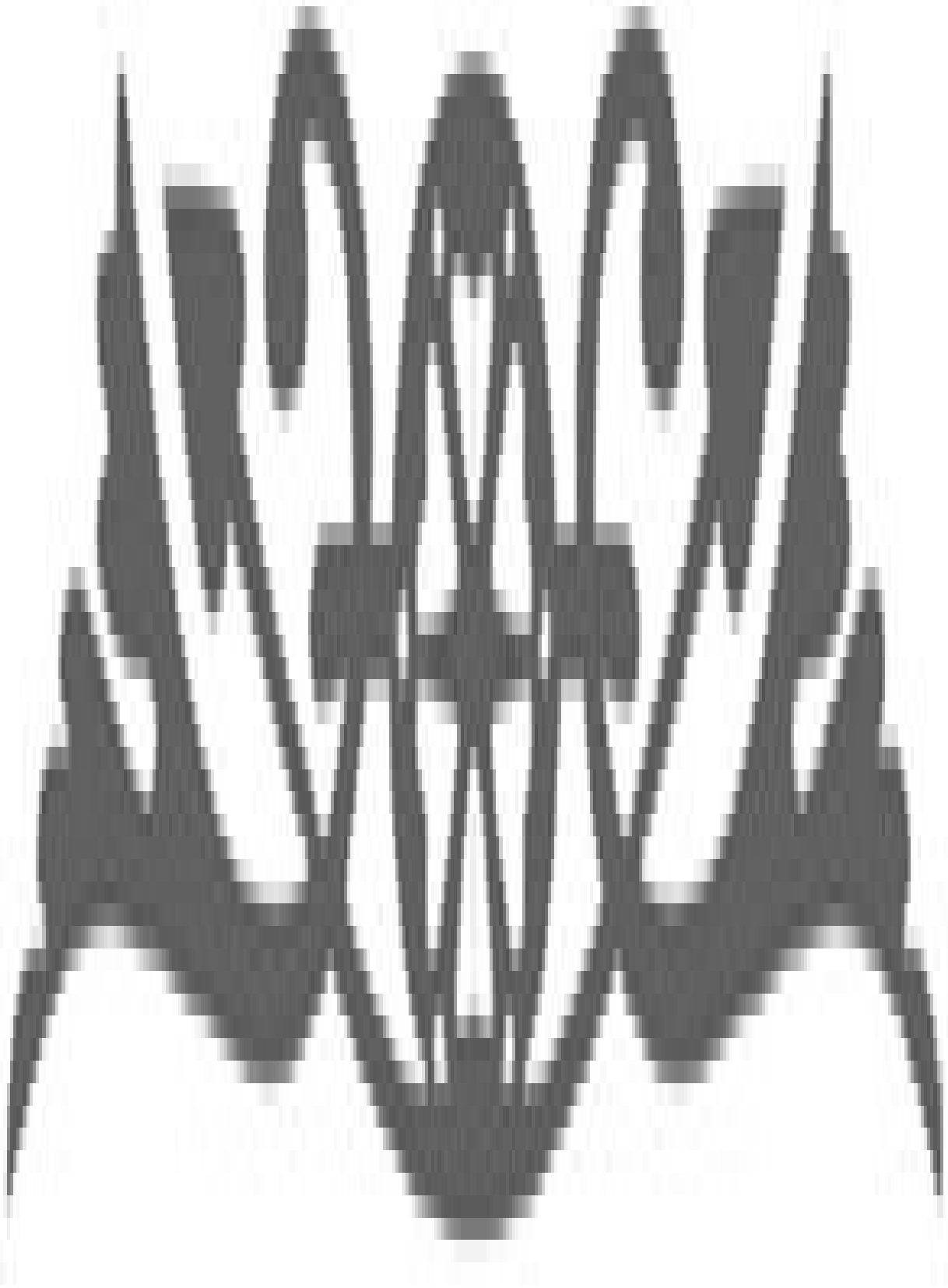
1 João Calvino, Commentaries on the Four Last Books of Moses, Calvin's Commentaries, vol. 2 (Edimburgo; reimpressão. Grand Rapids: Baker, 1999), p. 297.

2 Norman P. Grubb, C. T. Studd: Athlete and Pioneer (Grand Rapids: Zondervan, 1933), p. 16.

42

Israel se organiza

Êxodo 18.13-27



Durante o dia, sirvo como pastor. Às vezes, trabalho de noite como treinador de equipes esportivas de jovens na nossa região. Certa noite, antes do treino de futebol, enquanto eu estava amarrando minhas chuteiras, uma das mães me perguntou sobre o meu trabalho. “Ouvi que o senhor é algum tipo de pastor ou algo assim”, ela disse. “É isso mesmo”, respondi, e começamos a conversar sobre o tipo de igreja em que eu servia, onde ficava, etc. Então ela perguntou: “Agora me diga: isso é um emprego em tempo integral?”.

Para dizer a verdade, caí na gargalhada. Como todo pastor fiel lhe dirá, ser pastor é sempre um trabalho em tempo integral – no mínimo! O ministério pastoral ocupa o máximo de tempo possível, especialmente numa igreja grande. Existem cultos a serem planejados, sermões a serem preparados, palestras a serem dadas, turmas a serem ensinadas, conflitos a serem resolvidos, cartas a serem escritas, perguntas a serem respondidas, líderes a serem discipulados, ministérios a serem supervisionados, missionários a serem enviados, pessoas que necessitam de oração. O trabalho jamais acaba. Na verdade, para a maioria dos pastores, o trabalho só terminará quando o pastor morrer ou Jesus voltar, dependendo do evento que ocorrer primeiro.

Show de um homem só

Se tomarmos o fardo pastoral de uma congregação grande e o multiplicarmos por mil, começaremos a ter uma ideia dos desafios que Moisés enfrentava como líder de Israel. O profeta governava sozinho uma nação de um milhão de pessoas ou mais. A carga de trabalho era assustadora. Quando “assentou-se Moisés para julgar o povo [...] o povo estava em pé diante de Moisés desde a manhã até ao pôr do sol” (18.13). Esse foi, talvez, o primeiro caso no mundo de acúmulo de casos jurídicos. O trabalho de Moisés não tinha fim.

Quando Jetro, sogro de Moisés, viu as exigências tremendas colocadas sobre o profeta de Deus, ficou chocado. A Bíblia relata sua reação: “Que é isto que fazes ao povo? Por que te assentas só, e todo o povo está em pé diante de ti, desde a manhã até ao pôr do sol?” (18.14). Em outras palavras, Jetro disse: “Moisés, pelo amor de Deus, o que você pensa que está fazendo?”.

Moisés acreditava saber o que estava fazendo. Ele estava declarando a vontade de Deus para o povo de Deus. Por isso, tentou justificar-se: “É porque o povo me vem a mim para consultar a Deus; quando tem alguma questão, vem a mim, para que eu julgue entre um e outro e lhes declare os estatutos de Deus e as suas leis” (18.15-16).

O trabalho que Moisés fazia precisava ser feito. O profeta estava ajudando os israelitas a resolverem seus problemas. Como a maioria das pessoas, eles queriam saber a vontade de Deus. Também queriam ajuda para resolver suas disputas. Assim, traziam todos os seus problemas para Moisés, esperando que ele lhes oferecesse orientação. E Moisés fazia duas coisas para ajudá-los: ensinava a Palavra de Deus e discernia a vontade de Deus. O profeta servia como conselheiro e juiz. Parte de seu trabalho era educacional. Ensinava às pessoas a Palavra de Deus para que soubessem o que Deus exigia. Mas ele também lhes ajudava a aplicar a verdade das Escrituras em situações práticas.

Moisés estava exercendo um ministério de tamanha importância – a explicação e a aplicação da Escritura – que o sogro deveria ter se impressionado. Afinal de contas, a única coisa que o sogro o vira fazer até agora era cuidar de ovelhas. Agora, Moisés era o profeta de uma nação, o homem mais importante em Israel. Pessoas imploravam por sua atenção durante o dia todo. Mas Jetro não se impressionou. Pelo contrário, ele reconheceu que aquilo que Moisés estava fazendo acabaria tendo um efeito destrutivo – não só sobre ele, mas também sobre outros: “Não é bom o que fazes. Sem dúvida, desfalecerás, tanto tu como este povo que está contigo; pois isto é pesado demais para ti; tu só não o podes fazer” (18.17-18).

Não havia dúvida quanto à sinceridade das motivações de Moisés. O profeta estava simplesmente tentando ser fiel ao seu chamado. As pessoas tinham necessidades espirituais, e ele estava graciosamente tentando satisfazê-las. No entanto, a despeito de toda a sua disposição de servir, era evidente que Moisés havia assumido um fardo grande demais para um só homem. Jetro teve a sabedoria para reconhecer que Moisés jamais conseguiria manter esse ritmo. O trabalho era tanto que logo Moisés estaria exausto. Estava caminhando em direção a uma pane total. Por isso, Jetro foi enfático: o que Moisés estava fazendo “não era bom”. Em hebraico essas palavras expressam uma repreensão forte. Moisés não conseguia dar conta do trabalho, e isso era um grande erro.

Esse princípio pode ser aplicado a quase todas as situações no ministério. As

necessidades das pessoas nunca acabam. Quando assumimos a responsabilidade de ajudar a satisfazer essas necessidades, temos mais trabalho do que precisamos. O problema surge quando tentamos carregar pesos maiores do que aqueles que Deus nos chamou a suportar. Deus jamais quer que façamos todo o trabalho sozinhos. É por isso que ele nos inseriu no corpo de Cristo, no qual dependemos da ajuda dos outros. É completa loucura um pastor ou outro líder espiritual acreditar que consegue fazer tudo sozinho. O ministério cristão jamais deve ser o show de um homem (ou uma mulher) só. Não é bom tentarmos fazer todo o trabalho de Deus sozinhos. As Escrituras dizem: “Digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém [...] nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros, tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada...” (Rm 12.3,5-6). Para usar nossos dons com sabedoria, precisamos conhecer os nossos limites.

É tolo acreditar que conseguimos dar conta de um ministério cada vez maior. Isso nos prejudica e, no fim, prejudicará também a outros. Isso era uma parte importante da preocupação de Jetro. Moisés não era o único que estava ficando cansado; as pessoas também estavam cansadas. Jetro disse: “Sem dúvida, desfalecerás, tanto tu como este povo que está contigo” (18.18a). Já que Moisés era o único juiz, as pessoas precisavam esperar o dia todo para receber a sua atenção. Havia sempre uma fila longa de pessoas querendo vê-lo.

Hoje as pessoas enfrentam, muitas vezes, o mesmo problema na igreja. Como os membros de uma igreja podem receber o cuidado pastoral que precisam? Existe um pastor que os conhece o bastante para ajudar de verdade? Existem obstáculos significativos ao cuidado pastoral eficaz, especialmente numa igreja grande. Certa vez, calculei que, se eu almoçasse todos os dias da semana com um dos membros da minha igreja, eu levaria seis anos para fazê-lo com a congregação inteira. A essa altura, já teria centenas de membros novos para conhecer. Como, então, uma igreja pode fornecer o tipo de cuidado pastoral que os seus membros necessitam?

Uma nova forma de governo

Jetro tinha a solução. Um general do exército a reconheceria como a velha estratégia militar de dividir e conquistar. Um economista a chamaria de divisão de trabalho. A Bíblia também tem um nome para ela. Chama-se

presbiterianismo, o governo espiritual do povo de Deus por meio de um grupo representativo de homens piedosos, chamados de “anciãos” pelos israelitas. No Novo Testamento, são conhecidos como presbíteros, da palavra grega presbuteros (p. ex., At 20.17; Tt 1.5-6; 1Pe 5.1), que também significa “ancião”. Daí o termo presbiterianismo.

Em seu papel de consultor executivo de Israel, Jetro sugeriu uma nova forma de governo. Era, em parte, um sistema jurídico, uma forma de resolver casos legais, com Moisés ocupando a função de supremo juiz. Era também um plano para fornecer cuidado pastoral ao povo de Deus.

Jetro começou preservando o papel do profeta. Disse a Moisés: “Ouve, pois, as minhas palavras; eu te aconselharei, e Deus seja contigo; representa o povo perante Deus, leva as suas causas a Deus, ensina-lhes os estatutos e as leis e faze-lhes saber o caminho em que devem andar e a obra que devem fazer” (18.19-20). Jetro não estava tentando afastar seu genro de seu chamado. Moisés continuaria sendo o profeta. Ele continuaria a servir como mediador da aliança, como representante de Israel entre Deus e seu povo. Ele poderia continuar a ensinar a lei de Deus para a vida diária. Ele ensinaria as pessoas a “andar”. Por meio da exposição da Palavra de Deus e do exemplo de sua própria vida, Moisés continuaria a guiar os israelitas em sua peregrinação. Nada disso mudaria.

Mas Jetro também entendeu que Moisés precisava de ajuda, por isso, apresentou-lhe um plano para governar Israel por meio do governo dos anciãos. Sua proposta foi esta:

Procura dentre o povo homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza; põe-nos sobre eles por chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez; para que julguem este povo em todo tempo. Toda causa grave trarão a ti, mas toda causa pequena eles mesmos julgarão; será assim mais fácil para ti, e eles levarão a carga contigo. Se isto fizeres, e assim Deus to mandar, poderás, então, suportar; e assim também todo este povo tornará em paz ao seu lugar. (18.21-23)

O plano de Jetro era bom. Pedia a seleção de líderes espirituais sábios que ajudariam Moisés a governar o povo. Esses homens responderiam a perguntas

espirituais cotidianas e resolveriam disputas pessoais rotineiras. Mas sempre que os anciãos precisassem de ajuda, eles se consultariam com Moisés, que trataria de todos os casos difíceis. Isso preservaria sua autoridade profética, dando-lhe ao mesmo tempo a ajuda necessária para pastorear o rebanho de Deus. Como explica Maxie Dunnam: “não era uma questão de tirar a liderança de Moisés; era uma questão de reorganizar e delegar liderança de tal modo que outras pessoas pudessem ajudar a sustentar o fardo”.1

Liderança espiritual

A proposta de Jetro se baseava em três princípios vitais para a liderança espiritual. Em primeiro lugar, líderes espirituais precisam ser maduros. Israel precisava de homens capazes de dar conta da tarefa, por isso, Jetro instruiu Moisés a ser exigente: “Procura [...] homens capazes” (18.21). Aqui, a palavra “procurar” significa reconhecer ou discernir. Se quisesse líderes sábios para o povo, ele precisaria escolher com sabedoria.

Quais eram as qualificações específicas que eles precisariam ter? Jetro não disse nada sobre a experiência profissional desses homens ou sobre seu fundamento educacional, nem mesmo sobre quanto ganhavam. As qualificações que ele citou não eram de natureza nem financeira nem intelectual, mas moral e espiritual. Moisés deveria escolher homens “tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza” (18.21).

A primeira qualificação dizia respeito ao relacionamento do homem com Deus. Um bom ancião é um homem que teme a Deus, que o reverencia e procura honrá-lo em tudo o que faz. Esse tipo de homem tem um zelo santo pelo nome de Deus. Em vez de buscar realizar sua própria agenda ou ter medo daquilo que as pessoas possam pensar, seu desejo maior é promover a glória de Deus. Isso significa que ele está disposto a, quando necessário, dar conselhos às pessoas que elas não queiram ouvir e tomar decisões com as quais possam não concordar. É preciso um homem temente a Deus para fazer isso. Um homem que teme a Deus também conhece o segredo de toda a sabedoria. As Escrituras dizem: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Sl 111.10a).

A outra qualificação dizia respeito ao seu relacionamento com outros. Um bom ancião é “confiável”. Ele cumpre seus compromissos. Ele é caracterizado por

honestidade e integridade. Sobretudo, não é ganancioso nem busca o lucro pessoal. A razão para isso é evidente. Quando um dos anciãos de Israel trabalhava para resolver várias disputas, os partidos adversários tentavam convencê-lo a decidir a seu favor. Alguns tentavam lisonjeá-lo, outros recorriam até mesmo a subornos. Apenas um homem que odiava o lucro desonesto não permitiria que o curso da justiça fosse corrompido.

O segundo princípio fundamental é que a liderança espiritual precisa ser representativa. Em outras palavras, líderes precisam ser escolhidos de todos os âmbitos da comunidade espiritual. Jetro instruiu Moisés a escolher homens capazes "dentre o povo" (18.21). Não deveria escolher anciãos dentre seus amigos ou dentre um grupo específico de israelitas, mas dentre toda a nação. Uma vez escolhidos, Moisés deveria colocá-los "sobre eles por chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez" (18.21). Assim, toda a nação seria organizada de forma prática para receber cuidado espiritual.

Aprendemos mais sobre esse processo de seleção no livro de Deuteronômio. Aparentemente, os anciãos só foram escolhidos após os israelitas partirem do monte Horebe, após Deus lhes ter dado os Dez Mandamentos. Moisés começou dizendo ao povo: "Tomai-vos homens sábios, inteligentes e experimentados, segundo as vossas tribos, para que os ponha por vossos cabeças" (Dt 1.13). O próprio povo pôde nomear seus anciãos. Mas era o profeta, que agia como representante de Deus, que delegava a eles suas posições de liderança espiritual. A autoridade última pertencia a Moisés, que, mais tarde, diria: "Tomei, pois, os cabeças de vossas tribos, homens sábios e experimentados, e os fiz cabeças sobre vós" (Dt 1.15a).

Israel tinha uma forma representativa de governo espiritual, mas não era uma democracia. Podemos apenas imaginar como teria sido desastroso se os israelitas tivessem sido governados pela vontade do povo! Imagine o que teria acontecido ao chegarem ao mar Vermelho, ou ao ficarem sem água, ou ao serem atacados pelos amalequitas. Em cada um desses casos, o resultado teria sido um desastre completo, e os israelitas jamais teriam alcançado a Terra Prometida – simplesmente porque o povo de Deus não é capaz de governar a si mesmo. Sempre precisamos de uma liderança espiritual nomeada divinamente – representantes chamados por Deus.

O terceiro princípio para a liderança espiritual é que ela precisa ser compartilhada. Este era o objetivo principal de Jetro. O trabalho era de mais para

um único homem, mas, uma vez que os anciãos fossem selecionados, eles ajudariam Moisés a carregar o peso. Juntos, eles julgariam o povo. Na verdade, já que os anciãos eram homens piedosos e sábios, eles dariam conta de grande parte do trabalho, o que resolveria o problema original. “Será assim mais fácil para ti”, Jetro disse, “e eles levarão a carga contigo” (18.22b).

É óbvio que o conselho que Jetro deu a Moisés para tornar seu ministério mais eficiente e eficaz era sensato. Alguns estudiosos, porém, têm criticado que esse plano para reorganizar Israel não veio diretamente de Deus, mas sim por meio de um mero humano (e, para piorar, de um midianita). No entanto, isso não representa uma dificuldade real. Sempre há lugar para cautela prática na vida espiritual. Deus nos deu muita liberdade na vida e no ministério. Muitas das decisões que enfrentamos envolvem considerações práticas que não são explicitamente tematizadas na Bíblia. Às vezes, Deus usa outras pessoas – até mesmo nossos sogros – para nos ajudar a reconhecer o que devemos fazer. Às vezes, recebemos conselhos valiosos de novos cristãos como Jetro, ou até mesmo de pessoas que nem são cristãs.

A chave é testar a sabedoria humana com o padrão perfeito da Palavra de Deus. O conselho que as pessoas estão dando está em harmonia com os princípios bíblicos? Jetro, por sua parte, teve o cuidado de não dar quaisquer ordens ao profeta de Deus que contrariassem o mandamento de Deus. Em vez disso, ele encorajou Moisés a garantir que seu conselho correspondesse à vontade de Deus. Disse: “Ouve, pois, as minhas palavras; eu te aconselharei, e Deus seja contigo” (18.19). Jetro estava submetendo seu conselho à bênção de Deus. E continuou: “Se isto fizeres, e assim Deus to mandar, poderás, então, suportar” (18.23). Alguns estudiosos veem essa declaração como ordem. Traduzem esse versículo assim: “Se isto fizeres – Deus te ordena”.2 Mas Jetro não estava em nenhuma posição para dar ordens ao profeta de Deus. Antes, sujeitou seu próprio conselho prático à perfeita vontade de Deus.

Deus deve ter confirmado a sabedoria do conselho de Jetro, pois as Escrituras dizem: “Moisés atendeu às palavras de seu sogro e fez tudo quanto este lhe dissera. Escolheu Moisés homens capazes, de todo o Israel, e os constituiu por cabeças sobre o povo: chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez. Estes julgaram o povo em todo tempo; a causa grave trouxeram a Moisés e toda causa simples julgaram eles” (18.24-26). Isso mostra que Moisés estava disposto a aprender. Como parte de sua submissão a Deus, ele estava disposto a aceitar um bom conselho prático para o seu ministério. Após aceitá-lo, “se

despediu Moisés de seu sogro, e este se foi para a sua terra" (18.27). Sem dúvida alguma, Moisés sempre se lembrou desse bom homem com gratidão profunda, pois seu plano o ajudou a suportar o desgaste do ministério e, assim, satisfazer o povo de Deus.

Governo da igreja

A história de como Israel se organizou levanta uma óbvia pergunta prática: Como o povo de Deus deve ser governado hoje? Os princípios dessa passagem se aplicam também à igreja? E se a resposta for positiva: Como eles se aplicam?

A primeira coisa a observar é uma diferença crucial: não temos mais um profeta como Moisés. Não precisamos mais dele porque Deus enviou seu Filho para ser nosso Salvador. Primeiro, Jesus Cristo morreu na cruz por nossos pecados. Depois Deus o ressuscitou dentre os mortos. Agora ele é nosso Profeta, aquele que nos revela a vontade de Deus. Como Deus, o Pai, disse aos primeiros discípulos: "Este é o meu Filho amado; a ele ouvi" (Mc 9.7). Isso é uma grande vantagem para nós, pois, diferentemente de Moisés, Jesus nunca se cansa. Ele já carregou todo o peso do nosso pecado e agora é mais do que capaz de carregar o fardo diário das nossas necessidades espirituais.

A maneira como Jesus nos ensina a vontade de Deus não é por meio de alguma nova revelação, mas por seu Espírito que fala nas Escrituras. Isso é lindamente explicado no prefácio de The Book of Church Order of the Presbyterian Church in America, que anuncia: "Jesus, o Mediador, o único Sacerdote, Profeta, Rei, Salvador e Cabeça da Igreja, contém em si mesmo, em virtude de sua eminência, todos os ofícios em sua Igreja [...] Ele está presente com a Igreja por meio de sua Palavra e de seu Espírito, e os benefícios de todos os seus ofícios são efetivamente aplicados pelo Espírito Santo".3 Este é o fundamento de todo governo eclesiástico: apenas Jesus é o Cabeça supremo da igreja e ele exerce sua autoridade por meio do Espírito e da Palavra.

Mas há mais. Segundo as Escrituras, Jesus Cristo chamou determinados homens para providenciar instrução bíblica e cuidado espiritual em seu lugar. Book of Church Order explica: "Cabe à sua Majestade, do trono de sua glória, governar e instruir a Igreja por meio de sua Palavra e de seu Espírito por meio do ministério de homens; exercendo, assim, por esses mediadores, sua própria autoridade e

impondo suas próprias leis, para a edificação e o estabelecimento do seu reino" (grifo meu). Em outras palavras, hoje, Jesus exerce sua autoridade por meio da igreja, especificamente por meio de seus pastores e presbíteros.

Primeiro, existe o trabalho do pastor, que, em igrejas presbiterianas, é chamado presbítero docente. Em muitos sentidos, seu trabalho é análogo ao de Moisés. Sua tarefa primária é ensinar a Bíblia, tanto em público quanto em particular. Mas não basta simplesmente saber o que a Bíblia diz; os cristãos precisam também fazer o que Deus ordena. Assim, o pastor mostra ao povo de Deus como deve viver, como pôr em prática o que está aprendendo.

Se os pastores tentassem fazer todo o trabalho sozinhos, eles rapidamente teriam os mesmos problemas que Moisés enfrentou. O trabalho os esmagaria, o que seria ruim para eles e ruim para a igreja. Mas Deus providenciou também homens piedosos para compartilhar o trabalho. Nas igrejas presbiterianas, esses homens são chamados presbíteros regentes. Em Romanos 12.8, governança (ou liderança) é identificada como um dos dons espirituais. Então, 1Timóteo 5.17 diz: "Devem ser considerados merecedores de dobrados honorários os presbíteros que presidem bem, com especialidade os que se afadigam na palavra e no ensino". Esse versículo ensina que os presbíteros são chamados para governar a igreja. Também parece distinguir entre pastores, responsáveis pela maior parte do ensino, e os outros presbíteros, que compartilham o peso do cuidado espiritual.

Essa forma de governo da igreja segue os mesmos princípios básicos de liderança espiritual que Jetro recomendou a Moisés. Em primeiro lugar, a liderança espiritual precisa ser madura. Em 1Timóteo 3 e Tito 1, o Novo Testamento apresenta listas minuciosas com as qualificações dos presbíteros. Essas listas são mais extensas do que a lista que Jetro deu a Moisés, mas a ênfase é a mesma. Presbíteros precisam ser homens piedosos e confiáveis. Portanto, toda pessoa que queira ser presbítero precisa aprender a temer a Deus e não os homens e demonstrar que é um homem confiável para liderar um ministério. Sem esses homens, a igreja não conseguirá cumprir seu chamado de alcançar o mundo para Jesus Cristo.

Em segundo lugar, a liderança espiritual precisa ser representativa. Os presbíteros devem ser nomeados pelo povo de Deus de todos os âmbitos da congregação. No fim, suas qualificações precisam ser confirmadas por aqueles que já servem como presbíteros, mas a congregação ajuda a reconhecer seu

chamado. A Décima Igreja Presbiteriana na Filadélfia é dividida em igrejas locais organizadas geograficamente. Cada igreja nomeia seus próprios presbíteros. Também queremos ter presbíteros que representem a diversidade étnica e profissional da congregação. Como os antigos israelitas, queremos ter presbíteros “dentre o povo” (18.21).

Em terceiro lugar, a liderança espiritual deve ser compartilhada. Presbíteros docentes e regentes são juntamente responsáveis para fornecer o cuidado espiritual para a igreja local. Liderança compartilhada é a essência do presbiterianismo, que é a forma geral do governo da igreja ensinada nas Escrituras.

O governo da igreja pode não parecer um assunto importante. Reconheço que outros aspectos do cristianismo são mais centrais. Seria um erro dar tanta atenção à organização da igreja a ponto de negligenciarmos a obra salvadora de Jesus Cristo, que é a coisa mais importante de todas. Mas o governo da igreja é importante. Precisa ser importante porque é ensinado na Bíblia, inclusive em Êxodo 18. Por que essa passagem foi incluída na Bíblia se não para, em parte, ensinar os princípios básicos da liderança e autoridade espiritual? Além do mais, um governo saudável da igreja é essencial para o bem-estar da igreja. Sem líderes adequados que liderem no caminho certo, a obra do evangelho falhará.

Cada cristão tem a responsabilidade de promover o bom governo da igreja. Os líderes espirituais fazem isso liderando. Infelizmente, porém, pastores e presbíteros tendem a cometer um de dois erros. Ou são tímidos demais no exercício de sua autoridade espiritual ou tentam reivindicar uma autoridade maior para si mesmos do que aquela que lhes foi dada por Cristo. Roger Beardmore escreve:

Estamos testemunhando hoje em círculos evangélicos o abuso da autoridade eclesiástica em duas direções. Existe, de um lado, uma abdicação da autoridade da igreja por alguns. Confrontados com o espírito individualista e antinomiano do nosso tempo, oficiais covardes da igreja se recusam a exercer a supervisão bíblica confiada a eles por Cristo. Em muitos círculos, a pregação autoritativa e a disciplina corretiva da igreja estão conspicuamente ausentes. Igualmente perigosa, porém, é a tendência, de outros, de reagir excessivamente a essa frouxidão. Os líderes da igreja perdem de vista a linha tênue entre a virtude do

conselho e orientação bíblica e o vício de usurpar controle sobre a consciência [...] Conselho se transforma em controle; controle, em coerção; e coerção, em tirania sobre a consciência.4

A maneira de evitar esses erros é exercendo autoridade de forma piedosa. Presbíteros tímidos devem se lembrar que foram chamados para promover a honra de Cristo. Presbíteros que amam governar devem ter o cuidado de fazê-lo com ternura, liderando pela persuasão e pelo exemplo.

Seguidores devem seguir. Devemos buscar a instrução dos nossos pastores e a sabedoria dos nossos presbíteros. É obrigação de cada membro da igreja honrar a Deus, submetendo-se à autoridade espiritual. Infelizmente, muitos cristãos são como os israelitas: nós nos reservamos o direito de reclamar se a nossa vontade não é feita. Às vezes, até nos revoltamos contra a autoridade espiritual na igreja. Somos chamados para honrar o plano de Deus para o nosso cuidado espiritual, que ele providenciou para o nosso próprio benefício. Observe o apelo ao interesse próprio no final do mandamento da Bíblia: “Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros” (Hb 13.17).

Quando a Bíblia diz “obedecei [...] e sede submissos”, é isso que ela quer dizer. A palavra grega traduzida como “obedecer” (peiqo) significa persuasão. Significa ter mente e coração abertos para aquilo que nossos pastores e presbíteros ensinam e aconselham, para que aquilo que eles dizem nos convença. Submeter-se significa ceder. Nossa inclinação natural é resistir à autoridade, especialmente quando discordamos. Mas Deus nos chama para abrirmos mão da nossa própria vontade, colocando-nos sob a direção dos nossos líderes espirituais.

A Bíblia também ordena que devemos amá-los. No final de 1Tessalonicenses, o apóstolo Paulo lança o seguinte apelo: “Agora, vos rogamos, irmãos, que acateis com apreço os que trabalham entre vós e os que vos presidem no Senhor e vos admoestam; e que os tenhais com amor em máxima consideração, por causa do trabalho que realizam. Vivei em paz uns com os outros” (1Ts 5.12-13). É difícil amar alguns pastores e presbíteros; mesmo assim, temos a responsabilidade perante Deus de amá-los. A razão é seu trabalho: são servos de Deus. Por isso,

nós os amamos e lhes obedecemos, não porque temos muita confiança neles, mas porque temos confiança plena em Jesus Cristo. Ele é o Senhor da igreja e, por isso, estamos dispostos a nos submeter ao seu plano para o seu governo.

Às vezes, é mais fácil criticar a igreja do que obedecer os seus líderes. Pastores e presbíteros são seres humanos caídos como todos os outros, e todos eles têm as falhas comuns do resto da humanidade. Mas o que quer que digamos sobre a igreja, devemos sempre nos lembrar disto: apesar de toda a sua fraqueza, é a única instituição que, segundo a promessa de Deus, prevalecerá até o fim dos tempos (Mt 16.18). Pois a igreja é a única organização no mundo que é governada pelo próprio Filho de Deus.

Notas

1 Maxie D. Dunnam, Exodus, The Communicator's Commentary (Waco, TX: Word, 1987), p. 229.

2 Peter Enns, Exodus, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2000), p. 372.

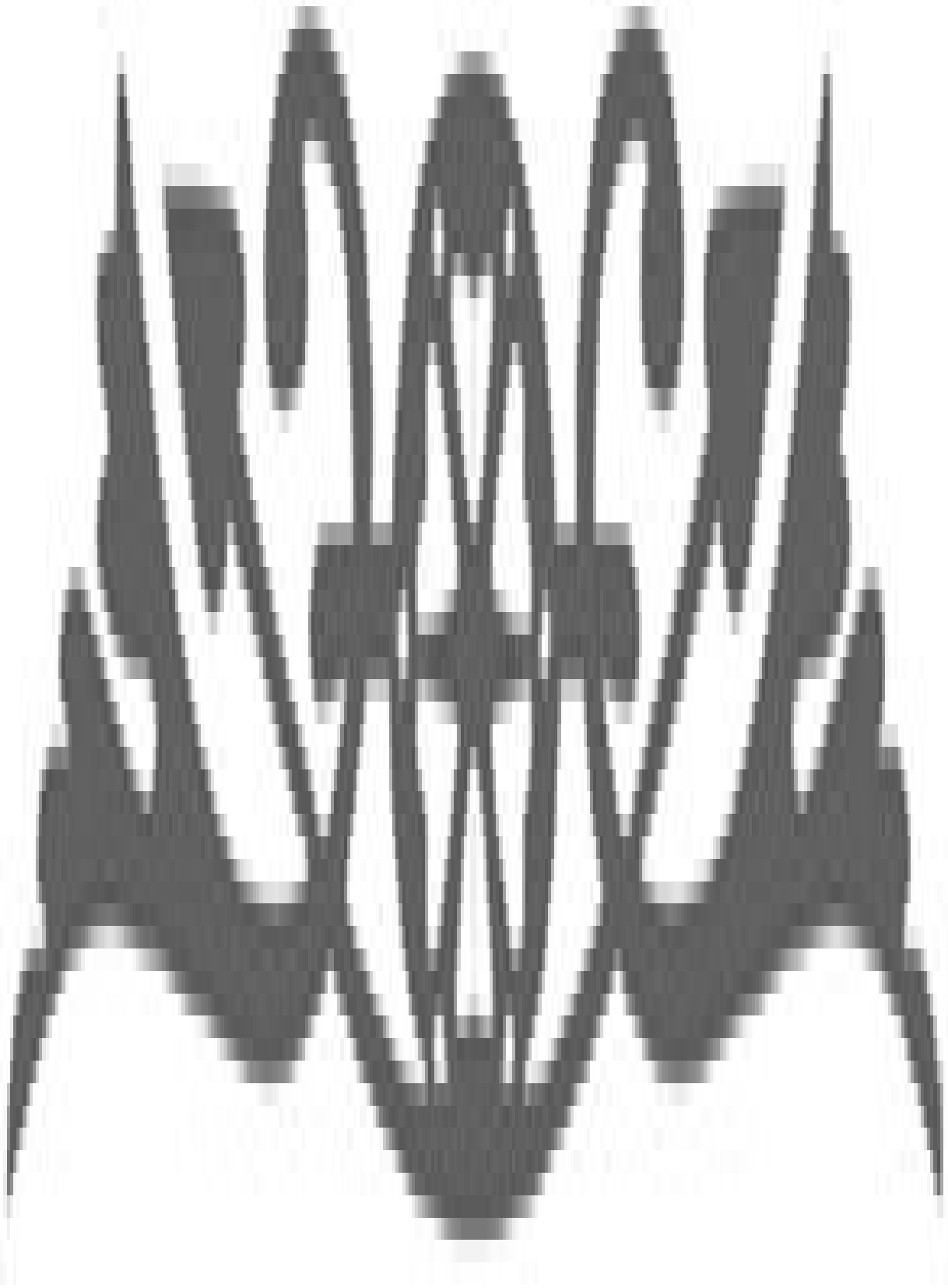
3 The Book of Church Order of the Presbyterian Church in America, 5 ed. (Atlanta: Committee for Christian Education and Publications, 1990).

4 Roger Beardmore (org.), Shepherding God's Flock (Harrisonburg, VA: Sprinkle, s.d.), p. 105-6.

43

Reino de sacerdotes

Êxodo 19.1-6



Sob a liderança de Moisés, os israelitas escaparam da escravidão, atravessaram o mar e o deserto. Três meses depois, chegaram à montanha de Deus. Sua chegada foi o cumprimento da promessa de Deus, pois, quando Deus se revelou pela primeira vez a Moisés na sarça ardente, ele disse: “Eu serei contigo; e este será o sinal de que eu te enviei: depois de haveres tirado o povo do Egito, servireis a Deus neste monte” (3.12). Se restava qualquer dúvida, se Moisés estava ou não servindo ao Deus certo, essa questão estava agora resolvida. Deus havia mostrado o sinal ao seu povo. Ele havia cumprido a sua promessa. Ele trouxera todos eles para adorar em seu santo monte.

No alto da montanha de Deus

A chegada de Israel à montanha de Deus é um dos pontos altos de Êxodo. Marca a realização do plano de Deus de salvar um povo para a sua glória. Marca também o início de uma nova fase na relação da aliança de Deus com seu povo. Assim, Êxodo 19 começa com uma introdução formal que especifica tempo e lugar: “No terceiro mês da saída dos filhos de Israel da terra do Egito, no primeiro dia desse mês, vieram ao deserto do Sinai. Tendo partido de Refidim, vieram ao deserto do Sinai, no qual se acamparam; ali, pois, se acampou Israel em frente do monte” (19.1-2).

Qual era a montanha? Aqui, a Bíblia diz simplesmente “o monte”. Mais adiante no capítulo, é identificado como monte Sinai. O problema é que há montanhas espalhadas por toda a península do Sinai. É possível fazer uma identificação mais específica?

Alguns estudiosos acreditam que a montanha esteja localizada em algum lugar ao noroeste de Arábia, próximo ao Golfo de Ácaba, na região que, antigamente, era chamada terra de Midiã.1 Essa localização parece se harmonizar com a referência do apóstolo Paulo ao “monte Sinai na Arábia” (Gl 4.25). No entanto, na época em que Paulo escrevia, a província romana da Arábia incluía praticamente toda a península do Sinai. Assim, continua a fazer sentido procurar a montanha de Deus em algum lugar no próprio Sinai.

Talvez a montanha ficasse em algum lugar ao norte, perto de Cades-Barneia. A

montanha chamada Har Karkom é sugerida com frequência como possibilidade, em parte porque apresenta um platô onde os anciãos de Israel poderiam ter adorado. Mas o local tradicional se situa muito mais ao sul, numa montanha de 2.700 metros de altura, que os nômades chamam de Jebel Musa, a Montanha de Moisés. Jebel Musa é para onde vão os peregrinos. É também onde fica o monastério de Santa Catarina (apesar de este ter sido construído apenas no 6º século). Elevando-se diretamente do solo do deserto, a montanha oferece uma vista impressionante. Nas palavras de um visitante no século 19, "entre todas as obras estupendas da natureza, não há lugar mais apropriado que pudesse ser escolhido para exibir o poder do Todo-Poderoso".2

Essas são apenas algumas das muitas tentativas de uma identificação definitiva. Não existem, porém, até hoje, evidências bíblicas ou arqueológicas conclusivas para resolver a disputa. Podemos supor que, se fosse importante sabermos, a Bíblia teria sido mais específica. O que é incontestável é que Moisés guiou o povo de Deus até uma montanha específica em algum lugar no deserto. Lá, os israelitas montaram suas tendas e olharam para os rochedos acidentados que se levantavam do deserto. Eles permaneceriam ali pelo restante do Êxodo – primeiro para a entrega da lei, depois para a construção do tabernáculo.3 E lá, naquele lugar solitário, eles encontraram o Deus vivo.

Moisés foi o primeiro a se encontrar com ele. Ele havia encontrado Deus nessa montanha antes, e, assim que chegou, escalou a montanha para encontrá-lo novamente. As Escrituras dizem: "Subiu Moisés a Deus" (19.3). Moisés teve de subir, porque Deus é alto e exaltado. Fato é que o topo de uma montanha é o lugar apropriado para encontrá-lo. Montanhas testificam a transcendência de Deus, a sua majestade suprema. As Escrituras dizem que a "justiça é como as montanhas de Deus" (Sl 36.6a).

Sobre asas de águia

A montanha era um lugar para o povo se encontrar com Deus, era também um lugar para Deus falar com seu povo. Moisés era o mediador, aquele que representava Israel perante Deus. Para se comunicar com seu povo, Deus falou ao seu profeta: "Subiu Moisés a Deus, e do monte o Senhor o chamou e lhe disse: Assim falarás à casa de Jacó e anunciarás aos filhos de Israel" (19.3). Era um discurso formal, como indica o estilo linguístico. Deus se dirigiu ao seu povo

usando seus títulos corretos, pois ele estava apresentando os termos de seu relacionamento. Para usar o termo bíblico, ele estava renovando a aliança, seu compromisso contratual de amor com seu povo.

As palavras que seguem são, às vezes, descritas como o coração do Antigo Testamento. Nelas, Deus descreve o que havia feito para salvar seu povo. Ele também lhes diz o que esperava deles, revelando seus desejos mais profundos para o seu destino último. Deus disse:

Tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia e vos cheguei a mim. Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel. (19.4-6)

Nesse discurso – que abarca o passado, o presente e o futuro – Deus lembrou Israel daquilo que ele havia feito para libertá-lo. Também lhe disse por que ele o fizera e quais planos ele tinha para o futuro de seu povo. Todo o resto no Antigo Testamento – na verdade, todo o resto da História humana – pode ser explicado em termos do relacionamento da aliança descrito nesses versículos.

Deus começou lembrando seu povo daquilo que ele tinha feito por eles: “Tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia e vos cheguei a mim” (19.4). Esse resumo da salvação menciona três fases distintas na peregrinação de Israel: a retirada, a elevação e a aproximação.

Primeiro havia o que Deus fizera no Egito. Ele humilhou os deuses de Faraó um após o outro, atacando-os com 10 pragas terríveis. Depois, afogou o exército de Faraó no mar. Dessa forma ele tirou seu povo da escravidão.

Em seguida, Deus elevou seu povo em “asas de águia”. Essa linda imagem é ricamente simbólica. A águia é uma ave de rapina feroz. Ela ataca seus inimigos da mesma forma como Deus atacou o Egito. É também uma ave de resgate. Isso é retratado de forma maravilhosa em O Hobbit, de J. R. R. Tolkien. Em dois momentos diferentes, os heróis são resgatados por águias. A segunda vez ocorre próximo do final, quando estão cercados por bandos de ogros. Justamente no

momento em que tudo parece perdido, um deles “soltou um grande grito: ele havia visto algo que fez seu coração saltar, formas escuras e pequenas, mas majestosas perante o brilho distante. ‘As águias! As águias!’ ele gritou. ‘As águias estão vindo!’”.4

As asas de águias representam também o cuidado tenro e protetor de Deus. A mesma imagem aparece novamente em Deuteronômio 32, em que Moisés canta o amor de Deus por seu povo. Nesse cântico de amor, é evidente que Deus está falando de como ele cuidou de Israel no deserto:

Porque a porção do

Senhor

é o seu povo;

Jacó é a parte da sua herança.

Achou-o numa terra deserta

e num ermo solitário povoado de uivos;

rodeou-o e cuidou dele,

guardou-o como a menina dos olhos.

Como a águia desperta a sua ninhada

e voeja sobre os seus filhotes,

estende as asas e, tomando-os,

os leva sobre elas. (Dt 32.9-11)

A imagem é de uma águia-mãe que cuida de seus filhotes. Os filhotes de uma águia são especialmente indefesos e permanecem no ninho por até 100 dias. Então, como explica um comentarista: “quando chega a hora de as aves jovens

deixarem o ninho e de aprenderem a voar, a águia remexe o ninho, mas não abandona a sua cria. Se os filhotes tiverem dificuldades, a mãe voa por baixo deles e os leva em suas asas de volta para a segurança".5 Foi exatamente isso que Deus fez pelo seu povo no deserto. Eles haviam sido libertos da escravidão, mas eram vulneráveis e suscetíveis à fome e ao ataque de seus inimigos. Assim, Deus os elevou sobre suas asas poderosas, dando-lhes comida e vitória na batalha.

A última coisa que Deus fez pelo seu povo foi trazê-lo para si. Ele o levou para a sua montanha sagrada, onde o povo o adoraria em toda a sua majestade. O propósito do êxodo não era apenas tirar Israel do Egito; era aproximar Israel de Deus. Isso sempre acontece na salvação. A salvação nunca é um fim em si mesma. Há sempre algo maior, a saber, o próprio Deus e a nossa comunhão com ele.

Essa era a história do relacionamento de Deus com seu povo Israel. Ele o libertou do Egito, ajudou-o a atravessar o deserto e o salvou para si mesmo. Já que os israelitas haviam visto tudo isso com seus próprios olhos, Deus apelou a eles como testemunhas oculares: "Tendes visto o que fiz" (19.4).

O que você viu Deus fazer? Cada cristão tem visto Deus fazer essencialmente as mesmas coisas que ele fez nos dias de Moisés, pois a salvação de Israel é o padrão para a salvação em Jesus Cristo. Desde então, ele tem nos carregado sobre suas asas de águia. Ele providencia tudo de que necessitamos e, sempre que corremos o perigo de cair, ele nos pega e nos eleva novamente. Ao mesmo tempo, Deus está nos atraindo para o abraço do seu amor. Deus nos tirou, e agora ele está nos levantando e aproximando a si mesmo, para que sempre possamos ter convicção quanto ao seu amor.

O laço de amor

Dizem, às vezes, que o passado é apenas prólogo. Isso é verdade na vida cristã. O que Deus tem feito para nós na História é o fundamento para aquilo que ele espera de nós hoje. Sua poderosa obra de salvação sempre exige uma resposta. Assim, após lembrar seu povo como foi salvo, Deus procedeu e estabeleceu os termos de seu relacionamento no futuro: "Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança" (19.5a). O que Deus exigia

era nada menos do que obediência plena, a observação da sua aliança.

O que significa “guardar a minha aliança”? Essa é a primeira vez que a Bíblia usa exatamente essa expressão. A aliança era a promessa inquebrável do amor de Deus por seu povo. Ele fez sua aliança com Abraão, prometendo dar-lhe uma terra e um povo que seria uma bênção para o mundo inteiro. Ele confirmou sua aliança com Isaque e Jacó. Depois, a fim de cumprir sua promessa (2.24; 6.4-5), ele tirou seu povo do Egito. Êxodo é a história do Deus que se lembra da sua aliança.

Até agora, o que a aliança exigia principalmente do povo de Deus era fé – fé na promessa da aliança de Deus. Mas, já que era um relacionamento mútuo, ela exigia também obediência – obediência à vontade revelada de Deus. Agora, Deus estava prestes a desdobrar em mais detalhes o que a aliança exigia em termos de obediência pessoal. No capítulo 20, ele lhes dará sua lei na forma dos Dez Mandamentos. Então, nos capítulos seguintes, ele aplicará seus mandamentos a variadas situações na vida. Tudo isso faz parte da observância da aliança com Deus.

Antes mesmo de entrar nos detalhes, Deus revelou a Moisés a essência daquilo que ele exigia, que era uma obediência plena. Essa é a coisa principal. Toda pessoa que queira desfrutar da comunhão com Deus precisa assumir esse compromisso básico de fazer tudo o que Deus diz. Uma vez que esse compromisso foi assumido, o resto é “apenas detalhes”. A decisão de fazer o que Deus exige já foi tomada; agora resta apenas descobrir o que Deus exige. Assim Deus começou com o compromisso básico de fazer o que ele diz: “Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança” (19.5a).

Entenda que essa declaração foi feita a pessoas que já haviam sido salvas. Os israelitas haviam sido libertos da escravidão e remidos pelo sangue do cordeiro pascal. Isso é essencial para entender como a lei de Deus funciona na vida cristã. A ordem do êxodo é importante. Primeiro, Deus libertou seu povo da escravidão, depois lhe deu a sua lei. Imagine o que teria acontecido se a ordem tivesse sido invertida. Suponhamos que Deus tivesse dito a Moisés: “Diga ao meu povo: Se vocês me obedecerem plenamente e guardarem a minha aliança, eu os tirarei do Egito sobre asas de águia”. Nesse caso, nunca teria ocorrido qualquer êxodo. O povo de Deus continuaria em escravidão por causa de sua incapacidade de observar a aliança com Deus. Mas Deus é um Deus de graça. Assim, ele primeiro salvou seu povo, depois ele o chamou para obedecer a sua lei. A

história do êxodo nos ajuda, assim, a compreender a função da lei na vida cristã. Primeiro Deus nos resgata do nosso pecado; depois ele nos ensina a viver para a sua glória. Se a obediência pessoal viesse em primeiro lugar, jamais seríamos salvos. Fato é, porém, que Deus nos salva em Cristo antes de nos chamar para viver para Cristo.

Ao mesmo tempo, contudo, precisamos reconhecer que a promessa de Deus veio com uma condição. Deus disse: “Se diligentemente ouvirdes a minha voz [...] então, sereis a minha propriedade peculiar” (19.5). Como devemos entender isso? Se Israel havia sido salvo pela graça, por que, então, Deus impôs que seu destino dependeria de suas obras? Eles podiam perder a salvação?

Uma maneira comum de responder a essa pergunta é dizer que, apesar de a salvação última de Israel estar segura, o povo precisa observar a aliança a fim de desfrutar da plenitude da bênção de Deus. John Mackay escreve: “O povo já havia sido liberto pela graça e pelo poder divinos. Os israelitas não receberam a lei para salvar a si mesmos, mas para que pudessem continuar a desfrutar a salvação que já haviam recebido”.6 Existe verdade nisso. A aliança é um relacionamento de amor, mas como alguém pode experimentar intimidade com Deus e, ao mesmo tempo, violar a sua lei? Ou, para citar a própria natureza do caso, não podemos ter comunhão com Deus enquanto nos rebelamos contra ele.

No entanto, precisamos levar a sério a condição da aliança. Há mais em jogo aqui do que meramente desfrutar das bênçãos de Deus. Deus realmente exigiu a plena obediência de Israel. Aqui, precisamos nos lembrar que Êxodo 19 é parte do Antigo Testamento – ou seja, da antiga aliança. Assim, encontramos aqui uma condição que só foi cumprida quando Cristo veio ao mundo. Sim, até mesmo no Antigo Testamento a salvação ocorria pela graça por meio da fé. O êxodo é o exemplo supremo de como a salvação em Cristo foi inscrita na história de Israel. Mas Deus também deixou claro que a obediência plena – a perfeita observação da aliança – era exigida para a salvação. Como questão de sua justiça eterna, Deus exigia nada menos do que a perfeição. Em Êxodo, portanto, a lei é apresentada em todos os seus detalhes como condição da aliança.

Obediência perfeita era uma condição que o povo de Deus era incapaz de cumprir. Por causa de seu pecado, os israelitas nunca cumpriram suas obrigações na aliança. Mas enquanto lutavam e falhavam no cumprimento da lei de Deus, eles perceberam ainda mais sua necessidade de graça e esperaram um Salvador que fosse capaz de guardar a aliança de Deus. Estavam esperando por Jesus

Cristo, que é “o Mediador da nova aliança, a fim de que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados” (Hb 9.15). Jesus morreu também por nós, pois nós também violamos a aliança. Mas Cristo ofereceu obediência plena a Deus por nós e sofreu a penalidade que nós merecíamos por nossos pecados. A aliança de Deus é incondicional para nós apenas porque Cristo cumpriu todas as suas condições. Nós guardamos a aliança em Cristo.

Um povo precioso

A aliança que Deus fez com seu povo no monte Sinai veio com uma promessa de bênção para aqueles que obedecessem plenamente a ele. Deus disse: “Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa” (19.5-6).

Deus já havia dito aos israelitas quem ele era. Ele era o Deus da sua salvação, que os salvara para si mesmo. Agora, ele lhes disse quem eles eram. É assim que a aliança sempre funciona. É um relacionamento mútuo no qual Deus diz: “Eu serei vosso Deus, e vós sereis meu povo”. Em Êxodo 19, Deus começou dizendo ao povo que tipo de Deus ele era e, depois, disse-lhe que tipo de povo eles deveriam ser: um povo precioso com um propósito especial.

Era um povo precioso, ou, nas palavras de Deus, “minha propriedade peculiar” (19.5). O tesouro de Deus – este é um dos títulos mais nobres que toda pessoa pode receber. A palavra hebraica usada aqui (s#G%ll~) indica propriedade real. Na verdade, é a propriedade mais valorizada no tesouro pessoal de um rei. A mesma palavra é usada em 1Crônicas 29 para o presente que o rei Davi deu para a construção do templo. Ele já havia doado ao projeto parte de sua renda real. No entanto, ainda faltava algo. Assim, Davi disse: “E ainda, porque amo a casa de meu Deus, o ouro e a prata particulares que tenho dou para a casa de meu Deus” (1Cr 29.3).

A palavra que Davi usou para descrever sua reserva particular de ouro e prata e a palavra que Deus usou para descrever seu povo são a mesma. Israel era a propriedade real de Deus, sua posse mais valiosa. O que tornava essas pessoas tão preciosas? Eram extraordinariamente talentosas? Possuíam poder e prestígio?

Na época, os israelitas não eram e nem tinham nada disso, o que levou Ogden Nash a escrever seu famosa afirmação: “Como foi estranho Deus escolher os judeus”.

O que pode parecer estranho para alguns é, na verdade, para o louvor da graça soberana de Deus. Os israelitas foram salvos pela única razão de serem objeto da escolha pactual de Deus. Isso é explicado em Deuteronômio 7, em que Moisés volta a falar sobre o tesouro real, dizendo aos israelitas: “O Senhor, teu Deus, te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra” (Dt 7.6b). Por que Deus fez essa escolha? Moisés continuou: “Não vos teve o Senhor afeição, nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que qualquer povo, pois éreis o menor de todos os povos, mas porque o Senhor vos amava” (Dt 7.7-8a).

O que tornava o povo de Deus tão precioso não era o seu próprio valor intrínseco; era o valor que lhes havia sido conferido pelo amor de Deus. Israel era precioso não por causa daquilo que ele era, mas por causa daquilo que Deus era.

Em certo sentido, todos pertencem a Deus porque todos somos feitos à sua imagem. Deus derramou muitas de suas bênçãos sobre a humanidade em geral. “Toda a terra é minha” (19.5b), ele diz, mas Deus sempre reserva um lugar especial em seu coração para o seu próprio povo precioso. Apesar de não podermos negar sua benevolência universal, ela não pode ser comparada com o amor singular que ele tem apenas por seu próprio povo. Deus concedeu a Israel seu afeto singular, dizendo: “Sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos” (19.5a). Os israelitas eram o “povo peculiar” de Deus (Tt 2.14; 1Pe 2.9), as joias de sua coroa entre as nações.

Essa era a identidade de Israel. Era o povo precioso de Deus. Mas qual é a nossa identidade? Quem somos nós? Há momentos em que não nos sentimos muito preciosos. Lutamos para sobreviver ao dia. O estresse no trabalho nos esmaga, ou passamos todo o nosso tempo em casa com crianças pequenas. Jamais parecemos ter sucesso no emprego. Ficamos desanimados com conflitos e dificuldades no ministério. Lutamos contra doença e solidão. Mesmo quando parecemos dar conta de tudo, surgem momentos em que nos sentimos insatisfeitos e não realizados.

Quaisquer que sejam as nossas lutas, somos o tesouro de Deus, pois fomos

atraídos para perto de Deus por meio da fé em Jesus Cristo. O apóstolo Pedro tomou as palavras de Moisés e as aplicou diretamente à igreja de Jesus Cristo: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus” (1Pe 2.9a; cf. Ap 1.5b-6; 20.6). Cada cristão é precioso para Deus, amado com um amor singular e eterno. Nós merecemos isso? Não, mas Deus nos valoriza e nos vê como equivalentes ao sangue infinitamente precioso de seu próprio Filho. Pela graça da sua aliança eterna, ele nos ama mais profundamente do que jamais ousaríamos esperar ou imaginar. Somos sua “propriedade valorizada”.

Um propósito especial

O povo precioso de Deus tem um propósito especial. Somos chamados não só para a salvação, mas também para o serviço. Como Deus disse a Israel: “Vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa” (19.6). Mas o que é um “reino de sacerdotes”? Esse é o único texto no Antigo Testamento em que ocorre essa expressão, por isso, os estudiosos têm tido dificuldades para determinar sua interpretação exata.

“Reino de sacerdotes” parece ter um sentido duplo – um para Israel e um para o mundo. Dentro de Israel, significava que cada indivíduo no reino era chamado para servir e adorar a Deus. Mais tarde, Deus designaria os levitas para servirem como os sacerdotes oficiais de Israel. Os levitas tinham obrigações sacerdotais específicas. Ofereciam sacrifícios, lideravam na adoração e cuidavam do tabernáculo. Mas não eram os únicos israelitas chamados para o serviço de Deus. Deus queria um “reino de sacerdotes”, uma nação inteira de pessoas separadas para lhe dar glória. Então Israel seria uma “nação santa” – um povo separado para Deus e dedicado a servi-lo em todos os aspectos da vida. Esse foi um chamado que Deus deu ao seu povo repetidas vezes, para que fosse santo como ele (veja Lv 11.45; 19.1-2; 20.7,26).

O título “reino de sacerdotes” tinha também outro significado, este com implicações globais. Como nação inteira, os israelitas eram os sacerdotes de Deus para o mundo. Deus escolheu Israel com a intenção última de salvar o mundo. A English Standard Version transmite bem esse sentido: “Sereis minha propriedade preciosa entre todos os povos, pois toda a terra é minha” (19.5b). Isso deixa claro que o plano de Deus para Israel era parte de seu plano para o

mundo. Israel foi escolhido não só dentre as nações, mas também para as nações. Esse plano foi revelado pela primeira vez a Abraão, a quem Deus disse: “Em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12.3b). A nação santa de Israel fazia parte desse plano, pois, como o próprio Jesus disse: “A salvação vem dos judeus” (Jo 4.22). Os israelitas eram mediadores da graça divina e serviam como os sacerdotes de Deus para as nações. Ao adorar a Deus e viver na santidade da aliança, eles preservavam o tesouro da fé bíblica até a vinda do Salvador trazer salvação para o resto do mundo.

Quando o Salvador veio, ele nasceu como Rei dos judeus, mas ele não veio para salvar apenas os judeus. O Salvador veio para salvar o mundo, pois Deus disse: “Também te dei como luz para os gentios, para seres a minha salvação até à extremidade da terra” (Is 49.6b). O nome desse Salvador é, evidentemente, Jesus Cristo. Ele é o cumprimento do destino de Israel de ser um reino de sacerdotes para as nações.

Um sacerdócio real

Agora, Jesus deu à igreja a mesma tarefa sacerdotal que Deus dera a Israel. Vimos como o apóstolo Pedro tomou Êxodo 19 e o aplicou a nós: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus” (1Pe 2.9a; cf. Ap 1.6). Nós também somos um povo precioso, salvo dentre todas as nações. Mas para qual propósito?

Pedro explicou o nosso chamado especial:

Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia.

Amados, exorto-vos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnais, que fazem guerra contra a alma, mantendo exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios, para que, naquilo que falam contra vós

outros como de malfeitores, observando-vos em vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação. (1Pe 2.9-12)

Como os israelitas, somos um reino de sacerdotes. Os teólogos chamam isso de o sacerdócio de todos os fiéis. Deus nos fez seu tesouro, trazendo-nos da escravidão para a realeza e separando-nos para seu serviço santo. Visto que fomos salvos para a glória de Deus, nosso serviço é adorar a Deus, glorificá-lo declarando seus louvores. Mas nós também temos uma missão para o mundo – não governá-lo, mas servi-lo. A maneira como servimos é levando vidas santas. O que nos distingue do resto do mundo é a nossa santidade pessoal. Ou pelo menos deveria, pois a maneira como vivemos é parte do plano de Deus para salvar o mundo.

Notas

1 Larry Williams, The Mountain of Moses (Solana Beach: CTI). Para um relato sensacional de uma tentativa recente de demonstrar que o monte Sinai é Jabal al Lawz, na Arábia Saudita de hoje, veja Howard Blum, The Gold of Exodus (Nova York: Simon & Schuster, 1998). Colin J. Humphreys apresentou um caso muito mais convincente de que o monte Sinai seria o monte árabe Bedr, em The Miracles of Exodus: A Scientist's Discovery of the Extraordinary Natural Causes of the Biblical Stories (Nova York: HarperCollins, 2003).

2 John Lloyd Stephens, citado em Bruce Feiler, Walking the Bible: A Journey by Land through the Five Books of Moses (Nova York: HarperCollins, 2001), p. 251.

3 Isso é destacado no esboço de Êxodo de John Durham: "Israel in Egypt" (1:1–13:16), "Israel in the Wilderness" (13:17–18:27), "Israel at Sinai" (19:1–40:38). Veja John I. Durham, Exodus, Word Biblical Commentary (Waco, TX: Word, 1987), p. xxx.

4 J. R. R. Tolkien, The Hobbit, or There and Back Again, edição revisada (Nova York: Ballantine, 1966), p. 270.

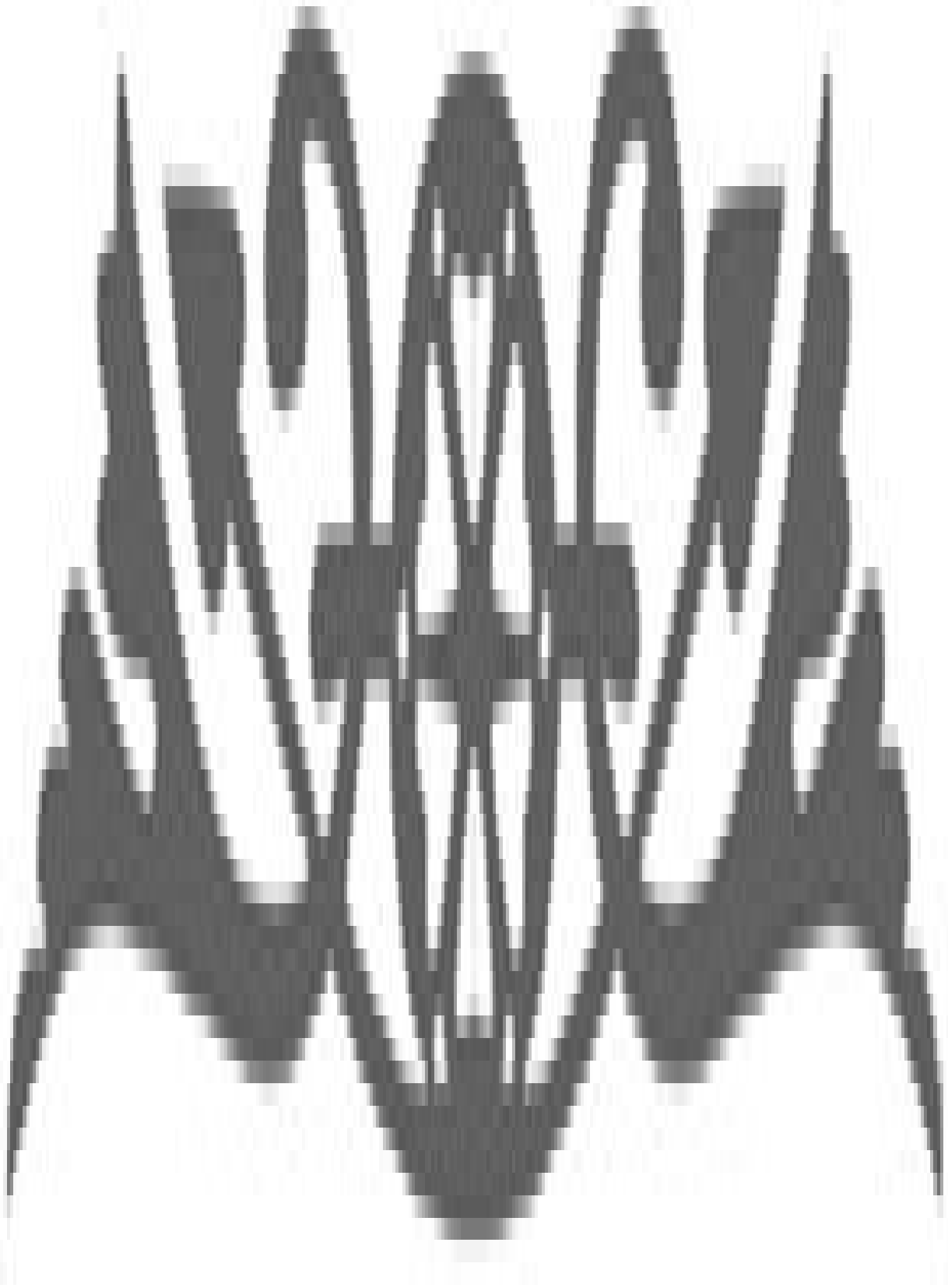
5 John L. Mackay, Exodus (Fearn, Ross-Shire, UK: Mentor, 2001), p. 326.

6 Ibid., p. 322.

44

Não toque!

Êxodo 19.7-15



Alguns períodos da história da igreja têm ressaltado a transcendência de Deus, i.e., “a distância de suas criaturas por causa da sua santidade e grandeza”.1 Transcender significa ir além. A transcendência de Deus é sua alteridade e sua separação de tudo o que ele fez. Quando as pessoas veem Deus como transcendente, elas se aproximam dele com maravilha e respeito. Foi assim na Idade Média, período em que grandes catedrais foram construídas em louvor à majestade sublime de Deus.

Em outros momentos, a igreja tem ressaltado a imanência de Deus, que se refere à “sua proximidade e seu parentesco com as suas criaturas”.2 A palavra imanente provém de um verbo latino que significa “permanecer em”. Portanto, falar da imanência de Deus significa falar de seu envolvimento pessoal e íntimo e de sua interação com a sua criação. Quando as pessoas veem Deus como imanente, elas se aproximam dele com confiança, na expectativa de experimentar a intimidade de sua presença pessoal.

A verdade é que Deus é transcendente e imanente. Ele é exaltado acima de tudo o que ele criou. Ao mesmo tempo, ele está intimamente envolvido em tudo o que acontece em seu universo. Ambos os aspectos são verdadeiros em relação a Deus. O problema é que, normalmente, a igreja tende a ressaltar um à custa do outro.

Vivemos em uma era de imanência, em uma era que vê Deus mais como um amigo pessoal do que como a divindade suprema. A maioria dos cristãos se sente mais à vontade com um Deus amigável do que com um Deus que é santo e majestoso. O resultado é uma abordagem informal à adoração. Não estou me referindo ao estilo de adoração, mas à postura da maioria dos adoradores. Vamos para a igreja como damos uma passadinha na casa de alguma pessoa, não como alguém que entra na sala do trono de um rei.

É possível que nos sintamos mais à vontade adorando a Deus do que deveríamos? Em seu livro Teaching a Stone to Talk, Annie Dillard se mostra preocupada com o fato de que esquecemos como é perigoso entrar na presença do Deus vivo. Ela escreve:

Em geral, não vejo os cristãos fora das catacumbas suficientemente cientes das

condições. Alguém faz a mínima ideia do tipo de poder que invocamos de modo tão despreocupado? Ou, como suspeito, será que ninguém acredita numa única palavra disso? As igrejas são crianças que brincam no chão com seus jogos de química, misturando um tanto de TNT para matar uma manhã de domingo. É loucura as mulheres usarem chapéus de palha ou de veludo; deveríamos todos estar usando capacetes. Os assistentes na igreja deveriam distribuir coletes salva-vidas e sinalizadores; deveriam amarrar-nos aos bancos.3

Deus conosco

Êxodo 19 começa com a reafirmação do grande amor de Deus por seu povo. Os israelitas haviam finalmente alcançado o monte Sinai, onde encontrariam Deus. Lá, Deus falou com eles, lembrando-os de como ele os carregara "sobre asas de águia", como uma mãe que carrega sua cria vacilante. Disse: eu "vos cheguei a mim" (19.4), mostrando que seu propósito para a sua salvação era a comunhão com ele. Deus falou com ternura ao seu povo, afirmando que tinha um lugar especial para ele em seu coração. Dentre todas as nações, ele escolheu Israel como sua propriedade real, como joias de sua coroa (19.5). Isso era uma expressão surpreendente de intimidade. Deus estava jurando seu amor por Israel, dizendo: "Vós sereis meu povo, e eu serei vosso Deus".

Israel respondeu em fé. Primeiro, "veio Moisés, chamou os anciãos do povo e expôs diante deles todas estas palavras que o Senhor lhe havia ordenado" (19.7). Os anciãos de Israel eram líderes espirituais divinamente nomeados, e eles, por sua vez, comunicavam a Palavra de Deus ao restante da nação. "Então, o povo respondeu à uma: Tudo o que o Senhor falou faremos. E Moisés relatou ao Senhor as palavras do povo" (19.8). Com essas palavras, os israelitas juraram que guardariam sua aliança com o Senhor. Deus havia estendido sua mão em amor, e eles queriam retribuir.

Deus queria que esse relacionamento crescesse. Por isso, disse ao seu povo que viria visitá-lo: "Disse o Senhor a Moisés: Eis que virei a ti numa nuvem escura, para que o povo ouça quando eu falar contigo e para que também creiam sempre em ti. Porque Moisés tinha anunciado as palavras do seu povo ao Senhor" (19.9). Era uma comunicação de duas vias. Deus estava falando ao seu povo, e seu povo estava falando a ele.

Quando Deus visitasse seu povo, este, de fato, veria algo de sua glória. Deus prometeu que ele “à vista de todo o povo, descerá sobre o monte Sinai” (19.11). Isso seria outra teofania, outra aparição da presença divina em nuvens de glória. Observe que Deus teria de descer para fazer isso. Deus não era como os deuses pagãos que viviam no monte Olimpo. Ele não residia no monte Sinai; ele apenas desceu para fazer uma visita. Sempre que Deus visita seu povo, essa visita é sempre uma descida. Mais tarde, o profeta Neemias diria: “Desceste sobre o monte Sinai, do céu falaste com eles” (Ne 9.13a). Isso mostra a distância, ou transcendência, de Deus. Ele é separado e diferente. Se ele não estivesse disposto a descer e nos visitar, jamais seríamos capazes de vê-lo ou falar com ele.

Mas Deus deseja descer. Ele é tão imanente quanto transcendente. Ele diz: “Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito” (Is 57.15). Toda a história da redenção trata de um Deus que se inclina para salvar. No início, ele caminhava e conversava com Adão e Eva no jardim. Infelizmente, nossos primeiros pais pecaram e, assim, perderam a intimidade da presença de Deus. No entanto, por causa de seu grande amor, Deus, desde então, tem estendido sua mão para restaurar a nossa comunhão com ele. Foi por isso que ele enviou seu Filho ao mundo, para vir e estar perto de nós. Seu nome é Emanuel, “Deus conosco” (Mt 1.23).

Perto demais para o conforto

Deus estava aproximando seu povo de si mesmo já no monte Sinai. Todavia, quanto mais o povo se aproximava, mais claramente percebia a distância enorme que o separava de Deus. Ao mesmo tempo em que Deus estava revelando a si mesmo, ele estava também se ocultando. Quanto mais os israelitas experimentavam a sua imanência, mais reconheciam a sua transcendência.

Deus manteve distância de várias maneiras. Uma era escondendo-se na escura nuvem de sua glória: “Disse o Senhor a Moisés: Eis que virei a ti numa nuvem escura” (19.9). Muitas vezes, quando Deus visita seu povo, ele se cobre com uma nuvem densa e gloriosa. A Bíblia oferece vários exemplos disso. O salmista escreveu: “Nuvens e escuridão o rodeiam” (Sl 97.2a). Quando Isaías entrou na sala do trono no céu, ele viu Deus cercado de fumaça (Is 6.4). Na transfiguração, os discípulos viram Jesus envolto numa nuvem brilhante (Mt 17.5). As nuvens

que cercam a presença de Deus mostram a sua glória divina, mas também a escondem. As nuvens de glória "sugerem tanto a majestade celestial quanto a ocultação do divino diante do escrutínio da humanidade".4 Ao manterem Deus envolto em mistério, elas são um sinal de sua transcendência. Mostram sua alteridade e a separação de suas criaturas. Como exclamou Isaías: "Verdadeiramente, tu és Deus misterioso, ó Deus de Israel, ó Salvador" (Is 45.15). Quando Deus desceu no monte Sinai, ele foi revelado e ocultado ao mesmo tempo pela gloriosa nuvem de sua presença.

Deus também manteve sua distância ordenando que Israel não se aproximasse de sua sagrada montanha. Deus disse a Moisés: "Marcarás em redor limites ao povo, dizendo: Guardai-vos de subir ao monte, nem toqueis o seu limite" (19.12a). Em outras palavras: "Não toquem na montanha!". Quando Deus desceu sobre a montanha, a própria montanha se tornou santa por causa da sua presença, e, assim, precisava ser demarcada como área restrita. Em palavras mais contemporâneas, Moisés e os anciãos demarcaram a fronteira, sinalizaram-na com a fita policial e instalaram sinais que diziam: "Entrada proibida!"; "Pare!"; "Acesso restrito somente a pessoas autorizadas". Os israelitas não podiam subir na montanha sem que alguém liberasse. Deus disse: "Quando soar longamente a buzina, então, subirão ao monte" (19.13b).

Entrementes, as penalidades para as transgressões dos limites de Deus eram severas. Os violadores seriam executados. Os israelitas tinham ordens de atirar imediatamente, pois Deus disse: "Todo aquele que tocar o monte será morto. Mão nenhuma tocará neste, mas será apedrejado ou flechado; quer seja animal, quer seja homem, não viverá" (19.12b-13a). A penalidade de pisar na montanha santa de Deus era a morte, e aqueles que executariam a pena de morte não podiam nem mesmo tocar em suas vítimas. Caso contrário, eles também seriam contaminados com iniquidade.

Por que Deus impôs todas essas restrições a Israel? Afinal de contas, ele havia dito ao povo que queria aproximá-lo dele. Por que, então, mantê-lo a distância?

Em parte, isso servia para mostrar a sua transcendência, sua alteridade e separação, seu eterno mistério. A Bíblia chama Deus de "bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores; o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver" (1Tm 6.15-16). Gostaríamos de conhecer todas as respostas, penetrar os mistérios de sua divindade, mas existem algumas coisas que não devemos saber.

João Calvino escreveu: “Sabemos como é grande a curiosidade natural dos homens, como buscam perversamente penetrar os segredos de Deus, como teimosamente se satisfazem e como, por causa de sua irreverência, toda religião e todo temor de Deus é extinto neles; razão pela qual havia boas razões para ele impor esses limites e restringir seu desejo perverso de conhecimento ilegítimo”.5 Não é errado querer conhecer Deus. O que é errado é exigir acesso aos segredos que ele decidiu não revelar. Faz parte da própria bondade de Deus permanecer um mistério para a humanidade. No monte Sinai, Deus ocultou seu mistério na montanha.

A outra razão pela qual Deus ordenou que seu povo mantivesse distância era para a sua própria proteção. Instruir Moisés a erguer barricadas em torno da montanha era uma questão de segurança pública. Deus é perigoso! Ele é tão perfeita e supremamente santo que não é seguro entrar correndo em sua presença. Em diversas ocasiões, pecadores foram destruídos pela mera santidade de Deus. Isso aconteceu com Nadabe e Abiú, que foram queimados pelo fogo do altar de Deus (Lv 10.1-2). Também aconteceu com Uzá, que tocou a arca da presença de Deus (1Cr 13.10). Deus é tão transcendente que entrar em sua santa presença pode significar a morte repentina para o pecador. Como Deus diria mais tarde a Moisés: “Homem nenhum verá a minha face e viverá” (33.20). Quando ele aproximou os israelitas de si mesmo, eles estavam perto demais para se sentirem confortáveis. Deus os manteve longe da montanha para mantê-los em segurança.

Isso é uma advertência para não sermos presunçosos demais em nossa adoração. Estamos na presença de um Deus santo e transcendente! Portanto, devemos servir “a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é fogo consumidor” (Hb 12.28b-29).

Consagrados ao Rei

Este era o dilema incrível que os israelitas encaravam: eles estavam sendo atraídos para um relacionamento pessoal e íntimo com um Deus santo, que era perigoso demais para que se aproximassem dele! O que os israelitas poderiam fazer para não arriscar a vida?

Deus forneceu a resposta. Havia duas coisas das quais seu povo precisava. A

primeira era preparar-se para a sua vinda: “[...] Vai ao povo e purifica-o hoje e amanhã. Lavem eles as suas vestes e estejam prontos para o terceiro dia; porque no terceiro dia o Senhor, à vista de todo o povo, descerá sobre o monte Sinai” (19.10-11).

Para entendermos esses preparativos, ajuda saber que, em Êxodo 19, Deus é retratado como um Rei poderoso. A palavra rei não ocorre, no entanto, essa seção de Êxodo é estruturada como um tratado entre um grande rei e um de seus vassalos.6 Esses tratados eram comuns no mundo antigo. Por exemplo, quando os hititas conquistavam um de seus inimigos, eles assinavam um tratado. E já que eles eram os vencedores, eles ditavam os termos.

O tratado começava com uma introdução formal, que os estudiosos chamam de preâmbulo. A isso se seguia um prólogo, que apresentava a história do relacionamento entre as duas nações, que, normalmente, culminava em algum tipo de batalha. Em seguida, o vencedor estabelecia os termos de seu relacionamento futuro, incluindo a obrigação do vassalo de fornecer lealdade, tributos, soldados e coisas parecidas. Essas obrigações vinham acompanhadas de bênçãos e maldições. O vassalo era informado de forma absolutamente clara quais seriam as penalidades pela violação dos termos do tratado. Eram feitas duas cópias – uma para cada nação – e então o tratado era ratificado com uma cerimônia pactual.

Encontramos quase a mesma estrutura em Êxodo 19 e capítulos seguintes. Como lemos numa passagem paralela, “o Senhor fez aliança com os filhos de Israel, ao saírem da terra do Egito” (1Rs 8.9b). Êxodo 19.3 é o preâmbulo, em que Deus, o grande Rei, dirige-se ao seu povo, Israel. O versículo 4 é o prólogo histórico. Ele conta o que Deus havia feito pelos israelitas não para conquistá-los, mas para libertá-los. Todo o seu relacionamento se fundamentava na graça salvadora de Deus. Então, no versículo 5, Deus começa a estabelecer os termos básicos, que são acompanhados por uma promessa de bênção. As condições dessa aliança são estipuladas em detalhes muito mais exaustivos em Êxodo 20–23. Então, finalmente, no capítulo 24, ocorre uma cerimônia para firmar a aliança. Mais tarde, ficamos sabendo que duas cópias da aliança foram feitas – “as duas tábuas do Testemunho” (32.15).

Não surpreende que existam tantas semelhanças entre o livro de Êxodo e os tratados antigos. Deus estava falando ao seu povo em termos que eles conseguiam entender, em termos que lhes eram familiares dentro de seu próprio

contexto cultural. Devemos ressaltar que os israelitas não estavam simplesmente emprestando de outras civilizações. Sua aliança era singular porque era a única feita por e com Deus. Isso era completamente inédito. Outros tratados antigos apelavam aos deuses como testemunhas, mas em caso algum envolviam um deus que fazia uma aliança com homens. Isso era uma condescendência notável – o Deus transcendente entrava num relacionamento pactual com seu povo.

Não surpreende, então, que o povo precisasse se preparar: o Rei estava vindo! E não era um rei qualquer. Era o Rei, o Grande Rei, "Rei eterno, imortal, invisível, Deus único" (1Tm 1.17). O povo de Israel estava prestes a ter uma audiência real com Sua Majestade, o Rei, que estava vindo para renovar a sua aliança. Por isso, precisava ser consagrado, o que significa ser separado como santo. Afinal de contas, este era o chamado de Israel: ser um reino de sacerdotes, uma nação santa, separada do mundo para a adoração e o serviço do Deus Altíssimo.

Os israelitas tinham três dias para se preparar. Primeiro, colocaram as suas melhores roupas de sábado. O Rei estava vindo, portanto, precisavam lavar suas roupas. Isso era um sinal de santificação. Na Bíblia, a roupa serve muitas vezes como um símbolo externo para a condição espiritual verdadeira de alguém. Aqui, indica a necessidade interior de Israel de purificação do pecado antes de entrar na presença do Rei.

O povo também se absteve de relações sexuais (19.15b) – não porque houvesse algo de errado com o sexo, mas como forma de jejum. Aqui, Calvino faz o comentário útil de que "apesar de não haver nada de impuro ou contaminador no leito matrimonial, os israelitas precisavam ser lembrados de que todas as preocupações terrenas precisavam, na medida do possível, ser renunciadas; e todos os afetos carnais, deixados de lado, para que pudessem dedicar toda a sua atenção ao recebimento da lei".7 Segundo o Novo Testamento, a única razão para abster-se das relações matrimoniais é para propósitos espirituais, e apenas temporariamente (veja 1Co 7.5). O que os israelitas fizeram estava de acordo com este princípio: eles se abstiveram de relações sexuais durante três dias para dedicar sua atenção indivisa ao seu Rei e à sua lei.

Esses foram os preparativos feitos por Israel, mas e quanto aos nossos próprios preparativos? O que valia para os israelitas vale, de maneira diferente, também para nós: o Rei está vindo. Em virtude de sua ressurreição e ascensão, Jesus Cristo é agora o Rei. Ele veio para o mundo para nascer numa manjedoura e para morrer numa cruz pelos pecadores. Em breve ele voltará para julgar o mundo. O

Rei está vindo. Não há dúvida quanto a isso. A pergunta é: Estamos prontos para encontrá-lo?

A maioria das pessoas sente que existe algo que precisamos fazer para nos preparar para encontrar Deus. Bruce Feiler lutou com essa pergunta quando visitou o monastério de Santa Catarina em Jebel Musa, o local tradicional do monte Sinai. Em seu livro Walking the Bible, Feiler descreve como subiu ao topo da montanha. Antes de subir, ele lembrou ao seu guia espiritual que, na Bíblia, "o monte Sinai era tão sagrado – e tão explosivo – que ninguém podia escalá-lo, nem mesmo tocá-lo, olhar para ele ou dormir nele".

"Correto", disse o padre Justin. "Na história, quando os israelitas tiveram seu primeiro contato com a montanha, eles demarcaram toda a região. Havia trovões e relâmpagos e densas nuvens negras. Nem mesmo os animais podiam subir na montanha. E foi então que eles ouviram o soar de trombetas, como se a montanha estivesse em chamas. Todos ficaram aterrorizados. E as pessoas disseram a Moisés: 'Se subirmos, certamente morreremos, por isso, suba você e fale com Deus por nós'."

"Se este é o caso, como então justificamos que estamos subindo na montanha hoje?", perguntei.

Novamente, ele se mostrou serenamente confiante, até fraternal. "Em tempos antigos", ele explicou, "um monge esperava no topo da trilha para ouvir a confissão da pessoa para garantir que ela estava espiritualmente preparada para estar naquele lugar sagrado. É assim que justificamos isso. Você vem para o monastério. Você se purifica. E então você sobe".8

Certamente, o padre Justin estava certo sobre a nossa necessidade de pureza pessoal. As Escrituras dizem: "Purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus" (2Co 7.1). A razão pela qual precisamos ser puros é porque apenas os puros podem encontrar Deus. Davi perguntou: "Quem subirá ao monte do Senhor? Quem há de permanecer no seu santo lugar?" (Sl 24.3). Sua resposta foi: "O que é limpo de mãos e puro de coração" (Sl 24.4a). Quando se trata de encontrar Deus, não podemos vir como estamos, pois a Bíblia diz que precisamos buscar "a

santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14).

O problema é que jamais podemos nos tornar santos o bastante para Deus. Esse é o problema com a declaração do padre Justin: “Você se purifica”. Temos tentado purificar-nos desde o dia em que o pecado entrou no mundo. Adão e Eva costuraram folhas de figueira numa tentativa desesperada de cobrir seu pecado, e os seres humanos têm tentado se vestir para Deus desde então. De uma forma ou de outra, praticamente todas as religiões envolvem algum tipo de autopurificação. As religiões mundiais são todas maneiras diferentes de lavar as nossas próprias roupas como maneira de se preparar para Deus. Mas jamais podemos nos lavar o bastante para Deus. Ele é perfeito em santidade, e até mesmo o nosso melhor esforço está manchado com o pecado. Como disse Isaías: “Todas as nossas justiças [são] como trapo da imundícia” (Is 64.6). Portanto, somos incapazes de purificar a nós mesmos.

Moisés, o mediador

Para estarmos prontos para a vinda do Rei, precisamos de algo mais do que a consagração pessoal. Precisamos daquilo que Israel precisou: um mediador. Um mediador é um intermediário, alguém que funciona como ponte entre dois partidos separados. Nesse caso, o que precisava ser vencido por uma ponte era a distância entre um Deus santo e transcendente e seu povo finito e pecaminoso.

Moisés vinha servindo como o mediador de Israel desde que Deus o chamara para ser um profeta na sarça ardente. Deus concedeu a Moisés um acesso especial. Era seu privilégio singular falar diretamente com Deus. Sempre que Deus tinha algo a dizer ao seu povo, ele falava por meio de seu profeta. Foi Moisés quem lhes disse que Deus os resgataria, que lhes deu os regulamentos para a Páscoa e a redenção dos filhos e que lhes disse como e quando deveriam recolher o maná e as codornas. Em seu papel como mediador, Moisés também representava o povo perante Deus. Ele clamou a Deus quando o povo precisava de água. Ele teve de responder a Deus quando o povo murmurou no deserto. Ele também intercedeu por eles perante o trono de Deus, levantando suas mãos em oração durante o tempo da batalha.

No monte Sinai, Moisés continuou a exercer seu ministério mediador. Ele falou a Deus em nome do povo, transmitindo sua resposta aos termos do tratado. Deus

também falou a Moisés, e ele o fez de maneira a confirmar seu ministério como mediador. Ele disse a Moisés: “Eis que virei a ti numa nuvem escura, para que o povo ouça quando eu falar contigo e para que também creiam sempre em ti” (19.9). Ao falar com uma voz audível, Deus autenticou Moisés como seu profeta. Já que os israelitas puderam ouvir o som da voz de Deus, eles sabiam que Moisés não estava simplesmente inventando sua própria religião, mas estava recebendo a revelação de Deus. Até hoje, Moisés é honrado como o fiel mensageiro de Deus, exatamente como Deus prometeu.

Como mediador, Moisés era um mensageiro de duas vias. Seu trabalho era manter abertas as linhas de comunicação, mas houve outra coisa que ele também fez. As Escrituras dizem: “Moisés, tendo descido do monte ao povo, consagrou o povo; e lavaram as suas vestes. E disse ao povo: estai prontos ao terceiro dia; e não vos chegueis a mulher” (19.14-15). Antes de repetir o que Deus queria que dissesse ao povo, Moisés o “consagrou”. Agindo como mediador, ele separou os israelitas como santos para Deus.

Como Moisés os consagrou? As Escrituras não especificam o método, mas, aparentemente, ele realizou algum tipo de ritual de consagração para tornar os israelitas santos. Não bastava que lavassem as suas roupas. Eles precisavam que Deus os tornasse puros, o que fez por meio do ofício de mediador. Mas o que, exatamente, Moisés fez? Que tipo de ação teve o efeito de tornar santo o povo de Deus?

A explicação mais provável é que Moisés realizou algum tipo de sacrifício. Era o que Deus sempre exigia para a santidade. Antes de podermos ser considerados justos aos olhos de Deus, um sacrifício precisa ser feito pelos nossos pecados. Foi o que Adão e Eva precisaram quando falharam em sua tentativa de encobrir seu pecado. Precisaram da graça de Deus, que os vestiu com peles de animais sacrificados em seu lugar (Gn 3.21).

A melhor maneira de Moisés consagrar os israelitas era, portanto, oferecer um sacrifício por seus pecados. E ele tinha um ótimo precedente para isso em sua própria experiência. Antes de Deus tirar Israel do Egito, ele disse a Moisés: “Consagra-me todo primogênito” (13.2). Como Moisés consagrou os primogênitos de Israel? Oferecendo um sacrifício animal, um substituto pelos seus pecados (13.11-15). Moisés faria a mesma coisa mais tarde, quando chegou a hora de separar Arão e seus filhos como sacerdotes de Israel. Como parte de sua consagração sacerdotal, Moisés sacrificou um jovem touro e dois carneiros

como sacrifício pelo pecado (veja Êx 29). Apesar de não podermos ter certeza absoluta, parece provável que Moisés foi instruído a consagrar os israelitas, e ele o fez da única maneira que conhecia, que era oferecer um sacrifício. Este era seu papel como mediador – não simplesmente conversar com Deus, mas também consagrar seu povo, expiando seus pecados.

Precisamos disto também: de um mediador, alguém para nos purificar do pecado e para nos consagrar para o santo serviço de Deus. Pela graça de Deus, temos esse mediador. A Bíblia diz que ele é um mediador melhor do que Moisés (veja Hb 8.6), o melhor e único mediador de que precisamos. Seu nome, claro, é Jesus Cristo. Jesus é a resposta para o enigma da imanência e transcendência de Deus. Ele é Deus conosco. Por ser verdadeiramente divino, Jesus possui toda a majestade real de Deus. Por ser também um ser humano real, ele compartilha da nossa humanidade. Ele é o mediador que vai e fala com Deus por nós e que nos torna suficientemente puros para Deus. Como dizem as Escrituras: fomos "santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas" (Hb 10.10).

Em Jesus, o Deus transcendente é imanente: "Velado na carne da Trindade/bendito seja tua Divindade encarnada/que se agradou de viver como homem com os homens/Jesus, nosso Emanuel".9 Sem jamais abrir mão de sua natureza divina, Jesus assumiu a natureza humana e, assim, ingressou totalmente em nossa condição perdida (permanecendo sem pecado). Foi como homem que Jesus revelou Deus a nós. Foi como homem que ele sofreu todas as indignidades da vida neste mundo. E foi como homem que ele sofreu e morreu na cruz pelos nossos pecados. O Deus transcendente é imanente por meio da pessoa de seu Filho.

Agora, por um tempo, Jesus retornou para o céu, onde reina em majestade transcendente. Ele ainda está conosco por meio de seu Espírito Santo, é claro, mas estamos esperando o dia em que ele virá e nos levará para estarmos com ele para sempre. Naquele dia, uma alta voz vinda do trono de Deus dirá: "Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles" (Ap 21.3a). Deus estará conosco – e nós estaremos com Deus – para sempre.

Notas

1 Michael Horton, In the Face of God (Dallas: Word, 1996), p. 53.

2 Ibid., p. 53.

3 Annie Dillard, Teaching a Stone to Talk (Nova York: Harper & Row, 1982), p. 40-41.

4 John L. Mackay, Exodus (Fearn, Ross-Shire, UK: Mentor, 2001), p. 330.

5 João Calvino, Commentaries on the Four Last Books of Moses, Calvin's Commentaries (Edimburgo; reimpressão. Grand Rapids: Baker, 1999), p. 324.

6 Veja o tratado revolucionário de Meredith G. Kline, Treaty of the Great King (Grand Rapids: Eerdmans, 1963) e também o resumo de William J. Dumbrell das pesquisas recentes em Covenant and Creation: A Theology of Old Testament Covenants (Nashville: Thomas Nelson, 1984), p. 94-96.

7 João Calvino, Commentaries on the Four Last Books of Moses, Calvin's Commentaries (Edimburgo; reimpressão. Grand Rapids: Baker, 1999), p. 324.

8 Bruce Feiler, Walking the Bible: A Journey by Land Through the Five Books

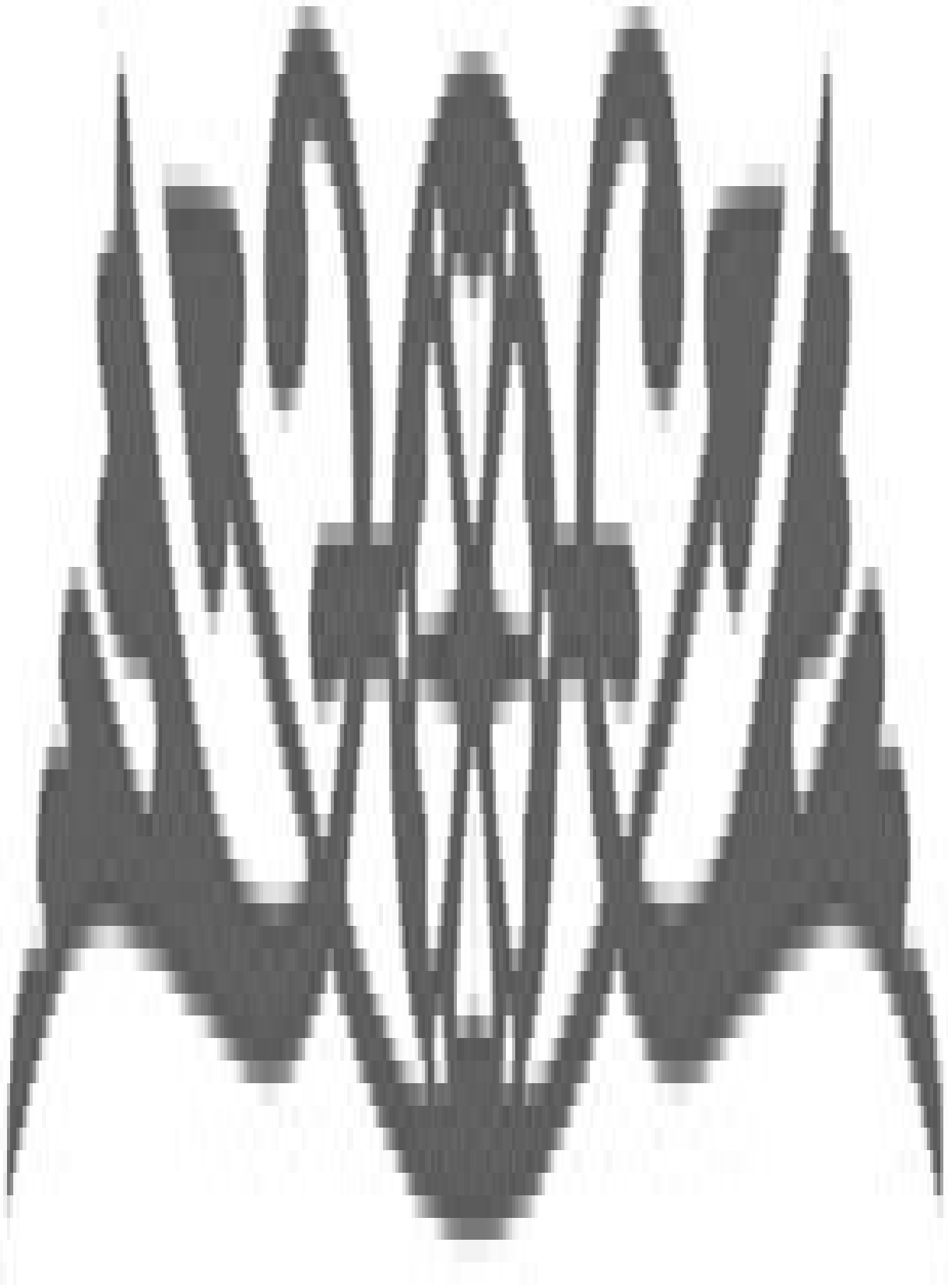
of Moses (Nova York: HarperCollins, 2001), p. 248.

9 Essas palavras vêm da segunda estrofe do famoso hino de Charles Wesley “Hark! the Herald Angels Sing”.

45

Fumaça na montanha

Êxodo 19.16-25



Os israelitas haviam encerrado seus preparativos. Três dias antes, o Senhor Deus lhes dissera que viria e os visitaria no monte Sinai, mas, antes de ele vir, seu povo precisaria se preparar. Primeiro, precisava ser consagrado por Moisés, o mediador, que, provavelmente, ofereceu um sacrifício por seus pecados. Depois, precisava lavar as suas roupas. Isso era um símbolo cerimonial de santificação, de sua necessidade de pureza pessoal. Também se absteve de relações sexuais como uma forma de jejum.

Enquanto isso, por razões de segurança pública, Moisés demarcou um perímetro em torno da montanha. Quando Deus descesse, toda a montanha se tornaria santa. Não seria seguro o povo escalá-la. Mesmo se alguém apenas tocasse a montanha, isso significaria a sua morte instantânea. Assim, como precaução, Deus instruiu Moisés a estabelecer um limite que o povo não deveria ultrapassar. Isso simbolizava a vasta distância entre o Criador e a criatura, entre a pureza de Deus e a nossa depravação.

Temor e tremor

No terceiro dia, os israelitas estavam prontos para Deus. Esperavam ansiosamente pela vinda de seu Rei. De vez em quando, olhavam para o alto da montanha, perguntando-se o que, exatamente, aconteceria quando Deus descesse do céu. Ele não se atrasou:

Ao amanhecer do terceiro dia, houve trovões, e relâmpagos, e uma espessa nuvem sobre o monte, e mui forte clangor de trombeta, de maneira que todo o povo que estava no arraial se estremeceu. E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte. Todo o monte Sinai fumegava, porque o

Senhor

descera sobre ele em fogo; a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente. E o clangor da trombeta ia aumentando cada

vez mais [...]. (19.16-19a)

O que os israelitas testemunharam naquele dia foi uma das manifestações mais maravilhosamente aterrorizantes do poder divino que uma pessoa já vivenciou. Todas as forças e todos os poderes da natureza abalaram a montanha: relâmpagos, trovões, escuridão, fumaça, fogo e terremotos.

Compreensivelmente, os israelitas tremeram de medo. A aparência da montanha era assustadora. Estava coberta de uma nuvem negra e sinistra. Seus picos soltavam relâmpagos. Suas rochas estavam em chamas e expeliam fumaça, que ondeava como a fumaça de um forno ardente. O som vindo da montanha também era assustador. Além das explosões e trovoadas constantes, havia também o toque incessante de uma trombeta. Possivelmente, tratava-se de um sH"f~r gigante, feito de chifre de carneiro. O som da trombeta aumentava, aumentava e AUMENTAVA à medida que Deus se aproximava. E o monte Sinai passava também uma sensação tão assustadora quanto a sua aparência e o seu som. Fumaça acre enchia o ar, vinda de um fogo que liberava um calor intenso e ameaçador. Toda a montanha gemia e tremia; o solo sob os pés de Israel se mexia e sacudia.

Cada aspecto desse encontro pretendia inspirar temor a Deus. Franklin Delano Roosevelt disse: “Nada temos a temer além do próprio temor”. Bem, era isso que os israelitas tinham: temor! Estavam com medo porque estavam na presença de um Deus transcendente em todo o seu poder maravilhoso.

Os israelitas estavam tão aterrorizados que tremiam fisicamente, pois as Escrituras dizem: “Todo o povo que estava no arraial se estremeceu” (19.16b). Essa palavra é repetida no próximo capítulo: “Todo o povo presenciou os trovões, e os relâmpagos, e o clangor da trombeta, e o monte fumegante; e o povo, observando, se estremeceu” (20.18a). Quase morreram de medo: “Ficou de longe. Disseram a Moisés: Fala-nos tu, e te ouviremos; porém não fale Deus conosco, para que não morramos” (20.18b-19). Até Moisés estava assustado. Por mais corajoso que fosse, o profeta ficou totalmente aterrorizado quando Deus desceu da montanha. Sabemos disso não por Êxodo, mas por Hebreus, que nos diz: “Na verdade, de tal modo era horrível o espetáculo, que Moisés disse: Sinto-me aterrado e trêmulo!” (Hb 12.21; cf. Dt 9.19).

Totalmente impressionante

Existem muitas lições que podemos aprender dos terrores na montanha de Deus. Calvino mencionou algumas delas em seu comentário sobre os livros de Moisés: “Esse espetáculo terrível servia, em parte, para apresentar a presença de Deus aos seus olhos, para que sua majestade instigasse os contempladores à obediência e defendesse sua doutrina contra o desprezo e, em parte, para expressar a natureza da lei, que, por si só, produz nada além de puro terror”.1 Os terrores do monte Sinai nos instruem sobre Deus, sua lei e nosso pecado.

A primeira e mais óbvia lição é que Deus é totalmente impressionante. Cada detalhe da cena havia sido projetado para transmitir a majestade suprema e o poder absoluto do Deus Todo-Poderoso. Os israelitas não chegaram a ver Deus. Tudo o que viram foram as manifestações externas de sua presença reveladas na natureza. Mas o fogo e a fumaça comunicavam a “maravilha, o mistério e a força dramática e violenta da presença real de Deus”.2

Outra maneira de expressar isso é dizer que a montanha revelou a glória de Deus. Todo o propósito do êxodo era revelar que Deus é “terrível em feitos gloriosos” (15.11). Os israelitas já haviam visto a glória de Deus em sua salvação. Deus os libertara de sua escravidão a Faraó para a sua própria glória. Eles também haviam visto a glória de Deus no deserto, na forma de uma coluna de nuvem de fogo. Mas, no monte Sinai, vivenciaram uma manifestação ainda mais ofuscante da glória de Deus. Eles o viram em toda a sua glória.

Cada um dos fenômenos naturais revelou um aspecto diferente do caráter de Deus. O trovão e o terremoto eram sinais de seu poder. A nuvem escura era um sinal de seu mistério, mostrando que existem aspectos de seu ser que não podemos penetrar. O fogo era um sinal da santidade de Deus, de sua pureza brilhante e ardente. Fogo atrai e repele. Somos atraídos por seu calor e sua beleza; ao mesmo tempo, o perigo de nos queimarmos nos afasta dele. Assim, somos também atraídos pela beleza da santidade de Deus, mas, ao mesmo tempo, repelidos pelo seu poder de nos destruir. A trombeta significa sua soberania, pois uma trombeta sinaliza a vinda de um rei. Quando Deus desceu sobre o monte Sinai, ele foi recebido com uma fanfarra real para anunciar a sua majestade real. Juntos, esses sinais espetaculares manifestaram a glória de Deus, a soma de seus atributos divinos. A vista deve ter sido maravilhosa. O povo que

a viu jamais se esqueceu de que estivera na presença do Deus vivo em toda a sua majestade e santidade.

Precisamos entender que Deus ainda possui essa mesma glória neste exato instante. Já que Deus é invisível, não vemos a sua glória em sua forma visível. Mas, se fôssemos capazes de vislumbrar esse Deus, de vê-lo em seu trono celestial, contemplaríamos a mesma glória que os israelitas viram no monte Sinai. O profeta Isaías recebeu o privilégio de entrar na sala do trono do Deus Altíssimo. Lá, ele viu o Senhor exaltado em seu trono, e "as bases do limiar se moveram [...] e a casa se encheu de fumaça" (Is 6.4). O apóstolo João viu a mesma coisa. A ele também foi concedida uma audiência real com Deus no céu. Segundo seu testemunho ocular, "do trono saem relâmpagos, vozes e trovões" (Ap 4.5a). É isso que nós veríamos se pudéssemos ver Deus neste instante. Nós veríamos e ouviríamos o que Israel viu no monte Sinai: trovão e relâmpago, fogo e fumaça – a glória de Deus.

A maneira correta de reagir à glória de Deus é com reverência e temor, como os anjos no céu. João os ouviu dizer: "Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir" (Ap 4.8b). João também ouviu a música dos santos no céu, dos crentes em Jesus Cristo, que já haviam ido para a glória. Eles cantam: "Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos" (Ap 5.13). Se pudéssemos ver Deus agora, seríamos compelidos a nos unir a eles dando glória a Deus. Diríamos como disse Jó: "Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza" (42.5-6). O Deus ao qual servimos é um Deus grande e glorioso, o mesmo Deus que revelou sua glória na montanha.

Apesar de não podermos ver a sua glória agora, certamente a veremos no dia do juízo. Quando Deus descer pela última vez para julgar a terra, ele virá em toda a sua glória maravilhosa. Ele virá com os mesmos sinais visíveis e audíveis da glória que os israelitas viram e ouviram no monte Sinai. Ele virá com fogo e terremotos (2Pe 3.10), com nuvens escuras e o soar de uma grande trombeta (Mt 24.30-31). O grande poeta puritano John Milton o descreveu bem:

Com tamanho clangor horrendo

Como o que ressoou no monte Sinai

Enquanto irrompiam o fogo vermelho e as nuvens fumegantes;

A velha terra horrorizada

Com o terror daquela explosão

Estremecerá da superfície até o centro,

Quando, para a última sessão do mundo,

O terrível Juiz estender o seu trono suspenso no ar.3

E o que pensaremos de Deus nesse momento?

Vivemos num tempo em que a maioria das nossas ideias sobre Deus são indignas de sua majestade. A maioria das pessoas imagina Deus – se é que pensam nele – como algum tipo de força cósmica ou como um gentil avô idoso, como "o homem lá em cima". As pessoas não o honram como o Deus totalmente maravilhoso que revelou a sua glória no monte Sinai. Mas podemos ter certeza de que, quando os israelitas se reuniram ao pé do monte Sinai, eles não se entregaram a quaisquer noções triviais de Deus. Para emprestar um famoso título de Francis Schaeffer, o que os israelitas vivenciaram no monte Sinai foi O Deus que está presente.4 Quando entraram em sua presença, eles o adoraram com reverência e temor, como nós deveríamos adorá-lo hoje, prostrando-nos perante ele.

Ele está presente e não está calado

O Deus da glória é um Deus que fala, que revela a sua Palavra ao seu povo. O propósito primário de Deus ao descer sobre o monte Sinai foi a doação da sua lei. Os sinais espetaculares que acompanharam a sua vinda – todo o fogo e a fumaça – pretendiam, em parte, demonstrar que era Deus quem estava falando a eles. Imagine como os israelitas teriam reagido a Moisés se Deus não tivesse manifestado a sua glória no monte Sinai. O profeta teria escalado a montanha e,

depois, descido com a lei. Mas como o povo teria tido a certeza de que realmente era a lei de Deus e não a lei de Moisés?

Alguns estudiosos afirmam que Deus falou a Moisés por meio de algum tipo de inspiração interna particular. Segundo uma interpretação: “a verdade literal foi que Deus falou ao coração de Moisés: a verdade poética foi que ele falou em trovões e relâmpagos do cume do Sinai”.5 Nesse caso, porém, como o povo saberia que Deus estava falando com ele? Os israelitas simplesmente teriam de acreditar na palavra de Moisés, mas, evidentemente, sua palavra nunca valia muito para eles. Assim, Deus realizou sinais milagrosos para demonstrar que a lei provinha dele.

Outros estudiosos têm tentado reinterpretar o que aconteceu no monte Sinai, explicando Êxodo 19 simplesmente em termos de vários fenômenos naturais. Houve um terremoto, dizem eles, e também uma grande tempestade na montanha. E, em vista de todo o fogo e fumaça, a montanha deve ter sido um vulcão. Então, com base nessa suposição, eles tentam (normalmente sem sucesso) encontrar um vulcão extinto para identificá-lo como o monte Sinai.6

Os críticos têm encontrado dificuldades maiores de encontrar uma explicação para os barulhos mencionados no versículo 19: “E o clangor da trombeta ia aumentando cada vez mais; Moisés falava, e Deus lhe respondia no trovão”. Que tipo de explicação natural podemos oferecer para tudo isso? São fenômenos sobrenaturais que nenhuma teoria naturalista consegue explicar.7 Mas até mesmo os fenômenos naturais – os trovões, os relâmpagos e todo o resto – eram demonstrações do poder sobrenatural de Deus. Como havia feito ao longo de todo o êxodo, Deus usou as forças da natureza para demonstrar sua presença. E, ao demonstrar sua presença por meio de sinais externos, Deus confirmou que ele era aquele que estava falando com Moisés. Para usar o título de outro livro de Schaeffer, Ele está presente e não está calado.8

A razão pela qual tudo isso importa é que precisamos saber se Deus falou à raça humana ou não. Deus nos deu a sua Palavra? Ele se comunicou conosco na forma de proposições verdadeiras que explicam a sua obra na História humana? Ele proclamou uma mensagem de salvação? Ele nos deu ordens para orientar a nossa conduta diária? Se Deus não falou a Moisés, ele não falou conosco. Pois se Deus, em algum momento, revelou a sua vontade para a raça humana, isso aconteceu no cume do monte Sinai. Lá, Deus realmente falou com Moisés. A Bíblia diz: “Moisés falava, e Deus lhe respondia no trovão. Descendo o Senhor

para o cimo do monte Sinai, chamou o Senhor a Moisés para o cimo do monte" (19.19b-20a). O que provou aos israelitas que Deus realmente estava falando com Moisés foram os sinais milagrosos que acompanharam a sua revelação.

Além do mais, as pessoas conseguiam ouvir a voz de Deus. Até hoje, alguns estudiosos argumentam que a lei dada no monte Sinai foi uma invenção de Moisés, baseada em suas experiências no Egito e em seus estudos de outros códigos jurídicos da Antiguidade. Mas isso faria de Moisés um legislador, não um mero advogado. As pessoas sabiam que a lei vinha de Deus porque ouviram pessoalmente a voz de Deus. Como Moisés as lembrou mais tarde: "Face a face falou o Senhor conosco, no monte, do meio do fogo" (Dt 5.4); "Estas palavras falou o Senhor a toda a vossa congregação no monte, do meio do fogo, da nuvem e da escuridade" (Dt 5.22a). Os anciãos também testificaram: "Eis aqui o Senhor, nosso Deus, nos fez ver a sua glória e a sua grandeza, e ouvimos a sua voz do meio do fogo" (Dt 5.24a).

É porque eles ouviram a voz de Deus que nós ouvimos a voz de Deus hoje. O que foi escrito em Êxodo é a Palavra do próprio Deus. Isso não vale apenas para os escritos de Moisés, mas para tudo o que está escrito em cada página de toda a Bíblia. Tudo vem de Deus. Como dizem as Escrituras: "Nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus" (2Pe 1.21). Portanto, todas as ordens, advertências e promessas da Bíblia são as ordens, advertências e promessas de Deus. Quando a Bíblia oferece vida por meio da fé em Jesus Cristo, a oferta vem de Deus, com a garantia plena de sua divindade.

Mantenha distância!

Deus está presente em toda a sua terrível glória, e ele não está calado. Ele fala conosco com toda a autoridade de sua soberania divina. Por isso, devemos ter muito cuidado em como nos aproximamos dele.

Moisés já havia alertado o povo de que não podia simplesmente invadir a presença de Deus. Ele havia estabelecido limites em torno da montanha, alertando: "Todo aquele que tocar o monte será morto" (19.12b). Mesmo assim, quando Moisés escalou novamente a montanha, Deus achou necessário repetir suas advertências anteriores: "E o Senhor disse a Moisés: Desce, adverte ao

povo que não traspasse o limite até ao Senhor para vê-lo, a fim de muitos deles não perecerem. Também os sacerdotes, que se chegam ao Senhor, se hão de consagrar, para que o Senhor não os fira" (19.21-22). É um tanto incerto quem eram esses sacerdotes. Eventualmente, Arão e seus descendentes foram ungidos sacerdotes de Israel, mas isso só aconteceu no capítulo 28. Aqui, em Êxodo 19, o sacerdócio ainda não havia sido estabelecido. Talvez, a essa altura, os primogênitos em cada família exercessem uma função sacerdotal. Encontramos apoio para essa sugestão no capítulo 24: quando a aliança foi confirmada, os homens jovens de Israel exerceram a função sacerdotal de oferecer sacrifícios (24.5).

Quem quer que tenham sido, os sacerdotes são mencionados aqui para fins comparativos. Quando Deus falou sobre a aproximação dos sacerdotes, ele não estava sugerindo que eles receberiam a permissão para escalar o monte Sinai, ele estava se referindo às suas obrigações sacerdotais rotineiras. Apesar de receberem a permissão de, às vezes, entrar na presença de Deus para realizar determinados rituais religiosos, eles precisavam aproximar-se dele corretamente. Se não fossem consagrados corretamente, seriam destruídos. E se isso se aplicava aos sacerdotes, aplicava-se ainda mais aos israelitas ordinários. John Mackay escreve: "A ideia aqui não é que, após o devido preparo, os sacerdotes podiam subir na montanha, mas que, já que os sacerdotes só podem oferecer sacrifício no altar após se purificarem cultuamente, quanto maior é o obstáculo de entrar na presença da teofania de Deus".9 Era imprescindível que os israelitas se aproximassem de Deus corretamente, o que, nesse caso, significava nem mesmo tocar a montanha sagrada.

É difícil imaginar por que Deus teve de repetir esse alerta. Um alerta deveria ter bastado. Uma vez que Deus havia declarado santa a montanha, quem teria arriscado uma morte súbita ao ultrapassar o limite para tocá-la? Isso era tão óbvio que Moisés começou a perder a paciência e disse a Deus: "Captamos a mensagem já na primeira vez; não precisa dizer-nos novamente". "O povo não poderá subir ao monte Sinai, porque tu nos advertiste, dizendo: Marca limites ao redor do monte e consagra-o" (19.23).

Deus respondeu repetindo sua advertência, agora, já pela terceira vez. Disse: "Os sacerdotes, porém, e o povo não traspassem o limite para subir ao Senhor, para que não os fira" (19.24b). Por que Deus ficou repetindo seu alerta? Suas precauções anteriores não eram adequadas?

Existem várias explicações plausíveis para todas essas repetições. Uma é que um alerta adicional se tornava necessário sempre que Moisés subia e descia da montanha. Sempre que o povo o via ultrapassando o limite, as pessoas podiam se sentir tentadas a subir também. Mas isso não era seguro. Era seguro apenas para Moisés, porque ele era o mediador, e o restante dos israelitas ainda precisava manter distância.

Lembre-se também de que, normalmente, os israelitas não eram muito bons em seguir instruções. Quando Moisés deu a entender que alertas adicionais seriam desnecessários, ele estava subestimando a depravação de Israel. Mas Deus conhecia seu povo. Ele sabia que, quando se tratava de obedecer na primeira vez ou até mesmo na segunda, seu povo falhava com frequência. Sabendo disso e conhecendo o valor da repetição, ele lhes deu um alerta triplo. Deus repetiu suas palavras para garantir que não houvesse qualquer equívoco.

Qualquer que tenha sido a razão, a advertência de manter distância é um lembrete sóbrio de que Deus é perigoso. Ele é majestoso e transcendente. Ele arde com uma santidade brilhante e flamejante. Por isso, como dizem as Escrituras, “horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10.31). Os israelitas devem ter percebido isso quando estavam ao pé do monte Sinai. Viram a fumaça na montanha, ouviram a voz de Deus e não ousaram se aproximar!

Mas Deus providenciou uma maneira para que o povo se aproximasse. Eles não podiam subir na montanha pessoalmente, mas Moisés pôde subir e se encontrar com Deus em seu lugar. Ele era seu mediador, aquele que falava com Deus em seu nome. Isso era algo que os israelitas precisavam e desejavam. No capítulo 20, lemos: “Todo o povo presenciou os trovões, e os relâmpagos, e o clangor da trombeta, e o monte fumegante; e o povo, observando, se estremeceu e ficou de longe. Disseram a Moisés: Fala-nos tu, e te ouviremos; porém não fale Deus conosco, para que não morramos [...] O povo estava de longe, em pé; Moisés, porém, se chegou à nuvem escura onde Deus estava” (20.18-19,21). Moisés servia como mediador de Israel, seu representante perante Deus. Mais tarde, quando Moisés descreveu seu trabalho como mediador, ele disse: “Nesse tempo, eu estava em pé entre o Senhor e vós, para vos notificar a palavra do Senhor, porque temestes o fogo e não subistes ao monte” (Dt 5.5).

Moisés também tinha alguém para ajudá-lo nesse trabalho, pois Deus lhe disse: “Vai, desce; depois, subirás tu, e Arão contigo [...] Desceu, pois, Moisés ao povo e lhe disse tudo isso” (19.24a,25). Arão já vinha servindo como porta-voz de

Moisés. Agora, Deus o estava preparando para seu ministério como sumo sacerdote. Juntamente com Moisés, ele recebeu a permissão de subir na montanha sagrada e se encontrar com Deus. Mais tarde, Arão faria a mesma coisa no tabernáculo. Quando o tabernáculo foi construído, o povo manteve distância, permanecendo do lado de fora dos limites da santa residência de Deus. Mas um homem – o sumo sacerdote – podia entrar no Santo dos Santos e encontrar-se com Deus. Assim, o tabernáculo apresentava a mesma estrutura espiritual, por assim dizer, que o monte Sinai: o povo permanecia a distância enquanto seu mediador se encontrava com Deus.10 Dessa forma, o povo de Deus aprendeu o que é exigido para entrar na presença de Deus. Precisamos ser cautelosos em como nos aproximamos dele. Apenas o mediador escolhido por Deus pode nos guiar para o lugar mais sagrado.

Não temam

Deus deu ao seu povo um privilégio extraordinário quando se encontrou com ele no monte Sinai. Seu privilégio era singular. Certa vez, Moisés disse: “Agora, pois, pergunta [...] se sucedeu jamais coisa tamanha como esta ou se se ouviu coisa como esta; ou se algum povo ouviu falar a voz de algum deus do meio do fogo, como tu a ouviste, ficando vivo” (Dt 4.32b-33). A resposta, claro, era não. Ninguém jamais havia experimentado o que Israel testemunhou no monte Sinai, onde aprendeu quão terrivelmente perigoso é aproximar-se do Deus que está presente e não permanece calado.

Como cristãos, desfrutamos de um privilégio muito maior. Esse privilégio é explicado em Hebreus 12, que estabelece um contraste entre o monte Sinai e o monte Sião, entre os terrores da lei e a graça do evangelho. Primeiro, as Escrituras nos garantem que não estamos mais ao pé do monte Sinai:

Ora, não tendes chegado ao fogo palpável e ardente, e à escuridão, e às trevas, e à tempestade, e ao clangor da trombeta, e ao som de palavras tais, que quantos o ouviram suplicaram que não se lhes falasse mais, pois já não suportavam o que lhes era ordenado: Até um animal, se tocar o monte, será apedrejado. Na verdade, de tal modo era horrível o espetáculo, que Moisés disse: Sinto-me aterrado e trêmulo! (Hb 12.18-21)

Foi isso que Israel experimentou, mas não é o que nós experimentamos na igreja. Viemos para uma montanha diferente, que Hebreus descreve em seguida:

[...] tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus, o Mediador da nova aliança, e ao sangue da aspersão que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel. (Hb 12.22-24)

O contraste é absoluto. É o contraste entre a lei e o evangelho, entre o monte Sinai e o monte Sião. Uma montanha era escura e tempestuosa; a outra é uma cidade de luz e alegria brilhante. Uma montanha era um lugar de medo e perigo; a outra é um lugar de paz e segurança. Em uma montanha, os anjos ardiam com fogo e detonavam com barulho; na outra eles formam uma comissão de boas-vindas para uma celebração. Uma montanha mantinha o povo a distância; a outra, o atrai para si.

O que é responsável pela diferença? A diferença não está em Deus. Ele está presente em ambas as montanhas, e até no monte Sião ele julga: “Tendes chegado [...] a Deus”, diz Hebreus, “o Juiz de todos” (Hb 12.22-23). A diferença é que, quando chegamos ao monte Sião, estamos do lado certo da justiça de Deus.11 Tudo isso por causa de Jesus Cristo e do sangue que ele derramou na cruz. Nessa passagem, a pessoa e a obra de Jesus Cristo ocupam a posição de clímax. Hebreus apresenta uma lista de todas as coisas que encontramos no monte Sião: a Jerusalém celestial, as miríades de anjos, a igreja de Deus. Mas a última coisa é a mais importante: chegamos “a Jesus, o Mediador da nova aliança, e ao sangue da aspersão” (Hb 12.24).

A fim de nos aproximarmos corretamente (e com segurança!) de um Deus santo e terrível, precisamos de um mediador. Jesus é esse mediador. Ele é o mediador que se ofereceu uma vez por todas como o sacrifício pelos nossos pecados (Hb 7.27; 9.26; 10.10). Por meio de sua crucificação e ressurreição, ele nos libertou de todos os terrores da lei de Deus e nos concedeu entrada para as glórias do céu. Philip Hughes escreve: “Tamanhos eram os terrores do Sinai, o monte da lei de

Deus, que, por causa de sua pecaminosidade, o povo não podia se aproximar da presença de Deus. Quão diferentes são as circunstâncias em Sião, o monte da graça de Deus, onde, graças ao sacrifício perfeito e suficiente oferecido pelo Filho encarnado em nosso lugar, somos convidados a nos aproximar com ousadia e entrar no Santo dos Santos celestial".12

Precisamos decidir onde queremos encontrar Deus – no monte Sinai ou no monte Sião. Se encontrarmos Deus no monte Sião, isso acontecerá apenas com base naquilo que Jesus fez, e ousamos nos aproximar dele tanto com confiança quanto com reverência (veja Hb 10.19-22). Peter Enns escreve:

Isso não significa que entramos em sua presença íntima de forma casual, sem reverência. Mas significa que, desde a morte e ressurreição de Cristo, entramos nessa presença com uma medida de alegria, ações de graça e confiança, que faltavam completamente em Êxodo 19, pois sabemos que estamos sem pecado perante Deus e fomos reconciliados com Deus por meio de Cristo. Assim como Moisés consagrou o povo em Êxodo 19 para preparar a sua aproximação de Deus, somos consagrados em virtude do nosso relacionamento com o Cristo ressurreto.13

Agora estamos livres para adorar, livres para amar e livres para pedir o que necessitamos. Nas palavras do hino triunfante de John Newton:

Amemos e cantemos e nos maravilhemos,

Louvemos o nome do Salvador!

Ele calou o alto trovão da lei,

Ele apagou a chama do monte Sinai:

Ele nos lavou em seu sangue.

Ele nos aproximou de Deus [...]

Maravilhemo-nos; graça e justiça

Se unem e apontam para o depósito da misericórdia;

Quando, por meio da graça, nossa confiança está em Cristo,

A justiça sorri e não faz perguntas:

Ele que nos lavou com seu sangue

Garantiu nosso caminho para Deus.14

A única maneira de obter esse tipo de acesso a Deus é por meio da fé em Jesus Cristo. Ele é o Mediador, aquele que nos aproxima de Deus. Não existe outra maneira de ter um relacionamento com Deus, senão por meio de Jesus. Hebreus 12 encerra com uma advertência de não rejeitarmos a salvação que Deus oferece em Jesus Cristo: “Tende cuidado, não recuseis ao que fala”. Por que não? Porque Deus está vindo de novo em toda a sua terrível majestade para nos julgar pelos nossos pecados: “Pois, se não escaparam aqueles [os israelitas] que recusaram ouvir quem, divinamente, os advertia sobre a terra [i.e., no monte Sinai], muito menos nós, os que nos desviamos daquele que dos céus nos adverte, aquele, cuja voz abalou, então, a terra; agora, porém, ele promete, dizendo: Ainda uma vez por todas, farei abalar não só a terra, mas também o céu” (Hb 12.25-26).

Esses versículos falam do juízo final, alertando-nos que, se rejeitarmos Jesus agora, não escaparemos naquele dia, mas estaremos perdidos para sempre. Deus está presente. Ele não está calado. E ele está dizendo: “Você precisa vir a mim por meio de Jesus para ser salvo”.

Notas

1 João Calvino, Commentaries on the Four Last Books of Moses, Calvin's Commentaries (Edimburgo; reimpressão. Grand Rapids: Baker, 1999), p. 326-27.

2 Maxie D. Dunnam, Exodus, The Communicator's Commentary (Waco, TX: Word, 1987), p. 245.

3 John Milton, "On the Morning of Christ's Nativity" (1629), estrofe 17, em The Oxford Book of Christian Verse, Lord David Cecil (org.) (Oxford, UK: Oxford University Press, 1940), p. 171.

4 Francis A. Schaeffer, The God Who Is There (1968), em The Complete Works of Francis A. Schaeffer: A Christian Worldview, vol. 1, A Christian View of Philosophy and Culture (Wheaton, Il.: Crossway, 1982). [Publicado pela Cultura Cristã com o título O Deus que intervém. (N. do R.)]

5 Esses exemplos são citados por S. R. Driver em The Book of Exodus (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1911), p. 176-77.

6 A tentativa mais bíblica e cientificamente convincente foi feita por Colin J. Humphreys em The Miracles of Exodus: A Scientist's Discovery of the Extraordinary Natural Causes of the Biblical Stories (Nova York: HarperCollins, 2003), p. 82-93.

7 Colin Humphreys argumenta que “gases vulcânicos que escapam sob pressão por rachaduras em pedras” produzem, às vezes, um som de trombeta (p. 90). Ele é sábio o bastante para não tentar explicar o que Moisés chamou de “a voz de Deus” (19.19).

8 Francis A. Schaeffer, He Is There and He Is Not Silent (1972), em The Complete Works of Francis A. Schaeffer: A Christian Worldview, vol. 1, A Christian View of Philosophy and Culture (Wheaton, Il.: Crossway, 1982). [Publicado pela Cultura Cristã com o título O Deus que se revela. (N. do R.)]

9 John L. Mackay, Exodus (Fearn, Ross-Shire, UK: Mentor, 2001), p. 336.

10 Essa conexão é feita por Peter Enns em Exodus, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2000), p. 391.

11 Devo essa descoberta ao meu colega Richard Phillips.

12 Philip Edgcumbe Hughes, A Commentary on the Epistle to the Hebrews (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), p. 543.

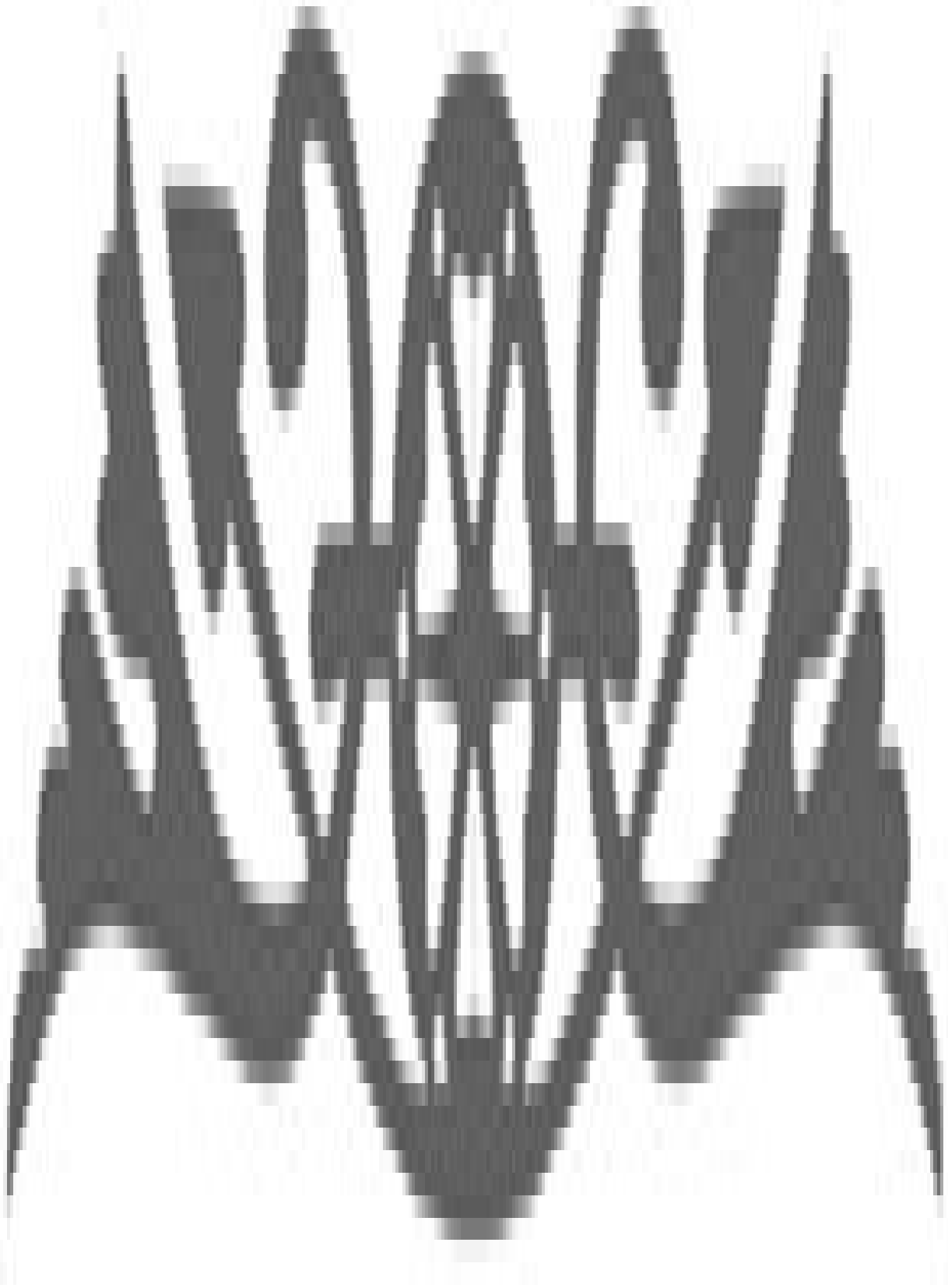
13 Enns, Exodus, 403.

14 John Newton, “Let Us Love, and Sing, and Wonder” (1774).

46

Escrito na pedra

Êxodo 20.1-2a



Em seu livro The Day America Told the Truth, James Patterson e Peter Kim expõem a lei para os tempos pós-modernos. Eles observam que, hoje, não existe "absolutamente nenhum consenso moral [...] Cada um estabelece seu próprio código moral pessoal – seus próprios Dez Mandamentos". Patterson e Kim apresentam, então, uma lista daquilo que chamam de os "dez verdadeiros mandamentos", as regras que, segundo as suas pesquisas, as pessoas seguem em sua vida. Essas regras incluem as seguintes:

Não vejo sentido em observar o sábado.

Roubarei daqueles que não sentirão falta daquilo.

Mentirei quando me convier, contanto que não cause danos reais.

Trairei meu marido/minha esposa – afinal de contas, se ele/ela tiver chance, fará o mesmo.

Cruzarei os braços e não farei absolutamente nada no trabalho em um dia da semana.1

Esses novos mandamentos se apoiam num relativismo moral, na convicção de que temos a liberdade de criar as nossas próprias regras baseadas em nossas próprias preferências pessoais. A lei não é algo que vem de Deus, mas algo que inventamos por conta própria. E, normalmente, as nossas leis conflitam com as leis de Deus. Não surpreende que aquilo que Patterson e Kim chamam de "os dez verdadeiros mandamentos" costumem violar as leis que Deus deu a Moisés: lembra-te do dia de sábado; seis dias trabalharás e farás toda a tua obra; não adulterarás; não furtarás; não dirás falso testemunho, etc. Tornamo-nos nossa própria lei.

Esperaríamos encontrar uma situação um pouco melhor na igreja. Certamente, o próprio povo de Deus honraria o padrão permanente e objetivo da lei de Deus! Mas a igreja está cheia de adoradores que nem mesmo conhecem os Dez Mandamentos, muito menos sabem como observá-los. Esse problema foi

documentado num estudo recente realizado pelo The Princeton Religion Research Center. A manchete dizia: “A religião está conquistando território, mas a moralidade está perdendo território”, e o relato mostrava como aumentos recentes nas visitas à igreja e na leitura da Bíblia têm sido anulados por um declínio simultâneo na moralidade.2

Como isso é possível? Como as pessoas podem estar mais interessadas em Deus e, ao mesmo tempo, estar menos dispostas a fazer o que ele diz? A única explicação é que as pessoas não conhecem o Deus da Bíblia, pois se conhecessem reconheceriam a autoridade absoluta de sua lei. Respeito por Deus sempre exige respeito por sua lei. E sempre que as pessoas têm pouca consideração pela lei de Deus, como acontece na nossa cultura, isso se deve à baixa estima que elas têm de Deus.

O Senhor, teu Deus

Se a lei vem de Deus, então é melhor começar entendê-la pelo próprio Deus. E é exatamente aqui que o livro de Êxodo inicia sua apresentação dos Dez Mandamentos, conhecidos também como Decálogo, termo que significa “dez palavras”: “Então falou Deus todas estas palavras” (20.1).

Para obtermos uma noção de quem Deus é, ajuda nos lembrarmos do cenário. Deus estava falando aos israelitas reunidos ao pé do monte Sinai. Êxodo 19 descreve como Deus desceu sobre a montanha em grande poder e glória, com trovão e relâmpago, fogo e fumaça. Os israelitas não podiam se aproximar mais, caso contrário morreriam. Eles haviam entrado na presença do Deus terrível e Todo-Poderoso, que vive em santidade inacessível. Evidentemente, tudo o que esse Deus tem a dizer exige a nossa atenção mais plena e cautelosa. O que recebemos do monte Sinai não foi simplesmente a lei de Moisés, mas a lei de Deus, expressa na revelação de sua glória. Como escreveria Isaías mais tarde: “Foi do agrado do Senhor, por amor da sua própria justiça, engrandecer a lei e fazê-la gloriosa” (Is 42.21).

Apesar de Deus ter revelado sua glória no fogo e na fumaça da montanha, ele ofereceu uma manifestação mais plena de sua divindade quando começou a falar. Disse: “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão” (20.2). Às vezes, esse versículo é chamado de prefácio ou prólogo aos

Dez Mandamentos. Nele, Deus defende a sua autoridade como legislador. O que dá a Deus o direito de dizer ao povo o que ele deve fazer? Nas palavras do Breve Catecismo de Westminster, “o prefácio dos Dez Mandamentos nos ensina que temos a obrigação de guardar todos os mandamentos de Deus, por ser ele o Senhor nosso Deus e Redentor” (resposta à pergunta 44).

Deus é o Senhor. Aqui, ele usa seu nome especial da aliança, Yahweh. Ele é o grande Eu Sou, o Senhor soberano e Todo-Poderoso. Ele é o Deus supremo, autoexistente, eterno e imutável que se vinculou a Abraão, Isaque e Jacó por meio da promessa inviolável de sua aliança. Além disso, ele é nosso Deus pessoal. “Eu sou o Senhor, teu Deus”, ele diz. De modo um tanto surpreendente, ele usa a segunda pessoa no singular, indicando, assim, que tem um relacionamento pessoal com cada indivíduo do seu povo.3 Esse relacionamento pessoal também é um relacionamento salvador, pois Deus continua e diz: “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão” (20.2). Esse é um resumo de tudo o que havia acontecido até agora em Êxodo. Deus estava lembrando aos israelitas que ele não era apenas seu Senhor e seu Deus, mas também seu Redentor. E foi este o fundamento no qual ele estabeleceu a lei para a vida do povo. Era o privilégio singular de Israel receber a lei diretamente de Deus.

O que Deus disse a Israel é essencialmente a mesma coisa que ele diz a cada pessoa que crê em Cristo: “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirou do Egito do teu pecado, da tua escravidão a Satanás”. Por meio da obra salvadora de Jesus Cristo crucificado e ressurreto, Deus é o nosso Senhor soberano e nosso Salvador pessoal e, por isso, ele tem o direito de reivindicar autoridade legal sobre nós. A lei vem de Deus, que é nosso Salvador e nosso Senhor.

Deus e sua lei

Se a lei vem de Deus, ela reflete necessariamente o seu caráter divino. Isso vale para regras e regulamentos em geral: eles revelam algo sobre o criador de regras. Para dar apenas um exemplo: veja as regulamentações federais extensas que regem o acesso público de deficientes a prédios públicos. O que essas leis nos dizem sobre a sociedade que as fez? Elas nos dizem que nós desejamos incluir os deficientes nos eventos ordinários da vida pública.

A lei sempre revela algo sobre o legislador. Isso era especialmente verdade no caso do monte Sinai, onde cada um dos Dez Mandamentos estampava o ser e os atributos do Deus Todo-Poderoso. O que, então, cada uma das leis nos diz sobre o Deus que as deu?

O primeiro mandamento é: “Não terás outros deuses diante de mim” (20.3). Obviamente, o Deus que deu esse mandamento é ciumento; ele não compartilhará a sua glória com qualquer outro deus. E ele está certo, pois ele é o único Deus verdadeiro. Todos os outros são impostores. O primeiro mandamento anuncia a soberania única do único Deus capaz de dizer: “Eu sou o Senhor, e não há outro” (Is 45.18b). Também indica a sua onipresença, pois nos ordena a não termos outros deuses “diante dele”, ou seja, “em sua presença” (esse ponto é desdobrado no capítulo 49 deste livro).

O segundo mandamento é: “Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra” (20.4). Esse mandamento trata de adorar ao Deus certo da maneira certa. Deus se recusa a ser adorado por meio de imagens. Isso mostra que ele é espírito, não possui forma física. A referência aos céus e à terra mostra também que ele é o Criador. Um dos problemas com os ídolos é que eles confundem o Criador com a sua criação. O mandamento fala, então, sobre a misericórdia e a justiça de Deus: “Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o Senhor, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos” (20.5-6). O Deus que deu a lei é um Deus que faz distinções morais absolutas. Ele pune os pecadores e, ao mesmo tempo, demonstra seu amor geração após geração do povo que ele decidiu salvar.

O terceiro mandamento fala de honrar o nome de Deus: “Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão” (20.7). A ameaça que acompanha esse mandamento mostra que Deus espera ser obedecido. Aqueles que violarem a sua lei serão considerados culpados. O mandamento em si mostra que Deus é digno de toda a honra e que, por isso, ele merece ser tratado com respeito. Até mesmo seu nome é santo.

O quarto mandamento é: “Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor,

teu Deus” (20.8-10a). Esse mandamento mostra que Deus é soberano sobre todos os eventos da vida diária. Ele é o Senhor todos os dias da semana. Também torna explícita a conexão entre o que é ordenado e aquele que ordena, entre Deus e sua lei: “Porque, em seis dias, fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou” (20.11). Somos ordenados a trabalhar e descansar porque servimos a um Deus que trabalha e descansa.

Os quatro primeiros mandamentos regem o nosso relacionamento com Deus; os seis últimos dizem respeito ao nosso relacionamento uns com os outros. Mas até mesmo esses mandamentos se apoiam em vários atributos divinos. O quinto mandamento fala do respeito à autoridade: “Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor, teu Deus, te dá” (20.12). O que está por trás desse mandamento é a própria autoridade de Deus como nosso Pai. É também o primeiro mandamento com uma promessa – a promessa de uma vida longa numa terra boa, que mostra como Deus é generoso ao prover para o seu povo.

O sexto mandamento é: “Não matarás” (20.13). Isso nos lembra que Deus é o Senhor e o doador da vida. Ele nos proíbe tirar uma vida inocente porque ele é o Deus que dá vida. Além do mais, esse mandamento preserva a sua soberania sobre o fim da vida. Ele é o Senhor sobre a morte e sobre a vida.

O sétimo mandamento é aquele que todos conhecem: “Não adulterarás” (20.14). O que isso nos diz sobre Deus? Diz que ele é um Deus de pureza e fidelidade, um Deus que espera que alianças sejam cumpridas. Também nos diz que ele é um Deus de alegria porque seu mandamento preserva o sexo para a comunhão no casamento.

O oitavo mandamento é: “Não furtarás” (20.15). O Deus que deu esse mandamento é o nosso Criador e Provedor. Observá-lo significa reconhecer que, no fim das contas, tudo pertence a ele e que, por isso, não temos o direito de tomar para nós o que foi dado a outro.

O nono mandamento nos instrui a dizer a verdade: “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo” (20.16). Esse mandamento vem do Deus da verdade, que é verdadeiro em tudo o que é, diz e faz. Como dizem as Escrituras, “a Glória de Israel não mente” (1Sm 15.29a).

O décimo mandamento fala do contentamento: “Não cobiçarás” (20.17a). A cobiça nasce de um desejo de possuir o que Deus não nos deu. Como o oitavo mandamento, guardar esse mandamento exige fé na providência de Deus. Deus nos ordena a não cobiçar porque podemos confiar que ele nos dará tudo o que realmente necessitamos. Ele é nosso provedor.

Mais um atributo divino é revelado nos Dez Mandamentos como um todo, e esse atributo é o amor. Quando Jesus resumiu a lei de Deus, ele disse: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22.37-39; cf. Dt 6.5; Lv 19.18; Rm 13.9). Em outras palavras, os Dez Mandamentos podem ser reduzidos a dois mandamentos: amar a Deus e amar ao próximo. Todos eles tratam do amor. Amamos a Deus adorando-o e usando o seu nome corretamente. Amamos nossos pais honrando-os. Amamos nosso marido ou nossa esposa sendo fiéis a ele ou a ela. Amamos nosso próximo protegendo sua vida, respeitando a sua propriedade e dizendo-lhe a verdade. O Deus que deu esses mandamentos é um Deus do amor, que quer que nós o amemos e compartilhemos seu amor com outros. Como disse Jesus: “aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama” (Jo 14.21a; cf. 1Jo 5.3a). Se isso é verdade, não podemos separar a lei de Deus do amor de Deus.

Resumindo: os Dez Mandamentos manifestam o caráter de Deus. Eles revelam sua soberania, seu ciúme, sua justiça, sua santidade, sua honra, sua fidelidade, sua providência, sua veracidade e seu amor.

Quando reconhecemos como Deus se derramou em sua lei, torna-se evidente que ele não poderia ter nos dado quaisquer outros mandamentos senão esses que nos deu. Os Dez Mandamentos expressam a vontade de Deus para a nossa vida porque se fundamentam em seu caráter. Isso ajuda a responder a um antigo dilema, o dilema que Platão apresentou em um de seus famosos diálogos: Deus ordena a lei porque a lei é boa ou a lei é boa porque Deus a ordena?4 A resposta é: ambos! A lei, com toda a sua bondade, resulta da bondade do caráter de Deus. A lei é boa porque Deus é bom, e sua bondade impregna cada aspecto de sua lei.

Jamais passará

O fato de que a lei de Deus expressa o caráter de Deus tem muitas implicações. Uma é que, quando violamos a lei de Deus, estamos lançando um ataque direto contra Deus. Adorar outro deus significa negar a soberania de Deus; usar seu nome em vão significa negar a sua honra; furtar significa negar a sua providência; mentir significa negar a sua veracidade, etc. Cada violação da Lei é uma ofensa ao caráter santo de Deus.

Outra implicação da relação entre o nosso Senhor e sua lei é que a lei é perpetuamente válida, ela permanece em vigor para todas as pessoas em todos os lugares por todos os tempos. Soberania, justiça, fidelidade, veracidade, amor – estes são os atributos eternos de Deus. Ele teria de deixar de ser Deus para anulá-los. Devemos, portanto, esperar que a lei que expressa seus atributos eternos tenha validade eterna.

Isso talvez explique por que Deus inscreveu os Dez Mandamentos em pedra, gravando-os com seu próprio dedo (31.18; 32.16). A. W. Pink comenta:

Sua singularidade aparece primeiro no fato de que essa revelação de Deus no Sinai – que serviria para todas as eras vindouras como a grande expressão de sua santidade e a soma da obrigação do homem – veio acompanhada de fenômenos que inspiravam tanto terror que o próprio modo de sua publicação demonstrou plenamente que o próprio Deus atribuía ao Decálogo uma importância peculiar. Os Dez Mandamentos foram expressos por Deus numa voz audível, com os adjuntos temerosos de nuvens e escuridão, trovões e relâmpagos e o clangor de uma trombeta, e foram as únicas partes da revelação divina ditas dessa forma – nenhum dos preceitos cerimoniais ou civis recebeu essa distinção. Essas dez palavras, e apenas elas, foram escritas pelo dedo de Deus em tábuas de pedra, e apenas elas foram depositadas na santa arca. Assim, na honra singular conferida ao Decálogo, podemos perceber sua importância suprema no governo divino.5

Os Dez Mandamentos foram escritos em pedra porque permaneceriam em vigor até o fim dos tempos. Quando seria permissível adorar outro deus, usar o nome de Deus em vão, mentir, matar ou furtar? Nunca, pois essas coisas são contrárias à natureza de Deus.

Uma maneira de demonstrar que a lei de Deus é eterna é mostrar que ela esteve

em vigor antes mesmo de Deus escrevê-la. Às vezes, Êxodo é descrito como “a doação da lei”. Essas leis, porém, já haviam sido dadas! Os mandamentos que Deus deu a Moisés no monte Sinai não eram novos; na verdade, eram tão velhos quanto a raça humana. Sabemos isso das histórias da Bíblia, em que Deus repreende e pune com frequência as pessoas que violam essas mesmas leis.

Existem exemplos claros de violações de mandamentos anteriormente em Êxodo. As dez pragas que Deus enviou contra o Faraó eram um castigo direto pela idolatria do Egito, que violava o primeiro e o segundo mandamentos (Nm 33.4). O próprio êxodo pessoal de Moisés havia sido provocado por sua violação do sexto mandamento (2.11-15). Na sarça ardente, Deus ensinou Moisés a honrar seu nome (3.1-15), de acordo com o terceiro mandamento. Deus revelou o princípio do sábado, do quarto mandamento, quando deu o maná durante seis dias da semana, e aqueles que deixavam de seguir as instruções apropriadas sofriam por sua desobediência (Êx 16). Assim, em vários momentos, o êxodo pressupôs a existência da lei de Deus, até mesmo antes de os israelitas alcançarem o monte Sinai.

Encontramos o mesmo princípio no livro de Gênesis, que contém muitas histórias sobre pessoas que violaram a lei de Deus. Cam, filho de Noé, foi amaldiçoado por desonrar seu pai (Gn 9.18-27). Caim foi condenado como assassino (Gn 4.10-12), os sodomitas foram condenados como adúlteros (Gn 19.24-25), Raquel, como ladra (Gn 31.19-32), Abraão, como mentiroso (Gn 20), e a esposa de Ló, como mulher gananciosa (Gn 19). Deus sempre lidou com as pessoas com base em sua lei. Certos mandamentos haviam sido revelados a elas e, se não estavam escritos em nenhum outro lugar, estavam inscritos nas tábuas do seu coração (veja Rm 2.14-15).

A lei moral de Deus remete ao jardim do Éden, onde (além de vários outros mandamentos referentes à sexualidade, ao descanso e ao trabalho) Deus ordenou que Adão e Eva não comessem da árvore do conhecimento do bem e do mal. Os teólogos debatem a questão se os nossos primeiros pais também conheciam alguns dos Dez Mandamentos. A Bíblia não nos diz. Mas, tendo Deus revelado ou não quaisquer de seus mandamentos específicos, Adão e Eva eram regidos por seus princípios básicos: amor por Deus e amor ao próximo. Eram obrigados a honrar uns aos outros, preservar a vida e dizer a verdade – o tipo de conduta ordenado mais tarde no monte Sinai. E, em seu primeiro pecado, Adão e Eva conseguiram violar quase todas as dez regras básicas de Deus. Comer do fruto proibido era furto, estimulado pela cobiça, baseado numa mentira sobre o caráter

de Deus. Comê-lo foi uma forma de ter outro deus. Era comparável a assassinato porque levou à morte de toda a raça humana. Desde o início, nossos primeiros pais deviam lealdade aos princípios básicos daquilo que os teólogos chamam de "a lei da criação" ou "a lei da natureza".

Resumindo: a lei de Deus estava em vigor de várias formas muito antes de os israelitas alcançarem o monte Sinai. O que, então, eram os Dez Mandamentos? Imagine-os como uma cópia nova. Eram uma reimpressão, em forma resumida, da vontade de Deus para a humanidade. Como comenta Peter Enns: "A 'doação' da lei no Sinai não é a primeira vez que Israel ouve falar das leis de Deus, mas é a codificação e promulgação explícitas dessas leis".6 Isso faz muito sentido se nos lembrarmos que os Dez Mandamentos expressam o caráter de Deus, que não muda.

A lei de Cristo

A lei continua em vigor hoje? Esta é uma pergunta vital. Os Dez Mandamentos continuam a ter relevância para os cristãos e a cultura em que vivemos? Uma vez que entendemos a relação entre o nosso Senhor e sua lei, é fácil responder a essa pergunta: sim, a lei de Deus continua em vigor hoje! Seu padrão não mudou, tampouco seu caráter. Como disse Ted Koppel, da ABC, em sua famosa palestra de inauguração na Duke University: "O que Moisés trouxe consigo quando desceu do monte Sinai não foram as dez sugestões. [...] São mandamentos. São, não eram".7

Algumas pessoas negam que a lei de Deus ainda esteja em vigor hoje em dia. Essa negação é, obviamente, feita por muitos não cristãos, que agem como se fossem a sua própria lei. Isso se deve, em parte, à ausência de lei da cultura que nos cerca, mas também se deve à maneira como alguns cristãos leem a Bíblia. Afinal de contas, o Novo Testamento faz uma série de declarações que parecem anular a lei do Antigo Testamento. Segundo João, por exemplo, "a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo" (Jo 1.17). Semelhantemente, o apóstolo Paulo escreveu: "Não estais debaixo da lei, e sim da graça" (Rm 6.14), e "tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio" (Gl 3.25; cf. Gl 5.18). Estas e outras declarações semelhantes parecem sugerir que a lei de Deus foi superada. Por outro lado, o Novo Testamento também parece alegar que a lei continua em vigor. Ele afirma

que estamos “debaixo da lei de Cristo” (1Co 9.21), por exemplo, ou até mesmo que “é mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til sequer da lei” (Lc 16.17).

Este não é o texto para apresentar uma exposição plena de tudo o que a Bíblia diz sobre a lei de Deus. Mas é vital entender que uma das razões pelas quais o Novo Testamento fala sobre a lei de maneiras diferentes é que existem vários tipos de lei. Aqui, poderíamos fazer pelo menos a distinção entre três tipos de lei: a moral, a civil e a cerimonial. Todas essas haviam sido dadas no Antigo Testamento, às vezes, de modo intercalado. Mas, a fim de entendermos a lei – e, no fim das contas, também o evangelho – elas precisam ser distinguidas com cuidado quando as contemplamos pela lente clara da pessoa e da obra de Jesus Cristo. “É de importância máxima”, escreve Ernest Reisinger, “discernir as diferenças entre a lei cerimonial, que pertencia à adoração de Israel e prefigurava Cristo; as leis civis ou jurídicas, que detalham as obrigações de Israel como nação (tendo suas raízes na lei moral, sobretudo na segunda tábua); e a lei moral, por meio da qual o Criador governa a conduta moral de todas as criaturas por todos os tempos”.8

A lei moral está resumida nos Dez Mandamentos. É o padrão justo e eterno para o nosso relacionamento com Deus e com os outros. A lei civil consistia nas leis que regiam Israel como nação sob o governo de Deus. Essas leis incluíam diretrizes para a guerra, restrições impostas ao uso da terra, regulamentos referentes a dívidas e penalidades por violações específicas do código legal de Israel. A lei cerimonial consistia em regulamentos para a celebração de vários festivais religiosos (p. ex., 23.14-19) e para a adoração de Deus em seu santuário (p. ex., Êx 25-30). Incluía leis sobre alimentos puros e impuros, instruções para a pureza ritual, diretrizes para a conduta dos sacerdotes e especialmente instruções para a oferta de sacrifícios – todo o sistema sacrificial (veja Levítico). Deus deu regulamentos que incluíam detalhes específicos sobre, por exemplo, quem deveria cortar a garganta de qual animal e como, e o que deveria ser feito com o sangue.

A lei cerimonial não está mais em vigor; ela foi abolida, porque todos os seus regulamentos apontavam para Jesus Cristo. No que diz respeito às cerimônias do Antigo Testamento, as Escrituras dizem: “Tudo isso tem sido sombra das coisas que haviam de vir; porém o corpo é de Cristo” (Cl 2.17; cf. Hb 10.1). Isso vale da forma mais óbvia para os sacrifícios. Agora que Cristo se ofereceu de uma vez por todas como expiação pelo pecado, nenhum outro sacrifício se faz

necessário. Continuar seguindo as antigas cerimônias significaria negar a suficiência de sua obra na cruz. Um dos erros da perspectiva teológica conhecida como dispensacionalismo é imaginar que as antigas cerimônias e sacrifícios voltarão a ser implementados em Israel.9 Mas o sistema sacrificial foi superado por Cristo, e as duas únicas cerimônias ainda em vigor – o batismo e a Ceia do Senhor – remetem à cruz.

A lei civil também expirou, mas por uma razão um pouco diferente: a igreja não é um Estado. Nós temos um rei (Cristo), mas seu reino é espiritual. Portanto, mesmo que as leis civis do Antigo Testamento contenham princípios úteis para governar as nações de hoje, o povo de Deus não está mais submetido às suas regulamentações específicas. O erro básico da perspectiva teológica conhecida como teonomia (ou "reconstrução cristã") é imaginar que as leis civis do tempo de Moisés deveriam ser implementadas na América do Norte de hoje. É disso que algumas pessoas estão falando quando falam em restaurar uma "América cristã". Mas, como Calvino reconheceu, esse tipo de visão é "perigoso e subversivo", pois, como a lei cerimonial, a lei cívica foi superada por Cristo.10 Hoje, o povo de Deus é governado pela disciplina da igreja, que se fundamenta na lei moral e que tem consequências espirituais, não civis.

A distinção entre esses três tipos de lei – a moral, a civil e a cerimonial – nos ajuda a entender o que o Novo Testamento ensina sobre a lei de Deus. A lei cerimonial e a lei civil eram tipos e figuras que apontavam para a cruz e o reino de Cristo. Agora que ele veio, elas foram abolidas, razão pela qual o Novo Testamento parece, às vezes, desprezar a lei. Como vimos, o que agora está em vigor são os sacramentos e a disciplina da igreja, que são um eco da lei cerimonial e civil respectivamente. O Novo Testamento também rejeita completamente a ideia de que podemos ser justificados pela observância da lei. É especificamente nesse sentido que não estamos mais "debaixo da lei" (Rm 6.14; Gl 5.18). Nossa salvação não depende da nossa capacidade de observar a lei. Como veremos no próximo capítulo, somos incapazes de observá-la e, por isso, não podemos ser declarados justos por ela (Rm 3.20). Mas já que a nossa inclinação natural é pensar que podemos ser salvos por nossa própria obediência, a Bíblia condena toda e qualquer tentativa de usar a observância da lei de Deus como maneira de justificar a nós mesmos.

O que, porém, o Novo Testamento nunca faz é declarar o fim da lei moral de Deus como seu padrão para a nossa vida. Ela continua sendo, nas palavras da Confissão de Fé de Westminster, "uma perfeita regra de justiça" (19.2), ou, como

Calvino a chamou, a “regra verdadeira e eterna de justiça”.11 Semelhantemente, Ernest Reisinger descreve a lei moral como “o padrão eterno da correta conduta moral – um padrão fixo e objetivo de justiça”.12 Isso faz sentido se nos lembramos do relacionamento íntimo entre a lei moral e o caráter do Senhor que a deu. A lei é tão eterna quanto Deus.

Além do mais, o caráter de Deus também é o caráter de seu Filho, Jesus Cristo. A Bíblia ensina que Jesus é “o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser” (Hb 1.3a). Jesus é o Deus que revelou sua lei a Moisés; a lei expressa o caráter do Filho e do Pai. Portanto, tentar separar o Deus que deu a lei do Deus que demonstrou a sua graça no evangelho significaria praticamente dividir a Trindade. O Filho é tão soberano, ciumento, doador de vida, fiel, verdadeiro e amoroso quanto o Pai que se revelou nos Dez Mandamentos.

Dada a relação íntima entre Deus e sua lei, e entre o Pai e o Filho, não surpreende que Jesus nos tenha advertido: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra” (Mt 5.17-18). Claramente, Jesus estava falando da lei moral, pelo menos em parte, pois continuou a dizer: “Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus” (Mt 5.19). A lei de Moisés não é simplesmente a lei de Deus; é, também, a lei de Cristo.

A maneira correta de viver

Durante todo o nosso estudo de Êxodo 20, nosso foco estará voltado para a lei moral de Deus. Uma maneira de demonstrar que essa lei continua em vigor é monstrar como, de uma forma ou de outra, todos os dez mandamentos originais são repetidos no Novo Testamento, seja pelo próprio Jesus ou pelos ensinamentos dos seus apóstolos.

Quando o Novo Testamento cita os pecados que levam à condenação ou os atos de obediência que agradam a Deus, ele segue, às vezes, o esboço dos Dez Mandamentos (p. ex., Mt 15.19; 19.17-19; Rm 7.8-10; 1Co 6.9-10; 1Tm 1.9-11; Ap 21.8). Mas os mandamentos são tratados também individualmente. O

primeiro mandamento ordena que não devemos ter outros deuses. Jesus fez, em essência, a mesma reivindicação sobre si mesmo: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6; cf. At 4.12). O segundo mandamento proíbe a idolatria. João disse: “Filhinhos, guardai-vos dos ídolos” (1Jo 5.21). O terceiro mandamento nos instrui a honrar o nome de Deus, que é exatamente como Jesus nos ensinou a orar: “Santificado seja o teu nome” (Mt 6.9). O quarto mandamento trata do trabalho e do descanso. Como pessoas que creem em Jesus Cristo, aprendemos que, independentemente daquilo que façamos, devemos nos dedicar com todo o nosso coração (Cl 3.23). Também aprendemos que Jesus é o Senhor do sábado (Mt 12.8) e que “resta um repouso para o povo de Deus” (Hb 4.9).

Os quatro primeiros mandamentos falam sobre o amor a Deus, mas e quanto o amor ao próximo? No quinto mandamento, somos instruídos a honrar nossos pais. Essa ordem é repetida pelo apóstolo Paulo: “Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor, pois isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe” (Ef 6.1-2a). Em seguida, sem alterar em nada o sexto mandamento, Jesus esclarece seu verdadeiro propósito espiritual quando diz: “Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás [...] Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento” (Mt 5.21-22a). Jesus faz a mesma coisa com o sétimo mandamento: “Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela” (Mt 5.28). No que diz respeito ao oitavo mandamento, o Novo Testamento diz: “Aquele que furtava não furte mais; antes, trabalhe” (Ef 4.28a). E em relação ao nono mandamento, as Escrituras dizem: “Não mintais uns aos outros” (Cl 3.9a). Por fim, o décimo mandamento proíbe a cobiça, que o apóstolo Tiago condena com as palavras: “Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres” (Tg 4.3).

A lei continua em vigor hoje? É claro que sim! Como a Bíblia demonstra do início ao fim, os Dez Mandamentos nos mostram a maneira correta de viver. São baseados na justiça de Deus, o que explica por que até mesmo o Novo Testamento tem tantas coisas positivas a dizer sobre a lei de Deus. “Anulamos, pois, a lei pela fé?”, pergunta Paulo. “Não, de maneira nenhuma! Antes, confirmamos a lei” (Rm 3.31). Mais adiante, ele descreve o mandamento como “santo, e justo, e bom” (Rm 7.12) e insiste que ele não está “sem lei para com Deus”, mas permanece “debaixo da lei de Cristo” (1Co 9.21).

Tudo isso diz respeito à lei. E quanto ao evangelho? Tentaremos dar uma

resposta mais completa nos capítulos seguintes. Mas a resposta é basicamente esta: é a nossa violação da lei que nos ajuda a reconhecer a nossa necessidade do evangelho. Quanto mais clara for a nossa visão daquilo que exige a lei de Deus, mais óbvio se torna que não somos capazes de observar os seus mandamentos, o que é exatamente a razão pela qual precisamos do evangelho. Não podemos ser salvos por nossa observância da lei porque não a observamos. Mas Jesus a observou! Ele observou toda a lei em nosso lugar. Perfeitamente. E em sua morte na cruz ele sofreu a penalidade que nós merecíamos por nossa incapacidade de observar a lei de Deus. Agora, todos os que creem em Jesus Cristo serão salvos graças à sua observância da lei e por causa do seu sofrimento de sua maldição.

Como crentes em Jesus Cristo, precisamos continuar a observar a lei de Deus? Sim. A lei moral expressa a vontade justa e perfeita de Deus para a nossa vida. Assim, Jesus ordena que a observemos não como uma maneira de acertar as contas com Deus, mas como a maneira de agradar ao Deus que acertou as nossas contas com ele.

Notas

1 James Patterson e Peter Kim, The Day America Told the Truth (Nova York: Plume, 1992), p. 201.

2 “Religion Is Gaining Ground, but Morality Is Losing Ground”, Emerging Trends 23, nº 7 (setembro de 2001), p. 1-2.

3 Também é possível interpretar a segunda pessoa no singular como fala coletiva à nação de Israel como pessoa corporativa. Mas mesmo que toda a nação esteja em vista, o efeito do singular serve para personalizar a lei.

4 O dilema é apresentado em Euthyphro, em que Platão faz Sócrates perguntar: “Os deuses amam um ato porque ele é piedoso, ou ele é pio porque os deuses o amam?” Veja Samuel Enoch Stumpf, Socrates to Sartre: A History of Philosophy, 3 ed. (Nova York: McGraw-Hill, 1982), p. 38.

5 Arthur W. Pink, The Ten Commandments (Swengel, PA: Reiner, 1961), p. 5.

6 Peter Enns, Exodus, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2000), p. 371.

7 Ted Koppel, citado em Cal Thomas, Los Angeles Times (1994).

8 Ernest C. Reisinger, The Law and the Gospel (Phillipsburg, NJ: P&R, 1997), p. 54.

9 Ao contrário da teologia da aliança, a teologia dispensacionalista clássica acredita na restauração futura de Israel como nação debaixo de Deus, com a reconstrução do templo e o reestabelecimento do sistema sacrificial do Antigo Testamento.

10 João Calvino, Institutes of the Christian Religion, Ford Lewis Battles (trad.), 2 vols., Library of Christian Classics, 20-21 (Filadélfia: Westminster, 1960), IV.xx.14.

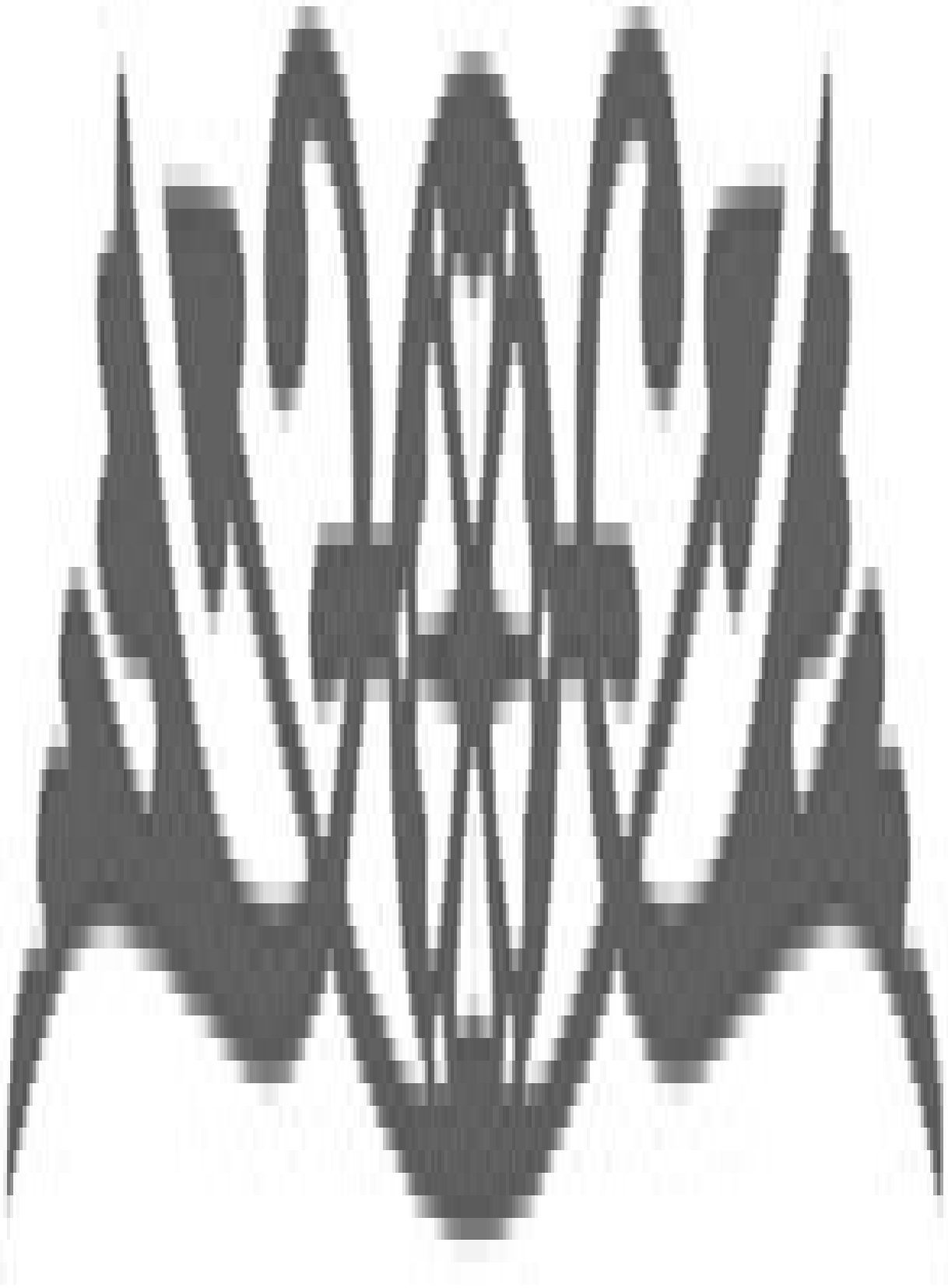
11 João Calvino, John Calvin's Sermons on the Ten Commandments, Benjamin W. Farley (org. e trad.) (Grand Rapids: Baker, 1980), p. 24.

12 Reisinger, The Law and the Gospel, p. 69.

47

Um item multiuso

Êxodo 20.2b



Os consumidores norte-americanos nutrem um fascínio por itens multiuso. Veja, por exemplo, o sucesso extraordinário do canivete suíço. Além da lâmina comum, essa ferramenta útil tem um palito, uma pinça, tesoura, algumas chaves de fenda, uma serra e um saca-rolhas. A ferramenta é uma faca, mas tem muito mais: uma ferramenta indispensável para executar qualquer tarefa.

A lei de Deus é um item multiuso como essa ferramenta. Essa verdade importante ajuda a explicar por que a Bíblia fala da lei de tantas maneiras diferentes. Deus tem vários propósitos para a sua lei, e a coisa importante a saber é como usá-la. Como observou o apóstolo Paulo: "Sabemos, porém, que a lei é boa, se alguém dela se utiliza de modo legítimo" (1Tm 1.8). Neste capítulo, contemplaremos três maneiras de usar a lei de Deus: em primeiro lugar, a lei ensina ao povo remido de Deus como viver para a glória de Deus; em segundo lugar, a lei reprime o pecado na sociedade; e, em terceiro lugar, a lei mostra ao pecador sua necessidade de um Salvador.

Ensinando-nos como viver

Pode ser surpreendente descobrir que Êxodo 20 começa não com a lei, mas com o evangelho: "Então, falou Deus todas estas palavras: Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão" (20.1-2). Como vimos, esses versículos ensinam que a lei vem de Deus – do grande Deus da aliança que revelou a sua glória na montanha. E esse grande Deus é um Deus que salva!

No início do capítulo 20, Deus resume toda a aventura épica do êxodo em duas expressões sucintas: "que te tirei da terra do Egito" e "da casa da servidão". Deus estava lembrando ao seu povo as boas-novas da sua salvação. Durante séculos, o povo havia sofrido na prisão de Faraó. Mas, ao enviar 10 pragas terríveis, ao salvá-lo por meio do sangue de um cordeiro, ao represar o mar e ao fornecer pão no deserto, Deus libertou seu povo. Sua libertação foi o grande evento salvador do Antigo Testamento.

Quase imediatamente após libertar o seu povo, Deus lhe deu a sua lei. A ordem é significativa: primeiro o evangelho, depois a lei. Como escreve o teólogo holandês Joachim Duma em sua excelente exposição de Êxodo 20: "Os

mandamentos seguem o evangelho da libertação imerecida”.1

Muitos cristãos acreditam que, de alguma forma, a lei se opõe ao evangelho. Supõem que, no Antigo Testamento, a salvação vinha por meio da lei; no Novo Testamento, por meio da graça. Mas a verdade é que a salvação sempre veio por meio da graça e que a lei e o evangelho cooperam para a salvação em ambos os Testamentos. A graça do evangelho jamais se opôs ao uso correto da lei.

Vemos a lei e o evangelho trabalhando juntos em Êxodo, que contém o exemplo mais claro de salvação e a apresentação mais plena da lei de Deus no Antigo Testamento. É importante observar que Deus só deu os Dez Mandamentos a Israel no capítulo 20. Antes vêm os capítulos 1 a 19, que contam a história da salvação pela graça – em que Deus cumpre a promessa de sua aliança ao tirar Israel do Egito. Depois vem o capítulo 20, no qual Deus dá ao seu povo uma lei pela qual ele deve viver.

Essa lei era para aqueles que já haviam sido remidos. Aqui, precisamos nos lembrar do tema abrangente de Êxodo: o povo de Deus é salvo para a glória de Deus. O problema com Faraó e os egípcios não era simplesmente que era errado ter escravos, mas que estavam impedindo os israelitas de servirem ao seu Deus. O êxodo trouxe uma troca de senhores. O povo de Deus foi liberto de sua escravidão sob Faraó para que servisse ao Deus vivo e verdadeiro – não como escravos capturados, mas como filhos e filhas libertos. A lei que Deus lhe deu na época de sua emancipação não era uma nova forma de escravidão, mas uma carta de liberdade. Era apenas porque o povo de Deus havia sido salvo pela graça que ele agora estava livre para viver pela lei da comunidade de sua aliança. O povo havia sido remido, por isso, não deveria ter outros deuses, fazer ídolos, etc. Deus não libertou seu povo para ele fazer o que bem quisesse, mas para viver para ele. Esse havia sido o único objetivo do êxodo. E este é um dos usos mais importantes da lei: ensinar às pessoas que foram remidas como viver para a glória do seu Deus.

O povo de Deus precisa sempre se lembrar dessa conexão entre a graça de Deus e a lei de Deus. No livro de Deuteronômio, Deus deu aos pais de Israel estas instruções:

Quando teu filho, no futuro, te perguntar, dizendo: Que significam os

testemunhos, e estatutos, e juízos que o

Senhor

, nosso Deus, vos ordenou? Então, dirás a teu filho: Éramos servos de Faraó, no Egito; porém o

Senhor

de lá nos tirou com poderosa mão. Aos nossos olhos fez o

Senhor

sinais e maravilhas, grandes e terríveis, contra o Egito e contra Faraó e toda a sua casa; e dali nos tirou, para nos levar e nos dar a terra que sob juramento prometeu a nossos pais. O

Senhor

nos ordenou cumpríssemos todos estes estatutos e temêssemos o

Senhor

, nosso Deus, para o nosso perpétuo bem, para nos guardar em vida, como tem feito até hoje. (Dt 6.20-24)

Quando as crianças de Israel perguntassem por que precisavam observar a lei de Deus, seus pais deveriam contar-lhes uma história. A única maneira de compreenderem o significado da lei era conhecendo seu contexto, que era a experiência do êxodo – a história da sua salvação. Primeiro o evangelho, depois a lei.

A relação entre lei e evangelho no êxodo estabelece o padrão para (ou "tipifica") um propósito da lei na vida cristã: a lei ensina ao povo remido de Deus como viver. Nós também temos uma história a contar – a história da nossa redenção em Jesus Cristo. A história começa com a nossa escravidão do pecado. Estávamos em escravidão tão profunda que não havia rota de fuga. Mas Deus nos libertou do pecado e de Satanás por meio da obra salvadora de Jesus Cristo.

Sua morte e ressurreição foram o nosso grande êxodo, a nossa emancipação.

O que vem agora, após termos recebido a graça de Deus no evangelho? Estamos livres para viver como bem entendemos? Podemos ser salvos e, mesmo assim, levar uma vida pecaminosa? É claro que não! Estamos livres para viver da maneira que agrade a Deus. Certa vez, Martinho Lutero explicou esse princípio a um de seus alunos. Ele havia falado sobre a graça gratuita de Deus para os pecadores, sobre como a nossa salvação não depende de nossas próprias boas obras, mas da obra salvadora de Jesus Cristo. “Se o que você está dizendo é verdade”, objetou o aluno, “podemos viver como quisermos!”. Lutero respondeu: “Sim. Agora, o que é que você quer?”.2

O que Lutero disse ao seu aluno estava completamente em harmonia com as Escrituras. O apóstolo Pedro disse: “Como livres que sois, não usando, todavia, a liberdade por pretexto da malícia, mas vivendo como servos de Deus” (1Pe 2.16). É apenas porque fomos libertos pela graça de Deus que somos obrigados a amar e obedecer a Deus. O apóstolo Paulo acrescenta que somos obrigados também a amar o próximo: “Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor” (Gl 5.13). Observe o que Pedro e Paulo estão fazendo nesses versículos: estão nos ordenando a amar a Deus e a amar ao próximo, o que é exatamente a essência dos Dez Mandamentos. Paulo torna essa conexão explícita, quando continua: “Porque toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Gl 5.14). Mas, evidentemente, Pedro e Paulo estavam apenas repetindo o que Jesus disse ao resumir a lei em dois grandes mandamentos: amar a Deus e ao próximo (Mt 22.37-40). Jesus também disse: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (Jo 14.15). O evangelho de Jesus Cristo nos obriga a observar a lei de Deus.

Como crentes em Cristo, somos chamados para viver do modo que agrade a Deus, o que significa viver segundo seu perfeito padrão. O padrão de Deus não mudou, como se, de alguma forma, sua graça tivesse redefinido a sua justiça. Pelo contrário, como vimos no capítulo anterior, a lei moral expressa o próprio caráter de Cristo. Agora, sob a hábil orientação do Espírito Santo, ela continua a ser o nosso mestre e o nosso guia. O puritano Thomas Watson escreveu: “A lei moral é a cópia da vontade de Deus, nossa diretriz espiritual; ela nos mostra quais pecados evitar, quais obrigações cumprir”.3 Batendo numa tecla semelhante, o bispo anglicano J. C. Ryle argumentou: “Não existe erro maior do que supor que um cristão nada tem a ver com a lei e os Dez Mandamentos

porque ele não pode ser justificado por meio de sua observância. O mesmo Espírito Santo que convence o crente do pecado por meio da lei e que o guia até Cristo para a justificação também o guiará para um uso espiritual da lei como um guia amigável na busca da santificação".4 A lei é útil para nos instruir na justiça. Ela nos ajuda a saber o que agrada a Deus. Ela nos mostra como viver.

Restringindo o pecado na sociedade

Um segundo uso da lei também é mencionado em Êxodo 20. Deus usa a sua lei para conter o pecado na sociedade humana. Os mandamentos da lei, com sua acusação de culpa e ameaça de punição, desencorajam as pessoas a pecar contra Deus. A lei não impede totalmente que as pessoas pequem, é claro, porque ela não consegue mudar a nossa natureza pecaminosa. Mas, em certa medida, a lei serve para conter o nosso pecado.

Deus pretendia que sua lei tivesse esse efeito limitador sobre Israel. Quando o povo recebeu os Dez Mandamentos, as pessoas responderam com temor e tremor. Ficaram aterrorizadas com Deus e o poder de sua voz. Mas Moisés lhes garantiu que a lei de Deus era para o seu próprio benefício. Disse: "Não temais; Deus veio para vos provar e para que o seu temor esteja diante de vós, a fim de que não pequeis" (20.20). A lei era, em parte, um impedimento. Tinha o propósito preventivo de manter o povo de Deus longe do pecado. A ameaça da penalidade da lei mantinha sua depravação sob controle. Calvino comparou esse uso da lei com a rédea que controla um cavalo desobediente:

O segundo ofício da lei é, em virtude de suas denúncias temerosas e o terror consequente do castigo, frear aqueles que, se não forem forçados, não têm respeito pela retidão e justiça. Essas pessoas são refreadas não porque sua mente seja tocada ou afetada internamente, mas porque, como se rédeas lhes fossem colocadas, impedem suas mãos de cometer atos externos e refreiam internamente a depravação, que, sem ela, irromperia furiosamente.5

A razão pela qual a lei é capaz de impedir que as pessoas pequem é que, como

vimos no capítulo anterior, ela expressa muitos dos atributos divinos do Deus Todo-Poderoso, como, por exemplo, sua soberania e justiça. Por isso, a lei tem o poder de encorajar o temor de Deus e, ao mesmo tempo, desencorajar qualquer desejo pecaminoso contra ele. A lei ensina que existe um Deus grande e poderoso que pune as pessoas por seus pecados. Isso, inevitavelmente, tem o efeito de nos advertir a não pecar contra ele.

A lei continua a ter esse efeito de restrição ainda hoje, razão pela qual muitos cristãos são a favor de expor os Dez Mandamentos na sala de aula e no tribunal. Vivemos cada vez mais numa sociedade sem lei. Os efeitos disso podem ser vistos na escola, onde professores enfrentam quase sempre má-conduta e, muitas vezes, a ameaça real de violência. Vemos os efeitos também nos tribunais, onde os jurados são confrontados com crimes indizíveis e os juízes têm dificuldade para saber o que a justiça exige. Precisamos de orientação moral, e qual guia seria melhor do que os mandamentos de Deus inscritos em pedra?

Existem algumas razões para duvidarmos do bem que faria expor os mandamentos. Existe sempre o risco de, ao expor a lei de Deus num prédio público, banalizá-la – da mesma forma como Deus é trivializado quando seu nome é impresso em cada cédula de dólar. A simples exposição dos Dez Mandamentos levará as pessoas a respeitarem a Deus e a sua lei? Em certa medida, sim, mas o que as pessoas realmente precisam não é apenas da lei, mas do evangelho. De que adianta as pessoas saberem o que Deus exige se o Espírito Santo não as capacita a cumpri-lo? Além do mais, como veremos num instante, um dos principais propósitos da lei é demonstrar que não somos capazes de cumpri-la. Portanto, em vez de nos afastar do pecado, a exposição dos Dez Mandamentos numa parede terá o efeito principal de nos mostrar quão pecaminosos realmente somos!

Mesmo assim, ignorando por hora todas as questões constitucionais referentes à separação de Estado e igreja, expor os Dez Mandamentos é uma ideia boa e piedosa. Os mandamentos vêm da Palavra de Deus, que jamais deixa de cumprir seu propósito (Is 55.11). Além do mais, é bom confrontar as pessoas com um padrão objetivo daquilo que é certo e errado, estabelecido por um Deus de verdade e justiça. A mera existência dos Dez Mandamentos declara que precisamos prestar contas a Deus por aquilo que fazemos ou deixamos de fazer.

Isso, sem dúvida alguma, explica por que existe hoje tamanha oposição contra a exposição dos Dez Mandamentos. As pessoas se sentem incomodadas quando

Deus lhes diz o que devem fazer; assim, tentam tirar seus mandamentos das paredes e, muitas vezes, essas tentativas são bem-sucedidas. Em Stone vs. Graham, o Supremo Tribunal dos Estados Unidos rejeitou a ideia de que os Dez Mandamentos devem ocupar qualquer espaço numa sociedade secular. A corte argumentou:

O propósito preeminente de expor os Dez Mandamentos nas paredes da sala de aula é claramente de natureza religiosa. Os Dez Mandamentos são inegavelmente um texto sagrado [...] e nenhuma recitação legislativa de um propósito supostamente secular pode nos cegar a esse fato. Os mandamentos não se confinam a questões seculares, como honrar nossos pais, homicídio ou assassinato, adultério, furto, testemunho falso e cobiça. A primeira parte dos mandamentos trata das obrigações religiosas dos fiéis: adorar exclusivamente ao Senhor Deus, evitar idolatria, não usar o nome do Senhor em vão e observar o sábado.6

Sem querer discutir se os juízes chegaram à decisão correta em termos constitucionais, eles estavam absolutamente certos sobre o que os Dez Mandamentos fazem: nos confrontam com a nossa obrigação diante de Deus e também do nosso próximo. E é bom que as pessoas sejam confrontadas, porque a lei de Deus tem a capacidade de restringir o pecado na sociedade. Os cristãos que desejam expor os Dez Mandamentos têm o instinto correto. Mesmo que a lei não seja capaz de salvar por si só, ela ajuda a promover uma sociedade justa. A lei de Deus informa a consciência para que quem venha a ler os Dez Mandamentos tenha uma percepção mais clara daquilo que Deus exige e daquilo que Deus proíbe. Esse conhecimento de Deus e de sua lei pode afastar as pessoas do pecado. E quando a lei de Deus – com todas as suas ameaças e punições – se infiltra na lei de um país, ela impede que pessoas cometam pecados especialmente destrutivos.

Revelando a nossa necessidade de um Salvador

Até agora temos contemplado o que a lei é capaz de fazer. Ela ensina ao povo

remido de Deus como viver para a glória de Deus e restringe o pecado na sociedade. Mas existe uma coisa que a lei é incapaz de fazer, a saber, trazer a salvação plena e final. A lei é impotente nesse sentido porque é enfraquecida pela natureza pecaminosa (veja Rm 8.3). Mas até mesmo em sua impotência a lei se revela útil, pois demonstra que precisamos de alguém para nos salvar. Este é, talvez, o uso mais importante da lei: mostrar ao pecador que ele precisa de um Salvador.

Para entender como a lei faz isso, é preciso compreender que Israel era obrigado a observar a lei perfeitamente. Existem vários indícios disso em Êxodo. Encontramos um no capítulo 24, em que os israelitas prometem obedecer a lei de Deus. Após Moisés ter lido o livro da aliança, o povo disse: “Tudo o que falou o Senhor faremos e obedeceremos” (24.7). Os israelitas estavam comprometidos em virtude de sua própria promessa de guardar a aliança de Deus. Mais tarde, Moisés lhes disse: “Então, vos anunciou ele [Deus] a sua aliança, que vos prescreveu, os dez mandamentos, e os escreveu em duas tábuas de pedra” (Dt 4.13).

Os israelitas eram obrigados a observar a lei de Deus, não simplesmente porque foi isso que eles prometeram, mas porque era isso que sua salvação exigia: obediência perfeita à vontade revelada de Deus. Em certo sentido, é claro, os israelitas já estavam salvos. Eles haviam sido libertos do Egito. No entanto, esta não era a sua salvação plena e final. Era apenas uma libertação terrena, e Deus estava planejando uma eternidade para eles com ele no céu. Mas, para que alcançassem seu destino, eles teriam de satisfazer as exigências justas da lei de Deus. Como Moisés os lembrou mais tarde, “o Senhor nos ordenou cumpríssemos todos estes estatutos [...] Será por nós justiça, quando tivermos cuidado de cumprir todos estes mandamentos perante o Senhor, nosso Deus, como nos tem ordenado” (Dt 6.24a-25). E repetiu: “Portanto, os meus estatutos e os meus juízos guardareis; cumprindo-os, o homem viverá por eles” (Lv 18.5). Mais tarde, Jesus fez uma declaração praticamente idêntica: “Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos” (Mt 19.17b). A fim de serem justos perante Deus, os israelitas precisavam obedecer a sua lei; se o fizessem, seriam salvos para sempre.

O problema é que eles não conseguiram cumpri-la! Na verdade, assim que Deus lhes dissera que eles não deveriam ter outros deuses, eles foram e fizeram um bezerro de ouro (Êx 32). Isso mostra que, a despeito de toda a sua utilidade para nos ensinar como viver, a lei não tem o poder de transformar a nossa natureza

pecaminosa. Em vez disso, ela, como um espelho que revela cada mancha no rosto de uma pessoa, revela quão pecaminosos realmente somos.

Pior ainda, a lei pode até provocar o nosso pecado. O apóstolo Paulo discutiu isso em Romanos 7. Primeiro, ele revelou o que acabamos de discutir, ou seja, que a lei revela o nosso pecado: “Eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei” (Rm 7.7b). Então, usando o décimo mandamento como exemplo, ele explicou que, de várias maneiras, a lei serve para estimular o pecado: “não teria eu conhecido a cobiça, se a lei não dissera: Não cobiçarás. Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, despertou em mim toda sorte de concupiscência” (Rm 7.7c,8a).

Já é ruim que a lei provoque o pecado, mas a situação fica ainda pior, pois o pecado leva à morte. Paulo continuou: “Porque, sem lei, está morto o pecado. Outrora, sem a lei, eu vivia; mas, sobrevindo o preceito, reviveu o pecado, e eu morri. E o mandamento que me fora para vida, verifiquei que este mesmo se me tornou para morte. Porque o pecado, prevalecendo-se do mandamento, pelo mesmo mandamento, me enganou e me matou” (Rm 7.8b-11). Violar a lei leva à morte. Isso já seria ruim o bastante, mas, acredite ou não, a situação fica ainda pior, pois aqueles que pecam e morrem se encontram sob a maldição de Deus. Como dizem as Escrituras: “Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para praticá-las” (Gl 3.10).

Esta, então, era a situação: o povo de Deus era obrigado a obedecer a uma lei à qual não podia obedecer. Em vez de trazer-lhe salvação plena e final, a lei expôs seu pecado, sujeitando o povo à morte e à ira e maldição de Deus. João Calvino escreveu que, ao mesmo tempo em que a lei “demonstra a justiça de Deus, i.e., a única justiça aceitável a Deus, ela adverte, informa, julga e condena cada homem por sua própria injustiça”.7

Por que, então, Deus deu a lei ao seu povo? Por que ele lhe deu algo que não apenas lhe daria ordens, mas também o condenaria? A resposta é que ele lhe deu sua lei para que o povo cresse em seu evangelho. Todos os grandes teólogos entenderam isso. Agostinho disse: “A utilidade da lei está em sua capacidade de convencer o homem de sua enfermidade e incentivá-lo a clamar pelo remédio da graça, que está em Cristo”.8 Martinho Lutero explicou assim: “[...] não abolimos a lei; antes mostramos sua função e seu uso verdadeiros, ou seja, que ela é um servo útil que nos impele em direção a Cristo. Agora que a lei o humilhou, o aterrorizou e o esmagou completamente, de modo que você se encontra à beira

do desespero, cuide para que saiba como usar a lei corretamente, pois sua função e utilidade não é apenas revelar o pecado e a ira de Deus, mas também levar-nos a Cristo".9 João Calvino expressou isso com palavras mais simples: "Moisés não tinha outra intenção senão convidar todos os homens a irem diretamente para Cristo".10 E Charles Spurgeon disse: "Assim como a agulha afiada prepara o caminho para o fio, assim a lei afiada abre o caminho para o brilhante fio de prata da graça divina".11

O plano de Deus era enviar um Salvador para o seu povo. Mas, antes, ele lhe deu a lei na forma de uma aliança de obras – uma aliança que o povo não conseguiria cumprir. Ao revelar seu pecado, essa lei mostrou que eles precisavam de um Salvador eterno, e isso os fez desejar a vinda de Cristo. Como nós, os israelitas foram salvos pela graça por meio da fé. A diferença primária é que a sua fé se firmava no Salvador que estava por vir, enquanto a nossa se firma no Salvador que Deus já enviou. Mas como os israelitas poderiam ter reconhecido a sua necessidade de um Salvador se o seu pecado não tivesse sido primeiramente exposto e amaldiçoado pela lei de Deus? É por isso que eles precisavam da lei. Precisavam dela para ajudá-los a crer no evangelho, e, assim, a lei de Deus acabou servindo para glorificar a graça de Deus. Paulo explicou assim: "Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça, a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor" (Rm 5.20-21).

Usando a lei hoje

Como item multiuso, a lei de Deus é tão útil hoje quanto foi no passado. Ela mostra ao povo remido de Deus como viver para a glória de Deus e restringe o pecado na sociedade. Mas existe uma coisa que a lei não consegue fazer, que é justificar-nos perante Deus. Não podemos ser justificados por meio da nossa própria observância da lei.

Se fôssemos capazes de observar a lei de Deus perfeitamente, então ela seria capaz de nos salvar. Segundo a própria Palavra de Deus, a pessoa que obedece os mandamentos viverá por meio deles (Rm 10.5; Gl 3.12). O problema é que não podemos cumpri-los. Como dizem as Escrituras: "À tua vista não há justo nenhum vivente" (Sl 143.2b). E o que prova que somos injustos é a lei de Deus:

“Ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado” (Rm 3.20). E já que o pecado leva ao juízo, a lei nos mostra que somos condenados por Deus e que sem a sua graça estaremos perdidos para sempre.

Em um de seus muitos desenhos relacionados ao êxodo, o cartunista Baloo retrata Moisés dando os Dez Mandamentos a Israel. Com um olhar de consternação, o povo diz: “Esperávamos que fôssemos aceitos do jeito que somos”.12 É o que esperamos muitas vezes, que Deus nos permita ir a ele do jeito que somos. Mas já que Deus é santo, ele não pode nos aceitar do jeito que somos, e precisamos saber disso. É absolutamente essencial sabermos disso. Precisamos nos ver como realmente somos, e é por isso que ainda precisamos da lei de Deus – não para nos salvar, mas para nos mostrar quanto precisamos de um Salvador. Segundo Martinho Lutero, “a função verdadeira e o uso principal e correto da lei é revelar ao homem o seu pecado, sua cegueira, sua miséria, sua iniquidade, sua ignorância, seu ódio e seu desdém de Deus, a morte, o inferno, o juízo e a ira merecida de Deus”.13

A lei nos mostra todas essas coisas para que comecemos a procurar um Salvador. Donald Grey Barnhouse explicou assim: “A lei de Deus é como um espelho. O propósito de um espelho é revelar a você que seu rosto está sujo, mas o propósito do espelho não é lavar seu rosto. Quando você olha em um espelho e vê que seu rosto está sujo, você não retira o espelho da parede e tenta esfregá-lo em seu rosto como produto de limpeza. O propósito do espelho é fazer com que você vá até a água”.14 É assim que a lei nos ajuda: não nos salvando, mas nos mostrando a nossa necessidade de um Salvador. E ela faz isso para os cristãos e para os não cristãos. A lei nos mostra o nosso pecado para que nos lembremos de louvar a Deus por salvar-nos por meio de Cristo.

Infelizmente, a lei de Deus tem caído em desgraça na igreja contemporânea. Ela não é mais pregada como o padrão eterno da justiça de Deus ou aplicada em sua relação plena com o evangelho. Sem dúvida alguma, isso se deve ao fato de que a lei não é muito amigável ao que busca. Na verdade, às vezes chega a irritar as pessoas. No entanto, pregar a lei é absolutamente essencial para alcançar os perdidos. É apenas ouvindo a lei de Deus que os pecadores são convencidos de seu pecado e levados a reconhecer a sua necessidade do evangelho. Um pastor que entendeu isso foi Archibald Alexander, um dos professores fundadores do Princeton Seminary. Quando o filho do Dr. Alexander foi ordenado para o ministério pastoral, ele lhe deu este conselho:

Proclame fielmente a lei, como obrigatória para cada criatura e como aquilo que amaldiçoa cada pecador impenitente, e apresente claramente a profunda incapacidade do homem de satisfazer as suas exigências, não como desculpa, mas como falha; e então exponha plenamente e ofereça gratuitamente as riquezas da graça em Jesus Cristo, e incentive a todos – por maior que seja a sua culpa – a aceitarem o perdão imerecido e a salvação completa.15

Este é o momento certo para encerrar este capítulo sobre o uso correto da lei: com as riquezas da graça que Deus oferece em Jesus Cristo. Quanto mais olharmos no espelho da lei de Deus, mais claramente reconheceremos que somos pecadores que precisam de um Salvador. Uma vez que reconhecermos isso, precisaremos olhar para Jesus, que cumpriu plenamente todas as exigências da lei de Deus e sofreu a penalidade que merecemos em razão do nosso pecado. Existe perdão para cada infrator da lei e perdão para cada pecador que confia em Jesus Cristo.

Notas

1 Joachim Duma, The Ten Commandments: Manual for the Christian Life, Nelson D. Kloosterman (trad.) (Phillipsburg, NJ: P&R, 1996), p. 4.

2 Martinho Lutero, narrado em Michael S. Horton, The Law of Perfect Freedom (Chicago: Moody, 1993), p. 263.

3 Thomas Watson, The Ten Commandments (1890; reimpressão. Edimburgo: Banner of Truth, 1965), p. 14.

4 J. C. Ryle, Holiness (1879; reimpressão. Durham, UK: Evangelical, 1979), p. 26.

5 João Calvino, Institutes of the Christian Religion, citado em R. C. Sproul, The Soul's Quest for God (Wheaton, Il.: Tyndale, 1992), p. 111-12.

6 Stone vs. Graham, citado em Ronald B. Flowers, Liberty (julho/agosto de 2000), p. 4.

7 João Calvino, Institutes of the Christian Religion, Ford Lewis Battles (trad.), 2 vols., Library of Christian Classics, 20-21 (Filadélfia: Westminster, 1960), II.vii.6.

8 Agostinho, citado em Calvino, Institutes, II.vii.9.

9 Martinho Lutero, Lectures on Galatians, 1535, Jaroslav Pelikan (trad. e org.), Luther's Works, vol. 26 (St. Louis: Concordia, 1963), p. 327.

10 João Calvino, citado em Ernest C. Reisinger, The Law and the Gospel (Phillipsburg, NJ: P&R, 1997), p. 28.

11 Charles Spurgeon, Parables and Miracles, vol. 3 (Grand Rapids: Baker, 1993), p. 413.

12 Baloo, National Review (11 de outubro de 1999), p. 51.

13 Lutero, Lectures on Galatians, vol. 26, p. 309.

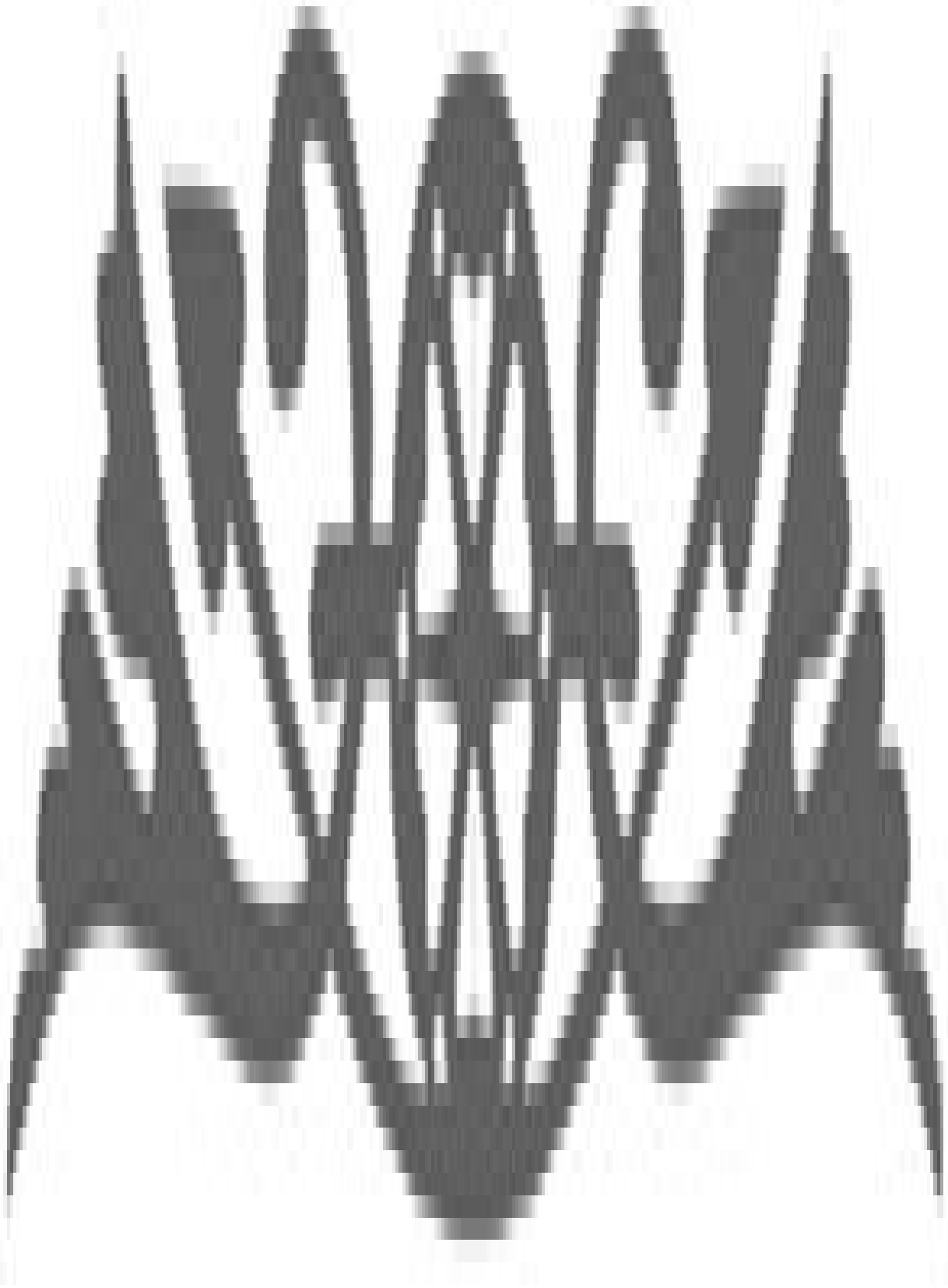
14 Donald Grey Barnhouse, Exposition of Bible Doctrines, Taking the Epistle to the Romans as a Point of Departure; vol. II: God's Wrath, Romans 2:1–3:20 (Grand Rapids: Eerdmans, 1953), p. 275-76.

15 Archibald Alexander, citado em David B. Calhoun, Princeton Seminary, vol. 1: Faith and Learning, 1812–1868 (Edimburgo: Banner of Truth, 1994), p. 276.

48

Interpretando a lei de Deus

Êxodo 20.3-17



Uma caricatura retrata Moisés no topo da montanha de Deus, segurando as duas tábuas dos Dez Mandamentos. O profeta está radiante. “Ei! Isso é maravilhoso”, ele diz, entusiasmado. “A partir de agora, ninguém terá mais dificuldades para distinguir o certo do errado”.1

O humor do desenho consiste, obviamente, no fato de que ainda temos dificuldades em distinguir o certo do errado, a despeito dos Dez Mandamentos. O problema não são os mandamentos em si. Como vimos, a lei de Deus fornece um padrão moral objetivo que distingue claramente entre o bem e o mal. O problema está em nós. Na nossa condição caída, o pecado, muitas vezes, nos seduz a pensar que o que é errado é certo e que o que é certo é errado. Também vivemos num mundo caído. O pecado tem uma influência tão corruptora sobre a sociedade humana que nem sempre sabemos o que é a coisa certa a se fazer. Como pessoas pecaminosas que vivem num mundo pecaminoso, enfrentamos verdadeiros dilemas morais que tornam difícil distinguir o certo do errado. Os Dez Mandamentos não esclarecem tudo.

Existe outra razão pela qual os Dez Mandamentos não respondem imediatamente a todas as nossas perguntas éticas: eles não são tão simples quanto parecem. À primeira vista, parecem ser bastante diretos. Há apenas dez mandamentos – um para cada dedo – portanto, é relativamente fácil lembrá-los. Também não são muito longos. Basta um minuto para recitá-los. Na verdade, são tão simples que a Bíblia se refere a eles como “as dez palavras” (tradução literal de 34.28). Deus nos deu dez regras sucintas que se aplicam a todas as pessoas em todos os lugares. O que poderia ser mais simples do que isso?

Quando, porém, estudamos esses mandamentos aparentemente simples com mais cuidado, eles revelam uma profundidade surpreendente. Os Dez Mandamentos são profundos naquilo que revelam sobre Deus e sobre uma vida para a sua glória. Os mandamentos também são amplos. Quando os entendemos corretamente, eles mostram ser relevantes para toda e qualquer situação – uma lei para toda a vida. Por isso, para aproveitar plena e corretamente essa lei, precisamos saber como aplicá-la. E se houver qualquer dúvida quanto à importância de sua interpretação correta, basta pensar nos fariseus, que, a despeito de todos os seus esforços de guardar a lei de Deus, violavam-na com frequência. Isso se devia, em parte, ao fato de não saberem como interpretar o Decálogo segundo a sua intenção verdadeira e aplicação correta.

Em todas as Escrituras

A primeira regra de interpretação é a regra bíblica: cada mandamento precisa ser compreendido no contexto de toda a Bíblia. Trata-se, simplesmente, do princípio da Reforma segundo o qual as Escrituras interpretam as próprias Escrituras. A maneira de descobrir o significado pleno e verdadeiro de uma passagem bíblica é saber o que o restante da Bíblia diz sobre o mesmo tema. E isso vale também para os Dez Mandamentos. A fim de entender as implicações plenas de cada mandamento, precisamos saber o que toda a Bíblia ensina sobre ele, incluindo o ensinamento de Jesus e dos apóstolos.

Vejamos, como exemplo, o segundo mandamento, que diz: "Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto" (20.4-5a). Esse mandamento parece tão simples que qualquer explicação adicional parece desnecessária. No entanto, a nossa compreensão do segundo mandamento se amplia consideravelmente quando sabemos o que o restante da Bíblia diz sobre adoração em geral e sobre idolatria em especial. Precisamos saber o que o profeta Isaías disse sobre a loucura de produzir imagens com as nossas próprias mãos e depois nos curvarmos diante delas para adorá-las (Is 44.6-23), o que Jesus disse sobre adorar a Deus em espírito e verdade (Jo 4.24) e o que o apóstolo Paulo disse sobre a ganância como forma de idolatria (veja Ef 5.5; Cl 3.5). Além de estudar o segundo mandamento em seus próprios termos, precisamos estudar o que as Escrituras ensinam sobre o assunto em outras passagens.

O que valida esse método de interpretação é que tudo o que encontramos na Bíblia vem da mente de Deus, como inspirado pelo seu Santo Espírito. O que Deus diz em uma passagem concorda com o que ele diz em outro ponto porque Deus não pode estar em conflito consigo mesmo! Além do mais, todos os profetas e apóstolos aceitaram a autoridade permanente da lei moral de Deus. Eles não a colocaram de lado, antes a interpretaram e a explicaram de várias maneiras. E já que seu ensinamento também é autoritativo, tudo o que eles dizem sobre a lei se aplica também a nós.

O mesmo vale para aquilo que Jesus Cristo disse sobre a lei. Algumas pessoas se referem a Jesus como o novo Moisés que deu ao povo de Deus uma nova lei.

Não é difícil entender por quê. Como Moisés, Jesus subiu na montanha para ensinar ao povo de Deus como viver. Lá, ele tratou das mesmas questões sobre as quais Deus falou nos Dez Mandamentos. Jesus disse: “Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento” (Mt 5.21-22a). Jesus disse algo semelhante sobre o adultério. Era quase como se ele estivesse dando uma lei completamente nova.

No entanto, não era o que Jesus estava fazendo. Quando disse: “Ouvistes que foi dito”, ele não estava corrigindo Moisés, mas refutando os fariseus e sua falsa interpretação de Moisés. Como explicou João Calvino, em vez de acrescentar algo à lei, Cristo “apenas a restaurou em sua integridade, no sentido de que a libertou e purificou após ter sido obscurecida pela falsidade”. Assim, Calvino se referiu a Jesus como o “melhor intérprete” da lei.2 Semelhantemente, o grande teólogo suíço Francis Turretin disse: “[Jesus] não age como novo legislador, mas apenas como intérprete e vindicador da lei dada por Moisés”.3 Se, portanto, quisermos entender os Dez Mandamentos corretamente, precisamos saber como Jesus os interpretou. Isso corresponde à nossa primeira regra de interpretação – ou seja, a lei precisa ser compreendida no contexto de toda a Bíblia.

Dentro e fora

A segunda regra é a regra do dentro e fora: os Dez Mandamentos são internos e externos. Eles exigem integridade interna e conformidade externa. Outra maneira de dizer isso é como disse o apóstolo Paulo: “A lei é espiritual” (Rm 7.14). Em outras palavras, ela trata da nossa alma tanto quanto trata do nosso corpo. Isso diferencia a lei de Deus de qualquer lei humana. Segundo um antigo provérbio puritano, “a lei do homem só amarra as mãos, a lei de Deus amarra o coração”.4

Essa diretriz interpretativa condiz com o ser e o caráter de Deus. O próprio Deus é espírito. Ele é onisciente e onipresente. Nada escapa à sua atenção. Ele está imediatamente ciente de tudo o que pensamos, dizemos ou fazemos. Ele conhece as nossas intenções internas tão bem quanto as nossas ações externas. As Escrituras dizem: “O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração” (1Sm 16.7b). Portanto, Deus nos responsabiliza não só pelos pecados que cometemos com o nosso corpo, mas também pelos pecados que cometemos na privacidade

do nosso coração, mente e vontade. Lembre-se também de que cada um dos Dez Mandamentos está no singular. Quando Deus nos responsabiliza por observar sua lei, ele nos responsabiliza pessoalmente – por dentro e por fora.

A espiritualidade da lei de Deus se evidencia de modo mais explícito no décimo mandamento. Pelo menos superficialmente, os nove primeiros mandamentos só tratam da nossa conduta externa. Regem ações observáveis, como curvar-se perante ídolos, xingar, matar e furtar. Mas o décimo mandamento trata exclusivamente do coração: "Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo" (20.17).

O décimo mandamento não trata de nenhuma ação, mas apenas de um afeto. Segundo o estudioso judeu Umberto Cassuto, esse tipo de mandamento era absolutamente inédito no mundo antigo.5 Todos os outros códigos legais tratavam de pecados externos, como o furto. Mas apenas o Deus de Israel ousou reger os pensamentos e desejos de uma pessoa.

O que o décimo mandamento torna explícito se aplica igualmente a todos os outros mandamentos. Os Dez Mandamentos são espirituais; exigem uma obediência interna e externa. Essa é uma das coisas que Jesus esclareceu em seu Sermão do Monte. Poderíamos achar que o sétimo mandamento – que proíbe o adultério – trata apenas de como usamos o nosso corpo. Mas Jesus disse: "Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela" (Mt 5.28). O que o sétimo mandamento proíbe não é apenas a atividade sexual inapropriada, mas também desejos pecaminosos. Jesus tratou do sexto mandamento da mesma forma, ensinando que ele condenava raiva e ódio tanto quanto o assassinato (Mt 5.21-22; cf. 1Jo 3.15a). Como Jesus disse mais tarde: "Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias" (Mt 15.19).

Agora começamos a ver como Deus é exigente e quão meticulosamente sua lei expõe o nosso pecado. Se achávamos que, de alguma forma, conseguiríamos escapar com base em uma boa conduta, estávamos errados. Já que a lei é espiritual, precisamos aplicar os Dez Mandamentos não só às nossas ações externas, mas também aos nossos afetos internos. E, agora, podemos também nos colocar no lugar do chefe de uma tribo que disse: "Prefiro ter os 7.777

mandamentos e proibições da Tawanda do que os Dez Mandamentos dos cristãos, pois os Dez Mandamentos exigem todo o meu coração, enquanto os 7.777 mandamentos e proibições ancestrais deixam espaço para muita liberdade".6

Ambos os lados da lei

Semelhante à segunda regra, a terceira regra de interpretação amplia a nossa aplicação dos Dez Mandamentos. Trata-se da regra dos dois lados. Poderíamos chamá-la também de lei dos opostos, lei dos contrários ou lei dos contrapositivos. Não importa como a chamemos, seu significado é muito simples: cada mandamento é positivo e negativo. Quando um pecado é proibido, exige-se uma obrigação correspondente. E, quando uma obrigação é exigida, o pecado correspondente é proibido.

Normalmente, as pessoas veem os Dez Mandamentos como uma lista de proibições: não farás outros deuses, não furtarás, não mentirás, etc. É verdade que a maioria dos mandamentos é formulada como proibições, não como instruções positivas. O único mandamento completamente positivo é o quinto: "Honra teu pai e tua mãe" (20.12). Até mesmo o quarto mandamento, que nos instrui a "lembrar o sábado", também nos instrui a não trabalhar (20.8-10).

Todas essas proibições podem passar uma impressão negativa. No entanto, quando interpretamos os Dez Mandamentos corretamente, descobrimos que eles são tanto negativos quanto positivos. Existe um reverso para cada mandamento. Cada um condena determinado vício e, ao mesmo tempo, ordena determinada virtude. O terceiro mandamento, por exemplo, proíbe que abusemos do nome de Deus. Podemos não desonrar Deus abusando o seu nome. Contudo, a lógica nos diz que esse mandamento também exige que usemos o nome de Deus de modo honrável e com reverência. Para dar outro exemplo, o mandamento que proíbe o assassinato exige simultaneamente a preservação da vida. Semelhantemente, enquanto o oitavo mandamento proíbe o furto, ele exige também que doemos generosamente às pessoas em necessidade. A intenção verdadeira de cada mandamento é dizer-nos não só o que não devemos fazer, mas também o que devemos fazer.

Os mandamentos formulados em termos positivos também precisam ser

interpretados da mesma forma. Onde uma obrigação é ordenada, o pecado correspondente é proibido. Veja, por exemplo, o quarto mandamento, que diz: “Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra” (20.9). A ordem de trabalhar promove a virtude da diligência. Ao mesmo tempo, proíbe todos os pecados que impedem o nosso trabalho, como, por exemplo, perder tempo e outras formas de preguiça. O mesmo mandamento também nos instrui a “lembrar do sábado”. Esse mandamento muito positivo também nos proíbe de fazer algo – ou seja, violar o sábado.

Cada mandamento é positivo e negativo. Essa “lei de opostos” nos ajuda a evitar seguir a letra da lei ao mesmo tempo em que evitamos sua aplicação plena. Não podemos simplesmente dizer: “Bem, pelo menos não roubo”, e, ao mesmo tempo, não dar aos pobres e mesmo assim acreditar que estamos cumprindo o oitavo mandamento. Essa regra torna duplamente mais difícil guardar os Dez Mandamentos do que a maioria das pessoas imagina. A fim de cumprir o primeiro mandamento, por exemplo, não basta nos mantermos afastados das falsas religiões, precisamos também entronizar o único Deus verdadeiro como nosso Senhor supremo. E, a fim de cumprir o nono mandamento, não basta evitar contar mentiras; precisamos usar as nossas palavras também para encorajar e abençoar. Como veremos, esses princípios tornam os Dez Mandamentos mais impossíveis de obedecer do que a maioria das pessoas jamais imaginou.

Categorias

Quando os Dez Mandamentos são interpretados corretamente, eles são abrangentes. Eles tratam de áreas de pecado que são discutidas em todas as Escrituras. Dizem respeito tanto ao corpo quanto à alma. Eles não só proíbem a desobediência, mas exigem obediência. Podemos, agora, acrescentar a essas diretrizes uma quarta regra, a regra das categorias: cada mandamento representa toda uma categoria de pecados. Rege não só o pecado específico que é mencionado, mas também todos os pecados que levam a ele e todos os pecados supostamente menores do mesmo tipo. O Catecismo Maior de Westminster declara essa regra formalmente: “Que, sob um pecado ou um dever, todos os da mesma classe são proibidos ou mandados, juntamente com todas as coisas, meios, ocasiões e aparências deles e provações a eles” (resposta à pergunta 99.6).

A maneira mais fácil de explicar o que isso significa é dar alguns exemplos. Veja o sexto mandamento: “Não matarás”. Interpretado literalmente, trata-se de um mandamento que relativamente poucas pessoas violam (mas, como Jesus explicou, já que a lei é espiritual, ela condena também pecados muito comuns, como o ódio). Mas, além do homicídio em si, o sexto mandamento proíbe também qualquer tipo de violência física. Condena até brigas, ferimentos físicos e violência doméstica. Condena também a negligência da nossa saúde pessoal. E inclui tudo o que leva a esses pecados, como ataques de raiva, dirigir de modo imprudente ou até mesmo jogos de vídeo violentos. O que Deus proíbe não é simplesmente o assassinato, mas tudo o que prejudica o corpo, ameaça o bem-estar físico ou nos acostuma com os perigos da violência.

Outro exemplo é o sétimo mandamento, que proíbe o adultério. Em seu sentido mais literal, o que o sétimo mandamento proíbe é a relação sexual extraconjugal. Se este é o único pecado ao qual ele diz respeito, é (relativamente) fácil observar essa lei. No entanto, segundo a nossa quarta regra de interpretação, cada mandamento representa toda uma categoria de pecados. Assim, o sétimo mandamento inclui não só o ato de adultério, mas cada forma de má-conduta sexual. Sexo antes do casamento, pornografia, masturbação – todos esses pecados são proibidos. O mandamento proíbe também todos os pecados que levam ao adultério. Deus chama maridos e esposas para nutrirem comunhão uns com os outros. É proibido que um casal se distancie um do outro física, espiritual, emocional ou sexualmente. Também é errado um marido ou uma esposa ter relacionamentos íntimos com outros homens ou mulheres, mesmo quando esses relacionamentos não são sexuais (pelo menos ainda não) – o adultério começa muito antes de duas pessoas irem para a cama juntos. Esses são apenas alguns poucos exemplos dos muitos pecados incluídos na categoria do sétimo mandamento.

Esses exemplos nos ajudam a entender que, geralmente, os Dez Mandamentos proíbem o exemplo mais extremo de um tipo específico de pecado. Curvar-se perante um ídolo é a pior forma de adoração falsa; abusar do nome divino e sagrado de Deus é a pior forma de blasfêmia; assassinato é a pior forma de violência; adultério é o ato mais destrutivo do pecado sexual, etc. Mas essa abordagem não pretende nos levar a pensar que os grandes pecados são os únicos que importam. Mostra-nos, antes, que Deus considera cada pecado em cada categoria tão pecaminoso quanto a forma mais abominável daquele pecado específico. Assim, por exemplo, cada tipo de má administração é tão condenável quanto o furto, cada tipo de desonestidade é tão repreensível quanto mentir sob

juramento, etc.

A regra das categorias também nos alerta a não cometer pecados menores que, em virtude de sua natureza, necessariamente nos levam a pecados maiores. Normalmente, as pessoas não começam cometendo roubos; começam com o furto de coisas pequenas. Semelhantemente, é contando pequenas mentiras inofensivas que as pessoas aprendem a realizar grandes esquemas de enganação. Mas Deus julga os nossos pecados pequenos para nos impedir de cometer os grandes. Turretin explicou o princípio desta forma:

Os mais básicos e graves em cada espécie de pecados são proibidos, mas todos os outros estão incluídos sob eles, ou porque resultam deles ou porque levam a eles; ou porque o que parece pequeno ao homem é considerado mais severo no juízo mais preciso de Deus. Isso, portanto, não foi feito para desculpar ou excluir os pecados menores, mas para inscrever em nossa mente uma repugnância maior ao pecado.7

Tutor de meu irmão

Foi Caim que fez a famosa pergunta: “Sou eu tutor de meu irmão?” (Gn 4.9b). A próxima diretriz para interpretar e aplicar a lei de Deus dá uma resposta afirmativa a essa pergunta. Além de observarmos os Dez Mandamentos pessoalmente, devemos ajudar outros a observá-los. Segundo a regra do tutor do irmão, somos proibidos de encorajar outra pessoa a fazer o que Deus nos proibiu. Em termos mais positivos: precisamos fazer tudo o que pudermos para ajudar outros a observarem a lei de Deus. Ernest Reisinger escreve: “Tudo o que nos é ordenado ou proibido somos obrigados, segundo a nossa posição, a encorajar ou desencorajar segundo a obrigação de suas posições”.8

Reisinger usa a palavra “posição” porque a nossa posição na vida nos dá influência espiritual sobre outros. Os pais moldam a moral dos seus filhos, tanto para o bem quanto para o mal. Assim, os Dez Mandamentos exigem que pais e mães ensinem aos seus filhos como colocar Deus em primeiro lugar, como observar o sábado, como dizer a verdade, etc. O mesmo princípio se aplica à sala de aula e também ao local de trabalho. Empregadores estabelecem o padrão

moral para seus funcionários. Eles têm a responsabilidade não só de obedecer a lei de Deus, mas também de criar um ambiente em que os seus trabalhadores sejam encorajados a cumprir a lei de Deus.

Se não ajudarmos outros a cumprirem a lei de Deus – ou pior, se não os impedirmos de violá-la – então, de alguma forma, compartilhamos de sua culpa em seu pecado. Em seu comentário sobre os Dez Mandamentos, o puritano Thomas Watson citou algumas das muitas formas em que nos tornamos cúmplices do pecado de outra pessoa.9 Uma é instruindo uma pessoa a fazer algo que Deus proíbe – por exemplo, quando Arão instruiu os israelitas a lhe darem suas joias para fazer um bezerro de ouro (Êx 32). Poucos cristãos ordenam que outras pessoas pequem, como Arão ordenou. Mas essa não é a única maneira de se tornar cúmplice no pecado. Outra maneira de participar em sua iniquidade é encorajá-los a pecar. A Bíblia diz: “Ai daquele que dá de beber ao seu companheiro, misturando à bebida o seu furor” (Hc 2.15). Qualquer um que já tenha frequentado uma escola sabe que algumas crianças têm um jeito de inventar ideias que criam problemas para outros garotos sem jamais serem pegos pessoalmente. Mas, segundo a lei de Deus, eles são culpados mesmo assim.

Há, também, aqueles pecados que ajudamos a causar por meio de nosso mau exemplo. Nossa própria incapacidade de observar a lei de Deus encoraja outros a violá-la também. Essa é uma área em que os líderes espirituais precisam ter um cuidado especial. Como disse Jesus aos seus discípulos: “É inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual eles vêm! Melhor fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e fosse atirado no mar, do que fazer tropeçar a um destes pequeninos. Acautelai-vos” (Lc 17.1-3a).

Uma maneira mais sutil de promover o pecado é não impedi-lo. Não impedir um pecado quando estaria em nosso poder fazê-lo é tão culpável quanto cometer o pecado pessoalmente. Essa é uma das maneiras em que os pais, muitas vezes, compartilham dos pecados de seus filhos. Ao não repreendê-los e puni-los, eles, na verdade, aprovam sua desobediência. Foi por isso que Deus julgou Eli com tamanha severidade. Ele disse: “Já lhe disse que julgarei a sua casa para sempre, pela iniquidade que ele bem conhecia, porque seus filhos se fizeram execráveis, e ele os não repreendeu” (1Sm 3.13). Como Eli, aqueles que não punem os infratores participam de sua infração.

Outra maneira de se tornar cúmplice num pecado é endossar a violação à lei por outra pessoa. Um exemplo bíblico claro é o que Saulo fez no apedrejamento de

Estêvão. A Bíblia diz que as pessoas que executaram esse ato assassino "deixaram suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo" (At 7.58). Saulo nem mesmo tocou numa pedra; tudo o que ele fez foi tomar conta dos casacos! No entanto, ao concordar com seu coração, ele também teve parte na morte de Estêvão. Assim, a Bíblia o condena com estas palavras: "Saulo consentia na sua morte" (At 8.1). No que diz respeito a Deus, somos tão culpados pelos pecados aos quais consentimos quanto pelos pecados que cometemos pessoalmente.

Existem muitas maneiras de participar do pecado de outra pessoa. Em sua aplicação mais ampla, o que os Dez Mandamentos exigem não é apenas a nossa própria obediência, mas também a nossa recusa em participar dos pecados de outros. E mais, somos chamados para fazer tudo o que pudermos para ajudar outros a respeitarem e obedecerem a lei de Deus.

As exigências da lei

Essas são algumas das regras para interpretar a lei moral de Deus. Existem outras. Uma é a lei das tábuas, que afirma que a primeira tábua da lei sempre tem precedência sobre a segunda. Em outras palavras, nossa obrigação a Deus nos quatro primeiros mandamentos sempre rege a nossa obrigação uns aos outros nos seis últimos mandamentos; o nosso amor ao próximo está sujeito ao nosso amor a Deus. Assim, se um pai ordena que um filho adore a um deus falso, o filho tem a obrigação de obedecer o primeiro mandamento ("nenhum outro deus") e não ao quinto ("honra teu pai e a tua mãe"). Esse é o princípio que Pedro aplicou quando disse ao Sinédrio: "Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens" (At 5.29).

Existe também a regra do "tudo ao mesmo tempo". Obviamente, não podemos realizar cada obrigação positiva simultaneamente. Por isso, o Catecismo Maior de Westminster ensina: "O que Deus proíbe não se há de fazer em tempo algum, e o que ele manda é sempre um dever; mas nem todo o dever especial é para se cumprir em todos os tempos" (resposta à pergunta 99.5). E existe também a regra do amor, que afirma que o propósito de cada mandamento é demonstrar amor, especialmente o amor por Deus. Como dizem as Escrituras: "O cumprimento da lei é o amor" (Rm 13.10b). Até mesmo os mandamentos que exigem amor ao próximo promovem o amor a Deus. Não amamos e servimos ao próximo simplesmente para o bem do nosso próximo, mas para o bem de

Deus.10

Quando começamos a usar esses princípios interpretativos para a aplicação dos Dez Mandamentos, descobrimos rapidamente que essas leis não são tão simples quanto pareciam. Elas abarcam tudo. Elas nos regem por dentro e por fora. São positivas e negativas. Cada uma delas rege toda uma categoria de pecados e obrigações. Aplicam-se não só à nossa própria conduta, mas também à nossa influência sobre a conduta de outros.

Quando usamos esses princípios, até o mandamento mais simples passa a fazer exigências esmagadoras à nossa obediência. Por exemplo, contemple o nono mandamento: “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo” (20.16). Em outras palavras: “não minta”. Isso parece bastante simples, até entendermos todas as implicações do mandamento explicadas pelo Catecismo Maior de Westminster:

Os pecados proibidos no mandamento são: tudo quanto prejudica a verdade e a boa reputação de nosso próximo, bem assim a nossa, especialmente em julgamento público, o testemunho falso, subornar testemunhas falsas, aparecer e pleitear cientemente a favor de uma causa má; resistir e calcar à força a verdade, dar sentença injusta, chamar o mau, bom e o bom, mau; recompensar os maus segundo a obra dos justos e os justos segundo a obra dos maus; falsificar firmas, suprimir a verdade e silenciar indevidamente em uma causa justa; manter-nos tranquilos quando a iniquidade reclama a repreensão de nossa parte, ou denunciar outrem, falar a verdade inoportunamente, ou com malícia, para um fim errôneo; pervertê-la em sentido falso, ou proferi-la duvidosa e equivocadamente, para prejuízo da verdade ou da justiça; falar inverdades, mentir, caluniar, maldizer, depreciar, tagarelar, cochichar, escarnecer, vilipendiar, censurar temerária e asperamente ou com parcialidade, interpretar de maneira má as intenções, palavras e atos de outrem; adular e vangloriar; elogiar ou depreciar demasiadamente a nós mesmos ou a outros, em pensamento ou palavra; negar os dons e as graças de Deus; agravar as faltas menores; encobrir, desculpar e atenuar as fraquezas de outrem e levantar boatos falsos; receber e acreditar em rumores maus e tapar os ouvidos a uma defesa justa; suspeitar mal; invejar ou sentir tristeza pelo crédito merecido de alguém; esforçar-se ou desejar o prejuízo de alguém; regozijar-se na desgraça ou na infâmia de alguém; a inveja ou tristeza pelo crédito merecido de outros; prejudicar; o desprezo escarnecedor; a

admiração excessiva de outrem; a quebra de promessas legítimas; a negligência daquelas coisas que são de boa fama; praticar ou não evitar aquelas coisas que trazem má fama, ou não impedir, em outras pessoas, tais coisas, até onde pudermos (resposta à pergunta 145).

E isso é apenas o que é proibido! O catecismo explica, de modo semelhantemente detalhado, o que o nono mandamento exige. Agora vemos que, se de alguma forma achávamos que não éramos culpados de violar o nono mandamento, isso se devia apenas ao fato de não sabermos muito bem o que ele exigia. A verdade é que somos mentirosos.

Isso é uma notícia ruim, pois Deus exige obediência perfeita. Para citar novamente o Catecismo Maior: "A lei é perfeita e obriga a todos à plena conformidade do homem inteiro à retidão dela e à inteira obediência para sempre; de modo que requer a sua perfeição em todos os deveres e proíbe o mínimo grau de todo o pecado [...]" (resposta à pergunta 99). E, se violarmos um único mandamento, somos culpados perante Deus. Como escreveu o apóstolo Tiago: "Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos" (Tg 2.10). Pior ainda, todo que viola a lei está sujeito à ira e à maldição de Deus.

A maldição da lei

Algumas pessoas – inclusive alguns cristãos – podem achar que interpretar a lei tão meticulosamente seja legalismo. Já é difícil o bastante observar os mandamentos fáceis, por que, então, analisar a lei de Deus de maneira tão exaustiva? Isso não é legalismo?

Pelo contrário, é quando temos uma compreensão limitada da lei que mais somos tentados a ser legalistas, pois é quando acreditamos poder guardá-la. Se tudo o que Deus nos ordenou fazer foi evitar matar alguém, podemos ser capazes de obedecer a ele. Mas precisamos interpretar o sexto mandamento no contexto de toda a Bíblia e levar em consideração tudo o que ela diz sobre intenções assassinas. Já que a lei é espiritual, ela condena a raiva injusta tanto quanto o homicídio. Já que é positiva e negativa, ela exige a preservação ativa da vida. E

já que ela representa toda uma categoria de pecados, somos proibidos de prejudicar uma pessoa de qualquer forma ou de permitir que outros o façam.

Essa é uma maneira legalista de pensar? De forma alguma. Esse tipo de raciocínio bíblico nos resgata do legalismo, impedindo que baixemos o padrão de Deus. O padrão de Deus só é preservado se reconhecermos o que a sua justiça realmente exige. E, quando sabemos o que Deus exige em toda sua plenitude, reconhecemos também a extensão do nosso pecado. Apenas uma compreensão plena da lei de Deus nos revela a nossa necessidade plena do evangelho. Nas palavras de J. Gresham Machen: "Uma visão baixa da lei sempre gera legalismo na religião; uma visão alta da lei leva o homem a buscar a graça".11

Aqui precisamos lembrar como usar a lei de Deus. Como vimos, os Dez Mandamentos são um item multiuso. Um de seus propósitos primários é nos mostrar o nosso pecado para que reconheçamos a nossa necessidade de um Salvador. A lei nos aponta para Jesus Cristo, o qual as Escrituras identificam como "o fim da lei" (Rm 10.4), ou seja, ele é o objetivo ou propósito verdadeiro da lei. Quanto maior a clareza e a profundidade com que entendemos o que a lei de Deus exige, mais clara e mais profunda é a nossa compreensão da graça que Deus providenciou em Jesus Cristo.

O que a lei moral, resumida nos Dez Mandamentos, e sua interpretação correta revelam sobre a pessoa e a obra de Jesus Cristo? Revelam a extensão plena da sua perfeita obediência. A Bíblia nos garante que, apesar de Jesus ter nascido debaixo da lei (Gl 4.4), ele cumpriu toda a justiça (Mt 3.15) e não cometeu pecado (1Pe 2.22). Isso não foi um feito qualquer! A lei de Deus sonda a alma. Ela é totalmente exaustiva na justiça que exige. Não somos capazes de observar nem mesmo um único mandamento com perfeita integridade. Mas Jesus cumpriu todos eles até o último e mínimo detalhe, e ele o fez em nosso lugar. Se estivermos unidos a ele por meio da fé, então Deus nos vê como se tivéssemos observado perfeitamente toda a sua lei. Cristo foi crucificado "a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós" (Rm 8.4a). Por isso, a lei nos mostra a perfeita justiça que temos em Cristo. Para expressar isso em termos mais técnicos, quando sabemos o que a lei exige, conseguimos entender a doutrina da justificação.

A lei moral revela também toda a extensão da expiação de Cristo. A Bíblia ensina que Jesus Cristo morreu na cruz pelos nossos pecados. Se tivéssemos uma compreensão limitada da lei de Deus, poderíamos achar que não temos tantos

pecados assim pelos quais ele poderia ter morrido. Mas uma interpretação completa dos Dez Mandamentos revela a extensão plena do nosso pecado e, assim, revela a extensão plena da expiação. Cristo morreu por todos os nossos pecados. Ele morreu pelos nossos pecados contra Deus e contra a humanidade. Ele morreu pela nossa idolatria, profanidade e adultério. Ele morreu por causa das nossas mentiras, nossos furtos e nossos assassinatos. Ele morreu pelos nossos pecados internos e externos. Ele morreu por todos os pecados que cometemos em cada categoria do mandamento de Deus. Ele até morreu pelos pecados que cometemos ao participar dos pecados de outros. Cristo morreu por todos os nossos pecados, sofrendo a penalidade plena que nossa culpa merecia. Quanto mais abrangente a nossa compreensão das implicações da lei de Deus, maior a nossa gratidão pela graça de Deus na morte expiatória de Jesus Cristo. Quando sabemos o que a lei exige, conseguimos entender a cruz.

Por fim, àqueles que depositaram sua fé em Jesus Cristo, a lei moral revela a obrigação plena da vida cristã. Este é outro uso da lei de Deus. Ela mostra ao povo remido de Deus como viver para a glória de Deus. Quando interpretamos a lei plenamente, alcançamos uma compreensão melhor do justo padrão de Deus em toda a sua perfeição e, assim, temos uma ideia melhor de como agradar-lhe. Expressando isso em termos teológicos, quando sabemos o que a lei exige, entendemos a doutrina da santificação. É por isso que estudamos a lei de Deus: para entender a nossa grande necessidade de Cristo e seu evangelho e para aprender as muitas maneiras de glorificar a Deus por sua graça.

Notas

1 Baloo, National Review (28 de agosto de 2000), p. 58.

2 João Calvino, Institutes of the Christian Religion, Ford Lewis Battles (trad.), 2 vols., Library of Christian Classics, 20-21 (Filadélfia: Westminster, 1960), II.viii.7.

3 Francis Turretin, Institutes of Elenctic Theology, George Musgrave Giger (trad.), James T. Dennison, Jr. (org.), 3 vols. (Phillipsburg, NJ: P&R, 1992–1997), 11.3.9.

4 Thomas Watson, The Ten Commandments (1890; reimpressão. Edimburgo: Banner of Truth, 1965), p. 45.

5 Umberto Cassuto, A Commentary on the Book of Exodus, trad. Israel Abrahams (Jerusalém: Magnes, 1967), p. 240.

6 Citado em Joachim Duma, The Ten Commandments: Manual for the Christian Life, Nelson D. Kloosterman (trad.) (Phillipsburg, NJ: P&R, 1996), p. 352.

7 Turretin, Institutes of Elenctic Theology, 11.6.3.

8 Ernest C. Reisinger, The Law and the Gospel (Phillipsburg, NJ: P&R, 1997), p. 74-75.

9 Watson, The Ten Commandments, p. 46-47.

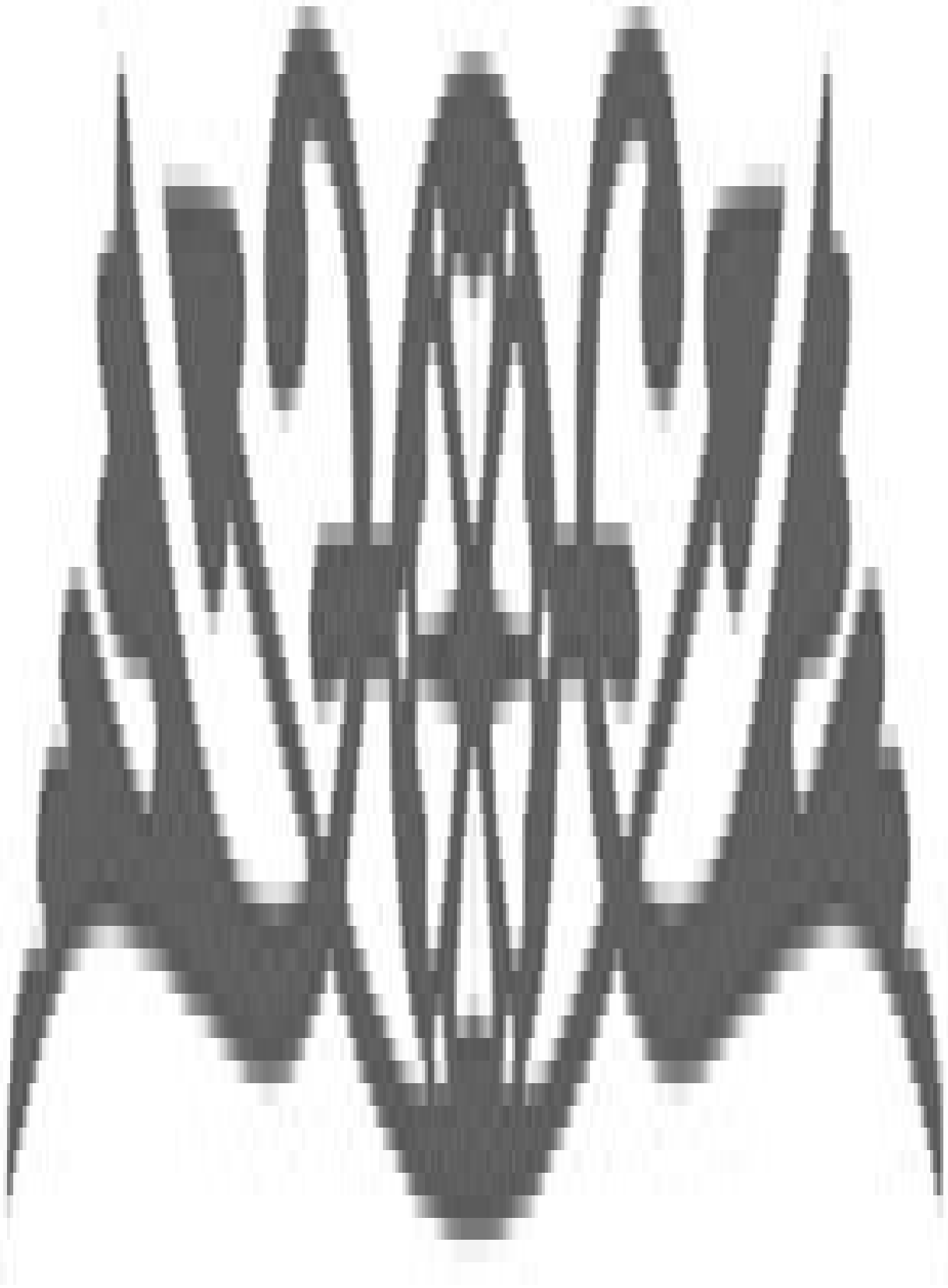
10 Veja Reisinger, The Law and the Gospel, p. 73-74.

11 J. Gresham Machen, What Is Faith? (Nova York: Macmillan, 1925), p. 152.

49

O primeiro mandamento: nenhum outro deus

Êxodo 20.3



Uma das primeiras lições que os pais tentam ensinar aos seus filhos é como compartilhar. Pais e mães lembram aos seus filhos e filhas constantemente para compartilhar seu espaço, seus brinquedos e sua comida. “Vocês precisam compartilhar”, eles dizem.

Por mais importante que seja aprender a compartilhar, também é importante entender que algumas coisas não devem ser compartilhadas. Um bombom do tamanho de uma mordida, por exemplo. Ou um monociclo. Ou uma informação confidencial, como respostas de uma prova escolar. Ou, para citar um exemplo ainda mais sério, o amor sexual entre marido e esposa. Essas coisas jamais devem ser compartilhadas com outra pessoa. Para que sejam usadas corretamente, precisam ser exclusivas.

Se algumas coisas jamais devem ser compartilhadas, não surpreende descobrir que existem momentos em que até mesmo Deus se recusa a compartilhar. Ele é um Deus amoroso e misericordioso que tem prazer em derramar sua graça e misericórdia sobre o seu povo. Mas existem algumas coisas que ele jamais compartilhará. Isso vale especialmente quando se trata das prerrogativas de sua divindade. Deus não compartilhará sua glória com nenhum outro deus. Por isso, ele nos deu este mandamento: “Não terás outros deuses diante de mim” (20.3).

Esse é o mandamento fundamental, aquele que vem antes de todos os outros e que estabelece o fundamento para eles. Antes de aprender mais sobre o que Deus exige, precisamos saber quem ele é e quem nós somos em relação a ele. “Agora, veja se entende”, Deus está dizendo, “Eu sou o único Deus. E já que eu sou o único Deus, eu me recuso a compartilhar a minha adoração com qualquer outra pessoa ou coisa”. Deus não compartilhará o palco com quaisquer outros atores. Ele se recusa a ter colegas. Ele nem mesmo admite que tem rivais genuínos. Deus não reivindica simplesmente parte de nossa vida e adoração; ele exige que dediquemos tudo o que somos e tudo o que temos ao seu serviço e louvor. Assim, os Dez Mandamentos começam declarando o grande princípio teológico do soli Deo glória: glória somente a Deus.

Outros deuses no Egito

Para entender o primeiro mandamento, é útil conhecer o contexto em que ele foi dado. Os israelitas haviam acabado de sair do Egito, onde haviam vivido em uma das culturas mais politeístas que já existiu. Politeísmo é simplesmente a adoração de muitos deuses, e nisso os egípcios eram insuperáveis. Eles adoravam os deuses de campos e rios, luz e escuridão, sol e tempestade. Jurando sua lealdade aos deuses e às deusas do amor e da guerra, eles se curvavam para adorar ídolos na forma de homens e animais.

Os israelitas também adoravam esses deuses. Ao longo dos séculos de seu cativeiro, eles haviam cedido aos poucos à tentação de adorar deuses estrangeiros. Deus lhes disse: “Cada um lance de si as abominações de que se agradam os seus olhos, e não vos contamineis com os ídolos do Egito; eu sou o Senhor, vosso Deus. Mas”, lamentou, “rebelaram-se contra mim e não me quiseram ouvir; ninguém lançava de si as abominações de que se agradavam os seus olhos, nem abandonava os ídolos do Egito” (Ez 20.7-8a). Como os egípcios, os israelitas adoravam muitos deuses.

No que diz respeito a Deus, ele sempre foi monoteísta; ele sempre acreditou em um único Deus. Assim, no primeiro mandamento, ele assumiu sua posição contra os deuses do Egito e contra todas as outras falsas deidades – passadas, presentes e futuras. Disse: “Não terás outros deuses diante de mim” (20.3). Em outras palavras: “Eu devo ser o seu único Deus”. Esse mandamento era sem precedentes. Nenhuma das outras nações do mundo antigo proibia a adoração a outros deuses. Simplesmente supunham que cada nação serviria às suas próprias deidades. Mas, nessa questão, o Deus de Israel era totalmente intolerante. Ele se recusou a reconhecer a legitimidade de qualquer outro deus.

O que dá a Deus o direito de fazer esse tipo de exigência? Ele é Deus! Lembre-se de como o primeiro mandamento foi introduzido. Deus disse: “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim” (20.3). O que Deus ordenou se baseava em quem ele era e naquilo que ele havia feito. Deus havia salvado o seu povo para a sua glória, e agora estava dizendo a ele: “Como Senhor soberano do céu e da terra, é meu direito governá-lo. Mas não é só isso: Eu sou também o seu próprio Deus. Estamos unidos um ao outro por meio da promessa da minha aliança. E eu o resgatei. Eu o libertei de sua escravidão a Faraó. Com dez pragas poderosas eu derrotei todas as deidades do Egito, demonstrando que eu sou o único Deus verdadeiro. E agora reivindico meu direito e toda a sua adoração e louvor. Por causa de quem eu sou e com base naquilo que tenho feito, não compartilharei

minha glória com nenhum outro deus".

Se Deus é o único Deus, por que, então, ele fala de "outros deuses", como se eles tivessem alguma existência real? A Bíblia insiste que existe apenas um Deus e que qualquer outra divindade é uma fraude. Como Deus disse por meio de seu profeta Isaías: "Pois não há outro Deus, senão eu, Deus justo e Salvador não há além de mim" (Is 45.21b). "Sabemos que o ídolo, de si mesmo, nada é no mundo", escreveu o apóstolo Paulo, "e que não há senão um só Deus" (1Co 8.4b). Se isso é verdade, por que, então, se dar ao trabalho de nos instruir a não termos outros deuses? Se não há outros deuses, como, então, poderíamos ter algum outro?

A resposta é que até mesmo deuses falsos detêm algum tipo de poder espiritual sobre os seus adoradores. "As pessoas adoram forças poderosas dentro da criação como se fossem deidades. Não são deuses, apenas são chamadas de deuses; mesmo assim, são poderes muito reais, capazes de escravizar totalmente uma pessoa."1 Como Paulo lembrou aos gálatas: "Outrora, porém, não conhecendo a Deus, servíeis a deuses que, por natureza, não o são" (Gl 4.8). A razão pela qual os deuses falsos têm esse poder escravizador é porque forças demoníacas os usam para obter domínio sobre os seus adoradores. Assim, os deuses do Egito possuíam um poder real sobre a mente e o coração dos egípcios e também dos israelitas. Foi por isso que Deus se deu ao trabalho de derrotá-los um por um. Ele o fez para quebrar sua influência espiritual e, assim, mostrar que apenas ele merecia ser adorado.

Diante da minha face

O primeiro mandamento vem do Deus que é nosso Senhor e Salvador. Mas e quanto ao mandamento em si? O que podemos aprender da maneira como foi formulado – especialmente das últimas palavras? Deus disse: "Não terás outros deuses diante de mim" (20.3). Isso não significa que seja permissível adorar outras deidades, contanto que coloquemos Deus em primeiro lugar. Quando Deus diz "diante de mim", ele não está tentando nos dizer qual é a posição que ele ocupa numa hierarquia! Mas o que ele está dizendo?

As palavras "diante de mim" significam "diante da minha face". Às vezes, são usadas num sentido espacial. Nesse caso, o mandamento significaria algo como:

“Não terás outros deuses ‘na minha frente’ ou ‘na minha presença’”. Num sentido literal, isso proibiria as pessoas de trazerem ídolos estranhos para o lugar em que Deus é adorado. Mas, já que Deus está em todos os lugares, isso nos proíbe adorar deuses falsos em qualquer lugar. Sempre que servimos a qualquer outro deus, nós o fazemos na presença de Deus. A palavra “diante” pode ser usada também para descrever duas coisas que se encontram em oposição uma à outra. Nesse caso, o mandamento diria: “Não terás outros deuses em oposição a mim”. Aqui, a imagem é colocar uma coisa na frente de outra. Em outras palavras, instalar uma divindade falsa é como insultar Deus na cara dele.2 Obviamente, “diante” é uma palavra flexível e, mesmo sendo difícil decidir como ela é usada aqui, ambos os significados possíveis são biblicamente corretos. Não importa onde o façamos, somos proibidos de servir a qualquer pessoa ou a qualquer coisa além de Deus. Fazer isso significa colocar-nos contra ele e contra o seu mandamento.

A questão é que, quando se trata de adorar a Deus, é tudo ou nada. E sempre foi assim. Foi assim no monte Sinai, quando Deus deu a lei a Moisés pela primeira vez. Foi assim quando Josué renovou a aliança e disse: “Deitai fora os deuses aos quais serviram vossos pais [...] no Egito e servi ao Senhor [...] escolhei, hoje, a quem sirvais” (Js 24.14b-15a). Foi assim no monte Carmelo, quando Elias libertou os israelitas de sua escravidão a Baal. Ele disse: “Se o Senhor é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o” (1Rs 18.21b). E foi assim com Jesus Cristo, que disse: “Ninguém pode servir a dois senhores [...] Não podeis servir a Deus e às riquezas” (Mt 6.24). O povo de Deus sempre enfrentou uma escolha. O pluralismo religioso não é um desenvolvimento recente. Sempre houve uma abundância de outros deuses clamando por nossa atenção, e Deus sempre exigiu nossa lealdade exclusiva.

Quando Deus nos ordena a rejeitar falsos deuses, ele também nos ordena escolhê-lo como o Deus verdadeiro, entronizando-o como o nosso único Senhor. João Calvino disse que o primeiro mandamento exige que “contemplemos, temamos e adoremos a sua majestade; que participemos das suas bênçãos; que busquemos sua ajuda sempre; que reconheçamos e, com louvores, celebremos a grandeza das suas obras – como único propósito de todas as atividades da vida”.3 Assim ele nos ordena a quem devemos adorar e a quem não devemos adorar. É positivo e negativo. Quanto à sua afirmação positiva, contemple o credo que a maioria dos israelitas recitava todos os dias: “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força” (Dt 6.4-5).

“Amor” é a palavra correta para se usar porque o primeiro mandamento solidifica a relação pactual entre Deus e o seu povo. Observe que, nesse mandamento, Deus se dirige a nós no singular. Deus diz: “Tu [individualmente] não terás outros deuses diante de mim [pessoalmente]”. Nós não adoramos um deus, mas o Deus, e ele quer ter um relacionamento amoroso com cada membro de seu povo. Obviamente, para que esse relacionamento funcione, é essencial que não compartilhemos nosso amor com qualquer outro deus. Precisamos ser fiéis ao único Deus verdadeiro. Precisamos dar-lhe toda a nossa lealdade, honrando-o, adorando-o e reverenciando-o como o nosso Senhor e Salvador.

Uma loucura real

O primeiro mandamento é: “Não terás outros deuses diante de mim”. Mas o que acontece quando o violamos? Existe uma história na Bíblia sobre a violação do primeiro mandamento. É a história da queda trágica de um grande rei. Era um dos maiores reis do mundo antigo. Era poderoso, o rei mais poderoso que sua nação já tivera. Ele tinha milhares de cavalos e carruagens. Ele esmagou seus inimigos, expandindo seu reino até se estender desde as montanhas até o mar. Era também o rei mais rico que sua nação já tivera. Seu palácio estava repleto de ouro, mas não de prata, que, durante seu reino, era considerada comum demais para o uso real. O nome desse rei rico e poderoso era Salomão.

A coisa mais notável em relação a Salomão era que ele possuía verdadeira sabedoria espiritual. Nos primeiros dias de seu reinado, Deus lhe apareceu num sonho e disse: “Pede-me o que queres que eu te dê” (1Rs 3.5). Era uma oportunidade única! O rei podia pedir o que quisesse. Sua resposta revelaria a qual deus ele queria servir: se servisse à riqueza, pediria ouro; se servisse ao poder, pediria a morte de seus inimigos; se servisse ao prazer, pediria mulheres bonitas. Mas Salomão queria servir ao único Deus verdadeiro, por isso, pediu sabedoria para reinar sobre seu povo com justiça.

Deus concedeu ao rei o seu pedido. Salomão foi reconhecido como o homem mais sábio do mundo antigo. As pessoas vinham de longe para testar o seu conhecimento. A Bíblia conta como ele julgou entre o certo e o errado e como ele serviu como conselheiro de reis e rainhas. Em sua sabedoria, Salomão fez muitas coisas grandes para Deus. Ele foi generoso: construiu um templo em honra a Deus. Era também um homem de oração. A oração magnífica que ele fez

por ocasião da dedicação de templo só podia ter vindo de um homem que conhecia as Escrituras e que compreendia o caráter de Deus (2Cr 6). E Deus respondeu a oração de Salomão descendo sobre o templo em poder e glória. Jamais houve um homem mais abençoado do que o rei Salomão. Ele teve tudo que uma pessoa podia desejar, inclusive a oportunidade de fazer grandes coisas para Deus.

Quem dera Salomão tivesse guardado o primeiro mandamento! Deus lhe disse: “Se andares perante mim como andou Davi, teu pai, com integridade de coração e com sinceridade, para fazeres segundo tudo o que te mandei e guardares os meus estatutos e os meus juízos, então, confirmarei o trono de teu reino sobre Israel para sempre, como falei acerca de Davi, teu pai, dizendo: Não te faltará sucessor sobre o trono de Israel. Porém, se vós e vossos filhos, de qualquer maneira, vos apartardes de mim e não guardardes os meus mandamentos e os meus estatutos, que vos prescrevi, mas fordes, e servirdes a outros deuses, e os adorardes, então, eliminarei Israel da terra que lhe dei, e a esta casa, que santifiquei a meu nome, lançarei longe da minha presença” (1Rs 9.4-7a). Era muito simples: tudo o que Salomão precisaria fazer era dar glória a Deus. Deveria, sobretudo, obedecer o primeiro mandamento, recusando-se a servir a outros deuses.

Infelizmente, Salomão não cumpriu a lei de Deus: ele serviu a outros deuses. As Escrituras contam como “Salomão seguiu a Astarote, deusa dos sidônios, e a Milcom, abominação dos amonitas” (1Rs 11.5). Também nos contam como Deus reagiu: “Pelo que o Senhor se indignou contra Salomão, pois desviara o seu coração do Senhor, Deus de Israel, que duas vezes lhe aparecera. E acerca disso lhe tinha ordenado que não seguisse a outros deuses. Ele, porém, não guardou o que o Senhor lhe ordenara. Por isso, disse o Senhor a Salomão: Visto que assim procedeste e não guardaste a minha aliança, nem os meus estatutos que te mandei, tirarei de ti este reino e o darei a teu servo” (1Rs 11.9-11). O rei Salomão foi condenado, especificamente, por violar o primeiro mandamento.

Uma tragédia real

A maioria das pessoas se surpreende com o que aconteceu com Salomão. O colapso de seu reino é um verdadeiro choque. Como um homem tão sábio pôde ser tão estúpido? Mas, se analisarmos a vida de Salomão com cuidado, veremos

que seu coração começou a se afastar de Deus muito antes de ele se curvar diante de qualquer ídolo. Salomão começou bem, mas, aos poucos, foi se afastando até adorar deidades completamente diferentes. A mesma coisa acontece com muitos cristãos. Apesar de jamais termos a intenção de violar o primeiro mandamento, nosso coração é seduzido pela tentação de seguir outros deuses.

O que é tão trágico em relação ao rei Salomão é que ele acabou servindo justamente aqueles deuses que ele havia rejeitado. Ele não pediu ouro a Deus, mas, com o tempo, passou a servir ao deus da riqueza. Encontramos o melhor exemplo disso em 1Reis 7, que descreve como ele construiu seu palácio. O capítulo 6 narra como Salomão construiu uma casa para Deus e termina dizendo que ele "levou sete anos para edificá-la" (1Rs 6.38b). O capítulo 7 começa com palavras que só podem ser interpretadas como repreensão: "Edificou Salomão os seus palácios, levando treze anos para os concluir" (7.1). Após ter feito algo para Deus, o rei decidiu que estava na hora de fazer algo para si mesmo e levou quase o dobro do tempo para fazê-lo! Isso mostra como é perigoso ser rico. O dinheiro traz muitas tentações e, mesmo se resistirmos a elas no início, elas podem voltar para nos destruir no fim.

Salomão também começou a adorar o poder. Isso também não era algo que ele havia pedido, mas, com o passar do tempo, ele começou a servir ao deus do poder militar. Deus havia proibido especificamente que os israelitas desenvolvessem uma cavalaria (veja Dt 17.16), mas Salomão amontoou todo um exército de cavalos e carruagens (1Rs 10.26-29).

E ele cometeu o mesmo erro com respeito às mulheres. Deus disse: "Tampouco para si [o rei] multiplicará mulheres, para que o seu coração se não desvie" (Dt 17.17a). Infelizmente, Salomão não deu ouvidos à advertência de Deus. Apesar de, no início, não ter pedido prazer, ele começou a servir à deusa do sexo, e isso selou a sua queda. "Ora, além da filha de Faraó, amou Salomão muitas mulheres estrangeiras: moabitas, amonitas, edomitas, sidônias e heteias, mulheres das nações de que havia o Senhor dito aos filhos de Israel: Não caseis com elas, nem casem elas convosco, pois vos perverteriam o coração, para seguirdes os seus deuses. A estas se apegou Salomão pelo amor. Tinha setecentas mulheres, princesas e trezentas concubinas; e suas mulheres lhe perverteram o coração" (1Rs 11.1-3). Algumas dessas esposas foram adquiridas para satisfazer suas ambições políticas; elas o ajudaram a formar alianças estratégicas. Mas a maioria servia para satisfazer o seu vício sexual. Salomão tinha a riqueza e o poder para

explorar os limites do prazer. Ao mesmo tempo, estava seguindo outros deuses, até, por fim, sofrer a degradação espiritual última: ele se curvou diante de blocos de madeira e pedra.

Deus puniu Salomão dividindo seu reino, mas essa não foi a tragédia real. A tragédia real não foi a punição, mas o pecado em si – o pecado de violar o primeiro mandamento. Para sua própria surpresa, Salomão descobriu como é vazia a vida daqueles que seguem outros deuses. Mais tarde, ao fazer uma retrospectiva daquilo que tinha feito, ele observou: “Disse comigo: Vamos! Eu te provarei com a alegria; goza, pois, a felicidade” (Ec 2.1a). Então descreveu seus projetos reais: “Edifiquei para mim casas; plantei para mim vinhas. Fiz jardins e pomares para mim e nestes plantei árvores frutíferas de toda espécie. Fiz para mim açudes, para regar com eles o bosque em que reverdeciam as árvores. Comprei servos e servas e tive servos nascidos em casa; também possuí bois e ovelhas, mais do que possuíram todos os que antes de mim viveram em Jerusalém. Amontoei também para mim prata e ouro e tesouros de reis e de províncias; provi-me de cantores e cantoras e das delícias dos filhos dos homens: mulheres e mulheres” (Ec 2.4b-8). Salomão tinha tudo.

Este foi o grande experimento de Salomão: a busca de outros deuses. Ele resumiu tudo dizendo: “Tudo quanto desejaram os meus olhos não lhes neguei, nem privei o coração de alegria alguma” (Ec 2.10a). E qual foi o resultado? Ele encontrou satisfação? Conseguiu o que desejava? Valeu a pena? Não; sua busca de poder, prazer e prosperidade acabou num vazio e desespero. Disse: “Considerei todas as obras que fizeram as minhas mãos, como também o trabalho que eu, com fadigas, havia feito; e eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento, e nenhum proveito havia debaixo do sol [...] Pelo que aborreci a vida, pois me foi penosa a obra que se faz debaixo do sol” (Ec 2.11-17a).

Isso é o que acontece com todos que violam o primeiro mandamento. No fim, é claro, aqueles que seguem outros deuses serão julgados por seus pecados, assim como foi julgado também Salomão. Mas muito antes do julgamento há vazio e desespero. O desejo de ter mais e mais é insaciável. Mas os novos produtos brilhantes e as novas experiências excitantes não conseguem calar a dúvida insistente. Isso é tudo que existe? A vida não tem mais a oferecer? Quando violamos o primeiro mandamento descobrimos que outros deuses não trazem satisfação e não conseguem salvar. “Como são fracos os deuses deste mundo”, escreveu Elizabeth Barrett Browning num poema chamado “Idols” – “E sua adoração me tornou ainda mais fraca!”.

Dois testes de idolatria

A história de Salomão é uma advertência para todos que decidiram seguir a Deus mas que, gradativamente, vieram a sofrer a influência de outros deuses. Muitas pessoas supõem que a idolatria é coisa do passado. Quem ainda se curvaria diante de uma figura feita de madeira ou pedra? Isso é tão primitivo! Mas a verdade é que o espírito de Salomão continua muito vivo ainda hoje. Talvez não adoremos mais Astarote ou Milcom, mas adoramos outras deidades. E, em muitos casos, adoramos exatamente os mesmos deuses aos quais Salomão servia: dinheiro, sexo e poder.

Como identificamos as nossas próprias idolatrias particulares? Existem dois testes que podemos usar para determinar a quais deuses somos tentados a adorar. O primeiro é o teste do amor: O que amamos? Lá atrás, no capítulo 26, citamos Orígenes, o teólogo do 3º século que observou que o primeiro mandamento tem a ver com aquilo que amamos. Orígenes escreveu: “Aquilo que alguém honra acima de todo o resto, aquilo que, acima de todas as coisas, ele admira e ama, isto, para ele, é Deus”. Faz sentido: somos chamados para amar a Deus com todo o nosso coração e com toda a nossa mente, mas, se dermos o nosso amor a outra pessoa ou coisa, então estamos servindo a algum outro deus.

O que, então, você ama? Ou, para fazer a mesma pergunta de outra maneira: o que você deseja? Quando a sua mente vagueia livre, em quê você pensa? Como você gasta o seu dinheiro? O que o excita? Um deus falso pode ser qualquer coisa boa na qual nos concentramos excluindo Deus. Pode ser um esporte ou algum entretenimento. Pode ser um hobby ou um interesse pessoal. Pode ser um desejo das coisas mais refinadas da vida. Pode ser uma ambição relacionada à carreira. Pode ser a saúde pessoal e o fitness. Pode até mesmo ser um ministério na igreja. Certamente, podemos desfrutar das coisas boas na vida, mas não podemos permitir que elas substituam Deus como objeto dos nossos afetos.

Outro teste é o teste da verdade: em quem você confia? Onde você busca ajuda em momentos de dificuldade? Martinho Lutero disse: “Aquilo ao que seu coração se agarra e aquilo em que confia é o seu Deus”.4 Semelhantemente, o puritano Thomas Watson disse: “Confiar em alguma coisa mais do que em Deus significa fazer dela um deus”.5 Isso também faz sentido. Somos chamados para confiar apenas em Deus para a nossa salvação, mas se depositarmos a nossa

confiança em alguém ou algo diferente, estamos servindo a outro deus.

Em quê, então, você confia? Algumas pessoas confiam em seus vícios. Quando enfrentam problemas – quando se sentem sozinhas ou desanimadas –, apostam em drogas e álcool, ou em sexo ou compras, ou em alguma outra obsessão para tirá-las do buraco. Outras pessoas confiam em coisas que são boas em si, mas que, mesmo assim, conseguem substituir a nossa confiança em Deus. Algumas confiam em seu emprego, em apólices de seguro ou planos de aposentadoria para a sua segurança. Algumas colocam sua fé no governo e em seu controle sobre a economia. Algumas confiam em sua família ou em sua posição social. Algumas pessoas confiam na ciência e na medicina. Deus pode usar todas essas coisas para cuidar e prover para nós, mas devemos colocar a nossa confiança última apenas nele.

A verdade é que somos tentados a amar e confiar em muitas coisas além de Deus. O puritano Matthew Henry disse: “O orgulho transforma o ego em deus; a cobiça transforma o dinheiro em deus; a sensualidade transforma a barriga em deus; tudo o que é estimado ou amado, temido ou servido, desfrutado ou confiado mais do que Deus, isso (independentemente do que seja) nós transformamos em deus”.6 Existem muitos exemplos desse tipo de raciocínio na Bíblia. Jó disse: “Se no ouro pus a minha esperança ou disse ao ouro fino: em ti confio [...] também isto seria delito à punição de juízes; pois assim negaria eu ao Deus lá de cima” (Jó 31.24,28). O profeta Habacuque descreveu os inimigos de Deus como pessoas “cujo poder é o seu deus” (Hc 1.11). O apóstolo Paulo foi ainda mais claro, dizendo sobre os inimigos de Cristo: “O deus deles é o ventre” (Fp 3.19). Seja o dinheiro, poder ou até mesmo a própria barriga, o mundo está cheio de deuses substitutos e deuses adicionais – de coisas que ocupam o lugar de Deus no dia a dia. A razão pela qual temos dificuldade em reconhecer as nossas próprias idolatrias particulares não é porque não temos mais deuses falsos, mas é porque temos muitos!

Por trás de todos os ídolos menores aos quais servimos está o deus ou a deusa do ego, a divindade suprema destes tempos pós-modernos. Em seu famoso estudo sobre a religião norte-americana, Robert Bellah lembra uma entrevista com uma mulher chamada Sheila Larson. Sheila era individualista ao extremo. Ela disse: “Eu acredito em Deus. Não sou fanática religiosa. Não me lembro da última vez em que fui à igreja. Minha fé me levou longe. Chama-se sheilanismo. Minha própria pequena voz”. Bellah comenta: “Isso sugere a possibilidade de mais de 328 milhões de religiões norte-americanas, uma para cada um de nós”.7 O que

amamos? Estamos apaixonados por nós mesmos. Em quem confiamos? Acreditamos em nós mesmos.

Os cristãos estão tão suscetíveis a esse tipo de falsa adoração quanto qualquer outra pessoa. Dizemos que queremos servir a Deus, mas gastamos a maior parte do nosso tempo pensando em nossas próprias necessidades, planos, problemas e desejos. Descobrimos, como escreveu Oscar Wilde, que “amar a si mesmo é o início de um romance vitalício”.8

Nenhum Deus além de Cristo

O que pode nos libertar da adoração ao ego e de todos os outros deuses que somos tentados a servir? A revista Rolling Stone levantou esta pergunta em dezembro de 1992. “Não adorarás a deuses falsos”, escreveram os editores, citando de forma um pouco errada as Escrituras, “mas o que existe além deles?”.

A única resposta é se apaixonar profundamente por Deus, confiando especificamente em seu Filho, Jesus Cristo. A única coisa que pode separar o nosso coração de todos os outros afetos é um amor verdadeiro por Deus. E a única coisa que pode substituir todas as outras coisas em que confiamos é um compromisso de fé total no Senhor Jesus Cristo.

A Bíblia ensina que existe um Deus em três pessoas – Pai, Filho e Espírito Santo. Jesus é Deus, o Filho, e, já que existe apenas um Deus, ele é um com o Pai (Jo 10.30), “Deus sobre todos” (Rm 9.5). Portanto, adorar a Jesus não significa adorar algum outro deus, mas adorar o “unigênito do Pai” (Jo 1.14). Jesus exige de nós a mesma coisa que Deus sempre exigiu: “Eu sou o Senhor, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem” (Is 42.8); “não conhecerás outro deus além de mim, porque não há salvador, senão eu” (Os 13.4b). Jesus nos chama para nos afastarmos de tudo o que somos tentados a adorar e a dar glória apenas a ele.

Está tornando-se cada vez mais comum afirmar que existem muitos caminhos que levam a Deus. O pluralismo chegou à América do Norte, onde existem agora mais de 600 religiões não cristãs. Diante de tantas opções, as pessoas dizem que não importa qual religião escolhemos, contanto que a nossa fé nos sirva. Não há nada de errado em seguir a Cristo, mas apenas se reconhecermos que ele não é o

único deus. Até mesmo na igreja existem pessoas que dizem que Jesus é um Salvador, mas não o Salvador.

Essa abordagem pluralista à religião é um ataque direto ao primeiro mandamento, que nos ordena adorar apenas a Deus. Deus é tão intolerante hoje quanto sempre foi. Negar que Jesus é o único caminho significa dizer que existem outros deuses. Mas não existem outros deuses! Essa teologia falsa precisa ser rejeitada pela honra de Cristo e pela observância do primeiro mandamento. Jesus reivindica direitos exclusivos à nossa adoração. Ele não é simplesmente um entre muitos profetas. Ele é o único caminho, a única verdade e a única vida (Jo 14.6). Ele é o único Filho encarnado de Deus. Ele foi o único a obedecer toda a lei para o povo de Deus, apenas ele ofereceu um sacrifício perfeito pelos nossos pecados e foi ressuscitado dentre os mortos para abrir o caminho para a vida eterna, por isso, apenas ele merece o nosso louvor.

Não é apenas nossa obrigação adorar a Cristo como o único Deus, mas é também o nosso privilégio. Apenas ele é nosso Salvador e nosso Senhor. Assim, nosso único objetivo é louvá-lo em todo o nosso trabalho e diversão, em tudo o que fazemos. Nós o adoramos e o louvamos; nós confiamos nele e lhe agradecemos. Pois ele nos diz: “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da tua servidão ao pecado, da tua escravidão de Satanás. Não terás outros deuses diante de mim”.

Notas

1 Joachim Duma, The Ten Commandments: Manual for the Christian Life, Nelson D. Kloosterman (trad.) (Phillipsburg, NJ: P&R, 1996), p. 16.

2 Godfrey Ashby, Go Out and Meet God: A Commentary on the Book of Exodus, International Theological Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1998), p. 88.

3 João Calvino, Institutes of the Christian Religion, Ford Lewis Battles (trad.), 2 vols., Library of Christian Classics, 20-21 (Filadélfia: Westminster, 1960), II.viii.16.

4 Martinho Lutero, citado em Maxie D. Dunnam, Exodus, The Communicator's Commentary (Waco, TX: Word, 1987), p. 253.

5 Thomas Watson, The Ten Commandments (1890; reimpressão. Edimburgo: Banner of Truth, 1965), p. 55.

6 Matthew Henry, Commentary on the Whole Bible, vol. 1 (Nova York: Revell, s.d.), s.l.

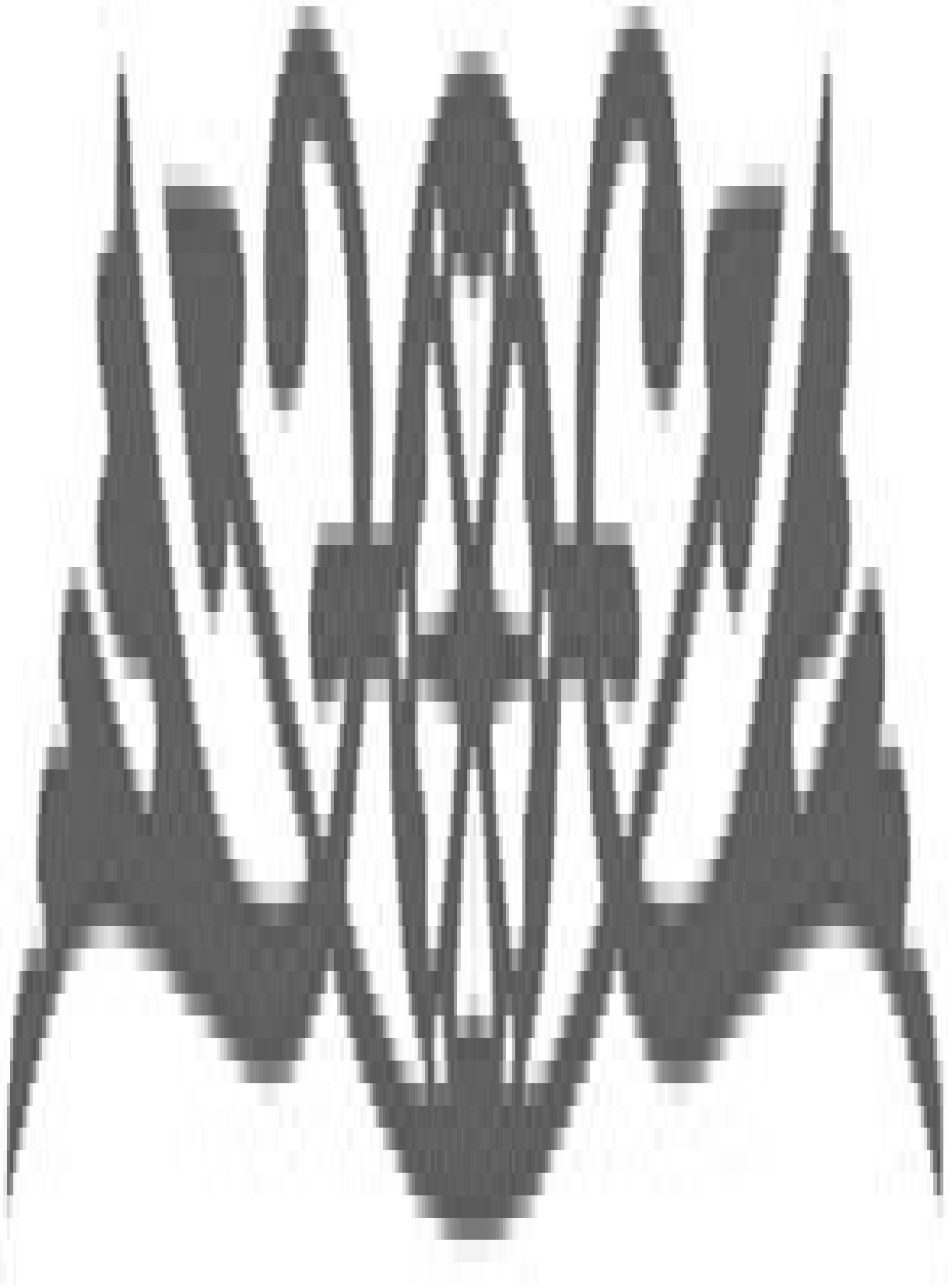
7 Robert Bellah et al., Habits of the Heart (Nova York: Harper & Row, 1985), p. 221.

8 Oscar Wilde, citado em Michael S. Horton, The Law of Perfect Freedom (Chicago: Moody, 1993), p. 56.

50

O segundo mandamento: o Deus verdadeiro, o modo correto

Êxodo 20.4-6



Sempre que tenho oportunidade de mostrar a um católico romano o interior da Décima Igreja Presbiteriana da Filadélfia, eu lhe pergunto o que está faltando. “Você percebe algo de estranho nesta igreja?”, pergunto. “Sim”, ele responde invariavelmente. “Não há crucifixo? Por que não? Onde está?”

Minha resposta padrão é que a cruz está na nossa mensagem. A cada semana pregamos que Jesus Cristo foi crucificado pelos pecadores. Isso é algo que proclamamos com base nas Escrituras, não é algo que penduramos em nossas paredes. Existe uma razão bíblica e teológica importante para isso: uma representação visual de Cristo na cruz pode facilmente se transformar em objeto de adoração e, assim, violar o segundo mandamento.

Dois mandamentos diferentes

Uma das razões pelas quais os católicos romanos têm dificuldades em aceitar isso é que eles dividem os Dez Mandamentos de outra forma. Segundo os católicos, e também os luteranos, Êxodo 20.3-6 é um único mandamento. A proibição de fazer ídolos faz parte do mandamento de não ter outros deuses (eles compensam a diferença dividindo a cobiça em dois mandamentos).

Isso levanta uma pergunta importante: os protestantes reformados estão corretos quando reconhecem em 20.4 o início de um novo mandamento? A resposta é sim. Não ter outros deuses e não fazer ídolos são duas regulamentações diferentes. O primeiro mandamento diz respeito à adoração do Deus verdadeiro. Precisamos rejeitar qualquer deus falso para adorar o Deus verdadeiro, que é nosso único Senhor e Salvador. O segundo mandamento diz respeito à adoração do Deus verdadeiro do modo correto. Não podemos adorá-lo na forma de qualquer ídolo feito por homens. Enquanto o primeiro mandamento nos proíbe adorar deuses falsos, o segundo mandamento nos proíbe adorar o Deus verdadeiro de maneira falsa. Como nós adoramos importa a Deus quase tanto quanto quem nós adoramos. Não podemos adorá-lo de qualquer modo, como gostamos, mas apenas da maneira que ele ordenou. Nas palavras do Breve Catecismo de Westminster: “O segundo mandamento proíbe o adorar a Deus por meio de imagens, ou de qualquer outra maneira não prescrita na sua Palavra” (resposta à pergunta 51).

Uma boa ilustração da diferença entre o primeiro e o segundo mandamentos vem da vida do rei Jeú. A Bíblia elogia Jeú por eliminar a adoração a Baal em Israel, o que ele fez matando a perversa rainha Jezabel (2Rs 9.30-37) e destruindo os sacerdotes de Baal (2Rs 10.18-27). O relato da vitória de Jeú termina com este elogio: “[...] Jeú exterminou de Israel a Baal” (2Rs 10.28).

Até aqui, tudo bem. Jeú se recusou a adorar outros deuses. Mas a Bíblia continua: “[...] não se apartou Jeú de seguir os pecados de Jeroboão, filho de Nebate, que fez pecar a Israel, a saber, dos bezerros de ouro que estavam em Betel e em Dã” (2Rs 10.29). Se Jéu se livrou da adoração a Baal, o que essas vacas sagradas ainda estavam fazendo em Israel? A resposta é que, apesar de Jeú ter imposto o primeiro mandamento, ele permitiu que seu povo violasse o segundo mandamento. Os bezerros de ouro não representavam outros deuses; seu propósito era representar o Deus de Israel. Mas isso é exatamente o que o segundo mandamento proíbe: adorar a Deus com um ídolo. Enquanto o primeiro mandamento proíbe deuses falsos, o segundo proíbe a adoração falsa.

Explicando a idolatria

O segundo mandamento é o mais longo: “Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o Senhor, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos” (20.4-6).

Esse mandamento apresenta quatro partes: a regra, a razão, a advertência e a promessa. A regra é muito simples: “Não farás para ti imagem de escultura” (v. 4a; veja também Lv 26.1). Essa tradução se aproxima bastante do significado original. Um ídolo era algo produzido com uma ferramenta. Podia ser madeira entalhada, pedra esculpida, algo gravado em metal – era cortado e moldado por mãos humanas. Era uma representação humana de algum ser divino.

Isso não significava que os israelitas eram proibidos de usar ferramentas. Tampouco significava que não podiam produzir obras de arte. Mais tarde, na hora de construir o tabernáculo, Deus enviou aos israelitas o seu Espírito “para

elaborar desenhos e trabalhar em ouro, em prata, em bronze, para lapidação de pedras de engaste, para entalho de madeira, para toda sorte de lavores" (31.4-5). Portanto, o que o segundo mandamento proibia não era a produção de coisas, mas a produção de coisas que serviriam como objetos de adoração. Isso é esclarecido na segunda parte da regra: "Não as adorarás, nem lhes darás culto" (20.5a). Os israelitas eram absolutamente proibidos de fazer imagens de Deus para usá-las em sua adoração. Deus aprecia a arte, mas não tolera a idolatria.

Essa regra é esclarecida por uma lista dos tipos de ídolo que Deus proíbe: "Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra" (20.4). Isso meio que abarca tudo: nada no céu, nada na terra e nada na água! Em outras palavras, os israelitas eram proibidos de representar Deus na forma de qualquer coisa criada. Lembre-se de que os israelitas haviam vivido com os egípcios, que adoravam muitos deuses, quase todos eles representados na forma de animais. O deus Horus tinha a cabeça de um falcão; o deus Anúbis, a cabeça de um chacal, etc. Quando se tratava dos egípcios e seus ídolos, valia tudo! Mas o Deus de Israel se recusava a ser representado por uma imagem de qualquer uma de suas criaturas.

Existem muitas razões boas para essa regra, mas aquela que Deus menciona especificamente é o amor: "Não farás para ti imagem de escultura [...] porque eu sou o Senhor, teu Deus, Deus zeloso" (20.4a-5b). Esta é a razão para a regra. Deus proíbe a idolatria por causa do seu ciúme. Para usar uma palavra mais positiva e também mais precisa, é por causa do seu zelo – a paixão ardente do seu amor.

Hoje em dia, o ciúme não recebe muita publicidade positiva. Quando as pessoas falam sobre ele, normalmente, se referem a algo mais parecido com inveja, o desejo de conseguir algo que não lhes pertence. No entanto, quando algo realmente lhe pertence, há momentos em que aquilo precisa ser protegido. Um ciúme santo é um ciúme que protege aquilo que lhe pertence por direito. O exemplo mais óbvio é o amor entre marido e mulher. Nenhum marido que realmente ama sua esposa suportaria vê-la nos braços de outro homem. Isso provocaria um ciúme intenso nele, e com todo o direito!

Deus sente a mesma coisa em relação ao seu povo. Seu compromisso conosco é total. Seu amor é exclusivo, passional, intenso – em uma palavra: ciumento. Como explica um comentarista: "O ciúme santo não é o ciúme inseguro, insano

e possessivo que, muitas vezes, atribuímos à palavra. É, antes, uma devoção de preocupação intensa aos objetos do seu amor, como uma mãe protege com ciúme os seus filhos, como um pai guarda com ciúme o seu lar".1

Se é este o significado de ciúme, então Deus precisa ser ciumento. Ele nos ama demais para não ser ciumento! Na verdade, o ciúme é uma de suas perfeições divinas. Como escreveu Christopher Wright:

Um Deus não ciumento [...] seria tão desprezível quanto um marido que não se importa se sua esposa é fiel a ele. Parte do nosso problema com essa profunda realidade pactual é que viemos a considerar a religião, como qualquer outra coisa, como questão de "preferência do consumidor" [...] Não gostamos de monopólios. Mas o Deus único e incomparável, o único Deus vivo faz reivindicações necessariamente exclusivas e tem o direito ao monopólio do nosso amor [...] Ciúme é o amor de Deus protegendo a si mesmo.2

O que Deus protege com tanto ciúme no segundo mandamento é a honra do seu amor. Deus não só nos ama, mas também deseja que nós o amemos. Entre outras coisas, isso significa adorá-lo do modo que seja digno de sua honra. Deus tem o direito de nos dizer como deseja ser adorado, e ele ordenou que não rejeitemos seu amor transformando-o num ídolo.

Os pecados dos pais

O ciúme de Deus explica por que o segundo mandamento termina com uma advertência ("visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem", 20.5b) e com uma promessa ("e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos", 20.6). Deus demonstra seu zelo de ser glorificado na nossa adoração amaldiçoando aqueles que violam o segundo mandamento e abençoando aqueles que o observam.

A advertência é que os filhos serão punidos pelos pecados de seus pais. A

palavra “iniquidade” se refere a algo distorcido. Sugere que a idolatria é um tipo de perversão, um voltar-se contra Deus. Pode parecer muito religioso adorar ídolos, mas, visto que Deus odeia a idolatria (Dt 16.22), ela é, na verdade, uma maneira de demonstrar ódio por ele, e não surpreende que Deus ameace punir aqueles que fazem algo tão odioso. Algumas pessoas, porém, se perguntam se a maldição de Deus é justa. Como pode Deus julgar uma pessoa pelo pecado de outra? É realmente justo punir os filhos pelos pecados dos seus pais?

Muitos estudiosos não consideram isso justo, assim, tentam encontrar outra maneira de explicar esse versículo. Alguns o interpretam sociologicamente. Observam que o pecado de um pai tem consequências que podem durar gerações. Também observam que, já que os filhos imitam os pais, o pecado tende a se preservar na família. Uma geração determina o tom espiritual da próxima. Assim, talvez o segundo mandamento se fundamente em verdades universais sobre relações familiares.

O segundo mandamento, porém, diz mais do que isso. Ele afirma que Deus pune os filhos pelos pecados dos seus pais. O que o pai passa para os seus filhos não é apenas um exemplo ruim, mas a culpa do seu pecado. O princípio que se aplica aqui é a solidariedade pactual: Deus responsabiliza as famílias pela sua conduta como famílias. Os israelitas se encontravam numa aliança com Deus e, quando a cabeça pactual de qualquer família pecava contra Deus, toda a sua família era julgada. Para dar apenas um exemplo, todos os 70 filhos de Acabe foram mortos por causa da idolatria do seu pai (2Rs 10.1-17).

Isso não significa negar a responsabilidade individual. Deus responsabiliza cada um de nós pelos próprios pecados. A Bíblia diz: “A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai, a iniquidade do filho” (Ez 18.20a). Deus jamais condena o inocente, apenas o culpado. Aqui, é importante observar algo no segundo mandamento que costuma ser ignorado – como a ameaça termina. Deus diz que punirá três ou quatro gerações “daqueles que me aborrecem” (20.5). Não são apenas os pais que odeiam a Deus, mas também seus filhos. As pessoas não conseguem reconhecer a justiça nesse mandamento porque costumam supor que, apesar da culpa do pai, os filhos são inocentes. Mas os filhos odeiam a Deus tanto quanto seus pais o odiavam (o que não surpreende, dada a maneira como foram criados). Portanto, é justo que Deus os puna por seu pecado e pelo pecado dos pais.

Deus também promete demonstrar misericórdia àqueles que o amam e observam seu mandamento de não servir a ídolos. A promessa é mais poderosa do que a advertência porque sua bênção perdura não só três ou quatro, mas mil gerações; em outras palavras, perdura para sempre. Essa foi a promessa de Deus dada a Abraão: “Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência” (Gn 17.7). Tudo o que precisamos fazer é responder com amor ao Deus que nos ama.

A ameaça de Deus no segundo mandamento pode parecer desencorajadora para alguém que vem de uma família que não honra a Deus, mas a bênção de Deus triunfa sobre a maldição, e Deus intervém muitas vezes na história de uma família para transformar o ódio em amor e adoração. Ele faz o que fez por Abraão: chama uma família para deixar seus ídolos para trás e segui-lo. E, quando Deus faz isso, ele estabelece um legado duradouro. Sua graça descansa sobre uma família de uma geração para a próxima. Isso não é um tipo de garantia automática, pois os filhos têm a liberdade de se afastar do Deus de seus pais. Mas é uma promessa a ser recebida por meio da fé.

O que Deus está fazendo em sua família? Quando os pais fazem planos para o futuro, eles devem se preocupar mais com o segundo mandamento do que com os seus investimentos financeiros. Esse mandamento contém uma advertência solene aos pais. Quando um homem se recusa a amar a Deus passionalmente e a adorar a Deus corretamente, as consequências de seu pecado afetarão gerações. A culpa de um homem que guarda ídolos no coração corromperá toda a sua família e, no fim, todos eles serão punidos. Mas um homem que ama a Deus acima de tudo – um homem que se curva diante dele em adoração genuína e serve a ele com louvor verdadeiro – verá a bênção de Deus em seu lar para sempre. Que tipo de vida você está levando? Que tipo de adoração você está oferecendo? Que tipo de legado você deixará?

Ilustrando a idolatria

Existe uma história na Bíblia que mostra o que há de errado com os ídolos. Ela se passa em Atenas – é a história de Paulo e dos filósofos. Atenas era uma grande cidade naqueles dias, a capital intelectual do mundo. No alto da Acrópole se encontrava o Partenon, a obra prima da arquitetura grega. As ruas formigavam

de comerciantes. Havia também muito movimento na feira das ideias. Como relatam as Escrituras: “Pois todos os de Atenas e os estrangeiros residentes de outra coisa não cuidavam senão dizer ou ouvir as últimas novidades” (At 17.21).

Atenas também era uma cidade repleta de ídolos. Havia imagens de todas as formas e tamanhos, feitas de madeira e pedra, ouro e prata. Elas representavam todos os deuses e deusas do panteão grego. Havia tantos ídolos que um autor romano zombou, dizendo que era mais fácil encontrar um deus em Atenas do que um homem!3 E, acima de todos eles, estava a grande deusa Atenas, cuja estátua podia ser vista a 40 milhas de distância.4 Atenas ostentava, talvez, a coleção mais espetacular de ídolos que o mundo já tinha visto.

Quando o apóstolo Paulo viu todas aquelas imagens esculpidas, ele se revoltou quase ao ponto da fúria. A Bíblia diz que “o seu espírito se revoltava em face da idolatria dominante na cidade” (At 17.16). Ele ficou entristecido e desalentado ao ver tantas pessoas adorando tantos ídolos e, assim, negando a glória a Deus. Durante dias ele discutiu com os atenienses, tentando convencê-los a abandonar todos os seus deuses falsos a fim de adorarem o único Deus vivo e verdadeiro. Ele pregou o evangelho, as boas-novas sobre Jesus e a ressurreição.

Eventualmente, Paulo se encontrou com membros do Areópago, a famosa sociedade filosófica que se encontrava no monte de Marte. Esses homens eram os censores que controlavam os discursos religiosos apresentados em Atenas. Sua sociedade também servia como um tipo de oficina intelectual, algo parecido com a Brookings Institution ou o American Enterprise Institute. O Areópago incluía alguns dos homens mais cultos do mundo antigo, homens que amavam discutir sobre filosofia e religião. Querendo saber mais sobre o que Paulo estava dizendo, eles o convidaram para falar à sua assembleia.

Esperaríamos que Paulo dissesse aos filósofos que eles estavam adorando os deuses errados. Todos os seus ídolos representavam deidades falsas; por isso, ele poderia ter dito: “Não terás outros deuses”, dirigindo-se a eles com base no primeiro mandamento. No entanto, não foi o que Paulo disse. Isso foi uma das implicações daquilo que Paulo disse, mas não foi o seu foco. Em vez disso, dirigiu-se a eles com base no segundo mandamento. Ele lhes disse que Deus não pode ser adorado por meio de ídolos. Seu problema não era apenas que estavam servindo os deuses errados, mas que estavam adorando da maneira errada.

Paulo começou estabelecendo um ponto de contato. Ele se levantou e disse:

“Senhores atenienses! Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos; porque, passando e observando os objetos de vosso culto, encontrei também um altar no qual está inscrito: Ao deus desconhecido. Pois esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu vos anuncio” (At 17.22b-23). Isso foi uma estratégia retórica esperta. Ao fazerem um ídolo dedicado a um deus desconhecido, os atenienses estavam tentando se garantir por todos os lados. Mas estavam também admitindo que havia pelo menos uma coisa relacionada à religião que eles não sabiam. Assim, o apóstolo lhes disse que ele estava ali para explicá-la para eles.

Em seguida, Paulo disse que o Deus Criador é um espírito vivo que não pode ser colocado dentro de uma caixa: “O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas. Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais” (At 17.24-25). Paulo estava esclarecendo a relação entre Criador e criatura. Nós não fazemos Deus, foi ele quem nos fez. Não damos vida a Deus; é ele quem nos dá vida. Para reforçar seu ponto, Paulo continuou citando um de seus próprios poetas gregos, que disse: “Porque dele também somos geração” (At 17.28b).

A breve doutrina de Deus tinha uma implicação muito óbvia. Se Deus é o Criador e Doador da vida, então ele não pode ser enfiado em algum ídolo feito pelo homem. Como o Deus transcendente poderia ser reduzido a um mero objeto? Daí a conclusão de Paulo: “Sendo, pois, geração de Deus, não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem. Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam” (At 17.29-30). Paulo estava dizendo algo muito importante sobre o segundo mandamento. Estava dizendo que, quando usamos ídolos, não estamos adorando ao Deus verdadeiro, mas construindo um deus falso – um deus feito à nossa imagem. Como Paulo explicou mais tarde em Romanos, “eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador” (Rm 1.25).

Este era o problema com a idolatria desde o início: ela criava uma imagem falsa de Deus, que era inadequada à sua divindade e indigna de sua majestade. Deus é infinito e invisível. Ele é onipotente e onipresente. Ele é um espírito vivo. Por isso, esculpi-lo num pedaço de madeira ou numa pedra significa negar seus atributos, as características essenciais de seu ser divino. Um ídolo torna finito o Deus infinito, visível o Deus invisível, impotente o Deus onipotente, prende o

Deus onipresente em um local, torna o Deus vivo inanimado e material o Deus espiritual. Em suma, transforma-o no oposto exato daquilo que ele realmente é. Portanto, toda a ideia de idolatria se apoia no absurdo do ser humano tentando construir a sua própria imagem de Deus. Um ídolo não é a verdade, mas uma mentira. É um deus que não enxerga, sabe, age, ama ou salva.

Aplicando a idolatria

Somos tentados a pensar que a adoração a ídolos é coisa do passado. Se não formos para outro continente para servir como missionários, o único lugar em que vemos um ídolo é, provavelmente, num museu. Certamente, não temos ídolos na igreja, não é?

Talvez não, se um ídolo for apenas algo que possamos ver e tocar. Mas, como o resto da lei de Deus, o segundo mandamento também é espiritual: ele se aplica ao coração. E em nosso coração estamos sempre ocupados construindo Deus à nossa imagem. João Calvino disse que o coração humano é “uma fábrica perpétua de ídolos”.5 Em vez de adorarmos a Deus “em espírito e verdade” (Jo 4.24), nós o remoldamos e refabricamos até ele estar seguramente sob o nosso controle. Quais são algumas das maneiras em que manufaturamos os nossos próprios deuses?

Fazemos um ídolo sempre que adoramos uma imagem em vez de ouvir a Palavra. Um dos problemas de imagens físicas de Deus é que elas nos impedem de ouvir a voz de Deus. Foi por isso que Deus não se revelou numa forma física no monte Sinai. Moisés disse aos israelitas: “Guardai, pois, cuidadosamente, a vossa alma, pois aparência nenhuma vistes no dia em que o Senhor, vosso Deus, vos falou em Horebe, no meio do fogo; para que não vos corrompais e vos façais alguma imagem esculpida na forma de ídolo” (Dt 4.15-16a). Deus se revelou no monte Sinai não por meio de uma imagem visível, mas por meio de uma palavra audível. Isso nos diz algo sobre a maneira como ele deseja ser adorado. Ele não quer que olhemos, mas que ouçamos. Nahum Sarna comenta:

Na visão israelita, qualquer representação simbólica de Deus precisa necessariamente ser inadequada e distorcida, pois uma imagem é identificada

com aquilo que representa e logo passa a ser vista como local e presença da divindade. No fim, a própria imagem se transforma em local de reverência e objeto de adoração, e tudo isso constitui a completa anulação da essência singular do monoteísmo israelita.6

Vivemos numa era visual. Por toda parte vemos imagens reluzentes em alguma tela. Alguns líderes cristãos dizem que a igreja precisa se adaptar, tornando-se mais visual em sua apresentação do evangelho. Em vez de simplesmente falar sobre Deus, precisamos mostrar algo às pessoas. Mas esse impulso é idólatra. Em seu livro de grande influência Amusing Ourselves to Death, Neil Postman escreve:

Ao estudar a Bíblia como jovem, encontrei insinuações da ideia de que formas da mídia favorecem tipos específicos de conteúdo e, por isso, são capazes de assumir o comando em uma cultura. Refiro-me especificamente ao Decálogo, ao segundo mandamento que proíbe os israelitas de fazerem imagens concretas de qualquer coisa [...] O Deus dos judeus deveria existir na palavra e por meio da palavra, uma concepção sem precedentes, que exigia o mais alto nível de pensamento abstrato. Assim, a iconografia se tornou blasfêmia para que um novo tipo de Deus pudesse entrar numa cultura. Pessoas como nós, que se encontram no processo de converter a sua cultura centrada na palavra para uma cultura centrada na imagem, podem se beneficiar de uma reflexão sobre essa ordem mosaica.7

De fato. O que a imagem sempre pretende fazer na adoração é nos distrair de ouvir a Palavra. O crucifixo, o ícone, o drama e a dança – essas coisas não ajudam a adorar, antes, tornam impossível uma adoração verdadeira. Numa era visual, precisamos ter ainda mais cuidado para não olharmos para a imagem, mas ouvirmos a Palavra.

Também fazemos um ídolo sempre que transformamos Deus em algo que podemos manipular. Esse era todo o propósito da idolatria pagã. Os egípcios não acreditavam que os deuses realmente viviam em seus ídolos, mas acreditavam que os ídolos lhes permitiam algum tipo de contato espiritual que os capacitava a

controlar seus deuses. Grande parte da espiritualidade contemporânea tenta fazer a mesma coisa. As pessoas estão constantemente à procura de um deus mais maleável, um deus que possa ser adaptado aos seus propósitos. Dizem: “Se eu fizer isso, Deus fará aquilo”. Se eu tocar o pastor, serei curado. Se eu cumprir meu voto, Deus me dará riqueza. Se eu recitar a oração correta todos os dias, terei a chave para destrancar a bênção de Deus. Se eu seguir o método educacional correto com meus filhos, eles crescerão como pessoas piedosas. Se nos aproximarmos de Deus do modo correto, receberemos o que desejamos. Mas Deus não pode ser manipulado. Quando ele nos ordena a não fazermos ídolos, ele está dizendo que “não será capturado, contido, alocado ou administrado por nada e ninguém, qualquer que seja o propósito”.8 Deus quer que confiemos nele e lhe obedeçamos, não que o usemos.

Também fazemos um ídolo sempre que decidimos adorar a Deus por alguns de seus atributos, mas não por outros. A antiga igreja liberal queria um Deus de amor sem justiça, assim, negou doutrinas fundamentais, como a ira de Deus e a expiação substitutiva. Hoje em dia, muitos evangélicos minimizam as mesmas doutrinas. Quase a metade de todos os alunos de faculdades e seminários evangélicos afirma que é falta de educação falar sobre o juízo divino.9 Teólogos feministas negam a paternidade de Deus. Preferem um deus mais à imagem da mulher. Teólogos relacionais negam a presciência de Deus. Dizem que Deus sabe algumas coisas sobre o futuro, mas não tudo. No fundo, esses teólogos estão defendendo uma divindade que pensa como nós, um deus que tenta entender e decidir as coisas na medida em que acontecem. Mas todas essas novas teologias são, na verdade, formas de idolatria. Quando pessoas dizem: “Gosto de imaginar Deus como...” elas estão, geralmente, remodelando Deus à sua própria imagem.

Também somos tentados a adorar a Deus na forma como gostaríamos que fosse e não como ele realmente é. Tendemos a destacar as coisas sobre Deus que gostamos e a minimizar o resto. Colocamos uma prioridade maior em conhecer a Bíblia do que em amar a Deus. Acreditamos que Deus está mais preocupado com a moralidade privada do que com a justiça social. E, já que somos essencialmente legalistas, somos motivados mais por um senso de obrigação do que por uma gratidão profunda pela graça de Deus. Quando fazemos tudo isso, acabamos criando uma divindade sem o amor, a compaixão ou a graça de Deus.

Como podemos adorar a Deus do modo correto? O que pode nos salvar das nossas próprias idolatrias privadas? A resposta é muito simples: em vez de

remodelar Deus à nossa imagem, precisamos ser refeitos à sua imagem. Deus faz isso trazendo-nos para um relacionamento pessoal e salvador com seu Filho, Jesus Cristo.

Temos aqui um mistério profundo. Quando Deus criou o mundo, ele fez os homens e as mulheres à sua imagem (Gn 1.26-27). Fomos criados para ser semelhantes a Deus e para refletir a sua glória. E esta é outra razão pela qual Deus nos instrui a não fazer imagens. Ele já tem uma imagem! Nós somos a imagem de Deus. Como disse Calvino: “Deus não pode ser representado por uma imagem ou escultura, já que ele quis que sua semelhança aparecesse em nós”.10 Ou como escreveu Christopher Wright: “A única imagem legítima de Deus [...] é a imagem de Deus criada à sua semelhança – o ser humano que vive, pensa, trabalha, fala, respira e se relaciona (nem mesmo uma estátua sua é aceitável, apenas a pessoa humana)”.11 Não temos permissão de fazer uma imagem de Deus, mas apenas a permissão de ser a imagem de Deus.

Nossa capacidade de ser imagem de Deus foi terrivelmente prejudicada com a nossa queda em pecado. A imagem de Deus em nós foi desfigurada, como uma pichação num espelho. Em nossa condição caída e pecaminosa, não somos mais capazes de refletir a glória de Deus como ele pretendia. Mas Deus enviou seu Filho, Jesus Cristo, ao mundo para reparar a sua imagem em nós. Jesus é a imagem verdadeira, “a imagem do Deus invisível” (Cl 1.15; cf. 2Co 4.4), “a expressão exata do seu Ser” (Hb 1.3). Foi por isso que Jesus pôde dizer que todos que o viam viam a Deus (Jo 14.9). Ele é o ponto de contato. A fim de ir a Deus em adoração verdadeira, não precisamos construir algum tipo de ídolo; tudo o que precisamos fazer é ir a ele por meio de Jesus Cristo. E, quando vamos a Cristo, Deus passa a viver em nós por meio do seu Espírito Santo. Ele trabalha em nós para reparar a sua imagem para que possamos viver para a sua glória.

Notas

1 Rob Schenck, The Ten Words That Will Change a Nation: The Ten Commandments (Tulsa, OK: Albury, 1999), p. 32.

2 Christopher J. H. Wright, Deuteronomy, New International Biblical Commentary (Peabody, MA: Hendrickson, 1996), p. 71-72.

3 Citado em John R. W. Stott, The Message of Acts, The Bible Speaks Today (Leicester, UK: Inter-Varsity, 1990), p. 277.

4 E. M. Blaiklock, The Acts of the Apostles: An Historical Commentary, Tyndale New Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1959), p. 137.

5 João Calvino, Institutes of the Christian Religion, Ford Lewis Battles (trad.), 2 vols., Library of Christian Classics, 20-21 (Filadélfia: Westminster, 1960), I.xi.8.

6 Nahum M. Sarna, The JPS Commentary on Exodus (Filadélfia: Jewish Publication Society, 1991), p. 110.

7 Neil Postman, Amusing Ourselves to Death: Public Discourse in the Age of Show Business (Nova York: Penguin, 1985), p. 9.

8 Walter Brueggemann, Theology of the Old Testament: Testimony, Dispute, Advocacy (Filadélfia: Fortress, 1997), p. 184-85.

9 Michael S. Horton, The Law of Perfect Freedom (Chicago: Moody, 1993), p. 54.

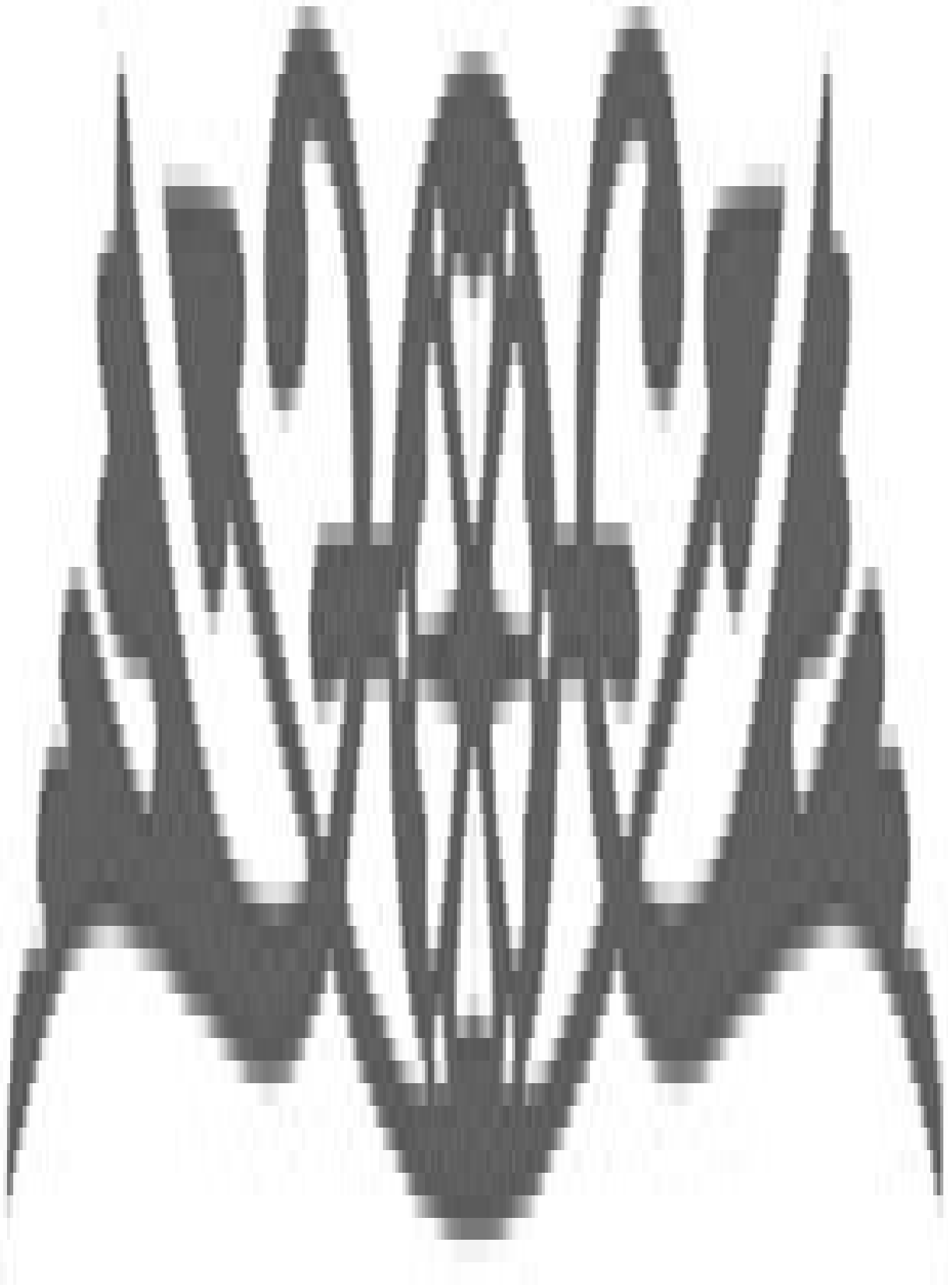
10 João Calvino, The Acts of the Apostles, W. F. G. McDonald e John W. Fraser (trad.), Calvin's New Testament Commentaries, David W. Torrance e Thomas F. Torrance (orgs.), vol. 2 (Grand Rapids: Eerdmans, 1973), p. 121-22.

11 Wright, Deuteronomy, p. 71.

51

O terceiro mandamento: nome que está acima de todos os nomes

Êxodo 20.7



Uma das primeiras obrigações dos pais é dar um nome aos seus filhos. Isso pode ser uma tarefa difícil. Os pais fazem listas, leem livros de nomes de bebês e pesquisam sugestões dos membros da família. Tentam várias combinações e as pronunciam em voz alta para testar como soam. Contemplam todos os possíveis apelidos e conferem se as iniciais soletram alguma palavra. E, mesmo depois de tudo isso, é possível que acabem indo para o hospital sem terem chegado a um acordo sobre como chamar o filho!

A certeza em tudo isso é que serão os pais que darão o nome. Seres humanos não dão nomes a si mesmos. Nossos nomes nos são dados, não os escolhemos, o que mostra que dar nome é um ato de autoridade. Lembro-me de segurar cada um dos meus filhos recém-nascidos, chamá-los pelo seu nome e dizer-lhes que eu era seu pai. Dar um nome ao filho é a primeira forma como os pais exercem a autoridade que Deus lhes deu.

No caso de Deus, porém, uma das coisas notáveis é que ninguém jamais lhe deu um nome. Admito que, de vez em quando, as pessoas têm inventado vários nomes falsos para Deus. Mas o nome verdadeiro de Deus é escolhido e revelado por Deus pessoalmente. Não dizemos a Deus quem ele é; é ele que nos diz. Deus tem o direito de dar a si mesmo o seu próprio nome, e isso é um sinal de sua autoridade soberana. O nome de Deus vem antes de todos os outros nomes.

O que contém um nome?

O terceiro mandamento defende a honra do grande nome de Deus: “Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão” (20.7). Diferentemente dos dois primeiros mandamentos, aqui Deus se refere a si mesmo na terceira pessoa. Existe uma razão especial para isso. Primeiro Deus disse: “Não terás outros deuses diante de mim” (20.3), falando na primeira pessoa. Mas aqui ele se refere a si mesmo de modo mais indireto. Em vez de dizer: “Não tomarás meu nome em vão”, ele diz: “Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão”. Ele faz isso para chamar atenção para o seu nome especial da aliança Yahweh, ou Senhor.

Tratava-se de um nome que Deus havia revelado muito antes de os israelitas

chegarem ao monte Sinai. Na sarça ardente, Moisés perguntou pelo nome de Deus e, por causa de seu grande amor por seu povo, Deus o deu a ele:

[...]

Eu sou o que sou

. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel:

Eu sou

me enviou a vós outros. Disse Deus ainda mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O

Senhor

, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, me enviou a vós outros; este é o meu nome eternamente, e assim serei lembrado de geração em geração. (3.14-15)

O nome que Deus revelou era seu nome pessoal, Yahweh, às vezes chamado tetragrama, porque, em hebraico, consiste em quatro letras: YHWH. Literalmente, o nome de Deus significa “Eu sou o que sou” ou “Serei quem serei”. Fala da autoexistência, autossuficiência e suprema soberania de Deus. Na medida em que os eventos do êxodo se desdobravam, testificou também de seu poder salvador. Os israelitas aprenderam com a sua libertação que o Deus que revelou seu nome a Moisés é o Deus que salva.

Quando começamos a desdobrar o significado do nome de Deus, torna-se rapidamente evidente que Yahweh, ou “Senhor”, é muito mais do que um nome. É a identidade de Deus. Essa era toda a compreensão hebraica de nomes. Para nós, um nome é um rótulo; é algo que temos, não o que somos. Mas para os hebreus o nome era inseparável da pessoa. Expressava a identidade interna da pessoa. Quando usamos o nome de Deus, estamos nos referindo à essência de seu ser divino.

Seu nome supremo era simplesmente Yahweh, o Senhor Deus. Esse nome é muito mais do que uma maneira conveniente de se dirigir a Deus. Representa toda a reputação de Deus. O termo literário para esse tipo de fala, em que uma parte representa o todo, é sinédoque. Quando, por exemplo, alguém diz: “Havia muitos rostos novos naquela reunião”, isso não significa que os rostos estavam, de alguma forma, desligados dos corpos. O rosto é parte de um todo e, assim, pode representar a pessoa inteira. Semelhantemente, o nome de Deus representa toda a sua identidade.

O nome de Deus é usado dessa forma também em outros livros no Antigo Testamento. Davi cantou: “Ó Senhor, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome!” (Sl 8.1a). Ele estava louvando a Deus não simplesmente por seu nome, mas por ser o Deus que fez todas as coisas para a sua própria glória. Deus criou uma fama para si mesmo na criação e também na redenção. Esse era todo o objetivo do êxodo. Deus estava salvando um povo para a sua glória. Ou, como o salmista disse, referindo-se especificamente ao resgate no mar Vermelho: “Ele os salvou por amor do seu nome, para lhes fazer notório o seu poder” (Sl 106.8; cf. o Sl 111.9). Deus tirou Israel do Egito pela honra do seu nome. Portanto, quando os israelitas chegaram ao monte Sinai, eles deveriam já saber que o nome de Deus era muito mais do que um nome. Ele comunicava a glória de Deus na criação e na redenção e, por isso, merecia tanta reverência e respeito quanto o próprio Deus.

Fazendo mau uso do nome de Deus

Como o resto da lei moral de Deus, o terceiro mandamento é negativo e positivo. Em sua forma negativa, proíbe fazer mau uso do nome de Deus. Numa tradução mais literal, o versículo diz: “Não levantarás o nome do Senhor, teu Deus, pelo nada”.1

O que significa “levantar” o nome de Deus? Esse termo tinha um sentido um tanto técnico. Era usado em situações jurídicas para se referir ao juramento.2 Quando testemunhas precisavam confirmar seu testemunho, em vez de jurarem com a mão na Bíblia, elas levantavam a mão e juravam em nome de Deus. No entanto, esse termo era usado também num sentido mais amplo em outras situações em que as pessoas usavam o nome de Deus. Seu nome era “levantado” em adoração ou sempre que as pessoas falavam sobre ele.

O povo de Deus podia usar o nome de Deus. Muitos judeus ortodoxos interpretam esse mandamento de forma mais estrita do que Deus pretendia, recusando-se a usar o nome divino especial de Deus em qualquer caso, pois temem usá-lo em vão. Mas Deus quer que usemos seu nome! Encontramos a prova disso no Antigo Testamento, em que o nome divino sagrado de Deus é usado por toda parte – quase 7 mil vezes ao todo. Deus nos deu seu nome para que pudéssemos nos dirigir a ele pessoalmente. Chamá-lo pelo seu nome fortalece o nosso relacionamento de amor com ele.

O que Deus proíbe não é o uso do seu nome, mas seu mau uso. Mais especificamente, não devemos usá-lo de modo vão ou vazio. O mau uso específico que Deus tem em mente é falar sobre ele sem cuidado, de modo irrefletido ou até mesmo superficial, como se ele não tivesse importância ou nem mesmo existisse. O nome de Deus tem um significado espiritual profundo. Por isso, tratá-lo como algo sem valor é profanação no sentido mais verdadeiro da palavra: significa tratar algo santo e sagrado como algo comum e secular. Desonrar o nome de Deus de qualquer forma significa macular a sua santidade. É uma maneira de dizer que o próprio Deus não tem valor.

Em seu estudo cuidadoso sobre os Dez Mandamentos, o estudioso holandês Joachim Duma menciona três maneiras em que o nome de Deus costumava ser profanado no Antigo Testamento: na feitiçaria, na falsa profecia e em juramentos falsos.3

Feitiçaria tem a ver com o oculto. No mundo antigo, muitas pessoas acreditavam conseguir acessar o poder sobrenatural usando nomes divinos em invocações mágicas. Elas evocavam seus deuses para curar seu corpo, para prever o futuro e obter vitória em batalhas. Os egípcios haviam se especializado nesse tipo de prática. Mas Deus se recusa a ser manipulado, por isso, ordenou que seu povo não usasse seu nome para lançar feitiços. Mais tarde, ele disse: “Não se achará entre ti [...] nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor” (Dt 18.10-12a).

O nome de Deus era usado em vão também em conexão com profecias falsas. Os profetas sempre diziam: “Assim diz o Senhor”. No entanto, quando um falso profeta tentava citar Deus dessa forma, tratava-se de uma mentira e, portanto, de um abuso do nome santo de Deus. Como disse Deus em determinada ocasião:

“Os profetas profetizam mentiras em meu nome [...] Portanto, assim diz o Senhor acerca dos profetas que, profetizando em meu nome, sem que eu os tenha mandado” (Jr 14.14a-15a). A profecia falsa era uma tentativa de usar o nome divino especial de Deus para a vantagem da agenda do próprio profeta. Encontramos muitos exemplos disso na história da igreja. Muitas vezes, as pessoas tentam aumentar sua credibilidade alegando que Deus está do seu lado. Seu nome tem sido usado para promover tudo, desde as cruzadas até o tráfico de escravos, desde partidos políticos até causas sociais, e os resultados são quase sempre desastrosos.

O terceiro mau uso comum do nome de Deus era fazer juramentos falsos. A fim de convencer outros de que se estavam dizendo a verdade – num tribunal, por exemplo, ou em conexão com alguma transação comercial – as pessoas costumavam dizer algo como: “Tão certo como vive o Senhor” (Jr 5.2). Ao elevar o nome de Deus, eles tentavam provar que o que eles diziam era verdadeiro. No fundo, estavam chamando Deus como sua testemunha. O problema ocorria quando as pessoas faziam um juramento em nome de Deus e depois diziam uma mentira. Isso era perjúrio – uma violação direta do terceiro mandamento. Significava usar o nome de Deus para confirmar uma falsidade, não algo verdadeiro. Por isso, Deus disse: “Não jurareis falso pelo meu nome, pois profanaríeis o nome do vosso Deus. Eu sou o Senhor” (Lv 19.12).

Essas são algumas das maneiras como o nome sagrado de Deus era usado em vão em tempos do Antigo Testamento. Em cada caso, as pessoas tentavam usar seu nome para sua própria vantagem. Mas Deus disse: “Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão” (20.7a).

Ele disse também que qualquer um que violar o terceiro mandamento será responsabilizado por isso: “O Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão” (20.7b). A punição exata não é especificada. Na verdade, a ameaça parece até fraca: o infrator é simplesmente considerado culpado. No entanto, essa expressão é o que os gramáticos chamam uma meiose, em que pouco é dito, mas muito se intenciona.4 Por exemplo, quando uma pessoa em posição de autoridade diz: “Eu não faria isso se fosse você”, ela não está apenas oferecendo uma opinião particular, mas fazendo uma advertência séria. Assim, quando Deus diz que não nos terá como inocentes, o que ele quer dizer é que ele nos condenará. Não seremos inocentes, mas culpados – considerados injustos por um Deus Todo-Poderoso.

A razão pela qual Deus nos condenará é que o mau uso de seu nome é um pecado muito grande. É um ataque direto à sua honra e glória, e qualquer um que lance esse tipo de ataque merece ser condenado. Aqui, a justiça de Deus pode ser defendida com a ajuda de uma analogia:

Uma maneira de um norte-americano moderno começar a entender esse mandamento é tratar o nome de Deus como uma marca registrada. A fim de conseguir uma distribuição ampla para o seu manual de reparos registrado – a Bíblia – e também para conquistar uma parcela maior do mercado para sua franquia autorizada – a igreja – Deus graciosamente concedeu a licença de usar seu nome a cada um que esteja disposto a usá-lo segundo as suas instruções. É, porém, preciso entender que o nome de Deus não se encontra em domínio público. Deus retém o controle legal sobre seu nome e promete penalidades sérias contra o mau uso não autorizado de sua propriedade supremamente valiosa. Todas as violações à marca registrada serão perseguidas em toda a extensão da lei. O procurador, juiz, júri e executor é Deus.5

Quando pessoas violam o terceiro ou qualquer outro mandamento, elas são culpadas perante Deus e serão julgadas por seus pecados. Existem muitos exemplos na Bíblia. O exemplo mais chocante ocorre, talvez, em Levítico 24. Irrompeu uma disputa entre dois israelitas, um dos quais era, em parte, egípcio. Enquanto brigavam, o homem de descendência mista professou uma maldição contra Deus. As Escrituras dizem que ele “blasfemou o nome do Senhor e o amaldiçoou” (Lv 24.11a). Os espectadores ficaram chocados com o que o homem disse, por isso, o agarraram e o levaram para ser julgado por Moisés.

O Senhor não tomou o homem por inocente, mas disse: “Tira o que blasfemou para fora do arraial; e todos os que o ouviram porão as mãos sobre a cabeça dele, e toda a congregação o apedrejará. Dirás aos filhos de Israel: Qualquer que amaldiçoar o seu Deus levará sobre si o seu pecado. Aquele que blasfemar o nome do Senhor será morto” (Lv 24.13-16a). Quando Deus diz que qualquer um que usar o seu nome em vão será responsabilizado, é melhor acreditarmos nele!

Seu nome é maravilhoso

Como o resto da lei moral, o terceiro mandamento é tanto positivo quanto negativo. Ao mesmo tempo em que proíbe o mau uso do nome de Deus, ameaçando-nos com culpa, ele também nos ordena a usar seu nome corretamente. Em vez de usar seu nome em vão, devemos levá-lo a sério. Segundo João Calvino:

O propósito desse mandamento é: Deus quer que santifiquemos a majestade de seu nome. Por isso, significa, em suma, que não devemos profanar seu nome tratando-o com desdém e irreverência. A essa proibição corresponde o mandamento de que devemos ser zelosos e cuidadosos para honrar seu nome com pia reverência. Por isso, devemos ter tal disposição em mente e fala de não pensar nem dizer qualquer coisa sobre Deus e seus mistérios sem reverência e muita sobriedade; para que, ao estimar as suas obras, não concebamos nada a não ser o que seja honrável a ele.6

O uso que Calvino faz da palavra “santificar” lembra a primeira petição do Pai-nosso: “Santificado seja o teu nome” (Mt 6.9b). Santificar significa consagrar, separar para um propósito sagrado. E é isso que Deus quer que façamos com seu nome: preservá-lo para o propósito da adoração e do louvor.

Existem muitas maneiras de usar o nome de Deus corretamente. Seu nome pode ser louvado, honrado, bendito e celebrado. Ele pode ser elevado e exaltado. Pode ser adorado. Honrar o nome de Deus, escreveu Martinho Lutero, significa “usar este nome para invocá-lo em tempos de necessidade, para orar a ele, louvar e dar graças a Deus”.7 Mas um dos melhores textos para aprender o uso correto do nome de Deus é o livro de Salmos. Muitos dos salmos bíblicos nos mostram como honrar o nome de Deus: “Tributai ao Senhor a glória devida ao seu nome” (Sl 29.2a; Sl 96.8a); “Salmodiai a glória do seu nome” (Sl 66.2); “Bendito para sempre o seu glorioso nome” (Sl 72.19a); “Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga ao seu santo nome” (103.1). Outras passagens da Bíblia nos instruem a “invocar o nome do Senhor” (Gn 4.26), “a profetizar no nome do Senhor” (Dt 18.19), a “confiar em nome do Senhor” (Is 50.10) e a sempre “temer este nome glorioso e terrível, o Senhor, teu Deus” (Dt 28.58).

Ao instruir-nos a honrar o nome de Deus, o terceiro mandamento nos ajuda a honrar o próprio Deus, dando-lhe a mesma reverência e respeito que damos ao seu santo nome. O apóstolo Paulo ofereceu, talvez, a declaração mais plena e positiva sobre esse mandamento em sua Carta aos Colossenses: “E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai” (Cl 3.17).

Uma surra terrível

A menção ao “nome do Senhor Jesus” nos faz lembrar uma história bíblica sobre a violação e a observância do terceiro mandamento. É a história dos sete filhos de Ceva, que o apóstolo Paulo conheceu em sua primeira missão a Éfeso. Havia sido uma visita extraordinária. Pouco após sua chegada, Paulo batizou alguns dos efésios, e eles receberam o Espírito Santo. Ele passou, então, três meses na sinagoga, discutindo com os judeus sobre o reino de Deus. Depois disso, pregou aos gregos diariamente durante dois anos no auditório público. Durante aqueles anos, ele realizou muitos sinais e milagres: “E Deus, pelas mãos de Paulo, fazia milagres extraordinários, a ponto de levarem aos enfermos lenços e aventais do seu uso pessoal, diante dos quais as enfermidades fugiam das suas vítimas, e os espíritos malignos se retiravam” (At 19.11-12).

Havia, porém, um grupo de homens que observava o ministério de Paulo com muita atenção, e esses homens perceberam que, sempre que ele realizava um milagre, ele sempre o fazia em nome de Jesus. Paulo fazia tudo em nome de Jesus. Batizar, pregar, curar – tudo acontecia em nome de Jesus. Eventualmente perceberam que havia algo de poderoso nesse nome e chegaram à conclusão de que, se esse Paulo podia usá-lo, eles também poderiam. Queriam usar o nome de Jesus Cristo – o nome de Deus – para operar seus próprios milagres. No entanto, as coisas não aconteceram bem como eles esperavam:

E alguns judeus, exorcistas ambulantes, tentaram invocar o nome do Senhor Jesus sobre possessos de espíritos malignos, dizendo: Esconjuro-vos por Jesus, a quem Paulo prega. Os que faziam isto eram sete filhos de um judeu chamado Ceva, sumo sacerdote. Mas o espírito maligno lhes respondeu: Conheço a Jesus e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois? E o possesso do espírito maligno saltou

sobre eles, subjugando a todos, e, de tal modo prevaleceu contra eles, que, desnudos e feridos, fugiram daquela casa. (At 19.13-16)

Para entender essa história, tudo que precisamos saber é o terceiro mandamento, que diz: “Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão” (20.7). Os sete filhos de Ceva abusaram o nome de Deus, usando-o para realizar truques de mágica para a sua própria vantagem. E Deus não os teve por inocentes, mas permitiu que levassem a surra que mereciam.

A parte mais significativa da história talvez seja o que aconteceu em seguida: “Chegou este fato ao conhecimento de todos, assim judeus como gregos habitantes de Éfeso; veio temor sobre todos eles, e o nome do Senhor Jesus era engrandecido” (At 19.17). Deus preservou a honra do seu nome. Ao não permitir que alguém o manipulasse, Deus demonstrou sua autoridade suprema e soberana. Ele demonstrou que não se parecia em nada com os deuses pagãos, que podiam ser controlados. Apenas ele decidiria o momento de realizar um milagre e ele só o faria por meio de seus servos eleitos.

O que aconteceu aos sete filhos de Ceva apenas serviu para aumentar a reputação de Deus. Os efésios entenderam o que isso significava: Jesus Cristo é Senhor sobre qualquer outro deus; o nome dele está acima de todos os nomes. Viram também como é perigoso mexer com o oculto: “Muitos dos que creram vieram confessando e denunciando publicamente as suas próprias obras. Também muitos dos que haviam praticado artes mágicas, reunindo os seus livros, os queimaram diante de todos. Calculados os seus preços, achou-se que montavam a cinquenta mil denários” (At 19.18-19). A história termina com esta conclusão excitante: “Assim, a palavra do Senhor crescia e prevalecia poderosamente” (At 10.20). Quando o nome de Deus é honrado, seu reino cresce.

Para a honra do seu nome

Como a história demonstra, existe uma conexão clara entre honrar o nome de Deus e espalhar o evangelho. Quando o nome de Jesus Cristo é levantado e

exaltado, as pessoas vêm até ele para a sua salvação. Por isso, observar o terceiro mandamento é duplamente importante. Não é apenas a coisa certa a se fazer, mas, quando a fazemos, os pecadores creem e são salvos. A aplicação é óbvia: como servos do Senhor Jesus Cristo, devemos fazer tudo que pudermos para honrar o nome de Deus.

Como cristãos, somos portadores do nome de Cristo. Foi clamando ao seu nome que fomos salvos (At 4.12; Rm 10.13; 1Jo 5.13). Recebemos seu nome quando entramos na igreja, quando fomos batizados “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28.19). Visto que sempre ostentamos o nome de Cristo, Deus tem um interesse pessoal em nosso progresso espiritual contínuo. A Bíblia diz: “Vós vos lavastes [...] fostes santificados [...] fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus” (1Co 6.11). Agora, o nome de Cristo está associado a tudo o que fazemos. A nossa reputação reflete na reputação dele, por isso, nosso objetivo deve sempre ser honrar o nome dele.

Precisamos confessar que, às vezes, somos tentados a desonrar o nome de Deus. A tentação mais óbvia é a de usá-lo em vão. Normalmente, as pessoas acreditam que, em essência, é disso que trata o terceiro mandamento. Hoje em dia, muitas pessoas invocam uma maldição divina sobre tudo (ou todos) que se revela uma fonte de frustração. Ou usam o nome de Jesus Cristo como um tipo de ponto de exclamação. Toda a linguagem imprópria na televisão e nos filmes revela quão ímpia a nossa cultura tem se tornado. Mas mostra também que jamais conseguimos nos livrar de Deus. Por quê? O que isso nos diz sobre a condição humana? Eu acredito que prova a existência de Deus. Como tudo que as pessoas dizem, esse tipo de linguagem vem do coração. Quando um não cristão usa o nome de Deus – até mesmo em vão – isso mostra que, lá no fundo, ele sabe que realmente existe um Deus. Sua fúria é uma rebelião direta contra a sua honra.

Como cristãos, precisamos estar atentos à nossa linguagem. A maioria de nós tenta não praguejar ou fazer juramentos vãos – pelo menos não em voz alta (ou quando outros podem ouvi-la) –, mas não é incomum ouvir pessoas que frequentam a igreja dizerem: “Que droga!”, “Ai, meu Deus!”, “Que diabos?”, “Nosso Senhor!”, “Juro por Deus”. Algumas pessoas acreditam que esse tipo de linguagem é apenas um modo de se expressar, mas, sem dúvida, é uma maneira mais educada de praguejar, murmurar. Também pode ser um indício mais verdadeiro sobre como está a nossa condição espiritual do que aquilo que dizemos na igreja.

Também temos a responsabilidade de lembrar aos outros que eles precisam estar atentos ao que dizem. Existem maneiras boas e graciosas de fazer isso. Em seu livro sobre os Dez Mandamentos, Rob Schenck nos conta como confrontou dois homens por terem violado o terceiro mandamento:

Alguns anos atrás, após uma longa turnê de palestras no centro-oeste dos Estados Unidos, embarquei num voo noturno para voltar para casa. Eu estava cansado e só queria descansar. Os assentos atrás de mim estavam ocupados por dois vendedores, cuja conversa esbanjava profanação. Não aguentei mais quando começaram a arrastar o nome do Senhor pela sarjeta. Levantei-me do meu assento e me virei, de modo que estava numa posição elevada em relação a eles. Então perguntei: “Algum de vocês é pastor?”.

O homem sentado próximo do corredor levantou suas sobrancelhas e disse: “Que dia [...] o que o levaria a pensar isso?”.

“Bem, eu sou pastor”, eu disse com um sorriso. “E suas habilidades comunicativas me deixaram maravilhado. Vocês acabaram de usar Deus, maldito, inferno e Jesus Cristo numa única oração. Eu não consigo encaixar tudo isso nem num sermão inteiro!” Ambos ficaram vermelhos, e não ouvi outra palavra deles pelo resto do voo!8

O Espírito de Deus pode usar esse tipo de reação santa para convencer uma pessoa que usa palavrões sobre como é pecaminoso usar o nome de Deus em vão.

Uma maneira mais grave de violar o terceiro mandamento é usando o nome de Deus para avançar a nossa própria agenda. Alguns cristãos dizem: “O Senhor me disse que devo fazer isso”. Ou pior, dizem: “O Senhor me instruiu a dizer a você que você deve fazer isso”. Isso é profecia falsa! Deus já disse tudo o que precisava nos dizer em sua Palavra. É claro, existe também a orientação interna do Espírito Santo. Mas isso é apenas uma orientação interna e jamais deve ser apresentado como uma palavra autoritativa de Deus.

A maioria dos cristãos não alega realmente ouvir a voz de Deus. No entanto, muitas vezes somos tentados a interpretar as Escrituras de modo equivocado

para os nossos próprios propósitos. Como é fácil pegar uma ideia da Bíblia – ou até mesmo um versículo –, tirá-lo de seu contexto e usá-lo para fortalecer nossa opinião! Tornamo-nos tão certos de que Deus está do nosso lado que nos recusamos a ouvir outros cristãos ou a nos submeter à autoridade espiritual da igreja.

Às vezes, usamos Deus para endossar as nossas visões políticas, de modo que ele acaba se tornando um tipo de mascote partidário. Às vezes, nós o usamos para apoiar a nossa posição, de modo que os outros sejam obrigados a fazer o que dizemos. Às vezes, colamos seu selo de aprovação em nosso ministério ou em nossos planos para a igreja. Mas sempre que confundimos aquilo que queremos com aquilo que Deus quer tomamos o seu nome em vão. Stephen Carter fala sobre isso em seu livro sobre o papel da religião na vida pública, um livro apropriadamente intitulado de God's Name in Vain:

Na verdade, não existe, provavelmente, nenhum país no mundo ocidental em que as pessoas usam o nome de Deus com tanta frequência, ou de forma tão pública, ou para tantos propósitos, quanto nós, os norte-americanos – a despeito do terceiro mandamento. Poucos candidatos a cargos públicos conseguem terminar seus discursos sem pedir que Deus abençoe sua plateia, ou a nação, ou a grande obra que estamos realizando, mas todos têm certeza de que o outro lado é insincero [...] Atletas agradecem a Deus, muitas vezes ao vivo na TV, após o gol da vitória, pois, como os políticos, gostam de acreditar que Deus está do seu lado. Igrejas instalam enormes outdoors e publicam anúncios em jornais [...] A vontade de Deus é citada como razão para se opor a direitos dos homossexuais. E como razão para defendê-los. Dizem que Deus não tolera pobreza. Ou abortos. Ou armas nucleares [...] Todos que desejam mudar os Estados Unidos e todos que não querem mudar nada compreendem o caso de amor da nação com o nome de Deus e, por isso, todos o invocam.9

Existem muitas outras maneiras de usar o nome de Deus em vão. Nós o fazemos quando dizemos: "Louvado seja o Senhor!", ou quando usamos outro clichê cristão qualquer sem a devida reflexão. Nós o fazemos quando estampamos o nome de Deus numa camiseta ou adesivo de parachoques, ou quando o usamos como chavão para aumentar as vendas. Nós o fazemos quando usamos a sua

Palavra para fazer piadas ou quando escrevemos músicas cristãs com letras banais.

Tudo isso representa uma séria violação do terceiro mandamento, mas a maneira mais sutil e, talvez, mais comum de violá-lo é quando somos descuidados na adoração. Quando olhamos a igreja de hoje, é difícil não se perguntar o que aconteceu com Deus. Parece existir tão pouco temor e reverência, tão pouco tremor diante de sua majestade! Em vez disso, levamos Deus na boa. David Wells chama isso de “leveza de Deus”.10 Outros o descrevem como “a banalização de Deus”.11 Uma visão tão banal de Deus tem suas origens na fala banal sobre ele. Não reconhecemos a sua glória verdadeira quando entramos em sua presença para adorá-lo. Nossos pensamentos vagueiam quando oramos. Nossos olhos se fixam nas páginas das Escrituras, mas a nossa mente não está aberta para a Palavra de Deus. E quando cantamos, nosso coração não está em sintonia com nossa voz. Somos como o Hamlet de Shakespeare, que disse: “Minhas palavras se elevam, meus pensamentos permanecem no chão; palavras sem pensamentos jamais irão ao céu!”.12 Nossa adoração é casual, descuidada e insincera e, assim, desonramos o nome de Deus.

No nome de Jesus

Deus disse que, se confessarmos esses pecados, ele os perdoará (1Jo 1.9). Ele fará isso porque Cristo foi crucificado por todos os nossos pecados, inclusive as nossas violações do terceiro mandamento. Precisamos confessar nosso abuso do nome de Deus porque Deus disse que ele não nos terá por inocentes. Descobriremos isso pessoalmente no juízo final, quando aquilo que fazemos com o nome de Deus determinará o que Deus faz conosco.

Algumas pessoas continuarão a usar o nome de Deus em vão até o dia do juízo. Jesus disse:

Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos

milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade (Mt 7.21-23).

Que choque! No juízo final, haverá pessoas que acreditam conhecer Jesus, mas que estarão perdidas para sempre. Haverá cristãos professos – até mesmo pessoas envolvidas no ministério cristão – que serão condenados ao inferno. A razão é que usaram o nome de Deus em vão o tempo todo. O nome esteve em seus lábios com frequência, mas nunca em seu coração.

E outra coisa acontecerá no juízo final: o nome de Jesus Cristo será verdadeiramente louvado. A Bíblia diz que Jesus obedeceu a Deus até a morte na cruz, onde ele pagou por todas as nossas violações da lei de Deus. Então ela diz que "também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome" (Fp 2.9). Que nome é esse? Que nome está acima de todo nome? A Bíblia continua: "Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor" (Fp 2.10-11a). O nome que está acima de todo nome não é "Jesus", mas "Senhor". O Filho de Deus recebeu o nome "Jesus" durante seu tempo de encarnação. Mas seu nome exaltado – o nome que demonstra a sua divindade, identificando-o como o Senhor Deus – é "Senhor". Está vindo o dia em que Jesus Cristo será revelado como o Deus de Moisés, e todos lhe darão a glória que seu nome divino especial merece.

Se é esta a honra que Jesus receberá no fim da história, esta é também a honra que ele merece neste momento, e devemos dá-la a ele. Não tome o nome do Senhor Jesus Cristo em vão!

Notas

1 Göran Larsson, Bound for Freedom: The Book of Exodus in Jewish and Christian Traditions (Peabody, MA: Hendrickson, 1999), p. 145.

2 Brevard S. Childs, The Book of Exodus: A Critical, Theological Commentary (Louisville: Westminster, 1974), p. 410.

3 Joachim Duma, The Ten Commandments: Manual for the Christian Life, Nelson D. Kloosterman (trad.) (Phillipsburg, NJ: P&R, 1996), p. 74-75.

4 Thomas Watson, The Ten Commandments (1890; reimpressão. Edimburgo: Banner of Truth, 1965), p. 91.

5 Gary North, Chronicles: A Magazine of American Culture (dezembro de 1992), p. 15.

6 João Calvino, Institutes of the Christian Religion, Ford Lewis Battles (trad.), 2 vols., Library of Christian Classics, 20-21 (Filadélfia: Westminster, 1960), II.viii.22.

7 Martinho Lutero, The Small Catechism (1529), in The Book of Concord: The Confessions of the Evangelical Lutheran Church, Robert Kolb e Timothy J. Wengert (orgs.), Charles Arand, et al. (trads.) (Mineápolis: Fortress, 2000), p. 345-75 (p. 352).

8 Rob Schenck, The Ten Words That Will Change a Nation: The Ten Commandments (Tulsa, OK: Albury, 1999), p. 53-54.

9 Stephen L. Carter, God's Name in Vain: The Wrongs and Rights of Religion and Politics (Nova York: Basic, 2000), p. 12-13.

10 David F. Wells, God in the Wasteland: The Reality of Truth in a World of Fading Dreams (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), p. 88.

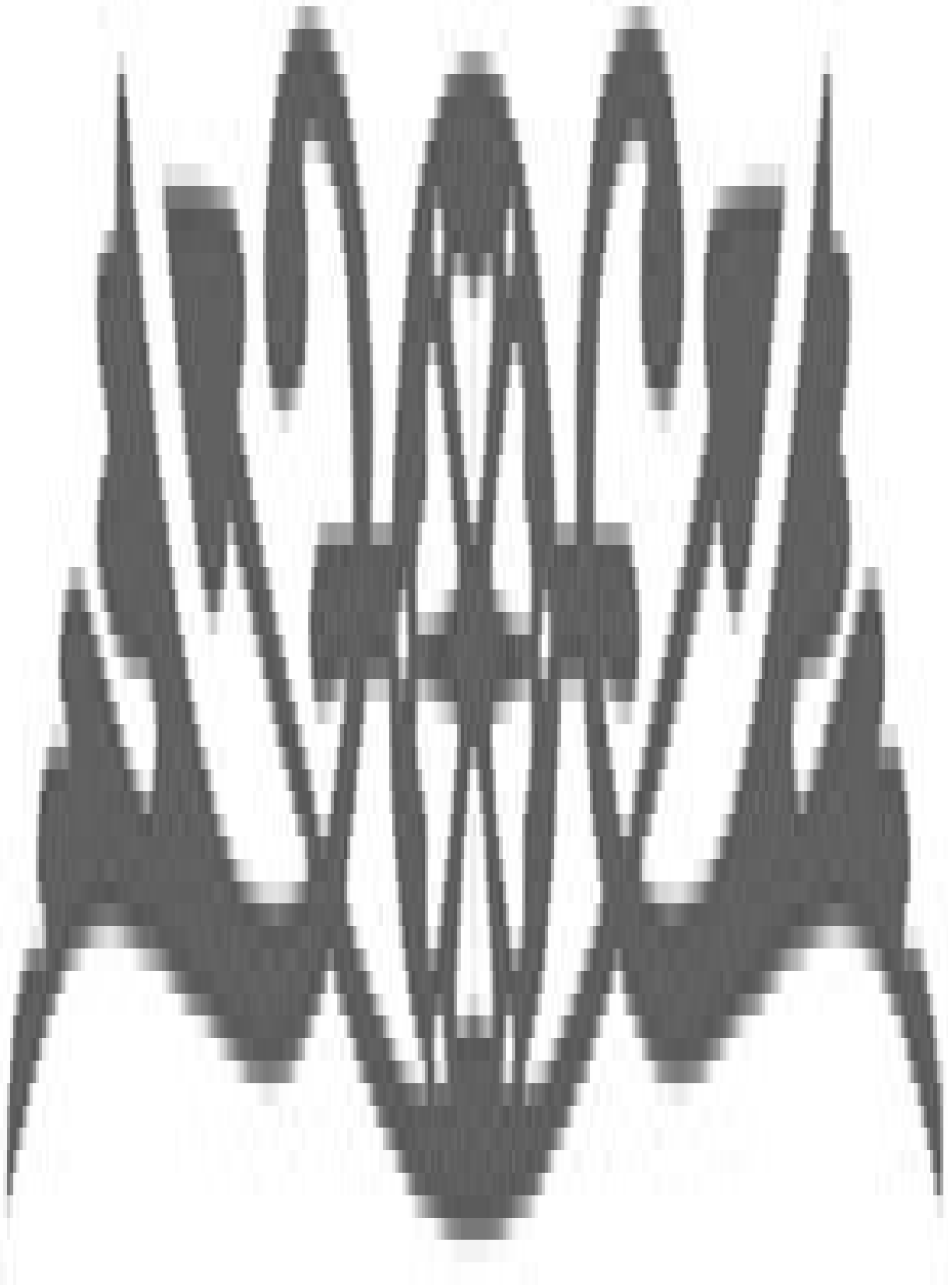
11 Donald W. McCullough, The Trivialization of God: The Dangerous Illusion of a Manageable Deity (Colorado Springs: NavPress, 1995).

12 William Shakespeare, Hamlet, Prince of Denmark, Ato 3, Cena 4, Linhas 100-101.

52

O quarto mandamento: trabalho e descanso

Êxodo 20.8-11



Alguns anos atrás, um amigo me ligou com um pedido urgente. “Phil”, ele disse, “estou ligando para lhe pedir um favor. Preciso da coisa mais preciosa que você possui”.

Você consegue adivinhar do que ele precisava? Estava pedindo meu tempo, é claro. Como pastor de uma igreja grande – sem falar do pai de uma família cada vez maior –, poucas coisas são mais preciosas para mim do que meu tempo. Preciso de tempo para trabalhar, adorar, descansar e brincar. Preciso de tempo com o Senhor. Preciso de tempo para preparar sermões e oferecer aconselhamento espiritual. Também preciso de tempo para amar minha família. Tudo isso exige muito tempo, e nunca pareço ter tempo o bastante.

Muitas pessoas têm a mesma frustração. Muitas vezes, sentimo-nos pressionados. Parece que nunca temos tempo para trabalho e diversão, para família e ministério. Então reclamamos: “Ah!, eu queria ter um dia a mais nesta semana; assim, conseguiria fazer todo o meu trabalho”! Ou dizemos: “Sabe, eu realmente preciso de uma folga”. Ou: “Queria ter mais tempo para estudar a Bíblia e servir ao Senhor”. Dessa e de outras formas, reclamamos do nosso cansaço e do excesso de trabalho. Tudo isso faz parte da frustração de viver como criatura finita num mundo caído.

Em sua grande misericórdia, Deus providenciou um remédio: um dia inteiro por semana para descansar em sua graça. Ele nos deu um ritmo de trabalho e descanso, com seis dias para o trabalho e um dia para o descanso. E ele nos concede nosso descanso especificamente para o propósito de seu louvor. O sábado é um dia para a adoração, um dia para a misericórdia e um dia para o descanso.

Lembrando do sábado

Manter o sábado sagrado pode não parecer muito produtivo. Na verdade, às vezes, isso até mantém as pessoas afastadas de Cristo. Prefeririam estar fazendo algo diferente – qualquer coisa diferente – do que ir à igreja aos domingos. Quando perguntaram ao bilionário Bill Gates por que ele não acreditava em Deus, ele respondeu: “Só em termos de administração de recursos de tempo a

religião não é muito eficiente. Existe muito mais que eu poderia fazer num domingo de manhã".1

Mesmo que dedicar um dia inteiro a Deus possa não parecer muito eficiente, deve tratar-se de algo importante, pois Deus o ordenou:

Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do

Senhor

, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque, em seis dias, fez o

Senhor

os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o

Senhor

abençoou o dia de sábado e o santificou. (20.8-11)

Este é o mandamento mais longo, e é apresentado em três partes. O versículo 8 nos diz o que fazer; os versículos 9 e 10 especificam como fazê-lo; e o versículo 11 explica por quê.

O que Deus quer que façamos é nos lembrarmos "do dia de sábado, para o santificar" (v. 8). A palavra "lembrar" tem um significado duplo. Para os israelitas, era um lembrete de que já haviam ouvido a respeito do sábado. Em sua jornada até o monte Sinai, Deus providenciou maná durante seis dias da semana. O sétimo dia deveria ser um dia de "repouso, o santo sábado do Senhor" (16.23a). Assim, quando chegaram ao monte Sinai, Deus ordenou que se "lembrassem" do sábado.

Isso era algo de que precisavam se lembrar não só uma única vez, mas a cada semana. É algo que nós também precisamos lembrar e, assim, o quarto mandamento nos chama para uma lembrança semanal do sábado. Tendemos a esquecer a grande obra de Deus na criação e na redenção. E quando esquecemos, deixamos de louvá-lo por nos criar e salvar. Mas o quarto mandamento é um lembrete. É o memorando de Deus para o seu povo, lembrando-nos de dar-lhe glória por sua graça.

Lembrar envolve mais do que apenas nossas lembranças; exige o empenho total de toda pessoa no serviço de Deus. Lembrar-se do sábado é como lembrar do aniversário de casamento. Não basta dizer: “Ah! é, eu me lembro – é nosso aniversário!” São necessários um restaurante e flores – talvez até joias – e uma noite romântica só para o casal. Semelhantemente, lembrar-se do sábado significa usar o dia para demonstrar nosso amor por Deus de maneira especial. Significa “santificá-lo”, separá-lo para um uso sagrado.

Guardando o sábado inteiramente

Como devemos fazer isso? O quarto mandamento dá instruções explícitas para manter o sábado santo. Deus começa nos dizendo o que ele quer que façamos com o restante da nossa semana: “Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra” (20.9). Mesmo que essa parte do quarto mandamento seja ignorada muitas vezes, nossa obrigação é trabalhar. Isso não significa que precisamos trabalhar o dia todo, todos os dias. Mas significa que Deus governa nosso trabalho tanto quanto nosso descanso. Ele nos deu seis dias inteiros para cumprirmos nosso chamado terreno.

Em geral, as pessoas têm uma postura negativa em relação ao trabalho. No melhor dos casos, o trabalho é visto como um mal necessário e, às vezes, como resultado do pecado. Numa coluna da revista Time, Lance Morrow alegou: “Quando Deus fechou o jardim do Éden, ele condenou Adão e Eva a trabalhar. Desde o início, a palavra do Senhor dizia que o trabalho era algo ruim: um castigo, a grande pedra da mortalidade e labuta imposta ao espírito humano, sem a qual ele estaria livre para se deliciar na gaiatice infinita e leve da graça”.2 Isso é totalmente errado. O trabalho é uma dádiva divina que antecede a queda, quando “tomou [...] o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar” (Gn 2.15). Fomos feitos para trabalhar. O problema é

que nosso trabalho foi amaldiçoado por nosso pecado. Foi apenas após Adão ter pecado que Deus disse: “[...] maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida” (Gn 3.17b). Mas não foi assim desde o início. O quarto mandamento nos lembra de honrar a Deus com nossa carga semanal de trabalho honesto. Encontramos a bênção de Deus fazendo aquilo para o qual ele nos chamou.

Segundo o puritano Thomas Watson, ter seis dias de trabalho é uma concessão divina e, assim, um sinal do favor de Deus. Deus teria tido todo o direito de declarar cada dia um sábado. Em vez disso, ele nos deu seis dias para fazermos todo o nosso trabalho. Watson imaginou Deus dizendo:

Não sou um senhor severo, não guardo rancor do fato de vocês tirarem o tempo necessário para cuidar de seu chamado e para conquistar posses. Eu lhes dei seis dias para fazerem seu trabalho e reservei apenas um dia para mim. Eu poderia ter reservado seis dias para mim e lhes dado apenas um; mas eu lhes dei seis dias para as obras do seu chamado e reservei apenas um para meu próprio serviço. É, portanto, justo e sensato que vocês separem esse dia de modo especial para a minha adoração.3

Watson estava certo: seis dias são para o trabalho, mas o sétimo dia é para a adoração. Como observamos o quarto mandamento? Adorando o Senhor em seu dia. Santificar algo no sentido bíblico significa dedicá-lo exclusivamente à adoração. Enquanto os outros seis dias da semana são para nós e o nosso trabalho, o sábado é para Deus e sua adoração. Esse é o aspecto positivo do quarto mandamento: “[...] o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus” (20.10a). Em outros textos, Deus se refere ao sétimo dia como seu sábado – como dia que pertence a ele: “Cada um [...] guardará os meus sábados. Eu sou o Senhor, vosso Deus” (Lv 19.3). O mandamento foi formulado dessa maneira para lembrar aos israelitas que seu relacionamento com Deus era especial. Nenhuma outra nação podia afirmar que o Senhor era seu Deus, por isso, nenhuma outra nação observava o sábado. Havia outras civilizações antigas que dividiam seu tempo em períodos de sete dias. Normalmente, porém, elas associavam o sétimo dia ao azar.4 Apenas os israelitas guardavam o sábado como dia para adorar o único Deus verdadeiro como seu Senhor e Salvador.

Reservar um sábado para o Senhor significa entregar o dia a Deus, separando-o para ele e sua glória (o que, lembre-se, foi todo o propósito do êxodo). O livro de Levítico chama o sábado de “santa convocação” (Lv 23.3), referindo-se à adoração comunitária. Jesus confirmou essa prática frequentando reuniões semanais aos sábados na sinagoga (Lc 4.16). Esse foco na adoração levou os puritanos a se referirem ao sábado como “dia de feira da alma”.5 Enquanto os outros seis dias da semana são para o comércio ordinário, este é o dia em que fazemos as transações espirituais e negociamos na moeda do céu. “Neste dia, um cristão se encontra nas alturas”, escreveu Thomas Watson. “Ele caminha com Deus e como que faz um passeio pelo céu.”6 Nós nos encontramos com Deus em oração e no ministério da Palavra, cantando seus louvores e apresentando as nossas ofertas a ele, celebrando os sacramentos e compartilhando a comunhão cristã. Segundo Watson, o resultado é que “o coração, que, durante toda a semana, estava congelado, se derrete no sábado com a Palavra”.7

O sábado não é um dia apenas para a adoração, mas também para o descanso. É um dia para interromper o trabalho, especialmente a labuta comum. Aqui, precisamos observar que o quarto mandamento é formulado tanto positiva quanto negativamente. É o único mandamento a fazê-lo de modo tão explícito. A exigência positiva vem primeiro: “Lembra-te do dia de sábado, para o santificar” (20.8). Segue, então, a proibição absoluta: “Não farás nenhum trabalho” (20.10).

A palavra traduzida como “sábado” provém da palavra hebraica que significa “cessar ou descansar”. Não é um dia para negócios como os outros. É, antes, um dia para relaxar e se recuperar, um dia para recuar um passo das rotinas ordinárias da vida a fim de redescobrir a bondade e a graça de Deus. Para citar novamente Thomas Watson:

Fazer trabalho servil no sábado revela um coração irreligioso e ofende gravemente a Deus. Fazer trabalho secular nesse dia significa seguir o arado do diabo; significa rebaixar a alma. Deus fez esse dia com o propósito de elevar o coração para o céu, para conversar com ele, para fazer a obra de anjos; e empenhar-se em trabalho terreno significa privar a alma de sua honra.8

Para reconhecer como era estrito esse mandamento sob a lei de Moisés, veja o

exemplo do homem que catou lenha no sábado (Nm 15.32-36). Ele foi apedrejado até a morte. Ou veja um exemplo positivo das mulheres que queriam preparar o corpo de Cristo para o sepultamento: “E, no sábado, descansaram, segundo o mandamento” (Lc 23.56b). Catar lenha era algo tão insignificante! Que mal fazia fazê-lo no sábado? Levar especiarias para o túmulo de Cristo era um ato tão nobre de piedade! Por que não ir em frente e fazê-lo? A resposta é: porque Deus havia ordenado um dia de descanso.

Todos deveriam desfrutar desse descanso: “Não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro” (20.10b). Vemos aqui que o quarto mandamento tem implicações profundas para a comunidade mais ampla. Quando se trata de trabalho e descanso, os pais devem se organizar para ensinar aos seus filhos como adorar e descansar. O sábado é um dia a ser passado com a família.

Ao incluir os servos, o mandamento também ensina que empregadores têm a responsabilidade de cuidar de seus trabalhadores. Alguns comentaristas descreveram o quarto mandamento como a primeira carta de direitos do trabalhador. No mundo antigo, havia uma divisão rígida entre mestres e escravos. Mas aqui temos uma nova ordem social, em que trabalho e descanso não se dividem ao longo das divisas de classe. Todos devem trabalhar e todos devem descansar, pois todos devem ter a liberdade de adorar a Deus. Essa lei estendia esse direito até os portões da cidade, incluindo todos em toda a comunidade. Aplicava-se até a animais de carga. Deus queria que todas as suas criaturas tivessem algum alívio de seu trabalho. Agora, imagine como seria o mundo se todos observassem esse mandamento de modo bíblico. Imagine toda a criação descansando. Uma vez por semana, as pessoas no mundo inteiro deixariam de trabalhar e se voltariam para Deus.

O que somos ordenados a fazer? A santificar o sábado. Como fazemos isso? Trabalhando seis dias por semana e dedicando um dia ao Senhor para adorar e descansar. Levítico resume tudo isso: “Seis dias trabalhareis, mas o sétimo será o sábado do descanso solene, santa convocação; nenhuma obra fareis; é sábado do Senhor em todas as vossas moradas” (Lv 23.3).

Trabalho de Deus, descanso de Deus

A razão para esse mandamento é muito simples. Somos chamados para trabalhar e descansar porque servimos a um Deus que trabalha e descansa. Por que devemos nos lembrar do sábado? Porque “em seis dias, fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou” (20.11). Observar o sábado pode ser o mais antigo dos Dez Mandamentos, pois remete à criação do mundo.

Existem muitas razões adicionais para santificar o sábado (hoje, o dia do Senhor). Ele promove a adoração a Deus. Ele nos restaura tanto espiritual quanto fisicamente, portanto, é para o nosso benefício. Como disse Jesus: “O sábado foi estabelecido por causa do homem” (Mc 2.27). Faz bem a crianças e trabalhadores; pode até fazer bem aos animais. Mas a razão fundamental para obedecer o quarto mandamento não é de natureza prática, mas teológica: Deus criou o mundo em seis dias e então descansou. Sua atividade na criação estabelece, assim, o padrão para o nosso próprio trabalho e descanso.

Servimos a um Deus que trabalha, que tem trabalhado desde o início. As Escrituras dizem: “E, havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou” (Gn 2.2a). Parte da dignidade do nosso trabalho provém do fato de que Deus é um trabalhador. Nós trabalhamos porque fomos feitos à imagem de um Deus trabalhador.

Também servimos a um Deus que descansa. Após completar seu trabalho criativo, Deus se deu ao luxo divino de descansar. As Escrituras dizem: “Descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito” (Gn 2.2b). Para marcar a ocasião, “abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera” (Gn 2.3). Na primeira vez em que Deus abençoou algo ele abençoou um dia para que pudéssemos compartilhar de seu descanso. Observamos o sábado porque Deus o santificou. Como o trabalho, o descanso também é “algo que Deus inseriu no tecido do bem-estar humano neste mundo”.9

Existe mais uma razão para observar um dia de descanso. Apesar de não ser mencionada aqui em Êxodo, ela é mencionada em Deuteronômio, em que os Dez Mandamentos são repetidos. Lá, a primeira parte do mandamento é praticamente idêntica (Dt 5.12-14), mas a razão é diferente: “Porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito e que o Senhor, teu Deus, te tirou dali com mão poderosa e braço estendido; pelo que o Senhor, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de sábado” (Dt 5.15). Não há nenhuma contradição aqui. O sábado lembrava não

só a criação, mas também a redenção. Lembrava ao povo de Deus que ele havia sido liberto da escravidão no Egito. Um dos benefícios de seu resgate foi que, agora, não precisavam mais trabalhar o tempo todo. No Egito, tinham de trabalhar sete dias por semana, 52 semanas por ano, sem qualquer folga. Mas agora estavam libertos. O sábado não era uma forma de escravidão para eles, mas um dia de liberdade. Era um dia para celebrar sua libertação dando glória a Deus.

Tudo na mesma

Infelizmente, os israelitas se esqueciam muitas vezes de se lembrar do sábado. E, quando se esqueciam, inevitavelmente caíam em escravidão espiritual. Encontramos uma história sobre isso no livro de Neemias – a história do governador e do comerciante.

O povo de Deus havia retornado de seu cativeiro na Babilônia para reconstruir a cidade de Jerusalém. Sob a liderança de Neemias, toda a comunidade foi restaurada. Reconstruíram os muros da cidade, restabeleceram seus lares e começaram a reunir-se novamente para a adoração pública. Liam a lei e observavam as festas; arrependeram-se de seus pecados e prometeram guardar a aliança com Deus. Também restabeleceram o sacerdócio. Os levitas serviam, os coros cantavam e Deus abençoava toda a cidade santa.

Então, o governador voltou para a Babilônia por pouco tempo. Infelizmente, ao voltar para Jerusalém, Neemias descobriu que os israelitas haviam deixado de guardar a aliança de Deus. Mais especificamente, estavam violando o sábado, usando-o como dia para fazer negócios. Eles haviam prometido “que, trazendo os povos da terra no dia de sábado qualquer mercadoria e qualquer cereal para venderem, nada comprariam deles no sábado, nem no dia santificado” (Ne 10.31a). Mas, segundo Neemias, o que estava acontecendo era isto:

Naqueles dias, vi em Judá os que pisavam lagares ao sábado e traziam trigo que carregavam sobre jumentos; como também vinho, uvas e figos e toda sorte de cargas, que traziam a Jerusalém no dia de sábado; e protestei contra eles por venderem mantimentos neste dia. Também habitavam em Jerusalém tírios que

traziam peixes e toda sorte de mercadorias, que no sábado vendiam aos filhos de Judá e em Jerusalém. (Ne 13.15-16)

Esses comerciantes não eram residentes de Jerusalém, mas vendedores itinerantes. Para eles, um dia era igual ao outro, por isso, partiam do pressuposto de que o sábado era um dia de comércio como qualquer outro. Muitas das pessoas em Jerusalém eram fiéis genuínos. Participavam da adoração pública e apoiavam a obra de Deus com seus dízimos e ofertas. Conheciam a lei de Deus, inclusive os Dez Mandamentos (veja Ne 9.14-15). Mesmo assim, estavam violando o sábado. Francamente, eram iguais a muitos cristãos de hoje. Apesar de terem um compromisso básico de seguir a Deus, sob a pressão da cultura em sua volta, tratavam o sábado como o resto da semana.

Neemias precisava tomar uma atitude firme. Primeiro se manifestou contra o pecado de Israel: “Contendi com os nobres de Judá e lhes disse: Que mal é este que fazeis, profanando o dia de sábado? Acaso, não fizeram vossos pais assim, e não trouxe o nosso Deus todo este mal sobre nós e sobre esta cidade? E vós ainda trazeis ira maior sobre Israel, profanando o sábado” (13.17-18). Neemias estava certo. Quando Deus explicava por que enviara seu povo para o cativeiro, ele, muitas vezes, mencionava o fato de eles não terem santificado o sábado (veja Jr 17.19-27; Ez 20.12-13). Como governador da cidade, Neemias sabia que a observância do quarto mandamento era uma questão de segurança pública.

Mas Neemias não se contentou em pregar. O governador também decretou leis públicas para preservar o status especial do sábado: “Dando já sombra as portas de Jerusalém antes do sábado, ordenei que se fechassem; e determinei que não se abrissem, senão após o sábado; às portas coloquei alguns dos meus moços, para que nenhuma carga entrasse no dia de sábado” (Ne 13.19). Não demorou para os comerciantes entenderem a dica:

[...] os negociantes e os vendedores de toda sorte de mercadorias pernoitaram fora de Jerusalém, uma ou duas vezes. Protestei, pois, contra eles e lhes disse: Por que passais a noite defronte do muro? Se outra vez o fizerdes, lançarei mão sobre vós. Daí em diante não tornaram a vir no sábado. Também mandei aos levitas que se purificassem e viessem guardar as portas, para santificar o dia de

sábado. (Ne 13.20-22a)

Precisamos ser cautelosos em como seguimos o exemplo de Neemias. Deus não está nos chamando para estabelecermos o sábado à força. No entanto, existe aqui um princípio que podemos aplicar. A fim de preservar um dia de adoração e descanso, precisamos fechar os portões contra o clamor da nossa cultura. Caso contrário, terminaremos misturando os negócios deste mundo com o prazer de passar tempo com Deus.

O dia do Senhor

O que o quarto mandamento significa para o cristão? Como os israelitas, somos feitos à imagem de um Deus que trabalha e descansa. Ainda precisamos trabalhar, ainda precisamos descansar e ainda podemos receber a bênção da criação do dia santo de Deus. O ponto principal é que temos recebido uma libertação nova e maior. Já não nos lembramos mais do velho êxodo da nossa salvação; olhamos para Jesus Cristo, que realizou um êxodo maior ao morrer por nossos pecados e ressuscitar. Jesus é o cumprimento do quarto mandamento, assim como de todos os outros. O sábado do Antigo Testamento apontava para o descanso pleno e final que só pode ser encontrado nele.

Jesus dá um sentido totalmente novo ao trabalho e ao descanso. Ele veio para o mundo para terminar a obra de seu Pai (Jo 4.34), e, com base nessa obra, ele é capaz de dar descanso para a nossa alma (Mt 11.29). Não há necessidade de nos esforçarmos para obter a salvação. Tudo o que precisamos fazer é repousar na obra completa de Jesus Cristo. Davi disse: “Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa; dele vem a minha salvação” (Sl 62.1). A maneira como encontramos descanso é confiando apenas em Cristo para a nossa salvação, dependendo de sua obra e não da nossa. As Escrituras nos garantem que, em Cristo, “resta um repouso para o povo de Deus. Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das suas” (Hb 4.9-10). Esse é o cumprimento primário do quarto mandamento. Como escreve Martinho Lutero: “O descanso espiritual que Deus pretende especialmente nesse mandamento é que não larguemos apenas nosso trabalho e comércio, mas muito mais – que deixemos que apenas Deus trabalhe em nós e

que, em todas as nossas forças, nada façamos por conta própria".10

A obra salvadora de Cristo transformou o sábado semanal. Não é mais o sétimo dia da semana, mas o primeiro, e já não é mais chamado de sábado, mas de dia do Senhor. Isso se deve ao fato de os apóstolos terem observado seu dia de adoração e descanso no dia em que Jesus ressuscitou dentre os mortos (Jo 20.19; At 20.7; 1Co 16.2). Já no final do século 1º, Inácio pôde escrever que os cristãos "não mais observam o sábado, mas orientam sua vida pelo dia do Senhor, no qual a nossa vida é refrescada por ele e sua morte".11 B. B. Warfield explicou assim: "Cristo levou o sábado consigo para o túmulo e trouxe o dia do Senhor quando saiu do túmulo na manhã da ressurreição".12

Santificar o dia do Senhor preserva o princípio do sábado de descansar em um dia da semana. Mesmo que o dia específico tenha sido provisório – um sinal da salvação vindoura de Israel – o mandamento é perpétuo. Como o restante dos mandamentos, este também foi inscrito em pedra. No capítulo 47, estabelecemos uma distinção entre três tipos de lei: moral, civil e cerimonial. O ensinamento do Antigo Testamento sobre o sábado incluía aspectos de todos os três tipos. Como nação, Israel executava penas civis estritas para a violação do sábado. Como essas penas não estão mais em vigor, o quarto mandamento tornou-se, em certa medida, menos rígido. Havia também um aspecto cerimonial no sábado. O descanso que ele fornecia era um sinal que apontava para a salvação, e sua observância no sétimo dia fazia parte de todo o sistema do Antigo Testamento que se cumpriu em Cristo (veja Cl 2.17). Mas, mesmo que o quarto mandamento tenha encontrado seu cumprimento primário em Cristo, resta uma obrigação – baseada no padrão eterno da lei de Deus – de descansar em um dia na semana.

Resumindo: o aspecto civil do mandamento expirou, o aspecto cerimonial se cumpriu, mas o aspecto moral subsiste. Nas palavras da Confissão de Fé de Westminster, a observância do sábado é "um preceito positivo, moral e perpétuo" (XXI.vii). Francamente, é necessário um mandamento para nos fazer descansar. Nas palavras de Eugene Peterson: "Nada menos do que um mandamento tem o poder de intervir no ciclo vicioso, autoperpetuador e cada vez mais rápido de ocupação da correria desprovida de fé e graça".13

Descanso garantido

Deus é honrado quando os cristãos celebram o dia do Senhor. No entanto, precisamos estar em alerta contra o legalismo em todas as suas formas. Não firmamos nossa posição perante Deus naquilo que fazemos aos domingos. Não julgamos outros pela maneira como eles santificam – ou não – o santo dia do Senhor (veja Rm 14.5-6a; Cl 2.16). E não temos um conjunto de regulamentos feitos pelo homem para a observância do sábado. Isso foi o que fizeram os fariseus, e Cristo os condenou. Quando ouviram que não podiam trabalhar no sábado, os fariseus queriam saber o que, exatamente, era considerado trabalho e o que não era, e, assim, desenvolveram suas próprias diretrizes. Eventualmente, elas se tornaram tão elaboradas que o verdadeiro propósito do sábado se perdeu completamente.

A maneira de evitar todo esse legalismo é lembrar que o dia do Senhor serve para celebrar a liberdade que temos em Cristo. Jesus disse: “O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Mc 2.27). Isso não significa que vale tudo. Um chamado para a liberdade, como aquele que recebemos com o quarto mandamento, jamais é uma desculpa para buscar nosso próprio prazer (veja Is 58.13). Todavia, a liberdade que temos em Cristo significa que, para o cristão, o sábado não é uma camisa de força.

A santificação do dia do Senhor começa com um trabalho duro durante o resto da semana. Na América do Norte, costumamos trabalhar na diversão e nos divertir no trabalho, mas Deus nos deu seis dias para a vida de trabalho ordinário, e somos chamados para usá-los para a sua glória. Os cristãos devem ser os trabalhadores mais fiéis e diligentes. Nossa produtividade é uma parte importante da nossa piedade, enquanto a preguiça representa um pecado muito grave. Gastar nosso tempo significa desperdiçar um dos recursos mais preciosos que Deus nos deu.

A obrigação de trabalhar vale para todos, não só para pessoas que recebem um salário. Vale para donas de casa, aposentados, deficientes e desempregados – todos nós somos chamados a fazer algo de útil com nosso tempo. Mesmo se não tivermos que ganhar um salário, precisamos glorificar a Deus em todo o trabalho que fazemos. Hoje em dia, muitos norte-americanos acreditam que trabalharão durante os primeiros 60 anos de suas vidas e depois tirarão férias pelo restante da vida. Essa não é a visão bíblica de trabalho e descanso, pois a Bíblia nos chama para mantermos um ritmo de trabalho e descanso que é essencial à nossa humanidade.

A semana começa com o dia do Senhor. Não é um dia de inatividade, mas de adoração, misericórdia e descanso. Um dos melhores resumos de como santificar o dia é oferecido na Confissão de Fé de Westminster:

Este sábado é santificado ao Senhor quando os homens, tendo devidamente preparado os seus corações e de antemão ordenado os seus negócios ordinários, não só guardam, durante todo o dia, um santo descanso das suas próprias obras, palavras e pensamentos a respeito dos seus empregos seculares e das suas recreações, mas também ocupam todo o tempo em exercícios públicos e particulares de culto e nos deveres de necessidade e misericórdia. (XXI.viii)

A escolha da palavra “recreações” é infeliz, pois um dos propósitos do dia do Senhor é refrescar-nos na alegria do nosso Criador. É um dia para “recuperar o fôlego”, que pode incluir recreações centradas em Deus. Mas a Confissão está certa quando diz que não é um dia para “recreações [...] seculares”.

O dia do Senhor é para a adoração. É um dia para participarmos da adoração comunitária, para desfrutarmos da comunhão do povo de Deus, para atualizarmos nossa leitura espiritual e para passarmos o dia inteiro de maneiras que realmente o tornam um dia do Senhor. A fim de adorar bem, precisamos nos preparar. Assim, santificar o dia do Senhor significa nos prepararmos na véspera. Thomas Watson escreveu: “Quando a noite de sábado se aproxima, toque em retirada; tire sua mente do mundo e concentre seus pensamentos para refletir sobre a grande obra do dia seguinte. [...] A preparação noturna será como afinar um instrumento, ela preparará o coração para as tarefas do sábado subsequente”.14

O dia do Senhor é para a misericórdia. Foi isso que os fariseus não entenderam. Alguns sustentavam “que, se uma parede caísse em alguém num sábado, era permitido afastar apenas a quantidade necessária de destroços para verificar quanto a pessoa estava ferida. Se não estivesse gravemente ferida, precisava ser deixada ali até o fim do sábado, para então completar o resgate”.15 Mas Jesus disse que o dia era para a misericórdia, razão pela qual ele realizou tantos milagres nesse dia. Ele não estava violando o quarto mandamento – como acreditavam os fariseus –, mas cumprindo seu propósito verdadeiro. Seguimos

seu exemplo sempre que usamos o dia do Senhor para acolher um estranho, alimentar os pobres ou visitar os enfermos.

Por fim, o dia do Senhor é para o descanso, para a suspensão do nosso trabalho. O quarto mandamento nos ensina a termos uma ética de descanso tanto quanto de trabalho.16 Santificar o dia do Senhor é a resposta bíblica ao vício em trabalho. O comerciante deve descansar de seus negócios; a dona de casa, de suas tarefas domésticas; o aluno, de seus estudos. É claro, os cristãos sempre têm reconhecido que algum trabalho é necessário. Funcionários que fornecem cuidados médicos ou garantem a segurança pública precisam fazer seu trabalho, assim como os pastores na igreja. Pessoas com esse tipo de trabalho são bem aconselhadas a separar outro dia da semana para seu descanso, mesmo que não para a adoração pública. Existem também algumas tarefas domésticas básicas que precisam ser feitas. Mas esse é um dia para fechar a agenda, abandonar a rotina dos dias da semana e esquecer a lista dos afazeres. É um dia para abandonar a correria, parar de comprar e vender e não se preocupar com a margem de lucro. Numa cultura que, cada vez mais, trata o domingo como um dia qualquer, transformando, assim, algo sagrado em algo secular, precisamos resistir à tendência de permitir que o trabalho nos escravize. Isso também exige que planejemos com antecedência, organizando o nosso trabalho diário para que tenhamos tempo para o nosso descanso semanal.

A essa altura, muitos cristãos ainda querem saber o que podem ou não fazer no sábado. Posso assistir TV? Posso jogar bola? Posso ir a um restaurante? Posso pegar o voo de volta para casa? Posso jogar Banco Imobiliário, ou preciso limitar-me a jogos que testem meus conhecimentos bíblicos? O perigo de fazer aplicações universais é que tendemos ao farisaísmo; é fácil cair no legalismo. Quando observamos o quarto mandamento, há espaço para liberdade cristã e o sábio exercício de juízo piedoso. Até mesmo os puritanos, por exemplo, reconheceram que há momentos em que é apropriado ou até mesmo necessário comer num restaurante público.17 No entanto, quando começamos a fazer esse tipo de perguntas, normalmente é porque queremos saber até onde podemos ir. Queremos saber até onde podemos ir sem violar o quarto mandamento. Mas, se estivermos à procura de uma brecha no dia do Senhor, não entenderemos a essência do quarto mandamento. Deus está nos chamando para nos afastarmos dos nossos próprios negócios para realizarmos a transação mais importante de todas, que é glorificá-lo em nossa adoração. E, quando tentamos abrir o máximo de espaço possível para nossos próprios prazeres, perdemos o maior prazer de todos, que é a comunhão com o Deus vivo.

Nosso problema é que temos muitas dificuldades para nos deleitarmos verdadeiramente nos prazeres santificados de Deus. Ouso dizê-lo? Deus nos deixa entediados. Estamos dispostos a investir algum tempo para adorá-lo, mas logo sentimos que precisamos de uma folga e, assim, voltamos diretamente para os prazeres menores do mundo. Mas, quanto mais aprendemos a nos deleitar em Deus, mais dispostos nos tornamos a santificar o seu dia. E então descobrimos que somos capazes de responder as perguntas que, antes, tanto nos atormentavam: posso aceitar um emprego que exige que eu trabalhe aos domingos? Posso me dedicar à pilha de documentos que trouxe do trabalho? Posso permitir que meus filhos joguem futebol no domingo? Posso assistir TV nesse dia? A maioria das aplicações práticas se torna fácil quando desejamos honrar o Senhor no seu dia. O desgaste e as lutas surgem quando queremos usá-lo para nós mesmos.

Certa vez, o Dr. Robert Rayburn contou a história de um homem que foi abordado por um mendigo na rua.18 O homem colocou sua mão no bolso para ver o que tinha. Ao encontrar sete dólares e sentindo um pouco de pena do mendigo, estendeu seis notas e disse: “toma”. O mendigo não só pegou os seis dólares, mas, com sua outra mão, deu um tapa no rosto de seu benfeitor e pegou também o sétimo dólar.

O que você pensa sobre o mendigo? Não acha que ele agiu como um canalha? Então o que você pensa sobre um pecador que, salvo pela graça de Jesus Cristo, insiste em tomar para si mesmo os sete – ou até mesmo seis e meio – dias da semana? A maneira de evitar esse escândalo é lembrar-se do dia do Senhor, santificando-o.

Notas

1 Bill Gates, citado em Walter Isaacson, “In Search of the Real Bill Gates”, Time (13 de janeiro de 1997), p. 7.

2 Lance Morrow, citado em Mark E. Dever, “The Call to Work and Worship”, Regeneration Quarterly (primavera de 1996), p. 5.

3 Thomas Watson, The Ten Commandments (1890; reimpressão. Edimburgo: Banner of Truth, 1965), p. 93.

4 Umberto Cassuto, A Commentary on the Book of Exodus, Israel Abrahams (trad.) (Jerusalém: Magnes, 1967), p. 244.

5 Veja James T. Dennison Jr., The Market Day of the Soul: The Puritan Doctrine of the Sabbath in England, 1532–1700 (Nova York: University Press of America, 1983).

6 Watson, The Ten Commandments, p. 97.

7 Ibid., p. 95.

8 Ibid., p. 99.

9 Leland Ryken, Redeeming the Time: A Christian Approach to Work and Leisure (Grand Rapids: Baker, 1995), p. 178.

10 Martinho Lutero, “Treatise on Good Works”, W. A. Lambert (trad.), em Luther’s Works, Helmut T. Lehmann (org.), vol. 44 (Filadélfia: Fortress, 1966), p. 72.

11 Inácio, Letter to the Magnesians, citado em Joachim Duma, The Ten Commandments: Manual for the Christian Life, Nelson D. Kloosterman (trad.) (Phillipsburg, NJ: P&R, 1996), p. 139.

12 Benjamin Breckinridge Warfield, Selected Shorter Writings (Phillipsburg, NJ: P&R, 1970), p. 319.

13 Eugene Peterson, “The Pastor’s Sabbath”, Leadership (primavera de1985), p. 55-56.

14 Watson, The Ten Commandments, p. 101.

15 David C. Searle, And Then There Were Nine (Fearn, Ross-Shire, UK: Christian Focus, 2000), p. 67.

16 O melhor livro sobre esse tema é Redeeming the Time, de Leland Ryken, já citado.

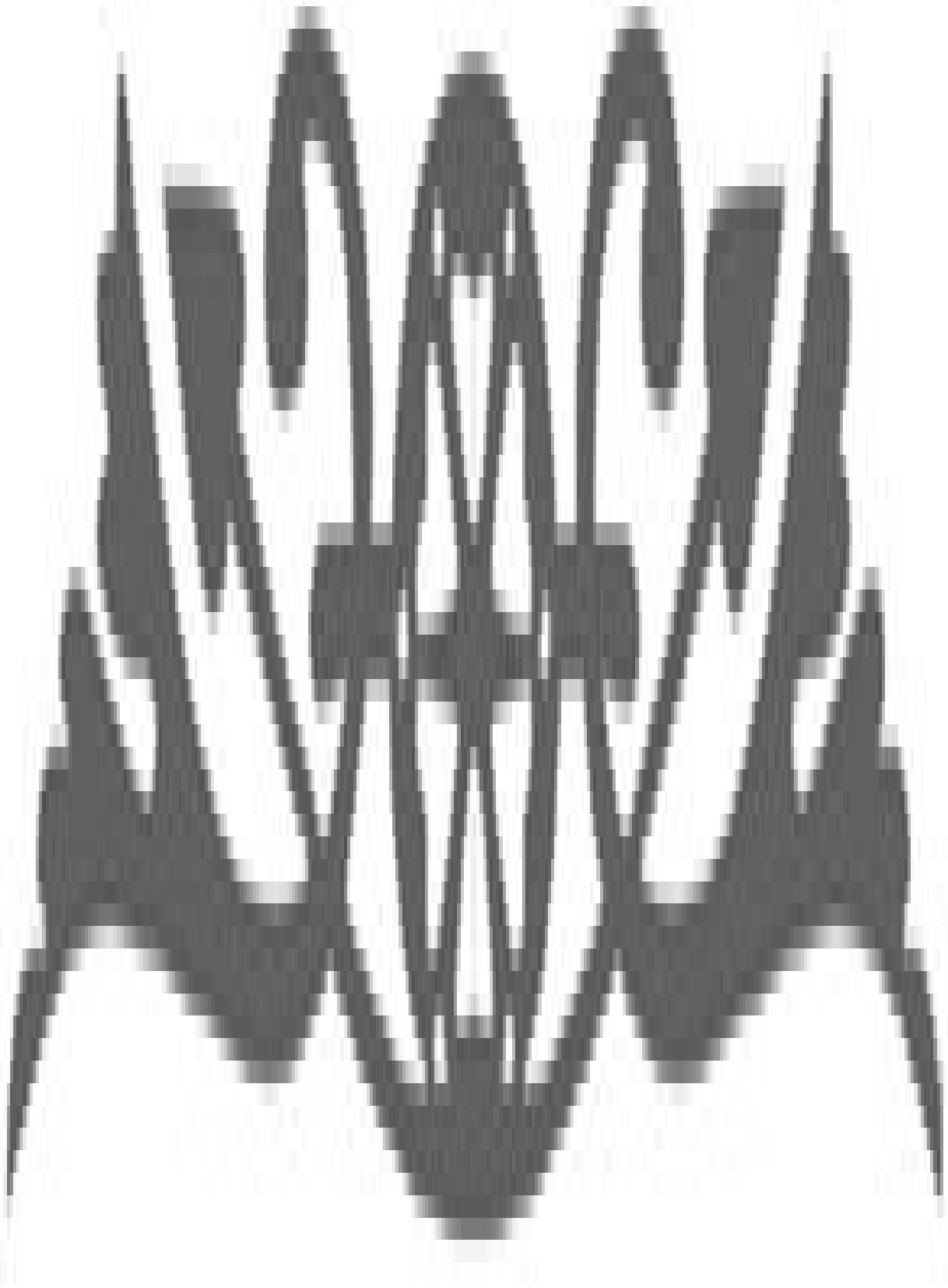
17 Veja Dennison, The Market Day of the Soul, p. 94.

18 Robert G. Rayburn, “Should Christians Observe the Sabbath?”, citado num sermão de George W. Robertson na Covenant Presbyterian Church, em St. Louis, Missouri.

53

O quinto mandamento: respeite a autoridade

Êxodo 20.12



Muitos historiadores acreditam que ocorreu uma mudança significativa nas posturas norte-americanas em relação à autoridade durante a década de 1960. Foi a década do antissistema. Os jovens eram anticomércio, antigoverno, antiexército e antiescola. Mas, de todas as instituições que vieram a ser atacadas, talvez a mais significativa tenha sido a família.

Annie Gottlieb é uma dos muitos participantes que identificam os “anos de 1960” como “a geração que destruiu a família norte-americana”. Escreve:

Podemos não ter conseguido derrubar o Estado, mas a família era mais próxima. Conseguíamos acertá-la. E [...] acreditávamos que a família era o fundamento do Estado e também do estado mental coletivo. [...] Realmente acreditávamos que a família precisava ser destruída para libertar o amor, que era a única coisa capaz de curar os danos causados quando o átomo foi dividido para liberar sua energia. E o primeiro passo era nos libertarmos dos nossos pais.1

O que torna a análise de Gottlieb tão assustadora é a conexão que ela estabelece entre a família e o Estado. Ela está certa: a maneira de destruir uma nação é destruir a família, e a maneira como os filhos destroem a família é desobedecendo os seus pais.

Caridade começa em casa

O plano de Deus para preservar a família exige a observância do quinto mandamento: “Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor, teu Deus, te dá” (20.12). O posicionamento desse mandamento mostra a importância especial da família. Quando Deus deu a sua lei, ele a inscreveu em duas tábuas (31.18). Talvez isso signifique que ele deu a Moisés duas cópias. Isso era o costume em tempos antigos sempre que dois partidos estabeleciam uma aliança. Talvez a lei tenha sido dividida em duas partes. Tradicionalmente, os quatro primeiros mandamentos são diferenciados

dos seis últimos. A primeira tábua da lei consiste nos quatro mandamentos que regulamentam nossa resposta a Deus. A segunda tábua consiste nos seis mandamentos que regulamentam a maneira como tratamos uns aos outros. Obviamente, nossos relacionamentos humanos não podem ser separados do nosso relacionamento com Deus, mas há uma distinção. Os quatro primeiros mandamentos nos ensinam a amar a Deus, enquanto os seis últimos nos ensinam a amar nosso próximo.

O amor a Deus precisa vir em primeiro lugar. Não podemos amar uns aos outros verdadeiramente se não amarmos a Deus. Se não tivermos respeito por Deus, não respeitaremos uns aos outros. Portanto, dificilmente poderemos começar a observar os seis últimos mandamentos se não aprendermos a observar os quatro primeiros. Segundo João Calvino:

O primeiro fundamento da justiça é a adoração a Deus. Quando esta é derrubada, todas as partes restantes da justiça desabam e se espalham, como os destroços de um prédio destruído e derrubado. [...] Sem temor a Deus, os homens não preservam equidade e amor entre si. Por isso, chamamos a adoração a Deus de início e o fundamento da justiça.2

Se analisássemos os Dez Mandamentos dessa forma, a segunda tábua da lei começaria com o quinto mandamento. Isso é significativo. Ao dizer-nos como tratar uns aos outros, Deus começa com nossa família. Amar o próximo começa em casa:

Assim como o relacionamento com Yahweh é o início da aliança, esse relacionamento [i.e., entre pais e filhos] é o início da sociedade, o inevitável ponto de partida para cada relacionamento humano. O primeiro relacionamento além do relacionamento com Yahweh, que, segundo o AT, é o doador da vida, é o relacionamento com pai e mãe, que, juntos, são o canal por meio do qual Yahweh doa a vida. Nenhum outro relacionamento humano é tão fundamental, nenhum outro é mais importante.3

Agostinho ressaltou a importância do quinto mandamento levantando uma pergunta retórica: “Se alguém deixa de honrar os pais, haverá alguém que ele poupará?”4 Supostamente não, pois o relacionamento entre pai e filho é o relacionamento primeiro e primário, o início de toda a sociedade humana. Sob circunstâncias normais, as primeiras pessoas que uma criança conhece são seus pais. Deus quer que a família seja nosso primeiro hospital, nossa primeira escola, nosso primeiro governo, nossa primeira igreja.5 Se não respeitarmos a autoridade em casa, não a respeitaremos em qualquer outro lugar. A caridade realmente começa em casa!

Honra teu pai e tua mãe

Como o restante da lei de Deus, o quinto mandamento também precisa ser estudado com cuidado. A primeira palavra é “honra”. É – literalmente – uma palavra de peso. A palavra é K~v#D, que, em hebraico, significa “pesado” ou “de peso”. É uma palavra que o Antigo Testamento usa para a glória de Deus, por causa do peso de sua majestade divina. Honrar seus pais significa, portanto, dar devido peso à sua posição. Significa dar-lhes o reconhecimento que eles merecem pela autoridade que Deus lhes deu. Honrar significa respeitar, estimar, valorizar e apreciar pais e mães como dádivas de Deus.

O oposto de honrar é desonrar. Assim como o quinto mandamento exige respeito pelos pais, ele proíbe qualquer tipo de desrespeito. Se os pais têm peso, não devem ser tratados levianamente, como se o quinto mandamento não importasse. Infelizmente, rebelar-se contra os pais tem se tornado um pecado comum. A capa de uma revista para moças adolescentes perguntou: “Você realmente odeia seus pais? E quem não odeia?” A revista oferecia conselhos para “como lidar com seus detestáveis”.

A Bíblia nutre uma profunda aversão a esse tipo de desrespeito, tratando-o quase como um tipo de horror. Certa vez, quando ainda era pastor de jovens, estudei com meus alunos do ensino médio as passagens bíblicas que falam da desobediência aos pais. Descobrimos que algumas das maldições mais assustadoras no Antigo Testamento são reservadas para filhos que se revoltam contra seus pais. Aqui estão dois exemplos:

Se um homem amaldiçoar a seu pai ou a sua mãe, será morto; amaldiçoou a seu pai ou a sua mãe; o seu sangue cairá sobre ele (Lv 20.9).

Se alguém tiver um filho contumaz e rebelde, que não obedece à voz de seu pai e à de sua mãe e, ainda castigado, não lhes dá ouvidos, seu pai e sua mãe o pegarão, e o levarão aos anciãos da cidade, à sua porta. [...] Então, todos os homens da sua cidade o apedrejarão até que morra; assim, eliminarás o mal do meio de ti; todo o Israel ouvirá e temerá. (Dt 21.18-19,21)

Não surpreende que, quando terminei de ler essas e muitas outras passagens semelhantes, os garotos do meu grupo de jovens haviam se calado completamente. Como a maioria dos jovens, eles sempre haviam acreditado que violar o quinto mandamento fazia parte de seu papel, uma parte normal do crescimento. Obviamente, Deus considera desonrar seus pais um dos piores pecados que podemos cometer. Isso vale até mesmo quando as penalidades do Antigo Testamento para violar esse mandamento não estão mais em vigor. No Novo Testamento, a desobediência aos pais é mencionada como um dos sinais de que estamos vivendo nos “tempos difíceis” dos “últimos dias” (2Tm 3.1-2).

Observe que o mandamento inclui pais e mães: “Honra teu pai e tua mãe”. Em outras passagens, a Bíblia deixa claro que pais têm a responsabilidade única da liderança espiritual em sua família. No entanto, isso não significa que as mães mereçam menos honra. As Escrituras dizem: “Filho meu, guarda o mandamento de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe” (Pv 6.20). Levítico 19.3 até menciona as mães primeiro: “Cada um respeitará a sua mãe e o seu pai”. Deus ordena que os filhos não tentem tirar vantagem de sua mãe, mas a trate com respeito igual.

Esse mandamento é sem igual no mundo antigo. Mesmo que, hoje em dia, a Bíblia seja muitas vezes considerada patriarcal – especialmente no Antigo Testamento – ela sempre encontra o equilíbrio adequado, confrontando as estruturas do pecado de cada cultura. Aqui, a Bíblia insiste que mães devem receber tanta honra quanto os pais (essa parte do quinto mandamento descarta, obviamente, casamentos homoafetivos). A não ser que um dos pais seja afastado pela morte, cada filho é obrigado a honrar ambos, o pai e a mãe. Esse é o padrão de Deus para todas as pessoas em todos os lugares. Quando ocorrem exceções – como no caso de órfãos, por exemplo, ou quando um dos pais morre –, elas não

passam disso – são exceções à regra bíblica.

Vida longa e próspera

Por que os filhos devem respeitar os pais? Por muitas razões. Os pais merecem ser honrados pelos muitos sacrifícios que fazem por seus filhos. Merecem ser ouvidos por causa da riqueza de sua experiência de vida. Existe também o simples fato de que observar o quinto mandamento glorifica a Deus, o que é razão suficiente. A Bíblia diz: “Filhos, em tudo obedecei a vossos pais; pois fazê-lo é grato diante do Senhor” (Cl 3.20). Diz também que honrar os pais é a coisa certa a se fazer: “Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor, pois isto é justo” (Ef 6.1).

Todas essas são razões boas para observar o quinto mandamento, mas a razão que o próprio mandamento cita é que honrar nossos pais serve ao nosso próprio interesse: “Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor, teu Deus, te dá” (20.12). O apóstolo Paulo disse que este era “o primeiro mandamento com promessa” (Ef 6.2), e a promessa pretende servir como encorajamento especial para os filhos. Deus sabe como é difícil obedecer os nossos pais. Ele também sabe que as crianças têm uma facilidade maior para obedecer quando lhes prometemos uma recompensa, por isso, o quinto mandamento vem com a promessa de uma longa vida na terra de Deus.

Essa promessa tinha um significado especial para os israelitas. Havia pouco tempo que eles haviam sido tirados da terra da escravidão, e Deus havia lhes prometido que os levaria para um país novo e melhor. Uma maneira de garantir que eles continuariam vivendo na Terra Prometida era honrando seus pais e suas mães na fé.

Essa promessa geral não deve ser vista como garantia automática de que os filhos que obedecem os seus pais viverão até os 90 anos de idade. Tampouco significa necessariamente que alguém que sofre uma morte precoce é culpado de violar o quinto mandamento. Por razões de sua glória maior, Deus permite, às vezes, que as pessoas sofram aquilo que consideramos um fim precoce, mesmo tendo obedecido quase sempre aos seus pais. Há muitas providências que determinam a duração da vida de uma pessoa. Mas a promessa continua de pé: filhos que honram seus pais recebem a dádiva da vida.

Aqui, ajuda saber que, quando a Bíblia fala sobre uma vida longa na terra, ela não fala apenas sobre a idade que as pessoas têm quando morrem. A expressão "prolongar os dias na terra" é uma expressão hebraica para a plenitude da bênção de Deus. Significa ter uma vida abundante. Isso é confirmado pelo Novo Testamento, que diz: "Honra a teu pai e a tua mãe [...] para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra" (Ef 6.2-3). Todos que desejam ter uma vida longa e próspera devem honrar sua mãe e seu pai.

Existe ainda outra razão para observar o quinto mandamento, e talvez esta seja a razão mais importante de todas: Deus deu aos pais a responsabilidade de ensinar seus filhos a conhecer e servir a Deus. Mas crianças não aprendem essas lições se não respeitarem seus pais, por isso, observar o quinto mandamento é essencial ao plano de Deus para transmitir a fé para a próxima geração. Entre todas as maneiras como os filhos honram seus pais, a mais importante é ouvir o que eles dizem sobre Deus e o caminho da salvação.

A instrução espiritual é uma responsabilidade de pai e mãe. Salomão disse: "Filho meu, ouve o ensino de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe" (Pv 1.8). E: "Filho meu, não te esqueças dos meus ensinos, e o teu coração guarde os meus mandamentos; porque eles aumentarão os teus dias e te acrescentarão anos de vida e paz" (Pv 3.1-2). Essas palavras são um comentário sobre o quinto mandamento. Salomão repete a promessa de uma vida longa e próspera e a vincula especificamente ao ensinamento bíblico em casa. Esse é o núcleo do quinto mandamento: receber a dádiva da vida respeitando nossos pais na fé. Hoje, Deus ordena que honremos nosso pai e nossa mãe porque é assim que muitas pessoas vêm a conhecer Jesus Cristo.

Às vezes, a descoberta do plano de Deus para a família traz tristeza e decepção a pessoas que nunca tiveram um bom ambiente familiar. Uma pessoa que não foi criada num lar cristão se encontra em desvantagem espiritual? Em certo sentido, sim. Sempre sofremos danos pelos pecados de outros, inclusive pelo pecado de pais que não criam seus filhos "na disciplina e na admoestação do Senhor" (Ef 6.4). Mas Deus é gracioso, e, por meio da obra salvadora do seu Espírito, ele adota pecadores órfãos como membros da melhor e mais importante família de todas: a família de Deus. A Bíblia dá a cada filho de Deus esta promessa preciosa: "[...] se meu pai e minha mãe me desampararem, o Senhor me acolherá" (Sl 27.10).

Honra a quem merece honra

A fim de fazer uso pleno do quinto mandamento, precisamos entender que ele não vale apenas para crianças, mas se aplica a todos. Segundo o Breve Catecismo de Westminster, "O quinto mandamento exige a conservação da honra e o desempenho dos deveres pertencentes a cada em suas diferentes condições e relações, como superiores, inferiores ou iguais" (resposta à pergunta 64). Em outras palavras, o respeito à autoridade se aplica a cada pessoa em cada relacionamento.

Aqui precisamos nos lembrar de uma das nossas regras para interpretar os Dez Mandamentos. Segundo a "regra das categorias" (veja o capítulo 48), cada mandamento representa toda uma categoria de pecados e obrigações. Consequentemente, quando Deus nos ordena a respeitar nossos pais, ele nos instrui também a respeitar qualquer um que tenha autoridade legítima sobre nós. Isso é algo que os israelitas entenderam prontamente, pois costumavam usar o termo pai muitas vezes também em relacionamentos fora de seu lar. Por exemplo: os israelitas se referiam ao rei como seu pai (p. ex., 1Sm 24.11). Por vezes, usavam o mesmo título para os profetas. Eliseu clamou a Elias: "Meu pai, meu pai!" (2Rs 2.12). Semelhantemente, os anciãos de Israel eram honrados como os pais do seu povo (veja At 7.2). Assim, os israelitas aplicaram o quinto mandamento naturalmente também a outros relacionamentos que envolviam autoridade.

Deveríamos fazer o mesmo. O quinto mandamento governa nosso relacionamento com o governo. A Bíblia diz: "Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor. [...] Tratai todos com honra [...] honrai o rei" (1Pe 2.13,17). Hoje, honrar o rei significa respeitar oficiais da lei e representantes do Estado. Significa orar pelos políticos. Significa obedecer as leis do governo e pagar nossos impostos. De todas essas maneiras, somos chamados a estar "sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus" (Rm 13.1).

O quinto mandamento governa também o nosso trabalho. Devemos respeitar nossos chefes e tratar com honra nossos empregadores. Após dizer aos filhos que eles devem obedecer os pais, Paulo instrui os escravos (empregados, na nossa cultura) a servirem aos seus senhores (i.e., empregadores). Tudo fazia parte de respeitar a autoridade. Ele escreveu: "Quanto a vós outros, servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor, na sinceridade do vosso

coração [...] certos de que cada um, se fizer alguma coisa boa, receberá isso outra vez do Senhor" (Ef 6.5,8). Observar o quinto mandamento no trabalho significa trabalhar muito e falar bem da diretoria.

O quinto mandamento exige respeito também pelos nossos líderes na igreja. Exige, especificamente, submissão aos pastores, presbíteros e diáconos – os líderes que servem como nossos pais espirituais no lar de Deus. As Escrituras dizem: "Devem ser considerados merecedores de dobrados honorários os presbíteros que presidem bem, com especialidade os que se afadigam na palavra e no ensino" (1Tm 5.17). Honrar nossos presbíteros significa orar por eles, encorajá-los e apoiá-los em seus esforços em prol do nosso progresso espiritual. Significa aceitar seu conselho e disciplina com humildade, como dizem as Escrituras: "Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles" (Hb 13.17a).

Em todos esses relacionamentos, "devemos respeitar aqueles que Deus colocou acima de nós e tratá-los com honra, obediência e gratidão".6 Devemos fazer isso mesmo quando aqueles em posição de autoridade parecem não merecer nosso respeito. O Catecismo de Heidelberg está certo quando diz que o quinto mandamento exige que "devo prestar toda a honra, amor e fidelidade a meu pai e a minha mãe e a todos os meus superiores; devo submeter-me à sua boa instrução e disciplina e com a devida obediência, e também ter paciência com seus defeitos; porque Deus nos quer governar pelas mãos deles" (resposta à pergunta 104, grifo meu). Respeito por todos aqueles em posição de autoridade é respeito por Deus, pois toda autoridade provém dele. Nosso respeito não se baseia em suas qualidades pessoais ou qualificações profissionais, mas na posição que receberam de Deus.

Existe outro lado de tudo isso, que é que as pessoas em posição de autoridade têm a responsabilidade de exercê-la de modo que agrade a Deus. Não devemos abusar da nossa autoridade usando-a com dureza ou ultrapassando nossos limites. Tampouco podemos deixar de cumprir nossas obrigações. Líderes no governo são chamados para proteger seus cidadãos. Pastores e presbíteros são chamados para servir ao povo de Deus na igreja, não para abusar dele. E as pessoas em posição executiva são chamadas para cuidar das pessoas que trabalham para elas.

O quinto mandamento tem uma relevância especial para pais e mães. Nossas obrigações familiares são recíprocas. Se os filhos devem obedecer os pais, então,

obviamente, os pais devem dar-lhes a disciplina apropriada. O Novo Testamente deixa isso explícito quando acrescenta estas palavras ao quinto mandamento: “E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor” (Ef 6.4; cf. Cl 3.21). Quando os pais impõem exigências insensatas aos filhos, quando os corrigem em raiva, e não em amor, ou quando impedem seu crescimento, privando-os de sua liberdade, eles abusam de sua autoridade.

Os pais são chamados para dar aos seus filhos muitas outras coisas além de disciplina apropriada. Somos chamados para orar por eles, encorajá-los, aconselhá-los, protegê-los e satisfazer suas necessidades diárias. Somos chamados para sermos um exemplo santo, pois, mesmo que as crianças nem sempre ouçam seus pais, elas sempre os imitam. Somos chamados para educar nossos filhos, preparando-os para a obra de sua vida, inclusive casamento e paternidade, segundo a providência de Deus. Mas, acima de tudo, se as crianças são instruídas a ouvir seus pais, somos instruídos a ensinar-lhes as Escrituras e liderá-los na adoração a Deus.

Deus salve o rei

Nem sempre é fácil respeitar a autoridade, e existe uma história sobre isso na Bíblia – a história de dois melhores amigos, Davi e Jônatas. Esses corajosos homens jovens eram irmãos espirituais, ligados por uma aliança de amizade. Ambos eram guerreiros poderosos, ambos tinham uma fé corajosa no Deus de Israel, ambos haviam demonstrado seu valor em batalha. Davi era famoso por matar Golias, mas Jônatas era igualmente valente. Em certa ocasião, os israelitas enfrentaram os filisteus sem quaisquer armas. Apenas Jônatas tinha uma espada. Mas ele disse: “Porventura, o Senhor nos ajudará nisto, porque para o Senhor nenhum impedimento há de livrar com muitos ou com poucos” (1Sm 14.6b). Com essas palavras, lançou um ataque solitário, matando 20 filisteus e causando pânico entre o resto de seu exército.

A única pessoa que causava mais problemas a Davi e Jônatas do que os filisteus era o pai de Jônatas, o rei Saul. Deus havia ungido Saul rei sobre Israel; mas ele era um homem raivoso, impetuoso e mal-humorado, que, muitas vezes, fazia ameaças irrefletidas contra seu próprio povo. Durante uma batalha, Saul fez um juramento amaldiçoando qualquer soldado que comesse algo antes de ele se

vingar de seus inimigos. Infelizmente, Jônatas não ouviu o juramento de seu pai; então, quando viu mel pingando no chão, mergulhou sua lança no mel e o provou. Quando Saul soube o que acontecera, disse ao seu filho: “Deus me faça o que bem lhe aprouver; é certo que morrerás, Jônatas” (1Sm 14.44). Os outros soldados intervieram para poupar a vida de Jônatas, mas o episódio mostrou que tipo de homem Saul era – o tipo que aplicaria violência ao próprio filho por causa de um pouco de comida.

O tratamento que Davi recebeu de Saul era ainda pior. A princípio, Davi o agradou porque ele amava ouvi-lo tocar a harpa. Quando Davi matou Golias, Saul o recebeu em sua própria casa e lhe deu um alto cargo no exército. Davi superava as expectativas em tudo que o rei lhe pedia. No entanto, logo se tornou mais famoso do que Saul, o que provocou a inveja do rei. Certo dia, num ataque de raiva, o rei atirou sua lança numa tentativa de pregar Davi à parede. Davi escapou, mas isso apenas aumentou a raiva de Saul. Em seguida, Saul tentou se livrar de Davi tentando matá-lo em batalha. Ele prometeu a mão de sua filha em casamento se Davi matasse 100 filisteus. A esperança secreta de Saul era que o jovem guerreiro morresse às mãos do inimigo. Mas Davi matou 200 filisteus sem um único arranhão.

Saul podia ver nisso tudo que Davi tinha a bênção de Deus, o que, evidentemente, o deixou mais furioso do que nunca. Jurando inimizade eterna, o rei ordenou que seus soldados – incluindo Jônatas – matassem Davi. Isso deixou Jônatas numa posição ruim. Ele sabia que devia honrar seu pai, mas sabia também que assassinato era errado. Assim, Jônatas fez a coisa certa: ele honrou a Deus, desobedecendo a seu pai. Primeiro alertou Davi sobre aquilo que seu pai estava tramando, dando-lhe a chance de escapar. Depois intercedeu junto ao pai e disse: “Por que, pois, pecarias contra sangue inocente, matando Davi sem causa?” (1Sm 19.5b). Ao fazê-lo, Jônatas não estava desonrando seu pai, mas preservando sua honra. Nessa ocasião, Saul ouviu seu filho. Ele se arrependeu de sua raiva e chamou Davi de volta para sua casa. Essa paz, porém, não durou muito. Davi teve mais sucesso em batalha, a inveja de Saul aumentou e, mais uma vez, ele arremessou sua lança em raiva.

A razão pela qual narro essa história infeliz é que, se houve um pai que não mereceu o respeito de seu filho, ou um rei que não mereceu o respeito de seus súditos, esse pai e rei foi Saul. Mesmo assim, Davi e Jônatas honraram o rei. Eles respeitaram a autoridade que Deus lhe havia dado, honrando-o porque honravam a Deus.

A maneira como Davi honrou a Saul foi sua recusa de tirar-lhe a vida. Quando o rei teve seu último acesso de fúria, Davi partiu para sempre. Saul o perseguiu até as montanhas, onde, em duas ocasiões diferentes, Davi teve oportunidades fáceis de tirar a vida do rei. Certa vez, Saul entrou sozinho na caverna em que Davi estava se escondendo. Os homens de Davi o incentivaram a aproveitar a chance: “Hoje é o dia do qual o Senhor te disse: Eis que te entrego nas mãos o teu inimigo, e far-lhe-ás o que bem te parecer” (1Sm 24.4a). Mas Davi decidiu não matar Saul. Em vez disso, aproximou-se furtivamente e cortou a orla do manto de Saul. Depois, porém, Davi se arrependeu por ter feito aquilo. Até mesmo após tudo que Saul lhe havia feito, sua consciência lhe disse que não era honrado demonstrar desrespeito ao rei de Israel. Davi disse: “O Senhor me guarde de que eu faça tal coisa ao meu senhor, isto é, que eu estenda a mão contra ele, pois é o ungido do Senhor” (1Sm 24.6). Observe o raciocínio de Davi. Seu arrependimento não se baseava em como Saul o tratava. Ele não disse nada sobre que tipo de rei Saul era. A única coisa que importava era que sua coroa vinha de Deus e, por isso, exigia seu respeito. Então, quando Saul partiu, Davi saiu da caverna e gritou: “Ó rei, meu senhor!” Então disse: “Olha, pois, meu pai, vê aqui a orla do teu manto na minha mão. No fato de haver eu cortado a orla do teu manto sem te matar [...]” (1Sm 24.8,11a). Davi chamou Saul de “pai” como sinal de respeito por sua autoridade real.

Jônatas também honrou a Saul, e ele o fez tentando impedi-lo de pecar contra Davi. Isso gerou uma tensão enorme em seu relacionamento com o pai. Certa vez, Saul se irritou tanto com o fato de Jônatas tomar o partido de Davi que arremessou sua lança contra ele e disse: “Filho de mulher perversa e rebelde” (1Sm 20.30-33). Naturalmente, isso irritou Jônatas.

Também o entristeceu, pois ele amava seu amigo Davi. Mas, mesmo após todos esses acessos de fúria, Jônatas permaneceu leal ao pai. Mesmo reconhecendo as falhas do homem, continuou amando-o como seu pai. Na última cena com Jônatas, nós o vemos ao lado de seu pai, tentando desesperadamente defendê-lo contra os filisteus. Jônatas foi um homem honrável que morreu lutando para salvar seu pai (1Sm 31.1-6).

Obviamente, Saul não era um exemplo muito bom do exercício correto de autoridade. Houve momentos em que Davi e Jônatas tiveram de desobedecer-lhe. Quando fizeram isso, não violaram o quinto mandamento, mas o observaram honrando o compromisso superior de obedecer ao seu Pai no céu. Houve também momentos em que Davi e Jônatas tiveram de proteger a si mesmos.

Submeter-se à autoridade nunca significa submeter-se a violência, seja ela doméstica ou de outra natureza. Talvez seja necessário ressaltar este ponto: quando ocorre abuso físico, a obrigação de preservar a vida é mais importante do que obedecer os pais. Mas as dificuldades que esses amigos enfrentaram tornam ainda mais notável o seu exemplo. Davi e Jônatas entenderam que a autoridade possui algo de sagrado. Visto que ela vem de Deus, ela exige nosso máximo respeito.

Uma vida inteira de respeito

Existem muitas maneiras de honrar a Deus honrando os nossos pais. O quinto mandamento se dirige a crianças pequenas. Deus quer que meninos e meninas falem de forma respeitosa com seus pais de forma educada. Ele quer que elas obedeçam os seus pais o tempo todo, fazendo tudo o que estes lhes pedem com uma boa postura. Os puritanos diziam: "Uma criança deve ser o eco dos seus pais; quando o pai fala, o eco da criança deve ser a obediência".7

O quinto mandamento se dirige a adolescentes. Muitos alunos do ensino médio ficam pasmos quando veem como seus pais estão "por fora" – quão pouco parecem saber sobre a vida. A maioria dos pais merece mais crédito do que isso, é claro, mas mesmo aqueles que realmente estão "por fora" devem ser obedecidos. Honrar pai e mãe significa falar bem deles aos amigos. Significa ouvir o que dizem, inclusive suas advertências sobre passar tempo com os amigos errados ou experimentar coisas que podem causar danos físicos e espirituais permanentes. Significa, também, conversar com os pais, informando-os sobre o que está acontecendo. Certa vez, ouvi como uma mãe contou que seu filho passou o último ano do ensino médio fazendo nada mais do que grunhindo para ela. Ele desonrou seus pais, embora, aparentemente, dentro de poucos anos, tenha voltado a usar palavras e ter uma conversa inteligente com seus pais em linguagem humana!

O quinto mandamento se dirige também a jovens adultos. Muitas vezes, por volta dos 20 anos de idade, filhos e filhas reconhecem finalmente que seus pais são dádivas de Deus. Certa vez, um rapaz que acabara de se formar na faculdade me disse que ficou feliz (e um pouco surpreso) ao descobrir que estava começando a ter um relacionamento melhor com seus pais. Eu disse: "Sabe, é incrível quanto seus pais amadureceram nos últimos anos!" Adultos jovens

precisam tomar decisões importantes sobre educação, carreira e, às vezes, casamento. Os filhos honram seus pais e mães buscando seu conselho. São eles que precisam tomar as decisões, especialmente quando saem de casa, mas é sábio buscar a ajuda e a bênção que os pais têm a oferecer.

Aqui, precisamos parar para pensar sobre o que os filhos devem fazer quando seus pais não dão conselhos piedosos. Lembre-se, os israelitas foram instruídos a honrar seus pais para que pudessem conhecer a Deus. Mas o que acontece quando os pais de alguém não conhecem a Deus? Quando não são cristãos? E se tentarem impedir seus filhos de fazerem aquilo para o qual Deus os chama? O que significa honrar seu pai e sua mãe numa situação assim?

Essa situação não é incomum. Alguns pais têm muita dificuldade de aceitar que seus filhos coloquem Cristo em primeiro lugar em suas decisões sobre educação, carreira, família e ministério. Onde há fé, Jesus une as famílias; mas onde há incredulidade, ele as separa. Um cristão jamais deve permitir que o mandamento de honrar seus pais o impeça de seguir a Cristo. Foi isso que Jesus quis dizer quando disse: “Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim” (Mt 10.37). Quando precisamos escolher, o Pai verdadeiro do cristão está no céu, e é a sua vontade que precisamos seguir. Esta é uma das razões pelas quais a Bíblia nos instrui a obedecer os nossos pais “no Senhor” (Ef 6.1; cf. Cl 3.20). Isso é uma qualificação importante. A honra que devemos aos nossos pais jamais pode prejudicar a honra que devemos a Deus.

Quando cristãos que precisam de orientação não podem recorrer aos pais para deles receberem um conselho piedoso, devem se voltar para a igreja, que, afinal de contas, é nossa família primária. Mas mesmo quando não podemos aceitar o conselho dos nossos pais, precisamos tratá-los com honra e respeito. Isso significa ouvir o que dizem, cuidar de suas necessidades e fortalecer os laços familiares de todas as formas possíveis.

O quinto mandamento continua em vigor mesmo quando os filhos já estão crescidos e saem de casa. Honrar pai e mãe significa dar-lhes certa prioridade na vida. Significa amá-los e prezá-los. Significa cuidar deles até o fim de sua vida. As Escrituras dizem: “Ouve a teu pai, que te gerou, e não desprezes a tua mãe, quando vier a envelhecer” (Pv 23.22). Um autor antigo elaborou isso dizendo: “Meu filho, sustenta teu pai na velhice, não o entristeças enquanto vive. Mesmo que tua mente vier a falhar, trate-o com simpatia, não o desprezes em tua saúde e

força”.8 No entanto, é exatamente isso que muitos fazem: desprezam seus pais. Nem mesmo a metade dos norte-americanos acredita que os filhos têm uma responsabilidade de cuidar de pais idosos.9 Muitos filhos abandonam seus pais ou, pior, tentam ajudá-los a morrer. Isso revela um desdém flagrante pela lei de Deus.

Quando Jesus viu como alguns dos fariseus se recusavam a sustentar seus pais na velhice, ele os acusou de violar o quinto mandamento:

[...] Deus ordenou: Honra a teu pai e a tua mãe; e: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte. Mas vós dizeis: Se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: É oferta ao Senhor aquilo que poderias aproveitar de mim; esse jamais honrará a seu pai ou a sua mãe. E, assim, invalidastes a palavra de Deus, por causa da vossa tradição. (Mt 15.4-6)

Em vez de cuidar de seus pais, os fariseus estavam guardando seu dinheiro para si mesmos e alegando que o haviam dedicado a Deus. Mas os filhos têm a responsabilidade de garantir que seus pais recebam todo o cuidado físico, médico, espiritual e emocional de que precisam. Honrar seu pai e sua mãe dessa forma significa honrar a Deus. Pois as Escrituras dizem: “Diante das cãs te levantarás, e honrarás a presença do ancião, e temerás o teu Deus. Eu sou o Senhor” (Lv 19.32).

O filho perfeito

Fazemos bem quando nos perguntamos se estamos observando o quinto mandamento. Nosso relacionamento com nosso pai e nossa mãe dá glória a Deus? A verdade é que é difícil honrar nossos pais. Um homem se queixou:

Os jovens de hoje amam o luxo. Não têm educação, desdenham a autoridade, desrespeitam pessoas mais velhas e ficam falando besteira quando deveriam

estar trabalhando. Os jovens não se levantam mais quando um adulto entra na sala. Eles contradizem seus pais, falam demais quando estão em grupo, não mastigam sua comida, colocam os pés na mesa e tiranizam os velhos.10

Quem foi esse homem? Foi Sócrates, o filósofo que viveu 400 anos antes de Cristo! Suas palavras descrevem o que os jovens continuam sendo hoje porque descrevem como são os jovens em todos os tempos.

Como o restante da lei de Deus, é impossível guardarmos o quinto mandamento. Seguem algumas perguntas para autoexame: Em algum momento você já respondeu aos seus pais de forma ríspida? Você já escondeu algo deles? Você já os amaldiçoou em silêncio? Você fala bem de seus pais? Você investe tempo para fortalecer seu relacionamento com eles? Você está lhes dando o cuidado de que eles precisam e a honra que eles merecem por sua posição na vida? Todos nós falhamos em algum ponto. O quinto mandamento é parte da lei de Deus e, como todo o restante da lei de Deus, nós o violamos. Ninguém é um filho perfeito.

Com a exceção de Jesus. Quando Jesus morreu na cruz, ele pagou a penalidade pela nossa violação do quinto mandamento, tanto quanto por qualquer outro pecado. Mas Jesus fez mais do que isso: ele observou o quinto mandamento em nosso lugar. Jesus não se contentou em pagar o preço pelo nosso pecado – ele também teve de oferecer a Deus a obediência que sua lei exige. E foi o que Jesus fez. Ele honrou seus pais. A Bíblia afirma explicitamente que Jesus “desceu com eles para Nazaré; e era-lhes submisso” (Lc 2.51a). As únicas vezes em que seu relacionamento foi posto à prova foi quando ele ficou para trás no templo em Jerusalém (Lc 2.41-50) e quando continuou a pregar, em vez de parar para visitar sua família (Lc 8.19-21). Mas, mesmo nesses momentos, ele observou o quinto mandamento, honrando seu compromisso maior com seu Pai no céu. E Jesus honrou seus pais terrenos até o fim de sua vida. Ele não pôde cuidar pessoalmente de sua mãe na velhice, mas garantiu esse cuidado em seus últimos momentos de vida quando pediu que seu amigo João fosse como um filho para ela (Jo 19.26-27).

Desde a manjedoura até a cruz, Jesus foi um filho obediente que trouxe honra para os seus pais terrenos e para seu Pai celestial. Em termos de respeito à autoridade dos seus pais, ele é mais do que o nosso exemplo: ele é o filho

perfeito que Deus exige que sejamos. Todos que confiam em Jesus têm a perfeita obediência ao quinto mandamento, pois, quando Jesus obedeceu os seus pais, ele estava observando a lei de Deus em nosso lugar.

Para ilustrar isso, veja a maneira como repreendi meu filho por não ter arrumado seu quarto. “Você não arrumou seu quarto”, eu disse. “Eu pedi que você arrumasse seu quarto, e você não arrumou.” Após ouvir a desculpa do meu filho – que, apesar de cuidadosamente desenvolvida, era nada convincente – eu disse: “Não importa o que aconteceu. Eu pedi que você arrumasse seu quarto, e você não arrumou”. Então, tentando ajudá-lo a entender o evangelho, eu disse: “Sabe, você gosta de pensar que é um bom garoto. Mas a verdade é que você não é um bom garoto. Na verdade, você é um menino mau. Deus quer que você me obedeça o tempo todo, mas, às vezes, você não obedece. Como Deus pode aceitar você se você continua desobedecendo os seus pais?”

Meu filho não tinha certeza, mas seu pai era pastor, por isso, meu filho sabia que, provavelmente, a resposta era Jesus. E ele estava certo: Jesus é a resposta. Deus não nos aceita com base naquilo que nós temos feito, mas com base naquilo que Jesus tem feito. E uma das coisas que Jesus tem feito é observar o quinto mandamento. Assim, em vez de olhar para o que nós temos feito – todas as vezes que desonramos e desobedecemos os nossos pais – Deus olha para aquilo que Jesus fez quando obedeceu perfeitamente os seus pais. É quase como se Jesus tivesse arrumado o quarto para nós e feito todo o resto que uma criança deve fazer. Uma das razões pelas quais ele é o Salvador perfeito é que ele foi o filho perfeito.

Notas

1 Annie Gottlieb, Do You Believe in Magic? (Nova York: Time, 1987), p. 234-35.

2 João Calvino, Institutes of the Christian Religion, Ford Lewis Battles (trad.), 2 vols., Library of Christian Classics, 20-21 (Filadélfia: Westminster, 1960), II.viii.11.

3 John I. Durham, Exodus, Word Biblical Commentary (Waco, TX: Word, 1987), p. 290.

4 Agostinho, citado em Exodus, Leviticus, Numbers, Deuteronomy, Joseph T. Lienhard (org.), Ancient Christian Commentary on Scripture, vol. 3 (Downers Grove: InterVarsity, 2001), p. 106.

5 Rob Schenck, The Ten Words That Will Change a Nation: The Ten Commandments (Tulsa, OK: Albury, 1999), p. 88.

6 Calvino, Institutes, II.viii.35.

7 Thomas Watson, The Ten Commandments (1890; reimpressão. Edimburgo: Banner of Truth, 1965), p. 130.

8 Eclesiástico 3.12-13.

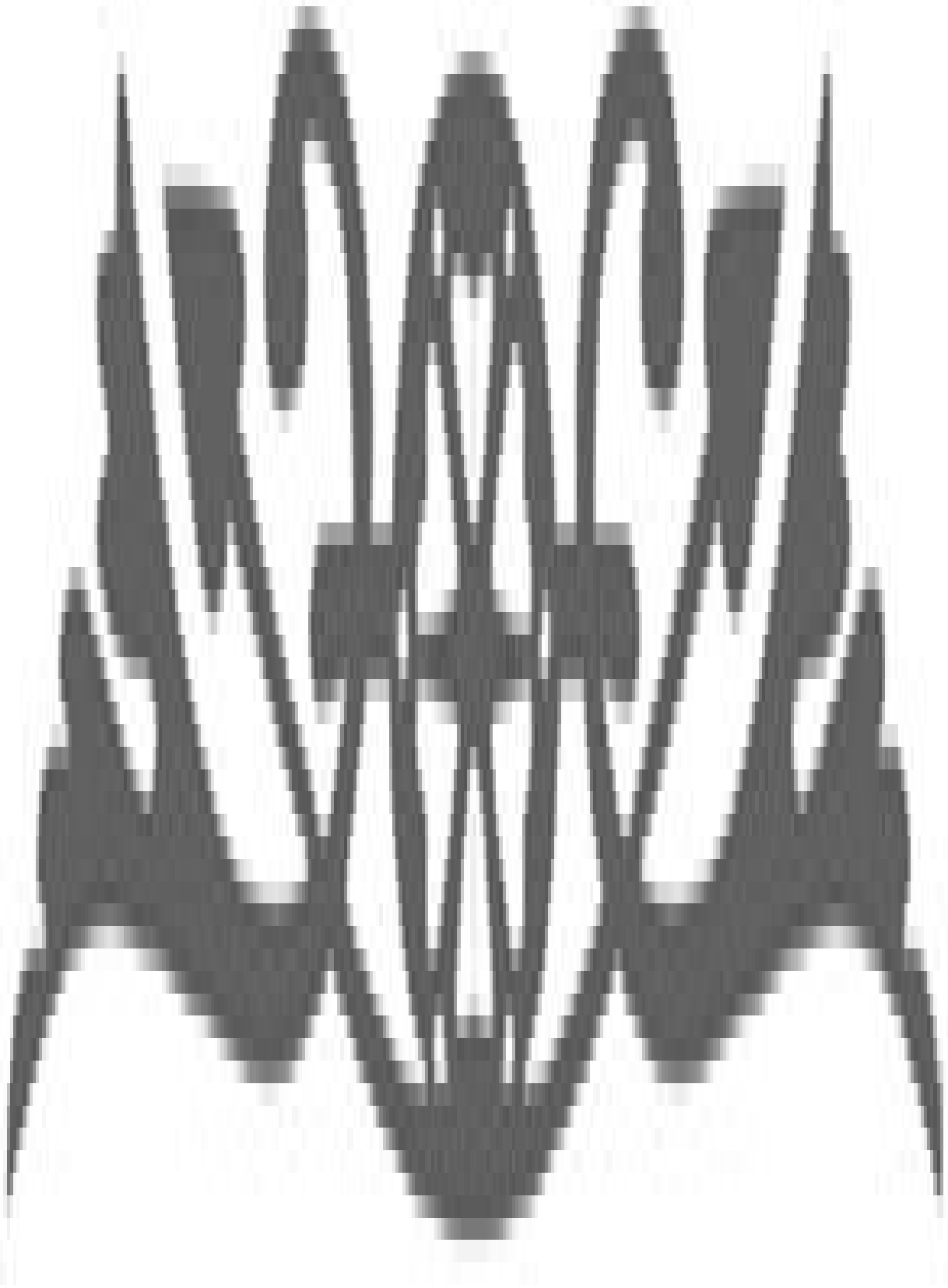
9 Michael S. Horton, The Law of Perfect Freedom (Chicago: Moody, 1993), p. 134.

10 Sócrates, citado em Fran Sciacca, Generation at Risk, edição revisada (Chicago: Moody, 1991), p. 25.

54

O sexto mandamento: viva e deixe viver

Êxodo 20.13



Aparentemente, alguns norte-americanos consideram os Dez Mandamentos perigosos. Coloque-os na parede – no trabalho, na sala de aula ou no tribunal – e alguém tentará obrigá-lo a tirá-los dali. Daí a caricatura recente que mostra dois administradores de escolas públicas observando como a fila de alunos passa pelo detector de metais. “É o equipamento de segurança escolar mais moderno”, um deles explica. “Aquela luz e a sirene são acionadas se um aluno tenta entrar com uma arma, faca, bomba ou com uma cópia dos Dez Mandamentos!”1

Quais são os mandamentos que causam essa controvérsia? Quase todos. As pessoas objetam fortemente ao primeiro mandamento, que proíbe outros deuses. Não reconhecem a necessidade do quarto mandamento, que exige um dia de descanso semanal. Gostam de se entregar a um pequeno pecado sexual de vez em quando, por isso, não se importam com o sétimo mandamento.

O único mandamento que todos ainda parecem aceitar é o número seis. Ninguém aprova homicídio. É tão contrário à lei da natureza que cada cultura o proíbe de alguma forma. Até mesmo na América do Norte o homicídio continua sendo tratado como ato criminoso. No entanto, quando estudamos o sexto mandamento com cuidado e entendemos todas as suas implicações, descobrimos que nenhum mandamento é violado de maneira mais descarada ou brutal.

Homicídio legítimo e ilegítimo

O sexto mandamento é um dos mais curtos. No original, consiste de duas palavras: l" r~Tz~ch, ou “não matarás”. Mas que tipo de homicídio a Bíblia tem em mente? A língua hebraica tem, pelo menos, oito palavras diferentes para matar, e a palavra usada aqui foi escolhida com cuidado. A palavra r~Tz~ch nunca é usada no sistema jurídico ou militar. Existem outras palavras hebraicas para a execução de uma pena de morte ou para o tipo de morte que o soldado causa em combate mortal. A palavra r~Tz~ch também nunca é usada para caçar ou abater animais. Portanto, a versão Almeida Revista e Atualizada, que diz “não matarás” (20.13), é um tanto imprecisa. O que o mandamento proíbe não é propriamente matar, mas o homicídio ilegítimo.

A English Standard Version já se aproxima mais da verdade quando diz: “Não

assassinarás". Assassinato é o que o sexto mandamento principalmente tem em mente: o assassinato premeditado de uma vida inocente, o assassinato deliberado de um inimigo pessoal. No entanto, até mesmo "assassinar" é um tanto impreciso, porque r~Tz~ch pode ser usado para qualquer forma de morte injusta. É usado para homicídio voluntário, um crime passional. É usado também para homicídio involuntário. Algumas mortes acidentais, mesmo que não intencionais, são, mesmo assim, culposas, razão pela qual a lei de Deus inclui sanções legais para uma pessoa que "matasse, involuntariamente, o seu próximo, a quem, dantes, não tivesse ódio algum" (Dt 4.42).

Resumindo: o que o sexto mandamento proíbe é matar injustamente uma vida legalmente inocente. Aplica-se ao "assassinato a sangue-frio, homicídio em fúria passional e ao homicídio decorrente de negligência ou descuido".2 Talvez a melhor tradução seja: "Não matarás ilegitimamente".

O povo de Deus sempre tem reconhecido que existem algumas situações em que tirar uma vida é não só permitido, mas até mesmo justificado. Uma dessas situações é a autodefesa, a proteção da própria pessoa e da própria família diante de um ataque violento. Em extensão do princípio, podemos matar também em defesa da nossa nação. Como explica Stephen Carter: "Guerras são terríveis e devem ser travadas raramente, e apenas para evitar horrores maiores".3 Essa visão, porém, tem sido questionada em medida crescente. Após os terríveis ataques ao World Trade Center, na cidade de Nova York, algumas pessoas disseram: "Se matarmos em reação a essa grande tragédia, não seremos melhores do que os terroristas que lançaram essa terrível ofensiva. Matar é matar, e matar é errado".4 Essa não é a posição bíblica. A Bíblia ensina que não é ilegítimo matar inimigos em tempos de guerra, contanto que a guerra seja justa. Evidentemente, a justiça de uma guerra precisa ser ponderada com cuidado, especialmente por nações fortemente armadas como os Estados Unidos. Durante muito tempo, os cristãos têm acreditado que uma guerra é justa apenas se for travada por um governo legítimo, por uma causa digna, com uma força proporcional ao ataque, contra homens que são soldados, não contra civis.

Outra situação em que matar é legítimo é a execução de uma pena de morte. Sempre é errado executarmos a justiça com as próprias mãos. Se quisermos praticar justiça, o acusador não pode servir como juri, juiz e carrasco. Foi isso que Moisés fez quando matou o capataz egípcio (veja 2.11-15), e foi errado. No entanto, a Bíblia faz uma distinção entre indivíduos e Estado. A pena de morte – quando aplicada justamente pelas autoridades governantes – é uma forma

legítima de matar. Um oficial público “matar um ofensor não é assassinato, é justiça”.5 Isso é ensinado não só no Antigo Testamento, mas também no Novo. Paulo disse aos romanos, que se encontravam sob a autoridade imperial, que “não é sem motivo que [o governo] traz a espada”, pois aquele que governa “é ministro de Deus, vingador, para castigar o que pratica o mal” (Rm 13.4b). Apesar de ser sempre errado vingarmos a nós mesmos (veja Rm 12.19), o governo recebeu de Deus a responsabilidade da vingança.

Esses exemplos mostram que nem sempre matar é moralmente errado. Mas por que Deus permite algumas formas de matar? O que as torna legítimas? A resposta é que seu objetivo não é a destruição, mas a preservação da vida. Isso é, obviamente, verdadeiro no caso da autodefesa. Às vezes, é necessário tirar uma vida a fim de salvar uma vida. No caso de uma guerra justa, o mesmo princípio se aplica em escala maior. O propósito de um exército não é matar pessoas, mas garantir a segurança do povo de um país.

O mesmo princípio de preservação de vida se aplica até mesmo à pena de morte. A execução de um assassino o impede de matar de novo e desencoraja outros criminosos potenciais de fazerem o mesmo. Sua execução também é uma questão de justiça. A Bíblia diz: “Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu; porque Deus fez o homem segundo a sua imagem” (Gn 9.6). Esta é a lógica bíblica por trás da pena de morte. É exatamente porque a vida é tão preciosa que alguém que a tira ilegitimamente precisa ser morto. O que torna a vida tão preciosa é que cada ser humano é feito à imagem de Deus. Deus colocou esse selo em cada um de nós como um grande artista assina uma obra de arte. Portanto, tirar uma vida significa destruir uma das obras primas de Deus. Calvino escreveu: “Nosso próximo é portador da imagem de Deus: usá-lo, abusá-lo ou aproveitar-se dele significa violentar a pessoa de Deus que se retrata em cada alma humana”.6

O sexto mandamento preserva a santidade da vida humana. Preserva também a soberania de Deus sobre a vida e a morte. Jesus Cristo é o Senhor da vida. Ele é seu autor e inventor, seu senhor e sustentador. Já que ele é o doador da vida, é também prerrogativa sua tirá-la na hora por ele determinada da maneira por ele determinada. A soberania de Deus sempre está em jogo em questões de vida e morte. Sim, Deus delegou sua autoridade de modo que, em algumas situações, é legítimo uma pessoa tirar a vida de outra pessoa. Mas isso só pode ser feito de acordo com a vontade de Deus. Tirar uma vida de forma ilegítima significa violar a soberania de Deus sobre a vida e a morte.

Significa também privar Deus de sua glória. Deus nos deu o sopro da vida para que pudéssemos viver para o seu louvor. O salmista escreveu: “Não morrerei; antes, viverei e contarei as obras do Senhor” (Sl 118.17). A vida não é dada como fim em si mesmo, mas para a glória de Deus, e, por isso, não pode ser tirada de forma ilegítima. Um teólogo observou: “Uma pessoa não pode ser morta por esta razão: por ser, de fato ou potencialmente, alguém que declara o louvor a Deus, logo, qualquer um que mata outra pessoa rouba de Deus”.7

A não santidade da vida

O sexto mandamento tem implicações importantes para a sociedade contemporânea. Gostamos de pensar que a América do Norte é um país civilizado, mas vivemos em tempos furiosos e violentos, em que assassinato em todas as suas formas é muito comum. Existe um desrespeito tão cruel à vida que muitas pessoas dizem que estamos vivendo naquilo que o papa João Paulo II chamou corretamente uma “cultura da morte”. Há morte na cidade. Em lugares como a Filadélfia ocorre um tiroteio a quase cada dia do ano. Centenas de pessoas morrem. Há morte na escola. Houve uma onda de massacres desde Kentucky até Columbine, e os professores precisam estar atentos a alunos armados. Pais de times infantis querem matar o árbitro e, às vezes, chegam a fazê-lo. Há morte na autoestrada, onde motoristas se enfurecem ou dirigem alcoolizados ou drogados. Há violência até mesmo em casa, onde pais violam sua confiança sagrada quando batem com raiva.

De onde vem toda essa violência? De corações maus que se afastaram de Deus. Mas a propagação rápida de brutalidade na América do Norte tem sido acelerada pela violência nas mídias, em que toda uma indústria promove a violação do sexto mandamento. Segundo a American Psychological Association, quando uma criança mediana termina o ensino fundamental, ela já terá assistido a 8.000 assassinatos televisionados e a 100.000 atos de violência na tela. E as coisas estão piorando. A New York Times comenta: “Se você tem a impressão de que hoje em dia os filmes são mais sangrentos e mais violentos do que no passado e que o número de mortos está disparando, você está absolutamente certo. A inflação atingiu o filme de ação e aventura com um grande esguicho pegajoso”.8

E outra coisa também está acontecendo. Os filmes não estão apenas ficando mais violentos – estão também tratando a violência como forma de entretenimento

cômico. O crítico de filmes Michael Medved escreve:

A tendência atual está tornando a desordem objeto de risada. Na medida em que a mutilação e o desmembramento na tela se tornam cada vez mais grotescos e terríveis, os produtores de filmes riem da dor de seus personagens, introduzindo um humor sádico como elemento indispensável do entretenimento. [...] É a própria violência que pretende ser cômica, e isso deixa o público às gargalhadas. [...] O pesadelo da mistura de comédia e chacina demonstra de forma mais clara do que qualquer outra coisa que a brutalidade nos filmes de hoje é diferente em tipo, e não só extensão, da violência cinematográfica do passado.9

O que preocupa nisso é que afeta a forma como as pessoas vivem. Em 1998, o American College of Forensic Psychiatry realizou uma análise abrangente de estudos científicos sobre a relação entre violência na tela e violência na vida real. Entre 1.000 estudos, mais de 980 estabeleceram um vínculo definitivo entre a violência na tela e a violência na vida real.10 Segundo as estimativas mais otimistas, a violência midiática dobrou a taxa de homicídios na América do Norte. David Grossman não se mostra surpreso. Psicólogo militar aposentado, o Tenente Coronel Grossman é especialista em ensinar as pessoas a superarem sua relutância natural de matar. Ele ficou chocado ao perceber que crianças que assistem TV e jogam jogos de vídeo game violentos estão sujeitas aos mesmos métodos – o condicionamento e a dessensibilização – que o exército usa para treinar soldados. Estamos ensinando aos nossos filhos como matar, e não deveríamos nos surpreender se eles realmente o fizerem.11

Nem todas as formas de matar são violentas. Às vezes, a morte usa uma prancheta e veste um jaleco. Num livro recente chamado Culture of Death, Wesley J. Smith argumenta que “um grupo pequeno, mas influente de filósofos e políticos da área de saúde” procura ativamente convencer a nossa cultura que “matar é benéfico, suicídio é racional, a morte natural é indigna e cuidar adequadamente e com compaixão de pessoas idosas, bebês prematuros, deficientes, necessitados ou moribundos é um fardo que desperdiça recursos emocionais e financeiros”.12 Esse tipo de pensamento é um ataque direto à visão bíblica do ser humano. Muitas vezes, o ataque é intencional. Nas palavras de um professor de medicina:

Não podemos mais fundamentar a nossa ética na ideia de que os seres humanos são uma forma especial da criação feita à imagem de Deus, separada dentre todos os outros animais e a única a possuir uma alma imortal. Uma vez que nos livramos dessa asneira, talvez continuemos a ver membros normais da nossa espécie como portadores de capacidades maiores de racionalidade, autoconsciência, comunicação, etc. do que membros de outras espécies, mas não consideraremos mais sacrossanta a vida de cada membro individual da nossa espécie.13

Esse tipo de retórica convenceu muitos norte-americanos de que algumas vidas valem menos do que outras, de que, na verdade, algumas vidas não merecem viver. O resultado é que aborto, infanticídio, eutanásia e suicídio assistido estão se tornando cada vez mais comuns. Em alguns casos, recebem proteção legal, mas todos eles são formas de assassinato – violações do sexto mandamento.

Os cristãos sempre têm acreditado que uma criança não nascida é uma pessoa feita à semelhança de Deus. Para citar apenas um exemplo, Calvino insistiu que "o foetus, mesmo que preso no ventre de sua mãe, já é um ser humano, e é um crime quase monstruoso roubar-lhe a vida que ele ainda nem começou a desfrutar".14 Isso é o que os cristãos sempre têm acreditado, porque é o que a Bíblia ensina. "Pois tu formaste o meu interior", escreveu o salmista, "tu me teceste no seio de minha mãe [...] os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra. Os teus olhos me viram a substância ainda informe" (Sl 139.13,15-16a). Uma criança no ventre é um ser humano vivo que tem um relacionamento com Deus e com sua mãe. Por isso, matar essa criança é um mal tão grande quanto aquele que Faraó cometeu quando tentou afogar os bebês meninos de Israel no Nilo.

O que vale para a criança não nascida vale para todos os filhos de Deus. Os jovens e impotentes, os idosos e os enfermos, os doentes e deficientes – todos nós fomos feitos à imagem e semelhança de Deus. Cada vida é preciosa aos seus olhos. Nenhuma pode ser descartada; cada uma precisa ser preservada.

Isso significa que nós, como cristãos, temos a obrigação de nos opor à eutanásia. Apenas Deus é Senhor da vida, e apenas ele tem o direito de determinar quando

está na hora de alguém morrer. A dificuldade é que agora temos a capacidade médica de manter um corpo funcionando para muito além dessa hora. Isso levanta um número de questões muito maior do que podemos abordar aqui. Resumindo, apesar de termos a obrigação de fornecer a nutrição básica, nem sempre temos a obrigação de fornecer medidas extraordinárias, como respiração artificial. Existe uma distinção moral legítima entre matar e permitir que uma pessoa em estado terminal morra. Em outras palavras, existe uma diferença entre encerrar uma vida – coisa que jamais é permitida – e encerrar um tratamento – o que pode ser uma maneira de devolver a vida (e, portanto, também a morte) a Deus. Mas isso exige vigilância constante, pois muitas pessoas (incluindo muitos profissionais da área de saúde) não conhecem a diferença e, assim, ultrapassam muitas vezes a linha que jamais deve ser ultrapassada.

Também temos a obrigação de nos opor ao suicídio. Deus não nos deu o direito de nos matar. Cometer suicídio significa reivindicar o senhorio sobre a nossa vida. Suicídio assistido por um médico, em que o médico se torna cúmplice do suicídio de seu paciente, é especialmente perigoso. Esse tipo de eutanásia voluntária é errado, mas existe aqui outro perigo: quase sempre, a eutanásia voluntária se torna involuntária. Essa tem sido a experiência na Holanda, onde milhares de pacientes são mortos todos os anos. O que é especialmente assustador é que a maioria dos pedidos para esses homicídios chamados misericordiosos não vem dos pacientes, mas de suas famílias, que, francamente, estão tentando se livrar deles.

Esses são apenas alguns dos muitos sinais de que estamos vivendo numa cultura de morte. As pessoas também cometem assassinato por pura imprudência. Basta pensar nas inúmeras mortes que resultam todos os anos do abuso de drogas e álcool e de outras condutas irresponsáveis e arriscadas. A “regra dos dois lados” nos ensina a procurar o lado positivo de cada mandamento (veja o capítulo 48). Quando se trata do sexto mandamento, isso significa que temos uma obrigação de preservar nossa própria vida e a vida do nosso próximo. Tragicamente, quando isso deixa de ser uma preocupação nossa, os resultados são mortais.

Não somos os únicos que vivem numa cultura de morte. Tamanho é o ódio do coração humano que pessoas estão se matando no mundo inteiro. Existe violência étnica na Europa, tentativa de genocídio na África, guerra religiosa no Oriente Médio. Os comunistas perseguem os cristãos na China, e existe uma ameaça de terror sempre que o Islã militante confronta o Ocidente. Mesmo se não enfrentarmos esses terrores pessoalmente, o sexto mandamento exige uma

perspectiva global. João Calvino disse corretamente: “O propósito deste mandamento é: o Senhor uniu a humanidade por meio de certa unidade; portanto, cada homem deve se preocupar com a segurança de todos”.15

O samaritano pró-vida

Muitas histórias bíblicas ilustram o sexto mandamento. A mais óbvia talvez seja a história de Caim e Abel – o primeiro assassino e sua vítima. Existe também a história de Lameque, que apresentou o primeiro gangsta rap original:

Ada e Zilá, ouvi-me;

vós, mulheres de Lameque, escutai o que passo a dizer-vos:

Matei um homem porque ele me feriu;

e um rapaz porque me pisou.

Sete vezes se tomará vingança de Caim,

de Lameque, porém, setenta vezes sete. (Gn 4.23-24)

E esses exemplos provêm apenas dos primeiros capítulos de Gênesis. O restante da Bíblia contém tantos atos de violência que chega a ser difícil escolher.

Uma história, porém, nos afeta mais do que quase qualquer outra. É uma história que Jesus contou sobre um homem que foi assaltado e sobre o que aconteceu com ele em seguida. Ela começa assim: “Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e veio a cair em mãos de salteadores, os quais, depois de tudo lhe roubarem e lhe causarem muitos ferimentos, retiraram-se, deixando-o semimorto” (Lc 10.30). Foi um crime terrível, e se houvesse qualquer justiça no mundo, os homens que o cometeram seriam punidos por violar o sexto mandamento. Não mataram o homem, mas só por pouco, e Deus proíbe qualquer forma de violência ilegítima.

Mas os bandidos não foram os únicos que violaram o sexto mandamento naquele dia. Havia dois cidadãos finos e honrados que também violaram a lei – não matando com suas próprias mãos, mas deixando o homem para morrer. Jesus continuou: “Casualmente, descia um sacerdote por aquele mesmo caminho e, vendo-o, passou de largo. Semelhantemente, um levita descia por aquele lugar e, vendo-o, também passou de largo” (v. 31-32).

Como muitas outras histórias que Jesus contou, esta também pretendia chocar e ofender. O sacerdote e o levita eram líderes religiosos respeitados. Imagine-os como pastores, presbíteros ou diáconos. Ambos viram que o homem passava por necessidades, mas nenhum dos dois fez qualquer coisa para ajudá-lo. Não é difícil imaginar o porquê. Talvez estivessem atrasados para o culto. Talvez imaginassem que já estava morto. Talvez simplesmente não quisessem se envolver. Qualquer que tenha sido a razão, ambos tomaram uma decisão consciente de não salvar o homem moribundo. O sacerdote e o levita viram que ele precisava de ajuda, mas ambos tomaram a decisão consciente de evitá-lo. Olharam para o outro lado, fazendo de conta que não haviam percebido, e passaram para o outro lado da estrada. Era um ato chocante para homens em sua posição. De certa forma, a pior coisa que aconteceu à vítima naquele dia não foi o assalto, mas sua rejeição por seus líderes espirituais, que estavam ocupados demais para salvar sua vida.

O que essa história mostra é que, às vezes, já basta não fazermos nada para violar o sexto mandamento. Martinho Lutero disse:

Este mandamento é violado não só quando uma pessoa de fato pratica o mal, mas também quando ela deixa de fazer o bem ao seu próximo ou, apesar de ter a oportunidade, não impede, não protege e não o salva de sofrer danos ou ferimentos físicos. Se você manda embora uma pessoa nua quando você poderia vesti-la, você permite que ela morra de frio. Se você vê alguém passando fome e não o alimenta, você permite que ele morra de fome. Semelhantemente, se você vê alguém condenado à morte ou em perigo semelhante e não o salva, apesar de conhecer maneiras e recursos para fazê-lo, você o matou. Não lhe trará nenhum bem alegar que você nada fez para contribuir para a sua morte por meio de palavras e atos, pois você o privou de seu amor e lhe roubou o serviço por meio do qual sua vida poderia ter sido salva.16

Estas são palavras sóbrias para cristãos que vivem numa cultura de morte. Violência midiática, homicídio, estupro, aborto, eutanásia, suicídio assistido, guerra, terrorismo – os males são tantos que é grande a tentação de cruzar os braços. Mas precisamos fazer pelo menos o que podemos fazer. Podemos ensinar aos nossos filhos como resolver um conflito sem recorrer à violência. Podemos orar por paz nas regiões atribuladas do mundo. Podemos interceder em nome dos que ainda não nasceram, dos deficientes e dos idosos. Podemos ajudar a salvar crianças por meio da adoção. Podemos cuidar dos enfermos e moribundos. Podemos enviar auxílio aos que estão oprimidos. Podemos trabalhar para fazer leis que trazem justiça e promovem a vida.

Esse é o lado positivo de observar o sexto mandamento. Ao mesmo tempo, Deus nos proíbe de tirar uma vida injustamente e nos ordena a protegê-la com cuidado. Somos chamados para proteger a vida, uma vida por vez. Em outras palavras, somos chamados para sermos como o herói da história de Jesus, o bom samaritano. E é assim que a história termina:

Certo samaritano, que seguia o seu caminho, passou-lhe perto e, vendo-o, compadeceu-se dele. E, chegando-se, pensou-lhe os ferimentos, aplicando-lhes óleo e vinho; e, colocando-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e tratou dele. No dia seguinte, tirou dois denários e os entregou ao hospedeiro, dizendo: Cuida deste homem, e, se alguma coisa gastares a mais, eu to indenizarei quando voltar. (Lc 10.33-35)

Observar o sexto mandamento envolve mais do que não assaltar pessoas. O samaritano parou para ver do que o homem precisava e, quando reconheceu sua necessidade, encheu-se de compaixão. Em vez de reprimir suas emoções, ele abriu seu coração e permitiu que fosse tocado pelo sofrimento de outra pessoa. Ele se envolveu, apesar da sujeira e confusão. Ele investiu seu tempo e dinheiro valioso para fornecer o que era necessário. E ele foi até o fim, garantindo que a vítima fosse plenamente restaurada. Mas o mais notável é que ele fez tudo isso por alguém que não fazia parte de seu grupo étnico. Naqueles dias, os judeus não se misturavam com os samaritanos, mas, em vez de ceder a esse tipo de ódio

étnico, o bom samaritano tratou seu inimigo da mesma forma como trataria um amigo.

Jesus contou a história do samaritano pró-vida a um homem que queria saber quem deveria ser considerado seu próximo. O homem sabia que devia amar seu próximo, mas isso parecia terrivelmente indefinido. Poderia incluir qualquer um! Esperando encontrar alguma maneira de restringir suas obrigações, ele perguntou a Jesus: “Quem é o meu próximo?” (v. 29). Jesus respondeu contando essa história sobre o homem que foi assaltado na estrada para Jericó. Quando terminou, Jesus perguntou: “Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores?” (v. 36). A resposta era óbvia. O homem que interrogava Jesus respondeu: “O que usou de misericórdia para com ele”. Então, aproveitando a oportunidade para transmitir sua mensagem, Jesus disse: “Vai e procede tu de igual modo” (v. 37).

Jesus nos diz a mesma coisa. Observar o sexto mandamento significa mais do que não matar alguém. Significa amar nosso próximo. Significa demonstrar bondade aos estranhos e misericórdia aos nossos inimigos. O Catecismo de Heidelberg expressa bem: “Mas é suficiente não matar nosso próximo?” A resposta é: “Não, porque Deus, condenando a inveja, o ódio e a ira, manda que amemos nosso próximo como a nós mesmos e mostremos paciência, paz, mansidão, misericórdia e gentileza para com ele. Devemos evitar seu prejuízo, tanto quanto possível, e fazer bem até aos nossos inimigos” (resposta à pergunta 107).

Assassinato do coração

Como o restante da lei de Deus, é muito mais difícil observar o sexto mandamento do que parece à primeira vista. A maioria das pessoas não se vê como assassino. Às vezes, até mesmo assassinos não se veem assim. Em 1931, um indivíduo chamado Two-Gun Crowley era um dos “mais procurados da América”. Two-Gun foi acusado de uma série de homicídios brutais, inclusive o assassinato de um policial. Naquela primavera, ele finalmente foi capturado após um tiroteio intenso no apartamento de sua namorada. Quando a polícia o revistou, encontrou um bilhete manchado de sangue que dizia: “Sob o meu manto encontra-se um coração cansado, mas delicado, que jamais faria mal nenhum.”17

Two-Gun estava errado. Seu coração era indelicado; ele queria fazer mal a alguém. Mas todos nós somos culpados do mesmo tipo de autoengano. Gostamos de acreditar que o sexto mandamento é um dos poucos que realmente observamos. Afinal de contas, não matamos ninguém até agora! Mas Jesus disse: "Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal" (Mt 5.21-22).

Aqui precisamos nos lembrar de uma das nossas regras para interpretar os Dez Mandamentos. Segundo a regra do "dentro/fora" (veja o capítulo 48), cada mandamento abarca posturas interiores e atos externos. O Catecismo de Heidelberg o explica assim: "Eu não devo desonrar, odiar, ofender ou matar meu próximo, por mim mesmo ou através de outros. Isto não posso fazer, nem por pensamentos, palavras, ou gestos e muito menos por atos" (resposta à pergunta 105). Assim, em vez de ser um dos mandamentos mais fáceis, "Não matarás" é, na verdade, um dos mais difíceis, pois, mesmo se não matarmos outra pessoa com nossas ações, muitas vezes desonramos uns aos outros com nossas palavras e em nossos pensamentos.

Como é fácil cometer o que Calvino chamou de "assassinato do coração"!18 Segundo esse padrão, é tão errado odiar aqueles que realizam abortos quanto de fato realizá-los. Para citar mais uma vez o Catecismo de Heidelberg: "Não, proibindo o homicídio, Deus nos ensina que ele detesta a raiz do homicídio, a saber: a inveja, o ódio, a ira e o desejo de vingança. Ele considera tudo isso homicídio" (resposta à pergunta 106). Estes são tipos de homicídio que todos nós já cometemos. Inveja, no sentido bíblico, não é simplesmente o desejo de ter o que outra pessoa tem, mas tirá-lo dela de modo que ela seja prejudicada ao longo do processo. Ódio é um ressentimento arraigado, um rancor permanente e vingativo, o desejo de dar o troco. É, no fundo, uma maneira de desejar que o outro estivesse morto, pois, como diz a Bíblia, "todo aquele que odeia a seu irmão é assassino" (1Jo 3.15; cf. Lv 19.17). Ira é uma paixão mais repentina e violenta. Às vezes, dizemos: "Se olhares matassem..." O que Jesus estava tentando dizer é que, às vezes, eles podem matar. Quase sempre há algum aspecto assassino em nossa ira. Existe um lugar para a ira justa, é claro, mas não somos muito justos e, normalmente, a nossa injustiça se manifesta em nossa ira.

Também violamos o sexto mandamento com nossas palavras. Jesus disse: "[...] a boca fala do que está cheio o coração" (Mt 12.34b). Isso significa que, quando

usamos palavras raivosas – quando menosprezamos pessoas, quando fofocamos sobre sua reputação, quando fazemos observações racistas ou sexistas – revelamos que o assassinato está em nosso coração. Segundo Provérbios, “tagarelice é como pontas de espada” (12.18), que é outra maneira de dizer que nossas palavras podem ser usadas como armas mortais. O que dizemos pode ser mortal em casa, no trabalho e na igreja.

Você é um assassino? Você diz coisas que machucam? Alguma vez você já se alegrou secretamente com a desgraça de outra pessoa? Você tem um inimigo – uma pessoa da qual tenta se vingar? Você quer fazer com que alguém pague por aquilo que fez? Alguma vez você fica com tanta raiva a ponto de perder o controle? Existem muitas maneiras de violar o sexto mandamento, e todos nós somos culpados de algumas delas – ou de todas.

Isso é um problema real, pois a Bíblia exclui os assassinos explicitamente do reino de Deus. Quando o livro de Apocalipse cita os tipos de pecadores que são lançados “no lago que arde com fogo e enxofre” (Ap 21.8), os assassinos são mencionados especificamente. Em outro texto, a Bíblia diz que aqueles que são culpados de “inimizades, porfias, [...] iras, [...] invejas, [...] não herdarão o reino de Deus” (Gl 5.20-21). Portanto, se cometermos assassinato – mesmo que apenas em nosso coração – merecemos ir para o inferno. Se não houver maneira de um assassino ser salvo, não há maneira de qualquer pessoa ser salva. Todos nós precisamos de um Salvador.

É bom que Jesus tenha cumprido a lei de Deus, inclusive a lei que diz: “Não matarás ilegitimamente”. A Bíblia diz que Jesus foi “oprimido e humilhado [...] posto que nunca fez injustiça” (Is 53.7a,9). Diz também que “como cordeiro foi levado ao matadouro [...] ele não abriu a boca” (Is 53.7b). Em outras palavras, Jesus era pacífico mesmo quando era provocado e, dessa forma, ele ofereceu a perfeita obediência ao sexto mandamento.

É bom, também, que, quando Jesus morreu na cruz, ele morreu tanto pelos assassinos quanto por outra pessoa. Sabemos disso porque ele ofereceu perdão às pessoas que o mataram (Lc 23.34). Depois, quando Jesus já havia subido ao céu, o apóstolo Pedro pregou em Jerusalém às mesmas pessoas que haviam exigido a crucificação de Cristo. Ele basicamente as acusou de assassinato, de terem matado aquele que veio para ser seu Salvador. Quando se deram conta daquilo que haviam feito, elas queriam saber desesperadamente o que podiam fazer em relação a isso. Pedro disse: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em

nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados" (At 2.38a). Havia uma maneira de perdoar seu pecado assassino. A mesma morte que elas haviam exigido – a morte de Cristo na cruz – era a morte que expiava seu pecado.

Se você é o tipo de pessoa que viola o sexto mandamento, existe esperança para você na cruz de Cristo. Se você tende a se irritar, se existe alguém contra quem você guarda rancor secretamente, se existir assassinato em seu coração – ou se você cometeu algum outro tipo de assassinato em pensamento, palavra ou ato (incluindo aborto, infanticídio ou eutanásia) –, arrependa-se e creia em Jesus Cristo para o perdão de seus pecados. Salve uma vida (a sua!) confiando nele.

Notas

1 Dick Wright, Christianity Today (11 de março de 2002), p. 15.

2 Joachim Duma, The Ten Commandments: Manual for the Christian Life, Nelson D. Kloosterman (trad.) (Phillipsburg, NJ: P&R, 1996), p. 216.

3 Stephen L. Carter, God's Name in Vain: The Wrongs and Rights of Religion and Politics (Nova York: Basic, 2000), p. 126.

4 Christianity Today (4 de fevereiro de 2002), p. 80.

5 Thomas Watson, The Ten Commandments (1890; reimpressão. Edimburgo: Banner of Truth, 1965), p. 141.

6 João Calvino, citado em Michael S. Horton, The Law of Perfect Freedom (Chicago: Moody, 1993), p. 175.

7 J. L. Koole, De Tien Geboden, citado em Duma, The Ten Commandments: Manual for the Christian Life, p. 213.

8 Vincent Canby, New York Times, citado em Michael Medved, Hollywood vs. America (Nova York: HarperCollins, 1992), p. 187.

9 Medved, Hollywood vs. America, p. 188-90.

10 Veja Parents Television Council, Special Report: What a Difference a Decade Makes (30 de março de 2000).

11 David Grossman, “Trained to Kill”, Christianity Today (19 de agosto de 1998), p. 2-3.

12 Wesley J. Smith, Culture of Death: The Assault on Medical Ethics in America, resenha de Richard M. Doerflinger em First Things, nº 115 (agosto/setembro de 2001), p. 68-72 (p. 68).

13 Malcolm Potts, citado no sermão de W. Wilson Benton “Life Is for Living” (18 de abril de 1993).

14 João Calvino, Commentaries on the Four Last Books of Moses, Calvin’s Commentaries (Edimburgo; reimpressão. Grand Rapids: Baker, 1999), p. 41-42.

15 João Calvino, Institutes of the Christian Religion, Ford Lewis Battles (trad.), 2 vols., Library of Christian Classics, 20-21 (Filadélfia: Westminster, 1960), II.viii.39.

16 Martinho Lutero, Large Catechism, citado em Horton, The Law of Perfect Freedom, p. 157-58.

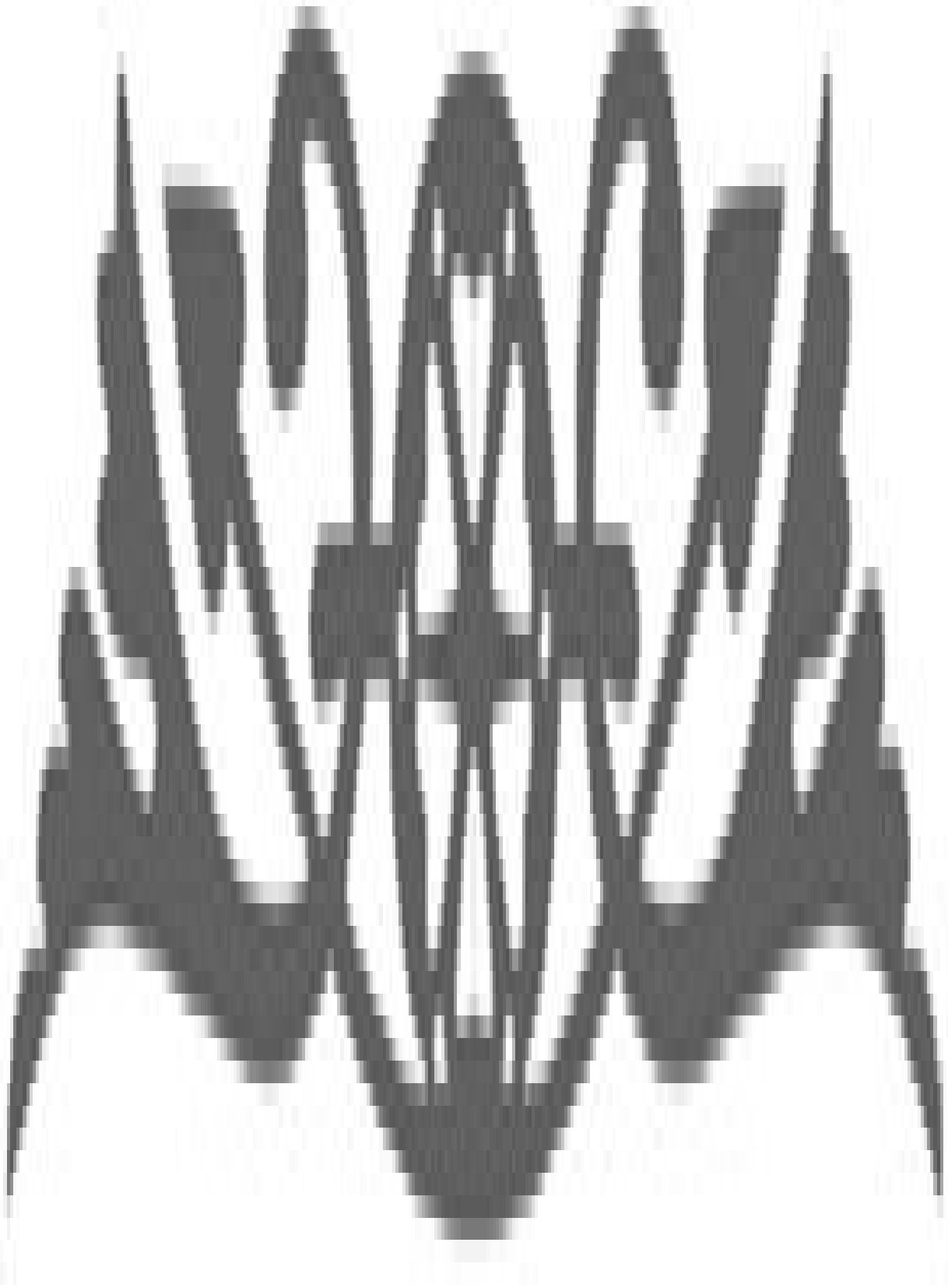
17 John MacArthur Jr., The MacArthur New Testament Commentary, Matthew 1–7 (Chicago: Moody, 1985), p. 293.

18 Calvino, Institutes, II.viii.39.

55

O sétimo mandamento: a alegria do sexo

Êxodo 20.14



Numa das experiências mais embaraçosas da minha adolescência, o nome do meu pai apareceu na capa da revista Christianity Today. Por que isso foi uma vergonha para mim? Porque o título de seu artigo de capa – impresso em letras brancas sobre um fundo preto – era “Os puritanos e o sexo”.

Apesar de ofender minhas sensibilidades de adolescente, o título do artigo tinha o tipo de franqueza que muitos puritanos teriam apreciado. Antes da Reforma, a igreja costumava ver o sexo – até mesmo dentro do casamento – como um mal necessário. Tertuliano considerava a extinção da raça humana como preferível à procriação. Ambrósio dizia que casais casados deveriam ter vergonha de sua sexualidade. Agostinho estava disposto a reconhecer que a relação sexual podia ser legítima, mas ensinou que a paixão sexual era sempre um pecado. Muitos padres aconselhavam casais a se absterem completamente do sexo. Aos poucos, a Igreja Católica começou a proibir o sexo em certos dias sagrados, de modo que, nos dias de Martinho Lutero, a lista já incluía 183 dias do ano.1

Graças a Deus pela Reforma, que começou a restaurar a sanidade sexual, celebrando o ato físico de fazer amor dentro do casamento. Segundo meu pai, “a doutrina sexual dos puritanos foi um divisor de águas na história cultural do Ocidente. Os puritanos desvalorizaram o celibato, glorificaram o casamento companheiro, afirmaram o sexo matrimonial como necessário e puro, estabeleceram o ideal do amor romântico conjugal e exaltaram o papel da mulher”.2 Em outras palavras, promoveram uma visão mais bíblica da sexualidade humana.

A dádiva do sexo

A visão bíblica do sexo começa reconhecendo nossa sexualidade como uma dádiva de Deus. Afinal de contas, a união física entre esposo e esposa foi uma ideia de Deus. Fazia parte da bondade de sua criação. Deus disse a Adão que ele deveria apegar-se à sua esposa para serem férteis e multiplicar-se (Gn 1.28a). E é pela inspiração do Espírito de Deus que a Bíblia inclui o seguinte dueto entre o amante e sua amada:

Beija-me com os beijos de tua boca;

porque melhor é o teu amor do que o vinho.

Leva-me após ti, apressemo-nos.

O rei me introduziu nas suas recâmaras. (Ct 1.2,4a)

Eis que és formosa, ó querida minha, eis que és formosa;

os teus olhos são como os das pombas.

Como és formoso, amado meu, como és amável!

O nosso leito é de viçosas folhas. (1.15-16)

Que belo é o teu amor, ó minha irmã, noiva minha!

Quanto melhor é o teu amor do que o vinho,

e o aroma dos teus unguentos do que toda sorte de especiarias!

Os teus lábios, noiva minha, destilam mel.

Mel e leite se acham debaixo da tua língua. (4.10-11a)

Eu dormia, mas o meu coração velava;

eis a voz do meu amado, que está batendo:

Abre-me, minha irmã, querida minha,

pomba minha, imaculada minha,

porque a minha cabeça está cheia de orvalho,

os meus cabelos, das gotas da noite.

Já despi a minha túnica,

hei de vesti-la outra vez?

Já lavei os pés,

tornarei a sujá-los?

O meu amado meteu a mão por uma fresta,

e o meu coração se comoveu por amor dele.

Levantei-me para abrir ao meu amado;

as minhas mãos destilavam mirra,

e os meus dedos mirra preciosa

sobre a maçaneta do ferrolho. (5.2-5)

Não é preciso muita imaginação para entender que tipo de intimidade sexual o Espírito Santo teve em mente. Mesmo jamais sendo pornográfica, a Palavra de Deus é desavergonhadamente erótica. Se isso for embaraçoso para alguns cristãos, isso se deve apenas ao fato de sermos mais castos do que Deus. A Bíblia celebra o ato sexual do amor – exclusivamente dentro do casamento (veja Pv 5.15-19) – como dádiva de Deus.

A visão tradicional da igreja católica em relação ao sexo era utilitarista. Relações sexuais serviam apenas para a procriação, para a propagação da raça humana. A visão bíblica é que o sexo não serve somente à procriação, mas também é relacional e até mesmo recreativo. O sexo serve para o amor, para o prazer e para a alegria. E foi a fim de proteger essa alegria que Deus nos deu o sétimo mandamento: “Não adulterarás” (20.14).

O eros profanado

O que significa cometer adultério? A resposta mais simples é que adultério é infidelidade conjugal. São as relações sexuais que rompem os laços de uma aliança conjugal. Assim, o propósito primário desse mandamento é proteger o casamento. Adultério é o maior pecado sexual porque viola a confiança entre marido e mulher. Rompe a aliança conjugal, uma promessa feita perante Deus. Por isso, o adultério causa mais danos do que outras formas de pecado sexual, como, por exemplo, sexo antes do casamento. A Bíblia confirma isso ao estabelecer uma pena tão severa para o adultério: “Se um homem adulterar com a mulher do seu próximo, será morto o adúltero e a adúltera” (Lv 20.10). Essa punição era justa? Douglas Wilson comenta: “Certamente, um adúltero merece a morte; um homem que é capaz de trair sua esposa é capaz de trair qualquer um e qualquer coisa. Adultério é traição contra a família, e Deus odeia isso”.3

No entanto, fazer sexo não é a única maneira de cometer adultério. Como vimos, os Dez Mandamentos costumam proibir a forma mais extrema de cada tipo de pecado, mas, por implicação, também proíbem todos os pecados menores que levam a ele. No caso do sétimo mandamento, tudo o que causa adultério é proibido. A maioria dos relacionamentos adúlteros não começa com sexo; começa com uma intimidade inapropriada. Assim, o sétimo mandamento proíbe que um homem casado flerte com uma mulher que não seja sua esposa, ou que um homem solteiro se aproxime de mais da esposa de outro homem. A fim de evitar a tentação, é preciso manter certa distância social. O mandamento também proíbe que uma mulher casada busque o apoio emocional de outro homem, seja no trabalho, na igreja ou num chat na internet. Em termos mais positivos, o sétimo mandamento exige que maridos e esposas nutram seu amor um pelo outro emocional, espiritual e também sexualmente.

Além do mais, cometer adultério não é a única maneira de violar o sétimo mandamento. Segundo a regra das categorias, cada mandamento se aplica a cada pecado do mesmo tipo. Assim, o sétimo mandamento proíbe qualquer forma de imoralidade sexual, ou aquilo que o Novo Testamento grego chama de porneia. “Não adulterarás” significa também, para usar a terminologia correta, “não fornicarás”. Fornicação é relação sexual num relacionamento fora do compromisso pactual do casamento. Refere-se mais especificamente ao sexo pré-conjugal, que é uma violação do sétimo mandamento.

Casais que estão namorando se perguntam muitas vezes até onde podem ir. A

Bíblia não diz onde é o limite. Certamente, qualquer forma de estimulação genital é proibida. Antes de um homem e uma mulher se casarem, eles não têm o direito de curtir as partes sexuais do corpo do outro. Mas o problema real é a pergunta em si. Em vez de se perguntar até onde podem ir sem serem punidos, os casais deveriam estar fazendo perguntas como: “Como posso proteger minha pureza sexual?” Ou: “Como posso preservar a alegria da pessoa que amo?” Como cristãos, somos chamados para a pureza não porque somos sexualmente reprimidos, mas porque não estamos dispostos a nos entregar a prazeres ilícitos que nos privam da alegria da relação sexual conjugal.

Que mais é proibido? A prostituição é proibida pela mesma razão que o adultério e a fornicação. Relações sexuais homossexuais são proibidas porque o padrão bíblico exige que o sexo seja compartilhado apenas entre marido e esposa. Igualmente proibida é a violência sexual, incluindo estupro, pedofilia, incesto ou qualquer forma de abuso sexual dentro do casamento. Em suma: o sétimo mandamento proíbe qualquer atividade sexual que viola a aliança do casamento. Ponto. Não existem exceções nem brechas.

Por que o adultério é proibido em todas as suas formas? Não porque o sexo seja algo ruim, mas porque ele foi criado para ser uma força poderosa para o bem. Sexo é como um superbonder. Quando usado corretamente, a relação sexual sela o laço do matrimônio. É a cola – o “cimento pactual”, como o pastor nova iorquino Tim Keller a chama – que ajuda a manter o casamento seguro. É por isso que maridos e esposas precisam ter relações sexuais. A Bíblia diz: “O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, semelhantemente, a esposa, ao seu marido. [...] Não vos priveis um ao outro” (1Co 7.3,5a; cf. Hb 13.4). Deus nos criou como seres sexuais para selar o amor entre um marido e uma esposa. Sua união sexual consolida sua comunhão espiritual total.

Sempre que as relações sexuais são separadas desse compromisso total, elas perdem seu propósito verdadeiro e sua maior alegria. Segundo C. S. Lewis,

A ideia cristã do casamento se baseia nas palavras de Cristo, segundo as quais um homem e uma mulher devem ser considerados um único organismo. [...] O macho e a fêmea foram feitos para serem combinados em pares não simplesmente num nível sexual, mas totalmente combinados. A monstruosidade das relações sexuais fora do casamento é que aqueles que se entregam a elas

estão tentando isolar um tipo de união (a sexual) de todos os outros tipos de união que deveriam acompanhá-lo e formar a união total. A postura cristã não significa que há algo de errado com o prazer sexual, mais do que com o prazer de comer. Significa que você não deve isolar esse prazer e tentar obtê-lo isoladamente, tampouco como deve tentar obter todos os prazeres do paladar sem engolir e digerir, mastigando coisas para então cuspi-las.4

Sempre que as pessoas tentam isolar o prazer do sexo, acabam prejudicando a si mesmas e a outros. Já que o sexo é como um superbonder, aplicá-lo na hora errada ou no lugar errado sempre resulta numa confusão terrível. As coisas erradas são unidas, e separá-las novamente desgasta a alma. É por isso que o adultério é proibido. É porque o sexo é uma força poderosa para o bem, mas apenas quando é usado para unir um homem e uma mulher para toda a vida.

Outra razão pela qual Deus proíbe o adultério é que existe uma conexão íntima entre a nossa sexualidade e a nossa espiritualidade. A união entre um marido e uma esposa deve exemplificar a relação exclusiva entre Deus e seu povo. Nossa sexualidade possui algo transcendente. Da mesma forma como maridos e esposas se entregam uns aos outros – sem quaisquer reservas –, Deus se entrega a nós e deseja que nos entreguemos a ele. No Antigo Testamento, Deus comparou seu relacionamento com seu povo muitas vezes com o romance entre marido e esposa. Quando seu povo era infiel – quando violava a aliança de amor com ele – era culpado de cometer adultério espiritual (p. ex., Jr 3.1-10; 5.7-11; Os 2; Ml 2.10-16).

O Novo Testamento aprofunda o mistério ao definir o casamento em termos de nosso relacionamento com Jesus Cristo. Paulo cita Gênesis: “Eis por que deixará o homem a seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne” (Ef 5.31). Então acrescenta este comentário: “Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja” (v. 32). Em outras palavras, a união entre marido e esposa exemplifica a união entre Cristo e sua igreja.

Isso tem implicações significativas para a nossa sexualidade. Para o cristão, cada ato de imoralidade sexual é um tipo de profanação espiritual. É uma ofensa contra Deus, o Filho. “[...] o corpo não é para a impureza”, Paulo disse aos coríntios, “mas, para o Senhor, e o Senhor, para o corpo. [...] Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo?” (1Co 6.13b,15a). Se isso é verdade – se

nossos corpos estão em Cristo e são para Cristo – então a imoralidade sexual é um pecado contra Deus, o Filho. Paulo continua: “E eu, porventura, tomaria os membros de Cristo e os faria membros de meretriz? Absolutamente, não. Ou não sabeis que o homem que se une à prostituta forma um só corpo com ela? Porque, como se diz, serão os dois uma só carne. Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele” (v. 15b-17). Quando um cristão faz sexo com alguém que não é seu cônjuge, ele viola a santidade de sua união com Cristo. Demonstramos nossa lealdade à aliança com Deus preservando nossa fidelidade sexual ao nosso cônjuge (ou futuro cônjuge).

O pecado sexual também desonra o Espírito Santo. Paulo continua, dizendo:

Fugi da impureza. Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo. Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo. (v. 18-20)

Nosso corpo foi comprado por Deus quando Cristo morreu na cruz. Agora, é habitado pelo Espírito de Deus. Isso significa que tudo o que fazemos com nosso corpo está diretamente relacionado à nossa comunhão com o Deus triúno. Além de prejudicar a nós mesmos e a outros, cometer adultério desonra o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

O pecado mortal da cobiça

A imoralidade sexual é comum na nossa cultura. As pessoas estão à procura de amor, mas estão se contentando com sexo. Basta pensar no sexo casual no campus das faculdades, na divulgação agressiva do homossexualismo como estilo de vida e em todo o material sexual na televisão. Levando em conta todos os encontros e insinuações, o norte-americano mediano vê material sexual mais de 10.000 vezes por ano.5 E, numa proporção de mais de 10 por 1, os encontros sexuais na televisão envolvem sexo fora do casamento. Como explicou um

produtor de TV, isso se deve ao fato de que “personagens casados ou castos não são tão divertidos”.6 Pense também na vasta indústria pornográfica: as locadoras de vídeo, os clubes noturnos, as linhas telefônicas e os canais a cabo. E pense também nas formas como o sexo costuma ser vendido – o erotismo da indústria de publicidade. Por fim, pense nas consequências pessoais de toda essa imoralidade sexual: divórcio, doenças e o abuso sexual de crianças.

É grande a tentação de pensar que nossa cultura hipersexualizada seja o problema, mas é claro que a imoralidade sexual é quase igualmente comum na igreja. Cristãos, inclusive pastores e outros líderes espirituais, emaranham-se em todos os mesmos tipos de pecado sexual. Num domingo qualquer, há pessoas sentadas na igreja que, na noite anterior, assistiram a um filme pornográfico ou tiveram sexo fora do casamento. Isso mostra que o problema não é a nossa cultura, por maiores que sejam suas tentações; o problema é nosso próprio coração pecaminoso.

Jesus disse: “Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela” (Mt 5.27-28; cf. 15.19). Quando Jesus falou essas palavras famosas, ele estava usando a regra “dentro/fora” para interpretar os Dez Mandamentos: a lei rege nossos pensamentos internos tanto quanto nossas ações externas. Abarca tanto os desejos do coração quanto os atos do corpo. Para o sétimo mandamento, isso significa que somos proibidos de cobiçar.

Cobiçar, neste contexto, significa olhar para uma mulher – ou um homem – e imaginar as possibilidades sexuais. Jesus instruiu seus discípulos a não olharem para uma mulher com intenção impura. Olhar não é o problema. O problema é olhar para alguém de maneira que gere excitação sexual. Sempre que olhamos para alguém dessa maneira, vendo uma pessoa como objeto para satisfazer nosso desejo, estamos cobiçando pecado. Esse pecado se concretiza quando o nosso desejo leva à gratificação sexual própria (i.e., masturbação), que é um ato de adoração própria.

Existem muitas outras maneiras de cometer adultério interior. Martinho Lutero disse: “Esse mandamento se aplica a cada forma de promiscuidade, independentemente de como seja chamada. Ele proíbe não só o ato externo, mas também todo tipo de causa, motivo e meio. Seu coração, seus lábios e todo o seu corpo devem ser castos e evitar qualquer ocasião, ajuda ou encorajamento para a promiscuidade”.7 O Breve Catecismo de Westminster afirma o assunto de modo

mais simples: “O sétimo mandamento exige a conservação da nossa própria castidade, e da do nosso próximo, no coração, nas palavras e nos costumes” (resposta à pergunta 71). Aplicando esse princípio, isso significa que violamos o sétimo mandamento lendo material sexual, como, por exemplo, a maioria dos romances. Nós o violamos quando nutrimos fantasias sobre relacionamentos que incluem intimidade sexual. Também o violamos pelo que dizemos, quando fazemos comentários sugestivos ou contamos piadas sujas. A Bíblia diz: “Mas a impudicícia [...] nem sequer se nomeiem entre vós, como convém a santos; nem conversação torpe, nem palavras vãs ou chocarrices, coisas essas inconvenientes” (Ef 5.3-4). Todos estes são modos de violar o sétimo mandamento no coração.

A maioria das pessoas tem uma tolerância maior em relação aos seus pecados internos do que em relação aos seus pecados externos. Preocupamo-nos menos com os pecados do nosso coração porque ninguém mais sabe deles (pelo menos é o que pensamos). Mas as nossas falhas internas são igualmente fatais. Isso vale para a luxúria, que a igreja medieval mencionava corretamente como um dos sete pecados capitais. Sem dúvida existem mais do que sete, mas, independentemente de quantos existam, a luxúria certamente pertence a essa lista!

A luxúria tem muitas consequências infelizes. É custosa. Custa ao homem seu dinheiro e, talvez, até a sua vida: “Não cobices no teu coração a sua formosura, nem te deixes prender com as suas olhadelas. Por uma prostituta o máximo que se paga é um pedaço de pão, mas a adúltera anda à caça de vida preciosa” (Pv 6.25-26). Ceder à luxúria é como brincar com fogo. Salomão perguntou: “Tomará alguém fogo no seio, sem que as suas vestes se incendeiem?” (Pv 6.27). A luxúria lança homens e mulheres em vergonha de desgraça (Pv 6.32-33). Mas o pior de tudo é que o pecado sexual nos põe sob a ira de Deus: “Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados [...] herdarão o reino de Deus” (1Co 6.9-10). “Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula; porque Deus julgará os impuros e adúlteros” (Hb 13.4).

Felizmente, Deus dá graça aos pecadores que se arrependem de sua luxúria e vêm à fé em Jesus Cristo. Após mencionar os vários tipos de pessoa que são excluídos da vida eterna, Paulo continua: “Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus” (1Co 6.11). Por meio da morte e

ressurreição de Jesus Cristo, Deus oferece perdão aos pecadores que cobiçam.

Mas Deus oferece algo além do perdão. Por meio do seu Espírito, ele dá graça na hora da tentação. Ele também forneceu uma maneira prática de preservar a nossa castidade. Chama-se casamento. Reconheço que existem alguns cristãos que têm o dom da continência, do celibato. Por alguma razão física ou espiritual, eles têm a capacidade especial de abster-se do pecado sexual. A maioria dos cristãos, porém, não tem esse dom e, obviamente, seria bom se estes se casassem. O apóstolo Paulo diz:

[...] cada um tem de Deus o seu próprio dom; um, na verdade, de um modo; outro, de outro. E aos solteiros e viúvos digo que lhes seria bom se permanecessem no estado em que também eu vivo. Caso, porém, não se dominem, que se casem; porque é melhor casar do que viver abrasado. (1Co 7.7b-9)

Cada cristão solteiro é chamado à pureza sexual. Como veremos, existem maneiras práticas de viver esse chamado. Deus dá graça àqueles que procuram honrá-lo preservando sua castidade. No entanto, todos que lutam com o autocontrole sexual deveriam tomar providências para o casamento. Para os homens, isso significa viver para outros, praticar o amor altruísta e sacrificial de Cristo. Para as mulheres, isso significa aprender a servir aos outros, vivendo em submissão a Cristo. Infelizmente, muitos homens cristãos são egocêntricos demais para sair de si mesmos e amar os outros. Muitas vezes, caem em pecado sexual secreto, incluindo pornografia e masturbação. Relacionalmente prejudicados, eles se contentam com uma falsa intimidade e uma falsa aceitação de autossatisfação, sem jamais aprender a amar uma mulher. O resultado triste é que muitas boas mulheres cristãs sofrem a falta de um bom homem cristão. Seria melhor para todos os envolvidos se esses homens (e também essas mulheres) se preparassem para o casamento, e a melhor maneira de fazê-lo é crescer em submissão e sacrifício.

Submissão e sacrifício são as virtudes que o casamento exige, e não surpreende que sejam também as virtudes que trazem alegria ao sexo. A nossa cultura põe uma ênfase exagerada em técnicas, tentando transformar o ato sexual em algum

tipo de habilidade científica. Mas maridos e esposas são chamados para mais do que “fazer sexo”; são chamados para encontrar alegria no amor sexual que compartilham. Quando os casais não encontram satisfação, o problema não costuma ser sexual, mas relacional e, portanto, espiritual. Muitas vezes, há muita acusação mútua. Maridos e esposas criticam uns aos outros por suas falhas. Qual é a resposta?

Correndo o risco de simplificar excessivamente, a resposta, para o marido, é amar sua esposa de forma sacrificial. A liderança espiritual do marido é fundamental para tudo o que acontece num casamento, inclusive para o que acontece na cama. Evidentemente, a esposa também tem obrigações para com seu marido, inclusive a obrigação sexual. Como mencionamos, “O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, semelhantemente, a esposa, ao seu marido” (1Co 7.3). É interessante observar que aqui temos uma passagem em que a Bíblia ensina submissão mútua: “A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a mulher” (v. 4). Assim, os maridos e as esposas devem oferecer a si mesmos uns aos outros naquilo que os puritanos chamaram “a comunicação mútua de corpos”. Essa é sua obrigação conjugal. Mas sempre será uma chatice se a esposa não for estimada pelo seu marido. A chave para um casamento feliz, em termos sexuais e outros, é: “Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela” (Ef 5.25).

A loucura de Davi

Certa vez, o poeta Wendell Berry definiu o amor sexual como “o poder que une um casal” e o casamento como “a maneira como protegemos a possibilidade de que o amor sexual se transforme em uma história”.8 Berry está certo: quando um homem e uma mulher se unem no casamento, seu amor se transforma em uma história. No entanto, quando seu amor é traído, a história se transforma em tragédia, como na história de Davi e Bate-Seba.

Davi era o rei de Israel, e a Bíblia conta como, certa tarde, “levantou-se Davi do seu leito e andava passeando no terraço da casa real” (2Sm 11.2a). Naquela tarde de primavera quente, Davi tinha tudo o que um homem poderia querer. Ele havia conquistado seus inimigos e estabelecido seu reino. Estava vivendo em luxo real.

Era famoso e bonito. Além do mais, era justo, um homem segundo o coração de Deus. Escrevia lindos hinos de louvor a Deus, que havia lhe prometido um reino eterno. Ao passear pelo terraço, Davi era senhor sobre tudo que via. Não havia nada mais a conquistar [...] mas ainda tinha tudo a perder.

Tragicamente, Davi havia se exposto à tentação. Passear pelo terraço parece um tanto inocente, mas Davi não tinha por que estar ali. Ele deveria estar lá fora, defendendo seu povo em batalha. Em vez disso, estava indo e vindo, sem rumo, matando tempo. A história de sua trágica queda começa com estas palavras fatídicas: “Decorrido um ano, no tempo em que os reis costumam sair para a guerra, enviou Davi a Joabe, e seus servos, com ele, e a todo o Israel, que destruíram os filhos de Amom e sitiaram Rabá; porém Davi ficou em Jerusalém” (2Sm 11.1).

Esse versículo não nos revela apenas onde Davi estava; nos diz onde ele deveria estar e o que deveria estar fazendo. Sua nação ainda estava em guerra e, como rei, era sua obrigação liderar seus exércitos na batalha. Em vez disso, Davi decidiu relaxar. Quando a Bíblia nos diz que “Davi ficou em Jerusalém”, isso significa uma repreensão. O rei havia parado de servir, sacrificar e dar sua vida a outros. Não é nada surpreendente que tenha sido nesse momento que ele se entregou ao pecado sexual.

Às vezes, adultério é considerado algo que homens praticam. “Homens são assim”, as pessoas dizem. Mas o exemplo de Davi mostra que a verdade é justamente o contrário: o pecado sexual é um fracasso em masculinidade santa. Em outro livro, a Bíblia diz que violar o sétimo mandamento significa dar “a outrem a tua honra” (Pv 5.9). O homem de Deus não vive para si mesmo, mas para os outros, e isso o capacita a manter seu desejo sexual sob o poder do amor. Mas, quando um homem se volta para dentro, ele fica vulnerável a todos os tipos de tentação sexual.

Isso é uma lição-chave para qualquer um que esteja lutando com pecados contra o sétimo mandamento. O pecado sexual jamais trata apenas de sexo; ele está sempre vinculado ao restante da vida. Davi jamais teria cometido adultério se tivesse feito aquilo para o que Deus o chamou. Em vez disso, ele abdicou de sua responsabilidade real e se retirou para o seu palácio. Lá, em seu ócio e isolamento, cedeu à tentação. Isso mostra como somos vulneráveis ao pecado sexual quando vivemos para nós mesmos e não para os outros. O que fazemos com nosso corpo não é uma questão meramente física, mas também espiritual.

Provém dos desejos mais profundos do coração. Uma maneira de obter vitória sobre o pecado sexual é viver em postura de autossacrifício e não de indulgência própria, e isso em cada área da vida. Santidade em uma área promove a santidade em outras.

Davi cometeu uma gafe estratégica quando parou de se doar em amor. Depois, cometeu um erro tático sério: “Viu uma mulher que estava tomando banho” (2Sm 11.2). Se Davi tivesse apenas vislumbrado a mulher, ele não teria sido culpado, mas ele fez mais do que isso. Sua olhadinha se transformou em olhar fixo. Ele devorou a mulher com seus olhos, imaginando o que gostaria de fazer com ela.

Isso nos fornece uma lição adicional sobre a tentação sexual e sobre como evitá-la. O olho é uma janela para o desejo pecaminoso. Uma maneira de obter vitória sobre o pecado sexual é, portanto, desviar nosso olhar de cobiça. E mulheres piedosas sempre entenderam que isso exige modéstia em seu modo de vestir. Homens piedosos sempre entenderam que preservar a pureza sexual significa ser cauteloso na escolha daquilo que contemplamos. O apóstolo Pedro sabiamente advertiu contra “olhos cheios de adultério” (2Pe 2.14; cf. 1Jo 2.16). O remédio de Jó foi este: “Fiz aliança com meus olhos; como, pois, os fixaria eu numa donzela?” (Jó 31.1).

Ter cuidado com o que vemos nunca foi mais importante do que hoje, tempo em que há imagens sexuais para onde quer que olhemos. Pornografia tornou-se a norma, e o maior perigo de todos é a internet, que é o fornecedor de pornografia mais poderoso na História do mundo. O que torna a internet tão perigosa é que ela é anônima e acessível.9 Qualquer um que tenha um computador pode baixar pornografia em privacidade total. E o fluxo de material sexual é infinito. Outras formas de pornografia acabam perdendo seu apelo porque, em algum momento, todas as imagens já foram vistas. Mas na internet há sempre algo novo. Segundo uma revista masculina popular,

O que torna o sexo online muito mais persuasivo do que qualquer indecência embalada a vácuo é a gratificação instantânea em infinita variedade – você nunca chega ao fim da revista e não precisa voltar a ver as mesmas imagens. Na pornografia antiga, uma vez que você havia visto tudo, você havia consumido tudo. O chiclete perdia o sabor. Isso não pode acontecer na internet. O chiclete

nunca perde o sabor. Um novo pedaço de carne espera por trás de cada pedaço antigo, e a expectativa o obriga a ir além. Muito além. Pois, enquanto houver novidades, você continuará olhando. Tudo isso é muito novo. Jamais existiu um estímulo igual a este.10

Enquanto houver novidades, algumas pessoas continuarão olhando, inclusive alguns cristãos. Um especialista em internet escreveu a seguinte carta ao seu pastor:

Estou profundamente preocupado com as vias para conteúdos decadentes que foram abertas para dentro do lar.

Tenho a felicidade de ter muitos amigos homens cristãos aos quais posso me confiar e com os quais posso conversar abertamente sobre sua fé e áreas em sua vida em que estão lutando. O que tem me alarmado é que dos mais ou menos 12 amigos com os quais conversei, todos, com a exceção de um, confessaram que estão lutando nessa área e falham frequentemente. Todos esses amigos são seguidores muito devotos de Cristo, muitos estão envolvidos no serviço cristão em tempo integral. O que eu vejo é que cristãos que jamais pensariam em entrar numa loja para adultos, em alugar um filme pornô ou em ligar para um número 0800 estão agora falhando continuamente nesta área por causa da anonimidade e do acesso gratuito e fácil a esse tipo de conteúdo na internet. O pior é ver o poder e a atração que isso exerce sobre as pessoas uma vez que dão os primeiros passos nessa direção.

Com base em minhas experiências, a internet tem se tornado a ferramenta número um de Satanás no século 21 e parece ser uma infecção mais silenciosa no corpo de fiéis porque, tipicamente, envolve apenas o usuário e [seu] computador.11

A infecção silenciosa da pornografia na igreja é mortal. Ela denigre mulheres, prejudica relacionamentos e destrói a capacidade espiritual do homem de liderar. O puritano Thomas Watson disse corretamente que as imagens pornográficas “secretamente transportam veneno para o coração”.12

Para ver quão mortal é a cobiça, veja o que aconteceu com Davi. Quanto mais ele fixou seu olhar na mulher, mais ele a desejou. O pecado estava começando a assumir o controle e, quando Davi começou a fantasiar, ele se viu incapaz de se afastar. Em vez de fugir da tentação (veja Gn 39.12; Pv 5.8; 2Tm 2.22), ele começou a ceder à "carne no tocante às suas concupiscências" (Rm 13.14). Ele cogitou as possibilidades: "Era ela mui formosa. Davi mandou perguntar quem era. Disseram-lhe: É Bate-Seba, filha de Eliã e mulher de Urias, o heteu" (2Sm 11.2b-3).

A história deveria ter terminado bem aí. Bate-Seba era uma mulher casada. Gastar um pensamento a mais nela estava fora de questão para um homem de Deus, mas Davi acreditava que precisava tê-la. Bate-Seba havia se transformado em obsessão. É assim que a cobiça funciona. Ela assume vida própria, emaranhando-nos cada vez mais até nos sentirmos incapazes de resistir. E já que Davi era rei, ele podia fazer o que a maioria dos homens só pode sonhar em fazer. Se ele queria uma mulher, ele podia tomá-la, e foi o que fez: "Então, enviou Davi mensageiros que a trouxessem; ela veio, e ele se deitou com ela" (v. 4a).

Parecia uma coisa insignificante – um momento de fraqueza, nada mais. Mas logo Bate-Seba descobriu que estava grávida, e começou a operação de acobertamento. No fim, o marido de Bate-Seba estava morto, e o rei era culpado não só de adultério, mas também de mentir, roubar e matar. E durante algum tempo tudo indicava que ele conseguiria se safar. Sim, ele teve de se esforçar um pouco para garantir que tudo desse certo, mas tudo acabou acontecendo conforme planejado. Com a exceção de uma coisa: "[...] isto que Davi fizera foi mau aos olhos do Senhor" (2Sm 11.27b).

Como Davi, os cristãos parecem pensar muitas vezes que podem pecar com impunidade. Entregamo-nos a uma pequena fantasia sexual. Por que não? Depois, consumimos um pouco de pornografia. Quem não faz isso? A princípio, não parece ser tão prejudicial. Conseguimos realizar nosso ministério com a mesma eficácia de sempre. Ninguém jamais saberá. Mas Deus sempre sabe. Salomão disse: "Por que, filho meu, andarias cego pela estranha e abraçarias o peito de outra? Porque os caminhos do homem estão perante os olhos do Senhor, e ele considera todas as suas veredas" (Pv 5.20-21). Deus vê tudo o que fazemos com nosso corpo. Ele sabe em quê fixamos nosso olhar, o que pensamos, desejamos e tocamos, e ele nos responsabilizará por isso.

Deus certamente responsabilizou Davi! A partir do momento em que o rei decidiu ceder à cobiça e partir para a ação, sua vida se transformou numa série trágica de decepções. Ele perdeu quase tudo pelo que havia trabalhado tanto. O filho de Bate-Seba morreu. A família de Davi foi dividida por estupro, incesto e fratricídio. Seu reino foi dividido. Seu filho amado se rebelou contra ele, até mesmo fazendo sexo com as mulheres de Davi no topo do palácio, trazendo vergonha para a casa de seu pai. E tudo isso por alguns minutos na cama.

Você acha que valeu a pena? Se sua resposta for negativa, o que você acha sobre seus próprios pecados sexuais? O que você realmente ganha e o que você está disposto a perder?

O eros remido

Em todo esse caso sórdido, houve uma única coisa que Davi fez corretamente: ele reconheceu seu pecado. Deus amava Davi e, em sua maravilhosa graça e misericórdia, enviou seu profeta Natã para confrontá-lo. Quando seu pecado foi exposto, Davi sabia que era culpado. E não só isso, sabia que aquilo que havia feito merecia a morte. Assim, fez a única coisa que um pecador culpado pode fazer, i.e., clamou a Deus por misericórdia. Disse: “Pequei contra o Senhor” (2Sm 12.13a).

Existem muitas lições que podemos aprender com a conversa entre Davi e Natã. Aprendemos que não podemos esconder nosso pecado de Deus. Aprendemos que o pecado sempre tem consequências. Aprendemos que, visto que a imoralidade sexual floresce no solo do sigilo, precisamos da ajuda aberta de outros cristãos – especialmente de pastores – para ajudar-nos a nos afastar do pecado. Mas aprendemos também que, quando pecamos, devemos nos voltar diretamente para Deus e confessar.

A confissão plena de Davi está documentada no salmo 51. Ele começou clamando a Deus pedindo que ele lhe perdoasse:

Compadece-te de mim, ó Deus,

segundo a tua benignidade;

e, segundo a multidão das tuas misericórdias,

apaga as minhas transgressões.

Lava-me completamente da minha iniquidade

e purifica-me do meu pecado. (Sl 51.1-2)

Davi fez seu apelo por perdão com base em um sacrifício expiatório, o sangue de um cordeiro aplicado à culpa de seu pecado:

Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo;

lava-me, e ficarei mais alvo que a neve. (Sl 51.7)

Então orou pela obra de Deus contínua de santificação em sua vida:

Cria em mim, ó Deus, um coração puro

e renova dentro de mim um espírito inabalável.

Não me repulses da tua presença,

nem me retires o teu Santo Espírito.

Restitui-me a alegria da tua salvação

e sustenta-me com um espírito voluntário. (Sl 51.10-12)

Finalmente, Davi acertou. Ele fez uma confissão plena e aberta, e Deus teve misericórdia dele, assim como tem de cada pecador que se arrepende verdadeiramente. Natã disse a Davi: “Também o Senhor te perdoou o teu pecado; não morrerás” (2Sm 12.13b). Davi ainda teve de encarar as consequências do seu pecado. Mas seu pecado estava perdoado, sua culpa foi retirada.

Muitas vezes, quando violamos o sétimo mandamento, sentimo-nos tão culpados que tudo o que conseguimos fazer é nos arrastar de volta para a cruz, quando o que deveríamos fazer é correr de volta para a cruz e confessar nosso pecado. Na cruz, podemos encontrar um sacrifício pelo nosso pecado, purificação para a nossa culpa e a força de voltar a viver para Cristo.

Quando Deus nos confronta com a culpa do pecado sexual, temos uma escolha. Se continuamos escondendo nosso pecado, podemos ter a certeza de que ele nos destruirá no fim. Mas, se nos arrependermos do nosso pecado, Deus terá misericórdia. Num sermão sobre o adultério, Martyn Lloyd-Jones disse:

Nem mesmo o adultério é o pecado imperdoável. É um pecado terrível, mas Deus proíbe que haja alguém que sinta que pecou a ponto de ser lançado para fora de seu amor ou de seu reino por causa do adultério. Não; se você se arrepender verdadeiramente e entender a grandeza do seu pecado e se lançar no amor, na misericórdia e graça infinitos de Deus, você pode ser perdoado, e eu lhe garanto que receberá perdão.

Lloyd-Jones poderia ter parado por aqui, mas ele acrescentou este comentário: “Mas ouça as palavras do nosso bendito Senhor: ‘Vai, e não peque mais’”.13 Estas foram as palavras de Jesus à mulher pega em adultério, e são também suas palavras a nós, pois a Bíblia diz:

[...] esta é a vontade de Deus: a vossa santificação, que vos abstenhais da prostituição; que cada um de vós saiba possuir o próprio corpo em santificação e honra, não com o desejo de lascívia, como os gentios que não conhecem a Deus; e que, nesta matéria, ninguém ofenda nem defraude a seu irmão; porque o

Senhor, contra todas estas coisas, como antes vos avisamos e testificamos claramente, é o vingador, porquanto Deus não nos chamou para a impureza, e sim para a santificação. Dessarte, quem rejeita estas coisas não rejeita o homem, e sim a Deus, que também vos dá o seu Espírito Santo. (1Ts 4.3-8)

Notas

1 Veja Leland Ryken, Worldly Saints: The Puritans as They Really Were (Grand Rapids: Zondervan, 1986), p. 40-41.

2 Ibid., p. 53.

3 Douglas Wilson, Fidelity: What It Means to Be a One-Woman Man (Moscou, ID: Canon, 1999), p. 53.

4 C. S. Lewis, Mere Christianity (Nova York: Macmillan, 1952), p. 95-96.

5 David Murray, testemunho perante o Senate Subcommittee on Oversight of Government Management, Restructuring, and the District of Columbia (8 de maio de 1997), p. 2.

6 Terry Fisher, citado em Michael Medved, Hollywood vs. America (Nova York: HarperCollins, 1992), p. 111-12.

7 Martinho Lutero, The Large Catechism, Robert H. Fischer (trad.) (Filadélfia: Fortress, 1959), p. 36.

8 Wendell Berry, entrevistado em Modern Reformation (novembro/dezembro de

2001), p. 40.

9 R. Kent Hughes, “Set Apart to Save: Sexual Conduct” (sermão, College Church, Wheaton, 2 de dezembro de 2001), p. 5.

10 Greg Gutfield, “The Sex Drive”, Men’s Health (outubro de 1999), citado em Leadership (verão de 2000), p. 69.

11 Anônimo, citado em Hughes, “Set Apart to Save: Sexual Conduct”, p. 5.

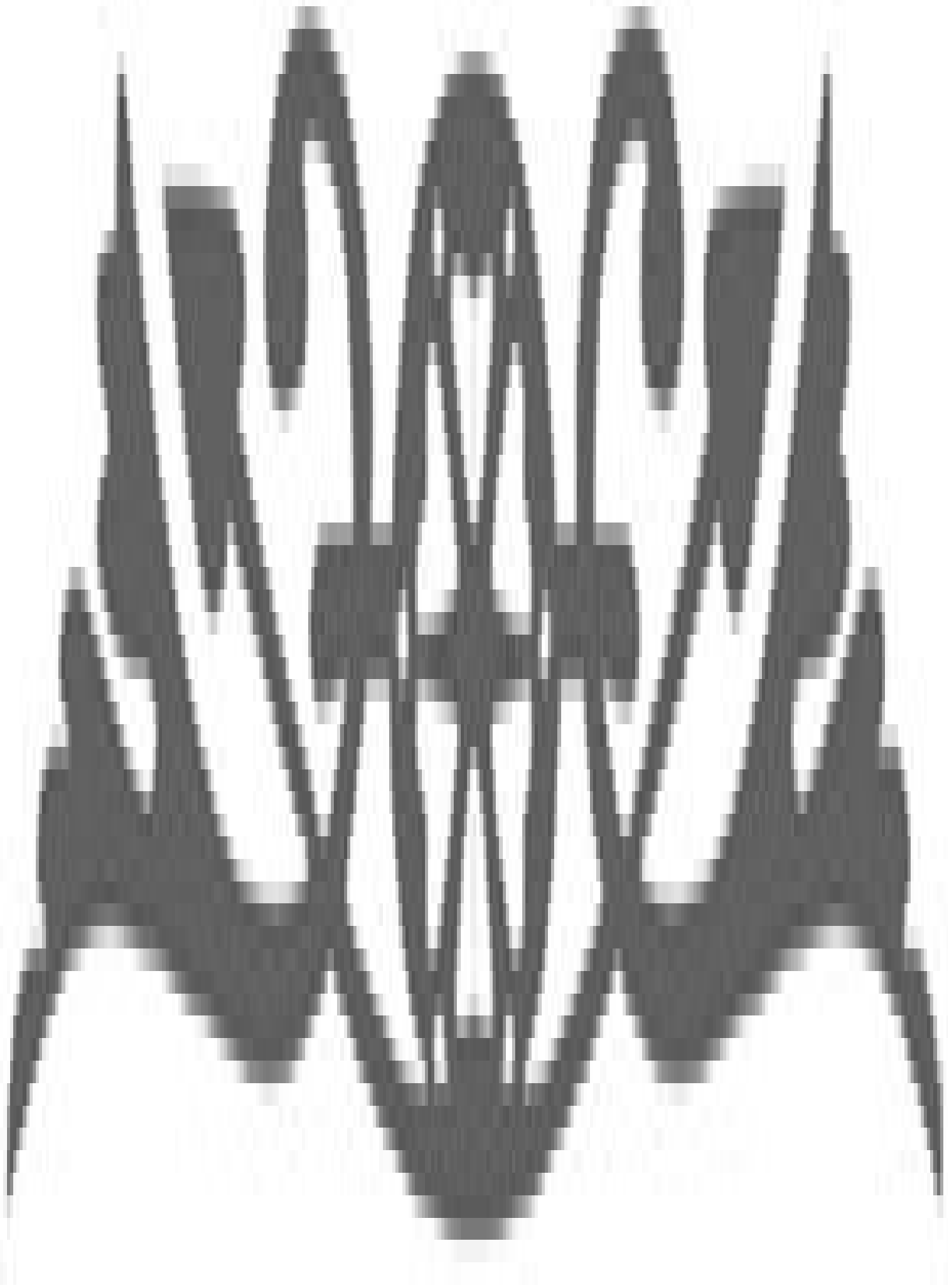
12 Thomas Watson, The Ten Commandments (1890; reimpressão. Edimburgo: Banner of Truth, 1965), p. 160.

13 Martyn Lloyd-Jones, Studies in the Sermon on the Mount (Grand Rapids: Eerdmans, 1984), p. 261.

56

O oitavo mandamento: o que pertence a mim, pertence a Deus

Êxodo 20.15



Em seu livro sobre os Dez Mandamentos, Cecil Myers descreve uma pintura de Norman Rockwell. A pintura famosa, que foi publicada pela primeira vez na capa de The Saturday Evening Post, mostra uma mulher comprando um peru para o banquete do Dia de Ação de Graças. O peru está sendo pesado na balança para determinar o preço. Atrás da bancada, o açougueiro jovial, com seu avental esticado sobre a barriga volumosa e seu lápis preso por trás da orelha. Sua cliente é uma mulher de uns 60 anos de idade, de aparência respeitável. Como o açougueiro, ela parece satisfeita. Os dois trocam um sorriso, como que rindo de uma piada, mas, na verdade, são eles o objeto da piada, pois a pintura mostra o que os dois estão fazendo secretamente. O açougueiro está colocando peso adicional na balança com seu polegar gordo para aumentar o preço. Ao mesmo tempo, a mulher está tentando conseguir um preço melhor empurrando a balança para o alto com seu indicador. A razão pela qual ambos parecem satisfeitos é que nenhum dos dois está ciente da ação do outro!

No estilo típico de Rockwell, a pintura é uma cena charmosa da vida norte-americana que nos faz rir de nossas próprias fraquezas. Mas o que o açougueiro e sua cliente estavam realmente fazendo era uma violação do oitavo mandamento. Myers comenta:

Tanto o açougueiro quanto a senhora adorável ficariam magoados se os chamássemos de ladrões. A senhora adorável jamais assaltaria um banco ou roubaria um carro. O açougueiro ficaria ofendido se alguém o acusasse de roubo; e se um cliente lhe desse um cheque sem fundo, ele chamaria a polícia, mas nenhum dos dois viu nada de errado em um pouco de enganação que renderia alguns centavos a mais para um ou permitiria a economia de alguns centavos à outra.1

Em poucas palavras: eles estavam roubando.

Tirando vantagem

Todos sabem que roubar é errado. Até mesmo pessoas que não leem a Bíblia conhecem o oitavo mandamento, que diz: “Não furtarás” (20.15). Furtar significa pegar algo para si que não lhe pertence. A palavra hebraica para furtar (G~n~f) significa levar algo furtivamente. Para dar uma definição mais técnica, furtar significa apropriar-se ilegitimamente da propriedade de outro.

O que o oitavo mandamento proíbe parece muito simples. No entanto, a maioria das pessoas não entende seu significado pleno. Como o restante da lei de Deus, a proibição de furtar é abrangente:

Ganaf – furtar – abarca todos os tipos de furto convencional: roubo (invasão domiciliar para cometer furto); assalto (tirar a propriedade de outro empregando violência ou intimidação); furto (a apropriação de algo sem permissão e sem devolvê-lo); sequestro (uso de força para apropriar-se de bens em trânsito ou assumir controle de um ônibus, caminhão, avião, etc.); furto em loja (pegar itens de uma loja durante o horário comercial sem pagar por eles); e bater carteiras. O termo ganaf abarca também uma ampla gama de furtos exóticos e complexos [...] [como] depósito infiel (a apropriação de dinheiro ou outros bens confiados aos nossos cuidados). Existem a extorsão (obter dinheiro de alguém por meio de ameaças ou abuso de autoridade) e o crime organizado (obter dinheiro por quaisquer meios ilegais).2

Isso é apenas uma lista parcial das inúmeras maneiras como as pessoas violam o oitavo mandamento. Roubam propriedade pública, furtando suprimentos de hospitais, construções e igrejas. Fato é que um hotel declarou que, em seu primeiro ano de funcionamento, teve de repor 38.000 colheres, 18.000 azulejos, 355 cafeteiras [...] e 100 Bíblias!3

Cidadãos roubam do governo não pagando todos os seus impostos ou fazendo alegações falsas sobre deficiências ao INSS. O governo também rouba. Com sua enorme burocracia, o governo federal comete furto em escala nacional desperdiçando dinheiro público e acumulando dívidas sem a pretensão de quitá-las totalmente. Gastar dinheiro inexistente significa, no fundo, roubar de cidadãos futuros.

Existe também o furto no emprego. Os empregados cobram horas extras

inexistentes e alegam estar doentes quando querem um dia de folga. Roubam do almoxarifado, fazem chamadas de longa distância e aumentam suas despesas. Às vezes, chegam a cometer fraude, mas um furto muito comum no local de trabalho é simplesmente não cumprir a carga horária. Em vez disso, os trabalhadores esperam o tempo passar, sentados em seu escritório e navegando na internet, enviando e-mails a amigos – e até mesmo jogando no computador. Sempre que damos menos do que o nosso melhor esforço estamos roubando do nosso empregador a produtividade que lhe devemos.

Não se trata de crimes sem vítimas. O furto de tempo e propriedade cometido por empregados custa às empresas norte-americanas e aos seus investidores mais de 200 bilhões de dólares ao ano. Isso afeta todos nós. Segundo algumas estimativas, mais ou menos um terço do preço de um produto serve para cobrir as diversas formas de furto que ocorrem ao longo de seu caminho até as prateleiras. Essa “sobretaxa de furto”, como é chamada pelos analistas, freia toda a nossa economia.

Os empregadores, por sua vez, também costumam roubar de seus trabalhadores. Impõem uma carga horária maior do que o contrato permite. Diminuem sua força de trabalho para aumentar seus lucros, e os trabalhadores que conseguem manter seu emprego acabam fazendo todo o seu próprio trabalho e o trabalho que costumava ser feito pelas pessoas demitidas! Isso é apenas uma forma sofisticada como companhias roubam de seus melhores funcionários.

Grandes corporações também roubam do público. Excluem algumas transações de seus livros. Escondem suas perdas em contas offshore. Manipulam títulos fornecendo informações falsas. Um dos piores ofensores na História recente foi a Enron, a grande companhia de energia cujo colapso espetacular em 2001 prejudicou toda a economia norte-americana e custou a algumas pessoas todas as suas economias. À queda da Enron seguiram-se em sucessão rápida uma série de outras, como Arthur Andersen, WorldCom, Adelphia, Rite-Aid e outras corporações conhecidas que foram pegas enganando o público. Os executivos nefários dessas companhias conheciam todos os truques, mas dificilmente se trata de um fenômeno recente.

Martinho Lutero identificou certos homens de seu tempo como “cavalheiros trapaceiros ou grandes operadores. Longe de serem arrombadores ou batedores de carteira que esvaziam uma caixa de dinheiro, sentam-se em cadeiras de escritório e são chamados grandes senhores e cidadãos honráveis e bons, mas,

com uma grande demonstração de legalidade, eles roubam e furtam”.4 E João Calvino disse: “Segue, portanto, que são ladrões não só aqueles que secretamente furtam a propriedade de outros, mas também aqueles que buscam lucrar com a perda de outros, que acumulam riquezas por meio de práticas criminosas e se interessam mais por sua vantagem pessoal do que pela equidade”.5

Muitas práticas comerciais comuns são imorais, mesmo que, tecnicamente, não sejam ilegais. Isso vale especialmente para o marketing. O que muitos comerciantes consideram boa prática de venda viola, na verdade, o oitavo mandamento. Existe a manipulação de preços, em que as leis de oferta e demanda são usadas para tirar vantagem do consumidor impotente. Existem propaganda e embalagens enganosas, projetadas para fazer um produto parecer maior e melhor do que é. Os vendedores exageram o valor de seus produtos, tentando vender coisas que as pessoas não precisam de verdade. Antes da venda, cada carro é elogiado como o melhor veículo na história automotiva, mas, uma vez que a venda é realizada e chega a hora de falar sobre o contrato de serviço, de repente o carro precisa de todos os tipos de reparo que precisam ser pagos com antecedência! E assim vai.

Todas essas práticas são violações do oitavo mandamento. Calvino estava certo quando disse: “Lembremo-nos de que todas as artes por meio das quais adquirimos as posses e o dinheiro do nosso próximo – quando essas práticas substituem o afeto sincero por um desejo de enganar ou prejudicar de alguma forma – devem ser consideradas furto”.6 Semelhantemente, Lutero disse que violamos o oitavo mandamento sempre que “tiramos vantagem do nosso próximo em qualquer tipo de negociação que resulta numa perda para ele”.7 Quantos comércios não fazem jus a esse simples padrão? Grande parte do comércio pertence ao que Scott Adams chamou apropriadamente de a Zona da doninha – “aquela gigantesca região cinzenta entre a boa conduta moral e as atividades descaradamente criminosas”.8

Há também todo o furto vinculado a créditos. Temos a agiotagem, o empréstimo de dinheiro com juros exorbitantes para fazer lucros injustos. Hoje, os ofensores mais evidentes são companhias de cartões de crédito, que cobram juros de 20% ou mais. O mesmo pecado é cometido em escala maior por bancos internacionais, que mantêm nações devedoras em escravidão fiscal. Este é apenas um aspecto pequeno de um problema muito maior, que é o fato de minorias usarem a maioria dos recursos globais – fazendo de tudo para proteger

sua vantagem. Mas a Bíblia ensina que os pobres precisam da nossa ajuda e que devem receber empréstimos sem juros, pelo menos dentro da comunidade do povo de Deus (Lv 25.35-38; Dt 15.7-8). Existe, é claro, também o outro lado disso, que são pessoas que adquirem créditos sem a intenção de jamais quitar sua dívida. Sem dúvida, isso ajuda a explicar por que, em décadas recentes, a dívida em cartões de crédito aumentou de cinco para mais de 500 bilhões de dólares.

A lista continua. Existe fraude de seguros, a alegação de sinistros falsos. Existem os sobrecustos deliberados, a diferença entre os preços estimado e final sempre que uma obra é contratada. Há o furto de propriedade intelectual e a violação dos direitos autorais, incluindo aqui a reprodução ilegal de músicas e vídeos. Existe o plágio, a apropriação indevida do trabalho de outra pessoa. Há também o roubo de identidades, que se apropria de informações pessoais na internet para causar cobranças ultrajantes.

Existem inúmeras maneiras de roubar. O Catecismo de Heidelberg as resume dizendo que, no oitavo mandamento,

Deus não somente proíbe o furto e o roubo que as autoridades castigam, mas também classifica como roubo todos os maus propósitos e as práticas maliciosas através dos quais tentamos nos apropriar dos bens do próximo, seja por força, seja por aparência de direito, a saber: falsificação de peso, de medida, de mercadoria e de moeda, seja por juros exorbitantes ou por qualquer outro meio, proibido por Deus. Também proíbe toda avareza, bem como todo abuso e desperdício de suas dádivas (resposta à pergunta 110).

O problema é que, quando se trata de furto, quase todos o praticam. No entanto, quase 90% dos cristãos evangélicos alegam jamais violar o oitavo mandamento.9 Essa estatística não é muito encorajadora, pois revela que os cristãos se esqueceram de seu verdadeiro significado. A verdade é que o furto impregna cada nível da sociedade norte-americana, e, como todos os outros, nós também tiramos vantagem. Mas isso não é apenas um problema norte-americano. Toda a raça humana é um bando de ladrões, e todos nós sofremos o prejuízo. Martinho Lutero disse: “Se contemplarmos a humanidade em todas as suas condições, ela nada mais é do que um vasto e amplo estábulo cheio de

grandes ladrões”.10 Ele também especulou o que aconteceria se todos fôssemos levados à justiça. “Apenas a menor parte dos ladrões é enforcada”, ele disse. “Se fôssemos enforcar todos, onde conseguiríamos tanta corda? Precisaríamos todos transformar nossos cintos e cintas em nó de forca.”11

A providência de Deus, nossa administração

Afinal de contas, o que há de errado em roubar? Como o restante da lei de Deus, o oitavo mandamento tem uma relevância espiritual profunda. Sempre que pegamos algo que não nos pertence – e não importa como o fazemos – pecamos contra Deus e também contra nosso próximo.

Furtar é um pecado contra Deus em, pelo menos, dois sentidos. Em primeiro lugar, cada furto é uma falha de não confiar em sua provisão. Sempre que pegamos algo que não nos pertence, negamos que Deus nos deu ou é capaz de nos dar tudo de que realmente precisamos. Portanto, observar o oitavo mandamento é um exercício prático da nossa fé na providência de Deus.

Cada furto também é um assalto à providência de Deus para outros. Essa é a segunda maneira como o furto representa um pecado contra Deus: apropria-se daquilo que ele providenciou para outra pessoa. Aqui, é importante entender que o oitavo mandamento parte do direito à propriedade. Ao dizer “não furtarás”, Deus dá a entender que as pessoas têm o direito à sua propriedade particular. Caso contrário, todo o conceito de furtar deixa de fazer qualquer sentido. Apenas algo que pertence a alguém pode ser roubado. Mas a razão pela qual qualquer coisa pertence a qualquer um é que ela vem de Deus, e não temos o direito de tomar para nós mesmos o que Deus deu a outros.

Isso nos leva ao aspecto positivo do oitavo mandamento. O que a Bíblia entende por propriedade não é a posse de coisas para os nossos próprios propósitos, mas usar as coisas recebidas de Deus para a sua glória. Assim, ao mesmo tempo em que nos é proibido pegar coisas que não nos pertencem, somos instruídos a usar aquilo que temos de modo que agrade ao nosso Deus. Em termos bem simples: o oitavo mandamento não trata apenas de furto – trata também de administração.

Um administrador é alguém que cuida da propriedade de outra pessoa. Ele não tem a liberdade de usá-la como bem lhe agradar, mas apenas de administrá-la

segundo as intenções de seu senhor. Essa é exatamente a nossa situação. Tudo o que possuímos é propriedade de Deus, e ele nos deu a responsabilidade sagrada de cuidar dela. Tem sido assim desde o início. Adão não tinha qualquer propriedade, ele apenas a administrava: “Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar” (Gn 2.15). Como explicou Calvino:

A custódia do jardim foi entregue aos cuidados de Adão, para mostrar que possuímos coisas que Deus confiou às nossas mãos, sob a condição de que, contentando-nos com seu uso frugal e moderado, cuidássemos daquilo que resta. [...] Que essa economia, e essa diligência, com respeito àquelas coisas boas que Deus nos deu para desfrutar, floresça entre nós; que cada um se veja como administrador de Deus em todas as coisas que possui. Então não se conduzirá de modo dissoluto nem se corromperá pelo abuso daquelas coisas que Deus exige que sejam preservadas.12

Como Adão, somos chamados para sermos bons gestores do mundo de Deus.

Boa administração significa cuidar daquilo que nos foi dado, não permitir que as coisas caiam em degradação. Significa não desperdiçar. Sempre que gastamos dinheiro que poderia ser investido melhor em outra coisa, somos culpados de um tipo de furto. Este é um dos problemas relacionados à aposta de dinheiro em jogos, que se tornou uma das maneiras mais comuns de violar o oitavo mandamento. A cada ano, os norte-americanos gastam mais dinheiro com as várias formas de jogo do que com comida ou roupa. “O que há de errado com isso?” alguns podem perguntar. A Southern Baptist Convention forneceu uma resposta excelente:

Mesmo que a Bíblia não contenha nenhum “não jogarás”, ela contém muitos conhecimentos e princípios que indicam que jogar é errado. A Bíblia ressalta a soberania de Deus na direção de eventos humanos (veja Mt 10.29-30); jogar se orienta por acaso e sorte. A Bíblia indica que o homem deve trabalhar criativamente e usar seus bens para o bem de outros (veja Ef 4.28); o jogo alimenta uma postura do tipo “algo por nada”. A Bíblia exige uma administração

cuidadosa; o jogo exige um abandono irrefletido. A Bíblia condena a cobiça e o materialismo (veja Mt 6.24-34); ambos representam a essência do jogo. O ímpeto moral da Bíblia é o amor a Deus e ao próximo (Mt 22.37-40); o jogo busca o ganho e o prazer pessoais à custa da perda e da dor de outra pessoa.13

Boa gestão também significa trabalho duro. A Bíblia é muito específica em relação a isso. O livro de Provérbios ensina que a preguiça leva à pobreza (6.10-11). Não é a única causa de pobreza, é claro, mas é uma delas. A pobreza, por sua vez, gera a tentação de roubar (Pv 30.8-9). Uma maneira óbvia de evitar essa tentação é trabalhar duro por um salário honesto, com o objetivo de se tornar financeiramente independente (veja 1Ts 4.11-12). A Bíblia diz: “Aquele que furtava não furte mais; antes, trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, para que tenha com que acudir ao necessitado” (Ef 4.28). Em outras palavras, o ladrão precisa se tornar um benfeitor como Zaqueu, quando pagou restituição por seus muitos pecados contra o oitavo mandamento (Lc 19.8). Assim que entendemos que furtamos, cabe a nós a responsabilidade de restituir, no mínimo, o que devemos.

Isso nos leva ao último aspecto da boa gestão, que é doar aquilo que Deus nos deu para que outras pessoas tenham o que precisam. Jerry Bridges observou que existem três atitudes básicas que podemos adotar em relação a bens. A primeira diz: “O que é seu é meu, eu tomarei isso para mim”. Essa é a postura do ladrão. A segunda diz: “O que é meu é meu, eu ficarei com isso”. Já que somos egoístas por natureza, essa é a atitude que a maioria das pessoas tem na maior parte do tempo. A terceira atitude – a atitude piedosa – diz: “O que é meu é de Deus, eu o compartilharei”.14

Os cristãos são chamados para uma vida de generosidade. Não trabalhamos simplesmente para satisfazer nossos próprios desejos, mas também para cuidar de outros. Isso não significa que nunca podemos desfrutar do que Deus nos deu. Afinal de contas, desfrutar das dádivas de Deus é um aspecto da boa administração. Mas cristãos tão ricos como nós devem sempre estar pensando naquilo que podem dar a outros. É apenas assim que o dinheiro perde seu poder sobre nós. Como disse Kent Hughes: “Toda vez que dou, declaro que o dinheiro não me controla. Generosidade perpétua é des-deificação perpétua do dinheiro.”15

A boa administração começa com a satisfação das necessidades da nossa família. Depois, ela se estende à igreja e à obra global do evangelho. Por fim, alcança os pobres em nossa própria comunidade e no mundo inteiro. A Bíblia diz: "Livremente, lhe darás, e não seja maligno o teu coração, quando lho deres; pois, por isso, te abençoará o Senhor, teu Deus, em toda a tua obra e em tudo o que empreenderes" (Dt 15.10). As consequências desse tipo de generosidade durarão para sempre. Como explicou A. W. Tozer certa vez: "Qualquer bem temporal pode ser transformado em riqueza eterna. Tudo o que é dado a Cristo é imediatamente tocado pela imortalidade".16 Em outras palavras, o único dinheiro que voltaremos a ver é o dinheiro que investimos no reino de Deus. Jesus disse: "Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam; porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração" (Mt 6.19-21).

Se deixarmos de fazer esse investimento, nos tornaremos culpados de violar o oitavo mandamento. O famoso pregador Crisóstomo, do século 4º, servia a uma congregação rica na grande cidade de Constantinopla. Crisóstomo era famoso por desafiar seu povo a não ser pão-duro. Em certa ocasião, ele disse:

Isso também é furto, não compartilhar suas posses. Talvez essa declaração lhes pareça surpreendente, mas não se surpreendam. [...] Como um oficial do tesouro imperial, se ele se negar a distribuir como lhe é ordenado e, em vez disso, gastar com sua própria indolência, ele paga a penalidade e é executado, assim também o homem rico é um tipo de administrador do dinheiro que tem como dívida distribuir aos pobres. Ele é instruído a distribuí-lo aos seus servos que passam por necessidades. Se gastar mais para si mesmo do que suas necessidades exigem, virá a pagar a mais dura penalidade. Pois seus próprios bens não são seus, mas pertencem aos seus conservos. [...] Imploro que se lembrem disso sem falha, que não compartilhar sua própria riqueza com os pobres significa roubar dos pobres e privação de seus recursos de vida; não possuímos nossa própria riqueza, mas a deles.17

A tenda de ladrões

Existem muitos ladrões nas histórias da Bíblia, mas o mais audacioso foi, provavelmente, Acã. Acã era soldado no exército de Israel. Ele lutou na batalha de Jericó, quando os israelitas marcharam em torno da cidade até os muros caírem.

Na manhã daquela famosa vitória, o general Josué passou às suas tropas as ordens do dia. Ele lhes ordenou:

Gritai, porque o

Senhor

vos entregou a cidade! Porém a cidade será condenada, ela e tudo quanto nela houver. [...] Tão somente guardai-vos das coisas condenadas, para que, tendo-as vós condenado, não as tomeis; e assim torneis maldito o arraial de Israel e o confundais. Porém toda prata, e ouro, e utensílios de bronze e de ferro são consagrados ao

Senhor

; irão para o seu tesouro. (Js 6.16b-17a-18-19)

Essa era uma guerra santa. Os israelitas não estavam lutando para sua própria vantagem, mas para a glória de Deus. Eram agentes da justiça divina e, como tais, não podiam reivindicar os espólios da batalha. Tudo deveria ser dedicado ao Senhor sob a ameaça da pena de morte.

Durante a batalha, tudo correu de acordo com o plano. O povo gritou, os muros caíram e os israelitas conquistaram os cananeus:

Tudo quanto na cidade havia destruíram totalmente a fio de espada, tanto homens como mulheres, tanto meninos como velhos, também bois, ovelhas e jumentos [...] Porém a cidade e tudo quanto havia nela, queimaram-no; tão somente a prata, o ouro e os utensílios de bronze e de ferro deram para o tesouro

da Casa do

Senhor.

(Js 6.21,24)

Os soldados fizeram tudo o que Josué havia ordenado.

Com exceção de Acã. Depois da batalha, enquanto vasculhava os destroços, o coração de Acã foi cativado pelo tesouro da cidade: ouro, prata e roupas finas de marca. “Tem tanta coisa aqui”, ele deve ter dito a si mesmo, “que ninguém perceberá se eu levar alguma coisa”. Quanto mais tesouro ele via, mas ele queria um pouco para si mesmo. “Afinal de contas”, Acã pensou, “sou soldado desse exército e mereço algum tipo de recompensa pela luta!”

Acã começou a pensar sobre como conseguiria transportar parte do tesouro até sua tenda sem que alguém percebesse. Enquanto sua mente avaliava as possibilidades, ele decidiu arriscar. Ele viu “entre os despojos uma boa capa babilônica, e duzentos siclos de prata, e uma barra de ouro do peso de cinquenta siclos” (Js 7.21a). Ele cobiçou, roubou e levou para sua tenda. Quando chegou – sem fôlego – cavou um buraco no chão para esconder seu espólio. Seria seu pequeno segredo de família.

Como acontece em muitos roubos, Acã não levou muito. No mercado de hoje, teria sido algo como um terno de 500 dólares, algumas centenas de dólares em prata e vários milhares de dólares em ouro. Esse roubo modesto, porém, trouxe morte e destruição a Israel. A derrota veio rapidamente. Após seu grande sucesso contra Jericó, Josué estava ansioso para atacar a cidade seguinte. O general enviou seus espiões para fazer o reconhecimento da região, e logo eles voltaram dizendo que seu próximo alvo seria fácil. Josué nem teria de enviar todo o seu exército; várias centenas de soldados seriam mais do que o suficiente. No entanto, para sua surpresa e desespero, os israelitas sofreram uma derrota terrível.

Para Josué, isso se apresentava como uma crise militar. Após ter conseguido recuar, ele se prostrou no chão e se queixou junto a Deus. Mas o Senhor lhe disse:

Levanta-te! Por que estás prostrado assim sobre o rosto? Israel pecou, e violaram a minha aliança, aquilo que eu lhes ordenara, pois tomaram das coisas condenadas, e furtaram, e dissimularam, e até debaixo da sua bagagem o puseram. Pelo que os filhos de Israel não puderam resistir aos seus inimigos; viraram as costas diante deles, porquanto Israel se fizera condenado; já não serei convosco, se não eliminardes do vosso meio a coisa roubada. (Js 7.10-12)

O problema era que alguém tinha violado o oitavo mandamento. Assim, Deus deu instruções para identificar e executar o ladrão.

Na manhã seguinte, toda a nação foi reunida na presença de Josué para o julgamento. Acã estava lá, perguntando-se primeiro para quê servia aquilo tudo e depois esperando desesperadamente que seu pecado não fosse descoberto. Provavelmente, disse a si mesmo: calma, com um milhão de pessoas aqui, o general não tem como descobrir. As tribos foram chamadas para frente; Judá foi escolhida pela sorte, e o coração de Acã quase lhe saltou pela boca. Judá! Como? Era a sua tribo. Quais eram as chances disso acontecer? Então todos os clãs de Judá se apresentaram, e os descendentes de Zera foram sorteados, e adivinhe de quem ele era avô! De Acã, é claro, e ele ficou pálido. Os zeraítas se apresentaram, e a família de Zabdi foi sorteada. Então Acã sabia que ele era um homem morto, pois Zabdi era seu pai. Um por um, os membros da família se apresentaram, até chegar a vez de Acã, o ladrão.

Pouco antes de sua morte, Moisés havia dito aos israelitas que, se obedecessem a Deus, receberiam a Terra Prometida. Mas também os havia advertido: “Porém, se não fizerdes assim, eis que pecastes contra o Senhor; e sabei que o vosso pecado vos há de achar” (Nm 32.23). Foi exatamente o que aconteceu com Acã: seu pecado o achou, o que não surpreende, pois foi um pecado estúpido de se cometer. Uma coisa é esconder propriedade roubada, mas, a fim de lucrar qualquer coisa com esse roubo, Acã teria de usar o que havia furtado. Pare para pensar: quando ele poderia usar seu manto fino ou ostentar seus metais preciosos?

Acã nunca teve a chance e, no fim, perdeu tudo. Josué o obrigou a confessar seu crime perante toda a nação. Então, mensageiros foram enviados para procurar os

bens roubados. E, é claro, estavam enterrados na tenda do ladrão. Os mensageiros trouxeram tudo para onde todos pudessem ver. “Então, Josué e todo o Israel com ele tomaram Acã, filho de Zera, e a prata, e a capa, e a barra de ouro [...[e tudo quanto tinha e levaram-nos ao vale de Acor. Disse Josué: Por que nos conturbaste? O Senhor, hoje, te conturbará. E todo o Israel o apedrejou; e, depois de apedrejá-los, queimou-os” (Js 7.24-25). Acã perdeu tudo – inclusive sua vida – e tudo por causa de um espólio ilícito.

Por que Deus tratou Acã com tanta severidade? Em parte, para usar Acã como exemplo, de modo que todos soubessem que Deus é santo e quer que seu povo também seja santo. Que maneira melhor para impedir outros ladrões em potencial de até mesmo pensar em pegar para si algo que pertencia a Deus? Era, porém, também uma questão de justiça. Acã era culpado de violar o oitavo mandamento. Ele havia quebrado o mandamento não só roubando de Jericó, mas roubando de Deus. Era isso que tornava seu crime tão hediondo. Todos os espólios da batalha pertenciam a Deus. Eram designados para a sua casa, onde seriam dedicados para o seu louvor. O que Acã tomou para si pertencia a Deus e, assim, ele era culpado do maior de todos os roubos: o roubo da glória de Deus.

Entre dois ladrões

O pecado de Acã e sua punição servem como alerta para todos que roubam qualquer coisa que pertence a Deus. Existem muitas maneiras de fazer isso. Uma das mais óbvias é usar nosso dinheiro para nós mesmos em vez de devolvê-lo generosamente a Deus. Tudo o que temos pertence a Deus. Ele nos dá a liberdade de usar o que precisamos, mas ele nos chama para ofertar para o trabalho do seu evangelho, e negligenciar essa obrigação significa roubar de Deus.

A maioria dos cristãos negaria que está roubando de Deus. Eles o negariam assim como os israelitas o negaram nos dias de Malaquias. Quando esse profeta fiel lhes disse que estavam roubando de Deus, eles se sentiram profundamente ofendidos. “Em que roubamos [a Deus]?”, perguntaram. Deus respondeu, dizendo:

Nos dízimos e nas ofertas. Com maldição sois amaldiçoados, porque a mim me roubais, vós, a nação toda. Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa; e provai-me nisto [...] se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós bênção sem medida. (Ml 3.8-10)

O dízimo é 10%, e isso é uma orientação útil para a doação cristã, mas Deus não opera com base em uma percentagem. Quanto damos para a igreja é uma questão de liberdade cristã. No entanto, devemos sempre tentar dar mais e mais, e dar menos do que podemos equivale a roubo espiritual.

Outra maneira de roubar a Deus é não lhe dar o melhor do nosso tempo e dos nossos dons. Todas as nossas habilidades e oportunidades vêm de Deus, e todas elas devem ser usadas para a sua glória. A Bíblia diz: “Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens” (Cl 3.23). Quando desperdiçamos nosso tempo ou não desenvolvemos nossos dons em todo o seu potencial, estamos roubando a Deus.

Outra maneira de roubar a Deus é violar sua lei e, assim, negar-lhe nossa obediência. Cada violação dos Dez Mandamentos envolve alguma forma de roubo. Curvar-se perante ídolos rouba a adoração de Deus. Profanar o sábado rouba seu dia santo. Assassinato rouba vida; adultério rouba pureza; mentir rouba verdade. Mas o roubo real é que cada pecado que cometemos desonra a Deus e, assim, rouba a glória que nossa vida deve lhe dar.

Você é um ladrão? Um dos benefícios de estudar os Dez Mandamentos é que eles nos confrontam com nosso pecado. Quando exploramos todas as suas implicações, descobrimos que não somos capazes de observar um único mandamento em toda a sua integridade. Assim, a lei nos condena. Ela declara: “Você é idólatra. Você é o pecador desbocado. Você é o violador do sábado e o rebelde. Você é o assassino, o adúltero e o ladrão”. A lei diz tudo isso para mostrar que somos pecadores culpados que precisam do evangelho.

O evangelho é a boa notícia de que Jesus morreu na cruz e ressuscitou para dar salvação a todos que creem nele. Jesus morreu na cruz no lugar dos pecadores – especificamente no lugar de ladrões. A Bíblia diz que, quando Jesus foi crucificado, “foram crucificados com ele dois ladrões, um à sua direita, e outro à sua esquerda” (Mt 27.38), cumprindo, assim, a profecia de que o Salvador seria

“contado com os transgressores” (Is 53.12). Em sua crucificação, Jesus foi considerado ladrão. Martinho Lutero explicou a situação da seguinte forma:

Cristo é inocente no que diz respeito à sua própria pessoa; portanto, não deveria ter sido pendurado no madeiro. Mas visto que, segundo a lei, cada ladrão deveria ter sido enforcado, por isso, segundo a lei de Moisés, o próprio Cristo deveria ter sido enforcado; pois ele suportou a pessoa de um pecador e de um ladrão – não de um, mas de todos os pecadores e ladrões. Pois nós somos pecadores e ladrões, e, por isso, merecemos a morte e a condenação eterna. Mas Cristo tomou sobre si todos os nossos pecados e por eles ele morreu na cruz. Portanto, foi apropriado que ele se tornasse ladrão e, como diz Isaías (53.12), fosse “contado com os transgressores”.18

É um fato conhecido que Jesus foi crucificado entre dois ladrões. Mas, no que dizia respeito à justiça de Deus, havia três ladrões naquelas cruzes naquele dia: dois que morreram por seus próprios crimes e um que tomou sobre si os nossos pecados. Lutero ofereceu esta ilustração:

Um magistrado considera alguém um criminoso e o pune quando o encontra entre ladrões, mesmo que o homem jamais tenha cometido qualquer mal digno de morte. Cristo não só foi encontrado entre pecadores, mas, por vontade própria e pela vontade do Pai, quis ser associado a pecadores, tendo assumido a carne e o sangue daqueles que eram pecadores e ladrões e estavam submersos em todo tipo de pecado. Portanto, quando a lei o encontrou entre ladrões, ela o condenou e o executou como um ladrão.19

Isso é um grande consolo para todos que já violaram o oitavo mandamento. Quando Cristo morreu na cruz, ele morreu por ladrões, de modo que cada ladrão que confiasse nele fosse salvo. O primeiro ladrão a ser salvo foi aquele que estava pendurado na cruz ao lado dele, aquele que disse: “Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino” (Lc 23.42). Jesus lhe deu a resposta que dá a cada criminoso que se volta para ele em arrependimento e fé: “[...] hoje estarás

comigo no paraíso” (v. 43).

Notas

1 T. Cecil Myers, Thunder on the Mountain (Nashville: Abingdon, 1965), p. 119-20, citado em Maxie D. Dunnam, Exodus, The Communicator's Commentary (Waco, TX: Word, 1987), p. 251.

2 Rob Schenck, The Ten Words That Will Change a Nation: The Ten Commandments (Tulsa, OK: Albury, 1999), p. 155.

3 George W. Robertson, "The Eighth Commandment", Leader to Leader (julho/agosto de 1997), p. 3.

4 Martinho Lutero, citado em Michael S. Horton, The Law of Perfect Freedom (Chicago: Moody, 1993), p. 206.

5 João Calvino, citado em Peter Lewis, The Message of the Living God, The Bible Speaks Today (Downers Grove, Il.: InterVarsity, 2000), p. 158.

6 João Calvino, Institutes of the Christian Religion, Ford Lewis Battles (trad.), 2 vols., Library of Christian Classics, 20-21 (Filadélfia: Westminster, 1960), II.viii.45.

7 Martinho Lutero, The Large Catechism (Filadélfia: Fortress, 1959), p. 39.

8 Veja Scott Adams, Dilbert and the Way of the Weasel (Nova York: HarperBusiness, 2002).

9 George Barna, The Barna Report, 1992–1993 (Ventura, CA: Regal, 1992), p. 117.

10 Martinho Lutero, citado em Horton, The Law of Perfect Freedom, 206.

11 Martinho Lutero, citado em Dunnam, Exodus, p. 265.

12 João Calvino, Commentary on Genesis, citado em Horton, The Law of Perfect Freedom, p. 204.

13 Issues and Answers: Gambling, The Christian Life Commission of the Southern Baptist Convention (novembro de 1993).

14 Jerry Bridges, The Discipline of Grace: God's Role and Our Role in the Pursuit of Holiness (Colorado Springs: NavPress, 1994), p. 88.

15 R. Kent Hughes, "Set Apart to Save: Materialism" (sermão, College Church, Wheaton, 4 de novembro de 2001).

16 A. W. Tozer, Born after Midnight (Harrisburg, PA: Christian, 1959), p. 107.

17 João Crisóstomo, On Wealth and Poverty, Catherine Roth (trad.) (Nova York: St. Vladimir’s Seminary, 1984), p. 49-55.

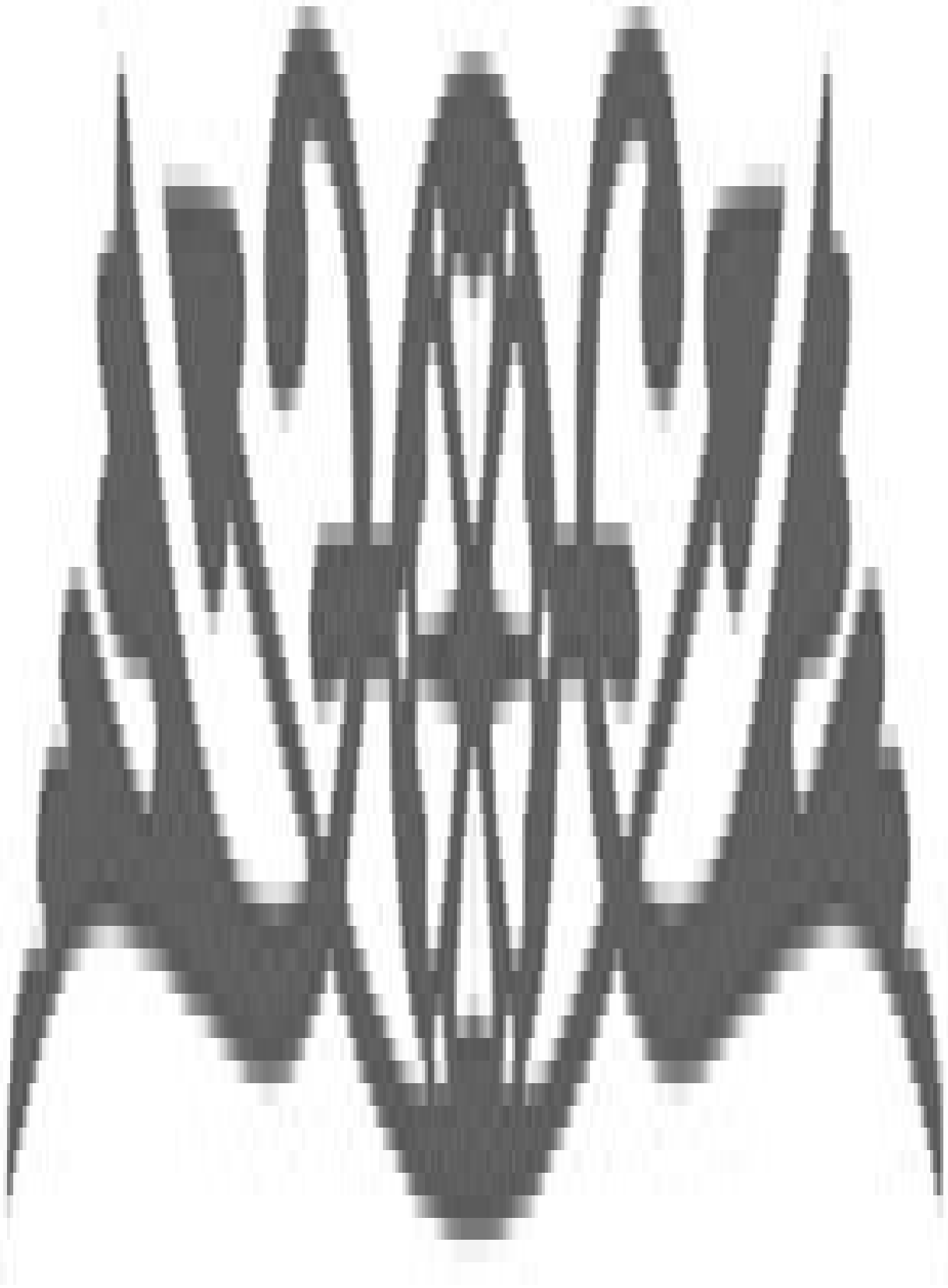
18 Martinho Lutero, Luther’s Works: Lectures on Galatians, 1535, Chapters 1–4, Jaroslav Pelikan (org.), vol. 26 (Saint Louis: Concordia, 1963), p. 277.

19 Ibid., vol. 26, p. 277-78.

57

O nono mandamento: dizer a verdade

Êxodo 20.16



Em dezembro de 2001, George O’Leary estava no topo do mundo. Ele acabara de ser nomeado técnico-chefe do time de futebol americano da universidade de Notre Dame – os Fighting Irish. Era o sonho de uma vida. O’Leary era responsável por um dos programas de esporte mais prestigiosos do mundo.

Então, dois dias depois, no final de seu primeiro dia no novo emprego, ele recebeu a chamada. Um jornalista estivera tentando entrar em contato com alguns dos rapazes que haviam jogado futebol com O’Leary em New Hampshire. A coisa estranha era que ninguém conseguia se lembrar de uma pessoa chamada George O’Leary. Então, o diretor de informações esportivas da Notre Dame telefonou para saber o que estava acontecendo. O’Leary relutantemente admitiu que, na verdade, ele não havia jogado futebol em New Hampshire. Vejamos, num ano, ele teve problemas com o joelho, depois uma doença chamada mono [...] alguém devia ter cometido algum erro.

De fato, alguém havia cometido um erro e, no dia seguinte, o jornalista ligou dizendo que havia conseguido a documentação. Anos antes, quando O’Leary se candidatara a um emprego em Syracuse, eles haviam lhe pedido informações sobre seu histórico atlético. Alguns dos dados que ele forneceu eram verídicos, como campeonatos de futebol no ensino médio, mas isso não parecia impressionante o bastante, assim, o candidato decidiu melhorar seu currículo. E lá estava a declaração, 21 anos mais tarde, escrita à mão: “Faculdade – Univ. de New Hampshire – 3 anos”. Era uma mentira pequena, na verdade, mas grande o bastante para transformar o sonho de O’Leary em um pesadelo que lhe custou não só seu emprego, mas também sua reputação.

A reação mais reveladora veio, talvez, do irmão do técnico, que disse: “Alguém está querendo me dizer que currículos são verídicos? Na América em que vivemos, a disposição de mentir num currículo é um indício de quanto você quer o emprego”.1 Infelizmente, essa postura é bastante comum. Segundo um estudo sobre quase três milhões de candidatos a emprego, quase 50% dos currículos norte-americanos contêm uma ou mais desonestidades.2

Todos nós sabemos que mentir é errado. No entanto, estamos tão acostumados a moldar a verdade para a nossa própria vantagem que temos dificuldade de defender o padrão contra a falsidade. Um colunista da revista Time escreveu: “A medida liminar contra dar testemunho falso, inscrita em pedra e trazida do topo

de uma montanha por Moisés, sempre provocou emoções ambivalentes e conflitantes. Por um lado, quase todos condenam mentir. Por outro, quase todos o fazem todos os dias". Então, perguntou: "Quantos dos Dez Mandamentos podem ser violados com tanta facilidade e com um risco de detecção tão baixo pelo telefone?"3

Nada além da verdade

Muito antes de alguém contar uma mentira pelo telefone, Deus deu ao seu povo o nono mandamento: "Não dirás falso testemunho contra o teu próximo" (20.16). O contexto imediato desse mandamento é um tribunal, de modo que ele rege o testemunho legal que uma testemunha dá num julgamento público perante um júri. A palavra "próximo" sugere um julgamento realizado dentro da comunidade da aliança (veja Lv 19.18), mas não se limita a isso. Afinal de contas, Jesus ensinou que todos são nossos próximos (veja Lc 10.25-37). Portanto, o que Deus condena mais especificamente no nono mandamento é uma testemunha mentirosa, alguém que testifica falsamente contra alguém acusado de um crime.

Para entender esse mandamento, ajuda saber mais sobre o sistema jurídico do mundo antigo. Naqueles dias, as pessoas acusadas de um crime gozavam de pouca proteção. Elas não eram consideradas inocentes até a prova do contrário, mas consideradas culpadas até a prova do contrário. Havia poucos padrões para a apresentação de evidências, e às vezes o acusado nem recebia a oportunidade de se defender. Além do mais, a maioria das cortes antigas se mostrava disposta a condenar com base em uma única testemunha.

Obviamente, todo esse sistema legal estava sujeito ao abuso, o que explica por que Deus formulou o nono mandamento desta forma: "Não dirás falso testemunho contra o teu próximo" (20.16). Nos dias antes das evidências forenses, quase tudo dependia da testemunha. Normalmente, tudo se reduzia à palavra de uma pessoa contra a palavra de outra e, já que muitos crimes eram tratados como ofensas capitais, muitas vezes o que estava em jogo era a vida do réu. As palavras de um falso testemunho podiam ser fatais.

Pela sabedoria e pela providência de Deus, a situação era diferente em Israel. Quando um membro da comunidade da aliança era acusado perante uma corte,

ele se apresentava a um júri de anciãos. Precisava haver mais de uma testemunha, pois, como Deus disse em sua lei, “uma só testemunha não se levantará contra alguém por qualquer iniquidade ou por qualquer pecado, seja qual for que cometer; pelo depoimento de duas ou três testemunhas se estabelecerá o fato” (Dt 19.15). Isso era especialmente importante no julgamento de uma ofensa capital: ninguém deveria ser executado com base em um único testemunho (Nm 35.30; Dt 17.6).

Outra proteção dizia respeito à execução do julgamento. Quando alguém era condenado à morte, seu acusador precisava atirar a primeira pedra (Dt 17.7; cf. Jo 8.7). Isso era uma proteção significativa, pois uma coisa é acusar alguém, outra bem diferente é matá-lo. Além do mais, se as acusações se revelassem falsas, o acusador era punido: “Os juízes indagarão bem; se a testemunha for falsa e tiver testemunhado falsamente contra seu irmão, far-lhe-eis como cuidou fazer a seu irmão” (Dt 19.18-19a). Essas medidas jurídicas pretendiam proteger o inocente da injustiça. Os membros do povo de Deus não deviam dar testemunho falso uns contra os outros. Como diria mais tarde o profeta Zacarias: “Falai a verdade cada um com o seu próximo, executai juízo nas vossas portas, segundo a verdade, em favor da paz” (Zc 8.16b).

Esses princípios continuam relevantes para os processos legais de hoje, tanto civis quanto eclesiásticos. Muitas pessoas perderam a confiança na justiça pública, e ela só pode ser restaurada por meio da rejeição de qualquer forma de falsidade. Onde não há verdade não pode haver justiça. Joachim Duma afirma que, quando contemplamos o nono mandamento,

precisamos sempre incluir referências à importância do sistema de justiça. Antigos intérpretes do nono mandamento jamais hesitavam em mencionar várias pessoas que ocupam um papel na administração da justiça. Esses intérpretes exigiam um juiz que fosse incorruptível e não julgasse apressadamente. [...] Exigiam um acusador que jamais acusasse alguém sem necessidade, com base em antipatia ou vingança. Esperavam que uma testemunha dissesse a verdade e nada além da verdade. O advogado estava proibido de distorcer os fatos, mesmo exercendo a valiosa função de ir ao socorro do acusado e exigir que a prova de culpa – caso existisse – fosse inquestionável. Esses intérpretes exigiam que o acusado confessasse sua culpa quando a culpa era comprovada.4

Em outras palavras, todos os envolvidos em todo o processo jurídico têm a obrigação de defender a verdade, toda a verdade e nada além da verdade.

Mentiroso! Mentiroso!

O tribunal não é o único lugar em que alguém pode dar falso testemunho. Lembre-se de como funcionam os Dez Mandamentos. O que eles proíbem é a forma mais extrema de qualquer pecado específico. Assassinato é o tipo mais extremo de ódio, adultério é o pecado sexual mais destrutivo, etc. Semelhantemente, o nono mandamento proíbe a mentira mais mortal, aquela que condena um homem inocente por um crime que não cometeu.

Segundo a "regra das categorias" (veja o capítulo 48), cada mandamento se aplica também a pecados menores do mesmo tipo. No caso do nono mandamento, o princípio subjacente é que Deus proíbe qualquer forma de falsidade. Isso é confirmado pelo profeta Oseias, que acusou os israelitas de "perjurar, mentir, matar, furtar e adulterar" (Os 4.2a). Oseias estava se referindo claramente aos Dez Mandamentos, mas, em vez de usar o termo hebraico para falso testemunho (sH~q~r), ele usou uma palavra mais geral, que se refere a qualquer tipo de mentira (K~ch~sH). O nono mandamento significa: "Não mentirás". Ele não trata apenas do falso testemunho dado por pessoas num tribunal, mas também das mentiras que se contam ao vizinho quando conversam junto à cerca do terreno e dos boatos que se espalham entre os bancos da igreja.

Existem muitas maneiras diferentes de mentir. O Roget's Thesaurus oferece uma lista impressionante de sinônimos. Uma falsidade pode ser descrita como invenção, equívoco, fabricação ou prevaricação. Desonestidade também se apresenta em todos os tamanhos. Existem as mentiras grandes – as mentiras deslavadas e enganações. Existem também as mentiras pequenas – as meias-verdades, as bajulações e as lorotas. O que dizemos pode ser verdade, mas excluímos os detalhes que podem nos deixar na desvantagem. Ou dizemos algo que é tecnicamente verdadeiro, mas que, mesmo assim, pretende enganar. Exageramos nossas conquistas, apresentando-nos na melhor luz possível. Ao mesmo tempo, exageramos os erros de outras pessoas, pensando e dizendo o pior sobre elas. Enganamos, citamos e interpretamos errado. Distorcemos as palavras

das pessoas, tirando as coisas do contexto. Dessas e de muitas outras maneiras trocamos a verdade por uma mentira.

A violação mais escancarada do nono mandamento é qualquer mentira que prejudique outra pessoa. O que o mandamento proíbe especialmente é a falsidade contra o nosso próximo. Deus nos deu a capacidade de falar para que usemos nossas palavras para louvá-lo e abençoar outros. No entanto, nossa fala está corrompida por nosso pecado e, assim, ela tem o poder de causar grandes danos. O apóstolo Tiago descreveu a língua como algo que "contamina o corpo inteiro, e não só põe em chamas toda a carreira da existência humana, como também é posta ela mesma em chamas pelo inferno" (Tg 3.6). Como um enorme fogo na floresta causado por um único indivíduo descuidado, uma língua mentirosa consome tudo em seu caminho. Tiago disse também: "A língua, porém, nenhum dos homens é capaz de domar; é mal incontido, carregado de veneno mortífero" (3.8). A língua é realmente a parte mais perigosa do corpo!

Em vista do perigo que as palavras podem representar, não surpreende que, quando o Novo Testamento menciona os pecados que devemos evitar, ele nos instrui a ter cuidado com o que dizemos. O apóstolo Paulo advertiu os coríntios contra "contendas [...] porfias, detrações" (2Co 12.20); informou aos gálatas que "discórdias" e "dissensões" eram atos de natureza pecaminosa (Gl 5.19-20); instruiu os efésios a se livrarem de "blasfêmias" e "malícia" (Ef 4.31). Todos esses pecados da fala violam o nono mandamento porque, em vez de serem usadas para edificar as pessoas, as palavras são usadas para derrubar.

Quando a Bíblia condena a fofoca, ela se refere a mais do que apenas à conversa casual sobre assuntos alheios. Fofocar significa falar sobre pessoas de uma maneira que prejudica sua reputação aos olhos de outros. Reputações são importantes. A Bíblia diz: "Mais vale o bom nome do que as muitas riquezas; e o ser estimado é melhor do que a prata e o ouro" (Pv 22.1). Um problema com a fofoca é que ela tenta roubar esse tesouro. Quando isso é feito por meio da fala, é chamado de calúnia; quando é feito em veículos impressos, é chamado de libelo. Em ambos os casos, as vítimas não têm como se defender. Nunca recebem a chance de explicar suas circunstâncias, esclarecer suas motivações ou corrigir os equívocos que as pessoas nutrem em relação a elas. Em vez disso, são acusadas, processadas e condenadas na corte da opinião privada.

A maior parte da fofoca contém muitas informações erradas. Pessoas que fofocam trocam rumores, boatos, insinuações e outras formas notoriamente

inconfiáveis de comunicação. No entanto, até mesmo palavras verdadeiras podem violar o nono mandamento. Às vezes, aquilo que uma fofoca relata é verdadeiro, mas é dito à pessoa errada ou pelo motivo errado, para o prejuízo de outros. As palavras podem conter alguma versão da verdade, mas o testemunho é falso porque é malicioso. Joachim Duma comenta:

Talvez a pessoa que espalha uma fofoca não esteja mentindo, mas está sendo insincera: está dizendo coisas que são verdadeiras, mas que, no contexto da calúnia, são enganosas. Os erros, falhas ou fraquezas do próximo são discutidos em todos os seus pormenores. As pessoas percebem que esse tipo de conversa lhes garante um público atencioso. Pois é um fenômeno universal que preferimos ouvir algo negativo sobre nosso próximo do que algo positivo. E, às vezes, a sujeira continua grudando na pessoa por muito tempo após o assunto morrer. Como Martinho Lutero disse em seu Catecismo Maior, a reputação é algo que se rouba facilmente, mas não se devolve rapidamente.5

Fofocar é um pecado tão comum que nos esquecemos de quão ímpio ele é, mas, antes de abrir a boca e começar a falar sobre outra pessoa, precisamos nos fazer algumas perguntas difíceis: aquilo que estou dizendo é verdadeiro? Se for, isso realmente precisa ser dito a essa pessoa nessa conversa? Eu o diria desse jeito se a pessoa sobre a qual estou falando estivesse me ouvindo? Se as nossas palavras não resistirem a esses testes simples, então é melhor ficarmos calados.

E existe ainda outro lado. Assim como é errado fofocar, é igualmente errado dar ouvidos à fofoca. Isso também é prejudicial à verdade. Segundo um antigo ditado rabínico, calúnia “mata três pessoas: aquela que a fala, aquela que a ouve e aquela sobre a qual ela é dita”.6 O puritano Thomas Watson disse algo semelhante: “Aquele que espalha a calúnia tem o diabo na língua; e aquele que a recebe tem o diabo no ouvido”.7 Watson estava certo: sempre que damos ouvido à fofoca nos envolvemos em seu pecado. Somos levados a fazer julgamentos sobre outros quando não nos cabe julgar. O problema é que a maioria de nós adora ouvir um pouco de fofoca, especialmente quando é picante. Segundo Provérbios, “As palavras do maldizente são doces bocados que descem para o mais interior do ventre” (Pv 18.8). Mas não importa quão gostosa a fofoca seja, ela continua sendo veneno.

O que devemos fazer quando alguém nos conta algo que sabemos que não deveríamos ouvir? Interromper! Devemos dizer: “Sabe, parece que essa conversa está se transformando em fofoca; precisamos conversar sobre outra coisa”. Ou: “Espere, antes de você continuar, por que não paramos e oramos sobre isso?” Então, após apresentar a questão ao Senhor, podemos dizer: “Agora, o que você queria me contar?” Ou devemos dizer: “Sinto muito, acho que não quero ouvir mais nada sobre isso. Diga-me, você já foi e conversou sobre isso com as pessoas envolvidas? Caso contrário, não seria correto conversarmos sobre isso”.

Muitas vezes, as pessoas que gostam de reclamar de outras não estão dispostas a fazer o duro trabalho espiritual de ajudá-las a crescer em piedade. Mas a Bíblia é muito clara em relação ao modo correto de lidar com os pecados de outros. Primeiro, antes de falar com qualquer outra pessoa, precisamos ir diretamente até eles e discuti-lo com eles (Mt 18.15). Se não estiverem dispostos a confessar seu pecado, existem maneiras apropriadas de envolver outras pessoas da igreja para tratar do assunto. Mas a única ocasião em que devemos conversar sobre o pecado de outra pessoa é quando é nossa responsabilidade oferecer-lhe ajuda espiritual. Caso contrário, não é da nossa conta. Se todos seguissem essas simples diretrizes, não sobraria ninguém que estivesse disposto a ouvir fofoca.

A melhor política

Segundo a “regra dos dois lados” (veja o capítulo 48), existe algo que cada mandamento proíbe e também algo que ele exige. No caso do nono mandamento, é fácil aplicar essa regra. Se é proibido mentir, então o que é exigido é dizer a verdade.

Não é fácil defender a verdade. George Orwell disse: “Numa era de enganação universal, dizer a verdade é um ato revolucionário”.8 Se isso é verdade, então os cristãos deveriam ser chamados revolucionários, pois certamente estamos vivendo numa era de enganação, em que todos parecem estar mentindo. Como vimos no capítulo anterior, existem as mentiras contadas por comerciantes – ao mesmo tempo em que economizam na verdade. Existem as mentiras contadas pelos acadêmicos. Nos dias de hoje, a maior mentira contada no campus é que não existe verdade universal, apenas versões diferentes da realidade. Isso faz parte daquilo que os estudiosos chamam de pós-modernismo. É uma grande mentira que permite aos acadêmicos contar todos os tipos de outras mentiras.

Existem também todas as mentiras ditas por políticos, especialmente durante as campanhas eleitorais. Depois de todos os ataques e promessas rompidas, os eleitores são mais céticos do que nunca. Muitas vezes, nós nos pegamos fazendo a mesma pergunta que a revista Time fez antes de uma eleição presidencial recente: “Alguém está dizendo a verdade nesta campanha?”9 Existem também as mentiras faladas pelos jornalistas. Quando a história é mais importante do que a verdade, a linha entre fato e ficção se torna borrada. Com todas essas mentiras sendo ditas, dificilmente ficamos surpresos ao saber que menos da metade dos jovens cristãos acredita que exista um padrão de verdade objetivo.10

Numa cultura de mentiras – naquilo que Charles Colson chamou de “sociedade pós-verdade”11 – somos chamados para ser um povo da verdade. Se formos acadêmicos, somos chamados para ser cuidadosos com nossas citações e justos em nossas críticas. Se formos políticos, somos chamados para ser honestos sobre nosso histórico e sobre o dos nossos adversários. Se formos comerciantes, somos chamados para negociar honestamente com as pessoas. Se formos jornalistas, somos chamados para apresentar todos os fatos. Esses são apenas alguns exemplos, é claro. Cada disciplina tem suas próprias enganações, mas quaisquer que sejam as mentiras que as pessoas digam em nossa linha de trabalho, somos chamados a dizer a verdade.

A razão pela qual somos chamados para ser o povo da verdade é que servimos a um Deus que diz a verdade. Deus, o Pai, é verdadeiro. A Bíblia diz: “Seja Deus verdadeiro, e mentiroso, todo homem” (Rm 3.4). Deus, o Filho, é verdadeiro. A Bíblia diz que ele veio do Pai, “cheio de graça e de verdade” (Jo 1.14) e “dolo algum se achou em sua boca” (Is 53.9), pois ele é a personificação da verdade. Jesus disse: “Eu sou [...] a verdade” (Jo 14.6) e: “todo aquele que é da verdade ouve a minha voz” (Jo 18.37). Deus, o Espírito Santo, também é verdadeiro. Na verdade, a Bíblia o chama de “espírito da verdade” (1Jo 4.6). Se Deus é verdadeiro – Pai, Filho e Espírito Santo –, então ele deve ser fiel à sua Palavra. E assim é. Tudo o que Deus disse – incluindo cada palavra em cada página da Bíblia – é absoluta, inequívoca e completamente verdadeiro. Portanto, podemos sempre confiar na Palavra de Deus: “A tua palavra é a verdade” (Jo 17.17a).

Se Deus é verdadeiro conosco, devemos ser verdadeiros com ele e também uns com os outros. As Escrituras dizem: “Não [...] usareis de falsidade cada um com o seu próximo; nem jurareis falso pelo meu nome, pois profanaríeis o nome do vosso Deus. Eu sou o Senhor” (Lv 19.11-12). Dizem também: “[...] deixando a mentira, fale cada um a verdade com o seu próximo, porque somos membros uns

dos outros” (Ef 4.25). João Calvino resumiu o ensinamento bíblico da seguinte maneira: “O propósito desse mandamento é: já que Deus (que é a verdade) abomina a mentira, devemos praticar a verdade sem enganação um para com o outro”.12 Honestidade realmente é a melhor política, não apenas porque nos ajuda a viver em harmonia uns com os outros, mas porque a nossa comunicação interpessoal deve estar fundamentada no caráter de Deus.

Dizer a verdade significa pensar e dizer o melhor sobre as pessoas. Em vez de suspeitar de suas motivações, devemos supor o melhor com base naquilo que disseram ou fizeram. Dizer a verdade também significa defender as pessoas quando são atacadas injustamente. Muitas vezes, as pessoas assistem em silêncio, mas, como escreve William Barclay, “é um princípio importante de que um silêncio covarde, ou desinteressado ou irresponsável pode ser um crime tão insensato quanto a fala falsa e mentirosa. O pecado do silêncio é tão real quanto o pecado da fala”.13

Às vezes, o pecado precisa ser confrontado e, nesses casos, observar o nono mandamento significa falar “a verdade em amor” (Ef 4.15). Infelizmente, é o amor que normalmente falta. Alguns cristãos estão mais dispostos a “dizer a verdade nua e crua”, mas sua honestidade tem algo de cruel. Entenda que observar o nono mandamento não significa dizer tudo o que lhe passa pela cabeça. Existem muitas situações na vida em que é melhor ficar de boca fechada. O que o nono mandamento significa é falar com honestidade – quando é a nossa obrigação falar – de modo amoroso.

Às vezes, as pessoas se perguntam se existe alguma situação em que seja permissível mentir. E quanto a contar uma história exagerada em prol do efeito cômico ou para passar a perna em alguém? Contanto que sejam contadas com afeto, esses tipos de piada não violam o nono mandamento, porque não há intenção de enganar. No entanto, é sempre errado usar o humor para ferir a dignidade de alguém.

E em tempos de guerra ou perseguição? É permitido mentir em situações assim? Desde Agostinho, muitos teólogos têm dito que não. Todavia, houve vários incidentes na Bíblia em que a enganação não foi condenada. Houve as parteiras hebreias Sifrá e Puá, que enganaram Faraó para impedir um genocídio. Houve Raabe, que enganou os cananeus para salvar os espiões de Josué. Houve Gideão, que usou a dissimulação como estratégia de guerra. A Bíblia não condena essas falsidades. No entanto, cada uma dessas “não verdades” foi contada para impedir

que homens maus cometessem pecados ainda maiores, como assassinato. Não devemos usar esses casos extremos para justificar falsidades quando nos encontramos de costas contra a parede ou quando achamos que o fim justifica nossos meios. Mesmo nesses casos raros, quando uma mentira parece necessária para proteger outros, ela continua sendo errada em si mesma.

A mentira mortal

Existem muitos mentirosos na Bíblia. Houve a serpente que mentiu para Eva no jardim do Éden. Houve Jacó, que enganou seu irmão levando-o a vender seu direito de primogenitura. Houve os homens que Jezabel subornou para que testificassem contra Nabote. Houve os profetas mentirosos que criticaram Jeremias. E, é claro, houve todas as mentiras que as pessoas diziam sobre Jesus Cristo. Mas a história mais assustadora de enganação ocorreu na igreja primitiva. É a história de um marido e de sua esposa e de sua mentira mortal.

Ananias e Safira eram membros da primeira igreja em Jerusalém. Eram tempos excitantes para ser cristão. Jesus havia voltado para o céu e derramado seu Espírito sobre a igreja. Os apóstolos estavam pregando o evangelho e realizando sinais milagrosos. As pessoas estavam indo à fé em Cristo todos os dias!

Quase tão notável era a maneira como os cristãos cuidavam das necessidades práticas uns dos outros. A Bíblia diz:

> Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum. [...] Pois nenhum necessitado havia entre eles, porquanto os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes e depositavam aos pés dos apóstolos; então, se distribuía a qualquer um à medida que alguém tinha necessidade. (At 4.32,34-35; cf. 2.44-45)

Quando os primeiros cristãos fizeram isso, estavam afirmando algo importante. Estavam testificando que, visto que haviam encontrado seu tesouro em Jesus

Cristo, estavam dispostos a dar tudo o que tinham para a obra do seu reino. Quando vendiam sua propriedade e devolviam tudo a Deus, isso representava um gesto público de compromisso total com Cristo.

Uma das pessoas que fizeram isso foi um homem de Chipre chamado José. A Bíblia diz que ele "como tivesse um campo, vendendo-o, trouxe o preço e o depositou aos pés dos apóstolos" (At 4.36-37). José nem era de Jerusalém, mas, mesmo assim, contribuiu para a obra de Deus nessa grande cidade. Foi uma oferta tão generosa que os apóstolos lhe deram um novo apelido: chamaram-no Barnabé, que significa "filho do encorajamento".

Ananias e Safira viram o que Barnabé fez. Também perceberam como sua oferta aumentou sua reputação na igreja. O casal percebeu que, se quisesse receber o tipo de atenção que acreditava merecer, precisaria fazer uma doação grande aos apóstolos, e foi o que fez: "Entretanto, certo homem, chamado Ananias, com sua mulher Safira, vendeu uma propriedade, mas, em acordo com sua mulher, reteve parte do preço e, levando o restante, depositou-o aos pés dos apóstolos" (At 5.1-2). "Ninguém jamais saberá", eles devem ter pensado.

Compreenda que Ananias e Safira tinham todo o direito de usar sua propriedade como bem entendessem. Não eram obrigados – nem por Deus nem por qualquer pessoa – a vender seu campo. E quando o venderam, não eram obrigados a doar todo o dinheiro a Deus. Era uma questão de administração, e eles tinham a liberdade de usar o que tinham como bem quisessem. Deus os teria aceitado se tivessem dado apenas parte do dinheiro à igreja ou se não tivessem dado nada, contanto que o fizessem para a glória de Deus.

O problema não foi o que Ananias e Safira fizeram, mas o que disseram. Disseram que estavam dando a Deus a soma total, quando, na verdade, estavam ficando com uma parte para si mesmos. Não está totalmente claro como Ananias disse isso. Talvez o tenha dito em voz alta, talvez simplesmente tenha dado a entender isso por meio do ato de depositar o dinheiro aos pés dos apóstolos. De qualquer forma, Ananias mentiu. Agiu como se tivesse feito algo totalmente para Deus quando, na verdade, ele o fizera em parte para Deus e em parte para si mesmo.

De alguma forma, Pedro soube o que Ananias havia feito, pois, assim que recebeu a oferta, ele o repreendeu duramente: "Ananias, por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do

campo? Conservando-o, porventura, não seria teu? E, vendido, não estaria em teu poder? Como, pois, assentaste no coração este desígnio? Não mentiste aos homens, mas a Deus" (v. 3-4).

Pedro disse três coisas importantes a Ananias. Primeiro, disse qual era o seu pecado. Não era um pecado de furto em primeiro lugar, nem de ganância, mas de enganação. O que ele violou foi o nono mandamento, não só o oitavo e o décimo.

Em segundo lugar, Pedro disse a Ananias de onde vinha seu pecado. Vinha de um coração afetado pelo veneno do engano demoníaco. Satanás é aquele que encheu o coração de Ananias com mentiras, o que não surpreende, pois Satanás era mentiroso desde o início. Jesus o chamou de "pai da mentira" (Jo 8.44). No fundo, todas as mentiras vêm de Satanás. Isso nos ajuda a entender por que a mentira é tão abominável e por que Deus a odeia tanto (veja Pv 6.16-19; Zc 8.17). Enquanto toda a verdade vem do nosso Pai celestial, cada mentira vem do próprio diabo.

A terceira coisa que Pedro fez foi dizer a Ananias contra quem ele havia pecado. Ele não havia pecado primariamente contra Pedro e sua autoridade apostólica, nem mesmo contra a igreja, mas, acima de tudo, contra Deus. Pedro disse a Ananias que ele "mentiu ao Espírito Santo" (At 5.3). Então disse: "Não mentiste aos homens, mas a Deus" (v. 4). A mentira é isto: um pecado contra o Deus de toda a verdade.

Mais uma vez – como acontece com tantos mandamentos – somos confrontados com a loucura absoluta do pecado. Como alguém pode mentir a Deus e esperar se safar? E é claro que ele não se safou: "Ouvindo estas palavras, Ananias caiu e expirou, sobrevindo grande temor a todos os ouvintes. Levantando-se os moços, cobriram-lhe o corpo e, levando-o, o sepultaram" (v. 5-6). Fim da história. Com a exceção de que, por alguma razão, Safira não soube do ocorrido: "Quase três horas depois, entrou a mulher de Ananias, não sabendo o que ocorrera" (v. 7). Pedro lhe deu a chance de se arrepender de seu pecado. Disse: "Dize-me, vendestes por tanto aquela terra?" (v. 8a). O preço que Pedro mencionou não foi a soma total da venda; era apenas a quantia da oferta, como Safira sabia muito bem, mas ela respondeu: "Sim, por tanto" (v. 8b).

Sempre que mentimos, há o perigo de nos emaranharmos na rede da nossa própria enganação. Mas, nesse caso, Safira nem reconheceu o perigo. Primeiro,

Pedro a acusou de enganação: “Por que entrastes em acordo para tentar o Espírito do Senhor?” (v. 9a). Depois, na cronologia impecável da justiça de Deus, ele disse: “Eis aí à porta os pés dos que sepultaram o teu marido, e eles também te levarão” (v. 9b). Assim que os homens pisaram na soleira, eles tiveram de dar meia-volta e voltar para o cemitério, pois “no mesmo instante, caiu ela aos pés de Pedro e expirou. Entrando os moços, acharam-na morta e, levando-a, sepultaram-na junto do marido” (v. 10).

A verdade sobre nós

Você ficou chocado com o que Deus fez com Ananias e Safira? Imagine como seria se isso acontecesse em sua igreja. Imagine um casal respeitado caindo morto aos pés do pastor por algo que a maioria das pessoas consideraria uma enganação banal – uma pequena mentira inocente sobre quanto eles colocaram no gazofilácio. Todos ficariam maravilhados [...] e assustados, o que foi exatamente a reação das pessoas em Jerusalém. A Bíblia diz: “E sobreveio grande temor a toda a igreja e a todos quantos ouviram a notícia destes acontecimentos” (v. 11). O episódio deixou todo mundo arrepiado. A punição foi tão severa e tão repentina! Num dia, Ananias e Safira estavam na igreja, cantando hinos e participando do estudo bíblico. No dia seguinte, estavam mortos! Dentro de uma questão de horas, ambos foram arrastados para fora e enterrados. Deus realmente agiu com justiça ao fazer isso?

É claro que sim! Isso foi justo porque mentir é um pecado mortal. O rei Davi disse: “Tu destróis os que proferem mentira” (Sl 5.6a) e, quando Ananias e Safira caíram mortos, suas palavras se tornaram realidade. Davi também fez esta pergunta: “Quem, Senhor, habitará no teu tabernáculo? Quem há de morar no teu santo monte?” (Sl 15.1). O rei respondeu: “O que [...] de coração, fala a verdade; o que não difama com sua língua” (v. 2-3). A implicação é que as únicas pessoas que são dignas de entrar no reino de Deus são as pessoas que observam o nono mandamento. Mas e quanto às pessoas que o violam? Jesus disse que o lugar dos mentirosos é “no lago que arde com fogo e enxofre” (Ap 21.8) e que “todo aquele que ama e pratica a mentira” será excluído de sua cidade eterna para sempre (Ap 22.15). Cada mentiroso merece morrer e, depois, sofrer a ira eterna de Deus contra o pecado.

É claro que todos ficaram com medo. O que aconteceu a Ananias e Safira era

uma indicação do juízo vindouro. Estavam com medo porque sabiam que eles também eram mentirosos. Entenderam que aquilo que Ananias e Safira haviam feito não era pior do que muitas das mentiras que eles haviam falado. Foi apenas um exagero, nada mais – um erro de matemática. Se Deus matava pessoas por causa de algo assim, então eles também mereciam morrer, e rapidamente não sobraria igreja! Sem dúvida, durante semanas depois disso eles tiveram muito cuidado em não alegar nada além daquilo que realmente haviam feito para Deus!

Se há uma coisa que Deus odeia são as mentiras que cristãos falam para parecerem mais justos do que realmente são. Nosso testemunho é que somos injustos, que não há nenhuma maneira de sermos salvos sem a graça de Deus em Jesus Cristo. A verdade sobre nós é que somos tão culpados que o próprio Filho de Deus teve de ser crucificado para pagar por nossos pecados. Se isso é verdade, então por que fazer de conta que somos mais do que pecadores salvos pela graça? Agir como se fôssemos espiritualmente perfeitos é uma mentira. E mais, é uma negação da graça de Deus. Só ela tem o poder de nos salvar.

Numa reunião local da igreja, outro pastor me confrontou. Ele me repreendeu por ser legalista, por não demonstrar a graça de Deus. Francamente, ele foi um pouco agressivo, e não tenho certeza se sua repreensão era justa. Mas o que poderia dizer? Ele estava certo, é claro. No fundo do coração, sou um fariseu. E isso nem é o pior. Sou um criminoso que gosta de seguir outros deuses. Mesmo tendo um ministério sagrado, profano o nome de Deus. Sou culpado de intenções assassinas, pensamentos e desejos cobiçosos. Mesmo assim, sou capaz de encobrir a maior parte disso durante a maior parte do tempo (pelo menos acredito conseguir). Mas essa é a verdade sobre mim, a verdade que as pessoas seriam capazes de ver se tudo isso não estivesse encoberto por tantas mentiras.

Qual é a verdade sobre você? Quais são as mentiras que você tem contado? Quais são as mentiras que você conta a si mesmo? Quais são as mentiras que você tenta contar a outros? A maior mentira é a que vivemos todos os dias, a mentira que nos esforçamos tanto para sustentar. É a mentira de que somos por dentro aquilo que fingimos ser por fora. Mas Jesus disse: “Ai de vós [...] hipócritas [...] que, por fora, se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia!” (Mt 23.27-28).

Algo lindo acontece quando estamos dispostos a confessar a verdade sobre nós mesmos e todo o nosso pecado. O que acontece é que somos capazes de ver a verdade sobre Jesus e aquilo que ele fez para a nossa salvação. É apenas quando

dizemos a verdade sobre nosso pecado que conseguimos ver quanto precisamos de um Salvador – do Salvador que disse: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8.32).

Notas

1 A queda trágica de O'Leary está documentada em Gary Smith, "Lying in Wait", Sports Illustrated (8 de abril de 2002), p. 70-87.

2 O estudo, realizado por Colorado's Avert Inc., é mencionado por Jeffrey Kluger em "Pumping Up Your Past", revista Time (10 de junho de 2002).

3 Paul Gray, citado em Michael S. Horton, The Law of Perfect Freedom (Chicago: Moody, 1993), p. 225-26.

4 Joachim Duma, The Ten Commandments: Manual for the Christian Life, Nelson D. Kloosterman (trad.) (Phillipsburg, NJ: P&R, 1996), p. 315-16.

5 Ibid., p. 316-17.

6 Essa versão do conhecido ditado vem de Göran Larsson, Bound for Freedom: The Book of Exodus in Jewish and Christian Traditions (Peabody, MA: Hendrickson, 1999), p. 153.

7 Thomas Watson, The Ten Commandments (1890; reimpressão. Edimburgo: Banner of Truth, 1965), p. 169-170.

8 George Orwell, como visto num adesivo de para-choque em Filadélfia.

9 Paul Gray, citado em Horton, The Law of Perfect Freedom, p. 225.

10 “Churched Youth Survey”, Barna Research Group (1994).

11 Charles Colson, “Post-Truth Society”, Christianity Today (11 de março de 2002), p. 112.

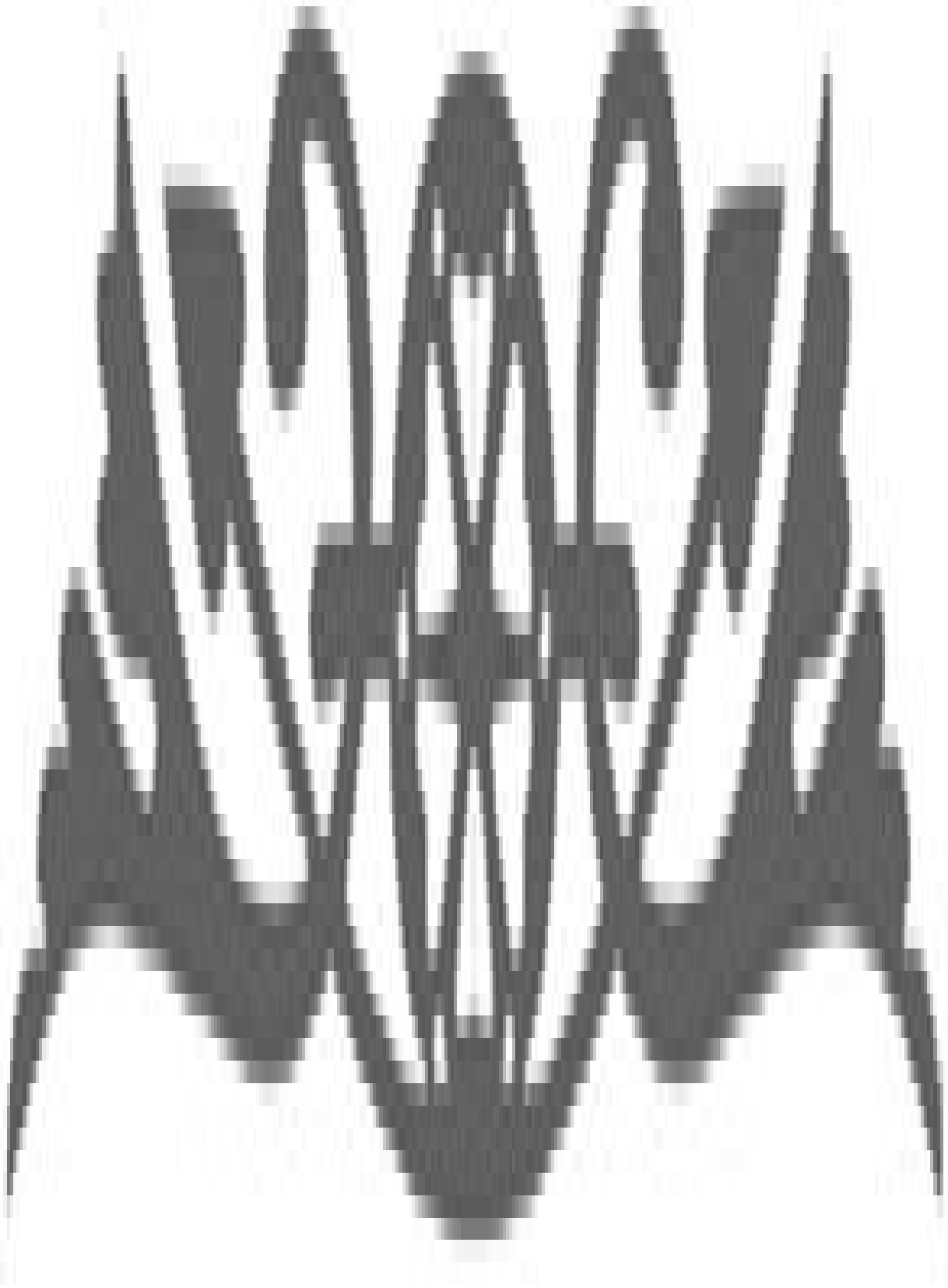
12 João Calvino, Institutes of the Christian Religion, Ford Lewis Battles (trad.), 2 vols., Library of Christian Classics, 20-21 (Filadélfia: Westminster, 1960), II.viii.47.

13 William Barclay, em Maxie D. Dunnam, Exodus, The Communicator’s Commentary (Waco, TX: Word, 1987), p. 266.

58

O décimo mandamento: contentar-se

Êxodo 20.17



Jesus disse muitas coisas que se opõem diretamente ao modo de vida da maioria das pessoas. Ele disse: “Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra” (Mt 5.5), e “amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam” (Lc 6.27). Mas entre todas as coisas que Jesus disse, nada se opõe de forma mais direta aos valores da nossa cultura de consumo do que isto: “Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (Lc 12.15).

É claro, porém, que hoje a maioria dos norte-americanos aparenta crer que a vida consiste sim na abundância dos nossos bens. Sempre estamos tentando conseguir mais por menos, estamos sempre gastando, mas nunca satisfeitos. Um pastor confessou:

Pertenço ao Culto da Próxima Coisa. É perigosamente fácil ser recrutado. Acontece automaticamente – você não escolhe o culto, você simplesmente não resiste a ele. O Culto da Próxima Coisa é o consumismo em termos religiosos. Ele tem sua própria ladainha de palavras sagradas: mais, você merece, novo; mais rápido, mais limpo, mais brilhante. Tem sua própria liturgia profundamente arraigada: débito, crédito imediato, sem entrada, pagamento adiado, três meses sem juros. Tem seus próprios pregadores, evangelistas, profetas e apóstolos: marqueteiros, divulgadores e celebridades patrocinadoras. Tem, é claro, também seus próprios altares, capelas, templos, mecas: shoppings, megalojas, clubes de assinatura. Tem seus próprios sacramentos: cartões de débito e crédito. Tem até sua própria experiência extática: a compra compulsiva. A mensagem central do Culto da Próxima Coisa proclama: “Anseie e gaste, pois o Reino das Coisas chegou”.1

Por que é tão grande a tentação de pertencer ao Culto da Próxima Coisa? Porque nosso coração está cheio de desejos pecaminosos. Em vez de nos contentarmos com aquilo que temos, sempre desejamos algo diferente. Em vez de nos contentarmos, cobiçamos.

Desejo ímpio

Cobiçar é estritamente proibido pelo décimo mandamento: “Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo” (20.17).

O que significa cobiçar? Cobiçar é ansiar, desejar algo com muita força, almejar por algo que pertence a outro. Cobiçamos sempre que voltamos nosso coração para algo que não nos pertence por direito. John Mackay descreve a cobiça como “um desejo excessivo de possuir de forma errada algo que pertence a outro”.2 Não é simplesmente querer o que não temos; é querer algo que outra pessoa possui. Já que a cobiça tem a ver com querer, é um pecado de desejo. O puritano Thomas Watson a definiu como “um desejo insaciável de adquirir o mundo”.3 Com “o mundo” ele se referia a qualquer coisa que este mundo tem a oferecer, em oposição às coisas espirituais que só podem vir de Deus. Um comentarista mais recente descreveu a cobiça como “um desejo imoderado, descontrolado e egoísta de algo”.4

Evidentemente, nem todos os desejos são egoístas. Deus nos criou como criaturas de desejo. Nosso desejo de alimentos nos lembra de comer. Nosso desejo de fazer algo útil nos motiva para o trabalho. Nosso desejo de amizade nos atrai para a comunidade. Nosso desejo de intimidade – inclusive a intimidade sexual – pode nos levar ao casamento. Temos muitos desejos saudáveis, incluindo o mais profundo de todos os desejos, que é conhecer a Deus. Mas como todo o restante de nós, nossos desejos estão corrompidos pelo pecado. Muitas vezes, queremos a coisa errada, da forma errada, no momento errado e pela razão errada, e é isso que o décimo mandamento proíbe. Segundo o Breve Catecismo de Westminster, “O décimo mandamento proíbe todo o descontentamento com a nossa condição, todo o movimento de inveja ou pesar à vista da prosperidade do nosso próximo e todas as tendências ou afeições desordenadas a alguma coisa que lhe pertence” (resposta à pergunta 81).

Sempre há algo de invejoso na cobiça. Isso teve sua origem lá atrás, no jardim do Éden. Antes de Eva comer do fruto proibido, ela o cobiçou (Gn 3.6). Não porque ela a admirasse como fruta em si, mas porque Satanás a tentou a invejá-la, dizendo-lhe que, se ela a comesse, seria igual a Deus. Eva comeu do fruto para obter algo que nunca deveria ser seu.

Temos pecado dessa forma desde então. Um bom lugar para observar isso é uma creche cheia de bebês. Nada desperta o interesse de uma criança por um brinquedo mais do que vê-lo nas mãos de outra criança, e a transição de cobiçar para roubar é quase instantânea. Os adultos são mais sutis, mas somos culpados do mesmo pecado. É a cobiça que provoca aquele pequeno abalo de decepção sempre que alguém recebe aquilo que queremos. É como reagimos quando um colega de trabalho recebe uma promoção, quando nosso colega de quarto encontra uma namorada e nós continuamos solteiros, ou quando um amigo viaja para um lugar sobre o qual podemos apenas sonhar como destino de férias. Estamos sempre nos comparando a outros e, francamente, ficamos ressentidos quando não recebemos o que eles têm. O apóstolo Tiago perguntou: “De onde procedem guerras e contendas que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne? Cobiçais e nada tendes; matais, e invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras” (Tg 4.1-2a).

Há todos os tipos de coisa que podemos cobiçar. Normalmente, associamos a cobiça corretamente a bens materiais. O décimo mandamento menciona várias formas de bens, como casas, servos e rebanhos. Hoje, a maioria das pessoas está menos interessada em jumentos e bois do que naquela época, mas o mandamento continua válido. Cobiçamos coisas como casas maiores, carros mais rápidos e entretenimento melhor. Também cobiçamos roupas de marca, eletrodomésticos com mais funções, bijuterias de redes de lojas e um milhão de outros produtos triviais.

O consumo tornou-se nosso estilo de vida. Não importa quanto temos, sempre queremos mais, e nosso desejo de coisas melhores e mais novas é quase insaciável. É isso que torna a publicidade tão bem-sucedida: nossa incapacidade de observar o décimo mandamento. Já houve um país mais cobiçoso do que os Estados Unidos da América? O autor norte-americano Ralph Waldo Emerson disse: “Quem está na sela são as coisas, e elas montam a humanidade”. Normalmente, chamamos isso de “ir atrás do sonho americano”, mas a Bíblia chama de cobiça.

Que mais cobiçamos? O décimo mandamento menciona “a mulher do teu próximo” (20.17). Isso é um lembrete de que sexo pode ser um dos nossos desejos mais incontroláveis. Sempre que nos entregamos a uma fantasia sexual, somos culpados de um tipo de cobiça. Estamos alimentando um desejo pecaminoso, que em breve exigirá ser satisfeito.

Resumindo: o décimo mandamento menciona várias coisas que somos tentados a cobiçar. No entanto, a lista não pretende ser abrangente, pois termina dizendo: “nem coisa alguma que pertença ao teu próximo”. Isso fecha qualquer brecha que possa ter restado. Os itens mencionados não são exaustivos; são apenas sugestivos. Somos proibidos de cobiçar qualquer coisa. Não devemos cobiçar os atributos de outra pessoa: idade, aparência, inteligência ou talentos. Não devemos cobiçar sua situação na vida: casamento, solteirice, filhos. Não devemos cobiçar conquistas espirituais, como um lugar mais preeminente no ministério da igreja ou um reconhecimento mais amplo de nossos dons espirituais. Não devemos cobiçar coisa alguma. A lei de Deus proíbe qualquer desejo ilícito.

Desejo mortal

A maioria das pessoas acredita que a cobiça é um pecado relativamente pequeno. De alguma forma, parece não pertencer à mesma liga de pecados “grandes”, como assassinato e adultério. Como confessou um comentarista:

Já tem passado pela minha cabeça que quem quer que tenha aprovado a versão final desses mandamentos não tinha um senso de suspense ou clímax muito apurado. Ele colocou todos esses pecados dramáticos e interessantes como roubar, adulterar e matar na frente. E terminou com a cobiça. Teria sido mais lógico começar com o pecado insípido e descartável como a cobiça, para então chegar às coisas mais graúdas.5

Contudo, sempre que somos tentados a minimizar o mal da cobiça precisamos nos lembrar que Deus a incluiu nos Dez Mandamentos. Além do mais, a cobiça é condenada por todo o restante da Bíblia. Jesus a mencionou com roubo, assassinato e adultério (Mc 7.21-22). O apóstolo Paulo afirmou que pessoas que cobiçam não herdarão o reino de Deus (1Co 6.9-10). Disse também: “Sabei, pois, isto: nenhum incontinente, ou impuro, ou avarento, que é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus” (Ef 5.5; Cl 3.5). O puritano Thomas Watson ofereceu uma ilustração vívida. Ele disse: “Assim como um barqueiro

aceita tantos passageiros para aumentar seu lucro que seu barco afunda, assim um homem cobiçoso obtém tanto ouro para aumentar sua posse que se afoga em perdição".6 A cobiça pode nos afundar no inferno de modo tão rápido quanto qualquer outro pecado.

Outra razão pela qual a cobiça é má é que ela gera muitos outros pecados. É um desejo tão intenso que, quase que inevitavelmente, leva as pessoas a violarem outros mandamentos. A pessoa que cobiça vai além de simplesmente querer algo para tramar um jeito de consegui-lo. Um bom exemplo é Acã, o ladrão que conhecemos quando estudamos o oitavo mandamento. A Bíblia diz que, antes de Acã roubar o tesouro de Jericó, ele o "cobiçou" (Js 7.21). Isso significa que ele não só o admirou. Significa que ele o desejou tanto que começou a tramar uma maneira de obtê-lo. E, quando conseguiu desenvolver um plano viável, foi adiante e cometeu o pecado. O desejo pecaminoso que Acã guardava em seu coração assumiu o controle sobre sua vontade, de modo que não conseguiu manter suas mãos longe das coisas de outro.

É assim que atos pecaminosos sempre começam – com um desejo pecaminoso. Primeiro vemos algo que desejamos. Depois começamos a pensar quanto desejamos aquilo e por quê. Logo, aquilo passa a dominar nossos pensamentos até se transformar em obsessão. Quando chegamos a esse ponto, o pecado consegue se impor. O apóstolo Tiago explica que "cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte" (Tg 1.14-15). O desejo mau gera o pecado e, por fim, a morte.

Foi por isso que Deus incluiu a cobiça nos Dez Mandamentos: desejos ímpios rapidamente se transformam em desejos mortais. Como dizem as Escrituras: "Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição" (1Tm 6.9). A cobiça pode ser tão fatal quanto qualquer outro pecado, o que deveria nos levar a fazer uma pergunta muito prática: o que meu coração deseja, e para onde esse desejo me levará no fim?

A essência da questão

O décimo mandamento contém algo de incomum que o distingue do resto do

Decálogo: ele vai direto ao coração. Os outros nove mandamentos condenam explicitamente atos externos, como a produção de ídolos, o trabalho no sábado, o assassinato de vítimas inocentes. Como vimos, esses mandamentos também proíbem pecados do coração, como o ódio e o desejo sexual. Segundo nossa "regra do dentro/ fora" (veja o capítulo 48), cada mandamento rege posturas internas e atos externos. Mas os nove primeiros mandamentos costumam começar com o aspecto externo para então voltarem-se para dentro, na medida em que aprendemos a aplicá-los.

O décimo mandamento, porém, começa por dentro. O mandamento sobre a cobiça não se preocupa em primeiro lugar com aquilo que fazemos, mas com aquilo que queremos fazer. Ele rege nossos desejos internos. Isso tem levado alguns comentaristas a se perguntarem se, talvez, o décimo mandamento seja supérfluo. A cobiça já não está incluída no oitavo mandamento? Se a lei de Deus contra o furto condena tanto nosso coração ganancioso quanto a nossa mão que rouba, por que, então, precisamos do décimo mandamento?

A resposta é que o décimo mandamento torna explícito o que os outros mandamentos apenas insinuam – ou seja, que Deus exige obediência tanto interna quanto externa. Se Deus não tivesse nos dado o décimo mandamento, poderíamos ser tentados a pensar que a obediência externa é tudo o que precisamos oferecer. Mas o décimo mandamento demonstra que Deus julga o coração. Caso alguém não tenha entendido, o mandamento contra a cobiça mostra que a lei de Deus é espiritual.

Michael Horton narra o encontro com um rabino, que lhe disse: "Sabe, uma das maiores diferenças entre nossas duas religiões é essa ideia de que você cometeu um pecado só por desejá-lo ou imaginá-lo. Nós acreditamos que você precisa realmente cometer o ato físico para que aquilo represente um pecado real. Caso contrário, estaríamos pecando o tempo todo!"7 O rabino estava certo: se Deus nos julga tanto por aquilo que está dentro de nós quanto por aquilo que está do lado de fora, estamos pecando o tempo todo. Isso é exatamente o que o décimo mandamento pretende ensinar. Martinho Lutero disse: "Este último mandamento se dirige, então, não àqueles que o mundo considera vigaristas perversos, mas precisamente aos mais retos – às pessoas que desejam ser elogiadas como honestas e virtuosas porque não violaram nenhum dos mandamentos anteriores".8 Como Lutero reconheceu, esse mandamento – mais do que qualquer outro – nos convence de que somos pecadores. E ele o faz com o propósito gracioso de nos mostrar que precisamos de um Salvador.

O décimo mandamento parece ter tido esse efeito na vida de Paulo. O apóstolo atravessou a primeira parte de sua vida supondo que podia fazer jus ao perfeito padrão da lei de Deus. Ele não matava, não adulterava, não furtava, não mentia – pelo menos não externamente. Então, Paulo chegou ao décimo mandamento, e a lei expôs seu pecado. Ele descreveu sua experiência da seguinte forma:

Que diremos, pois? É a lei pecado? De modo nenhum! Mas eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei; pois não teria eu conhecido a cobiça, se a lei não dissera: Não cobiçarás. Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, despertou em mim toda sorte de concupiscência. (Rm 7.7-8a)

Muito longe, então, de ser um anticlímax, a lei de Deus contra a cobiça é aquilo que nos convence de que somos pecadores que precisam da salvação. O décimo mandamento nos desilude de qualquer noção de que seríamos capazes de cumprir a lei de Deus. Como escreveu Francis Schaeffer:

“Não cobiçarás” é o mandamento interno que demonstra ao homem que se considera moral que ele realmente precisa de um Salvador. O homem “moral” mediano, que passou sua vida comparando-se a outros homens e a uma lista de regras um tanto fáceis, pode achar, como Paulo, que está se saindo bem. Mas, de repente, quando é confrontado com o mandamento interno de não cobiçar, ele cai de joelhos.9

Vinha da ira

De todas as histórias bíblicas sobre a cobiça, a mais interessante é a história de Acabe e da vinha da ira. A Bíblia descreve como “Nabote, o jezreelita, possuía uma vinha [...] em Jezreel”. E conta que a vinha ficava “ao lado do palácio que Acabe, rei de Samaria, tinha” (1Rs 21.1). Esse era o palco perfeito para uma história sobre a cobiça: dois homens, mas apenas uma propriedade de primeira.

O incidente começou com nada mais do que um desejo. O rei Acabe viu como era linda a vinha de Nabote e como era próxima de seu palácio real. E quanto mais a contemplava, mais a queria. Era uma vinha digna de um rei, ou pelo menos era assim que lhe parecia. Naturalmente, Acabe começou a imaginar o que faria com a propriedade se ela lhe pertencesse. Por mais linda que fosse como vinha, seria ainda mais linda como canteiro de legumes – especialmente se pertencesse a ele. Acabe começou a salivar; ele até já conseguia sentir o gosto das cenouras e dos nabos.

Assim, o rei decidiu fazer uma proposta comercial: “Disse Acabe a Nabote: Dá-me a tua vinha, para que me sirva de horta, pois está perto, ao lado da minha casa. Dar-te-ei por ela outra, melhor; ou, se for do teu agrado, dar-te-ei em dinheiro o que ela vale” (v. 2). Parecia uma oferta justa. Acabe daria a Nabote uma vinha tão boa quanto aquela próxima do palácio. Ou, se preferisse abandonar a indústria de uvas, Acabe lhe pagaria o valor da terra em dinheiro.

Nabote recusou imediatamente, dizendo: “Guarde-me o Senhor de que eu dê a herança de meus pais” (v. 3). A razão pela qual Nabote rejeitou Acabe foi que ele conhecia a Bíblia. Segundo a lei de Moisés, os filhos de Israel eram proibidos de vender sua propriedade. Deus havia dito: “Também a terra não se venderá em perpetuidade, porque a terra é minha; pois vós sois para mim estrangeiros e peregrinos” (Lv 25.23); “[...] os filhos de Israel se hão de vincular cada um à herança da tribo de seus pais” (Nm 36.7). Já que a terra pertencia a Deus, a vinha não podia ser vendida. Nabote era o tipo de homem que servia a Deus, não ao dinheiro. Se fosse necessário violar a lei de Deus, ele não venderia a fazenda da família, mesmo se isso lhe trouxesse vantagens financeiras. O que era apenas uma questão de luxo para Acabe era uma questão de piedade para Nabote. Jamais ele se separaria da herança de seus pais, de uma vinha que pertencia ao Senhor!

Nabote é um bom exemplo daquilo que Jesus quis dizer quando disse: “[...] onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração” (Mt 6.21). Ele havia encontrado seu tesouro nas promessas de Deus. O coração de Acabe, por sua vez, estava no lugar errado. Quando viu que estava perdendo aquela pequena propriedade, fez o que qualquer criança faz quando não consegue o que quer – fez beicinho. “Então, Acabe veio desgostoso e indignado para sua casa, por causa da palavra que Nabote, o jezreelita, lhe falara, quando disse: Não te darei a herança de meus pais. E deitou-se na sua cama, voltou o rosto e não comeu pão” (1Rs 21.4).

Coitadinho! Aquilo que havia começado como uma ideia indolente havia se transformado em obsessão pecaminosa. Seu desejo havia degenerado e se transformado em cobiça descarada. Ele simplesmente precisava possuir aquela vinha! E quando não conseguiu obtê-la, suas uvas azedaram. Em seu comentário sobre essa passagem, F. B. Meyers trata o rei cobiçoso com delicioso sarcasmo:

Num aposento do palácio, Acabe, rei de Israel, está deitado em seu sofá, o rosto virado para a parede, recusando-se a comer. O que havia acontecido? O exército real havia sido acometido por um desastre? Os sacerdotes de Baal haviam sido massacrados novamente? Sua companheira real estava morta? Não; os soldados continuam extasiados por causa de suas vitórias recentes sobre a Síria. A adoração a Baal se recuperou muito bem do desastre no monte Carmelo; Jezabel – resoluta, arteira, cruel e linda – está agora ao seu lado, ansiosamente tentando descobrir a causa dessa tristeza.10

O retrato da preocupação de Jezabel é quase comovente. Ela sabia que algo estava errado: seu marido não queria nem comer!

Assim que Jezabel descobriu o que estava corroendo Acabe, ela imediatamente assumiu as rédeas. Ela não era o tipo de mulher que permitiria que coisas "insignificantes" como a lei de Deus a impedissem de conseguir o que queria. Ela disse ao seu marido: "Governas tu, com efeito, sobre Israel? Levanta-te, come, e alegre-se o teu coração; eu te darei a vinha de Nabote, o jezreelita" (v. 7). E foi o que ela fez. Jezabel subornou alguns homens sem escrúpulos para que acusassem Nabote de blasfêmia. Já que havia duas testemunhas, o povo imediatamente arrastou Nabote para fora e o apedrejou até a morte, abrindo, assim, o caminho para Acabe plantar seus preciosos legumes. Essa trama ímpia prova que "o amor do dinheiro é raiz de todos os males" (1Tm 6.10a), pois o que começara como desejo cobiçoso levou a falso testemunho, assassinato e roubo.

Mas ninguém zomba de Deus e permanece impune e, no fim, a violação da lei de Deus levou à destruição de Acabe. Assim que Jezabel o informou da morte de Nabote, Acabe "levantou-se para descer para a vinha de Nabote, o jezreelita, para tomar posse dela" (1Rs 21.16). Quando o rei chegou à vinha, o profeta Elias já estava esperando por ele para lhe dizer as palavras que arrepiaram a alma do

rei: “Assim diz o Senhor: Mataste e, ainda por cima, tomaste a herança? [...] No lugar em que os cães lamberam o sangue de Nabote, cães lamberão o teu sangue, o teu mesmo” (v. 19). A esposa de Acabe recebeu a mesma sentença. Mais tarde, o rei e a rainha foram jogados aos cachorros.

Se há algo que aprendemos com as histórias da Bíblia é que as coisas não acabam bem para quem viola os Dez Mandamentos. No fim, sempre recebem o que merecem.

Quem me dera...

A queda de Acabe começou com sua insatisfação. O rei tinha a maioria das coisas finas na vida, mas, em vez de agradecer a Deus pelo que tinha, ficou obcecado com a única coisa que não tinha: um jardim de legumes próximo ao palácio. Foi assim que tudo começou. Acabe queria algo que não lhe pertencia e, então, passou a querê-lo cada vez mais, até finalmente cobiçá-lo. Tudo começou com sua insatisfação.

Grande parte da nossa frustração na vida é resultado de querermos coisas que Deus não nos deu. Em nosso desejo cobiçoso, nós nos concentramos não naquilo que temos, mas naquilo que não temos. Em essência, Acabe disse: “Quem me dera possuísse eu a vinha de Nabote, então eu seria feliz”. Os israelitas também disseram isso. Disseram isso quando Deus os levou para o deserto: “Quem nos dera tivéssemos morrido pela mão do Senhor, na terra do Egito” (Êx 16.3a); “quem nos dará carne a comer?” (Nm 11.4). Toda a nossa insatisfação vem do mesmo tipo de raciocínio. Quem me dera...

Às vezes, dizemos “quem me dera” em relação aos nossos bens materiais: “Quem me dera tivesse eu um pouco mais de dinheiro”. “Quem me dera tivesse eu um lugar maior para viver.” Quando começamos a pensar dessa forma, nossa insatisfação não tem fim. Conta-se com frequência a história do jornalista que perguntou ao bilionário Nelson Rockefeller quanto dinheiro é necessário para ser feliz. Rockefeller respondeu: “Apenas um pouquinho mais”. As Escrituras dizem corretamente: “Quem ama o dinheiro jamais dele se farta; e quem ama a abundância nunca se farta da renda” (Ec 5.10). Isso vale tanto para os pobres quanto para os ricos. A cobiça não se limita a determinada faixa de renda.

Às vezes, estamos insatisfeitos com nossos atributos físicos: “Quem me dera tivesse eu outro físico. As pessoas gostariam mais de mim”; “quem me dera não tivesse eu essa deficiência; então eu seria capaz de servir ao Senhor de modo mais eficiente”. Outras vezes, ficamos insatisfeitos com nosso lugar de serviço na igreja: “Quem me dera as pessoas reconhecessem a importância do meu ministério”; “quem me dera elas me dessem a oportunidade de usar meus dons do jeito que deveriam ser usados”.

Existem também todas as vezes em que ficamos insatisfeitos com nossa situação na vida. Os solteiros estão insatisfeitos com sua solteirice: “Quem me dera encontrasse eu alguém para me casar, isso faria toda a diferença”. Então nos casamos e ficamos insatisfeitos com isso também. “Quem me dera meu esposo satisfizesse melhor as minhas necessidades.” Quem me dera...

Enquanto fundamentarmos nosso senso de satisfação em qualquer coisa do mundo, sempre encontraremos alguma desculpa para nos sentirmos miseráveis. Nosso problema não é externo – é interno, portanto, ele nunca será resolvido conseguindo mais daquilo que acreditamos querer. Se não aprendermos a nos contentar neste momento na nossa situação atual – qualquer que seja ela – jamais ficaremos satisfeitos. Certa vez, ouvi Charles Swindoll citar o seguinte poema:

Era primavera, mas o que eu queria era o verão:

Os dias quentes ao ar livre.

Era verão, mas o que eu queria era o outono:

As folhas coloridas e o ar seco e fresco.

Era outono, mas o que eu queria era o inverno:

A linda neve e a alegria do período de Natal.

Era verão, mas o que eu queria era a primavera:

O calor e o florescer da natureza.

Eu era uma criança, mas o que eu queria era ser adulto:

A liberdade e o respeito.

Eu tinha 20 anos, mas queria ter 30:

Ser maduro e refinado.

Eu estava na meia-idade, mas eu queria ter 20 anos:

A juventude e o espírito livre.

Eu era aposentado, mas eu queria a meia-idade:

A presença mental ilimitada.

Minha vida chegou ao fim

E nunca tive o que quis.

O segredo do contentamento

A verdade é que, se Deus quisesse que tivéssemos mais agora, nós teríamos. Se precisássemos de dons diferentes para nos capacitarem a glorificá-lo, ele os providenciaria. Se estivéssemos prontos para o emprego ou ministério que

desejamos, ele nos colocaria nele. Em vez de dizermos o tempo todo “quem me dera isso ou aquilo”, Deus nos chama para glorificá-lo ao máximo neste momento, qualquer que seja a situação em que nos encontramos.

Isso se chama contentamento. Contentamento é o lado positivo do último mandamento; é o remédio contra o desejo cobiçoso. O Breve Catecismo de Westminster diz: “O décimo mandamento exige o pleno contentamento com a nossa condição, bem como disposição caridosa para com o nosso próximo e tudo o que lhe pertence” (resposta à pergunta 80). Essa ênfase no contentamento é profundamente bíblica. “[...] grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento” (1Tm 6.6). “Seja a vossa vida sem avareza. Contentai-vos com as coisas que tendes” (Hb 13.5a).

Contentamento significa querer o que Deus quer para nós, em vez de querer o que nós queremos para nós. O segredo de gozar desse tipo de contentamento é estar tão satisfeito com Deus a ponto de sermos capazes de aceitar tudo que ele providenciou ou não. Em outras palavras, a cobiça é uma questão teológica: no fim das contas, diz respeito ao nosso relacionamento com Deus. Logo, a maneira de nos livrarmos de qualquer desejo cobiçoso é estar completamente satisfeitos com Deus e com aquilo que ele providencia. Num livro maravilhoso chamado The Rare Jewel of Christian Contentment, o puritano Jeremiah Burroughs explicou o que devemos dizer a nós mesmos sempre que somos tentados a ficar insatisfeitos:

Encontro uma satisfação suficiente em meu próprio coração, por meio da graça de Cristo que está em mim. Apesar de não ter confortos externos e agrados terrenos para satisfazer as minhas necessidades, tenho uma porção suficiente entre Cristo e minha alma para satisfazer-me em qualquer condição.11

Pessoas piedosas sempre conheceram esse segredo. Asafe o conhecia. Sim, houve um período na vida em que Asafe se decepcionou com Deus. Ele viu como homens maus prosperavam, enquanto ele mesmo nada tinha a ostentar por sua santidade. Isso o deixou irritado com Deus e amargurado com aquilo que a vida parecia não oferecer. Mas então Asafe aprendeu o segredo do contentamento e pôde dizer ao Senhor: “Quem mais tenho eu no céu? Não há

outro em quem eu me compraza na terra” (Sl 73.25).

O apóstolo Paulo também conhecia o segredo. Disse: “[...] aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez” (Fp 4.11b-12). Em outras palavras, ele aprendeu que o contentamento não depende das circunstâncias; não depende da nossa situação na vida. Qual, então, é o segredo? Paulo disse: “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4.13).

Deus é tudo de que precisamos e, portanto, tudo o que devemos desejar. Para ser ainda mais específico: tudo de que precisamos é Jesus. Deus não nos oferece seu Filho como meio melhor para conseguirmos o que queremos. Não. Deus nos dá Jesus e diz: “Mesmo se você não perceber, ele é tudo de que você realmente precisa”. Quando aceitamos Jesus, recebemos o perdão dos nossos pecados por meio de sua morte e ressurreição. Recebemos a promessa da vida eterna com Deus. Recebemos a promessa de que ele jamais nos deixará ou abandonará, que ele nos ajudará em todas as provações da vida. De que mais precisamos?

E quanto a todo o resto – a todas as coisas que gastamos tanto tempo cobiçando – Deus diz: “Confie em mim. Eu providenciarei tudo de que você realmente precisa”. A fé é sempre a resposta à nossa insatisfação. Michael Horton escreve:

Não é a pobreza ou a riqueza que nos leva ao contentamento e à confiança no Senhor, mas a confiança de que, se Deus providenciou tão ricamente para a nossa salvação ao nos escolher, redimir, chamar, adotar e justificar e ao enviar seu Espírito para nos ajudar a crescer na semelhança de Cristo, certamente podemos apostar que ele cuidará dos assuntos menos essenciais da existência diária.12

Jesus disse isso de forma ainda mais clara: “Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6.33). A primeira coisa, a coisa mais importante, a única coisa que realmente importa é confiar em Jesus. Ele nos basta. De verdade.

Notas

1 Mark Buchanan, “Trapped in the Cult of the Next Thing”, Christianity Today (6 de setembro de 1999), p. 64.

2 John L. Mackay, Exodus (Fern, Ross-shire, UK: Christian Focus, 2001), p. 354.

3 Thomas Watson, The Ten Commandments (1890; reimpressão. Edimburgo: Banner of Truth, 1965), p. 174.

4 John D. Currid, A Study Commentary on Exodus, vol. 2 (Auburn, MA: Evangelical USA, 2000), p. 49.

5 Anônimo, citado em Maxie D. Dunnam, Exodus, The Communicator’s Commentary (Waco, TX: Word, 1987), p. 267.

6 Watson, The Ten Commandments, p. 178.

7 Narrado em Michael S. Horton, The Law of Perfect Freedom (Chicago: Moody, 1993), p. 167.

8 Martinho Lutero, Large Catechism, citado em ibid., p. 241.

9 Francis A. Schaeffer, True Spirituality (Wheaton, Il.: Tyndale, 1971), p. 8.

10 F. B. Meyers, Elijah (Fort Washington, PA: Christian Literature Crusade, 1992), p. 135.

11 Jeremiah Burroughs, The Rare Jewel of Christian Contentment (1648; reimpressão. Edimburgo: Banner of Truth, 1964), p. 18.

12 Horton, The Law of Perfect Freedom, p. 247.